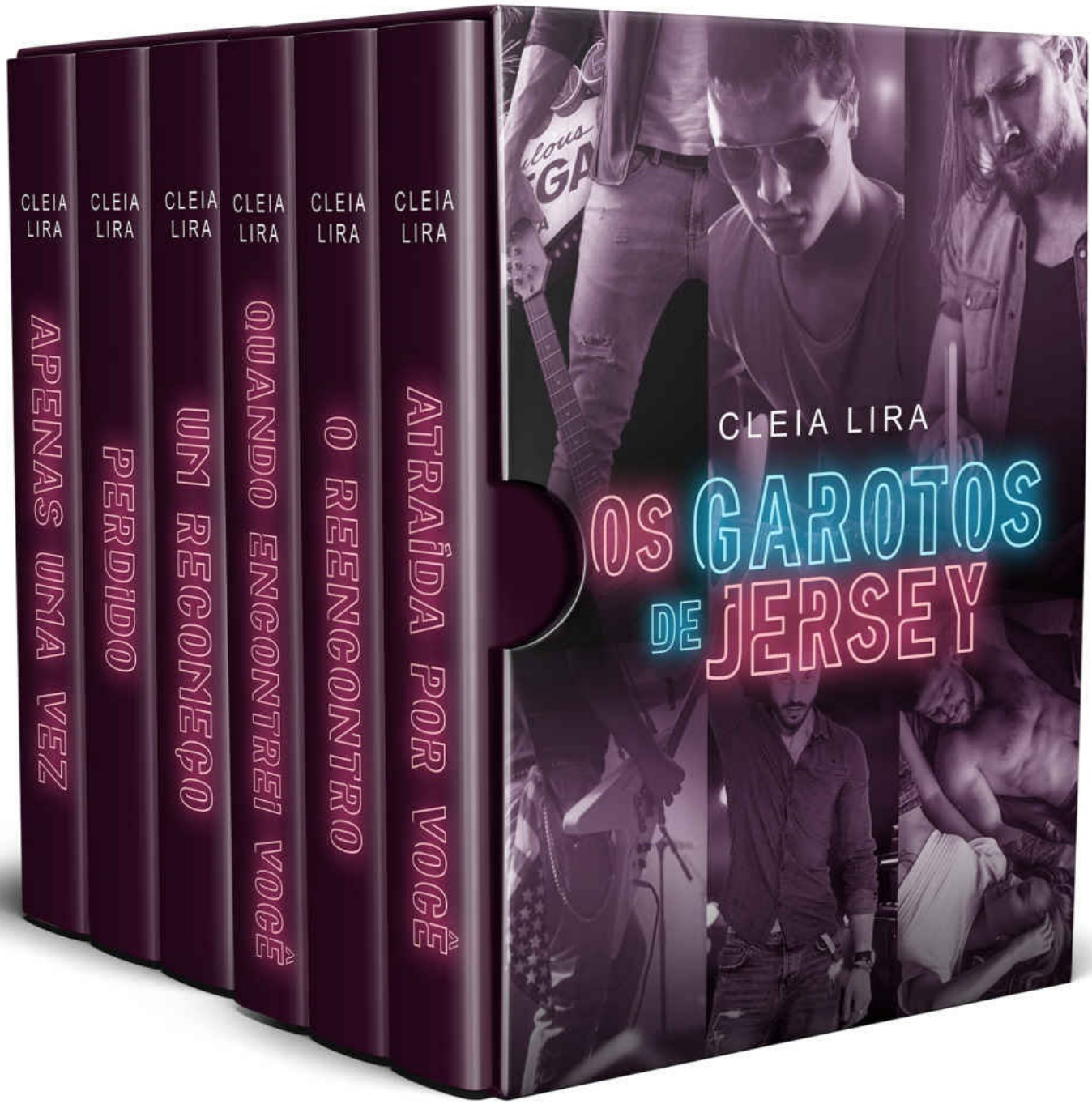

CLEIA LIRA
APENAS UMA VEZ
CLEIA LIRA
PERDIDO
CLEIA LIRA
UM RECOMEÇO
CLEIA LIRA
QUANDO ENCONTREI VOCÊ
CLEIA LIRA
O REENCONTRO
CLEIA LIRA
ATRAÍDA POR VOCÊ
CLEIA LIRA
OS GAROTOS DE JERSEY

CLEIA LIRA

OS GAROTOS DE JERSEY

Copyright © 2020 Cleia Lira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne
Capa: Layce Design
Diagramação Digital: Layce Design

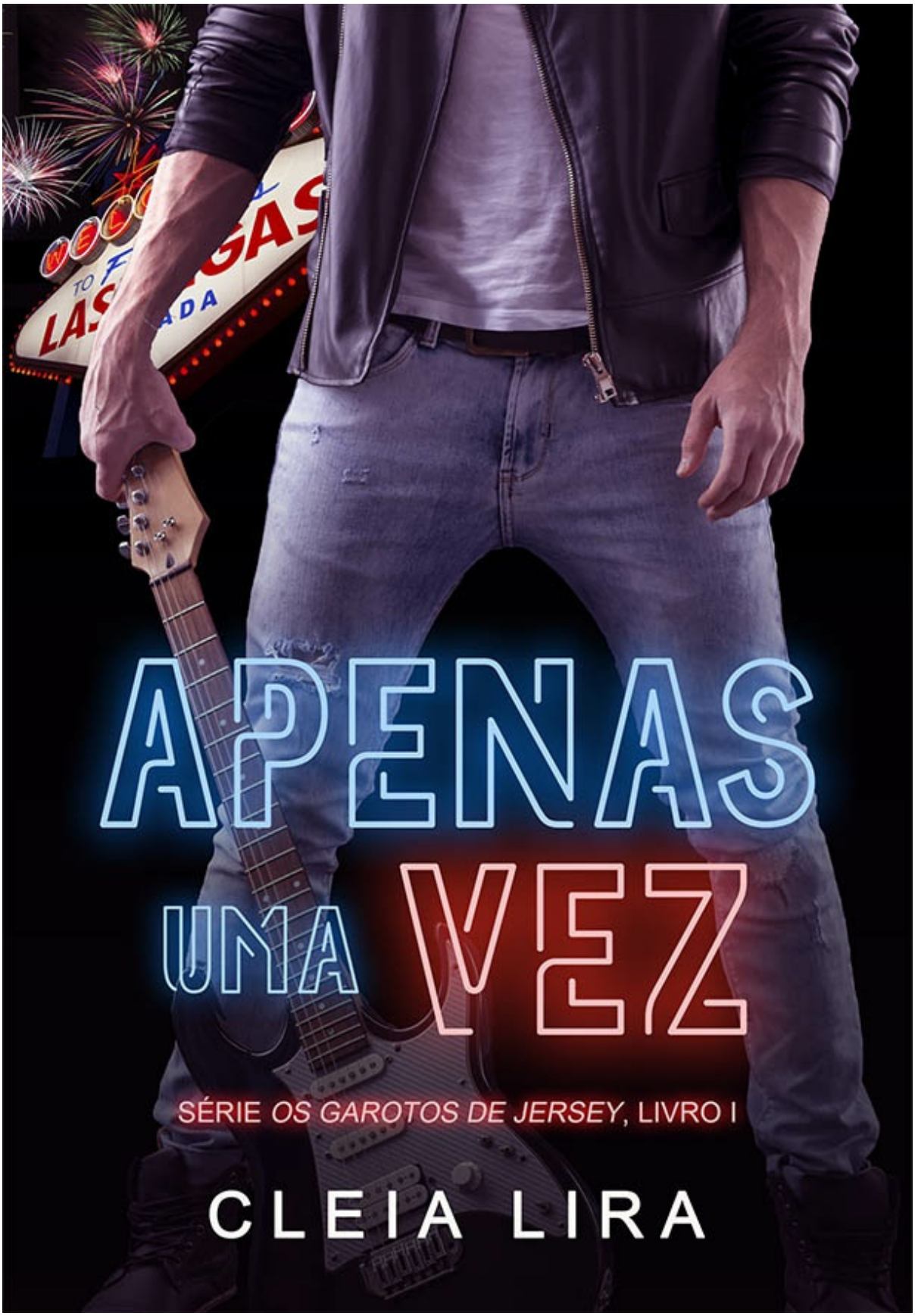
Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.

Sumário

Apenas uma vez
Perdido
Um recomeço
Quando encontrei você
O Reencontro
Atraída por você
Agradecimentos
Sobre a autora
Outras obras
Contato

Dedico esse box a todos os leitores
da série: Os garotos de Jersey


APENAS
UMA VEZ
SÉRIE OS GAROTOS DE JERSEY, LIVRO I
CLEIA LIRA

APENAS UMA VEZ

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, LIVRO I

CLEIA LIRA

Playlist

Para ouvir a *playlist* de *"Apenas uma vez"* no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



Dedico este livro a Mara, minha querida irmã,
que me fez acreditar nos meus sonhos.

Prólogo

JACK

Tivemos um imprevisto depois do show em Vegas e agora temos de ficar mais dois dias por aqui. Nenhum problema em passar mais tempo na cidade do pecado, exceto pelo fato de que eu estou de saco cheio das festas aleatórias depois dos shows e de garotas na minha cama só por uma noite. Abandono, portanto, a festa na cobertura, coloco meu boné e desço até o bar do hotel.

Peço uma bebida e sento-me bem próximo ao bar. Se eu tiver muita sorte, mas muita sorte mesmo, ficarei aqui despercebido por uns 30 minutos. É disso que eu preciso! Ficar sozinho e me sentir uma pessoa comum, sem todas as cobranças do meu empresário, da gravadora e dos meus colegas de banda. Enfim, eu preciso de um tempo só para mim.

Entre um gole e outro, percebo uma garota sentada sozinha que começa a olhar para mim. *Será que já fui descoberto?* Penso desanimado. *Não se passaram nem cinco minutos! Esse seria meu recorde!* Ela continua me olhando, mas não do jeito fascinado das minhas fãs. Eu acho que ela está flertando comigo. Olho para os lados a fim de verificar se ela está realmente sozinha; quando confirmo, começo a corresponder seus olhares, até que ela resolve se levantar e se sentar bem ao meu lado.

A primeira coisa que sinto é o seu perfume, doce e cítrico ao mesmo tempo. *Nunca senti nada igual! Talvez seja a bebida, que faz meus sentidos estarem numa névoa constante.*

Ela se interessa pela minha tatuagem e, aproveitando a oportunidade, eu a carrego para o meu quarto a fim de mostrar melhor a fênix desenhada em meu ombro.

— Você é brasileira? — questiono ao abrir a porta da minha suíte e convidando a garota para entrar.

Ela hesita por uns segundos, olhando para os lados, mas depois decide entrar e pergunta:

— Como você sabia?

— Pelo sotaque diferente! E também pelo corpo, as brasileiras são inconfundíveis.

— De um jeito bom ou ruim? — ela quer saber, enrolando uma das mechas do seu cabelo.

— Bom, muito bom. Por que você acha que convidei você para subir ao meu quarto?

— Não sei, talvez você tenha gostado de conversar comigo — diz na maior inocência do mundo.

— Pode ser, mas não foi só isso — completo, chegando mais perto dela e observando melhor o seu corpo perfeito.

— O que foi então? — indaga curiosa.

— Talvez tenha sido por causa de seus cabelos macios — falo e enrolo meus dedos nos cabelos dela, sentindo a maciez e o perfume doce que exala deles.

— Só o cabelo? — pergunta se aproximando ainda mais de mim.

— Não, todo o conjunto da obra é perfeito! Inclusive esses lábios, que estão implorando para serem beijados.

— Por que você não me beija então? — ela me desafia com esses lábios tão apetitosos.

— Eu tenho a sua permissão? — questiono aproximando dela.

Quando finalmente nos beijamos, sinto uma corrente elétrica percorrer todo o meu corpo. No momento em que nossos lábios se conectam, eu já fico ligado e penso: *Nunca senti nada assim, portanto vou aproveitar cada segundo.* Puxo as pernas dela e ela se pendura na minha cintura, agarrando

meus cabelos, enquanto minha língua invade cada pedacinho da sua boca. Depois, desço para o seu pescoço, onde faço questão de marcá-la como minha. Em seguida, deslizo seu vestido devagar, descobrindo os seus seios. Toco com cuidado essa pele macia e delicada com as mãos. Quando ela está entregue nos meus braços, deito-a na cama e uso minha boca em cada pedacinho dela. Sua pele é perfeita e me deixa cada vez mais viciado. Parece que estou drogado, embriagado de desejo por ela.

Quando as preliminares não são mais suficientes, tiro minhas calças e deslizo dentro dela, bem devagar para que seu corpo possa me absorver por inteiro depois. No instante em que eu entro nela, percebi que a garota é virgem. Penso em parar, achando que ela é mais uma querendo perder a virgindade com um astro do rock, para depois contar às amigas, mas eu olho nos olhos dela e eles são tão sinceros, ainda mais quando ela diz baixinho:

— Continue!

Eu me aproximo dos seus lábios e devoro sua boca, enquanto deslizo por sua entrada apertada de uma única vez. Agora que eu estou aqui, nada mais pode me fazer parar. Estou preso nesse momento, em que tudo que importa somos somente nós dois.

— Você é perfeita! — murmuro já enrolados na cama.

— Você que é perfeito — ela completa me beijando novamente.

— Qual é o seu nome, garota perfeita?

— Helena — ela diz sem tirar os olhos dos meus. — E o seu?

— Você não sabe o meu nome? — pergunto surpreso.

— Não. Você não me disse o seu nome — responde com seu jeito inocente.

Será possível que ela realmente não saiba quem eu sou? Ou será que está fingindo?

— Meu nome é Jack — respondo tentando testá-la.

— Legal. Prazer em conhecê-lo, Jack — Helena diz com naturalidade e inocência, tornando impossível me fazer duvidar de que ela esteja falando a mais pura verdade.

— Você realmente não me conhece? Se for verdade, por que resolveu me entregar a sua virgindade? — pergunto observando-a com cuidado para descobrir se ela realmente está falando a verdade.

— Eu não planejei nada disso, apenas aconteceu e eu deixei acontecer.

— Você está querendo dizer que, quando colocou esse vestido e saiu do seu quarto, sua intenção não era me seduzir e me levar para a cama? — mostro-me surpreso.

— Claro que não! Eu só queria me divertir e aconteceu de você ser a minha diversão nesta noite. Apenas esta noite.

— Você é real ou fruto da minha imaginação? — pergunto olhando para ela.

— Acho que se conseguimos tocar e sentir é real, né? E o que acabamos de fazer agora há pouco mostra o quanto eu sou real. Você não acha?

— Claro que sim! É que foi tão bom e perfeito que eu acho que estou sonhando.

— Se for um sonho, não quero acordar tão cedo. Prefiro continuar dormindo.

— O que falta para esse sonho ser perfeito? — indago ainda olhando para ela.

— Casamento e filhos — ela diz sorrindo em tom de brincadeira.

— Casamento primeiro e filhos depois, você concorda?

— Claro.

— O que você diria se eu a pedisse em casamento agora, nesta cama? O que você responderia?

— Sim, sim. Claro que eu me casaria com você, Jack.

— Se é assim, por que não tornar o nosso sonho uma realidade? Vista o seu vestido e venha comigo!

Levanto-me da cama e coloco minhas calças e a camiseta. Depois, ajudo-a a colocar seu vestido e nos próximos minutos estamos na capela do Elvis, ao lado do hotel, declarando o nosso amor e casados até que a morte nos separe.

A viagem para Las Vegas

HELENA

"Eu conheci você em uma noite em Vegas
Eu vi uma garota inocente e me apaixonei
Mas eu sou um cara complicado"

Apenas uma vez, Cleia Lira

É para ser uma viagem épica. Nem sei como consegui autorização de meus pais para viver essa aventura com meus amigos. Enfim, o que interessa é que estou no aeroporto de Guarulhos neste exato momento, embarcando com meus colegas do último ano do Ensino Médio, a coordenadora da escola, a professora de História e, ainda, a mãe da minha melhor amiga. Estamos todos indo passar dez dias na cidade do pecado, Las Vegas.

Acreditam que eu estou indo para Vegas numa viagem de formatura? Não é o máximo? E ainda tem mais, o meu *crush* desde o começo do ano está indo também. Vocês podem imaginar a minha ansiedade para embarcar logo nessa viagem, que promete mudar totalmente a minha vida.

Talvez achem que estou apostando tudo numa simples viagem de formatura, mas não é nada disso. Nunca viajei sem os meus pais e nunca namorei ninguém. É claro que já fiquei com um garoto numa festa da escola, mas não é como namorar. Sem contar que eu estava tão nervosa que foi um fiasco total: trocamos alguns beijos num lugar escuro da festa e, depois, cada um seguiu o seu caminho.

Sempre gostei muito de estudar, então costumo trocar as festas e baladas para ficar em casa estudando. Confesso que meus pais ajudaram muito nesse aspecto, já que nunca me deixaram sair de casa; sempre que peço é um interrogatório sem fim e acabo desistindo. Ter um pai juiz e uma mãe médica não é fácil! Sem contar o meu irmão Tiago, que quase não sai da minha cola.

A minha sorte é que agora ele está fora de casa, cursando faculdade de Direito, e não tem mais tempo de pegar no meu pé. Quando estudávamos na mesma escola, nenhum menino se aproximava de mim com medo dele.

E aí, então, vocês me perguntam: "Como eles deixaram a filha caçula viajar sozinha para Las Vegas!?". Acontece que com apenas 17 anos passei em primeiro lugar no curso de Medicina, numa das melhores universidades do país; logo, meus pais não poderiam me negar uma viagem dessas. E eu vou aproveitar esse momento de liberdade até o último segundo.

— Olha ali, Helena — diz a minha amiga desmiolada, tocando meu ombro para chamar a minha atenção. — A oferecida da Rafaela sentada do lado do Pedro. Aquela menina não perde tempo mesmo. Só falta se sentar no colo dele!

A Gabi é totalmente o oposto de mim, loira, baixinha e com os olhos castanhos, mas desde que a conheci na escola não nos separamos mais, isso porque nossas personalidades se completam.

— Como você é exagerada, Gabi! Espere um pouco, antes de sair julgando os outros.

Eu odeio admitir, mas a minha amiga dessa vez tem razão, aquela debochada da Rafaela está se jogando em cima do Pedro.

Tenho de reconhecer que é muito difícil ficar perto dele sem perder a fala. Ele é simplesmente perfeito. Sabem aquele *crush* sobre o qual comentei agora há pouco? Então, é ele! Acho que eu e todas as garotas da escola estamos apaixonadas por esse garoto, por isso, mesmo estando numa viagem juntos, acho impossível ele me notar. Não que eu seja muito feia; na verdade, sou até bonitinha, mas nunca trocamos uma palavra sequer, e ele nunca nem reparou que eu existo.

Não sei o que acontece comigo... Os caras até me olham de um jeito diferente quando passo na rua, os garotos da escola comentam algo quando eu ando pelos corredores, mas é só isso. Acho que agora vocês entendem a minha necessidade de fazer algo novo nessa viagem.

— Helena! Acorda! Eu estou falando com você —, minha amiga começa a acenar com as duas mãos na frente do meu rosto, chamando a minha atenção.

— Nossa, desculpe, Gabi. Eu estava pensando em outra coisa, totalmente distraída.

— Sei bem em que você estava pensando, ou melhor, em quem! — diz olhando algumas poltronas à frente, onde o Pedro está sentado.

Eu fico vermelha, da cor de um tomate, por ser pega no flagra olhando para o garoto, e até tento negar o que aparentemente é obvio para ela.

— Não é nada disso que você está pensando, Gabi! — digo olhando para a janela do avião. Quem sabe, se eu negar bastante, ela acaba acreditando em mim.

— Eu não estou pensando em nada neste momento, amiga, você pode ficar tranquila. Meus pensamentos são os mais puros possíveis — Gabi fala revirando os olhos e fazendo o sinal da cruz com os dedos.

— Não precisa exagerar. Na verdade, você está cansada de saber que eu adoro o Pedro, acho que até ele sabe disso, de tanto que não tiro os olhos dele. Só que agora já cansei de ficar esperando-o me notar e estou partindo para outra. Vou procurar um gringo e me divertir muito em Vegas.

— É isso aí, amiga! É agora que você vai tirar todo o seu atraso, pegar todos os gringos que passarem pela frente e ainda deixar lá a sua virgindade — ela fala tão alto que até as pessoas que estão sentadas do outro lado começam a rir da minha situação.

— Não é para tanto, Gabi! Eu ainda não sou louca como você, que conhece um carinha no dia e no outro já vai para cama com ele. Eu já te falei muitas vezes, vou esperar o cara certo aparecer para isso, e com certeza não vai ser na primeira noite — comento baixinho apenas para a minha amiga ouvir, já que, depois que ela elevou o tom de voz para contar sobre a minha vida sexual, todos os passageiros estão atentos à nossa conversa.

— Por favor, não diga que só vai transar quando se casar?! — implora

indignada.

Acho até que o avião inteiro escutou o que ela disse...

— Fale mais baixo, amiga! Os passageiros não precisam saber sobre a minha vida sexual — resmungo chateada com a Gabi por expor a minha vida assim, dentro de um avião.

— Tudo bem, Helena, desculpe... não era a minha intenção, mas você me tira do sério com essa conversa de virgem *forever* — ela diz arrependida.

— Não é para sempre, Gabi. Não vou esperar o casamento nem o príncipe encantado, só quero que seja com o cara certo — digo já cansada de sempre ser julgada por não querer sair com qualquer garoto.

— É claro que entendo, mas como vai achar o cara certo se você nunca se arrisca? — ela me questiona e agora com toda razão, já que nunca faço nada por impulso.

Sempre penso muitas vezes, antes de tomar qualquer decisão, talvez agora seja a hora de mudar um pouco essa atitude.

— Pode deixar, amiga, dessa vez eu vou correr meus riscos. E devo confessar que serão muitos, eu prometo — digo sorrindo e olhando nosso avião sobrevoar o aeroporto de Vegas.

— Eu pago para ver — ela me desafia sorrindo e me encarando por uns segundos, para descobrir se eu realmente estou falando a verdade.

O que acontece em Vegas nem sempre fica em Vegas...

HELENA

"Viva Las Vegas, o dia virando noite
A noite virando dia
Se você a vir uma vez
Você nunca mais será o mesmo"

Viva Las Vegas, Elvis Presley

Depois de horas de voo, uma conexão em Miami e alguns cochilos no avião, pousamos no Aeroporto Internacional McCarran. Pegamos nossas bagagens na esteira e vamos ao encontro de uma comitiva da agência que nos espera em duas vans para nos levar até o hotel. O caminho não é tão longo, mas posso admirar a paisagem, olhar em volta e tirar muitas fotos da janela da van, até chegar em frente a um hotel muito chique e todo iluminado com letreiros piscando.

Descemos da van e pegamos nossa bagagem enquanto a coordenadora Joice e a professora Karen vão até a recepção fazer o *check-in* de todos. Infelizmente, descubro que ficarão quatro meninas em cada quarto e, para a minha desgraça, a Rafaela está entre as minhas colegas. Como se não bastasse isso, também dormirá conosco a Rebeca, sua melhor amiga, que consegue ser a cópia exata da Rafaela. Mas graças a Deus a Gabi ficará comigo, caso contrário eu ficaria louca durante essa viagem na companhia daquelas duas!

Quando enfim entramos no quarto, fico surpresa com o seu tamanho! Há duas camas *king size*, bem grandes, uma mesinha com televisão e frigobar, e grandes janelas de vidro que proporcionam uma bela vista da cidade; além disso, no banheiro há uma banheira gigante. No entanto, todo esse luxo vem

com uma bagagem muito difícil de carregar: não será nada fácil dividir este quarto com a Rafaela e sua amiga. Logo que entramos, ela já começou a falar como o Pedro está caidinho por ela e que será apenas questão de tempo até eles ficarem juntos. Eu tenho que ouvir todos os seus comentários, calada e revirando os olhos muitas vezes. E a Gabi ainda faz uns gestos estranhos quando a Rafaela não está vendo, e que me dão muita vontade de rir.

Na manhã seguinte, começamos a explorar a cidade. Se dependesse de mim, só voltaríamos ao hotel para dormir, pois não consigo tolerar a presença de Rafaela na minha frente durante muito tempo. Por isso, arrasto a Gabi para todas as atividades programadas. Nós fazemos tudo juntas, desde jogar nos cassinos com identidades falsas conseguidas com a ajuda de um amigo dela, até passear pelas ruas movimentadas à noite e ainda ficar quase todas as tardes na piscina do hotel provando bebidas diferentes.

Confesso que estou adorando tudo, menos os momentos em que minha amiga me deixa sozinha para ficar com o João, um carinha que ela conheceu, assim que chegamos, no bar do hotel. Os dois ficaram todas as noites juntos desde então, e algumas vezes tive de voltar para o quarto, por não querer segurar vela a noite toda. Todas as vezes que chego ao quarto, porém, a Rafaela está contando como é maravilhoso ficar com Pedro, como ele beija bem e tudo mais. Enfim, já não preciso dizer que os dois estão ficando e eu não quero saber todos os detalhes sórdidos. Já é tortura o suficiente ver os dois juntos. Ainda bem que, quando esta viagem acabar, nunca mais vou ver nenhum deles na minha frente. Pelo menos é isso que eu espero.

Entre altos e baixos, chegamos à minha última noite na cidade. Eu estou muito decepcionada, pois, apesar de me divertir muito e até beber, coisa que nunca fiz antes, não consegui trocar um beijo sequer depois que descobri que o Pedro caiu na teia da Rafaela. Desisti completamente dele, mas aí não sobrou ninguém! Até troquei alguns olhares com uns carinhas, mas nada sério. E agora estou eu aqui, no bar do hotel, tomando minha segunda bebida sozinha, já que a minha amiga está dando bons amassos ou até fazendo algo mais com o João.

Apesar de ter caprichado no visual esta noite, estou sozinha e já é tarde. Em algum momento, terei de voltar para o quarto e deixar Las Vegas sem

cometer nenhum pecado. Só eu para chegar até aqui e ficar sozinha a noite toda!

Já estou quase desistindo, quando olho mais uma última vez para todo o bar, que está lotado! Umas pessoas estão dançando uma música que toca no Jukebox. Todos estão muito animados, menos um cara sentado bem no canto, quase escondido da multidão, todo de preto e ainda usando um boné que esconde um pouco seus cabelos, que, mesmo de longe, parecem loiro-escuros – mas eu não posso ter certeza disso, já que ele está um pouco distante de mim. Entretanto, o que mais chama a minha atenção é uma tatuagem em seu braço direito. Deve ser bem grande, já que mesmo de camiseta eu posso enxergar algumas partes dela. Parece ser um pássaro, mas eu não sei dizer qual.

Olho tanto para esse cara até que ele percebe, pois começa a olhar em minha direção. Fico sem palavras quando olho de volta. O olhar dele é tão intenso que acabo ficando constrangida e desvio. Ele não é um garoto como os que eu costumo ver na escola, mas um homem e perfeito em todos os sentidos! Tem um corpo que, apesar de estar totalmente vestido, parecia ser bem atlético e definido nos lugares certos, pois a calça preta fica perfeita nas pernas torneadas e a camiseta justa, nos longos braços fortes junto com a tatuagem. Todo esse conjunto emite um alerta de "não se aproxime, pois sou confusão na certa".

No entanto, eu não ligo para esses avisos de "mantenha-se longe se você não quer confusão", não sei se por causa da bebida ou pelo fato de esta ser a minha última noite aqui, então não tenho nada a perder.

Pego a minha bebida, levanto-me e vou até ele. Sento-me em um banco ao seu lado e olho a tatuagem, uma fênix. Fico fascinada por ela! Olho novamente para ele a fim de chamar sua atenção, até que o cara acaba falando comigo numa voz sexy e rouca:

— Parece que você está gostando de apreciar a vista, não é?

— Ah! Me desculpe! Não quis perturbar você... Eu estava apenas olhando a sua tatuagem... é tão linda! Pena que não dá para ver tudo.

— Você gostou da tatuagem? Mas para ver tudo temos que sair daqui... Não posso tirar minha camiseta aqui no bar, mesmo que eu tenha feito isso inúmeras vezes antes... — ele fala e olha fixamente em minha direção.

Meu corpo fica todo arrepiado no instante em que nos olhamos. Os olhos dele são de um azul tão profundo que fico perdida por uns segundos sem saber o que dizer. Nossa atração é tão forte que não consigo desviar.

— Podemos sair daqui se você quiser — respondo sem pensar nas consequências dos meus atos.

Que mal pode haver em trocar uns amassos com um cara tão lindo assim? Afinal, nunca mais vou ter essa oportunidade. Além disso, eu preciso me arriscar uma vez na vida! Nem penso duas vezes quando ele segura a minha mão e saímos de fininho do bar. Não sei para onde vamos, nem preciso saber, estou apenas segurando sua mão, sentido seu cheiro amadeirado... Neste momento, não importa aonde ele vai me levar.



Estou me sentindo estranha... Não sei onde estou, tento abrir meus olhos, mas eles estão pesados e minha cabeça está doendo muito! Apesar da dor latejante, que não parece passar, levanto minhas pálpebras e observo à minha volta. Já é de manhã e vejo uma claridade na janela. Viro para o lado e observo que estou num quarto diferente e muito maior que o meu. Passo a mão em volta e percebo que não estou sozinha. Tem um cara dormindo comigo e ele está sem roupa. Ai, meu Deus! Eu também estou sem roupa!

— O que foi que eu fiz? — questiono baixinho, levanto-me devagar e vou correndo para o banheiro.

— O que aconteceu? Por que estou pelada neste quarto, com esse homem

que eu nem lembro quem é? O que faço agora? — questiono-me e me olho no espelho do banheiro.

Eu não tenho uma resposta, mas preciso sair antes que ele acorde e eu tenha de explicar como vim parar aqui.

Saio de fininho do banheiro e procuro minhas roupas, mas não consigo encontrar meu vestido. Olho em todos os lugares até que o acho jogado debaixo de uma poltrona. Ainda faltam meu sutiã e a minha calcinha... Depois de muito procurar, acho o sutiã do outro lado do quarto, perto da janela. Agora só falta a calcinha. Apesar de procurar feito doida, não a encontro. Estou quase desistindo quando resolvo procurar na cama e fico roxa de vergonha quando finalmente descubro onde ela está. Levanto o lençol que cobre o corpo nu do cara tatuado e ele está deitado em cima dela, da qual só posso ver um pedacinho da renda vermelha. Eu não consigo pegar sem acordá-lo, então desisto, coloco o sutiã e o vestido, pego meus sapatos e saio dali para a caminhada da vergonha pelo corredor do hotel até chegar ao meu quarto. Rezo para a coordenadora Joice não descobrir a minha escapada, já que não temos permissão de sair do nosso quarto durante a noite, muito menos dormir fora dele.

Quando chego ao quarto, tento abrir a porta, mas está fechada.

— Meu Deus! O que eu faço agora? — resmungo baixinho sozinha no corredor, com medo de acordar alguém.

Estou quase desistindo quando de repente a porta se abre e a Gabi me puxa para dentro.

— Eu estava te esperando a noite toda, garota! Onde você se meteu, Helena? — Gabi pergunta preocupada.

— É uma longa história... depois eu vou te contar, mas agora preciso de um banho, um remédio para dor de cabeça e uma calcinha nova.

Nem tudo é o que parece

HELENA

"Eu poderia te seguir até o início
Talvez então nos lembraríamos de ir devagar
Em todas as nossas partes preferidas"

All I Wanted, Paramore

1 mês depois...

Contei tudo o que aconteceu para a minha melhor amiga, ou melhor, o que eu lembrava, já que minha mente era um emaranhado de imagens desconexas. Eu me recordava do cara no bar e de sair dali com ele, mas o resto era uma confusão só na minha cabeça! Fiquei a manhã toda no quarto, aguentando a Rafaela e a Rebeca contando as suas aventuras amorosas, e no fim da tarde partimos para o Brasil.

A viagem de volta foi tranquila. Fiquei calada a maior parte do tempo. Embora não lembre o que realmente aconteceu comigo naquela noite, de uma coisa tenho certeza: perdi minha virgindade com aquele cara do bar. Depois de fazer sexo desprotegida, passei o mês todo em pânico total, esperando o dia da minha menstruação. Para meu alívio, finalmente ela chegou e me senti mais do que aliviada. Quem diria que eu – um dia, a garota mais centrada do Ensino Médio, que não frequentava baladas nem ficava com os garotos da escola – sentiria medo de estar grávida de um cara com quem passei apenas uma noite e cujo nome eu nem sabia! Enfim, hoje posso respirar.

Faltando apenas algumas semanas para começar a minha faculdade, eu precisava de foco e esquecer aquele pequeno deslize.

Eu e a Gabi estávamos nos mudando para São Paulo juntas. Nossos pais alugaram um apartamento para dividirmos perto da faculdade, por isso empacotamos tudo e saímos em direção à capital naquela semana mesmo.

O apartamento era pequeno, havia uma pequena sala e uma cozinha minúscula, mas cada uma tinha o seu quarto e o seu banheiro. *O que importa é que vamos ficar juntas e perto da faculdade,* pensei. Todavia, levamos dois dias para arrumar todos os nossos pertences nas cômodas e prateleiras que tínhamos trazido de casa. Quando enfim terminamos, estávamos exaustas e famintas, então pedimos uma pizza e, depois, caímos na cama esgotadas.

Nos dias que se seguiram, terminamos de organizar as coisas no apartamento e fomos conhecer a faculdade. Eu e Gabi fazíamos cursos diferentes, portanto, assim que chegamos ao *campus*, partimos em direções opostas, pois ela estudaria Artes Cênicas e eu, Medicina.

O primeiro dia foi legal e eu até conversei com algumas meninas da minha turma, mas passei o resto dele escondida, com medo dos trotes. No fim do mês, eu estava pronta para começar minha aventura na faculdade, morando em outra cidade com a minha amiga.

As aulas enfim começaram e a semana passou praticamente voando. Nesse tempo, quase não vi a Gabi, já que nossos horários eram totalmente diferentes e eu não tinha tempo de fazer quase nada que não fosse relacionado ao meu curso. Já na primeira semana, descobri que cursar Medicina era difícil e que eu precisava estar focada o tempo todo nas aulas; assim, não tinha tempo de fazer outra coisa senão estudar.

Mais uma semana e eu estava atolada de trabalho, enquanto a Gabi comparecia a todas as festas da faculdade. Àquela altura, a garota conhecia quase todos os alunos, enquanto eu só havia feito amizade com a Joana, uma menina que se sentava ao meu lado em algumas aulas. Ela era simpática e ficávamos horas na biblioteca fazendo os trabalhos juntas; quando terminávamos, comíamos um lanche na faculdade mesmo e depois cada uma seguia seu caminho.

Nos demais dias, acordei cedo como todas as outras manhãs, porém hoje eu estava atrasada, por isso tomei um banho rápido, coloquei uma calça jeans,

uma blusinha branca e meu par de *All Star* branco. Para finalizar, prendi meu cabelo num rabo de cavalo e fui para a cozinha. Pela primeira vez nesta semana encontrei a Gabi. Conversamos um pouco sobre o que fizemos ontem e ela me convidou para ir a uma festa amanhã à noite. Eu, como sempre, tentei recusar, mas dessa vez ela não me deu nenhuma oportunidade de escapar. Estava definitivamente intimada a comparecer. Como não podia continuar discutindo com ela sobre isso, acabei concordando e saímos mais atrasadas ainda para a nossa aula.

Quando entrei na sala da minha primeira aula do dia, fiquei contente em saber que o professor ainda não havia chegado e que todos estavam conversando fora dos seus lugares. Procurei a Joana e sentei-me ao seu lado.

— Oi, amiga, como vai? — disse colocando os livros em cima da carteira.

— Eu estou bem. Você está atrasada.

— É, eu sei! A Gabi acabou me atrasando, falando sobre uma festa que vai acontecer amanhã.

— Sorte a sua que o professor Cesar teve um imprevisto e vai chegar atrasado. O monitor da disciplina avisou agora há pouco e pediu para nós lermos dois capítulos dos textos de apoio que ele deixou – ela avisou e me mostrou os capítulos do livro que precisamos ler.

Comecei a abrir o meu livro na página certa, mas parei e observei algumas garotas conversando alto e apontando para uma revista, sentadas na minha frente. Eu não costumo prestar atenção na conversa dos outros, porém dessa vez foi diferente e eu nem sei explicar por que, mas fechei meu livro para escutar cada palavra do que elas diziam.

— Quem diria que aquele homem lindo e com todos os adjetivos possíveis para descrever um cara maravilhoso iria se casar tão novo! Ele só tem 24 anos e já está amarrado! — falou a menina ruiva sentada bem na minha frente.

— É isso mesmo, amiga! Ele já saiu do mercado tão novo assim — comentou a outra menina baixinha do outro lado.

— Não se desesperem, meninas! Esses artistas nunca ficam muito tempo com a mesma mulher. Pode ser que logo, logo ele fique solteiro novamente... é só uma questão de tempo! — disse outra garota morena mexendo no cabelo.

— Espera aí, vocês leram toda a notícia? – gritou empolgada a menina baixinha, segurando a revista nas mãos.

— Não, por quê? — perguntam as outras ao mesmo tempo.

— A esposa do cantor da banda de rock mais famosa do momento é brasileira!

As garotas colocam as mãos na boca, surpreendidas pela revelação.

— Aqui não tem nenhuma foto da felizarda que conseguiu fisgar o homem mais sexy na atualidade segundo a Revista *People*! Só diz que ela é brasileira e eles se casaram em Las Vegas.

— Que sortuda essa garota, hein! Ser a esposa de ninguém menos do que o vocalista da banda The Dangers. Ela deve estar nas nuvens! E aqui diz que a banda chega amanhã ao Brasil para uma turnê de um mês pelas principais capitais do país. Não podemos perder essa oportunidade de ver esse deus sem camisa cantando para nós em carne, osso e muitos músculos! Temos que comprar os ingressos agora mesmo!

Estava tão empolgada com aquela conversa que nem percebi o professor entrar na sala, e elas também não. Quando ele pediu silêncio para começar a aula, a garota que segurava a revista se assustou e a deixou cair debaixo da cadeira, bem aos meus pés. Eu abaixei para pegar e devolver para a menina, mas fiquei sem reação quando observei a foto na capa da revista. *conheço esse rapaz de jeans desbotado e sem camisa, cantando num palco cercado por dezenas de fãs. É ele!,* pensei assustada. Como poderia esquecer aqueles olhos azuis tão intensos? *Eu não acredito nisso! Passei a noite com um astro do rock e nem sabia disso! Que idiota que eu sou!* Tentei folhear a revista para saber o nome dele, mas a garota na minha frente gritou:

— Devolva a minha revista! Se você quiser ver mais fotos do gostoso do

Jack, é só comprar a sua, garota. Agora devolva a minha.

Eu não tive opção a não ser devolver e ficar no meu lugar totalmente sem reação. *O nome dele é Jack e ele é o vocalista de uma banda de rock famosa no mundo todo! E, para completar, o cara é casado! Em que enrascada eu fui me meter?!*

A minha aula terminou e fiquei sentada no mesmo lugar, ainda sem acreditar no que aconteceu comigo na minha viagem de formatura! Precisava contar tudo para a Gabi, que iria surtar! Peguei minhas coisas e fui direto para o refeitório procurar ela. O lugar estava lotado, por isso fui desviando dos estudantes no caminho até avistar minha amiga sentada a uma mesa com outros alunos do seu curso.

— Eu preciso falar com você agora — informei e puxei seu braço na minha direção.

— Pode falar, amiga! Estou ouvindo — disse e continuou comendo a sua salada.

— Você pode me acompanhar até ali um momento? Preciso falar com você em particular.

— Oh, é claro! Podemos nos sentar àquela mesa ali e conversar — ela sugeriu.

Saímos juntas para uma mesa pequena no canto do refeitório e nos sentamos uma de frente para a outra.

— Agora fale o que aconteceu de tão importante que você nem pode esperar até chegarmos em casa para me contar — reclamou e continuou a comer a sua salada.

Olhei para ela por um bom tempo até que tomei coragem e contei tudo que aconteceu mais cedo na minha aula. Conforme fui chegando ao desfecho, ela parou de comer e me olhou totalmente surpresa.

— Você perdeu a virgindade com nada mais nada menos que o sexy vocalista da banda The Dangers? Eu não acredito, garota! Você é muito

sortuda! Nasceu com uma estrela na testa, não é possível! Pena que você tenha esquecido os detalhes, eu adoraria saber tudo da sua noite quente.

— Eu não me lembro de nada, Gabi — respondi confusa com a reviravolta em minha vida.

Terminamos de conversar e a todo o momento a Gabi me beliscava, dizendo que eu era muito sortuda. Nós nos despedimos e saímos para nossas respectivas aulas.

A tarde passou lentamente e não prestei atenção em nada do que os professores falaram na maioria do tempo, pois não conseguia parar de pensar naquela bendita noite.

Cheguei em casa e a Gabi já estava lá me esperando, sentada no sofá com o notebook no colo. Quando ela me viu fechando a porta, pediu:

— Senta aqui, amiga. Precisamos revirar a internet em busca de informações sobre o seu cara.

— Ah, Gabi! Ele não é o meu cara... Nós passamos uma noite juntos e ele provavelmente nem se lembra mais de mim.

— Pode ser, mas podemos descobrir um pouco mais sobre o homem sexy que tirou a virgindade da garota mais inteligente que conheço.

Pesquisamos o nome dele no Google e fomos bombardeadas com muitas fotos e notícias sobre ele. Havia fotos dele nos shows, cantando no palco sem camisa com a tatuagem da fênix no ombro, saindo de boates, cada vez com uma garota diferente nos braços, e ainda com os outros integrantes da banda.

Encontramos várias notícias. Ele era um cantor jovem em ascensão e os tabloides simplesmente o amavam, mas a notícia da vez era sobre o seu casamento, e a mídia estava em êxtase para descobrir quem era a noiva. Eles não sabiam de nada a respeito, somente que ele havia se casado em Las Vegas, no mês passado, sem dar nenhuma declaração sobre o assunto, o que aumentava ainda mais a curiosidade da imprensa.

Ficamos horas olhando tudo até que eu vi um vídeo recente dele chegando

ao aeroporto, com os jornalistas atrás dele perguntando sobre o casamento. Foi quando Jack virou-se para uma das câmeras e disse:

— Nada a declarar sobre a minha vida pessoal.

Ele não falou mais nada e saiu com a ajuda de seus seguranças, mas, no segundo em que seus lindos olhos azuis focaram na câmera e eu olhei para eles, meu corpo ficou todo arrepiado! Lembrei-me do gosto de morango e champanhe que tinham seus lábios e fiquei tão surpresa com essa lembrança repentina que me levantei do sofá e saí para meu quarto, pois precisava colocar meus pensamentos no lugar. Um banho quente e uma noite de sono poderiam resolver isso.

Talvez amanhã eu nem me lembre desse cantor sexy e quente como o inferno, pensei.

O que Elvis uniu o homem não separa...

JACK

"Vamos até o pastor
E vamos dizer que aceitamos
Então você saberá que me tem
E eu saberei que tenho você"

Don't Be Cruel, Elvis Presley

Acordei com uma ressaca daquelas, ou melhor, mais uma entre tantas! Isso já estava virando um hábito na minha vida. Olhei para o lado e tinha uma garota de cabelos longos, enrolada nos lençóis da minha cama. Mais uma *groupie* cujo nome eu sequer sei. Pensei em acordá-la, mas fui surpreendido por batidas na porta.

— Quem será a essa hora, porra — resmunguei e me levantei, colocando minha calça jeans que estava ao lado da cama.

Fui atender à porta, já que parecia que a pessoa não desistiria de me perturbar tão cedo.

— Bom dia, Jack! Dessa vez você nos ferrou legal cara — falou meu empresário, enquanto entrava no meu quarto sem ser convidado.

— Eu não esperava nada menos de você, amigo — disse meu companheiro de banda Rick, também entrando no meu quarto.

— Prefiro não comentar nada, mas estou contigo —, pela primeira vez, o baterista Freddy me defendeu.

— Você não fez nada de mais! No seu lugar eu faria a mesma coisa —

comentou meu primo Jonas, de quem eu não esperava menos.

— Você tinha de estragar tudo, cara? Agora que a imprensa e aqueles abutres estavam esquecendo-se da gente, viramos notícia novamente — falou meu outro companheiro de banda, Bob.

— O que todos vocês estão fazendo a esta hora da manhã e ainda invadindo meu quarto querendo me dar sermão? Vão procurar uma *groupie* com quem se divertir e parem de cuidar da minha vida — rebati os seus insultos à altura.

No entanto, de nada adiantou, pois eles continuaram me encarando com caras de poucos amigos. Meu empresário Mike, que nos descobriu num festival de verão em New Jersey, e os meus companheiros de banda Rick, Jonas, Freddy e Bob, estavam me fuzilando com os olhos.

Mike começou a falar, mas parou de repente ao perceber que não estávamos sozinhos. A garota na cama acordou e ficou sem graça ao perceber meus companheiros de banda conversando comigo no quarto. Ela tentou se esconder embaixo dos lençóis, porém todos já a haviam visto ali deitada seminua. Mike caminhou na direção dela e pediu:

— Eu acho que você já se divertiu bastante por hoje, garota! Agora, se nos der licença, precisamos conversar com o Jack em particular.

Ela olhou para mim em busca de apoio, mas eu simplesmente dei de ombros. Eu não fazia ideia de quem ela era nem me lembrava da noite passada, por isso sua alternativa era sair. A garota se enrolou nos lençóis, pegou suas roupas no chão e fez a caminhada da vergonha, passando por nós com a cabeça baixa até a porta. Quando escutamos o barulho da maçaneta se fechando atrás dela, o Mike continuou:

—Você não tem jeito, não é, Jack? Cada noite é uma garota diferente e você nem sequer se lembra delas, não é mesmo?

— Ah, espera aí, cara! Chega de sermão! É só uma *groupie* e era isso que ela queria de mim, apenas uma noite! Não me condene por agradar minhas fãs.

— Não é isso! Dessa vez você foi longe demais!

— Do que você está falando?

Mexi nos meus cabelos e me sentei em uma das poltronas de frente para ele, esperando que me dissesse o que aprontara daquela vez.

— Você se casou, Jack!

Fiquei olhando fixamente para ele, tentando processar aquelas palavras, que me causaram certo desconforto.

— Isso mesmo! Você se casou em Vegas no mês passado! — repetiu como se eu fosse surdo.

Meus companheiros de banda olharam para mim, tentando entender o que eu havia feito com a minha vida e, consequentemente, com a nossa banda.

— Olha, gente, eu não lembro muito bem o que fiz em Vegas quando passamos por lá em turnê.

— Bom, se você não lembra, eu vou refrescar a sua memória — ironizou o Mike se levantando e ficando em pé na nossa frente. — No mês passado, enquanto estávamos em turnê promovendo o nosso segundo álbum, você se casou em Vegas, numa cerimônia bem discreta ministrada pelo próprio Rei do Rock, o Elvis. E não é só isso! Ainda tem o principal. A sua noiva é uma brasileira! Isso mesmo, Jack, você se casou com uma adolescente de 17 anos que estava com documentos falsos numa viagem de formatura.

Todos, em silêncio, esperavam a minha reação, mas eu não conseguia me lembrar de quase nada daquele dia. Coloquei as mãos na cabeça em busca de alguma resposta, mas foi em vão.

— Ah, e ainda tem mais! A garota é filha de um juiz federal no Brasil. Você tem noção do que a mídia vai fazer quando descobrir tudo isso, ou melhor, o que o pai dela pode fazer com você? — Mike se exaltou.

— Dessa vez você exagerou, Jack! E ferrou com a sua vida e com a nossa carreira... Você pode até ir preso por seduzir uma garota menor de idade e,

ainda, se casar com ela sem o consentimento do pai da garota, que ainda por cima é um juiz — disse meu primo Jonas.

— Eu sei que errei, gente, e peço desculpas pelo meu erro. Eu não queria prejudicar ninguém e podem ter certeza de que não forcei essa garota a ficar comigo, muito menos a se casar. Não me lembro de todos os detalhes dessa noite, mas isso eu posso garantir a vocês.

Eu estou ferrado! Nunca pensei que iria acabar com uma carreira que estava apenas começando, pensei desesperado. Ainda éramos jovens e tínhamos muita música para tocar antes de abandonar os palcos. Achei que escolheria esse dia, que ele não seria assim, com amigos que conheço desde criança me culpando por acabar com suas carreiras.

— Pessoal, eu estou disposto a consertar essa besteira. O que eu posso fazer, Mike? Eu estou perdido aqui, cara, e preciso da sua ajuda.

—Tudo bem, eu já fiz alguns telefonemas e acabei de agendar uma turnê pelo Brasil, por isso arrume suas coisas que partimos amanhã para São Paulo.

— Mas o que essa turnê tem a ver com a situação do Jack? — perguntou o Freddy surpreso.

—Tem tudo a ver! Pois, é lá que mora sua esposa e nós precisamos entrar em contato com ela antes da imprensa, e preparar uma versão do fato muito mais romântica do que na verdade aconteceu.

— Você está me dizendo que estamos embarcando para São Paulo para procurar a minha esposa? – questionei totalmente surpreso com aquela reviravolta na minha vida.

— Sim. Estamos indo para São Paulo, mas não precisamos procurar a sua esposa, eu já tenho até o endereço dela.

Ele nem esperou a minha resposta e saiu do quarto com os outros integrantes da banda, deixando-me sozinho. Olhei em volta procurando uma bebida, já que precisava esquecer por um momento tudo aquilo, mas, quando coloquei o copo na minha boca, eu me lembrei de que era por causa dela que estava naquela tremenda furada. *Preciso dar um jeito nisso*, decidi. *Uma*

coisa é bagunçar com minha vida, outra coisa bem diferente é acabar com a banda e com a vida de todos os envolvidos nela. Afinal, são muitas pessoas nos bastidores e elas, nesse momento, dependem de como eu vou resolver esse problema. Arremessei contra a parede o copo de vidro que estava em minhas mãos e ele se quebrou em vários pedaços. Irritado com a minha situação, fiquei o resto do dia trancado no quarto.

Na manhã seguinte, arrumei as minhas coisas e saímos para o aeroporto. Chegando lá, encontrei vários repórteres na entrada, todos querendo saber a mesma coisa: o meu casamento. Não sabia o que dizer, na verdade nem lembrava como ela era, já que acordei sozinho na manhã seguinte ao casamento.

— Nada a declarar sobre a minha vida pessoal — disse com uma segurança que não tinha.

Depois, com a ajuda do meu empresário e dos seguranças da banda, embarquei para o Brasil com meus companheiros no meu jatinho particular.

Nos bastidores da fama

HELENA

"Você diz querer diamantes em um anel de ouro
Que sua história permaneça em segredo
Que seu amor não se esfrie
Todas as promessas que nós quebramos"

All I Want Is You, U2

Acordei tarde, já que não precisava ir para a faculdade, e fiquei na cama pensando na vida. Eu costumava fazer isso quando morava com os meus pais, porém sempre alguém acabava me perturbando e interrompendo meus pensamentos. Hoje, porém, eu estava livre para pensar, e sem restrições. Pela primeira vez eu tinha muitos problemas sobre os quais refletir e apenas um nome na minha cabeça: Jack.

O que realmente aconteceu naquela noite? Será que algum dia vou saber? Talvez eu nunca saiba a resposta para a minha pergunta... Parei de pensar na vida e me levantei da cama indo tomar um banho. Fiquei na banheira até meus dedos enrugarem e quando a água já estava fria resolvi sair. Enrolei-me numa toalha que estava no banheiro e fui colocar uma roupa; na verdade, nem escolhi nada especial, já que iria ficar em casa o dia todo. Peguei apenas um short jeans e uma regata preta, e nem sequei meu cabelo. Com a toalha tirei o excesso de umidade e penteei com os dedos mesmo, pois não ficaria melhor do que estava. *Vai ficar assim e pronto*, concluí.

Já havia passado da hora do café da manhã. *Ou melhor, quase passou o almoço também*, eu me dei conta. Fui até a cozinha e fiz um lanche com tudo que havia na geladeira, peguei um refrigerante e sentei-me na sala para comer mais uma das inúmeras besteiras que comia sempre. A Gabi sempre reclamava me dizendo que eu não engordava de ruindade, já que minha dieta

era à base de muita porcaria, mas eu nem ligava para isso. Nem morta que eu comeria granola, arroz integral e chocolate *light* igual a ela.

Quando eu terminei de comer meu sanduíche, a campainha tocou. Levantei-me do sofá e fui atender, pensando quem seria àquela hora, já que eu não estava esperando ninguém. Para a minha surpresa, parado na minha porta estava um homem forte e alto, usando uma camiseta preta, uma calça jeans, um boné e óculos escuro. Eu não fazia ideia de quem era, então fiquei olhando para ele em busca de uma resposta.

— Oi! Meu nome é Mike e eu estou procurando a Helena Alves —, ele se apresentou e tirou os óculos escuros, deixando-me observar os seus olhos castanhos.

— Eu sou a Helena. E o que você quer comigo? – *Eu já estou preocupada. O que será que esse cara quer falar comigo?*, pensei.

— Eu sou empresário da banda The Dangers e preciso conversar com você um pouco. Será que eu posso entrar?

Abri mais a porta e dei passagem para o empresário, que me acompanhou até a sala e se sentou no sofá em que alguns minutos atrás eu estava; por isso, sentei-me na poltrona na sua frente e fiquei esperando para saber o que ele tinha para me falar.

— Helena, estou aqui para discutir sua declaração para a imprensa sobre o seu envolvimento com o Jack em Las Vegas. A mídia ainda não sabe quem você é, mas é uma questão de tempo até eles descobrirem tudo, portanto precisamos agir o mais rápido possível e dar a nossa versão dos fatos. O que você pensa sobre isso?

— Bom, Mike, eu não sei do que você está falando e não quero contar nada a ninguém, muito menos fazer uma declaração para a imprensa — disse e segurei minhas mãos, suando de tanto nervoso e vergonha.

Como assim dar uma nota para a mídia contando como perdi minha virgindade com um astro do rock em Vegas? Esse cara deve estar louco para me propor uma coisa dessas, pensei indignada.

— Você sabe que não podemos esconder esse casamento por muito tempo, não é? — questionou e fitou-me, buscando alguma reação da minha parte.

Levantei-me da pequena poltrona na qual estava sentada e comecei a andar de um lado para o outro na sala.

— O que você quer dizer com CA-SA-MEN-TO? — falei a palavra pausadamente só para ver se eu havia entendi direito.

— Você não se lembra de que se casou com o Jack naquela noite em Vegas? — indagou surpreso franzino o cenho.

— Não! Eu não me casei com ninguém! Meu Deus, acabei de entrar na faculdade e nunca namorei! Como assim já sou casada? Por favor, me explique essa história direito!

— Eu não sei o que vocês dois aprontaram naquela noite, mas o resultado dela foi um casamento do qual nenhum dos dois se lembra. E você usava documentos falsos por ser menor de idade.

— Meu Deus, o que foi que eu fiz? Meus pais vão me matar — comentei desesperada.

Acho que, àquela altura do campeonato, deveria ter um buraco na minha sala de tanto que eu andava de um lado para o outro preocupada.

— Não adianta ficar desesperada agora, garota! É por isso que eu estou aqui. Nós precisamos conversar para tentar resolver esse problema antes que a merda seja lançada no ventilador, porque se isso acontecer... já era, estamos todos perdidos. Em primeiro lugar, você precisa se acalmar, sentar aqui e ouvir o que eu tenho para te falar.

Não tive alternativa a não ser escutar aquele desconhecido, já que ele era o único disposto a me ajudar. Sendo assim, parei de andar e sentei-me novamente na poltrona na frente dele.

— Em primeiro lugar, preciso que você me acompanhe até o hotel onde a banda está hospedada. Você e o Jack devem ouvir juntos o meu plano.

Podemos ir agora. Há um carro aqui na frente nos esperando.

— Eu não sei, não acho que seja uma boa ideia sair com um cara que nem conheço — falei um pouco apreensiva —, pois a última vez que saí com alguém que eu não conhecia, não acabou muito bem.

— Não precisa ficar com medo de mim, eu só quero ajudar a resolver esse problema o quanto antes.

— Tudo bem, então só espere um pouco que eu preciso me trocar.

— Claro. Eu fico aqui te esperando.

Saí da sala dando passos largos e dentro de instantes já estava no meu quarto, trancando a porta atrás de mim. Vesti um jeans e outra blusinha preta com alguns detalhes em renda e uma sandália nude. Amarrei meu cabelo num rabo de cavalo e, depois, coloquei um pouco de maquiagem. Olhei-me no espelho e achei que deveria estar bom, então peguei minha bolsa e caminhei devagar do quarto até a sala, onde o tal empresário me aguardava batendo o dedo no sofá, demonstrando estar entediado.

— Eu estou pronta, podemos ir agora.

— Claro. Eu estava aguardando apenas esse momento.

Saímos juntos do prédio e, como ele havia dito, um carro nos esperava na portaria. Ele abriu a porta e entramos. Não pegamos muito trânsito no caminho e o motorista parecia conhecer bem o lugar, então chegamos muito rápido ao nosso destino, um luxuoso hotel.

Quando descemos do carro uma multidão de repórteres e jornalistas se acumulava na entrada em busca de uma foto ou declaração de algum dos integrantes da banda de rock mais famosa da atualidade. O Mike parou um pouco e conversou com eles, enquanto fui puxada por um segurança que permaneceu na minha frente impedindo que tirassem fotos minhas. Na verdade, eles nem me notam e passei despercebida pela entrada. Depois, ficamos esperando o Mike na recepção do hotel.

— Pronto. Já consegui me livrar desses abutres. Agora vamos subir,

garota, temos de resolver esse grande problema no qual vocês se meteram.

Eu abri minha boca para me defender, mas a fechei no mesmo instante, já que não fazia ideia sobre o que poderia dizer para aliviar a minha situação. Caminhamos juntos até o elevador, no qual entramos. Após alguns minutos, a porta se abriu direto na suíte presidencial.

Comecei a observar o que parecia ser uma sala com um enorme sofá preto coberto por almofadas vermelhas. Percebi que todos os integrantes da banda estavam sentados lá, conversando entre eles. Havia algumas mulheres ao redor e, ainda, outras pessoas no bar e na sacada da cobertura. Olhei para todas as direções em busca do Jack, mas não o encontrei em nenhum lugar. Quando já estava desistindo de procurá-lo, Mike começou a bater palmas chamando a atenção de todos.

— Preciso falar com os garotos em particular. Por favor, quero que todos se retirem agora mesmo deste quarto.

Ele nem terminou de falar e as pessoas saíram apressadas em direção à porta. Quando todos saíram, exceto os garotos da banda, que estavam sentados no espaçoso sofá, e anunciou:

— Onde está aquele desgraçado do Jack, pessoal?

— Eu estou aqui, Mike, e não sabia que você sentia tanto a minha falta, cara! — resmungou saindo de um corredor e com uma garota loira agarrada ao seu lado.

— Mocinha, eu preciso que você nos dê licença um minuto — Mike pediu para a garota, que segurava o braço do Jack como se ele fosse seu bote salva-vidas.

A garota não falou nada, mas parecida chateada quando largou o braço dele e caminhou para fora do quarto.

— Pronto! Agora que estamos sozinhos quero apresentar a vocês a esposa do Jack. Pessoal, essa é a Helena.

Eu não acredito no que esse tal de Mike acabou de fazer! Num instante,

eu passei de não ser nem notada para o centro das atenções. Agora todos estão me olhando e avaliando. Não sei onde posso me esconder, já que ele saiu da minha frente e me deixou sozinha em pé, bem no centro da sala.

Se vergonha matasse, eu já estava morta. Até o Jack, que não estava nem aí com a situação, não parava de me encarar com aqueles perturbantes olhos azuis.

Conhecendo minha Priscila

JACK

"Talvez eu não a tenha tratado
Tão bem quanto deveria
Talvez eu não a tenha amado
Tanto quanto eu poderia"

Always On my Mind, Elvis Presley

Eu não conseguia acreditar no que estava vendo! Aquela garota parada no meio da sala era a minha esposa! Eu não me lembrava nem um pouco da sua aparência, só sabia que ela era gostosa pra caramba. *Só agora estou percebendo como ela é nova e tem uma carinha de inocente. Isso vai dar merda*, pensei, até que o Mike chamou a minha atenção.

— Vamos até o quarto, Jack, preciso conversar em particular com os dois — comentou seguindo para o corredor.

Olhei para os meus companheiros de banda, que haviam parado de secar a menina na sala e começaram a rir da minha cara de medo. Depois que o Mike falou que precisava conversar comigo, eles sabiam que coisa boa não era e que provavelmente eu estava ferrado.

A garota, que estava parada de cabeça baixa de vergonha, caminhou atrás do Mike em direção ao meu quarto. *Nossa, ferrou legal! Tinha que ser o meu? Não podia ser o quarto do Jonas, que está sempre organizado, sem roupas e calcinhas espalhadas por todo lugar?*

Não tive tempo nem de esconder o lençol desarrumado e as roupas espalhadas pelo chão, já que fui o último a entrar. Fechei a porta atrás de mim a pedido do Mike, que me olhou avaliando o quarto.

— Você não tem jeito mesmo, cara — disse abaixando a cabeça. — Será que nunca vai manter suas calças fechadas?

—Ahh, espere aí, Mike! —, tentei me explicar, mas ele não queria ouvir.

— Bom, deixa isso para depois, agora vamos resolver esse problema aqui.

Mike se sentou numa das poltronas e a garota, que até agora não sabia o que fazer, sentou-se em outra na frente dele, enquanto eu permaneci em pé mesmo.

— Vamos por partes. Quanto ao casamento, nossos advogados estão tentando anular. Enquanto isso não acontece, eles resolveram a situação dos documentos falsos. Pelo menos, se a mídia descobrir, vocês serão apenas um casal apaixonado e desmiolado que ficou bêbado e se casou em Vegas. Precisamos manter isso até que o divórcio ou a anulação aconteça, vocês me entenderam?

— Claro, Mike, eu entendi. Temos de esperar sem dar nenhuma declaração para a imprensa até o divórcio sair. Depois, podemos dizer que estávamos bêbados, casamos por impulso e quando percebemos o erro pedimos a anulação.

— Nossa, Jack, eu não sabia que você tinha um cérebro e que ainda saberia usá-lo. Já que sempre está metido em confusões.

Ele só pode estar debochando de mim, não é possível!

— Okay, tá legal, pare de ironia e vamos terminar logo a conversa.

—Tudo bem... Resta saber se a sua esposa vai concordar. Então, o que você acha, Helena?

— Eu não sei o que fazer, mas acho que concordo com vocês: temos de deixar tudo escondido até o divórcio sair. E meus pais não podem saber de nada; caso contrário, estarei com um grande problema para resolver.

— Combinado! Então, já que resolvemos tudo, vocês podem sair do meu quarto — pedi deitando-me na minha cama. Eu nem ligava que estava toda

desarrumada, queria mesmo era dormir.

—Tudo resolvido, acho que podemos sair. E espero que este plano dê certo pelo bem de vocês e da banda — avisou, saindo e levando a garota com ele.

— Problema resolvido — disse em voz alta.

Até que não foi tão ruim assim. Conseguimos contornar uma situação complicada e daqui a alguns dias eu serei um homem livre novamente. Onde eu estava com a cabeça quando pensei em me casar, e ainda mais com uma garota tão diferente de mim! Deve ter sido a bebida, eu só podia estar muito bêbado mesmo. Os poucos detalhes dos quais eu me lembrava daquela noite, porém, diziam-me que o casamento fora consumado e eu não me arrependia nem um pouco disso.

O resto do dia passou muito rápido. Ficamos no hotel, onde participamos de uma sessão de fotos para uma revista famosa no Brasil com direito a uma pequena entrevista, na qual falei que estava apaixonado pelas brasileiras e o Freddy fez suas gracinhas de sempre, provocando a jornalista, tentando chamá-la para sair. Eu fiquei na minha. *Chega de problemas! Já tive uma garota hoje.* Por isso, resolvi ficar no hotel mesmo e pedir uma pizza de calabresa, que comi com alguns assessores que ficaram comigo na cobertura. Depois de bem alimentado, bebi até tarde e acabei dormindo no sofá mesmo. No dia seguinte, acordei com a cabeça doendo pra caramba, e com o Mike gritando no meu ouvido:

— Acorde, cara! Vamos, acorde! Estamos com um grande problema nas mãos —, ele andava de um lado para o outro, desesperado.

— Calma aí, cara! Fale mais baixo. E pare de andar de um lado para o outro que eu já estou ficando tonto.

Depois de ele ter me acordado, não adiantava mais tentar dormir, ainda mais no sofá. *Talvez eu consiga dormir na minha cama*, pensei, por isso tentei me levantar, mas a minha cabeça girava. Sentei-me novamente, esperando aquela sensação ruim passar, mas aquilo não estava nos planos do Mike.

— Jack! Você precisa me escutar, cara! Estamos ferrados! A imprensa descobriu quem é a sua esposa e tem fotos dela espalhadas por todo lugar. Os *paparazzi* estão na cola dela, seguindo os seus passos e, a essa altura, a faculdade onde ela estuda deve estar lotada deles!

— Acho que agora nosso plano não vai mais dar certo — lamentei agora tinha certeza que estava numa maré de azar.

— Não vai dar mesmo! Por isso temos que pensar em outra saída e o mais rápido possível — falou, sentando-se ao meu lado.

Ficamos em silêncio pensativos até a Giovanna, a nossa assessora de imprensa, entrou no quarto querendo conversar com o Mike. Quando me viu, ficou um pouco apreensiva, mas resolveu falar mesmo assim:

— Mike! Temos um problema! A notícia do casamento do Jack está em todo lugar, e ainda descobriram a garota. Eles sabem detalhes do que aconteceu em Vegas, têm fotos e tudo. Os *paparazzi* a estão caçando! Estão atrás de fotos da próxima "Priscila do rock", encantados por ela ser tão nova, por isso a chamaram de Priscila, referindo-se à mulher do Elvis. Estamos sendo bombardeados com pedidos de entrevistas e convites para programas de TV, e o novo *single* da banda está em primeiro lugar na *Billboard* americana.

— Tudo bem, Giovanna. Pode esperar que daqui a pouco eu falo o que vamos fazer. Agora, preciso falar a sós com o Jack. Você pode me esperar lá fora? É só um minuto — pediu pensativo e por um momento estranhei aquela calma do Mike.

— Eu acho que você ouviu tudo o que ela disse, não é? E aí, o que sugere? — perguntou assim que ficamos sozinhos novamente.

— Não sei, cara, nossa mentira está desmoronando e não vamos conseguir sustentar. Não tem jeito! Acabou, acabou! — lamentei colocando as mãos no meu cabelo e puxando com força.

— Espere, Jack! Ainda não descobriram nada, por isso temos uma chance. Talvez podemos aproveitar que a imprensa gostou do seu casamento e que a

sua esposa já tem até um apelido. O que acha de apresentá-la para eles?

— O que você está falando? Esse casamento foi um erro! Nós conversamos ontem e decidimos isso, você não lembra?

— Sim, claro que lembro, mas agora as coisas mudaram e precisamos mudar a estratégia também. Você pode fingir que está apaixonado pela sua esposa e juntos irão enganar toda a imprensa. Quando a poeira abaixar, podemos dizer que, assim como o casamento de Elvis, o seu amor também acabou. O que acha?

— Eu não sei se é uma boa ideia, Mike! E ainda tem a garota... Ela pode não concordar com essa farsa.

— Vamos lá, Jack! É uma boa ideia, pense nisso! Além do mais, ela não tem alternativas. Todos os *paparazzi* estão na cola dela e não vai ter nenhum sossego se não aceitar.

— É, você tem razão! Eles não vão largar o osso tão cedo.

— Por isso precisamos buscá-la imediatamente na faculdade e pedir que nos ajude nessa farsa, pelo menos por um tempo. Nesse intervalo, vocês precisam ficar juntos, morando no mesmo lugar. Pelo que eu vi do apartamento dela, é muito pequeno e não cabem você e todas as suas tralhas lá. Ela precisa ficar aqui no seu quarto, para a imprensa não desconfiar de nada.

— Você tá louco? Só pode ser, ou tá de gozação com a minha cara? — disse muito rápido, levantando-me do sofá esperando que ele me dissesse que estava brincando.

— Não é nenhuma brincadeira, Jack! Eu nunca falei tão sério na minha vida. Agora, vá tomar um banho para tirar essa cara de ressaca e vamos até a faculdade buscar a sua Priscila.

Descobrindo a fama

HELENA

“Há uma menina
Que se importa
Atrás desta parede
Que você simplesmente atravessa”

Wish You Were Here, Avril Lavigne

A minha vida de repente deu uma reviravolta e eu me perdi. Parece que passou um trem e eu fiquei só olhando. Primeiro, aquele empresário bateu na minha porta e me falou um monte de coisas, sobre as quais nem consegui pensar direito! Depois, tive que ir ao hotel onde toda a banda estava hospedada, e ainda havia todos aqueles repórteres querendo saber de tudo. E o pior foi encontrar o Jack novamente. Ele estava com uma garota loira nos braços e provavelmente nem sabia quem eu era, pois me olhava de um jeito estranho. Como se não bastasse toda a humilhação, ainda tive de ficar frente a frente com ele. Senti-me tão envergonhada que acabei concordando com tudo que disseram, não questionei nada. Acho até que se me pedissem para doar um rim eu teria dado de tão sem noção que estava naquele dia.

Quando cheguei ao meu apartamento, desabei no sofá e fiquei lá o resto da tarde. Só me levantei quando a Gabi chegou.

— Oi, amiga, que saudade! Onde você estava o dia todo? — perguntou sentando-se ao meu lado no sofá.

— É uma longa história! Ainda bem que você está sentada, porque o que eu tenho para falar é uma verdadeira bomba, amiga.

Ela segurou a minha mão e me olhou com os olhos arregalados de surpresa, enquanto eu contei tudo que aconteceu nos mínimos detalhes.

Quando terminei, ela se levantou e disse:

— Eu não acredito! Nossa, Helena, você é muito sortuda, garota! E me conta sobre os outros integrantes da banda! Eles são lindos como nas fotos? Todos têm namoradas? Você conversou com algum deles?

— Ei, calma aí! Respira! Você não entendeu nada do que eu falei? Estou casada com um astro do rock e se meus pais souberem provavelmente irão me matar!

— Pare de ser tão dramática, Helena! Agora seu pai nem manda mais em você, senhora Collins. Isso mesmo! A esposa do Deus do Rock. Parabéns, amiga! Você demorou para se relacionar com alguém, mas, quando resolveu, acertou em cheio e simplesmente escolheu o melhor! Neste momento, você é invejada por todas as mulheres na face da Terra. Quem diria que a inocente Helena iria se casar com o vocalista da banda The Dangers?

— Gabi, você não prestou atenção em nada do que eu falei? Esse é um casamento de mentira. Na verdade, ele nem liga pra mim e eu não faço ideia de como acabamos casados! Provavelmente nunca mais vamos estar juntos novamente, porque em breve o casamento será anulado e não teremos contato algum. Então não viaja, amiga! Eu nunca vou fazer parte desse mundo. Agora me esquece, que eu preciso descansar! Eu tive um dia cheio e só quero a minha cama.

— Ah, amiga, me desculpe mesmo... Eu não sabia que você estava tão chateada com toda essa situação! Eu não queria deixá-la triste, venha aqui —, ela me abraçou e mexeu nos meus cabelos.

Aquela sim era a minha amiga carinhosa de sempre e seu apoio era muito importante para mim. Quando percebi que estava segura, chorei nos seus braços, ou melhor, desabei. Algumas horas depois, estava mais calma e fui tomar um banho, deitei-me na minha cama e dormi até o dia seguinte.

Acordei com uma grande dor de cabeça, e ainda por cima estava atrasada de novo! Teria uma aula importante logo de manhã, por isso entrei no banheiro e tomei o banho mais rápido da minha vida. Depois, coloquei a primeira calça jeans que encontrei, uma rasteirinha branca e uma regata da

mesma cor e pronto. Maquiagem nem pensar! Todos teriam de me ver com as mesmas imperfeições de sempre. No entanto, quem iria prestar atenção em mim? Já fazia quase dois meses que estava naquela turma e ninguém reparava se eu estava na aula ou não.

Enfim, de qualquer jeito que eu fosse estava bom, por isso nem me preocupei em secar meu cabelo. Teria de ficar solto e secar sozinho. *Vai ser uma maravilha, já que meu cabelo não fica muito bem secando ao ar livre*, pensei. Apesar de ser liso, as pontas formam cachos, que estavam mais claros que a raiz, em razão das luzes que havia feito.

Vinte minutos depois de acordar eu estava fechando a porta do meu apartamento e seguindo para minha primeira aula. Como eu morava bem pertinho da faculdade, fui a pé e cheguei no momento exato em que o professor entrava na sala. *Ufa, escapei por pouco!* Agora só precisava me concentrar nas aulas e esquecer o resto dos meus problemas. E foi isso que fiz. Anotei todas as informações que o professor passava e até tirei algumas dúvidas; no final da manhã, estava morrendo de fome e precisava encontrar a Gabi no refeitório. Caminhei até lá e só parei quando vi um aglomerado de gente bem na minha frente. Quando perceberam a minha aproximação, correram em minha direção e fizeram muitas perguntas, tirando tantas fotos que eu não conseguia enxergar um palmo na frente do meu nariz.

O que está acontecendo agora?, pensei, mas nem tive tempo para entender, porque alguém segurou a minha mão e me puxou para os seus braços. Fiquei encostada no seu peito e senti uma segurança que havia tempos eu não sentia. No entanto, os *paparazzi* em volta ainda faziam perguntas a respeito da nova rainha do rock e outras coisas que eu nem fazia ideia do que significavam. Continuei sendo levada até um carro preto cujas portas se abriram. Entramos bem rápido e saímos logo dali. Olho para o meu salvador e fiquei surpresa com quem estava ao meu lado... Jack.

— O que aconteceu? O que você está fazendo aqui?

— A imprensa descobriu tudo e agora precisamos fingir que estamos juntos e apaixonados por um tempo, até a poeira baixar.

— Como assim? Me explique essa história direito! Vamos ficar juntos

onde?

— No meu hotel. Temos de fingir que estamos apaixonados, porque é isso que a mídia acha que está acontecendo. E, no momento, não podemos dizer o contrário, senão esses abutres jamais nos deixarão em paz! Precisamos esperar a poeira baixar e o divórcio acontecer, e aí sim estaremos livres de tudo isso. Quer dizer, você estará, porque eu ainda continuarei sendo perseguido por eles.

— Mas, olha, espere um pouco! Eu não posso morar com você! E a minha faculdade, como fica?

— Não é para sempre, Helena, precisamos de um tempo juntos. Acho até que um mês é suficiente, depois você pode retomar à sua faculdade.

— Você está louco? Eu comecei a minha faculdade agora e não posso faltar por um mês inteiro.

— Não vai conseguir ir para a faculdade neste momento, eles não vão deixar você livre um minuto. Precisa sair de circulação por um tempo.

— É, parece que você já pensou em tudo, porém não se preocupou em nenhum momento com o que eu penso de tudo isso!

— Não é isso, garota! Eu estou pensando em nós dois. E isso que precisamos fazer, a não ser que você tenha uma ideia melhor.

— Eu não tenho nenhuma ideia! Só quero que essa bagunça na qual se transformou a minha vida tenha um fim. Se para isso eu tenha de ficar um mês inteiro com você, aceito. Só tenho de pegar minhas roupas no meu apartamento.

— Não precisa se preocupar com isso, minha assessora já foi até o seu apartamento e separou suas roupas. Elas já foram mandadas para o hotel.

— Mas onde exatamente eu vou ficar?

— No meu quarto, é claro! Afinal, para todas as hipóteses, somos marido e mulher.

Eu não podia acreditar no que acabara de ouvir! Minha vida parecia uma novela mexicana e a cada hora acontecia algo novo para me tirar totalmente dos eixos.

Morando com um astro do rock

HELENA

"Faço de conta que estamos juntos
Que estou abrigada pelo seu coração
Mas por dentro e por fora estou desabando
Como uma lágrima na palma de sua mão"

It Must Have Been Love, Roxette

O quarto de hotel não era como eu esperava. Eu já estivera lá antes, mas não conseguira reparar em nada, pois estava tão nervosa com tudo que nem percebera que o Jack estava hospedado numa suíte muito grande, com uma sala enorme em que havia vários sofás e poltronas espalhadas por todos os lugares, além de uma enorme TV em uma das paredes. Para completar, havia uma sacada com uma banheira de hidromassagem. Só que a cobertura não hospedava somente o Jack. Tinha muita gente e uma música alta que parecia arrebentar os alto-falantes do som, mas ninguém parecia se importar com isso.

— Quem faz uma festa dessas na hora do almoço? — murmurei tão baixinho que ninguém me ouviu, e ainda bem, porque acho que eles não iriam gostar do meu comentário, uma vez que estavam se divertindo tanto na festa.

O Jack cumprimentou as pessoas, mas não parou para falar com ninguém e continuou andando pelo corredor em direção a uma porta. Quando ele a abriu, descobri que era um quarto, ou melhor, que aquele seria o meu quarto.

— Esse será o seu quarto, pelo menos enquanto estamos aqui. Entre, arrume suas coisas e não saia daqui, porque essa festa não é para você, princesa.

— Tudo bem — concordei, mas acabei me arrependendo no instante em que concordei com ele.

Quem ele pensa que é para mandar em mim desse jeito? Ele está totalmente enganado se acha que vou ficar trancada neste quarto enquanto está rolando uma festa lá fora.

Depois que fechei a porta atrás de mim, vi minha bolsa de viagem em cima da cama. *E, conhecendo Gabi como eu conheço, deve ter algo que eu possa vestir, além dessa calça jeans e essa blusinha simples que estou usando desde cedo.*

Fui correndo verificar e acabei me surpreendendo, pois a bolsa preparada por ela não era de quem vai passar uns dias fora, mas de quem vai sair em lua de mel. Muitas das roupas na mala não eram minhas e tinha quase certeza de que pertenciam a minha amiga! Havia *lingeries* sexy, vestidinhos curtos, shorts mais curtos ainda e tops. *Meu Deus, eu não uso tops. Onde aquela louca estava com a cabeça!* Eu tinha, então, de escavar a minha bolsa para procurar uma roupa um pouco mais decente. Quando estava quase desistindo, encontrei um vestido preto simples tomara que caia, que parecia ser a minha única opção.

Com o vestido escolhido, eu só precisava de um banho. Entrei no chuveiro, fiz um coque em meu cabelo, tirei minha roupa e entrei na banheira. Tomei um banho demorado e percebi que, no final das contas, estava muito empolgada com a situação. A minha ficha, então, definitivamente caiu: eu iria acompanhar uma banda muito famosa nos bastidores.

Terminei o banho e peguei a toalha que estava ao meu lado, na qual me enrolei, e em seguida saí para pegar o meu vestido. Vesti-me apressada e fui me olhar no espelho. Ainda faltava arrumar o meu cabelo e colocar um salto, que, por sorte, a Gabi tinha colocado na minha mala. Fiz uma maquiagem rápida, só caprichei nos meus olhos para realçar o verde, e passei um batom *matte*. Agora sim definitivamente estava pronta!

Saí do quarto e no corredor já encontrei muita gente. Senti como se o tempo que eu passara me arrumando houvesse servido para que o restante dos

convidados chegasse. Na sala ninguém conseguia se mover, pois havia praticamente o dobro das pessoas que encontrei quando cheguei. No lugar não cabia nem uma agulha, por isso fui passando por todo mundo até chegar à sacada, que ainda não estava lotada. Não havia espaço na banheira de hidromassagem, onde as meninas estavam de biquíni, algumas das quais, sem a parte de cima, brincavam com alguns rapazes. A maioria delas estava bêbada; as que não estavam certamente caminhavam para isso, pois todas tinham um copo nas mãos. *Talvez não tenha sido uma boa ideia vir até aqui*, pensei. Eu não estava acostumada a festas e aquela definitivamente não era uma na qual eu deveria estar. Se meus pais soubessem, provavelmente me matariam. Eu já estava voltando para o meu quarto quando um cara se aproximou de mim, segurou na minha cintura e me puxou para os seus braços, beijando o meu pescoço. Tentei me soltar, mas cada vez que eu o empurrava para sair de cima de mim ele segurava mais forte.

— Pare de dar uma de difícil, garota! Todos sabem o que você está fazendo aqui.

Ele continuou a me segurar e eu fiquei apavorada, pois as pessoas ao meu redor nem perceberam o que estava acontecendo comigo. E mesmo que eu começasse a gritar, a música estava muito alta e ninguém conseguiria ouvir meu pedido de socorro.

O cara beijava meu pescoço e tentava levantar o meu vestido, e eu continuei, sem sucesso, tentando tirá-lo de cima de mim. Àquela altura, as lágrimas começam a rolar pelo meu rosto e a percepção de que seria estuprada numa festa cheia de gente me atingiu em cheio. Comecei a me debater num ato de desespero até que, de repente, o cara me soltou. Olhei para ver o que havia acontecido e percebi que ele estava caído do outro lado da sacada. Jack olhava para mim com fúria nos olhos.

— Eu não te falei para não sair daquele quarto? Porra! Será que você não presta atenção no que eu digo? — gritou comigo e segurou o meu braço, levando-me de volta ao meu quarto.

Sentei-me na minha cama e comecei a chorar copiosamente enquanto ele fechou a porta do quarto e me deixou sozinha. Eu segurei um travesseiro e

me enrolei no meio da cama. Chorei muito até que alguém tocou no meu braço.

— Oi, eu queria saber se você está bem... Eu sou Jonas, o primo do Jack, e trouxe um suco de maracujá para você. Por favor, tome, você vai se sentir melhor.

Ele colocou o copo na minha frente e me ajudou a sentar e a me apoiar na cabeceira da cama, enquanto eu bebia o suco de maracujá com muito açúcar. Quando terminei, entreguei o copo vazio e sequei as lágrimas que não param de rolar pelo meu rosto.

— Eu vi o que aconteceu com você lá na sacada e estava indo te ajudar, mas o Jack chegou antes. Não fique assim tão triste, sei que deve ter sido muito assustador, mas nós não íamos deixar nada de ruim acontecer a você. Agora está tudo bem, pode ficar segura aqui no seu quarto, o Jack colocou um segurança na porta.

— Obrigada pela ajuda. E me desculpe por tudo, mas entrei em pânico. Eu nunca passei por uma situação dessas na minha vida — expliquei colocando a mão no rosto novamente, morrendo de vergonha.

— Eu sei que é bem nova e essa coisa de festa não combina com você. Mas pode ficar tranquila que de agora em diante vamos cuidar melhor de você. E se ainda quiser voltar para a festa, posso ficar por perto o tempo que quiser.

— Não, acho que eu não vou participar de uma festa dessas tão cedo, muito menos voltar para lá. Eu preciso dormir um pouco, hoje aconteceram muitas coisas e estou exausta.

— Tudo bem, eu entendo sua preocupação! Mas saiba que o cara que a atacou já saiu daqui. Ele foi convidado por um dos nossos, mas no final ninguém quis colocar a mão para defendê-lo depois do que aconteceu. Além disso, o Jack estava furioso e quando ele está assim ninguém em sã consciência tem coragem de enfrentá-lo.

— Eu gostaria de agradecê-lo por me ajudar. Onde ele está agora?

— Provavelmente bebendo até cair. Deixe para falar com ele amanhã.

— Certo — concordei, afinal ele era primo de Jack e devia conhecê-lo melhor do que eu.

O Jonas saiu e eu tranquei a porta do quarto para ter certeza de que ninguém me perturbaria novamente. Fui até o banheiro e tomei um banho demorado, lavando até os cabelos. Quando saí, coloco apenas uma blusinha branca e uma calcinha, sequei o meu cabelo com a toalha mesmo, só para tirar o excesso de água, e me deitei na cama. A música, que parecia estar arrebentando as paredes, começou a diminuir gradativamente, até que não ouvi mais nada. Caí, então, num sono profundo.

Muitas horas depois, acordei com a claridade que atravessava a minha janela e a barriga roncando. Tantas coisas haviam acontecido no dia anterior que nem me lembrava da última vez que comera alguma coisa. Por isso, me levantei da cama, fui até o banheiro, escovei meus dentes e amarrei meu cabelo num coque frouxo. Vesti um short jeans minúsculo e ainda tinha de agradecer à Gabi por estar praticamente com uma parte da bunda para fora, pois suas roupas, por ela ser um pouco mais magra do que eu, ficavam extremamente coladas no meu corpo. Como eu não tinha nada para comer e estava morrendo de fome, precisando sair do quarto de qualquer forma, aquele bendito short tinha de servir.

Depois que coloquei uma sandália, saí do quarto caminhando devagar à procura de comida. Não precisei andar muito, pois uma mesa enorme estava arrumada no meio da sala com uma quantidade de comida que alimentaria um batalhão se precisasse. No entanto, não havia ninguém lá, nem uma viva alma, e tudo estava organizado. Nem parecia que uma festa acontecera ali. Como não tinha para quem pedir permissão, resolvi sentar e comer alguma coisa antes que eu caísse dura no chão. Experimentei de tudo um pouco e as coisas de que mais gostei fiz questão de repetir. Quando já estava acabando, o Jack apareceu na minha frente, com o cabelo todo bagunçado, uma calça jeans sem abotoar o último botão e, para completar o visual, sem camisa. Consegui ver cada gominho do seu abdômen totalmente definido e fiquei olhando para ele hipnotizada, diante de tanta beleza. Jack estava tão aéreo que nem percebeu que meus olhos não desgrudavam dele. Fiquei admirando

a paisagem até que ele se sentou ao meu lado e pegou uma xícara de café sem açúcar e começou a beber.

Não trocamos nenhuma palavra enquanto ele bebia, até que resolvi agradecê-lo por me ajudar na noite anterior. Antes que eu falasse alguma coisa, porém, uma garota apareceu no corredor usando apenas uma camiseta da banda.

— Senti sua falta na cama e resolvi procurar o meu astro do rock favorito — disse, aproximando-se dele por trás e tentando colocar os braços em volta do seu pescoço.

Antes que ela conseguisse, ele se levantou e avisou:

— Eu já estou de saída. Tenho uma entrevista daqui a meia hora e dentro de instantes o Mike entra por essa porta gritando comigo porque estamos atrasados. Portanto, se me der licença, preciso me arrumar.

Jack desapareceu no corredor, deixando-me sozinha com aquela garota. Eu não sabia o que dizer nem o que pensar, e menos ainda o que sentir. Eu só sabia que o nosso casamento era uma farsa, mas não achei que ele ficaria esfregando aquelas meninas na minha cara o tempo todo. *Talvez eu devesse ir embora daqui! Isso certamente não vai dar certo. Já começou ruim a noite passada e agora tá ficando claramente pior.* Meus pensamentos foram interrompidos pela garota, que se sentou na minha frente e perguntou:

— Quem é você?

Ela colocou um pouco de suco de laranja num copo e o levou até a boca, encarando-me em busca de uma resposta.

Eu não fazia ideia do que dizer. De maneira nenhuma admitiria que ela acabara de me colocar um chifre bem grande na cabeça. Ainda bem que não precisava dizer nada, porque todos os outros integrantes da banda, além do Mike e de uma mulher segurando uns papéis, apareceram na sala naquele exato momento.

— Olá! Helena, espero que você esteja melhor — comentou o Jonas, sentando-se ao meu lado.

Os outros rapazes se sentavam nas outras cadeiras desocupadas da mesa. A mulher, que parecia ser a assessora de imprensa da banda, permaneceu em pé e foi falando a agenda do dia para os garotos, enquanto todos comiam tudo que estava na mesa, sem se importar com a garota que estava só de camiseta e que provavelmente eles conheciam, pois a chamaram pelo nome em algum momento da conversa. Era Jessica. Acho que combinava perfeitamente com a garota loira, magra e com seios enormes que estava perguntando quem eu era alguns minutos atrás.

Eu fiquei observando enquanto eles comiam e conversavam sobre sua agenda e o que fariam depois de terminadas as suas obrigações do dia. O Jonas usava uma blusa branca e seus cabelos estavam molhados, denunciando que acabara de sair do banho. Seus cabelos eram pretos e ele era mais baixo do que o Jack, e se não fossem os olhos azuis como os do primo acho que diria que eles não tinham nada em comum. O Freddy era loiro como o Jack, mas era bem mais forte do que ele e tinha cabelos longos, os quais ele amarrava num rabo de cavalo. O Bob era ruivo e tinha os cabelos raspados dos lados e um topete, além de muitas tatuagens. O último era o Rick, totalmente diferente dos seus colegas, pois nem parecia um integrante de uma banda de rock. Ele tinha os cabelos pretos e lisos além de perfeitamente arrumados, sem nenhuma tatuagem, e usava uma camiseta polo e uma calça preta da cor dos seus olhos. Fiquei observando-os por um tempo, até que a garota repetiu:

— Quem é você? — perguntou e ficou olhando para mim esperando uma resposta.

Eu não sabia o que responder e tinha a certeza de que daquela vez não escaparia. Abri a boca para falar, mas a fechei no momento em que o Jack entrou na sala e comunicou:

— Ela é a minha esposa.

Todos olharam em sua direção e a garota ficou paralisada na cadeira, tentando entender o que o Jack acabara de dizer.

Vivendo sob o mesmo teto

JACK

"Complicada e perfeitinha,
Você me apareceu.
Era tudo que eu queria,
Estrela da sorte."

Mulher de Fases, Raimundos

Quando vi aquele cara agarrando a inocente Helena, fiquei puto da vida! Alguns caras não conseguem se garantir mesmo, hein! E precisavam agarrar as meninas à força? Isso nunca fez sentido para mim, talvez porque jamais precisei investir muito em uma garota. Sempre foi tão fácil conseguir uma menina no final da noite, mesmo quando eu estava na escola e nem era famoso ainda. Nunca precisei fazer um esforço para isso acontecer.

Na época eu já cantava na banda, me apresentava por aí e era conhecido na cidade onde eu morava, New Jersey, como o vocalista da banda The Dangers. Então, depois do show ou no dia seguinte, na escola mesmo, elas sempre estavam lá me esperando. Era fácil, eu precisava só escolher uma. Era simples assim, sem compromisso e apenas por uma noite. Eu nunca repetia a mesma menina; caso contrário, elas queriam cuidar da minha vida e aí eu surtava legal mesmo.

Eu sempre fui livre. Nunca quis ninguém no meu pé. A única que tinha esse direito era a minha mãe, enfermeira num pronto-socorro, por isso seus horários eram loucos e eu passei a maior parte da minha infância sozinho. Tinha, então, de me virar como podia. Fazia a própria comida e chegava em casa na hora que queria. Os meus amigos diziam que eu era sortudo, pois tinha a casa só para mim a maioria do tempo. O resultado disso eram muitas festas regadas a bebidas e garotas à vontade. A minha mãe, para tentar me

controlar, matriculou-me numa escola de música, onde conheci os caras e, com o meu primo Jonas, aprendi a tocar vários instrumentos. Quando estávamos sem nada melhor para fazer, formamos a nossa banda The Dangers. Éramos todos muitos desorganizados e confusos na época, por isso escolhemos esse nome.

Um dia, tocando num barzinho em New Jersey, um agente nos encontrou e gostou da nossa música. Depois disso, abrimos a turnê de uma banda de rock famosa e passamos um ano na estrada dentro de um ônibus. Em seguida, veio a gravação do primeiro CD, e depois veio o segundo; então, turnê nos Estados Unidos e depois na Europa, apresentações e entrevistas na televisão. Num dia eu era conhecido apenas na minha cidade, e no outro estava nos holofotes da fama. Eram festas e mais festas, e muitas mulheres.

E agora eu estou aqui, bebendo sem parar, depois de expulsar o cara que estava agarrando a menina que eu trouxe para morar comigo, pensei. Eu não sabia nada sobre ela, a não ser que se chamava Helena, e eu pretendia que continuasse assim até essa farsa acabar.

Eu já estava indo para o meu quarto quando a Jessica apareceu. Ela era prima do meu empresário, por isso sempre estava ao redor durante as turnês e festas. Eu era o seu preferido, portanto cada passo meu era observado por ela até que pudesse dar o bote e atacar. Jessica sempre escolhia meus momentos mais vulneráveis, quando eu estava bêbado pra caralho; caso contrário, eu nunca dormiria com ela. *Como estou agora, porém, não consigo rejeitar quando ela se aproxima me beijando e me levando para o quarto.*

Acordei na manhã seguinte com uma puta dor de cabeça e a Jessica nua na minha cama. Se não fosse pela dor que eu estava sentindo, brigaria com ela, mas, diante da situação, eu não podia mais fazer nada, por isso resolvi ignorá-la por completo. Levantei-me da cama e fui tomar um banho. Quando voltei, ela ainda estava dormindo, então resolvi colocar uma calça jeans e sair dali antes que ela acordasse e viesse me irritar. Além disso, já era tarde e eu estava morrendo de fome.

Cheguei à sala e a Helena estava na mesa tomando café. Sentei-me no outro lado, tomei uma xícara de café e saí. Quando voltei, todos os caras já

estavam tomando café, até a nossa assessora de imprensa já estava lá, passando a nossa agenda do dia. Tudo estava tranquilo e todos estavam conversando, até que a Jessica perguntou para a Helena quem era ela... Imediatamente notei que a Helena ficou sem reação, sem saber o que responder. Ela ficou vermelha e olhou para os lados em busca de uma resposta. Diante da sua angústia, resolvi responder:

— Ela é minha esposa – disse como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Eu não acredito nisso, Jack. Você está brincando comigo? Só pode ser brincadeira! Diz a verdade, quem é essa garota? — Jessica insistiu e ficou me encarando, esperando que eu negasse o que acabara de dizer.

Enquanto isso, meus companheiros de banda apenas deram risada, afinal eles não tinham nenhuma intenção de me ajudar a me livrar daquela mulher.

— O Jack está casado agora, Jessica! Portanto, vê se larga do pé dele — comentou o Jonas, o único que tentou me ajudar.

Enquanto isso, a Helena nem sequer olhou na minha direção. Com toda certeza, ela estava muito constrangida com aquela situação, pois todos perceberam que a Jessica dormiu comigo e o fato de ela estar usando a minha camiseta afirmava isso para quem ainda tinha dúvidas. Os meus amigos sabiam que o casamento era uma farsa, por isso nem ligaram, mas a Jessica e a Helena pareciam não partilhar da mesma ideia.

— Olha, Jessica, o assunto acabou. E vê se não me enche mais o saco. Agora eu vou sair para as entrevistas de hoje — encerrei os comentários deixando todos calados, inclusive a Jessica.

Alguns minutos depois, todos me esperavam em pé na porta. A Helena e a Jessica iriam com a gente, e era difícil saber como isso seria possível, pois as duas estavam quase se pegando minutos antes. Isso só podia ser obra do Mike. Enfim, o que interessava era que estávamos prontos para uma entrevista no auditório do hotel, logo depois de dar autógrafos e tirar fotos com algumas fãs.

Coloquei meus óculos estilo aviador e descemos juntos no elevador até o auditório, que estava lotado. Conseguimos chegar até os microfones no centro da sala apenas com a ajuda de nossos seguranças.

Essas entrevistas tinham as mesmas perguntas de sempre. “Como começou a banda? Quem ajuda a compor as músicas? Gostam do país que estão visitando?”. Enfim, já tínhamos as respostas prontas, porém, daquela vez, era diferente. A imprensa havia elaborado poucas perguntas sobre a banda, pois o assunto da vez era o meu casamento em Vegas. Eles tinham muita coisa para explorar e eu, pouca coisa a dizer.

— Eu me casei em Vegas mês passado e estamos muito apaixonados. E, neste momento, queremos um pouco de privacidade — falei já estressado com tantas perguntas sobre a minha vida pessoal.

— Só mais uma pergunta e a entrevista coletiva está encerrada — avisou nossa assessora, que percebeu que eu já estava irritado, e nessas situações eu sempre fazia merda.

— Ok! Tenho uma última pergunta então. Onde foi a lua de mel? — questionou uma jornalista no fundo da sala.

— Ainda não tivemos lua de mel. Casamos quando eu estava passando um final de semana em Vegas e depois saí em turnê. Por isso, eu a trouxe comigo. Assim que acabar nossa turnê saímos de férias, ou seja, de lua de Mel —, finalizei a entrevista e já estava me levantando, quando os jornalistas dispararam várias perguntas ao mesmo tempo.

— Ela está aqui com você? Apresente a sua esposa, Jack, seus fãs querem conhecê-la. Por que você a está escondendo? —, quis saber um dos jornalistas presentes.

— Ela está grávida? Por isso vocês se casaram tão rápido? — questionou outro Jornalista.

A situação estava fora de controle, por isso o Mike olhou para mim e imediatamente saiu da sala, voltando segundos depois com a Helena. Ele a coloca ao meu lado e percebi que a garota estava roxa de tanta vergonha, com

as bochechas rosadas e os olhos verdes bem abertos, parecendo em choque. Por isso, fiz a única coisa que conhecia para acalmá-la: segurei em seu rosto e o puxei para mim. Ela ficou ainda mais surpresa e tentou dizer alguma coisa, porém eu fui mais rápido e coloquei meus lábios nos dela. Nós nos beijamos como se estivéssemos sozinhos num quarto, até que fomos interrompidos por aplausos e felicitações.

Depois disso, Helena me olhou confusa, porém não falei nada. Na verdade, nem sei por que fiz aquilo. Saímos da coletiva e fomos dar autógrafos e tirar as fotos com nossos fãs, sempre a minha parte favorita, pois conseguia interagir com quem gostava da minha música, algo muito gratificante.

Dei uma olhada para os lados enquanto tirava a milésima foto e vi, num canto da sala, a Helena me observando e, no outro, a Jessica, quase me fuzilando com os olhos. Ela não gostou de saber que estava casado e dificultaria ao máximo a vida da Helena.

A rival

HELENA

"Você já me conquistou mesmo contra a minha vontade
Não se assuste se eu me apaixonar da cabeça aos pés
Eu não pude evitar, é tudo culpa sua"

Head Over Feet, Alanis Morissette

Depois do beijo fiquei totalmente sem reação e ainda não sei por que um cara que passou a noite com uma mulher beija outra no dia seguinte, mas ele era um astro do rock e podia fazer o que quisesse que ninguém falaria nada.

Saímos da coletiva de imprensa e seguimos direto para a sessão de fotos. Depois, ainda houve uma entrevista para uma revista adolescente e autógrafos para as fãs sorteadas por uma rádio de São Paulo.

Durante todo esse tempo, tive de acompanhar a banda ao lado da assessora deles, a Giovanna, e da Jessica, que não parava de me encarar. Parecia que os papéis tinham se invertido e ela era a esposa do Jack, pela maneira como ficava ao lado dele, e eu era a amante, isolada num canto. Não sabia o que fazer. Talvez se eu fosse embora ninguém percebesse. Tentei me afastar de fininho, mas antes de sair pela porta meu telefone tocou e todos viraram na minha direção. Pronto! Eu era o centro da atenção novamente e não gostava nada daquilo. Já não basta a vergonha que passara ao ser beijada na frente de tantas pessoas tirando muitas fotos minhas? *Pensando bem, acho que a minha cota de humilhação em público não tem fim.*

— Oh, me desculpe! Já vou atender — murmurei para as pessoas presentes na sala e saí de fininho para atender meu telefone sem nem olhar quem estava me ligando.

— Não se preocupe, gatinha, você nunca atrapalha — disse o Jonas

enquanto eu já estava fechando a porta da sala, na qual a banda tirava fotos com alguns fãs ganhadores de um sorteio.

— Alô, quem fala? — perguntei encostando na parede do corredor.

— É a sua mãe, Helena! Estou ligando para saber o porquê sua foto beijando um cara que nunca vi na vida passar de meia em meia hora na TV, com a seguinte legenda: "A esposa do astro do rock".

Eu não sabia o que dizer. *Como vou contar que sua única filha, sempre tão certinha, se casou em Vegas e com um astro do rock!?* Fiquei muda na linha por uns longos minutos até que a minha mãe começou a falar:

— Eu ainda estou na linha esperando a sua resposta! E torça para que eu acredite nela; caso contrário, estarei aí dentro de algumas horas no seu apartamento — resmungou aumentando o tom de voz.

Pelo que eu conheço da minha mãe, ela está muito nervosa, pensei com medo.

— Eu não estou no apartamento no momento, mãe. Agora estou morando com Jack, enquanto ele está no Brasil em turnê.

— Quem é Jack? — indagou, mais confusa ainda diante dessa história toda.

— Meu marido, o Jack — respondi como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Então é verdade! Você ainda nem completou dezoito anos e já está casada! É isso mesmo que eu ouvi? – questionou gritando tanto que quase estourou meus ouvidos.

— Eu estou casada, mãe, porém não é o que você pensa —, tentei explicar, mas sabia que era inútil.

— O que é então? Me explique, por favor, pois no momento estou muito confusa!

A minha mãe é muito esperta e saberá logo que tem coisa errada nessa

história. Aí, vai acabar sobrando para mim. Resolvi, portanto, dizer a verdade sobre o casamento de mentirinha, porém omiti o que aconteceu em Vegas. Ninguém precisaria saber como nos conhecemos. Era constrangedor demais para mim.

— Você inventou toda essa história para omitir que se casou com um completo estranho sem a nossa permissão na sua única viagem sozinha? — perguntou sem acreditar em uma palavra do que eu acabara de dizer.

A verdade era tão absurda que facilmente se confundiria com a mentira.

— Eu estou falando a verdade, mãe! Por que você não acredita em mim?

— E a faculdade, você vai largar? — perguntou preocupada.

— Claro que não! – disse o mais rápido que pude. – Eu só consegui uma dispensa de alguns dias. – *Espero que ela nem sonhe que consegui um atestado falso de alguns dias com um médico conhecido da Gabi. Se ela descobre, estarei com mais problema do que já tenho.*

— No momento a faculdade é o seu menor problema, portanto vamos resolver o outro agora. Amanhã à noite é o meu aniversário de 25 anos de casamento, você inventou um monte de compromissos e no final disse que não viria. Agora você não tem opção. Eu te espero amanhã aqui, com o seu marido, para termos uma conversar sobre esse casamento. Caso não apareça, eu e seu pai sairemos daqui ainda hoje, abandonando todos os preparativos para o jantar de comemoração, e vamos trazê-la de volta para casa na marra, você entendeu?

— Mas, mãe, eu não posso sair daqui agora, nem levar o Jack comigo. Você faz ideia de quem ele é? — indaguei tentando conseguir uma brecha.

— Eu não faço ideia e é por esse motivo que quero vocês dois na minha casa, sem desculpas, *amanhã*.

Ela foi tão enfática na última palavra que tive a certeza de que jamais poderia negar o seu pedido. Parecia que ela passaria pelo telefone e se materializaria na minha frente se eu fizesse isso.

—Tudo bem, mãe, vou tentar estar aí. Mas agora eu preciso desligar, já estou atrasada — disse rápido, querendo me livrar da sua fúria pelo menos até o dia seguinte.

Terminei a ligação mais assustada do que quando a atendi, pois não fazia ideia de como falaria com o Jack. Ele nunca aceitaria viajar comigo para a casa dos meus pais. *O que vou fazer? Estou desesperada e não sei como agir.*

Encosto na parede mais uma vez e deslizei até o chão, depois comecei a chorar ali mesmo, no corredor do hotel, até ouvir a porta se abrindo e as pessoas saindo da sala. Levantei-me rapidamente para ninguém perceber que eu estava chorando sentada no corredor, mas foi impossível disfarçar meus olhos inchados e vermelhos.

Algumas fãs saíram primeiro, chorando e exibindo seus autógrafos; depois, foi a vez dos seguranças, do Mike e da Giovanna. Os garotos da banda foram os últimos a aparecer, e até achei que consegui escapar sem que notassem a minha presença, muito menos que eu estava chorando, mas o Jack olhou para mim e meu disfarce acabou. Ele franziu a testa mostrando claramente que estava confuso, com a Jessica ainda ao seu lado, pendurada como um carrapato.

— Jessica, cai fora, vê se me erra. Eu preciso conversar com a Helena — disse tão ríspido e grosso que, se fosse eu, não saberia o que fazer.

— Claro, Jack — concordou com um sorriso falso na face. — Se você precisar de mim, estarei no meu quarto. — Emendou antes de sair pelo corredor nos deixando sozinhos.

— O que está acontecendo? E por que você está chorando? — perguntou olhando para mim pela primeira vez desde que cheguei aqui.

— Não é nada, eu estou bem. Foi apenas um cisco que entrou no meu olho — menti, tentando tirar o cisco inexistente que estava no meu olho.

— Você está brincando comigo, não é? Ou acha que vou acreditar nisso? — indagou irritado, porque sabia que eu não contaria a verdadeira razão das lágrimas na minha face.

— A minha mãe descobriu sobre o meu casamento pela TV e agora está exigindo que eu volte para casa e explique pessoalmente o que aconteceu — murmurei tão baixo que nem sabia se ele havia entendido.

Acho que não, pois ele está em silêncio...

Até que Jack disse:

— Por que você não vai para casa, então? É muito longe daqui? Podemos pedir para a Giovanna reservar uma passagem de avião — sugeriu, como se eu pudesse ir sozinha e aplacar a ira da minha mãe.

— Eu não posso ir sozinha – informei tentando terminar logo com essa conversa.

— E por que não? — questionou interessado.

— Minha mãe exigiu conhecer o meu marido e é por esse motivo que pediu que eu voltasse para casa, senão ela vem me buscar —, *não acredito que tive coragem de falar isso para ele! Agora deve pensar que sou uma criancinha morrendo de medo da mamãe.*

Jack virou de costas um minuto e depois respirou fundo, como se estivesse fazendo um esforço muito grande para perguntar, sem olhar para mim, com as mãos nos cabelos:

— Quando você precisa ir?

— Amanhã é o aniversário de casamento deles, por isso ela exigiu que eu comparecesse com o meu marido à festa — disse sem jeito. *Oh, meu Deus, tem como ficar pior do que isso?*

— Tudo bem, eu vou com você. O show é daqui a três dias, podemos ir e voltar no mesmo dia?

— Claro. Minha casa fica numa cidade uma hora de São Paulo — concordei sem acreditar que ele iria para a casa dos meus pais comigo.

— Então estamos resolvidos. Só preciso dizer ao Mike e aos caras que estamos indo. E poderemos sair amanhã, depois do café. O que você acha?

— Sem problemas, podemos sair amanhã cedo. Estarei pronta.

Ele olhou para mim mais uma vez, e depois saiu pelo mesmo caminho que os outros usaram anteriormente. Eu fiquei ali parada sem saber ao certo o que fazer, até que resolvi voltar para o meu quarto.

Girei a maçaneta esperando encontrar a sala cheia de assessores e outras pessoas, além da banda, que sempre estava por ali, mas não encontrei ninguém. Tudo estava calmo e num silêncio profundo. Então passei direto e entrei no meu quarto.

Já anoiteceu... Onde eles podem estar?, pensei sem saber ao certo se queria saber a resposta. *Não é por que ele aceitou viajar comigo que me deve alguma satisfação da sua vida pessoal.*

Ainda bem que não estava com fome. Fiquei beliscando alguns petiscos que estavam na mesa da sala preparada para as fotos e nem precisaria jantar. Tomei um banho demorado, coloquei uma camiseta da banda que ganhei da Giovanna e, antes de pegar no sono, liguei para a Gabi a fim de contar as novidades. Ela gritou tanto no meu ouvido que pensei ter ficado surda durante o telefonema, mas no final se acalmou e acabou entendendo que era só um favor que o Jack faria para mim e que daqui a alguns dias estaríamos separados e prontos para seguir nosso caminho.

Adormeci ouvindo uma das músicas da banda e acabei gostando dela. Apesar de as letras não serem nada românticas, as batidas eram legais e me ajudaram a pegar no sono mais rápido do que normalmente acontece quando estou preocupada e ansiosa.

Talvez não tenha sido uma boa ideia ter adormecido ouvindo a voz rouca do Jack tão pertinho do meu ouvido, pois tive um sono erótico com ele que só de lembrar já fico roxa de vergonha. *E agora? Como vou olhar para ele e não pensar nesse sonho, com ele passando aquelas mãos enormes por todo o meu corpo!?*

Levantei da cama e fui tomar um banho bem demorado, só para ver se conseguia tirar aquelas lembranças desagradáveis da minha cabeça. Nunca

tive um sonho assim com alguém que eu conhecesse. Era sempre com alguém imaginário ou famoso, que eu nunca poderia encontrar, por isso não tinha problema nenhum... *Mas espera aí! O que eu estou pensando? O Jack é famoso! Minha nossa! Acho que eu alterei a ordem natural das coisas.*

Terminei de me arrumar e dei uma última olhada no espelho. Nunca havia me preocupado com isso, mas agora, por alguma razão que eu desconhecia, estava muito preocupada. Coloquei uma jardineira jeans bem soltinha no corpo, com as costas todas à mostra e muito curta, como todas as roupas que a Gabi mandou para mim. O que ajudava a não ficar indecente era o jeans mais leve que acabou ficando soltinho nos lugares certos. Depois, amarrei meu cabelo num rabo de cavalo, coloquei um pouco de maquiagem, peguei minha bolsa em cima da cama e pronto. Não precisaria levar nenhuma roupa, pois tudo que tinha de mais formal ainda estava no meu guarda-roupa na casa dos meus pais.

Cheguei à sala e todos estavam tomando café da manhã na mesa farta que havia sido preparada bem no meio do cômodo. Sentei-me na cadeira mais próxima e recebi um assobio que só consegui identificar de quem era depois que o Jonas falou:

— Você está linda, Helena. Dormir te faz bem — afirmou gentil como sempre.

Fiquei morrendo de vergonha das pessoas presentes na mesa, mas ninguém percebeu a nossa conversa, uma vez que todos estavam conversando animadamente entre si. No entanto, não vi o Jack nem a Jessica. *Será que dormiram juntos novamente?*, pensei.

Peguei um copo com suco de laranja e bebi aos pouquinhos, enquanto aguardava alguém falar comigo. Os minutos se passaram sem que ninguém me perguntasse nada. Pensei em levantar e sair, mas o Jack apareceu no corredor, usando uma calça jeans que fica perfeita no seu corpo, parecendo feita exclusivamente para ele, além de uma camiseta preta de uma banda de rock que eu nem faço ideia de qual seja e um tênis. *Ele está lindo! Nem parece um astro do rock, mas ainda sim nunca passaria despercebido.* Ele se sentou na cabeceira da mesa e começou a tomar o seu café preto puro, comeu

algumas torradas com geleia e depois disse:

— Eu preciso do dia livre, Mike.

— Você deve estar brincando, não é mesmo? Estamos a dois dias do show e precisamos passar o som. Temos um estúdio reservado o dia todo só para isso — Mike comentou irritado.

— Podem ensaiar sem mim, então — informou sem se importar.

— Se não percebeu ainda, você é o vocalista da banda! É impossível ensaiar sem você! — resmungou nervoso e se levantou da mesa.

— Então precisamos de um dia de folga, porque estou saindo agora com a Helena para resolver um problema particular e só volto à noite.

Jack se levantou da mesa, colocou um boné preto e seus óculos estilo aviador, enquanto todos os outros olhavam na minha direção, esperando que eu explicasse por qual razão estávamos saindo juntos o dia todo. Bom, se o Jack que lhes devia satisfação não contou nada, não seria eu quem diria. Por isso, apenas me levantei e sigo-o até a recepção do hotel. Depois, saímos pela entrada de serviço para não chamar a atenção dos *paparazzi*.

—Já que você mora perto, pensei em ir de carro — disse abrindo a porta de uma Range Rover preta de vidros escuros.

— Sem problemas. É apenas uma hora de viagem. Logo estaremos lá — informei sentando-me no banco do passageiro ao seu lado.

— E já que estaremos apenas em família, acho que não tem necessidade de levar meus seguranças — completou dando partida no carro e saindo da rua lateral ao hotel.

— Prometo que você não será agarrado pelas minhas tias ou primas presentes —respondi e na mesma hora me arrependi muito, pois sabia que quando elas soubessem quem ele realmente era talvez nem sobrasse nada do Jack para contar história.

Lembrei-me das minhas primas mais do que atiradas e sorri ao me dar

conta da situação que nos esperava.

Andamos uns minutos em silêncio, até o Jack sintonizar o seu celular com o rádio do carro e começar a cantar uma música triste do Bob Dylan. Estávamos na metade do caminho, pois o GPS no qual colocara meu endereço antes do Jack ligar o carro marcava que faltam apenas 30 minutos. Decidi, então, perguntar:

— Por que você aceitou vir comigo? —perguntei e não o olhei, como se sua resposta não tivesse tanta importância assim.

— Você me ajudou enganando a imprensa sobre a gente, então decidi retribuir o favor. É apenas um dia e não vou morrer por isso, portanto estamos quites a partir de agora — disse mudando a música que estava tocando no rádio.

— Ok, mas mesmo assim obrigada pela ajuda. O Mike não gostou muito da ideia. Você pode ter problemas quando voltarmos — comentei preocupada, depois da cena que presenciara.

— Não se preocupe com ele. Na verdade, nem precisamos ensaiar, já sabemos as músicas de cor, portanto não teremos problemas para fazer o show de amanhã.

O restante do caminho foi percorrido apenas com algumas observações sobre o trajeto, até que chegamos em frente à portaria do condomínio no qual meus pais moravam. Depois de conversar com o segurança, recebemos autorização para entrar, e minutos depois descemos do carro em frente à casa onde passei a minha infância.

Entrei seguida por Jack, que pela primeira vez se mostrou um pouco nervoso com aquela situação. Continuei andando pela casa que conhecia tão bem, chamando pela minha mãe, até que a encontrei na cozinha preparando o almoço com a ajuda da Ester, nossa empregada, que trabalhava lá desde que éramos crianças.

— Olá, mãe e Ester, eu cheguei! — anunciei animada, abraçando as duas ao mesmo tempo.

Enquanto o Jack ficou encostado no batente da porta me observando.

— Oi, minha filha! Me desculpe não estar na sala te esperando. Eu estou ajudando a Ester com o almoço, já que temos muitas pessoas hoje para servir —explicou secando as mãos no avental branco que usava por cima do vestido florido.

Minha mãe ainda era linda e nem aparentava ter quase 50 anos, como ela gostava de frisar. Seus cabelos castanhos estavam sempre pintados, sem nenhum fio branco aparecendo, além de ter um corpo magro e esguio. Nós duas tínhamos os mesmos olhos verdes.

—Tudo bem! Não se preocupe com isso, agora me diz, a festa não será apenas à noite? Por que teremos tanta gente para o almoço? — perguntei sem entender todo o alvoroço na cozinha àquela hora.

— A sua tia Carmem resolveu vir mais cedo e chegou com as três filhas e seus respectivos maridos e namorados. O seu irmão Tiago chegou agora há pouco e trouxe a namorada dele e, ainda, a irmã dela. E agora tem você e o... —, ela pensou sobre o que falar, mas ficou olhando para o Jack sem saber o que dizer sobre ele.

Eu, então, resolvi facilitar e disse:

— O Jack. Mãe, eu trouxe o Jack —, terminei de falar por ela e aproveitei para apresentar minha mãe ao meu breve marido.

— Olá, Jack! É um prazer conhecer você — ela disse, dando um beijo no rosto do Jack e o abraçando em seguida.

— Oi, Joana, também foi um prazer conhecer você! — cumprimentou de volta parecendo surpreso com a manifestação espontânea de carinho.

Depois que a minha mãe conheceu o meu suposto marido, deixamos a Ester sozinha na cozinha e fomos até meu quarto.

— Espero que você não se importe. Quando soube que minha filhinha estava casada, resolvi trocar sua cama para uma maior, assim ambos poderiam ficar no seu quarto mesmo, já que não temos nenhum outro cômodo

vago no momento, diante da superlotação na qual estamos.

Eu não sei que remédio a minha mãe tomou para não surtar até agora, não sei se foi a presença impotente do Jack que mudou o sermão que estava pronto me aguardando. O fato é que nunca a vi tão feliz, talvez os tabloides sensacionalistas tenham mudado sua opinião da noite para o dia. Minha mãe não lembrava em nada aquela que me ameaçou por telefone.

— Sinta-se em casa e fique à vontade. Se quiserem, podem descer e encontrar os outros na piscina. Agora eu preciso ir e colocar a mesa para o grande almoço — informou saindo e fechando a porta do meu quarto.

Ficamos sozinhos. Enquanto o Jack olhava as minhas fotos em cima de uma cômoda, sentei-me na cama e fiquei esperando ele dizer alguma coisa.

— Você tem muitas fotos aqui? — questionou segurando uma foto de quando eu era criança sentada num parquinho.

— Sim, meu pai adora tirar fotos. Eu tenho praticamente todos os meus passos fotografados — expliquei um pouco sem graça por compartilhar uma informação tão simples e banal assim.

— É legal ter tantas fotos assim. Eu quase não tenho nenhuma da minha infância — murmurou colocando a foto de volta no lugar.

— Você gostaria de conhecer o meu irmão e as minhas primas? Estão todos na piscina, podemos descer se você quiser — indaguei pensando num biquíni que eu pudesse usar caso ele aceitasse nadar.

— Sim, podemos ir até a piscina. Eu não trouxe uma sunga, mas tem um short que eu poderia usar. Só preciso de um minuto — pediu, procurando algo dentro da sua mochila.

Enquanto o Jack se trocava no banheiro, procurei o biquíni menos criancinha que eu tinha. Depois de muito olhar e revirar todo o meu guarda-roupa, encontrei um biquíni preto de tiras que nunca usei, mas que achava que poderia servir. Deixei o Jack se arrumando no meu banheiro e fui até o outro, no corredor, onde coloquei o biquíni mais curto que já usei na vida. Ele não cobria nada e me senti nua, mas não podia descer usando meus biquínis

de bichinhos que usava normalmente. Pagaria um mico gigante.

Quando estávamos prontos, nos encontramos no corredor e descemos juntos até a piscina nos fundos da casa. O primeiro que encontrei foi o Tiago, que estava sentado numa das cadeiras tomando sol. *Meu irmão não se parece muito comigo, temos a mesma cor de cabelo, mas é só isso. Seus olhos são castanhos e sua pele é mais escura e bronzeada do que a minha. Ele corre nas horas vagas, mas odeia academias, portanto, se pudesse defini-lo, diria que é alto e magro, nada de músculos. Meu irmão foi feito para usar terno e gravata.*

— Oi, irmão! Quanto tempo, que saudades — disse abraçando-o para matar a saudade.

— Oi, maninha, sua sumida! Fiquei sabendo que você se casou! Que história é essa? Vai para a faculdade e se casa? — perguntou um pouco irritado com toda a bagunça que fiz com a minha vida naquele curto espaço de tempo.

— Podemos conversar depois? Preciso explicar muitas coisas — pedi com a carinha de cachorro que caiu da mudança e ele não teve como negar, mas sabia que ainda teria explicações para dar.

— Tudo bem, podemos conversar depois. Agora, quem é esse cara? —, quis saber, encarando o Jack, que estava do meu lado observando tudo até então.

— Esse é o Jack — apresentei meu falso marido para o meu irmão. Não sei ainda o que aconteceu, mas minha família estava agindo muito estranho em relação a esse casamento. Talvez fosse a comemoração dos 25 anos de casamento dos meus pais, ninguém queria começar uma briga com toda a família presente.

— E aí, cara, tudo bem?

Eles se cumprimentam tocando as mãos. Tiago observou a tatuagem no braço do Jack, fez um olhar de quem não aprovava, mas não disse nada.

Conversamos um pouco e depois eu saí para apresentar o Jack para o resto

das pessoas que estavam na piscina, entre primos e tios. Foi tudo tranquilo, até quando minhas primas chegaram para cumprimentar o meu marido. Mesmo sem reconhecer o Jack como vocalista da banda The Dangers, elas ficaram chocadas quando o viram usando apenas um short de surfista, mostrando todo o abdômen definido, aqueles olhos tão azuis que ainda não posso esquecer e os cabelos totalmente desgrenhados e sexy.

— Onde você encontrou esse homem? — perguntou a minha prima Renata, sussurrando no meu ouvido.

Jack conversava com a irmã da namorada do meu irmão, que estava toda deslumbrada.

— Eu... ah... Eu conheci ele em Vegas, quando estava de férias — expliquei prestando mais atenção na conversa toda animada de Jack com a fulaninha.

Ainda bem que o almoço estava pronto. Escutei minha mãe chamando lá na varanda. Eu peguei na mão do Jack e o levei para dentro de casa, trocamos de roupas e fomos almoçar na varanda mesmo, porque era o único lugar onde cabia todo mundo.

A festa

JACK

"Pode ser o rosto que não consigo esquecer
O caminho para o prazer ou para o desgosto
Pode ser meu tesouro ou o preço que tenho que pagar
Ela pode ser a música que o verão canta"

She!, Elvis Costello

Durante o almoço conversamos sobre amenidades, e para a minha alegria ninguém me reconheceu. E eu estava adorando. Viver o cotidiano de uma família pela primeira vez na minha vida era no mínimo interessante. Estava concentrado na comida —, que por sinal, estava deliciosa —, até que a mãe da Helena me perguntou:

— Você é americano, mas fala perfeitamente português. Onde aprendeu?

Todos à mesa olharam para mim esperando a minha resposta.

— Eu aprendi ainda quando era criança — expliquei. — Acho que é por isso que falo tão bem. Eu tinha um amigo brasileiro e brincávamos juntos. Ele me ensinou a falar português — finalizei com a cabeça baixa como se não fosse importante.

— Você pretende morar aqui agora? —perguntou uma das primas da Helena curiosa.

— Não, claro que eu não pretendo morar aqui. Vou ficar no máximo um mês — falei surpreso com a pergunta idiota dela. *Realmente, elas não fazem ideia de quem eu sou.*

Os olhares que recebi não eram os melhores, principalmente o do pai da Helena, que acabara de chegar e ficou parado perto da mesa, olhando-me

extremamente irritado.

— Então pretende levar minha filha com você para os Estados Unidos? — questionou querendo arrancar a minha cabeça, se não fosse pelos familiares presentes tenho certeza que era isso que faria a seguir.

Mais uma vez, todos olharam em minha direção, esperando que eu falasse alguma coisa que pudesse acalmar a fera.

— Eu não sei, ainda não pensamos nisso — disse sem encará-lo, pois certamente ele saberia que eu estava mentindo. *Na verdade, estou apenas esperando sair o divórcio para seguir com a minha vida e esquecer que um dia estive casado*, tive vontade de dizer.

— Ah, pai, eu nem apresentei! Esse é o meu marido, o Jack — disse Helena pela primeira vez, tentando me ajudar.

— Eu sei quem ele é, minha filha — respondeu sem paciência e tive a confirmação de que ele estava se segurando para não decepcionar a filha, a mulher e todos que estavam esperando uma festa daqui algumas horas.

—Tudo bem — concordou sem coragem de fitar os olhos do pai, ela estava envergonhada por ter se casado comigo, quase ri da ironia. Tantas mulheres para me casar e fui logo escolher a única que tive vergonha de mim.

– Se todos estamos apresentados, podemos almoçar antes que a comida esfrie – Joana tentou acalmar a situação.

Comemos quietos durante todo o almoço. Eu não sabia o que estava fazendo naquele lugar. Na verdade, a minha intenção era ajudar a Helena, mas havia forçado a barra daquela vez e tive um pressentimento de que aquilo não daria certo.

O restante do dia eu quase nem vi a Helena; apenas nos cruzamos uma vez no corredor. Passei a tarde na piscina tomando caipirinhas com o irmão dela, a namorada e a cunhada dele, que não saiu da minha cola um minuto sequer. *Ela nunca me erra! Se eu estivesse no meu território, já a tinha levado para um quarto e dado um trato legal, mas aqui, na suposta casa dos meus sogros, eu não posso vacilar. Afinal, para todos os efeitos, sou um cara casado. E a*

Helena tinha que aparecer maravilhosa naquele biquíni mais cedo? Quando vi Helena, fiquei impressionado e descobri na hora por que mesmo bêbado eu me casei com ela em Vegas.

Depois de algumas caipirinhas e outras bebidas cujos nomes eu nem sei quais eram, resolvi não investir e ignorar todas as insinuações da cunhada de Tiago. No entanto, a menina não desistia nunca e até no meu colo quis se sentar. Minha sorte foi que o irmão da Helena percebeu.

— Olha, cara, me desculpe por isso — disse apontando para a cunhada sentada ao nosso lado, que, naquele exato momento, estava fazendo *topless* na nossa frente. — Ela é sempre atirada assim. É só você não ligar que uma hora ela se cansa e parte para outra.

— Ou eu resolvo atacar e apago logo esse fogo todo — resmunguei sem realmente querer que ele me entendesse.

Depois de resistir bravamente às investidas da garota na piscina, finalmente estava na hora do grande jantar. Todos se arrumavam para a comemoração no salão do condomínio, já organizado esperando por nós.

Voltei para o quarto da Helena e encontrei-a saindo do banheiro enrolada numa toalha. Quando ela me viu entrando, ficou tão assustada que deixou cair a toalha e acabou nua na minha frente. Eu apreciei a vista sem desgrudar os olhos daquele corpo maravilhoso e imediatamente me lembrei de estar dentro dela naquela noite em Vegas. Fiquei ansioso para repetir a dose, porém, antes que eu tivesse uma pequena chance, ela se abaixou envergonhada e pegou a toalha, enrolando-se rapidamente com ela.

— Desculpe se eu a assustei. Não foi a minha intenção — expliquei sem entender a cena que acabara de acontecer na minha frente.

Eu estava acostumado com as mulheres se jogando na minha cama, e não o contrário. Elas estavam sempre tirando a roupa para mim, e jamais se cobrindo.

—Tudo bem, fui eu quem se assustou. Você não teve culpa — comentou baixinho ainda muito envergonhada com o que acabou de acontecer.

— Será que posso usar o banheiro? — perguntei ainda olhando para o seu corpo recém-coberto.

Precisava com urgência de um banho frio depois de resistir bravamente às investidas da garota na piscina e de ver a Helena nua. Aquela situação havia tirado toda a resistência que eu ainda tinha, e estava no meu limite. *Tenho de resolver meu problema agora*, pensei.

— Claro! Eu já usei, e você pode entrar sim...

Nem a esperei terminar de falar e já estava entrando no banheiro e trancando a porta atrás de mim.

Fiquei algum tempo debaixo de uma ducha de água extremamente fria até o meu corpo voltar ao normal, afinal era apenas uma noite e eu poderia ficar sem sexo.

Quando acabei, já estava mais calmo e saí de fininho ainda procurando a Helena pelo quarto, mas ela provavelmente já havia descido para a festa. Portanto, joguei longe a toalha na qual eu estava enrolado e abri minha mala à procura do meu terno Armani, o único que eu tinha trazido comigo, para usar em ocasiões mais formais. Nunca pensei que iria usá-lo naquela ocasião, mas fiquei surpreso por estar bem nele.

Depois de vestido, passei meus dedos nos cabelos molhados e saí do quarto em direção à festa, que, àquela altura, já havia começado. Antes de chegar lá, porém, esbarrei com uma garota no corredor, que só não caiu no chão porque eu consegui segurá-la.

— Tenha mais cuidado por onde anda! — disse irritado, mas não fiquei surpreso quando percebi que era a mesma garota da piscina, e ela estava usando um vestido tão curto e justo no corpo que eu seria capaz de contar cada curva dela.

— Desculpe, eu não vi você... — falou olhando para mim e deslizando as mãos para cima e para baixo do seu corpo.

Eu não sabia como ignorar aquele convite tão claro para um sexo sem compromisso, mas a verdade é que usei todas as minhas forças recém-

adquiridas num banho frio e saí disparado para o salão onde a festa acontecia, deixando a garota parada no corredor sem acreditar que eu a havia rejeitado mais uma vez. Nem eu estava acreditando que acabara de recusar uma transa fácil. Os caras da banda iriam surtar se soubessem o que eu havia acabado de fazer.

Quando cheguei ao local da festa, o salão já estava cheio. Procurei em todos os lugares e depois de alguns minutos encontrei a Helena usando um lindo vestido de cetim que realçava suas curvas. A cor nude dele combinava perfeitamente com o seu tom de pele.

— Desculpe o atraso — sussurrei no ouvido dela.

— Não se preocupe com isso — respondeu parecendo aflita, olhando de um lado para o outro, como se estivesse esperando alguém chegar.

— Então, por que você está tão preocupada? — perguntei inquieto tentando saber o motivo de tanta apreensão.

— É que a banda que a minha mãe contratou para a festa não apareceu até agora e provavelmente eles não virão mais. Minha mãe está desolada, pois a festa à qual ela se dedicou tanto tempo está praticamente arruinada.

— Não acho que a festa estaria arruinada só porque a banda não compareceu — comentei sem entender o motivo de tamanha preocupação.

Helena, porém, pareceu não compartilhar da minha opinião e continuou olhando de um lado para o outro na esperança de que os músicos entrassem no salão. Como já estava ficando tarde, contudo, tivemos a certeza de que eles não viriam.

—Você não conhece a minha mãe. Se não tiver uma banda tocando agora nesse palco improvisado, ela vai acabar surtando bem na festa de comemoração aos 25 anos de casamento.

—Tudo bem, eu posso ajudar. Não temos uma banda, mas todos os instrumentos estão no palco eu posso tocar algumas músicas.

—Você tem certeza? Não é nenhum show de rock, é apenas uma

comemoração simples — falou receosa.

—Tudo bem, eu posso fazer isso — disse convicto tentando acalmá-la. Afastei-me devagar e

subi no palco para afinar um violão que estava num canto atrás da guitarra, observei os instrumentos e, quando tudo estava pronto, sentei-me num banco no centro, arrumei o violão no meu colo, levantei o pedestal do microfone e comecei:

— Boa noite, galera, meu nome é Jack e faz algum tempo que não canto sozinho assim; por isso, tenham paciência comigo. Agora, vamos ouvir um pouco do Rei do Rock. Na verdade, é a sua música mais romântica, especialmente para o casal que comemora aniversário hoje.

Depois que chamei a atenção das pessoas para o palco, iniciei os acordes da tão famosa música de Elvis. A galera aplaudiu e começou a prestar atenção em mim, mas, quando cantei o refrão, reconheceram a minha voz. As garotas se aproximaram do palco, tirando fotos e gritando histéricas.

— Pessoal, olhem! É o Jack, vocalista da banda The Dangers! — gritou uma das garotas na minha frente.

Apesar do alvoroço das garotas paradas na minha frente, continuei a cantar. No refrão da música, olhei para a Helena, que estava parada num canto, curiosa, olhando as garotas se jogarem na minha frente. No final da música, as pessoas já estavam alvoroçadas pedindo mais.

— Mais um! Mais um! Mais um! — pediam as meninas à minha frente.

Olhei em volta, procurando meus companheiros de banda, mas estava sozinho no palco. Era uma sensação estranha a de cantar sem interagir com meus colegas, porém, como haviam descoberto quem eu era, não teria como escapar. As meninas gritavam nomes das minhas músicas, algumas das quais eram pesadas demais para serem cantadas numa ocasião como aquela. Entretanto, a versão acústica da música “Stay Alone” soaria interessante no momento. Segurei, então, o vilão apoiado no meu colo e dedilhei os primeiros acordes. As meninas gritavam sem parar, reconhecendo a música

que nos deixou por semanas em primeiro lugar na *Billboard*.

É interessante o poder que a música tem. Aquelas garotas provavelmente nunca haviam me visto na vida, mas, naquela noite, elas agiam como se me conhecessem a vida inteira e cantavam junto cada palavra, cada frase e, por fim, cada refrão em inglês como se fosse sua língua materna.

No início eu fiquei tímido por estar sozinho no palco e senti-me estranho, mas, quando comecei a cantar as músicas que compus e que conhecia tão bem, o cantor de rock em mim se soltou e eu me senti em casa naquele palco improvisado, apenas com um violão. No final, erámos apenas eu e a música, e nós nos entendíamos perfeitamente bem. Um palco era o único lugar onde eu poderia dizer que era livre.

Era para cantar apenas algumas músicas, mas as pessoas pediam mais cada vez que uma canção acabava. Eu já estava todo suado e tive até que tirar meu paletó, ficando só com a camisa branca de baixo.

Olhei para o lado e vi a Helena me chamando, junto com alguns seguranças da festa, por isso me despedi convidando a todos que comparecessem ao meu show em São Paulo, no dia seguinte. Ao sair do palco, as meninas me agarraram, segurando meu pescoço, tentando beijar meu rosto e até minha boca (se eu não tivesse virado na hora, elas teriam conseguido). Apertaram a minha bunda e rasgaram a minha camisa, e se não fossem os seguranças eu teria sido esfolado vivo, cada parte do meu corpo ficando com uma delas.

Depois que descobriram quem eu era, não consegui ficar mais na festa, por isso a Helena pegou uma garrafa de champanhe e duas taças e subimos juntos para o nosso quarto. Eu estava exausto depois de tanto empurra-empurra, então tirei o resto da camisa que ainda estava no meu corpo e me deitei no tapete ao lado da cama. A Helena me observou por um momento, depois abriu a garrafa de champanhe, derrubando um pouco do líquido no tapete enquanto enchia as taças.

— Você quer um pouco? — ofereceu.

— Eu vou aceitar — respondi pegando a taça e bebendo tudo num gole

só.

Depois, coloquei a taça para ela encher e bebi tudo novamente, enquanto ela me olhava surpresa.

— Você realmente estava com sede. Que tal pegar a garrafa? — sugeriu, ficando apenas com uma taça para ela. Nem pensei duas vezes, tomei um longo gole no gargalo e dei um sorriso simpático.

— Eu estou com sede, mas podemos dizer que esse champanhe gelado está uma delícia — comentei e dei mais um longo gole.

Essa bebida é tão fraca que serão necessárias muitas garrafas para me deixar um pouco tonto.

— Jack, eu gostaria de agradecer por ter me acompanhado nesta festa e, ainda por cima, por dar um show particular. Minha mãe está encantada e os convidados ficaram entusiasmados — agradeceu um pouco envergonhada e com o rosto todo vermelho.

— Tudo bem! Eu só estou retribuindo tudo o que você já fez por mim — respondi tomando o último gole da garrafa de champanhe.

— Quanto tempo você acha que vai demorar para sair nosso divórcio? — Helena me questionou olhando para o chão.

— Por que você está doida para se livrar de mim? — questionei abrindo um sorriso ao largar a garrafa num canto do quarto.

— Não é nada disso! Apenas achei que você queria ficar livre de mim — comentou me olhando nos olhos pela primeira vez naquela noite.

— Digamos que podemos aproveitar o momento; quando ele acabar, pensamos nisso — disse olhando com malícia para seus lábios carnudos.

— O que você quer dizer com isso? — Helena indagou toda inocente, sem fazer ideia das coisas sujas que eu queria fazer com ela.

Continuei olhando fixamente para seus lábios até que não consegui mais resistir. Aproximei-me devagar esperando que ela se afastasse de mim, mas o

que ocorreu foi exatamente o contrário. Quando eu menos esperava, ela estava sentada no meu colo. Nós nos beijamos desesperadamente, sugando um o lábio do outro, como se fossem a primeira e a última vez.

O beijo

HELENA

"Beije-me sob o crepúsculo
Leve-me pra fora, no chão iluminado pela Lua
Faça a banda tocar e faça os vaga-lumes dançarem"

Kiss me, Sixpence None The Richer

Não era para ser assim, eu não o chamei até aqui para isso!

Eu não poderia me entregar daquele jeito novamente! Eu tinha plena consciência de que o corpo dele colado ao meu e seu toque eram irresistíveis, então me entreguei por completo, sem medir as consequências. *Não sei o que ele tem, mas quando chega perto de mim, consegue me fazer perder o controle e me molda igual a uma massinha de modelar*, pensava. O beijo era tão intenso e quente, suas mãos estavam por toda parte, e meu vestido foi arremessado do outro lado do quarto.

— Você é linda, sabia? — indagou descendo as mãos para os meus seios e beijando o meu pescoço.

— Claro que não! Eu sou uma garota como outra qualquer — respondi muito envergonhada com o elogio.

— Você não é apenas uma garota! Você é a garota que me deixa louco, ou melhor, seu corpo me deixa doido.

Ele parou de falar e começou a beijar todo o meu corpo, sem deixar escapar de seus carinhos cada pedacinho dele. Minhas peças íntimas foram retiradas e fiquei nua nos seus braços. Seus olhos brilhavam de desejo quando me olhavam e eu sorria em resposta.

O Jack voltou a me beijar com luxúria e tirou suas calças. Depois, ele me

deitou no tapete e voltou a tocar cada pedaço do meu corpo com os lábios, como se precisasse sentir o meu gosto, saborear minha pele como se fosse a comida mais saborosa que ele já experimentara na vida. Trocamos carícias como eu nunca imaginei que poderia experimentar, e tudo foi tão intenso e prazeroso que senti minhas pernas tremerem com um orgasmo intenso e arrebatador com a língua dele no meio das minhas pernas. Foi incrível. Se não estivéssemos sozinhos em casa, todos teriam me escutado.

Já estava mole nos braços dele, quando escutei um plástico se rasgando. Jack ficou sobre mim novamente, mas nada se comparava a ser preenchida por ele, uma sensação que jamais esqueceria em toda a minha vida! Sem perceber, estava gritando e segurando as costas dele como louca. E foi assim que percebi que chegava ao clímax. Foi incrível! Gozar com ele dentro de mim foi mais que perfeito! Foi maravilhoso!

— Você é tão perfeita para mim! Eu tinha me esquecido dessa sensação, de estar dentro de você, mas agora que experimentei novamente não quero em hipótese alguma perder você de novo — sussurrou no meu ouvido enquanto adormecemos deitados no tapete, no chão do meu quarto.

Acordei quando a claridade bateu em meu rosto. Olhei em volta, mas o Jack não estava mais do meu lado. Eu estava sozinha e imediatamente senti um vazio por não estar em seus braços como na noite maravilhosa que passamos juntos. Levantei-me, fui até o banheiro e tomei um banho. Depois, coloquei uma calça jeans e uma blusinha soltinha no meu corpo, amarrei meus cabelos num rabo de cavalo, passei protetor solar, um brilho labial e pronto, estava apresentável.

Desci as escadas seguindo o barulho das pessoas na cozinha. Quando me viu minha mãe abriu um sorriso, enquanto meu pai beijava a minha testa e dizia:

— Você está linda, minha filha.

— Obrigada, pai — agradeci um pouco tímida, pois odiava receber elogios, ainda mais em público, mesmo que a maioria das pessoas já tivesse ido embora.

Vi meu irmão Tiago e a sua namorada Karina, além da oferecida da irmã dela, muito sorridente, conversando com o Jack. *Essa garota não se toca!*, pensei. *Para completar, ele está dando a maior bola para ela. Que vontade de esganar esse cara! Será que ele esqueceu a noite passada? Não pode ser!*

— Sente-se aqui, querida, ao lado do seu marido — pediu Joana toda animada, parece que o efeito da festa ainda não passou. Ou ter visto o Jack no palco a noite passada nublou seus pensamentos.

— Eu gostaria de agradecer ao Jack por ter cantado ontem na festa. Se não fosse por ele, sua mãe estaria chorando até agora — disse meu pai olhando para o Jack e para mim.

— Foi um prazer cantar na sua festa, senhora Joana – Jack agradeceu olhando para a minha mãe e tomando um gole do seu suco de laranja, como se não fosse tão importante o que ele havia feito.

— Obrigado, Jack. Ter um show de rock no aniversário de casamento dos meus pais foi muito irado! — emendou meu irmão deixando suas reservas quanto ao Jack de lado por enquanto.

— Eu não imaginava que iria encontrar o vocalista da banda The Dangers nessa festa simples! Minhas amigas vão pirar! Eu sabia que conhecia você de algum lugar, já que não é um cara que passa despercebido, mas nunca achei que fosse o famoso Deus do Rock, Jack, em pessoa, aqui na minha frente! Eu acho que as fotos que tiramos não serão suficientes para comprovar que estou falando a verdade quando voltar para casa.

O Jack apenas abriu um sorriso e continuou a comer sua torrada com ovos mexidos, enquanto minha mãe olhava para mim, percebendo imediatamente o meu desconforto com a situação. No entanto, ela sabia que eu era muito calma e jamais faria um escândalo na mesa.

O que o Jack disse em seguida, porém, deixou-me furiosa:

— Você pode ir ao meu show hoje à noite. Se quiser, posso pedir para o Mike colocar vocês na lista VIP! — convidou arqueando as sobrancelhas e esperou a resposta da garota toda oferecida, que estava toda animada,

brilhando mais que uma árvore de Natal.

– Claro que vamos! Não é mesmo, Karina? — perguntou para a irmã quase gritando de tão empolgada que estava.

— Sim, claro que podemos ir! Se o Tiago concordar, é claro — comentou Karina olhando para meu irmão e esperando a sua resposta.

— Estou me sentindo um pouco pressionado neste momento, mas confesso que será um prazer assistir ao seu show, Jack — respondeu empolgado com o convite.

— Vocês também estão convidados — Jack avisou aos meus pais.

— Sinto muito por perder essa oportunidade, mas saímos hoje para o Havaí numa segunda lua de mel — disse Joana olhando para o meu pai.

Os dois sorriram ao mesmo tempo, muito felizes com a viagem.

— Tudo bem! Podemos deixar para outra oportunidade. Agora eu também preciso ir, pois estou atrasado para passar o som no local do show. Meus companheiros de banda devem estar me esperando... Tenho de ir agora mesmo.

Ele se despediu de todos, pegou sua mochila e caminhou para o carro sem nem olhar para trás. Eu abracei meus pais, desejei-lhes uma boa viagem e saí correndo em direção ao carro. Quando lá entrei, o Jack deu a partida, acelerou e saímos do condomínio rumo a São Paulo. Acenei para os meus pais, que estavam na varanda. A cunhada do meu irmão pulou e gritou o nome do Jack sem parar. Ele baixou o vidro e jogou um beijo para a garota oferecida, e eu imediatamente fechei a cara. *Quem ele pensa que eu sou?*

A viagem começou num silêncio desconfortável. Eu não conseguia entender o que havia acontecido para ele estar tão frio comigo e, ainda por cima, dando a maior bola para a cretina da Isabella. *O que será que fiz de errado?* O clima era tão tenso que não sabia como agir.

Quando estávamos quase chegando ao hotel, resolvi quebrar o silêncio, já que era a minha última oportunidade de saber o que estava acontecendo.

— O que está acontecendo? O que eu fiz de errado? — perguntei olhando para ele pela primeira vez durante a viagem.

— Você não fez nada. Na verdade, a culpa é minha — falou segurando o volante com tanta força que seria capaz de sair em suas mãos a qualquer momento.

— Eu não entendo. O que você quer dizer com isso?

— A noite passada foi um erro, nós não deveríamos ter...

— Feito sexo — completei sem nem deixar que ele terminasse de falar. — É isso? Você está arrependido? — perguntei indignada.

— Não é isso, não foi só o sexo. Nós não podemos fingir que esse casamento é real. Eu não sei fazer o papel de marido de alguém... Ter apenas uma mulher e ainda ter filhos. Isso não é para mim, portanto acho melhor cortar o mal pela raiz. Podemos continuar juntos até o divórcio sair; depois disso, cada um deve seguir o seu caminho. Você pode encontrar o cara perfeito para você, pois eu não sou e não pretendo ser esse cara.

— Você sabia que eu era virgem antes daquela noite em Las Vegas? — indaguei olhando pela janela com muita vergonha de encará-lo novamente.

— Sim, eu sabia! Não precisa me lembrar disso a todo momento. E, pelo que eu me recorde, não te forcei a nada. Você se entregou para mim por livre e espontânea vontade.

— Eu sei disso! Na verdade, antes de ontem à noite eu nem sequer me lembrava do que havia acontecido em Vegas, mas as lembranças estão vivas na minha memória e fica mais difícil me afastar de você.

— Não sei como você vai fazer, mas não podemos ficar juntos. Disso eu tenho certeza.

— Como você tem tanta certeza disso? A noite passada foi tão ruim assim? — sussurrei a pergunta, nem sei como ele foi capaz de ouvir.

— Não quero falar sobre a noite passada! O que interessa aqui é que você

e eu não podemos ficar juntos. Somos muito diferentes e queremos coisas totalmente opostas, por isso é melhor nem tentar.

—Tudo bem! Se é assim que você quer, podemos fingir que a noite passada nunca aconteceu — murmurei decepcionada com o que acabei de ouvir.

—Sim. É isso que eu quero — confirmou curto e grosso, colocando um fim à nossa conversa.

Minutos depois, chegamos em frente ao hotel, onde uma multidão de repórteres nos esperava. O Jack desligou o carro e imediatamente milhares de flashes foram disparados em nossa direção. Com a ajuda dos seguranças da banda e do hotel, conseguimos sair do carro e entrar na recepção. Em nenhum momento ele falou comigo. Subimos em total silêncio até o quarto onde estavam os integrantes da banda e a oferecida da Jessica. *Não sei se vou conseguir suportar todo esse joguinho inútil*, pensei entristecida.

Entramos na cobertura, mas não cumprimentei ninguém, apenas saí correndo para o meu quarto. Entrei, tranquei a porta atrás de mim e desabei na cama, chorando tudo que tinha direito.

— Eu preciso sair daqui! — resmunguei em voz alta. Não aguento ficar aqui olhando para ele, enquanto ele sai com outras mulheres e ainda as leva para o quarto. Meu Deus, eu não vou suportar! Tudo isso porque, no meio de toda essa dor, descobri que estou perdidamente apaixonada por ele.

Enquanto estava debruçada na cama chorando, o meu telefone tocou. Pensei em não atender, mas desisti da ideia quando vi o nome da minha melhor amiga brilhar na tela.

— Oi, Gabi. Que saudades, garota! — disse sentando-me na cama e enxugando as lágrimas com as mãos.

— O que aconteceu? Sua voz está estranha! Você estava chorando? — perguntou preocupada.

— Sim! Eu estava chorando, porque minha vida é uma merda!

As lágrimas voltaram a descer pelo meu rosto enquanto contava para minha amiga tudo que havia acontecido comigo na noite anterior. Ela não se atreveu a dizer uma só palavra enquanto ia descrevendo todos os acontecimentos, um por um, sem esquecer nenhum detalhe.

— Eu não sei o que dizer, querida. Esse cara é um verdadeiro canalha. Você deveria voltar para casa — concluiu, pela primeira vez preocupada desde que começou toda essa bagunça com o Jack.

— Eu sei disso! Mas deixe-me pensar um pouco amanhã e aí eu decido. Agora preciso me preparar para o show. Meu irmão está vindo e eu não vou deixar que ele desconfie de nada, pelo menos por enquanto.

—Tudo bem, então arrasa nesse show! Procure bem na sua mala, tem o vestido perfeito para isso — comentou mais animada depois que parei de chorar.

— Obrigada pelo carinho! Eu já estou bem melhor! Até mais, Gabi. Eu te ligo amanhã.

Depois daquele telefonema, já estava me sentindo melhor, por isso tomei um longo banho e saí do banheiro renovada. Nem parecia que eu havia passado a tarde toda chorando. Abri a minha mala em busca do vestido perfeito que a Gabi mencionara ao telefone e, para minha surpresa, eu o encontrei: era um microvestido vermelho, apenas com uma falsa pele em algumas partes; em outras, havia um lindo tecido bordado. Enfim, era é o tipo de vestido que arrasa, por isso nem pensei em procurar outro. Resolvi colocá-lo e ele serviu perfeitamente, porém nada mais entraria no meu corpo depois dele.

Fiz uma maquiagem mais pesada, enrolei as pontas do meu cabelo e coloquei um salto vermelho. Dei uma olhadinha básica no espelho e tive a aprovação de que precisava. Respirei fundo, ainda estava um pouco abalada, mas peguei minha bolsinha preta e fui para a sala de estar. Quando cheguei lá só encontrei a Giovanna digitando algo no celular. Ao perceber a minha presença, ela se levantou e me olhou surpresa.

— Nossa, garota, você está linda! Eu estava apenas esperando você; acho

que agora podemos ir — anunciou se levantando para ajeitar seu vestido preto básico.

Saímos juntas e um carro nos esperava na porta do hotel. Entramos e nos direcionamos para o show. Quando chegamos ao estádio, a Giovanna colocou uma credencial VIP no meu pescoço e seguimos para os bastidores. Paramos ao lado do palco, perto de outros convidados, bem como meu irmão, sua namorada e, para minha tristeza, a irmã dela, toda feliz e sorridente num vestido azul curtíssimo e usando um batom vermelho.

— Olá, irmãzinha! Como você está linda! Se não fosse casada, os caras cairiam matando — meu irmão disse me abraçando.

— Oi, Tiago! Acho que não mereço todos esses elogios, mas eu agradeço — falei retribuindo seu abraço.

No instante em que os primeiros acordes soaram, o público delirou e gritou. O show foi impressionante, não poderia negar! O Jack era um verdadeiro Deus do Rock, e seus companheiros de banda não ficavam para trás! Eles arrasaram, a música era contagiante e fazia a galera dançar e pular sem parar. A performance de Jack foi perfeita e as mulheres que estava assistindo ao show deliraram quando ele arrancou a camiseta preta que estava usando, com a qual secou o rosto, jogando-a depois para a multidão.

Era madrugada quando o show terminou, por isso me despedi do meu irmão e da namorada dele. A oferecida da Isabella resolveu ficar e seguir com a banda para uma festa pós-show numa boate que a Giovanna e o Mike fecharam só para comemorar. Pensei em voltar para o hotel, mas desisti quando vi a cunhada do meu irmão e a Jessica agarradas nos braços do Jack, que sequer olhou para mim.

Se é assim que vai ser, pois bem, eu também sei jogar esse jogo e vou entrar para ganhar, pensei em desafio. Quando o Jonas passou por mim e segurou na minha cintura, convidando-me a ir com ele, eu não pensei duas vezes e segui com ele para a boate.

Quando meu plano deu errado

JACK

"Eu posso falar pelo teu olhar
Eu posso falar do teu modo de suspirar
Que tu sabes que eu tenho pensado em ti
E tu sabes o que eu quero fazer"

Love Song, AC/DC

Eu pensei que quando a Helena me visse com duas garotas, ou melhor, com a Jessica e a cunhada de Tiago, ela desistiria de ir à comemoração, porém a reação dela foi totalmente contrária, e no final do show estávamos todos juntos numa van indo para a boate que o Mike tinha reservado. Para completar minha angústia, a Helena usava um vestido que estava me tirando do sério, e meu primo sabia disso, pois não largava a cintura dela por nenhum segundo sequer, mesmo depois dos olhares assassinos que eu dei na sua direção e que não serviram de nada. Eu não estava acreditando! Por que será que estava me importando tanto? *Acho que preciso de uma bebida para parar de pensar nessa garota*, concluí em pensamento.

Quando chegamos à boate, todos desembarcamos e as meninas que estavam comigo desceram sorrindo, ainda penduradas nos meus braços, enquanto meus outros companheiros foram sozinhos, olhando em volta à procura de uma mulher para curtir a noite – exceto Jonas, que segurava a Helena pela cintura. *Ele só pode estar tirando uma com a minha cara.*

— Vamos nos separar, cara! Agora vamos à caça. E como você já está casado, e muito bem acompanhado, vamos deixá-lo sozinho — Freddy disse olhando para as garotas que estavam agarradas aos meus braços e levando os outros caras com ele.

—Tudo bem! Eu sei me cuidar sozinho. Vocês, rapazes, podem ir —

respondi entrando na boate com a ajuda dos seguranças, por causa da aglomeração de pessoas na porta.

Entramos numa sala VIP reservada apenas para nós. Observei que o Jonas e a Helena não estavam lá, então olhei para baixo na pista de dança à procura dos dois, porém não os encontrei. Foi então que vi a Helena no bar bebendo um copo atrás do outro, enquanto o Jonas apenas ria e conversava muito perto do seu rosto para o meu gosto. Pensei em descer, mas a irritante da Jessica abraçou a minha cintura por trás, como se eu fosse gostar da surpresa bizarra; na verdade, eu odiei. Desvencilhei-me das garras dela o mais rápido que pude e fui pegar uma bebida; depois, fiquei num canto da sala observando enquanto a Helena seguia para a pista de dança agarrada ao Jonas.

Quando eles começaram a dançar, toda a minha concentração foi para o ralo. Segurei o copo com tanta força que ele poderia quebrar a qualquer momento na minha mão.

Eles estão dançando muito colados, não dá para saber onde começa o Jonas nem onde termina a Helena, pensei desesperado. *Eles parecem estar transando na pista de dança e eu quero arrebentar o meu primo por isso!* Quando minha raiva já estava numa escala impossível de controlar, corri em direção à pista e puxei a Helena dos braços de Jonas.

— Calma, cara! Nós estávamos apenas dançando — disse erguendo as mãos para o alto, antes que eu arrebentasse a cara dele por cobiçar a mulher dos outros.

— Isso mesmo, Jack! Nós só estávamos dançando. Quem você pensa que é para me puxar assim? — Helena perguntou irritada com a minha grosseria.

— Eu sou o seu marido — gritei para que todos à nossa volta pudessem escutar.

— Não era isso que parecia, quando você saiu do show acompanhado por duas garotas e fiquei lá olhando o seu espetáculo num canto escondida! Agora que estou me divertindo um pouco, você vem estragar — resmungou muito nervosa com a minha atitude.

— Acho melhor vocês resolverem os seus problemas em outro lugar — Jonas resmungou, chateado porque tirei a Helena dos seus braços.

— Eu não vou a nenhum lugar com esse cara, Jonas! Podemos continuar a dançar? — questionou segurando no braço do Jonas.

— Nem sonhando que você vai ficar se esfregando novamente no Jonas na minha frente — comentei tirando a mão dela do braço do meu primo.

— Quer saber? Vou pegar uma bebida! Fiquem aí resolvendo o que vão fazer, que eu já estou com sede — Jonas avisou saindo da pista e indo em direção ao bar.

— Vamos sair daqui — pedi bravo, puxei a Helena para fora da pista de dança em direção à sala VIP.

— Pode me largar que eu consigo ir sozinha — falou tirando a minha mão da sua cintura.

Engraçado... quando o Jonas estava passando a mão em cada parte do corpo dela, ela não ficou irritada nem pediu que ele a soltasse.

Chegamos à sala emburrados e nos sentamos um em cada lado do sofá. Olhei em volta e não vi as minhas acompanhantes, mas os caras da banda já encontraram as suas parceiras para a noite. O Freddy estava numa poltrona agarrado com uma loira com uns seios absurdamente grandes; com certeza, não eram naturais! O Bob estava com a língua na boca de uma garota morena e de cabelos longos, pelo menos era só isso que conseguia ver da distância em que estava. O Rick bebia sozinho em uma das mesas. *É impressionante como ele consegue ficar afastado das mulheres!* Houve uma época em que cheguei a achar que o cara era gay, mas, depois de convivermos juntos nas turnês, descobri que ele era extremamente seletivo e só escolhia as melhores, sempre analisando por horas antes de escolher uma mulher.

Enquanto isso, o Jonas voltou para a pista de dança e dançava agarrado com outra garota. Observei com certo alívio, afinal não era a minha esposa e isso importava para mim.

Olhei para a Helena e notei que ainda estava muito brava comigo, então

decidi apenas continuar observando-a de longe até que a Jessica e a sua nova amiguinha chegaram à sala todas sorridentes, segurando suas bebidas nas mãos.

— Olá, querido Jack! Onde você estava? — Jessica perguntou com a voz meio enrolada.

Ela já deve ter bebido todas e a Isabella não fica atrás. As duas estão totalmente bêbadas, concluí em pensamento.

Para completar a situação, as duas se sentam cada uma do meu lado, ignorando completamente a Helena, que está só me observando no canto do sofá.

Enquanto estava distraído olhando para a Helena, a Jessica sentou-se no meu colo e começou a me beijar, sem nem me dar tempo de pensar direito! Se a minha situação estava ruim, ela havia acabado de complicar tudo. Quando consegui tirá-la do meu colo, vi a Helena saindo furiosa, descendo as escadas da sala VIP. Eu fui atrás dela, mas só a alcancei na saída da boate.

— Aonde você pensa que vai sozinha? — perguntei segurando os braços dela e virando-a na minha direção.

O que vi me pegou de surpresa: os olhos dela estavam vermelhos e as lágrimas escorriam descontroladas pelo seu rosto.

— Por favor, me deixe em paz! Eu não aguento mais isso, preciso sair daqui! — pediu tão baixo que precisei fazer um grande esforço para escutar cada palavra.

— Eu não fiz de propósito dessa vez. Eu não fazia ideia de que ela faria aquilo — falei passando as mãos nos cabelos, muito angustiado com as suas lágrimas.

— Eu não sou nada nem ninguém para você, não é isso? Sou apenas mais uma que você usa sem se importar com os sentimentos —, acusou-me olhando nos meus olhos.

Eu nunca vi tanta certeza em um olhar antes.

— Não é bem assim... —, tentei explicar, mas na verdade nem sabia como dizer que não tive intenção de magoá-la.

— Você não me deve nenhuma explicação, Jack, mas eu preciso ficar sozinha agora.

— Você vai voltar para o hotel? — perguntei na esperança de que ela me deixasse acompanhá-la até lá.

O silêncio dela e o táxi que logo se aproximou, porém, deixaram-me sem saber o destino de Helena.

Acho que dessa vez eu fiz uma burrada sem conserto, pois magoei alguém que até agora só me fez bem, pensei entristecido. *É isso que sempre faço com as pessoas: estrago a vida delas, porque nunca sei retribuir o amor que recebo.*

Controlando os danos

HELENA

"Você não consegue me ver,
Não como eu te vejo
Não posso te ter,
Não como você me tem"

You, The Pretty Reckless

Eu tive a sorte de encontrar um táxi bem na saída da boate, por isso fui embora sem olhar para trás. Apesar das lágrimas que rolavam pelo meu rosto, não me arrependi de nada. Foi muito fácil para o Jack colocar outra garota nos braços... Ele nem pensou duas vezes, simplesmente beijou outra mulher na minha frente, sem se importar com os meus sentimentos. *Agora é a minha vez*, pensei. *Preciso seguir a minha vida. Não sei em qual mundo achava que estava vivendo, pois nunca um astro do rock ficaria com uma garota como eu. É impossível viver esse amor que estou idealizando na minha cabeça. Meu coração romântico e platônico inventou tudo isso e eu embarquei de cabeça numa relação fadada ao fracasso desde o começo.*

Fui despertada dos meus devaneios pelo motorista, que avisou que havíamos chegado ao meu destino.

Peguei a minha bolsa procurando a quantia necessária para pagar a corrida, fechei a porta do carro e fiquei na rua parada, olhando para a fachada do meu prédio, sem coragem para enfrentar o interrogatório da Gabi. Permaneci ali por alguns minutos até que o porteiro saiu e perguntou preocupado:

— Você não vai entrar, Helena? Já está tarde para uma garota ficar na rua — completou apreensivo.

— Desculpe! Eu estava distraída, mas já vou entrar — murmurei de

cabeça baixa, com vergonha de encarar o porteiro.

Entrei no prédio e fui para o meu apartamento o mais rápido que pude. Tive a sorte de estar com a chave extra, parecendo que de alguma forma eu soubesse que iria precisar dela.

E agora aqui estou, no meio da madrugada, chorando na minha cama sozinha.

Acordei na manhã seguinte sentindo um cheirinho tão bom de comida, como se estivesse debaixo do meu nariz. Abri os olhos devagar para me acostumar com a claridade do ambiente e fiquei surpresa com o que vi.

— Bom dia, amiga! Eu achei que você precisava de um café da manhã na cama e, como hoje é domingo, resolvi realizar o seu desejo — disse a Gabi, segurando uma bandeja com duas xícaras de café, torradas, geleia de morango e ovos mexidos. — Agora acorde, dorminhoca —, ela se sentou ao meu lado e colocou a bandeja na cama. — Não ache que essa comida toda é só para você — brincou pegando uma torrada para comer.

— Obrigada, Gabi! Eu estava morrendo de fome. Nem sei como agradecer — disse bebendo um pouco de café.

— Que tal se você me levar para conhecer a banda do seu marido? Acho que seria pagamento suficiente por hora.

Quando o Jack foi mencionado na conversa, perdi todo o apetite. A comida entalou na garganta e fiquei quieta, sem reação.

— O que foi? Você se engasgou com o café? — perguntou preocupada enquanto batia nas minhas costas para me ajudar.

— Não é nada disso! Eu não estou engasgada. Na verdade, nem sei como estou me sentindo... — falei colocando a xícara novamente na bandeja.

— O que aconteceu ontem, Helena? — perguntou preocupada.

Fiquei alguns minutos sem saber o que dizer, mas depois não resisti, afinal ela era a minha melhor amiga, para quem eu sempre contava tudo. Abri,

portanto, o meu coração e despejei todos os acontecimentos da noite passada para minha amiga. Quando terminei de contar, Gabi estava visivelmente surpresa, enquanto eu chorava novamente.

Minha amiga tentou dizer alguma coisa, porém fomos interrompidas pela campainha, que tocava sem parar àquela hora da manhã.

— Oh, meu Deus! Só pode ser uma pessoa... — falei assustada olhando para a Gabi.

— Você acha que pode ser ele? — perguntou surpresa.

— Quem mais poderia ser a essa hora? — questionei ao levantar-me da cama apressada. – Eu não quero falar com ele, Gabi — avisei nervosa, andando de um lado para o outro do meu quarto.

— Eu vou atender à porta. Se for ele, digo que você está dormindo, com dor de cabeça, e peço para voltar outra hora — falou já saindo do quarto. — Ah! — lamentou e correu de volta para o meu quarto. — Esconda a bandeja debaixo da cama e se deite novamente, vai que ele não acredita em mim.

Eu nem pensei em discutir. Mais que depressa, escondi a bandeja embaixo da cama e puxei a coberta até a cabeça. Depois, fiquei quietinha só ouvindo a conversa que vinha da sala.

— Você deve ser a Gabi, amiga da Helena.

— Sim, sou eu mesma. E você quem é? — questionou e pelo tom de voz da minha amiga, ela estava tirando uma com a cara do Jack. *É lógico que ela sabe quem ele é.*

— Eu sou o Jack, marido da Helena. Você pode chamá-la? Eu preciso conversar urgente com ela.

— A Helena está com dor de cabeça desde ontem à noite, acho que presenciou alguma cena desagradável e ficou de cama desde que chegou aqui. Você faz ideia do que aconteceu com ela? Deve ter sido algo muito grave para deixá-la nesse estado.

— Talvez eu tenha um leve palpite, porém preciso vê-la para confirmar as minhas suspeitas.

Depois de ouvir suas palavras, a porta do meu quarto foi aberta bruscamente e fiquei paralisada, com medo de que ele percebesse que não estava dormindo de verdade. Não me mexi por alguns minutos, que mais se pareceram horas, até que o ouvi falar novamente:

— Eu vou embora, mas volto à noite. Realmente preciso falar com ela, Gabi — avisou fechando a porta logo em seguida.

Ainda esperei alguns minutos no escuro, bem quietinha, até que não escutei mais nenhum barulho. Deslizei a coberta bem devagar do meu corpo e fui levantando-me da cama, porém, fui surpreendida por uma voz rouca que conhecia tão bem.

—Você acha que eu acreditei que estava realmente dormindo? — perguntou se levantando da cadeira e indo acender a luz do meu quarto.

— O que você quer comigo, Jack? — indaguei chateada.

— Eu preciso conversar com você — pediu passando a mão no cabelo muitas vezes, parecendo angustiado.

— O que você quer falar comigo? Já não bastou o que aconteceu na noite passada? Ou melhor, o que você fez desde o início? — questionei irritada, fiz muita força para não chorar na frente dele.

— É exatamente sobre isso que precisamos conversar. Ontem à noite eu cometi um erro enorme e estou muito arrependido. Eu não queria magoar você, pode ter certeza disso. Nunca tive ninguém na minha vida além da minha mãe. As mulheres simplesmente passam uma noite comigo e pronto! Nunca tive vontade de deixá-las ficar mais do que isso na minha vida. Mas aí você chegou e as coisas começaram a mudar. Por favor, não me entenda mal. Eu nunca quis que você sofresse. As coisas aconteceram rápido demais e eu não sabia o que fazer; na verdade, ainda não sei.

—Eu acho que ficarmos juntos, fingindo que somos casados, não está dando certo. Podemos permanecer separados até o divórcio sair — murmurei

ainda de cabeça baixa, sem coragem de encarar aqueles olhos azuis.

—Talvez você esteja certa, nós não deveríamos ficar juntos, porém agora já é tarde para isso, o estrago já está feito e estamos num ponto sem volta. Por isso, resolvi vir aqui conversar com você. Podemos tentar passar uma borracha nesse começo turbulento e recomeçar. Hoje estamos fazendo as malas para ir ao Rio de Janeiro, onde será nosso último show aqui no Brasil. Daqui a alguns dias embarcaremos para a nossa casa, em Nova York, e eu gostaria que você fosse comigo — soltou tudo de uma vez e se sentou ao meu lado na cama, esperando a minha resposta.

— O que você quer dizer com ir com você para Nova York? Que precisamos continuar fingindo até na sua terra natal? — indaguei sem querer acreditar na ousadia daquele cara.

— Não vamos mais fingir, Helena. Estou pedindo uma chance para nos conhecermos melhor, antes de o divórcio sair. O Mike disse que ainda temos de esperar um pouco até ficar tudo pronto, então pensei em realmente dar uma chance para nós dois. O que você me diz? — questionou ansioso, esfregando as duas mãos, demonstrando certa urgência em saber a resposta.

—Você realmente está disposto a tentar ter um relacionamento de verdade comigo? Sem todas aquelas mulheres penduradas nos seus braços o tempo todo, principalmente a Jessica? Você acha que eu vou acreditar nessa mentira deslavada? — perguntei irritada ao me levantar da cama. — Você deve achar que sou muito burra, não é mesmo? Ou talvez seja uma pegadinha; deixe-me olhar se não tem alguma câmera escondida no meu quarto — informei em tom de ironia.

— Você quer parar de andar de um lado para o outro — pediu segurando os meus braços e olhou para o meu rosto sem piscar uma vez sequer. — Por favor, me dê uma chance. Prometo que dessa vez vai ser diferente.

Eu não sabia o que dizer, nem se acreditava naquela história toda.

— Você me deixa muito confusa. Uma hora está tudo bem, mas depois de alguns minutos tudo muda e eu fico sofrendo com isso.

— Eu sei exatamente como ajudar você a se decidir — comentou e segurou meu pescoço, puxando-me na sua direção.

Tentei me afastar dos braços dele, porém foi quase impossível resistir ao toque tão suave dos seus lábios nos meus. Começou com uma carícia inocente de dois jovens que estão se conhecendo pela primeira vez, mas depois a urgência tomou conta da nossa necessidade e eu fiquei totalmente entregue àquele beijo tão quente. Nossas línguas dançavam numa sincronia perfeita e os seus lábios era tudo que eu esperava e mais um pouco. No entanto, precisava ser forte e acabar com aquilo antes que me arrependesse depois.

— Eu preciso parar, por favor, Jack — falei interrompendo o beijo e afastando o Jack, que já estava deitado sobre mim na minha cama.

— Tudo bem, podemos ir devagar dessa vez — concordou se levantando da cama.

— Você não deve ter entendido direito, Jack. Eu ainda não aceitei a sua proposta.

— Eu pensei que o beijo era indicação suficiente de que você tinha aceitado meu pedido — estava confuso com a minha reação.

— Você está enganado! Eu realmente ainda não dei a minha resposta.

— Então fale a sua resposta! — pediu sentando-se ao meu lado.

— Eu preciso de tempo para pensar na sua proposta — falei sem coragem de mandá-lo ir embora de uma vez por todas da minha vida.

— Tudo bem! Se é tempo de que precisa, eu vou dar tempo a você. O que acha de dar a resposta até o show no Rio? Você tem dois dias, é só o que posso dar. Depois disso, estamos indo embora. Se você não aparecer, vou saber qual foi a sua decisão e mandarei os papéis do divórcio pelo correio. Estamos combinados? — perguntou se levantando e segurando a minha mão.

— Tudo bem, até lá eu darei a sua resposta.

Correndo riscos

JACK

"E você ainda acha que o amor é um jogo?
Ou você leva isso tudo mais a sério?
Tento te perguntar isso todas as vezes que sonho acordado
Mas você está sempre ocupada sendo um faz de conta"

Love is A Laserquest, Arctic Monkeys

Aquela seria a minha chance e nem sabia por que havia resolvido mudar tudo. Nunca pensara em investir na minha relação com a Helena, porém, quando a vi dançando com o Jonas, percebi que eu a estava perdendo. Podem me chamar de idiota se quiserem, mas eu nunca desperdicei uma oportunidade. Por esse motivo, fui ao apartamento dela, depois de pensar muito no que fazer e após algumas doses de bebidas a mais, e fiz aquela proposta. E acreditem, não faço ideia de onde ela saiu. Só o que sabia era que estava voltando para o hotel sozinho. *Por alguns minutos eu achei que poderia trazê-la comigo... Grande engano...*

Antes de sair do carro, coloquei um boné e arrumei meus óculos estilo aviador: um disfarce simples, mas que ajudava muito quando estava rodeado de pessoas. Olhei para os lados e comemorei, já que ninguém na recepção do hotel me reconheceu. *Nenhum* paparazzo *à vista*, pensei. *Devo estar com sorte hoje, talvez seja um dia dos bons, daqueles nos quais posso andar por aí como uma pessoa normal, sem todo aquele alvoroço de fãs e fotógrafos me vigiando.* Entrei no elevador sozinho até que um dos meus seguranças me acompanhou. Bom, na verdade, ele me seguiu até o apartamento da Helena.

— Bom dia, Carlos. Você precisa falar comigo? — perguntei sorrindo, uma vez que meu segurança pessoal, um cara alto e bem mais forte do que eu, só se aproximava de mim quando precisava dizer algo urgente.

— Bom dia, Jack. Eu preciso saber se ainda devo ficar em São Paulo cuidando da segurança da Helena ou se posso ir com você para o Rio — falou sem rodeios, como era o seu estilo.

— Podemos ir todos para o Rio. Agora a Helena está por conta e risco dela. Talvez ela apareça no show... Se por acaso você a vir, faça-a chegar até mim — pedi já saindo do elevador e deixando o Carlos para trás.

— Claro. Pode deixar comigo — concordou num tom mais alto que a sua voz normal, ainda no corredor.

Eu apenas acenei, mostrando que escutei, e entrei no meu quarto.

Tudo ainda estava em completo silêncio, significando que a noite dos caras fora irada e eles se divertiram muito. A mesa do café da manhã estava pronta e eu estava morrendo de fome, por isso me sentei numa cadeira estratégica bem próximo do meu quarto. Peguei uma xícara de café quentinho, acrescentei dois envelopes de açúcar e bebo aos poucos, enquanto ainda pensava na sequência de acontecimentos da noite passada e na conversa que acabara de ter com a Helena. *Será que fiz a coisa certa? Ou vou me arrepender mais tarde? A Helena não é como as garotas que normalmente saem comigo. Ela é diferente, não sei explicar como, talvez seja a ressaca, pois estou muito confuso hoje.*

Tomei outro gole do café, enquanto meu primo sentou-se numa cadeira do meu lado.

— Acordou cedo, cara! O que aconteceu? Caiu da cama? Já sei, ela descobriu o cara chato e feio que você é, e simplesmente te deu um pé na bunda — Jonas brincou e depois fez o gesto como se o seu pé estivesse chutando a minha bunda.

— Muito engraçado, imbecil. Só que desta vez você acertou — disse desanimado.

— Eu só estava brincando, cara. Eu vi você saindo com a Helena da boate ontem, então deduzi que passaram a noite juntos. O que realmente aconteceu? — perguntou enquanto colocava açúcar no café.

— Eu não sei bem como explicar a noite confusa que tivemos, mas, só para resumir, a Helena foi embora sozinha da boate quando viu a Jessica me beijando — expliquei deixando a minha xícara de café vazia na mesa.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! Você beijou a Jessica na frente da Helena? — indagou irritado, afastando a xícara de café.

— Eu não beijei a Jessica! Você não prestou atenção no que eu disse? Foi a Jessica que me beijou e no segundo seguinte eu me afastei. Acontece que a Helena viu o beijo, e não eu me afastando daquela garota.

— Você quer mesmo que eu acredite nisso? — questionou se levantando da cadeira.

— Eu não preciso que você acredite em mim, só estou dizendo o que aconteceu — respondi também me levantando da cadeira.

—Tudo bem, eu sei como a Jessica é persistente em relação a você, porém você nunca a afastou antes, por isso achei estranho — explicou e foi para a sacada da nossa cobertura.

— Eu sei disso. Na verdade, antes eu não era casado —, fui irônico, o que certamente ele percebeu.

— Certo, eu entendi o seu ponto, mas esse casamento não é de mentira? — questionou Jonas curioso.

— Era de mentira, mas acabamos passando dos limites uma vez e eu acabei gostando. Talvez eu queira torná-lo real.

— Você está falando sério, cara?

— Não fique animado, Jonas. Helena é só uma garota com quem pretendo passar mais tempo, pois ela me deixa curioso. Afinal, por que me casei justo com ela? Entre tantas garotas com quem transei, eu a escolhi e tenho certeza de que a bebida não teve influência nenhuma na minha decisão, pois já fiquei tantas vezes bêbado em Vegas que perdi a conta, e nunca me casei com nenhuma das mulheres que passaram a noite comigo.

— É um verdadeiro mistério! O grande vocalista da famosa banda The Dangers finalmente está apaixonado — gritou erguendo os braços para chamar a minha atenção.

— Pare de gritar, Jonas — pedi segurando os seus braços. — Eu não estou apaixonado e nunca ficarei. Essa merda não passa de uma mentira, esse amor que faz você querer apenas uma mulher a sua vida toda não existe.

— Tudo bem, eu estava apenas brincando. Agora você pode soltar os meus braços? Ou resolveu mudar de lado e agora quer me beijar? — perguntou se soltando das minhas mãos e correndo para o seu quarto antes que eu pudesse revidar o comentário idiota.

— Todos já tomaram café e estamos prontos para embarcar para o Rio, mas ainda precisamos passar o som antes do show — Mike disse entrando na sacada e se sentando numa poltrona ao meu lado.

— Eu também estou pronto e podemos ir agora, se você quiser — resmunguei, levantando-me da poltrona em que acabara de me sentar.

— Claro que quero! Vou avisar ao Carlos que estamos saindo — concordou e em seguida pegou o seu celular a fim de ligar para nossos seguranças avisando que estaríamos descendo.

Quando voltei para a nossa suíte, encontrei Freddy, Bob e Rick sentados à mesa terminando o café da manhã. Jonas, por sua vez, estava deitado no sofá ainda rindo da minha cara.

— Pare de rir, antes que eu perca a cabeça e quebre todos os seus dentes — ameacei muito irritado, fechando a mão e indo na direção do meu primo sem noção.

— Hei, rapazes, vamos parar por aqui antes que vocês comecem a quebrar as coisas no quarto! Não queremos dar motivos para a imprensa bisbilhotar a nossa vida novamente — pediu o Freddy se levantando da cadeira e ficando no meio, para interromper o meu possível avanço para cima do meu primo.

Pensando bem, o Freddy tinha toda razão, já que na nossa última visita ao Brasil quebramos todo o nosso quarto depois de um dos comentários

sarcásticos do Jonas. Saímos na porrada e destruímos o quarto, e isso foi tema para as revistas de fofocas e *paparazzi* por um longo tempo.

— Tudo bem, Freddy! Eu não vou brigar com ele dessa vez — falei devagar e olhando nos seus olhos, a fim de fazê-lo acreditar em mim.

O Freddy foi o último a entrar na banda. Estávamos havia muito tempo procurando um baterista, mas nenhum bom queria tocar com a gente. Sempre apareciam os piores, até que um belo dia, enquanto estávamos ensaiando na garagem da minha casa, o Freddy apareceu. Quando eu vi um cara todo mauricinho e engomadinho – até óculos ele usava –, cheguei a duvidar que desse certo, mas ele me surpreendeu quando começou a tocar. A partir daquele dia não nos separamos mais. *Ele ainda é meio nerd*, eu costumava pensar, *porém trocou os óculos por lentes de contato, ganhou alguns músculos, deixou os cabelos crescerem, usando sempre amarrados no estilo moicano, e fez duas tatuagens: uma serpente com o nome da banda no antebraço, igual a todos os integrantes, e um dragão nas costas. Mas seu lado educado nunca mudou, ele sempre quer tomar conta de todos, inclusive de mim.*

Nós havíamos feito a tatuagem na nossa primeira turnê, um par de anos atrás.

Depois de acalmados os ânimos, saímos juntos para o aeroporto em direção ao Rio de Janeiro. Apenas uma hora depois eu já estava dentro da van que iria nos levar ao estádio, e resolvi ficar bem longe do Jonas, por isso me sentei na frente, ao lado do Rick, pois era silêncio que eu queria e o baixista era o integrante mais quieto do The Dangers.

Levamos poucos minutos para chegar e afinamos nossos instrumentos, pois, além de cantar, também acompanho o Jonas na guitarra em algumas músicas. No final do dia, estávamos exaustos e eu até consegui esquecer meus problemas com a Helena. *Será que ela virá hoje à noite?*, não conseguia parar de pensar. No início da noite eu apostava que sim, mas depois de algumas horas a confiança tinha diminuído, e no final do show ela foi embora completamente. Fiquei nos bastidores bebendo uísque com gelo enquanto pensava em como seria se ela tivesse aparecido no show.

Carpe diem

HELENA

"Dizer eu te amo
Não são as palavras que eu quero ouvir de você
Não é que eu não queira
Que você diga, mas se ao menos você soubesse"

More Than Words, Extreme

Quando o Jack saiu do meu quarto, a Gabi apareceu na porta toda desconfiada.

— Será que eu posso entrar? — indagou fechando a porta atrás dela.

— Claro que pode, Gabi! Na verdade, a casa é sua — respondi.

— É tão minha quanto sua — lembrou, sentando-se ao meu lado na minha cama. — O que ele queria falar com você? —, quis saber curiosa.

Pensei por alguns segundos sem dizer nada até que ela insistiu:

— Ele veio enganar você com mentiras novamente? Se sim, não quero saber se ele é um astro do rock famoso, mas arrebento a cara dele na próxima vez que aparecer por aqui. Ou posso colocar um vidro de pimenta inteiro na comida dele.

— Pare de falar por um minuto e me escute, por favor!

Ela não prestou atenção no que eu acabara de falar e continuou fazendo ameaças, até que segurei os seus braços e os sacudi para chamar a sua atenção.

— Ele quer me levar com ele para Nova York. A turnê no Brasil acabou e

a banda vai partir dentro de dois dias.

— O que você quer dizer com isso exatamente? — questionou em choque com o que eu acabara de revelar.

— Jack pediu que eu fosse embora com ele para os Estados Unidos — disse me levantando da cama inquieta.

— Você terá que fingir ser a esposa comportada enquanto ele sai com outras garotas na sua frente?

— Não, pelo menos não foi isso que ele disse quando veio até aqui essa manhã. Ele queria me pedir uma chance. Vamos nos conhecer melhor nesse tempo sem a obrigação de fingir nada.

— Será que ele estava falando a verdade? Esse cara teve você esse tempo todo e nunca quis levar o relacionamento a sério, mas de repente resolveu mudar? Acho isso muito estranho.

— Pode ser que você tenha razão, mas como vou descobrir a verdade antes de embarcar nessa viagem? — indaguei sem saber se a Gabi poderia me ajudar.

— Acho que não tenho essa resposta, você vai ter que descobrir sozinha — comentou desanimada.

— Eu sei que essa decisão é somente minha, mas não faço ideia do que fazer.

— Preciso sair agora, tenho uma festa na casa dos meninos do meu curso e já estou atrasada. Pensando bem, você deveria ir comigo?

— Uma festa com rapazes e bebidas não é o lugar ideal para se pensar na vida.

—Talvez não seja o lugar ideal, mas você precisa se distrair um pouco, não adianta nada ficar aqui o dia inteiro trancada estudando. Você nem voltou para a faculdade. E, além do mais, a resposta para o seu dilema não está nos livros.

— E nem nas festas da faculdade — completei desanimada.

— Quem sabe um ambiente diferente faça essa sua cabecinha teimosa pensar numa solução, afinal estamos falando da pessoa mais inteligente que conheço! – ela jogou mais dúvidas na minha cabeça e depois saiu de fininho, deixando-me sozinha com meus pensamentos conflitantes.

Sem saber o que fazer, resolvi deitar-me na cama novamente e olhar para o teto branco. *Quem sabe a solução vai simplesmente aparecer na minha cabeça do nada, num estalo, e lá estará ela?*

Parecia ter se passado uma eternidade e eu ainda olhava para o nada em busca de respostas. *O que vou ficar fazendo aqui sozinha, se nem estudar eu consigo, sem pensar nas palavras do Jack?*

"Você tem dois dias, é só o que posso dar", as palavras dele ecoaram na minha mente.

Não aguento mais esperar e nada acontecer. Preciso tomar uma decisão agora ou vou sufocar, eu não aguento mais ficar nessa dúvida cruel.

— Gabi! — gritei da porta do meu quarto e o som fez eco no apartamento todo até chegar à minha amiga.

— O que foi, Helena? Eu estou me trocando para sair e já estou atrasada — respondeu aparecendo só de toalha no corredor.

— Mudei de ideia e acho que vou com você a essa festa.

— Eu não acredito que, enfim, você resolveu me escutar e vamos juntas à nossa primeira festa na faculdade! – ela comentou toda empolgada pulando tanto que quase deixou cair a toalha que estava agarrada ao seu corpo.

— Não se empolga tanto assim! É só uma festa e eu vou porque não consigo ficar aqui sozinha sem pensar na proposta do Jack — murmurei um pouco chateada com a minha situação. — Eu sinto que estou em uma encruzilhada e preciso escolher um caminho, mas como saberei se a decisão que tomei foi correta?

— Não importa a razão, vamos sair juntas e é isso que importa. Agora corra para se arrumar que estamos atrasadas.

Ela voltou para o quarto provavelmente para vestir a sua roupa. Nem tive tempo de perguntar que roupa eu deveria usar, mas pensei: *Talvez seja melhor assim, pois, pelo que eu conheço da minha amiga, ela iria sugerir uma roupa mais do que inapropriada para a ocasião, o que me deixaria extremamente desconfortável a festa toda.*

Já que estava por minha conta para escolher o que usar, peguei no meu armário um vestidinho soltinho preto de alcinhas e coloquei uma sandália da mesma cor, com um pequeno salto, e fiz uma maquiagem bem leve sem ao menos passar um batom. *Afinal, vou sair apenas para distrair a minha cabeça dos meus problemas e não pretendo ficar com ninguém; para todos os efeitos, eu sou uma mulher casada.*

Antes de sair do meu quarto, soltei o meu cabelo, que deslizou com suaves ondas nas minhas costas. Dei uma última olhada no espelho e estava pronta, mas ainda esperei a Gabi se arrumar por uns vinte minutos até ela anunciar que estava pronta para sair. A minha amiga estava linda usando um microvestido vermelho que realçava todas as suas curvas perfeitas, um salto preto estilo *peep toe* e um batom vinho que a deixava ainda mais sexy. Eu abri a minha boca para dizer que ela tinha exagerado, mas fechei logo em seguida sem pronunciar nenhum som, apenas revirei meus olhos e imediatamente ela sabia que eu não aprovava o visual.

A festa seria muito perto da nossa casa, por isso decidimos ir caminhando mesmo. Ainda era cedo e o sol brilhava alto no céu. Andamos por apenas cinco minutos e chegamos a uma casa com um grande muro, na esquina de uma rua sem saída. As outras casas eram parecidas, todas térreas com um grande quintal. O lugar estava lotado de carros nos dois lados da rua.

— Se tivéssemos vindo de carro, teríamos trabalho para encontrar um lugar para estacionar — comentei.

Como chegamos andando, foi só seguir o barulho da música eletrônica que tocava no mais alto volume. Coitados dos vizinhos.

Eu nunca vi tanta gente assim! A casa não era pequena, mas não havia espaço sequer para transitar pela sala. Os poucos móveis foram arrastados para o canto e transformaram o espaço numa pista de dança, onde os convidados dançavam num ritmo frenético. Eu não podia ficar lá, era muito barulho para mim, por isso segui a Gabi, que já caminhava para a cozinha, onde provavelmente o restante das pessoas estava. Chegando lá fiquei surpresa, pois não estava lotado como os outros cômodos. Poucas pessoas se revezavam pegando uma bebida ou um aperitivo para beliscar.

— Quem mora nesta casa, Gabi? — perguntei no ouvido dela, já que a música ainda estava alta.

— A casa é do Sandro, aluno do último ano do meu curso. Ele mora aqui com outros quatro caras que eu não conheço — explicou numa calma impressionante que nem parecia que estávamos numa festa cheia de homens regada a muito bebida.

Para completar, estou com um leve pressentimento de que isso não vai dar certo..., pensei.

Continuamos seguindo para o quintal, onde estava a maioria das pessoas. Um cara ajudava outro a virar a carne do churrasco, outros cuidavam de uma mesa cheia de batidas e o restante pulava na piscina, ainda bem que totalmente vestidos.

Fiquei distraída um pouco e quando percebi já estava sozinha. A minha amiga tinha me abandonado! Não que eu não soubesse me cuidar; na verdade, não gostava de ficar rodeada por estranhos, porém não tinha alternativas e pelo que pude observar as mulheres estavam em minoria nessa festa. Se eu conseguisse contar, diria que era uma mulher para cada dez homens; o resultado disso seria um turbilhão de pedidos para dançar ou beber alguma coisa. Quando já estava exausta de tanto negar seus pedidos, decidi que era a hora perfeita para uma bebida, uma vez que havia anoitecido e eu ainda não conseguira beber nada. Não pretendia encher a cara, apenas o suficiente para adormecer os meus pensamentos.

No entanto, a Gabi não teve a mesma ideia e apareceu algumas horas depois muito alegre para o meu gosto e falando coisas desconexas.

— A sua amiga bebeu todas, você gostaria de levá-la para descansar no meu quarto? — perguntou um homem pouco mais velho do que eu, de olhos castanhos e cabelo preto curto.

— Não sei quem você é? — questionei apreensiva.

— Eu sou o Sandro, e esta é a minha casa — disse olhando para a Gabi, que estava largada encostada na parede.

— Eu não sei, acho melhor ir embora — disse, porém na mesma hora desisti da ideia, pois seria praticamente impossível a minha amiga ir caminhando até o nosso apartamento.

— Não acho que a Gabi vai conseguir voltar andando, ainda mais no estado em que ela se encontra — afirmou olhando para minha amiga que já estava sentada no chão.

— Como você sabe que viemos andando? — perguntei para o garoto que parecia querer nos ajudar.

— Esqueceu que ela é a minha amiga também? E essa não é a primeira vez que a Gabi vem à minha casa — comentou e logo depois saiu do meu lado.

O garoto segurou a Gabi e foi entrando na casa, e eu fico sem alternativas a não ser segui-lo até o seu quarto.

Esbarramos em alguns convidados que fizeram questão de cumprimentar o dono da festa. Quando chegamos ao quarto, fiquei surpresa com a organização: tudo muito arrumado, desde a cama bem forrada até os objetos. *Esse cara deve ser muito organizado!*

— Você pode passar a noite aqui com ela, afinal minha cama é grande e as duas devem caber aqui. Amanhã, quando ela estiver melhor, vocês podem ir embora, já que agora é perigoso duas garotas sozinhas caminhando na rua tão tarde.

Ele colocou a Gabi bem devagar na cama, mas a minha amiga pegara no

sono e nada poderia acordá-la.

— Tudo bem, obrigada pela ajuda, mas onde você vai dormir?

— Eu tenho outros quartos na casa, porém, como bom anfitrião, acho que vou dormir provavelmente só amanhã.

Eu agradeci mais uma vez antes de ele sair do quarto. Quando estávamos sozinhas, tranquei a porta com medo de algum tarado entrar lá ou de o Sandro resolver voltar para tirar uma casquinha da gente.

Deitei-me na cama ao lado da Gabi e fiquei olhando para o teto do quarto até que adormeci.

Acordei bem tarde no dia seguinte, com o barulho de alguém no banheiro. Levantei devagar ainda me acostumando com o ambiente e vi a Gabi debruçada no vaso vomitando. Eu corri para segurar seu cabelo e depois a ajudei se levantar e lavar o rosto.

— Por que você me deixou beber tanto assim? — perguntou chateada.

— Você não pediu a minha permissão para beber — respondi me defendendo da acusação.

— Oh, por favor, não fale nada, a minha cabeça vai explodir se eu ouvir mais algum ruído, por mais simples que ele seja — resmungou colocando as mãos na cabeça.

— Tem sempre a primeira vez para tudo. Eu nunca imaginei passar a noite na casa de um cara que eu nem conheço, muito menos dormir no quarto dele.

Resultado: tive que sair junto com a Gabi pelos corredores da casa e fazer a famosa caminhada da vergonha, pois nenhuma pessoa iria acreditar que eu e a minha amiga não passamos a noite com o tal do Sandro, ainda mais por causa dos assobios e gritos de “é isso aí, cara”.

Nós nos despedimos do Sandro e ainda ouvimos alguns assobios e elogios enquanto andávamos na rua, em plena segunda-feira, usando as roupas da noite passada, mas conseguimos chegar em casa sem mais transtornos. A

Gabi se trancou no quarto dela o resto do dia. Eu comi um lanche natural que estava na geladeira, assisti à minha série preferida na Netflix, *Reign*, chequei meu telefone diversas vezes, olhando para ver se tinha alguma mensagem do Jack, e quando não tinha mais nada para fazer nem desculpa para arrumar me deixei pensar na proposta dele.

Eu não tinha tantas dúvidas. Afinal, se me perguntassem se eu gostava do Jack, eu responderia com toda certeza: "Não sei se é amor o que sinto, mas sem dúvida tenho um sentimento muito forte por ele". *Mas será que vale a pena largar a faculdade que eu tanto quis e embarcar numa vida que eu não tenho certeza se vai dar certo?*, eu me perguntava. *Daqui a dois meses eu vou fazer 18 anos e sou muito nova para me arrepender das minhas atitudes...* Mais uma vez, portanto, decidi arriscar. Pego meu telefone e disquei um número que eu conhecia tão bem.

— Alô, Tiago, eu preciso que você dê um recado para a mãe.

— Oi, irmãzinha! E qual seria esse recado?

— Vou trancar a faculdade e estou indo para Nova York com o meu marido.

— Ah, então é por isso que você está me ligando! Não teve coragem de encarar a nossa mãe e resolveu deixar a responsabilidade toda para mim?

— Eu não preciso da permissão dela para viajar, nem para trancar meu curso.

— Pode ser, mas ela e o pai vão ficar furiosos com a sua atitude.

— É por isso que estou te ligando, para avisar para eles, somente amanhã quando eu já estiver dentro do avião, assim eles não terão tempo de impedir essa viagem.

— Eu não acho que essa seja uma boa ideia, porém a vida é sua. E quem sou eu para te impedir de fazer alguma coisa? Mas toma cuidado! E se precisar de mim pode ligar a qualquer hora, certo?

— Tudo bem! Eu entendi, mas saiba que já sei me cuidar sozinha. Bom,

se precisar de alguma coisa, você será a primeira pessoa que eu vou procurar. Agora preciso ir, já estou atrasada e ainda tenho uma mala para arrumar.

— Até logo, irmãzinha.

Eu não sei exatamente quando decidi seguir com o Jack, mas quando eu me dei conta já estava no aeroporto de Guarulhos me despedindo da Gabi e seguindo para o Rio de Janeiro.

— Adeus, minha querida amiga! — falou me abraçando em frente ao portão de embarque do aeroporto.

— Pare de drama, Gabi! Eu ainda vou voltar, pode ter certeza de que não vou ficar lá para sempre — avisei abraçando-a novamente.

Depois dessa dramática despedida, entrei no avião e me sentei logo nas primeiras poltronas. Não era na primeira classe, mas estava logo depois. A viagem foi rápida e quando percebi já estava desembarcando no aeroporto do Galeão, no Rio. Eu não liguei para avisar que iria; na verdade, queria fazer uma surpresa. Depois de não aparecer no show conforme combinamos, eu iria surpreendê-lo no aeroporto, pois, segundo minha amiga, a banda estava se despedindo dos fãs naquele exato momento. Por isso, peguei a minha única mala o mais rápido que consegui e saí em disparada para o local.

Quando cheguei um pouco mais próximo, notei centenas de meninas gritando:

— Jack, Jack! The Dangers! —, e depois elas também gritavam nomes dos outros integrantes da banda.

Eu estava numa verdadeira enrascada, seria impossível passar essa barreira de fãs e chegar até ele, e ainda havia os seguranças, que não deixava ninguém se aproximar muito. Nem conseguia vê-lo de onde eu estava. Então, mesmo sobre protestos, fui caminhando devagarinho, esbarrando nas pessoas, que davam cotoveladas nas minhas costas. No final, valeu a pena e enfim consegui chegar à linha de isolamento, porém todos os integrantes da banda estavam indo embora. O Jack era o último e estava saindo dali, mas eu ainda tentei chamá-lo:

— Jack, Jack! Por favor! Volte! É a Helena! Jack, Jack! — gritei o mais alto que pude, porém foi em vão. Todos eles saíram do saguão e foram para o jato particular que já aguardava na pista. Quando descobri que tinha perdido a minha chance, soltei a mala no chão, sentei-me em cima dela e comecei a chorar copiosamente.

— Você é a Helena do Jack? — perguntou um dos seguranças tocando no meu ombro para chamar a minha atenção, já que eu estava de cabeça baixa chorando.

— Sim, sou eu — assenti ainda enxugando as lágrimas que insistiam em cair.

— Eu sou o Carlos, segurança do Jack, e ele disse que você viria. Vamos! Estamos atrasados, o avião vai decolar a qualquer momento.

Eu fiquei parada sem reação. Ele ainda estava esperando-me chegar, mesmo depois do bolo da noite passada! Sem tempo a perder, segurei no braço do segurança e seguimos juntos para o avião. Eu recebi alguns olhares surpresos de algumas meninas que estavam do meu lado, porém ninguém disse nada e minutos depois eu já estava entrando no avião. O primeiro que encontrei foi o Jonas, que me deu um abraço apertado de boas-vindas. Os meus olhos só queriam uma pessoa e eu fui encontrá-la na última poltrona do avião.

— Desculpe o atraso, será que eu posso me sentar do seu lado? — perguntei baixinho.

Apesar de ele estar de cabeça baixa mexendo no celular, abriu o sorriso mais lindo que já vira e esticou os braços para mim. Eu não pensei duas vezes e me joguei no seu colo. Olhei para ele com carinho, depois parei naquela boca que eu estava com tanta vontade de beijar e não resisti. Trocamos o melhor beijo até agora, e teve gosto de tudo: saudade, reencontro, felicidade, recomeço, paixão e menta, provavelmente resultado da bala que devia estar na boca dele minutos atrás.

Um lugar para chamar de lar

JACK

"Não vamos tornar isto complicado
Temos uma história
Mas estou prestes a mudar o final"

Be Your Everything, Boys like Girls

Se eu contar o quanto duvidei de que a Helena estaria naquele avião, ninguém acreditaria. Mas eu duvidei, quando acabou o show no Rio, quando estávamos nos despedindo das fãs brasileiras no aeroporto. Se o Carlos não tivesse ficado para trás e aparecesse segundos antes de o avião decolar com a Helena, as minhas suspeitas teriam sido confirmadas. No entanto, eu estava enganado e, por algum motivo que eu não faço ideia, ela estava nos meus braços. Eu a estava beijando e sugando toda sua boca, e aproveitaria cada segundo.

Apesar dos olhares estranhos dos meus colegas de banda, nenhum deles fez um comentário sequer. Eles provavelmente acharam muito estranho eu estar agarrado a Helena daquele jeito, pois nunca fora de demonstrar carinho em público, muito menos com as mulheres que eu levava para a minha cama. Estas eram casos de uma noite apenas e nada mais. Embora a Helena fosse a minha mulher para todos os efeitos, eu não agira assim com ela antes, por isso eles deveriam estar tão surpresos.

— Acho que nunca vou me cansar de beijar você — disse puxando os lábios dela com os dentes. *Eles são a coisa mais doce que já beijei na vida*, pensei. Apesar de dar muitos beijos, eu não conseguia parar.

— Eu também não me canso de beijar você — murmurou enquanto me beija novamente.

— Desculpe interromper os recém-casados, mas devo avisar que estamos ficando irritados com esse grude todo de vocês, por isso deixem para aproveitar a lua de mel quando estiverem no seu quarto, de preferência a muitas milhas de distância de nós, se não for pedir muito — disse o Jonas parado em frente ao meu assento.

A Helena ficou com tanta vergonha que se escondeu atrás de mim, enquanto o resto da galera aplaudiu concordando com o que o meu primo acabara de dizer. Eu iria mandá-lo para aquele lugar, pedindo que tomasse conta da vida dele, mas o rosto vermelho da Helena acabou me deixando mais controlado. Apenas olhei com cara de poucos amigos para ele e o resto do pessoal e abracei a minha garota vergonhosa do meu lado.

— Eu não acredito que estamos nos beijando dessa forma na frente de todos os seus amigos — sussurrou no meu ouvido com medo de os caras escutarem.

— Não precisa ficar com vergonha, eles já viram coisa muito pior do que isso — disse puxando-a para o meu colo.

Para a minha satisfação, Helena deslizou sem reclamar, enquanto eu a envolvia com os meus braços.

Ela devia estar exausta, pois no instante em que acariciei os seus cabelos ela adormeceu. E ficou assim até que aterrissamos no aeroporto de Newark, em Nova York.

Eu pensei em acordá-la enquanto todos desciam do avião, mas ainda era de madrugada, por isso apenas a segurei nos meus braços e descemos juntos até a Hummer preta que estava me aguardando na pista de pouso. Ainda ouvi alguns risos dos meus colegas, dizendo que eu deveria ter perdido minhas bolas, mas eu não dei atenção a eles, entrei pela porta que o meu segurança segurava para mim e seguimos para o meu apartamento em Manhattan. Apesar de sermos amigos e colegas de banda, morávamos em lados oposto da cidade, portanto, quando desembarcamos, tinham carros diferentes para nos levar até o destino final de cada um.

Durante todo o trajeto a Helena não abriu os olhos em nenhum momento.

Essa garota deve ter o sono mais pesado de toda a história, pensei.

Apesar de estarmos na cidade que nunca dorme, era de madrugada e o trânsito estava bem tranquilo; assim, chegamos ao meu apartamento apenas vinte e poucos minutos depois de entrar no carro. O Carlos deslizou pela garagem subterrânea e paramos em frente a um elevador. Desci ainda com a Helena nos meus braços e subi direto para a minha cobertura, no último andar.

Quando entrei, senti-me feliz como havia muito tempo não sentia. Eu estava contente de estar de volta depois de quase um ano de turnê ao redor do mundo e não estava mais sozinho. Havia trazido alguém comigo e isso, de alguma forma, preencheu o vazio do apartamento enorme que eu chamava de lar.

Subi as escadas até o meu quarto e tudo estava limpo e organizado, muito melhor do que eu havia deixado tempos atrás. Minha mãe deve ter cuidado de tudo durante aquele tempo.

Coloquei a Helena lentamente na minha cama, depois tirei seus sapatos, seus shorts e ainda sua blusa, pois parecia bem desconfortável para dormir. No final, ela ficou apenas de calcinha e sutiã na minha frente e eu engoli em seco com a visão do seu corpo perfeito. Fui até o meu closet e puxei uma camiseta da banda, uma das muitas que eu guardava, e a deslizei pelo seu corpo, lembrando-me, enquanto deslizava minhas mãos pelas suas curvas generosas, de que a maioria das mulheres não gostava de dormir usando um sutiã. Por isso, soltei seu sutiã e o joguei do outro lado da cama. No final ela estava linda com os cabelos soltos no meu travesseiro e ainda mais sexy do que nunca, usando apenas a minha camiseta e uma calcinha branca de renda.

E já que mesmo depois de tirar toda a sua roupa ela não acordou, eu a deixei dormindo e fui tomar um banho. Quando saí, ela ainda estava apagada. Coloquei uma cueca boxer preta e deitei na cama ao seu lado. Tentei dormir, mas só fiquei remexendo na cama de um lado para o outro até que resolvi chegar mais perto e escorregar minha mão na sua cintura e trazê-la para perto de mim, encostando suas costas no meu peito. O cabelo dela ficou bem embaixo do meu nariz e eu não sei o que ela usava para lavá-lo, mas era

cítrico e doce ao mesmo tempo, e seu cheiro me fez adormecer com ela nos braços. Eu fiz uma nota mental para providenciar muitos xampus daquele, pois queria sentir o cheiro dela para sempre.

Se eu estiver dormindo... por favor, não me acorde

HELENA

"Oh! uma vez na vida você encontra alguém
que vira a sua vida de ponta-cabeça
que o anima quando você está mal"

Heaven, Bryan Adams

Abri meus olhos, mas, por causa da claridade que me atingiu, tentei fechá-los novamente. No entanto, a vista que estava na minha frente era, sem dúvidas, de tirar o fôlego e me fez desistir de dormir de novo. Eu estava deitada numa cama enorme de frente para o Central Park, e, embora estivesse num dos últimos andares de um prédio, parecia que o parque era extensão do quarto, por causa da parede de vidro que estava à minha frente.

Pisquei meus olhos, esfreguei-os e os abri novamente para ter certeza de que eu estava realmente ali. Depois, levantei-me bem devagar deixando o cobertor deslizar pelo meu corpo, quando percebi que eu estava quase nua.

— Ó meu Deus! — sussurrei para ninguém em especial, surpresa quando percebi que estava usando apenas uma camiseta da banda The Dangers com os dizeres "Jack, I want make love to you" e a minha calcinha. *Talvez eu tenha feito mais alguma coisa ontem à noite além de dormir... Preciso perguntar para o Jack, mas não o encontro em nenhum lugar deste quarto enorme*, pensei.

Caminhei devagar em direção à parede de vidro, pois queria olhar aquela vista de perto, e fiquei sem palavras. O lugar era lindo! Quase consegui tocar tanta beleza ao colocar os meus dedos no vidro. Fiquei assim por alguns minutos até que alguém se aproximou e segurou a minha cintura. Pelo cheiro,

eu tinha certeza de quem era.

— Até que enfim você acordou! Eu pensei que teria de jogá-la numa ducha de água fria — murmurou no meu ouvido, fazendo-me sorrir e o meu corpo inteiro arrepiar.

— O que você fez comigo? — perguntei virando para ele. — Eu dormi no avião, acordei nesta cama enorme, com essa vista deslumbrante e ainda usando só isso — falei apontando para a minha camiseta.

Ele apenas olhou para baixo e deu uma risada com certo ar de malícia.

— O que você fez comigo nesse tempo? Eu estou me sentindo abduzida.

Ele me virou na sua direção e segurou a minha cintura com força.

— Eu não fiz nada! Só a ajudei a trocar de roupas quando chegamos de madrugada; você estava apagada. Mas pode ficar tranquila que eu não me aproveitei de você, pois pretendo fazer isso quando a minha garota estiver bem acordada — sussurrou no meu ouvido.

Eu me afastei para observá-lo melhor e até me engasguei ao pensar no que ele disse.

Não imaginei que ele pudesse ficar mais lindo, mas ver o Jack, vocalista sexy da banda The Dangers, usando apenas uma cueca boxer preta, com aquele abdômen perfeito dividido em seis gominhos que me davam água na boca, fez que eu emudecesse por vários segundos.

Jack ficou olhando para os meus lábios e foi se aproximando sem hesitar, cada vez mais próximo, até que nossos lábios se encontraram numa dança frenética de movimentos, os quais eu conhecia tão bem. O seu gosto era doce eu não sabia ao certo do que exatamente, mas era viciante e eu não conseguia parar de saboreá-lo. O beijo ficou mais intenso, minhas mãos percorriam seu corpo, enquanto ele fazia o mesmo no meu. Estávamos praticamente engolindo um ao outro, a energia presente no quarto era palpável, parecia que iríamos para os fins de fato. No entanto, o meu estômago roncou tão alto que o Jack teve de me largar sorrindo.

— Vamos deixar os amassos para depois. Preciso colocar algum alimento na sua boca, senão você vai continuar com fome. A sua sorte é que minha assistente já deixou tudo pronto — comentou deixando os meus lábios aos poucos.

— Tudo bem, eu estou morrendo de fome mesmo. Só preciso de um minuto no banheiro antes de descer — pedi e me afastei para ir tomar um banho.

— Okay, eu a espero lá na cozinha — informou antes de sair da suíte me deixando sozinha.

No banheiro, deslizei a camiseta do Jack pelo meu corpo e entrei na banheira com água quentinha. Não precisei deixar a água esfriar, o banho estava ótimo, mas alguém me esperava, por isso resolvi me apressar. Saí enrolada num roupão branco e fofinho, peguei minha mala no closet, coloquei minhas roupas numa gaveta ali mesmo e escolhi um vestido preto de mangas com uma saia rodada. Estava muito frio lá fora. No final, arrumei meu cabelo num rabo de cavalo e estava pronta.

Desci as escadas descalça fazendo pouco barulho, mas percebi que o apartamento era uma cobertura e parecia nunca ter fim de tão grande que era. Na parte de cima ficavam os quartos e, pelo que pude observar na passada rápida que dei por eles, eram muitos. Havia umas seis portas além do quarto do Jack. Na parte de baixo, uma sala enorme estava totalmente aberta, com janelas de vidro que não davam nenhuma privacidade, além de uma decoração bem sofisticada. Os móveis eram pretos e brancos e cuidadosamente organizados em cada canto. Ainda passei por algumas portas fechadas que eu não fazia ideia do que eram, mas fiquei com vergonha de bisbilhotar, até que cheguei a uma grande e confortável cozinha. Lá havia tudo o que uma cozinha profissional deveria ter, e seus eletrodomésticos eram todos de inox, sem contar a grande ilha de mármore que ficava bem no centro, dando uma atmosfera de cozinha de televisão.

A mesa do café da manhã estava pronta quando cheguei e havia de tudo um pouco. No entanto, uma surpresa me esperava: o Jack não estava sozinho... Havia uma linda jovem loira com ele sentada à mesa, enquanto

uma senhora servia o seu café.

A garota estava sorrindo, provavelmente de alguma coisa que o Jack dissera. Em alguns momentos ela mexia nos seus cabelos loiros sedosos e em outros piscava para ele, como se estivesse flertando. Fiquei um pouco sem graça de atrapalhar uma conversa tão íntima e animada, mas não tinha alternativa a não ser me apresentar:

— Bom dia — falei com a voz um pouco mais baixa do que eu usava normalmente.

— Bom dia, minha garota — Jack respondeu e depois puxou uma cadeira ao seu lado para que eu pudesse me sentar.

— Bom dia — a garota loira sorridente respondeu.

Estávamos bem perto e pude perceber o quanto ela era linda, pois não eram somente seus cabelos que eram bonitos. Ela tinha seus olhos azuis, a pele impecável e o corpo perfeito sem nada a desejar. A garota ainda usava um lindo vestido vermelho, que caía perfeitamente bem nela.

Quando todos estavam sentados comendo, finalmente o Jack resolveu nos apresentar:

— Essa é a Mia, minha assistente. Ela cuida de tudo quando estamos em casa.

— Olá, Mia! É um prazer conhecer você — falei um pouco mais aliviada em saber que ela era sua assistente. Por um momento, havia achado que ela tinha algum tipo de relacionamento amoroso com o Jack.

— Eu gostei muito de te conhecer, Helena. E espero que você consiga colocar um pouco de juízo na cabeça desse meu primo arrogante — falou sorrindo e olhando para o Jack, que não estava nem aí para a nossa conversa.

Aos poucos fui descobrindo um pouco mais sobre a assistente do Jack, que era sua prima. No final, percebi que estava exagerando. A garota era muito simpática, tinha terminado a faculdade de Relações Públicas e estava ajudando o Jack a colocar sua vida caótica nos trilhos. Conversamos sozinhas

enquanto ele atendia algumas ligações no escritório. A empregada tirou a mesa e ficamos lá mais um pouco até que o Jack apareceu.

— Eu estou livre o resto do dia, será que podemos sair? O que acha de conhecer a Big Apple?

— Vou adorar sair com você — disse entusiasmada demais com o convite.

— Acho que você gostou do convite! Agora só precisa colocar uma roupa mais quente e podemos ir. Talvez a Mia possa ajudá-la!

— Claro que posso! Vamos até o meu quarto, devo ter algo que você possa usar — concorda simpática e já subiu as escadas me carregando com ela.

— Um pouco mais devagar! Eu não estou conseguindo te acompanhar — resmunguei logo atrás dela. *Essa garota só pode ser hiperativa*, concluí.

—Tudo bem, vamos diminuir o ritmo! Além disso, já chegamos.

Ela abriu a porta de um quarto logo depois das escadas. No lugar, que era grande e confortável, havia uma cama *queen size*, alguns móveis brancos espalhados aqui e ali, porém não tinha o tamanho nem a vista do quarto do Jack.

— Acho que isso deve servir —, Mia me mostrou um par de meias e botas pretas, além de um cardigã da mesma cor.

— Admito que gostei das suas escolhas. Quem sabe podemos sair juntas para fazer compras, o que acha? — indaguei enquanto olhava no espelho aprovando o meu visual. Só faltava soltar o meu cabelo e passar um pouco de maquiagem.

— Podemos fazer um programa só de meninas um dia desses! Você pode ter certeza de que vou providenciar isso para ainda esta semana — explicou anotando alguma coisa no seu celular.

— Estamos combinadas então — disse sorrindo.

Minutos depois eu já estava descendo as escadas, mas parei no meio do caminho quando percebi o Jack me esperando na porta. Ele estava lindo. Além da calça jeans, que ficava perfeita no seu corpo suficiente musculoso, vestia uma camiseta branca que podia marcar seu abdômen definido, um casaco preto que ele usava aberto que parecia ser de alguma universidade, um boné também preto e óculos de sol estilo aviador.

— Podemos ir agora? — perguntou segurando na minha mão e me levando para o elevador.

Descemos no *hall* do prédio e saímos para a rua. Jack ainda segurava a minha mão bem firme ao seu lado, enquanto caminhávamos sem ser notados pelas ruas tão movimentadas de Nova York.

Explorando a Big Apple

JACK

“Como todo grande amor, te deixa inseguro
Como todo amor real, está sempre evoluindo
Como todo amor verdadeiro, te deixa louco
Mas você sabe que não mudaria coisa alguma”

Welcome New York, Taylor Swift

Andar de mãos dadas com uma garota pelas ruas movimentadas de Nova York era estranho para mim, mas eu estava adorando cada segundo disso e não largaria a mão dela por nada nesse mundo! Isso era diferente e eu nunca havia me sentido assim antes, o que me deixava assustado e feliz ao mesmo tempo.

— Aonde nós estamos indo, afinal? — Helena perguntou despertando a minha atenção..

— O que acha de patinar no gelo? — indaguei parando de andar e olhando para ela, esperando a sua resposta.

— Adoraria! Eu andava bastante de patins e deve ser parecido, não é? — questionou curiosa.

— Talvez um pouco, mas ainda assim você precisa ter cuidado para não cair — disse segurando a sua cintura e depois dando um beijo rápido na minha garota.

— Espere um minuto, aonde estamos indo agora? — indagou surpresa a me ver entrando numa estação.

— Vamos ao Rockfeller Center, na pista de patinação. Ela fica um pouco longe daqui, por isso iremos de metrô — expliquei descendo as escadas que

nos levam para o metrô.

— Espere um pouco! O famoso astro do rock vai andar de metrô? — questionou alto demais.

Por um momento eu fiquei preocupado, mas relaxei em seguida ao perceber que ninguém estava prestando a atenção na nossa conversa. Poderia ser porque ela acabara de falar em português, e mesmo que muitos brasileiros vivessem ou visitassem Nova York não era tão frequente esbarrar com eles no meio da rua ou dentro de uma estação de metrô.

— Por favor, fale mais baixo! Não queremos chamar a atenção dessas fãs enlouquecidas — pedi preocupado que alguém fosse me agarrar a qualquer momento.

— Tudo bem! Eu vou falar mais baixo, mas isso não significa que vou ficar sem uma resposta — sussurrou no meu ouvido para que as pessoas ao nosso lado não escutassem o que estávamos falando.

— O que exatamente você quer saber? — perguntei encarando-a sério por uns segundos.

— Como um cantor mundialmente famoso pode caminhar tranquilamente pelas ruas de Nova York sem seguranças, nem motoristas ou até mesmo uma assistente?

— Você deve estar muito curiosa sobre isso. Talvez eu não seja tão famoso aqui nos Estados Unidos, por isso consigo caminhar tão tranquilamente pelas ruas — ironizei, o que certamente não passou despercebido por ela.

— Olha aqui! Eu não sou uma *groupie* sua, mas mesmo assim sei que sua banda faz muito sucesso em qualquer lugar do mundo, especialmente aqui no seu país — falou num tom desafiador, pois era claro como o dia que eu estava tentando distraí-la e ganhar mais tempo para responder.

—Tudo bem, você não desiste nunca — resmunguei resignado, pois tive a certeza de que ela tiraria qualquer dúvida naquele exato momento. — Aqui é o único lugar em que eu posso fazer isso, pois é a minha casa. Cresci andando

por estas ruas. Além disso, a cidade é sempre tão agitada e cheia de pessoas indo e vindo para diferentes partes desta pequena ilha que até um suposto astro do rock pode passar despercebido algumas vezes.

— Você está querendo me dizer que sempre anda sozinho pelas ruas desta cidade tão cheia de pessoas, e que a qualquer momento pode esbarrar em uma de suas fãs ou muitas delas?

— Talvez você tenha razão, por isso sempre tenho dois seguranças disfarçados andando comigo, caso alguém me reconheça e as coisas fiquem realmente fora de controle – expliquei pegando dois tickets para o metrô e segurando a sua delicada mão.

— Onde eles estão agora? — questionou olhando para os lados à procura de alguém, enquanto passávamos a catraca e seguíamos para o local onde nosso metrô pararia.

— Eles estão disfarçados e só vão aparecer se por acaso eu precisar de uma ajuda.

— Você nunca foi pego antes? — perguntou interessada em saber a resposta.

— Sim, muitas vezes.

— E o que você fez?

— Eu corri muito até chegar a um carro que os seguranças têm reservado para essas ocasiões. Agora vamos entrar que nosso transporte já chegou. São apenas algumas estações e dentro de instantes estaremos na pista de patinação.

O trajeto foi mais rápido do que eu imaginava e, para a minha sorte, saímos do metrô sem eu ser reconhecido, o que era um bônus. *Não posso dizer que não gosto das minhas fãs, porque eu estaria mentindo. Elas são fenomenais e me incentivam muito, porém às vezes eu preciso de um tempo sozinho, sair com uma garota para um encontro sem aquela perseguição de fotógrafos e fãs...*, pensei comigo mesmo. *Podemos dizer que estou pedindo muito, mas eu preciso disso para reabastecer as minhas energias e voltar*

para esse mundo louco.

Fiquei o caminho todo segurando na mão da Helena. Quando chegamos à pista estava lotada, por isso fomos comprar nossos ingressos e colocar os patins. Apesar da fila, não demoramos mais do que meia hora e já estávamos patinando. Até que a Helena tinha jeito! Para quem nunca patinou no gelo antes, ela estava indo muito bem. Atrapalhou-se no início, mas depois que pegou o jeito foi embora e eu fiquei para trás.

Passamos mais de uma hora correndo e andando em círculos. Sempre gostei de patinar, por isso, apesar da fama de roqueiro, sempre dava um jeitinho de sair para patinar no gelo. No entanto, devo confessar que era a primeira vez que eu estava acompanhado por uma garota. Eu costumava ir sozinho, com o Jonas ou com outro cara da banda. Enfim, com ela estava sempre quebrando as tradições.

— Você está tão quieto, o que foi? Já está cansado? — perguntou dando círculos à minha volta.

— Claro que não, eu ainda tenho pique para dar muitas voltas nessa pista. Coloco minhas mãos na sua cintura e a puxo para o meu lado; assim tão próximo não consigo pensar em outra coisa a não ser beijar esses lábios tão carnudos e gostosos.

— O que você está olhando? — questionou curiosa, fazendo um beicinho irresistível.

— Eu estou pensando que deveria beijar essa sua boca linda — disse e continuei olhando para ela sem mexer nenhum músculo.

— Se eu fosse você não passaria vontade e pegaria o que tanto quer —, desafiou-me olhando para os meus lábios também.

— Ah, se você insiste, eu vou pegar.

Não precisei pensar duas vezes e me aproximei lentamente dos seus lábios macios, gelados e suculentos, prontos para serem beijados, acariciados, sugados e mordiscados. E foi isso que fiz durante os próximos segundos que passamos aproveitando um do outro o máximo que pudemos.

Quando nos afastamos, ouvi alguns assobios e protestos, sinal de que mandávamos ver no nosso beijo e com certeza deixamos muitas pessoas com inveja. Eu nunca apreciei tanto um beijo, sempre seguia para a cama sem me importar tanto com as preliminares. É claro que não deixei nenhuma garota insatisfeita, mas jamais curti tanto como estava com aquela garota.

— Podemos ir agora? Eu estou morrendo de fome — resmungou quando terminamos o beijo.

— Claro! O que você quer comer? — perguntou e em seguida dei um beijo rápido nos seus lábios sempre tão convidativos.

— Você pretende me alimentar de beijos? — questionou sorrindo.

— Se você quiser, eu posso fazer esse sacrifício — disse lhe dando outro beijo.

— Eu até gostaria de viver de beijos, mas o meu estômago roncando talvez não concorde com essa ideia.

—Tudo bem, vamos procurar alguma coisa para comer! Deveríamos deixar o beijo para a sobremesa, o que você acha?

— Eu concordo plenamente — respondeu animada, segurando a minha mão enquanto saímos da pista de patinação.

O que aconteceu a seguir foi muito rápido e nem tive tempo de pensar em algo.

— Jack, JACK. EU NÃO ACREDITO! O VOCALISTA DA BANDA THE DANGERS ESTÁ AQUI.

Depois que uma garota me reconheceu e gritou em alto e bom som quem eu era, eu estava perdido e cercado por todos os lados! Não importava para onde eu olhasse, fui rodeado por uma centena de fãs tirando fotos e pedindo autógrafos. Minha única reação foi puxar a Helena para os meus braços. Percebi que ela estava muito assustada. Antes que eu pegasse meu celular para pedir ajuda, o Carlos e mais dois seguranças apareceram e nos ajudaram

a sair da multidão. Trocamos de sapatos num lugar improvisado e saímos correndo para um SUV estacionado ali na frente.

— Acho que precisamos deixar para comer alguma coisa em casa, o que você acha? — perguntei quando estávamos sentados confortáveis no banco de trás do carro.

— É uma pena! Eu queria tanto comer um *hot dog* do Gray's Papaya. Dizem que é divino —comentou desaminada olhando pela janela, enquanto seguimos para o meu apartamento.

— Podemos deixar para outra oportunidade —, não dei tanta importância para o fato, mas não pretendia deixar nosso primeiro encontro acabar daquele jeito.

Digitei uma mensagem para o Carlos, que estava nos seguindo no outro carro, e puxei a minha garota para o meu colo. Precisava ser cuidadoso, por isso entramos na garagem do meu prédio e pegamos o elevador exclusivo para a minha cobertura. O meu disfarce já era, todos sabiam que estava de volta e seria caçado diariamente em busca de autógrafos, fotos ou qualquer parte de mim que alguém quisesse pegar.

Quando entramos no meu apartamento a Helena foi correndo para a cozinha procurar algo para comer. Pensei em ir com ela, mas a campainha tocou anunciando que minha encomenda chegara. Abri a porta, peguei o saco de papel da mão do Carlos e agradeci:

— Obrigado, cara, por ajudar com as fãs e ainda por isto — falei erguendo o saco de papel com o meu pedido.

— Não se preocupe, já estamos acostumados, essa é a nossa rotina.

Depois de agradecer novamente, nos despedimos, fechei a porta e fui para a cozinha surpreender a Helena. Quando passei pela porta, eu a encontrei sentada numa das banquetas do balcão tomando um refrigerante.

— Você tem a bebida e eu trouxe a comida — disse apontando para o saco de papel na minha mão.

— O que tem aí? — perguntou pegando o saco da minha mão e abrindo em cima do balcão.

— Você não disse qual gostava mais, por isso comprei um de cada. Podemos experimentar juntos e descobrir o seu sabor preferido.

— Eu não acredito que depois desse alvoroço todo você ainda assim conseguiu comprar o *hot dog* do Gray's Papaya! Você sabia que até o Obama já comeu esse cachorro-quente?

— Claro que eu sabia! Afinal também adoro esse cachorro-quente — respondi segurando na sua cintura e a puxando para os meus braços.

Depois de demonstrar o quanto ela gostou da surpresa me beijando até que eu não conseguisse mais respirar, sentamos juntos e comemos mais de um dos nossos lanches, ou melhor, eu comi enquanto a Helena mordia cada um dos *hot dogs* para saber o seu preferido.

Sem saída

HELENA

"Eu vivi tanto tempo acreditando que todo amor é cego
Mas tudo sobre você
Me diz que desta vez
É pra sempre, desta vez eu sei"

Forever, Kiss

Acordei com a claridade batendo no meu rosto. Já devia ser bem tarde, mas ainda estava morrendo de sono, pois quase não dormira na noite anterior. Depois de experimentar um pedaço de cada *hot dog* do Gray's Papaya, conversamos sobre a nossa infância. Na verdade, eu falei sobre a minha vida, enquanto o Jack escutava e bebia uma garrafa inteira de Jack Daniel's, sua bebida favorita. No final da noite ele estava bêbado e com um apetite sexual elevado por causa da bebida. Resultado: passei a noite inteira acordada tentando resolver o problema do meu marido, que só ficou satisfeito quando já estava amanhecendo.

Olhei no meu telefone e havia dez chamadas perdidas da minha mãe. Ela deveria estar estressada ao extremo, e ligar para ela seria um risco de morte, portanto só enviei uma mensagem, que era bem mais segura.

Eu: *Oi, mãe tá tdb! Não precisa ligar toda hora. Assim que tiver novidades eu aviso. Até mais.*

Joana: *Até que enfim você lembrou que tem uma mãe, filha ingrata, desnaturada. Eu estou morrendo de preocupação, você sumiu. Foi embora sem se despedir, largou a faculdade. Será que você está louca? Talvez eu precise te internar...*

Eu: *Não seja dramática, mãe, eu só tranquei meu curso e pretendo voltar no segundo semestre. Eu só preciso de um tempo sozinha com o Jack.*

Joana: *Quando você volta?*

Eu: *Eu ainda não sei, mãe!*

Joana: *Seu pai está muito preocupado com você.*

Era só o que me faltava! Ela começar a fazer chantagem para ver se desistia e voltava para o Brasil.

Eu: *Manda um bjo pra ele e diz que eu estou bem. Agora eu preciso ir, depois conversamos. Até mais.*

Tive certeza de que ela não ficou satisfeita, por isso escrevi uma mensagem para a Gabi e desliguei o celular, antes que ela ligasse novamente.

Deitei-me na cama e suspirei. Estava sozinha no quarto. *Onde será que está o Jack? Preciso de um banho primeiro; depois, comida. E aí sim vou procurar meu cantor preferido.*

Uma banheira quente com espumas e alguns aromatizantes fazem milagres para a pele e o corpo de qualquer pessoa, por isso meia hora depois eu estava renovada. Coloquei um roupão e voltei para o quarto, mas fui surpreendida por uma visita inesperada. A Mia, assistente do Jack.

— Bom dia, dorminhoca — cumprimentou sorridente colocando a bandeja na minha frente.

— Bom dia, Mia! E obrigada pelo café da manhã, eu estou faminta.

Nem esperei vestir a roupa e sentei-me na cama para devorar tudo: suco de laranja, torradas, ovos *benedict*, panquecas com Nutella.

— O Jack me pediu para trazer o seu café da manhã — avisou e verificou o celular, que não parava de apitar.

— Onde o Jack está? — perguntei curiosa.

Teria sido bom que ele tivesse levado o meu café na cama.

— Ele teve uma reunião com a gravadora de manhã e depois se trancou no pequeno estúdio que tem aqui no apartamento. Provavelmente está compondo. A banda deve gravar um novo CD até o final do ano, por isso o Jack tem um pouco mais de seis meses para compor as músicas e a gravadora sempre vem aqui para lembrá-lo disso. — Ela pareceu preocupada com alguma coisa, pois continuava olhando sistematicamente para o celular.

— É o Jack que compõem todas as músicas da banda? — questionei interessada, pois não fazia ideia de que ele escrevia as canções. Na verdade, eu sabia bem pouco sobre a vida do Jack.

— Sim, é ele quem compõe todas as músicas. Porém, dessa vez temos um prazo curto e o Jack está trabalhando sob pressão. Resultado: nenhuma música saiu ainda e ele está uma pilha de nervos.

Ela mal terminou de falar e o seu celular apitou novamente.

— O que está acontecendo? Por que o seu celular não parar de apitar?

— Eu tenho um alerta no Google cada vez que aparece alguma informação sobre o Jack. E, depois que descobriram vocês no Rockfeller ontem, não paro de receber alertas de fotos, vídeos, notícias, pedidos de entrevistas. Enfim, estamos sendo bombardeados. Vocês estão em evidência no momento e todos querem saber sobre a esposa do vocalista do The Dangers. A imprensa colocou até um apelido em você.

— E qual é? — perguntei curiosa e parando de comer pela primeira vez.

— Priscila. Acho que eles estão comparando você à esposa de Elvis porque ambas são bem novinhas e se casaram de repente com estrelas do rock.

— Ah, entendi! Eu já ouvi esse apelido antes. Descobriram a gente ontem, por favor, me diga a verdade, está tão ruim assim?

Satisfeita, coloquei a bandeja em cima da mesinha de cabeceira e olhei para ela esperando a sua resposta.

— Os *paparazzi* estão na frente do prédio desde ontem, o telefone não para de tocar pedindo entrevistas e apresentações em programas de TV, então acho que você pode tirar as próprias conclusões.

— Resumindo, não podemos mais sair daqui por um tempo — falei desanimada, pois adoraria conhecer Nova York com o Jack.

— Sim, o Jack não vai poder sair desta cobertura tão cedo, mas se você conseguir se disfarçar um pouco podemos sair para fazer aquelas compras. As pessoas ainda não a conhecem muito bem, por isso é fácil passar despercebida. O que acha de fazer umas comprinhas na Quinta Avenida? — convidou animada e tive a impressão de que ela adorava fazer compras.

— Eu não sei — falei indecisa.

É claro que gostava de fazer compras, mas não sabia se queria sair sem o Jack.

— Vamos lá, garota! Quem resiste a uma tarde de compras — provocou insistiu no convite e fez aquela famosa carinha do Gato de Botas deixando seu convite impossível de recusar.

—Tudo bem, você conseguiu! Vou apenas colocar uma roupa e avisar ao Jack que estamos saindo.

Segui para o closet, onde tinha algumas roupas, e coloco uma meia grossa, calça jeans, blusinha branca, um sobretudo vermelho e uma botinha curta preta. Sequei o meu cabelo e quando passava rímel ouvi a Mia gritar:

— Eu te espero lá embaixo.

Enquanto eu passava uma base somente para não ficar com uma aparência pálida, já que estava mais branca do que o normal, além de um batom *matte*

nude, dei uma olhadinha rápida no espelho para verificar se estava pronta.

Desci as escadas o mais rápido que consegui e, na sala, dei uma olhada em todos os lugares à procura do Jack. Fui até o seu escritório e nada dele. Encontrei mais uma sala grande com um bar, mesas de pôquer e sinuca, mas ainda nem sinal dele. Já estava desistindo quando ouvi um som bem baixinho no final do corredor. Fui andando na direção do som, que ficava mais forte a cada passo que dava. A porta estava entreaberta, por isso olhei dentro do cômodo antes de precisar bater, ou melhor, chamar atenção dele, que estava tão concentrado sentado numa poltrona tocando um violão e cantando uma música que eu conhecia de algum lugar. Os versos eram tão lindos:

Maybe I didn't treat you,

Talvez eu não tenha lhe tratado

Quite as good as I should have.

Tão bem quanto deveria

Maybe I didn't love you,

Talvez eu não tenha te amado

Quite as often as I could have.

Tanto quanto eu poderia

Little things I should have said and done,

Pequenas coisas que eu deveria ter dito e feito

I just never took the time.

Eu simplesmente nunca encontrei tempo

You were always on my mind.

Você esteve sempre na minha mente

You were always on my mind.

Você esteve sempre na minha mente

Eu fiquei parada observando-o cantar por alguns minutos sem que ele percebesse a minha presença, porém os versos eram tão sinceros e ele cantava com tanto sentimento que acabei dando um suspiro mais alto do que deveria e fui descoberta. No entanto, ele não parou de cantar quando me viu parada na porta e continuou repetindo os últimos versos e olhando para mim.

You were always on my mind.

Você esteve sempre na minha mente

You were always on my mind

Você esteve sempre na minha mente

Quando a música acabou ele colocou o vilão ao lado da poltrona e abriu os braços para mim. Eu não pensei duas vezes, entrei o mais rápido que pude e sentei-me no seu colo, beijando cada parte do seu rosto até chegar aos seus deliciosos lábios. Ele não usava uma camiseta, estava perfeito só com uma calça jeans e os pés descalços.

— Acho que você sentiu a minha falta na cama — comentou me dando outro beijo.

— É claro que senti, eu nunca vou me cansar de você — respondi ainda sentada no seu colo e beijando-o novamente.

— Eu também nunca me canso de você, garota — disse enquanto me olhava de cima a baixo. — Aonde você vai tão linda assim? — perguntou depois de observar que estava usando um casaco enquanto ele nem colocara uma camiseta.

— Eu vou fazer compras com a Mia.

Tentei me levantar do seu colo, mas ele segurou na minha cintura e me puxou para baixo.

—Tudo bem, eu vou ficar aqui sozinho. — Enquanto ele falava, dava umas mordidas no meu pescoço me deixando toda arrepiada.

— Isso é chantagem! Se você quiser, posso ficar aqui com você, mas não quero atrapalhar. A Mia contou que você está escrevendo as músicas para o próximo CD da banda.

— Eu estava brincando, garota! Eu realmente estou muito ocupado hoje e daqui a pouco o Jonas vai chegar. Eu estou sem inspiração e talvez ele possa me ajudar.

— Quem sabe eu posso ser a sua musa inspiradora... — Deslizei minhas mãos pelos seus braços e depois para seu abdômen, nunca quebrando o contato com os seus olhos.

— Você já é a minha musa inspiradora! Acontece que eu só penso em músicas melosas e eu tenho uma banda de rock, preciso cantar sobre garotas, sexo, frustrações, drogas e outras coisas nesse gênero.

— Entendi, mas infelizmente eu não posso te ajudar com isso. Portanto, vou encontrar a Mia e gastar um pouco do seu tão suado dinheirinho.

— Okay! Eu estarei aqui quando você voltar.

Trocamos um beijo rápido, mas o que era para ser uma despedida se prolongou e demos o maior amasso na poltrona. Suas mãos viajaram pelo meu corpo que agora ele conhecia tão bem, enquanto sua língua deslizava por cada centímetro descoberto da minha pele. Eu não sei bem o que acontecia, quando o Jack me tocava, mas o meu corpo respondia de uma forma tão intensa que parecia estar pegando fogo! E se o Jonas não tivesse nos interrompido teríamos ido aos finalmente ali mesmo; meu sobretudo e a minha blusinha já estavam no chão.

— Posso esperar enquanto vocês terminam o que já começaram —

comentou o Jonas parado na porta.

— Eu preciso de um pouco de privacidade, cara! — gritou o Jack tentando cobrir meus seios enquanto o Jonas estava parado na porta rindo da gente.

— Tudo bem! Eu vou pegar uma cerveja e já volto. — Ele saiu ainda dando risada da situação.

— Desculpe por isso, linda — pediu saindo de cima de mim e depois pegando minhas roupas no chão.

— Não tem problema — disse apesar de estar vermelha de vergonha.

— Agora eu preciso ir atrás dele, antes que ele volte para encher o meu saco.

Depois de me dar um beijo de despedida, dessa vez mais tranquilo, ele saiu do estúdio indo atrás do Jonas. Só precisei de uns minutos para ficar apresentável novamente e ir procurar a Mia, que já me aguardava impaciente na sala.

— Eu pensei que você tinha desistido do nosso passeio — disse chateada enquanto pegava sua bolsa e o celular que estavam numa mesinha. Saímos juntas pela entrada de serviço do prédio. Um táxi já nos aguardava lá fora e apesar do trânsito caótico de NY chegamos em segurança na famosa Fifth Avenue.

Andamos e compramos em quase todas as lojas da rua. As roupas eram impressionantes, as quais não seriam encontradas em qualquer lugar do mundo. O que mais gostei, porém, foram das *lingeries* sexy da Victoria's Secret, por isso exagerei e comprei muitas calcinhas e sutiãs. No final, estávamos cheias de sacolas e se tirassem uma foto nossa, naquele momento, iria parecer a capa daquele filme *Delírios de Consumo de Becky Bloom*. Enfim, tínhamos exagerado mesmo e o Jack com certeza estava mais pobre depois daquelas compras, já que pagamos tudo com seu cartão de crédito.

Para nossa salvação o Carlos chegou com um carro e entramos aliviadas para soltar nossas mãos de tantas sacolas. No caminho para casa ainda paramos num restaurante que a Mia adorava chamado Max Brenner. Eu

experimentei um *fondue* de chocolate branco e preto e ainda um *waffle* com morangos e chocolate.

Enquanto comíamos e jogávamos conversa fora, a Mia me contou da sua infância difícil sem a mãe, que morreu quando ela ainda era bem novinha. Depois disse que conheceu o Jack quando ele já era famoso. Ela tinha terminado a faculdade e precisava de um emprego, por isso pediu ajuda para a mãe do Jack, sua tia. Depois de duas semanas, ela conseguiu o emprego, pelo qual era grata.

Conversamos ainda sobre os outros integrantes da banda, mas não sei se foi impressão minha, mas a Mia parece ter uma queda pelo Freddy. Quando perguntei, ela tentou me distrair e acabou não respondendo nada. Depois de comer mais do que deveria, saímos do restaurante com destino a uma cobertura, na qual ansiava chegar o mais rápido possível.

Juntos e misturados

JACK

"Eu tenho que te dizer o que estou sentindo por dentro
Poderia mentir pra mim mesmo, mas é verdade
Não há como negar quando olho em seus olhos
Garota, estou louco por você"

Forever, Kiss

Depois das compras a Helena voltou mais alegre do que nunca; na verdade, ela era uma garota divertida e ficar do seu lado estava me deixando cada vez menos estressado. Por um lado, era bom ficar em casa curtindo a minha garota, mas, por outro, estávamos com sérios problemas, porque, desde que havia chegado do Brasil e entrado no meu estúdio para compor, não conseguira produzir nada. As letras simplesmente não apareciam na minha cabeça! Não importava o que eu fizesse, nada saía. Cantei músicas antigas para ver se a inspiração aparecia, mas, apesar de algumas melodias serem bem inspiradoras, nada surgiu e estava começando a ficar preocupado com isso. Todos dependiam dessas músicas para entrar em estúdio e gravar. Resumindo, eu estava sob pressão extrema. *Não gosto de ser pressionado! Acho que ninguém se sente à vontade com isso.* O meu primo havia me visitado mais cedo naquele dia, a fim de descobrir se eu já tinha composto alguma música. Ele me ajudava em algumas canções, porém nunca compunha sozinho.

Quando minha garota chegou em casa tive uma surpresa. Helena se sentou no meu colo e comemos juntos uma sobremesa que ela trouxe do restaurante que visitou junto com a Mia, *Waffle* com calda de chocolate, chantilly e morangos, muitos morangos, que eu acabei espalhando alguns pelo corpo dela. Resultado: não fiquei só com a sobremesa, eu precisei experimentar os morangos na sua pele e o gosto ficou infinitamente melhor.

Já era tarde. Helena havia chegado fazia horas, mas não viera ao estúdio nenhuma vez depois disso, e como a inspiração também não apareceu eu saí a procura da minha garota.

Nem precisei procurar muito e já a encontrei debruçada na mesa de bilhar tentando acertar uma bola. Fiquei parado na porta sem que ela percebesse a minha presença. *Não sei como consegui uma garota tão linda!*, pensei. Ela estava usando um short jeans curtíssimo e quando empinava para dar uma tacada podia ver a curva da sua bunda, e isso era excitante pra caralho! Para completar seu visual sexy, ela usava um top branco sem sutiã, estava descalça e com os longos cabelos castanhos soltos, que caíam em volta dos seus ombros como cascatas até chegar à sua cintura. Seu corpo era perfeito e suas curvas, na medida certa para a minhas mãos.

Helena era linda. Devo confessar que já havia estado com mulheres belíssimas, mas nenhuma delas tinha a sua inocência, sua falta de malícia. Eu conseguia olhar nos seus olhos e ver que ela estava comigo porque gostava do Jack, o garoto de New Jersey, e não do cantor de rock famoso. Isso fazia toda a diferença, era o que me deixava mais atraído por ela a cada segundo.

— Você só vai ficar olhando ou vai entrar e me ensinar a colocar essa bola no buraco? — indagou.

Helena estava parada ao lado da mesa, segurando um taco na mão e olhando para mim com aqueles lindos e brilhantes olhos verdes.

— Talvez eu só queira ficar aqui e admirar a vista — disse olhando um pouco mais para o seu corpo perfeito.

— O que acha de sentir ao invés de olhar? — indagou sorrindo e andou na minha direção.

— Isso seria perfeito — murmurou no caminho entre a porta e a mesa.

Antes de nossos corpos se encontrarem eu já sentia o seu cheiro, e parecia maravilhoso como sempre, uma mistura de maçã com canela doce. Ela era definitivamente doce.

Quando cheguei bem perto do seu corpo, meus braços deslizaram para a

sua cintura e puxei suas pernas, até que ela estava enrolada em mim. Meu lugar preferido no mundo, sentir os seus lábios nos meus era o paraíso! Por isso o beijo, como sempre, foi intenso e prazeroso. Ela tinha alguma coisa diferente nos lábios que me deixava ligado no segundo em que nos tocávamos. Continuamos a nos beijar até que ela se afastou toda vermelha, puxando a respiração em busca de ar.

— Eu pensei que você iria me ensinar a jogar — falou sem fôlego, mas ainda nos meus braços.

— Achei que poderíamos brincar um pouco antes! — disse distribuindo beijos no seu pescoço.

— Você nunca se cansa de mim? — Ela se desvencilhou dos meus braços e se sentou à mesa de bilhar.

— O que você acha de jogar uma partida? Quem perder fica sem uma peça de roupa — sugeri. — Tenho certeza de que vou deixá-la sem roupas antes que perceba o que aconteceu.

— Eu gostei da brincadeira — aceitou sorrindo e olhou para mim, talvez porque eu estava usando apenas uma calça jeans e seria fácil me deixar sem roupa.

O que ela não sabia era que eu não só sabia jogar sinuca, como era bom pra caralho nesse jogo.

O jogo começa e apesar de ela ter-me enganado no começo, fingindo que nem sabia jogar, depois de algumas rodadas eu estava só de cuecas, mas a Helena estava praticamente nua na minha frente, usando uma calcinha preta com detalhes de renda e o seu top branco.

Depois de terminar mais uma partida e a Helena perder novamente, devo dizer que não continuamos a jogar. Acabei usando a mesa de sinuca de outras formas, muitas e diferentes maneiras que não se parecia com nenhum jogo, mas aproveitei cada momento como nunca.

No final da noite, minha garota estava exausta, por isso a carreguei no colo até o meu quarto e dormimos abraçados, o que era estranho, pois nunca

dormi agarrado com ninguém. As garotas até dormiam na minha cama, mas eu fazia questão de ficar do lado oposto delas e em hipótese alguma dormia agarrado a elas. Definitivamente as mudanças ao lado da Helena não tinham fim. Desde o nosso primeiro encontro, as coisas vinham acontecendo em uma velocidade espantosa. *Talvez eu deva me afastar um pouco dela*, pensei preocupado. *Nunca precisei de ninguém ao meu lado, sempre fui uma pessoa solitária.* Olhando para ela enrolada nos lençóis na minha cama, porém, rapidamente desisti da ideia. Eu simplesmente não podia abrir mão daquele corpo perfeito, daquele cheiro doce que me levava à loucura. *Pelo menos ainda não.*

Acordei sentindo o seu cheiro tão peculiar, que, àquela altura, já estava impregnado na minha pele, ultrapassava meu olfato e tinha ficado gravado na minha memória, tornando quase impossível continuar na cama sem acordá-la. No entanto, minha garota estava dormindo tão tranquila, por isso me levantei devagar e coloquei uma cueca boxer que estava no caminho. Desci para o meu estúdio. As madrugadas são perfeitas para compor. *Quem sabe sai alguma coisa dessa falta de sono repentina*, pensei esperançoso.

Apesar de dedilhar os conhecidos acordes no meu velho violão, não surgiu nada novo, apenas um verso não me saía da minha cabeça:

I lose control because of you, baby

Eu perco o controle por sua causa, meu bem

I lose control when you look at me like this

Eu perco o controle quando você me olha desse jeito

There's something in your eyes that is saying tonight

Há algo em seus olhos que está dizendo esta noite

("You And I", Scorpions)

Quando terminei os últimos acordes da música, percebi alguém me observando na porta. Ela estava enrolada num lençol, os cabelos soltos e a cara de sono. Era linda e eu nunca me cansava de olhá-la.

— Agora podemos voltar para a cama? Eu estou morrendo de sono e não consigo dormir sem você ao meu lado. Eu tentei, juro, mas no instante em que você se levantou eu me senti sozinha e com frio — disse ainda sonolenta.

Fui até a porta, eu a carreguei no colo e voltamos juntos para a cama. Com certeza, já que ela estava acordada, não iria dormir tão cedo e eu ficaria os próximos meses nos seus braços, quando tudo acabasse, eu já estaria satisfeito.

Um dia como outro qualquer

HELENA

“Esta inocência é brilhante
Eu espero que isso permaneça
Esse momento é perfeito
Por favor, não vá embora”

Innocence, Avril Lavigne

Acordar com beijos. Tem algo melhor do que isso? Tenho quase certeza de que não existe.

— Acorda, dorminhoca! Estamos atrasados, temos um compromisso este final de semana.

Depois dos beijos carinhosos, o Jack deixou uma bandeja de café da manhã do meu lado e foi até o closet trocar de roupas.

— Aonde vamos tão cedo? — perguntei comendo um pedaço da minha panqueca com Nutella.

— Vamos passar o final de semana na minha casa, nos Hamptons — explicou ainda no closet.

Eu não era nenhuma tola, afinal havia assistido a muitas séries de TV americanas e fazia uma ideia das maravilhosas casas que existiam nos Hamptons. No entanto, nunca pensara que poderia um dia entrar em uma daquelas casas. *Será que as surpresas nunca terminam?*, pensei ansiosa. Minha vida pareceria uma montanha-russa e eu não fazia ideia de onde ela iria parar.

— Termine o seu café que eu estarei lá embaixo esperando você. — Ele se abaixou e me deu um selinho, saiu do quarto, mas voltou em seguida. —

Ah, quase me esqueci! A Mia está subindo para fazer nossas malas.

— Certo — assenti.

Até pensei em argumentar que eu poderia fazer nossas malas, mas a Mia deveria saber melhor o que precisaríamos levar, por isso me levantei rapidinho da cama e fui correndo para o banheiro. Assim, quando ela chegasse, eu já estaria pronta. Pena que não fui tão rápida assim durante o banho e quando finalmente terminei a Mia já estava no quarto, organizando duas malas abertas sobre a cama.

— Está pronta para um final de semana nos Hamptons? — perguntou animada, dando até uns pulinhos no meu do quarto.

— Eu posso saber o porquê de tanta animação? — questionei curiosa, segurando a toalha que estava amarrada ao meu corpo.

— Você não sabe o que é um final de semana na mansão do Jack, nos Hamptons, com todos os integrantes da banda e seus convidados — contou a novidade e olhou para mim, esperando a minha reação.

— Eu sei que é um lugar lindo, pelo menos é o que mostram nas séries e nos filmes aos quais já assisti, mas ainda não entendo a sua animação. Afinal, como assistente, deve estar acostumada com a casa e tudo mais.

— Nem um pouco — revelou sentando-se na cama e me encarando pela primeira vez. — Faz pouco tempo que me tornei assistente do Jack, por isso nunca visitei e casa dele nos Hamptons antes. É por essa razão que estou tão animada.

— Ah! Entendi! Também é a minha primeira vez — disse contente com a viagem inesperada, pois já estava cansada de ficar trancada naquele apartamento.

— Ok, vamos terminar de arrumar as malas que o Jack está nos esperando lá embaixo.

— Eu preciso vestir uma roupa primeiro — disse apontando para a toalha na qual ainda estava enrolada.

— Eu separei uma roupa para você; se não gostar, pode escolher outra coisa. Mas achei que ficaria perfeita com ela.

Mia mostrou-me uma calça jeans, uma camisa de manga comprida branca e um casaco preto, os quais estavam pendurados num canto do closet, além de uma sandália de salto alto laranja.

Quando coloquei as roupas e dei uma olhada no grande espelho que estava na minha frente, amei o visual. Estava perfeito. Nunca poderia escolher nada melhor, por isso dei um sorriso para a Mia, para dizer que havia adorado as roupas.

— Obrigada, Mia! As roupas são lindas.

— Eu sabia que ficariam perfeitas em você.

Ela terminou de fechar as malas e descemos juntas até a sala, onde o Jack me esperava ansioso.

— Achei que vocês iriam passar a tarde toda dentro daquele quarto se arrumando — comentou pegando a mala que eu estava segurando e me puxando para sair do apartamento.

Quando já estávamos no elevador, ouvi seu celular tremer no bolso de sua calça jeans. Ele tirou o aparelho do bolso, digitou algo e guardou o telefone. Saímos do elevador em direção a uma SUV preta que nos aguardava, na garagem, com as portas abertas. O motorista eu não conhecia, mas quem segurava as portas abertas era o Carlos, chefe de segurança do Jack. Eu seria muito grata a ele pelo resto da minha vida por ter me ajudado aquela vez no aeroporto, por isso, quando entramos no carro, murmurei baixinho:

— Obrigada, Carlos.

Ele apenas balançou a cabeça demonstrando ter escutado meu agradecimento.

No carro nos sentamos juntos, a Mia ficou do outro lado, enquanto o Carlos foi na frente, ao lado do motorista.

Saímos do prédio sem ser vistos pelos paparazzi, que ainda faziam plantão em frente à cobertura do Jack em busca de uma imagem ou até mesmo de uma declaração do famoso vocalista da banda The Dangers.

A viagem foi tranquila. Ouvimos algumas músicas da banda, é claro, eu admirei a paisagem e bati papo com a Mia sobre roupas. Ela ainda se mostrava extasiada com a viagem.

Chegamos a uma mansão de portões dourados e fiquei sem palavras. O lugar era lindo e enorme. Só a piscina tomava toda a frente daquela bela casa. Desci do carro ainda com as pernas bambas e precisei me apoiar no Jack para não cair. Aquilo era surreal e a Mia não parava de dar gritinhos de alegria atrás de mim.

Entramos na casa pela porta da frente e fiquei ainda mais surpresa com os móveis, perfeitamente organizados num estilo elegante na grande sala que estava bem na minha frente. Tudo era chique e requintado, mas não tinha as mesmas cores neutras do apartamento do Jack. Os quadros cuidadosamente colocados na parede davam uma aparência de uma casa de família.

— Eu não tive nada a ver com a decoração da casa. Na verdade, só a escolhi por causa da vista maravilhosa. A decoração ficou por conta da minha mãe, que fica aqui a maior parte do tempo — sussurrou no meu ouvido, quando percebeu que eu estava parada feito uma estátua no meio da sala.

— Você quer dizer que esta é a casa da sua mãe? Em momento algum pensou em me dizer esse pequeno detalhe? — questionou preocupada, afinal não fazia ideia de que iria conhecer a minha sogra naquele mesmo dia.

— A casa é minha, porém minha mãe adora ficar aqui na maioria das vezes.

— Você me deixou um pouco insegura, agora que mencionou que vou conhecer a sua mãe. E se ela não gostar de mim? — Tentei não parecer preocupada, porém sem sucesso.

— Não se preocupe com a minha mãe, pois até eu resolvi ignorá-la a maior parte do tempo — falou como se não tivesse importância alguma a

opinião da mãe dele, mas eu sabia bem que no meu caso não seria tão simples.

Subimos até o seu quarto, que ficava no segundo andar, guardamos as malas num closet do tamanho do meu apartamento e depois fomos à sacada para admirar a vista. O Jack tinha razão, a vista era de tirar o fôlego. O quintal da casa era uma praia com areias branquinhas e um mar azul. Talvez fosse por causa do frio, mas o lugar estava deserto, transmitindo tranquilidade para quem observava de longe como eu.

— Podemos descer agora para conhecer o resto do pessoal? — sugeriu.

Por um momento, pensei que ficaríamos sozinhos naquele paraíso, mas fui despertada dos meus devaneios pelo Jack, que estava me puxando para a área da piscina.

Definitivamente, não estávamos sozinhos. A casa estava lotada de pessoas que eu nunca havia visto antes. Conforme andamos em direção à música alta, esbarramos nos convidados, que paravam para cumprimentar o Jack. *Desse jeito, nunca chegaremos ao local exato da festa*, pensei. Enquanto ele conversava com uns amigos na cozinha, soltei sua mão e fui para a área da piscina sozinha. *Talvez eu encontre a Mia ou o Jonas e consiga uma bebida*, pensei esperançosa.

Era uma típica festa na piscina, com muita bebida e garotas de biquínis. A água deveria estar aquecida; caso contrário, seria impossível entrar nela naquele frio. Andei ao redor da piscina em busca de alguma cara conhecida e amigável, mas não encontrei ninguém. Já estava quase desistindo e voltando para a cozinha à procura do Jack, quando avistei a Mia sentada numa rodinha de outras garotas, usando um short curtíssimo e um top preto.

— Oi! — Mia disse olhando para mim. — Helena, você quer se sentar aqui com a gente? — perguntou arrumando um espaço para que eu me sentasse ao seu lado.

Mia me ofereceu um copo com uma bebida doce que elas estavam bebendo e eu me juntei às garotas. Todas elas me cumprimentam com um sorriso um pouco forçado demais para o meu gosto e continuaram a falar dos

integrantes da banda The Dangers e sobre quem sairia com quem naquela noite. Confesso que fiquei sabendo de detalhes da vida sexual dos garotos que me deixaram roxa de vergonha, mas ninguém parecia se importar, por isso tentei não parecer muito chocada com o que ouvia. Foi então que uma garota resmungou ao meu lado, decepcionada.

— Eu não acredito que convidaram a Jessica! Com ela na festa, o Jack não vai ter olhos para mais ninguém.

— E eu pensei que iria conseguir ficar com o Jack hoje... — comentou uma loira só de biquíni sentada na minha frente.

— Pode ir desistindo, amiga, que não vai ser hoje que você conseguirá tirar uma casquinha do sexy vocalista da banda — disse outra garota morena ao lado da Mia.

— Talvez ele tenha enjoado dela e esteja procurando outra garota. Quem sabe ainda temos chance? São dois dias — falou uma garota ruiva.

Eu não sabia o que pensar, muito menos o que dizer. Em alguns momentos, até tentei abrir a boca para falar alguma coisa, mas nada saiu, e as garotas continuaram a falar o quanto elas queriam sair com o meu marido. A Mia olhava para mim como se pedisse desculpas, mas isso não acalmou meu coração. A irritação só aumentava, até que olhei para onde as garotas estavam apontando e literalmente perdi uma batida.

A Jessica estava saindo da cozinha de mãos dadas com o Jack. Os dois sorriam e a oferecida usava o vestido vermelho mais curto e colado do planeta. As lágrimas que segurei tanto para não sair desceram silenciosas pelo meu rosto. Eu já não podia mais ficar parada ali, por isso me levantei o mais rápido que pude e entrei na primeira porta que encontrei. Graças a Deus era um banheiro. As lágrimas desceram desenfreadas pelo meu rosto, sobre as quais eu já não tinha nenhum controle.

Estava desabando em lágrimas, quando escutei a porta se abrir. Alguém correu na minha direção, tirou meus cabelos do meu rosto e disse:

— Desculpe por tudo que você ouviu lá fora — disse Mia preocupada. —

Aquelas garotas não fazem ideia de que você é a esposa do Jack, muito menos que ele rompeu a relação com a Jessica.

— Agora há pouco, lá fora, não parecia que eles tinham terminado a relação — ironizei.

— Eu sei que é difícil o que te dizer agora, mas você precisa confiar um pouco em si mesma e no Jack. A Jessica é uma oferecida e não perde uma oportunidade para se aproveitar da situação. O Jack é uma pessoa pública e, além disso, é um homem lindo. É natural que as mulheres falem dele. Você precisa ficar calma e relevar muitas coisas.

— Você está querendo dizer que tenho que entender quando sou traída? — perguntei incrédula.

— Não é nada disso! Pelo que eu pude ver, você não está sendo traída. O Jack não seria tão estúpido assim, afinal vocês chegaram juntos e, ainda por cima, são casados. Ele não faria uma loucura dessas. Agora se levante daí, lave seu rosto e volte para a festa. Mostre para as *groupies* a quem o Jack pertence.

— Tudo bem, acho que você tem razão. Eu só preciso de um minuto para ficar apresentável novamente.

— Não tenha pressa, eu vou te esperar lá fora — disse e saiu antes que eu percebesse.

Lavei meu rosto e fiquei alguns minutos olhando no espelho. Meu rosto estava vermelho e meus olhos, inchados. *Eu preciso de uma maquiagem urgente para disfarçar isso*, pensei. *Talvez se eu sair de fininho do banheiro e for até o quarto, ninguém perceberá.* Para o meu alívio, quando abri a porta do banheiro, não havia ninguém me esperando, nem a Mia. Por isso, saí o mais rápido que consegui, passei pelas pessoas na piscina, entrei na casa e subi as escadas correndo até o meu quarto. Fui até o closet e abri minha mala em busca de uma roupa mais confortável, afinal estávamos numa festa na piscina e eu não poderia usar calça jeans o tempo todo. Revirei a mala até que encontrei o vestido perfeito, verde-clarinho de alcinhas e colado no meu corpo. Se eu não tivesse visto as roupas das garotas lá embaixo, poderia dizer

que era muito curto, mas, depois do desfile das mulheres de biquíni, aquele vestido estava ótimo. Dei uma olhadinha no espelho e senti que estava pronta. Saí do quarto e desci devagar as escadas, mas esbarrei em alguém quando estava quase chegando.

— Oh, me desculpe! Eu não vi você.

— Não tem problema, eu estava distraída também — explicou uma mulher bem bonita usando um vestido preto, estilo tubinho. Seus cabelos loiros estavam amarrados num rabo de cavalo e seus olhos me lembravam alguém, porém não conseguia saber exatamente quem seria.

— Você é uma das convidadas do Jack? — perguntou me encarando.

— Não seria bem uma convidada... Meu nome é Helena — apresentei-me e segurei a sua mão, pensando: *Quem sabe com a menção do meu nome ela saiba quem eu sou.*

— Sei, você deve ser a namorada do dia de algum dos integrantes da banda — supôs como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Sou a esposa do Jack. Por que ninguém nesta festa sabe disso? — questionei nervosa, pois aquela situação já passara dos limites.

— Eu sou Estela, a mãe do Jack, e que eu saiba não fui convidada para nenhum casamento do meu filho — comentou irritada e sem tirar os olhos de mim.

— Não teve cerimônia de casamento, nos casamos em Vegas alguns meses atrás.

— Ah, esse casamento eu vi nas revistas, mas achei que era mentira, pois meu filho nem me ligou para avisar que havia se casado, nem ontem quando falamos ao telefone. Você deve ser completamente esquecível — ironizou, deixando-me totalmente sem reação.

— Devo ser sim, mas acho que isso não é da sua conta — pronunciei as palavras usando todas as forças que tive para não chorar, mas aquilo fora a gota da água num balde quase cheio. Eu estava esgotada emocionalmente,

porém em hipótese alguma iria chorar na frente daquela mulher.

—Talvez não seja, mas não pense que ele vai ficar muito tempo com você. Meu filho enjoa fácil, e eu conheço bem as mulheres como você, que só querem dinheiro e fama.

— Já terminou de...

Antes de dizer algumas verdades para aquela mulher, o Jack apareceu e segurou a minha cintura dizendo:

— Vocês estão se conhecendo?

— Claro, meu filho sua esposa é adorável — disse forçando um sorriso falso que não estava em seu rosto minutos atrás.

— Pena que a sua mãe não sabia da minha existência até que nos esbarramos na escada informei cuidadosamente para ver a reação dele.

— Como assim, mãe? Você sabia que eu havia me casado em Vegas — disse Jack confuso e a encarou pela primeira vez.

— Ah, claro, você deve ter mencionado, mas eu acabei esquecendo; se me lembro bem, o casamento seria anulado!

— Não vai mais, resolvemos nos dar uma chance, afinal está dando certo.

— Claro, meu filho. Fique à vontade, a casa é literalmente sua. Tenho assuntos urgentes a tratar, mais tarde nos falamos.

—Tudo bem, mãe, até mais tarde.

—Tchau, meu filho. E fique à vontade, Helena, a casa também é sua — finalizou e saiu da sala pela porta da frente.

Eu devo estar sonhando... Ou a mãe do Jack é bipolar ou é a pessoa mais falsa que eu já tive o desprazer de conhecer.

— Vamos voltar para o meu quarto? Você está linda nesse vestido e eu estou morrendo de vontade de tirá-lo — sussurra no meu ouvido, enquanto

depositava beijos ao longo do meu pescoço.

— Eu não vou a lugar algum com você — falei brava, afinal não havia esquecido que ele estava de mãos dadas com a Jessica quando apareceu na festa.

— Eu posso saber por que você está brava comigo?

— Não se faça de desentendido. Você sabe muito bem do que estou falando, mas, para refrescar sua memória, vou soletrar: fes-ta; mãos e Jes-si-ca — falei as últimas três palavras o mais devagar que consegui.

Ele sabia exatamente por que eu estava chateada, pois seus olhos brilhavam de entendimento.

— Você não vai ficar irritada comigo porque a doida da Jessica segurou a minha mão, bem na hora que eu saía da cozinha para te procurar?!

— Não era isso que parecia de longe – afirmei decidida.

— Isso só pode ser brincadeira! Eu não fiz nada de errado e não segurei a mão da Jessica. Assim que percebi que ela queria mostrar para todos na festa que viemos juntos, soltei a mão e saí de perto. Estou tentando fazer as coisas certas, mas você faz questão de dificultar muito a minha vida.

— Eu acho que você deveria tentar um pouco mais. — Não o esperei me responder e saí.

Pensei em voltar para o meu quarto e desabar na cama, mas estava numa festa e não ficaria trancada num canto chorando enquanto ele se divertia! Por isso, virei na direção da piscina e saí dali o mais rápido que consegui.

A festa na piscina

JACK

"Eu preciso de você agora
E eu vou me prender a esse momento
Não o deixe passar"

Innocence, Avril Lavigne

Ainda não havia conseguido entender por que a Helena ficara tão brava comigo, já que segurar a mão da Jessica fora a coisa mais inocente que tinha feito com aquela mulher. *Quer saber? Que se danem ela, a Jessica e todas as outras! Eu não preciso ficar me rastejando para mulher nenhuma! Talvez uma bebida seja tudo de que eu mais precise depois dessa conversa estranha*, pensei irritado.

Saí dali seguindo a música alta na piscina, uma das nossas; aliás, era nossa primeira música a tocar no rádio! Eu nunca poderia me esquecer dela, apesar de tê-la tocado poucas vezes nos shows. Passei pelo bar e peguei dois shots de tequila e uma rodela de limão. Depois daquela discussão, eu precisava de algo realmente forte. A primeira dose eu bebi ali mesmo, e o líquido desceu queimando a minha garganta. A queimação, porém, era agradável, e a adrenalina correu solta pelas minhas veias. Continuei andando até os caras da banda sentados perto da piscina.

— E aí, *brothers*, o que está rolando? — perguntei me sentando ao lado do Jonas.

— Não é nada, estamos apenas admirando a paisagem — respondeu o Freddy, que estava sentado ao lado do Bob.

Virei-me para ver o que todos estavam olhando e fiquei paralisado. A Helena, isso mesmo, minha esposa, estava debruçada no balcão do bar tomando uma bebida frutada. Mas isso não era o mais importante... Ela

estava com a bunda arrebitada para que todos vissem, usando um vestido curtíssimo. Eu nem havia percebido, mas dava para ver todo o contorno da bunda dela, e mais um pouco. Talvez se eu me abaixasse um pouco eu poderia ver a bochecha da bunda dela...

— Cara, como você tem sorte! Esse corpo perfeito é todo seu, só seu, para todo sempre. Não me admira que você tenha casado com ela na primeira noite. Ela tem um apelo sexual natural e nem mesmo percebe, além de ser carne nova no pedaço — resmungou o Bob, enquanto secava a minha mulher com os olhos.

—Tire os olhos dela, se você ainda pretende ficar com eles — gritei para que ele me escutasse, apesar da música alta. Fui na direção dele, mas, antes que eu o alcançasse, o Jonas me segurou.

— Calma aí, Jack! Você não percebe que ele está brincando? Ninguém aqui vai ficar cobiçando a mulher do outro, mas você deve cuidar da sua garota, já que não somos só nós que estamos olhando para ela —, apontou para uns caras na lateral do bar secando a minha mulher, além do maldito barman.

— Helena é uma mulher casada, portanto eu não preciso estar na cola dela o tempo todo para ela saber disso e não fazer nada idiota — resmunguei mais para mim do que qualquer coisa. Depois, sentei-me numa cadeira ao lado do Jonas, só a observando de longe.

A Helena não estava mais sozinha, pois conversava com a Mia e a Giovanna. A música que tocava era mais agitada e as meninas começaram a dançar em volta da piscina, algumas até caindo na água de roupa e tudo. As três, porém, permaneceram dançando sozinhas, e foram tantas músicas que estavam suadas de tanto dançar. Eu havia perdido a conta de quanto tinha bebido, mas o importante era ainda que não estava tonto. *Talvez falte pouco, mas esse momento ainda não chegou*, pensei.

Recusei algumas meninas que me chamaram para dançar e mais outras que queriam subir para o meu quarto. A verdade era que eu nem estava fazendo isso porque era casado, e sim por não desejar ninguém mais do que a morena que dançava na beira da piscina.

Depois de algum tempo, meus colegas subiram para seus quartos, cada um acompanhado de uma garota, e eu fiquei sozinho, observando enquanto mais um cara se aproximava para dançar com a minha mulher. Os anteriores haviam sido rejeitados, porém aquele último demorara mais do que os outros para se mandar, mas no final acabou caindo fora e ela continuou dançando sozinha, da maneira mais sexy possível. E eu estava perdido.

Estava tão distraído olhando para a minha garota que nem percebi a Jessica sentando-se no meu colo. Levantei-me imediatamente e olhei para ver se a Helena havia visto a cena ridícula, mas ela continuava a dançar sem olhar para mim. *Essa foi por pouco! Era tudo de que eu precisava para a Helena me dar um pé na bunda de vez.*

— Por que você me empurrou? Eu quase caí de bunda no chão — Jessica resmungou chateada.

— Você não pode se sentar no meu colo como se fosse alguma coisa minha — vociferei irritado.

— Nós somos íntimos há muito tempo e isso me dá todo direito.

— Você está muito enganada. Eu te levei para cama algumas vezes e nada mais, esteja bem certa disso.

— Eu pensei... — Ela abriu a boca para falar mais alguma coisa, mas ficou quieta segundos depois, como se não tivesse como argumentar.

— Você não tem que pensar em nada! O que aconteceu entre nós é passado e nunca mais vai se repetir — disse convicto.

Quando despachei aquela garota, olhei para atrás e observei a Helena parada olhando para mim. A Jessica foi embora o mais rápido que os seus sapatos a deixaram caminhar e eu voltei a me sentar na cadeira e peguei outra bebida. A Helena, porém, continuava distraída me olhando, até que a Mia a empurrou dentro da piscina. As outras duas pularam também, mas o que me deixou desconcertado foi o vestido dela, que grudou em seu corpo quando ela voltou à superfície e subiu as escadas da piscina. Mesmo àquela distância, pude ver a calcinha minúscula preta e o contorno perfeito dos seios da

Helena. Para a minha total angústia, não era somente eu quem via tudo aquilo... Olhavam-na, cobiçando o que era meu, os poucos homens que restaram na festa, pois, em razão do horário – quase duas horas da manhã –, a maioria estava em algum quarto. Perdi o controle das minhas ações, levantei-me e corri na direção dela.

— A festa acabou para você! Precisamos subir agora mesmo — ordenei com os punhos fechados em busca de controle.

— Eu ainda quero ficar mais um pouco, e você não manda em mim — respondeu puxando os cabelos para o lado e tirando o excesso de água neles.

— Não estou mandando em você. Só quero tirar essa sua roupa molhada.

— E se eu não quiser tirar essa roupa molhada — desafiou-me.

— Eu não estou com paciência para brincadeiras! Vamos logo, não me irrite — respondi me aproximando um pouco mais dela, a fim de cobrir a visão dos outros.

— O que você faria se eu não quisesse subir com você? — perguntou curiosa.

— Não pague pra ver, Helena! Eu não estou nos meus melhores dias.

— Eu estou pagando para ver – ela completou e cruzou os braços em volta da cintura, fazendo seus seios subirem e quase saltarem para fora do vestido.

Alguma coisa imediatamente ganhou vida no meu corpo e eu não queria nada mais além de me perder dentro dela a noite inteira. Por isso, nem pensei duas vezes ao me abaixar e jogá-la nas minhas costas. O ato foi tão repentino que a emudeceu. Algumas pessoas bateram palmas e outras gritaram:

— Leva ela para um quarto.

— É isso o que vou fazer. — Sorria enquanto carregava minha esposa para o nosso quarto.

Quando lá entrei, eu a joguei em cima da cama e esperei a sua reação. *Quanto será que ela bebeu?* Logo tive a minha resposta, pois ela olhou para

mim com os olhos brilhando de raiva.

– Você só pode estar louco por me carregar desse jeito — gritou se levantando da cama e vindo na minha direção.

Helena estava furiosa comigo e começou a bater no meu peito sem parar. Segurei os seus braços e nossos olhares se encontram. Os lábios dela estavam entreabertos, e ela puxou o ar, soltando-o lentamente para manter a calma. Eu olhei para os seus seios, que subiam com o movimento, e ela percebeu, mas permaneceu me encarando. Helena fechou a boca e prendeu seus lábios carnudos com os dentes, sinal de que tanto precisava para descer meus lábios nos dela e segurar suas pernas em volta da minha cintura. No começo ela tentou resistir, mas a química entre nós foi mais forte e eu a joguei na cama, deslizando minha língua em cada polegada do seu corpo macio, até que ela gritou de prazer com as pernas em cima do meu ombro os cabelos espalhados pela cama. Eu rasguei seu vestido e o joguei do outro lado do quarto, ao que ela tentou protestar, mas fui mais rápido e prendi seus lábios nos meus novamente. Sua boca era perfeita e me deixava querendo sempre mais.

— Eu ainda estou brava com você, Jack — murmurou entre um beijo e outro, porém sem metade da convicção de antes.

— Então eu vou precisar passar a noite inteira convencendo você do contrário — sussurrei no ouvido dela, enquanto tirava sua calcinha e a preenchia por completo, enquanto ela gritava de prazer nos meus braços.

O pôr do sol na praia

HELENA

"Quando estou com você
Sinto meu mundo acabar,
perco o chão sob os meus pés
Me falta o ar pra respirar"

Um minuto para o fim do mundo, CPM 22

O domingo amanheceu ensolarado, tranquilo e calmo. Não dizem que depois da tempestade vem a calmaria? Acho que estavam certos, a tranquilidade de que eu tanto precisava depois daquela noite turbulenta era aquela manhã. Passamos o dia inteiro juntos, tomamos café da manhã na cama, e depois um banho de espuma na banheira de hidromassagem. Quando já estava na hora do almoço, descemos para o churrasco que o Jonas e os outros garotos da banda preparavam. Encontramos todos em volta da piscina, comendo e bebendo tudo que tinham direito. Para o meu alívio, a Jessica e a mãe do Jack não apareceram para o churrasco.

— Eu pensei que os coelhos não iam sair do quarto hoje — comentou o Jonas sorrindo e mexendo a carne na churrasqueira.

Os outros bebiam sentados numa mesa próxima e também trocavam sorrisos estranhos na nossa direção. Eu fiquei roxa de vergonha e se não fosse pela Mia, que veio correndo para me cumprimentar, o constrangimento teria sido bem pior. *Eu não sou nenhuma garota inocente... Pelo menos não mais, e depois de tudo que o Jack já fez comigo eu até fico vermelha só de pensar. Acontece que uma coisa é a nossa relação entre quatro paredes e outra bem diferente é saber que todos sabem o que estávamos fazendo no quarto.*

— Vamos, garota, você precisa desgrudar um pouco do Jack. O que acha de um passeio na praia? — convidou puxando meu braço, sem ao menos

esperar a minha resposta.

Eu não tive alternativa a não ser aceitar seu convite repentino.

— E aí, o que você achou do seu final de semana? — perguntou animada segurando meu braço enquanto caminhávamos juntas até a areia.

— Eu tenho que dizer que não começou bem. O que aquelas garotas disseram na festa não foi nada legal. Ainda teve a aparição repentina da Jessica... Parece que ela está sempre à espreita esperando o pior momento para aparecer — desabafei desanimada, sentando-se na areia ao lado da Mia.

— A Jessica é prima do Mike, que é empresário da banda, portanto ela está sempre ao redor, procurando a oportunidade perfeita. Quanto às garotas da noite passada, elas não são más, apenas não sabiam que você era esposa do Jack. Além disso, você precisa entender que o meu primo é lindo, famoso, vocalista da banda, então as mulheres se jogam aos pés dele com uma frequência assustadora.

— Eu sei disso, e entendo! Na verdade, eu tento, mas fracasso na maioria das vezes. Estou perdidamente apaixonada pelo seu primo, joguei tudo para o alto no Brasil e vim atrás dele. Pode ser uma loucura, mas isso é mais forte do que eu.

— Não se preocupe com isso agora, o Jack também está caidinho por você.

— Como você sabe disso? — perguntei curiosa.

— Ele nunca teve uma namorada. As mulheres ficavam na sua cama apenas uma noite e no dia seguinte eram completamente ignoradas.

— Menos a Jessica.

— Não é o que você está pensando. A Jessica sempre esteve ao redor, era fácil sair com ela depois dos shows, mas ele nunca a tratou como uma namorada, tanto que ficava com outras garotas na frente dela, sem precisar dar nenhuma satisfação.

— Por que você acha que ele está diferente comigo?

— Com você ele se preocupa, diria que morre de ciúmes. Desde que você chegou, ele não ficou com mais ninguém.

— Ele não seria louco! Não sou nenhuma menina estúpida! Se ele sair com outra mulher, compro uma passagem só de ida para o Brasil e nunca mais ele vai me ver novamente.

— Você está certa! A fidelidade é muito importante num relacionamento — assentiu triste, enquanto olhava o mar a nossa frente.

— Desculpe perguntar, mas você já foi traída?

— S-sim — disse hesitante sem olhar para mim. — Meu ex-namorado me traiu com a minha colega de quarto da faculdade.

— Minha nossa, me desculpe novamente. Eu não fazia ideia — disse preocupada por fazê-la se lembrar de um momento tão ruim.

— Não tem problema, não tinha como você saber. Eu cheguei mais cedo um dia da faculdade, quando a minha professora estava doente, e peguei os dois transando na minha cama. Foi um choque, tive que procurar outro lugar para morar, faltava pouco para terminar a graduação e eu estava destruída. Quase desisti de tudo.

— Que bom que não desistiu! Agora podemos sentar juntas nesta areia maravilhosa e observar o mar — falei segurando a sua mão.

— Essa conversa está muito triste! Vamos voltar para o churrasco e comer alguma coisa que eu estou faminta.

Minha barriga resolveu roncar para reforçar o que eu havia dito antes.

Retornamos para a casa. Os meninos estavam mais animados do que antes e, para meu alívio, ainda tinha comida. Colocamos um pouco de cada coisa no prato, sentamo-nos na cadeira e comemos em silêncio. O Jack tirou a roupa e caiu na piscina só de cueca boxer. Os outros garotos o seguiram e algumas meninas também se jogaram na água, porém todas usando um

biquíni estilo americano que cobria bem a bunda, mas, infelizmente, eu não podia dizer o mesmo dos seios.

Eu subi correndo até o meu quarto, entrei no closet e coloquei meu biquíni preto de tiras, decorado com pedras de *strass*, que havia trazido do Brasil. Eu não tinha nenhuma saída de praia, por isso peguei uma camiseta do Jack que dizia: "I'm Jack's Girl" [Eu sou a garota do Jack]. Desci as escadas correndo até a piscina, onde todos estavam animados, e quando cheguei o Jack já me esperava.

— Eu gostei da sua camiseta — disse sorrindo.

— Você mandou fazer uma camiseta para ninguém olhar para a sua garota. Isso é estranho, Jack — gritou o Jonas do outro lado da piscina.

— Cale a boca, Jonas — Jack revidou mostrando o dedo do meio.

Depois de observar a discussão toda por causa da camiseta que eu havia escolhido, levantei meus braços, tirei a camiseta e deixei na cadeira. Quando olhei para o Jack, eu o vi parado olhando para mim. Na sequência, entrei na piscina sem nenhuma ajuda dele, que continua parado me observando.

— Obrigada por me ajudar a entrar na água — resmunguei indo na sua direção.

— Onde você comprou esse biquíni? — indagou depois de ficar mudo por alguns instantes.

— No Brasil. O lugar exato eu não me lembro, talvez numa praia do Rio de Janeiro — informei confusa com a pergunta, mas tentei responder o que conseguia lembrar.

— Ótimo. Nunca mais use esse biquíni se eu não estiver com você — disse preocupado.

— Por quê? — questionei olhando para o meu corpo em busca de alguma coisa errada, mas não encontrei nada diferente.

— Você ainda tem coragem de me perguntar? Você está muito foda

usando esse biquíni, as peças se encaixam perfeitamente no seu corpo, acentuando cada curva sua. E ainda tem essas pedras colocadas em lugares estratégicos... Eu diria que você está muito gostosa.

Eu não precisei dizer nada. Um elogio daqueles tem de ser bem recompensado, por isso coloquei meus braços em volta do seu pescoço e trocamos um intenso beijo na piscina.

— Se desgrudem e vamos curtir um pouco a festa — gritou o Jonas.

Todos concordaram, e o Bob jogou água em cima da gente, molhando o meu cabelo.

Depois que eles se uniram para nos afastar, resolvemos entrar na brincadeira e jogamos vôlei na piscina, os garotos contra as garotas. Após muitas partidas eu já estava cansada e as outras meninas também.

— Vamos dar uma volta na praia? O sol já está quase se pondo e eu quero ver isso de lá — Jack sussurrou no meu ouvido.

Imediatamente os cabelos da minha nuca se arrepiaram. *Deveria ser errado ter uma voz tão sexy assim*, pensei enquanto olhava para ele.

— Podemos ir então, eu já estou pronta — disse segurando a mão dele e saindo da piscina.

Não foi preciso caminhar muito até chegar à areia da praia. Eu coloquei a minha camiseta de volta, porque estava começando a esfriar, e nos sentamos um ao lado do outro. Eu encostei minha cabeça no seu ombro e fiquei vendo aquela vista maravilhosa. Não precisava dizer muita coisa, a cena na nossa frente já contava uma história.

O Sol estava baixo no céu, descendo até o horizonte. Sua cor amarela estava mais alaranjada, o que o deixava ainda mais belo em comparação com o azul do mar.

— Eu poderia ficar aqui por horas, só olhando para essa imagem tão linda — disse admirada.

— Esse é o meu lugar preferido no mundo — revelou o Jack, olhando para o pôr do sol.

— Você vem sempre aqui admirar o pôr do sol?

— Sim. Quando estou aqui, faço questão de vir sempre que posso. É o lugar mais tranquilo. Eu até posso ouvir os meus pensamentos.

— E no que você estaria pensando agora? — indagou curiosa.

— Em você — ele respondeu sem hesitar.

Sua resposta me deixou em choque, pois eu não esperava por aquilo.

— O que exatamente você está pensando sobre mim?

— No quanto eu sou um homem de sorte por ter você comigo neste momento.

— Você deve estar brincando.

— Claro que não! Essa é a mais pura verdade.

— Quer dizer que o famoso vocalista da banda The Dangers está feliz porque está na praia com uma garota sem graça como eu?

— Você não é e nunca será sem graça, Helena. É a minha garota! Nunca se esqueça disso.

Aquelas palavras tão simples tiveram um grande valor sentimental para mim, já que eram tudo o que eu precisava ouvir.

— Eu acho que também sou uma garota de sorte — disse sorrindo.

Segurei seu rosto com as duas mãos e encostei nossos lábios num beijo calmo. Estávamos apenas experimentando: primeiro eu senti o seu cheiro, depois o seu gosto; depois, chupei sua língua e ele gemeu baixinho, e a sensação de prazer aumentou assustadoramente. Entrelacei meus dedos nos seus cabelos macios e ele gemeu novamente. No segundo em que nossas línguas se encontraram, já estávamos rolando na areia.

— Podemos voltar para o nosso quarto agora — falei entre um beijo e outro.

— Eu pensei que iríamos só ver o pôr do sol na praia — disse parando de me beijar e descendo suas mãos para as minhas pernas, para, em seguida, subir até minhas coxas, cintura, barriga e meus seios.

— Quer dizer que você não tinha intenção de transar na areia? — perguntei olhando para ele.

O Jack estava com as mãos nos meus cabelos e seu corpo quente, sobre mim.

— Essa não era a minha intenção no início, mas com certeza agora é. A gente muda de ideia o tempo todo.

— E se alguém vir a gente aqui? — indaguei preocupada.

— Já escureceu e ninguém pode ver muita coisa neste momento — sussurrou no meu ouvido tentando me persuadir com beijos.

Ele beijou meu pescoço, meu colo, meus seios. Minha camiseta foi arremessada para longe e eu também tiro a dele. Jack só estava usando uma cueca boxer por baixo, por isso não precisava de muito mais tempo para que eu jogasse minhas pernas em volta da sua cintura, ainda deitada na areia da praia. O meu gesto foi o estopim de que ele precisava para me preencher por completo. A cada vaivém eu me sentia mais perto do prazer de estar nos seus braços, mais perto de me sentir feliz como nunca me havia me sentido antes e mais perto do clímax, que me deixou totalmente desorientada, coberta de areia dos pés à cabeça e sorrindo igual a uma boba enquanto olhava para o céu admirando as estrelas.

Um dia de diversão no parque

JACK

“Isso é amor o que estou sentido?
Esse é o amor que eu estive procurando?
Isso é amor ou eu estou sonhando?
Isso tem que ser amor”

Is This Love, Whitesnake

Voltamos para o meu apartamento no domingo à tarde. Todos saímos juntos e antes de entrar na famosa Manhattan tínhamos uma última parada. O Mike estava muito contente com a nossa última turnê, havíamos saído dos hotéis sem quebrar nada, e isso era uma vitória para ele. Para comemorar, portanto, ganhamos uma noite sozinhos num parque de diversão em Coney Island. Chegamos perto do anoitecer, todos os brinquedos estavam funcionando, e as barraquinhas de pipoca, algodão-doce e outras guloseimas estavam a postos. O único detalhe que não podia passar despercebido era o fato de o parque estar completamente vazio.

— O que achou do parque? — perguntei entusiasmado.

— Eu adorei — comentou empolgada, seus olhos brilhando confirmando sua alegria.

— Você já esteve em um parque assim antes? — questionei curioso.

— Não! Eu já fui a pequenos parques na minha cidade, mas nunca a um assim tão grande — Helena explicou e segurou a minha mão.

Seguimos até uma grande roda-gigante, junto com os outros integrantes da banda, além da Mia, da Giovanna e de mais umas garotas que nem conhecia. Nossa comitiva não era tão grande, cerca de vinte pessoas, por isso ainda

parecia que o parque estava vazio.

Entramos e nos sentamos em uma das cadeiras da roda-gigante, que mais pareciam grandes xícaras de chá. Colocamos os cintos de segurança, enquanto o Jonas e uma garota loira entravam na outra xícara ao nosso lado. A Mia veio logo em seguida acompanhada pelo Freddy e por mais outras pessoas. Quando todos estavam prontos, gritaram:

— Vamos lá! Estamos prontos!

A grande roda começou a girar e imediatamente a Helena segurou a minha mão com toda a força que possuía. Ela ficava linda com aquela carinha de medo

— Você tem medo de altura? — perguntei sorrindo.

—Talvez — respondeu com certo receio na voz.

— Pelo aperto de morte que você está dando na minha mão, e ainda pela sua carinha assustada, eu diria com certeza que você tem muito medo de altura.

—Tudo bem, eu morro de medo de altura — admitiu finalmente.

— Não se preocupe, esse brinquedo é totalmente seguro. Mas, se você preferir, pode ficar no meu colo, assim eu posso te proteger para não cair — comentei tirando o seu cinto de segurança e puxando-a para os meus braços. — Assim está melhor? — perguntei beijando o seu pescoço.

— Entendi agora por que você queria me segurar nos seus braços, assim você tem fácil acesso a qualquer parte do meu corpo — resmungou desconfiada.

— Um homem pode sonhar, não é mesmo?

Desci minhas mãos pelas suas pernas nuas. Para a minha sorte, a saia curta dela me deu fácil acesso ao seu lindo corpo. Continuei descendo até chegar às suas partes íntimas, então afastei sua calcinha com cuidado, enquanto ela me olhava assustada.

— Você vai fazer isso aqui? — perguntou fechando as pernas de repente.

— Você não quer?

Deslizei a minha mão um pouco mais, enquanto ela ficava ainda mais vermelha e gemia baixinho. Eu não ousei olhar para baixo, fixando meus olhos nos dela e permanecendo lá, enquanto minhas mãos faziam todo o trabalho. Seus gemidos aumentaram e, para abafar o som, coloquei meus lábios nos dela. Nós nos beijamos com vontade. Segurei seus lábios entre meus dentes e ela gritou, atingindo o ápice de prazer. Tirei meus dedos e os coloquei na boca sentindo seu gosto doce.

Helena estava desalinhada nos meus braços, com os cabelos desarrumados, as roupas fora de lugar e um sorriso no rosto que indicava sua satisfação. Olhar para ela daquele jeito me deixava ainda mais excitado, mas eu estava sem sorte porque a roda-gigante parou, momento em que teríamos de descer da xícara. Só tive tempo, portanto, de me ajeitar na minha calça jeans apertada e entrelaçar a minha mão na dela. Caminhamos pelo parque, andamos em outros brinquedos juntos e observamos os meus amigos se divertirem. Os caras pareciam crianças correndo de um brinquedo para outro. O Jonas e o Freddy eram os que mais gritavam, aprontando com os outros e, depois, correndo.

Eu parei numa barraca de tiros, dei uma pistola para a Helena e fiquei com outra. O vencedor levaria um ursinho panda em tamanho real. Começamos empolgados, mas a Helena não tinha pontaria nenhuma, perdeu nas suas três tentativas. Eu errei a primeira, porém acabei acertando a segunda e a terceira, portanto consegui ganhar o prêmio. A Helena deu vários pulinhos, animada, e um beijo na minha boca de agradecimento. Tentei aprofundar segurando sua nuca e puxando-a para mais perto, mas a garota percebeu e me afastou assim que descobriu a minha real intenção.

— Você está sempre pensando em sexo — disse curiosa, mordendo seus lábios bem rosados do nosso beijo.

— Nem sempre, só quando eu estou com você — respondi com sinceridade.

— Quer dizer que quando estamos juntos você só pensa em transar comigo? — falou surpresa, tirando os cabelos da frente do rosto para me encarar. — Basicamente é para isso que eu estou com você, é apenas sexo. — Pelo seu tom de voz, ela estava bem chateada.

Eu precisei dizer alguma coisa bem boa para apaziguar seus ânimos:

— Não precisa fazer essa carinha magoada, Helena. Nossa relação não é apenas sexo, temos uma química que vai além disso, e eu tenho certeza de que você sabe do que estou falando. — Coloquei minhas mãos no seu rosto e puxei-a para os meus braços.

A minha garota abriu um sorriso e se aconchegou mais no meu peito, onde era o seu lugar.

Antes de a noite acabar, ainda comemos cachorro-quente com batata frita. No final, estávamos cansados, mas muito felizes. Saímos do parque quase à uma hora da manhã. O resto do caminho até meu apartamento foi tranquilo, cada um seguiu seu destino, pois morávamos em lugares diferentes. A Helena ficou enroscada no meu colo, portanto, quando o Carlos estacionou na minha garagem e abriu a porta para mim, levantei-me com ela nos meus braços e segui para o elevador. Enquanto subíamos, ela nem se mexeu. Entrei no apartamento e subi as escadas para o meu quarto, depositei-a devagar na minha cama e fui tomar um banho rápido no chuveiro mesmo. A água quente deslizava pelo meu corpo e as ideias surgiam na minha cabeça, simples assim. E uma nova melodia surgia, a qual eu precisava anotar antes que as letras sumissem da minha mente.

Desliguei o chuveiro mais rápido do que o previsto, peguei uma toalha e sequei as partes importantes. Fui até o closet, coloquei uma cueca boxer branca, uma calça de moletom folgada e desci para o estúdio. No instante em que segurei meu violão nas mãos, as letras da música surgiram novamente e eu cantei sobre um dia bom, no qual as pequenas coisas são as mais valiosas, porque podem ser as últimas. E pela primeira vez eu compus uma música inteira, porém numa língua na qual nunca usara para escrever uma melodia antes, o português. Portanto jamais poderia usar essa música no álbum, a gravadora não permitiria. Será que a minha musa inspiradora tinha algo a ver

com aquela repentina mudança? Eu tinha certeza que sim.

Continuei ainda tocando, cantando e escrevendo as letras numa folha de papel. Os acordes da música eram simples, porém a letra era bem profunda.

Eu quero acordar nos seus braços a cada manhã

Olhar nos seus olhos e ver a extensão do seu sorriso

No final do dia é só disso que eu preciso.

Quando finalizei os últimos versos, o dia já estava amanhecendo, por isso me arrastei até o meu quarto, puxei as cobertas e me deitei ao lado da minha garota. Ela nem sequer abriu os olhos, apenas se encostou em mim, colocou a cabeça no meu peito e continuou a dormir. Ao sentir o seu corpo tão quente ao meu lado, coloquei minhas mãos na sua cintura e meu rosto no seu cabelo, e adormeci imediatamente.

Um piquenique no Central Park

HELENA

"Melhor salvar o mistério
Do que se render ao segredo"

Another Day, Dream Theater

Apesar de alguns percalços no meio do caminho, eu tive o final de semana perfeito. Encerramos com chave de ouro com aquela noite no parque. Eu já havia visitado muitos parques no Brasil, mas nenhum como aquele, nem um lugar vazio só para mim. Foi fantástico! Diversão garantida, amei cada segundo, corri, andei, comi, fui em brinquedos inusitados que eu nem sequer pensei que existiam e ainda ganhei um panda de pelúcia, ao qual chamei de Jack. O verdadeiro Jack não gostou muito disso, mas eu nem liguei. O panda seria o meu mascote, e eu jamais o largaria.

Eu estava tão cansada que dormi no domingo e acordei na segunda, quase na hora do almoço. Abri os olhos e me vi sozinha na cama. Levantei, tomei um longo banho, depilei minhas pernas e ainda sequei meu cabelo; depois, coloquei um pequeno short jeans, uma camiseta e desci em busca de comida e do Jack. Encontrei uma mesa arrumada com panquecas, morangos, Nutella e uma fumegante xícara de café, minha comida preferida. Não tinha como recusar, então sentei e comi tudo. *Se continuar assim, vou engordar muito durante esta temporada em Nova York*, pensei.

Depois de bem alimentada, fui procurar alguém pelo apartamento, mas não consegui encontrar ninguém. Estava quase desistindo quando a Mia apareceu carregando um monte de sacolas da Barneys.

— Você foi fazer compras novamente? — perguntei espantada, uma vez que alguns dias antes havíamos comprado roupas que durariam pelo menos

uns 10 anos, e sem repeti-las. É, eu acho que tinha exagerado.

— Não são roupas para mim nem para você. Essas compras são do Jack, ele precisava renovar o guarda-roupa, por isso fui fazer umas comprinhas esta manhã — disse como se fosse uma coisa normal e corriqueira: fazer compras.

—Você poderia ter me chamado, eu teria ido com você. Não sou uma típica consumista, mas gostaria de ir escolher as roupas do Jack.

— Não se preocupe, você terá outras oportunidades. Além do mais, as roupas do seu marido são bem chatas de escolher, pois ele não gosta de experimentar nada novo. São sempre as mesmas marcas e modelos, nada muito exagerado, e cores mais escuras. Enfim, é uma coleção sem fim de calças e camisetas — bufou desanimada, colocando as sacolas no sofá.

—Você viu o Jack? Eu acordei agora e não vi ninguém no apartamento — perguntei me sentando no sofá ao lado dela.

— Ele deve estar no estúdio com o Jonas, porque quando saí para fazer as compras os dois estavam enfiados lá dentro — explicou apontando para o corredor na direção do estúdio, o único lugar aonde eu não tinha ido, pois não havia ouvido nenhum barulho.

— Eles devem ter dado um tempo, já que estão lá desde cedo. O Jack passou a madrugada compondo.

— Ele está sob muita pressão para compor as músicas do próximo álbum? — questionei preocupada.

— Sem dúvidas ele está carregando um peso enorme nas costas. Talvez se ele não fosse o único responsável em compor as canções da banda, estaria mais tranquilo. Entretanto, os outros integrantes, apesar de talentosos, não podem ajudar nessa parte, apenas o Jonas, que ajuda um pouco, mas suas habilidades estão apenas em alguns quesitos. Ele nunca fez uma música sozinho, pois quem tem o talento para compor é o Jack; assim, sobra tudo para ele.

Passei o resto do dia ajudando a Mia a organizar o closet e a agenda do Jack. Ele tinha algumas entrevistas, uma sessão de fotos para uma revista

famosa de rock, além de pequenas aparições em programas de rádio e TV, tudo apenas naquele mês.

Quando percebi já tinha anoitecido. A Mia se despediu e foi para casa. Horas depois, escutei o Jonas também se despedindo. Fiz um sanduíche com algumas coisas que havia na geladeira, peguei um copo grande de suco de laranja e fui até o estúdio, já que desde que acordara o Jack não saíra de lá nem para comer.

Cheguei bem de mansinho para não atrapalhar, pois ele cantava uma música tão linda. Primeiro ouvi os acordes do seu violão, depois sua voz chegou ao meu ouvido. Era uma música sobre encontrar a pessoa certa, alguém que será sua para sempre. A melodia era linda e descrevia a descoberta do primeiro amor, a entrega perfeita:

You are perfect for me, but I know that I'm not better for you

One day you'll realize this and go away.

Like in the blink of an eye

Simple like this

Simple like this

Quando a música acabou empurrei a porta e disse:

— Espero que não esteja atrapalhando, mas todos já foram embora. Eu pensei que você poderia estar com fome, afinal não saiu desse estúdio o dia inteiro.

Entrei e coloquei a bandeja com a comida em cima de uma mesinha no canto do estúdio. Na verdade, quase não havia móveis, apenas um sofá preto, vários bancos mais altos para se usar em bancadas e muitos instrumentos espalhados por toda parte.

Ele colocou o violão num suporte ao lado da parede e depois olhou para mim. Foi um olhar estranho, como se me visse pela primeira vez, por isso eu não quebrei o seu olhar. Na verdade, nem pisquei, apenas continuei olhando para aqueles olhos tão azuis e sinceros. Acho que não estavam errados ao dizer que os olhos são a janela da alma, já que os olhos do Jack eram exatamente isso, e me diziam que ele estava preocupado com alguma coisa.

— Está tudo bem? — perguntei preocupada, pois nunca o vira daquele jeito.

— Agora com você aqui sim, está tudo bem — comentou me puxando para o seu colo.

— A música que você estava cantando é linda, apesar de ser um pouco triste — disse colocando minhas mãos em volta do seu pescoço.

— Eu a comecei quando o Jonas saiu. Ainda não sei se será triste — informou me fitando com interesse.

— Pelo menos a letra que eu ouvi era bem triste.

— Por que você acha que era bem triste? — indagou enquanto passava os braços em volta da minha cintura, pressionando-me contra uma parede de músculos.

— Sei lá, parece que um amor acabou e eles estão separados — falei fingindo não dar tanta importância para isso.

— Você pensa assim porque está preocupada com o destino, mas se esqueceu da viagem. Talvez o tempo que passaram juntos tenha sido o suficiente e no fim cada um seguiu o seu caminho.

— Eu nunca teria tempo suficiente ao seu lado; quanto mais tempo passamos juntos, mais quero ficar com você. — Coloquei minhas mãos pressionado o seu pescoço para baixo e encostei meus lábios nos dele. — Esse é o lugar onde eu gostaria de ficar.

— Nisso você tem toda razão, pois eu nunca vou cansar desses lábios tão doces — resmungou ainda me beijando.

Antes de começar o que com certeza eu não teria forças para parar, suspirei frustrada e perguntei:

— Você não está com fome?

— Na verdade, agora que você chegou, percebi que estou morrendo de fome Ele me olhou da cabeça aos pés, com um olhar de desejo que eu conhecia tão bem.

— Não foi isso que eu quis dizer — comentei tentando me levantar do seu colo, mas ele me impediu.

— Que pena, porque é exatamente isso que quero dizer — sussurrou no meu ouvido bem baixinho.

— Você precisa comer comida de verdade primeiro — informou e todo o meu corpo se arrepiou, como sempre, e eu sorri.

— Depois de comer podemos subir para o nosso quarto, o que você acha? — perguntei e apontei para a bandeja com o sanduíche.

— Tudo bem, você venceu. Uma vez que vai ser a minha sobremesa, vou aceitar a sua oferta — assentiu se levantando da poltrona e seguiu até o sanduíche.

O resto da semana seguiu a mesma rotina. O Jack acordava cedo, e na maioria das vezes nem voltava para cama, pois passava a noite inteira no estúdio, tocando e compondo músicas para o novo álbum. Eu até pensei que ele tinha músicas suficientes para dois CDs, mas as coisas não funcionavam como eu imaginava. Apesar dos longos dias dentro do seu pequeno estúdio, o Jack ainda não tinha músicas suficientes para enviar para a gravadora. Às vezes ele escrevia uma música e depois picava a letra toda, dizendo que aquela canção não servia para a banda. Depois, ele começava outra, mas logo em seguida parava no meio do caminho sem inspiração.

E assim os dias foram passando até que as flores apareceram na cidade que nunca para, dando início à primavera, e eu não podia mais ficar trancada naquele apartamento com tantos lugares que eu gostaria de visitar. Durante todo aquele tempo o Jack quase não saiu do estúdio, por isso conheci a

maioria dos pontos turísticos da cidade na companhia da Mia. Ela era maravilhosa e nos divertimos muito enquanto passeávamos pela Times Square, ou descíamos as escadas do Metropolitan Museum of Art, imitando a Blair e a Serena na série *Gossip Girl*, a que eu tanto adorava assistir quando estava no Brasil. No entanto, não era o mesmo que estar na pista de patinação no Rockfeller Center com o Jack. Faltava alguma coisa, ou melhor, faltava alguém.

Ainda havia um lugar específico para visitar e, apesar de observá-lo da janela do nosso quarto, toda manhã, quando eu acordava, ainda não o conhecia. Por isso, numa manhã, acordei mais cedo, fui até a cozinha e preparei tudo de que eu precisava; depois, voltei para o quarto para acordar o Jack, mas quando cheguei ele estava saindo do banho. Caminhamos juntos até o closet e o observei enquanto ele vestia a sua roupa.

— O que acha de um passeio agora de manhã? — perguntei animada.

— Eu não sei quais são os meus compromissos para hoje, preciso ligar para a Mia — disse enquanto abotoava a sua calça jeans, que ficava perfeita no seu corpo definido.

— Eu já verifiquei a sua agenda com a Mia e seu único compromisso hoje é com a sua esposa — disse abrindo um sorriso de satisfação.

—Tudo bem! Se for assim, eu sou todo seu por hoje. Mas aonde vamos? — indaguei.

— Piquenique no Central Park.

— Entendi, você acha mesmo que vou conseguir passear pelo Central Park sem ser visto pelos meus fãs? – Ele levantou as sobrancelhas.

—Talvez se ficássemos longe das rotas dos turistas, nada de visitar Strawberry Fields, a homenagem ao cantor John Lennon... E usando o seu boné preto e os óculos escuros. Poderíamos passar despercebidos por alguns minutos ou até horas.

— Tudo bem, não custa nada tentar — concordou puxando uma camiseta preta do closet e deslizando-a pelo seu corpo facilmente.

Descemos pela área de serviço de mãos dadas e seguimos juntos até o Central Park, do outro lado da rua. O Jack levava na outra mão uma pequena cesta de piquenique com algumas guloseimas para passar a manhã beliscando.

Caminhamos pelo parque sem sermos percebidos. O lugar era ainda mais bonito de perto e na primavera, com aquela grande quantidade de árvores e flores, era ainda mais impressionante. Andamos algumas horas, e eu fiquei encantada! Definitivamente era meu lugar preferido em Nova York. Quando eu já estava cansada, sentamo-nos na grama, olhamos as pessoas que calmamente andavam por ali, comemos a comida que eu preparara, jogamos conversa fora e nos beijamos um pouco mais do que seria apropriado em público. Para nossa sorte, estávamos em um lugar afastado, por isso ninguém parou para observar os amassos que trocamos entre uma conversa e outra.

Quando percebi, já estava tarde. Sorrimos juntos ao constatar o ocorrido, pois havíamos perdido a noção do tempo. Voltamos para o apartamento felizes e sorrindo, mas quando abri a porta a pessoa que encontrei sentada no sofá fez meu sorriso desaparecer imediatamente do meu rosto.

Uma nuvem escura

JACK

"Mais um beijo poderia ser a melhor coisa
Mais uma mentira poderia ser a pior
E todos estes pensamentos nunca descansam"

Let me go, 3 Doors Down

— Olá, Jack! Eu achei que você não fosse mais voltar para casa! Estou esperando há horas! — atrevida da Jessica disse, assim que entramos no apartamento, levantando-se do sofá e nos encarando.

— Eu não tenho nada para falar com você, Jessica. Agora saia da minha casa — pedi irritado com aquela perseguição sem sentido.

— Precisamos conversar, Jack — falou o Mike com cara de poucos amigos, aparecendo na sala de repente.

— E o que a Jessica está fazendo aqui? — indaguei irritado.

— Ela é o assunto da conversa — Mike respondeu sentando-se no sofá.

— Se o assunto é a Jessica, não quero saber — cortei pegando a mão da Helena e saindo da sala.

Antes de chegar ao corredor a Jessica gritou, chamando a minha atenção:

— Se você não voltar e ouvir o que tenho a dizer, amanhã estará estampado nas manchetes dos melhores jornais.

— O QUÊ? — gritei ainda mais irritado, parando no corredor.

— Eu estou grávida — revelou olhando para a Helena com um sorrisinho cínico.

— Não quero saber se você está grávida! Apenas saia da minha casa, agora! — esbravejei a plenos pulmões.

— Você precisa saber sim! Afinal, o filho é seu — explicou o Mike ainda sentado no sofá, sem se preocupar em olhar para mim.

— Repita, pois eu não entendi! — pedi olhando para a Jessica pela primeira vez.

— É isso mesmo! Estou grávida e o filho é seu — falou me encarando como se respondesse que dia é hoje.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! Faz o maior tempo que saí com você; além disso, sempre usei camisinha.

— Eu sei. Mas as camisinhas não são 100% seguras, e faz um tempo que saímos juntos mesmo: para ser mais exata, três meses. — Jessica encarava a Helena, que, naquele momento, soltara a minha mão e não sabia o que fazer.

— Quem garante que o filho é meu? Afinal, você não é nenhuma santa — acusei olhando bem nos olhos dela, para ver se percebia um instante de hesitação; no entanto, nada aconteceu.

Ela nem sequer piscava quando respondeu:

— Eu não saí com mais ninguém, mas, se tem alguma dúvida, ainda podemos fazer um teste de DNA — provocou com uma voz tão tranquila, como se tivesse toda a certeza do mundo.

— Tudo bem. Quando o bebê nascer, podemos voltar a ter essa conversa. Até lá, quero você bem longe de mim.

— Você está totalmente enganado se pensa que vou me esconder num buraco até que o bebê nasça — ela se irritou com a minhas palavras.

— O que você quer? Esqueceu que já sou casado? Você não pode exigir que eu me case com você — respondi da forma mais irônica possível, tentando atingi-la com as minhas palavras, mas tudo isso fora em vão.

— A Jessica é a minha prima, Jack, por isso peço que você a respeite na

minha presença — falou o Mike um pouco mais irritado do que no começo da conversa.

A situação estava cada vez pior e a Helena não parava de olhar para mim, suplicando para que eu a acordasse daquele pesadelo.

— Precisamos deixar a Jessica por aqui algum tempo — informou o Mike entrando na conversa novamente.

— Quanto tempo? — perguntei já sem paciência nenhuma.

— Até o bebê nascer ou descobrirmos se você realmente é o pai do filho dela — completou o Mike, observando-me sentar no sofá.

— Isso é muito tempo — comentei preocupado.

— Talvez seja, mas não podemos arriscar que isso vaze para a imprensa. Estamos negociando o novo contrato e eles não estão cedendo em nada nas negociações, por isso nada de publicidade negativa em cima disso — comentou o Mike olhando entre mim e a sua prima aproveitadora.

— Que merda você está falando, Mike? Os fãs não querem saber quem eu levo para a minha cama ou não. Eu sou um cantor de uma banda de rock, e não de um coral da igreja. Eu não preciso manter a Jessica na minha casa! Se ela quiser contar para Deus e o mundo que está grávida e que eu posso ser o pai, que conte. Eu não dou a mínima para isso.

— Eu tenho certeza de que você não se importa, nem os seus fãs. Mas a gravadora com certeza sim. Depois de shows cancelados, turnês interrompidas, quartos de hotéis destruídos, eles ficaram com receio de investir na banda novamente, apesar de vender milhões de álbuns ao redor do mundo. Eles nos têm nas mãos. Eu só peço alguns meses; este apartamento é enorme, vocês nem precisam se ver — argumentou o Mike tentando me convencer a aceitar aquela ideia idiota.

— Eu sei que o apartamento é grande, mas ainda tem a Helena. Três pessoas num relacionamento é o mesmo que uma multidão, se é que você me entende — disse preocupado.

A Helena não conseguia olhar para mim desde que havíamos chegado do passeio, por isso não fazia ideia do que ela estava pensando.

— O que você pensa sobre isso, Helena? — perguntou o Mike, incluindo-a pela primeira vez na conversa.

— Eu não sei, e também não me sinto à vontade para decidir alguma coisa — disse devagar e olhando para a Jessica, que permanecia sentada no sofá verificando as suas unhas.

Logo depois pediu licença e se retirou da sala.

— Helena, espere, fique — pedi preocupado com a bagunça na qual havia me metido.

Helena, porém, nem olhou para trás e subiu correndo as escadas até o nosso quarto.

— Depois você fala com ela. Agora precisamos resolver esse problema — Mike resmungou olhando para a Jessica.

— Acho que eu não tenho escolha, não é mesmo? Sendo assim, ela pode ficar com o quarto de hóspedes no final do corredor.

Mal terminei de falar e a Jessica já pegou a sua mala e foi rebolando para o seu quarto.

— Não se acostume com isso, é temporário — gritei. — Assim que o novo contrato estiver assinado, você vaza.

— Você pretende colocar o seu filho na rua? — perguntou parada na minha frente, fingindo estar ofendida.

— Se esse filho for realmente meu, eu vou cuidar dele, mas isso não significa que preciso viver com você na mesma casa! Por isso não se acostume, isso é passageiro — falei mais irritado do que nunca.

— É o que veremos — resmungou enquanto voltou a rebolar em direção ao seu quarto.

Aquela bomba realmente acabara com o meu dia. *Foi tão bom ficar no parque com a Helena hoje, mas agora eu estou muito encrencado... E baseado no seu olhar mais cedo, ela não tolera a Jessica. Viver com ela na mesma casa vai ser um teste e tanto para nós dois*, pensei.

— Os caras já sabem disso? — perguntei sentando-me no sofá ao lado do Mike.

— Ainda não. Esse assunto era apenas seu, portanto achei que devia resolver com você primeiro. Depois, se você quiser, conte para eles.

— Eu não vou esconder nada deles. Até porque seria impossível com a Jessica morando aqui. O Jonas vai surtar com isso, pois ele sempre me avisou para tomar cuidado. E eu achei que estava me cuidando até agora. O Bob nem se importa com nada, talvez o Freddy até me dê os parabéns, enquanto o Rick vai dizer que eu sempre estou surpreendendo a todos.

— Tudo bem, você decide o que vai dizer. Agora eu preciso ir embora, pois ainda tenho muitas coisas para resolver — informou ao se levantar e sair da sala.

Eu fiquei parado ali, encarando o chão por alguns minutos, sem saber como sair daquela situação. *Nunca pensei em ser pai. E, se fosse escolher, diria que não estou preparado para isso, nunca estive*, pensei entristecido. Ter um pai ausente contribuiu para que eu nunca sentisse vontade de ter um filho, afinal não sabia o que era ter um pai, por isso estava mais confuso com aquela situação toda. Além do mais, não sabia como a Helena reagiria.

Puxei meus cabelos com tanta força que minha cabeça começou a doer, porém eu não me importava. A dor foi bem-vinda, pois me afastou por um segundo dos meus problemas. Ainda estava no sofá, quando senti alguém deslizando as mãos nas minhas costas tentando me consolar.

— Encontrei o Mike no elevador e ele me contou o que aconteceu — disse Mia ainda deslizando suas mãos nas minhas costas.

— Eu ferrei tudo, Mia. A Jessica morando aqui e ainda por cima grávida não vai ajudar em nada no meu relacionamento com a Helena.

—Tenha paciência, ainda não sabemos se esse bebê que ela espera é realmente seu — disse levantando a minha cabeça e me olhando com carinho.

—Talvez, mas até que eu consiga saber o estrago pode já estar feito — desanimei.

— Pare de ser tão negativo, Jack! Nada como um dia após o outro para resolver nossos problemas. Além disso, você tem a mim e uma garota linda te esperando em algum lugar deste apartamento. Portanto pare de reclamar e vá atrás da sua garota, já que ela deve estar tão confusa quanto você diante dessa situação toda.

— Você tem razão! Eu ainda não falei com ela sobre isso.

— Pode ir que eu me viro com a Jessica aqui — ela me acalmou.

Subi as escadas para o meu quarto e abri a porta devagar. Encontrei a Helena parada em frente às paredes de vidro, com os braços enrolados em volta da sua cintura, sem notar a minha presença. Caminhei devagar para não a assustar e parei bem atrás dela.

— Não se preocupe com isso, eu prometo resolver tudo — sussurrei no seu ouvido enquanto a abracei por trás.

— Eu não estou preocupada, apenas chateada. A Jessica não é a melhor das pessoas do mundo para conviver... E tem a criança, que ficará para sempre na sua vida. Não sei se estou pronta para carregar tanta bagagem — disse sem se virar para mim.

— Eu sei que é difícil para você, mas precisamos tentar — supliquei no seu ouvido.

— Não sei se tentar é o suficiente para nós, Jack. Eu saí do meu país sozinha, larguei uma faculdade que eu amava, pausei a minha vida e segui você até aqui. Eu não estou dizendo que estou arrependida com a minha decisão, apenas sinto que me joguei de cara numa relação, enquanto você ainda está pensando sobre ela.

Ela se virou para mim e com os olhos vermelhos e uma lágrima solitária

descendo pelo seu rosto. Eu tentei secá-la, mas ela colocou a mão na frente e limpou.

— Eu nunca estive em um relacionamento antes, Helena, isso tudo é novo para mim, por isso tenha um pouco de paciência comigo — pedi olhando para os seus olhos ainda vermelhos.

— Sei disso, mas se eu perceber que estou sobrando nesse relacionamento, que agora virou um trio, vou embora. Mesmo com o coração apertado eu iria sem hesitar. Eu te amo, mas não posso lutar por esse amor sozinha.

Eu sabia que a Helena tinha sentimentos por mim, mas escutá-la dizer que me amava foi chocante demais e fiquei sem palavras. Nunca ninguém me dissera isso antes, nem a minha mãe. Ela cuidava de mim até eu ter idade suficiente para fazer as coisas sozinho; depois disso, estava por minha conta, sem grandes demonstrações de afeto. É claro que ouvira muitas vezes das minhas fãs e achava que elas estavam sendo sinceras, mas nunca o meu coração parara uma batida ao escutar aquelas três palavras. Por isso apenas a abracei mais forte que eu consegui e murmurei com minha boca pressionada no seu cabelo:

— Eu prometo não te decepcionar.

Morando com o inimigo

HELENA

"Um dia pretendo tentar descobrir porque
é mais forte quem sabe mentir"

Eu sei, Legião Urbana

A notícia da gravidez da Jessica caíra como uma bomba. Senti como se tivessem jogado um balde de água fria na minha relação com o Jack. Eu chorei, depois culpei todo mundo e liguei para a Gabi em busca de ajuda, mas ela estava tão surpresa quanto eu, depois que lhe contei a história toda. E ainda tinha aquela distância que nos separava. Resumindo: embora ela tivesse conversado comigo todos os dias, ainda me sentia péssima, muito perdida. E, para completar a situação, o Jack parecia pisar em ovos toda vez que nos encontrávamos. Não sabia se por ter dito que o amava ou se tinha a ver com a Jessica. Naquele apartamento havia uma atmosfera pesada desde aquele maldito dia.

A Mia foi de grande ajuda para mim. Conversamos muito, ela era uma pessoa maravilhosa e me pediu para ter paciência, dizendo que no final tudo iria se resolver.

— É só isso que tenho feito dia após dia — disse a ela.

Eu estava vivendo no automático e quase não via o Jack, que se trancava no estúdio e não saía nem para dormir. Muitas vezes, eu acordava de madrugada ainda sozinha na cama enorme. Se eu estava vivendo insegura e sozinha a maior parte do tempo, não podia dizer o mesmo da Jessica. A garota achava que estava de férias, saindo todos os dias e voltando com inúmeras sacolas, já organizando o quarto do bebê. Ela desfilava pelo apartamento como se fosse a dona, dando ordens para um ou outro

empregado. A Mia sofria com isso, já que, como assessora do Jack, acabava sobrando tudo para ela, pois ele não dizia nada a respeito, apenas se trancava no estúdio ou saía com a banda para entrevistas, reuniões. Enfim, ele fazia qualquer coisa menos ficar no apartamento, onde a Jessica disputava sua atenção o tempo todo.

Alguns dias conseguimos ficar sozinhos, mas ele permanecia calado a maior parte do tempo e não conseguíamos sair do lugar. Eu acabava ficando ainda mais frustrada com tudo isso. Às vezes, eu tinha de aguentar a Jessica e seus comentários sarcásticos ao meu respeito, a maioria dos quais eu ignorava, mas ela era uma pessoa que não aguentava ser ignorada por muito tempo. Em algumas ocasiões, portanto, discutimos feio. *Eu não sou de ferro e ela testa minha paciência ao limite*, eu pensava. Uma vez quase arranquei cada fio loiro do seu cabelo, mas a Mia apareceu e me impediu.

Hoje é a sua primeira ultrassonografia, acordei mais cedo pensando e senti um peso sobre mim. Quando abri meus olhos o Jack estava dormindo atravessado na cama com a cabeça em cima da minha barriga, por isso eu nem me mexi para não o acordar, já que ele parecia tão cansado. Deslizei minhas mãos para os seus cabelos e toquei seus fios tão macios. Quando parei ele abriu os olhos e disse:

— Não pare, eu estava adorando sentir suas mãos nos meus cabelos.

Depois do elogio eu não podia parar, por isso continuei passando meus dedos através dos seus cabelos, o mais suave e delicadamente que eu podia. Ficamos assim por longos minutos até sermos interrompidos por alguém que não parava de bater na porta. O Jack tinha pegado no sono novamente, então eu me levantei devagar para não o acordar e saí para atender; quando abri, porém, gostaria de não o ter feito. A Jessica estava parada na minha frente usando um vestido vermelho minúsculo e uma bota de cano curto preta.

— Eu preciso falar com o Jack, pois já estamos atrasados para a nossa primeira consulta — disse tentando empurrar a porta e entrar no nosso quarto.

— Nem pense em entrar aqui, pois você não foi convidada! Portanto aguarde lá embaixo que o Jack já vai descer — falei quase fechando a porta na cara dela.

— Eu vou descer, mas não ouse mandar em mim. Nem apareça lá. Pretendo ir a essa consulta apenas com o pai do meu filho. Esse é um momento só nosso e não quero pessoas de fora atrapalhando.

— Pode ficar tranquila, já que esse é o último lugar que eu gostaria de estar.

Fechei a porta na cara dela, pensando: *Essa garota sabe me tirar do sério sempre*. Eu bati a porta com tanta força que quando me virei o Jack já estava sentado na cama, esfregando os olhos.

— Você ouviu a conversa? — perguntei me aproximando dele ao lado da cama.

— Sim, ela nunca desiste, não é mesmo? Eu só preciso tomar um banho, já vou descer. — Ele se levantou e foi para o banheiro.

Deitei-me na cama e pensei na cilada em que havia me metido: *Como dividir alguém que você ama com uma louca igual à Jessica? E ainda tem uma criança, que, em breve, estará aqui! Como faço para administrar tudo isso sem enlouquecer também? Eu não faço ideia, só sei que cada dia está mais difícil.*

Antes de sair, o Jack beijou minha testa e saiu. Talvez ele nem tenha percebido que eu não estava dormindo, mas era difícil dizer alguma ao meu marido quando ele estava saindo para uma consulta pré-natal com outra mulher. *Eu acho que pulei todas as etapas de um relacionamento agora... Quem sabe se as coisas fossem mais devagar, não estaríamos passando por isso, ou então eu saberia lidar melhor com os ataques da Jessica.*

Eu não deveria me importar tanto com eles, mas cada vez mais dava importância ao que ela falava ou fazia. Jessica tentava chamar a atenção do Jack para ela, e minha insegurança aparecia cada vez mais forte. *Eu não sou perfeita, longe disso, tenho muitos defeitos, tantos que não sei como o Jack se interessou por mim. Sou comum demais para um astro do rock namorar. A Jessica seria mais o seu tipo... Casal perfeito, sabe? Ela é loira, curvas nos lugares certos, olhos azuis; enfim, é um ícone de beleza. Enquanto eu sou*

apenas comum. O filho deles será lindo. Como competir com isso? É o que eu estou me perguntando o tempo todo, desde que ela chegou aqui.

Permaneci deitada na cama até que escutei algumas batidinhas bem de leve na porta.

— Olá, Helena, sou eu, Mia. Será que posso entrar? — perguntou já abrindo a porta.

— Claro, Mia, fique à vontade. A casa não é minha, mas eu autorizo mesmo assim — comentei tirando a cabeça dos lençóis e olhando para ela.

— Esse apartamento é mais seu do que meu — disse vindo em minha direção e sentando-se do outro lado da cama.

— É, pode ser. Por quanto tempo eu não faço ideia — resmunguei me sentando na cama.

— Não seja pessimista! Quantas vezes preciso dizer que essa sua baixa autoestima está acabando com você? Mas não importa quantas vezes eu diga, você ainda não percebe a garota linda que é. O que acha de um dia especial? Nada como mudar o visual para deixar uma mulher com a moral lá em cima. No final, ainda tem uma surpresinha para você.

Eu não tinha nenhum compromisso, além de ficar deitada o dia todo naquela cama, por isso nem tentei convencer a Mia de que eu não precisava de um dia no SPA. Levantei, tomei um longo banho, amarrei meu cabelo num coque frouxo, coloquei um vestido e estava pronta.

Saímos do apartamento antes que a Jessica e o Jack retornassem. Aquela era a primeira consulta, talvez eles voltassem com a notícia do sexo do bebê e eu não gostaria de ficar lá esperando para ver. Um dos motoristas da banda nos levou e chegamos ao SPA alguns minutos depois. Era um lugar lindo, e eu realmente relaxei e fiz questão de aproveitar ao máximo aquele paraíso. Fiz massagem terapêutica em cada pedacinho do meu corpo e, depois, um novo corte de cabelo, mas não mexi no comprimento, apenas repiquei as pontas. Fiz depilação a laser, design de sobrancelhas e pintei as unhas, ou seja, tudo o que uma garota deveria fazer para se sentir linda. No final do dia

eu estava mais calma e com certeza mais confiante depois de passar tanto tempo cuidando do meu corpo.

A Mia levou uma troca de roupa, já que de lá saímos direto para um programa de TV, onde o Jack seria entrevistado. Ela me garantiu que eu precisava ver o quanto as garotas se jogavam na frente dele, assim eu perceberia o quanto eu era especial, e não uma garota comum, como insistia em dizer.

Chegamos, mas não entramos nos bastidores junto com a Giovanna e o Mike. Passamos direto pelo camarim e seguimos até a plateia, porém, não nos sentamos logo nas primeiras fileiras, pois a Mia não queria que o Jack nos visse; ficamos, portanto, nas últimas cadeiras. Sorte que o palco estava no centro, por isso podíamos ver tudo daqui. Passaram-se alguns minutos até a entrevista começar e as pessoas começaram a gritar quando o Jack apareceu, principalmente as mulheres. Foi um alvoroço total. Demorou alguns minutos para que as garotas enlouquecidas, chorando e chamando o seu nome se acalmassem.

Quando conseguiram um relativo silêncio, a entrevista começou. O apresentador perguntou sobre o início da banda, como ele compunha as músicas, a preparação para o próximo álbum e, ainda, sobre a segunda turnê mundial prevista para o semestre seguinte. Depois, passou a fazer perguntas pessoais, como o casamento em Vegas. Ele tentou enrolar na maioria delas e em nenhum momento mencionou o meu nome. No final, o apresentador anunciou que tinha uma notícia bombástica dizendo:

— O vocalista da banda The Dangers vai ser papai de um menino! É isso mesmo, Jack?

— Sim. Eu descobri nesta manhã o sexo do bebê e tenho a honra de anunciar que a família The Dangers irá aumentar.

— Nós não sabíamos que a sua esposa estava grávida!

— Ela não está grávida. O meu filho é de um relacionamento anterior ao meu casamento.

— Sei, entendi. Você pode falar o nome da garota tão sortuda que está esperando o primogênito do astro do rock?

— Claro. O nome dela é Jessica e eu a trouxe comigo para que vocês possam conhecê-la.

Assim que ele mencionou o nome dela, a Jessica entrou, toda linda, parecendo estar desfilando numa passarela. Nem o tempo que passei no SPA me faria competir com aquilo.

De volta para casa

HELENA

“Se eu ficasse
Eu apenas estarei em seu caminho
Então eu irei, mas eu sei
Eu pensarei em você a cada passo do caminho”

I Will Always Love You, Whitney Houston

Aquilo era demais para mim, por isso saí dali o mais rápido que pude e entrei no primeiro táxi que encontrei, apesar de a Mia implorar para que eu esperasse. No entanto, não consegui ficar parada enquanto eles faziam pose de casal feliz com a chegada do filho para a imprensa.

Cheguei ao apartamento do Jack antes de todos, subi as escadas o mais rápido possível e me tranquei no banheiro, onde chorei de decepção e por sentir falta da minha mãe, do meu pai, do meu irmão, da minha melhor amiga... Enfim, eu queria voltar para casa. Mesmo falando a língua deles e estando casada com o Jack, sempre senti que lá não era a minha verdadeira casa, o lugar perfeito onde podemos ser nós mesmos sem nos preocupar com o que os outros vão dizer.

Desde o início eu sabia que estava jogando na loteria, pois não parecia ser real. Uma garota simples como eu se apaixonando pela primeira vez e se casando com um astro do rock, tudo na mesma sentença? Acho que nem nos contos de fadas isso acontece. Portanto, eu precisava entender que nem sempre as coisas acontecem como nós desejamos; às vezes, elas dão muito errado e eu precisava estar preparada para enfrentá-las.

Coloquei algumas roupas numa mala, peguei meu passaporte, comprei uma passagem de avião para casa com o cartão de crédito do meu pai e esperei. Fiquei em pé admirando aquela linda vista do quarto, o primeiro

lugar para onde olhei quando cheguei, e seria o último. *Será que isso é uma coincidência?*, divaguei.

Instantes depois, o Jack apareceu na porta, entrando no quarto todo empolgado.

— Você perdeu toda a minha entrevista — reclamou. — A Mia disse que você estava com dor de cabeça e teve de ir embora, por isso talvez não tenha escutado. Eu vou ser pai de um menino! No começo eu não queria essa criança, mas agora que descobri que é um garoto, ouvi o seu coração bater, Helena! E foi muito real esse momento. Percebi que preciso fazer parte da vida do meu filho — contou tudo tão rápido e sem realmente olhar para mim que nem percebeu que eu estava chorando.

Quando ele finalmente notou, ficamos uns segundos sem dizer nada, olhando um para o outro, até que ele viu a mala ao lado da cama.

— De quem é essa mala? — indagou assustado.

— Minha — disse baixinho e com tanto medo de quebrar meu coração, sem qualquer chance de conserto.

— Você está pensando em viajar? — perguntou ainda cauteloso.

— Estou voltando para casa — avisei sem olhar para ele.

— Você vai me deixar? — questionou furioso.

— Eu estou com saudades da minha família, preciso voltar para o Brasil.

— E para isso você vai me largar aqui?

— Não é bem assim. Você tem outras pessoas, não vai ficar sozinho.

— Talvez, mas eu quero saber por quê?

— Eu vi você na entrevista com a Jessica, e percebi que nosso relacionamento nunca vai dar certo. O casamento foi um erro e continuar aqui foi um erro maior ainda. Eu preciso terminar minha faculdade, portanto vou voltar para o Brasil ainda hoje — disse as últimas palavras no automático,

pois, se pensasse melhor, poderia desistir facilmente.

Os fatos, porém, eram mais claros do que os meus sentimentos. *Chega de seguir meu coração e sofrer tanto assim*, pensei. *Está na hora de ouvir a razão e ela grita com todas as letras que isso nunca vai funcionar*, concluí.

— Eu posso explicar por que a Jessica estava na entrevista comigo?

— Não preciso saber a razão. Quanto menos eu souber, melhor vai ser. Não precisa ser um fim. Vamos ficar separados por um tempo para descobrir se o que temos juntos é verdadeiro; se for, encontraremos um jeito de voltar.

— Se você tem tanta certeza disso, faça do seu jeito então. Embora eu não concorde, respeito a sua decisão.

— Com o que você não concorda exatamente?

— Acho que as coisas ficaram mais difíceis e você está fugindo, em vez de enfrentar — pronunciou cada palavra sem desviar os olhos de mim, numa espécie de desafio para que eu provasse o contrário.

—Talvez eu seja medrosa, mas esses problemas não são meus para enfrentar, são seus; portanto, quando os resolver, podemos conversar novamente.

— Você acha que eu ficarei aqui esperando que um dia você se canse da sua vidinha tão sem problemas e volte para mim? Eu acho que você ainda não percebeu: sou Jack, posso ter qualquer garota que eu quiser e nunca, ouça bem o que eu estou falando, nunca vou me rastejar por mulher nenhuma. Portanto, não vá embora para fazer uma cena, esperando que eu volte ao Brasil para buscar você. Se sair por aquela porta, é para sempre, não tem volta — Jack começou irônico, debochando de mim com toda certeza, mas depois a sua voz mudou completamente de sarcasmo para algo cru e mais nocivo, cuspindo cada palavra como se cravasse uma faca cada vez mais fundo no meu coração.

— Eu entendi. E é por esse motivo que estou indo — avisei.

Apesar da voz fina e trêmula, usei todas as forças que eu ainda tinha e não

chorei. Virei as costas, peguei minha mala e saí. Quando cheguei à sala, a última pessoa que queria ver estava parada na minha frente.

— Já vai tarde. Pensei que nunca iria me deixar em paz com o pai do meu filho. Antes tarde do que nunca, não é mesmo? Pelo menos agora você descobriu que estava sobrando nesta casa — Jessica nem hesitou em falar tudo que tinha vontade.

Talvez eu devesse discutir com ela, armar um barraco, puxar os cabelos perfeitos dela, mas pensei melhor e isso não iria me ajudar em nada, não melhoraria a minha sensação de vazio, por isso virei as costas e deixei-a falando sozinha. Não encontrei a Mia o resto do caminho até o táxi, por isso enviei uma mensagem de texto, pois ela era uma amiga verdadeira e eu iria sentir muita a falta dela:

> *Estou indo para casa. Obrigada por tudo, nunca vou me esquecer das nossas compras, das conversas e do dia no SPA. Espero um dia encontrar você novamente.*
>
> *Sua amiga,*
>
> *Helena*

O voo de volta tinha gosto de saudade, lágrimas e nostalgia. A maior parte do caminho, dormi para evitar pensar na minha vida e nos problemas que iria enfrentar, principalmente com a minha mãe. Fazia um bom tempo desde a última vez que havíamos nos falado, por isso ela não fazia ideia de que eu estava chegando. Avisei apenas a Gabi, já que precisava de alguém para me buscar no aeroporto.

A minha amiga foi ótima, pois assim que saí do portão de desembarque lá estava ela me esperando. Eu corri para um abraço tão forte, mas que dizia tudo o que sentia naquele momento, uma mistura de sentimentos os quais dificilmente conseguiria descrever. A Gabi era minha melhor amiga, portanto me conhecia tão bem que entendeu cada palavra, mesmo eu não abrindo a

minha boca em nenhum momento sequer.

Voltamos juntas para o pequeno apartamento que eu conhecia tão bem. O caminho todo até lá não trocamos nenhuma palavra e, quando entrei, fui direto para o meu quarto. Quando estava lá sozinha, senti um peso tão grande... Ele estava como eu havia deixado, tudo no mesmo lugar, até as canetas espalhadas na minha escrivaninha. Joguei minha mala no canto, abracei o meu travesseiro favorito e dormi.

Acordei apenas na manhã seguinte, com a mesma roupa da noite anterior, os olhos inchados e os cabelos bem bagunçados. Olhei para os lados e não encontrei aquela vista tão famosa do Central Park e senti saudade, porém resolvi ignorar o máximo que pude. Talvez assim ficasse mais fácil esquecer a dor que ganhara morada no meu coração.

Tomei um longo banho, sequei meus cabelos e os amarrei num rabo de cavalo. Vesti uma calça jeans e uma blusinha de seda preta, calcei um *All Star* e fui para a cozinha tomar meu café da manhã.

— Bom dia, bela adormecida! Achei que você iria dormir hoje o dia inteiro — cumprimentou Gabi quando apareci na nossa pequena cozinha.

— Eu estava muito cansada, precisava colocar meu sono em dia — respondi pegando uma xícara de café no armário.

— O que você pretende fazer agora? Seus pais já sabem que você voltou?

— Acho que sim, mandei uma mensagem para o meu irmão quando saí de Nova York, por isso minha mãe já deve saber, e meu celular provavelmente está congestionado de mensagens dela. Tenho até medo de ligá-lo.

— Eu sei bem como sua mãe é insistente. Quando você viajou, ela veio aqui duas vezes, antes de saber que você estava em Nova York.

— Desculpa por isso, amiga, não pensei que ela iria perseguir você assim. Na verdade, não pensei em nada antes de viajar — assumi olhando para o lado, pensando na burrada que eu havia feito.

— Não se preocupe, eu consegui me livrar dela e estou ilesa — disse

andando de um lado para o outro.

— Eu preciso continuar com a minha vida. Tenho a sensação de que a deixei pausada até aqui.

— Sorte sua que voltou no início do semestre! Poderá destrancar sua matrícula e voltar para a faculdade.

— É isso que vou fazer. E acho que já estamos atrasadas — percebi olhando para o relógio e comendo o resto da minha torrada.

Saímos apressadas e chegamos à secretária do meu curso bem na hora. Preenchi toda a papelada necessária e voltei para as aulas no mesmo dia.

Não existe nada melhor do que voltar para o curso de Medicina no meio do semestre para esquecer meus problemas, lembrei. *Eu mal conseguia tomar banho quando chegava em casa tarde da noite de tão esgotada que ficava.*

Os dias iam passando e mais coisas eu tinha que fazer. Coloquei minha faculdade em primeiro lugar na minha vida, portanto tudo que não dizia respeito à medicina eu simplesmente deletava da minha mente, inclusive meus pensamentos sobre o Jack. A Gabi insistia em me levar para as festas, porém eu nunca aceitava, por isso ficava em casa a maioria dos fins de semana. A minha mãe estava em êxtase, afinal sua filha tinha voltado ao normal. Até quando eu continuaria naquele ritmo eu não fazia ideia.

O nascimento

JACK

“Em minha cabeça só existe você agora
Este mundo cai sobre mim
Neste mundo existem real e faz de conta”

Let me go, 3 Doors Down

Fazia um mês que a Helena havia voltado para o Brasil. Na primeira semana eu tentei negar que sentia a falta dela, saí com outras garotas, bebi mais do que devia e ignorei a Jessica completamente, pois sabia que a culpa de tudo era dela.

Meu relacionamento com a Helena estava apenas começando, mas ela apareceu do nada, tumultuou tudo e depois disso nada foi como antes. As inseguranças surgiram de ambos os lados e nós dois ficamos com medo de embarcar numa viagem a qual não tínhamos mais certeza se daria certo. Se eu dissesse que foi bom enquanto durou, eu estaria mentindo. Na verdade, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, tão grande e rompeu as barreiras que não conseguimos lidar com tantas explosões de sentimentos.

Quando ela disse que iria embora, eu quis convencê-la a ficar, mas os seus olhos tristes, mostrando que estava infeliz, minaram todas as minhas certezas. Eu não tinha coragem de dizer o que sentia por ela. Não acho que seria amor, como ela havia mencionado antes de partir, porém eu sentia algo por aquela garota, só não conseguia admitir nem dizer em voz alta o que era.

As semanas seguintes passaram como um borrão. O lado positivo dessa história toda foi a minha inspiração ter voltado, ainda mais depois de ser abandonado por uma garota pela primeira vez na vida. Surgiram na minha cabeça, feito mágica, letras e mais letras de músicas, todas sobre perder uma pessoa amada, ficar sozinho quando se pode ter uma garota nos braços. Eu fui

muito egoísta para lutar por ela... Enfim, levar um fora traz uma fonte infinita de inspiração para um compositor.

Fiquei no estúdio a maior parte do tempo, juntei-me ao Jonas e colocamos melodia em todas as músicas que criei. Algumas ficaram realmente boas, nunca escrevi com tanta facilidade antes.

Além de compor, ainda fizemos dois shows beneficentes, todos em Nova Jersey, minha terra natal, no Prudential Center. Todas as rendas arrecadadas em ambos os shows foram para instituições de caridade. Esses eram os shows nos quais eu mais me divertia, pois sentia que a minha música podia levar algum tipo de conforto para as outras pessoas, além de apenas diversão.

Aproveitei um dos shows para cantar uma das músicas que havia composto recentemente. A melodia começava lenta, algo novo para nossos fãs, que estavam acostumados à batida frenética da bateria do Freddy, ou aos solos de guitarra do Jonas. Daquela vez foi diferente, pois a música quase não tinha bateria, era apenas uma harmonia entre a guitarra e o baixo, e minha voz.

A letra era sobre a perda do seu primeiro amor. Às vezes tudo acontece tão rápido na nossa vida que nem percebemos que estamos diante de um verdadeiro amor. Quando nos damos conta disso, já é tarde demais, e ele já passou.

I fall in love for you in the first time
I see you in my bed, but I don't see this love arrive
And the end I lost you
And stay alone.

Terminamos o show quase duas horas da manhã. Estávamos todos numa adrenalina total, ninguém dormiria tão cedo, por isso saímos dali direto para uma balada numa boate escolhida pelo Jonas.

O lugar estava lotado. Sentamo-nos na área VIP e observamos o movimento. Muita música alta, muita bebida e garotas à vontade. Bebi tanto

que nem sei como cheguei ao meu apartamento. Acordei na manhã seguinte com uma ressaca daquelas e fiquei a maior parte da manhã deitado na minha cama esperando essa sensação passar.

Quanto à Jessica, apesar das suas insistências sem fim para levá-la para a minha cama, eu ignorei a maioria delas e consegui escapar das suas garras. Eu saía com garotas aleatórias quando queria algum tipo de diversão, mas ficava no meu estúdio compondo a maior parte do tempo, até que consegui uma sequência de vinte músicas prontas para a aprovação da gravadora.

Depois de reuniões e mais reuniões com os outros integrantes e a gravadora, escolhemos doze músicas. Escolhidas as faixas, entramos no estúdio para gravar, e isso me ajudou a não pensar na Helena. As longas horas cantando, gravando e regravando as canções foram uma terapia e, assim, os meses se passaram.

Todas as manhãs eu acordava cedo, colocava um agasalho preto com capuz e ia correr no Central Park. A adrenalina da corrida me ajudava a aguentar as horas trancado no estúdio. No final das tardes, marcávamos encontros na casa do Jonas e bebíamos todas, além de jogar conversa fora e lembrar o tempo em que ainda éramos apenas uma banda de garagem, quando as coisas eram tão simples.

Conforme os meses passavam, a barriga da Jessica foi crescendo e meu garoto já tinha forma e até um nome, Joshua. Minha mãe estava em êxtase e ajudou a Jessica organizar o quarto do bebê.

Eu acompanhei cada consulta da Jessica durante toda a sua gravidez, porque, apesar de não a suportar, o meu filho não tinha culpa disso. Portanto, decidi que não seria como o meu pai, jamais abandonaria meu filho por não gostar da mãe dele, e se fosse preciso eu aguentaria a Jessica no meu apartamento até quando meu filho quisesse. Sempre deixei claro que nossa relação não passaria disso e depois das minhas inúmeras negativas ela acabou percebendo e já não me procurava mais, a não ser nos dias das consultas.

Numa madrugada fria de novembro a Jessica acordou com dores, bem antes do previsto para o nascimento do bebê. Eu fiquei nervoso todo o caminho enquanto o Carlos nos levava para o hospital. O trajeto era curto,

mas em razão da minha ansiedade o caminho pareceu uma eternidade.

Quando chegamos, ela foi levada às pressas para o centro cirúrgico. Eu coloquei uma roupa esterilizada e entrei junto com ela. Depois de uma cesariana de emergência, meu filho veio ao mundo, e a emoção que senti ao vê-lo pela primeira vez foi indescritível. Ele era bem pequeno e frágil. Segurei-o em meus braços e sorri ao observá-lo abrir os olhos e piscar com a claridade da sala. Tirei várias fotos e enviei para o Jonas, minha mãe e a Mia.

Apesar o alvoroço da imprensa, dos inúmeros pedidos de autógrafos das enfermeiras e dos funcionários do hospital, consegui ficar ao lado do meu filho por dois dias seguidos, ignorando a Jessica completamente, é claro. O tempo que passei ao lado do meu filho trouxe velhos pensamentos há muito tempo guardados. Senti saudades do aconchego de uma família que nunca tive, mas não deixaria o meu filho passar por isso. Além disso, percebi que todo o meu esforço em aguentar a Jessica valeu a pena. Tirei uma semana de folga das gravações e fiquei no meu apartamento curtindo meu filho, que não se parecia em nada comigo. Ele era a cara da Jessica. Talvez os cabelos loiros pudessem ser parecidos com os meus, mas, fora isso, parecia apenas filho dela.

Durante aquela semana eu o fiz dormir toda tarde, cantei minhas músicas preferidas para ele, que parecia adorar, pois sorria para mim e dormia em seguida nos meus braços.

Contrariando a sugestão do Mike, ainda no hospital fizemos o teste de paternidade para comprovar se de fato aquela criança era minha, pois eu precisava de garantias antes de registrá-la em meu nome. E dentro de alguns dias eu saberia a verdade. Mal sabia eu que a verdade iria me destruir por completo.

A farsa

JACK

“Como eu queria
Como eu queria que você estivesse aqui
Nós somos apenas duas almas perdidas”

Wish You Were Here, Pink Floyd

Depois de uma semana do nascimento do meu filho, a Mia foi buscar o resultado do teste de paternidade no hospital. Ninguém além dela sabia que eu tinha pedido aquele teste para o médico no dia do nascimento do Joshua. Eu quis manter segredo, pois a situação era delicada e não queria isso vazando na imprensa.

— Oi, Jack, eu posso entrar? — Mia perguntou cautelosa, ainda atrás da porta do meu estúdio.

— Claro, Mia, eu já estou finalizando por hoje. Vou curtir um pouco o meu filho — falei encostando o violão, depois de repetir uma melodia que ainda não estava como eu gostaria de gravar.

— Eu trouxe isso para você — explicou balançando um envelope branco na mão, que até então eu não havia percebido que ela segurava.

— É o que eu estou pensando? — perguntei pegando o envelope da mão dela.

— Sim — confirmou sentando-se numa das cadeiras ao meu lado. — Você prefere olhar isso sozinho? Se quiser, eu posso sair.

— Não precisa sair, é apenas um papel — resmunguei enquanto abria o envelope.

Deslizei uma das folhas para fora e lá estava escrito em letras enormes: “O SUPOSTO PAI ESTÁ EXCLUÍDO DE SER PAI BIOLÓGICO” Não existia nenhuma possibilidade de eu ser o pai do Joshua. Por um momento, fiquei confuso e até atordoado. Voltei a me sentar no banco e deixei o papel cair no chão, chocado com a revelação. Era óbvio que eu tinha dúvidas, mas também cheguei a pensar que seria pai daquele bebê. Como eu estava enganado.

— Eu não acredito que aquela vadia o enganou esse tempo todo — Mia disparou lendo o teste de DNA que deixei cair no chão.

— Isso não vai ficar assim. Eu preciso conversar com aquela cadela e descobrir por que ela me enganou dessa maneira tão fria — esbravejei possesso.

Saí procurando a Jessica, gritei seu nome pelos corredores do apartamento até que a encontrei no quarto que ela montou para o bebê.

— Pare de gritar, Jack. Você está assustando o seu filho — pediu irritada quando abri a porta fazendo um grande barulho.

Se eu perdesse a cabeça, poderia dar uma bofetada na cara daquela safada, mas nunca havia batido em mulher e não pretendia começar naquele instante.

— Você deve achar que eu sou muito burro e que jamais descobriria o seu golpe, não é? Mas sinto informar, garota, sua casa caiu. Essa criança que está nos seus braços não é meu filho e este exame mostra isso — expliquei jogando o teste de DNA na cara dela.

A garota ficou branca e depois de olhar muitas vezes para o papel, esperando que o resultado mudasse num passe de mágica, disse com a voz trêmula.

— Desculpe. Eu não sabia que você não era o pai do meu bebê.

— Ainda acha que vou acreditar em você? Depois de tudo isso? Não tente me enrolar, pois não caio mais nas suas mentiras. Agora me diga, quem é o pai dessa criança? — perguntei furioso com tamanha mentira. — Se eu não fizesse o teste escondido, nunca saberia que essa criança não é meu filho.

— Eu não posso dizer — explicou escondendo o rosto atrás das mãos e chorando lágrimas falsas, com certeza.

– Se você não me disser agora mesmo, eu irei processá-la – mencionei cada palavra no tom de voz mais duro e frio que consegui.

— Eu não posso dizer — rebateu chorando ainda mais.

— Se você não contar agora mesmo, vou exigir cada centavo que você tem e não terá alternativa a não ser ficar na miséria para pagar uma gigantesca indenização para mim.

Depois de gritar mais uma vez pedindo o nome do sujeito, ela já estava implorando o meu perdão e disse quase num sussurro o nome do pai do seu filho:

— É o Mike.

— Será que eu escutei bem? Você acabou de dizer que o Mike, meu empresário, é pai do seu filho? — repeti suas palavras sem acreditar no que acabara de ouvir.

— Nunca transamos sem camisinha, Jack. Por isso, no dia que descobri que estava grávida, sabia que o filho não era seu. Portanto, só havia outra pessoa. Fui atrás dele no mesmo dia, conversamos bastante e no final ele teve a ideia de fingir que o filho era seu. Tentei fazê-lo mudar de ideia, mas depois de muitos argumentos ele conseguiu me convencer. E o resto você já sabe...

— Ele não é o seu primo? — perguntei ainda chocado com a notícia.

— Primo de segundo grau — respondeu envergonhada.

— Arrume suas coisas e as do seu bebê e saia já da minha casa — ordenei exaltado, pois ela havia me tirado do sério.

O Mike, porém, se superou. Engravidou a garota e ainda a levou para mim, fingindo que eu era o pai. *Isso não vai ficar assim, não mesmo*, pensei vingativo.

— Vou sair e quando voltar espero não a encontrar aqui — avisei deixando o quarto o mais rápido que pude.

Peguei meu casaco e meus óculos escuros e fugi do apartamento. Eu precisava pensar o que fazer com o Mike, já que ele era o nosso empresário desde o começo da banda, porém felizmente não o meu dono.

Andei pelas ruas de Nova York sem destino certo e, quando já estava cansado, entrei numa das muitas Starbucks presentes em cada esquina da cidade. Lá, pedi um café e me sentei a uma das mesas. Só não estava bêbado feito um gambá porque precisava pensar em como tirar aquele idiota da minha vida.

Quando estava finalizando meu café, tive uma ideia e liguei para o meu advogado para executar o plano. Voltei para o meu apartamento e não encontrei nem rastro da Jessica. Pelo menos a garota percebera que eu não iria aliviar sua barra. Ela saiu e levou tudo consigo, todas as coisas do bebê, inclusive os móveis do quarto dele. Não fazia ideia de como ela conseguira aquilo em tão pouco tempo. Certamente, a Mia deve ter ajudado.

Na manhã seguinte, estávamos todos reunidos, os meus companheiros de banda, o nosso advogado e o safado do Mike, na sala de reuniões do escritório de advocacia que me representava.

— Bom dia a todos. Eu convoquei esta reunião de emergência a pedido do Jack. Estamos reunidos aqui para despedir o empresário de vocês, Mike Williams — revelou o advogado deixando todos de boca aberta, inclusive o próprio Mike.

— Você deve estar de brincadeira comigo, Jack. Não tem direito de me demitir. Meu contrato é vitalício — resmungou o Mike se levantando da cadeira e batendo na mesa enquanto falava.

— O seu contrato era vitalício antes de me enganar tentando me fazer acreditar que seu filho com a Jessica poderia ser meu. Você fodeu com a minha vida e agora vou fazer o mesmo com a sua — disse sorrindo, pois tinha muitas cartas na mesa.

— Acho que você se esqueceu de um pequeno detalhe. O meu contrato não pode ser rompido — falou confiante, ainda em pé, olhando para mim.

— Tem apenas uma cláusula no contrato que nos permite anulá-lo — comentou o meu advogado, também se levantando da cadeira.

— O que seria essa cláusula? — perguntou o Mike surpreso.

— Roubo — o advogado respondeu satisfeito.

Depois de ler o contrato a noite toda, ele havia encontrado aquela brecha.

— Eu não roubei nada — disse com a maior cara de pau do mundo.

— Não é isso que mostram os extratos das suas contas na Suíça, ou os valores exatamente iguais que sumiram da conta da banda. Você tem roubado os garotos por anos — disse o advogado colocando as provas em cima da mesa.

Os outros integrantes da banda estavam surpresos com a caixa de pandora que se abriu na sala. Se alguém contasse que éramos enganados pelo nosso empresário de anos, talvez eles poderiam duvidar, mas eu vi e acompanhei cada desenrolar daquela história suja, portanto, apesar de ser um momento desastroso na nossa vida, era real e estava acontecendo diante dos meus olhos.

— Podemos acusá-lo formalmente de roubo e colocá-lo atrás das grades neste exato momento, mas resolvemos reconsiderar e vamos conceder uma chance a você. Pegue sua bunda fodida e dê o fora daqui. Não quero nunca mais olhar para você — pronunciei as palavras com tanta raiva que tive de segurar a borda da mesa com toda a minha força para não avançar e arrebentar a cara desse sujeito.

O Mike não teve alternativas, a não ser assinar a sua carta de demissão, que já estava pronta em cima da mesa. Ele saiu da sala sem olhar para ninguém, e foi um alívio me livrar daquele bastardo. *Espero nunca mais cruzar o seu caminho o resto da minha vida*, pensei.

As semanas que se seguiram depois daquela reunião foram as mais

cansativas possíveis. Tivemos de rever o contrato com a nossa gravadora, que, descobrimos depois, fazia tudo pela banda e em momento algum exigiu isso ou aquilo no contrato. Era tudo conversa do Mike.

Procuramos muito por um empresário, mas não conseguíamos confiar em mais ninguém na gestão da nossa carreira. No final, o pai do Jonas se ofereceu para o cargo e, apesar de não ter muita experiência, estava dando conta do recado com a ajuda da Giovanna, que continuava a cuidar da assessoria da banda, pois ela não tinha nada a ver com as trapaças do Mike.

Finalmente o ambiente havia melhorado e depois de gravar nosso novo álbum estávamos prontos para sair em turnê. No avião rumo ao nosso primeiro show, lembrei que naquela bagunça toda que se tornara a minha vida eu havia perdido a única pessoa que me amava de verdade. E depois de tanto tempo, quase nove meses, ela provavelmente já havia me esquecido. *Deve estar até com outro cara*, pensei enciumado. *Eu perdi a única chance que tinha de ser amado de verdade e agora não tem mais volta.*

Grandes desafios pedem grandes mudanças

HELENA

"Engraçado como o coração pode iludir
Mais do que apenas algumas vezes
Por que nos apaixonamos tão fácil?
Mesmo quando isso não é certo"

Try, Pink

O mês de dezembro sempre foi o pior para mim. O clima de nostalgia no ar, família reunida para passar o Natal, tudo isso era demais. Estava de férias da faculdade e, com a ajuda da Gabi e do Tiago, consegui passar pelas provas finais. Estava oficialmente no segundo ano de Medicina. Se conseguiria terminar o curso depois de tudo o que acontecera... já era outra história.

Exatos dois meses depois que voltei ao Brasil, descobri que estava grávida. Isso mesmo. Eu, apesar de tomar as pílulas anticoncepcionais religiosamente, descobri-me grávida e sozinha. A minha primeira reação foi negar o máximo que pude, mas no quinto mês não consegui esconder de mais ninguém. Minha mãe surtou e não parou de falar mais comigo desde então, e o meu pai me ajudava financeiramente com tudo de que precisava, mas ainda estava bastante chateado.

As pessoas que mais me surpreenderam foram meu irmão e a noiva dele, a Karina, que me ajudam o tempo todo. Escolhemos juntos um novo apartamento ainda perto da faculdade, mas precisávamos de mais um quarto para o bebê. A Gabi se mudou comigo e também já estava indo para o segundo ano, estagiando numa galeria de arte, trabalho que ajudava a pagar pelo novo apartamento.

A gravidez transcorreu e dei à luz um lindo menino, pesando três quilos e meio. Foi difícil passar os primeiros dias sozinha com meu bebê, apesar da ajuda de todos. A pessoa mais importante não estava comigo e talvez nunca apareceria. Algumas vezes tive vontade de ligar para o Jack avisando da gravidez, cheguei até a deixar uma mensagem com o Mike, pois havia perdido o telefone da Mia, porém ele nunca retornou. Cheguei à conclusão, portanto, de que ele não se importava comigo ou com essa criança. Talvez eu devesse insistir depois que meu pequeno Adam nasceu, mas não queria tumulto na minha vida, apenas curtir o meu bebê em paz e terminar a minha faculdade.

O Adam não se parecia em nada comigo, era a cara do pai! Os olhos azuis e os tons mais claros do cabelo eram idênticos, apesar dos poucos fios na pequena cabeça do meu garotinho. Ele era um bebê muito bonzinho e só chorava quando estava incomodado com alguma coisa. A maioria do tempo, ele dormia, deixando o meu trabalho de mãe de primeira viagem mais tranquilo.

Acabara de colocá-lo para dormir no berço quando a Gabi entrou no quarto chamando a minha atenção e acordando o Adam por tabela. Olhei para ela com cara de poucos amigos, pois fiquei muito tempo tentando fazê-lo dormir. Eu precisava de um tempo para mim e usava as sonecas do Adam para isso, mas a minha amiga atrapalhou aquele momento precioso.

– Desculpe entrar assim, é que você precisa olhar isso! – ela disse me entregando o celular.

Peguei o aparelho nas mãos e li a notícia que piscava na tela na minha frente:

Astro do rock é enganado pelo empresário e pela suposta mãe de seu filho.

Apesar da surpreendente manchete, a notícia que se seguiu era ainda mais bombástica. O filho que a Jessica alegou ser do Jack era, na verdade, do

Mike. Fiquei chocada ao ler toda a história.

— Essas pessoas famosas só têm merda em volta delas — comentou a Gabi olhando para mim.

— É, essa história realmente teve uma reviravolta — disse balançando o Adam nos meus braços.

Meu filho começou a ficar sonolento novamente e logo pegou no sono.

— Quem imaginaria? O Mike, com aquela cara de bom moço, estava furando o olho do Jack esse tempo todo. Bem que ele mereceu por abandonar você sozinha com essa criança — falou olhando para o Adam no meu colo.

— Ele nem sabe que o Adam existe, Gabi — expliquei colocando o meu bebê no berço com todo cuidado para não o acordar.

— Talvez agora seja o momento perfeito para contar a verdade ao Jack. Ele deve estar triste por perder o filho que achava que era dele.

— Eu não vou aproveitar essa situação para jogar o meu filho aos lobos! Quero paz, Gabi. E você, mais do que ninguém, deveria saber disso — finalizei saindo do quarto e levando a babá eletrônica comigo.

— Eu sei disso, Helena, é que pensei que você sentia a falta dele — murmurou atrás de mim no corredor do nosso apartamento.

Fui até a cozinha para organizar as coisas por lá. Tínhamos uma faxineira, mas ela trabalhava lá apenas uma vez na semana, por isso a maioria dos dias precisávamos de nos revezar e fazer as coisas sozinhas. Quer dizer, a Gabi fazia tudo, já que eu só tinha tempo de cuidar do Adam e, na maioria das vezes, estava com ele no colo.

— Não tente correr de mim, Helena! Eu sei que você chora todas as noites no seu quarto até hoje. Talvez agora seja sua oportunidade de ser feliz — sugeriu, sentando-se numa banqueta na cozinha.

— Eu não estou fugindo. Só não quero falar sobre isso agora. Estou exausta, com sono e precisando de um banho — argumentei irritada com a

Gabi, pois ela sempre insistia naquela conversa sem sentido.

— Então largue essa louça aí e vá tomar um banho. Pode deixar que eu cuido disso — pediu vindo ao meu auxílio e terminando de lavar a louça.

Saí da cozinha e fui até o meu quarto. No caminho, dei uma olhadinha no Adam, que dormia tranquilo no berço. Entrei na banheira e tentei relaxar o meu corpo e os meus pensamentos, pois o meu filho precisava de mim, por isso não podia me dar ao luxo de surtar ou entrar em depressão. Tomei o banho mais demorado que consegui, observando a todo o momento a babá eletrônica, depois coloquei um pijama bem confortável. Eu não ganhei muito peso durante a gravidez, também por causa das circunstâncias, portanto já conseguia usar minhas roupas de antes apenas um mês depois do nascimento do Adam. Tinha de ter algo positivo naquela situação toda e, apesar de uma estria aqui e outra lá, eu estava a mesma de antes.

Quer dizer, eu não era nem de longe a mesma garota, tive de amadurecer muito rápido para minha pouca idade. Cheguei aos meus dezoito anos já esperando um filho, que, para todos os efeitos, não tinha pai. As garotas do meu curso cochichavam sobre mim o tempo todo, especulando quem seria o pai da criança, uma vez que fui casada com o vocalista da banda The Dangers. No entanto, segundo as fofocas dos bastidores, ele me largou porque o havia traído com o guitarrista da banda, e depois ainda fiquei grávida de um zé-ninguém e tive vergonha de contar quem era o pai. Enfim, a mente das pessoas desocupadas é um terreno realmente bem fértil e eu era o principal assunto do momento.

Deitei-me na minha cama e fiquei olhando para o teto por um tempo. Talvez aquele silêncio pudesse ajudar a pensar melhor na minha vida, mas não era isso o que acontecia. Eu acabei pegando no sono e acordando na manhã seguinte assustada e pulando da cama.

— Ó meu Deus, eu dormi a noite toda e esqueci completamente do meu filho — resmunguei enquanto ia correndo até o quarto do Adam.

Abri a porta e encontrei a Gabi balançando um Adam recém-trocado e sorrindo para ela.

— Eu não ouvi ele chorar a noite toda e acabei dormindo demais — reclamei me aproximando dela e do meu bebê.

— Ele está bem, não se preocupe. Nosso garotinho dormiu a noite toda, só acordou agora de manhã e, apesar de estar todo molhado, não chorou. Quando cheguei aqui, ele estava olhando para o móbile no berço dele quietinho.

— Obrigada, Gabi. Nem sei como agradecê-la por me ajudar a cuidar desse garotinho. Eu não sei o que faria sem você!

— Pare de agradecer, eu estou aqui para ajudá-la no que for preciso. Os amigos são para essas coisas, não é mesmo? Além disso, se a situação fosse inversa, você faria o mesmo por mim — disse me entregando o Adam, que estava ansioso procurando o meu seio.

— É claro que faria o mesmo por você — comentei sentando-me na cadeira de amamentação e alimentando meu bebê.

Os dias que se seguiram, foram iguais, sem qualquer novidade. Embora o Adam fosse ficando cada dia mais acordado, consegui estabelecer uma rotina, ainda mais com a ajuda da Gabi e do meu irmão, que aparecia no meu apartamento nos fins de semana, sempre trazendo algum brinquedo novo para o sobrinho, apesar do Adam ainda nem olhar para os brinquedos, pois era muito novinho para brincar.

Um dia, depois de dar um banho no Adam e o colocar para dormir, recebi um e-mail da Mia:

> *Estamos saindo em turnê mundial. A essa altura, você já deve saber tudo sobre a Jessica. O Jack está arrasado, embora tente demonstrar que é forte e que pode tocar o barco sozinho. Mas ele não pode e precisa de você. Volte para ele assim que puder. Sei que está machucada, mas também sei que seu lugar é aqui, ao lado do meu primo.*

Eu tive que ler duas vezes o e-mail para conseguir entender o que estava acontecendo. *A Mia me enviou essa mensagem sem sentido algum... Será que ela estava bêbada?* Se o Jack me quisesse de volta, teria vindo me buscar. Ele deve estar triste porque perdeu a Jessica e o filho que ele achava que era dele. Não apareceria como um estepe, uma solução temporária para qualquer coisa na vida dele. Se realmente ele me quisesse algum dia, teria de provar que mereceria me ter de volta, ainda mais com uma criança em jogo. De maneira alguma eu arriscaria a estabilidade do meu filho para correr atrás do Jack. Numa turnê mundial eu fiz isso uma vez e não deu muito certo, portanto, não pretendia repetir o mesmo erro.

Eu era apenas a voz da razão. Meu coração estava bem quietinho no meu peito e não demonstrava querer correr grandes riscos. Estávamos cautelosos.

— A mamãe agora só tem olhos para esse bebezinho lindo aqui na minha frente — disse fazendo cócegas na barriguinha do Adam.

Meu filho acabara de acordar e sorria para mim com os seus lindos olhinhos brilhantes e tão parecidos com os do pai.

Por um momento o meu coração pulou ao se lembrar dos olhos do Jack, quando me olhava com tanto desejo e paixão. *Onde será que está todo aquele sentimento agora?* Perguntei-me. Naquela época era tão grande e tão intenso. Não parecia que iria acabar de repente, sem deixar nenhuma faísca acesa sequer.

Nos bastidores da turnê mundial

JACK

"Ninguém disse que seria fácil
É uma pena nós nos separarmos
Ninguém disse que seria fácil
Ninguém jamais disse que seria tão difícil assim"

The Scientist, Coldplay

Desembarcamos ainda de madrugada na Itália, nosso primeiro destino durante os trinta dias em que ficaríamos na Europa. A maioria dos rapazes ainda estava sonolenta, mas eu tinha dormido o voo inteiro e, apesar da cara toda amassada, ainda estava funcionando muito bem. Nos dividimos em três grupos e entramos nas *SUVs* que aguardavam ainda na pista de pouso do Aeroporto Internacional Cristóvão Colombo. Eu precisava elogiar o nosso novo empresário, pois a organização da turnê estava impecável, tudo nos devidos lugares, todos se esforçando muito para que isso acontecer. Nós não poderíamos decepcionar.

Chegamos ao hotel e ficamos um em cada quarto, ocupando um andar inteiro. Nós precisávamos de um pouco de espaço, nada daquela bagunça de pessoas entrando e saindo toda hora do meu quarto. Eu e os outros caras necessitávamos de privacidade, a não ser o Rick, que não se importava com nada na verdade. Ele era o cara mais tranquilo que eu conhecia.

Ainda tínhamos tempo de descansar antes de ir para o estádio de futebol passar o som antes do show, por isso tirei meus tênis, minhas roupas, fiquei só de cueca e caí na cama. Eu não estava com sono quando desci do avião, mas não tinha nada como uma cama quentinha e confortável para fazer meus olhos se fecharem novamente.

— Bom dia, Jack. Ainda dormindo a essa hora? — Helena questionou

entrando no meu quarto sem bater.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei confuso ainda sonolento.

— Eu sou a sua esposa. Você se esqueceu disso? — questionou me dando um beijo na boca.

A sensação era tão boa que parei de argumentar e me entreguei de vez ao momento. *Depois eu descubro como ela chegou até aqui, mas agora não quero saber.* Eu a puxei para o meu colo e segurei seus cabelos macios. Os seus lábios eram exatamente como eu me lembrava, tinham o sabor mais doce que já experimentara; eram insubstituíveis. Eu a joguei na cama e desci beijando o seu pescoço.

— Pare com isso, Jack. Você ainda tem um show para fazer — reclamou toda manhosa no meu ouvido, sinal de que estava apenas fazendo charme.

Eu a conhecia tão bem. O seu corpo inteiro pedia o meu toque, a minha língua, o conjunto todo, por isso ignorei seus pedidos e continuei descendo, dando beijos e mordidas na sua pele tão macia. Quando abri a sua blusa, algo gelado e frio caiu no meu rosto e eu me levantei assustado.

— Você estava gemendo tanto e suspirando que não tive coragem de acordá-lo apenas cutucando o seu braço. Vai que você me agarra!? Nossa amizade nunca mais seria a mesma. Além disso, eu não gosto de outro cara, meu lance são as garotas. Então achei que um pouco de água gelada poderia ser a solução perfeita. Você deve estar menos empolgado agora, não é? — perguntou o Jonas sorrindo e segurando um balde vazio nas mãos.

— Se eu te pegar agora, vou arrancar sua cabeça fora, Jonas — gritei correndo atrás dele.

O desgraçado, porém, foi mais rápido e saiu correndo do meu quarto.

— Não se esqueça de que ainda temos um show para fazer — disse colocando apenas a cabeça na porta do meu quarto.

Eu permaneci sentado na beira da minha cama tentando entender o que acontecera.

— Caia fora daqui, Jonas — gritei mais uma vez, chegando à conclusão mais óbvia: *Eu estava sonhando com a Helena e o Jonas me acordou*, pensei frustrado indo para o banheiro tomar o meu banho antes de ir ao estádio passar o som.

Já dentro da van que nos levava para o estádio, sentei-me ao lado da Mia, que estava com a sua agenda na mão repassando todos os nossos compromissos no país.

— Nós vamos ficar na Itália apenas dois dias e serão dois shows: um em Florença e o outro em Milão, além de uma coletiva de imprensa marcada para amanhã à tarde. Portanto, sua agenda está lotada, quase não vai ter tempo de descansar. Desculpe por isso — resmungou chateada.

— Não é culpa sua, as turnês são assim. Em alguns lugares teremos mais tempo para descansar do que em outros – disse bagunçando seus cabelos com as mãos.

— Pare com isso, Jack. Eu vou descer no local do show toda descabelada. O que a imprensa vai pensar ao ver sua assessora assim toda desarrumada — falou sorrindo e passando as mãos nos cabelos para arrumá-los.

— Eu soube que você tomou um banho frio hoje mais cedo, Jack — comentou o Bob sorrindo.

— Não há nada melhor do que um banho frio para apagar os nossos sonhos quentes — brincou o Freddy.

— Isso só pode ser coisa do Jonas. Ele vive fazendo isso comigo, mas um dia ainda vou pagar todo banho frio que eu tomei — falou o Rick, também bravo com o Jonas.

As brincadeiras do meu primo ainda sairiam caras para ele, e eu mal podia esperar para dar o troco.

Chegamos ao local do show no horário previsto, apesar de todos os percalços, tiramos algumas fotos com os fãs que esperavam do lado de fora do estádio, dei autógrafos e passamos o som. Eu estava um pouco nervoso com as novas músicas, já que algumas tinham um estilo diferente das que

costumávamos cantar e eu não sabia se meus fãs iriam aprová-las. O nosso público era muito verdadeiro: quando não gostava de algo, simplesmente gritava ou vaiava.

Na hora certa, subimos ao palco numa grande expectativa, afinal era nossa primeira apresentação da turnê e precisava ser perfeita.

O Freddy segurou suas baquetas girando acima de sua cabeça e depois bateu nos pratos da bateria, fazendo a galera ir à loucura logo no início do show. O Bob tocou os primeiros acordes do seu contrabaixo, enquanto o Jonas acompanhou na sua guitarra Gibson e o Rick fez a harmonia perfeita no seu teclado. Estávamos prontos. Quase um ano de trabalho estava culminando naquilo e foi assim que apareci no palco usando apenas uma calça e uma camiseta preta com as famosas frases para provocar as fãs: "You need me, Here I am."

A galera vibrou e foi à loucura enquanto cantávamos as músicas do outro CD. Quando começamos a tocar as músicas novas a empolgação foi ainda maior e estávamos em êxtase. A adrenalina foi a mil, a energia era tão positiva que chegava a arrepiar todos os pelos do meu corpo. Em um determinado momento do show, eu até me joguei na galera e passei de mãos em mãos por alguns presentes no estádio; depois, com ajuda dos seguranças, consegui voltar para o palco, embora o Carlos não tenha gostado nada do que eu acabara de fazer.

Já no final do show, numa pequena pausa antes da música final, eu tomei uma garrafa inteira de água, peguei meu violão e voltei para o palco. Dedilhei os primeiros acordes da música que eu conhecia tão bem e o Rick me acompanhou no seu teclado.

I met you one night in Vegas

I saw an innocent girl and I fell in love

But I'm a complicated guy

And the next day you ran from me

I followed you and got you

Oh, oh, girl I got you

Now you are my girl

But my love story is real and I lost you again

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

I'll never see your smile again

I'll never feel your lips

I'll never touch your body

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

A música terminou e os aplausos foram ensurdecedores. O estádio veio à loucura com o fim da nossa apresentação. Nós nos despedimos indo até a frente do palco e acenando para a galera. Foi um momento importante, a finalização de um trabalho muito bem-feito.

Saímos do show e ficamos nos bastidores para as fotos, os autógrafos e outros compromissos que a banda tinha antes de ir para a festa pós-show, que estava sendo preparada num lobby no nosso hotel.

Compromissos cumpridos à risca, deixamos o local do show com a ajuda dos nossos seguranças. Quando chegamos à festa, encontramos as mesmas pessoas de sempre, a maioria eram funcionários da turnê. Havia uma ou outra pessoa diferente. Peguei uma bebida e me sentei em um dos sofás ao lado da Mia, que não desgrudava da sua agenda. Aquela era a sua primeira turnê, portanto a garota estava nervosa e fazia questão de anotar todos os compromissos na agenda e no celular. Além disso, checava os dois o tempo

todo para ver se não tinha esquecido de nada.

— Guarde essa agenda e se divirta um pouco. Se continuar desse jeito, você não vai chegar viva até o final da turnê — disse entregando uma bebida para ela.

— Você tem razão, eu preciso descansar um pouco. Portanto, vou aceitar a sua oferta — concordou pegando a cerveja da minha mão e tomou um longo gole.

— Você gostou do show? — perguntei enquanto bebia outro gole da minha cerveja.

— Se gostei? Eu amei o show, as músicas, as pessoas. Tudo estava perfeito — disse empolgada.

— Eu também gostei bastante e essa turnê promete ser emocionante — comentei, levantando-me do sofá e saindo em busca de outra bebida.

Fui até o pequeno bar improvisado num canto da sala e peguei outra cerveja. *Hoje eu quero apenas curtir a festa, sem ficar bêbado e esquecer tudo o que aconteceu*, pensei. Andei entre as pessoas, cumprimentei alguns conhecidos e mesmo os novos, que eu não fazia ideia de quem eram. Troquei olhares e sorrisos com algumas garotas, mas nada sério. Naquela noite eu não pretendia levar uma garota aleatória comigo para o meu quarto, pois era um dia importante e pretendia curti-lo ao máximo sem que nada pudesse atrapalhar.

A música mais tocada

HELENA

“I met you one night in Vegas
I saw an innocent girl and I fell in love
But I’m a complicated guy”

Only one time, Cleia Lira

Dormir uma noite inteira não fazia parte da minha vida fazia um longo tempo. Às vezes a Gabi me ajudava a cuidar do Adam, mas as noites sempre era minhas, por isso, desde o nascimento do meu filho, eu andava muito cansada, já que cuidar de uma criança praticamente sozinha não é uma tarefa nada fácil. Pelo menos eu tinha a ajuda financeira do meu pai. Quando ele descobriu que eu estava grávida, só me impôs uma condição: “continue estudando que eu pago todas as suas despesas”. E, pensando bem, até que poderia pedir dinheiro para o Jack, afinal o Adam é filho dele também! Mesmo assim, porém, eu não queria encará-lo, ainda estava bem machucada com tudo o que acontecera. Eu precisava de um tempo. Quando estivesse pronta, mostraria o Adam para o Jack.

Era o nosso primeiro passeio fora de casa. Ficamos trancados naquele apartamento durante dois longos meses, só saíamos para ir ao pediatra, porém naquele dia seria diferente. Acordamos cedo, dei banho no meu bebê — que já estava bem mais gordinho e espertinho —, coloquei uma roupa confortável nele e vesti a primeira roupa limpa que encontrei no meu guarda-roupa. Tive a sorte de ser um short jeans e uma camiseta. Não iríamos longe, por isso nem me preocupei com o que iria usar. Era apenas um passeio numa das pracinhas do bairro, pois eu precisava sair daquele confinamento; caso contrário, eu ficaria louca.

Coloquei o Adam no carrinho e ele não parava de sorrir para mim. Acho

que o coitadinho queria um passeio tanto quanto eu! Apertei o botão do elevador e descemos até a portaria do nosso prédio. Depois, de lá, foi apenas um pulo até estarmos na rua caminhando a passos largos para a pracinha, na próxima esquina.

Era um lugar tranquilo e bem cuidado. Sabe aquela praça que os moradores adotam como sua e começam a cuidar dela? Bancos confortáveis, áreas arborizadas, parque com caixa de areia para as crianças brincarem, mesas para os jogadores de pôquer e xadrez. Enfim, era um bom lugar para passar a manhã com meu filho, aonde, apesar de estar morando fazia um bom tempo ali perto, eu nunca tinha ido. Talvez aquele ambiente familiar não fosse para mim, mas que passou a ser.

Sentei-me num dos bancos vazios ao lado do parque infantil, em frente a uma área coberta por lindas árvores. Tirei o meu pequeno garoto do seu carrinho e segurei-o no meu colo. O seu cheirinho suave de bebê era tão gostosinho que, se eu pudesse, ficaria o dia todo o cheirando.

— Você é o garoto mais lindo da mamãe, não é mesmo? — questionei brincando com ele, que continuava a sorrir para mim.

— Eu posso me sentar aqui? — perguntou uma garota parada ao lado do banco.

— Claro — assenti sem graça por ser pega falando com um bebê que provavelmente não entendia nada do que eu dizia.

— Este lugar tem a visão perfeita do parque e eu preciso olhar o garotinho que eu cuido — comentou se sentando ao meu lado.

— Você é babá?

— Sim. Eu cuido do Pedro desde quando ele nasceu – ela explicou sem tirar os olhos de um garotinho loirinho que descia no escorregador. Ele não devia ter mais do que 3 anos. — Você não parece ser babá. Eu nunca a vi por aqui antes — a garota concluiu me olhando dos pés à cabeça.

— Não sou. O Adam é meu filho — falei olhando para meu pequenininho nos meus braços.

— Você é tão novinha para ter um bebê — comentou com um olhar de pena.

— Não sou tão nova assim. Faz um tempo que completei dezoito anos — respondi sem olhar para ela, já que aquela conversa não estava me agradando em nada.

Eu havia ouvido inúmeros sermões da minha mãe, do meu pai e tive de suportar calada muitas coisas, mas não pretendia engolir nenhuma ofensa. Se aquela garota pretendia me dizer alguma coisa, ela iria se arrepender.

Para o seu bem, ela resolveu mudar de foco e começou a mexer no seu celular e me deixou em paz por um tempo, não muito longo, porque num segundo estávamos em silêncio, mas no outro ela surtou e começou a gritar e a pular no meio da praça. Eu fiquei pasma, até o Adam se assustou e começou a chorar. *O que será que essa louca tem agora?* Eu me perguntava balançando meu garotinho para ver se ele parava de chorar.

— Você conhece a banda The Dangers? Eu sou sua fã número 1. Eles saíram em uma turnê mundial este mês para divulgar o seu novo álbum. Ontem foi o primeiro show na Itália e as músicas são perfeitas — comentou toda empolgada.

Eu confesso que não fazia ideia de que o CD estava pronto, muito menos que a banda estava em turnê. Fiz questão de não procurar informações sobre eles pela internet. Aquele ditado popular "o que os olhos não veem o coração não sente" era minha filosofia de vida.

A garota ainda estava animada, mas para a minha sorte parou de falar feito uma louca. Ela ainda procurava alguma coisa no seu celular quando uma música começa a tocar no aparelho. Aquela voz era inesquecível e eu nunca poderia me esquecer dela, mas a música era nova, pois nunca a ouvira antes. Os acordes dos instrumentos eram perfeitos e a voz rouca e sexy fechava com chave de ouro. A música era tão envolvente que até o Adam parou de chorar e estava com os olhinhos de um lado para o outro, procurando a origem do som.

I met you one night in Vegas

I saw an innocent girl and I fell in love

But I'm a complicated guy

And the next day you ran from me

I followed you and got you

Oh, oh, girl I got you

Now you are my girl

But my love story is real and I lost you again

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

I'll never see your smile again

I'll never feel your lips

I'll never touch your body

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

— Que música tão linda! É uma pena que seja tão triste... — comentou a garota dando pausa no vídeo e olhando para mim.

— É muito bonita a música mesmo — resmunguei mais para mim do que para ela.

— O seu filho parece gostar de rock. Desde que comecei a tocar a música, ele parou de chorar — ela observou, olhando para o Adam que estava

chateado porque a música acabara.

— Talvez o rock esteja no DNA das pessoas — disse olhando para o meu filho, que era a cópia do pai.

— O pai dele é roqueiro? — indagou curiosa.

— Sim — assenti como se não fosse tão importante assim.

— Alguém famoso? — ironizou.

— Não, ninguém que você conheça — encerrei o assunto.

Mal sabia ela que estava ao lado do filho do seu cantor preferido. Como o destino é irônico!

Nós nos despedimos quando o garotinho que ela cuidava caiu do balanço e a garota precisou sair dali correndo para ajudá-lo. Não foi nada sério, mas a criança ralou o joelho e chorou bastante.

Fiquei mais um pouco no parque. O Adam adorou sair e se não fosse por aquele choro dele, quando a garota gritou empolgada, não teria ocorrido nenhum incidente. Quando voltamos para o apartamento meu filho já estava dormindo, por isso apenas o tirei com cuidado do carrinho e o coloquei no berço, peguei a babá eletrônica e saí do quarto.

O apartamento estava em silêncio e eu, sem nada para fazer, pois a faxineira viera no dia anterior e organizara a maioria da nossa bagunça. Eu coloquei apenas algumas roupas para lavar e me sentei sozinha na cozinha, enquanto comia um lanche natural de peito de peru e tomava um suco de laranja.

A Gabi estava no trabalho e provavelmente só chegaria mais tarde. Eu precisava encontrar algo para fazer, antes de sucumbir à tentação de pesquisar sobre o Jack no Google.

Fui para o meu quarto, coloquei a babá eletrônica na escrivaninha, abri um dos meus livros das próximas disciplinas e comecei a estudar. Fiz pequenas anotações nos cantos das páginas, elaborei resumos inteiros e nada do

pequeno Adam acordar. O passeio o deixara esgotado, pois ele nunca dormira tanto tempo assim. Depois de enrolar o máximo que pude, meus dedos deslizaram para o meu computador. Abri uma página na internet e digitei: Jack Collins. E esperei.

Uma avalanche de informações apareceu imediatamente na tela do meu computador. Notícias sobre a turnê mundial, fotos e vídeos do primeiro show. Olhei as imagens aleatórias, porém meus olhos procuravam uma única pessoa. Ele estava diferente nas fotos, seu cabelo estava maior, e Jack parecia mais sério, quase não sorria nas fotos sozinho. As fotos com a banda ou com a Mia, porém, estavam mais descontraídas. Ao abrir o vídeo do show, meu coração pulou. Ele estava perfeito, sexy como sempre e muito feliz. Na verdade, ele estava em êxtase e eu gostaria muito de ter estado lá para presenciar aquele momento, mas as coisas haviam mudado. Nossos caminhos estavam separados e aquela fase era a mais difícil que já enfrentara.

No fundo do meu coração, eu sentia que nunca amaria alguém como amava o Jack. Achava que esse tipo de amor só acontecia uma vez na vida, e não com todas as pessoas. Tive a sorte de encontrá-lo e perdê-lo ao mesmo tempo, e não sabia dizer o que era pior.

— Olá, tem alguém em casa? — perguntou a Gabi entrando no meu quarto, segurando o celular na mão.

A minha amiga nem me esperou responder e já colocou para tocar a música que eu ouvira naquela manhã, enquanto traduzia simultaneamente:

I met you one night in Vegas

Eu conheci você em uma noite em Vegas

I saw an innocent girl and I fell in love

Eu vi uma garota inocente e me apaixonei

But I'm a complicated guy

Mas eu sou um cara complicado

And the next day you ran from me

E no dia seguinte você fugiu de mim

I followed you and got you

Eu segui você e a ganhei

Oh, oh, girl I got you

Oh, oh, garota, eu ganhei você

Now you are my girl

Agora você é a minha garota

But my love story is real and I lost you again

Mas minha história de amor é real e eu perdi você novamente

And now maybe it's forever

E agora talvez seja para sempre

I feel like there's no return, it is forever

Eu sinto que não tem volta, é para sempre

I'll never see your smile again

Eu nunca mais vou ver o seu sorriso novamente

I'll never feel your lips

Eu nunca mais vou sentir os seus lábios

I'll never touch your body

Eu nunca mais vou tocar seu corpo

And now maybe it's forever

E agora talvez seja para sempre

I feel like there's no return, it is forever

Eu sinto que não tem volta, é para sempre

Quando a música terminou, a Gabi olhou para mim e sorriu.

— Eu já ouvi essa música hoje — expliquei fechando a tela do meu notebook e olhando para ela.

— E, pela sua cara de animação, parece que não gostou muito da letra. A música não para de ser tocada nas rádios. Essa música é sobre você? — perguntou sentando-se na minha cama e esperando a minha resposta.

— Acho que sim, pois há muitos detalhes sobre o nosso relacionamento. A música é linda, mas, mesmo assim, me bateu uma tristeza depois de ouvi-la — comentei me sentando ao seu lado na cama.

— Talvez se você falasse com ele e contasse sobre o Adam, essa sensação poderia diminuir. Vocês têm muitas pontas soltas para resolver, por isso está se sentindo assim.

— Eu não sei. Acho que ainda não estou pronta para ter essa conversa — falei insegura.

—Já pensou que você pode nunca estar pronta para essa conversa? — ela me confrontou olhando para mim e observando a minha reação.

— Pode ser! Mas eu ainda prefiro esperar um pouco mais — finalizei e depois me levantei para ir buscar o meu filho.

Adam resolvera acordar bem na hora e me tirar daquela conversa que eu não pretendia continuar. A Gabi sempre me pressionava para tomar uma atitude e estava constantemente adiando para ver se tinha coragem de enfrentar o Jack sem sucumbir.

A volta ao mundo

JACK

“Você me tem nas mãos
Nem sabe o tamanho do seu poder
Eu me posto como um gigante
Mas caio quando estou perto de você”

Mercy, Shawn Mendes

A vida de um músico não é fácil. Sair em turnê com uma banda de rock, menos ainda. Tínhamos pouco tempo para descansar e na maioria dos dias estávamos dentro de um avião, ônibus ou carro, partindo de um destino ao outro. Naquele caso, era de um país para outro. Depois do primeiro show, a ansiedade passou e já estávamos pegando o ritmo alucinante de estar na estrada.

Era a noite que prometia fechar a turnê europeia com chave de ouro! Estávamos em Paris, a cidade luz, encerrando o ano com os nossos fãs. Durante o show, a plateia curtiu e cantou cada música junto com a banda. Antes da meia-noite, paramos para a contagem regressiva e, no final, encerramos com a música que eu havia feito para a Helena. Foi muito legal ver todas as luzes do estádio apagadas e apenas os celulares com as lanternas acesas, o público acenando e cantando junto comigo. Um desses momentos que acontecem poucas vezes na carreira de um cantor, mas que é magnífico e fica para sempre minha memória.

— O show foi perfeito, cara — gritou o Jonas enquanto passávamos pelos bastidores.

— Cada noite, uma melhor do que a outra — completou o Rick ainda extravasando a adrenalina pós-show.

— Estamos prontos para a festa — avisou o Bob atrás de mim.

— Vamos comemorar — comemorou o Freddy.

— Feliz ano-novo — falei para a Mia, enquanto segurava na sua cintura e a girava de um lado para o outro.

— Pare, Jack! Me coloque no chão agora mesmo! — resmungou irritada com a minha brincadeira.

— Calma, priminha, eu estou apenas brincando. — Eu a soltei e dei um beijo na sua testa.

Seguimos juntos para uma boate no centro de Paris. Quando chegamos, causamos o maior alvoroço. Toda a banda, além de comissão técnica e outros convidados entrando num local... não era para menos. Ficamos numa área VIP por um tempo, mas quando a noite esquentou descemos para a pista e nos perdemos no meio da multidão.

Corpos suados, música eletrônica, troca de olhares e alguns beijos roubados. Eu estava pronto para curtir, sem sentimentos, sem amarras e, principalmente, sem compromisso.

Entre uma dose de tequila e outra, concentrei-me numa garota que olhava para mim. Ela era perfeita, olhos sedutores, corpo cheio de curvas e lábios que gritavam: “Beije-me”. Eu não ignorei o seu convite claro e aberto para algo mais. Cheguei de mansinho e disse no seu ouvido:

– O que acha de me acompanhar até uma área mais reservada?

A garota nem sequer hesitou, sorriu para mim e segurou a mão que eu estendia para ela e seguimos para uma área da boate, onde não seria incomodado se quisesse fazer algo mais íntimo.

Andamos pelos corredores escuros, até que a joguei na parede e desci beijando todo o seu corpo. Não era o lugar ideal para isso e não tínhamos privacidade suficiente, mas precisava servir no momento, pois eu nem estava me importando se alguém nos visse.

Quando eu voltei para a área VIP, onde o resto da banda estava, recebi alguns sorrisos dos meus companheiros de banda, enquanto a Mia me olhava com cara de poucos amigos. Eu sabia o motivo daquele olhar reprovador, mas fiz questão de ignorá-lo. Na verdade, fazia um bom tempo que eu estava tentando evitar aquele tipo de pensamento. Peguei uma bebida e me sentei ao seu lado numa das poltronas, pedindo entre um gole e outro da minha cerveja:

— Não me julgue! Ainda mais que não sabemos o que ela está fazendo.

— Eu tenho certeza de que ela não está em uma boate se pegando com um cara pelos corredores — comentou sem ao menos olhar para mim.

—Talvez você esteja certa, mas não estamos lá para ver. Além disso, ela foi embora me deixando sozinho e solteiro! Não posso me manter fiel a uma garota que me abandonou quando eu mais precisei dela — expliquei chateado terminando de beber a minha cerveja.

— Pode ser, porém ainda não concordo com a sua atitude — resmungou para que eu não entendesse, mas estava tão perto dela que pude escutar cada palavra.

— Você não precisa concordar, apenas aceite o que está feito e pronto! Infelizmente, isso não pode ser desfeito, portanto acostume-se! Pois é assim que serei de agora em diante, sem compromisso, sem amarras, sentimentos; apenas prazer, entendeu? — Levantei-me para buscar outra bebida.

— Você sabe o local da nossa próxima turnê? — indagou olhando para mim pela primeira vez durante a nossa conversa.

— América do Sul — disse parando na sua frente.

— Você sabe o isso significa, não é mesmo? — Ela me encarou esperando a minha resposta.

— Eu sei o que significa, mas não vai rolar.

O meu coração estava vacinado e seguro contra aquela garota. Pelo menos era esse o mantra que eu repetia a cada segundo que pensava na minha

viagem ao Brasil dentro de alguns dias.

Ano novo e vida nova

HELENA

“Você não sabe o quão amável você é
Tenho que achá-la, dizer que preciso de você
E dizer que eu escolhi você”

The Scientist, Coldplay

Quando as festas de fim de ano chegaram, eu fiquei sem opções de com quem comemorar, ainda mais depois de romper relações com minha família, exceto com o Tiago. Eu ainda falava com os meus pais pelo telefone, mas eram aquelas conversas forçadas apenas para manter as aparências. E eu tinha certo pressentimento de que o meu pai estava por trás daqueles curtos telefonemas uma vez por mês.

Passei o Natal na casa da Gabi. Sua família era muito amorosa e eu adorei estar com eles ao lado do meu filho, no seu primeiro Natal. Os pais dela moravam no interior de São Paulo, e foi a primeira viagem do Adam. Ele curtiu cada segundo e não deu trabalho algum, já que estava maior, com dois meses. Ficamos exatamente uma semana lá e o bebê foi mimado, beijado e acariciado por todos. Seus olhinhos azuis e o cabelo clarinho, além das bochechas gordinhas e rosadas, foram beijados inúmeras vezes e a cada uma ele sorria mais. Não estranhou uma só pessoa, por isso passou de braço em braço durante todo o período em que permanecemos lá.

A viagem de volta, apesar de cansativa, também foi tranquila e voltamos sãs e salvos para o nosso apartamento em São Paulo. Chegamos num dia e a Gabi saiu no outro, pois foi passar o ano-novo na praia com os amigos da faculdade. Apesar de insistir para que eu fosse com ela, resolvi recusar o seu convite. Era uma viagem para a praia com jovens que iriam querer pular de festas em festas, e eu e meu filho não nos encaixaríamos naquele roteiro. Portanto, ficamos sozinhos no apartamento um dia antes da virada do ano. Eu

não me importei tanto, afinal tinha comigo a pessoa que mais tinha valor na minha vida, então estava tudo bem.

Acordei um pouco mais tarde naquela manhã. O apartamento estava silencioso, pois o Adam dormia mais do que o normal ultimamente, talvez ele ainda estivesse cansado da viagem. Ainda de pijama, fui até a cozinha e peguei uma xícara de café, segurei a babá eletrônica, à qual costumava chamar de bebê postiço, uma vez que estava sempre com o aparelho em mãos quando não segurava o Adam nos braços.

Sentei-me no sofá e fiquei bebendo meu café enquanto meu filho não acordava. A janela estava aberta e uma brisa batia nas cortinas coloridas que a mãe da Gabi comprara para enfeitar nosso apartamento. Por um segundo, imaginei minha vida diferente. *Como seria se eu ainda estivesse casada com o Jack? Será que eu ainda estaria sozinha um dia antes da virada do ano? Provavelmente não, a vida teria tomado outros rumos...* Restava saber se eu gostaria daqueles novos rumos! *Acho que se eu estivesse com meu filho, tudo estaria bem.*

Onde será que o Jack está neste momento?, eu me perguntava. Pelo que acompanhei na imprensa, sua banda ainda estava em turnê pela Europa. Depois disso, eu não fazia ideia do roteiro e fiz questão de não saber, já que não precisava me torturar. No entanto, a cada dia que passava eu percebia que não poderia fugir de contar a verdade para ele. Não deveria ter deixado passar tanto tempo, mas a minha falta de experiência em namoros foi decisiva para trazer a insegurança no momento errado. Embora eu tivesse plena consciência, ainda esperaria para chamá-lo e contar sobre o Adam. *Talvez depois das festas eu consiga uma oportunidade, embora não queira dar a notícia por telefone; afinal, seria muito estranho.*

"Oi, Jack. Eu estou ligando para avisar que você tem um filho de quase dois meses." Seria muito assustador declarar tudo isso por telefone, então continuei observando a janela e a brisa que entrava na sala. Quando a campainha tocou, levantei-me assustada do sofá e fui atender a porta antes de o barulho acordar meu filho.

— O que você faz aqui? — perguntei para o meu irmão parado na porta

do meu apartamento.

— Eu vim buscá-la para passar o ano-novo com a gente — disse apontando para Karina, que, como sempre, estava sorrindo ao seu lado.

— Quem disse que eu quero passar o ano-novo com vocês — informei colocando a minha mão na cintura e encarando o meu irmão.

— Você não tem escolha! Eu não vou deixá-la aqui sozinha no *réveillon*. — Ele entrou no meu apartamento com a Karina.

— Eu não estou sozinha, estou com o Adam — expliquei fechando a porta e seguindo atrás dele.

Ouvi o choro do meu bebê e decidi mudar meu caminho e ir para o seu quarto.

— Não dê uma de espertinha comigo, garota! Eu sou seu irmão mais velho, portanto você tem o dever de me obedecer! Estamos saindo agora para a chácara da família da Karina para comemorar a festa de final de ano — avisou me seguindo pelos corredores até o quarto do Adam.

— Eu não quero atrapalhar você nem a Karina! Por isso, vocês deveriam ir sem mim — disse pegando o meu bebê no colo.

Os olhinhos do Adam estavam molhados, mas ele engoliu o choro assim que apoiei sua cabecinha no meu ombro e coloquei a minha mão nas suas costas, acalentando-o.

— Você não vai atrapalhar em nada, Helena. Eu já avisei a minha família que estaríamos levando você, e a minha mãe até já preparou um quarto para você e o Adam — Karina disse, aparecendo pela primeira vez na conversa.

— Eu não sei... — estava indecisa.

— Você não precisa se preocupar com nada, nós vamos ajudá-la com a bagagem — concluiu abrindo o armário e pegando uma bolsa grande do Adam.

— Eu fico com o meu sobrinho enquanto a Karina a ajuda a arrumar as

malas. Estaremos esperando na sala. — O Tiago pegou o Adam do meu colo e saiu do quarto.

— Espere, Tiago. Ele ainda não tomou banho nem mamou — comentei preocupada.

Meu irmão, porém, me ignorou e continuou andando. Como o Adam não protestou, pensei que ele estivesse bem.

A Karina me ajudou a organizar tudo. Para a minha sorte, a faxineira havia lavado, passado e guardado a maioria das minhas roupas e as do Adam. Sendo assim, foi fácil colocar tudo nas malas. Além disso, iriamos ficar apenas três dias por lá e não precisaríamos de muitas roupas.

Quando as malas estavam prontas, fui tomar um banho e vestir uma roupa decente, enquanto a Karina e o Tiago davam banho no Adam. Saí do banheiro, me enrolei na toalha e fui até o meu armário. Coloquei uma blusinha de alcinha branca, uma calça jeans e meu All Star vermelho, sequei as pontas do meu cabelo e o deixei solto. Passei um pouco de filtro solar, uma base apenas para deixar meu rosto mais uniforme e um batom clarinho. Olhei uma última vez no espelho antes de pegar minha bolsa e seguir para o quarto do Adam.

Apareci na porta e vi meu irmão e a Karina brincando sentados no tapete, fazendo cócegas no Adam, que estava lindo usando uma pequena calça jeans e uma camiseta polo. Meu filho parecia até um homenzinho. Seus cabelos estavam penteados de lado e eu tinha quase certeza de que não ficariam assim por muito tempo, por isso corri minha mão pela minha bolsa, tirei meu celular e registrei aquele momento.

Saímos do meu apartamento e exatamente uma hora depois estávamos estacionando na tal chácara reservada para a festa. Só tive tempo de alimentar o Adam, pois o garoto estava faminto e passou o caminho todo grudado no meu seio.

Desci do carro e a primeira pessoa que encontrei me fez pensar se realmente fora uma boa ideia ir até aquele lugar: Isabella, sua irmã. Isso mesmo, era a mesma garota que dera em cima do Jack na minha frente na

festa dos meus pais e, depois, na boate.

— Oi — cumprimentou assim que cheguei à varanda.

Isabella estava sentada numa espreguiçadeira usando uma saída de praia azul e óculos de sol.

— Oi — respondi segurando o Adam nos braços, enquanto meu irmão e a Karina tiravam as nossas malas do carro.

— Olha que coisinha mais linda esse bebezinho! Ele não se parecesse nada com você — observou.

— Você acha? — indaguei depois de respirar duas vezes, antes de dizer uma bobagem.

— Ele deve se parecer com o pai. Mas espere aí um pouquinho. Quem é mesmo o pai dele? — ela quis saber, tirando os óculos escuros e olhando para mim.

— O Jack. — Eu a encarei com um olhar que dizia: "Não mexa comigo, garota, pois minha paciência está no limite".

— Sei... — resmungou, colocando os óculos novamente e me ignorando enquanto eu entrava na casa. – Pena que ele não sabe disso — murmurou quando eu passei por ela, mas sua voz foi tão alta e clara que consegui ouvir cada palavra.

Para o nosso bem e em nome da amizade que eu tinha pela sua irmã, porém, resolvi ignorá-la e continuei seguindo o meu caminho.

O quarto reservado para mim e para o Adam era grande e confortável, tinha até um bercinho, no qual ele dormiu a tarde toda. Os pais da Karina me acolheram como parte da família, eu e meu filho fomos muito bem tratados por todos, menos pela Isabella, que sempre tinha algo ruim para dizer para mim. No entanto, eu não dei importância para as suas chatices e ela acabou se cansando de me provocar e foi curtir com seus primos.

Durante o dia não pude ajudar muito na organização da festa, porque tive

de cuidar do Adam. Então, aproveitei para passar os melhores dias com o meu filho. Nós brincamos na piscina, onde ficamos apenas por vinte minutos, pois meu filho era muito bebezinho para mais do que isso, com muito protetor solar e roupas que cobriam cada parte do seu corpo. Depois passeamos pela chácara e ficamos sentados em frente a um pequeno chafariz no jardim da propriedade.

O lugar era lindo. Muitas flores de diversas cores, além de uma pequena fonte de água com uma estátua do cupido no centro. A água caía de um buraco na sua boca, tornando a fonte mais encantadora e romântica. Ficamos lá por horas até que a Karina se sentou ao meu lado no banco.

— Esse é o meu lugar preferido. O meu pai construiu essa fonte de presente de aniversário para a minha mãe.

— Que lindo. Eles parecem ser feitos um para o outro.

— Sim! Eles tiveram muitos obstáculos até conseguirem viver juntos. Resumindo a história: minha avó materna não gostava do meu pai e dizia que a sua filha perfeita não podia casar com um "zé-ninguém" como o meu pai. Eles lutaram muito para viver esse amor, tiveram de desistir de muitas coisas. Minha mãe fugiu de casa no dia do seu casamento arranjado com o filho do prefeito da cidade onde eles moravam. No fim, eles conseguiram ficar juntos e agradecem isso sempre que podem, e essa fonte é uma amostra disso. Além disso, temos uma tradição! Essa é a nossa fonte de desejo. Jogamos uma moeda na água e pensamos num desejo. Se pedirmos com muita fé, ele pode se realizar — disse me entregando uma moeda e saindo do jardim.

Eu fiquei lá por horas olhando o meu filho sorrindo para mim, ainda sem dentes. Tentei decidir qual seria o meu pedido. Levantei um tempo depois, segurei o Adam no colo, me aproximei da fonte, fechei meus olhos e fiz o pedido com toda a coragem que ainda restava no meu coração. Depois, olhei para o meu filho e saímos juntos daquele lugar tão mágico.

A festa da virada no terraço da casa foi magnífica! Enfeitaram toda a área com luminárias e velas brancas, colocaram sofás, pufes e poltronas ao redor do espaço. No centro, enfeitaram uma linda mesa de madeira com uma toalha branca de renda, sobre a qual havia uma comida mais apetitosa do que a

outra! A Dona Sara, mãe da Karina, sabia como organizar uma festa como ninguém. Havia poucos convidados e o ambiente era muito familiar, por isso não me senti desconfortável em nenhum momento enquanto caminhava pelo local, segurando meu bebê, que, por sinal, estava lindo usando uma calça branca e uma camiseta de botão da mesma cor, ambos presentes do meu irmão. Eu não queria me arrumar e na verdade nem havia levado nenhuma roupa especial para a festa, porém a minha cunhada teve outra ideia. Ela comprara um vestido branco, estilo tubinho, com as costas nuas. Eu fiquei um pouco desconfortável em usá-lo, mas, depois de enrolar os meus cabelos e passar uma maquiagem mais forte do que costumo usar, ela pediu que eu me olhasse no espelho. Como acabei gostando do que vi, resolvi aceitar o seu presente. Afinal de contas, não era sempre que eu podia ser paparicada.

O meu bebê adormeceu logo depois dos fogos que comemoravam o ano-novo. Enquanto todos brindavam no terraço, comemorando a virada, eu entrei na casa e já ia em direção ao meu quarto quando a Karina e o Tiago apareceram.

— Aonde você pensa que vai? A festa está apenas começando — avisou a minha cunhada me barrando no corredor.

— O Adam dormiu e eu preciso levá-lo para o quarto — disse apontando para o bebê dormindo no meu colo.

— Essa é uma desculpa para você escapar da festa. Você não dançou nenhuma vez. Portanto, dê o meu sobrinho aqui, pois eu e o Tiago vamos cuidar dele. Enquanto isso, você vai voltar para a festa e se divertir um pouco! Não a esperamos aqui antes das duas da manhã, e não se atreva a negar, pois não a produzi toda para você ir dormir logo depois de romper o ano.

Eu não tive escolha e olhei para o meu irmão boquiaberta. Ele apenas deu de ombros enquanto a Karina pegava o Adam dos meus braços e os dois seguiam juntos para o meu quarto, deixando-me sozinha no corredor.

Não tive opção senão voltar para a festa e esperar que as duas horas se passassem até poder voltar para o meu quarto. A música estava ainda mais alta e os casais dançavam agarradinhos numa parte do terraço. Peguei uma

taça de champanhe. Apesar de estar amamentando, uma taça apenas não iria fazer mal nenhum. Sentei-me numa das poltronas e bebi o mais devagar que consegui, em goles tão pequenos que pude sentir as bolhas do champanhe deslizarem pela minha garganta. Já ia me levantando para voltar para o meu quarto quando fui surpreendida por alguém.

— Você gostaria de dançar comigo?

Olhei para cima e observei um homem com a mão estendida para mim. Seus cabelos pretos caíam em volta dos seus lindos e vibrantes olhos verdes. No instante em que ele pronunciou a pergunta, seus lábios abriram um sorriso perfeito. Eu não disse nada, pois não sabia o que responder.

— É apenas uma dança — falou percebendo a minha hesitação.

— Eu nem conheço você... — respondi depois do que parecia uma eternidade, e finalmente encontrei a minha voz.

— Não se preocupe, não sou nenhum tarado aproveitador de garotas indefesas — brincou. — Eu sou o Diego, primo da Karina. Além disso, esta é uma festa familiar! Você não deveria ficar tão preocupada assim.

— Você tem razão. — Sorri, afinal ele apenas me pedira uma dança, portanto eu não poderia agir como se fosse o fim do mundo.

Ano novo, vida nova: esse seria o meu mantra a partir de então.

Segurei a sua mão e seguimos juntos em direção à música “The Scientist”, do Coldplay. Ao chegar à pista de dança, o Diego deslizou sua mão pela minha cintura e me puxou mais perto do seu corpo. Ele era bem mais alto do que eu, por isso minha cabeça se encaixava perfeitamente no seu pescoço, que tinha um cheiro amadeirado e forte ao mesmo tempo. Eu não sei se foi a bebida, mas à medida que as estrofes da música eram cantadas o Diego me puxava ainda mais para perto de si. No final, eu levantei a cabeça, a fim de agradecer a dança, mas ele segurou no meu rosto e deslizou seus lábios nos meus sem que eu tivesse uma chance de impedir.

Eu não tive reação, fiquei estática, mas seus lábios eram tão envolventes que acabei cedendo e o beijei também. Quando percebi o que estava fazendo,

porém, eu o empurrei e saí correndo dali o mais rápido que pude, usando saltos altos e um vestido curto apertado que limitava o tamanho dos passos que eu dava.

Voltando ao Brasil

JACK

"Eu acho que estou perdendo minha mente agora
Está na minha cabeça, querida, eu espero
que você esteja aqui"

Don't Let Me Down, Chainsmokers

O que seriam apenas alguns dias acabou se tornando um mês. Tivemos shows extras em lugares em que deveria ser realizado apenas um, e já era fevereiro quando deixamos a Europa para seguir rumo à América do Sul. Alguns shows tiveram de ser remarcados às pressas, mas no final conseguimos organizar tudo na nossa agenda.

Deixamos Portugal com destino à nossa primeira parada na América do Sul, o Chile. Aquela seria a nossa menor turnê, apenas dois dias em cada país, exceto o Brasil, onde deveríamos permanecer por cinco dias com dois shows agendados, um no Rio de Janeiro e o outro em São Paulo.

Chegamos ao Chile de manhãzinha, onde tivemos uma coletiva de imprensa à tarde no lugar do show; à noite, durante quase duas horas, tocamos para milhares de fãs num estádio de futebol.

No dia seguinte, à tarde, já estávamos embarcando para a Argentina, onde seguiríamos o mesmo cronograma, exceto por uma entrevista na televisão local na manhã seguinte ao show. Portanto, nada de festas e extravagâncias pós-apresentação, pois deveríamos estar acordados e inteiros às 10 horas da manhã do dia seguinte. Devo dizer que foi a coisa mais difícil que tive de fazer para conceder uma entrevista. Geralmente acordávamos depois das duas horas da tarde nas manhãs seguintes às nossas apresentações.

Estávamos tentando mudar velhos hábitos e tínhamos um novo

empresário, então resolvemos inovar nessa turnê. Entretanto, o resultado foi desastroso e ainda estávamos com uma aparência péssima mesmo usando os óculos escuros.

A entrevista foi um fiasco. O apresentador recebera instruções para não fazer perguntas pessoais, já que eu era o principal tema dos tabloides sensacionalistas. Minha vida era um parque de diversão para aquele tipo de mídia: o casamento da noite para o dia em Vegas, um filho que eu reconheci em público, mas que depois descobri não ser meu... Tudo isso daria um livro, se alguém tivesse coragem de escrevê-lo.

Depois de eliminar as fofocas sobre a minha vida, ficamos sem muita coisa para falar, além da turnê e das novas músicas. Uma hora depois, saímos do estúdio de TV parecendo zumbis e mais cansados do que antes. Almoçamos juntos no restaurante do hotel, depois descansamos nos nossos respectivos quartos e à tarde embarcamos para o Uruguai. Chegando lá, seguimos o mesmo cronograma do país vizinho, porém sem entrevistas na manhã seguinte ao show, pois isso seria impossível. Ficamos dois dias no país: em um fizemos o show e no outro dormimos até tarde e embarcamos para o Brasil à noite.

Chegamos ao Rio na mesma noite e nos hospedamos no Copacabana Palace, em quartos separados novamente. Como éramos pessoas noturnas e nunca dormíamos cedo, fizemos uma pequena festa na minha cobertura e o Jonas convidou as mesmas garotas que estiveram conosco da última vez que passamos pelo Rio. Agora sim a diversão estaria garantida. Mulheres bonitas, bebidas à vontade e muito rock ‘n’roll. Festejamos a noite inteira e um pedaço da manhã seguinte.

Acordei com uma ressaca daquelas e me vi nu ao lado de uma garota só de calcinha na minha cama. Seus cabelos pretos estavam espalhados no travesseiro e ela dormia tranquilamente, mas eu não fazia ideia do que tinha acontecido. *Devo ter exagerado muito na bebida, porque poucas vezes na minha vida eu perdi a memória depois de beber*, pensei.

Deslizei o lençol e saí de fininho até o banheiro, entrei o mais rápido que pude e tranquei a porta, pois não precisava de distração naquele momento. Eu

tinha de colocar meus pensamentos em ordem e me livrar da maldita ressaca antes do show.

Saí enrolado numa toalha minutos depois e senti um alívio ao encontrar duas camisinhas no chão. *Pelo menos eu tive bom senso de usá-las*, concluí. A garota estava acordada agora e sorria para mim satisfeita.

— Podemos repetir a dose se você quiser — disse sentando-se na cama e deixando o lençol cair do seu corpo, exibindo seus seios perfeitos.

— Eu preciso sair para repassar o show no estádio e já estou atrasado! Portanto, assim que você se vestir, pode deixar a chave na recepção do hotel — comentei colocando uma cueca boxer branca, uma calça jeans surrada, uma camiseta preta e tênis.

Quando estava saindo, a garota gritou ainda deitada na cama e fazendo beicinho:

— Você não pediu meu telefone!

— Pode anotar e deixar na cabeceira da cama — respondi fechando a porta atrás de mim.

Não precisava ser rude depois de sair com uma garota como aquela, mas ela deveria estar sonhando se achava que eu ligaria no dia seguinte.

O resto do dia passou tão rápido que, quando dei por mim, já estava entrando no palco e sendo aplaudido por milhares de fãs. Eu adorava aquela interação com a galera nos shows, uma troca de energia fundamental para saber que o trabalho tem bons resultados. O público era carinhoso, mas criterioso ao mesmo tempo, e não aceitava qualquer coisa em troca. Meus fãs queriam mais, sempre mais, e para a sorte deles eu estava sempre disposto no palco para qualquer coisa. Por essa razão, nossos shows sempre lotavam e eram cheios de energia. Devo confessar que o público brasileiro era diferente, pois conseguia mandar energia do começo ao fim do show, sem nenhuma oscilação, e essa interação constante deixava a apresentação ainda mais intensa e alucinante.

Depois do show, saímos direto para uma festa numa das boates da cidade.

A adrenalina ainda estava a mil por hora depois da nossa apresentação. Bebemos todas, dançamos, beijamos algumas garotas e eu até tirei minha camiseta e fiquei só de calça jeans no meio da pista. Enfim, eu estava muito louco e sem nenhuma pretensão de voltar para a realidade.

Acordei na manhã seguinte parecendo ter chumbo na cabeça de tão pesada que ela estava. Abri os olhos bem devagar, já que as cortinas do quarto estavam abertas, e toda a claridade fez questão de bater no meu rosto, por isso fechei os olhos novamente e fiquei lá, esperando que a luz de alguma forma diminuísse ou que minha cabeça parasse de doer. Ainda de olhos fechados, passei as mãos ao lado da cama, uma vez que a última coisa de que precisava era acordar ao lado de uma garota que eu não fazia ideia de quem fosse. No entanto, fiquei mais aliviado quando tive certeza de que estava sozinho.

— Boa tarde, Jack! Já são quatro horas da tarde. Eu sei que ontem a farra foi muita, mas estamos saindo dentro de duas horas para São Paulo e você precisa estar no avião, pelo menos isso. Nós não queremos chegar ao próximo show sem o vocalista da banda — Mia informou ao entrar no meu quarto e deixando um copo de suco de laranja e dois comprimidos.

— Eu estou destruído — afirmei abrindo os olhos novamente, pegando o suco e os comprimidos e engolindo tudo de uma vez.

— Você não acha que a vida de um astro do rock é fácil? Fazer show ao redor do mundo e depois festejar o resto da noite até o dia amanhecer realmente deve ser muito difícil — minha prima foi irônica. Com certeza, estava brava com a minha farra da noite passada.

— Não abuse da sorte, garota. No fim das contas, quem paga o seu salário sou eu — falei me levantando da cama e indo para o banheiro.

— Eu não tenho medo de suas ameaças, mas não vou ficar parada enquanto você se destrói na bebida e em outras coisas – ela gritou ainda no quarto, enquanto eu estava no banheiro. — Você precisa parar de esconder os seus sentimentos e ir falar com a Helena. Se vocês se acertarem, melhor! Caso contrário, você precisa colocar um ponto final nessa relação e ambos podem seguir a vida — sugeriu saindo do meu quarto e me deixando com

mais dor de cabeça do que antes de tomar o remédio.

Depois do banho e da bagagem organizada, deixamos o Rio e seguimos para São Paulo. Não tivemos nem tempo de fechar os olhos e de repente já estávamos aterrissando na cidade. Se no Rio eu estava apreensivo, com medo de ver a Helena novamente, em São Paulo, a apenas alguns passos de distância dela, eu estava uma pilha de tão nervoso.

Passei o dia todo agitado, irritado e sem paciência para nada. Eu precisava resolver isso antes de pirar de vez! Ainda bem que estávamos cheios de compromissos, entre autógrafos para os fãs de uma rádio da cidade e entrevista para algumas emissoras de TV no nosso quarto de hotel. Enfim, quando me senti entediado novamente, já estávamos na nossa van seguindo para o local do show. Dessa vez, porém, não teve adrenalina que me fizesse esquecer que minha garota estava tão perto de mim, mas ao mesmo tempo tão longe de ser realmente minha.

Quando tocamos a sua música e a plateia acendeu as lanternas do celular, por um segundo, antes de apagarem as luzes do palco, tive e impressão de vê-la num canto, mas quando pisquei ela não estava mais lá. Os acordes da música já tinham começado e eu precisei cantar como a havia perdido mais uma vez.

No final, agradeci aos brasileiros pela hospitalidade e energia nos shows. Fiz esse último comentário em português e a galera foi à loucura. Depois disso, eu saí do palco enquanto o Freddy ainda batia nos pratos da sua bateria e o Jonas fazia um solo de guitarra perfeito.

Nos bastidores, fui agarrado pela cintura por uma garota loira que eu não conhecia, mas não a impedi e deixei que ela me acompanhasse até o meu camarim. Os caras entraram logo depois de mim, também acompanhados. Peguei uma bebida e quando iria me sentar no sofá ao lado da tal loira a porta abriu de repente. Uma Mia muito alterada apareceu gritando:

— O que você pensa que está fazendo? — berrou, parada na minha frente.

— Eu iria apenas tomar uma bebida junto com a minha amiga, espere um pouco. Como é mesmo o seu nome? — perguntei para a garota ao meu lado.

— Bia — respondeu sem graça, olhando confusa para mim, pensando que a Mia era alguma namorada ciumenta.

— Saia daqui agora mesmo — ordenou para a Bia.

A Mia nem precisou falar novamente, pois no instante em que fechou a boca a menina já estava fora do nosso camarim.

— Eu preciso falar em particular com você, Jack — avisou, puxando-me para outra sala ao lado.

— O que aconteceu com você, Mia? Pare de agir assim e explique logo o que está acontecendo — indaguei já irritado com ela.

— A Helena esteve aqui no show. Ela precisava falar com você, mas acabou desistindo e foi embora chorando quando o viu saindo dos bastidores com aquela garota — contou preocupada, com um tom de voz que eu nunca vira antes.

— Se ela foi embora, é porque não queria conversar mais comigo — concluí frustrado, passando as mãos no cabelo.

— Não é assim que funcionam as coisas, Jack. Você estava agarrado a uma garota e ia para o camarim com ela. O que você acha que a Helena pensou disso? — questionou me encarando.

—Tudo bem, mas nada disso é problema meu. Se ela foi embora, o que eu posso fazer a respeito?

— Vocês precisam conversar, agora mais do que nunca — explicou olhando para os lados como se estivesse pensando no que poderia me falar.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada, eu apenas estou pensando alto. Agora você precisa ir atrás dela. Amanhã cedo embarcamos para casa e essa pode ser a sua última chance para resolver essa bagunça toda na qual você se meteu.

— E se eu não quiser resolver nada? — perguntei com desdém.

— Pare de se fazer de idiota, pois eu sei que isso você não é. Agora coloque esse moletom com capuz e seus óculos escuros e saia pela porta lateral. O Carlos está esperando você. Ele tem o novo endereço dela e o levará lá em poucos minutos. E antes que eu me esqueça, parabéns e conserte tudo, ok!?

Como a Mia estava estranha... Parabéns pelo o quê? Talvez fosse pelo show, mas ela nunca havia me dado parabéns antes. Aquilo estava muito estranho. Eu pensei em não ir atrás da Helena, afinal ela era complicação demais para mim, mas precisava vê-la uma última vez e descobrir se meu coração ainda parava quando a via. Portanto, seguindo as ordens da minha assessora, coloquei um agasalho preto e meus óculos escuros e saí pela porta lateral do camarim, que dava para um corredor, onde os *roadies* estavam levando nossos equipamentos para as vans estacionadas lá fora. Bem ao lado, o Carlos me esperava, exatamente como a Mia havia me dito. Entrei no carro e seguimos para o apartamento da Helena.

O encontro

HELENA

“Olhe dentro dos meus olhos
Você vai ver o que você significa para mim
Procure em seu coração, procure em sua alma
E, quando você me encontrar lá, não vai procurar mais”

[Everything I Do] I Do It For You, Bryan Adams

Quando a Gabi chegou em casa correndo e balançando os ingressos na mão, eu sabia que aquilo não era uma boa ideia.

— Eu não vou ao show com você — resmunguei irritada.

— Você não tem escolha, Helena. Vocês precisam conversar — disse se sentando no sofá da sala ao meu lado.

— Eu não pretendo conversar sobre o Adam no meio de um show — respondi preocupada com as ideias da minha amiga.

— Você não precisa conversar com ele durante o show... Pode ser depois — ela sugeriu pensativa.

— Eu não sei se estou pronta para essa conversa, Gabi — falei apreensiva.

— Você nunca vai estar totalmente pronta, Helena. No entanto, precisa deixar o seu filho ter um pai! Você gostaria que o Adam vivesse sem a presença de uma figura paterna?

— Não, claro que não. Mas não tenho coragem de encará-lo e dizer que eu escondi o filho dele todo esse tempo.

— Eu sei disso, mas agora não tem volta e você precisa dizer a ele... — Ela olhava para mim, esperando a minha resposta.

Eu tentei argumentar o máximo que pude, mas a Gabi estava irredutível e eu não tive escolha a não ser acompanhá-la até o show da banda The Dangers.

Como ela conseguiu ingressos assim em cima da hora? Isso é algo a se pensar. A minha amiga tinha tudo planejado e até o meu irmão e a Karina faziam parte do grande plano. Depois do meu fiasco na festa de fim de ano, eu ainda não os tinha visto. Logo que voltei para o quarto aquela noite, a Karina percebeu que algo estava fora do lugar, por isso pediu que o meu irmão fosse na frente. Ela ficou para trás e conversou comigo, e eu me abri e contei tudo o que havia acontecido na festa. No final, ela riu e disse que o Diego era o seu primo mais sensato, lindo e que não dava bola para nenhuma garota, e que se ele tinha me convidado para dançar e depois me beijado era porque realmente estava interessado em mim. No entanto, eu não quis pagar para ver e fugi correndo mesmo. No outro dia, saí do quarto só quando já estava pronta para ir embora, pois eu estava morrendo de vergonha do Diego. Que tipo de garota foge correndo depois de ser beijada? É no mínimo estranho, para não falar o resto.

Enfim, eu ainda não tinha visto o Diego novamente, apesar de ele ter me mandado duas mensagens me pedindo para sair com ele. Descobri que a Karina deu meu telefone para o seu primo e ainda disse que eu não tinha namorado. Queria saber o que ele pensou quando me viu correndo dele naquela noite. Depois de tudo esclarecido, trocamos mensagens, mas não combinamos nada e eu nem sabia se um dia concordaria em sair com ele, mas o Diego era um cara legal e por enquanto eu estava bem em tê-lo como amigo.

Mas vamos ao que interessa!

A Gabi armou tudo para me levar ao show. Conseguiu os ingressos com a Mia e pediu que meu irmão e a Karina cuidassem do Adam. Quando percebi que estava sendo manipulada, eu já estava na porta do estádio. Minhas pernas tremiam e eu não sabia como o Jack iria reagir ao me ver.

Os ingressos davam direito a permanecer nos bastidores do show. A Mia realmente caprichara, por isso ficamos bem perto da banda.

Quando o Jack pisou no centro do palco, os fãs foram à loucura, gritaram o seu nome sem parar e meu coração saltitava no meu peito ao vê-lo depois de tanto tempo. Ele sorriu e depois começou a cantar uma de suas músicas antigas. Os fãs cantaram uma após outra todas as canções, enquanto fiquei escondida num canto, pois a última coisa que precisava era que ele me visse antes de estar preparada para encará-lo. Eu sabia que seria naquela noite, mas, se dependesse de mim, isso não iria acontecer na frente de milhões de pessoas.

Ele estava tão diferente, parecia mais forte, mais seguro de si. Eu fiquei admirando-o por um tempo até que começou a tocar a música que ele tinha feito para mim. Fugi dali e fui esperar nos bastidores. Não aguentaria ouvir essa música tão perto dele, era demais para mim. Fiquei esperando perto do camarim da banda, pois em algum momento ele passaria por ali e eu poderia conversar com ele.

Aguardei os minutos mais longos da minha vida e fiquei imaginando como seria a sua reação quando soubesse que ele tinha um filho. Será que iria pedir para conhecer o Adam? Ou iria ignorar o menino? Em minha cabeça, um turbilhão de pensamentos, mas nenhum deles fazia sentido no momento.

Quando já estava desistindo e indo embora, ele apareceu nos corredores. Todos o cumprimentavam, quando de repente uma garota se aproximou dele e agarrou sua cintura.

— Acalma-se, Helena! É apenas uma fã, você precisa pensar no seu filho — murmurei baixinho, enquanto observava aquela cena se desenrolar na minha frente.

Entretanto, não teve pensamento positivo que ficasse em pé depois que ele sorriu para a garota e os dois seguiram juntos para o seu camarim, fechando a porta em seguida. Eu fiquei parada lá feito uma idiota, sem saber o que fazer agora.

Os outros integrantes da banda passaram, mas para minha sorte ninguém me viu. Eu precisava encontrar a Gabi e sair daqui o mais rápido possível. Andei pelos corredores em direção à saída e alguém puxou o meu braço quando estava quase lá fora.

— Eu estava procurando você por todos os lugares. Onde você estava, garota? — a Mia perguntou com um semblante de preocupação no olhar.

— No corredor — respondi tentando secar as lágrimas que insistiam em cair no meu rosto.

— O que aconteceu? Por que você está chorando? — ela questionou ainda mais preocupada.

— Não foi nada, eu só achava que o Jack ainda pensava em mim, mas quando o vi lá com aquela garota percebi que sou uma boba por pensar assim — falei olhando para a minha amiga e limpando o meu rosto.

— Que garota? — ela indagou sem entender.

— Eu esperei nos bastidores para falar com ele, mas o Jack nem me viu. Ele tinha olhos apenas para a sua nova namorada.

— O Jack não está namorando! De onde você tirou essa ideia? — pergunta sem entender.

— Mia, preste atenção, o Jack está lá com uma garota e nem percebeu que eu o esperava. Agora os dois devem estar no maior amasso no camarim, portanto não me interessa quem ela seja. O que importa mesmo foi o que eu vim dizer, mas agora não quero que ele saiba de nada, muito menos que tenha contato comigo.

— O que você precisava contar ao Jack? — ela quis saber curiosa, observando-me por um instante.

— Eu vou contar a você, mas quero que prometa não falar a ninguém, principalmente ao Jack — pedi com convicção para que ela atendesse ao meu pedido, afinal eu a considerava minha amiga.

— Pode contar! Eu prometo não dizer a ninguém — ela me encorajou segurando as minhas mãos.

— Eu tive um filho — falei e esperei a sua reação.

— Você teve um bebê? Que bom, parabéns — Ela abriu um sorriso de alívio.

Eu não fazia ideia do que ela havia pensado que eu diria, mas com certeza não era isso que ela esperava.

— Acho que você não está entendendo! O meu filho é do Jack — disse mais devagar, quem sabe assim ela conseguiria entender a gravidade daquilo.

— E-spere um po-pouco... D-deixa eu ver se entendi — ela gaguejou antes de continuar. – Você teve um filho do Jack e só se lembrou de contar agora? — questionou chateada.

— Desculpe, eu estava muito irritada com o seu primo e acabei abandonando você por tabela — expliquei sem jeito, pois sabia que havia pisado na bola com a Mia.

— Você tinha o meu telefone e em nenhum momento pensou: "Nossa, eu deveria ligar para a Mia e contar que eu estou grávida, ou que ganhei um bebê"? Eu não tinha o seu telefone, Helena, por isso nunca liguei. Não foi justo o que você fez comigo — afirmou triste com a minha atitude.

— Eu sei, você tem toda razão, agi errado com você e por isso peço mil desculpas. No entanto, agora preciso ir. Prometo ligar uma outra hora para conversar.

Ela iria dizer mais alguma coisa, mas eu não fiquei para ouvir. Saí do show mais triste, desanimada e confusa do que antes.

Cheguei em casa antes da Gabi e tentei disfarçar o quanto estava decepcionada. Dei uma desculpa qualquer e mandei o meu irmão e sua noiva embora. Tranquei a porta e fui para o meu quarto chorar. Fiquei deitada na cama de bruços chorando por mais tempo do que a minha dignidade permitia, mas nem liguei. Eu estava sozinha e ninguém iria ver o meu estado deplorável. Até que a campainha começou a tocar incessantemente. Antes que o barulho acordasse o meu filho, eu corri para atender.

— Eu vou matar a Gabi! Não acredito que ela esqueceu a chave e ainda fica apertando a campainha, fazendo todo esse barulho, sabendo que temos

um bebê em casa e que está dormindo a essa hora! — reclamei enquanto atravessava o corredor até a porta da sala.

Quando coloquei a mão na fechadura e abri a porta, quase cai para trás de susto. Vi a última pessoa que eu imaginava que iria atrás de mim.

— Oi, Helena, a Mia disse que você precisava falar comigo — o Jack falou parado na minha porta, usando as mesmas roupas do show.

— Eu, eu... Na verdade, não sei o que dizer...

Ele percebeu que eu estava paralisada e empurrou a porta, entrando no meu apartamento.

— Mas deveria saber, já que foi ao show atrás de mim — disse sorrindo e me olhando dos pés à cabeça como se estivesse me avaliando.

Eu corei de vergonha, pois estava totalmente desgrenhada. Meu vestido preto e curto estava mais curto ainda por causa do movimento que fiz correndo até a porta. Tentei puxá-lo um pouco mais para baixo, porém ficou ainda pior, já que os meus seios saltaram para cima, como se quisessem pular. Meu cabelo era uma confusão só, e para piorar eu tinha tirado toda a minha maquiagem quando cheguei, por isso estava mais branca e pálida do que nunca, além, é claro, dos olhos vermelhos de tanto chorar.

—Talvez fosse melhor você se sentar primeiro — pedi apontando para o sofá atrás dele.

Antes que eu me sentasse na outra poltrona na sua frente, o Adam começou a chorar. Ele gritava a plenos pulmões, fazendo ser quase impossível ignorá-lo. Olhei para o Jack sem saber o que dizer e corri para o quarto do meu filho. Para o meu azar, o Jack me seguiu.

— Olá, garotinho. O que aconteceu com você? — questionou acendendo a luz do quarto e chegando perto do bercinho.

Ele parou de chorar, mas ainda estava com os olhinhos cheios de água.

— O que foi, bebê? Você teve um pesadelo? — perguntei colocando-o

apoiado no meu ombro e fazendo um carinho nas suas costas, posição em que ele adorava ficar.

— De quem é esse bebê? — Jack perguntou atrás de mim, observando o Adam.

— Podemos conversar outra hora, Jack? — indaguei ainda balançando o meu filho.

— Amanhã eu estou embarcando de volta para Nova York, portanto esta é a última oportunidade que temos de conversar pessoalmente. Se você tem alguma coisa a me dizer, precisa ser agora.

— Eu não tenho nada para falar — falei irritada, pois odiava ser pressionada.

— Quer dizer que você foi ao meu show e esperou nos bastidores para nada? — ele elevou o tom de voz.

O Adam, que estava calmo, começou a chorar novamente.

— Não, eu precisava contar sobre o Adam — respondi sem pensar muito.

— Quem é o Adam?

— Esse é o Adam — expliquei apontando para o bebê nos meus braços.

— Esse bebê é seu? — ele questionou incrédulo, olhando para o meu filho.

— Sim, o Adam é o meu filho — revelei colocando as mãos na sua cabecinha, enquanto ele pegava no sono novamente

— E quem é o pai? — questionou ficando de frente para mim.

— Nós podemos terminar essa conversa outra hora? — repeti a pergunta sem olhar nos seus olhos.

— Não podemos, você já começou e agora precisa terminar — ele se irritou colocando as duas mãos na cabeça.

Olhei para o Adam e percebi que ele havia adormecido novamente, por isso o peguei com todo cuidado e o coloquei no berço. Apaguei a luz, deixando apenas um abajur ligado, iluminando parcialmente o quarto, e saímos juntos. Andamos pelo corredor em um silêncio absoluto. Naquele momento, o Jack poderia estar pensando em um monte de coisas sobre mim, percebi isso pelo seu olhar quando voltamos a nos sentar no sofá da sala.

— O Adam é meu filho, Jack — disse respirando fundo inúmeras vezes.

— Quem é o pai do seu bebê? — pergunta num tom de voz que era quase uma acusação.

— Será que eu ainda preciso dizer? — falei olhando para ele sem ao menos piscar meus olhos durante alguns segundos.

— Aquela criança no quarto ao lado é meu filho? — Ele se levantou do sofá e andou de um lado para o outro da sala.

— Sim, ele é seu — murmurei tão baixinho que nem sabia se ele havia conseguido escutar.

— Você acha que eu sou idiota? Eu não vou ser enganado novamente! Se esse bebê fosse meu, eu saberia da sua existência há muito tempo, você não acha?

— Eu tentei contar muitas vezes, mas tinha medo da sua reação — expliquei procurando me aproximar dele.

— Você não acha que eu vou acreditar nessa história, não é mesmo? — ele perguntou numa voz mais alta do que seu tom de voz habitual.

— Essa é a verdade, e não me importo se você acredita nela ou não — disse indo até a porta e a abrindo para que o Jack saísse do meu apartamento.

— Isso não vai ficar assim! Eu vou pedir, ou melhor, exigir um teste de paternidade — avisou, passando por mim e batendo a porta com toda a força que ele tinha.

Correndo atrás do que perdeu

JACK

"Antes de tudo
Eu vou dizer as palavras que estão em minha mente
Estou irritado e cansado do jeito
como as coisas têm sido"

Believer, Imagine Dragons

Eu saí daquele apartamento o mais rápido que consegui, abri a porta do carro com a mesma força que bati a porta do apartamento da Helena e só escutei a pancada quando fechei.

— Vamos para o hotel, Carlos — pedi. Meu tom de voz era seco e firme, não dava margem nenhuma para qualquer tipo de conversa como às vezes tínhamos ao andar no carro sozinhos.

Ele pareceu ter entendido que eu não estava brincando, por isso fizemos todo o caminho num silêncio total enquanto eu olhava pela janela tentando entender a nova situação na qual me encontrava.

A Helena tinha um filho e ainda por cima dizia ser meu. *Essa garota só pode estar louca mesmo! Se essa criança fosse minha, ela teria contado assim que descobriu que estava grávida, não esperaria tanto tempo assim! Não é justo nem comigo nem com o bebê, que aparentemente não tem pai*, fiquei pensando.

Por que a minha vida não seguia um ritmo normal? As coisas aconteciam de repente e sempre me pegavam de surpresa. Nada era simples e tudo ficara pior depois que eu conheci a Helena! Eu esperava apenas uma noite de sexo casual e acabei casado com ela. Depois, queria apenas me despedir e ver como ela estava, mas acabei saindo de lá com mais uma bomba.

Devo confessar, porém, que quando a vi, antes de saber sobre aquela confusão toda de filho, o meu coração a reconheceu e pulou a famosa batida de sempre quando eu a olhava. E daquela vez foi bem mais do que isso. Eu fiquei fascinado ao observar o seu corpo. Ela usava um vestido preto colado que evidenciava cada curva sua, os seus seios estavam maiores e os quadris, mais largos. Sempre a achei ela linda, mas eu não sabia como explicar... Helena estava gostosa! Por alguns segundos, fiquei admirando-a de boca aberta sem conseguir tirar os meus olhos dela. No carro, se eu fechasse meus olhos, poderia ver cada parte do seu corpo perfeito, como se ela estivesse parada na minha frente.

Olhei pela janela, enquanto o Carlos estacionava o carro ao lado da entrada de serviço. Apesar de ainda ser de madrugada, eu não queria arriscar aparecer na porta principal e ter de dar autógrafos ou tirar fotos no estado em que me encontrava. Eu seria capaz de cometer alguma besteira e acabar me arrependendo depois, por isso pedi que o meu segurança fizesse esse trajeto.

Entrei no hotel e subi no elevador direto para a minha cobertura. Eu precisava ficar sozinho por um tempo. E mesmo que procurasse alguém, naquele momento, eu não conseguiria encontrar. Não haveria festa pós-show, portanto estava cada um por si e àquela hora da madrugada eles poderiam estar em qualquer lugar, menos no quarto. E se estivessem lá, não gostaria de ver o que estavam fazendo.

O negócio era que eu precisava pensar no que fazer primeiro. Eu não reconheceria o filho da Helena como meu sem um teste de paternidade antes. Não me apegaria àquela criança para depois descobrir que ela era de outra pessoa. Já havia passado por isso uma vez e ninguém poderia me condenar por ser cauteloso, então só me aproximaria quando tivesse certeza de que o Adam era realmente meu.

Ao entrar no meu quarto, pela primeira vez, gostei do silêncio. Ele era bem-vindo no momento em que a minha cabeça era uma confusão só. Tirei minhas roupas e fiquei só de cueca. Deitei-me na cama, pois uma hora meu sono chegaria. Pensei nisso ao me deitar, mas logo descobri que era muito difícil fechar os olhos, ainda mais quando se tinha um problema desses para enfrentar, portanto rolei de um lado para o outro e só consegui pensar na

Helena e naquela criança.

Depois de um tempo estava deitado de barriga para cima e olhando para o teto do quarto. Se parasse para observar, o garotinho não se parecia em nada com ela. Seus cabelos eram loiros, um pouco mais claros que os meus, seus olhos eram azuis e ele tinha o rosto bem parecido com o meu quando eu era um bebê. Minha mãe tinha uma foto minha, de quando eu tinha poucos meses de vida, pendurada na minha casa nos Hamptons. No entanto, eu não poderia deixar de pensar que as crianças são todas parecidas quando ainda são bebezinhos. E mesmo que arrumasse pretextos para tentar acreditar no que a Helena me contara, só saberia a verdade quando estivesse com o resultado do teste de paternidade nas mãos.

Apesar de abrir e fechar os olhos inúmeras vezes, o sono nunca chegou, por isso desisti de tentar dormir na primeira hora da manhã. Levantei-me da cama e entrei no banheiro, abri o chuveiro e fortes jatos de água quente caíram no meu corpo exausto e com insônia. Fiquei lá por um longo tempo, deixei que a água caísse sem cessar enquanto eu tentava, em vão, resolver o meu problema o mais rápido possível. Será que conseguiria entrar em um acordo com a Helena? Se aquela criança realmente fosse minha, como seria nossa vida dali em diante? Eu teria um lugar na vida deles? Ou será que a Helena estaria tentando me enganar, como a Jessica fez?

Estava tão no limite que soquei a parede do banheiro e quase arrebentei a minha mão. A dor foi bem-vinda, já que tirou meus pensamentos da Helena e daquela criança por um tempo. Saí do chuveiro e enrolei uma toalha na cintura, sentei-me na cama e coloquei uma bolsa de gelo, que estava no frigobar, na minha mão. Fiquei sentado lá pelo que pareceram horas, mas no relógio haviam se passado apenas vinte minutos. Fui até a minha mala e peguei uma calça preta e uma das minhas camisetas da banda. Nem me preocupei em olhar o que estava escrito nela, pois minha cabeça estava em outro lugar. Não importava o quanto eu tentasse não pensar nela, era muito mais forte do que eu.

Liguei na recepção e pedi meu café da manhã no quarto. Talvez eu devesse pedir uma bebida, mas precisava estar sóbrio para tomar a decisão certa e a bebida iria apenas me distrair por um tempo. Mesmo depois de

muitas doses, os meus problemas ainda estariam lá.

Depois de apenas beliscar o meu café da manhã e tomar um copo de suco de laranja, saí e andei pelos corredores até o quarto do Jonas. Nem bati na porta antes de entrar, apenas girei a maçaneta e entrei, mas o lugar estava escuro e o meu colega ainda dormia esparramado na cama. E ele não estava sozinho. Havia uma garota com ele. *Espere um pouco! Eu conheço essa garota de algum lugar*, pensei. Antes de conseguir lembrar exatamente de onde eu a conhecia, ela acordou e gritou quando me viu.

— Ei, espere um pouco, garota! E pare de gritar — falei tentando acalmá-la.

— Que porra você está fazendo no meu quarto a essa hora, Jack? — Jonas perguntou irritado comigo.

— Pare de fazer tanto drama, Jonas. Eu já peguei você até de calças nas mãos, portanto isso é o de menos, você não acha? — perguntou sorrindo para mostrar que aquilo não era nada de mais.

— Eu gostaria de ter um pouco de privacidade para colocar as minhas roupas, Jack — disse a garota se cobrindo com o lençol.

Eu pude vê-la de perto e sabia exatamente por que todo alvoroço do Jonas. *Ela é amiga da Helena. Como é mesmo o nome dela?* pensei. Gabi. É isso mesmo, Gabi.

— Eu vou sair, Gabi, mas não se esqueça de dizer à sua amiga que eu não sou nenhum idiota. Vou fazer um exame de DNA e se essa criança não for minha vou processá-la.

— Do que você está falando? — questionou o Jonas confuso.

— Depois eu explico — respondi de costas para ele ainda no seu quarto.

— Você acha que o Adam não é seu? Você pelo menos olhou para ele? — ela perguntou indignada.

— Sim. Eu vi o menino, mas se parecer comigo não quer dizer nada —

disse parado na porta.

— Você vai se arrepender de agir assim. Quando a Helena esfregar o teste de paternidade na sua cara, espero que tenha valido a pena ser tão estúpido assim. E eu que a forcei a contar para você! Minha nossa, como estou arrependida. Agora saia que preciso voltar para casa! A minha amiga deve estar precisando de mim mais do nunca, depois do que você acabou de dizer — pediu se levantando da cama, enquanto eu batia a porta atrás de mim.

Eu ainda preciso falar com alguém. A Mia talvez possa me ajudar. Qual será o seu quarto? Procurei nos quartos daquele corredor, mas não a encontrei. Quando já estava desistindo, abri a última porta e encontrei minha prima seminua deitada na cama ao lado do Freddy. Só podia ser brincadeira! *Eu tenho que encontrar todo mundo nessa situação constrangedora logo hoje? E eu nem estou bêbado para amenizar a situação, já que vou me lembrar dessa cena durante muito tempo.*

Fechei a porta e saí dali antes que eles percebessem que eu estava lá. Seria ridículo demais passar por aquilo duas vezes no mesmo dia.

Volto para o meu quarto, sentei-me na cama e fiquei olhando para a vista da minha janela, que não se parecia em nada com a vista do meu apartamento. Eu acho que estava cansado daquela turnê. Precisava ficar uns dias em casa antes de embarcar para os shows na Austrália, na Nova Zelândia e no Canadá. Talvez uma semana seria tempo suficiente para repor minhas energias, isso quando descobrisse se o filho da Helena era meu.

— Eu não acredito que você vai ser pai novamente! Essa história já está ficando chata, você não acha? Um dia aparece um filho, no outro não é mais seu filho. Agora aparece outro filho. E esse será que é seu? — Jonas perguntou entrando no meu quarto, agora usando roupas, é claro.

— Eu não sei! E minha cabeça parece que vai explodir de tanto que eu penso nisso — disse colocando minhas mãos na cabeça e entrelaçando meus dedos no meu cabelo, puxando-os com força.

— Não adianta arrancar seus cabelos. Você precisa fazer um teste de paternidade o quanto antes. Podemos ligar para a Mia providenciar isso? —

questionou pegando o seu telefone para ligar para a nossa prima.

— Acho que ela não vai atender — comentei enquanto o telefone tocava e caía na caixa postal.

— Como você sabia que ela não iria atender? — indagou surpreso, já que a Mia sempre atendia às nossas ligações.

— É uma longa história e podemos falar disso outra hora, quando os meus problemas estiverem resolvidos — falei e me levantei da cama, andando inquieto pelo quarto de um lado para o outro.

—Vocês estavam me procurando? — pergunta a Mia, entrando sorrindo no meu quarto.

— Sim. Eu estava tentando ligar para você. A essa altura já deve saber a enrascada em que nosso primo se meteu, né? — indagou o Jonas sorrindo.

— Claro que sei, por isso estou aqui — disse me fuzilando com os olhos.

— O que foi? — indaguei fitando-a.

— Depois conversamos sobre a besteira que você falou para a Helena. Eu marquei um teste de paternidade numa clínica aqui perto. Vale ressaltar que foi a pedido da própria Helena, que está furiosa com você. O exame será feito hoje e o resultado sairá em 24 horas, por isso precisamos adiar nossa volta para Nova York. Já agendei nosso voo para amanhã à noite. Portanto, saia já deste quarto e vá logo até a clínica! O Carlos tem o endereço e aguarda você na saída de serviço do hotel — avisou olhando para o seu celular e abrindo um sorriso.

A Mia simplesmente havia entrado no meu quarto e, em questão de segundos, praticamente resolvera o meu problema.

— Obrigado, Mia — agradeci dando um beijo no seu rosto e saindo do meu quarto rumo à clínica.

Surpresa

HELENA

"Eles dizem que sou muito nova para te amar
Você diz que sou muito burra para ver
Eles me julgam como um livro de desenhos"

Brooklyn Girl, Lana Del Rey

Quando o Jack saiu batendo a porta, fiquei chocada e sem reação. Sabia que ele não iria encarar bem a notícia de que tinha um filho com três meses de vida, mas não imaginara que reagiria tão mal. Sua atitude foi totalmente diferente com a Jessica, pois ele adorou saber que seria pai de um menino e em momento algum ficou irritado. Será que o problema era comigo? Se fosse eu, não deixaria meu filho passar por isso. *Quem ele pensa que é para duvidar que o Adam seja o seu filho? Ele não perde por esperar*, pensei vingativa. *Vou fazer esse teste de paternidade e depois mandar ele engolir o resultado.*

Deslizei na porta fechada e sentei-me no chão da sala, sem sono e sem coragem de retornar para o meu quarto. Ainda não havia amanhecido e aquela parecia ser a noite mais longa da minha vida, porém eu podia tirar algo positivo daquilo tudo: havia parado de chorar e de me fazer de vítima. Eu estava irritada, nervosa e querendo descontar tudo no idiota do Jack. Se isso era algo ruim eu não saberia dizer, mas vale ressaltar que meus sentimentos estavam canalizados apenas para provar que o Adam era realmente filho do Jack. Depois disso, não me importaria qual seria o seu destino, desde que eu estivesse bem longe dele.

Já bastava de sonhar acordada com o cantor famoso. Eu nunca havia sido assim e as coisas funcionavam muito bem antes de o Jack aparecer. Ele chegou apenas para perturbar minha vida tão metódica e organizada. Meus

planos já estavam traçados até que aquela noite mudou tudo.

Eu estava casada da noite para o dia e não sabia bem como! Depois, não tive chance nem de ter uma lua de mel. Não que eu fizesse questão disso, a verdade era que o meu casamento parecia nunca ter acontecimento. Eu tentei viver aquele conto de fadas, mas a realidade era bem diferente da vida real e acabei piorando a minha situação mais ainda, voltando grávida. Não estava desistindo do Adam, pois isso nunca passara pela minha cabeça. Eu pensava apenas em colocar minha vida nos eixos e isso somente eu poderia fazer.

Finalmente, quando estava quase amanhecendo, eu voltei para o meu quarto e consegui dormir algumas horas antes de o Adam acordar chorando. Fui até o seu pequeno bercinho e o segurei no colo. Imediatamente ele engoliu o choro e ficou olhando para mim.

— O que foi? Por que você estava chorando? — questionei também olhando para ele.

Como era de se imaginar, meu filho apenas franziu a testa e começou a chorar novamente.

— Ok, não chore! Você está com fome? — perguntei me sentando na poltrona de amamentação que tinha no quarto dele.

Posicionei o meu seio perto dele e o Adam sugou meu leite vorazmente, respondendo à pergunta que acabara de fazer. Com certeza, meu garotinho estava faminto.

Passei quase uma hora sentada naquela poltrona, pois, mesmo depois de mamar, o Adam acabou dormindo novamente e eu fiquei lá olhando para o seu rostinho sereno e tranquilo, sem ao menos imaginar a grande confusão em que estava a nossa vida.

O sol brilhava lá fora, mostrando o dia perfeito que estava apenas começando. Da janela do quarto eu podia observar os carros passando na avenida, e se não fosse pelo período de férias dos alunos estes estariam circulando ali rumo à universidade, que ficava a duas quadras do meu apartamento. Algumas pessoas faziam caminhadas na praça, na qual eu

andava todas as manhãs com o meu bebê. Faltavam apenas alguns dias para o início do ano letivo e eu precisava de alguém para cuidar do meu bebê enquanto estivesse na faculdade... Antes de pensar nisso, porém, eu tinha de resolver algo mais urgente.

Coloquei o pequeno Adam no berço e fui para o meu quarto. Sentei-me na cadeira em frente à minha escrivaninha, abri meu notebook e pesquisei a clínica mais próxima que realizava testes de paternidade. Apareceram muitas, mas resolvi ligar para somente duas delas e escolhi a que tinha uma vaga para o mesmo dia. Dentro de algumas horas poderíamos fazer o teste. O resultado sairia apenas no dia seguinte, mas eu teria provas suficientes para mostrar ao Jack. Eu fiquei animada com a ideia, peguei meu celular e enviei uma mensagem para a Mia, com o endereço da clínica e o horário em que o Jack deveria estar lá.

Agora sim! pensei e respirei fundo, sentindo que estava fazendo a coisa certa. Fui até a cozinha, peguei uma tigela com cerais e um pouco de leite e me sentei numa das banquetas em frente ao balcão. Comi devagar, parando algumas vezes para refletir sobre as decisões que tomara até então. Na maioria delas, havia passado por grandes apuros, mas ainda assim faria tudo novamente se preciso fosse.

— Bom dia — cumprimentou a Gabi abrindo a porta da sala de fininho e entrando na cozinha um pouco desconfiada.

— Bom dia! Onde você se enfiou a noite toda? — perguntei curiosa, colocando a última colher de cereal na boca.

— É uma longa história! Assim que você estiver com menos problemas eu conto tudo, prometo — ela disse e se aproximou, sentando-se numa das cadeiras ao meu lado.

— Você tem razão, agora eu preciso focar apenas no meu filho — concordei me levantando e colocando o recipiente vazio na pia.

— Eu estou orgulhosa de você! Soube da reação do Jack. Fiquei muito preocupada — ela comentou me observando atentamente a fim de verificar se eu realmente estava tão bem quanto parecia.

— Como você ficou sabendo do Jack? — perguntei interessada.

— Eu fui para o hotel com o resto da banda — revelou dando de ombros como se não tivesse tanta importância.

— Ele esteve aqui no apartamento depois que eu saí correndo dos bastidores do show. Eu fui até ele para contar sobre o Adam, mas tinha uma garota agarrada nos braços dele e acabei desistindo. A Mia deve ter dado meu endereço para ele, pois, horas depois, o Jack estava batendo na minha porta. Eu contei toda a verdade, mas ele saiu furioso daqui dizendo que o Adam não era seu filho e que eu queria enganá-lo como a Jessica fez.

— E como você está se sentindo depois de tudo isso? — ela quis saber cautelosa.

— Eu já chorei quando cheguei aqui, mas quer saber de uma coisa? Resolvi enfrentar meus problemas de cabeça erguida, afinal de contas, não fiz nada de errado. E, apesar de estar com o coração partido em pequenos pedacinhos, eu devo seguir em frente.

— Isso mesmo, Helena! Eu estou muito orgulhosa de você! A minha amiga garotinha enfim se tornou mulher, e das mais corajosas que eu já tive o prazer de conhecer — falou sorrindo e abriu os braços para um grande e caloroso abraço.

— Obrigada pelo apoio! Eu estou me sentindo melhor depois de conversar um pouco com você — comentei ainda abraçando a minha amiga.

— Estarei sempre aqui. — Ela abriu seu sorriso característico e olhou com carinho para mim.

— Sinto interromper esse momento precioso, mas tenho que arrumar o Adam e sair para a clínica. Precisamos fazer um exame — comentei desfazendo o abraço.

— O Adam está doente? — questionou preocupada.

— Não. O Adam está muito bem e não é esse tipo de exame que vamos fazer. Na verdade, é um teste de paternidade — expliquei um pouco chateada,

pois por um momento, enquanto conversava com a minha amiga, eu havia me esquecido de todo aquele problema.

— Entendi — murmurou apreensiva. — Se você quiser, posso ir com você.

— Não se preocupe, eu quero fazer isso sozinha — disse com convicção.

— Como você vai sozinha de ônibus, carregando o Adam, as bolsas e tudo mais? — questionou franzindo a testa ainda preocupada.

— Eu chamei um táxi. Chegarei lá em segurança, fique tranquila — tentei acalmá-la.

— Você precisa de um carro assim que resolver esse problema com o Jack. Você poderia pedir um carro para ele... Facilitaria muito sua vida e a do Adam.

— Eu não estou fazendo esse exame porque quero o dinheiro do Jack. Na verdade, eu quero... Deixe-me explicar melhor, preciso mostrar que meu filho tem um pai e isso é tudo. Não tem nada a ver com dinheiro — falei chateada olhando para todos os lugares menos para a minha amiga.

— Desculpe. Eu não queria deixá-la magoada... — Ela chamou a minha atenção para que eu aceitasse suas sinceras desculpas.

—Tudo bem. Não foi o que você disse, são as circunstâncias, e este dia está muito cansativo. Não vejo a hora de resolver esse problema de uma vez por todas e seguir a minha vida com o meu filho. Quanto ao carro, já falei com o Tiago e ele está procurando um carro usado que eu consiga pagar sozinha com o dinheiro que meu pai me dá por mês.

— Certo, entendi. Se precisar do meu carro, é só pedir. É uma pena que preciso dele todos os dias; se não fosse assim, poderíamos dividi-lo.

— Não se sinta culpada, vou dar um jeito nisso. Agora preciso me arrumar antes que o táxi apareça na portaria do prédio e eu não esteja pronta.

Arrumei o Adam, coloquei um jeans e uma camiseta de botões em tons

pastel e saímos atrasados para a clínica fazer o exame. Quando lá chegamos, o Jack já estava na recepção aguardando sentado numa das cadeiras, relaxado, sem ser reconhecido por ninguém. Ali ele era apenas mais uma pessoa anônima, sem todo o status de cantor de rock famoso.

— Oi — cumprimentei hesitante me aproximando dele na cadeira.

— Oi — respondeu levantando a cabeça e me observando atentamente enquanto eu segurava o Adam no colo.

— Estamos atrasados — comentei preocupada, observando que estávamos sozinhos.

— Não, vocês chegaram na hora certa. Seremos os próximos — disse evitando o meu olhar.

—Tudo bem — concordei sentando-me em uma das cadeiras do outro lado.

Ficamos assim por alguns minutos, sentados do lado oposto da sala e sem dizer mais nenhuma palavra sequer. Só se ouviam os resmungos tranquilos do Adam e mais nada, até que a enfermeira apareceu e chamou nossos nomes.

O procedimento foi mais rápido do que eu imaginava e instantes depois já estávamos saindo da sala. Após coletar amostras de salivas do Adam e do Jack, a enfermeira confirmou que o exame ficaria pronto no mesmo horário na manhã seguinte. Como eu já sabia o resultado, deixei o Jack responsável por retirar o exame na clínica ou pelo site, se ele preferisse.

Nós nos despedimos ainda na porta da clínica e fiquei esperando um táxi para me levar de volta para casa. Achei que o Jack tinha partido havia muito tempo, mas ele voltou e pediu:

— Vamos comigo. O Carlos pode deixá-los no seu apartamento.

— Eu posso ir sozinha. Daqui a pouco aparece um táxi — disse ríspida.

— Faz trinta minutos que você está aqui esperando — afirmou irritado.

— Você estava contando os minutos? Não se preocupe, estamos bem — bufei ao fita-lo pela primeira vez.

— Pare de ser teimosa e vamos logo sair daqui — pediu pegando a bolsa do Adam que estava no meu ombro e me obrigando a segui-lo de qualquer jeito.

Entramos no carro, onde eu aconcheguei o meu filho no colo. Ele não estava dormindo, mas ficou quietinho apenas observando tudo. Não trocamos nenhuma palavra durante todo o caminho até a minha casa. Quando lá chegamos, agradeci a carona e recusei quando o Jack se ofereceu para me ajudar. Só que ele não quis ouvir e me seguiu até o meu apartamento.

Entrei sem me preocupar se ele me seguia ou não, fui até o quarto do Adam e o deixei no seu berço. Liguei os móbiles para distraí-lo enquanto eu voltava para o meu quarto, mas no caminho esbarrei com o Jack no corredor.

— O que você ainda está fazendo aqui? — perguntei brava por ele entrar na minha casa sem ser convidado.

— Nada. Eu já estava de saída — falou virando as costas e seguiu para a porta da frente.

Na manhã seguinte, eu fiz tudo que costumava fazer com meu filho, e bloqueei cada pensamento que tive sobre o Jack e o teste de paternidade ao longo do dia. Levei o Adam para tomar sol na pracinha de manhã e não encontrei aquela garota do outro dia. Depois, ficamos horas brincando no seu tapete mágico, e à tarde ele já estava esgotado, com os olhinhos fechando quase sozinhos, então dei um banho demorado nele com essência de camomila, truque que sempre funcionava, deixando-o tranquilo e calmo. Assim, ele poderia dormir por horas ou até o dia seguinte se eu tivesse sorte.

Sentei-me na cadeira de amamentação e antes de mamar o suficiente o Adam já estava dormindo profundamente no meu colo. Ainda mexi nas suas bochechinhas rosadas para fazê-lo acordar e quem sabe mamar mais um pouco, mas foi em vão e eu acabei desistindo. Coloquei-o com cuidado no seu berço, acendi um abajur de ursinho que ficava ali perto e saí, deixando a porta entreaberta. No corredor meu celular apitou, mostrando uma mensagem

da Gabi:

> *Saí do trabalho direto para um encontro. Não se preocupe, vou chegar tarde.*

— A Gabi está aprontando alguma coisa, não tenho dúvidas disso — resmunguei sozinha enquanto seguia para a cozinha.

Fazia horas que eu havia comido apenas uma maçã. Antes de chegar lá, porém, a campainha tocou e eu paro na sala, abrindo a porta sem olhar no olho mágico.

— Oi, Helena, eu já tenho os resultados — disse o Jack parado na minha porta da frente.

— E aí? — perguntei sem rodeios.

— Agora eu sei que o pequeno Adam é meu filho — falou ainda parado na minha porta.

— Foi o que eu disse aquela noite, mas você fez questão de ignorar — informei cruzando os braços na frente do meu corpo.

— Será que eu poderia entrar e vê-lo novamente? — indagou olhando nos meus olhos.

— Ele está dormindo agora — disse o fitando sem desviar meus olhos.

— Não tem problema, eu apenas quero vê-lo. — Ele deu um passo para dentro do apartamento, enquanto eu fechei a porta atrás dele.

Seguimos juntos em silêncio até o quarto do meu filho, onde o Jack entrou primeiro. Ele ficou parado na frente do berço por uns longos minutos e pude ver uma lágrima solitária escorrer pelo seu rosto, enquanto ele abaixava para beijar a cabecinha do Adam.

— Precisamos conversar — falou saindo do quarto.

Sentamos-me na sala, um na frente do outro. Ficamos apenas nos olhando por um tempo até que resolvi quebrar o silêncio e dizer:

— O que você quer falar comigo?

— Estou saindo do Brasil hoje de madrugada e pretendo levar você e o Adam comigo — disse com tanta naturalidade como se tivéssemos discutido isso e chegássemos a essa decisão.

— Você está louco se acha que vou largar minha vida aqui novamente e correr atrás de você, como fiz da outra vez — disse em tom de ironia.

— Eu preciso de uma pausa, estou esgotado dessa turnê, mas não farei isso sem o meu filho — afirmou convicto.

— Eu não sou mais aquela garota ingênua que você conheceu! Não vou largar minha faculdade novamente. Tenho uma vida aqui e pretendo mantê-la do jeito que está.

—Você não me deixa escolha... — Ele pegou o celular e digitou algo, depois guardou o aparelho no bolso da calça e se sentou no sofá.

— O que você vai fazer? Nem pense em tirar meu filho de mim. Você não tem esse direito. — Apontei o dedo para ele ameaçando.

— Não vou tirar o Adam de você. Se vocês não irão comigo para Nova York, eu ficarei aqui com vocês.

— Aqui no Brasil? — perguntei perplexa com a mudança nos acontecimentos.

— Não, aqui no seu apartamento. Eu já fiquei muito tempo longe do meu filho e não pretendo perder nenhum segundo sequer. Portanto, se não quer morar comigo, eu vou morar com vocês.

Juntos e separados

JACK

"Acho que somos como a água e o fogo
Acho que somos como o vento e o mar
Você está pegando fogo, estou esfriando
Você está em cima e eu embaixo"

Brooklyn Baby, Lana Del Rey

Eu não saberia explicar a alegria que senti ao abrir o teste de DNA e descobrir que o Adam era meu filho. Eu tinha um filho e com a única pessoa que havia feito me sentir vivo, e isso era maravilhoso e aterrorizante ao mesmo tempo. Era óbvio que eu sentia algo pela Helena, mas reconhecer meus sentimentos era uma coisa que eu não queria fazer no momento, já que a minha prioridade era o Adam.

Eu precisava mostrar ao meu filho que ele tinha um pai, por isso não questionei quando a Jessica apareceu grávida. não queria ser como o meu pai e desaparecer no mundo quando descobriu que iria ter um filho. precisava tomar uma atitude diferente e foi assim que errei, cuidei, me preocupei com um filho que não era meu; quando enfim descobri o meu verdadeiro filho, o neguei, porque estava chateado demais me preocupando com o meu amor-próprio. Se eu tivesse parado para pensar melhor, teria visto que a Helena era muito diferente da Jessica. Além disso, bastaria olhar para o Adam e eu já saberia que ele era meu.

Por esse motivo, quando todos se despediram no hotel e seguiram para Nova York, peguei minha mala e, em vez de embarcar para a minha casa, fui para o apartamento da Helena. Se meu filho não fosse comigo, eu estaria onde ele estivesse. Pelo menos era assim que eu pensava que um pai deveria agir.

Tentei argumentar o máximo que pude, mas a Helena não quis ir comigo para Nova York. Ela já havia feito isso uma vez e aparentemente o resultado não fora bom. Sendo assim, mandei uma mensagem para a Mia avisando que eu passaria esse intervalo de duas semanas no Brasil, melhor dizendo, no apartamento da Helena. Ela nunca aceitaria ficar no hotel comigo, portanto não via outra solução senão me mudar para a sua casa. Assim eu poderia ver o meu filho quando quisesse.

O único problema seria dormir no sofá. Eu sempre dormira nas melhores camas, o sofá nunca sobrava para mim, portanto minhas costas não estavam preparadas para serem esmagadas naquele pequeno móvel, mas o que importava mesmo era ficar perto do meu filho e por aquela oportunidade eu faria qualquer coisa. Fechei meus olhos, esqueci que estava deitado num lugar pequeno e dormi.

Eu tinha o sono leve e minutos depois consegui escutar um pequeno resmungo vindo do corredor. Levantei-me e fui até o quarto do Adam. Quando abri a porta, ele estava acordado e olhando para os móbiles pendurados no seu berço. Ele erguia as mãos para pegá-los e resmungava naquela linguagem de bebê que ninguém entende.

— Oi, garotão! Você já acordou? Quer vir no colo do papai? — perguntei brincando com ele, porque precisava pegá-lo no colo e sentir que ele também fazia parte de mim.

Chegara na noite anterior, enquanto meu filho ainda dormia, portanto não conseguira pegar o Adam no colo e aquela seria a oportunidade perfeita. Peguei o menino do berço e comecei a balançá-lo de um lado para o outro, conversando com ele o tempo todo.

— Ei, Adam, eu sou seu pai — disse olhando para os seus olhinhos, tão parecidos com os meus que tinha a sensação de que poderia estar refletido na sua íris.

Continuei observando o meu filho, enquanto dizia palavras de carinho para ele, até que olhei para a porta e vi a Helena parada lá, observando nós dois. Ela me olhou dos pés à cabeça e percebi que eu estava usando apenas uma cueca boxer preta. Não costumava dormir vestido e, como acordei na

sala, fui direto para o quarto do Adam. Acabei me esquecendo de colocar as minhas roupas. Quando ela percebeu que parei de falar com o meu filho e a peguei secando o meu corpo quase nu, ficou vermelha e disse com a voz trêmula:

— É bom ver vocês dois juntos assim.

— Eu preciso ficar perto dele, Helena. Já perdi tanta coisa e não quero perder mais nada. Pretendo ser um pai presente e preciso da sua ajuda para isso — expliquei com sinceridade.

— Eu nunca impediria você de ficar com o seu filho, isso é tão verdade que mesmo não querendo eu o deixei ficar na minha casa — informou Helena se aproximando de nós.

— Sei disso, estou apenas afirmando um fato, pois pretendo passar as duas semanas de intervalo aqui com o Adam e você.

— Não ache que eu vou aceitá-lo de volta de braços abertos, ainda mais depois daquela história toda com a Jessica! Eu só aceitei você aqui por causa do Adam, nós dois não temos mais nada e quero que você saiba disso — disse nervosa.

— Eu entendo a sua mágoa, mas temos um filho juntos e não podemos ficar brigando.

— Não tenho a intenção de brigar com você, apenas quero deixar bem claro que o nosso relacionamento acabou.

—Tudo bem, se é assim que você quer. Eu ficarei aqui apenas pelo Adam, nada mais — falei deixando o bebê com a Helena.

— Espere — pediu antes que eu deixasse o quarto. — Recebi uma mensagem estranha da Gabi, dizendo que ela foi para Nova York com a banda. Você sabe de alguma coisa? — perguntou ajeitando o nosso filho no seu colo.

— Eu tenho uma ideia sim, mas acho melhor você perguntar para ela o motivo dessa viagem repentina.

— Ela não disse o motivo, apenas que vai ficar fora por duas semanas. A Gabi nunca fez isso antes e fiquei preocupada. O importante é que agora temos um quarto vago e você pode dormir lá durante o tempo que estiver aqui.

— Obrigado. E já estou indo para lá, preciso tomar um banho.

— Fique à vontade, sua mala já está lá — avisou me observando mais uma vez antes que eu deixasse o quarto.

Suas palavras foram as mais duras possíveis quando falou que não queria mais nada comigo, mas os seus olhos demorando um pouco mais no meu corpo me mostravam exatamente o contrário. *Pode até ser verdade que ela não quer mais nada comigo, mas o seu corpo está falando exatamente o contrário e eu adoraria poder tocá-la na primeira oportunidade que eu tiver*, pensei.

Depois de um banho longo, coloquei uma calça de moletom preta e fui para a cozinha. Eu precisava comer alguma coisa e apostava que a Helena também estava morrendo de fome.

Eu não era bom na cozinha, mas tive de aprender algumas coisas ao longo da vida para não morrer de fome, e vivendo com uma mãe tão negligente tive que me virar sozinho. Então o básico eu conseguia fazer: uma torrada, ovos mexidos, panquecas com calda de mel, suco de laranja e café. Organizei tudo na pequena mesa e fiquei olhando em volta. Aquele apartamento era tão simples. Depois que comecei a ganhar dinheiro com a música, nunca mais tinha estado em um local como aquele, porém eu não gostaria de estar em nenhum lugar do mundo que não fosse lá. Mesmo com os eletrodomésticos de segunda mão, o sofá gasto e as cortinas na sala de cores alegres e simples, no quarto do Adam tudo era novo. Deve ter sido difícil para a Helena cuidar de um bebê e ainda fazer faculdade de Medicina, mas eu seria responsável pelo meu filho, ela querendo isso ou não.

— Você preparou um café da manhã para nós — disse entrando na cozinha carregando o Adam.

O garotinho, assim como eu, acabara de tomar banho.

— Sim. Preparei e estava apenas esperando você para comermos juntos.

— Por acaso você não trouxe nenhuma camiseta? — indagou observando o meu abdômen.

— Eu até trouxe, mas estava com pressa, então resolvi ficar sem mesmo. Além do mais, não tem nada aqui que você já não tenha visto — comentei piscando para ela enquanto mordia um pedaço da minha torrada.

— Você só pode estar brincando comigo, Jack. Nós já conversamos ontem e eu não mudarei a minha opinião do dia para a noite — resmungou chateada.

— Eu sei disso e não pretendo mudar nada, só quero deixar as opções em aberto.

— Que opções, Jack? — ela questionou parando de comer.

— Nada importante. Volte a comer, pois precisamos conversar sobre algo importante.

— O que seria?

— Quem ajuda com as despesas do apartamento? — perguntei mudando de assunto.

— Meu pai está me ajudando desde que descobri a gravidez — disse pensativa olhando para o Adam, quietinho no seu colo.

— Você não pensou em pedir dinheiro para mim? — questionei irritado com a facilidade com que ela me excluiu completamente da sua vida.

— Eu não estava pensando nas consequências. Fiquei confusa quando descobri que estava grávida e meu pai ofereceu apoio, então aceitei sem questionar.

— Eu entendo, mas a partir de agora as coisas serão diferentes. — Respirei fundo para não ficar tão bravo com ela por não pensar em compartilhar aquele momento comigo.

— O que você está querendo dizer com isso? — indagou preocupada, segurando o Adam com um pouco mais de força, como se estivesse com medo de que eu o tirasse dela.

— Não pense que vou tirar o Adam de você, pois nunca faria isso. O que estou tentando dizer é que vou pagar todos os seus gastos a partir de hoje, quando terminarmos esta conversa. Vou pedir para a Mia abrir uma conta no seu nome e fazer depósitos mensais para cobrir suas despesas e as do Adam.

— Você não precisa pagar por nada, eu não quero o seu dinheiro. Não foi para isso que fui atrás de você — afirmou irritada, levantando-se da mesa e indo para a sala.

— Eu sei, em nenhum momento isso me passou pela cabeça. Porém, você precisa entender que o Adam é meu filho e você ainda é a minha esposa.

— Nós ainda estamos casados? — ela se surpreendeu.

— Sim, pelo menos eu não pedi o divórcio — expliquei a fitando com interesse.

— É que pensei... que você... — Ela parou de falar e me olhou por um tempo sem dizer nada.

— O que você pensou? — questionei esperando uma resposta.

— Nada, mas achei que nosso casamento já estava anulado.

— Devo dizer que você está equivocada. Para todos os efeitos e perante a lei, ainda estamos casados.

— Eu registrei o Adam sozinha e usando o meu nome de solteira — falou para si mesma, ignorando-me completamente.

— Não se preocupe com isso. Vou conversar com meus advogados e faremos outra certidão de nascimento para o Adam.

— Eu não sei se é uma boa ideia — ela se opôs.

— Você não pode negar o meu direito de registrar meu filho com o meu

nome! — exclamei.

— Não é isso, Jack! Claro que você pode fazer outra certidão de nascimento para o Adam, e quanto ao dinheiro, podemos conversar depois. Mas vou logo adiantando que o dinheiro será apenas para o Adam! Eu não pretendo ficar com nada seu — encerrou a conversa saindo da sala e me deixando sozinho com o Adam.

Fiquei brincando com ele, que só sorria para mim e chupava as mãos, deitado no tapete. Quando a Helena retornou usando um vestido de verão curto, seus cabelos soltos caíam em ondas suaves nas suas costas.

— Olha, Adam, como a mamãe está bonita — falei.

Ela olhou para mim corando de vergonha. Eu peguei meu filho nos braços e apontei para a mãe, que estava parada na porta da sala segurando o carrinho dele.

— Obrigada pelo elogio. Porém, está na hora do passeio do Adam — avisou pegando o nosso filho no colo e colocando-o no carrinho de passeio.

— Eu vou com vocês — disse sem pensar, andando atrás dela.

— Você pretende ir com a gente assim? — indagou apontando para as minhas roupas, ou melhor dizendo, para a falta delas.

— Eu só preciso de um minuto, espere aqui — pedi enquanto saía correndo em direção à minha mala no quarto da Gabi.

Peguei uma camiseta preta, coloquei meus tênis de corrida, meus óculos de sol e um boné. Instantes depois, eu já estava de volta para irmos ao passeio matinal do Adam. Descemos de elevador e caminhamos juntos pela calçada até uma praça. Fiquei um pouco apreensivo, pois o lugar estava cheio de gente; se eu fosse reconhecido, não teria ninguém para me ajudar. Eu havia dispensado os seguranças, portanto estava por minha conta e risco. Além disso, ainda estavam ao meu lado a Helena e o Adam. Se as coisas ficassem feias eu não teria como ajudá-los. Fiquei um pouco nervoso enquanto nos sentávamos num dos bancos e a Helena tirava o Adam do carrinho, colocando-o no seu colo.

— Ele adora este lugar. Nós passeamos aqui todas as manhãs — disse sem olhar para mim.

Começo a dizer algo coisa, mas fui interrompido por uma garota que apareceu histérica na minha frente. No mesmo instante meu coração gelou, achando que fui descoberto, porém senti um grande alívio ao perceber que ela havia me ignorado facilmente e estava conversando com a Helena.

— Há quanto tempo eu não a vejo, garota. Eu estava de férias e voltei somente hoje. Minhas férias foram ótimas, curti muito e até fui ao show da minha banda favorita, a The Dangers.

Quando ela falou o nome da minha banda eu gelei, pois seria descoberto a qualquer momento. Comecei a mexer minhas mãos de nervoso e a Helena imediatamente se levantou e colocou o Adam no carrinho, olhando-me hesitante.

— Que legal! Mas agora eu preciso ir — Helena falou empurrando o carrinho para fora da praça.

— Espere, você ainda não sabe da novidade! O Jack não voltou com a banda e todos estão falando que ele ficou no Brasil — gritou a garota, seguindo a Helena pela praça.

— Podemos conversar outra hora? Agora eu preciso ir — argumentou apressando o passo enquanto eu a seguia sem dizer uma palavra.

Só respiramos quando entrei no apartamento e fechei a porta atrás de mim. Todo o caminho até lá nós andamos sem ao menos falar um com o outro, apenas concentrados em fugir.

— Essa foi por pouco — comentou colocando o Adam no tapete mágico que ficava na sala.

— Obrigado pela ajuda. Eu não sei o que faria se aquela garota me descobrisse naquele parque lotado de gente. — Fiquei mais perto dela e senti seu perfume invadir meus sentidos.

— Você não precisa agradecer, eu também fiz isso pelo Adam. Não quero nem pensar o que poderia ter acontecido se, de repente, fãs enlouquecidas resolvessem tirar fotos e pedir autógrafos para o seu cantor favorito — explicou franzindo a testa, deixando um cacho do seu cabelo cair na frente do seu rosto.

Imediatamente eu levo minha mão até ela e coloco a mecha rebelde de volta ao lugar, porém sentir sua pele macia nos meus dedos foi tão bom e aconchegante que permaneci com minha mão no seu rosto.

Ficamos nos olhando por vários minutos sem dizer nada um para o outro, apenas congelamos aquele momento e não o pretendíamos romper por nenhum motivo. A atmosfera estava diferente, como se de repente estivéssemos cientes do efeito que exercíamos um no outro. Eu tive vontade de puxar o seu rosto para mim e beijar seus lábios suculentos, porém, quando tomei a iniciativa, ela se afastou dizendo que precisava procurar algo no quarto e saiu da sala correndo, deixando-me sozinho.

Segunda chance

HELENA

"Eu poderia fazer você feliz
Fazer os seus sonhos se tornarem realidade
Não há nada que eu não faria
Iria até o fim"

Make You Feel My Love, Adele

Tranquei-me no meu quarto sem saber por que havia corrido. Vê-lo todos os momentos do meu dia estava deixando meu emocional aos frangalhos. Era impossível ignorá-lo por tanto tempo. Eu tentei, juro que tentei, mas vê-lo só de cueca andando pelo apartamento e conversando com o nosso filho da forma mais carinhosa do mundo foi demais para que eu conseguisse processar. Eu sempre soube que o Jack era carinhoso, mas não imaginava que me derreteria mais ainda por ele. Seu carinho e sua atenção com o Adam me fascinaram. Às vezes ficava parada observando os dois. Além de bem parecidos fisicamente, o Adam sabia que o Jack era o seu pai. Seria instinto? Não sabia explicar como em tão pouco tempo eles tinham aquela grande afinidade. Talvez eu tenha feito errado ao separá-los, mas estava tão sozinha quando descobri a gravidez que resolvi guardar aquele pequeno segredo comigo por mais tempo.

Entretanto, no fundo, sabia que precisava contar para o Jack. Eu nunca deixaria meu filho crescer sem um pai. Adiei o encontro deles o máximo que pude, porque vivia com medo de enfrentá-lo, olhar nos seus olhos e ver que ele seguira em frente, enquanto eu estava parada, ainda sonhando com ele todas as noites. Mesmo longe, sentia o seu cheiro. Seu gosto ainda estava impregnado na minha pele depois de tanto tempo. Eu jamais admitiria isso para ele, mas, se pudesse medir meus sentimentos, diria que eles, em vez de diminuírem com a distância, acabaram aumentando. *Será que isso é possível?*

Não sei explicar, apenas sinto.

Não pretendia mostrar vulnerabilidade novamente para o Jack. Acho que o amor nos torna inseguros, pois confiamos o nosso bem mais precioso nas mãos de outra pessoa. E essa pessoa pode cuidar com carinho e atenção, como pode também destruir nossos sentimentos. São as duas faces da mesma moeda... E, se quisermos descobrir de que lado estamos no amor, devemos nos arriscar. Eu já havia feito isso uma vez e não dera nada certo, portanto, um coração machucado jamais iria querer se arriscar novamente. Se tivesse de acontecer algo entre nós dois, embora ainda apaixonada por ele, a iniciativa deveria ser dele, pois não daria nenhum passo nessa direção.

Voltei para a sala. Procurei pelos dois e os vi dormindo tranquilamente no tapete. Enquanto o Jack estava deitado de barriga para cima, o Adam estava em cima do abdômen dele, deitado de bruços. A respiração deles era calma e seus rostos estavam em perfeita harmonia. Fiquei um tempo parada observando aquela cena, sem reação alguma, apenas pelo prazer de olhar as duas pessoas que mais amava na vida assim, juntas. Talvez fosse uma das poucas possibilidades que eu teria para presenciar uma cena como aquela novamente. *Daqui a alguns dias o Jack irá embora; depois disso, não sei quando nem como vamos nos encontrar!* pensei entristecida

Eu poderia ficar o dia todo os observando, mas minha barriga roncou e aproveitei para preparar o almoço, já que quando acordassem estariam famintos. Eu ficaria em apuros se não providenciasse algo para nós comermos antes de o Adam começar a chorar de fome.

Fui à ponta dos pés até a cozinha, abri a geladeira, peguei os ingredientes necessários para preparar pastel de forno, salada *caesar* e omelete de queijo. Pode parecer uma combinação estranha, mas era tudo que eu sabia cozinhar e deveria servir para amenizar nossa fome.

— Acordamos com a barriga roncando e seguimos o cheiro da comida — Jack comentou aparecendo na cozinha segurando o Adam no colo, bem no instante em que eu terminava de organizar a mesa.

— O almoço está pronto — disse sorrindo para o meu bebê, que estava cada dia mais esperto.

— Você quer ficar com ele? — perguntou o Jack levando o Adam para a minha direção.

— Claro! Deixe-me pegá-lo — confirmei estendo os braços para pegar o meu bebê.

Quando ele chegou ao meu colo, senti o seu cheiro suave e doce, porém misturado a um cheiro que eu achava que nunca esqueceria: o cheiro amadeirado e suave do Jack. Encostei o meu rosto na roupinha do meu filho e o cheiro estava cada vez mais forte e gostoso. Se eu fechasse meus olhos, teria a sensação de estar abraçando o Jack.

— O que aconteceu? Você não para de cheirar a roupa do Adam — questionou, tirando-me dos meus devaneios.

— Não é nada, eu adoro o cheirinho de bebê — comentei envergonhada por ser pega cheirando meu filho só porque ele estava no colo do pai e acabou ficando com o cheiro dele. Era patético.

— A comida está deliciosa — Jack elogiou com a boca cheia, comendo um grande pedaço do pastel de palmito.

— Não precisa exagerar, é só isso que sei fazer. Portanto, não pense que você vai passar bem aqui. No jantar, precisamos pedir comida pronta.

— Claro! Eu não ligo de onde vem a comida, o que me interessa é matar a minha fome.

— Você tem algo programado para fazer nesse período em que está aqui? — questionei curiosa, remexendo a salada no meu prato com uma mão enquanto segurava o pequeno Adam com a outra.

Meu filho estava começando a ficar inquieto e remexendo os bracinhos sem parar, eu diria que a segundos de começar a chorar.

— Eu não tenho nenhum compromisso, as pessoas nem sabem que eu fiquei no Brasil. Quer dizer, existem algumas especulações, mas, enquanto não tiverem imagens minhas andando pela cidade, não podem provar. E

depois daquele alvoroço esta manhã, vou tentar evitar ao máximo sair. Não pretendo nem quero que os *paparazzi* acampem na porta da sua casa em busca de fotos minhas, suas ou do Adam. Isso seria um caos!

— Entendo o que você quer dizer. Mas, uma vez que não podemos sair, o que acha de fazer algo aqui mesmo para nos distrair?

— Eu topo! Que tal um filme para começar?

— Ótima ideia! Você escolhe o filme que eu vou trocar o Adam, amamentá-lo e volto num instante.

— Pode ir tranquila. Depois de escolher o filme, eu vou fazer uma pipoca — falou a última palavra quase pedindo a minha permissão.

Nem precisei abrir minha boca para assentir, apenas balancei a cabeça concordando com a ideia e saí da sala levando o Adam comigo.

Troquei a fralda do meu filho e depois sentei-me na poltrona para alimentá-lo. Seus olhos brilhavam e me olhavam enquanto ele mamava. Conversávamos pelo olhar, pois seus olhos felizes me diziam tudo que uma mãe precisa saber. Eu tentava transmitir a ele todo o meu amor e carinho.

Ao retornar, o Jack estava sentado no sofá segurando uma bacia grande de pipoca nas mãos, assistindo ao filme mais inusitado possível. Eu nunca teria adivinhado que ele sequer assistisse a filmes como aquele.

— Você realmente gosta desse filme? — perguntei incrédula, sentando-me ao lado dele no sofá e posicionando o Adam no seu tapete mágico no chão na nossa frente.

— Eu adoro esse filme, as músicas são demais! — comentou olhando para a tela da TV.

Se antes eu tinha dúvidas, não tinha mais! O Jack realmente gostava de *Um Lugar Chamado Nothing Hill*.

— Por que você gosta desse filme? — questionei mais uma vez.

— É diferente dos romances babacas que passam por aí. O roteiro é

inusitado e simples ao mesmo tempo. Além disso, é a Julia Roberts. Quem não gosta de vê-la nua? Ou melhor, atuando.

— Pare de brincadeiras — disse batendo nos seus ombros.

Ele resolveu revidar e me empurrou, caindo em cima de mim no sofá. Ficamos parados nos olhando durante uns segundos até que ele se aproximou um pouco mais e encostou seus lábios nos meus. Precisava sair dali e evitar aquele beijo, porém não tive forças para tirá-lo de cima de mim. Encostei minhas mãos no seu peito e, em vez de afastá-lo, eu o puxei ainda mais para mim. Nossos lábios se encontram e seu gosto ficou impregnado no meu cérebro. Não conseguia pensar em nada além da sua língua macia na minha, seus dentes puxando meus lábios na medida certa do prazer. Sua língua percorreu a minha boca como se estivesse tentando descobrir os meus segredos.

Na verdade, ele já sabia todos eles e fazia questão de mostrar isso a todo instante. Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, sentindo e apalpando cada pedacinho, e quando passamos o limite entre atração e desejo eu agarrei seus cabelos com força, puxando para mais perto de mim. Quando a blusinha que eu estava usando foi arremessada do outro lado da sala, o Adam começou a chorar e descobrimos que não estávamos sozinhos. Tive um minuto de consciência antes de cometer mais uma das minhas loucuras.

Levantei-me apressada em busca da minha blusa, coloquei-a de qualquer jeito e peguei o Adam no colo, que parou de chorar assim que percebeu que eu o tinha nos braços. Olhei para o Jack, que ainda estava deitado no sofá, porém agora de barriga para cima, com as mãos na cabeça e uma protuberância desconfortável nas calças.

Não sabia o que dizer, por isso segurei o Adam firmemente e saí o mais rápido que pude. Fui correndo até o meu quarto e tranquei a porta atrás de mim. *Eu quase fiz a maior besteira da minha vida*, pensei. *É claro que fiz coisas erradas antes e, diga-se de passagem, todas elas foram com o Jack. Errar uma vez é compreensível, mas duas é muita falta de noção mesmo! Daqui a alguns dias o Jack vai embora, e mesmo que nós, em algum momento, reatássemos nosso namoro ou casamento, eu teria que ir atrás dele*

novamente, abandonar minha faculdade, minha casa, meu país. Eu já fiz isso e não gostei do resultado, por isso pretendo não repetir meu erro.

Passamos os próximos dias numa brincadeira de gato e rato. E nesse jogo de esconde-esconde eu tinha uma grande desvantagem, o Jack nunca saía do apartamento. Dava para contar nos dedos as poucas ocasiões nas quais fomos ao parque, ao cinema e até ao supermercado. Ficamos juntos tanto tempo que era cada vez mais difícil ignorar a forte atração que tínhamos um pelo outro. Em alguns desses dias, não resisti e acabei deixando-o me beijar, mas não passava disso porque eu sempre conseguia escapar no último segundo.

O Jack deveria estar frustrado com essa situação toda, no entanto se mostrava o cara mais paciente de todos, nunca desistia de tentar me levar para a sua cama. Na sua última noite no meu apartamento, ele estava diferente. Quase não falou comigo e não tentou em nenhum momento tirar a minha calcinha. Achei muito estranha essa atitude e depois de fazer o Adam dormir fui até o seu quarto tentar descobri o motivo dessa mudança repentina. Será que enfim ele havia desistido de mim? A porta estava entreaberta, mas ainda assim bati devagar para anunciar a minha entrada.

— Oi, hoje é o seu último dia aqui e quase não conversamos — disse sem jeito ainda parada perto da porta.

— Sobre o que deveríamos conversar? — perguntou deitado na cama com os braços embaixo da cabeça, usando apenas uma cueca boxer branca. Notei que os seus cabelos ainda estavam molhados.

— Sobre o Adam — respondi arqueando minhas sobrancelhas para enfatizar o quanto era obvio o motivo da nossa conversa.

— O que você quer falar sobre o Adam? — questionou ainda deitado na cama me observando.

— Você pretende pedir a guarda compartilhada do seu filho? — indaguei apreensiva, pois não sabia o que faria se tivesse de ficar dias ou até meses sem ver o meu filho.

— Não — disse em alto e bom som, como se estivesse falando de comida

ou algo parecido, e nunca sobre a guarda do seu único filho.

— O que você pretende fazer, então? Responda, eu já estou ficando louca.

— Você quer mesmo saber? — questionou se levantando da cama pela primeira vez e caminhou na minha direção.

— Claro que quero saber.

— Eu não vou pedir a guarda compartilhada porque já tenho. Estamos casados, você se esqueceu? Portanto, eu tenho os mesmos direitos que você de ficar com o nosso filho, mas não é essa a questão que quero discutir. O mais importante agora é saber por que você está correndo de mim. Será que você não me ama mais? — perguntou colocando suas mãos no meu queixo e levantando meu rosto na direção dos seus olhos.

— Não é isso — resmunguei, tentando sem sucesso abaixar minha cabeça novamente.

— Não se esconda de mim. Eu vou embora amanhã e preciso saber a verdade. Seja ela qual for, preciso desesperadamente da sua resposta.

— Eu não posso perdê-lo novamente. Meu coração não aguentaria.

— É por isso que você está me evitando todo esse tempo? Por que está com medo de me perder? Me desculpe, mas isso não faz nenhum sentido.

— Eu não quero e não posso abrir meu coração novamente para você, para na manhã seguinte você partir e me deixar sozinha.

— Você poderia ir comigo — sugeriu muito próximo de mim.

— Não vou fazer essa loucura novamente. Além disso, temos o Adam. Uma turnê não é lugar para um bebê.

— Você tem razão sobre a turnê e o Adam, mas não concordo com abstinência. Eu não pretendo ir a lugar nenhum sem vocês, nunca mais vou deixar você fugir de mim, Helena.

Nossos lábios se encontraram. Era só isso que eu precisava ouvir para

colocar meus medos de lado e poder viver aquele amor que eu tanto almejava. Por isso, deixei que ele me beijasse em todos os lugares, enquanto eu fazia o mesmo com ele. Fomos mais lentos dessa vez, apreciando cada carícia e sentindo o prazer de estar um nos braços do outro. Ele estava usando apenas uma cueca, o que possibilitou que eu tocasse meus lábios em cada polegada do seu corpo maravilhoso. Quando ele deslizou minha derradeira peça de roupa, fiquei com receio de ele não gostar de como meu corpo ficara depois da gravidez, mas ele só olhava para mim com desejo e em momento algum pareceu não gostar do que estava vendo. Aí eu desencanei e fui viver aquele momento único.

Quando enfim ele se posicionou entre as minhas pernas e entrou de uma única vez, gritei em êxtase. *Como eu consegui sobreviver até agora sem isso, sem sentir cada parte do prazer que a nossa união pode proporcionar?*

Ao chegar ao ápice de desejo, em vez de gritar de prazer, o Jack disse a coisa mais surpreendente possível:

— Eu te amo.

As famosas três palavras que eu tanto queria ouvir. Restava saber se foram pronunciadas apenas no auge do prazer ou se estavam expressando o seu verdadeiro sentimento.

Rock in Rio

HELENA

"Eu estava cansada de esperar
Me perguntando se você chegaria até mim
Minha fé em você estava acabando"

Love story, Taylor Swift

Acordei enrolada nos braços do Jack. Sentir o seu cheiro impregnado na minha pele e tocar cada pedacinho do seu corpo quando eu quisesse era o paraíso. Abri meus olhos devagar com medo de ser um sonho, mas eu não estava sonhando, era real e eu podia tocar, beijar, sentir, cheirar. Era tudo meu! Entre um beijo e outro o Jack acordou e me puxou para ficar em cima dele.

— Como é bom acordar assim com você. — Ele segurou meu rosto com as duas mãos e depois me puxou para seus lábios.

O beijo foi lento. Trocamos um selinho e, depois, ele beijou meu rosto nos dois lados, voltando à minha boca, mais faminto dessa vez. Ele chupou meus lábios, mordendo-os devagar entre o limite do prazer e a dor ao soltá-lo dos seus dentes. Nós nos separamos ofegantes e ficamos olhando um para o outro por alguns minutos.

— Por que você fugiu de mim? Você não gosta disso que temos aqui? — perguntou quebrando nossa troca de olhares.

— Eu não gosto disso, eu amo — afirmei sorrindo ainda sentada em cima dele na cama.

— Então por que fugiu de mim? — questionou arqueando as sobrancelhas, demostrando sua dúvida.

— É complicado. Nosso relacionamento começou muito rápido, nos casamos na mesma noite e eu tinha 17 anos. Além disso, você foi meu primeiro namorado, meu primeiro homem. Não bastasse todo esse conjunto, você ainda é um astro do rock e tem todas as mulheres aos seus pés. E a Jéssica grávida foi o limite para a minha insegurança. Eu achei que não podíamos ficar juntos. Somos tão diferentes e vivemos em mundos opostos, como isso podia funcionar?

Ele pensou por uns minutos e, depois, fala olhando nos meus olhos:

— Pode funcionar porque quando nós estamos juntos essas diferenças não existem mais. Aqui neste quarto eu sou apenas um homem fazendo amor com uma mulher e é isso que importa no final – disse com uma sinceridade que fez meu coração quase parar.

— Estamos juntos novamente? — indaguei mais uma vez.

— Nunca deveríamos ter nos separado! Você é a minha bússola e sem você fiquei perdido, sem direção — afirmou e me beijou novamente.

Rolamos na cama e ele terminou em cima de mim. Continuamos a nos beijar até que ele desceu seus lábios para o meu pescoço. Antes que ele descesse mais um pouco, o Adam acordou chorando no quarto ao lado. O Jack parou de me beijar e sorriu ao dizer:

— Acho que nosso despertador acaba de acordar.

Tentei me levantar para pegar nosso filho, mas o Jack foi mais rápido. Ele segurou meu braço, impedindo-me de levantar e avisou:

— Pode deixar que eu vou pegar nosso filho — disse beijando minha testa e saindo do quarto para buscar o Adam.

Quando retornou segurando nosso filho no colo, abri um sorriso ao ver o famoso vocalista da banda The Dangers parado na porta de um quarto simples, usando somente uma cueca boxer preta e segurando seu filho no colo, como se fosse a coisa mais preciosa do mundo. Apesar de a cena ser tão comum e corriqueira, isso não tinha nada de comum, porque o Jack não sabia ser comum! Havia uma áurea estranha sobre ele que tornava tudo que fazia

algo mais do que extraordinário. Ele se aproximou da cama e entregou o Adam para mim.

— Oi, meu anjinho, a mamãe o abandonou hoje. O problema é que o seu pai é muito manipulador e me distraiu a noite toda — disse sorrindo para ele.

Mesmo com fome e provavelmente precisando de uma troca de fralda, o Adam sorriu de volta.

— Enquanto vocês ficam conversando aí na cama eu vou tomar um banho, já que tenho um voo para pegar dentro de duas horas — informou o Jack entrando no banheiro.

Senti uma sensação de abandono no mesmo instante. A noite fora tão maravilhosa que acabei me esquecendo de que ele iria embora. Acordei dentro daquela bolha de ilusão e prazer e fiquei totalmente sem reação quando enfim entendi que era apenas uma despedida.

Aproveitei que o Jack estava no banho e saí de fininho do quarto, levando o Adam comigo. Entrei no quartinho do meu bebê e tranquei a porta atrás de mim, precisando de um momento sozinha para pensar. Enquanto fazia isso, resolvi cuidar do Adam. Dei um rápido banho nele e, depois de limpinho e perfumado, nós nos sentamos na poltrona de amamentação, onde ele pôde enfim saciar sua fome. Ficamos quase quarenta minutos na posição enquanto o Adam se alimentava e eu pensava em como viveria no Brasil sozinha sem o Jack.

Na primeira em vez havíamos nos separado, eu tinha a ilusão de que poderia fazer isso, porém, depois de ter uma amostra na noite passada do que poderíamos ser juntos, tive a certeza de que seria impossível. Olhei pela janela do quarto e me distraí por um segundo, mas senti a leve brisa batendo no meu rosto e uma lágrima de angústia deslizou solitária pela minha face. Olhei para o meu filho, que acabara de mamar e dormia tranquilo no meu colo, e sorri ao saber que pelo menos ainda o tinha comigo.

Levantei-me da poltrona com todo cuidado, depois o coloquei no berço e saí sem fazer barulho. Andei pelo corredor até o meu banheiro, onde entrei e fiquei parada, olhando-me no espelho, observando meus lábios ainda

inchados dos beijos trocados. No pescoço vi algumas marcas vermelhas, mas meus olhos estavam tão tristes, sofrendo pela possível perda, que tirei minhas roupas e entrei na água morna. Fiquei lá muito tempo não apenas para lavar meu corpo, mas as imagens do Jack da minha memória. Talvez assim conseguisse viver sem ele o resto da vida.

Saí me sentindo melhor. Não que todos os meus problemas tivessem se resolvido com um banho demorado, pelo contrário, eles ainda estavam lá, porém percebi que não adiantaria sofrer de véspera. Precisaria esperar o Jack ir embora para chorar as pitangas sozinha.

Coloquei um vestido branco de alcinhas bem cinturado no meu corpo, calcei uma sandália dourada, sequei meu cabelo e o deixei solto. Eu precisava de um corte. *Talvez quando a Gabi voltar podemos ir juntas ao salão... Por hora, vou deixar do jeito que está.* Depois de pronta, fui até a cozinha, senti um aroma gostoso de café, olhei em volta e vi o Jack sentando-se à mesa com os cabelos ainda molhados do banho recente, usando uma calça jeans surrada, mas que ficava perfeita no seu corpo, uma camiseta azul-escuro, seu tênis de sempre e segurando o Adam no colo.

Nosso filho sorria nos braços do pai, mal sabendo que seria por pouco tempo.

— Por que esse rosto tão triste? — perguntou o Jack parando de comer sua torrada e me observando por um momento.

— Não é nada — disse tentando disfarçar a minha angústia.

— Pare de esconder seus sentimentos de mim e conte por que você está nos olhando com essa carinha triste? — questionou caminhando na minha direção.

— Eu não sei o que dizer — falei tentando ganhar tempo para colocar meus pensamentos em ordem.

— Apenas diga: qual é o problema? — questionou parado bem na minha frente, segurando nosso filho com uma mão e com a outra levanta meu queixo, fixando meus olhos nos dele para tentar descobrir o que eu escondia.

— Eu estou com medo de perdê-lo novamente. Você vai embora hoje e eu não posso abandonar tudo aqui e o seguir como fiz da última vez, portanto nosso relacionamento com certeza vai acabar hoje — despejei de uma vez, sem coragem de fitar os seus olhos e confirmar as minhas suspeitas.

— É por isso que você está assim tão triste? Você acha que vou embora hoje e nosso relacionamento vai acabar porque não estamos juntos? — Jack perguntou sem acreditar no que acabara de escutar.

— Sim. É só isso que passa pela minha cabeça desde que abri meus olhos esta manhã — respondi num fio de voz.

— Você se esqueceu do que eu falei na noite passada? Eu te amo. E não é uma distância que irá nos separar — afirmou decidido.

— Eu também te amo. Mas pensei que nosso amor não seria suficiente para continuar um relacionamento a distância.

— Já ficamos separados e não deu muito certo para nenhum de nós. Você é a mulher certa para mim e não pretendo desistir tão fácil dessa vez. Não só porque temos um filho juntos, mas também por eu não saber viver sem você. Estou indo embora com o coração na mão por ter que deixar vocês dois aqui sozinhos. Se pudesse, ficaria aqui com vocês, porém ainda estou em turnê e muitas pessoas dependem de mim para sobreviver. Não posso ser tão egoísta assim e deixá-las na mão desse jeito. Por outro lado, não posso pedir para você largar tudo e ficar cinco meses viajando de país em país com o nosso filho tão novinho atrás de uma banda de rock. Portanto, temos que ser fortes e confiar que no final nosso amor vai prevalecer apesar da distância. Vou voltar assim que tiver uma folga, ligarei para você todos os dias e no final da turnê comprarei uma casa aqui e podemos ficar juntos por um tempo até minha rotina de shows começar novamente. Enquanto isso, comprei um carro para você e seu novo cartão chegará amanhã. Devolva o dinheiro que você pegou do seu pai durante esse tempo e escolha um apartamento ou uma casa para vivermos juntos quando eu voltar para o Brasil.

— Isso é muita coisa para eu assimilar de uma só vez. — Sorri e chorei ao mesmo tempo.

— Pode ser, mas agora precisamos nos apressar, senão vou perder o meu voo — pediu abrindo aquele sorriso reservado apenas para mim.

— Você não vai num jatinho particular? — perguntei interessada.

— Sim, mas eles têm um plano de voo e eu preciso chegar no horário marcado.

— Tudo bem. Será que tenho tempo de comer algo antes de acompanhá-lo até lá?

— Claro! Está tudo pronto. Vamos sentar e comer juntos. O Adam me ajudou a preparar nosso café da manhã. Não é mesmo, filho? — perguntou sorrindo para o Adam.

Nosso filho não fazia ideia do que estávamos falando, mas sorriu de volta como se entendesse a pergunta.

Enquanto o Jack e eu comemos os ovos mexidos, bebemos o café recém passado e curtimos o momento como se fosse único, pois esperaríamos muito tempo até que pudéssemos repeti-lo.

Quando saímos do meu apartamento, o Carlos, que não apareceu em nenhum momento antes disso, estava parado ao lado de um carro esperando o Jack. Eles não se esqueceram de nada, o carro tinha até uma cadeirinha para o Adam. Sentamos no banco de trás junto com nosso filho e quase não conversamos durante o caminho até o aeroporto. Eu tinha medo de por algum motivo quebrar aquele encanto que era saber que o Jack me amava, então permaneci em silêncio, mas fui a viagem toda segurando a sua mão e com a cabeça encostada no seu ombro, sentindo o seu cheiro único que tomava conta de todo o lugar.

Ao estacionar em frente ao portão de embarque do aeroporto, havia uma centena de repórteres e fotógrafos esperando por nós. O Jack desceu do carro primeiro, tirando o Adam da cadeirinha. Eu fui logo atrás dele, porém as luzes dos flashes eram tantas que não conseguia enxergar direito. As pessoas puxavam meu vestido, outras gritam o nome do Jack sem parar, mas no final e com a ajuda de alguns seguranças e do Carlos conseguimos chegar à área

de embarque VIP do aeroporto. Lá ainda havia alguns fãs, mas as pessoas eram mais comportadas. Pediram alguns autógrafos, tiraram fotos com o Jack e nos deixaram sozinhos para que eu e o Adam pudéssemos nos despedir dele com um pouco de privacidade.

— Seja bonzinho com a mamãe enquanto estou fora. Nada de pegar as chaves do carro e sair com as garotas — brincou, apertando as bochechas gordinhas do nosso filho enquanto sorria para ele.

— Pode deixar que vou cuidar direitinho do nosso filho — disse sem tirar os olhos do seu rosto.

— Eu sei disso, mas cuide de você também. Sei que suas aulas começarão dentro de alguns dias, portanto vai precisar de alguém para cuidar do Adam enquanto estiver fora. Não hesite em gastar o dinheiro que deixei com você. Além disso, suas fotos e as do Adam já devem estar em todos os lugares, a imprensa não vai largar do seu pé por um tempo, então contratei um segurança para você. Não se preocupe, ele não vai ficar o tempo todo na sua cola, somente quando você estiver fora de casa.

— Eu preciso de um segurança agora? — questionei surpresa.

— Sim. E nem adianta discutir, eu não estarei aqui para cuidar de vocês, portanto vai ter que ser assim. Não aceito nenhum argumento para evitar isso.

— Se for para a nossa segurança, eu aceito — concordei.

Ele pegou o Adam no colo, disse alguma coisa no ouvido do filho, depois beija cada parte do rosto dele e o entregou para mim. Ficamos nos olhando por um tempo até que ele se aproximou e selou seus lábios nos meus num beijo lento, suave e tranquilo, dizendo o quanto me amava e quanto sentiria a minha falta. Quando terminamos o beijo, ele olhou para mim e diz:

— Eu te amo. Não importa onde eu esteja, estarei sempre pensando em você.

— Eu te amo mais. E estaremos aqui esperando você voltar.

Depois dessa declaração de amor no aeroporto, ele soltou a minha mão e

seguiu junto com o Carlos para o portão de embarque. O pequeno Adam olhava sem entender nada. Ao vê-lo entrar naquele avião, mesmo depois de dizer que me amava e que voltaria para mim, sofri muito. Cinco meses era muito tempo e até lá tudo poderia mudar.

Fiquei ainda alguns minutos no aeroporto vendo o avião decolar pelo vidro da sala de embarque. Quando não podia mais ver a aeronave, enxuguei minhas lágrimas, beijei meu filho e fui procurar um táxi para me levar para casa, mas nem precisei andar muito para isso. Logo na saída do aeroporto um senhor me abordou dizendo ser o segurança contratado pelo Jack e que me levaria para casa. Entramos num carro grande e espaçoso no qual já havia a cadeirinha do Adam e seguimos para o meu apartamento.

Apesar dos meus medos e receios, nada do que eu temia aconteceu. O Jack me ligava todos os dias e ficávamos horas conversando. Às vezes a chamada era por Skype e nesses dias eu matava um pouco da saudade que sentia dele.

A Gabi estava toda feliz e sorridente. Minha amiga louca teve um caso de verão com o Jonas, guitarrista da banda The Dangers, e voltou contando as novidades sobre a banda e os lugares que conheceu. Enfim, ela tinha história para contar durante um mês inteiro.

As minhas aulas começaram na faculdade. Contratei aquela garota da praça, seu nome era Bruna, e ficamos amigas durante os passeios do Adam na pracinha perto do meu apartamento. Descobri que ela era legal, seu único problema era ser apaixonada pela banda do Jack, e quando descobriu que ele era o pai do Adam largou seu trabalho de babá e veio cuidar do meu filho no mesmo dia.

As aulas no segundo ano eram mais difíceis do que eu esperava, por isso precisei muito da ajuda da Bruna e da Gabi. Elas cuidavam do Adam sempre que eu necessitava e com mais dinheiro em casa as coisas estavam mais calmas.

Voltei a falar com a minha mãe. Ainda estávamos bem no início, mas eu tinha de ir com calma. Passei dois fins de semana na casa dos meus pais, o Adam adorou a piscina e, como ele já estava engatinhando, tive de ficar o

tempo todo na cola dele para que não se jogasse na água.

Sempre que podia eu assistia aos shows do Jack pela internet, já que os fãs gravavam vídeos e colocavam na rede. Às vezes a Mia me mandava alguns vídeos também, e assim foram se passando os dias, depois os meses e, quando percebi, ele estava de volta para o seu último show. Essa apresentação encerraria a turnê mundial da banda e o show seria no Brasil, mais especificamente no Rock in Rio.

A banda teve um imprevisto no aeroporto do Japão e os rapazes chegaram em cima da hora para o show. Eu nem consegui ver o Jack quando ele aterrissou no Brasil, e já estava hospedada no hotel em Copacabana desde cedo. Levei a Bruna comigo para cuidar do Adam durante o show, mas resolvi levar meu bebê de 8 meses para o Rock in Rio. Comprei aqueles protetores de ouvidos e saímos do hotel uma hora antes do show. Nem preciso dizer que a Bruna adorou a ideia. Ficamos nos bastidores e quando, enfim, eu vi o Jack, saí correndo para os seus braços. Ele me segurou com força, enquanto eu tocava cada parte do seu corpo para sentir que estava ali parado na minha frente, em carne e osso. Nós nos beijamos com vontade e nem ligamos quando os outros integrantes da banda começaram a gritar.

— Eu estava morrendo de saudade, meu amor — disse segurando meu rosto e secando minhas lágrimas.

— Eu também. Nem acredito que você está aqui na minha frente — falei beijando-o mais uma vez, e depois outra e mais outra, até o Adam protestar no meu colo.

— Adam. Como você está enorme, garoto — ele se surpreendeu pegando o Adam no colo.

Apesar das fotos e dos vídeos que enviei para ele do Adam, vê-lo pessoalmente depois de tanto tempo era realmente uma grande diferença. Nosso filho parecia um garotinho, bem diferente de quando era bebezinho, mas ainda assim a cara do pai, e usando uma camiseta da banda com os dizeres*:* “I’m Jack’s son”.

Não tivemos tempo nem de conversar direito e já estavam anunciando a

banda no palco. Dei mais um beijo no Jack e saímos para os bastidores. Quando o show começou, coloquei os protetores no Adam e ficamos num cantinho do palco admirando e babando ao ver o Jack tão à vontade no show. Cantamos junto com ele, dançamos e, na última música, o Jack pediu silêncio para a plateia.

— Hoje é um dia muito especial para mim — ele começou a falar. — Estou de volta ao Brasil e pretendo ficar aqui por um bom tempo. Afinal, minha família vive aqui. — Ele deu uma pausa.

A galera gritou e o aplaudiu, gostando da ideia de ter o Jack morando definitivamente no Brasil.

— Porém, antes de cantar a última música — ele continuou —, gostaria de chamar ao palco a mulher que tem a outra metade do meu coração. É você, garota, venha até aqui! Agora mesmo! — pediu para que eu fosse ao palco na frente de milhares de pessoas.

Fiquei com vergonha, mas as pessoas chamaram meu nome sem parar. Sem ter como me esconder, pedi que a Bruna segurasse o Adam e apareci no palco mais vermelha do que um tomate maduro.

— Eu não acredito que você fez isso comigo — resmunguei assim que parei em frente ao Jack.

— Eu a chamei aqui essa noite para fazer um pedido — falou ainda no microfone para que todos pudessem ouvir. Depois, ajoelha-se no meio do palco e tirou algo do bolso. — Helena, você aceita se casar comigo?

O público foi à loucura, gritando e aplaudindo, enquanto eu permaneci muda parada no lugar.

— Eu pensei que já estávamos casados — respondi depois de alguns segundos de total falta de ação.

— Estamos casados, mas eu nunca havia feito o pedido antes, por isso estou fazendo agora. Você aceita se casar comigo?

— Sim. Claro que sim — disse no microfone para que todos ouvissem,

enquanto ele colocava um anel com formato de coração de diamantes no meu dedo.

— O rei do rock nos casou ano passado e agora o Rock in Rio celebra junto com a gente essa união. Vamos lá, galera. Tirem o pé do chão e comemorem meu casamento comigo.

O Freddy tocou nos pratos da bateria enquanto o Jonas acompanhava na guitarra uma versão mais agitada da minha música, "Only one time":

I met you one night in Vegas

I saw an innocent girl and I fell in love

But I'm a complicated guy

And the next day you ran from me

I followed you and got you

Oh, oh, girl I got you

Now you are my girl

But my love story is real and I lost you again

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

I'll never see your smile again

I'll never feel your lips

I'll never touch your body

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

Quando ele terminou de cantar, joguei-me em seus braços, colocando minhas pernas na sua cintura, e nos beijamos como se dependesse dos lábios dele para viver.

Epílogo

"Sim, e eu te amarei, querida, sempre
E estarei ao teu lado por toda a eternidade sempre
Eu estarei lá até as estrelas deixarem de brilhar"

Always, Bon Jovi

5 anos depois...

Hoje é um dia especial. Eu estou, enfim, me formando. A partir de hoje, serei a Doutora Helena, e a especialidade que escolhi é pediatria. Depois de aprender a cuidar do Adam tão nova e de cometer muitos erros e acertos, ele está lindo e saudável sentadinho ao lado do pai para provar que fiz meu trabalho certo. Eu me encantei por essa área em particular.

Se eu falasse que foi fácil chegar até aqui, estaria mentindo. Na verdade, minha jornada foi bem complicada, ainda mais se eu mencionar o meu marido famoso, que por onde passa arrasta multidões de mulheres se jogando em cima dele. Tive que terminar a minha graduação aqui no Brasil, enquanto o Jack viajava o mundo todo em turnês que pareciam nunca ter fim. Algumas vezes eu e o Adam viajamos juntos para assistir aos shows, porém a maioria do tempo ficávamos sozinhos na nossa casa.

Enquanto o Jack estava cada dia num lugar diferente e num país novo, os boatos de que ele tinha uma garota em cada show sempre surgiam, mas eu acreditava nele quando me dizia que eu era a única mulher na sua vida.

Afinal, passamos muita coisa para estarmos juntos e não perderíamos isso por nada, apesar do meu ciúme em excesso na maioria das vezes. Sem contar que ser mulher de um astro do rock não é uma tarefa fácil para ninguém. E posso somar a isso aquela insegurança que toda mulher tem um pouco, então

acho que tinha duas vezes mais, e aprender a controlá-la é uma batalha que ainda travo todos os dias.

Talvez agora fique mais fácil, uma vez que estamos indo morar em Nova York. O Jack tentou adiantar o máximo que podia essa mudança, por isso passou muito tempo nessa ponte aérea, mas agora que terminei minha faculdade não faz mais sentindo ficar aqui no Brasil, quando a maioria dos compromissos dele está nos Estados Unidos. Os meus pais sentirão muito essa mudança, principalmente por causa do Adam. Eles amam o neto e passam cada tempo que têm o paparicando. A minha relação com a minha mãe voltou melhor do que era antes. Agora ela não fica mais pegando no meu pé para saber cada passo que eu dou, afinal de contas já sou uma mulher casada, tenho um filho e sou dona do meu nariz. Talvez o novo netinho que está a caminho ajude a aplacar a saudade que eles irão sentir do Adam, pois meu irmão e sua esposa terão um filho em breve. Eles estão radiantes de felicidade! Depois de um aborto logo no comecinho do casamento deles, podem enfim se sentir abençoados com um filho.

A Gabi se formou há dois anos e trabalha numa grande galeria de arte em São Paulo. Ela continua solteira, e apesar das idas e vindas com Jonas eles ainda não conseguem assumir que gostam um do outro. Eles brigaram e reataram o namoro tantas vezes no ano passado, que eu já nem me surpreendo mais, muito menos dou a minha opinião sobre as brigas supérfluas do casal. No entanto, torço para que um dia se acertem e deixem esse amor florescer.

Falta falar da minha outra grande amiga, a Mia. Foi ela quem cuidou do Jack para mim durante as turnês. Ela me ligava sempre que um boato maldoso saía nas mídias para me informar antes de todos que aquilo era mentira. Era ela quem expulsava todas as *groupies* do camarim do Jack. Enfim, a Mia foi meus olhos e ouvidos quando eu não pude estar presente. Agora, porém, ela está muito ocupada para pensar em qualquer coisa, além de planejar o seu casamento no próximo mês com o Freddy. Os dois são perfeitos juntos e totalmente o oposto um do outro, mas quando estão juntos há uma sintonia impossível de não perceber.

Antes que eu continue divagando aqui sentada nesta poltrona no auditório

da faculdade, o reitor chama meu nome:

— Helena Alves Collins.

Apertei a mão do Jack, que estava sentado ao meu lado. Nesse momento, percebo que o Jack está ainda mais bonito do que na noite em que o conheci no bar. Isso se é possível ele ficar mais bonito do que já era. Agora eu conheço quem realmente ele é, o Jack dos bastidores, aquele que eu amo mesmo quando as luzes e o som são desligados.

Ele está segurando nosso filho no colo, me dá um beijo gostoso nos lábios, enquanto eu ajeito minha beca e subo as escadas para enfim segurar o meu canudo e me posicionar para o meu discurso. Apesar dos meus inúmeros protestos, não fui restituída do cargo...

— Obrigada a todos por comparecerem nesse dia tão especial em nossa vida, fim de um ciclo e começo de outro. Foi um período de mudanças e incertezas, e na maioria das vezes ficamos de mãos atadas diante de várias situações nas quais não tínhamos maturidade para agir ou reagir corretamente. O que mais importa, em todo esse caminho percorrido, é que no final estamos aqui reunidos para comemorar, pois enfim nós nos formamos. Alguns com louvor, outros nem tanto, mas o que importa é o que levamos aqui, no nosso coração, as amizades que construímos, os desafios que vencemos e os que perdemos, pois foi com eles que aprendemos a não errar novamente. Neste momento, encerra-se uma etapa, mas não um ciclo. Ainda iremos nos encontrar diante de outras conquistas. Quando isso acontecer, que nós possamos nos lembrar com carinho desse dia e dizer com todo orgulho que valeu a pena.

Sou aplaudida de pé pelos meus colegas da faculdade, seus familiares e ainda o Adam e o Jack, que estão assobiando sem parar.

— A mamãe é nossa, ahá-uhu! A mamãe é nossa, ahá-uhu!

— Eu não poderia deixar de convidar a todos para a minha festa de formatura e despedida do Brasil que será daqui a... — Nesse momento, olho no relógio para ver a hora exata. — A exatamente uma hora, no Allianz Parque. Estão todos convidados para o show da banda The Dangers.

Se antes eu fui aplaudida, agora eu sou idolatrada e tenho uma leve suspeita de que fui escolhida para ser a oradora da turma por isso.

Saio do palco o Jack e o Adam estão me esperando em pé, ambos sorrindo e felizes. O Jack abre os braços e eu me jogo no único lugar onde eu me sinto a pessoa mais amada do mundo.

— Eu te amo — sussurra no meu ouvido quando estamos abraçados.

— Eu te amo mais — respondo de volta e seus lábios se encontram com os meus.

Nós nos beijamos ali mesmo. Quando terminamos o beijo, sorrio feliz e decido contar a novidade que guardei a sete chaves durante quase dois meses:

— Nossa família vai aumentar em breve.

O Jack fica me olhando sem entender nada até que coloco sua mão na minha barriga e completo:

— Você vai ser pai novamente. Portanto, prepare-se, pois dessa vez não quero que você saia correndo.

Fim

Bônus

JACK

Alguns anos depois…

Senti seus lábios nos meus e seu perfume me invadiu como sempre fazia, mesmo depois de muito tempo juntos eu ainda me surpreendia o quanto ela era perfeita para mim. Menos quando me beija e sai correndo como agora, nesses momentos eu a odiava.

— Jack acorda, eu já estou indo — informou a Helena me cutucando na cama.

— Eu preciso dormir mais um pouco, pode ir vou ficar aqui sozinho na cama, não se preocupe — resmunguei enfiando a cabeça embaixo do travesseiro macio, quem sabe assim ela me esquecesse por um momento.

— Jack, esqueceu o que combinamos? — indagou estressada e parei para pensar se tinha esquecido algo importante. Aniversário de casamento, não era, pois ainda faltavam meses, aniversário das crianças também não, eles teriam me lembrado. Deus sabe como meus filhos são gananciosos por presentes. Então o que podia ser? Aniversário dela, não também.

— Você esqueceu? — questionou ainda mais nervosa. Agora eu não podia errar, precisava ser rápido ou teria problemas.

— Hoje é o dia com as meninas — disse com um certo receio, pois não tinha certeza se estava certo, mas precisa arriscar.

— Sim, pensei que tivesse esquecido. Estou falando sobre esse dia há meses — disse mais calma agora. Enquanto eu puxava na memória todas as informações que recebi sobre esse evento. Primeira coisa que lembrei era que todas as esposas dos integrantes da banda e a Gabi iriam passar um final de

semana no SPA e os pobres maridos não podem ir. Vamos ficar e cuidar dos nossos respectivos filhos. Não fui contrário a ideia, até porque elas precisam desse descanso, mas a noite passada as coisas se complicaram para o meu lado, quando descobri que a babá que cuida do Adam e da Sophia teve um imprevisto e não vai poder ficar com eles. Seria fácil cuidar dos meus filhos com alguém para ajudar o tempo todo. Sozinho seria mais complicado, mas prometi a Helena que daria conta e não pretendo decepcionar.

— Tem certeza que vai conseguir se virar sozinho? — questionou ainda insegura. Já que todos os integrantes da banda, eu era o pior nesse quesito, não que eu não gostasse de cuidar dos meus filhos, eu amava, mas parecia mais um amigo do que o pai. Sempre deixei as broncas e esse papel para a Helena.

— Tenho, pode ir tranquila — confirmei roubando mais um beijo da minha esposa linda.

— Se precisar pode ligar que eu volto — disse insegura.

— Helena são apenas dois dias, eu consigo. Você precisa confiar mais em mim — reclamei.

— Sei Jack, na verdade, acho que não confio em mim.

— Vamos ficar bem e se divirta no seu final de semana com as garotas.

— Tudo bem — concordou deixando um selinho nos meus lábios e saindo do nosso quarto. Assim que escutei a porta fechar caí na cama novamente e fechei os olhos. Se eu tivesse sorte dormiria alguns minutos antes da minha caçula aparecer por aqui.

Todavia, não tive essa sorte, não se passaram nem meia hora e senti a cama se mexer e suas mãozinhas começaram a puxar meus cabelos que estavam maiores do que o normal.

— Dad acordei e quelo minhas panquecas — informou Sophia quase arrancando meus cabelos enquanto falava.

— Podemos brincar na cama por mais um tempinho antes do café — pedi

abrindo apenas um olho para fitar minha garotinha que com apenas 3 anos e meio já me tinha no seu dedo mindinho.

— No, não — respondeu em duas línguas para confirmar o seu gênio forte.

— Tudo bem, espere aqui enquanto o papai vai ao banheiro — pedi pulando da cama para o banheiro.

— Vamo, vamo Jack — disse imitando a Helena.

—Você é igualzinha a sua mãe — brinquei enquanto escovava os dentes. Tive que fazer tudo o mais rápido que consegui, já que a pequena chantagista ficava gritando o meu nome do outro lado da porta. E só parou quando eu saí do banheiro e a carreguei nas costas até a cozinha.

— Cadê o seu irmão? — questionei enquanto fritava as panquecas.

— Dorminhoco — respondeu fazendo beicinho.

E ela tinha razão, enquanto a irmã nos acordava todas as manhãs o Adam preferia continuar dormindo na cama dele e só saia de lá quando a fome apertava, garoto esperto.

— Temos que deixar panquecas para o Adam — disse colocando um prato com duas panquecas na frente dela.

— Dad a carinha — reclamou quando esqueci de fazer os olhinhos com pedaços de morango e a boca com chocolate.

— Desculpe querida — pedi puxando o prato para o meu lado e fazendo o rostinho com morangos e os outros detalhes. Quando estava pronto, coloquei o prato na frente dela novamente e o sorriso que recebi em troca fez tudo valer a pena. Sentei-me ao seu lado e comemos juntos como sempre faziam todas as manhãs em que eu estava em casa e antes de sair para ver o Adam a deixei com mais panquecas.

— Ei garotão, sua mãe já saiu para o final de semana de garotas e fiquei para cuidar de vocês. Tem panquecas quentinhas na cozinha, se eu fosse você

iria até lá, antes que a sua irmã devore todas.

— Sério pai, me acordou para cuidar da Sophia — resmungou enfiando a cabeça embaixo do travesseiro como fiz alguns minutos antes.

— Não vai cuidar da sua irmã, só quero que desça para o café — informei parando os olhos no meu filho mais velho que parecia uma cópia minha.

— Okay, vou descer — assentiu, mas eu sabia que demoraria alguns minutos até ele de fato aparecer na cozinha, por isso dei meia volta e fui em busca da Sophia.

Encontrei-a fazendo um desenho no chão do seu quarto e ficamos por ali boa parte da manhã distraídos entre lápis, pinceis e tintas. Não fizemos nenhuma obra de arte, mas a bagunça poderia ser considerada uma obra prima. Quando tinha tinta até dentro do ouvido o Adam apareceu e mesmo se fazendo de difícil e sendo um menino grande de 8 anos, acabou se rendendo a brincadeira e também saiu coberto de tinta.

No jantar pedimos pizzas e brincamos de adivinhar o sabor com os olhos fechados. A cozinha ficou uma bagunça e nossas barrigas tão cheias que doíam quando andávamos. Demorei para fazer Sophia dormir naquela noite, ela estava tão animada que não conseguia fechar os olhinhos. Ou talvez tenha sido o refrigerante que ela bebeu em excesso, não importa agora. O fato é que fiquei horas contando histórias e mais histórias e ela nunca dormia. Quando finalmente consegui, passei no quarto do Adam para dar boa noite e ele já estava dormindo há algum tempo.

No dia seguinte acordei com um telefonema preocupado da Helena, conversamos por alguns minutos até ela ter certeza que eu não tinha perdido as crianças, mesmo repetindo mais de uma vez que nem saímos de casa. A Sophia veio me acordar novamente, porém, dessa vez eu já estava esperando por ela. Descemos juntos para a cozinha e tive trabalho para desviar da bagunça e fazer as panquecas. Pedimos comida no almoço e passamos a tarde toda na piscina até o Adam largou seus joguinhos e veio nos fazer companhia. Porém, poucas horas antes da Helena chegar eu andei pela casa com a Sophia adormecida nos braços e percebi que o apartamento não estava em condições de receber nenhuma visita, ainda mais uma jovem repórter

brasileira amiga da Helena que viria para me entrevistar. Minha esposa ficaria decepcionada ao encontrar nosso lar assim, não que ela fosse organizada, mas o apartamento estava uma zona de guerra.

Coloquei Sophia com cuidado na cama dela e fechei a porta do quarto ao sair. Pesquei meu celular no bolso e fiz a ligação que me segurei o final de semana todo para fazer.

— Eu sabia que ligaria pedindo ajuda — informou o Jonas assim que abri a porta para recebê-lo.

— Não banque o engraçadinho que você não teve que ficar sozinho com duas crianças — reclamei lembrando que Amanda e Pandora estavam grávidas e eu era o único com duas crianças para cuidar sem babá.

— Eu não fecharia a porta se fosse você — pediu olhando por trás do meu ombro. Segui seu olhar para ver meus companheiros de banda entrarem um após o outro. Todos rindo da minha situação inusitada.

— Não banquem os engraçadinhos que fui o único a ficar com os filhos sozinho.

— Eu poderia ter ficado com o Noah, mas ele preferiu ir para um acampamento esse final de semana.

— Teria ficado com a Mili sozinho se a minha sogra não insistisse em fazer uma visita — emendou o Jonas.

— Assim não vale eles são praticamente adultos — reclamei me jogando no sofá e bati as costas num brinquedo, no lápis, e outras coisas mais que tive que tirar de lá.

— Pare de reclamar, eu me sai muito bem com meu garoto aqui — disse o Freddy tentando arrumar um espaço no sofá para ele e o pequeno Johnny.

— Você ficou os dois dias sozinho com ele? — questionei já sabendo a respostas.

— Não, a Mia não sairia para um final de semana de garotas se eu ficasse

sozinho com nosso filho, ele nem tem dois anos ainda.

— Então fique quieto e me ajude a arrumar essa bagunça.

— Você nos chamou aqui para limpar a sua bagunça? — indagou Bob zombando da situação. Ele era o mais organizado e podia muito bem ter cuidado do seu bebê se ele já tivesse nascido.

— Parem de reclamar e me ajudem que a jornalista vai chegar em breve — reclamei jogando uma almofada no Bob e outra no Rick, só poupei o Freddy porque ele tinha uma criança no colo e o Jonas já estava trabalhando escondendo a bagunça dos olhos curiosos da Jornalista.

Quando abri a porta para receber Bruna, nem parecia que corri a tarde toda para transformar uma cobertura num lugar decente para receber a garota para a entrevista e ela ficou ainda mais surpresa ao descobrir que não entrevistaria apenas eu e sim todos os integrantes da banda The Dangers. Não costumávamos dar entrevistas assim, ainda mais na nossa casa, mas a Helena insistiu tanto que não consegui recusar.

— Não sabia que teria uma exclusiva com todos vocês, devo agradecer a Helena — comentou Bruna nos olhando admirada. A jovem aspirante a jornalista tinha terminado o curso recentemente e está em busca de uma boa matéria.

— Pode deixar esse agradecimento ao Jack, ele fez questão de nos convidar — explicou o Jonas em tom de ironia.

— Obrigada Jack, será que podemos começar?

— Claro — respondi apontando o sofá que estava sem qualquer vestígio da bagunça de minutos atrás. Sentamo-nos ao redor dela e começamos a contar nossa trajetória. Porém, dessa vez não teve aquele tom impessoal que usamos em outras entrevistas. Estávamos em casa e a vontade, a entrevista fluiu como se fosse uma conversa e quando percebemos ela fazia a última pergunta.

— Como vocês conciliam suas carreiras com a vida em família? — indagou Bruna.

— Eu acho que todos tem o seu jeito, mas no meu caso eu procuro não misturar as duas coisas. Quando estou em turnê, ou em cima de um palco eu estou lá, focado na minha carreira e quando eu volto para casa esqueço a fama, a banda e sou apenas o Jack, marido da Helena e pai do Adam e da Sophia.

— Acho que todos tentamos fazer isso, exceto a música que não sai da nossa cabeça um minuto sequer, o resto conseguimos separar — completou o Jonas.

Alguns minutos depois nos despedimos da Bruna, e logo depois os caras foram embora também. Já no final da noite coloquei meus filhos exaustos na cama e acabei dormindo com a pequena Sophia. Fui surpreendido pelos beijos suaves da Helena assim que ela voltou e seguimos juntos para o nosso quarto.

— Sentiu minha falta? — questionou assim que nos deitamos abraçados na cama.

— Claro que senti, mas foi muito bom passar esse tempo sozinho com as crianças.

— Quer dizer que gostou?

— Claro, por que não gostaria? Meus filhos são ótimos e mal posso esperar para cuidar deles novamente.

— Fico feliz em saber que está animado para cuidar dos seus filhos. Quem sabe não podemos providenciar mais um? — questionou sorrindo.

— Helena, você está grávida? — indaguei com meu corpo pressionado ao dela.

— Ainda não, mas pode ser uma possibilidade.

— Não brinque comigo garota, não sou mais aquele cara.

— Aquele que conheci em Vegas?

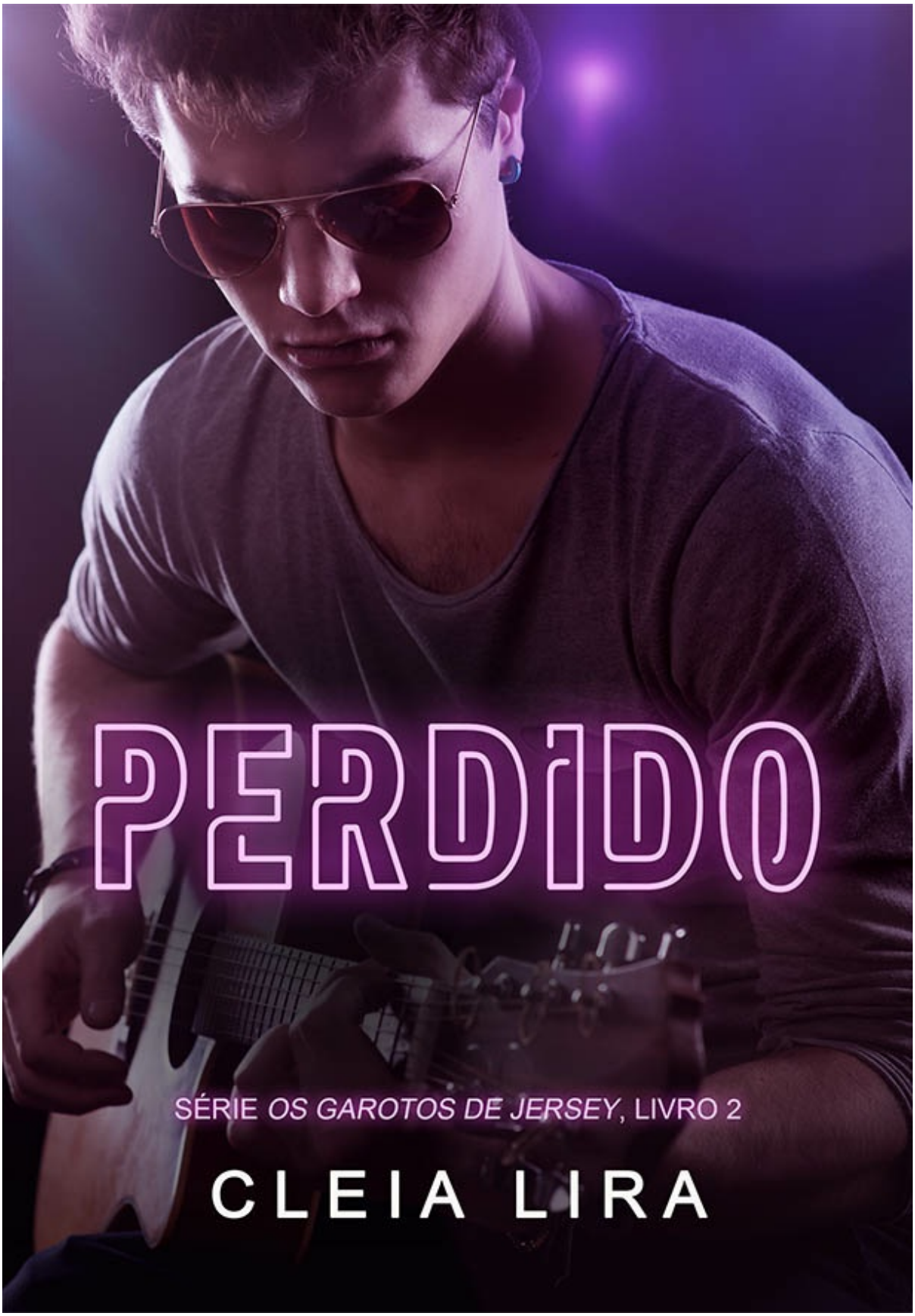
— Sim, aquele mesmo.

— Você não mudou muita coisa Jack — murmurou mordendo o lábio inferior entre os dentes, enquanto descia os olhos com malícia pelo meu corpo.

— E você até que não está de jogar fora — emendei devorando minha esposa com os olhos.

— Confesse que não vive sem mim — sussurrou mordiscando a ponta da minha orelha me deixando louco.

— Eu não vivo sem você — confirmei o que eu já sabia desde aquela noite em Vegas. A Helena sempre vai ser a minha garota.


PERDIDO
SÉRIE OS GAROTOS DE JERSEY, LIVRO 2
CLEIA LIRA

PERDIDO

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, LIVRO 2

CLEIA LIRA

Playlist

Para ouvir a *playlist* de *"Perdido"* no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



Para todos aqueles que enfrentaram
o câncer e conseguiram sorrir...

Prólogo

JONAS

Estou do lado escuro da estrada
Mas eu gostaria que houvesse
algo que você pudesse fazer ou dizer
Que pudesse me fazer mudar de ideia e ficar

Don't think twice, It's all right - Bob Dylan

Madison Square Garden lotado, último show da turnê mundial depois de dois anos nos apresentando para multidões ao redor do mundo. Vários shows e um país diferente por semana, estávamos finalmente em casa para fechar com chave de ouro. O lugar estava lotado, todos esperando o encerramento da turnê *Your dream*, os gritos alucinados dos fãs na pista na frente do palco, os aplausos dos convidados VIP. As luzes foram apagadas, um holofote se concentrou no centro do palco, Freddy bateu suas baquetas: um, dois, três. As luzes iluminaram nosso baterista, que estava com os cabelos soltos. Raras vezes eu o vira assim, mas era um dia para se celebrar, e naquela noite queríamos o melhor, nada menos do que isso.

Bob deslizou seus dedos pelas cordas do baixo, enquanto Rick acompanhou no teclado. E foi nesse momento que eu entrei, coloquei minha Fender para mostrar o porquê de eu estar ali. No entanto, a banda ainda não estava completa, faltava a voz rouca e o timbre perfeito. Jack surgiu no meio do palco, e a nossa história começou.



Para um garoto da pequena Nova Jersey, eu tive sorte, muita sorte. Era filho de pais separados; minha mãe “deu no pé” na primeira oportunidade que teve. Nem lembrava do seu rosto, nem queria lembrar. Meu pai me criara sozinho, e eu tinha um orgulho imenso dele por isso. Durante minha adolescência, sempre fui o mais certinho. Não queria dar trabalho para o meu pai e, de quebra, ainda cuidava do meu primo. Tínhamos a mesma idade, mas eu mantinha a cabeça no lugar, enquanto ele só fazia merda. Uma atrás da outra, depois menos, graças a Helena, garota doce e gentil que meu primo conheceu em Vegas. Uma noite juntos, e eles acordaram casados. Eu brincava que ele, mesmo bêbado, percebeu o tesouro que tinha nas mãos e resolveu segurá-lo.

Acertou sem querer, e depois veio o pequeno Adam. O garoto era o Jack em miniatura, até no humor. Pobre Helena, se um já era difícil, imagina dois. Ainda bem que ela tirava de letra e, para ajudar, tinha a pequena Sophia, carinhosa e gentil feito a mãe. Ainda era um bebê, mas eu achava que ela ia, enfim, colocar um pouco de juízo na cabeça do meu primo.

Éramos uma banda de rock de garagem, começamos a tocar para nos distrair. Sempre gostei de música, ficava horas ouvindo os rocks antigos, tocando guitarra e aprendendo novos acordes, até Jack aparecer com a proposta de formarmos uma banda. Entretanto, com apenas dois integrantes, era impossível, precisávamos de mais, talvez quatro integrantes fosse um bom número. Resolvemos procurar, colocamos anúncios, mas ninguém apareceu. Jack já estava desistindo quando Bob surgiu. O cara era bom, o corpo todo tatuado, cabelo estilo moicano, era o integrante perfeito para The Dangers. Assim que tocamos juntos, o som ficou melhor. Ele foi criado apenas pela avó e parecia ser problema na certa, mas não era. O Bob era o cara mais calmo que eu conhecia, quase nunca perdia a paciência e estava sempre na dele.

O próximo integrante foi o Rick. No começo, ninguém o queria na banda; para que um tecladista numa banda de rock? Desnecessário, não? Porém, ele se mostrou imprescindível, trouxe harmonia para o nosso som e era o cara mais inteligente que eu conhecia. Ele era o responsável por fechar nossos

contratos, nada passava despercebido pelos seus olhos atentos.

O que é uma banda de rock sem bateria? Nada, e foi assim que ficamos por dois meses, uma banda de rock sem baterista. Faltava o coração da The Dangers, algo que fizesse o nosso som pulsar nas veias dos amantes do rock. Todavia, ninguém parecia querer ocupar esse lugar. Tentamos de tudo e quase desistimos da banda, até que, num dos nossos ensaios, o Freddy apareceu dizendo que tocava bateria. Contudo, com aquela aparência de filhinho de papai, ninguém acreditava. Ele era o único da banda que viera de uma família tradicional, mãe, pai e duas irmãs, lindas, por sinal. Porém, éramos proibidos de tocá-las.

Ele tirou a bateria de uma Kombi velha e mandou ver nos pratos. Fiquei mudo, todos ficamos. Depois desse dia, nós nos tornamos uma banda de rock e, alguns anos depois, mundialmente famosa.

Havíamos chegado ao Madison algumas horas antes de o show começar. Viéramos juntos na mesma van, vidros pretos, o mesmo de sempre e entramos por uma porta lateral, tudo para nos esconder dos *paparazzi* que ficavam à espreita procurando a oportunidade para tirar uma foto. Alguns segundos podiam aumentar suas contas bancárias em muitos dígitos e ainda os levar para o hall da fama dos fotógrafos.

— Nem acredito que esse é nosso último show da turnê. Não vejo a hora de ficar em casa e curtir meus filhos e minha esposa linda — comentou Jack ao descer do veículo.

— Será que você ainda tem família, Jack? Se eu fosse a Helena, já teria te trocado faz tempo — Rick replicou.

— Se você repetir uma asneira dessas outra vez, eu soco a sua cara — resmungou Jack irritado.

— Estou brincando, cara — afirmou Rick, erguendo as mãos para pedir desculpas.

— Não se brinca com um cara que está longe da família durante tanto tempo assim — completou Jack ao entrar pelo corredor estreito que levava

para o seu camarim.

— Não está mais aqui quem falou — disse Rick arrependido. Ninguém queria irritar o Jack horas antes do show, era dar um tiro no pé. Meu primo era um merda sem estar irritado, então, quando chegava a ficar puto, era um verdadeiro pé no saco. E, naquela altura da turnê, todos estavam cansados daquela merda toda.

— Por favor, me deixe passar, preciso ver a Mia — pediu Freddy apressado.

— Você não cansa de enrolar minha prima? — perguntei chateado. Freddy namorava, ou melhor, era noivo da Mia havia alguns anos. Sempre que anunciavam o casamento, ele acabava desistindo, e ela tinha que marcar uma nova data. Eu não sabia por que ela ainda não se cansara dele.

— Isso não é da sua conta — resmungou passando por mim.

Bob havia sido o único que seguira até o seu camarim sem reclamar, ainda bem. Não éramos sempre estressados assim, mas era uma noite importante, depois daquele show teríamos um momento para fazer outra coisa a não ser nos dedicar a nossa banda. Além disso, aquele era o último show depois de uma longa turnê. Dois anos juntos era muita coisa para um grupo de amigos e muitos hormônios para serem controlados. Na maioria das vezes, eu fazia as interferências, mas naquela noite não conseguiria, tinha meus próprios problemas para cuidar. Olhando para nossos pavios curtos, nem parecia que, dois anos antes, no começo da turnê, eram só elogios e sorrisos, brincadeiras bobas; no momento atual, só queríamos um tempo sozinhos.

Estávamos em casa. Nova York era nossa casa desde que a banda virara uma febre mundial e nossos bolsos se encheram de dinheiro. Por isso, nada de apenas um camarim para todos, tinha sido reservado um espaço para cada integrante da banda, e nossos nomes estavam escritos em sua respectiva porta.

Jack fora o primeiro a entrar no seu espaço, e, pelo grito de alegria que ele soltara assim que fechara a porta atrás de si, a Helena e as crianças estavam lá

também. O meu era o último. Cumprimentei meu pai antes de chegar lá, nós havíamos nos esbarrado no corredor. Peter MacMillian era o empresário da banda, assumira essa função depois que nosso outro empresário nos roubara. Ele assumira o cargo temporariamente, mas fora tão eficiente que se tornara indispensável.

— Cansado? — perguntei ao observar seus olhos se fechando.

— Um pouco, mas ainda temos esse show. Depois disso, vou para as montanhas. Quem sabe o Canadá, nada de multidões por um bom tempo.

— Você merece, descanse — disse ao passar por ele.

Assim que abri a porta do meu camarim, tive uma surpresa. Gabi estava me esperando. Não pensei que ela estaria ali, mas sorri satisfeito com a sua presença. A garota loira estava sentada no sofá com os olhos castanhos ansiosos para me dizer algo.

— Estava morrendo de saudades de você — disse correndo para me abraçar.

— Também estou feliz em te ver — respondi correspondendo ao abraço. Não esperava encontrá-la ali; isso deixava mais difícil o que eu tinha que fazer. Já havia decidido mandar uma mensagem, mas teria que ser pessoalmente. Tínhamos um caso mal resolvido, alguns anos entre idas e vindas. Eu não sabia explicar o que sentia por ela, mas também não podia prolongar algo que não estava funcionando. No começo, tudo era novidade, e eu ficara cada vez mais louco por ela. Porém, aos poucos fui percebendo que ela era mulher demais para mim e minha vida desregrada. Gabi tinha uma vida no Brasil, e eu não pretendia arrastá-la comigo sem saber exatamente o que sentíamos um pelo outro.

— Eu mais ainda, você gostou da surpresa? — perguntou sorrindo.

— Sim, eu adorei — falei a verdade. — Estou feliz que eu possa conversar pessoalmente com você; mensagem é muito impessoal.

— Eu também acho — comentou me puxando para sentar no sofá ao seu lado.

— Antes que me chamem para começar o show, preciso te dizer uma coisa — disse segurando na mão dela e beijando a sua testa.

— O que é? — questionou preocupada.

— Vou dar um tempo depois da turnê, preciso ficar sozinho, colocar meus pensamentos em ordem. Pretendo ficar sem qualquer contato com a banda nem com você — falei sem parar para respirar.

— Você está terminando comigo? — perguntou num tom de quem parecia não acreditar nas minhas palavras.

— Só quero dizer que preciso de espaço e não vou pedir que você me espere. Posso voltar daqui a um mês ou somente na próxima turnê e não quero que fique me aguardando. A partir de hoje, quero que continue com sua vida e, quando eu voltar, se ainda existir uma relação para salvar, pode ter certeza de que serei o primeiro a tentar.

— Eu entendo que queira ficar sozinho por um tempo, mas sem qualquer contato comigo é estranho — disse chateada. Porém, seus olhos estavam secos, nenhum sinal de lágrimas. Provavelmente ela era mais forte do que eu pensava.

— Sei disso, mas preciso desse momento afastado de tudo para cuidar da minha vida — falei com sinceridade.

— Eu vou sentir saudades, não pensei que terminaríamos assim — comentou de cabeça baixa.

— Ainda não sei se o que sinto por você é para sempre e, até ter certeza disso, não quero ficar te prendendo — disse erguendo seu queixo para que eu pudesse observar seus olhos.

— Sempre pensando nas pessoas antes de você. Não concordo com sua decisão, mas vou respeitá-la e, se precisar de uma amiga/namorada, estarei aqui — sussurrou no meu ouvido ao se despedir com um forte abraço e saiu do camarim sem olhar para trás.

Eu não sabia se tinha feito a coisa certa, meu coração estava sangrando, mas eu não podia arrastar a doce Gabi para a montanha-russa que em breve se tornaria minha vida.



Naquela altura do show, restando duas músicas para o fim, eu já estava sem camisa, gotas de suor escorriam pelo meu corpo, meus dedos estavam dormentes de tanto tocar. Eu nunca tocara com tanta intensidade assim, talvez porque podia ser a última vez em que eu subia num palco. Por isso, dei tudo que eu tinha, foi meu melhor show e eu não me arrependia nem um pouco disso.

A despedida

JONAS

Bem, não adianta sentar e se perguntar por quê, querida
Se você não sabe até agora
E não adianta sentar e se perguntar por quê, querida
De qualquer jeito, não dará em nada

Don't think twice, It's all right - Bob Dylan

Acabou, enfim estou livre para cuidar da minha vida como bem entender, pensei quando as luzes do palco se apagaram.

Eu não sabia por que tomara aquela decisão, não era egoísta, nem queria correr dos meus amigos. Eu os amava, a todos sem exceção, mas não podia compartilhar aquele fardo com eles. Aquele momento era só meu, e eu faria o possível para passá-lo sozinho. Nem meu pai sabia a verdadeira razão para o meu exílio. Ele imaginava que eu queria ficar sozinho por um tempo, nada mais do que isso.

Os camarins e os corredores estavam lotados. Jack foi o primeiro a sair; se fosse por ele, já estaria na sua casa, mas Helena fizera questão de esperar. Ela e as crianças abraçaram todos os integrantes da banda e os músicos que foram contratados para a turnê.

— Obrigada por ter cuidado dele durante esse tempo — comentou Helena ao me abraçar.

— Não fiz nada, ele está bem melhor depois que te conheceu. Não é nem a sombra do Jack que conheço desde criança — respondi satisfeito, pois meu primo estaria em boas mãos se algo acontecesse comigo.

— Sei disso, ele mudou muito. Principalmente depois das crianças. Ainda temos algumas brigas, a maioria por ciúmes, é difícil pra mim. Ser casada com o vocalista da banda The Dangers não é fácil, e o Jack não facilita em

nada minha vida — comentou, sorrindo feliz.

— Não se preocupe, ele é louco por você e ninguém pode mudar isso. A chegada das crianças e o casamento do Jack mudaram o estilo da banda. Não deixamos mais os nossos hormônios dominarem nossas cabeças. As festas só com bebidas e mulheres depois dos shows acabaram. Participamos de eventos com patrocinadores, pessoas famosas, empresários, mas não é nada parecido com aquelas orgias de antes.

— Ainda bem, não sei o que seria do meu casamento se elas continuassem — respondeu aliviada.

— Vamos, Helena, estamos atrasados — pediu Jack, arrastando a esposa para longe de mim. — Estou aqui, cara. Se precisar de qualquer coisa, você sabe onde me encontrar — falou ao me abraçar.

— Sei disso, e fique tranquilo. Vai cuidar da sua família, que eu já sou grandinho e sei me cuidar. Além disso, é só uma viagem para o Havaí e nada mais — sussurrei ao seu ouvido para deixá-lo mais tranquilo. Eu não conseguia entender o porquê daquela preocupação. Minto; na verdade, eu sabia, mas ele não deveria estar tão preocupado comigo.

— Entendo, porém, preferia ver você viajando comigo para o Brasil ou para a Europa com os caras; até ficar aqui tentando convencer o idiota do Freddy a marcar a data do casamento com a Mia, eu aceitaria. Mas fugir assim da gente é estranho.

— Não dessa vez, eu preciso de um tempo longe da banda, *paparazzi*, fama e todo esse pacote que vem com ela.

— É sua escolha e sempre será, mas saiba que sua família está aqui. Agora eu preciso ir, estou louco para brincar com os meus filhos — disse ao me puxar para um outro abraço.

— Até mais, Jonas, e boa viagem! Se cuida! Nós te amamos! — gritou Helena antes de desaparecer pelo corredor com a sua família.

— Vamos sair para comemorar em uma badalada discoteca no Soho, você quer ir? — perguntou Bob aparecendo do nada à minha frente; na certa,

estava ali o tempo todo e eu nem percebera.

— Não, já reservei o voo, saio daqui algumas horas.

— Aonde você vai mesmo? — perguntou interessado.

— Havaí — respondi, dando de ombros como se não fosse tão importante aquela viagem.

— Que legal, cara, aproveita, então. Você merece. Eu vou ficar por aqui, curtir um pouco a Big Apple, depois vou fazer um tour pela Europa. Que ironia, voltar para a Europa, mas agora é diferente. Sem qualquer cobrança, horários ou lugar específico para ficar, apenas aproveitar o momento.

— Até mais, nos vemos por aí — despedi-me batendo forte na sua mão, e depois trocamos um abraço. Fiquei tão emocionado com esse gesto dele que quase contei a verdade, mas não era o momento; eu precisava enfrentar aquilo sozinho.

— Vou com o Bob para a boate e, depois, para a Europa — comentou Rick, aparecendo logo depois.

— Que legal, cara, quem sabe eu não acompanhe vocês nessa viagem? — disse só para mudar de assunto. Eu tinha certeza de que não íamos nos encontrar antes das gravações para o novo CD, o que podia demorar até um ano. Dependia do quanto o Jack estaria inspirado para compor novas canções. Isso *se* eu voltasse a me encontrar com eles um dia.

— Vou esperar você se juntar a nós, mas pensei que iria para o Brasil com o Jack — declarou surpreso.

— Não, terminei com a Gabi. Nem sei o que tínhamos, mas acabou.

— Sinto muito — disse com sinceridade.

— Tudo bem, ficamos um tempo juntos, mas não acho que seja a hora de me amarrar, e a Gabi também não quer isso. O melhor foi terminar e deixá-la livre.

— E você está livre também? — perguntou Bob, voltando à conversa. Eu

tinha achado que ele não estava prestando atenção, mas nada passava despercebido àqueles ouvidos atentos.

— Não tenho cabeça para as complicações de ter uma mulher na minha vida neste momento. Eu quero focar em mim agora.

— Se é o que você diz — comentou desconfiado.

— Estamos indo; se precisar da gente, é só ligar. Estaremos apenas a uma tecla de distância — completou Rick.

— Sei disso; se precisar, eu ligo.

Eles nunca haviam tido a necessidade de deixar claro que eu podia contar com eles. Talvez conseguissem sentir, pois convivíamos havia um longo tempo e nos conhecíamos melhor a cada dia. Deviam ter percebido que eu estava diferente e precisava da ajuda deles mais do que nunca. Todavia, eu nunca pediria isso.

Nós nos despedimos, e eles saíram. Com certeza só voltariam quando o dia amanhecesse. Foram disfarçados e ainda levaram dois seguranças. Eu já fizera isso muitas vezes e fiquei com saudades de compartilhar aquele momento com meus amigos. No entanto, não podia, pelo menos até resolver aquele problema.

— Vai embora sem se despedir de mim? — indagou Freddy quando nos esbarramos ainda no corredor.

— Não, eu estava te procurando.

— Que bom, iria odiar saber que meu melhor amigo está correndo de mim — disse com ironia, pois eu sabia que todos na banda se consideravam melhores amigos, talvez até mais do que isso, irmãos.

— Pare de fazer drama, que não combina nem um pouco com você — resmunguei.

— Tudo bem, não vou mais reclamar. Mas quero deixar bem claro que não estou contente com essa sua viagem sozinho. Parece, veja bem, *só parece*

que você está escondendo algo da gente.

— Não estou escondendo nada, pode ter certeza disso — menti desviando meus olhos dos dele.

— Ainda não consigo acreditar, mas, se você diz... — anunciou desconfiado.

— Sim, é a verdade. Agora eu preciso ir, nos falamos depois — despedi-me dele, trocando aquele abraço de amigos que não pretendem ser ver por um longo tempo, e parti.

Encontrei meu pai no carro; ele era o único que sabia meu real destino. No entanto, não fazia ideia do que eu iria fazer no Texas. E eu pretendia deixar o motivo bem oculto o máximo que eu conseguisse. Nada de preocupação nos seus olhos, esse era o principal motivo para eu esconder a verdade de todos.

— O jatinho já está te esperando no aeroporto de Newark — comentou olhando algo no celular enquanto eu entrava no carro.

— Desculpe o atraso, eu queria me despedir dos caras, mas ainda faltou a Mia — resmunguei arrumando o boné para completar o meu disfarce.

— Ela está com a Giovanna resolvendo alguns detalhes da banda. Você pode ligar para ela amanhã.

— Sim, vou ligar. Será que agora o casamento sai? — questionei para desviar o assunto.

— Não sei, o Freddy está cozinhando esse casamento em banho-maria. Não sei até quando ela vai aguentar — respondeu sem desviar os olhos do celular. O que seria tão interessante para ele nem conseguir olhar para mim, seu filho?

— É uma pena que o Freddy ainda esteja tão relutante em aceitar esse casamento, eles são perfeitos juntos, e todos sabem que se amam de verdade.

— Sei disso, filho, mas nem sempre o amor é suficiente para sustentar

uma relação. Você é muito novo para saber disso — explicou desviando os olhos do celular pela primeira vez, mas não olhou para mim enquanto falava. Seus olhos estavam fixos em alguma parte do carro, e seus pensamentos, a quilômetros dali. Provavelmente estava pensando na minha mãe; mesmo depois de todo aquele tempo desde que ela nos abandonara, ele ainda era apaixonado por ela.

Meu pai, apesar de ter 52 anos, ainda estava em boa forma. Tínhamos os mesmos olhos azuis. Porém, seus cabelos já estavam ficando grisalhos, mas as *groupies* que o encontravam nos bastidores dos shows achavam um charme. Se ele não fosse tão certinho, teria pegado muitas delas e até poderia ter se casado novamente, mas ele nunca quisera. Tiveram algumas mulheres que passaram tão rápido pela sua vida que eu nem tivera o prazer de conhecê-las.

— Espero que, no caso deles, possa ser suficiente — resmunguei ao descer do carro assim que o motorista estacionou em frente ao aeroporto.

— Eu também espero; sua prima já sofreu bastante — disse, acompanhando-me até a área VIP.

Assim que entramos, fiquei surpreso por encontrar o lugar vazio. Era madrugada, e nem sinal de qualquer *paparazzo* ou repórter esperando por mim.

— Eu cuidei de tudo, pode ficar tranquilo, ninguém vai te procurar no Texas, todos acham que você vai para o Havaí. Entretanto, eu ficaria mais tranquilo se um segurança pudesse te acompanhar — explicou ao perceber que eu observava o lugar.

— Não posso passar despercebido com um segurança atrás de mim — comentei chateado.

— Certo, já conversamos sobre isso e não deu em nada. Mas saiba que a proposta está de pé; se precisar de ajuda, é só ligar. Além disso, não se esqueça do nosso acordo se eles descobrirem onde você está. Vou mandar dois seguranças para cuidar de você — informou, preocupado.

— Vou ficar bem, pai — afirmei abraçando a pessoa que mais amava neste mundo. Meus olhos ficaram molhados e quase desisti de tudo. Contudo, eu não podia.

Entrei no avião, e logo depois a aeromoça fechou a porta. Enquanto eu me acomodava na poltrona espaçosa, enviei uma mensagem:

Estou a caminho, espero que esteja tudo pronto.

Sozinho em Houston

JONAS

Quantos anos uma montanha pode existir
Antes que ela seja dissolvida pelo mar?
Sim, e quantos anos algumas pessoas podem existir
Até que sejam permitidas ser livres?

Blowin' in the wind - Bob Dylan

Cheguei ao aeroporto George Bush alguns minutos antes do horário marcado. Assim que desci do avião e peguei minhas malas, um carro já me aguardava na pista de pouso para me levar direto para o MD Anderson. Apesar de ainda estar escuro, coloquei meus óculos e o boné; não queria facilitar a vida dos fotógrafos de plantão. O trajeto foi tranquilo e rápido, pegamos a via I-69, e, minutos depois, eu já estava chegando ao meu destino. Durante o percurso, não troquei nenhuma palavra com o motorista; estava muito nervoso para ser simpático com estranhos e, diante do problema que eu precisava enfrentar, acho que ninguém me culparia por isso.

Digitei uma mensagem para a doutora Carter assim que estacionamos em frente ao hospital:

Estou na recepção, espero vc.

Ela respondeu na mesma hora:

Estou a caminho.

Eu poderia ter ido para o apartamento que alugara ali perto, mas resolvi conversar com minha amiga primeiro; a ansiedade era maior do que qualquer outra coisa. Minha bagagem foi na minha frente. Depois eu conheceria o lugar onde passaria os próximos meses.

— Fico feliz que você tenha conseguido vir — disse Laura assim que nos encontramos na recepção. Eu conhecia a doutora Carter desde criança, crescêramos juntos, e eu era o melhor amigo do irmão dela, Luke. Fizéramos o ensino fundamental e o médio juntos, por isso eu passara minha infância toda na casa deles.

Em razão disso, quando precisei de ajuda, sabia exatamente a quem pedir. Ela estava do mesmo jeito de que eu me lembrava, cabelos brilhantes e ruivos, os mesmos olhos verdes do irmão e um corpo de causar inveja às mulheres da sua idade; não lembrava quantos anos ela tinha. No entanto, podia apostar que não chegava aos 35.

— Estou aqui, agora faça o seu trabalho — respondi aflito depois de observá-la por alguns minutos.

— Podemos ir para o meu consultório e conversar sobre as etapas do tratamento — pediu, encaminhando-me para um corredor com muitas portas. Entramos na terceira, e fiquei admirado com a organização da sua sala. Tudo estava no seu devido lugar, as paredes brancas davam o toque hospitalar, mas o restante era bem alegre, com poltronas coloridas para acomodar os pacientes, uma mesa estrategicamente colocada no canto e vários diplomas nas paredes.

— Vejo que ficou ocupada durante esse tempo em que ficamos afastados — comentei ao me sentar na poltrona a sua frente.

— Está falando dos diplomas? — questionou olhando na mesma direção em que eu olhava segundos antes de me sentar.

— Sim. Eu sempre soube que você era inteligente — respondi voltando a olhar para os diplomas.

— Não acho que sou inteligente, só descobri no que sou boa muito cedo.

E você também não tem do que reclamar, sua banda é um sucesso mundial.

— Pode ser um sucesso, mas não chega aos pés do que você faz aqui — retruquei com sinceridade.

— Opiniões diferentes, aposto que suas fãs não desprezam o seu talento dessa maneira — disse de forma irônica.

— Podemos mudar de assunto? — pedi impaciente; a última coisa de que eu precisava era discutir o meu talento. — Como vai o Luke?

— Na medida do possível, bem. Meus pais ainda estão furiosos com ele por ter se alistado no exército e ainda servir no Afeganistão.

— Você tem falado com ele?

— Sim, duas vezes por mês. Ele liga para mim. Os horários são loucos, mas consigo saber como ele está, pelo menos. Um ano é muito tempo para ficar longe de casa — explicou folheando alguns papeis na sua mesa.

— Ele sabe que estou aqui? — inquiri preocupado.

— Não, apesar de eu achar que não faria diferença nenhuma ele saber que você está internado — disse com sinceridade.

— Também não acho que seja um problema, mas não quero preocupá-lo. Ele deve estar bastante ocupado se desviando das bombas para se preocupar com um amigo.

— Tudo bem, acho que concordamos em um ponto. Agora vamos ao que te trouxe até aqui. Recebi os seus exames e tive uma pequena reunião com a minha equipe ontem. E somos unânimes no diagnóstico, embora ainda precisemos de novos exames complementares. Porém, posso afirmar com certeza que você tem um linfoma raro nos linfócitos NK.

— Pode simplificar isso?

— É um tipo raro de leucemia, provavelmente induzido por um vírus. É mais comum em adolescentes e adultos. Ele causa um declínio muito rápido, por isso exigi sua internação imediata para começar a quimioterapia.

— O médico que me atendeu em Paris disse mais ou menos isso quando tive os primeiros sintomas — admiti nervoso, bagunçando meus cabelos com as mãos.

— Quanto tempo faz isso? — indagou preocupada.

— Menos de um mês — respondi sem dar tanta importância a essa pequena informação.

— Você sabe que deveria ter largado tudo e corrido para cá imediatamente — explicou anotando algo.

— Por favor, sem drama, eu estou aqui agora e é isso que importa — respondi seco.

— Entendo, se é assim que você encara, vou explicar os nossos procedimentos a partir de agora.

— Estou ouvindo — disse inquieto na poltrona.

— Sua internação está pronta, basta assinar. Vou atender seu pedido de anonimato, e ninguém saberá que você está aqui no hospital conosco — explicou deslizando uma pilha de papeis na minha direção.

— Edward Cullen é um nome bem diferente — resmunguei ao ler o nome do paciente no contrato.

— Por favor, não me critique, adoro esse nome. Apesar de não ser uma adolescente, me apaixonei pelos livros. Os filmes não foram tão bons, mas ainda assim assisti a todos. Quando você me pediu sigilo, tive a ideia de mudar o seu nome. Será um disfarce perfeito, nunca irão te procurar com esse nome.

— Não mesmo, mas serei motivo de piadas dos outros integrantes da banda se conseguir sair vivo dessa — rebati sorrindo ao assinar a última página.

— Por favor, não brinque com coisa séria. Você está no melhor hospital do mundo, e sou uma das especialistas nesse tipo de câncer, além de sua

amiga de infância. Se eu achasse que não poderia te ajudar, você não estaria aqui.

— Sei disso e tenho total confiança em você — não hesitei em tranquilizá-la, afinal, estávamos juntos naquele barco e eu precisava demonstrar que confiava nela.

— Fico feliz que confie em mim, não esperava menos de um amigo. Você será internado imediatamente, seu quarto é no final do corredor, o melhor que consegui reservar. Será monitorado 24 horas por dia, e vamos começar seu tratamento imediatamente com exames de sangue e uma ressonância magnética para verificar se a doença atingiu o sistema nervoso.

— Estou à sua disposição — comuniquei me levantando da cadeira.

— Não esperava menos de você, mas ainda não concordo com esse sigilo total, até mesmo dos seus amigos mais próximos e da família. Essa é uma etapa difícil e, quanto mais apoio você tiver, mais forte vai ficar para enfrentá-la.

— Sei o que quer dizer, mas não concordo. Amo meus amigos e meu pai, mas não quero arrastá-los comigo para o enfrentamento dessa doença. Além disso, ter todos os integrantes da The Dangers aqui só traria mais confusão para a minha vida. No momento, quero sossego e poder fazer o meu tratamento sem câmeras e flashes a cada passo que eu der. Entre o apoio dos familiares e o sossego para conseguir realizar esse tratamento, eu escolhi o sossego.

Ela não falou nada depois dessa explicação, mas pude notar que eu ainda não a convencera sobre o meu isolamento. Enquanto caminhávamos juntos até o quarto, percebi um pouco de tensão da sua parte. Entretanto, desapareceu assim que entramos no cômodo. O lugar parecia um quarto de hotel, exceto por alguns detalhes que facilmente poderiam passar despercebidos por olhares menos atentos: a cama hospitalar e os tubos de oxigênio instalados na parede.

Olhei pelas grandes janelas e vi uma pequena cascata de água cristalina lá fora, em frente ao hospital. Sorri satisfeito, pois aquela seria a paisagem que

eu veria durante um longo tempo a partir daquele dia. Laura não me dera prazo quando eu aceitara a internação, por isso eu não fazia ideia do tempo que teria de ficar ali.

— Esse quarto tem tudo o que você precisa. Nos armários, tem uma bata que você vai usar enquanto estiver aqui; para não se sentir desconfortável, tem uma calça que você pode usar também. Guarde sua roupa aqui — comunicou apontando para um armário em frente à cama. — Trouxe alguns itens de higiene, já que não sabia se você tinha providenciado, e está tudo aqui nessa bolsa.

— Obrigado por tudo — agradeci ao abraçá-la.

— Você sabe que fiz com todo prazer — respondeu me apertando forte. Quando enfim nos desgrudamos, ela estava com os olhos marejados.

— Vai ficar tudo bem. Por favor, não chore — pedi, voltando a abraçá-la.

— Eu que deveria estar te consolando, e não o contrário. Não sei de onde vem tanta força, mas a guarde, pois você irá precisar dela no futuro — replicou secando as lágrimas.

— Fique tranquila, porque vou lutar com tudo que tenho — afirmei assim que ela pegou na maçaneta da porta para abri-la e deixar o quarto.

Até aquele instante, eu não conseguira acreditar de fato na minha doença e no quanto eu tinha uma longa jornada pela frente. Quando a descobrira, quase um mês antes, depois de um desmaio, não me permitira chorar. Não derramara uma lágrima sequer. No entanto, sozinho naquele quarto de hospital, minutos antes de fazer uma ressonância magnética, eu chorei. Encostei-me à parede, coloquei minha cabeça entre as pernas e chorei feito um bebê, sozinho. Cada lágrima que derramei era como um pequeno punhal no meu corpo. No final, eu estava exausto e sem forças para me levantar daquela posição e ainda encarar a batalha que tinha pela frente.

Passeando pelo limbo

JONAS

Quantas vezes um homem precisará olhar para cima
Até que ele possa ver o céu?
Sim, e quantas mortes ele causará até saber
Que pessoas demais morreram?

Blowin' in the wind - Bob Dylan

Nunca tinha ficado internado antes, não que eu me lembrasse. Devia ser por isso que eu estava rodando aquele quarto de um canto a outro sem saber o que fazer. Era difícil me deitar ou sentar em algum lugar sabendo que havia uma coisa dentro de mim que podia me matar a qualquer momento. Parecia que eu tinha engolido uma bomba-relógio que podia explodir e me levar junto com ela.

— Bom dia! Você é Edward Cullen? — perguntou uma enfermeira loira ao entrar no meu quarto.

— Quem? — indaguei surpreso.

— Cullen. Você é Edward Cullen? — repetiu a questão ao checar os papeis nas suas mãos.

— Ah! — resmunguei ao lembrar o nome idiota com que a Laura me registrara no hospital. — Sim, sou eu.

— Eu vim retirar o sangue para os exames e logo depois te levar para a ressonância — explicou organizando algumas ampolas vazias na mesinha ao lado.

— Tudo bem, o que devo fazer primeiro?

— Sente-se aqui e estique o braço — pediu apontando para a cama.

Caminhei devagar e me sentei na cama em frente a ela. Estiquei meu braço direito num apoio, e logo depois ela preparou minha veia para coletar o sangue. Ainda bem que ela parecia ter prática naquilo, pois, instantes depois, já tinha a quantidade certa de ampolas para realizar os exames.

— Agora você precisa vestir as roupas do hospital — informou ao abrir o armário e tirar as roupas que a Laura solicitara que eu usasse antes de sair do quarto.

Não esperei que ela falasse outra vez. Puxei minha camiseta e a calça jeans e, antes mesmo que ela percebesse, eu já estava de cueca, deslizando a calça frouxa pelas minhas pernas.

— Você podia ter esperado eu sair do quarto para te dar um pouco de privacidade... — comentou surpresa, encarando-me enquanto eu puxava o cordão da calça para a ajustar na minha cintura.

— Não sou tímido, e aposto que você já viu muitos homens nus antes, afinal, faz parte do seu trabalho — falei sem dar importância a minha quase nudez minutos antes.

— Você está certo, mas nenhum deles tinha o seu corpo — respondeu ainda observando o meu peito nu.

— Acho melhor eu colocar a bata, não queremos te deixar confusa minutos antes de me levar para fazer um exame — respondi abrindo um sorriso que costumava usar para as minhas fãs.

— É melhor não arriscar, não queremos te levar para o lugar errado. — Correspondeu ao sorriso.

Terminei, enfim, de colocar a bata e calçar sandálias de borracha.

— Então vamos.

— Por favor, me acompanhe — indicou ao se virar para abrir a porta.

Assim que saímos, eu a segui por corredores que não pareciam ter fim.

— Falta muito? Já estou ficando tonto de tanto caminhar por esses

corredores.

— Se acalme, estamos quase lá — respondeu observando meu rosto com cuidado. Senti um frio estranho na barriga; se eu fosse descoberto, em questão de horas o hospital já estaria cercado de repórteres e *paparazzi*.

— Qual é mesmo o seu nome? — indaguei tentando fazê-la parar de me encarar.

— Julia — disse no mesmo instante e, para meu alívio, voltou a olhar para frente.

— Há quanto tempo você trabalha aqui, Julia? — questionei curioso.

— Dois anos.

— É bastante tempo?

— Nem tanto, minhas amigas estão aqui há mais tempo do que eu.

— Você gosta do seu trab... — tentei indagar, mas ela me interrompeu antes que eu terminasse.

— Chegamos — falou apontando para uma porta larga. — A partir de agora, os funcionários do setor irão realizar o seu exame. Vou aguardar aqui e te levar de volta para o seu quarto quando acabar.

— Obrigado.

Empurrei a porta para entrar na sala, e uma outra enfermeira pediu que eu me deitasse no aparelho de ressonância. Fiquei imóvel enquanto ela injetava um líquido no cateter em meu braço.

Logo depois o aparelho se mexeu, e eu entrei num cubículo exatamente do tamanho do meu corpo, permanecendo lá por longos minutos. Ainda bem que eu não tinha pavor de lugares pequenos e fechados; se tivesse, estaria surtando enquanto a máquina fazia barulhos estranhos ao examinar cada partícula do meu corpo.

Só consegui sair dali quando o médico ficou satisfeito com as imagens

que conseguiu. Para ele, podiam ter sido apenas alguns minutos, mas, no meu caso, aquele exame foi um verdadeiro martírio. Fiquei tão desconfortável depois dele que voltei para o meu quarto sem trocar uma palavra com a enfermeira toda simpática que me acompanhava. Tinha voltado a ficar preocupado.

Quando, enfim, cheguei ao quarto, sentei-me numa das poltronas de frente para a janela e fiquei ali por horas observando a cascata e as pessoas que entravam e saíam do hospital.

— Olá! Eu posso atrapalhar sua concentração? — perguntou Laura entrando de repente no meu quarto.

— Claro que pode, eu estava apenas observando lá fora — expliquei me virando para observá-la melhor.

— A cascata é linda, não é mesmo?

— Sim, é muito bonita — disse desviando meus olhos dela por um instante.

— Bom, eu já tenho os resultados dos seus exames. A partir de hoje, vamos monitorar seu progresso dia a dia. Meu diagnóstico inicial foi confirmado, e já mandei providenciar sua primeira sessão de quimioterapia. Os remédios que vamos usar precisam ser manipulados e feitos exclusivamente para você, por isso pode levar algumas horas. Seu tratamento será intensivo. Chegamos ao acordo de que você precisa fazer 12 sessões de quimioterapia e 20 de radioterapia. Para isso, terá que ficar internado no hospital por pelo menos um mês.

— Não tenho qualquer opção de escolha? — questionei cabisbaixo.

— Não, não tem — disse a verdade. Porém, eu agradeceria se ela pudesse contar uma mentira para me fazer sentir melhor. Nada como a falta de opção para deixar alguém sem chão.

— Já que vou ficar aqui tanto tempo, eu preciso de algumas coisas que foram para o meu apartamento — informei pensativo, voltando a olhar pela janela.

— Se quiser, eu posso ir buscar depois que deixar o hospital e trazer amanhã para você.

— Você faria isso por mim?

— Claro que sim. Saiba que pode contar comigo para tudo a partir de agora.

— Obrigado. Nem sei como agradecer por tudo que está fazendo por mim nesse momento.

— E nem precisa, Luke e eu somos a sua família também. Vai me dizer que você esqueceu isso?

— Não esqueci, é que passou tanto tempo que achei que não éramos mais tão íntimos.

— Pois está enganado, a amizade continua a mesma. Agora pare de choramingar e anote aqui tudo o que precisa que eu traga — pediu jogando um bloquinho de papel e uma caneta no meu colo.

Anotei o mais rápido que eu conseguia alguns itens pessoais, meu violão, canetas e vários blocos de papel. Se eu teria que permanecer ali, poderia tentar compor alguma música. Nunca conseguira fazer aquilo sozinho antes, mas sempre havia uma primeira vez, e ficar trancado num hospital por tanto tempo podia mudar a cabeça de um homem.

— Violão? — questionou arqueando as sobrancelhas.

— Vou ficar preso aqui por um mês, preciso de alguma coisa para me distrair, senão vou ficar louco.

— Você não acha que, se ficar com um violão a tiracolo, as pessoas irão te reconhecer?

— Talvez, mas essa é a única maneira que eu encontrei para passar o meu tempo.

— Tudo bem, pode fazer o que achar melhor. Porém, terei dificuldades

em conter as enfermeiras, que já estão suspirando pelos cantos do hospital depois que você se trocou na frente de uma delas.

— Como você sabe disso? — indaguei cauteloso.

— Nada passa despercebido num hospital, nunca se esqueça disso. E, na próxima vez em que precisar mudar de roupa quando estiver com alguém em seu quarto, tente usar o banheiro logo ali — sugeriu apontando para a porta ao lado do armário.

— Vou prestar mais atenção da próxima vez, é que sempre troco de roupas na frente de muita gente e não tenho qualquer pudor quanto a isso, mas não quero que saibam que estou internado aqui — avisei me levantando da poltrona.

— Não se preocupe, tomaremos cuidado, e vou limitar o número de enfermeiras que tem acesso a você. Assim, reduziremos as chances de ser reconhecido por uma delas.

— Isso seria muito bom — concordei ficando de costas para Laura.

— Agora preciso ir verificar meus outros pacientes e volto quando você começar a fazer a quimioterapia.

— Vou precisar sair do quarto para isso?

— Não, todo o tratamento será feito aqui mesmo.

— Que bom, pois não quero ficar saindo e caminhando por aí.

Antes de ela sair, ainda lhe passei o endereço do apartamento onde estavam as minhas coisas, dei-lhe instruções e o código do elevador para a cobertura. Quando ela deixou o quarto, eu estava cansado, por isso me deitei e adormeci.

Sonhei que estava de volta à turnê na Europa, um show e um país diferente toda semana, os ensaios horas antes dos shows, as brigas com Freddy por ele estar sempre fora de sintonia com o resto da banda. Ele precisava tocar pelo menos três músicas para conseguir entrar no ritmo no

qual todos estavam desde o começo.

Era tão fácil e natural voltar a minha agitada vida de antes que, mesmo sabendo que tudo não passava de um sonho, continuei ali, observando cada detalhe daquela experiência como se fosse a última, uma vez que eu não sabia se conseguiria voltar aos palcos novamente depois de passar por tudo aquilo.

Encontrei um anjo

JONAS

Aquela longa nuvem negra está descendo
Sinto como se eu estivesse batendo à porta do paraíso

Knockin' on Heaven's door - Bob Dylan

A minha primeira sessão de quimioterapia consistia em três etapas: a primeira era uma pré-quimioterapia, apenas um teste. A segunda consistia em tomar um remédio na veia durante duas longas horas, em que fiquei enjoado e depois caí no sono, por isso nem vi quando cheguei à terceira etapa, quando a enfermeira deve ter aplicado duas injeções com medicamentos direto na minha veia.

Acordei horas depois com um gosto estranho na boca e morrendo de fome. Nem lembrava a última vez em que eu tinha comido alguma coisa. Olhei pela janela e percebi que já estava escuro lá fora. Quando chegara ao hospital, estava amanhecendo. Havia passado meu primeiro dia no hospital e fizera minha primeira sessão de quimioterapia. Não foi tão ruim quanto eu pensava, senti náuseas e sono na maioria do tempo.

— Com licença, eu trouxe seu jantar — falou uma enfermeira ao entrar no quarto.

— Estou com fome, tomara que a comida seja boa... — comentei observando atentamente a bandeja que ela trazia.

— Não se anime muito, tem que ir devagar se não quiser jogar tudo para fora. Trouxe uma sopa com torradas — explicou colocando a bandeja em cima da minha cama.

— Eu odeio sopa — resmunguei fazendo cara de nojo.

— Infelizmente é só isso que temos na sua dieta para hoje — respondeu me encarando com a mão na cintura.

— Você é má, acho que é a pior enfermeira que conheci até agora — disse observando atentamente a pequena garota parada à minha frente. Seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo, e isso deixava seu rosto à mostra. Suas bochechas eram rosadas, e seus lábios, carnudos, mas eu não tive tempo para observar outros detalhes, porque ela só queria me torturar.

— Sinto muito se não posso atender a suas vontades, esse é o meu trabalho. Preciso seguir ordens e a sua dieta — declarou sem se preocupar se eu gostava ou não de seu tom. Ela era a primeira pessoa que me tratava assim depois de um longo tempo, eu nem me lembrava da última vez em que alguém me negara um pedido.

— Continuo achando que você é má, e nada vai mudar isso. A não ser, é claro, que você tire do seu bolso um delicioso hambúrguer do Shake Shack — falei esperançoso.

— Não tenho nenhum hambúrguer nos meus bolsos — explicou séria. Eu não consegui incutir nenhum sorriso no seu rosto bonito.

— Sendo assim, vou ter que enfrentar a sopa — disse pegando a colher para comer a “deliciosa” refeição.

Tomei duas colheradas e já não aguentava mais, era pior do que eu imaginava. Por isso remexi o caldo, comi uns pedacinhos de frango que boiavam por ali e segui para as torradas.

— Essa sopa está horrível — resmunguei em voz alta para ninguém em especial, mas a enfermeira ainda estava no quarto, fazendo anotações numa ficha e escutou.

— Você já terminou? — perguntou olhando por cima dos papeis que segurava.

— Sim, pode levar isso, não vou conseguir comer mais — resmunguei chateado e ainda com fome.

— Se você está satisfeito, vou retirar o que sobrou — falou se aproximando da cama para pegar a bandeja.

— Seu sotaque é diferente. Você não é americana. Posso perguntar de que país você veio?

— Não é da sua conta — respondeu tirando a bandeja do meu colo e saindo do quarto.

Que mulher irritadinha, espero nunca mais vê-la novamente. Se for necessário, vou fazer uma reclamação para a Laura, a outra enfermeira é bem mais simpática.

Depois de rejeitar a sopa, dormi cansado e com fome horas depois de conhecer aquele "anjinho" de pessoa. *Será que ela faltou na aula de simpatia e gentileza?*, na certa que sim, pois a mulher não tinha nenhuma das duas para dar.



— Vamos acordar, dorminhoco? — pediu Laura me sacudindo.

— Me deixa em paz, quero dormir mais um pouco — resmunguei bravo, ainda com os olhos fechados.

— Acho que vou diminuir a dose do remédio para enjoo, você não pode continuar dormindo assim — explicou me sacudindo novamente.

— Tudo bem, eu vou acordar — disse me sentando na cama e esticando os braços para despertar mais rápido.

— Fico feliz que eu possa conversar com você — respondeu sorrindo e me observando atentamente.

— Pena que não posso dizer o mesmo — resmunguei emburrado.

— Fui até o seu apartamento e peguei suas coisas, inclusive o violão — falou apontando para uma sacola e o *case* do meu violão em cima da poltrona.

— Obrigado — agradeci esfregando os olhos.

— Como foi a primeira sessão de quimioterapia?

— Foi bem. Senti enjoo na maior parte do tempo e sono — afirmei enquanto ela anotava tudo no meu prontuário médico.

— Sua reação é normal. Da próxima vez, beba bastante água, você vai se sentir melhor. Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Não, estou bem, pode ficar tranquila — menti um pouco, pois não queria magoá-la, mas estava me sentindo péssimo, e não tinha nada a ver com a minha doença. Eu estava naquele hospital havia quase dois dias e já não aguentava mais aquele ambiente.

— Que bom! Já que é assim, eu vou visitar meus outros pacientes. Se precisar de alguma coisa, mande uma mensagem.

— Espere um pouco, lembrei de uma coisa muito importante. Por favor, mude meu cardápio. Eu odeio sopa — pedi antes que ela saísse do quarto.

— Anotado, vou restringir as sopas. Algo mais? — perguntou parada à porta, segurando a caneta e arqueando as sobrancelhas em expectativa.

— Sim, aquela enfermeira baixinha, morena, com o nariz arrebitado e os olhos esverdeados. Não quero vê-la mais no meu quarto. Troque-a, por favor.

— Ah, entendi, você deve estar falando da Amanda. O que aconteceu? Ela fez algo errado? — questionou preocupada.

— Errado, errado mesmo ela não fez. Porém, a garota é uma peste, não vou aguentar olhar para ela nem mais um minuto.

— Pare de exagerar. Se eu não te conhecesse tão bem, diria que está

intimidado pela enfermeira. Aposto que ela não se derreteu toda por seu charme, por isso você está com despeito. Portanto, ela vai continuar sendo a sua enfermeira por duas razões simples: primeiro, é a melhor profissional que tenho a meu dispor; e segundo, ela nunca te reconheceria. E, se desconfiar de alguma coisa, jamais sairá por aí contando para todas as outras enfermeiras do hospital.

— Depois de tantas qualidades, estou vendo que não posso desistir da megera. Pelo menos ela é bonitinha — disse me jogando na cama assim que Laura saiu do meu quarto.

Nem tive tempo para ficar sozinho, e a diaba já entrou segurando uma bandeja de café da manhã.

— Café da manhã na cama, que delícia! Nem precisava. Como você é gentil — brinquei ao perceber que ela estava ainda mais séria do que da outra vez. Na certa, Laura já lhe contara sobre a nossa conversa de alguns minutos antes.

— Não se acostume. Se acha que vou dar comida na sua boca, está muito enganado — resmungou irritada como sempre.

— Não custa nada tentar, quem sabe uma hora você muda sua expressão carrancuda e sorri um pouco? Você não deveria ir embora? Acho que já acabou o seu turno faz tempo.

— Na verdade, trabalho de manhã. Ontem estava cobrindo a falta de uma amiga — explicou sem olhar para mim. — E, quanto ao sorriso, não sou paga para sorrir e sim para atender bem meus pacientes. — Então olhou na minha direção.

— Sei disso, mas um sorriso de vez em quando não faz mal para ninguém — expliquei esticando as mãos para pegar a bandeja, pois estava faminto. Ainda bem que daquela vez não tinha sopa – num café da manhã seria estranho. E, para a minha sorte, tudo estava delicioso, ovos mexidos com torradas, só faltou o bacon, mas acho que era pedir demais. No lugar do café, tinha algum tipo de *smoothie* de frutas. Ainda havia uma panqueca com morangos e sem calda, porém, eu comi tudo mesmo assim.

— Parece que você estava faminto... — comentou surpresa a chatinha ao se aproximar de mim para anotar alguma coisa na minha ficha médica.

— Sim, estava faminto. Ainda bem que resolveu trazer uma comida decente, para variar. — Tirei a bandeja vazia do meu colo.

— Fico feliz que tenha gostado, mas quem mudou sua dieta foi a doutora Carter. Se quiser agradecer a alguém, faça-o a ela.

— Vou fazer isso assim que vê-la novamente. Devia saber que, se dependesse de você, eu continuaria comendo aquela sopa horrível.

— Se você acha que eu tenho o poder de mudar a dieta de um paciente, fique à vontade — resmungou, nervosinha.

— Não me interessa saber quem pode mudar minha dieta, o importante é que você aparece aqui com minha comida, portanto, a responsabilidade é toda sua — disse de modo grosseiro, talvez pela primeira vez na vida. Eu não costumava agir assim, mas estava de saco cheio daquele hospital. Minha cabeça doía. Porém, nada justificava minha atitude. Eu precisava me desculpar na primeira oportunidade.

Esperava que ela continuasse discutindo comigo, mas não foi o que fez. Ouviu cada palavra que eu disse sem demonstrar qualquer interesse e depois começou a preparar os medicamentos para a minha quimioterapia. Eu realmente pisara na bola daquela vez e a magoara sem perceber. *Esse não é o tipo de pessoa que quero ser*, pensei, antes de o remédio para enjoo fazer efeito e eu adormecer.



A sessão de *quimio* devia ter levado a manhã toda. Acordei entre uma

etapa e outra. Observei a enfermeira mexendo no soro, quis brincar com ela. Porém, estava com tanto enjoo que decidi voltar a dormir. Era melhor do que ficar tentando controlar a vontade de vomitar na cara dela.

Adormeci e sonhei com a minha mãe. Não me lembrava exatamente como ela era, mas, no sonho, parecia-se com a mulher nas fotos no quarto do meu pai. Nele eu ainda era um garoto, e estávamos num parque de diversões. Andávamos em todos os brinquedos juntos e passeávamos pelo parque de mãos dadas, e eu estava feliz. Depois paramos para comer cachorro-quente. Parecia tão real que eu sentia o gosto do molho que cobria a salsicha. Quando terminei de comer, olhei para os lados, e minha mãe tinha desaparecido. Corri para tentar alcançá-la, mas foi em vão, eu estava perdido e sozinho no parque, rodeado de pessoas estranhas. Comecei a chorar sem parar.

— Mãe... Mãe...! Mãe!!! — gritei acordando desesperado. Olhei para os lados ainda tentando me livrar daquele sentimento de abandono que o sonho me proporcionara. Para meu alívio, eu estava sozinho. Seria muito desconfortável explicar aquele sonho esquisito para outra pessoa. Eu nem saberia por onde começar.

Quando era criança, sentia muita falta da minha mãe, mas, conforme o tempo passava e ela não aparecia, acabei desistindo de esperar por ela e segui minha vida. Depois de adulto, eu quase não pensava nela, por isso não sabia por que tivera aquele sonho idiota. Talvez fosse por causa dos medicamentos, eles talvez estivessem deixando minha cabeça confusa.

Levantei-me da cama e fui ao banheiro. Estava um pouco tonto, já que ficara muito tempo deitado. Andei me segurando na parede, tomei um banho longo, coloquei roupas limpas e me sentei na poltrona em frente à janela, observando a cascata. Ao crepúsculo e à noite, ela era ainda mais bonita do que de dia.

Observei as pessoas entrando e saindo; estava quase anoitecendo, por isso o fluxo era bem menor do que mais cedo. Peguei meu violão e ousei dedilhar as cordas devagar. Nem sabia o que estava tocando, só deixei a música tomar conta da minha alma, como sempre fazia. Esqueci onde eu estava e, principalmente, o que eu estava fazendo ali. E, ainda mais, tudo o que eu

precisava passar para conseguir sair daquele lugar.

As aparências enganam

JONAS

Meus pés estão muito dormentes para pisar,
esperando apenas minhas botas
Para perambular
Estou pronto para ir a qualquer lugar,
estou pronto para desaparecer

Mr. Tambourine Man - Bob Dylan

Terminei as sessões de quimioterapia e comecei a radioterapia. O desconforto era menor. Contudo, naquela altura do tratamento, eu já estava um lixo. Ficava desanimado a maioria do tempo e me sentia fraco, era-me difícil fazer coisas pequenas e simples do dia a dia, e eu não atribuía essa condição à doença. Afinal, segundo a doutora Carter, meu tratamento estava correndo conforme o previsto. Também não era a falta de cabelo, que começara a cair depois da quinta sessão e não parara mais, até que eu me estressara por passar as mãos na cabeça e os fios caírem e pedira a Laura um cabelereiro. Para minha sorte, ela encontrara uma garota simpática que costumava cortar o seu cabelo. Ela aparecera numa noite no hospital e cortara tudo. Eu estava careca e usava uma touca preta na maioria do tempo. Perdi quase metade do meu peso. Era engraçado que, enquanto alguns pacientes engordavam devido aos medicamentos, eu emagrecia. Pensando pelo lado positivo, pelo menos eu jamais seria reconhecido assim. Era uma cópia barata do que costumava ser.

Durante o tempo em que eu estava ali, ligava para o meu pai e para os outros caras da banda. Falávamos somente o necessário, só para eles não desconfiarem de nada e resolverem investigar. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de contar a verdade. Todavia, ainda era um covarde, por isso adiava ao máximo esse dia.

Pelo menos eu estava conseguindo conviver com a minha enfermeira. Lembro com detalhes do dia em que ela apareceu no meu quarto com a bandeja de café da manhã, no dia seguinte àquele em que eu a tratara mal, e lhe pedi desculpas pela grosseria que fizera.

— Antes de eu pegar a bandeja, preciso te dizer uma coisa — pedi observando-a entrar no quarto.

— Pode falar — afirmou sem olhar para mim.

— Você pode olhar para mim, por favor? — perguntei, pois queria ver os seus olhos enquanto dizia as palavras que ela merecia ouvir.

— Claro — respondeu sem dar tanta importância ao que eu tinha a dizer. Na certa, pensou que eram mais ofensas; depois do que eu dissera na última vez em que nos encontráramos, não era de se estranhar que ela pensasse isso.

— Eu gostaria de pedir desculpas pelo que te disse ontem, estava nervoso. Estou estressado neste hospital. Meus pensamentos estão me matando. Sei que isso não justifica meu comportamento grosseiro, mas espero que entenda e me perdoe. Prometo jamais te tratar de modo semelhante no futuro.

Ela ficou parada à minha frente sem saber o que dizer, ainda segurando a bandeja. Era nítido na sua fisionomia que eu a surpreendera.

— Podemos começar novamente e do jeito certo dessa vez? — pedi, sincero.

— S-sim — gaguejou insegura.

— Olá, meu nome é Jo... ou melhor, Edward — quase revelei o meu nome, porém, no último segundo, percebi meu erro e falei meu nome falso. Depois estiquei minha mão para cumprimentá-la.

— Oi — saudou-me tímida. — Meu nome é Amanda — completou colocando a bandeja na mesinha ao lado da minha cama e se aproximou para segurar minha mão.

Depois desse dia, não trocamos mais farpas, mas ainda não éramos

melhores amigos... não até quando ela me levou para um local do hospital ainda desconhecido por mim e me fez ver as coisas de forma diferente.

— Você devia sair um pouco do quarto. Temos um pequeno jardim no térreo. Se quiser, posso te acompanhar até lá — ofereceu preocupada depois de me observar sentado na poltrona após mais uma sessão de radioterapia, observando a janela e o nada ao mesmo tempo. Minha cabeça estava em outro lugar, e ela sabia disso.

— Não acho que seja uma boa ideia — resmunguei sem tirar os olhos da janela.

— Pode não ser, mas é o que você precisa — falou se abaixando à minha frente.

— Mesmo assim, ainda não quero ir, mas sei que você e a Laura irão me infernizar o dia todo por causa disso. Então, apesar da minha falta de vontade em conhecer esse jardim, eu vou com você.

— Que bom, já estava na hora de você sair deste quarto. A Laura vai adorar saber que, enfim, decidiu sair do seu casulo — comemorou batendo palmas diante da minha afirmativa.

Eu ainda usava aquelas roupas “confortáveis” do hospital, mas tinha um novo adereço, minha touca preta, que eu não tirava por nada. Saímos juntos do quarto. O corredor estava movimentado como sempre àquela hora da manhã, todos estavam tão ocupados e atentos ao seu trabalho que nem se importaram comigo e Amanda.

Segui atrás dela pelos corredores que passara a conhecer tão bem: se virássemos ali, chegaríamos à sala de ressonância; se fôssemos na direção contraria, encontraríamos a sala de radiação em que eu recebia as sessões de radioterapia; e, se continuássemos reto, alcançaríamos o ambulatório, depois, a sala de raio-x.

Porém, daquela vez, entramos no elevador e descemos. Ao chegarmos ao térreo, já senti o ar diferente. Quando, enfim, alcançamos o jardim, respirei ar fresco depois de muito tempo, e meus pulmões agradeceram por isso. O

tempo estava nublado e havia sinal de chuva a caminho, a temperatura estava mais fria. No entanto, nada a que eu já não estivesse acostumado.

Amanda apontou para um banco, e nos sentamos lado a lado, calados. Ficamos assim por um tempo. Observei outros pacientes sentados nos outros bancos do pequeno jardim. Havia poucos, o tempo nublado provavelmente espantara a maioria. Aquele lugar com o sol brilhando devia ser um espetáculo. Entretanto, eu o adorei exatamente do jeito que estava, já que, de alguma maneira, aquele lugar silencioso e melancólico lembrava o meu estado de espírito. Era exatamente assim que eu me encontrava, e saber que eu podia me conectar com alguma coisa no momento me deu certo alívio.

Fiquei ali sentado, observando as árvores de pequeno porte, a grama curta e bem-cuidada e o lindo chafariz no centro. Ouso dizer que era mais bonito do que aquele que eu observava todos os dias da janela do meu quarto.

— Adoro este lugar, você precisa vê-lo num dia ensolarado. É magnifico — murmurou Amanda, quebrando o silêncio entre nós. Ela escolhera o momento certo para falar, eu havia pensado naquilo havia pouco tempo. Ficáramos por longos minutos no mais absoluto silêncio enquanto ela aguardava a oportunidade perfeita para quebrá-lo.

— É lindo assim, do jeito que está — disse pensativo.

— Isso porque você ainda não o viu nos melhores dias — comentou observando as nuvens carregadas. Em breve teríamos de voltar para o quarto, a não ser que ela permitisse que eu tomasse um banho de chuva. Eu duvidava muito. Amanda nunca quebrava as regras do hospital e as da Laura, as duas me mantinham em rédeas curtas.

— Não importa, eu ainda gosto dele assim. Não é apenas nos bons dias que as coisas ou pessoas são bonitas. Precisamos conhecê-las nos piores momentos para continuar as achando lindas.

— Você tem razão, toda razão. Obrigada por abrir meus olhos, poucas vezes tenho tempo de ficar meditando sobre a vida — disse observando uma enfermeira levando um paciente para dentro.

— Você fala como se fosse uma anciã, ainda é muito jovem para pensar assim. Sei que não podemos perguntar a idade de uma mulher, mas acho que você não vai se importar de me dizer a sua... — insinuei curioso.

— Eu tenho 25 anos, mas passei por tanta coisa que minha vida daria um livro — disse nervosa, esfregando as mãos.

— Tenho todo o tempo do mundo para ouvir a sua história — incentivei-a a contar.

— Não acho que você queira saber sobre a minha vida, não é nada especial.

— Não importa, quero ouvir você contar mesmo assim. Preciso parar de pensar nessa doença idiota, e você é a única alternativa que tenho no momento.

— É engraçado você querer saber da minha vida, quando não sei nada da sua — comentou arqueando as sobrancelhas.

— Minha vida não é interessante como a sua, principalmente agora. Moro com meu pai, porque minha mãe nos abandonou quando eu ainda era criança. Nasci e cresci em Nova Jersey, tenho um primo chato que vive me dando trabalho, mas, em compensação, tenho uma prima linda que sempre me faz rir. Adoro música, mas nunca escrevi uma canção, apesar de saber tocar vários instrumentos. E, no momento, estou sem emprego e lutando contra a leucemia — expliquei a ela o que podia, o mais importante: quem eu era de verdade, na essência, independentemente do nome famoso.

— Sinto muito pela sua mãe — disse pensativa.

— Não se preocupe, eu já superei isso — falei para tranquilizá-la.

— Bom, parece que eu não tenho como fugir desse interrogatório. A história é longa, por isso vou tentar resumir antes que a chuva comece — disse olhando para a nuvens que estavam ainda mais carregadas.

— Não resuma nada, quero saber de tudo — comentei animado.

— Eu sou brasileira, nasci em Três Corações, no estado de Minas Gerais.

— Sabia que você era brasileira — interrompi seu relato logo na primeira frase.

— Como sabia?

— O sotaque e o corpo são inconfundíveis — comentei sorrindo.

— Podemos voltar para a minha história e sem interrupções dessa vez? — pediu sorrindo e batendo no meu ombro.

— Claro, estou ansioso para saber como você veio parar aqui — concordei esticando minhas pernas para ouvir sua narração.

— Eu vim para os Estados Unidos quando tinha 18 anos. Economizei o ensino médio todo para fazer um intercâmbio de seis meses em Nova York. Cheguei aqui com muitos sonhos, fiquei encantada com a grandiosidade da Times Square, amei o Central Park e não queria mais partir. Conheci um americano, e começamos a namorar, arrumei um trabalho e decidi fazer faculdade aqui. Enfermagem parecia uma profissão interessante, e eu consegui entrar na Community College. Depois de dois anos, consegui meu diploma de técnica, mas queria ser enfermeira e pretendia continuar estudando. Se não tivesse ficado grávida, acho que ainda estaria morando em Nova York — falou pensativa.

— Eu também adoro Nova York — murmurei, esperando-a continuar.

— Bom, depois que descobri a gravidez, meu namorado me largou, disse que não estava preparado para ser pai. Eu também não, mas não podia fugir. Sem ele, não consegui pagar o pequeno apartamento no qual morávamos juntos. E, com um salário de técnica de enfermagem e uma criança a caminho, eu não podia continuar morando numa das cidades mais caras para se viver. Estava desesperada, pensei até em fazer um aborto. Ainda bem que recuperei a razão e não o fiz. Minha amiga Jenni morava aqui, em Houston, e trabalhava neste hospital. Liguei para ela uma noite, desesperada, e ela me convidou para morar com ela. Aceitou o pacote completo, e sou agradecida a ela até hoje — disse com lágrimas nos olhos.

Ficamos em silêncio novamente. Esperei pacientemente enquanto ela respirava fundo e enxugava as lágrimas.

— Quando eu vim morar em Houston, estava grávida de seis meses. Minha filha nasceu aqui. Enquanto ela crescia, eu terminei de me formar numa faculdade daqui mesmo. Quando ela completou dois anos, eu já estava formada e trabalhava aqui junto com a Jenni, que é a enfermeira-chefe do meu setor. Consegui uma pequena em casa em Sugarland e moro sozinha com a minha filha, que hoje tem quatro anos. Alguns meses atrás consegui pagar a minha amiga tudo o que lhe devia, pelo menos o dinheiro, porque seu apoio foi muito mais do que financeiro.

— Interessante a sua história, muito interessante, eu diria. Qual é mesmo o nome da sua filha? — perguntei para desviar sua atenção de seu relato emocionante, pois eu sabia que não era fácil contar toda sua vida para um estranho, ainda mais uma vida tão cheia de altos e baixos.

— Mili, ou melhor, Milena — respondeu abrindo um sorriso genuíno. Eu conseguira, então, atingir meu objetivo.

A chuva finalmente começou a cair. Entramos correndo no hospital.

Tão longe da verdade

AMANDA

É o que devemos fazer
Não temos que ter medo
É o que devemos fazer

Eu tive um sonho - Kid Abelha

Meu turno termina em alguns minutos, pensei logo depois de preencher a ficha com a rotina do meu último paciente do dia.

— O que acha de um cinema no final de semana? Podemos levar a Mili — perguntou a Jenni erguendo os braços para ajeitar seu coque perfeito. Ela nunca tinha nada fora do lugar, seus cabelos castanhos estavam perfeitamente arrumados e seus óculos charmosos realçavam ainda mais seus lindos olhos pretos. Seu corpo fazia qualquer homem demorar um pouco mais quando olhava para ela. Mesmo casada havia pouco tempo com um dos médicos do hospital, ela ainda arrancava suspiros dos pacientes.

Jenni era a minha melhor amiga, a quem eu devia tudo que tinha, inclusive a Mili. Ela nunca se cansava de tentar me fazer retomar minha vida social.

— Não sei, estou cansada. Acho que vou usar meu dia de folga para ficar em casa sem fazer nada.

— Você sempre fica em casa sem fazer nada, precisa sair um pouco, e a Mili também, não sei como essa menina aguenta essa sua rotina — resmungou insatisfeita.

— Ela já está acostumada, além disso, tem os amigos da escola. Ela brinca o dia inteiro e chega em casa esgotada. Nós duas chegamos cansadas — expliquei colocando as fichas no painel correspondente, todas preenchidas

e aguardando a próxima enfermeira que assumiria o meu turno.

— Se não quer sair com ela, pode sair sozinha, Deus sabe como você precisa disso — completou, suspirando frustrada.

— Talvez, mas não esse fim de semana — resmunguei virando as costas para ela e observando meu celular no bolso. Ainda restava alguns minutos antes de o meu plantão acabar, tempo curto que não me permitiria checar se outro paciente precisava de mim, por isso eu não tinha como correr dali, precisava continuar ouvindo aquela ladainha.

— Fiquei sabendo que você levou nosso músico gato para passear — disse Julia, aparecendo de repente no pequeno espaço dedicado às enfermeiras que trabalhavam comigo. Julia era tudo, menos discreta. A loira platinada e com silicone era a personificação perfeita da enfermeira sexy das capas de revistas. Eu não conseguia entender por que ela ainda insistia naquela profissão; com aquelas pernas perfeitas e o corpo esguio, podia estar desfilando pelas passarelas do mundo todo.

— Não sei do que você está falando.

— Por favor, não se faça de inocente. Nós vimos você levar o paciente delícia para o jardim — explicou colocando as mãos na cintura.

— Ah, isso — disse sem dar tanta importância. Eu levara um paciente ao jardim como fizera várias vezes naquele hospital, não via nada de especial nisso.

— Sei... Vai me dizer que você é a única enfermeira no hospital que não tem uma queda por ele? — indagou incrédula.

— Não tenho, Julia. Pode ter certeza de que, para mim, ele é apenas mais um paciente que estava entediado por ficar muito tempo trancado naquele quarto. Só quis ajudá-lo, sem qualquer interesse obscuro por trás disso.

— É, pode ser, você seria a última enfermeira por quem ele se interessaria, afinal, tendo todas nós para escolher.

— Muito de mau gosto essa sua observação, Julia, até mesmo para você

— reclamou a Jenni, entrando na conversa de repente para me defender.

— Não se preocupe comigo, Jenni, já estou acostumada às ofensas da Julia, elas não me atingem mais — revelei colocando uma mecha do meu cabelo castanho atrás da orelha.

— Por favor, me perdoe, não queria te ofender. Não disse isso por causa da sua beleza, você é tão bonita quanto qualquer uma de nós. Falei que ele jamais te escolheria porque o Edward te odeia, todas nós sabemos disso. Se a doutora Laura não tivesse insistido, você não seria mais enfermeira dele.

— Sei disso e não me importo nem um pouco. Quer saber? Meu horário acabou e preciso ir pegar minha filha na escola, não quero chegar atrasada.

— E você ainda tem uma filha pequena, qualquer homem sensato sairia correndo antes de assumir um pacote completo como esse — murmurou assim que dei as costas. Não pensei que ela falara de propósito, na maioria das vezes, Julia não tinha intenção de magoar as pessoas. Como eu trabalhava com ela já havia algum tempo, sabia disso.

Fui até o vestiário, abri meu armário e troquei de roupa. Logo depois olhei no relógio para ver o horário e me assustei com o tempo que eu tinha perdido com aquela conversa.

Desde que o Edward dera entrada no hospital, as enfermeiras ficaram alvoroçadas. Ninguém sabia muito sobre ele, exceto que era amigo de infância da doutora Carter. No entanto, bastara um dia internado ali para as enfermeiras começarem a revirar os olhos toda vez que alguém falava do "paciente gato" do nosso setor. O cara era lindo e tocava violão, o que colaborara muito para aumentar sua fama. Se não bastasse isso, ele fizera um strip-tease para a Julia ao trocar de roupas na frente dela. Apesar de ter emagrecido muito desde que se internara e ainda ter perdido aqueles sedosos cabelos pretos, a sua beleza ainda estava lá, escondida atrás dos misteriosos olhos azuis e do seu instrumento musical. Eu nunca havia visto alguém tocar com tanto sentimento antes.

Fiquei tão empolgada pensando no meu paciente que nem me dei conta de que já estava atrasada. Eu precisava correr. Não podia deixar minha florzinha

ser a última criança a deixar a escola. Joguei minha bolsa no banco do passageiro e acelerei o máximo que podia para sair do hospital. Ainda bem que a escola ficava bem perto.

Desviei-me do pequeno trânsito e cheguei alguns minutos atrasada, mas, para o meu alívio, ainda tinham crianças saindo de mãos dadas com os pais da escola, o que era um bom sinal. Subi as escadas que levava à sala da minha filha correndo. A escola era pequena para os padrões americanos, tomava somente uma esquina. Era apenas para crianças de dois a seis anos, mas era encantadora, e a Mili adorava estudar lá.

— Desculpe o atraso, perdi a hora no hospital hoje — expliquei assim que encontrei Amber, a professora da Mili, parada à porta da sala.

— Não se preocupe, ainda temos duas crianças. Mili, pegue a bolsa, sua mãe chegou — pediu a professora, observando a menininha se levantar para atender ao seu pedido.

— Ainda bem, odiaria deixar minha filha ser a última — respondi aliviada.

— Sim, sei bem como é. Antes de você ir, gostaria de conversar um pouquinho — pediu a professora, saindo no corredor e fechando a porta para evitar os olhares curiosos dos alunos que ainda restavam.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa com a minha filha? — perguntei preocupada

— Não, a Mili está bem, pode ficar tranquila — respondeu rápido, talvez percebendo que tinha me deixado angustiada.

— Então o que você gostaria de falar comigo?

— Realizei uma atividade diferente hoje, sobre a família. Pedi que os alunos desenhassem a família deles. Todos amaram a ideia e ficaram entretidos por um tempo, mas, na hora da socialização da atividade, quando tiveram que explicar quem estavam nos seus desenhos, a Mili, que desenhou somente você, não soube explicar por que o pai não estava presente. Todas as crianças haviam desenhado seus pais, até mesmo os separados, por isso

perguntaram a ela onde estava o seu pai, mas Mili ficou nervosa. Eu consegui intervir, e mudamos a atividade. No entanto, percebi que ela ficou quieta o resto da aula.

— Entendo e prometo conversar com ela sobre isso. Quanto ao pai dela... — tentei explicar, mas Amber me impediu antes que eu dissesse alguma coisa, abrindo a porta para a Mili sair:

— Não se preocupe, podemos conversar sobre isso outra hora.

— Oi, meu anjinho, a mamãe está morrendo de saudades de você — disse ao me abaixar para ficar de frente para minha filha.

— *Tabém* tô com saudade, *mammy* — respondeu misturando português e inglês, abrindo os braços para me abraçar. Nunca pensei que eu poderia amar tanto um ser tão pequenino como amava minha filhinha. Tinha sido tão difícil chegar até ali, mas, olhando para seus cabelos, mais claros do que os meus, repartidos em dois lacinhos, para as bochechas rosadas e seus olhinhos tão azuis, eu não conseguia me arrepender de nenhum segundo gasto para criá-la.

— Vamos para casa, princesa? — disse segurando-a no colo e agradecendo à professora por cuidar tão bem da minha filha. Apesar de jovem, Amber era muito competente no que fazia. No começo do ano, eu ficara preocupada ao olhar para ela pela primeira vez. Tinha uma carinha de adolescente, era loirinha e usava óculos. Porém, após um tempo, eu percebera que podia confiar nela.

Depois que entramos no carro, foi questão de minutos até chegar a minha casa. Percebi que a Mili estava sentada muito quieta na sua cadeirinha no banco de trás, por isso não puxei conversa até estacionar em frente a nossa casa.

Conseguira encontrar aquele lugar depois de procurar muito. Era uma casa geminada e muito pequena para acomodar uma família, mas, como a minha era minúscula – só eu e minha filha –, servira como uma luva. Era composta por uma sala separada da pequena cozinha ao fundo por uma pequena ilha, os dois quartos – meu e de Mili – ficavam na parte de cima, bem como o banheiro. Também havia um sótão, onde ficava a lavanderia.

Meus móveis eram simples. Tudo que não viera do antigo locatário fora comprado em vendas de garagem ou ganhados do apartamento da Jenni. Assim que ela se casara, precisara se desfazer da maioria dos móveis de solteira. É claro que eu aceitara todos de bom grado e renovara minha casa inteira. Se não fosse por eles, provavelmente minha sala ainda estaria vazia.

— Vamos, querida, chegamos em casa — comuniquei ao tirar Mili da cadeirinha e segurá-la no colo.

— Quero brincar, *mammy* — respondeu apontando para a rua.

— Não agora. Estamos cansadas demais para isso. Podemos ir ao parque amanhã. O que acha? — perguntei, testando-a.

— Não, não, quero agora! — disse fazendo birra.

— Não pense que vai me dobrar, mocinha, estou cansada, e você também. Agora precisamos de um banho, e nada de parque por hoje — falei olhando nos seus olhos para enfatizar que eu não estava brincando. Ela ainda resmungou e esperneou enquanto estávamos entrando em casa, mas, no fim, acabou percebendo que eu não iria ceder e correu para o quarto a fim de brincar com seus brinquedos.

Tomamos banho juntas na minúscula banheira do único banheiro da casa, depois vesti o seu pijama e a levei ao seu quarto. Li para ela a mesma história que lia todos as noites, "O Touro Ferdinando", e pensei que ela estava dormindo, quando de repente despertou e perguntou:

— Onde tá meu *dad*, *mammy*?

A pergunta me deixou sem chão. Eu achava que teria mais tempo para pensar em algo mais elaborado antes de responder aquela questão à minha filha. Ela tinha apenas quatro anos, e eu não fazia ideia do que responder. O pai da Mili desaparecera da minha vida sem deixar qualquer rastro, e eu duvidava muito de que ele quisesse qualquer contato com ela, por isso respondi sem pensar:

— Ele está viajando, meu bebê, e vai demorar um pouco para voltar — sabia que não era a melhor resposta que eu poderia lhe dar, mas foi a única

em que pensei no momento que não partiria nossos corações.

Um dia bom e outro ruim

JONAS

E não adianta acender sua luz, amor
A luz que eu nunca conheci
Estou do lado escuro da estrada
Mas eu gostaria que houvesse algo
Don't think twice, It's all right - Bob Dylan

Depois que fiz mais uma sessão de radioterapia, voltei para o meu quarto. Estava entediado, e nada fazia o tempo passar, tudo era sempre do mesmo jeito, e a rotina estava me matando. A única coisa que me deixava mais animado era a música, por isso fiquei a manhã toda tocando. Eu ainda não tinha a disposição de antes, mas conseguia ao menos dedilhar fracamente as cordas do meu violão.

Comecei pelas músicas que eu costumava tocar sozinho em casa, quando ainda era um adolescente. A maioria delas eram de Bob Dylan, meu cantor preferido. As letras de suas músicas costumavam mexer comigo como as de nenhum outro compositor.

Mergulhei na melodia e esqueci onde eu estava. Coloquei para fora toda a angústia e as incertezas que eu estava sentindo no momento.

It ain't no use in turnin' on your light, babe

That light I never knowed

An' it ain't no use in turnin' on your light, babe

I'm on the dark side of the road.

But I wish there was somethin' you would do or say

To try and make me change my mind and stay

But we never did too much talkin' anyway

(E não adianta acender sua luz, amor

A luz que eu nunca conheci

E não adianta acender sua luz, amor

Estou do lado escuro da estrada

Mas eu gostaria que houvesse algo que você pudesse fazer ou dizer

Que pudesse me fazer mudar de ideia e ficar

Mas de qualquer jeito, nunca fomos de muita conversa)

— Desculpe atrapalhar, mas você precisa almoçar — disse Amanda assim que terminei de cantar esse refrão.

— Não se preocupe, você nunca atrapalha — respondi ainda segurando o violão no meu colo.

— Linda essa música que você estava cantando, de quem é? — perguntou se aproximando de mim.

— Bob Dylan. É a minha música preferida, "Don't think twice", você conhece?

— Não. É claro que já ouvi falar de Bob Dylan, mas nunca ouvi nenhuma música dele. Amei essa!

— Você precisa conhecer as outras, são lindas também.

— Pode deixar, que vou ouvir qualquer dia. Você é um músico muito bom, já pensou em seguir carreira? — indagou interessada.

— Já pensei, sim — respondi sorrindo. *Se ela soubesse...* Era impressionante como ela não me reconhecera ainda. Passávamos a maior parte do dia juntos, e ela nem fazia ideia de quem eu era.

— E por que não seguiu? Você pode cantar nos bares e pequenas casas de show. Garanto que vai conseguir um bom dinheiro com isso.

— Vou pensar na sua sugestão. Primeiro, preciso sair daqui — resmunguei chateado, lembrando-me de onde estava.

— Logo, logo você vai para casa. Estamos na segunda etapa do tratamento — comentou mexendo nervosamente num saco de papel. Eu nem tinha percebido que ela estava segurando aquilo antes.

— O que é isso?

— É o seu almoço — respondeu erguendo o pacote e o balançando na minha frente.

— Eles estão fazendo almoço para viagem agora? — questionei confuso.

— Não, seu bobo, eu trouxe uma coisa especial hoje. Sabia que você não aguentava mais a comida do hospital — explicou sorrindo.

— Vamos, pare de suspense e me dê logo isso aqui — pedi me levantando da poltrona para tentar pegar o saco.

— Espero que você goste, pois esse é o meu preferido — comentou jogando-o em cima de mim.

Assim que o abri, descobri que era um delicioso hambúrguer da Shake Shack, minha lanchonete favorita em Nova York. Eu não sabia que tinha uma filial em Houston e estava muito surpreso com o gesto da Amanda.

— Obrigado, nem sei como te agradecer por isso — disse satisfeito ao dar a primeira mordida no meu lanche.

Ela permaneceu no quarto, fazendo suas anotações de sempre, enquanto eu comia cada pedacinho do meu almoço, o melhor que eu tivera desde que chegara ali.

— Parece que você gostou da surpresa. Nem preciso pedir para você não mencionar essa variação na sua dieta com ninguém — pediu preocupada.

— Pode ficar tranquila, minha boca é um túmulo.

— Que bom, eu odiaria ter que perder o emprego por sua causa — brincou.

Dessa vez não respondi, apenas sorri e voltei a pôr meu violão no colo. Porém, não comecei a tocar de novo, olhei pela janela. O sol brilhava forte lá fora, mas a temperatura ainda não tinha aumentado muito. Não fazia o frio da Big Apple, mas as pessoas estavam usando agasalhos.

— Até mais, meu cantor favorito, nos vemos mais tarde. Agora eu preciso ver meus outros pacientes — despediu-se ela já saindo pela porta.

Sorri satisfeito. Eu nunca ouvira aquelas palavras soarem tão verdadeiras antes. Continuei observando o exterior, com a cabeça em outro lugar, até que a Laura entrou no meu quarto e chamou a minha atenção.

— Como você está? — inquiriu sentando-se numa poltrona ao meu lado.

— Estou bem... pelo menos, eu acho. Você pode me dizer se essa droga toda está funcionando?

— Está, sim, o tratamento está correndo conforme o previsto. Mas estou preocupada com a sua cabeça. Você está sozinho por um longo tempo, nenhuma visita, nenhum parente para te dar apoio.

— Eu tenho você e a Amanda — resmunguei sem olhar para ela, pois sabia que tinha razão. Eu nunca pensara que seria tão difícil passar por tudo aquilo sozinho.

— A Amanda é ótima, mas, ainda assim, não é suficiente. Você precisa avisar a sua família, seus amigos. Eles precisam estar aqui com você.

— Não vou fazer isso — disse decidido.

— Você é um cabeça-dura, mas tenho certeza de que uma hora vai acabar

se arrependendo disso e vai chamá-los.

— Se eu fosse você, não teria tanta certeza disso — resmunguei irritado.

— Bom, só o tempo dirá se eu estou certa. Agora preciso ir, ainda tenho outros pacientes para verificar. Estamos quase terminando essa etapa do seu tratamento, e estou pensando em deixá-lo ir para o seu apartamento. O que acha?

— A melhor notícia que tive desde que cheguei aqui — exclamei empolgado, pois ficar trancado naquele lugar estava me matando.

— Não se anime muito, ainda não tenho certeza, estou esperando os resultados dos exames de hoje. Falo com você amanhã — disse saindo do quarto.

Voltei meu olhar para a janela e sorri esperançoso. *As coisas estão mudando, e, dessa vez, para melhor,* pensei. Estava distraído quando o telefone tocou ao meu lado.

— Oi, Jonas — cumprimentou o Jack do outro lado da linha.

— Oi — respondi sem saber ao certo o que dizer. Não esperava aquele telefonema, ainda mais naquele momento.

— Como está o Havaí?

— Bem; melhor, impossível.

— Já sabe quando volta?

— Ainda não sei, por quê? — perguntei curioso.

— Preciso da sua ajuda para compor as músicas. Até agora não consegui escrever nada.

— Relaxa, cara, daqui a pouco você tem uma ideia e as músicas aparecem de repente, como no outro álbum.

— Não foi bem assim que aconteceu, você estava lá e viu tudo. Eu só

escrevi aquelas músicas depois que fui abandonado pela minha mulher. Agora a situação é bem diferente, estamos juntos e nada fará com que eu a perca novamente.

— Eu não estava sugerindo isso.

— Sei disso, por isso estou ligando. Vou esperar você voltar para escrever as músicas comigo.

— E se eu demorar mais do que o previsto para voltar? — questionei preocupado, pois não fazia ideia de quando ou se poderia voltar para casa.

— Sem problemas, mesmo assim vou esperar. Não consigo sozinho, escrevemos músicas juntos desde o começo da banda, alguns anos atrás.

— Eu tenho alguns rascunhos de letras aqui comigo; se quiser, posso enviar para você — afirmei, empolgado com a ideia de compartilhar o que eu havia escrito com ele.

— Você está escrevendo músicas? — indagou surpreso.

— Ainda não estão prontas, são apenas rascunhos, mas estou trabalhando nelas — disse pensativo. Talvez fosse uma boa ideia o Jack ler as letras daquelas canções.

— Fico feliz em saber disso, você é muito talentoso e deveria arriscar e sair da sua zona de conforto de vez em quando.

— Você é a segunda pessoa que me diz isso hoje — comentei, lembrando-me da conversa com a Amanda minutos antes.

— Quer dizer que eu tenho razão. E quem é a outra pessoa que te disse isso? Preciso cumprimentá-lo.

— É uma garota — disse, sem dar mais detalhes.

— Quer dizer que você está acompanhado? Bom, agora vou ficar mais tranquilo, confesso que não estava engolindo muito essa viagem sozinho. Porém, uma viagem com uma garota para o Havaí já muda todo o cenário. Vou avisar aos caras. Assim, ninguém vai ficar te perturbando mais.

— Obrigado, cara, eu estou bem — falei, sem querer explicar toda a mentira que contara até o momento e ficava cada vez pior.

— Assim que tiver as letras, por favor, me envia, já que, dessa vez, você será o maior responsável pela composição das músicas para o próximo álbum.

— Alguém precisa justificar a tonelada de dinheiro que ganhamos até hoje — grunhi, arrancando risadas dele. Estava brincando, pois nos esforçávamos muito para receber o que ganhávamos.

— É mesmo, cara! Estou cansado de fazer todo o trabalho sozinho. Até mais, preciso desligar, a Helena e as crianças chegaram. Acabou o meu sossego!

— Claro, aproveite suas férias e curta a sua família. Assim que tiver alguma música pronta, eu aviso — disse, despedindo-me do meu primo.

Peguei meu bloco de anotações e cantei os refrãos que eu já conseguira escrever.

I lost my hope

I lost my life

Everything is changing

And I'm falling down, falling down in role like Alice

(Eu perdi minha esperança

Eu perdi minha vida

Tudo está mudando

E eu estou caindo, caindo num buraco como a Alice)

Estava pensando em você

AMANDA

Qual o segredo da felicidade?
Será preciso ficar só pra se viver?
Qual o sentido da realidade?
Será preciso ficar só pra se viver?

Grand' Hotel - Kid Abelha

Eu sabia que trazer aquele lanche era contra as regras do hospital. Agira por impulso, não pensara no meu emprego, nem no que eu faria se ficasse sem ele. Pela primeira vez eu seguira meu coração e fizera o que ele estava me pedindo.

Na maioria das vezes, eram os parentes das pessoas internadas que faziam aquele tipo de extravagância. Eu costumava ver sacos vazios com nome das lanchonetes da cidade e fazia vista grossa. Porém, daquela vez foi diferente, eu fizera o pedido do lanche no meu nome, e ele chegara quentinho e bem na hora do almoço.

Decidira fazer essa surpresa depois de acompanhar o Edward todos os dias e ver o quanto ele estava sozinho. Não havia nenhuma visita, ninguém para acompanhá-lo nos momentos difíceis, nenhum colo para chorar, e isso o estava matando aos poucos.

— Eu marquei um encontro para você hoje à noite com um amigo do meu marido — comentou Jenni aparecendo atrás de mim enquanto eu estava na farmácia pegando os remédios para os meus pacientes.

— Já disse que não estou interessada em encontros — resmunguei sem dar atenção a ela.

— Não tem como recusar, já está marcado. Pare de reclamar, o cara é um

advogado e acabou de se separar da mulher. Ele tem um filho pequeno, como você. Acho que vocês irão se dar bem.

— O que te faz pensar isso? — perguntei largando os medicamentos para observar minha amiga.

— Não sei, ele parece ser um cara legal, tranquilo, e você precisa sair com alguém — explicou convicta de que estava certa sobre o que eu precisava.

— Eu já disse muitas vezes que não estou procurando um namorado. Não sei por que você insiste tanto — resmunguei chateada.

— É porque eu estou preocupada com você. Viver em função da sua filha não é vida, você ainda é jovem. No entanto, vive como uma senhora idosa de 80 anos. Quanto tempo faz que você não sai com um homem? — questionou batendo um dos pés no chão.

— Não sei, o último cara com que saí foi o pai da Mili. Então há cerca de cinco anos — respondi pensando, pela primeira vez, em havia quanto tempo eu estava sozinha. Talvez a Jenni tivesse razão, eu precisava retomar a minha vida. Entretanto, algumas coisas ainda estavam me impedindo, por isso eu sempre tentava me esquivar quando ela aparecia com aqueles encontros às escuras.

— Percebe agora quanto tempo você perdeu? E ainda pretende continuar assim? — indagou curiosa.

— Não sei — falei a verdade.

— Pense na minha proposta com carinho. Eu posso ficar com a Mili na sua casa, se quiser.

— Prometo que vou pensar — disse saindo da farmácia e indo atender meus pacientes. Ainda faltavam algumas horas para terminar o meu turno, eu teria tempo para pensar na proposta da Jenni. Fazia tanto tempo que eu não saía com ninguém que não saberia nem por onde começar.

Ainda bem que meu trabalho não era nada monótono. Passei o resto da

tarde mais do que ocupada, cuidando dos meus pacientes. Tive que medicar e dar banho numa senhora de quase 80 anos e depois fui correndo ao vestiário trocar de uniforme, porque uma garota vomitou em mim depois da sua primeira sessão de quimioterapia.

Logo depois, encontrei o meu paciente preferido, o senhor Johnson. Ele estava internado havia quase dois meses, lutando contra um câncer bem agressivo, mas ninguém que conversava com ele percebia qualquer desânimo. Ele era uma daquelas pessoas que estão sempre sorrindo não importa a ocasião. Estava muito magro e não tinha nem mais um fio de cabelo, mas não abandonava o bom humor por nada neste mundo.

— Você está atrasada — avisou assim que entrei no seu quarto.

— Desculpe, eu tive um imprevisto pelo caminho — expliquei apontando para o uniforme diferente do habitual.

— Alguém não conseguiu segurar a comida no estômago? — perguntou desligando a televisão para poder conversar comigo.

— Era uma novata, e tive pena dela. Por isso, deixa pra lá — pedi, lembrando-me do rosto da garota minutos antes de começar a quimioterapia.

— Você sempre está pensando nos outros — comentou pensativo. Era impressionante o quanto ele me entendia. Apesar do pouco tempo em que nos conhecíamos, tínhamos uma amizade verdadeira.

— Nem sempre. Agora, por exemplo, estou pensando se deveria aceitar o encontro às escuras que a Jenni arrumou pra mim — revelei, terminando de fazer as anotações na ficha médica dele.

— Quer dizer que você tem um encontro pra hoje? — inquiriu, interrompendo meus pensamentos.

— Sim, mas ainda não aceitei — comuniquei, esperando sua censura.

— Mas devia, está mais do que na hora de você retomar sua vida.

— Sei, mas não estou preparada para isso.

— Você nunca estará pronta, mas precisa seguir em frente e retomar sua vida.

— Tem certeza disso? — perguntei insegura.

— Nunca tive tanta certeza na minha vida.

— Prometo que vou pensar melhor na proposta, mas agora preciso trabalhar — disse saindo do quarto dele, antes que tentasse me convencer a aceitar o encontro.

Eu ainda precisava fazer duas coisas antes de terminar o meu plantão: falar com a doutora Carter e verificar o meu último paciente, o Edward.

— Posso entrar, doutora? — pedi colocando minha cabeça dentro da sala dela.

— Claro que pode, vamos lá, entre e sente aqui. Estou terminado de ver os exames do Edward — respondeu tirando os óculos.

— Queria conversar com você sobre ele — pedi me sentando na cadeira à sua frente.

— O que você quer saber?

— Nada importante, só queria saber por que ninguém vem visitá-lo. Ele está sozinho por muito tempo, e isso não lhe está fazendo nada bem.

— Eu sei disso, mas ele não quer avisar à família sobre o tratamento, resolveu fazer tudo sozinho. Não consegui convencê-lo do contrário.

— É uma pena, pois acho que ele está desenvolvendo um quadro de depressão — expliquei triste por constatar isso.

— Também percebi, e foi pensando nisso que decidi liberá-lo do hospital. A partir de amanhã, ele ficará em casa. Ele ainda terá que vir aqui todos os dias, mas talvez, fora do hospital, o seu humor melhore.

— É uma boa ideia! Com o apoio da família, os pacientes costumam melhorar mais rápido.

— Apesar de sair do hospital, ele continuará sozinho. Sua família é de Nova York, e tenho minhas dúvidas de se ele irá avisar a algum deles que está aqui, precisando de ajuda.

— Que sujeito difícil... Bom, pelo menos em casa ele poderá se sentir mais à vontade, e quem sabe isso não seja suficiente — resmunguei antes de deixar a sala dela, mas percebi, ao fechar a porta, que a doutora não acreditava no mesmo que eu.

Fui até o quarto do Edward, como era minha intenção desde antes de saber que ele iria para casa, mas dessa vez para me despedir dele.

— Olá! — saudei-o ao entrar no quarto.

— Oi — disse saindo do banheiro.

— Eu fiquei sabendo que talvez você saia do hospital, por isso resolvi vir aqui me despedir — disse nervosa, pois não sabia se era apropriado lhe falar aquilo antes da médica, mas, naquela altura, eu não me importava com isso. Ele era meu amigo e não tinha mais ninguém para apoiá-lo.

— Ainda não é certeza, tenho que esperar até amanhã — explicou se sentando na sua poltrona de sempre em frente à janela. Era impossível olhar para aquele lugar e não me lembrar dele.

— Sei, mas não quero perder essa chance. Não sei se vamos conversar novamente. Por isso queria dizer até logo.

— Obrigado, agradeço sua preocupação, apesar de não a merecer — disse melancólico.

— Merece, sim, você foi o paciente mais teimoso que conheci.

— Teimoso? Acho que não. Mas não vou contrariá-la, não agora.

— Sei que você não tem ninguém na cidade, por isso queria deixar meu número de telefone com você. Se precisar de ajuda, pode ligar a qualquer momento — declarei entregando um papel com o número do meu celular.

— Agradeço sua gentileza e prometo usá-lo com extrema cautela — disse

guardando o pedaço de papel dentro do seu violão.

— Eu estou falando sério, pode ligar quando quiser — falei parando à porta do quarto.

Eu ainda não sabia por que dera meu telefone a ele. Não pensara, só agira e esperava não me arrepender depois.

No final do meu turno, avisei a Jenni que aceitaria o encontro que ela arranjara para mim. Saí do hospital e peguei a Mili na escola. Assim que chegamos a casa, brincamos um pouco no quarto dela, depois jantamos, e eu dei banho nela e a coloquei para dormir.

Apressei-me a tomar meu banho. Coloquei meu melhor vestido, marfim, na altura dos joelhos, o único elegante que eu tinha. Sequei meu cabelo e deixei que as ondas caíssem nos meus ombros. Apliquei uma maquiagem leve, apenas nos olhos, e passei um batom nude. Desci a escada bem na hora em que a Jenni tocava a campainha.

— Uau, você está linda — elogiou assim que abri a porta para recebê-la.

— Não exagere, eu só me arrumei um pouco — disse pegando minha bolsa no sofá.

— Tudo bem, mas agora você precisa ir. Está atrasada, e você sabe que os homens não gostam de esperar — declarou se sentando no meu sofá.

— Já estou indo. Cuide bem da Mili. Se ela acordar, leia o livro do Touro Ferdinando, nunca falha. Ela sempre dorme depois de ouvir essa história.

— Eu já sei, pode ir tranquila. Conheço a rotina da Mili como a palma da minha mão.

— Espero não me arrepender disso — resmunguei ao fechar a porta de casa.

Cheguei ao restaurante francês só um pouco atrasada. Avisei ao maître que estava procurando um homem chamado Brian, e ele me levou a uma mesa reservada num canto do restaurante. Antes de encontrá-lo, já o avistei

de longe e fiquei empolgada. Ele usava terno e tinha os cabelos lisos, castanhos, caídos nos olhos, era um charme só. Porém, seu encanto morreu assim que a noite foi se desenrolando. Logo que me aproximei e nos cumprimentamos, ele começou a falar sem parar. Não tive chance de dizer quase nada.

O cara era egocêntrico e não parava de falar o quanto ele era bom, que trabalhava numa das melhores empresas de advocacia do país e tinha uma conta bancária que causava inveja a todos que o conheciam. Nem preciso dizer que meu encontro foi um verdadeiro fracasso. No final da noite, nós nos despedimos, e eu voltei sozinha para casa.

— Que perda de tempo — resmunguei para mim mesma ao dar partida no carro no estacionamento do restaurante.

Preciso de companhia

JONAS

Eu fico imaginando se ela ainda se lembra de mim
Muitas vezes eu tenho rezado
Na escuridão da minha noite
Na claridade do meu dia

Girl from the North Country - Bob Dylan

No dia em que me informaria se me daria permissão para deixar o hospital, Laura apareceu no meu quarto logo de manhã. Eu ainda nem tinha acordado, e lá estava ela, toda feliz e sorridente ao meu lado.

— Vou te dar alta, pode ir embora assim que fizer sua sessão de radioterapia.

— Tem certeza disso? — inquiri, animado depois de muito tempo.

— Claro que tenho. Você ainda vai precisar vir aqui todas as manhãs até terminar as sessões de radioterapia, mas não precisa ficar internado. Podemos continuar o seu tratamento fora do hospital a partir de agora.

— Obrigado, eu te amo! — exclamei, dando um beijo nela.

— Se soubesse que você ficaria tão animado assim, teria feito isso antes — disse sorrindo pra mim.

— Tudo bem, acho que agora é um bom momento para eu conhecer meu apartamento.

— Você vai amar, seu pai caprichou em tudo — revelou, provavelmente se lembrando do dia em que fora ao meu apartamento buscar minhas coisas.

— Agora que não sou mais o seu paciente, será que posso te convidar

para jantar? — convidei-a empolgado, pois Laura era uma mulher linda e qualquer homem ficaria feliz em tê-la nos braços.

— Mal saiu do hospital e já está jogando seu charme em cima de mim? Saiba que você ainda é o meu paciente, mesmo não estando internado no hospital. Além disso, não quero te iludir, eu tenho namorada.

— Namorada? — perguntei curioso.

— Sim, isso mesmo que você ouviu — confirmou, observando-me atentamente para ver a minha reação.

— Eu vou gostar de conhecer sua namorada. Se ela for tão bonita quanto você, teremos um bom jantar — falei, sincero.

— Ok, marcamos alguma coisa qualquer dia — disse saindo do meu quarto.

Logo depois, Julia apareceu e me levou para a radioterapia. Quando voltamos, eu estava cansado como sempre, mas feliz por, enfim, ir embora. Arrumei as minhas coisas e coloquei a roupa que eu usava quando chegara ali. Minha calça estava tão folgada que por pouco não caiu no chão. *Quanto será que emagre*ci?, pensei enquanto colocava a camiseta.

— Até mais, playboy — cumprimentou Julia depois que apareci no quarto novamente com as minhas roupas. Ela ainda colocou a touca preta na minha cabeça e empurrou um pedaço de papel no meu bolso.

— A gente se encontra por aí, Julia — falei pegando o *case* do meu violão e minha bolsa e saí sem olhar para trás. Ainda bem que eu tinha me despedido da Amanda, provavelmente não a veria tão cedo.

Assim que saí do hospital, liguei para uma empresa de táxis e fiquei parado em frente ao chafariz, olhando para cima e tentando identificar qual era o meu quarto, mas não consegui. Quase não podia acreditar que estava indo para meu apartamento. Os dias que eu ficara naquele hospital tinham sido difíceis, e eu esperava nunca mais ter que passar por aquilo.

Enfim o táxi chegou. O trajeto até meu apartamento pareceu curto, talvez

porque eu estava tão animado que nem percebi que estávamos cruzando as principais ruas de Houston havia mais de meia hora. Enfim, ao estacionar em frente ao meu prédio, paguei a corrida ao motorista e lhe dei uma gorjeta bem gorda. O cara foi embora com um sorriso de orelha a orelha.

Entrei no meu apartamento e não me surpreendi com nada. Era uma cobertura duplex com pelo menos quatro quartos, eu nem tivera o trabalho de checar. Os móveis eram parecidos com os que eu tinha no meu apartamento em Nova York. O que me chamou atenção assim que entrei foi o piano na sala e um estúdio de música no primeiro andar. Não sei como meu pai sabia do quanto eu precisaria daquilo, ele me surpreendeu. O estúdio tinha todos os instrumentos que usávamos na banda e ainda minha guitarra preferida. Não era a mais cara da minha coleção, mas foi a primeira que eu comprara com meu próprio dinheiro. Era uma Fender vermelha, e eu a adorava.

A cozinha não estava abastecida, por isso eu precisaria fazer compras, mas deixaria para depois, porque eu estava cansado. Joguei-me na cama macia e dormi a tarde toda. Deixei meu corpo descansar como se eu tivesse chegado de uma longa viagem.

Ao acordar, resolvi ligar para o meu pai. Eu precisava lhe agradecer por tudo que fizera por mim. Mesmo sem saber o que eu estava passando, ele conseguira me oferecer tudo o que eu precisava.

— Oi, pai, como vai? — murmurei logo que ele atendeu ao telefone.

— Estou bem, filho, e você?

— Estou ótimo.

— Estou esperando sua ligação há alguns dias, e nada. Achei que você não tinha gostado do estúdio, foi tão reticente nas vezes em que perguntei sobre ele a você.

— Eu gostei, é que eu estava ocupado.

— Sei disso, o Jack me contou sobre a garota. Só tenha cuidado, filho. Não quero que você se machuque.

— Não sou mais criança e estou bem, não se preocupe. Quanto ao estúdio, foi uma puta de uma surpresa, estou em dívida com você.

— Sabia que você iria gostar — falou animado.

— Gostei bastante e pretendo usá-lo muito. Agora eu preciso ir, estou morrendo de fome. Mais tarde nos falamos.

— Tudo bem. Se precisar de mais alguma coisa, me ligue, e parabéns por fugir da imprensa. Pensei que você não duraria uma semana sozinho, mas está se saindo muito bem.

— Até logo, pai. — Encerrei a ligação. Mal sabia ele que eu estava irreconhecível. Provavelmente até mesmo meu pai teria dificuldades para me reconhecer. Exceto pela voz, eu tinha mudado muito, por dentro e por fora.

A primeira semana no apartamento foi tranquila e passou sem qualquer problema. Todas as manhãs eu pegava a moto que alugara e seguia até o hospital para fazer minhas sessões de radioterapia. Logo depois vagava sem rumo pela cidade, parava em pequenas lanchonetes para almoçar. Em seguida caminhava sozinho pelas ruas do centro. Minhas roupas preferidas eram pretas, eu consegui uma infinita combinação de calças, camisetas e jaquetas e as usava em todas as ocasiões. Comecei inclusive a fazer um pouco de exercícios na academia do meu prédio, nada muito pesado, só para ocupar meu tempo.

E tocava. Passava horas no meu estúdio. Comecei pelas músicas antigas. Bob Dylan estava no topo da lista, eu tocava e cantava suas músicas repetidamente. Cantei tantas vezes “Don’t think twice” que perdi a conta. Depois parti para as clássicas e toquei “Behind blue eyes”, de The Who, entre outras que eu tanto gostava. Por fim me dediquei às músicas da banda. Toquei as minhas preferidas, algumas que nem chegaram a emplacar nos hits mais ouvidos, mesmo assim, eu tinha um carinho especial por elas. E cantei a música que o Jack fez para a Helena, “Only one time”:

I met you one night in Vegas

I saw an innocent girl and I fell in love

But I'm a complicated guy

And the next day you ran from me

I followed you and got you

Oh, oh, girl I got you

Now you are my girl

But my love story is real, and I lost you again

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

I'll never see your smile again

I'll never feel your lips

I'll never touch your body

And now maybe it's forever

I feel like there's no return, it is forever

(Eu conheci você uma noite em Vegas

Eu vi uma garota inocente e me apaixonei

Mas eu sou um cara complicado

E no dia seguinte você fugiu de mim

Eu segui você e te peguei

Oh, Oh, garota, eu te peguei

Agora você é minha garota

Mas minha história de amor é real, e eu perdi você de novo

E agora talvez seja para sempre

Eu sinto como se não tivesse volta, é para sempre

Eu nunca verei seu sorriso de novo

Eu nunca sentirei seus lábios

Eu nunca tocarei seu corpo

E agora talvez seja para sempre

Eu sinto como se não tivesse volta, é para sempre)

Quando fiz tudo que queria fazer e não podia quando estava internado no hospital, comecei a assistir aos shows que tinha vontade de assistir durante a última turnê, mas não tinha tempo. Preparei baldes de pipoca e fiquei deitado em frente a uma tela enorme no meu quarto enquanto assistia, sozinho, a alguns shows e documentários.

Porém, no domingo de manhã, sem mais nada para fazer, eu estava farto de ficar sozinho. Fui até o meu violão e peguei o telefone que eu conseguira evitar até o momento.

Amanda atendeu logo no segundo toque.

— Alô?

— Sou eu, o Jo... ou melhor, o Edward — falei, sem ainda estar acostumado àquele nome idiota que a Laura inventara para mim e me perguntando se eu fizera a coisa certa ao entrar em contato com ela.

— Oi, Edward, como você está?

— Estou bem, apenas entediado e sem nada para fazer.

— Sei... — Passou um tempo muda, mas logo voltou a falar: — Não sei

se você vai se interessar, mas eu e a Milena estamos indo para o parque de diversões em Kemah. Quer ir conosco?

— Quero, claro! Preciso me distrair um pouco.

— Tudo bem, vou mandar meu endereço para você e te espero aqui.

— Certo, estarei aí daqui a pouco. — Encerrei a ligação. Não pensara que seria convidado para um passeio. Ligara porque queria conversar com alguém e acabara ganhando um dia no parque.

Cheguei em frente à casa da Amanda todo empolgado. Estava usando a minha famosa combinação de roupas pretas e esperava que ela não planejasse outro passeio além do parque de diversões.

— Oi — cumprimentei-a assim que abriu a porta para mim.

— Olá — respondeu depois de me observar atentamente.

— O que foi? — perguntei preocupado.

— Nada, não, é que você está diferente.

— Diferente bom ou ruim?

— Bom... — falou cautelosa. Ela também estava diferente, mas não comentei nada. Vê-la sem as roupas do hospital foi uma surpresa. Ela usava uma calça jeans e uma blusinha azul colada ao corpo. Seus cabelos estavam soltos, e eu não imaginara que seriam tão longos e bonitos.

— Posso entrar? — pedi observando a pequena casa em que ela morava.

— Claro que pode. — Acompanhei-a para dentro do pequeno duplex. — Sente-se aqui enquanto eu termino de arrumar nossas coisas! — falou empolgada, deixando-me sozinho na pequena e aconchegante sala. Os móveis pareciam de segunda mão, mas a casa tinha um carisma que tornava impossível a alguém não se sentir bem.

Amanda subiu a escada correndo e voltou alguns minutos depois segurando uma garotinha no colo e com uma mochila nas costas.

— Estamos prontas — anunciou assim que ficamos frente a frente.

— Quem é essa garotinha linda no seu colo? — perguntei, embora soubesse que era sua filha.

— Meu nome é Mili — respondeu a garotinha sem tirar os olhos de mim.

— Que nome lindo! — elogiei pegando uma mecha do seu cabelo. A menina era a cópia da mãe, inclusive os cabelos.

— E quem é você? — indagou interessada na minha touca.

— Ele é o Edward, amigo da mamãe — explicou Amanda antes que eu pudesse dizer o meu nome. Sorri aliviado, pois tinha quase certeza de que eu diria Jonas em vez daquele nome estúpido que a Laura inventara. Eu não sabia por que ela desenterrara aquele nome, já que, pelo que parecia, ela nem gostava de homens.

— Você vai com a gente? — questionou a garotinha animada. Era impressionante o quanto ela tinha uma boa dicção para sua idade.

— Se você me convidar, eu vou — falei empolgado com a animação dela.

— Eu convido — respondeu fazendo biquinho.

— Então eu aceito seu convite e prometo ser bonzinho — repliquei enquanto seu sorriso aumentava até tomar conta do seu rosto todo.

— Agora precisamos ir antes que eu desista e fique em casa — resmungou Amanda, interrompendo nossa conversa.

— Não, *mammy*, quero ir no parque! — reclamou Mili.

— Vamos, então, o que estamos esperando? — Ao sairmos, Amanda observou a minha moto estacionada lá fora e disse: — Acho que teremos que ir no meu carro.

Ela colocou a pequena Mili na cadeirinha no banco de trás de um carro preto, daqueles com porta-malas enorme. O carro já tivera dias melhores, e fiquei preocupado se ele conseguiria completar a viagem sem quebrar no

caminho.

— Vamos, Edward, entre logo, antes que eu saia sem você — Amanda resmungou já dentro do carro. Deu partida uma vez, mas nem sinal de o motor ligar. Tentou novamente, e eu já estava para chamar um táxi para nos levar quando o motor rugiu, e seguimos para nosso destino.

Um dia de diversão

AMANDA

Tramas do sucesso
Mundo particular
Solos de guitarra
Não vão me conquistar

Como eu quero - Kid Abelha

Logo depois de sair de casa, pegamos a via Sam Houston e seguimos para a cidade de Kemah. O trajeto não era longo, quase uma hora até o parque de diversões. No entanto, minha filha era impaciente e ficava perguntando de minuto a minuto se estávamos chegando.

— *Mammy*, tô cansada, quero ir logo no parque — resmungou mais uma vez.

— Por favor, tenha paciência, logo chegaremos — falei cansada de dizer a mesma coisa desde que tínhamos iniciado o percurso.

— Talvez, se o seu carro fosse mais novo, chegaríamos mais cedo — comentou Edward, entrando na conversa.

— Meu carro é bom, pare de reclamar dele. É o único que eu tenho — argumentei em meu favor.

— Sei que é o único que você tem, mas precisa concordar comigo que ele passou da hora de ir para o lixo.

— É o único que posso ter — expliquei chateada.

— Entendo isso, mas não quer dizer que seja bom pra você — rebateu tranquilo, sem se importar se estava me ofendendo ou não.

— Se eu tivesse um pouco mais de dinheiro, poderia trocar de automóvel. Como não tenho, vou ficar com esse. É perfeito para o meu bolso.

— Você não se importa com a segurança da sua filha? — perguntou preocupado, olhando a Mili no banco de trás. Ainda bem que ela tinha pegado seu ursinho favorito e não estava prestando atenção à nossa conversa.

— Claro que me importo, por isso que ela está no banco de trás, sentada na cadeirinha dela. — Não esperava que ele fosse querer me ensinar a cuidar da minha filha.

— Tudo bem. Não vou mais ofender o seu carro, pelo menos ele ainda está circulando — disse batendo no painel.

— Isso mesmo, ele ainda anda e está nos levando para o parque, coisa que a sua moto chique não pode fazer — debochei, mas sem ter coragem de olhar para ele.

— É, você tem toda razão — concordou arrumando a sua touca.

— *Mammy*, quero fazer xixi — pediu a minha filha.

— Você consegue segurar um pouquinho, meu anjinho? Estamos chegando, passamos por League City, mais uns minutos e chegaremos bem rapidinho ao parque. Acha que pode aguentar?

— Acho que sim — respondeu fechando as perninhas.

— Nem preciso dizer que, se fosse outro carro, já estaríamos lá — comentou Edward olhando pela janela.

— Cala a boca — pedi nervosa, pois ficaria um cheiro terrível no carro se a Mili não aguentasse esperar até lá.

— Desculpe, não vou mais falar do carro, eu prometo — Edward disse dando uns sorrisinhos falsos.

Ainda bem que ele cumpriu a promessa e não mencionou mais os problemas do meu automóvel. Tentei acelerar mais um pouco, mas o veículo era limitado. Entretanto, para o meu alívio, Mili esperou até que eu

estacionasse em frente ao parque. Deixamos as chaves com o Edward e saímos correndo em busca de um banheiro.

Quando voltamos, ele já tinha comprado os nossos ingressos e ainda segurava um balão em forma de coração para a Mili.

— Obrigada, tio Ed — agradeceu ela assim que pegou o fio do balão.

— Não precisava comprar nossos ingressos e nem um balão para a Mili — comentei envergonhada por ele ter gastado seu dinheiro com minha filha.

— É a forma que encontrei de agradecer a carona e a companhia — retrucou caminhando em direção à entrada.

— Mesmo assim não precisava. Você é meu convidado e não devia pagar por tudo — falei caminhando atrás dele e arrastando a Mili comigo.

— Por que você não aceita a gentileza e pronto? — indagou pegando Milena no colo para passar pela catraca.

— Obrigada, tio, já *tava* cansada — falou minha garotinha sorrindo.

— Você deveria ser como sua filha, simplesmente agradecer a gentileza — resmungou sem olhar para mim, como se estivesse falando apenas com a Mili.

— Tudo bem, obrigada — agradeci sem vontade.

Assim que entramos no parque, Mili ficou desesperada para andar em todos os brinquedos. Eu já a tinha levado ali antes, mas era tão novinha que devia ter esquecido.

O parque estava lotado, por isso tivemos que esperar a nossa vez na fila em alguns brinquedos. Porém, Edward e a minha filha nem ligaram para isso. Os dois pareciam crianças da mesma idade. Ele foi em todos os brinquedos com ela, e nem preciso dizer que a minha pequena adorou toda a atenção que recebeu do tio Ed.

— Você é uma mulher de sorte — comentou uma mulher ao meu lado enquanto eu esperava e acenava para o Edward e minha filha, que estavam no

carrossel.

— Por quê?

— Não são todos os pais que se divertem assim com os filhos, a maioria deles vêm ao parque obrigados e ficam num canto, sentados e comendo, enquanto os filhos brincam sozinhos — explicou apontando para um homem sentado num banco ao lado do Bubba Gump, segurando um balde de frango.

— É, sou uma mulher de sorte — murmurei sem ter forças para explicar àquela mulher que Edward não era pai da Mili. Eles estavam tão bem juntos que eu não queria estragar aquele momento. Por isso deixei a mulher pensar que eu tinha sorte, mesmo quando era a pessoa mais azarada do mundo.

Depois do carrossel, foi a vez do trenzinho. Dessa vez eu não fiquei de fora, e nos sentamos lado a lado, como uma família feliz. Eu não fazia ideia de por que ele aceitara vir àquele passeio e ainda parecia estar gostando. Talvez mais tarde eu criasse coragem e lhe perguntasse.

Durante o passeio, minha filha era só empolgação. Acenou para as pessoas e pegou os óculos escuros do Edward, que estavam na gola da camiseta dele. Era impressionante como eles se davam bem, pareciam se conhecer havia tempos. Ele tinha toda a paciência do mundo com ela, e minha filha estava adorando receber atenção de um homem pela primeira vez.

— Se estiver perturbando, pode deixar que eu fico com ela — avisei preocupada.

— Não se preocupe, que eu e essa garotinha linda estamos nos entendendo muito bem, não é mesmo, Mili?

— Sim, tio — respondeu sorrindo.

Somente quando ela se cansou de andar nos brinquedos nós paramos para comer. Edward sugeriu um restaurante, mas eu não podia mais abusar. Por isso o convidei para comer um cachorro-quente com refrigerante. Ele torceu o nariz, não gostando muito da ideia, mas Mili ficou tão empolgada que ele teve de ceder.

Nós nos sentamos num banco em frente ao trailer que vendia *snacks* e cachorros-quentes. Pedi os três sanduíches e dois refrigerantes. Enquanto comíamos os nossos lanches, Mili se lambuzava com o dela.

— Faz tanto tempo que não como um como esse — comentou Edward pensativo.

— Em Nova York não tem cachorro-quente? — questionei, brincando com ele.

— Claro que tem — respondeu ainda pensativo —, mas nada como esse.

O lanche era bom, eu não podia negar. Contudo, podia jurar que ele não estava falando do sabor, mas de alguma coisa que eu não conseguia entender ainda, uma vez que Nova York tinha os melhores cachorros-quentes do mundo.

Depois de bem-alimentados, seguimos em direção ao píer para observar o mar. Mili foi no meio, às vezes segurando minha mão, outras, a do Edward.

— Eu não sabia que você tinha tanto jeito com criança — disse, quebrando o silêncio que se instalara entre nós.

— Adoro crianças. Meu primo tem dois filhos pequenos. Não consigo passar muito tempo com eles, mas, nas raras vezes em que ficamos juntos, eu me divirto bastante — explicou voltando sua atenção para mim e logo voltando a olhar para o mar. Seus olhos admiravam as ondas com tanta intensidade que fiquei curiosa para saber o que ele estava pensando.

— Você deve ter uma boa relação com eles. Quais os nomes dos filhos do seu primo?

— O Adam tem sete anos, e a Sophia, quase dois. Eu e meu primo sempre estamos juntos, por isso os vi crescer e sinto como se eles fossem mais meus sobrinhos — falou parando para erguer a Mili, que tentava pular as tábuas de madeira do chão.

— Você deve estar sentindo falta deles... — falei tentando entender por que um cara tão legal estava ali, sozinho, passando por tudo aquilo.

— Sim, sinto falta, mas já estou acostumado, pois, como eu já disse, não passo muito tempo com as crianças. Além disso, todos estão no Brasil agora.

— Seu primo é brasileiro? — perguntei curiosa. Já devia ter questionado como ele falava tão bem o português, mas não tivera chance.

— Não, mas a mulher dele é, e o Adam nasceu no Brasil, também. Eles têm uma casa lá, por isso passam as férias com a família brasileira da Helena.

— Entendi. Foi ele que te ensinou português?

— Não, tínhamos um amigo em comum, e ele nos ensinou ao mesmo tempo — explicou um pouco nervoso, colocando seus óculos de sol depois que algumas meninas passaram por nós gritando e cantando uma música de uma banda popular. Porém, eu não conseguia lembrar o nome dela, só sabia que existia porque a Julia me mostrara uma foto do vocalista uma vez.

— Está tudo bem? — indaguei preocupada ao perceber que ele parara de andar e ficara branco feito papel.

— Estou bem — respondeu, respirando fundo.

— Você está sentindo alguma coisa? Acho que se esforçou demais por hoje.

— Não se preocupe, estou bem. Além disso, ainda precisamos ir na montanha-russa — disse apontando para o brinquedo assustador.

— Quem disse que vamos nela? — inquiri chocada.

— Vamos tirar par ou ímpar; quem perder, vai sozinho na montanha-russa, enquanto o outro fica cuidando da Mili.

— Não gosto da sua proposta e vou ter que recusar — falei cruzando os braços.

— Você vai amarelar na frente da sua filha? — perguntou incrédulo.

— Vamos, *mammy*, seja corajosa — incentivou a Mili depois que o Edward cochichou as palavras no ouvido dela.

— Tudo bem, eu aceito — concordei, sem querer decepcioná-la.

Foi a pior coisa que fiz, porque acabei perdendo aquele jogo estúpido e tive que ir sozinha na montanha-russa. Enquanto eu subia os degraus até o carrinho, escutei Mili e Edward gritarem lá embaixo:

— Seja corajosa, *mammy*!

Todavia, não fui corajosa; tive tanto medo que quase vomitei. Aquilo era insano! O vento batia no meu rosto, meu cabelo virou uma bagunça total. E, quando eu pensava que tinha acabado, começava tudo de novo. Quando, enfim, o brinquedo parou, precisei de um tempo para conseguir sentir minhas pernas novamente. A adrenalina era tão grande que meu coração batia frenético, no ritmo de uma escola de samba.

— Nunca mais me peça para ir nesse brinquedo de novo — murmurei assim que consegui sair do carrinho e descer os degraus até Edward e minha filha.

— Não posso fazer nada se você não é uma boa perdedora. Agora podemos ir embora — falou rindo, pegando a Mili no colo e seguindo com ela para o estacionamento.

O trajeto de volta foi bem mais rápido, talvez porque, em virtude da tremedeira causada pela montanha-russa, eu ainda não conseguia dirigir e o Edward teve que tomar o meu lugar. Ele não teve dó do meu carro e acelerou o máximo que podia. Cheguei a pensar que o automóvel não aguentaria a pressão. Contudo, chegamos a salvo a minha casa tarde da noite. Mili adormecera assim que entrara no carro e não acordara mais. Edward teve que pegá-la no colo e me ajudar a levá-la até o quarto.

— Dorme bem, princesa — disse ao colocá-la com cuidado na cama e seguiu até a sala.

— Obrigada por tudo, foi um dia legal — falei agradecida.

— Eu que agradeço, há tempos não tinha um dia tão divertido — retrucou com as mãos nos bolsos. Eu não sabia por que, mas ele não parecia muito confortável com isso, como se fosse um sentimento novo para ele.

— Fique à vontade para aparecer quando quiser.

— Vou tentar. Agora preciso ir — declarou segurando a maçaneta da porta.

— Até mais, Edward.

Ergui-me e lhe dei um beijo de agradecimento no rosto.

Um presente especial

JONAS

Quando os ventos das mudanças soprarem.
Possa seu coração estar sempre contente,
Possa sua canção ser sempre cantada

Forever Young - Bob Dylan

Logo que saí da casa da Amanda, olhei para a lata velha estacionada em frente e torci o nariz de desgosto. Aquele carro era um problema. Amanda e a pequena Mili corriam um grande perigo dentro dele todos os dias. Eu precisava fazer alguma coisa a respeito daquilo, mas tinha a impressão de que ela não aceitaria o meu auxílio. Tinha de pensar numa forma de ajudá-la sem que ela recusasse.

Voltei a olhar para o carro e depois para a casa. As luzes estavam apagadas, e nem sinal de Amanda. Abri o capô do veículo e fiquei ainda mais preocupado. Havia muitos fios desencapados, vazamento de óleo, e o motor já tivera dias melhores; pelo barulho que fazia quando estava ligado, devia estar nos seus últimos suspiros. Arranquei alguns fios, abri o óleo para todo o líquido vazar durante a noite e arranquei duas peças, jogando-as no lixo.

Quando terminei, sorri satisfeito. Antes mesmo de montar na moto e voltar para o meu apartamento, mandei uma mensagem para o meu pai.

Preciso que alugue um carro seguro e confortável para amanhã cedo e o envie para esse endereço: 51, Division Street, Sugarland, TX.

Ah, quase esqueci, tem que ter cadeirinha para criança também. E deixe nele um bilhete falando o seguinte: "é um

empréstimo, quando consertar seu carro, você devolve.
Edward."

Pronto, impossível ela recusar um carro se o dela não funcionar mais, pensei ao colocar meu capacete e acelerar a moto rumo ao meu prédio. Fui o caminho todo sorrindo ao me lembrar do dia maravilhoso que passara com a Amanda e sua filha. Havia tempos eu não me sentia tão livre assim, fora maravilhoso ir ao parque de diversões e não ser reconhecido por ninguém. Eu quase tivera um enfarte quando vira aquelas garotas com camisetas da banda. Porém, elas haviam passado direto e não tinham me reconhecido. Havia sido muito bom andar pelo píer sem parar toda hora para dar autógrafos ou ser bombardeado por flashes de todos os lados.

Eu não estava reclamando dos meus fãs, adorava todos eles. Entretanto, eu queria só por um momento ser apenas o Jonas, um cara que estava lutando contra um câncer e passeando num parque com os amigos sem ter que dar explicações sobre o motivo de eu estar ali. E foi isso que eu tive naquele dia, um dia bom no meio do caos que se tornara minha vida desde que eu descobrira a doença.

Entrei no meu apartamento e tomei um banho demorado. Antes de desabar na minha cama, recebi uma mensagem do meu pai.

Está feito, mas não entendo por que você quer um carro familiar com cadeirinha e tudo. Posso saber por quê, Jonas?

É para ajudar uma amiga. Quanto à cadeirinha, não se preocupe, você ainda não é avô.

Que bom, estou mais aliviado. Por um instante pensei que você tava aumentando a família.

Pode ficar tranquilo, estou bem e sem filhos kkkk

Seria estranho se acontecesse tão rápido, mas eu ainda espero

um neto.

Talvez um dia, pai. Boa noite!

Vou esperar esse dia chegar. Boa noite, filho.

Meu pai sempre me surpreendia. Eu nunca pensara que ele queria um neto. *Talvez ele nunca consiga realizar seu sonho*, pensei aflito ao lembrar tudo que ainda tinha de passar para afastar aquela doença de vez da minha vida.

Adormeci com a imagem do sorriso da Mili na minha cabeça. Foi tão fácil dormir assim... Aquela garotinha me encantara de uma forma que nenhuma outra criança conseguira, nem mesmo Adam e Sophia. Eu os amava, mas não era a mesma coisa. Para eles, eu era apenas o tio Jonas. No entanto, com a Mili... eu não sabia explicar. Talvez fosse o fato de a garotinha não ter um pai, nenhuma figura que representasse esse papel na sua vida. Eu não conseguia compreender como a Amanda criava aquela menina sozinha. Ela tinha feito um ótimo trabalho até o momento, exceto por um detalhe: a criança era carente de amor paterno. Talvez fosse por isso que me aceitara tão bem.



Fazia tanto tempo que eu não dormia tão bem. Acordei em cima da hora para a minha radioterapia, por isso nem tomei café da manhã; podia comer alguma coisa no caminho.

Desci até a garagem para pegar a moto, mas meu celular tocou quando eu saía do elevador.

— Alô? — atendi sem olhar a tela para ver quem era.

— Bom dia, Edward — cumprimentou-me Amanda em tom seco do outro lado da linha.

— Bom dia, Amanda... Eu não sabia que era você — saudei-a caminhando em direção à minha moto.

— Sou eu, sim, e estou furiosa com você!

— Por quê? — perguntei fingindo inocência; jamais admitiria o que eu fizera.

— Tem um carro novinho estacionado à porta da minha casa, me entregaram as chaves e um bilhete seu. Você sabe que não posso aceitar!

— Claro que pode e vai. Não o comprei, é alugado, assim que não precisar mais dele, pode devolver — disse para tentar convencê-la a ficar com o automóvel, porque minha intenção era comprá-lo para ela.

— Como você sabia que eu precisava de um carro esta manhã?

— Foi só um palpite, depois de todo o esforço que seu carro fez ontem. Eu judiei dele sem dó nem piedade. Imaginei que ele teria problemas para ligar hoje de manhã.

— Tem certeza de que você não teve nada a ver com o fato de ele estar quebrado? — questionou desconfiada.

— Claro que não, só quis ajudar.

— Ainda não acredito em você, mas minha lata velha passa mais tempo na oficina do que em casa, por isso não tenho argumentos para contrariá-lo a respeito disso.

— Isso significa que você vai ficar com o carro que eu emprestei? — perguntei animado e até ergui o punho no ar depois de constatar que meu plano dera certo.

— Vou — resmungou desanimada. Depois de alguns segundos de

silêncio, continuou: — Mas saiba que vou ficar com ele somente até meu carro ficar pronto e vou pagar o aluguel, mesmo não fazendo ideia de como vou conseguir dinheiro para pagar por um automóvel tão caro — disse a última parte bem baixinho, talvez na esperança de que eu não a escutasse, mas ouvi cada palavra.

— Tudo bem, faça como quiser — concordei por enquanto. Depois eu pensaria numa forma de ela aceitar o veículo como presente, quando eu o comprasse.

— Agora preciso ir. A Mili está encantada com o carro novo, já pulou em todos os bancos, provavelmente teremos que lavá-lo quando você for entregá-lo para a locadora. O guincho já levou meu carro para a oficina. Tenho calafrios só de imaginar quanto vai ficar a conta para arrumá-lo dessa vez.

— Não se preocupe com o carro, deixe a Mili pular à vontade e mande um beijo para ela. Já estou morrendo de saudade.

— Sério? — perguntou num tom muito surpreso.

— Sério, não estava fingindo ontem. Eu realmente adorei passar o dia com vocês no parque — falei, subindo na moto. Eu estava muito atrasado, mas por nada neste mundo encerraria aquela ligação.

— Sei disso, me desculpe, é que pensei... Deixa pra lá, não pensei nada, não. Bom, agora eu tenho que desligar, estamos atrasadas.

— Eu também — murmurei ainda sem querer encerrar o telefonema.

— Tudo bem, não quero mais atrapalhar você. Porém, gostaria de convidá-lo para jantar conosco hoje. Não pense que estou te convidando para sair, nem nada do tipo, é apenas um agradecimento pelo carro, e a Mili vai adorar te ver novamente — disse envergonhada.

— Entendi, eu também vou adorar ver a Mili. Estarei aí às 8h — respondi sorrindo, pois esse convite ganhara o meu dia.

— Combinado, nos vemos à noite.

— Até logo, Amanda.

— Até mais, Edward.

Eu já estava de saco cheio desse nome estúpido. Precisava dizer a ela o meu nome verdadeiro. Sabia que ela ficaria chateada, mas talvez entendesse os meus motivos.

Cheguei para fazer a radioterapia quase uma hora atrasado. A enfermeira que me atendeu torceu o nariz e só realizou a sessão porque a Laura pediu. Porém, não escapei do sermão da minha amiga. Ela desceu até a sala onde eu aguardava, falou muito sobre a responsabilidade que eu devia ter com meu tratamento e deixou bem claro que, se aquilo se repetisse, ela contaria toda a verdade para o meu pai.

Eu não gostei de ouvir o sermão, senti-me uma criança de 12 anos que tinha aprontado na escola e fora recriminado pela professora. No entanto, não podia fazer nada a respeito, porque ela tinha toda a razão, por isso abaixei a cabeça e ouvi tudo calado.

Depois da sessão de radioterapia, voltei para casa muito cansado, talvez pelo fato de eu não ter comido nada antes de ir. Cheguei ao prédio na marra, quase caí da moto ao estacioná-la na garagem. Assim que entrei no apartamento, corri ao banheiro e vomitei apenas ácido estomacal, pois ainda não tinha comido nada. Caí na cama sem vontade alguma de fazer nada, nem de abrir meus olhos. Eu esperava que um pouco de sono fosse suficiente para eu levantar mais animado e ir até a casa da Amanda mais tarde.

A minha sorte era que ainda tinham algumas horas até o jantar, por isso tentei dormir, mas não consegui. Continuei indo toda hora para o banheiro vomitar. Minha boca estava seca. Depois de algum tempo, eu não tinha forças nem para levantar mais. Tive que trazer o lixeiro do banheiro para o lado da cama e vomitar ali mesmo.

Depois de algumas horas agonizantes, enfim eu apaguei e dei graças a Deus por isso. Estava tão doente que fiquei feliz por poder dormir algumas horinhas e esquecer aquele martírio pelo qual eu estava passando.

Prefiro você

AMANDA

O que você precisa
É de um retoque total
Vou transformar o seu rascunho
Em arte final

Como eu quero - Kid Abelha

Acordei no dia seguinte ao passeio ao parque de diversões mais cedo do que estava costumada. Ficara pensando no Edward antes de dormir e acabara sonhando com ele. No sonho, estávamos passeando de mãos dadas no parque. Parecíamos um casal, e isso não era nada bom.

Levantei-me e preparei a bolsa da Mili para levá-la à escola. Fiz o seu lanche e subi para acordá-la. Ela ainda estava semiadormecida quando a levei ao banheiro, só despertando completamente durante o banho. Após vesti-la, descemos para tomar café da manhã.

Assim que terminamos, peguei minha bolsa, dei uma última olhada no espelho da sala e saímos. Coloquei a Mili na cadeirinha e entrei no veículo. Girei a chave, mas o motor não pegou; eu já estava acostumada a isso. Geralmente ele só pegava na terceira tentativa. Porém, daquela vez não funcionou, por mais que eu tentasse. Desisti ao perceber que o automóvel não iria ligar de modo algum. Era um dia daqueles, tanto eu quanto Mili chegaríamos atrasadas a nossos destinos.

Saí, abri o capô, mas não adiantou nada, pois eu não entendia de carros e não fazia ideia de onde mexer para consertá-lo. Liguei para o meu mecânico, que atendeu ao primeiro toque. Expliquei-lhe toda a situação, e como ele já conhecia minha lata velha, mandou um assistente dele vir buscá-lo e levá-lo para a oficina.

— Estou ferrada — resmunguei ao desligar o telefone.

Fiquei encostada ao carro sem saber o que fazer, até que um Nissan Rougue prata estacionou bem em frente à minha casa. Eu sabia a marca e o modelo do carro porque a maioria dos médicos que trabalhavam no hospital comigo tinha um daqueles. Parecia uma praga, o estacionamento estava lotado deles.

— Bom dia — cumprimentou um rapaz com um uniforme de uma locadora de carros.

— Bom dia — respondi insegura.

— Você mora aqui? — perguntou apontando para a minha casa.

— Sim — respondi sem imaginar por que aquele homem estava interessado em mim.

— Eu vim deixar o seu carro — falou, estendendo-me a chave.

— Não sei do que você está falando. Não pedi carro nenhum.

— Pediram para eu deixar o carro aqui, nesse endereço. Tem um bilhete, também — falou tirando um pedaço de papel do bolso.

É um empréstimo. Quando consertar seu carro, você devolve. Edward.

— Como ele sabia que meu carro não estava funcionando? Será que ele o quebrou de propósito só para me dar um carro novo? — questionei-me enquanto lia o bilhete inúmeras vezes. Contudo, assim que as palavras saíram da minha boca, percebi a estupidez que acabara de dizer. Não fazia nenhum sentido o que eu estava pensando. Ninguém faria algo assim.

— Você vai ficar com o carro ou não? — perguntou o cara, impaciente, ainda segurando a chave.

— Não — neguei, mas pensei melhor, pois estava atrasada e sem um meio de transporte. — Na verdade, eu vou aceitar, sim.

Enfim peguei a chave, e o cara foi embora balançando a cabeça. Na certa devia achar que eu era louca.

Abri o carro, e a Mili, animada, entrou dentro dele. Nesse momento o guincho veio levar minha lata velha para o conserto. Enquanto eu conversava com o assistente do mecânico, ela pulava em todos os bancos. Por sorte, seus sapatos estavam limpos, e eu não teria que passar muito tempo limpando o veículo antes de entregá-lo. Edward pensara em tudo, tinha até uma cadeirinha para a Mili.

Ainda irritada com Edward, sem saber se eu deveria ter aceitado o carro, liguei para ele. Conversamos durante uns minutos, e no fim ele acabou me convencendo de que era uma boa ideia ficar com o automóvel.

Coloquei minha filha sentadinha na cadeira, apertei o cinto de segurança, e partimos. Cheguei trinta minutos atrasada à escola, tive que preencher uma justificativa pelo atraso, mas a diretora deixou Mili entrar.

No meu trabalho era diferente, a minha chefe era minha melhor amiga. Por isso Jenni cobriu meu plantão até eu chegar.

— Obrigada pela ajuda — disse assim que a vi. Ela me entregou as fichas dos meus pacientes, olhando-me de forma preocupada.

— Não se preocupe, está tranquilo hoje. Mas o que aconteceu?

— O meu carro quebrou de novo — expliquei chateada.

— Você precisa se desfazer daquele carro, ele está caindo aos pedaços. Além disso, é um perigo para a humanidade.

— Ele foi para a oficina, e não tenho certeza se volta dessa vez — disse lembrando-me da mensagem do mecânico alguns minutos antes. Parecia que meu carro não tinha conserto.

— Ainda bem, mas como você está se virando sem carro? Se quiser um,

posso emprestar o meu. Posso pegar carona com meu marido, afinal, trabalhamos no mesmo lugar — ofereceu, prestativa como sempre. Fiquei em silêncio por um tempo, pois não sabia o que responder. Nunca mentira para minha amiga, mas não sabia como ela aceitaria a verdade. Edward ainda era paciente do hospital. — Você sabe que é praticamente impossível você se locomover por Houston sem um carro?

— Sei disso e já tenho um. Na verdade, é emprestado.

— Quem te emprestou? — perguntou curiosa, já que ela conhecia todos os meus amigos.

— O Edward — resmunguei baixinho, na esperança de ela não ouvir.

— Que Edward? Não conheço nenhum — questionou pensativa.

— O paciente — respondi, e na mesma hora seus olhos brilharam de entendimento.

— O músico bonitão?

— Sim, é ele mesmo. Nós fomos ontem ao parque em Kemah. Ele viu que meu carro não estava bom e alugou um para me emprestar.

— Simples assim? Por favor, não se meta em encrenca. Embora ele ainda seja paciente do hospital, não é seu paciente, por isso não vejo nenhum problema nisso, mas tome cuidado; não quero ver você machucada.

— Não temos nada, ele é só um amigo.

— Sei disso — comentou, mas ainda parecia desconfiada.

Jenni queria saber detalhes do meu encontro com Edward no dia anterior, mas eu tinha muito trabalho a fazer, por isso, saí de fininho. E fugi dela durante o resto do meu plantão. Deixei o hospital ao fim do meu turno e consegui pegar a Mili assim que o sinal do término das aulas bateu, pois, graças ao carro novo, fiz o trajeto mais rápido, chegando à escola alguns minutos mais cedo. Depois passei no mercado para comprar os ingredientes para fazer o jantar para o qual convidara Edward. Fiquei impressionada com

o tamanho do porta-malas do veículo, acho que caberia minha casa lá dentro.

Ao chegar a casa, deixei Mili assistindo a desenhos animados no seu quarto e fui arrumar a bagunça na cozinha. Enquanto a lasanha cozinhava no forno, preparei uma sopinha de legumes para a Mili, que não gostava de lasanha.

Quando estava tudo pronto, tomei um banho caprichado, coloquei o mesmo vestido que usara no meu último encontro às escuras, prendi metade do meu cabelo e passei perfume. Mesmo sabendo que não era um encontro, eu queria ficar bonita. Nem sabia ao certo por que.

Dei banho na Mili, coloquei um vestido de florezinhas nela e nos sentamos no sofá da sala para esperar nossa visita. Mili esperou pacientemente por dez minutos, depois começou a brincar, rolar no chão, nem parecia a mesma criança. A lasanha ficara pronta havia alguns minutos, mas eu ainda nem a tirara do forno. Já estava impaciente; Edward estava 30 minutos atrasado.

Fiquei andando de um lado para o outro na sala, até meu celular apitar avisando que eu tinha uma nova mensagem.

Desculpe, mas acho que não consigo ir na sua casa hoje.

Era Edward. Perguntei-lhe por que através de mensagem.

Não consigo sair da cama, vomitei o dia todo depois da radioterapia.

Você comeu alguma coisa?

Não.

Tem alguém aí para te ajudar?

Não.

Me passa o seu endereço.

Agora?

Sim, agora.

880, Providence Avenue. Cobertura. Digite o código 3499.

Estarei aí dentro de alguns minutos.

Deixei a lasanha guardada para o dia seguinte, coloquei a sopa de legumes da Mili numa vasilha grande para viagem, peguei dois pacotes de torradas, coloquei tudo numa bolsa térmica e segui para o apartamento do Edward com a Mili no carro que ele nos emprestara.

Assim que chegamos ao prédio, fiquei impressionada com o tamanho do edifício. Ficava bem no centro de Houston, e tudo gritava dinheiro. Não sabia como o Edward, desempregado, podia pagar um lugar como aquele. Na certa seus pais eram ricos e estavam bancando tudo, inclusive o carro que eu estava usando. Meu estômago embrulhou ao constatar isso.

Quando eu disse na portaria que iria à cobertura e tinha o código de acesso, o porteiro me deixou entrar na garagem. Estacionei numa das vagas destinadas ao apartamento de Edward e segui até o elevador. Digitei o código, e subimos até a cobertura. O elevador parou num pequeno hall que dava acesso ao apartamento. Abri a porta, que não estava trancada, uma vez que aquele elevador, de acordo com o porteiro, era usado apenas para acessar a cobertura, e o código era a chave de acesso ao apartamento. Pisei no hall de entrada e logo fiquei deslumbrada com o luxo que tinha ali. O lugar era moderno e em cores neutras, desde o sofá bege até as poltronas brancas distribuídas pela ampla sala. Tinha até um piano. O imenso cômodo tinha um conceito aberto, amplo, com uma cozinha como ilha que parecia ter o dobro de tamanho da minha.

— Edward, eu cheguei! — gritei na esperança de ele me ouvir naquele

lugar enorme.

— Estou aqui em cima — respondeu baixinho. Na verdade, deve ter gritado, mas o apartamento duplex era tão grande que sua voz chegara baixa até mim.

— Que legal! *Mammy*, vamos subir! — disse Mili empolgada, dando pulinhos ao olhar para a escada.

— Fique perto da mamãe — pedi segurando a mão dela enquanto subíamos juntas os degraus.

No fim da escada, havia um corredor com quatro portas. Continuei andando rumo à única aberta.

— Posso entrar? — perguntei parada à porta.

— Claro, você não teve todo o trabalho de vir até aqui para ficar parada aí.

— Se você já está brincando, deve estar melhor — afirmei entrando no quarto junto com a Mili.

— Quem me dera... Precisei de todas as minhas forças para brincar com você agora.

— Entendo, agora que estou te observando melhor. Você está péssimo.

— Obrigado — falou em tom sarcástico.

— Não é um elogio. — Ele estava muito doente. Seus lábios estavam ressecados, e seus olhos, fundos, eu não tinha ideia do quanto ele vomitara. Devia estar desidratado. Se continuasse assim, teria que ser internado. — Você precisa de um banho — sugeri assim que cheguei mais perto dele.

— Está dizendo que eu estou fedido? — perguntou num tom falsamente magoado.

— Não, já vi piores. Esqueceu que sou enfermeira?

— Também não gosto de banho, tio, mas a *mammy* me obriga — disse Mili pulando na cama em cima do Edward.

— Olá, princesinha! Que bom que está aqui.

— Eu vim cuidar de você, tio — comentou com o dedo na boca.

— Se você veio aqui, acho que posso tomar um banho para te receber melhor — comentou Edward se levantando da cama. Ele estava sem camisa, por isso pude ver suas tatuagens. Não sabia bem o que eram, mas ficavam perfeitas nele.

— Posso te ajudar? — perguntei me aproximando dele.

— Você vai me dar banho? — questionou curioso.

— Se precisar, sim. Sou enfermeira e já dei banho em muitos pacientes — expliquei segurando no braço dele para apoiá-lo.

— Acho que só me levar até o banheiro basta, posso fazer o resto sozinho, a não ser que você queira tomar banho comigo — convidou de repente.

— Você não cansa de brincar? — indaguei arrastando-o para o banheiro; apesar de ele ter perdido muito peso, ainda era maior e mais pesado do que eu.

— Não estou brincando, apenas testando para saber se ainda sirvo para alguma coisa — resmungou fechando a porta do cômodo na minha cara.

Voltei para o quarto e troquei os lençóis. Joguei o lixo no banheiro da suíte ao lado. Não sabia por que manter um apartamento tão grande para apenas uma pessoa. Deixei a Mili no quarto, esperando Edward terminar o banho e fui até a cozinha esquentar a sopa.

— Se você ouvir um barulho estranho vindo do banheiro, chame a mamãe — pedi antes de sair do quarto.

Tentei ser o mais rápida possível, mas era difícil numa cozinha tão grande e cheia de armários. Eu não fazia ideia de onde ele guardava as coisas, e, a julgar pela limpeza e a aparência de novo do local, nem ele sabia onde

estavam suas coisas, pois nem chegara a usar a maioria delas.

Coloquei tudo que eu precisava numa bandeja e subi para o quarto do Edward. Quando entrei, ele já estava na cama. Sua aparência estava bem melhor depois do banho. Porém, seus olhos ainda estavam cansados.

— Vamos, você precisa comer. Não é o jantar que você esperava, mas é o único que seu estômago vai aceitar no momento.

— Sopa — resmungou, torcendo o nariz.

— Eu também não gosto de sopa, tio, mas a da *mammy* é boa — disse a Mili se sentando na cama para pegar o pratinho dela.

— Por favor, não derrube — pedi, colocando um pano embaixo dela e o prato sobre uma bandeja para que, caso a sopa entornasse, o estrago não fosse grande.

— Não se preocupe, Mili, pode comer tranquila; eu já derramei coisas piores nessa cama hoje — comentou Edward, referindo-se ao estado lastimável em que estava o quarto quando eu chegara.

— Mas tenha cuidado, querida, pois hoje a mamãe vai ter que dar a sopa para o tio.

— Ele não sabe comer sozinho? — perguntou surpresa.

— Sabe, mas ele está dodói hoje, por isso a mamãe vai ajudá-lo.

— Você está brincando... Eu posso comer sozinho — resmungou.

— Sério? Você está tremendo feito vara verde, não vai conseguir nem segurar o prato.

— Tudo bem, mas não conte isso para ninguém. Acabaria com a minha credibilidade — pediu resignado.

— Vamos lá, pare de falar e abra a boca — pedi impaciente enquanto levava a primeira colher de sopa até seus lábios. Ele comeu uma, duas, três colheradas e anunciou:

— Não está tão ruim assim.

— Não disse que era gostosa? — completou a Mili, comendo também.

— A sopa é de legumes e carne, mas foi feita para uma criança que odeia legumes, por isso tive que bater no liquidificador. Acrescentei ao creme cubos de queijo e pus as torradas por cima. Acho que dá pra comer — expliquei orgulhosa.

— Dá, sim, está aprovada — disse, tomando mais uma colherada.

Servi-me também de um prato da sopa. Assim que terminamos de comer, entreguei uma garrafa de água para Edward beber, dizendo:

— A partir de agora, essa garrafa será sua companhia em todos os momentos. Se você não se hidratar, seu corpo não ficará forte o suficiente para lutar contra a doença. E não se esqueça de se alimentar. Se eu não tivesse vindo aqui hoje, amanhã você seria internado novamente e ficaria muitos dias no hospital apenas por não se alimentar direito.

— Entendo e vou tomar mais cuidado a partir de agora — anunciou olhando para a Mili, que tinha dormido na cama dele após comer.

— Já está tarde, precisamos ir.

— Eu tenho muitos quartos; se quiser, pode passar a noite aqui. Assim, pode me verificar de manhã — pediu esperançoso.

— Não sei se é uma boa ideia, mas também não posso ir embora e te deixar assim — comentei indecisa.

— Vamos lá, aceita. Já está tarde para voltar para sua casa sozinha — insistiu.

— Tudo bem, mas só porque você ainda está debilitado e eu te devo um favor por ter pegado o carro emprestado essa manhã.

Um dia em família

JONAS

Que você saiba sempre discernir a verdade
E enxergar as luzes que o cercam.
Que você seja sempre corajoso,
Aguente firme e seja forte.

Forever Young - Bob Dylan

No momento em que a Amanda concordou em dormir em meu apartamento, eu respirei aliviado. Se não fosse por ela, não sabia o que teria acontecido comigo. Eu estava entendendo finalmente que não fizera uma boa escolha ao esconder a minha doença dos meus amigos e do meu pai. Preocupara-me tanto com o barulho que a imprensa iria fazer em torno da notícia que esquecera o principal: eu estava doente e precisava de ajuda.

Eu nunca pensara que gostaria de comer uma sopa, mas devo confessar que me senti bem melhor depois que tomei a que a Amanda fizera para a Mili. Adormeci lembrando-me do carinho que ela tinha com a filha. Saber que as duas estavam dormindo no quarto ao lado só me fazia feliz. Com elas ali, eu sentia que não estava mais sozinho. Ainda precisava contar a verdade para a Amanda antes que ela descobrisse por mais alguém, o que não seria nada bom. Se eu quisesse tentar algum tipo de relacionamento com ela, precisava ser honesto em primeiro lugar.

Acordei no dia seguinte me sentindo bem melhor. Abri os olhos e senti um cheiro gostoso no ar.

— Surpresa! — gritaram Amanda e Mili ao mesmo tempo.

— Café da manhã na cama? Não sei se mereço tanto — murmurei esticando os braços e me sentando na cama.

— Não sabia se eu podia mexer na sua cozinha, mas imaginei que você acordaria com fome, por isso resolvi preparar algo para comer — disse insegura.

— Pode ficar tranquila, a casa é sua, fique à vontade.

— Eu tô "vontade", tio! — exclamou Mili, pulando na cama ao meu lado.

— Que bom, princesa, você pode vir aqui quando quiser — falei puxando-a para um abraço.

— Posso colocar a bandeja aqui, na cama? — inquiriu Amanda me observando.

— Claro — respondi ainda abraçado a Mili.

— Você quer colocar uma camiseta primeiro? — perguntou apontando para o meu peito nu.

— Desculpe, eu esqueci desse pequeno detalhe. É que não costumo receber visitas — expliquei soltando Mili e olhando em volta do quarto em busca de uma camiseta.

— Quer que eu pegue uma para você?

— Sim, no closet deve ter alguma. Não sei onde enfiei a que vesti ontem depois do banho, é que costumo dormir sem roupa.

— Eu *dumu* de pijama — comentou Mili depois que Amanda ficou parada no meio do quarto, aparentemente sem saber o que fazer, envergonhada ante minhas palavras.

— Eu não tenho pijama, por isso não durmo com ele — respondi para a garotinha antes de a mãe dela me fulminar com os olhos.

— Pede pra sua *mammy* comprar pra você — disse toda feliz e sorridente. *Quanta inocência esconde a mente de uma criança*, pensei.

— Minha *mammy* não está aqui. Talvez eu possa pedir para a sua comprar pra mim — expliquei observando Amanda voltar do closet segurando uma

camiseta da banda. Eu gelei de medo. Porém, não tinha nenhuma imagem, somente um trecho de uma das nossas músicas.

— Aqui está sua camiseta. Coloque logo, e vamos tomar nosso café da manhã antes que esfrie.

— Tudo bem, você que manda — declarei, vestindo a peça de roupa, e olhei atentamente para a bandeja. Amanda tinha feito panquecas com morangos e Nutella, com suco de laranja para acompanhar.

Comemos os três na cama. Estava uma delícia, e disputei a última panqueca com a Mili; ninguém sabia quem era mais criança. No final, acabei perdendo de propósito, pois não queria deixar a garotinha triste; eu não era tão mal assim, embora amasse panquecas.

— Vamos lá, estamos atrasadas. Ainda preciso passar na minha casa antes de levar a Mili à escola e ir para o trabalho.

— Posso ir com você? Tenho uma sessão de radioterapia dentro de algumas horas — pedi, não querendo mais ficar sozinho.

— Se não se importar em passar em minha casa primeiro... Podemos ir juntos para o hospital depois.

— Claro que não me importo.

Enquanto a Amanda e a Mili esperavam na sala, tomei um banho rápido e troquei a camiseta da banda, coloquei meu gorro, meus óculos escuros e desci.

— Estou pronto.

— Vamos, Mili — Amanda chamou a filha, que estava ao piano, brincando com as teclas. A menina estava tão entretida que nem ouviu a mãe chamando. Por isso fui até ela e perguntei:

— Quer aprender a tocar piano?

— Sim! — disse empolgada.

— Vem, senta aqui no meu colo e coloca seus dedos em cima dos meus — pedi, sentando-me no banco do piano. Ela fez exatamente o que eu pedi, e, juntos, tocamos os primeiros acordes de uma música que estava na minha cabeça havia algum tempo.

— Que música linda! Qual é? — questionou Amanda, aproximando-se de nós.

— Não sei ainda, só estava tocando — respondi fechando a tampa do piano e segurando a Mili no colo. — Vamos?

— Claro, já estamos atrasadas — comentou virando-se para a porta, enquanto eu a seguia de perto.

Descemos o elevador e seguimos para o automóvel que eu alugara para Amanda, estacionado na garagem.

— Está gostando do carro? — perguntei assim que entramos.

— Se estou gostando? Adorando! É uma pena que vou ter que dar adeus a ele assim que conseguir outro; o meu não tem mais conserto — comentou colocando as mãos no volante.

— Você pode ficar com ele — falei enquanto saíamos da garagem.

— Você está brincando? — indagou incrédula.

— Não estou, não. Nunca falei tão sério.

— Esse carro custa uma pequena fortuna! Acha que eu vou conseguir te pagar assim, de uma hora para outra?

— Não quero nada. Considere um presente por cuidar de mim.

— Pelo que eu saiba, esse carro é de uma locadora, e ninguém que conheço sai por aí, dando carros para os outros.

— Era de uma locadora, mas já o comprei e agora ele é meu — menti, embora fosse minha intenção comprá-lo. — Posso dar para quem eu quiser e quero dar ele para você.

— Podemos discutir isso depois. Chegamos em casa, e preciso arrumar a Mili e levá-la à escola.

Nunca tinha visto uma mulher se arrumar tão rápido na vida. Enquanto eu sentava no sofá cheio de brinquedos da Mili e mandava uma mensagem para o meu pai, pedindo para ele comprar o carro da locadora, Amanda tomou banho e deu banho na Mili, e as duas apareceram prontas segurando suas bolsas meia hora depois.

— Vamos? Não podemos chegar atrasadas.

A escola ficava bem pertinho. Assim que chegamos, Mili perguntou:

— Tio, você pode me levar na escola? Tô cansada de ir sempre com a *mammy*.

— Claro — confirmei, olhando para Amanda, que estava muda, parecendo sem saber o que dizer. Eu podia apostar que ela não esperava por isso.

Saímos juntos do carro, mas Mili fez questão de segurar na minha mão e deixou a mãe para trás. Caminhamos juntos até a sua sala. Na verdade, ela me arrastou a maior parte do caminho. Quando chegamos à porta da sala, a professora dela sorriu e ficou paralisada olhando para mim. Eu reconheceria aquele olhar em qualquer lugar. Ela me reconhecera. Fiquei congelado, sem saber o que fazer, até que ouvi:

— Ele é o seu pai?

A garotinha ficou indecisa por um momento, olhando para os coleguinhas, que também entravam na sala naquele momento, e, antes que a Amanda nos alcançasse, falou:

— É meu *dad*.

Fiquei paralisado, olhando entre Mili e a professora, até que Amanda apareceu com ar de quem não tinha ouvido as palavras da filha. Abaixou-se, deu um beijo de despedida na garotinha e me puxou para fora da escola.

— O que aconteceu lá dentro? Você está quieto demais — questionou preocupada assim que entramos no carro.

— Nada, não, só estou cansado — respondi, evitando o assunto, pois não sabia o que responder. Eu precisava contar a verdade para Amanda, mas não sabia como.

Segui caminho o tempo todo pensando em um jeito de começar essa conversa. Sabia que era só questão de tempo até a professora comentar alguma coisa sobre as palavras da Mili, e assim eu passaria por mentiroso, e não era isso que eu queria. Nunca quisera enganar Amanda. E precisava também contar a verdade sobre quem eu era.

Assim que chegamos ao hospital, nós nos separamos. Amanda foi para o seu setor, enquanto eu fui para a minha sessão de radioterapia. Fiquei a manhã toda no hospital e, quando saí, estava ainda mais cansado do que quando entrei. Levantei-me devagar, coloquei meus óculos escuros e, antes de deixar a sala, olhei para a porta e vi Amanda sorrindo para mim.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei confuso.

— Eu consegui a tarde de folga e pensei em te levar para conhecer Houston.

— Sério!? — exclamei, sem acreditar.

— Não estaria aqui na sua frente se fosse mentira — retrucou segurando minha mão e me puxando para fora da sala.

— Obrigado — agradeci, feliz pela sua companhia.

— Estava preocupada com você, passou o caminho todo triste. Não quero mais te ver assim. Sei que o tratamento é difícil. Porém, o pensamento positivo é a melhor arma para combatê-lo.

Eu não estava triste por causa da doença e sim por ter mentido para ela. Eu não sabia mais como contar a verdade e fiquei preocupado em perder a única pessoa que me apoiava, por isso naquele momento preferi ficar calado.

Almoçamos juntos numa pequena lanchonete chamada Coode Co BBQ. A comida era simples, mas eu adorei. Depois caminhamos juntos no Herman Park, sentamos num banco em frente à cascata e ficamos em silêncio, observando a água cair. Essas fontes sempre chamavam a minha atenção, e em Houston havia tantas que eu não sabia ainda qual era a minha preferida.

— A Mili falou que eu era o pai dela para a professora — comentei, observando sua reação. Sabia que era um assunto delicado, mas eu precisava falar.

— Desculpe. Vou conversar com ela sobre isso quando chegarmos em casa.

— Não se preocupe, pode deixá-la me chamar de pai. Eu não me importo, se você não se importar. — Dei de ombros.

— Você não existe, sabia? Estou aqui, tentando me afastar de você, mas não consigo. Minha filha já está tão apegada a você que até te chama de pai, e eu não consigo te deixar no seu apartamento enorme e parar de pensar em você.

— Então não pare — pedi aflito, pois eu sentia a mesma coisa.

— Só que é complicado. Minha vida é complicada, e não quero te arrastar para ela. Sei que você precisa de paz e tranquilidade. Eu e a minha filha seremos o oposto disso.

— Quem disse que preciso de tranquilidade? Eu quero estar perto de você e da Mili — confessei colocando as mãos no seu pescoço e erguendo seu rosto para poder observar seus lindos olhos esverdeados. Eu nunca vira íris tão brilhantes e vivas.

— Não é uma boa ideia — murmurou indecisa. Contudo, não adiantava mais, eu estava decidido e nada me impediria de beijá-la.

Cheguei tão perto da sua boca que podia sentir seu cheiro doce, encostei meus lábios nos seus e esperei que se afastasse, mas não foi isso o que aconteceu. Amanda abriu a boca para retribuir o beijo, e eu senti sua língua macia na minha. Seu gosto era tão viciante que eu só queria mais e mais, por

isso deslizei minhas mãos para seus cabelos e aprofundei o beijo, tornando-o quase indecente para quem nos visse assim.

— Desculpe, eu me empolguei — disse encostando minha testa na dela para recuperar o fôlego.

— Eu também, não se preocupe com isso. Mas agora eu preciso ir, tenho que pegar a Mili na escola.

— Você pode me deixar no meu apartamento antes disso? — pedi, segurando na mão dela e me levantando.

— Claro, afinal, estou usando seu carro — concordou, brincando e seguindo comigo até o estacionamento do parque.

Agora que experimentei, eu quero mais

AMANDA

Pra conservar o amor
Há que se inventar
Uma forma inédita
De amar...

Te amo pra sempre - Kid Abelha

— Chegamos — afirmei, estacionando o carro em frente ao prédio do Edward.

— Acho que vou ter de descer — comentou desanimado, olhando para mim.

— Se quiser, pode ir jantar lá em casa. Estou te devendo uma, lembra? — convidei-o, querendo muito que ele aceitasse. Eu também não queria ficar longe dele.

— Não sei, eu preciso consultar a minha agenda e ver se não tenho nenhum compromisso para hoje à noite — declarou fazendo charme.

— Pare já com isso, pois sei muito bem que você não tem nenhum compromisso. Estava agora mesmo implorando para eu te convidar.

— Tudo bem, eu estou brincando. Vou adorar jantar com você — revelou saindo do carro e dando a volta para ficar ao meu lado.

— Não se esqueça da Mili — pedi assim que ele se abaixou para olhar para mim.

— Jamais me esqueceria dela — disse, surpreendendo-me com um beijo à janela do carro. Não foi tão intenso como o que trocáramos no parque, mas chegou a acender faíscas no meu estômago, em expectativa do que poderia

acontecer logo mais à noite. Fazia tanto tempo que eu não beijava ninguém que meu corpo ficou totalmente alerta só com o seu toque.

— Tudo bem, nós vamos te esperar, então — murmurei frustrada quando sua boca abandonou a minha; era óbvio que eu queria mais. No entanto, ele já estava se afastando do carro, e eu tinha que esperar o nosso jantar para vê-lo novamente.

Logo depois de deixar o Edward no seu apartamento, fui buscar Mili. A professora dela estava à porta, sorridente e simpática como sempre, mas, quando me viu, ficou pálida e nervosa, com os olhos ansiosos procurando por alguém ou algo. Quando percebeu que eu estava sozinha, quase bufou de insatisfação. Pensei em perguntar quem ela estava procurando. No entanto, Mili apareceu correndo e abraçou minhas pernas, feliz, e eu acabei me esquecendo de perguntar. Peguei minha filha no colo e fomos para a nossa casa.

Quando entrei na sala, percebi a bagunça. Os brinquedos da Mili estavam espalhados por todos os lugares, e eu teria pouco tempo para arrumar tudo e ainda preparar o jantar, por isso despachei a minha filha para o seu quarto e tentei arrumar o máximo que eu podia enquanto pensava no cardápio. Eu tinha a lasanha que fizera na noite anterior, congelada, mas decidi preparar algo novo. Não poderia receber o Edward pela primeira vez em minha casa para jantar comida congelada.

Só consegui me decidir sobre o que preparar quando terminei de arrumar a bagunça da sala. Os americanos adoram comer *mac n'cheese*, uma espécie de macarrão com queijo. No entanto, eu, como boa brasileira que adora comida italiana, preferia espaguete à bolonhesa. Esperava que Edward aprovasse.

Ainda bem que a cozinha não estava tão desorganizada como a sala. Assim que terminei de preparar o espaguete e o molho, reservei-os separados. Deixaria para misturá-los na hora de servir, assim ficaria mais gostoso.

Subi os degraus correndo para dar um banho na Mili, coloquei uma roupinha confortável nela, implorei para ela ficar no sofá quietinha assistindo à televisão e fui tomar o meu banho. Quando saí do banheiro enrolada na

toalha, fiquei parada olhando dentro do meu guarda-roupa, sem saber o que escolher. Minhas roupas se resumiam a uniformes de trabalho, calças jeans e blusinhas sem graça, além de poucos vestidos simples. O único melhor, eu já usara na noite anterior. Não tinha nada sexy e elegante ou que pudesse impressionar um homem. Quase chorei ao constatar isso, mas eu tinha apenas alguns minutos antes de Edward bater à minha porta, por isso coloquei um short jeans e uma blusinha de seda preta que deixava minhas costas nuas. Sequei meu cabelo e o deixei solto, passei perfume em lugares estratégicos, coloquei sandálias de tiras e desci.

Arrependi-me por ter deixado Mili sozinha na sala. Eu não sabia como ela conseguira pegar o nécessaire de maquiagem na minha bolsa e passara batom vermelho no rosto todo, até nas sobrancelhas.

— O que você fez, Mili?! — questionei furiosa.

— Passei batom, *mammy*, pra ficar bonita — disse, sorrindo e parecendo um palhacinho.

Sentei-me no último degrau da escada e não sabia se chorava ou se dava risada. Teria ficado ali por mais tempo, pensando no que deveria fazer, mas a campainha tocou, e eu paralisei.

— *Mammy*, acho que o tio chegou, pode deixar que eu abro — falou se levantando do sofá para ir abrir a porta. Não tive nem tempo de impedi-la, assim que percebi o que ela estava fazendo, era tarde demais, e a porta já estava aberta. Edward, surpreso, disse:

— Boa noite, minha princesa. Como você está bonita!

— Passei batom da *mammy* — falou toda feliz.

— Eu percebi — respondeu, olhando para mim, que ainda estava sentada na escada.

— Desculpe por isso. Me dê só um minuto para eu cuidar dessa pestinha — disse, saindo do entorpecimento. Peguei a Mili no colo e corri até o banheiro. Sentei-a na pia e limpei seu rostinho.

— Nunca mais passe o batom da mamãe no rosto — pedi, levando-a de volta para a sala. — Agora estamos prontas — anunciei.

— Vocês estão lindas — elogiou Edward, observando minhas roupas por um tempo, seus olhos se fixando nas minhas pernas. *Será que o short está curto demais?,* pensei preocupada.

— Eu trouxe esse vinho para o jantar, é o meu preferido — informou, entregando-me uma garrafa de um Cabernet Sauvignon. Só então, depois da confusão com a Mili, que consegui reparar em como ele estava bonito, embora não estivesse usando nada especial, apenas calça jeans, camiseta branca, jaqueta de couro preta e seu tradicional gorro na cabeça. No entanto, seus olhos brilhavam e ele parecia feliz.

— Obrigada, nem precisava. Acho que nunca tomei um vinho tão caro assim — comentei ao observar o rótulo da garrafa. Era de uma marca famosa.

— Você vai gostar — murmurou sem graça depois do meu comentário idiota. Eu estava nervosa, por isso acabava falando besteira.

— Claro que vou, e vai combinar com o espaguete à bolonhesa — disse seguindo até a cozinha para arrumar a mesa.

Aproveitei que Edward e Mili me seguiram para colocar o espaguete e o molho numa travessa de vidro e depois salpiquei queijo parmesão ralado grosso por cima.

— O cheiro está divino — comentou Edward, colocando Mili na cadeirinha dela e se sentando ao lado.

Arrumei os pratos e talheres, coloquei uma cesta com torradas temperadas na mesa, duas taças e um copinho com suco de uva para a Mili. Pus um pouco de espaguete e duas torradas no prato dela, depois servi Edward e fiquei observando-o experimentar a comida primeiro antes de me servir também.

— Está maravilhoso, poucas vezes na vida comi um macarrão tão bom — declarou logo ao terminar de mastigar.

— Adoro fazer massas — comentei colocando um pouco de espaguete no meu prato.

Durante o jantar, conversamos sobre o Brasil enquanto ele devorava o segundo prato de macarrão e Mili se lambuzava toda com o dela. Eu não sabia que ele conhecia tanto o meu país e fiquei contente em saber disso.

— Você pretende voltar algum dia para o Brasil? — perguntou, bebendo um gole do seu vinho.

— Não, eu consegui a cidadania americana ano passado e não pretendo voltar. Minha família no Brasil é muito pobre. Sei que não estou muito melhor do que eles agora. Porém, consigo dar um pouco mais de conforto para a minha filha aqui.

— Com certeza — murmurou pensativo.

Quando terminamos de comer, a Mili ficou brincando na sala com o Edward enquanto eu colocava os pratos na lava-louças e arrumava a cozinha. Quando apareci na sala, minha menina já estava bocejando de sono.

— Está na hora de você dormir, filha — informei, observando seus olhos vermelhos.

— Mas eu tô brincando com o tio — reclamou, bocejando novamente.

— Eu posso te levar para a cama se a sua mãe deixar — afirmou Edward olhando para mim.

— Deixa, *mammy*, por favor — implorou minha filha.

— Está bem — concordei, acompanhando-os até o quarto da Mili. Assim que entramos, ela correu para colocar o pijama de princesas, escovou os dentinhos com a ajuda do Edward e depois se deitou na cama e ficou esperando a história.

— Ela só dorme depois de ouvir a história do Touro Ferdinando — expliquei, entregando o livro para ele.

E o que aconteceu a seguir me deixou muito confusa. Ele leu a história

para ela como se tivesse feito isso a vida toda. Fez diferentes vozes para cada animal da fazenda e ainda fez suspense nas partes importantes. A minha filha estava cada vez mais encantada, ela nunca tivera isso, e eu tinha certeza de que jamais teria... até aquele momento. Tive de me afastar, era demais para mim observar os dois juntos e continuar com os olhos secos. Saí do quarto e me encostei à parede do corredor enquanto enxugava as lágrimas que insistiam em cair.

— Ela dormiu — ele avisou, surpreendendo-me encostada à parede e chorando. Perguntou preocupado: — O que aconteceu?

— Nada, não, estou bem — menti.

— Vamos lá... Será que fiz algo de errado? — questionou apreensivo.

Eu precisava contar, não podia deixá-lo pensando que tinha feito algo mau, quando tudo o que fizera até aquele instante fora tão perfeito.

— Não é isso. Fiquei emocionada ao ver vocês dois juntos. Essa interação que ela tem com você é perfeita, nunca imaginei que minha filha agiria assim com uma figura masculina.

— Eu adoro a Mili, ela é a criança mais carinhosa que conheço — disse segurando na minha cintura e secando minhas lágrimas com o polegar. Assim que percebeu que eu não estava mais chorando, ficou olhando para os meus lábios, e eu sabia exatamente o que ele faria em seguida.

Suas mãos puxaram meus cabelos enquanto ele devorava minha boca. Seus lábios estavam pressionados contra os meus, exigindo passagem, e eu dei acesso total a ele para explorar, lamber, mordiscar. Enrosquei minhas pernas na sua cintura e fui encostada na parede em resposta. Sua jaqueta caiu no chão – nem percebi quando a tirei –, e ele rasgou a minha blusa. Pensei em protestar, mas acabei desistindo. Nosso desejo era tanto que eu teria feito a mesma coisa se a camiseta dele não tivesse saído tão fácil.

— Precisamos parar — pedi, recuperando o fôlego.

— Só mais um pouquinho — murmurou, beijando meu pescoço. Tive que morder meus lábios para não fazer o mesmo com ele.

Eu sabia que não deveria estar “me pegando” com ele no corredor da minha casa, perto do quarto de minha filha adormecida. Contudo, era difícil resistir depois de ver como ele a tratara ou como fazia sempre as coisas certas.

— Eu não te mereço, sabia? Você é bom demais pra ser de verdade — declarei segurando seu rosto para olhar nos seus olhos.

— Você está exagerando, não sou tão bom assim, daqui a pouco você vai perceber isso.

— Não vou, não — disse, voltando a beijá-lo.

Ainda ficamos nos explorando e tocando no corredor por um tempo, até que decidimos descer para a sala.

— Acho que eu deveria ir — comentou distribuindo beijos aleatórios na minha orelha assim que nos sentamos no sofá.

— Sei disso, mas não quero que você vá embora — lamuriei me sentando no seu colo.

— Eu posso ficar? — perguntou esperançoso.

— Você sabe que é cedo demais pra isso — respondi colocando as mãos nos seus ombros.

— Esse não é nosso primeiro encontro...

— Você sabe que é — contestei segurando sua mão direita.

— Tudo bem, eu sei, ao menos o primeiro encontro oficial, mas não precisamos seguir uma etiqueta de primeiro encontro, estamos acima disso — resmungou frustrado.

— Sei disso, mas eu gostaria que fôssemos mais devagar. Tem um tempo, um longo tempo desde que saí com alguém de verdade.

— Claro, eu posso esperar um ou dois dias — brincou.

— Engraçadinho — disse, batendo no peito dele.

— Eu poderia dizer que tenho todo o tempo do mundo, mas você sabe que não tenho. Daqui a alguns dias, vou terminar minhas sessões de radioterapia e, depois disso, não faço ideia se estarei curado dessa doença ou vou ter que voltar para mais sessões. Por isso não posso esperar tanto tempo como gostaria, uma vez que você é o que eu mais quero no momento.

Eu, mais do que ninguém, não precisava ser lembrada do quanto Edward estava doente. Entretanto, por um momento me esquecera. Sentada no seu colo, eu só pensava em nós dois. Esse tinha sido o meu erro, imaginara que tínhamos todo o tempo do mundo, quando, na verdade, talvez apenas tivéssemos o presente.

— Amanhã podemos nos encontrar no seu apartamento. Vou deixar a Mili dormir na casa da Jenni — falei decidida.

— Amanhã — repetiu, voltando a me beijar.

É sempre assim...

JONAS

Quando a noite escurece, e as estrelas aparecem
Não há ninguém para secar suas lágrimas
Eu poderia te segurar por um milhão de anos
Para fazer você sentir meu amor

Make you feel my love - Bob Dylan

Passei todo o dia tenso e nervoso, nem tocar eu conseguia. E não foi por falta de tentativas, fiquei trancado no estúdio a tarde toda, mas não consegui concluir nada. Sempre que começava a tocar, eu me lembrava da Amanda e da conversa que eu precisava ter com ela. Nada mais era tão importante quanto isso.

Eu só podia esperar que ela não fugisse correndo depois de descobrir quem eu era. No fundo, eu sabia que nosso relacionamento fácil e simples poderia mudar, talvez sequer continuasse assim que ela descobrisse como era complicado namorar um cara famoso, e eu não a julgaria por isso.

Eu não devia ter esperado tanto para contar a verdade, pensei, sentado numa poltrona no estúdio. Se eu tivesse contado no começo, logo depois do passeio no parque, antes do beijo, antes de dizer que eu estava a fim dela, aposto que seria mais fácil ela me perdoar; agora podia ser tarde demais.

Antes de chegar a Houston, eu só queria ficar sozinho e me recuperar. Todavia, as coisas mudaram, aos poucos fui percebendo que errara em não contar a verdade para meu pai e os outros integrantes da banda, que sempre me apoiaram. Eu tinha sido egoísta e demorara a perceber isso. Se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente. Eu pediria ajuda, olharia nos olhos do teimoso do Jack e diria que eu estava morrendo e precisava que ele estivesse comigo naquele momento.

A verdade é que eu não quisera demonstrar fraqueza, ser aquele que corria para o papai e os amigos quando tinha um problema. Eu sabia que seria difícil, mas pensara que poderia resolver sozinho, como sempre fizera tudo em minha vida.

Eu era parte de uma banda desde que era adolescente. Tantos anos juntos com meus amigos e colegas deveriam ter sido levados em conta quando eu descobrira sobre a leucemia. Entretanto, eu, considerado o mais sensato de todos os integrantes da The Dangers, errara. Cometera o pior erro da minha vida e não sabia como consertá-lo. Talvez eu devesse começar pela pessoa que mais importava no momento, a Amanda, a pessoa com quem eu almejava construir um relacionamento.

Alguns minutos antes do horário combinado para o nosso encontro, tomei um banho e coloquei uma calça jeans e uma camiseta da banda que dizia o seguinte: *I'm the best choice forever – Jonas, The Dangers*. Era a minha camiseta preferida, eu mandara confeccioná-la na última turnê. A frase tinha sido tirada de uma música que eu ajudara o Jack a compor. Eu havia escrito essa frase, por isso tinha tanto carinho por ela.

Pedi comida chinesa para ser entregue em alguns minutos e esperei sentado no sofá da sala até ouvir o sinal do elevador e a porta se abrir. Demorei alguns segundos para acreditar no que meus olhos estavam vendo. Amanda sempre fora linda, mas eu nunca tinha percebido o quanto até aquele instante. Ela tinha uma beleza única que cativava logo ao primeiro olhar, mas cuja essência só era percebida depois de algum tempo de convivência.

Ela estava de tirar o fôlego. Seus cabelos estavam soltos, mas diferentes do normal. Ela fizera alguma coisa neles, eu não sabia o que, mas estavam lindos, realçavam seu rosto. Seu vestido sem mangas ou alças bege e com uma saia rodada parecia uma embalagem de presente que eu amaria desembrulhar.

— Você está linda — elogiei me levantando e ficando de frente para ela, ainda no hall de entrada da cobertura.

— Obrigada — respondeu, vermelha de vergonha. Ela não parecia acostumada a receber elogios. Eu precisava me lembrar de dizer mais vezes o

quanto era bonita.

— Não sabia que eu precisava caprichar nas roupas, coloquei a primeira coisa que encontrei no closet — expliquei, mostrando a roupa básica – calça jeans e camiseta – de sempre.

— Você não precisa se preocupar com isso, está sempre maravilhoso. Suas roupas ficam perfeitas em você — disse se aproximando de mim. Eu podia até sentir seu perfume de rosas.

Segurei na sua cintura e a apertei com força para verificar se ela era de verdade. Eu tinha certeza de que não merecia tanto. Assim, tão próximo a ela, era impossível não me embriagar com seu cheiro. Ele ocupava todo o lugar, e isso estava me deixando louco.

Ergui seu queixo e mergulhei na sua boca. Era ainda mais doce do que eu me lembrava, e eu não conseguia parar de beijá-la. Devorei-a como se dependesse disso para viver, mas, ainda assim, não estava satisfeito. Segurei seus quadris e a pressionei contra a parede mais próxima, beijando cada pedacinho do seu pescoço. Voltei à sua boca, e ainda não era o suficiente. Eu teria continuado se a campainha não começasse a tocar insistentemente. Eu a teria possuído ali mesmo, no hall de entrada. Ainda bem que não fiz isso, pois Amanda merecia mais do que sexo rápido e sem compromisso; eu já tivera muito sexo assim para saber a diferença entre isso e o que ela precisava.

— Acho que você precisa atender a porta — ela murmurou encostando a cabeça no meu peito.

— Deve ser o entregador. Pedi comida chinesa, espero que goste — informei encostando meus lábios nos seus cabelos. Senti seu cheiro e suspirei frustrado. — Espere aqui, só vou levar um minuto.

Afastei-me dela, caminhei apressado até a porta, atendi ao interfone e permiti que o porteiro liberasse o acesso ao elevador. Após alguns minutos, abri a porta. O entregador estava impaciente, segurando a comida e com fones de ouvido. Peguei a comida e lhe dei uma nota de cem dólares de gorjeta. O cara tirou os fones, olhando para mim incrédulo, mas, pressentindo que ele queria me agradecer, impedi-o, resmungando:

— Estou com pressa, obrigado. — Fechei a porta na sua cara. Depois de uma gorjeta de cem dólares, eu podia fazer isso sem ser chamado de grosseiro. Eu apostava que o cara sequer se lembraria do meu gesto, apenas do dinheiro que recebera.

— Vamos comer? — perguntou Amanda, animada.

— É o jeito — murmurei depois de perder a oportunidade de tê-la em meus braços.

— Podemos comer aqui mesmo na sala — declarou se sentando no chão ante a mesinha de centro. Tirou os sapatos, cruzou as pernas e maneou as mãos, pedindo a comida.

— Parece que você está com fome... — constatei, roubando um beijo rápido e escondendo a comida atrás das costas.

— Não estou com tanta fome assim, mas adoro comida chinesa — explicou, puxando o pacote das minhas mãos.

Poucas vezes ficáramos sozinhos sem a presença da Mili. Eu não sabia que Amanda era tão divertida. Quando sua filha estava próxima, ela era obrigada a agir como mãe, o que a impedia de se soltar. Enfim sozinhos, Amanda podia ser ela mesma, e eu estava adorando conhecer mais esse seu lado.

Comemos, conversamos bastante. Nem parecia que tínhamos conhecido um ao outro havia tão pouco tempo. A afinidade era tanta que nos comunicávamos com o olhar, e foi assim que percebi que estava na hora de parar de comer yakisoba e partir para a sobremesa. Deitei-a no tapete, peguei a banana caramelizada e a passei nos ombros dela, depois desci para o colo e, por fim, o início dos seios.

Quando ela estava toda lambuzada de caramelo, limpei com a língua toda a bagunça que fiz. Enquanto eu percorria seu corpo com a boca, ela gemia em expectativa e êxtase. Suas pernas enrolaram-se na minha cintura, e seus cabelos se esparramaram no tapete branco. Ela estava nada menos do que gloriosa. Eu me lembraria daquela imagem pelo resto da vida.

Seus lábios eram um convite, e eu não pude recusar. Beijei, mordi, chupei e senti os espasmos do seu corpo embaixo de mim. O resto foi instinto, o mais puro e primitivo que existe. Fiquei cego de desejo, rasguei seu vestido, tirei minhas roupas, tudo que estava no caminho e deslizei dentro dela. Foi a melhor sensação do mundo, nem me lembrava quando me sentira assim antes, talvez nunca. Seu corpo se encaixou perfeitamente no meu, não tinha qualquer espaço entre nós. Foi tão fácil me perder ali, esquecer o tempo, os problemas, onde eu estava. Eu me esqueci até da porra do meu nome e flutuei.

— É sempre assim contigo? — ela perguntou deitada no meu peito.

— Não é, mas acho que com você sempre vai ser — respondi, beijando seus cabelos macios. Eu poderia fazer aquilo a vida toda e jamais me cansaria.

Ficamos um tempo deitados no chão da sala, tentando entender o que acabara de acontecer entre nós, até que eu tomei coragem e disse:

— Eu preciso te contar uma coisa.

Ela me olhou assustada.

— O que é? — indagou vestindo a minha camiseta.

— Posso falar depois. O que acha de tomarmos um banho primeiro? — inquiri, com medo de contar a verdade, diante de seu olhar preocupado.

— Agora que começou, vai ter que continuar. O que você precisa me contar? — questionou cautelosa.

— Podemos deixar para outra hora? — pedi aflito.

— Eu insisto, preciso saber agora — rebateu, encarando-me. Seus olhos estavam fixos nos meus, e seus lábios, ainda inchados dos meus beijos. Eu não podia esconder mais nada dela, estava totalmente rendido aos seus encantos.

— Meu verdadeiro nome é Jonas — falei, testando sua reação. Ela se

levantou e ficou andando de um lado para o outro na sala.

— Você é casado?

— Não, por que você está me perguntando isso? — inquiri confuso.

— É que você mentiu sobre o seu nome, então pensei que podia ter mentido sobre outras coisas também — explicou nervosa, passando as mãos no cabelo.

— Eu não sou casado, pode ficar tranquila. Não foi por isso que menti sobre o meu nome.

— Então por que mentiu?

— Porque não queria que ninguém no hospital me reconhecesse. Estava passando por um momento difícil da minha vida e não queria um monte de repórteres na minha cola.

— Repórteres na sua cola? Espere um pouco, por que eles estariam na sua cola?

— Porque sou um dos integrantes da banda de rock The Dangers — expliquei me levantando e parando na sua frente.

— Aquela banda de rock famosa de Nova York? — questionou parecendo não acreditar no que eu dizia.

— Ela mesma.

— Você deve estar brincando comigo. Você é mesmo um dos integrantes da The Dangers?

— Sou o guitarrista. O vocalista é o meu primo Jack.

— Mas você não parece do tipo que toca em banda de rock — murmurou pensativa.

— Talvez se você me imaginar mais forte e com cabelo seja mais fácil — disse, mostrando uma foto minha antes do tratamento que estava no meu

celular. Ela a observou atentamente, depois olhou para mim, ainda sem acreditar no que eu dizia. Na foto, eu estava bem diferente mesmo. Ela fora tirada por algum repórter, mas eu resolvera guardá-la como lembrança de tudo o que eu era antes de ficar doente. Eu estava tocando guitarra no nosso último show na Madison Square, tinha tirado a camiseta, e Amanda reconheceu a serpente com o nome da banda tatuada no meu braço.

— Espere, fique onde está — pediu nervosa.

— Eu não queria mentir para você, só não queria ter que dividir meu sofrimento com um país inteiro, talvez com o mundo todo.

— Mas você mentiu pra mim — murmurou com a cabeça abaixada, como se ainda não pudesse acreditar no que eu acabara de contar.

— Não foi minha intenção, nunca quis te magoar. É que as coisas aconteceram tão rápido que eu não consegui contar a verdade pra você.

— Explique isso melhor! Você não *quis* contar a verdade. Estava apenas esperando me levar para a cama, como deve fazer com as fãs que se jogam em cima de você o tempo todo. Como eu fui burra, estúpida! Eu achei que era especial, que você gostava de mim. Nunca pensei que era apenas mais uma para a sua coleção — murmurou aflita, ajoelhando-se no chão.

— Por favor, não fale assim, eu gosto de você. Nunca foi só pelo sexo, você devia saber disso — revelei tentando me aproximar dela para consolá-la, mas Amanda não deixou. No minuto em que minhas mãos tocaram seus cabelos, ela se afastou com lágrimas nos olhos, e meu coração se partiu.

— Não me toque! Acho que você já conseguiu o que queria — disse, levantando-se e indo até a porta.

Não pensei que ela iria embora, mas foi o que fez, entrou no elevador usando apenas a minha camiseta e partiu. Levei alguns segundos para entender que eu precisava ir atrás dela; não podíamos terminar assim.

Coloquei minha calça jeans e corri até a escada. Desci correndo até o andar de baixo e peguei outro elevador até a garagem. Ao chegar lá, Amanda estava debruçada no volante do carro, chorando.

— Por favor, eu imploro, não vai embora assim... Eu não fiz isso para te magoar. Eu só queria fazer meu tratamento sem a imprensa cobrir cada passo que eu dava. Estava tudo bem até eu conhecer você. Nossa amizade foi tão verdadeira que eu não queria perder isso. Você me tratou como o Jonas e não como o guitarrista famoso, e isso fez toda a diferença pra mim. Nunca precisei pagar pela sua atenção, você me deu tudo sem querer nada em troca — expliquei encostando a testa no carro.

— Eu fiz isso porque estou apaixonada por você — declarou ainda chorando.

— Eu também estou apaixonado por você, por isso esquece que sou famoso e olha pra mim. Quem está na sua frente é um homem pedindo uma chance para amar uma mulher — implorei ajoelhado em frente à porta do carro.

— Você promete que não vai me largar na primeira oportunidade que tiver? — questionou respirando fundo e limpando as lágrimas.

— Eu não vou a lugar nenhum — comuniquei, abrindo a porta do carro para abraçá-la.

Dormi com um astro do rock

AMANDA

Eu não desisto de você
Você precisa entender
Que eu não me inspiro sem você
Sem você eu não me inspiro

Por que eu não desisto de você - Kid Abelha

Deixei a Jenni encarregada de pegar a Mili na escola para poder curtir meu primeiro encontro sozinha com Edward no dia seguinte ao nosso jantar no meu apartamento. Minha amiga sempre oferecera ajuda com minha filha quando eu quisesse ter algum encontro, mas eu nunca pedira, até aquela noite. Liguei para ela logo depois que o Edward foi embora e pedi que ficasse uma noite com minha menina e ainda avisei que precisava sair mais cedo do trabalho novamente. Quando contei o motivo do pedido inesperado, ela prontamente me apoiou.

No outro dia, saí algumas horas antes de meu turno acabar e fui às compras. Eu precisava de uma roupa decente, especial para um encontro. Fazia tanto tempo que eu não procurava esse tipo de roupa que precisei pedir ajuda para a Julia, a pessoa ideal para esse tipo de coisa. A garota sabia onde encontrar os melhores looks.

— Eu preciso de uma roupa bonita e sexy para um encontro, onde posso achar? — perguntei a ela pouco antes de deixar o hospital.

— Você tem um encontro?! — questionou surpresa, e eu não pude recriminá-la por isso. Trabalhávamos juntas havia um bom tempo, e ela nunca ouvira essa palavra sair da minha boca.

— Sim. Por favor, não venha com perguntas agora, depois conversamos. Diga logo, que eu estou com pressa — pedi já desanimada por ter perguntado

a ela, sabendo que ela não me deixaria em paz.

— Fique calma, eu vou indicar o endereço do lugar perfeito para você. Estou mandando agora mesmo por mensagem. Ao chegar lá, procure a Lorena. Diga que sua amiga Julia indicou o lugar, e ela saberá o que fazer.

Nunca pensei que ela poderia me ajudar tanto. Encontrei o lugar que ela me indicou bem rapidinho e me surpreendi. Não era nenhuma boutique famosa, nem nada do tipo. Era um lugar pequeno e um pouco afastado dos centros de compras, mas a loja tinha charme, era impossível não prestar atenção a cada detalhe. A vitrine tinha roupas exclusivas, cada detalhe era feito pelas mãos habilidosas da estilista, uma brasileira. Fiquei ainda mais surpresa ao saber disso. Ela desenhava e costurava as roupas da loja, que levava o seu nome, Lorena Visson. Experimentei quatro vestidos e, no fim, escolhi o mais romântico. Eu queria impressionar o Edward, mas, acima de tudo, queria me sentir bem. Paguei pelo vestido bem menos do que pagaria nas lojas dos shoppings. Precisava agradecer novamente a Julia por aquela dica maravilhosa.

Depois de escolher a roupa, faltava cuidar do visual. Meu cabelo precisava de um corte havia muito tempo. Porém, nunca fora uma das minhas prioridades. Fui a um salão indicado pela Jenni e amei o que fizeram com meu cabelo, tive tratamento completo. Saí de lá com os cabelos levemente repicados e com luzes, além de uma depilação brasileira que deixou minha pele tão macia quanto a de um bebê.

Voltei para casa uma hora antes do horário combinado para o encontro e me arrumei o mais rápido que podia. Porém, fiquei satisfeita com o resultado, tanto que tirei uma foto de frente para o espelho no meu quarto e a enviei para a Jenni, que mandou uma mensagem em resposta enquanto eu entrava no carro:

Garota, você está um arraso. Se eu fosse homem, te pegava.

Elogio estranho, mas eu o aceito. E como tá a Mili?, teclei, preocupada com a minha filha.

Ela tá bem, não se preocupe, tá na sala assistindo a um filme de princesas com o meu marido.

Obrigada, isso não seria possível sem a sua ajuda.

Pare com isso, está sendo um prazer. Agora vá e aproveite a sua noite.

Vou aproveitar cada segundo dela, digitei e dei partida no carro para, enfim, seguir meu caminho.

Quando estacionei na garagem do prédio, estava tão nervosa que minhas pernas tremiam, pensei até em ir embora. Tinha tanto receio de as coisas não acontecerem como eu imaginava que fiquei na dúvida se, depois de esperar tanto tempo, eu enfim estava fazendo a coisa certa. Entrei no elevador ainda em dúvida, mas parei de pensar assim que as portas do elevador se abriram e eu entrei no apartamento de Edward, que me comeu com os olhos. Jamais tinha recebido esse olhar de um homem antes e não sabia dizer se isso era bom ou ruim. Porém, levando em consideração o modo como ele me pressionou contra a parede, tentando de qualquer forma unir o seu corpo ao meu, ele tinha aprovado o meu novo visual.

Após o jantar, que foi divertido e relaxante, eu não esperava a forma como ele me atacou de forma sensual, brincando com a sobremesa em meu corpo. Eu tinha pouca experiência sexual, o pai da Mili fora o meu primeiro e único homem. Ele não era o melhor dos amantes, e eu não sentia por ele um terço do que estava sentindo com o Edward em meus braços. Meu corpo estava em chamas, eu estava parecendo aquela garota do filme *Jogos Vorazes*, se tirassem uma foto minha com infravermelho, poderiam ver o meu corpo coberto por áreas quentes, muito quentes.

Jamais imaginara que não poderia controlar o meu desejo, mas nunca havia sentido nada assim. Era impossível me conter, estava além das minhas forças, e eu não queria fazer isso. Precisava viver cada momento como se fosse o único, pois eu não sabia quando e se poderia repetir aquela noite, nem se teria o mesmo efeito sobre mim.

Muitos beijos, carícias íntimas que eu nunca ousara realizar. Tudo isso me deixou sem chão. Eu não estava preparada para a avalanche de sensações que tomou conta do meu corpo depois que a língua de Edward deslizou por ele ou quando ele me preencheu sem hesitar. Cada minúscula partícula do meu corpo clamava por seu toque, e ele atendeu cada parte negligenciada com tanto carinho e delicadeza que eu tive vontade de chorar. Gritei tão alto quando cheguei ao clímax que poderia ter acordado toda a cidade de Houston, mas não me importei nem um pouco.

Bem que aquela noite poderia ter terminado assim, comigo deitada no tapete da sala, ainda nua e com a cabeça encostada no peito dele. Porém, eu não tive essa sorte, e ele me revelou um segredo que nunca havia me passado pela cabeça.

Edward, ou melhor, Jonas fazia parte de uma banda de rock mundialmente famosa. Até mesmo eu conhecia o vocalista, graças a Julia, que me mostrava cada foto do cara que saía nos jornais e revistas, pois ela era obcecada por ele. No entanto, nunca mencionara os outros integrantes da banda. Para ela parecia só existir o vocalista, isso explicava por que ela não reconhecera o Jonas enquanto ele estava no hospital.

Demorei a acreditar que aquilo estava acontecendo comigo, fugi no momento em que descobri que ele estava falando a verdade. Não pretendia voltar a vê-lo nunca mais. Entretanto, seus olhos sinceros me convenceram do contrário. Eu podia ter ligado o carro e partido, deixando para trás a primeira oportunidade que tinha, depois de anos, de ser feliz novamente. Todavia, decidi ficar, abandonei o bom senso, abri a porta do carro e me joguei nos braços dele – ainda ajoelhado no chão – como havia feito alguns minutos antes.

— Quer dizer que seu nome é Jonas? Acho que eu gostava mais de Edward — comentei ainda com os braços em volta do seu pescoço.

— Se quiser, posso mudar o meu nome — declarou, afastando-se para me observar.

— Faria isso por mim? — perguntei sem acreditar.

— Claro que faria.

— Não precisa mudar o seu nome, eu estou começando a gostar de Jonas também — comentei aproximando minha boca da sua para beijá-lo.

— Podemos voltar para o apartamento e terminar de fazer as pazes lá — sugeriu, erguendo-se e me ajudando a levantar.

— Sim.

— Sexo de reconciliação é o melhor, geralmente ele não acontece no mesmo dia da primeira noite com uma garota. Todavia, estou vendo que nossa relação está quebrando toda a etiqueta do primeiro encontro — explicou ao me arrastar até o elevador, e depois subimos até a sua cobertura. Não paramos de nos beijar durante todo o caminho. Quando chegamos ao hall de entrada e olhamos o tapete todo desarrumado e nossas roupas ainda espalhadas pelo chão, Jonas sorriu e disse: — Acho que podemos continuar no meu quarto dessa vez.

— Eu concor... — parei na metade da palavra porque ele me surpreendeu me pegando no colo e subindo a escada apressadamente.

— Espere, não devia me pegar no colo assim, você ainda não está bem para fazer esse tipo de extravagância! — exclamei, preocupada com a saúde dele.

— Não se preocupe comigo, eu estou bem — pediu com os olhos brilhando. Eu nunca os tinha visto tão azuis como então. Pensei em insistir para que ele tomasse mais cuidado. No entanto, acabei desistindo. Aquele era o nosso momento, e, depois de quase perder o Jonas, resolvi deixar as coisas acontecerem naturalmente.

Ele me jogou na sua cama assim que entramos no seu quarto, e eu sorri, feliz. Nem parecia a mesma mulher de alguns minutos antes. Eu confiava no Jonas de uma forma que jamais confiara em homem algum, e isso fazia toda a diferença na hora em que fazíamos amor. A primeira vez fora sexo duro, rápido e primitivo, como tinha de ser. Eu não conhecia seu corpo. Por isso, na segunda vez fui devagar, beijei e acariciei cada pedacinho dele. Contornei

suas tatuagens com a língua e recebi seus gemidos de agradecimento.

Logo em seguida Jonas me virou na cama e ficou por cima de mim. Tirou a única peça de roupa que eu estava usando, depois sua calça jeans e me beijou enquanto deslizava dentro do meu corpo. Suspirei em êxtase quando seus movimentos ficaram ritmados, mas, quando eu estava quase gozando, ele parou.

— Por favor... — supliquei frustrada.

— O que você quer? — perguntou me beijando na boca.

— Você — respondi sem tirar meus olhos dos seus.

— Então diga meu nome — pediu ainda imóvel.

— Por favor, Jonas — implorei segurando seu rosto entre as mãos.

— Repete meu nome — insistiu.

— JONAS! JONAS! Jonas...! Jonas... — gritei e gemi enquanto ele retomava os movimentos numa velocidade que me obrigou a segurar nos lençóis para não desabar de vez. Chegamos juntos a um êxtase glorioso.

— Nunca gostei tanto de ouvir meu nome antes, é como uma canção para os meus ouvidos — disse deitado ao meu lado na cama.

— Eu adoro seu nome... Jonas... Jonas... Jonas... Jonas... — repeti muitas outras vezes enquanto distribuía beijos aleatórios no seu abdômen.

— Pare com isso, eu tenho cócegas — pediu tentando se esquivar de mim.

— Ah, você tem cócegas aqui! — exclamei voltando a beijá-lo no mesmo lugar de antes.

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu em anos — disse de repente, parando de sorrir.

— Nós nos encontrarmos foi a melhor coisa que aconteceu nas nossas

vidas — completei, voltando a beijá-lo. Sua boca era tudo que eu queria explorar por um longo tempo.

Um amor, uma canção

JONAS

Eu poderia te fazer feliz, fazer seus sonhos se tornarem reais
Nada que eu não faria
Vou até o fim do mundo por você
Para fazer você sentir o meu amor

Make you feel my love - Bob Dylan

Assim que a Amanda dormiu com a cabeça em cima do meu peito, seus cabelos espalhados sobre meus ombros e sua respiração tranquila, eu me afastei devagar até conseguir me levantar da cama sem a acordar.

Minha mente era um turbilhão de pensamentos, e eu não conseguia dormir. Ainda fiquei por alguns minutos observando-a. Eu precisava colocar para fora todas as ideias que pululavam em minha cabeça, e o estúdio era o único lugar onde eu poderia fazer isso sem acordá-la.

Coloquei minha calça jeans, que estava jogada ao lado da cama, e caminhei para o cômodo. Ao entrar e observar meus instrumentos, pensei aflito: *Será que vou voltar aos palcos?* Minha vida era incerta. Apesar de eu estar fazendo o melhor tratamento que o dinheiro podia pagar, ainda restavam dúvidas quanto a minha cura. Laura não me dera nenhuma garantia, nem podia. Meu tipo de leucemia era raro. Eu tinha chances de cura, mas não era uma certeza absoluta. Eu me agarrava à esperança no meio daquele mar turbulento que eu precisava atravessar.

— Será que é justo arrastar Amanda comigo?

Sabia que não havia resposta para o meu questionamento, só o tempo diria. No entanto, eu já fora tão altruísta desde que soubera daquela doença, poupando meus parentes e amigos, que não faria mais isso, iria me permitir ficar ao lado dela, pelo menos por enquanto.

Peguei meu violão e comecei a dedilhar alguns acordes. No começo não era nada, mas, conforme as horas passavam e eu continuava insistindo na melodia, as notas e a letra foram surgindo feito um passe de mágica, e eu cantei, maravilhado ao perceber que conseguira compor minha primeira música:

It is easy to get lost in your arms

Your body is perfect to me

Every bit of it

I won't lie to you

I walked a long distance until arrived here

But I wouldn't change anything

If at the end of the road I'd find you

(É fácil me perder nos seus braços

Seu corpo é perfeito para mim

Cada pedacinho dele

Eu não vou mentir pra você

Eu caminhei uma longa distância até chegar aqui

Mas eu não mudaria nada

Se no final da estrada eu encontrasse você)

Isn't always like that

This moment is saved just for you

Only you, My girl

(Não é sempre assim

Esse momento é guardado só pra você

Só você, Minha garota)

I'll never forget this moment

With you in my arms

Your smell in my skin

You're always in my mind

Somewhere in the sky

It's written that you are mine

And I'm yours forever

In this life or in others

(Eu nunca vou esquecer esse momento

Com você em meus braços

Seu cheiro na minha pele

Você está sempre em minha mente

Em algum lugar no céu

Está escrito que você é minha

E eu sou seu

Nessa vida ou em outras)

Isn't always like that

This moment is saved just for you

Only you, My girl

(Não é sempre assim

Esse momento é guardado só pra você

Só você, Minha garota)

— Adorei a música — disse Amanda, aplaudindo ao entrar no estúdio.

— Obrigado — agradeci, surpreso, curvando-me como se estivesse num palco. Estava tão concentrado na melodia que nem percebera que ela estava me observando.

— Eu nunca ouvi essa música antes, é da sua banda? — perguntou se aproximando de mim.

— Não, é minha. Acabei de compor, e você foi a primeira pessoa a ouvi-la — respondi, maravilhado.

— Sério!? — exclamou surpresa.

— Verdade! Essa foi a primeira música que compus sozinho, mal posso esperar para mostrá-la ao meu primo.

— O vocalista da banda, como é mesmo o nome dele?

— Jack — disse, puxando-a pela cintura. Ainda não estávamos próximos

o suficiente, não para mim.

— Você devia mostrar logo essa música para ele. Se ele se importar um pouco com você, ficará muito feliz em saber disso — disse pensativa. Seu cenho estava levemente franzido.

— Por que você está chateada? — indaguei erguendo seu queixo para deixar nossos olhos na mesma altura.

— Não estou chateada, estou triste, é diferente. Acho que você não deveria passar por isso sozinho. O tratamento pode durar meses ou até anos, e ninguém fica sem a família e os amigos durante tanto tempo. O apoio da família é fundamental para que o paciente avance — explicou, permitindo uma lágrima solitária descer pelo seu rosto.

— Eu não contei a ninguém. Nem meus parentes, nem meus amigos. Por favor, não chore — pedi, enxugando seu rosto com as mãos.

— Não estou chorando — mentiu e depois sorriu para mim. Estava quase amanhecendo, e Amanda precisava dormir mais um pouco antes de ir para a casa de sua amiga buscar a Mili.

— Vamos voltar para a cama — anunciei, segurando a mão dela e a puxando escada acima.

— Por que você não contou para eles? — questionou baixinho quando nos deitamos.

— Não sei. Agora não faço ideia de por que menti para meus companheiros de banda e para o meu pai, principalmente. Já pensei que fosse por querer cuidar de mim mesmo sozinho, ou que fosse para não os preocupar.

— Você acha que eles não iriam se importar com você? — perguntou cautelosa.

— Não sei, mas tive medo de descobrir — falei a verdade pela primeira vez, inclusive para mim mesmo e me surpreendi.

— Eu e a Mili nos importamos muito com você. Faz pouco tempo que nos conhecemos, mas eu não consigo imaginar nem um dia mais longe de você — confessou apertando meu braço, que estava sobre sua cintura. A julgar pela sua voz, ela provavelmente estava chorando novamente, por isso eu a abracei com força para mostrar que eu estava ali, pelo menos naquele dia, que eu ainda podia abraçá-la.

Ao amanhecer, acordei com o café da manhã na cama. Comemos juntos panquecas e morangos maduros, tomamos café e saímos para buscar a Mili. Assim que me viu, a garotinha pulou nos meus braços e beijou meu rosto. Fiquei muito surpreso com seu carinho. Amanda e a amiga dela também ficaram, pois ambas me olhavam incrédulas enquanto Mili estava toda feliz no meu colo.



A partir do dia seguinte à minha primeira noite de amor com Amanda – terça-feira –, passei a ficar na casa dela, que me parecia muito mais aconchegante que o imenso, mas impessoal apartamento, inclusive para dormir. Raramente ia ao meu apartamento. Passamos nosso primeiro final de semana inteiramente juntos, e foi o melhor que eu tive. A casa dela era simples e estava sempre uma bagunça, mas era o melhor lugar do mundo para mim. Eu nunca tivera nada parecido com aquilo, um lar com a presença e o calor de uma mulher.

No domingo, tomei café da manhã na cama novamente. Estava ficando mal-acostumado a isso. Fui acordado pela Mili, que passou sua mãozinha macia na minha cabeça sem nenhum fio de cabelo e sorriu para mim. Aquele sorriso foi um presente, um oásis no meio do deserto. Queria ter um vidro para guardá-lo comigo para sempre e usar como remédio quando fosse necessário nos meus piores dias. Quando nada mais funcionasse, eu teria

aquele sorriso e tudo ficaria bem.

À tarde, fomos ao zoológico, e eu fiz o papel de pai da Mili durante todo o passeio. Interpretei o papel tão bem que, no final do dia, quando li a história do Touro Ferdinando para ela dormir, quis ser seu pai de verdade. Tinha um amor tão grande por aquela garotinha, e ela parecia sentir o mesmo por mim. O sangue diferente não poderia me impedir de ser seu pai, porque, em meu coração, eu já o era.

— Estou encantado pela sua filha — declarei para Amanda assim que saí do quarto da Mili.

— Ela também adora você, fiquei como segunda opção — reclamou colocando os braços nos meus ombros.

— Você nunca será uma segunda opção, ela só está deslumbrada com o astro do rock. Você devia ver como sou irresistível no palco.

— Nem me lembre disso, ainda não sei como vai ser quando todos descobrirem onde você está ou quem você é de verdade.

— Nada vai mudar, eu serei o mesmo Jonas que está aqui na sua casa, acabou de fazer sua filha dormir e agora vai fazer amor com você.

— Espero que não mude mesmo. Eu não suporto caras metidos e deslumbrados com a fama e o dinheiro.

— Você está me chamando de deslumbrado? — questionei falsamente ofendido.

— Não, você é uma exceção nesse mundo louco das bandas de rock. Não consigo te imaginar nos palcos, cercado por milhares de fãs e tocando guitarra. Eu te conheci num hospital, depois nos tornamos amigos, em seguida, mais do que amigos, e agora você é um guitarrista sexy de uma banda de rock famosa. Não consigo encaixar todas essas pessoas no cara que acabou de fazer a minha filha dormir e está parado à minha frente.

— Você me acha sexy? — perguntei beijando o seu pescoço.

— Claro que acho, você sabe que é sexy e quente. Por favor, pare de fingir que não é o guitarrista da The Dangers, seu disfarce caiu. Além disso, eu andei pesquisando na internet e, pelos vídeos que vi, você não é nada tímido.

— Você assistiu a vídeos meus? — questionei curioso.

— Só um pouquinho, eu estava curiosa — explicou envergonhada.

— Gostou do que viu?

— Eu amei, mas ainda não consigo acreditar que é a mesma pessoa — respondeu fazendo beicinho.

— Será que estou tão diferente assim? — indaguei preocupado.

— Não, você é o mesmo, só é difícil acreditar que está aqui comigo — disse colocando os braços em torno do meu pescoço.

— Então vamos! Eu tenho a noite toda para te fazer acreditar que estou aqui com você — falei, arrastando-a para o seu quarto. Eu mal podia esperar para provar o quanto era real.

Uma família feliz

AMANDA

Jogue suas mãos para o céu
Agradeça se acaso tiver
Alguém que você gostaria que
Estivesse sempre com você

Na rua, na chuva, na fazenda - Kid Abelha

Depois que descobri a verdade sobre o Jonas, nossa relação mudou para melhor. Ele passou a ficar os dias e as noites na minha casa. Foi tão natural que não parei para pensar no que isso significava. Porém, de uma coisa eu tinha certeza, a cada dia que passava, eu estava mais apaixonada por ele. E não era somente eu que estava deslumbrada. Minha filha não desgrudava dele em momento algum, e isso me preocupava um pouco. Entretanto, Jonas parecia gostar de ser o preferido da minha garotinha. Os dois brincavam juntos assim que a Mili chegava da escola e só paravam na hora que ela ia dormir. O primeiro final de semana juntos foi perfeito!

Jonas estava cada dia mais cansado, as sessões de radioterapia tinham terminado alguns dias depois que passáramos a morar juntos, e ele estava aguardando o resultado dos novos exames. Não restava mais nada a fazer, além de esperar o próximo passo. Pedia para ele diminuir o ritmo das brincadeiras com a Mili e descansar, mas ele nunca me ouvia. Levava-a ao parque e passava horas lá. Quando voltava, estava esgotado.

Eu sabia que ele ainda sentia dores, às vezes eu observava de longe e via seu rosto contorcido de dor, mas, quando eu perguntava como ele estava, sempre dizia que estava bem. O tratamento seria longo, e ele precisava preservar as energias. No entanto, eu não fazia ideia de como convencê-lo disso.

Quase todas as noites, depois que a Mili ia para a cama, a casa era toda nossa e usávamos cada cantinho dela para demonstrar o quanto estávamos viciados um no outro. Ainda bem que eu tomava pílulas para regular minha menstruação desde que a Mili era um bebê, assim eu não precisava me preocupar com uma gravidez não planejada.

— Acabei de fazer a Mili dormir. Será que agora você pode me fazer dormir também? — inquiriu o Jonas me surpreendendo ao aparecer na cozinha.

— Você só quer dormir mesmo? — questionei desconfiada, virando-me para ficar de frente para ele.

— Quem falou em dormir? Na verdade, eu tenho outros planos.

— Não sei se estou pronta para seus outros planos — comentei, embora jogasse meus braços em volta do seu pescoço e o puxasse para um beijo.

Minha intenção não era aprofundar o beijo ali na cozinha, eu queria apenas sentir a doçura dos seus lábios. No entanto, Jonas estava pensando em outra coisa bem diferente da minha, pois mordeu a parte inferior dos meus lábios e em seguida me colocou em cima da mesa. Cruzei as pernas em torno da sua cintura e perdi todo o controle do meu corpo enquanto ele devorava minha boca sem qualquer cerimônia. Nossas roupas foram ao chão, e nada mais importava. Fechei os olhos, fixando-me naquele instante em que nossos corpos pareciam se unir. Se eu pudesse, ficaria para sempre assim, nos seus braços.

Dormimos juntos como em todas as outras noites antes daquela. Contudo, notei que Jonas se levantou duas vezes durante a noite e, quando amanheceu, ele ainda estava dormindo. Pensei que ele estava cansado, por isso decidi não o acordar e segui minha rotina. Acordei a Mili, dei um banho nela, e depois nos sentamos para tomar café da manhã. Estávamos quase terminando, e nada de o Jonas descer.

— Cadê o tio, *mammy*? — questionou Mili depois de beber seu leite com chocolate.

— Ele ainda está dormindo — expliquei olhando na direção da escada.

— *Duminhoco* — disse sorrindo.

— Ele só está cansado. Agora vamos pegar a sua bolsa, que já estamos atrasadas — falei, descendo-a da cadeira.

Minha intenção era apenas dar um beijo no Jonas e deixá-lo dormindo mais um pouco. Sem as sessões de radioterapia, ele não precisava acordar tão cedo. Além disso, as últimas semanas tinham sido bem intensas para ele.

Cheguei ao meu quarto, e ele ainda estava deitado na mesma posição. Quase saí sem me despedir. Mili estava me esperando no corredor, e eu não queria deixar que ela acordasse o Jonas. Entretanto, alguma coisa chamou a minha atenção e eu entrei no quarto. Sentei-me ao seu lado na cama e me inclinei para beijar sua testa, mas nem cheguei a fazer isso, porque seu corpo estava tão quente que irradiava calor assim que me aproximei dele.

Coloquei minha mão na sua testa só para confirmar o que eu já pressentia. Jonas estava queimando em febre. Era algo assustador, ele respirava com dificuldade. Cheguei a gritar seu nome e ainda balancei seu corpo, mas ele não tinha forças nem para abrir os olhos. Corri para pegar meu celular e liguei para a emergência. Levariam alguns minutos para chegar à minha casa, e, durante esse tempo, fiquei monitorando o seu pulso fraco e rezando para que ele não morresse antes de a ajuda chegar.

Ouvi as sirenes e pedi para a Mili abrir a porta. Os paramédicos subiram correndo. Enquanto examinavam o Jonas, eu fiquei paralisada. Já tinha visto aqueles procedimentos inúmeras vezes no hospital, mas nunca em alguém tão próximo. Saber que o homem por quem eu estava perdidamente apaixonada lutava para respirar me deixou sem palavras.

— Você é enfermeira? — perguntou o paramédico ao observar meu uniforme de trabalho.

Eu não sabia o que responder, minha mente estava confusa. Porém, precisava me concentrar e ajudar Jonas, por isso respirei fundo, olhei para o paramédico e contei em poucas palavras o que eu sabia sobre o histórico

médico do paciente.

Depois que ele já estava com uma máscara de oxigênio e na maca, orientei os paramédicos a levá-lo ao MD Center Hospital e fui seguindo a ambulância com meu carro. A Mili estava tão assustada quanto eu no banco de trás.

— *Mammy*, o tio tá dodói? — perguntou preocupada assim que a tirei do carro.

— Está, sim, querida, mas a mamãe vai cuidar dele — expliquei pegando-a no colo e correndo em direção à emergência do hospital.

Assim que cheguei, deixei a Mili com uma das recepcionistas e entrei no setor à procura do Jonas. Vasculhei cada sala da emergência. Porém, ele não estava em nenhuma. No momento em que chegara, já fora mandado para a UTI. Minhas pernas estavam tremendo. Eu não conseguia acreditar em como ele piorara tão rápido e eu nem percebera. Como eu deixara seu quadro chegar tão longe? Que tipo de enfermeira eu era, afinal?

Estava tão entretida nos seus braços que esqueci completamente que ele estava lutando contra um câncer, pensei ao voltar para a recepção para pegar a Mili e subir até o meu setor.

— Por favor, não faça perguntas agora, apenas cuide da Mili enquanto eu vou até a UTI para saber do estado do Jonas — falei para a Jenni assim que a encontrei na sala das enfermeiras.

— Espere, quem é Jonas? — perguntou segurando a mão da Mili, mas eu nem me preocupei em responder que ela o conhecia como Edward. Estava tão preocupada com seu estado de saúde que virei as costas e subi correndo os degraus que faltavam até chegar a UTI.

A primeira pessoa que eu vi ao entrar foi a doutora Laura. Ela estava aflita, mexendo em alguns papeis, mas, quando me viu, parou o que estava fazendo e me observou atentamente com os olhos vermelhos. Com certeza estava chorando alguns minutos antes, e constatar isso me deixou ainda mais preocupada.

— Onde está o Jonas? — indaguei nervosa, esfregando uma mão na outra.

— Você já sabe o nome verdadeiro dele? — inquiriu prendendo a respiração.

— Sei, ele me contou — respondi olhando em volta para tentar descobrir qualquer indício de que ele estava ali.

— Ele está sedado, tivemos que entubá-lo. Quando ele chegou aqui, estava respirando com muita dificuldade, por isso achei melhor não arriscar.

— O que ele tem?

— Ainda é cedo para dizer, preciso esperar o resultado dos primeiros exames para dizer com certeza o que aconteceu.

— Por favor, não faça cerimônia comigo. Eu te conheço e tenho certeza de que você já tem um diagnóstico. Esquece que eu o conheço e me diga a verdade — pedi, ou melhor, supliquei

— Ele está lutando contra uma infecção, ainda não sei exatamente qual, mas, no seu estado, com o sistema imunológico indefeso, uma pneumonia poderia ser fatal. Por isso resolvi não correr riscos, o transferi para a UTI e vou acompanhá-lo pelas próximas 24 horas. Somente depois disso vou ter um diagnóstico real do seu estado clínico. Eu já avisei ao pai dele, e, dentro de algumas horas, ele chegará aqui. Escondi seu segredo o máximo que pude. No entanto, além de meu paciente, ele é meu amigo. Em nome dessa amizade, contei toda a verdade ao seu pai.

— O pai do Jonas está vindo para cá? — indaguei confusa, pois não sabia se era uma coisa boa ou ruim.

— Não só ele, pelo que eu entendi. Quando conversei com o pai do Jonas, ele estava perto de dois dos integrantes da banda. A notícia o pegou tão desprevenido que ele teve de passar o telefone para o Freddy, e terminei de falar com o baterista da banda. Agora todos já devem saber que o Jonas está com leucemia e lutando desesperadamente para sobreviver.

— Não sei se é uma boa ideia eu estar aqui quando eles chegarem —

murmurei pensativa.

— Pare de bobagem, o Jonas precisa de todas as pessoas que gostam dele neste momento. Por isso que eu chamei o pai dele. Estava mais do que na hora de parar com toda essa farsa e nos unir para ajudá-lo.

— Você tem razão. Eles podem não gostar da minha presença aqui, mas não vou abandoná-lo quando ele mais precisa de mim — disse decidida.

— É assim que se fala, garota. Agora vou pedir que você seja transferida para a UTI durante esse período, assim, pode tomar conta dele na minha ausência.

— Pode ficar tranquila, eu não pretendo sair daqui antes de o Jonas melhorar.

— Mas e a sua filha?

— Por enquanto ela está com a Jenni e provavelmente vai para a casa dela depois. Pode ficar tranquila, que não vou sair daqui sem o Jonas.

— Obrigada — agradeceu a médica, respirando fundo mais uma vez.

— Você não precisa me agradecer, ele faria o mesmo por mim. Tenho certeza disso — respondi, saindo à procura do quarto onde o Jonas estava internado. Era o segundo no final do corredor, bem próximo à enfermaria. Eu poderia ficar de olho nele o tempo todo.

Ele estava sedado e respirava com a ajuda de aparelhos. Como enfermeira, eu sabia que era um procedimento normal para que seu corpo pudesse se recuperar. No entanto, fiquei angustiada ao vê-lo assim.

— Desculpe não ter ajudado quando você mais precisou de mim — sussurrei ao seu ouvido. Eu ainda me sentia culpada por não perceber o quanto ele estava doente. Esperei em vão alguns segundos, só ouvindo o barulho da máquina que o ajudava a respirar. Nem sabia o que eu pretendia ouvir, mas continuei ali por um tempo, segurando a sua mão e pedindo desculpas.

Quase na hora do almoço, eu me despedi do Jonas e saí da UTI à procura da Mili e da Jenni. Encontrei as duas na lanchonete do hospital.

— Desculpe a demora, eu nem consegui explicar antes o que aconteceu — disse me sentando à mesa ao lado da Mili.

— Oi, *mammy,* o tio já sarou? — perguntou a minha filha, preocupada.

— Ele está melhorando, meu amor. Agora volte a comer seu lanchinho — pedi acariciando suas costas para tentar me tranquilizar um pouco.

— Não precisa me explicar nada, eu já sei de tudo. Na verdade, todo mundo sabe, o hospital está cercado de fãs. A notícia se espalhou mais rápido do que fogo, todos sabem que a banda The Dangers está vindo para cá, está em todas as redes sociais. Portanto, se prepare, amiga, que a coisa só vai piorar — explicou Jenni, surpreendendo-me.

— Preparar-me para o quê? — questionei confusa.

— O hospital está uma loucura, tiveram que trancar as entradas para as pessoas não entrarem sem autorização, isso porque eles nem estão aqui ainda. Imagina o caos que vai virar quando todos estiverem aqui.

— Não preciso me preocupar com isso, meu único interesse é o Jonas — disse dando de ombros, pois eu não me importava nem um pouco com os outros integrantes da banda. Que amigos eram aqueles, que não desconfiaram que ele estava precisando de ajuda?

— Você pode não se importar com eles, mas será que eles não irão se importar com você? — questionou, deixando-me preocupada.

Uma recaída

JONAS

Todos estão usando um disfarce
Para esconder o que eles têm por trás de seus olhos.
Mas eu, eu não posso cobrir o que eu sou

Abandoned love - Bob Dylan

Os últimos dias tinham sido os mais felizes da minha vida, apesar da dor constante e do cansaço, que aumentava com o passar do tempo. Naquela noite não me deixei desanimar, brinquei com a Mili até ela cansar e fiz amor com a Amanda menos do que eu gostaria, mas o máximo que consegui, porque no fundo eu sabia que podia ser a última vez. Mesmo sem saber os resultados dos exames, eu sentia que estava cada vez mais doente, por isso disfarcei, ou melhor, tentei. Não queria preocupar a Amanda, sabia que ela estava de olho em mim.

Porém, não aguentei mais fingir que não estava sentindo dor. Despertei tão fraco durante a madrugada, duas vezes, que quase não consegui chegar até o banheiro para vomitar. Ainda bem que Amanda pareceu não perceber quando voltei para a cama. Estava me sentindo estranho, como se perdesse minhas forças, e era cada vez mais difícil respirar.

Quase de manhã, e eu não conseguia dormir. Não aguentava mais sentir dores, e quando a escuridão veio, foi bem-vinda. Acordei com a Amanda me chamando. Sua voz estava tão longe que eu não conseguia discernir se era um sonho ou se eu estava acordado.

No entanto, de nada adiantava saber disso, quando eu não podia me mexer. Não conseguia dizer uma palavra sequer, parecia que eu estava tentando respirar dentro de uma piscina, tamanho era o esforço que eu tinha de fazer em busca de ar.

Eu estava morrendo, sabia disso e não conseguia nem me despedir da mulher que eu amava. Estava desesperado por dentro, mas por fora não conseguia mexer um músculo. Por isso me concentrei em abrir os olhos; se eu fosse morrer naquele instante, pelo menos queria olhar para Amanda uma última vez.

Depois de tentar algumas vezes, consegui abrir os olhos e fiquei observando a pessoa que me despertara para a vida, aquela que me ensinara que precisávamos de coisas simples para sermos felizes. Tinham sido poucos dias ao seu lado e ao da pequena Mili, mas foram os mais felizes que eu passara. Fechei os olhos em busca de ar e, quando os abri novamente, havia paramédicos no quarto. Eles colocaram uma máscara de oxigênio no meu rosto, e foi como se eu fosse puxado da piscina na qual me sentira afundar. Ainda não conseguia respirar normalmente, mas era bem melhor do que antes.

Fui levado para uma ambulância e, depois, para o hospital. Quando cheguei à emergência, lembro de ouvir apenas a voz da Laura, então tudo ficou em silêncio durante muito tempo. Escuro, eu fiquei no escuro. Até que comecei a ouvir pequenas frases que não faziam sentido nenhum, mas era melhor do que ficar no silêncio absoluto.

— Desculpe não ter ajudado quando você mais precisou de mim — não conseguia compreender de quem era aquela voz, mas gostei de ouvi-la. Parecia ser de alguém que estava preocupado comigo. *Será que é a Amanda?* Adormeci novamente logo após pensar isso.

Dessa vez, tive a impressão de que dormi por muito tempo. Nem sabia dizer se dormir era a palavra certa para descrever o que me acontecia. Eu passava longos períodos em total inconsciência, e, em outros momentos, podia ouvir várias vozes ao meu lado, mas me era impossível distinguir de quem eram ou o que estavam falando. Conseguia sentir alguém segurando minha mão, queria abrir os olhos para ver quem era, mas não conseguia, e então perdia a consciência totalmente de novo.

Na próxima vez em que retomei os sentidos, escutei uma voz que jamais poderia esquecer, a do meu pai.

— Força, filho, eu estou aqui com você. Se recupere e volte pra mim. Estamos todos aqui te esperando, inclusive a Gabi — disse segurando a minha mão. Era um aperto tão fraco que eu mal podia sentir.

Adormeci novamente e fiquei no escuro por mais um tempo até que ouvi mais vozes, pareciam pessoas falando comigo. No entanto, só pude distinguir quem eram depois de me esforçar muito.

— Vamos, cara, você precisa se recuperar, estamos aflitos esperando um sinal positivo — pediu meu primo. Eu tinha quase certeza de que era a voz do Jack.

— Levante essa bunda da cama e volte pra gente — resmungou Freddy. Ninguém mais falaria assim comigo.

— Precisamos de você, acorde logo — pediu Helena com sua voz doce de sempre.

— Pensou que tinha se livrado da gente? Mas não dá, parceiro. Isso é pra sempre, e nem pense em ir embora antes de ficarmos velhinhos e usando bengala. Se fizer isso, eu vou atrás de você — comentou Bob.

— Estou aqui, *brother* — disse Rick.

— Volte para mim... — disse a voz de uma garota. Entretanto, nesse instante eu já estava voltando à inconsciência de novo e não pude reconhecer a sua voz.

Ao voltar àquela semiconsciência outra vez, lembrei-me da Mili e dos beijos que ela fazia questão de me dar toda manhã. Comecei a repassar cada momento em que estive ao seu lado, e tudo começou a fazer sentido para mim. Eu podia não ser o pai biológico dela, mas era de coração. Nada poderia mudar isso. Se eu conseguisse me recuperar, adotaria a Mili como minha filha. Seria uma honra ser pai de uma criança tão amorosa como ela. A maioria dos pais ama os filhos assim que nascem; eu tinha aprendido a amar a minha quando ela já tinha quatro anos e não via diferença nenhuma entre ambos os tipos de amor.

Depois que tomei essa decisão, foi a vez de pensar na Amanda. Onde e

como ela estava? Será que estava preocupada comigo ou se dera conta de que eu era mais um problema na sua vida? Eu esperava que ela não tivesse fugido correndo quando toda a banda aparecera. Os caras podiam ser um pé no saco quando queriam. Ainda bem que a Helena viera junto deles. Ela costumava colocar juízo na cabeça dos rapazes na minha ausência.

Pensar na Amanda e na Mili me ajudou a lutar para sair do limbo onde eu me encontrava. Eu não podia ficar naquela escuridão para sempre. Fosse onde fosse aquele lugar escuro em que eu estava, precisava voltar para Amanda e lhe dizer que eu a amava. Fazia pouco tempo que nos conhecíamos, e eu queria muito voltar no tempo, talvez procurá-la alguns anos antes. Sentia que a conhecera tarde demais para um romance, tarde demais para viver aquele amor e para me apaixonar pela melhor garota de todos os tempos. Pelo menos eu a conhecera; poderia ter partido sem ao menos isso. Eu não sabia o que era pior, se passar pouco tempo ao seu lado ou nunca ter sabido da sua existência.

— Eu estou aqui, Jonas, por favor, acorde. Quero ver os seus olhos. Eu não devia ter deixado você ir, mas agora é tarde demais para me arrepender. Por favor, acorde, eu preciso ver você — suplicou uma voz embargada pelo choro. Fiquei triste por ser a causa do seu sofrimento, não queria magoar ninguém, ainda mais alguém que parecia se importar tanto comigo.

Será que era a Amanda? A voz estava tão distante... Não, não era. Eu não sabia explicar como, mas meu corpo reconheceria se fosse ela. Aquele formigamento que eu sempre sentia quando ela me tocava, nunca mais sentira desde que caíra naquela escuridão. Talvez eu tivesse morrido e estivesse isolado em algum lugar. Não, isso não fazia sentido.

— Desculpe por deixar você sozinho. Eu deveria ter ficado ao seu lado desde o início — pediu a mesma voz, lamentando-se num tom mais alto.

Notei que estava ficando mais consciente. À medida em que suas palavras começaram a ficar mais nítidas, eu conseguia ouvir exatamente o que ela falava.

— Volte para mim, meu amor, vamos, acorde — pediu segurando a minha mão. Comecei a sentir um cheiro fresco de lavanda.

— Acorde, Jonas, eu estou aqui! — suplicou desesperada. Foi quando abri meus olhos pela primeira vez, mas tive que fechá-los imediatamente. A luz forte quase me cegou. Esperei um tempo pacientemente até abri-los novamente, primeiro o direito, e, quando consegui mantê-lo aberto, o esquerdo. Vi a última pessoa que eu esperava estar ao meu lado naquele momento.

— Gabi — pronunciei seu nome bem devagar.

— Você acordou! — exclamou animada, jogando-se na cama para me abraçar.

Mais uma *groupie*

AMANDA

Eu vejo seu pôster
Na folha central
Beijo sua boca
Te falo bobagens

Fixação - Kid Abelha

Com a ajuda da Jenni, que passou a cuidar da Mili, eu consegui ficar o dia todo com o Jonas no hospital. Porém, quando anoiteceu, as coisas mudaram. O primeiro a chegar foi o pai dele, Peter MacMillian. Ele se parecia muito com o Jonas, os mesmos cabelos pretos e olhos azuis, o corpo atlético, o que tornava impossível saber sua idade. Como Jonas ainda era bem jovem, seu pai deveria ter no máximo uns cinquenta anos, embora parecesse ter muito menos.

O Sr. MacMillian estava muito preocupado, ficou horas no quarto do filho e, quando saiu, foi procurar a doutora Laura. Eu não fazia ideia sobre o que conversaram tanto, o diálogo durou mais de duas horas, e, quando ele saiu, estava com os olhos vermelhos de tanto chorar. Quase fui até ele para consolá-lo e me apresentar, mas fui interrompida pelos outros integrantes da banda, que apareceram ao mesmo tempo, tumultuando a recepção da UTI.

O primeiro que vi foi o Jack. Impossível não notar o vocalista da banda. Não era à toa que sua foto estava estampada em todas as capas de revistas. O cara era um deus grego, lindo de morrer e agia como se soubesse que todos estavam olhando para ele. Seus cabelos loiros caíam em suaves ondas sobre seus olhos azuis, e seu corpo era bem mais forte que o do Jonas, que perdera sua excelente forma física por causa da doença.

Ele estava acompanhado por uma mulher linda, de longos cabelos pretos,

mais baixa do que ele e usando jeans e camiseta como se fossem as roupas mais elegantes do mundo. Só podia ser sua esposa, Helena. Jonas falara tão bem dela que eu tinha certeza de que eram bons amigos.

— Eles são tão quentes — murmurou Julia ao meu ouvido, aparecendo de repente.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei surpresa, já que aquele não era o seu setor.

— Acha que só você pode pedir transferência? Quando descobri que a banda toda estava vindo para cá, eu cobrei alguns favores, e aqui estou — explicou sem tirar os olhos dos integrantes da banda, que aguardavam sentados no sofá enquanto Jack e Helena entravam para ver Jonas.

— Você é impossível mesmo — comentei mais alto do que deveria.

— Acha que é só você que vai se dar bem? Eu preciso sair com um deles. Jack é o meu preferido, mas, depois que ele se casou com aquela mulher sem graça, saiu do mercado. Sobraram os outros integrantes da banda, ao menos.

— Por favor, não comece. Eu não estou com o Jonas por causa da fama dele. Aliás, nem sabia que ele era famoso.

— Sei disso, eu conheço você melhor do que imagina. Mas, como não tive a sua sorte, vou precisar garimpar entre os três que sobraram. Como eu não descobri quem era o Jonas desde o começo? Aquele tanquinho é impossível esquecer, lembro até hoje quando ele trocou de roupa na minha frente.

— Quais os nomes dos outros integrantes? — indaguei para desviar a atenção dela, pois não gostei de ouvir sobre o abdômen do Jonas.

— O loiro de cabelos compridos é o baterista, Freddy. Olha aqueles braços! Nunca vi nada igual, ele tem as tatuagens mais sexy que eu já vi.

— Ele é bonito, mas não exagere — pelos menos, era o que eu achava.

— Tudo bem, sei que não gosta dos bad boys, você prefere os bonzinhos.

Na certa também não gostou do Bob. Ele é o mais forte dos caras e o que tem mais tatuagens. Seus cabelos ruivos chamam atenção por onde passa, e agora, com essa barba, ele está irresistível.

— Acho bonito também, mas não faz o meu tipo. Eu teria medo se cruzasse com ele num beco escuro.

— Já eu adoraria cruzar com ele num beco escuro — comentou sem tirar os olhos do Bob. Estávamos tão perto deles que provavelmente já tinham percebido os olhares maliciosos da Julia. No entanto, deviam estar tão acostumados a esse tipo de olhar que nem se importaram, para a minha sorte. Como eu explicaria ao Jonas que ficara "secando" seus companheiros de banda?

— Tenho certeza disso — afirmei, desviando meus olhos dos rapazes.

— Falta o último, o Rick. Acho que ele faz mais o seu tipo, o playboy. Ele está sempre arrumado, não tem nenhuma tatuagem, pelo menos que dê pra ver. Seu estilo é totalmente diferente dos outros integrantes. Seu cabelo preto está sempre cortado e alinhado, e suas roupas não são pretas ou brancas como as dos outros integrantes. Acho que a única coisa parecida entre ele e os demais é o corpo, o dele não deixa nada a desejar. Seus músculos são a perdição de qualquer mulher.

— Não para mim — resmunguei.

— Até mesmo você precisa reconhecer que ele é perfeito. Estou aqui tentando escolher entre eles, qual será meu alvo? O Freddy está noivo da Mia e, mesmo adiando o casamento direto, não vai dar bola pra mim. Resta, então, o Bob e o Rick. Vou tentar com o Bob, já consigo imaginar aquelas mãos fortes tocando todo o meu corpo. Tenho a impressão de que o Rick é mais reservado e seletivo.

— Boa sorte — disse, saindo da recepção para conversar com a Laura. Eu precisava saber do estado clínico do Jonas, pois ficara preocupada depois que vira o pai dele sair do consultório da médica com os olhos vermelhos. E, se eu levasse em conta o tamanho e o rosto fechado dele quando chegara ali, na certa não devia chorar com facilidade. Fosse o que fosse que a doutora Laura

tivesse contado a ele, eu precisava saber.

Queria ver o Jonas mais uma vez, mas o seu primo e a mulher dele ainda não tinham saído do quarto. Depois deles, mais dois integrantes da banda iriam entrar. Eles estavam tão preocupados com o amigo que eu não achava certo interromper aquele momento.

— Posso entrar? — perguntei ao aparecer à porta da sala da doutora Laura.

— Claro que pode. O Jonas está bem? — indagou preocupada, depois tirou os óculos e passou as mãos nos olhos cansados.

— Não se preocupe, o quadro dele é o mesmo. Só queria conversar um pouco com você — pedi ao me sentar na poltrona em frente à mesa dela.

— Fique à vontade, não aguentava mais olhar para esses exames.

— São do Jonas? — questionei interessada.

— São — respondeu olhando para os papeis novamente.

— Os resultados não são como você esperava? — inquiri ansiosa.

— Não sei dizer ainda e, se você não trabalhasse comigo, eu jamais estaria tendo essa conversa com você sobre meu paciente. No entanto, preciso desabafar, e você é a melhor pessoa no momento para isso.

— O que foi? Você está me deixando preocupada — indaguei receosa.

— Os resultados dos exames não são conclusivos, acho que deve ser por causa da pneumonia. Precisamos primeiro tratar disso para depois voltar ao câncer.

— Ele está com pneumonia? — questionei aflita, pois sabia o quanto podia ser perigosa uma infecção como aquela.

— Sim, e das grandes, atingiu seu pulmão esquerdo completamente. Teremos longas semanas até ele conseguir se recuperar.

— Ele vai conseguir, tenho certeza disso — afirmei com convicção. Jonas iria sair daquela, e eu estaria ali quando ele acordasse para demonstrar todo o amor que sentia por aquele homem.

— Claro que vai, também tenho essa certeza. Ainda mais agora, que seu pai e toda a banda apareceram. Eles serão o apoio extra que ele precisa para seguir em frente e lutar.

— Concordo, o Jonas vai ficar muito feliz ao acordar e vê-los aqui.

— Você já se apresentou para eles?

— Não, você acha que eu deveria?

— Claro, você é a namorada dele. Devia se apresentar o quanto antes. O pai dele esteve aqui há pouco e não faz ideia da sua existência.

— Sei disso, eu o vi saindo da sua sala mais cedo. Os outros integrantes da banda estão na recepção, mas também não me notaram. Talvez porque eu esteja vestida de enfermeira, eles devem achar que sou mais uma funcionária do hospital. Além disso, não sou namorada dele.

— Mas eu pensei que vocês estavam juntos — comentou confusa, mexendo-se na cadeira.

— Estamos juntos, mas não teve pedido de namoro. — Não queria parecer aproveitadora, fazendo-me passar por namorada do Jonas quando, em momento algum, ele me pedira em namoro.

— Isso é um detalhe que em breve o Jonas vai resolver. Agora saia daqui, pois preciso continuar olhando esses exames. Talvez eu tenha deixado passar algo.

— Tudo bem, já estou indo — falei ao me levantar da poltrona.

— Não se esqueça de se apresentar para o pai dele e os integrantes da banda — pediu colocando os óculos novamente e voltando a estudar os exames.

A minha intenção era ir até eles e dizer que eu estava com o Jonas,

embora não fosse sua namorada ainda, mas que estávamos morando juntos nas duas últimas semanas. Contudo, não consegui me aproximar deles, porque uma garota loira apareceu à minha frente, interrompendo-me.

— Por favor, pode me indicar onde é o quarto de Jonas MacMillian? — ela perguntou, com os olhos inchados. Provavelmente era uma fã que queria ver o seu ídolo a todo custo.

— Você não pode entrar aqui, somente a família pode fazer visitas ao paciente — anunciei ao observá-la melhor. A garota era linda, tinha cabelos loiros que caíam em ondas suaves até a sua cintura e usava uma calça jeans e uma blusa preta de cetim.

— Mas eu sou namorada dele! — revelou.

Sua resposta me deixou sem chão. Minhas pernas tremeram, e eu quase caí. Se não fosse uma pilastra de concreto atrás de mim, eu teria desabado no chão antes mesmo de responder a ela. Tentei abrir a boca para falar inúmeras vezes, mas não saía nada; eu estava em estado de choque.

— Vamos, Gabi? Agora é a sua vez, todos já entraram no quarto — disse Freddy, interrompendo o silêncio.

Se antes eu tinha dúvidas sobre o que ela acabara de me contar, não tinha mais. Eu não sabia explicar o que estava sentindo naquele instante. Porém, podia afirmar que aquela garota não era nenhuma *groupie*.

Passei o resto da noite no hospital, sem coragem de dizer quem eu era e tendo que aguentar a namoradinha do Jonas ficar o tempo todo com ele no quarto.

Quando amanheceu, eu estava um trapo e ainda sem coragem de me abrir com ninguém. Liguei para a Jenni e perguntei sobre a Mili. Fiquei mais tranquila ao saber que ela estava bem. Minha amiga a levara para a escola e já estava a caminho do trabalho. Combinamos de almoçar juntas, mas eu não sabia se teria coragem de contar para ela sobre a namorada do Jonas. Acabei me abrindo e, no final, questionei:

— O que você acha?

— Eu não sei o que pensar, não conheço o Jonas e não sei que tipo de homem ele é, no entanto, tenho que concordar que você precisa dizer quem você é mesmo se eles ficarem bravos, mesmo que ele tenha outra namorada. Vocês estavam morando juntos. O errado nesse caso é ele — respondeu com sinceridade. Minha amiga tinha razão, eu precisava conversar com eles antes que descobrissem a verdade por outra pessoa.

Quando retornei à recepção, suspirei frustrada porque eles não estavam mais lá. A única pessoa que encontrei foi Helena. Caminhei na sua direção tão devagar que ela só percebeu minha presença quando estávamos frente a frente. Ficamos nos olhando por um tempo até ela interromper o silêncio e perguntar:

— Você é a enfermeira do Jonas? — Largou o celular para prestar atenção em mim.

— Sou — afirmei, sem saber se lhe contava toda a verdade.

— Ele está bem? — questionou preocupada.

— Não se preocupe, o quadro dele é estável. Eu só queria saber onde está o pai dele.

— Ele foi até o apartamento do Jonas com o Jack enquanto os outros e a Gabi estão no quarto com ele. Toda essa situação nos pegou desprevenidos, estamos tentando nos organizar.

— Sei, ele parece ser muito querido por vocês — afirmei, tentando descobrir alguma coisa sobre a suposta namorada do Jonas.

— Ele é o melhor. Por favor, não conte para os outros integrantes da banda, mas ele é o meu preferido — disse em tom de brincadeira.

— Não vou contar — resmunguei ao me virar e sair de fininho, pois não queria mais conversar sobre o Jonas por duas razões: primeira, eu estava muito preocupada com ele; e segunda, estava morrendo de medo de descobrir que ele estivera me enganando aquele tempo todo.



Passei duas semanas convivendo com a suposta namorada de Jonas, com o pai dele, os integrantes da banda e a Helena. Cheguei a passar horas no quarto com Peter e com *aquela* garota enquanto tratava do meu paciente. Fiquei irritada a maior parte do tempo, perdi alguns quilos e quase não me alimentava direito. Estava um trapo, mas não contei a verdade para ninguém. Foi um dos maiores sacrifícios que fiz, mas eu esperava pacientemente que o Jonas pudesse abrir os olhos e me dizer o que diabos estava acontecendo. Ao menos a pneumonia estava sendo combatida e, embora ele ainda não tivesse saído do coma, já estava respirando normalmente ao fim daqueles dias difíceis.

Será que estou sonhando?

JONAS

Bem, se eu tivesse que fazer tudo de novo,
Baby, eu faria tudo por você.
E se eu tivesse que esperar dez mil anos,
Baby, eu até faria isso também.

All over you - Bob Dylan

— Gabi, o que você está fazendo aqui? — perguntei sem acreditar no que meus olhos estavam vendo.

— Eu tive que vir. Quando descobri que você estava doente, me senti culpada. Eu precisava te ver — disse segurando na minha mão.

— Como soube que eu estava doente? — perguntei desconfiado. Minha garganta ardia. Estava tão confuso e sonolento que não conseguia prestar atenção ao que ela estava me dizendo. Seu rosto foi ficando desfocado, e eu adormeci.

Quando acordei novamente, abri os olhos e estava sozinho no quarto. Tentei ficar acordado até alguém aparecer, mas não consegui. Meu corpo parecia ter sido atropelado, e a minha cabeça latejava. Caí no sono minutos depois.

— Jonas, acorde. Acho que você já dormiu demais, filho — pediu meu pai. Sua voz estava tão próxima que ele devia estar ao meu lado.

— Pai... — murmurei testando a minha voz. Agora não doía mais ao falar, mas eu ainda estava com sede.

— Sou eu, estou aqui — disse segurando a minha mão com força.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim te ver. A doutora Laura me ligou no dia em que você foi internado.

— Então você sabe de tudo — afirmei preocupado.

— Sei e, se você não estivesse numa cama de hospital, eu iria acertar as contas com você. Não foi certo o que fez com a gente, comigo. Me deixar de fora no momento em que mais precisava de um pai não foi legal. Você não tem ideia do quanto estou magoado com a sua atitude.

— Desculpe, só percebi meu erro quando já estava na metade do tratamento. Não queria te deixar de fora, estava perdido e tomei a decisão errada. Espero que me perdoe.

— Claro que te perdoo, você é meu filho. Estamos juntos e vamos sair dessa.

— Eu estou na UTI? — perguntei curioso, olhando em volta para todas aquelas máquinas. A última coisa de que eu me lembrava perfeitamente antes de apagar era de dar entrada na emergência do hospital. Depois, apenas uns flashes de conversas ao meu redor, embora eu estivesse imerso na escuridão.

— Sim, você pegou uma pneumonia e teve que ficar internado. Chegou aqui respirando com tanta dificuldade que a doutora achou melhor te entubar para se recuperar sem correr riscos. Depois disso, você ficou inconsciente por duas semanas.

— Duas semanas?! — questionei, incrédulo.

— Sim, foram as piores da minha vida — revelou passando as mãos nos cabelos, angustiado.

— E a Amanda? Onde ela está? — inquiri tentando me levantar, mas estava tão fraco que bastou o meu pai colocar a mão no meu peito para me conter.

— Calma aí, garoto, você precisa descansar. Portanto, se acalme, ou vou mandar a enfermeira te sedar novamente. Quem é essa Amanda?

— Minha namorada, pai. Na verdade, ainda não é, mas não importa, eu estou apaixonado por ela.

— A garota para quem você pediu que eu alugasse o carro e, depois, que o comprasse? — questionou curioso.

— Sim, ela mesma.

— Não apareceu nenhuma garota aqui durante todo esse tempo em que você ficou internado. Apenas o pessoal do hospital, os garotos da banda, a Helena e a Gabi.

— Tem certeza? — indaguei confuso.

— Claro que tenho, eu praticamente não saí daqui. Dormi todas as noites com você. Eu saberia se uma garota tivesse vindo aqui — disse, parecendo indignado com a minha pergunta.

— Onde ela está? — murmurei bem baixinho, meu pai nem chegou a ouvir.

— Eu vou chamar a doutora Laura e avisar que você acordou. Enquanto isso, vou deixar você com o Jack e a Helena. Todos estão ansiosos para te ver acordado.

— Eles também estão bravos comigo?

— Não sei, pergunte a eles — sugeriu, apontando para a porta, por onde Jack e Helena entraram enquanto ele saía de fininho do quarto.

— Que susto você me deu! — exclamou Helena me abraçando.

— Desculpe por não contar a verdade. Eu estava com medo e não queria arrastar vocês comigo — sussurrei ao seu ouvido ao abraçá-la.

— Não se preocupe com isso. Na verdade, você merece alguns puxões de orelha. Porém, estou tão feliz em te ver que vou relevar. Mas nunca mais me esconda algo assim novamente. Eu pensei que éramos da família. E a família sempre se ajuda. Pare de tentar nos poupar o tempo todo, somos fortes e podemos ajudar — disse baixinho, olhando nos meus olhos. Senti-me feliz.

Eu sabia que tínhamos uma boa relação, mas nunca pensara que era tão profunda da parte dela.

— Obrigado — agradeci emocionado quando Helena se afastou da minha cama para que o Jack pudesse falar comigo. Meu primo não foi tão gentil.

— Eu devia te arrebentar na porrada agora mesmo.

— Jack — repreendeu Helena.

— Fique tranquila, não vou fazer isso no hospital. Eu vou esperar. Aprendi uma coisa com meus filhos nos últimos anos, a ter calma. Quando você sair dessa cama, vamos conversar direito. Não sabe o quanto eu sofri no caminho até esse lugar! Imaginei tanta coisa... Sei que não te mereço. Sempre fui um idiota com você, mas você sempre estava ali e nunca precisava de mim, desde criança era o mais forte, o que todos admiravam, a pessoa que eu queria ser. Acho que eu nunca disse isso em voz alta, mas eu te admiro pra caralho, Jonas. Muita coisa que sou hoje devo a você. Nem quero imaginar o que seria de mim sem você. Imagine a minha decepção quando descobri que, na única vez em que eu podia te apoiar, estar aqui para apertar sua mão, você me tirou isso — desabafou Jack com os olhos marejados.

— Desculpa por isso. Não pensei, só agi e me arrependo muito — disse abrindo os braços para ele.

Jack se aproximou devagar, ainda em dúvida sobre se devia aceitar meu pedido de perdão, mas bastou um empurrão da Helena, que então estava aos prantos, para se aproximar e me abraçar. Eu ficara emocionado ao ver meu pai, tínhamos uma boa relação, mas Jack era mais do que meu primo, éramos como irmãos. Crescêramos juntos e havíamos aprendido tudo juntos também, por isso ele estava tão decepcionado comigo. Eu não esperava que ele entendesse a minha decisão de partir sozinho, nem mesmo eu conseguia entender por que fizera aquilo, embora já tivesse pensando em tantos motivos diferentes. Contudo, eu podia perceber que ele estava tentando me compreender e perdoar.

Depois que eles saíram do meu quarto, foi a vez de os outros caras da banda entrarem.

— Você está péssimo, cara — comentou Freddy.

— Agradeço o elogio — disse com ironia.

— Não liga para ele, você vai ficar bem. Não ficou tão feio careca, as fãs irão adorar — falou Rick, simpático e educado como sempre.

— Obrigado, Rick. Desculpe por interromper suas férias na Europa. Suas e do Bob.

— Você está brincando? Descobrimos que nosso amigo está com câncer e você está nos pedindo desculpas? Você não existe mesmo! Que se dane a Europa! Eu só quero te ver fora daqui o mais rápido possível, caralho! — declarou Bob com sinceridade. Ele nunca omitia nada que estivesse sentindo, e, depois de ouvir suas palavras, qualquer um naquele quarto perceberia o quanto ele estava chateado.

— Desculpe, cara, eu só estou chateado com tudo isso. Eu queria muito ter ficado com você. Se tivesse acontecido comigo, não gostaria de passar por isso sozinho, e fiquei chateado por você não me pedir ajuda. Eu confiaria minha vida a você sem pensar duas vezes e não entendo por que você não fez a mesma coisa comigo — Freddy disse.

— Eu sinto o mesmo, pode ter certeza. Jamais vou excluir vocês novamente, podem ter certeza disso — falei olhando para meus amigos com carinho. Eu já os amava antes; agora eles superaram todas as minhas expectativas.

— Estamos aqui por você — disse Freddy segurando a minha mão.

— Posso interromper o encontro de vocês? — pediu a doutora Laura ao entrar no quarto.

— Claro — responderam meus amigos antes mesmo que eu pudesse abrir minha boca.

— Certo, vocês podem esperar lá na recepção enquanto eu examino meu paciente — anunciou tirando o estetoscópio do pescoço para me examinar. Fiquei em silêncio enquanto ela me virava de cabeça para baixo. Quando

finalmente terminou, declarei com convicção:

— O câncer não regrediu e está ainda mais forte.

— Como sabe disso? — perguntou curiosa, sentando-se na cama ao meu lado.

— Eu sinto isso, posso sentir que ele está me matando. No começo, estava tão devagar que eu nem percebia, mas agora ele está minando minhas forças numa velocidade que não pode ser contida. Não consigo freá-lo.

— Ainda é cedo para dizer isso. Estou estudando os seus exames e, quando souber o próximo passo a ser dado, eu te aviso. — Ela não conseguia me olhar; era claro como o dia lá fora que ela sabia que eu tinha razão.

— Eu quero ver a Amanda. Onde ela está? — indaguei, mudando de assunto. Ainda não estava pronto para discutir com ela sobre o meu tratamento. E eu precisava ver a minha garota, já ficara muito tempo sem ela.

— Aqui, ela ficou o tempo todo com você — revelou, parecendo não entender minha pergunta.

— Mas meu pai disse que não viu nenhuma garota aqui comigo — falei confuso.

— Ele nem deve ter percebido que sua enfermeira é a Amanda de quem você falou. Eu pedi a transferência dela para a UTI. A Mili ficou com a Jenni, e Amanda passou essas últimas semanas aqui, cuidando de você. Eu tentei fazê-la descansar em casa todas as vezes em que a via dormindo na sala das enfermeiras, exausta, mas ela não quis. Só foi para a casa por algumas horas e para ver a filha. Quanto ao seu pai não a reconhecer como sua namorada, acho melhor ela explicar isso para você. Porém, vou adiantar que ela está furiosa contigo e sua suposta "namorada" — disse fazendo aspas com os dedos na última palavra para enfatizá-la.

— Gabi não é mais minha namorada. Não sei por que disse que ainda era — tentei explicar, mas fui interrompido pela própria Gabi, que entrou no quarto.

— Desculpe interromper, mas preciso falar com o Jonas — ela pediu envergonhada.

— Não se preocupe, eu já terminei. Vocês precisam conversar mesmo. Eu volto mais tarde, Jonas — falou a doutora ao sair do quarto e nos deixar sozinhos.

— Nem acredito que você acordou. Eu estava tão preocupada, não sabia mais o que fazer — disse nervosa ao se aproximar de mim.

— Por que disse que eu era o seu namorado? — perguntei irritado.

— Eu não falei nada, sei que terminamos. Mas tivemos algo, e ainda gosto de você. Não podia ficar no Brasil sabendo que você estava aqui doente e sozinho — explicou se sentando na cama no mesmo lugar em que a doutora Laura tinha se sentado minutos antes.

— Não estou sozinho. Eu encontrei alguém, Gabi — revelei sem olhar para ela.

— Tão rápido? — questionou magoada.

— Você sabia que não podíamos mais ficar juntos. Tentamos mais de uma vez. Porém, não deu certo. Eu encontrei alguém que me faz feliz, e você deveria fazer o mesmo.

— Não é tão simples assim. Eu pensei que você sempre estaria me esperando.

— Eu esperei por muito tempo que você estivesse pronta para assumir uma relação comigo, mas você nunca quis. Se não tivesse aceitado nossa separação tão bem naquela noite, antes do show, talvez ainda teríamos uma chance. Se tivesse me questionado só um pouco, eu teria contado toda a verdade e você poderia ter vindo para Houston comigo.

— Será?

— Eu não sei, mas existia essa possibilidade.

— E não existe mais? — inquiriu cautelosa.

— Não. Como eu disse antes, agora tenho alguém que conseguiu preencher todo o meu coração. Tem certeza de que não disse para ninguém que era a minha namorada? — insisti na pergunta.

— Claro que tenho. Bem, deixe-me pensar, duas semanas é um longo tempo. Espere, eu me lembrei de uma coisa. No dia em que cheguei na UTI, uma enfermeira me disse que somente os familiares podiam entrar. Eu estava tão preocupada e queria entrar logo no quarto que falei sem pensar direito que era sua namorada.

— Você lembra como era essa enfermeira? — indaguei, já imaginando exatamente o que acontecera.

— Claro, é a mesma que ficou com você todo esse tempo. Morena, da minha altura, olhos verdes e está sempre com o rosto fechado.

— Obrigado por lembrar, é importante para mim — disse. Abracei-a uma última vez. Eu esperava que a Gabi continuasse minha amiga.

— Fico feliz por você. Eu sei que não consegui demonstrar isso, mas eu te amei e ainda amo — falou, beijando meu rosto.

— Desculpe interromper o casalzinho, mas preciso dar o medicamento do paciente — disse Amanda de repente ao entrar no quarto e presenciar nosso abraço.

Foi por pouco

AMANDA

Talvez eu tenha ganho
Mais que eu tenha dado
Mas contas de amor
Sempre dão errado

Amor por retribuição - Kid Abelha

Assim que Jonas acordou, eu quis entrar no quarto dele e perguntar quem era aquela tal de Gabi, mas não consegui. A UTI virara um pandemônio com os assessores da banda, alguns músicos que tinham vindo visitá-lo, os familiares do paciente e os integrantes da The Dangers, que raramente saíam do seu quarto.

Fiquei observando de longe, pois eu precisava de uma oportunidade para conversar com ele. Enquanto esperava, ajudei as outras enfermeiras do setor administrando remédios a alguns pacientes, isso tudo para não ficar louca só observando a porta do quarto de Jonas, que parecia uma porta giratória, de tantas pessoas que entravam e saíam, embora fosse um quarto de UTI. Como paciente VIP, ele adquirira alguns privilégios.

No entanto, quando a tal Gabi entrou sozinha no quarto e praticamente expulsou a doutora Laura de lá, não aguentei. Era o que faltava para eu tomar uma atitude. Eu não tinha sangue de barata, e, se Jonas achava que podia me fazer de trouxa, estava bem enganado. Preparei uma bandeja com o seu remédio, que, na verdade, ele deveria tomar somente dentro de uma hora. Portanto, eu teria tempo. Também aprontei um laxante para a namoradinha dele. Não sabia se eu teria coragem de administrar um remédio por conta própria, somente por raiva e despeito, mas levar aquele medicamento comigo me deixou mais segura, e era isso o que importava.

— Desculpe interromper o casalzinho, mas preciso dar o medicamento do paciente — falei, trincando os dentes de raiva e ciúme ao entrar no quarto e vê-los abraçados.

— Pode entrar, Amanda, a Gabi já está de saída — afirmou Jonas olhando para mim. Ele parecia tão feliz em me ver que quase desisti de cortar o pescoço dele. *Quase*.

— Era essa a enfermeira — murmurou Gabi antes de sair do quarto.

— Se quiser, pode ficar, posso dar o remédio dele na sua frente. Afinal, são namorados — falei com ironia.

— Não, já terminamos. A Gabi pode voltar depois — replicou Jonas.

— *Depois*... Que interessante — disse, segurando o laxante e imaginando mil formas de enfiar o remédio na boca da loira.

— Até mais, Jonas, estou indo. Essa enfermeira é muito estranha — comentou a garota, olhando para mim de forma assustada. E ela nem sabia os planos que eu tinha para ela...

— Calma, que eu posso explicar tudo — pediu Jonas, cauteloso, assim que ela saiu do quarto.

— Ah! Claro que vai explicar e muito bem explicado. Estou com essa história de namorada entalada na garganta há duas semanas, e não pense que vai me convencer com uma história estúpida. Estou a um passo de jogar você pela janela.

— Ei! Eu acabei de acordar e estou doente, você devia estar me cobrindo de beijos. Pelo menos era assim que eu pensei que seria recebido por você.

— É somente por isso que estou aqui ouvindo a sua explicação. Se não fossem as circunstâncias, eu teria mandado você para o inferno e desaparecido da sua vida sem nem olhar para trás.

— Simples assim? — perguntou indignado.

— Eu poderia ter chutado suas bolas antes de ir, mas basicamente é isso

— disse fazendo cara de paisagem, mas eu estava quase surtando com aquela situação.

— Bom saber que você tem tanta consideração por mim — comentou sem tirar os olhos dos meus.

— Conte por que me enganou esse tempo todo! — pedi impaciente, roendo as unhas; no final da conversa, eu não teria mais nada para roer.

— A Gabi é uma ex-namorada, na verdade, nem isso. Ficamos juntos algumas vezes, mas nada sério. Quando eu resolvi vir para Houston sozinho, terminei o que tínhamos, e ela aceitou numa boa. Não temos mais nada desde então. Eu juro, pode perguntar a Helena. Ela é a melhor amiga dela. Quando ela veio aqui e você disse que apenas familiares podiam entrar, ela mentiu.

— Só isso? — perguntei me sentando na poltrona para não cair.

— Sim. Achou que eu estava lutando contra um câncer e te enganando ao mesmo tempo? — questionou incrédulo.

— Sei lá, Jonas, eu pensei tantas coisas durante essas semanas. Estava quase ficando louca.

— Não pense em mais nada e venha aqui. Eu estava morrendo de saudades de você — pediu abrindo os braços. Não pensei duas vezes, levantei-me e me joguei na cama junto com ele. Se algum funcionário do hospital entrasse no quarto naquele momento, eu provavelmente seria despedida, mas eu não me importava. Foi só então que minha ficha caiu. Jonas acordara e estava bem.

— Desculpe duvidar de você, mas eu estava tão nervosa. Nunca me senti tão sozinha antes — disse me desmanchando em lágrimas.

— Eu estou aqui e voltei para você — falou passando a mão no meu cabelo para me acalmar, mas foi ainda pior. Eu não conseguia parar de chorar.

— Achei que eu iria te perder, você não conseguia respirar. Foi horrível — falei ainda soluçando.

— Eu sou mais forte do que isso — disse me beijando no rosto, na testa, e aos poucos eu fui me acalmando.

— Sei disso, mas, ainda assim, você me assustou pra caramba. Nunca mais faça isso — pedi olhando nos seus olhos para garantir que ele me atenderia.

— Você é a segunda pessoa que me pede isso hoje. Se depender de mim, não vou entrar em coma novamente — falou sorrindo.

— Se esforce ao máximo, não quero passar por isso de novo — pedi beijando seus lábios com carinho. Eles ainda estavam ressecados, apesar do protetor labial que eu passara neles todos os dias, mas nem me importei.

Aquele tempo em coma e a espera que ele acordasse sozinho, já sem o respirador, custou um alto preço para o Jonas. Seu corpo, frágil por causa do câncer, estava ainda mais fraco, seus olhos tinham olheiras profundas, sua pele estava muito pálida. Porém, ainda era o único integrante da The Dangers que me fazia suspirar.

— Como está a Mili? Estou morrendo de saudades dela. Você pode trazê-la aqui? — perguntou esperançoso.

— Ela está bem, pergunta por você o tempo todo. Crianças que não são parentes dos pacientes não podem entrar na UTI, mas prometo tentar trazê-la.

— Antes que eu me esqueça, tomei uma decisão e quero contá-la a você.

— O que é? — perguntei interessada.

— Desculpe interromper, mas preciso falar com meu filho — disse o pai do Jonas, aparecendo no quarto.

— Pode entrar, eu só preciso dar o remédio dele e já vou sair — comentei sem jeito, enxugando meus olhos com as mãos.

— Não precisa sair, Amanda, eu quero te apresentar ao meu pai. Essa é a Amanda, a garota que roubou meu coração — disse Jonas apontando para mim.

— Olá! É um prazer conhecê-lo, senhor — saudei-o insegura, segurando a sua mão.

— MacMillian, Peter MacMillian, e é um prazer conhecer você — cumprimentou-me, simpático. — Não podia imaginar que a enfermeira era a famosa Amanda.

Depois das apresentações, Jonas não deixou que eu saísse do quarto. Fiquei ali, sentada na poltrona, enquanto ele e o pai decidiam como lidar com as dezenas de fãs que ainda estavam acampadas na frente do hospital, os vasos de flores que chegavam a todo instante, as celebridades que queriam visitá-lo. Alguns minutos depois, a assessora de imprensa da banda apareceu. Era uma garota simpática, morena, com olhos castanhos, usava óculos que deixavam seu rosto fino ainda mais bonito e um terninho preto bem elegante. Seus cabelos pretos estavam amarrados num coque que deixava sua aparência ainda mais profissional.

Logo depois, Jack e Helena entraram no quarto. Jonas aproveitou que os quatro estavam ali com ele para me apresentar como namorada dele, e fiquei roxa de vergonha ao ser observada por tantos pares de olhos.

— É um prazer conhecê-la, Amanda, sinta-se à vontade conosco. Os garotos são meio rebeldes, uma típica banda de rock. Mas, quando conhecê-los melhor, você vai perceber que é só fachada — disse Helena ao me abraçar.

— Obrigada. Não consegui me apresentar assim que chegaram, estava muito nervosa — expliquei envergonhada.

— Não se preocupe com isso — falou olhando para o marido, que, até o momento, não desgrudara os olhos de mim.

— Eu pensei que você estava doente, Jonas, não procurando namoradas — comentou Jack olhando para o primo.

— Uma coisa não impede a outra. Conheci a Amanda no processo e não podia esconder o quanto estava atraído por ela. Você, mais do que ninguém, deveria saber disso — explicou Jonas, parecendo insatisfeito com a

observação.

— Ela é mais uma *groupie*? — perguntou Jack aparentemente com inocência. Todavia, Jonas ficou tão irritado que quase voou no pescoço dele.

— Ei! Espera aí, filho, você não está em condições de sair dessa cama. Baixa a bola, que eu cuido do Jack — seu pai tentou apaziguar.

— Jack só estava brincando, não é mesmo? — questionou Helena colocando as mãos na cintura e encarando o marido.

— Claro que estava, só queria saber se ela era importante mesmo para ele e se podíamos confiar nela. Acho que tenho a resposta agora. Seja bem-vinda, Amanda; se o Jonas te escolheu, você é da família. Pode contar conosco. — Jack não tirava os olhos do primo, que, depois disso, suspirou e voltou a se recostar na cama, aparentando muito cansaço. Finalmente eu entendia por que ele não contara sobre sua doença aos parentes e colegas. Era muito estressante conviver com aquela família de roqueiros, e nem estavam todos reunidos naquele instante.

Foi só eu pensar nos outros integrantes que eles entraram no quarto, tumultuando ainda mais a situação. Eu não sabia como a supervisão do hospital permitira tal regalia. O pessoal era bem rígido, mas nunca tinha atendido uma celebridade antes. Aquele devia ser um caso especial.

Como Jonas estava esgotado, Helena se encarregou de me apresentar para o restante do grupo.

— Amanda, esses são os outros integrantes da banda. O loiro é o Freddy, baterista, o ruivo é o Bob, baixista, e por último, o tecladista, Rick. Rapazes, essa é Amanda, namorada do Jonas.

— Não perde tempo, hein, Jonas? Eu aqui, achando que você estava debilitado, e você atacando as enfermeiras — comentou Freddy me observando. Jonas resmungou irritado, mas Freddy nem ligou para o seu protesto.

— É um prazer conhecer você — disse Bob, embora parecesse um pouco desconfiado.

— Seja bem-vinda — afirmou Rick ao seu lado.

Como todos os integrantes da banda, a assessora de imprensa – Geovanna – e o pai do Jonas, que era empresário deles, estavam reunidos, começaram a discutir sobre o que iriam falar para a imprensa. Era inacreditável, pareciam não perceber que estavam num quarto de UTI.

Enquanto eles discutiam, Jonas acabou adormecendo. Apliquei seu remédio no soro que ele ainda estava tomando, e os outros saíram do quarto arrastados pela Helena, que percebeu o quanto Jonas precisava descansar. Eu nem a conhecia direito e já a adorava.

Sentei-me na poltrona, velando seu sono, enquanto pensava no quanto seriam difíceis os próximos dias. Tínhamos ganhado uma batalha, mas não a guerra.

Procura-se

JONAS

Por favor, não traga seus lábios tão perto do meu rosto
Não sorria, eu vou ser perdida além da lembrança
O beijo em seus olhos e o toque da sua mão me faz fraco
E o meu coração pode crescer tonto e cair

All or nothing It all - Bob Dylan

Acordei assustado algumas horas depois. Olhei pela janela, e já estava escuro. Eu não queria ter dormido por tanto tempo, mas, desde que voltara do coma, sentia cada vez mais sono. Meu corpo parecia esgotado o tempo todo. Eu tentara não sucumbir ao sono durante a conversa com os caras mais cedo. Porém, fora em vão.

— Boa noite, Belo Adormecido — cumprimentou Amanda ao se aproximar da cama. Eu nem tinha notado que ela estava sentada na poltrona.

— Quanto tempo eu dormi? — perguntei preocupado. Não queria mais perder tanto tempo inconsciente.

— Quase cinco horas — respondeu olhando no relógio.

— Tudo isso!? E você ficou aqui esse tempo todo? — questionei surpreso.

— É meu trabalho, esqueceu? — indagou arqueando as sobrancelhas e sorrindo para mim.

— Sei que é o seu trabalho, mas acho que deveria ter cuidado de outros pacientes também, apesar de adorar saber que você ficou aqui comigo o tempo todo.

— Meu turno acabou há algumas horas. Eu deveria ir para casa, mas não

consigo. Passei na escola, peguei a Mili e fiquei alguns minutos com ela, depois a deixei com a Jenni.

— Desculpe atrapalhar sua vida — pedi cabisbaixo.

— Não se desculpe, eu preciso ficar ao seu lado. Não conseguiria dormir em casa sabendo que você ainda está na UTI. Se pelo menos estivesse num quarto, eu ficaria mais tranquila, mas não posso te deixar aqui sozinho.

— Tudo bem, eu também não quero ficar sozinho — disse me afastando para o lado e a convidando para se deitar comigo.

— Você sabe que eu não deveria deitar aí com você — comentou Amanda se sentando na beirada da cama.

— É madrugada, ninguém vai entrar aqui. Antes de amanhecer você pode voltar para a sua poltrona — falei, puxando-a para o meu lado. Ela não resistiu, e eu sabia que nem queria, pois devia ter tantas saudades de mim quanto eu tinha dela. Aconcheguei-a nos meus braços, e dormimos juntos.

— Bom dia, casal de pombinhos — cumprimentou a doutora Laura, acordando-nos horas depois.

— Desculpe, doutora, eu não devia ter dormido aqui. Só me deitei um pouco e pretendia voltar para a poltrona, mas peguei no sono — explicou Amanda, preocupada.

— Pare de se justificar, não estou preocupada com isso. Temos algo mais importante para discutir — afirmou séria.

— O que aconteceu? — perguntou Amanda pulando da cama.

— Acho melhor você se sentar — falou a doutora.

— Eu estou bem assim. Por favor, diga logo — pediu ela, aflita, enquanto eu as observava calado.

— Todos os exames do Jonas ficaram prontos. E, infelizmente, não tenho uma boa notícia para dar a vocês — falou apreensiva, deixando-me preocupado. Pedi irritado:

— Pare de rodeios, Laura, e diga logo.

— O tratamento que fizemos antes não teve qualquer resultado. O câncer continuou com força total — lamentou-se a doutora, já que, além de minha médica, era minha amiga de infância.

No fundo, eu já imaginava que algo assim tivesse acontecido.

— E o que fazemos agora? — perguntou Amanda com as mãos na cabeça, nervosa.

— Estive reunida com a equipe médica do hospital, e, juntos, chegamos à conclusão de que o Jonas precisa de um transplante de medula.

— Por que não pensaram nisso logo que cheguei? — perguntei irritado; não gostava de ser enganado.

— A quimioterapia combinada à radioterapia é bem eficiente na maioria dos casos como o seu. No começo, o câncer pareceu recuar, mas voltou, e agora não podemos esperar muito para realizar o transplante.

— Quando vai acontecer? — questionei.

— Ainda precisamos de um doador. O hospital está fazendo uma pesquisa no banco de doadores de medula dos Estados Unidos, mas a chance de encontrar um doador fora da família e com a sua carga genética é de uma em um milhão.

— O meu pai já fez o teste? — indaguei, realmente preocupado pela primeira vez.

— Não, eu queria conversar primeiro com você — respondeu a médica sem hesitar.

— Já conversamos, agora vamos logo com esses exames. Se preciso fazer esse transplante, quero que aconteça o mais rápido possível. — Eu estava morrendo de medo. Acho que somente naquele instante eu percebi a gravidade da minha doença. Eu estava fraco, meu corpo todo doía, e sabia que tudo só pioraria antes de começar a melhorar, isso se acontecesse.

Eu jamais pensara naquilo antes, nunca imaginara que poderia ir embora tão cedo. Ainda tinham tantas coisas que eu queria experimentar e ver. *Será que eu terei essa chance?,* pensei aflito. Se eu levasse em conta a expressão preocupada da Laura quando saiu do meu quarto, eu não devia ter qualquer esperança.

— Não se preocupe, vai dar tudo certo — sussurrou Amanda ao meu ouvido enquanto me abraçava forte, suas lágrimas caindo em meu pescoço. Eu nem havia percebido que ela permanecera no quarto, ficara tão chocado com aquela revelação que me perdera nos meus pensamentos.

— Eu sei disso — menti, pois o que mais sentia naquele momento eram incertezas.

Depois que meus companheiros de banda descobriram sobre a necessidade do transplante, não fiquei mais nem um minuto sozinho com Amanda, começando pelo meu pai, que não me disse com todas as letras, mas ele estava muito preocupado. Eu não sabia o que a doutora conversara com ele, mas tinha certeza de que fora bem mais do que revelara para mim. Essa conversa deixara meu pai ainda mais cauteloso e preocupado comigo.

Jack e Helena não saíam do hospital por nada durante o dia, as crianças ficaram no hotel, e eles só as viam à noite. Os outros caras começaram a se revezar para ficar comigo no hospital. Às vezes puxavam conversas aleatórias sobre nossa banda, mas, no fundo, eu sabia que estavam tentando me distrair. Porém, quando a vida de alguém está por um fio, é impossível não pensar no que se fez de errado para não merecer mais tempo.

Eu ainda queria ver a Mili crescer e se tornar uma mulher linda. Percebi que precisava falar com Amanda sobre a adoção, ainda mais cedo do que imaginava. Se eu tivesse de partir, que fosse como pai daquela menina linda que me ensinara tantas coisas. Por isso ainda naquela semana esperei Amanda chegar depois de terminar seu turno e não perdi tempo:

— Eu quero adotar a Mili. Você permitiria isso?

— O quê? Desculpe, acho que não entendi direito. — Sentou-se ao meu

lado na cama.

— É isso mesmo que você ouviu, eu quero ser o pai da Mili — declarei, respirando fundo, pois estava muito cansado naquele dia.

— Tem certeza disso? Podemos esperar você ficar melhor... — murmurou, provavelmente querendo ganhar tempo para pensar no assunto.

— Tenho, e você sabe que não posso esperar — disse olhando para a parede branca do quarto; era isso, ou eu estaria chorando na frente dela.

— Claro que pode, você vai sair dessa. Todos os seus amigos estão fazendo o exame para saber se algum deles é compatível com você. Em breve teremos um doador e tudo vai ficar bem — explicou enxugando uma lágrima que caía pelo seu rosto.

— E se eu não ficar? Eu gostaria de adotar a Mili — insisti.

— Eu sei que vai ficar tudo bem. Eu não conseguiria viver sem você — falou com os olhos marejados. Eu sabia que ela estava tentando se segurar para não desabar na minha frente.

— Então me ajuda a realizar meu sonho de ser pai — supliquei.

— Tem certeza disso? — tornou a perguntar ao se levantar da cama.

— É meu único desejo no momento — respondi com convicção.

— Tudo bem, eu aceito. E nem preciso perguntar o que a Mili acha de tudo isso, a garota só fala em você.

— Obrigado — agradeci abrindo os braços para ela.



Com a autorização da Amanda, meu pai deu entrada no processo de adoção, que deveria demorar um tempo, mas, como eu não tinha tanto tempo disponível, meu advogado entrou com um pedido especial. O pai biológico da Mili não se opôs, na verdade, o canalha pediu uma quantia para desistir da paternidade da filha. Quando meu pai me contou isso, tive mais certeza ainda de que tinha tomado a decisão correta. Paguei exatamente o que ele me pediu, e a Amanda nunca saberia disso, pois eu não queria magoá-la contando que um desgraçado qualquer pedira dinheiro para desistir da própria filha.

Enquanto meu pai corria para que eu conseguisse adotar a Mili o mais rápido possível, Jack convocou uma coletiva de imprensa, convidando os fãs da banda a fazerem o teste e descobrirem se alguém era compatível comigo. Tudo isso depois que descobrimos que nem meu pai, nem meu primo e nenhum dos meus amigos eram compatíveis para o transplante.

Todos fizeram o exame, até mesmo a Amanda. Porém, ninguém poderia me ajudar. Desesperado, meu pai foi atrás da minha mãe, a mesma pessoa que me abandonara quando eu era criança. Ele colocara suas últimas esperanças nela. Eu tinha quase certeza de que ela não poderia me ajudar; nunca o fizera e não era então que iria começar. Esse tipo de coisa não funciona na vida real. A prova disso era que eu estava cada dia mais fraco e tinha que olhar para as pessoas que amava e dizer adeus, quando o que eu queria era ficar mais um pouco ao lado delas.

Vou sentir sua falta

AMANDA

Será que existe alguém
Ou algum motivo importante
Que justifique a vida
Ou pelo menos este instante?

Lágrimas e chuva - Kid Abelha

A última semana passou num piscar de olhos, e tudo que eu queria era voltar no tempo. Desde que eu descobrira a gravidade do estado do Jonas, passara a contar os minutos, depois os segundos que passava ao seu lado. Seus amigos e o pai dele estavam fazendo de tudo para encontrar um doador, mas sem sucesso até o momento. Se essa pessoa existia, devia estar bem escondida de nós. Apesar de a coletiva de imprensa ter sido um sucesso e muitos fãs terem se oferecido para fazer o teste, nenhum deles era compatível.

A mãe do Jonas não apareceu para fazer o teste, como ele previra desde o começo. Peter ficara transtornado e fora até Nova Jersey para obrigá-la a fazer o bendito exame. Estávamos esperando que ele conseguisse convencer aquela mulher sem coração. Como mãe, eu não conseguia entender o que se passava na cabeça dela. Negar ajuda a um estranho era até compreensível e nem todos criticariam essa atitude. No entanto, não querer ajudar o próprio filho era bem mais cruel e mostrava o quanto ela era uma pessoa amarga.

O quarto do Jonas virara um tumulto nos últimos dias. Em contrapartida, ele estava cada vez mais quieto. Eu não tinha ideia do que se passava por sua mente na maior parte do tempo que passávamos juntos. Às vezes ele ficava horas olhando para a janela, em silêncio. Nesses momentos eu queria abraçá-lo e dizer que conseguiríamos passar por aquela batalha juntos, mas não tinha coragem de afirmar uma coisa que não podia garantir. Nosso destino estava

nas mãos de um doador que ninguém conseguia encontrar.

— Bom dia, Amanda! Eu quero te apresentar à prima do Jonas, Mia. Ela veio fazer o teste também — disse Helena, interrompendo meus pensamentos. Fazia quase meia hora que eu estava sozinha sentada num banco na recepção da UTI.

— Olá! É um prazer conhecer você — cumprimentei-a levantando os olhos para observar a garota loira usando um vestido marfim que realçava ainda mais sua beleza clássica.

— O prazer é meu. É uma pena que estejamos nos conhecendo numa ocasião tão triste. Acabei de fazer o teste. Estou confiante de que poderei ajudar meu primo — respondeu Mia, empolgada.

— Vou torcer para você ter razão — comentei olhando para ela com carinho.

— Ela vai conseguir, estamos apostando tudo nisso. Ainda temos a mãe do Jonas. Aquela mulher precisa ajudar o filho pelo menos uma vez na vida — afirmou Helena, cabisbaixa.

— Eu não teria tanta certeza — anunciou Mia, sentando-se no banco ao meu lado.

— Peter garantiu ao Jack que, se ela for compatível, ele vai obrigá-la — disse Helena.

— Onde estão as crianças? — perguntou Mia percorrendo o lugar com os olhos em busca dos filhos de Jack e Helena.

— Estão no hotel com a babá. Não achei que devia trazê-los aqui, a não ser que seja absolutamente necessário — respondeu Helena cautelosa, olhando para mim com pena. Eu sabia exatamente o que ela estava pensando. Se Jonas não conseguisse o doador, ela pretendia trazer os filhos para se despedir dele.

Assim que percebi que todos já estavam se preparando para o pior, comecei a chorar. Até então, não tinha chorado na frente deles, sempre o

fizera sozinha, escondida no banheiro ou enquanto abraçava a Mili quando essa estava dormindo na casa da Jenni. Porém, não consegui mais segurar e chorei sem qualquer cerimônia.

— Desculpe, mil vezes desculpe — pediu Helena, desesperada, tentando me consolar. Ela e Mia se aproximaram e me abraçaram com tanto carinho que fui me acalmando aos poucos e parei de chorar.

— Eu que peço desculpas por desmoronar na frente de vocês, mas estou com tanto medo — disse enxugando meu rosto com as mãos.

— Nós também estamos, e não pense que eu falei por mal. Estou muito preocupada com o Jonas e confiante de que vamos conseguir encontrar um doador — explicou Helena também com os olhos marejados. Na verdade, meu desespero só conseguiu fazer com que todas nós sucumbíssemos às lágrimas.

— Precisamos confiar que os garotos irão conseguir salvar o Jonas. Geovanna voltou para Nova York e está organizando um comercial que vai passar no mundo todo. Com tanta exposição na mídia, será impossível não encontrar um doador — esclareceu Mia enxugando o rosto.

Eu conhecia Helena havia pouco tempo, mas aprendera a gostar dela. Desde que chegara em Houston, ela apenas me ajudara, inclusive fizera questão de levar a Mili para brincar com os seus filhos no hotel. Nem preciso contar que minha pequena adorou, ficou tão empolgada diante dos amigos novos que parou de perguntar pelo Jonas de minuto a minuto. E, pelo que eu percebi, a Mia também era muito legal. Só por ela estar sofrendo por causa do Jonas para mim era algo positivo.



Descobrimos que nem Mia, nem a mãe de Jonas eram compatíveis com ele. Saber disso me deixou sem chão. Eu tinha muitas esperanças de que uma delas pudesse ajudá-lo. Restavam os fãs da banda, que faziam exames em cada canto dos Estados Unidos e em outros países também.

Tentei continuar confiante de que iríamos conseguir, mas, quando Jonas começou a chamar os colegas um por um no quarto para se despedir deles, eu gelei. Minhas pernas ficaram bambas, e eu me recusei a acreditar que poderia perder o único homem que amara na vida.

— Você tem certeza de que ele está se despedindo dos amigos? — questionei a Laura assim que entrei na sua sala.

— Eu não queria ter, mas vi quando ele chamou o Jack e pediu para conversar com cada um deles em particular — disse desanimada.

— Você acha que ele não tem mais chance? — perguntei preocupada e me encostei à parede para não cair quando ouvisse a resposta.

— Quer saber a verdade? Eu não sei mais. Quando ele começou esse tratamento, eu estava tão confiante e tinha tanta certeza de que poderia curá-lo, mas agora seu corpo parou de reagir aos medicamentos e à radiação. Ainda estou preparando-o para o transplante, intensificamos as sessões de radioterapia e temos condições de fazer o transplante no mesmo dia em que encontrarmos um doador. O problema é que não estamos encontrando, e o tempo está passando — explicou sem tirar os olhos de mim. Eu sabia que ela estava preocupada e se sentindo impotente. No entanto, eu era a última pessoa no mundo que poderia consolá-la.

— Você acha que eu devo trazer a Mili para se despedir dele? — questionei com o coração apertado.

— Eu acho que você deveria, sim. Vou autorizar a entrada dela — confirmou triste, olhando pela janela para disfarçar que estava chorando.

— Tudo bem, eu vou pensar nisso — disse já na porta. Eu precisava sair dali o quanto antes, estava sufocando, precisava respirar. Fechei a porta atrás de mim e andei apressada pelos corredores do hospital até o jardim. Quando

cheguei, fiquei aliviada ao encontrar um banco vazio bem afastado das pessoas que se encontravam ali.

Sentei-me, curvei os ombros e desabei em lágrimas. Não me considerava uma mulher fraca, nunca tinha sido. Eu tive que lutar e trabalhar muito para conseguir fazer intercâmbio nos Estados Unidos. Quando falei para a minha mãe que eu iria estudar no exterior, ela ficou chocada e triste ao mesmo tempo. Jamais iria destruir meus sonhos, desde criança incentivara seus filhos a acreditarem em si mesmos, porém, sabia que, para uma garota pobre, um intercâmbio era quase impossível. Eu trabalhei como empregada doméstica durante três anos e guardei cada centavo que recebia para realizar meu sonho.

Quando finalmente consegui, minha mãe não podia acreditar. Nós nos despedimos entre lágrimas, ela me abraçou forte e sussurrou ao meu ouvido: *Jamais volte pra cá, aconteça o que acontecer, nunca mais volte*. Ela sabia que aquela era minha única oportunidade de sair da pobreza na qual vivíamos e por isso me dera o conselho que eu nunca esquecera: sempre lutar e jamais voltar.

Assim que desembarquei em Nova York, fiquei empolgada com tudo, mas nunca esqueci o recado da minha mãe. Fiz de tudo um pouco, tive trabalhos ruins e outros nem tanto. Quase voltei para o Brasil quando fiquei grávida, mas não desisti, nunca chorei e fiquei tão destruída como estava com a doença do Jonas. Jamais eu quisera tanto voltar para casa, abraçar a minha mãe e pedir ajuda.

Jonas entrara na minha vida aos poucos e ocupara cada espaço vazio. Sem ele, eu não conseguiria ficar nos Estados Unidos. Não mais, eu estava prestes a perder o único homem que tocara meu coração. Doía tanto ver a pessoa que eu amava partir sem que eu pudesse fazer nada.

Como levantar a cabeça quando eu não conseguia olhar para frente, para o futuro? Minhas pernas estavam fracas, e eu não tinha forças para seguir adiante sabendo que iria perdê-lo.

— Ei! Ainda bem que eu encontrei você — disse Jenni se ajoelhando à minha frente. Ela tirou meu cabelo do rosto e me ajudou a secar as lágrimas.

— Está doendo tanto... Por favor, faça parar! — supliquei olhando para ela.

— Eu sei que está doendo, mas também não sei o que fazer para te ajudar — falou angustiada.

— Não posso perdê-lo, eu o amo de verdade. Acho que nunca amei ninguém assim — disse aflita, tentando conter as lágrimas. Uma coisa era chorar sozinha, outra era desmoronar na frente da minha melhor amiga. Eu nunca fizera isso antes.

— Então acredite que tudo vai dar certo, que ele vai conseguir um doador e vocês irão ficar juntos para sempre. Vamos, querida, sei que é difícil, mas não é se lamentando que você vai conseguir um doador para o Jonas — declarou segurando minhas mãos.

— Eu sei disso e consegui me segurar até agora, mas hoje, depois que descobri que o Jonas só está piorando e que está começando a se despedir das pessoas, eu me escondi aqui e chorei. Sei que ainda tenho uma criança pequena que depende de mim. Nada na minha vida era tão importante quanto a minha filha, mas o Jonas apareceu e nos tratou com tanto carinho e respeito, tornou-se alguém tão amado. Ele me fez sentir a mulher mais especial do mundo, mesmo eu sabendo que estava bem longe disso. Não é justo que eu tenha de deixá-lo ir tão cedo!

— Eu, mais do que ninguém, sei o quanto você merece alguém como o Jonas na sua vida, aliás, não só você, a Mili também.

— Ele quer adotar a minha filha — revelei, respirando fundo.

— E você aceitou?

— Claro, eu jamais poderia negar isso a ele. Além do mais, a Mili é apaixonada pelo Jonas. Como vou explicar a ela se ele não conseguir sobreviver? — perguntei me segurando para não voltar a chorar.

— Não pense antes de as coisas acontecerem, eu ainda tenho fé de que ele vai conseguir um doador. Você só vai precisar dizer a Mili que o pai dela é o Jonas — afirmou minha amiga me abraçando forte. Retribuí o abraço como

se ele fosse uma âncora que me ajudaria a me sustentar no chão. Durante todo aquele tempo eu estive cambaleando de um lado para o outro e, depois daquela conversa, senti-me com os pés no chão novamente. Acreditar num milagre quando tudo a sua volta diz que ele não pode acontecer é difícil, mas não impossível. Por isso eu precisava ter fé, superar meu medo, a insegurança, a ansiedade, a angústia e acreditar que, depois da tempestade, nasceria um lindo arco-íris.

Você foi a melhor coisa da minha vida

JONAS

Quando alguém te ama
Isso não é bom, a menos que ele te ame todo o caminho
Feliz por estar perto de você
Quando você precisa de alguém para animá-lo todo o caminho

All the way - Bob Dylan

Quando se está deitado numa cama de hospital, as horas passam muito devagar. Eu chegava a pensar que estava havia mais tempo internado ali. Estava tão cansado e impotente que até respirar era um sacrifício. No entanto, o que me deixava mais nervoso era ter de olhar para os olhos tristes da Amanda e dizer que eu sentia muito.

Como eu queria passear com ela na praia, carregar a Mili nos ombros enquanto caminhássemos pela areia, ser acordado com café da manhã especial na cama. Quem diria que eu, o cara que supostamente devia ter tudo, não tinha nada. Naquelas horas, nem todo o dinheiro que eu ganhara durante todos aqueles anos poderia me salvar. Que ironia do destino... Logo eu, que sempre tivera tudo sob controle, nunca fizera nada que não fosse planejado e sempre criticara o Jack por agir impulsivamente.

Naquele momento eu sentia inveja do meu primo, pelo menos ele sempre vivera intensamente, ao contrário de mim, que pensava mil vezes antes de tomar qualquer decisão. Se eu tivesse uma segunda chance, mudaria muitas coisas na minha vida, exceto a Amanda. Conhecê-la fora como respirar ar fresco diante de toda aquela dor.

— Posso entrar? — pediu Jack ao colocar a cabeça pela porta entreaberta.

— Claro que pode — disse, voltando dos meus pensamentos para dar atenção ao meu primo.

— Você queria conversar comigo? — perguntou ao se aproximar da cama.

— Quero, sim — pigarrei ao afirmar.

— Se é o que eu estou pensando, desista! Nunca vou me despedir de você, eu me recuso! — grunhiu furioso.

— Pare de lutar contra o que não podemos mudar e me ouça.

— Você pode dizer o que quiser, mas não vai mudar nada. Jamais vou aceitar perder meu irmão para essa doença estúpida.

— Tudo bem, eu sei o quanto você é cabeça-dura, nunca consegui mudar suas atitudes e não é agora que vou conseguir. Só quero que você cuide da sua família, coloque-a acima de qualquer coisa na sua vida e não estrague essa oportunidade que recebeu, você me entende?

— Eu já faço isso — concordou de costas, sem olhar para mim.

— Espero que continue a fazer, a Helena e seus filhos são a sua melhor canção. Jamais se esqueça disso.

— Não vou esquecer, eu te prometo, mas, se por acaso vacilar, terei você para me lembrar o caminho certo — afirmou convicto.

— Você sabe que nem sempre estarei aqui.

— Não vou entrar nesse jogo. Se era só isso que tinha para me dizer, eu vou embora — falou Jack, chateado.

— Ainda quero te fazer um último pedido: cuide da Amanda e da filha dela por mim. Eu vou registrar a menina no meu nome, por isso elas não irão ter problemas com dinheiro, mas precisam de alguém para tomar conta delas. Eu sei o quanto você é imbecil, porém, não confiaria em outra pessoa para fazer isso para mim.

— Eu vou cuidar delas até você sair do hospital, nem um minuto a mais — resmungou ainda de costas.

— Como você quiser — encerrei o assunto.

Ficamos um tempo em silêncio. Eu percebi que ele queria me dizer mais uma coisa, mas não conseguiu e saiu apressado do quarto. Jamais eu tinha visto o meu primo sem palavras.

Os próximos a entrar no quarto foram o Freddy e a Mia. Eu nem sabia que ela estava ali, mas fiquei feliz em vê-la.

— Estamos aqui, mas eu gostaria de deixar bem claro que isso não é uma despedida. Você vai sair dessa, cara, tenho certeza disso — afirmou Freddy assim que bateu os olhos em mim.

— Saiba que estamos todos aqui torcendo por você. Os fãs acenderam velas na frente do hospital e estão rezando pela sua recuperação — contou Mia, segurando a minha mão.

— Obrigado por estarem aqui por mim, vocês fazem parte da família — falei emocionado.

— Não poderíamos estar em outro lugar a não ser aqui, com você — declarou Freddy com pesar na voz. Eu nunca vira o seu semblante tão sério antes. Meu amigo brincava com tudo, mas, daquela vez, estava muito triste.

— Nós somos a sua família e protegemos o que é nosso — disse Mia beijando minha testa.

— Não enrole mais a minha prima, case logo com ela — pedi ao Freddy.

— Eu vou me casar assim que você sair desse hospital. Não podemos nos casar sem o nosso padrinho — ele retrucou abrindo um meio sorriso, tão fraco que poderia passar despercebido.

— Está me convidando para ser o seu padrinho? — questionei curioso.

— Sim, e não ouse recusar — confirmou franzindo as sobrancelhas.

— Eu vou tentar — respondi a única coisa que poderia dizer no momento.

— Você vai fazer mais do que tentar, vai conseguir — afirmou Mia ao me

abraçar forte e deixar o quarto enxugando as lágrimas com uma das mãos e puxando o Freddy com a outra.

Fiquei alguns minutos sozinho no quarto, olhei pela janela e só consegui ver o céu azul. Estava uma tarde linda lá fora, sem qualquer nuvem para atrapalhar o espetáculo da natureza.

— Viemos juntos conversar com você, porque não queremos despedidas e sim um bate-papo — anunciou Bob ao entrar no quarto com o Rick.

— Quem disse a você que estou me despedindo? — brinquei sem tanta convicção. Na certa eles perceberam, mas resolveram ignorar isso. Essa era uma recompensa ingrata que o câncer me trouxera, meus amigos me olhavam com pena e jamais recusavam um pedido meu.

— Ainda bem que não é esse o caso, não vamos chorar feito maricas e nem você vai embora antes de nós — afirmou Rick.

— Eu não teria tanta certeza se fosse você.

— Do que você não teria certeza? Porque eu, sim, tenho convicção: nenhuma das duas coisas vai acontecer — afirmou sem pestanejar. Se eu não estivesse tão fraco, até poderia acreditar nele.

— Como quiser. Eu só gostaria de pedir para vocês cuidarem da banda na minha ausência. Não deixem o Jack acabar com tudo que construímos juntos. Não vou conseguir sossegar se descobrir que vocês estragaram um trabalho de anos.

— Pode deixar conosco, vamos cuidar da banda até que você volte a assumir seu cargo. Agora pare com esse drama e trate de ficar bom logo. Não quer deixar aquela enfermeira sexy sozinha e sem qualquer proteção, não é mesmo? — comentou Bob, provocando-me.

— Eu pedi ao Jack para cuidar dela pra mim — disse sem pensar.

— Não acredito que você confiou sua garota ao Jack! Eu não poderia confiar nem minha jaqueta a ele, quanto mais minha garota. Você só pode estar delirando de febre — ele brincou.

— Ele é meu primo, posso confiar nele — afirmei convicto.

— Ainda bem que você não vai precisar, companheiro. Em breve vai sair dessa — comentou Rick antes de sair do quarto.

— Nos vemos daqui a pouco, Jonas — disse Bob ao sair também.

Nem precisei esperar muito tempo para meu pai voltar ao quarto. Eu já tentara me despedir duas vezes dele, mas não conseguira, toda vez que eu tentava, ele mudava de assunto ou saía do quarto, desesperado. Eu sabia que aquilo era difícil para ele. Porém, não queria ir embora sem dizer o quanto seu carinho fora importante na minha vida. Minha mãe me abandonara, mas ele conseguira me criar sozinho. Eu estaria mentindo se dissesse que nunca sentira falta dela. No entanto, devia agradecer ao meu pai pelo homem que eu me tornara.

— Pai, não adianta fugir de mim, precisamos conversar — pedi ao observar seu olhar perdido em direção à janela.

— Sua mãe não é compatível, mas fique tranquilo, vamos achar outra pessoa — resmungou sem olhar para mim.

— Não sei o porquê, mas eu já sabia disso.

Meu pai se virou para mim e ficou me encarando por um tempo, sem dizer nada.

— Eu também sabia disso, mas não custava nada tentar — disse chateado. Ele estava com uma aparência péssima, seus olhos estavam cansados e com olheiras fundas, na certa ele não dormia havia dias. Certamente não estava pior do que eu.

— Pai, não adianta fugir de mim. Mais cedo ou mais tarde teremos essa conversa.

— Não faça isso comigo, não peça para um pai se despedir do seu único filho. Não importa o que aconteça, eu nunca, nunca vou me despedir de você. Um pai nunca está pronto para isso. Eu vou acreditar que posso te salvar até o último segundo.

— Desculpe interromper, mas eu tenho uma pequena surpresa para o Jonas — disse Amanda entrando no meu quarto segurando a mão da pequena Mili.

— Oi, tio, *tava* com *sodade*! — gritou Mili, jogando-se na cama em cima de mim.

— Por favor, querida, tenha cuidado, o tio está dodói e você precisa parar de apertá-lo — pediu Amanda tirando a filha de cima de mim.

— Pode deixar, eu também estou morrendo de saudades dessa garotinha — pedi, sinalizando com a mão que estava tudo bem.

— Mas ela pode te machucar — murmurou Amanda apreensiva.

— Eu estou bem — insisti para tranquilizá-la. — Não acredito que você está aqui. Eu estava com tanta saudade da minha princesinha — disse passando as mãos no cabelo da Mili e apertando suas bochechas gordinhas enquanto meu pai nos observava num canto.

— Quero brincar, tio, vamos no parque? — pediu a criança, sem entender a gravidade da minha situação.

— Desculpe, querida, mas eu não posso mais brincar com você e talvez nunca mais possa — disse a verdade.

— Mas eu quero brincar — falou emburrada, cruzando os bracinhos.

— Você precisa entender que o tio está muito doente e não poderá brincar com você até conseguir que alguém doe um pouco de sangue para ele — expliquei para a garotinha sentada na minha cama. Nem sabia por que estava contando aquilo a ela, Mili era pequena demais para compreender o que eu estava tentando dizer. No entanto, ela franziu a testa e disse decidida:

— Eu vou dar meu sangue pra você.

— Você não tem medo de agulhas? — brinquei com ela.

— Eu tenho, mas gosto mais de brincar com você — falou a pequena, dando de ombros.

— Então está disposta a tomar uma injeção só pra brincar comigo? — questionei, sem entender como uma criança que mal me conhecia estava disposta a enfrentar seu medo por mim.

— Simmmm — prolongou a palavra.

Olhei surpreso para Amanda e vi seus olhos cheios d'água enquanto meu pai nos observava de longe, maravilhado com a atitude daquela criança.

— Ela não fez o exame para saber se era compatível... — comentou Amanda pensativa ao se aproximar de nós.

— E nem vai fazer, não vou me perdoar se algo acontecer com a Mili — disse decidido.

— Você não pode decidir isso sozinho, ela ainda é minha filha. Sei dos riscos, sou enfermeira, talvez você tenha se esquecido disso, mas eu não. Vamos fazer os exames e, se ela for compatível, veremos o que fazer — falou Amanda, passando as mãos no cabelo da filha.

— Não se *pocupe*, tio, eu vou curar você — afirmou Mili depois que olhou para mim e viu minha expressão de pânico.

Se pudesse, eu te daria minha vida

AMANDA

O medo no amor
É mais perigoso que a própria dor
Ou que o seu causador
Penso que ainda está
Penso que já passou

A história única de todo amor - Kid Abelha

Até aquele momento, eu não tinha pensado em levar a Mili para fazer os exames e descobrir se minha filha podia salvar a vida do Jonas. No entanto, depois de ouvir a conversa deles no quarto, minha cabeça começou a fazer algumas conexões e eu fiquei surpresa em como não chegara àquela conclusão antes. Algumas coisas estão prontas para serem descobertas, basta um olhar cuidadoso e, então, pode-se resolver um problema, um conflito ou salvar uma vida.

Jonas e Mili tinham o mesmo tipo sanguíneo, isso era só um detalhe. Para se doar medula óssea a uma pessoa, é necessário ter mais do que o mesmo tipo de sangue. Porém, bastou esse detalhe e o sorriso da minha filha para eu convencer a doutora Laura a permitir o exame. Fizemos os testes logo que saímos do quarto do Jonas, e a Mili foi a criança mais corajosa do mundo. Ela não hesitou, não desistiu ou chorou. Ficou sentadinha no meu colo enquanto a enfermeira tirava amostras de sangue para a realização do teste.

Quando terminamos, eu a levei para almoçar e depois a deixei com a Jenni. Eu sabia que estava abusando da generosidade da minha amiga, mas não tinha outra opção no momento, eu precisava ficar ao lado do Jonas.

— Eu soube que sua filha fez o teste — anunciou Mia entrando no quarto enquanto eu observava o Jonas dormir. Ele estava cada vez mais cansado e passava a maior parte do tempo dormindo graças aos medicamentos fortes e à

radioterapia que estava tomando.

— Sim, ela fez os exames de manhã, e estou esperando a doutora Laura aparecer com o resultado.

— Você acha que ela pode ser compatível?

— Eu não sei, mas quero ter esperanças — murmurei.

— Estamos todos querendo um pouco de esperança, não quero nem pensar no que pode acontecer se o Jonas não resistir. Ele é o coração da banda, nada funciona sem ele — disse com tristeza, observando o primo doente na cama do hospital.

— Boa noite, garotas! — cumprimentou a doutora Laura ao entrar no quarto.

— Boa noite — respondi aflita, levantando-me da poltrona.

— Você tem os resultados? — questionou Mia ao meu lado.

— Eu tenho uma notícia boa e outra ruim. O que vocês querem primeiro?

— A boa — respondemos juntas.

— A Mili é compatível com o Jonas. A carga genética dos dois é idêntica. Poucas vezes encontramos um doador fora da família com esse tipo de compatibilidade — explicou a doutora nos observando atentamente.

— Por que você não está feliz? — perguntou Mia, sem entender.

— Porque não sei se a Mili poderá doar medula para o Jonas. Nunca fizemos uma doação parecida antes no hospital. As crianças doam para crianças que são seus irmãos na maioria das vezes.

— Por quê? — questionou Mia nervosa.

— Um adulto e uma criança têm pesos diferentes. Não podemos tirar mais do que 10% do sangue da medula óssea da Mili, e essa quantidade pode não ser suficiente para salvar a vida do Jonas — respondi pela doutora,

jogando-me na poltrona.

— É isso mesmo, não posso arriscar a vida da Mili — disse Laura, franzindo a testa, preocupada.

— Eu também não vou permitir isso, não vou colocar a vida da minha filha em risco para salvar a minha — afirmou Jonas, surpreendendo-me. Eu não sabia que ele estava acordado, nem que podia nos ouvir.

— O transplante por transfusão de sangue é bem seguro para o paciente e o seu doador. O único problema, nesse caso, é que não temos um doador do mesmo peso — explicou a médica.

— Mesmo por transfusão um transplante ainda oferece riscos? — quis saber Jonas.

— São mínimos, mas eles podem acontecer. Mudando de assunto, eu não sabia que a Mili era a sua filha — Laura comentou, sondando o terreno.

— Meu pai trouxe hoje a nova certidão de nascimento da Mili, logo depois do almoço. Resolvi adotar a menina, e agora ela é minha filha — Joanas anunciou, esboçando um sorriso.

— Não sabia disso, mas essa informação pode mudar as coisas — disse a médica, pensativa.

— Você fique quieto, depois conversamos sobre a nova certidão de nascimento da Mili. Por que não me contou antes? Quanto a você, doutora, quero saber todos os prós e contras antes de autorizar esse transplante — falei, interrompendo o diálogo dos dois, pois eu estava furiosa. Antes de consultar qualquer pessoa sobre o destino da minha filha, eles precisavam me perguntar primeiro.

— Podemos conversar na minha sala? — pediu Laura.

— Não adianta conversarem sozinhas, eu ainda estou vivo e quero opinar! Jamais vou deixar vocês seguirem com essa loucura!

— Quietinho, Jonas, que você não conseguirá nos ajudar furioso desse

jeito — pediu Mia, tentando acalmar o primo.

— Vamos sair — declarei voltando os olhos na direção da doutora.

Jonas resmungou alguma coisa, mas nem prestei atenção ao que ele dizia. Meu foco era a doutora Laura. Caminhamos juntas em silêncio até a sala dela, e, quando enfim entramos, bati a porta atrás de mim e indaguei:

— Quero saber a verdade. Se o Jonas não fizer o transplante, quanto tempo de vida ele tem?

— Não posso dizer isso, sou médica, não Deus — resmungou contrariada, sentando-se bruscamente na sua cadeira.

— Chega de joguinhos, eu preciso saber, e você me deve isso — apelei. Estava tão descontrolada que caminhava em círculos pela sala.

— Alguns dias. Ele está muito fraco. Se a Mili fosse adulta, eu o estaria preparando agora mesmo para o transplante — explicou de cabeça baixa.

— Quais são os riscos para a Mili? — quis saber, preocupada.

— Poucos, o transplante por transfusão de sangue é bem mais seguro — explicou voltando a olhar para mim.

— Então o que você está esperando para realizá-lo?

— Esse é um caso atípico, e a junta médica do hospital precisa avaliar e dar o seu parecer — explicou a doutora, mexendo na caneta em cima da mesa.

— Quanto tempo?

— Eu pedi urgência, e eles estão reunidos há quase duas horas. A qualquer momento teremos a resposta.

— Vou esperar aqui na sua sala — falei decidida.

— Tudo bem — concordou a médica.

Aqueles provavelmente seriam os minutos mais longos da minha vida.

Fiquei de frente para a janela, observando as pessoas lá fora, em silêncio, até que alguém bateu à porta da sala e entrou trazendo um envelope, cumprimentou a Laura ao lhe entregar o que trazia e saiu em seguida. Mesmo antes de ela dizer qualquer coisa, eu já sabia o que tinha ali dentro. Embora eu não quisesse depender de ninguém, minha vida estava naquele envelope. Se os médicos não permitissem que a Mili fizesse a doação, como enfermeira eu saberia que não poderia arriscar a vida da minha filha para salvar o homem que eu amava. Teria de conviver para sempre com aquela angústia.

— Eles liberaram o transplante assim que souberam que a Mili foi adotada pelo Jonas — explicou Laura com os olhos no papel em cima da mesa.

— Quando será o procedimento?

— Amanhã cedo, o Jonas não pode esperar mais do que isso. Os médicos recomendaram tirar 15% da medula óssea da Mili, e vamos torcer para que seja o suficiente — disse ao sair apressada da sala.



Antes mesmo de amanhecer, eu já estava de volta ao hospital com a Mili nos braços. Minha filha ainda estava sonolenta, usando seu pijama de princesas, mas perguntou pelo tio no caminho todo até ali. Quando apareci segurando-a no colo, Jack veio correndo me ajudar enquanto Helena pegava a minha bolsa e os outros ficavam parados em volta de mim, sem saber o que fazer.

— Eu quero te agradecer por fazer isso pelo meu filho — disse o pai do Jonas aparecendo na minha frente de repente.

— Não precisa, tudo isso foi ideia da minha filha. E o Jonas agora é o pai

dela, não vou permitir que minha filha perca a única figura paterna que ela teve na vida — falei, respirando fundo, enquanto todos me olhavam cautelosos e inseguros.

Foi difícil fazer o Jonas aceitar o transplante, ele só sucumbiu pouco antes da hora marcada para os procedimentos, primeiro a extração do sangue da Mili, depois a transfusão. Eu queria muito ficar ao lado deles durante o processo. Contudo, a doutora Laura achou melhor eu me afastar. Quis gritar, irritada, mas pensei melhor e acatei a vontade dela, mesmo não concordando.

Ficamos todos na recepção da sala de cirurgia enquanto tudo acontecia. Eu sabia que a doutora não me permitira entrar na sala por causa do meu envolvimento com os pacientes. No entanto, aquela espera sem notícias estava me matando.

No começo, os amigos do Jonas estavam empolgados, mas, conforme os minutos se passavam e nada de notícias, ficaram em silêncio. Ninguém mais fez brincadeiras sem graça, nem comentários sarcásticos. Recebi muitos abraços carinhosos da Helena e da Mia. Entretanto, não adiantou nada, eu continuava preocupada com o destino dos dois.

Estava sentada havia um tempo numa poltrona, mas sentia-me preocupada demais para continuar imóvel, por isso me levantei e caminhei até a janela. Fiquei ali, olhando o céu lindo lá fora, as pessoas andando apressadas na rua sem notar que eu estava desmoronando ali dentro.

Perdi a conta de quantos copos de café eu tomei até que a doutora Laura enfim apareceu no corredor. Todos corremos na sua direção.

— Por favor, me diga que eles estão bem! — implorei ao ficar de frente para ela.

— Terminamos agora o transplante, e correu tudo bem. A Mili ainda está sedada, mas eu a deixei no quarto junto com o Jonas, porque ele insistiu muito — respondeu a médica, abrindo um sorriso.

— Como está meu filho? — questionou Peter preocupado.

— Ele está bem, o transplante foi um sucesso. Agora só nos resta esperar

para ver como o corpo dele vai reagir — explicou a doutora olhando para ele e os outros integrantes da banda.

Assim que ouvi que o Jonas podia ter uma chance, eu chorei, mas não era de tristeza. Eu estava feliz. *Agora eu poderei ter a minha família de volta*, pensei em meio às lágrimas.

— Eu posso vê-los? — pedi, respirando fundo para conter o choro.

— Você pode ficar com eles, mas os outros precisam aguardar um pouco. Eu espero que vocês entendam — falou Laura, envergonhada por deixar os familiares do Jonas na recepção, mas eles sabiam que ele e a Mili precisavam descansar por um tempo.

— Vamos esperar. Quando for seguro entrar, por favor, nos avise — pediu Helena passando a mão no ombro de Peter, que chorava feito criança. Na verdade, não era só ele que chorava, todos os garotos da banda, inclusive o Jack, estavam de cabeça baixa, enquanto as lágrimas desciam por seus rostos.

Sempre fui seu pai

JONAS

Não esqueça
Todos devem dar algo em troca
quando conseguem alguma coisa

4Th time around - Bob Dylan

Desde o começo, eu tinha sido contra a Mili ser a minha doadora. Eu queria muito viver e faria de tudo para continuar na companhia das pessoas que eu amava, exceto arriscar a vida da minha filha.

Quando meu pai chegou com a certidão de nascimento da Mili, eu quase chorei de emoção. Nunca pensara que teria o privilégio de escolher a minha filha. A verdade era que ela me escolhera, e eu não tivera qualquer chance de recusar o convite de seus olhinhos carinhosos me pedindo para amá-la. E fora isso que eu fizera, deixara meus sentimentos dominarem minhas ações e fizera o que o meu coração pedira pela primeira vez na vida e não me arrependia nem um pouco daquilo.

— Obrigado, pai, por fazer isso por mim — disse ao segurar a certidão de nascimento da Milena. Enfim ela era uma MacMillian, e ninguém poderia me tirar isso.

— Você sabe que eu faria tudo por você, sempre fiz. Além disso, eu também gostei daquela garotinha, se pudesse escolher minha neta, com certeza seria ela — explicou dando um meio sorriso. Desde que me encontrara no hospital, meu pai não conseguia sorrir sem se sentir culpado, eram sempre aqueles falsos sorrisos que não enganavam ninguém. Eu sabia que eu era a causa da sua angústia e sentia muito por isso, queria fazer as coisas diferente. Talvez, se eu tivesse mais tempo.

— Sei disso — afirmei esgotado.

Durante o resto do dia, eu me mantive irredutível sobre a doação da medula da minha filha, embora ouvisse sermões de todos tentando me convencer. Apenas poucas horas antes do procedimento, no dia seguinte, eu suspirei derrotado, constatando que eu não tinha outra saída a não ser aceitar que a Mili fizesse o transplante. Ainda era muito cedo para eu me despedir. Eu tentara miseravelmente e falhara, podia enfim admitir isso.

Passei um tempo dormindo. Quando acordei novamente, já estava em um quarto diferente. Abri meus olhos, assustado, mas Laura apareceu para me tranquilizar.

— Já coletamos o sangue da medula da Mili, agora só precisamos fazer o transplante.

— Como ela está? — perguntei preocupado.

— Ela está dormindo feito um anjo, não se preocupe, eu dei um sedativo para ela durante o procedimento. Decidimos tirar o sangue da medula dela por meio da máquina de aférese, que colhe o sangue da veia do doador, separa as células-tronco e devolve os elementos do sangue que não são necessários para o paciente. Não há necessidade de internação nem de anestesia, sendo todos os procedimentos feitos pela veia. Achamos essa a opção mais segura para a sua garotinha.

— Obrigado por tudo o que você fez por mim e pela Mili. E gostaria de vê-la quando terminar o transplante — pedi preocupado.

— Vou fazer isso, e não me agradeça ainda. Falta o principal, salvar a sua vida — disse colocando as luvas e a máscara cirúrgicas.

— Isso é só um detalhe — avisei, adormecendo na mesa de cirurgia após a sedação.

Não percebi quando o transplante começou, nem quando terminou, apaguei durante algumas horas, até sentir minhas mãos formigarem. Abri meus olhos e percebi a pequena Mili deitada numa maca ao meu lado. Seus olhinhos estavam abertos, e ela me observava com tanto carinho que tive de sorrir.

— Você é a primeira coisa que vejo nessa nova etapa da minha vida, e não poderia ser diferente. Devo tudo isso a você, minha filha querida — disse emocionado. Ela ficou me olhando sem entender as palavras que eu acabara de dizer. Eu tinha ficado tão empolgado que me esquecera que a Mili tinha apenas quatro anos de idade e seria incapaz de entender a seriedade do momento, ao menos, ainda não. Eu jamais me esqueceria daquele dia e faria tudo que estivesse ao meu alcance para lembrá-la disso também.

— Oi, tio — saudou-me fazendo beicinho e passando as mãos nos olhinhos da mesma cor dos meus.

— Eu não sou mais seu tio. A partir de agora quero que você me chame de papai — contei, sem poder me conter mais.

— Papai — pronunciou Mili devagar, testando o som da palavra.

— Sim, agora eu sou o seu papai — confirmei, eufórico.

— Posso contar um *seguedo*? — pediu colocando um dedinho na boca para indicar que eu tinha de ficar calado.

— Claro!

— Eu falei pra minha *pofessora* e meus amiguinhos da escola que você era meu papai. Agora não preciso mentir — disse como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Você não precisa mais mentir, agora somos uma família — afirmei alisando os seus cabelos enquanto ela bocejava.

— Boa noite, papai — ela murmurou, voltando a dormir. Nem eu, nem ela fazíamos ideia da hora, mas isso não me importava nem um pouco, pois eu só prestara atenção à forma como ela me chamara, "papai". Ela me aceitara como seu pai de modo tão fácil que eu só podia agradecer a Deus.

Voltei a dormir, segurando a mãozinha dela. Na verdade, queria ficar com os olhos abertos e esperar a Amanda aparecer, mas não consegui. Eu ainda estava muito fraco e não conseguia ficar muito tempo acordado. Não tive nenhum sonho confuso, apenas dormi intensamente. Daquela vez era

diferente, pois enfim eu tinha a oportunidade de recomeçar. Eu só precisava aproveitar cada segundo daquela nova chance.



— Oi, Jonas, eu quero que você saiba que estou aqui — sussurrou Amanda ao meu ouvido. Mesmo grogue como eu estava, podia reconhecer sua voz em qualquer lugar.

— Onde está a Mili? — questionei preocupado.

— Ela está num quarto com a Jenni, não se preocupe. Agora temos que nos concentrar em você, sua imunidade está muito baixa, e as próximas horas serão cruciais para a sua recuperação. Proibimos qualquer visita por enquanto. A partir de agora seremos apenas nós dois. Não podemos arriscar que você pegue uma infecção durante esse período.

— Por que você está tão preocupada? — perguntei, sem entender sua expressão aflita.

— Você está queimando em febre e ainda não descobrimos a origem — respondeu angustiada, segurando a minha mão.

Eu devia saber que não seria tão fácil me curar de uma leucemia, na verdade, nunca é. Porém, no meu caso, era um pouco pior, e eu cheguei a duvidar se conseguiria. Conforme a febre aumentava, eu perdia a noção do tempo e só pensava em sair daquele quarto. O que mais me chateava era não poder ver ninguém além da Amanda e da doutora Laura.

Fiz todos os tipos de exames possíveis para descobrir o motivo da minha febre, que não diminuía. Porém, não conseguiam desvendar. Eu achava que meu corpo estava cansado de lutar.

Todos os dias eu observava os olhos tristes e cansados da Amanda e esperava ela dizer que a febre tinha diminuído, mas não era isso que acontecia. Ficamos nesse dilema por uma semana antes de a febre começar a reduzir. Somente no décimo dia ela foi embora de vez.

— Acho que agora podemos respirar aliviadas e liberar as visitas. Na verdade, temos uma garotinha impaciente lá fora, esperando para ver o seu pai — comentou a doutora Laura depois de me virar do avesso e constatar que eu estava bem.

— Eu já posso buscar a Mili? — perguntou Amanda com os olhos brilhando de felicidade. Já fazia um tempo que eu não via minha garota assim.

— Claro, pode deixar todos entrarem, eu não terei mais como impedi-los depois dos resultados dos últimos exames — disse a doutora, sorrindo para a minha namorada.

Amanda saiu correndo do quarto e voltou minutos depois com a pequena Mili nos braços e todos os meus amigos – inclusive a Gabi – e parentes a tiracolo.

— Até que enfim podemos olhar para você novamente — resmungou Jack, observando-me atentamente.

— Eu sei que vocês não conseguem viver sem mim — disse sorrindo para eles.

— Até conseguimos, mas estava muito chato sem você para nos controlar — falou Freddy bem pertinho da minha cama.

— Eu quero ver o meu *dad* — protestou Mili ainda no colo da mãe.

— Essa garota é realmente sua filha, Jonas, precisava ver como ela brigava com a gente lá fora, na recepção — comentou Bob, olhando ora para mim, ora para a Mili. Inclusive, por alguma ironia do destino, eu e ela éramos semelhantes fisicamente.

— Venha aqui, minha princesinha — falei abrindo os braços para ela.

— *Sodade*, *dad* — sussurrou ao meu ouvido com sua voz doce e inocente.

— Eu também estava morrendo de saudades, meu anjo — afirmei apertando-a bem forte, o máximo que consegui sem que ela protestasse.

— Estou muito feliz em ver que você está bem, meu filho — disse meu pai ao se aproximar de mim. Eu estava tão distraído que nem vi que ele estava no quarto também.

— Obrigado, pai, por tudo que fez por mim, e me desculpe por fazer você passar por tudo isso — pedi com os olhos marejados.

— Não chore, *dad*, você já sarou — falou a Mili, passando os dedinhos gordinhos nos meus olhos para secar as lágrimas.

— Você não poderia ter escolhido outra criança. Vocês se completam — comentou meu pai admirado, observando a cena.

— Eu sei disso, sempre soube — falei olhando para a Amanda, que estava num canto tentando disfarçar as lágrimas, mas eu já vira que ela estava chorando, de felicidade, dessa vez.

— Sabia que você iria conseguir sair dessa — declarou Rick segurando a minha mão.

— Obrigado, cara — agradeci, apertando a mão dele de volta.

— Como se sente depois de lutar tanto para viver, primo? — perguntou Mia ao se aproximar de mim.

— Cansado — resmunguei, e todos riram.

— Estou muito feliz em ver que você está bem, Jonas — disse Gabi.

— Obrigado — agradeci pegando na mão dela com carinho. Nossa história não dera certo, mas ela era uma pessoa muito especial para mim.

— Você quase nos matou de susto! — repreendeu Helena, ao lado dela.

— Desculpe por isso. Da próxima vez eu vou ser mais forte — brinquei.

— Não vai ter próxima vez, você nunca mais vai passar perto de um hospital novamente. Já sofremos a nossa cota por uma vida inteira!

— Helena tem razão, não vamos voltar aqui tão cedo — completou Amanda, sentando-se ao meu lado na cama.

— Estávamos tão preocupados com o Jonas que nem conseguimos dar boas-vindas à pequena Mili. Agora ela faz parte da The Dangers — anunciou Jack, passando a mão no cabelo da garotinha para chamar sua atenção.

— Sim, a Mili precisa passar pelo ritual da banda. Todos os filhos do Jack já passaram — completou Freddy, animado.

— O que vocês querem dizer com isso? — questionou Amanda receosa, olhando para mim em busca de uma resposta.

— Não acredite neles, estão brincando com você — respondi tentando tranquilizá-la.

— Todos os integrantes da banda têm uma tatuagem de serpente em alguma parte do corpo. Por favor, não pergunte onde é a tatuagem do Rick, pois não seria apropriado dizer em público — falou Freddy, entrando na conversa para perturbar Amanda ainda mais.

— Vai à merda, Freddy — resmungou Rick, irritado.

— O que minha filha tem a ver com tatuagens? — indagou Amanda preocupada.

— Ela também precisa fazer uma — respondeu Jack, dando de ombros.

— Você está louco! — gritou Amanda, irritada.

— O que foi, *mammy*? — perguntou a menina, curiosa.

— Você vai precisar desenhar uma cobra no braço para entrar para a família The Dangers — declarou Jack para a Mili.

— Não tem problema, *mammy*, eu quero — disse a criança inocentemente, irritando ainda mais a Amanda.

— Chega dessa brincadeira! Todos para fora, que eu quero conversar com a minha namorada.

— Você só pode estar brincando comigo — resmungou ela assim que todos saíram do quarto, inclusive a Mili, que foi toda contente no colo do meu pai.

De volta para casa

AMANDA

Hoje eu quero o amor, o amor mais profundo
Eu quero toda beleza do mundo
Para enfeitar a noite do meu bem

A noite do meu bem - Kid Abelha

A recuperação do Jonas foi surpreendente, até os médicos ficaram impressionados. Depois da febre misteriosa sem qualquer causa aparente, ele foi melhorando cada dia mais e, cerca de trinta dias após o transplante, a doutora Laura não conseguia mais segurá-lo no hospital. Além disso, tinha a pressão dos fãs, repórteres e *paparazzi* na frente do hospital, tirando a privacidade dos pacientes, dos médicos e de todos os funcionários. Por isso Laura não teve alternativa senão liberá-lo antes do previsto.

Um dia antes da alta do Jonas, o quarto dele foi invadido por assessores da banda, Giovanna e Peter, que, além de pai do Jonas, era o empresário da banda. O motivo da reunião era apenas um: onde o Jonas deveria morar a partir de então?

Eles queriam levá-lo para Nova York, mas eu tive de intervir e, com a ajuda da doutora Laura, convenci o Peter de que o Jonas precisava passar alguns meses em observação em Houston. No momento, ele estava livre do câncer, mas era muito cedo para afirmar que a leucemia não voltaria, e a doutora precisava monitorá-lo de perto.

Jonas não disse uma palavra enquanto discutíamos a sua vida. Ele só olhava para mim e sorria, aquele sorriso aberto e sincero que o deixava ainda mais bonito. Bastara um mês para ele retomar a confiança de antes. Ele ainda precisava de alguns quilos para voltar à mesma forma física de antes, mas isso não importava nem um pouco para mim. Seus cabelos estavam

crescendo, seu rosto deixara de ser tão triste, e isso mudou completamente a forma como eu olhava para ele.

Durante o tempo que passáramos juntos no hospital, eu só pensava em cuidar dele. No entanto, com ele prestes a receber alta, eu só pensava em fazer outra coisa, e não tinha nada a ver com cuidar. E, depois de alguns amassos escondidos no banheiro, eu sabia que ele pensava o mesmo que eu. Portanto, quando ele saísse no dia seguinte, eu tinha certeza de que eu teria dificuldades em conter a minha ansiedade e o desejo de ficar sozinha com ele.

— Nem acredito que vou embora deste lugar — comentou Jonas na manhã seguinte ao sair do banheiro usando uma calça jeans e uma camiseta branca. Ele estava tão lindo que fiquei um bom tempo a observá-lo. — Parece que você gostou das minhas roupas.

— Ficaram perfeitas, porém, estão faltando umas coisas.

— O quê? — perguntou abrindo os braços e girando na minha frente.

— Isso — respondi, colocando o gorro preto que ele sempre usava e seus óculos escuros. Depois segurei seu queixo e o puxei para um beijo gostoso, daqueles que eu só experimentara com ele. Nossas línguas se mexiam numa sincronia perfeita, sua boca tinha um sabor doce, era impossível resistir a ela. Eu estava viciada nele e não tinha vergonha nenhuma de admitir isso.

— Desculpe interromper os pombinhos, mas eu vim trazer as receitas do Jonas e as recomendações para continuar o tratamento em casa — falou a doutora Laura serenamente depois de nos pegar nos “amassando” no quarto do hospital.

— Pensei que eu estava de alta — resmungou Jonas, encarando a médica.

— E está, mas preciso ter garantias de que você vai tomar as vitaminas e os remédios para acelerar sua recuperação.

— Pode ficar tranquila, que vou cuidar bem dele — garanti à Laura.

— Fiquei sabendo que você conseguiu tirar suas férias — comentou a doutora, arqueando as sobrancelhas.

— Sim, eu vou ficar com Jonas durante esse tempo para ajudar na sua recuperação — respondi satisfeita com a minha decisão de cuidar dele.

— Ele vai ficar na sua casa? — perguntou ela, interessada.

— Não, minha casa é pequena e não oferece nenhuma segurança quanto aos *paparazzi* e repórteres. Achamos melhor eu ir morar no apartamento dele — expliquei um pouco envergonhada com essa situação. Em alguns momentos eu só queria ficar com o Jonas e esquecer que ele era o guitarrista da banda The Dangers e tinha mais dinheiro do que eu poderia gastar na minha vida toda.

— Aproveitem essa chance para se acertar de vez. A vida deu uma chance para vocês, não desperdicem essa oportunidade. — Laura deu uma piscadinha para mim e saiu do quarto.

— Eu vou fazer isso, pode ficar tranquila — afirmei sorrindo. Até a médica estava me jogando nos braços dele. — Você está pronto para sair daqui? — perguntei ao Jonas quando estávamos sozinhos novamente.

— Nunca estive tão pronto — respondeu me abraçando.

Deixamos o hospital sem olhar para trás. Tínhamos virado mais uma página do nosso livro, e eu estava pronta para começar tudo de novo. Porém, daquela vez eu sabia o que esperar. Entramos no carro que o Jonas alugara para mim alguns meses antes e seguimos para o seu apartamento. Eu estava muito ansiosa com aquela nova etapa da nossa vida e contava os minutos para ficar sozinha com ele.

— Não vejo a hora de fazer amor com você — confessou Jonas sentado ao meu lado, desconcentrando-me completamente. Quase subi na calçada com o carro.

— Por favor, não diga isso agora, estou fazendo o maior esforço para te levar seguro para casa — disse, diminuindo a velocidade do automóvel.

— Podemos parar aqui mesmo se você quiser.

— Não ouse, Jonas, não faça isso comigo — pedi, apertando o volante

com força para resistir à tentação.

— Só basta você parar o carro, que eu sou todo seu — insistiu ele.

— Vamos esperar chegar ao seu apartamento, pelo menos. Esqueceu que alguém pode estar nos seguindo?

Jonas continuou o caminho todo tentando me convencer de que não podíamos esperar nem mais um segundo para ficarmos juntos. Porém, eu consegui resistir bravamente, e, enfim, chegamos à sua cobertura. Subimos o elevador nos beijando, e ele tentou tirar a minha blusa, mas eu não deixei. Segurei minhas roupas no lugar até o elevador chegar ao pequeno hall e eu abrir a porta do apartamento.

— Surpresa! — gritaram os outros integrantes da The Dangers, Helena, Gabi, Peter, Jenni, Mili, a doutora Laura (que devia ter enfiado o pé no acelerador a fim de chegar antes de nós), o irmão dela e muitas outras pessoas que eu não conhecia. Tinham me pedido para trazer o Jonas, pois eles organizariam a festa de boas-vindas, por isso eu tivera de me conter tanto. Pelo visto, tinham convidado Houston inteira.

— Era por isso que você estava segurando suas roupas como se sua vida dependesse disso? — sussurrou Jonas ao meu ouvido.

— Sim — consegui dizer antes que ele fosse afastado do meu lado. Ele não disse nada, mas seus olhos continham uma promessa de que aquilo não acabaria assim.

Eu não queria dividi-lo com ninguém naquele dia, mas não tive alternativa quando a Helena viera pedir minha ajuda para organizar a festa surpresa. Aquele era um momento importante, e eu precisava compartilhar o Jonas com seus amigos e familiares, mesmo não querendo.

— Você precisa tentar disfarçar um pouco a sua frustração — avisou Jenni ao se aproximar de mim segurando a Mili no colo. Minha filha estava linda usando um vestido branco com bolinhas vermelhas e com o cabelo amarrado de lado com uma fita preta.

— Está tão evidente assim? — inquiri, fazendo beicinho.

— Está estampado no seu rosto, qualquer um pode ver — respondeu dando de ombros.

— Você não sabe quanto tempo eu esperei para ficar sozinha com ele — expliquei chateada.

— Não precisa ficar com essa cara de criança que perdeu o doce, ninguém vai tirar um pedaço do Jonas. Quando a festa acabar, ele será todo seu, isso se a garota ali, de azul, não der o bote antes de você — falou olhando para o Jonas, que conversava com a Helena e a Gabi. Eu sabia que eles não tinham mais nada, pelo menos da parte do Jonas. Não podia dizer o mesmo da Gabi, que não conseguia disfarçar que ainda estava apaixonada pelo meu namorado.

— Você acha que eu devo ir até lá? — perguntei insegura.

— Não, fique com a sua filha, que eu vou buscar uma bebida pra gente — comentou Jenni, jogando a Mili no meu colo.

Segurei na mão da minha garotinha e circulei pela festa cumprimentando as pessoas que eu conhecia, e a minha filha se encarregou de me apresentar o restante dos convidados.

— *Mammy*, esse é o Adam, filho do tio Jack, e aquela bebezinha ali é a irmãzinha dele — falou minha pequena, empolgada ao apresentar os filhos da Helena. Era a primeira vez que eu via as crianças, e não fiquei nada surpresa ao notar que o Adam era uma cópia exata do Jack, enquanto a garotinha era idêntica a Helena.

— É um prazer conhecer você, Adam — disse apertando a mão do garotinho, que usava uma calça jeans e uma camiseta da The Dangers.

— Você é a mãe da Mili? — perguntou o garoto, curioso.

— Sim, sou eu — falei, sorrindo para ele.

— Você pode deixar ela brincar comigo? Minha irmã é muito pequena e não sabe brincar de nada — reclamou o menino, chateado.

— Claro — concordei, observando a Mili para ver se ela também queria brincar com ele. Não precisei esperar muito tempo para minha filha se sentar no chão e começar a montar uma pista de corrida que o garoto tinha trazido consigo.

Acho que perdi minha companheira de festa, pensei enquanto deixava as crianças brincando num canto da sala, observadas pela babá do Adam e da sua irmãzinha. A festa estava só começando, e eu já me sentia deslocada. Andei sem rumo, tentando encontrar o Jonas, mas ele não estava em lugar nenhum.

— Até que enfim encontrei você — disse Jenni aparecendo na minha frente de repente, segurando duas taças de champanhe.

— Você que demorou demais para voltar com as bebidas — reclamei, pegando uma das taças.

— Como você está chata, isso só pode ser falta de sexo. Nem quando você ficou a ver navios por longos anos estava tão chata assim — resmungou, bebendo um longo gole da sua bebida.

— Isso foi antes de conhecer um sexy guitarrista de uma banda de rock. Agora eu já estou subindo pelas paredes — falei, virando a taça de champanhe de uma vez.

— Não se preocupe, daqui a pouco todos irão embora e você vai apagar todo esse seu fogo — comentou rindo.

No entanto, não foi isso o que aconteceu. Festas costumam demorar a acabar, eu tinha plena consciência disso. Porém, as festas de uma banda de rock, com uma infinita quantidade de bebidas, duram uma eternidade. Observei a Helena e o Jack se despedirem primeiro, por causa das crianças. Logo depois o Freddy e a Mia saíram de fininho. Até a Gabi saiu acompanhada pelo irmão da doutora Laura. *Pelo menos ela parou de dar em cima do Jonas*, foi o que pensei ao vê-los irem embora juntos.

Num determinado momento eu tive de levar a Mili para dormir num dos quartos de hóspedes, depois voltei para a suíte do Jonas na esperança de

encontrá-lo lá, esperando por mim. Porém, o cômodo estava vazio.

Tomei um banho e coloquei uma camisola nova que a Jenni tinha comprado para mim. Eu nunca usara nada tão indecente antes. Minha amiga tinha bom gosto, mas eu jamais escolheria algo assim sozinha. A camisola era branca, de seda e não cobria praticamente nada. Eu estava nua, apenas com algumas tiras penduradas no corpo.

Deitei-me na cama para esperar o Jonas sentir a minha falta e vir procurar por mim, mas não consegui resistir e peguei no sono.

Acordei com beijos molhados no meu pescoço e mãos firmes apertando as minhas coxas.

— Se eu soubesse que você estava assim, esperando por mim, teria vindo há muito tempo — sussurrou Jonas ao meu ouvido enquanto mordiscava minha orelha.

— Eu cansei de te esperar — resmunguei ainda sonolenta.

— Prometo recompensar cada segundo de espera — disse, puxando-me para ficar embaixo dele. Bastou esse movimento para que eu perdesse totalmente o sono e ficasse mais alerta do que nunca.

Coloquei minhas mãos nos seus ombros e o puxei para os meus lábios. Nossos beijos sempre eram intensos, e daquela vez não foi diferente. Explorei sua boca como se ela fosse um tesouro recém-descoberto, e Jonas fez questão de retribuir cada carícia como se fosse a última. Aos poucos nossas roupas foram ao chão. Nossos corpos se conectaram numa sintonia perfeita, e toda a espera valeu a pena. Cada obstáculo, cada degrau, cada dificuldade deixou de existir. Finalmente eu estava nos braços do homem que eu amava, e nada era mais importante do que isso.

— Eu te amo — confessei, sentindo isso em cada partícula do meu ser.

— Eu te amo mais — respondeu Jonas, sorrindo para mim. Todavia, não era um simples sorriso. Ele estava em êxtase absoluto, eu nunca o tinha visto assim. Seus olhos pareciam admirar um oásis, e sua boca explorava meu corpo como água no deserto.

Las Vegas outra vez

JONAS

Eu posso fazer você ser minha
Provar seus lábios de vinho
A qualquer hora da noite ou do dia
O único problema é que, caramba
Estou sonhando a minha vida toda

All I have to do is dream - Bob Dylan

Acordei na manhã seguinte à festa me sentindo outra pessoa, renovado. Parecia que um peso enorme tinha saído dos meus ombros. Enfim eu estava livre para amar e viver minha vida como eu quisesse. Baixei os olhos e vi a Amanda ainda dormindo encostada ao meu peito. Suas pernas estavam em cima das minhas, seus cabelos caíam no meu rosto. Era impossível saber onde começa um e terminava o outro. Afastei seus cabelos com cuidado para não a acordar e admirei seu rosto lindo, dormindo tranquilamente, sem qualquer preocupação. Era assim que eu queria vê-la a partir daquele dia. Fiquei sem me mexer por alguns segundos até que tive a ideia, e não tinha mais volta. Minha cabeça era um turbilhão de sentimentos, e eu não conseguia mais parar de pensar nela.

De uma coisa eu tinha certeza, não estava me sentindo livre, nem totalmente renovado porque eu conseguira sobreviver ao câncer, estava assim por causa dela. Se eu tivesse acordado sozinho ou com qualquer outra garota no meu apartamento naquela manhã, o sentimento não seria o mesmo, eu podia afirmar isso.

Fiquei alguns minutos observando-a dormir para ver se eu desistia da ideia, mas não teve jeito, era tarde demais para voltar atrás. Eu só tinha uma saída, ligar para o Jack e pedir ajuda.

Saí de fininho da cama, com medo de acordá-la, mas, apesar de ela se

mexer assim que consegui me levantar, para meu alívio Amanda não acordou. Peguei meu celular na mesinha ao lado da cama e fui para o banheiro. Antes de tomar banho, liguei para o meu primo e expliquei a minha situação. Ele se ofereceu para me ajudar logo depois de ouvir tudo o que eu tinha a dizer. Eu não esperava nada diferente dele.

Assim que resolvi o que estava me incomodando, tomei um banho, coloquei uma calça jeans e saí do quarto enquanto a Amanda ainda dormia. Eu não a deixara dormir muito na noite anterior, mas não me arrependia nem um pouco disso.

Fechei a porta do quarto devagar e entrei no cômodo ao lado. Sorri ao encontrar a Mili acordada, pulando na cama.

— Bom dia! — cumprimentou-me sorrindo ao me ver entrar no quarto.

— Bom dia, querida, parece que você acordou faz tempo — falei ao observar a cama toda desarrumada e os travesseiros no chão.

— Eu *dumi* na cama elástica! — respondeu, tornando a pular no colchão.

— Você não sossega, não é mesmo? Será que você ainda tem cosquinhas? — disse, segurando-a pela cintura e a jogando na cama, depois comecei a fazer muitas cócegas na sua barriga. Esse era o seu ponto fraco, ela deu muitas risadas, e era o som mais lindo que eu já ouvira, era o som da alegria de uma criança, e nada se comparava a isso, não para mim.

— Pare, por favor! — suplicou, torcendo-se toda.

— Você quer que eu pare? — perguntei, testando a sua reação.

— Eu quero — respondeu devagar.

— Então precisa dizer as palavras mágicas.

— Eu já disse, por favor, por favor! — implorou, contorcendo-se na cama enquanto eu continuava a fazer cosquinhas na sua barriga.

— Não é isso que eu quero ouvir! — falei, olhando nos olhos dela por um momento.

— Pare, papai, eu cansei! — falou olhando para mim. Eu sabia que ela tinha entendido o que eu queria ouvir assim que nossos olhos se conectaram. Eu não sabia se ela se lembraria daquele momento no futuro, mas tinha certeza de que eu nunca mais seria o Jonas para a Mili. Não importava o que acontecesse no futuro, eu sempre seria o seu pai.

— Vamos preparar o nosso café de amanhã — falei, levando-a no meu colo até a cozinha.

O apartamento ainda estava todo revirado por causa da festa do dia anterior. Tivemos que nos desviar de garrafas de champanhe, taças e copos espalhados pelo caminho. A cozinha não estava melhor, porém, afastei tudo para um lado, joguei algumas coisas no lixo, coloquei a Mili sentada na bancada e comecei a procurar nos armários os ingredientes para preparar panquecas.

Fizemos uma grande bagunça, espalhamos farinha para todo lado e deixamos alguns ovos caírem no chão, mas conseguimos fazer panquecas com morangos e calda de chocolate, ovos mexidos, torradas e suco de laranja. Porém, a Mili ficou branca da cabeça aos pés por causa da farinha. Provavelmente a Amanda iria me matar quando a visse assim. Enquanto isso não acontecia, começamos a tomar nosso café da manhã.

— Que cheiro maravilhoso — anunciou Amanda parada à porta, observando-nos.

— Vem comer com a gente, eu fiz com o papai — falou Mili orgulhosa e com a boca cheia de panqueca. Só então Amanda percebeu o estado da nossa filha. Ela abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Olhou para mim confusa, respirou fundo e finalmente conseguiu indagar:

— O que você fez com ela?

— Nada, só estávamos cozinhando — respondi dando de ombros como se não fosse importante. Talvez, se eu fingisse que estava tudo normal, ela ignorasse o estado lastimável da menininha.

— Não seja engraçadinho, Jonas. Ela está cheia de farinha, e o que é isso

no cabelo dela? Espera aí, é casca de ovo! Jonas, você jogou casca de ovo no cabelo dela? — perguntou furiosa.

— Desculpa, *mammy*, eu que comecei — falou a pequena, arrependida.

— Não se preocupe com isso, um banho pode resolver o problema. Agora vamos tomar o nosso café da manhã, porque temos um voo para pegar dentro de algumas horas — avisei, puxando-a para o meu colo.

— Você só pode estar brincando — respondeu colocando os braços em volta do meu pescoço.

— Não, nunca falei tão sério. Vamos sair hoje para uma pequena viagem de férias.

— Mas não podemos sair assim — falou preocupada.

— Podemos, sim. Agora vamos comer, que eu não quero ir com a barriga vazia — disse ao comer mais um pedaço de panqueca.

— Para onde vamos? — questionou curiosa quando percebeu que não adiantava me contrariar.

— Surpresa — respondi, piscando para a Mili, que sabia do nosso destino.

— Você não vai me contar? — insistiu, depois roubou o último pedaço da minha panqueca.

— Não — falei, fazendo bico ao ver meu prato vazio.

— Não precisa ficar emburrado, tem mais aqui — disse Amanda, pegando um pedaço da sua panqueca e o levando até a minha boca. — É impressão minha ou seu cabelo está cheio de casca de ovo também? — indagou depois de passar as mãos nos poucos fios que estavam crescendo e tirar pequenos cacos brancos.

— Desculpa, *mammy* — pediu Mili, preocupada, quando viu o olhar sério da mãe na sua direção.

— Tudo bem, foi só uma brincadeira. Agora vamos nos arrumar — falei ao observar as duas.

— Quanto tempo vamos ficar nesse lugar? Acho que eu não trouxe roupas o suficiente — comentou Amanda, levantando-se do meu colo.

— Não se preocupe com roupas, podemos comprar novas, se precisar. O importante neste momento é tomar banho e correr, porque não quero me atrasar por nada neste mundo.

Logo estávamos todos prontos e sem cascas de ovos na cabeça. Demorei uma eternidade para tirar aquelas minúsculas casquinhas do meu cabelo, tive de pedir ajuda a Amanda, que teve toda a paciência para catar cada uma delas, o que eu poderia ter feito sozinho, mas não consegui desperdiçar a oportunidade de tomar um banho com ela. Tínhamos uma química incrível, e eu não podia conter o desejo e o amor que sentia por minha namorada. Era maior do que qualquer coisa que eu já sentira antes, por isso programara aquela viagem.

Saímos do meu apartamento com apenas duas malas, com roupas da Amanda e da Mili. Eu não precisava de roupas, Jack iria levar tudo o que eu precisava. Na garagem do prédio, um motorista e dois seguranças já nos aguardavam. Depois que se tornara público que eu estava em Houston, a calçada do meu prédio estava sempre lotada de *paparazzi*, era impossível sair sozinho.

Assim que saímos na rua, os flashes começaram. Nossa banda era famosa, sempre tivéramos que correr das fãs enlouquecidas e dos *paparazzi* loucos pelo dinheiro das fotos, porém, nada como o que eu estava enfrentando desde que deixara o hospital. Eu nunca tinha sido o foco da mídia, por isso conseguia mais liberdade do que o meu primo, exceto depois que eu ficara doente. A leucemia e a busca por uma medula compatível me tornara um pequeno holofote. Eu havia perdido toda a privacidade. Esperava que aquilo passasse logo. Não queria a atenção que o Jack recebia da mídia, era desgastante, e eu não saberia lidar com isso. Mia e Geovanna estavam tentando conter os inúmeros pedidos de entrevistas que estávamos recebendo diariamente. Até o momento, eu não aceitara nenhum. Decidira cuidar da

minha vida primeiro, depois me dedicaria à carreira.

Chegamos ao aeroporto no horário exato do nosso voo. O motorista nos deixou na pista de pouso para evitarmos a imprensa, que já me aguardava na área de embarque.

— Você tem o seu próprio avião? — perguntou Amanda assustada enquanto eu subia as escadas da aeronave com a Mili no colo.

— Não é meu, é da banda.

— Não importa, nunca viajei em um voo particular antes, estou até com um friozinho na barriga — afirmou ao se sentar ao meu lado.

— Tenho a impressão de que teremos muitas primeiras vezes hoje — comentei, imaginando tudo o que nos aguardava.

Mili passou a viagem toda dormindo na cama que havia no avião. Amanda fizera a aeromoça trocar os lençóis antes de colocar a filha num colchão de um avião particular de uma banda de rock, e eu não fiz qualquer objeção. Não era difícil imaginar o que os caras já tinham feito ali, o que eu mesmo já fizera. Contudo, era passado. Nós havíamos seguido em frente, eu estava em outra.

Assim que desembarcamos, um carro com motorista já nos aguardava na pista de pouso. Coloquei a Mili sonolenta na cadeirinha e segurei a mão da Amanda com força enquanto partíamos. Ela não tirou os olhos da janela, só sossegou quando viu os letreiros e descobriu onde estávamos.

— Las Vegas? — questionou curiosa, com os olhos brilhando.

— Toda a banda está aqui, temos um encontro, e eu não podia faltar — menti sem olhar nos seus olhos.

— Nunca estive aqui antes, estou animada para conhecer a cidade — falou feliz, beijando meus lábios com empolgação. Aproveitei o momento para saborear sua boca. Seu gosto era tão bom que eu nunca me cansaria de beijá-la.

Quando chegamos ao Wynn Las Vegas, Amanda ficou muda. Mili acordou imediatamente e saiu pulando pelo saguão. Eu já tinha ficado outras vezes naquele hotel e havia me acostumado ao luxo que ele proporcionava, mas, na primeira vez em que entrara ali, ficara tão impressionado quanto ela. Primeiro com a cachoeira de água cristalina, as flores e árvores na frente do hotel, depois com a recepção enorme, com lustre banhado a ouro. As escadas que levavam aos quartos vinham de duas direções e se entrelaçavam no caminho, fazendo um ziguezague que deixava qualquer um atordoado diante de tanta beleza. As paredes e os móveis eram quase todos brancos com alguns detalhes dourados, e flores amarelas desenhadas nas paredes davam um toque especial e único àquele lugar.

Subimos direto para uma das suítes principais, nem precisei fazer o check-in. O funcionário do hotel nos cumprimentou, pegou nossas malas das mãos do motorista e nos levou para o nosso quarto. No caminho, Amanda olhava para tudo admirada, enquanto Mili corria à nossa frente ainda mais empolgada.

— Esse quarto é um sonho! — exclamou Amanda entusiasmada, deitando-se na cama assim que o funcionário do hotel saiu.

— O quarto é confortável — eu disse me deitando ao seu lado.

— Você só pode estar louco, isso é o paraíso — declarou se levantando para admirar a paisagem. O quarto tinha paredes de vidro em um dos lados, o que proporcionava uma vista fantástica do resort do hotel e de Las Vegas.

Mili aproveitou que ninguém estava prestando atenção nela para pular nas duas camas king size, enquanto eu fechava meus olhos e agradecia por aquele momento.

Depois que conhecemos o quarto, saímos para explorar o resort. Compramos roupas de banho na recepção do hotel e corremos para brincar na piscina. Eu jamais fizera isso nas outras vezes em que me hospedara ali e estava adorando cada segundo. Brincamos na água, tentei ensinar a Mili a nadar, roubei vários beijos da Amanda, e, no fim, encontramos o Jack e a Helena com as crianças e fizemos tudo de novo.

— Melhor ideia que você já teve — murmurou o meu primo enquanto estávamos sentados lado a lado.

— Eu sempre tenho as melhores ideias — falei convicto.

— Nem sempre — disse Jack torcendo o nariz, na certa se lembrando da besteira que eu fizera ao fugir sozinho para Houston.

— Pode ter sido uma ideia ruim, mas, no fim, deu tudo certo — respondi olhando as minhas garotas brincarem com a Helena, o Adam e a pequena Sophia na piscina.

— Essa garota fisgou você de um jeito que nenhuma outra conseguiu antes e, de quebra, ainda te deu uma filha — comentou Jack, bebendo um gole da sua bebida.

— Sim, ela apareceu no pior momento da minha vida, mas conseguiu fazer com que fosse o melhor — afirmei, bebendo suco de frutas. Eu ainda estava proibido de ingerir bebidas alcoólicas.

— Está tudo pronto — anunciou Jack, levantando-se da cadeira.

— Obrigado — agradeci tirando meus óculos para observar meu primo com atenção.

— Não precisa agradecer, é pra isso que os irmãos servem — disse, saindo para buscar a esposa e os filhos e ainda levou a Mili com eles.

— Tem certeza de que eles podem cuidar da Mili e das outras crianças sozinhos? — perguntou Amanda se sentando ao meu lado.

— Claro que tenho. Precisamos ficar sozinhos essa noite, e eles têm muitas pessoas para ajudá-los. Não se preocupe.

— Vamos sair? Não quero deixar a Mili tanto tempo sozinha — questionou minha namorada, preocupada.

— Ela não está sozinha. Além disso, não vamos sair do hotel — falei, puxando-a para um beijo sem qualquer receio, pois eu já sabia que iria encontrar seus lábios prontos para mim, como sempre tinham estado.

Sempre soube que seria sua

AMANDA

Não fosse amor, não duraria tanto
A chama de um Banho-Maria brando
Fosse passado não passaria corrente
E eu não chamaria de amor, eu não

Deve ser amor - Kid Abelha

Tudo estava tão perfeito que parecia um sonho. Desde que eu chegara a Las Vegas, estava tentando acreditar no que estava acontecendo na minha vida, mas era surreal demais para alguém acostumada a tão pouco. Nem em meus sonhos eu conseguiria imaginar um lugar assim, por isso tinha certeza de que era real. Demorara a me acostumar ao luxo que o hotel nos proporcionava, uma suíte enorme com uma decoração impecável. Cada detalhe fora meticulosamente planejado, e a vista era de tirar o fôlego. Eu havia ficado muito tempo observando aquele lugar, com medo de ele desaparecer diante dos meus olhos.

Depois de passar o dia no resort, a Mili foi com o Jack, a Helena e os filhos de ambos para o quarto deles. Enquanto eu e o Jonas voltávamos para a nossa suíte, pensei que ele tinha combinado aquilo com seu primo para ficarmos sozinhos, mas não fora por isso. Assim que abri a porta, vi um lindo vestido vermelho tomara que caia e um par de sapatos combinando em cima da cama. Perguntei:

— Vamos ao tapete vermelho, por acaso?

— Não, é só um jantar — respondeu sem dar importância. Depois se sentou na poltrona branca e ficou me observando pegar o vestido e o colocar na frente do meu corpo.

— Isso é para mim? — questionei calçando os sapatos.

— Sim, é tudo seu — falou seguindo para o banheiro.

— Quer companhia?

— Quero, mas não posso. Se você entrar aqui, vamos chegar atrasados e perder toda a festa — disse, trancando a porta.

— Vamos a uma festa? — indaguei, sentando na cama para tirar os sapatos.

— Vamos, sim — respondeu ligando o chuveiro.

Deitei-me na cama e esperei o Jonas sair do banheiro. Enquanto olhava para o teto branquíssimo, eu só conseguia sorrir, feliz como jamais imaginara que poderia estar antes. Era uma felicidade plena, eu me sentia no topo do mundo, como se pudesse fazer qualquer coisa.

Assim que o Jonas saiu do banheiro enrolado na toalha, fiquei observando o cara que mudara minha vida, me ensinara o verdadeiro significado do amor, sem pedir nada em troca. Ele poderia ter qualquer garota, mas, de algum modo que eu nunca conseguiria explicar, me escolhera, e eu era a mulher mais sortuda do mundo por isso.

— Não pense que você vai fugir de mim — disse ao me aproximar dele, ansiosa para sentir seus lábios macios.

— Não estou fugindo, na verdade estou fazendo exatamente o contrário — respondeu me puxando para um beijo, *aquele* beijo, que me fazia arrepiar até o último fio de cabelo, que me deixava tonta muitas horas depois só por me lembrar dele, que deixava todo o meu corpo quente. Aquele beijo que deixava minha boca dormente e os lábios inchados. Você, leitor, deve saber o tipo exato de beijo de que eu estou falando. Se não, espere; um dia você vai saber.

Foi difícil parar um beijo assim, mas, depois de muito tentar, enfim consegui forças para deixar Jonas colocar sua roupa enquanto eu corria para o banheiro. Quando saí, ele não estava mais no quarto. Apesar de saber que tínhamos um programa naquela noite, eu fiquei desapontada, pois queria muito terminar o que tínhamos começado mais cedo. Sem qualquer distração,

fiz o melhor que pude com o pouco tempo que eu tinha, mas, pelo sorriso estampado no rosto do Jonas quando me viu, acho que eu conseguira me arrumar direitinho.

Não era uma festa. Apesar de Jonas usar um terno, e eu, um vestido de gala, jantamos no terraço do hotel, numa área reservada apenas para nós. O lugar era encantador e romântico. Tinha uma mesa para dois no centro do terraço, e a iluminação ficou por conta das velas brancas espalhadas por lugares estratégicos.

— Você organizou tudo isso para mim? — perguntei animada, apertando a mão dele.

— Sim, eu queria te agradecer por tudo que fez por mim. — Jonas segurou meu pescoço e me puxou para um beijo. Nossos lábios não teriam se afastado tão cedo se o garçom não nos tivesse interrompido.

— Vocês aceitam uma bebida?

— Claro — respondi, sorrindo ao perceber que o Jonas tinha ficado chateado com a interrupção.

Sentamos à mesa, e o garçom nos serviu um coquetel de morango sem álcool. Mesmo podendo beber, eu resolvi acompanhar o Jonas. Além disso, queria me lembrar de tudo daquela noite, pois eu tinha a sensação de que seria a melhor da minha vida.

Enfim o jantar foi servido.

— Você não gostou da comida? — perguntou Jonas ao me ver mexendo os aspargos de um lado para o outro no prato.

— Não, está uma delícia — respondi distraída. A comida estava boa de verdade, mas eu não conseguia comer porque estava muito nervosa.

— Se já terminou, eu quero te mostrar uma coisa — falou Jonas se levantando da cadeira para me levar até a beirada do terraço, de onde dava para ver grande parte de Las Vegas, as luzes piscando. Era lindo. Ficamos olhando aquela maravilha por um tempo, de mãos dadas, até que resolvi

quebrar o silêncio, falando emocionada:

— Obrigada por me trazer aqui.

— Não precisa agradecer. Eu quero você aqui comigo. A partir de hoje, não vamos mais nos separar.

— Você promete? — sussurrei com a cabeça encostada no queixo dele.

— Prometo. Você e a Mili são minha família, não vou a lugar nenhum sem vocês — respondeu convicto.

— Nem eu.

— Eu preciso te perguntar uma coisa... — murmurou colocando as mãos no meu pescoço e erguendo minha cabeça para olhar para ele.

— O quê? — questionei curiosa. Todavia, ele não teve tempo de responder, porque fogos de artifício estouraram naquele exato momento e eu olhei para cima, ficando em estado de choque. Não eram só fogos de artifício; um letreiro daqueles inúmeros que tinham em Vegas apareceu em um dos prédios ao lado do hotel dizendo o seguinte: *Amanda, você quer se casar comigo?*

— É sério? — indaguei trêmula, sem acreditar que ele estava me pedindo em casamento em Las Vegas, com fogos de artificio e letreiro piscando com o meu nome.

— Claro que é — confirmou, ajoelhando-se à minha frente e tirando uma caixa de veludo do bolso.

— Não posso acreditar nisso — disse com as pernas bambas de nervosismo, ansiedade e felicidade ao mesmo tempo.

— Você não pode duvidar do meu amor. Acho que já provei o quanto sou apaixonado por você.

— Sei disso, mas casamento é algo muito sério — falei, voltando a olhar para o letreiro, que piscava sem parar com o pedido de casamento.

— Você vai me deixar ajoelhado aqui, sem resposta? — reclamou Jonas.

— Você precisa ter paciência comigo, estou nervosa e não estava preparada para ser pedida em casamento.

— Ninguém está, deve ser uma surpresa, senão não tem graça — retrucou dando de ombros.

— Você planejou isso desde cedo, não é mesmo? — questionei, lembrando-me da viagem repentina.

— Sim, eu fiz essa viagem para te pedir em casamento. Você vai responder a minha pergunta? — inquiriu apontando para o letreiro.

— Eu te amo e sei disso há algum tempo. Quase morri quando achei que poderia te perder. Portanto, não vou mais enrolar. Eu aceito seu pedido — falei com os olhos marejados.

— Você vai se casar comigo?! — repetiu a pergunta, eufórico.

— Sim, sim, mil vezes sim! — exclamei empolgada enquanto ele tirava o anel de diamantes da caixa de veludo e o colocava no meu dedo.

— Obrigado, querida! Você acabou de me fazer o cara mais feliz do mundo — afirmou, puxando-me para um beijo enquanto os fogos de artifício voltavam a tomar conta do céu.

— Parece que você planejou bem esse pedido — disse ao ouvir a explosão de fogos no momento em que nos beijamos.

— Sim, eu tive uma ajudinha — respondeu com o olhar perdido.

— Quando vamos nos casar? — perguntei admirando o meu anel de noivado.

— Agora — respondeu sem qualquer sinal de que estivesse brincando.

— Ainda não vamos nos casar, acabamos de ficar noivos — respondi sem entender a sua resposta.

— Mas você aceitou meu pedido — replicou segurando minha mão com carinho.

— Sim, aceitei, mas não imaginava que iríamos nos casar agora.

— Não vou esperar nem um minuto a mais para você ser a minha esposa. Eu acabei de sobreviver a um câncer, estamos em Vegas e não posso esperar para começar a minha vida.

— Tem certeza disso? — questionei insegura.

— Claro que tenho, planejei tudo isso desde a hora em que abri os olhos essa manhã. Não quero perder tempo, tenho uma vida para viver e vou passar toda ela ao seu lado.

— Eu também quero passar minha vida ao seu lado — falei acariciando o seu rosto. Podia ser precipitado, mas eu já tinha sido contagiada pela euforia do Jonas e não tinha mais volta.



Quando ele dissera que tinha tudo preparado, eu não acreditara, mas, assim que voltamos para o quarto e encontrei Jenni, Helena e Mia me esperando, quase caí para trás. Todos tinham embarcado para Vegas para o nosso casamento, e eu fora a última a saber. Até a Mili sabia do matrimônio, a danadinha da minha filha escondera tudo de mim.

— Era *seguedo*, *mammy* — respondeu fazendo um x com os dedinhos em frente à boca para sinalizar que não podia ter contado a mim. Seu gesto foi tão bonitinho que não consegui brigar com ela, só a apertei e beijei muito.

Tudo estava preparado, e, apesar de eu não poder escolher meu vestido de noiva, a Jenni escolheu por mim. Na verdade, minha melhor amiga resgatara

de nossas conversas o vestido dos meus sonhos, ela se lembrara de cada detalhe. Era um vestido simples, tomara que caia, com um tule rodado. Assim que fui maquiada por uma equipe contratada por elas, fizeram um penteado maravilhoso no meu cabelo, que ficou metade preso. Coloquei o vestido e quase chorei de emoção.

— Obrigada por tudo, meninas — agradeci de frente para o espelho.

— Foi um prazer ajudar você — disse Helena, colocando o buquê de flores na minha mão.

— Você merece isso e muito mais, amiga querida — falou Jenni, emocionada.

— Fiquei encarregada de te dar isso — disse Mia ao me entregar uma caixa de veludo preta. Tive que me segurar para não chorar. Era uma pulseira com vários pingentes, tinha uma menina, uma guitarra, um coração e, por fim, Vegas escrita em letras maiúsculas. E um bilhete do Jonas a acompanhava:

É apenas o começo...



Meu casamento foi inesquecível, eu não conseguia parar de pensar em cada detalhe. A capela toda enfeitada de flores e velas brancas. Faltava apenas a presença da minha mãe. Eu quase chorei ao ver minha amiga, minha filha e todos os amigos do Jonas. E, no altar, o homem que eu amava. Eu não precisava de mais nada.

Eu disse sim diante de um cara usando roupa de Elvis Presley e não

poderia estar mais feliz por isso, porque não importava o lugar, as pessoas. Eu estava dizendo sim para o homem que eu amava.

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva — disse o "Elvis", cantando.

Nós nos beijamos apaixonadamente enquanto nossos amigos jogavam pétalas de rosas vermelhas nas nossas cabeças.

Nossa festa de casamento não foi uma festa qualquer. Fomos para uma grande casa de shows em Las Vegas. A banda The Dangers estaria voltando aos palcos naquela noite para um show beneficente em prol das pessoas com câncer. Quando Jonas dissera que tinha pensado em tudo, não estava brincando. Além de se casar naquela noite, ele tinha planejado o show com o intuito de ajudar as pessoas que não tinham os mesmos recursos que ele. O show já estava planejado havia semanas, ele só acrescentara nosso casamento aos eventos do dia.

Eu e a Mili acompanhamos tudo bem ao lado do palco junto com a Helena, a Mia e os outros assessores da banda. Eu nunca tinha assistido a um show de rock antes, por isso fiquei maravilhada com a adrenalina que senti ao ouvir cada música, cada instrumento sendo tocado, a sincronia perfeita que os integrantes da banda tinham no palco. Jonas era o meu preferido, é claro, e quase parei de respirar quando Jack anunciou que seu primo iria encerrar o espetáculo cantando sua música.

Os acordes da guitarra de Jonas começaram a soar, e a Mili saiu de perto de mim e foi até o palco, ao lado do guitarrista. Ele sorriu ao perceber nossa filha no palco consigo e começou a cantar aquela mesma música que fizera para mim alguns meses antes.

— O nome dessa música é *It's always like that*, e eu a fiz especialmente para a minha esposa, Amanda. Venha até aqui, querida, eu quero te apresentar pra galera — disse Jonas ao microfone assim que terminou de cantar.

Se não fosse o empurrão da Mia, eu não teria pisado naquele palco, mas já estava ali e não podia voltar correndo. Respirei fundo e olhei somente para o

Jonas e a Mili enquanto caminhava em direção a eles ouvindo assobios, gritos e palmas. Ainda bem que eu já tinha tirado meu vestido de noiva, iria ser bem vergonhoso cruzar aquele palco o usando.

Assim que cheguei ao lado do Jonas, ele sorriu para mim e me deu um beijo na frente de todo o público. Depois pegou a Mili no colo e declarou:

— Essa é a minha família.

Epílogo

AMANDA

Com você o tempo para
Sem você o tempo voa
Sem você eu perco tempo
Com você me sinto imortal

No seu lugar - Kid Abelha

Depois do meu casamento e do show beneficente, embarcamos para o Brasil em lua de mel. Eu tinha prometido a minha mãe que jamais voltaria para a minha terra novamente. Porém, depois de tudo o que acontecera comigo, eu precisava ver o lugar onde nascera, olhar para aquelas pessoas simples, a casa humilde em que eu crescera e dizer que eu acreditara num sonho, lutara, sofrera, chorara, mas, no fim, realizara-o. Mesmo sendo o maior sonho que uma garota poderia ter.

A pequena cidade no interior de Minas Gerais parou com a chegada de um guitarrista mundialmente famoso. Ficamos apenas um dia lá, e foi o suficiente para causar um alvoroço no local. As pessoas acamparam em frente ao hotel em busca de fotos e autógrafos do Jonas. Ele teve toda a paciência do mundo e não correu dos fãs, atendeu todos que conseguiu e ainda teve uma longa conversa com a minha mãe. Eu não soube o que eles conversaram, mas vi minha mãe sair da sala onde tinham se falado com um sorriso enorme e as chaves de uma casa nova. Ao contrário de mim, ela aceitou o presente com todo o carinho do mundo.

— Você tem um homem maravilhoso nas mãos; cuide bem dele, minha filha — sussurrou ao meu ouvido quando nos despedimos.

— Eu sei disso, mãe — confirmei olhando mais uma vez para o Jonas, que segurava nossa filha no colo e sorria feliz.

Quando deixamos a minha cidade natal, a Mili decidiu ficar com a avó. Elas precisavam se conhecer, e aquela era a oportunidade perfeita para isso. Eu e Jonas embarcamos para Fernando de Noronha, onde meu marido tinha uma casa.

Na verdade, era uma mansão num lugar afastado da ilha. A casa era perfeita, com paredes de vidro, toda mobiliada e sem nenhum vizinho para testemunhar todas as vezes em que caímos sem roupa na piscina ou que ligávamos o som no último volume. Enfim, era a minha lua de mel, e eu aproveitei cada segundo dela. Ficaria mais alguns dias se tivesse levado minha filha comigo.

— Não quero ir embora deste lugar — resmunguei com a cabeça no colo do Jonas enquanto estávamos deitados na areia em frente a nossa casa.

— Você não quer voltar para pegar nossa filha? — perguntou observando o horizonte.

— Claro que quero, podemos pegar a Mili e voltar para este paraíso — expliquei, levantando-me para olhar para ele.

— Você sabe que não posso fazer isso, já tirei férias demais. Temos que voltar para o casamento da Mia, e depois vou entrar em estúdio para compor as canções para o próximo álbum. Teremos uns meses de gravações pela frente. Nada de férias por enquanto.

— Que chato... — resmunguei, insatisfeita.

— Pare de reclamar, que ainda temos dois dias. Podemos aproveitar esse tempo em vez de ficar pensando no fim. Vamos viver o momento.

— Não paro de viver o momento desde que cheguei aqui — respondi sem tirar os olhos dele. Nossa sintonia era tão grande que eu nem precisava dizer o que queria. Bastava um olhar.

E foi exatamente o que fiz. Eu jamais tinha sido tão feliz. Claro que sentia falta da minha filha, ligava para ouvir sua voz doce todos os dias. Entretanto, era a primeira vez em que eu me sentia feliz e realizada. Sabia que nem todos os dias seriam tão maravilhosos assim, porém, eu tinha o Jonas ao meu lado,

e isso era tudo o que importava.

Voltamos para Houston apenas para eu me despedir da Jenni, pegar meus itens pessoais e me mudar com nossa filha para uma cobertura em Manhattan. Minha vida mudou num nível que eu jamais poderia sonhar. Minha filha passara a estudar na melhor escola do país, eu tinha um motorista e um segurança que me acompanhavam a todos os lugares que eu ia e eu nunca mais precisara me preocupar com as contas que tinha para pagar. Porém, nada era mais importante que olhar nos olhos do Jonas todas as manhãs e constatar que ele me amava e que esse amor era recíproco.


UM
RECOMEÇO
SÉRIE OS GAROTOS DE JERSEY, LIVRO 3
CLEIA LIRA

UM RECOMEÇO

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, LIVRO 3

CLEIA LIRA

Playlist

Para ouvir a *playlist* de *"Um recomeço"* no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



Prólogo

MIA

Eu tenho pensado em você
Me apaixono mais a cada dia
Me perco no tempo
Só pensando no seu rosto

One and only - Adele

Deslizei minhas mãos pelo seu corpo quente e toquei os gominhos perfeitos do seu abdômen bem-definido. Seria capaz de lamber cada pedacinho dele se tivesse a oportunidade. Minha pele ardia por seu toque. Sentei-me no seu colo, e suas mãos foram parar na minha cintura, puxando-me ao encontro do seu corpo. Encostei meus lábios no seu ombro, e seu cheiro me deixou inebriada, sem fôlego e querendo cada vez mais. Bastou um toque para que eu descobrisse que ele era tudo o que eu imaginava. Não poderia existir mais ninguém para mim.

Senti sua pele quente nos meus lábios molhados como se experimentasse a mais suculenta de todas as frutas. Desci distribuindo beijos por seu corpo devagar até chegar ao botão entreaberto do seu jeans. Abri o zíper com cuidado, observando seus olhos, que ardiam de desejo. Finalmente ele estava perfeito e era todo meu.

— Trim, trim, trim — o telefone tocou, acordando-me. *Não acredito que eu estava sonhando*, pensei. Como eu não desconfiara antes? Em alguns sonhos, percebe-se que se está sonhando e se pensa: *vou aproveitar*! No entanto, naquele caso, eu não tinha notado nada. — Trim, trim, trim.

— Bom dia pra você também, Giovanna — cumprimentei a assessora da banda do outro lado da linha.

— Desculpe, sei que não gosta de acordar cedo. Mas temos uma

emergência. Jack está voltando para Nova Iorque, e preciso que você cuide dele.

— Cuidar do Jack? — questionei incrédula.

— Você é a nova assistente dele. Não estou pedindo nada impossível, só que não o deixe fazer besteira.

— Como se fosse possível segurar aquele imbecil... Esqueceu que sou prima dele? Aquele cara apronta desde que nasceu — expliquei me levantando da cama e caminhando na direção do banheiro.

— Não sei o que você vai fazer, mas dê um jeito nele; contamos com você.

— Tudo bem, eu prometo tentar. Quem sabe ele não mudou depois do casamento? — resmunguei irritada e larguei o celular na pia do banheiro. Tirei a camiseta que usava e fiquei só de calcinha. *Por que ela não ligou alguns minutos depois? Tinha que ser durante meu sonho quente? Eu precisava de um sonho daquele há tempos,* pensei chateada olhando para o meu rosto frustrado no espelho.

— Eu não sabia que o Jack deixava as *groupies* dormirem no apartamento dele, mas, já que estamos aqui, podemos aproveitar — brincou Freddy parado à porta, que esqueci aberta.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei tentando me cobrir com a camiseta, mas não iria adiantar muito. Ele já tinha visto quase tudo, e a minha pele queimava de vergonha.

— Eu que devia fazer essa pergunta — respondeu se aproximando de mim. Exceto por meus primos, Jack e Jonas, eu ainda não conhecia pessoalmente todos os integrantes da banda. Porém, jurava que seria difícil alguém ser mais impressionante do que o cara parado à minha frente. Conhecia o Freddy pelas fotos da banda, mas pessoalmente ele era bem melhor. Seu cabelo louro estava amarrado num rabo de cavalo, seus olhos verdes me examinavam sem nenhum pudor. Além disso, ele estava usando uma calça preta com o botão aberto, e aquele abdômen, aquelas tatuagens

estavam me matando, ainda mais depois daquele maldito sonho. Eu estava subindo pelas paredes.

— E-eu...s-sou prima do Jack e vou cuidar da assessoria dele, por isso estou aqui — consegui responder depois de gaguejar logo no início.

— Você é a prima do Jack? — perguntou com uma expressão estranha no rosto. Não consegui identificar o que era. Entretanto, ele parecia aborrecido com a minha resposta.

— Sim, meu nome é Mia — disse estendendo uma das mãos enquanto segurava a camiseta, que cobria meus seios, com a outra.

— Não, não sou capaz de pegar a sua mão e sair daqui. Podemos deixar as apresentações para uma hora em que você esteja vestida e de preferência na frente de uma multidão de pessoas.

— Tudo bem, se você prefere assim — falei dando de ombros, porém, perdi o equilíbrio e a camiseta caiu novamente, deixando-me sem roupa à sua frente.

— Puta merda, eu preciso de uma bebida... — murmurou Freddy saindo do banheiro apressadamente, enquanto eu trancava a porta atrás dele. Precisei dar duas voltas completas na chave para não correr o risco de segui-lo.

O casamento

MIA

Porque eu, eu sinto que estou pronta para o amor
E eu quero ser seu tudo e mais
E eu sei que todos os dias você diz
Mas eu só quero que você não se esqueça
Que eu sou sua

***Yours* - Ella Henderson**

Cinco anos depois.

Nunca tinha imaginado que aquele dia chegaria. Eu havia passado por tanta coisa para enfim acordar num hotel luxuoso cheio de pessoas para me paparicar o dia todo.

Entrei na banheira, que já estava quentinha me esperando. Conforme eu mergulhava meu corpo na água, as pétalas de rosas vermelhas afundavam. Coloquei meus pés sobre a torneira à minha frente, fechei os olhos, e tudo o que me veio à mente foi a primeira vez em que dormira com o Freddy.

Passamos meses nos evitando depois daquela cena lamentável no banheiro quando nos conhecemos. Tivemos de nos encontrar várias vezes, porém, ele sempre me ignorava, até que, depois de um show no Brasil, algo mudou. Ele bebeu demais, e eu tive que levá-lo até o seu quarto. Eu não devia ter me oferecido para isso; estava "secando" Freddy com os olhos havia semanas, por isso não resisti quando ele confessou que também não parava de pensar em mim desde que me vira nua no banheiro. Ficamos juntos naquela noite, porém, no dia seguinte ele saiu correndo da minha cama como o diabo corre da cruz.

— Sei que as noivas costumam se atrasar, mas não vamos deixar o Freddy tão nervoso. Não parece ser uma boa ideia irritá-lo no dia do seu casamento — disse Helena, interrompendo meus pensamentos ao aparecer de repente no banheiro para me buscar. A esposa do meu primo Jack, além de colocá-lo nos eixos, também se tornara uma das minhas melhores amigas. A morena linda e meiga chegara de repente e nos conquistara um a um.

— Desculpe, eu estava distraída — falei pegando o roupão que ela estendia para mim.

— Vamos lá, hoje é o seu dia! — comemorou saindo do banheiro.

— Estou tão empolgada! — exclamei amarrando o roupão na cintura.

Quando voltei ao quarto, não estava mais sozinha. Havia pelo menos meia dúzia de pessoas com muitas sacolas nas mãos. Além de Helena, Amanda, esposa do meu outro primo, Jonas, também apareceu para me ajudar. Eles eram recém-casados e, depois de passarem por uma doença que quase o matara, estavam felizes por compartilhar esse momento conosco.

— Você está com uma pele linda — comentou Amanda, abraçando-me.

— Obrigada. E onde está a pequena Mili? — questionei procurando a filha dela pelo quarto.

— Ficou com o Jonas. Eu queria te ajudar nesse momento, não te atrapalhar.

— A Mili nunca atrapalha, eu amo a minha priminha — rebati, referindo-me à pequena Mili, a criança mais encantadora que eu conhecia. Ela entrara na família depois que Jonas se casara com a mãe dela.

— Todos amamos, mas as crianças perguntam demais. Pode ficar tranquila, você vai vê-la entrar na igreja ao lado do Adam jogando as flores — informou Amanda sorrindo para mim.

As garotas me ajudaram a escolher meu vestido de noiva. Depois de muita pesquisa, eu acabara escolhendo um clássico Valentino, feito sob medida para mim. O vestido era tomara que caia, com um cinto de diamantes

brancos e uma saia rodada com babados de tamanhos diferentes, nada extravagante, mas era o vestido mais romântico que eu já tinha visto. O toque final ficara por conta do véu de cinco metros; esse, sim, era extravagante. Porém, nós nos casamos tradicionalmente somente uma vez, por isso resolvi fazer tudo que eu tinha vontade.

A equipe que estava me esperando no quarto não perdeu tempo. Duas horas depois, eu estava maquiada e com o cabelo arrumado. Pedira para fazer uma trança com pétalas de rosas nude e brancas em pontos estratégicos. Assim que me virei, olhei para a cama e encontrei meu vestido. Ele parecia ainda mais bonito do que quando o experimentara pela última vez, quase uma semana antes.

— Vamos sair para te dar um pouco de privacidade — informou um dos maquiadores, que ainda estavam organizando suas coisas.

— Tudo bem, eu consigo me vestir sozinha — disse sem tirar os olhos do vestido.

— Nada disso, nós vamos te ajudar — contestou Helena, fechando a porta, enquanto Amanda pegava o vestido.

Eu necessitava de ajuda mesmo, era impossível colocar aquele vestido de noiva sozinha – percebi depois. Precisei das duas para enfim me ver vestida e comecei a chorar diante do meu reflexo no espelho.

— Pare com isso, não queremos estragar a maquiagem — pediu Amanda, secando meus olhos com cuidado para não borrar a maquiagem perfeita que os profissionais haviam tido tanto cuidado para fazer.

— Bom, acho que estou pronta — comentei passando a mão no vestido para aliviar o nervosismo.

— Ainda não, falta algo novo, algo velho, algo emprestado e algo azul. Bem, o vestido já supriria a parte do “novo”, mas alguém quer te dar um presente — falou Amanda empolgada.

— Não preciso dessas coisas — retruquei, sem dar importância.

— Nada disso, você é a única de nós que terá um casamento tradicional, não podemos esquecer nenhum detalhe. Por favor, faça sua amiga feliz — implorou Helena segurando uma caixinha azul nas mãos.

— Tudo bem, o que você tem aí? — perguntei curiosa.

— Algo azul — respondeu me entregando a caixinha para que eu a abrisse. Tive uma surpresa ao notar o que tinha dentro.

— Uma liga de perna azul bebê — anunciei pegando a minúscula peça íntima.

— Vamos, pare de enrolar e a coloque logo — pediu Amanda, segurando outra caixa.

— O que é isso? — indaguei depois que consegui colocar a liga na minha coxa direita.

— Seu pai mandou te entregar — explicou colocando a pequena caixa de veludo branco nas minhas mãos.

Quando soube que era um presente do meu pai, fiquei muito curiosa para saber o que era. E quase chorei ao ver que ele tinha me presenteado com os brincos de pérola da minha mãe. Aqueles brincos estavam na família havia gerações, e minha mãe os ganhara no dia do seu casamento.

— Não acredito que ele se lembrou dos brincos da mamãe — comentei me lembrando com saudades da minha mãe, que não estava mais entre nós.

— Algo velho — explicou Helena, ajudando-me a colocar os brincos e desviando minha atenção dos pensamentos tristes.

— O próximo é um presente do Freddy — disse Amanda me entregando uma caixa vermelha. Abri-a devagar e fiquei surpresa ante a delicadeza do presente. Era uma pulseira de ouro branco com um pingente de bateria.

— Eu amei — revelei tentando colocar a joia.

— Esse é o seu algo novo — informou Helena me ajudando a fechar a peça.

— E algo emprestado? Quem vai me entregar? — questionei empolgada.

— Esse ficou difícil e quase não conseguimos arrumar, porém, no último minuto, Helena se lembrou de algo — respondeu Amanda me entregando a última caixa.

— Eu usei esse broche no meu casamento em Vegas. Nem sei se ele é valioso, mas tive tanta sorte desde então que gostaria de te emprestar — explicou Helena, tirando o objeto da caixa e o colocando em meu cabelo. Ele era delicado e combinou perfeitamente com as flores.

— Acho que agora estou pronta — anunciei com as pernas bambas de nervosismo.

— Você está, mas a gente, não — informaram as duas ao mesmo tempo.

— Vocês ainda terão tempo, podem ir se arrumar. Já estão lindas, só falta colocarem os vestidos — falei, despedindo-me das minhas amigas. Elas seriam minhas madrinhas de casamento e já estavam quase prontas, uma vez que os maquiadores tinham aproveitado para arrumá-las enquanto eu estava relaxando na banheira.

Saí do meu quarto depois de alguns minutos e encontrei Roger, meu pai, no corredor. Ele parecia o mesmo de sempre, exceto que, dessa vez, usava um terno cinza-escuro. Eu nunca o vira tão elegante.

— Você está maravilhoso, papai — elogiei ao abraçá-lo.

— Não exagere, você que está linda, minha filha querida. Estou tão feliz por você compartilhar esse momento comigo.

— Você é tudo que tenho, papai — confessei, beijando seu rosto.

— Não mais — respondeu satisfeito. Eu sabia que meu pai se esforçava muito para preencher o vazio que minha mãe deixara ao falecer tão cedo, depois de descobrir um câncer de mama. Eu tinha apenas sete anos. Foi muito difícil para o meu pai cuidar de uma criança sozinho. No entanto, ele estava fazendo um bom trabalho, até eu completar 12 anos e ele se casar novamente

com a megera da minha madrasta, que tinha duas filhas pequenas. Tive de suportar minha madrasta e suas filhas rabugentas durante cinco anos. Foram os piores da minha vida.

— O senhor está certo, agora eu tenho o Freddy — concordei. Papai tinha razão; a partir daquele dia, eu teria meu marido e uma família só minha.

Chegamos à ST. Patrick's Old Cathedral vinte minutos atrasados, e não foi devido ao trânsito caótico da Big Apple naquela manhã. Demoramos mais do que o previsto porque o motorista do Rolls-Royce não conseguia estacionar em frente ao hotel para nos pegar. O lugar estava lotado de fotógrafos e curiosos. Quando, enfim, os seguranças conseguiram me escoltar até o carro, uma avalanche de flashes foi disparada na minha direção. Todavia, não me importei com isso; eu estava feliz. Acenei para todos e entrei no carro ao lado do meu pai.

Parei à porta da igreja enquanto Adam e Mili se posicionavam à minha frente e uma mulher arrumava meu véu. Fechei meus olhos, apertei com força o buquê de rosas vermelhas e pensei na noite maravilhosa em que o Freddy me pedira em casamento em Paris. Eram 4h da manhã, tínhamos terminado mais um show. Ele saiu do palco eufórico, arrastando-me até o último andar da Torre Eiffel. Eu ainda não sabia como ele conseguira permissão para entrar lá naquele horário. *Acho que não existe nada nesse mundo que Freddy Spencer não possa fazer.* Eu jamais me esqueceria de quando ele colocara o anel de diamantes no meu dedo enquanto o sol nascia. Embora o que estava prestes a acontecer ali, naquela catedral, disputaria o primeiro lugar no quesito memórias inesquecíveis. Meu coração ainda está dividido entre os dois.

Quando abri os olhos, a porta estava aberta, e a igreja, lotada. Entretanto, a primeira pessoa que vi foi o Freddy, parado no altar, me esperando. Ele estava lindo, com os cabelos longos amarrados na nuca, a barba bem rente ao rosto, um terno cinza claro que estava perfeito nele.

Caminhamos devagar até o altar. Assim que chegamos, meu pai me entregou a Freddy, que veio ao nosso encontro.

— Esse é o meu maior tesouro; cuide bem dela — disse papai ao meu

futuro marido.

— Deixa comigo — falou meu noivo, piscando para mim. Segurou a minha mão, e paramos juntos em frente ao altar.

Não prestei atenção ao que o arcebispo disse durante boa parte da cerimônia; estava tão nervosa, agitada, empolgada, que segurei forte a mão do Freddy e esperei alguém me dizer o que fazer.

A pequena Sophia, filha do Jack e da Helena, entrou com as alianças enquanto Rick tocava *Hallelujah* no piano.

— Eu prometo te amar com tudo o que tenho todos os dias da minha vida; admirar seus sorrisos e cuidar para que eles nunca saiam do seu rosto lindo e sejam a minha recompensa todas as manhãs — sussurrou Freddy enquanto colocava a aliança no meu dedo.

— Eu prometo estar ao seu lado e ser seu porto seguro sempre que precisar de mim. Eu quero adormecer e acordar no aconchego do seu abraço todos os dias da minha vida — murmurei ao fazer o mesmo.

— Agora vocês são marido e mulher. Pode beijar a noiva — anunciou o arcebispo ao final da cerimônia.

— Eu só esperava por isso. Você está linda, e eu sou o cara mais sortudo do mundo por ser seu marido — murmurou Freddy no meu ouvido antes do nosso beijo.

Saímos da igreja recepcionados por uma chuva de pétalas de rosas brancas e arroz. Meu cabelo e meu vestido, bem como o fraque do Freddy ficaram cobertos deles, mas éramos o casal mais feliz do mundo. Nada podia atrapalhar a nossa felicidade.

A recepção do casamento foi no Mandarim Oriental New York, com uma linda vista de toda a Manhattan. Comemoramos, com nossos amigos, familiares e funcionários, uma nova etapa da nossa vida. Todos eram só sorrisos. Jack fez um brinde ao feliz casal. Minha madrasta veio me cumprimentar. Nem fiquei chateada com ela; não naquele dia. Meu coração estava tão cheio de amor que não tinha qualquer espaço para ressentimentos.

Eu só sorri e a abracei.

— Obrigada por ter vindo — agradeci a encarando por um instante. *Olha bem pra mim, megera, e engole minha felicidade*, pensei, saindo de fininho para ir cumprimentar os outros convidados. Não queria ter de encontrar as filhas dela. Josie até que era legal. Porém, Melanie era igualzinha à mãe, difícil de engolir.

Saímos da festa apenas duas horas após entrar nela. Descobri depois que a comemoração se estendeu até anoitecer e os garotos saíram de lá totalmente embriagados, exceto Jonas, que não podia beber. Depois das fotos, da valsa, de partir o bolo de cinco andares e jogar o buquê, eu só conseguia pensar na lua de mel, por isso não conseguimos encontrar uma razão para esperar mais. Por que adiar o que mais queríamos no momento, que era ficar sozinhos?

Lua de mel

MIA

Ninguém vai me amar melhor
Eu tenho que ficar com você para sempre
Ninguém vai me levar mais alto
Tenho que me juntar a você
Você sabe me agradar

Stickwitu - Pussycat Dolls

Nosso destino era surpresa. Freddy fizera questão de esconder de mim todos os detalhes da nossa lua de mel. Ele preparara tudo sozinho, e eu estava ansiosa para descobrir se iria gostar do lugar escolhido por ele. Saímos da festa direto para o jatinho da banda, que nos aguardava no aeroporto de Newark.

— Nunca viajamos sozinhos neste avião — comentei enquanto subia os degraus para entrar na aeronave.

— Sempre tem uma primeira vez — respondeu Freddy.

Nós nos sentamos, afivelamos os cintos de segurança e esperamos o avião decolar. Quando, enfim, a nave estava no ar, levantei-me. Freddy também ficou de pé e me tomou no colo. Ainda bem que o corredor do avião não era muito estreito.

— Acho que não precisa me carregar no colo aqui. A tradição manda fazer isso à porta da nossa casa — expliquei segurando no pescoço dele para me apoiar.

— Que se danem as tradições, vou carregar a minha esposa no colo quantas vezes eu quiser — resmungou me levando direto para a pequena

suíte no final do jato.

— O que você pretende fazer? — inquiri já sabendo a resposta enquanto ele me jogava na cama e tirava seu blazer com cuidado. Ele sabia o quanto eu era louca pelo seu corpo e se aproveitava disso sempre que podia.

— Só quero privacidade para trocar de roupa com a minha esposa — respondeu dando de ombros.

— Tem certeza de que é só isso?

— Eu não sei. Você poderia me ajudar, e, se tudo der certo, vamos fazer amor a alguns quilômetros de altura.

— Acho que você terá que me ajudar primeiro — falei, tentando tirar sem sucesso meu vestido de noiva.

— Deixa isso comigo, tirar vestidos é a minha especialidade — disse se aproximando para me ajudar com a quantidade de botões que havia no corpete às minhas costas.

— Espero que sejam só os meus vestidos que você tire a partir de agora — repreendi-o.

— Eu só quero tirar as suas roupas, minha esposa — respondeu, puxando meu vestido com tanta força que todos os botões foram parar no chão.

— Você estragou meu vestido de noiva! — resmunguei olhando para os botões.

— Não tive culpa. Quem mandou colocar tantos botões num único vestido? Eu ficaria a noite toda tentando abrir todos eles — falou sem se importar com o estrago que tinha feito. Contudo, foi graças àquele puxão que fiquei só de lingerie bem mais rápido do que imaginava.

As mãos de Freddy começaram a deslizar pelo meu corpo. Não importava quantas vezes ele tivesse feito aquilo, não importava quantas vezes seus lábios tivessem se encontrado com os meus, cada vez era sempre única, e a reação do meu corpo às suas carícias, cada vez mais intensa. Com o passar do

tempo, eu havia achado que diminuiria a atração arrebatadora que eu sentia por ele desde a primeira vez em que o vira. No entanto, ela só aumentava e, naquela noite, estava transbordando por cada poro que havia em meu corpo.

Como resistir quando se tem à mão o baterista mais sexy, sem camisa, com o cabelo louro e comprido preso num rabo de cavalo todo bagunçado pelos meus dedos inquietos? Seus olhos verdes estavam brilhando de desejo, querendo somente uma coisa: a mim.

Enrosquei minhas pernas na sua cintura e me entreguei sem qualquer reserva. Era assim que eu sempre fazia quando estava com ele. Cada pedacinho do meu corpo foi explorado por seus beijos ávidos e molhados, e só paramos de nos amar quando o piloto anunciou que pousaria dentro de instantes na Cidade Luz. Quase não acreditei quando ouvi pelo autofalante do avião que minha lua de mel seria em Paris, minha cidade preferida.

— Não acredito que nossa lua de mel vai ser em Paris! — exclamei empolgada, beijando meu marido agradecida.

— Essa é apenas nossa primeira parada, meu amor. Nossa lua de mel está apenas começando, e você vai ter uma surpresa atrás da outra — explicou Freddy, retribuindo o beijo com mais intensidade. Porém, tivemos de parar depois que o piloto insistiu que precisávamos sair do quarto para nos sentar e afivelar os cintos de segurança. Tivemos que colocar nossas roupas bem depressa. A sorte era que havia uma bagagem de mão na suíte com roupas que poderíamos usar.

Aterrissamos em Paris quando estava amanhecendo. Saí do avião e tive que tirar meus óculos escuros para apreciar o nascer do sol na cidade mais romântica que eu conhecia. Aproveitei o momento para puxar Freddy, que descia ao meu lado, para tirar uma selfie. Ele nem teve tempo de tirar seus óculos quando eu o surpreendi dando um beijo em seu rosto enquanto o sol nascia majestoso atrás de nós. Eu iria guardar aquela foto para sempre. Ela ficou perfeita e capturou aquele momento de alegria. Eu não estava apenas feliz; transbordava de felicidade, o que me deixava radiante, tão linda quanto o sol.

Eu já havia estado em Paris algumas vezes desde que começara a

assessorar o Jack, mas nunca tivera oportunidade de explorar a cidade como eu queria, nem mesmo quando ficara noiva no alto da Torre Eiffel, e Freddy sabia disso. Eu me sentia muito grata por ele ter se lembrado.

Ficamos hospedados no Hôtel de Crillon, um dos mais luxuosos de Paris. Freddy fez questão de reservar a suíte mais cara, chamada de Suíte Bernstein, com vista para a Torre Eiffel, o obelisco da Place de La Concorde e os Jardins des Tuileries. O lugar era esplêndido, nunca vira nada igual. O hotel tinha sido reinaugurado depois de ficar um tempo fechado, e éramos os primeiros hóspedes daquela exclusiva suíte.

Logo na primeira noite, saímos para jantar num restaurante exclusivo na Torre Eiffel. Chegamos bem tarde para evitar os *paparazzi*, que ainda se perguntavam onde o guitarrista da The Dangers tinha ido passar a lua de mel. Até então estávamos conseguindo despistá-los; assim que eles descobrissem nosso destino, já estaríamos bem longe dali.

O jantar foi romântico, com a luz da lua como testemunha. Ficamos num cantinho escondido das outras pessoas e passamos despercebidos a noite toda, e isso era difícil de acontecer. A sorte estava do nosso lado. Bastava aproveitar cada segundo.

— É muito bom sair para jantar sem flashes no seu rosto o tempo todo, nem pessoas desesperadas pedindo autógrafos — comentou Freddy, bebendo um gole do seu vinho.

— Pensei que gostasse de chamar atenção por onde passava — afirmei para provocá-lo. No fundo eu sabia que a invasão de privacidade constante dos *paparazzi* não agradava a nenhum dos integrantes da banda.

— Não acredito que está me dizendo isso — murmurou incrédulo.

— Relaxa, só estou brincando com você — falei segurando a sua mão enquanto bebia meu vinho também.

— O que vamos fazer amanhã? — perguntou enquanto enchia sua taça com mais vinho. Realmente aquele era o melhor vinho que eu já havia tomado na vida. Precisava me lembrar de anotar o nome para nossos

próximos jantares.

— O mais gostoso em Paris é andar sem destino — respondi sorrindo.

— Sim, mais precisamos parar em algum lugar — sugeriu ele olhando para a vista magnífica do restaurante. Naquele ponto em que estávamos, podíamos observar quase toda a Cidade Luz, que brilhava maravilhosamente, convidando-nos a explorá-la.

E foi isso o que fizemos no dia seguinte, sem qualquer plano ou metas já estabelecidas. Caminhamos de mãos dadas pelas ruas bucólicas da cidade histórica, misturamo-nos a outros turistas e passamos despercebidos pelas pessoas, que caminhavam despreocupadas, admirando a linda vista e nem um pouco preocupadas com um jovem astro do rock e sua esposa. Paramos para conhecer a Île de la Cité, o marco zero de Paris, onde começa a cidade, uma pequena ilha bem no meio do rio Sena. Nesse minúsculo pedaço de terra está localizada a Catedral de Notre-Dame.

— Nunca estive aqui antes — disse Freddy assim que entramos na catedral.

— Eu também não — emendei, encantada com a arquitetura da igreja, o teto alto e ornamentado, os lustres que seguiam até o altar. Porém, Freddy gostou mais das criaturas de pedra que pareciam penduradas nas torres da igreja, as gárgulas.

Não ficamos circulando muito por ali; havia muitos turistas, e alguém poderia reconhecer o baterista da The Dangers, o que não queríamos, não na nossa lua de mel.

Depois do tour rápido por Notre-Dame, sentamos para namorar numa das praças mais charmosas da cidade, Place Dauphine. A atmosfera romântica do lugar mais reservado nos deu a privacidade que estávamos buscando para trocar um beijo apaixonado.

Contudo, nem só de paisagens e amor vive o homem, e precisávamos comer, por isso paramos na cobertura do Terrass Hôtel, um lugar romântico com vista para a Torre Eiffel. Experimentei o prato do chef e me acabei nas

sobremesas. Os doces franceses eram os melhores.

O resto do dia passou num piscar de olhos. Ficamos caminhando sem rumo admirando o rio sena e passeando de barco por suas margens.

Por fim fechamos a noite com um jantar no Chez Julien, à beira do rio Sena, repleto de janelas com vista para a cidade, melhor lugar para se encerrar nossa primeira noite.

Voltamos para o hotel esgotados, mas muito animados e felizes. Jamais havíamos passado tanto tempo juntos, sem qualquer interferência dos outros integrantes da banda, de seguranças, da imprensa. Era nosso momento, e eu estava adorando cada pedacinho dele. Ter a atenção do Freddy só para mim era meu sonho desde que começáramos a namorar, e em alguns momentos achei que isso seria impossível. Ainda bem que eu nunca desistira; aqueles momentos ao seu lado eram preciosos, e eu não queria os esquecer jamais.

— Você não acha que vou te deixar dormir sem cumprir o seu papel de esposa, não é? — questionou Freddy saindo do banheiro só de toalha e entrando debaixo dos lençóis comigo.

— Não faço ideia do que está falando — fiz-me de desentendida.

— Você sabe muito bem o que eu quero — disse me puxando para o seu lado. Eu queria resistir mais um pouco, mas era impossível; quando suas mãos quentes deslizavam pelo meu corpo, eu só pensava nele, só queria a ele, e mais nada tinha importância para mim.

A roda gigante

FREDDY

Porque tudo de mim
Ama tudo de você
Amo as suas curvas e seus contornos
Todas as suas imperfeições perfeitas
Me dê tudo de você
Eu darei tudo de mim para você

All of me - John Legend

Alguns dias depois do casamento, eu e Mia desembarcamos em Londres. Depois de explorar Paris, estávamos exaustos, por isso ficamos dois dias inteiros trancados na suíte do Milestone Hotel. Tivemos o melhor serviço de quarto do mundo, e sair da cama não era mais uma prioridade para mim.

Abri meus olhos por causa da claridade que vinha da janela. Parecia que Londres decidira que teria um lindo dia, exatamente o oposto do que tínhamos visto até o momento. Desde que chegáramos, só chovia. Olhei para o lado, e Mia estava dormindo tão tranquilamente que não quis acordá-la. Deslizei devagar, ainda sem roupa, e corri para o banheiro. Liguei o chuveiro na potência máxima.

Poucas pessoas sabiam por que eu adiara tantas vezes meu casamento. Ali, ao lado da mulher que eu amava com todo o meu coração, ainda não sabia se tomara a decisão certa. Ainda achava que eu não merecia uma mulher como a Mia, mas tinha sido egoísta e a prendera ao meu lado. Restava saber até quando. Não é fácil manter um relacionamento, e, com todos os meus problemas, eu tinha a impressão de que, após o casamento, seria ainda mais difícil.

A água estava tão boa que eu fechei meus olhos e esqueci por um momento aquele sentimento de fracasso que carregava comigo; pelo menos

durante a lua de mel, eu fingiria que ele não existia. Desliguei o chuveiro e saí do banheiro com duas toalhas, uma em torno da cintura e outra secando meu cabelo. Eu era o único integrante da banda que tinha cabelos compridos e não me sentia nem um pouco pressionado por isso. Havia deixado que eles crescessem ainda no ensino médio e descobrira que as garotas amavam, ao contrário do meu pai, que odiava. Ser um militar manteve o cabelo dele rente à cabeça sua vida toda. Até mesmo depois que se aposentara, ele conservava o mesmo estilo de corte. Manter meu cabelo longo sempre o irritara.

Eu era a ovelha negra da família. Minhas irmãs eram perfeitas e estavam frequentando universidades da Yve League, eram o orgulho da família, enquanto eu só terminara o ensino médio. Meu dever era seguir a carreira militar e continuar a tradição da família. Todos os homens serviram à marinha, exceto eu. Quebrei o ciclo, e meu pai me odiava por isso. Não importava quantos milhões de dólares eu ganhasse, nada podia substituir uma carreira militar na cabeça dele.

Sequei meus cabelos mais uma vez e peguei meu celular na mesinha ao lado da cama. Deslizei meu dedo para ver as mensagens e percebi que tinham quatro chamadas não atendidas da minha mãe. *Estava demorando*, pensei frustrado. Normalmente ela me ligava todos os dias. Poucas vezes eu conseguia retornar as ligações, mas não podia ignorá-la por muito tempo. Se não falasse com ela, meu pai me ligaria também, e a última coisa que eu precisava no momento era uma conversa com ele. Apertei a tecla para retornar a ligação e esperei impaciente olhando pela grande janela de vidro.

— Alô? Querido, ainda bem que você retornou minha ligação! — falou minha mãe, eufórica.

— Alguma coisa urgente? — perguntei preocupado.

— Não, eu só queria saber como você está.

— Estou bem, mãe. Melhor, impossível — disse olhando para Mia, que se espreguiçava na cama ainda sem roupa.

— E a Mia está bem?

— Claro, mãe, ela ainda não fugiu correndo — brinquei piscando para a minha esposa.

— Pare de brincar com tudo, meu filho. Na verdade, eu gostaria de convidar vocês para um jantar aqui em casa quando voltarem da lua de mel.

— Em Washington? — questionei surpreso.

— Claro! Você precisa trazer sua esposa para conhecer sua família.

— Mia já conhece minha família — argumentei irritado.

— Claro que conhecemos sua esposa, mas precisamos ficar mais próximos, e o jantar vai ser perfeito para isso.

— O pai pediu que a senhora fizesse esse convite? — perguntei cauteloso.

— Não imagine coisas, meu filho. Só quero conhecer melhor a minha nora e ter uma relação saudável com ela. Quem sabe assim você possa me visitar mais vezes? São apenas cinco horas de distância. Mas você só aparece uma única vez no ano.

Se dependesse de mim, não apareceria nunca, pensei tocando no vidro da janela.

— Tudo bem. Eu vou falar com a Mia, mas não prometo nada — respondi me desviando do assunto.

— Vou esperar, e, por favor, me envie fotos da viagem. Não quero ver as fotos do meu filho apenas nas revistas e jornais.

— Ok! Vou mandar fotos. Agora preciso desligar, que a Mia precisa de mim — falei, largando o celular num canto.

— Eu não me lembro de chamar você — comentou minha esposa desconfiada, sentando-se e se cobrindo com o lençol.

— Tem certeza de que não precisa de mim? — inquiri já me sentando na cama bem perto dela.

— Talvez — falou, soltando o lençol.

— Você não pode acordar desse jeito e esperar que eu não tome uma atitude — comentei, beijando o seu pescoço.

— O que a sua mãe queria? — questionou se desviando das carícias que eu estava depositando na sua orelha.

— Nos convidar para um jantar em Washington.

— Você aceitou? — indagou, distribuindo beijos no meu ombro.

— Falei que iria pensar a respeito. Agora vamos parar de enrolar e terminar logo com isso — disse, puxando-a para mim. Assim que estava debaixo de meu corpo, toda vulnerável e linda, beijei e acariciei toda a sua pele macia. Nenhum lugar foi esquecido ou negligenciado, e só parei quando ela gritou meu nome. Logo depois a surpreendi a possuindo de uma vez. Não houve receio, nem espera, foi duro e forte como sempre era com ela.

— Acho que preciso de outro banho — comentei rolando para o outro lado da cama.

— Eu também — respondeu sorrindo e correndo até o banheiro. Sua intenção era fechar a porta antes que eu conseguisse entrar, mas não teve chance, pois fui mais rápido e consegui entrar junto com ela e ainda jogá-la no meu ombro.

— Pare com isso, Freddy! — gritou impaciente batendo nas minhas costas.

— Você quer descer?

— Quero — falou emburrada, mas decidi atender ao seu pedido. Liguei o chuveiro na água gelada e a coloquei embaixo. Minha brincadeira teria surtido efeito se eu também não estivesse me molhando todo. Alguns segundos depois, voltei a ligar a água quente, e minha mulher parou de bater os dentes de frio e conseguiu tomar o seu banho.

— Não tem graça — comentou se enrolando na toalha e fugindo de mim.

— Foi só uma brincadeira, além disso a água nem estava tão gelada — comentei tentando amenizar a situação, porque a água estava, sim, muito gelada.

— Eu ainda vou descontar. Pode demorar, mas tenha a certeza de que vou dar o troco — falou decidida.

— Tudo bem, vou esperar esse dia ansiosamente.

Passamos a tarde e a noite toda fora do hotel. Alguns lugares já conhecíamos, mas, dessa vez, foi diferente. Passear de mãos dadas pelas ruas sem ser reconhecido foi muito bom. E, no fim do dia, paramos num típico pub inglês, assistimos a uma partida de futebol e bebemos todas. Na verdade, eu bebi todas, pois Mia bebeu apenas duas taças de vinho.

No dia seguinte fizemos um piquenique no Regent's Park e depois assistimos a *O Fantasma da Ópera* no West End. À noite subimos na roda-gigante London Eye, um dos lugares mais bacanas, de onde se pode observar toda a cidade, e foi lá que tirei uma selfie abraçando a Mia e a enviei para a minha mãe. Assim ela não reclamaria mais por não ter minhas fotos. Eu apostava que nenhum *paparazzi* teria aquela. Depois do passeio emocionante na roda-gigante, aproveitamos a noite esplêndida para fazer um cruzeiro noturno pelo Tâmisa. Os cartões postais da cidade vistos a partir do rio eram além do que eu poderia imaginar.

No último dia na cidade, quase não saímos do hotel. Mia decidiu fazer compras no final da tarde, e à noite jantamos no restaurante do Hilton Hotel. Nem prestei muita atenção à comida; o cardápio de bebidas dali era dos melhores.

— Essa vista é linda — comentou Mia, olhando para o Hyde Park, que ficava bem em frente ao hotel.

— Você que é linda — disse erguendo uma taça de champanhe para brindar com ela.

— Não precisa mais me seduzir, eu já casei com você — falou tocando sua taça na minha.

— Só porque somos casados não significa que não vou mais elogiar minha esposa. Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida — disse a verdade segurando na mão dela e acariciando seu anel de diamantes; ficara perfeito no seu dedo.

— Você imaginou que se casaria comigo naquela primeira noite em que dormimos juntos?

— Não, nunca pensei em casar com ninguém. Porém, depois daquela noite, eu sabia que não existiria nenhuma mulher pra mim além de você.

— Como você sabia disso? Estava mais bêbado do que um gambá — comentou sorrindo.

— Talvez eu estivesse bêbado, mas no dia seguinte eu estava sóbrio e ainda assim queria você.

— Não foi isso que pareceu, quando você acordou e saiu correndo — disse magoada.

— Eu fiz besteira, não podia tocar em você. Jack e Jonas me ameaçaram quando perceberam meu interesse.

— Já sei dessa história e sei que você nunca cumpriu nenhuma ordem deles.

— Não foi por causa da ameaça dos meus companheiros de banda que saí correndo do quarto na manhã seguinte.

— E posso saber a razão?

— Você é boa demais pra mim — disse voltando a encher minha taça de champanhe.

— Não aguento mais ouvir você dizer isso. Estamos casados agora, e eu não pretendo ir a lugar algum, sendo boa demais ou não — declarou decidida, puxando-me para um beijo. Seus lábios eram tão macios e estavam com gosto de champanhe. Eu nunca havia experimentado nada melhor.

Toscana

MIA

Quando estou perdida na chuva
Nos seus olhos, sei que irei encontrar
A luz para iluminar meu caminho
Quando estou assustada, perdendo o chão
Quando meu mundo fica louco
Você pode transformar tudo ao redor

I turn to you - Christina Aguilera

Eu amo Paris, a atmosfera romântica da cidade e os lugares exuberantes. Entretanto, depois de dormir durante o voo após embarcar no aeroporto em Londres e entrar no carro ainda sonolenta ao desembarcar em Florença, já não tinha tanta certeza se Paris ainda era a minha cidade favorita. Fugimos da concentração de pessoas e turistas que encontráramos na Cidade Luz e em Londres para a calmaria e a beleza natural da Toscana, na Itália, mais precisamente o interior, em Cortona.

— Vamos ficar em um hotel? — questionei ao Freddy, que estava sentado ao meu lado enquanto o motorista nos levava ao nosso destino.

— Não, eu tenho uma vinícola em Cortona — respondeu tirando os óculos de sol para observar melhor as videiras à nossa frente.

— Você tem uma casa aqui? Como eu nunca soube disso?

— Porque você nunca perguntou. Nunca vim até aqui, comprei a *villa* alguns anos atrás. Me pareceu legal produzir o meu próprio vinho.

— Você está brincando comigo? — perguntei incrédula sem tirar os olhos da janela, admirada com as videiras que pareciam se perder de vista.

— Não sei por que você está tão surpresa. Só tenho uma vinícola, algo

natural para um apreciador de bons vinhos como eu — explicou dando de ombros.

— Tudo bem, só fiquei surpresa — respondi abraçando-o.

Passamos alguns minutos agarradinhos, enquanto o motorista seguia devagar pelas ruelas da cidade até parar em frente a uma casa antiga, mas bem cuidada. O jardim era impressionante e deixava a casa toda feita de pedras ainda mais impressionante.

Descemos assim que o carro parou. Freddy pegou na minha mão e, antes que eu percebesse, estava me carregando no colo até a sala de estar da casa. A porta estava aberta, e uma senhora nos aguardava no hall de entrada.

— *Sono i benvenuti, signor* Spencer! — cumprimentou a senhora, sorrindo.

— *Grazie*, Filomena — respondeu Freddy ao me colocar no chão e observar a sala com olhos atentos.

— *Grazie*, Filomena — cumprimentei ao passar por ela. Eu estava encantada com aquela casa, totalmente rústica por fora, mas incrivelmente moderna por dentro. A sala tinha o pé direito alto e era enorme, com pequenos espaços organizados em lugares estratégicos. Tinha um grande sofá modular branco cheio de almofadas coloridas, um tapete bege bem em frente à lareira de pedra. No outro canto, havia uma mesa de madeira com seis cadeiras com lindos estofados brancos. No teto, um lustre gigantesco dava um ar requintado ao ambiente. Por fim, havia uma estante de livros com poltronas ao lado para dar conforto aos seus leitores. Eu jamais imaginara que Freddy gostasse de ler.

— Não sabia que você gostava de ler... — comentei tirando uma biografia de Beethoven da prateleira.

— Eu tenho os meus momentos, mas não fui eu quem fez a decoração dessa casa. Contratei um arquiteto. Se quiser mudar alguma coisa, fique à vontade — falou no meu ouvido, atrás de mim.

— Não quero mudar nada — anunciei devolvendo o livro à prateleira e

seguindo em direção à cozinha.

A casa tinha conceitos abertos, e a cozinha ficava separada da sala por um balcão de madeira rústico. Os armários seguiam o mesmo estilo, combinando com os eletrodomésticos modernos, que deixavam a cozinha muito charmosa. Tudo havia sido pensado para torná-la prática e organizada.

— Adorei essa cozinha, não quero mudar nada — disse me virando para abraçar Freddy.

Depois de visitar a cozinha, deixamos Filomena preparando o nosso almoço e subimos as escadas até o nosso quarto. Tudo que vira até o momento me deixara apaixonada pela casa, mas eu não estava preparada para o quarto. Ele seguia a mesma linha de móveis rústicos. Tudo era branco, mas não aquele branco liso e sem graça a que eu estava acostumada. Os móveis tinham detalhes artísticos impressionantes e haviam sido pintados de branco e depois lixados para ficarem com um aspecto diferente e único. A cama era uma verdadeira obra de arte, com detalhes na cabeceira feitos especialmente para um músico. Havia notas musicais entalhadas na madeira e um dossel de seda branca.

— Vou morar aqui! — gritei empolgada ao me jogar na cama.

— Fico feliz que tenha gostado da casa — disse Freddy se deitando ao meu lado.

— Acha que podemos morar aqui? — perguntei subindo em cima dele.

— Nessa posição em que você está, pode me pedir qualquer coisa que a resposta será sempre sim — respondeu sorrindo e segurando na minha cintura.

— Então a resposta é sim — afirmei me abaixando para beijá-lo.

— Se eu pudesse escolher, claro que seria sim, mas você sabe que não podemos morar tão longe dos outros integrantes da banda. Temos reuniões, ensaios, shows e um monte de outros compromissos que você conhece tão bem. No entanto, podemos voltar aqui sempre que tiver uma oportunidade. Isso eu posso prometer.

— É suficiente por enquanto — concordei sorrindo, voltando a beijá-lo, e teríamos ficado "nos pegando" na cama se alguém não tivesse batido à porta para nos interromper.

— *La valigia, signor* Spencer — falou a pessoa do outro lado da porta.

— Devem ser nossas malas — murmurei. Entretanto, meu marido se recusava a me soltar. — Freddy, não podemos ignorá-lo — comentei saindo da cama para abrir a porta para um senhor moreno de bigode que carregava nossa bagagem.

— *Grazie* — agradeci ao abrir a porta para ele entrar no quarto e colocar as malas no closet. Assim que o homem saiu do quarto, deixei meu marido deitado na cama e abri as cortinas para admirar a paisagem lá fora. E valeu a pena a curiosidade. A casa ficava num lugar alto, e, da janela, eu conseguia ver as videiras e, mais ao longe, a cidade de Cortona.

Antes de descer para o almoço, tomamos banho juntos na minúscula e romântica banheira que tinha no nosso banheiro. O tamanho da banheira contribuiu para que fizéssemos outras coisas além do banho. Ficar tão próxima assim do Freddy e resistir aos seus encantos era impossível. Além disso, eu estava na minha casa, com o meu marido, na minha lua de mel. Momento mais favorável para fazer aquilo não existia, por isso ensaboei todo o seu corpo, beijei e mordisquei seus lábios carnudos e, quando estava cansada de explorar, fizemos amor na nossa casa nova, numa banheira com pouquíssima água naquela altura e com uma vista esplêndida das videiras.



— Tivemos sorte em ter a Filomena como cozinheira — falei depois de levar a segunda garfada à boca.

Assim que descemos até a sala de jantar ao lado da cozinha, nossos pratos

estavam postos na mesa, ainda fumegantes. Minha barriga roncou em expectativa ao ver os pratos de macarrão generosamente servidos, com torradas gratinadas com queijo e tomate seco para acompanhar.

— Ela foi indicada pelo arquiteto que fez a reforma da casa — respondeu meu marido sem tirar os olhos do seu prato. Pela empolgação com que ele comia seu macarrão, estava tão impressionado quanto eu com os dotes culinários da nossa cozinheira.

Depois de saciados, decidimos explorar a propriedade e caminhamos de mãos dadas pelas videiras, onde comi várias uvas. Depois seguimos para o jardim até um banco de madeira colocado no ponto mais alto da propriedade, com vista para o parreiral. Ficamos sentados ali, observando o pôr do sol, e, pouco antes de sair, Freddy tirou um canivete do bolso e esculpiu nossas iniciais no banco.

— Pronto, agora esse será o nosso banco — disse, dando um beijo gostoso na minha boca.

— Eu tenho a impressão de que esse banco já era nosso — comentei assim que seus lábios deixaram os meus.

— Pode ser, mas não tinha as nossas iniciais — respondeu admirando as letras dos nossos nomes na madeira.

Os dias que passamos no interior da Toscana ficariam para sempre na minha memória. Visitamos as vilas em volta da nossa propriedade e algumas cidades mais afastadas, como Montalcino e Montepulciano. Fiquei maravilhada ao subir no alto da fortaleza do Castelo Di Montalcino e ainda experimentar o sorvete da Gelateria Dondoli em San Gemignano.

Num dia paramos para almoçar no Caffé dei Costanti, em Arezzo, lugar único, e pedimos um vinho delicioso, uma salada e um prato com aperitivos acompanhados por um saboroso pão italiano. Na volta, paramos no mirante, onde Freddy tirou uma foto minha e a colocou como proteção de tela no seu celular. Eu estava tão feliz que meu sorriso alcançava os olhos. Era um daqueles sorrisos plenos que só se dá quando realmente se está muito feliz.

Encerramos a noite com um jantar num restaurante típico italiano chamado Trattoria Dardano, já em Cortona. Freddy experimentou quase todos os vinhos que havia no restaurante, e eu tive de voltar dirigindo.

No último dia em Cortona e na nossa casa na Itália, aproveitamos para ficar na cama até mais tarde e, quando decidimos que poderíamos descer, seguimos direto para a vinícola, onde observamos a produção do vinho e descobri o nome dos vinhos produzidos ali, Belladonna. Não sabia de onde Freddy tirara esse nome. Quando lhe questionei, ele disse que não sabia, só escolhera o nome e pronto. Ainda não tinha nenhum vinho pronto para ser consumido, mas ver o processo de produção nos deixou bem empolgados. Ademais, Freddy ainda estava de ressaca, por isso nem se importou em provar o seu próprio vinho.

Despedi-me da Toscana com o coração partido, porque foi ali, naquele cantinho escondido do mundo, que eu fui tão feliz, de um jeito único e pleno. As lembranças felizes, eu as guardaria para sempre comigo.

Palma de Mallorca

FREDDY

Eu posso nos ver de mãos dadas
Caminhando na praia, nossas pegadas na areia
Eu posso nos ver no interior
Sentados na grama, lado a lado

***My love* - Justin Timberlake**

Era nosso último destino antes de voltar para Nova Iorque. Eu já estivera em Palma de Mallorca, na Espanha, uma vez. Enquanto relaxava na proa de um barco e observava a imensidão azul à minha frente, pensara: *se tivesse uma garota que valesse a pena na minha vida, eu a traria aqui.* Acho que foi por essa razão que deixei aquele lugar por último em minha viagem de lua de mel. No fim de tudo, ele era o mais importante para mim, até mesmo que a minha casa na Toscana.

Dessa vez ficamos num hotel de frente para o mar. Eu estava pensando em comprar uma casa ali também, mas ainda não encontrara algo de que gostasse. Chegamos à noite, por isso fomos direto para o hotel.

No dia seguinte acordamos bem cedo e saímos para um passeio de barco pela costa de Mallorca. O dia estava perfeito. O sol brilhava alto, e o azul do céu se confundia com o do mar, enquanto minha esposa estava deitada numa espreguiçadeira no convés do barco tomando sol, usando um biquíni branco minúsculo que não cobria quase nada. Ela só podia tê-lo comprado no Brasil, quando passáramos por lá em turnê.

— Você está me deixando mal-acostumada — comentou se virando de bruços e apontando para o protetor solar na bolsa ao lado.

— Quer que eu passe em você? — perguntei me fazendo de inocente e segurando o frasco.

— Se não quiser, posso chamar algum funcionário para fazer isso — respondeu olhando para um dos caras que estavam nos servindo.

— Nem sonhe com isso. Nunca vou deixar um cara passar a mão em você seminua desse jeito.

— Acho que não tem nada de mais — comentou sorrindo, na certa para me provocar.

— Sério isso? — questionei me segurando para não explodir com ela.

— Estou brincando, pare de se preocupar e passe logo o protetor antes que a minha pele fique toda vermelha.

— Já vou — bufei ainda irritado com seu comentário sem sentido. Todavia, apertei o frasco nas mãos, tirando uma boa quantidade do creme e o esparramei pelas suas costas, depois desci até a sua bunda e fiquei lá.

— Acho que minha bunda já tem protetor suficiente — comentou sorrindo.

— Eu discordo, você nem consegue ver do ângulo em que está. Só eu consigo ter uma visão mais ampla, e estão faltando muitas partes ainda.

— Tem certeza?

— Claro. Pode ficar tranquila, que sua bunda não vai ficar vermelha.

Ela sabia que eu estava mentindo, mas não me contrariou dessa vez, deixando que eu passasse protetor na sua bunda à vontade. Só saí de lá e fui para as pernas porque estavam perto e eram lindas também. O mais difícil foi quando Mia se virou e eu fiquei mirando os seus seios. Na verdade, eu não conseguia enxergar nada além deles. Não importava o lugar lindo em que eu estava, nada importava, só os seios da Mia. Preciso confessar que não imaginei que continuaria tão atraído por ela depois de tanto tempo juntos, mas eu não conseguia evitar. A cada dia que passava, o desejo que eu sentia por aquela mulher só aumentava. Quanto mais eu a tinha, mais a queria. Ela era uma espécie de droga para mim.

— É uma pena não estarmos sozinhos neste barco — resmunguei chateado.

— Você não cansa de fazer sexo?

— Não — murmurei ainda sem tirar os olhos dos seios dela. Em outra oportunidade, eu já os teria em minhas mãos, na minha boca. *Preciso parar de ter esses pensamentos.*

— Você me acordou esta manhã com beijos e me teve na cama e depois no banheiro. Ainda acha que não foi suficiente?

— Agora já é tarde, passaram horas desde que tive você pela última vez. Talvez, se você estivesse com roupas, eu não estaria com tanto desejo. Além do mais, essa é a minha lua de mel, quando eu devo tirar meu atraso de uma vida inteira se for preciso.

— Não acho que você tenha algum sexo atrasado para descontar. Nunca ficamos mais do que uma semana sem nos ver.

— Não importa quanto tempo eu tenha feito sexo, sempre quero mais. Sou um homem de 29 anos e preciso de sexo como preciso de água, simples assim.

— Pare de enrolar e vamos aproveitar o passeio — pediu colocando seus óculos de sol e me ignorando completamente.

Queria poder mencionar que transamos loucamente no convés do barco depois disso, mas não foi bem assim que aconteceu. Paramos numa pequena ilha deserta e nadamos até a praia. Exploramos o lugar, subimos numa rocha e pulamos direto no mar azul. Não era tão alto, portanto, bem seguro, mas a adrenalina que eu sentia toda vez que pulava era impressionante. Meu sangue corria rápido pelas veias, o coração acelerava e os segundos que se passavam até eu cair na água eram quase como fazer sexo. Isso bastou por enquanto.

Ao amanhecer do dia seguinte, resolvemos explorar a cidade de bicicleta. Saímos logo depois do café da manhã, no qual eu tinha experimentado o famoso pão com azeite e tomate, comida típica da região. Gostei bastante, mas Mia não simpatizou com o aperitivo. Achei engraçado; ela comeu só um

pedaço e deixou o resto no prato, bem longe dela.

Seguimos pelas ruas estreitas e aconchegantes, parando em alguns lugares para admirar a paisagem. Foi o passeio mais divertido que tivemos. Na última vez em que eu andara de bicicleta, era criança. Ainda bem que, apesar do desconforto inicial, não caí nenhuma vez. Já Mia andava de bicicleta com uma naturalidade impressionante.

No final do passeio, deixamos as bicicletas num canto e descemos uma colina íngreme até a praia deserta que avistamos ainda na estrada. Sentamos na areia e ficamos em silêncio admirando a paisagem.

— Ainda não partimos, e já estou com saudades — comentou Mia encostando a cabeça no meu ombro.

— Está com saudades do lugar? — questionei sem olhar para ela. O sol estava descendo até a água, e aquela visão me fisgou por alguns minutos.

— Não, quer dizer, vou sentir falta dos lugares pelos quais passamos. No entanto, o que mais vou sentir falta é de ficar assim com você — respondeu com a voz triste.

— Você não precisa se preocupar com isso, ainda podemos ficar sozinhos no nosso apartamento.

— Talvez, mas não será igual. Não poderemos andar de mãos dadas tranquilos no Central Park; você seria reconhecido pelos fãs, fotógrafos e quem mais estivesse num raio de dois quilômetros dali.

— O problema é a minha carreira, então? — resmunguei chateado.

Sempre gostei de tocar. Não entrei na banda por causa da fama, embora o dinheiro tenha tido seu apelo. Porém, ao contrário dos garotos, que aprenderam a tocar em escolas de música, eu aprendi sozinho. Meu vizinho tinha uma bateria, mas não sabia tocar. Passei a frequentar sua casa todas as tardes depois da escola e, com a ajuda da internet, aprendi a tocar. No final do ensino médio, eu já tocava e lia partituras com perfeição. Era tão natural para mim. A música fazia parte da minha vida, e eu deixei que ela me guiasse.

— Claro que não, só estou nostálgica. Daqui a pouco passa. Só me abraça agora bem forte. Quero guardar mais esse momento ao seu lado.

Passamos momentos maravilhosos em Mallorca, mas o melhor deles foi a tarde em que saímos de carro para visitar as praias. Visitamos quase todas. Paramos para tirar fotos, demos beijos apaixonados e caminhamos entre as grandes crateras que a água do mar fazia nas rochas, até que, já no final da tarde, paramos numa pequena ilha deserta ligada ao continente, totalmente coberta por rochas e uma pequena quantidade de areia. Nós nos sentamos ali, e comecei a beijar Mia. Seu rosto antes tão branco estava lindo e mais bronzeado, porém, sua boca ainda tinha o mesmo gosto doce de sempre. Era impossível não querer beijá-la. Entretanto, não ficamos somente nos beijos. Minha mão desceu à sua cintura, e logo depois alcancei suas pernas, tudo graças ao vestido de verão amarelo que ela usava.

— Você tem a pele mais macia que já senti — resmunguei enquanto mordiscava seu pescoço com vontade.

— Não se anime muito, não podemos fazer nada aqui — falou insegura, olhando na direção em que viéramos, em busca de alguém.

— Relaxa, estamos sozinhos — sussurrei no seu ouvido ao descer a alça do seu vestido.

— Isso não significa que não podemos ser surpreendidos a qualquer momento.

— É esse o ingrediente principal para uma tarde quente ao lado da minha esposa — falei descendo a outra alça do vestido e logo em seguida abri os botões da frente. Com surpresa, constatei que ela não usava sutiã.

Tínhamos experimentado muitos cenários novos na lua de mel, alguns mais exóticos do que os outros, como a noite estrelada em que fizéramos amor entre as videiras da minha casa na Toscana, ou quando minha mão percorrera lugares proibidos num restaurante em Paris. No entanto, o destaque ficou para a tarde em que nos enroscamos nas areias de uma praia deserta em Mallorca. Nunca cheguei ao clímax tão rápido, mas valeu a pena cada segundo, e, no final, ainda tomamos um banho gelado no mar,

totalmente pelados.

Quando, enfim, embarcamos para casa, eu também estava nostálgico. Sabia que ainda estaria ao lado da Mia, que, a partir daquele momento, além de ser assessora do Jack, também cuidaria da minha agenda. Nunca havia me preocupado com isso, sempre deixara tudo a cargo da assessora da banda, Giovanna. Porém, depois que me tornei um homem casado, achei que precisava organizar a minha vida e ter espaço para a minha esposa.

A banda iria embarcar para uma turnê no Canadá, depois na Oceania, passando pela Austrália e Nova Zelândia e em seguida indo para a América do Sul. Meus companheiros estavam só aguardando a minha volta, e eu estava com os dedos coçando para segurar minhas baquetas e tirar um som irado da minha bateria. Todavia, se eu pudesse, ficaria mais uma semana em lua de mel. Já estávamos atrasados dois dias.

Um lugar para chamar de seu

MIA

O que vale mais que o amor
Eu estou preparado para aguentar agora
O que vale mais do que qualquer outra coisa
Para mantê-lo firme no chão agora

***Home* - Simply Red**

Chegamos a Nova Iorque numa tarde ensolarada. Descemos do avião, e um carro já nos aguardava na pista. Colocamos nossos óculos escuros e nos sentamos lado a lado. Aos poucos, os prédios começaram a aparecer, o trânsito caótico, as buzinas, as sirenes das ambulâncias e todo o barulho da Big Apple. Eu estava em casa. Porém, num prédio diferente dessa vez. Apesar de trabalhar com o Jack por alguns anos, eu não morava no Upper West Side até me casar.

Estacionamos em um prédio antigo em frente ao Central Park, subimos pelo elevador e adorei quando ele se abriu para uma linda e confortável cobertura.

— Não sabia que você tinha comprado um apartamento novo! — exclamei impressionada com o tamanho e a decoração do lugar.

— Queria fazer uma surpresa — disse me pegando no colo e subindo os degraus até o nosso quarto. O apartamento era duplex.

— Por favor, me deixe no chão, eu ainda quero ver o nosso apartamento — resmunguei tentando descer.

— Você terá muito tempo para ver nossa casa depois. Agora vamos testar nossa cama.

Ele tinha razão, depois eu poderia ver o meu novo lar. Primeiro precisava dar atenção ao meu maridinho. Não consegui prestar atenção ao quarto, porque Freddy já estava beijando o meu pescoço como só ele sabia fazer, e fiquei mole nos seus braços. Nada mais importava do que curtir o momento.



Levantei-me ainda segurando os lençóis para cobrir meu corpo, olhei pela grande janela que tinha no quarto e suspirei animada.

— Estou em casa.

Era assim que eu me sentia. Enfim estava de volta. Trabalho, rotina e um marido que costumava atrair mulheres por onde passava. Durante quase seis anos entre namoro e noivado, eu nunca suspeitara de uma traição, mas as coisas eram diferentes, pois estávamos casados. As *groupies* iriam se afastar naturalmente ou seria ainda pior?

Afastei-me das janelas e fui ao banheiro tomar um banho, enquanto Freddy ainda estava desmaiado na cama. Quando saí, coloquei um dos vestidos que comprara na viagem e amarrei meu cabelo num rabo de cavalo. Peguei meu celular no caminho e entrei no modo trabalho.

— Oi, Giovanna. Chegamos — disse à assessora da banda.

— Oi! Que ótima notícia! — exclamou empolgada.

— Atrasamos alguns dias, mas sabe como o Freddy é. Ademais, era a minha lua de mel, não consegui resistir.

— Não se preocupe, eu e o Peter já contávamos com alguns dias a mais.

— Imagino — falei me deitando no sofá macio da sala.

— Quero saber tudo sobre a sua lua de mel, mas não agora. Estou preparando os últimos detalhes antes de a turnê começar e preciso acertar alguns itens com você antes.

— Pode ser por telefone?

— Não, tenho algumas coisas anotadas que precisamos verificar juntas. O que acha de um café no Starbucks da esquina do seu apartamento?

— Como sabe onde moro agora?

— Eu ajudei o Freddy a comprar o apartamento.

— Então preciso agradecer, eu adorei. Ainda não vi tudo, mas gostei do que vi até agora — informei observando a sala espaçosa com os móveis modernos e organizados de um jeito bem acolhedor. Além disso, havia a predominância do vermelho no sofá, nas poltronas e em alguns detalhes. Era minha cor favorita, por isso, amei a decoração.

— Podemos nos encontrar na cafeteria?

— Claro, já estou descendo — respondi voltando ao quarto para avisar ao Freddy que eu precisava sair, mas não consegui. Ele ainda estava desmaiado na cama, por isso deixei um bilhetinho no meu travesseiro e desci.

Giovanna tinha razão, na esquina do prédio havia um Starbucks, e caminhei devagar até lá. Encontrei uma mesa reservada num canto, pedi um café e um bolinho. Estava morrendo de fome, e comi enquanto esperava.

— Oi, pai — falei ao atender o celular.

— Recebi sua mensagem e estou contente que esteja de volta.

— Eu também, a lua de mel foi ótima. Mas estava com saudades do meu trabalho. — Não sabia que estava sentindo falta até voltar à minha rotina de telefonemas e agendas.

— Quando você vem para a Califórnia?

— Não sei, pai, estou prestes a embarcar numa turnê, e serão pelo menos

dois meses na estrada, um descanso de apenas um mês e provavelmente mais dois meses viajando.

— Eu sabia, mas seu velho pai ainda tem esperanças de ver a filha.

— E vai ver — comentei triste. Se fosse somente meu pai, eu iria visitá-lo imediatamente, mas a minha madrasta e uma de suas filhas eram difíceis de engolir, e eu não queria vê-las tão cedo. Não quando eu estava tão feliz.

— Promete fazer uma visita quando voltar da turnê?

— Claro que sim. Também estou com saudades, pai.

— Vou te esperar. Um beijo, querida.

— Outro, pai. Depois nos falamos — encerrei a ligação ao ver Giovanna aparecer na porta.

— Demorei? — indagou ao me dar um abraço carinhoso de boas-vindas.

— Não, estava conversando com meu pai e não esperei quase nada — expliquei observando a morena baixinha de cabelos castanhos, tímida e com roupas reservadas. Nem parecia uma mulher da minha idade.

— Quando liguei, já estava no táxi. Cheguei o mais rápido que pude.

— Não se preocupe. Vamos ao trabalho — pedi, voltando a me sentar.

— E o Freddy? — questionou ao se sentar de frente para mim.

— Está apagado no apartamento.

— Típico do Freddy — falou sorrindo. Depois de um longo tempo com a banda, Giovana conhecia todos os integrantes muito bem.

— É, meu marido não decepciona nunca — comentei sorrindo.

— Bom, vamos acertar os últimos detalhes antes que ele apareça para nos interromper — comentou abrindo o iPad com a agenda da banda e sua agenda de papel ao lado. Ela era tão organizada que anotava tudo em sua agenda antes de passar para o aparelho eletrônico.

— Teremos duas turnês distintas e separadas por um intervalo de um mês — falei o que já tínhamos combinado.

— Sim. Daqui a dois dias embarcaremos para o Canadá, onde teremos 10 shows, depois iremos para a Oceania, com mais 10 shows na Austrália e nove na Nova Zelândia. Depois do descanso, será a vez da turnê na América do Sul. Temos uma agenda apertada e apenas dois meses para fazer a primeira parte.

— Os caras estão acostumados, já fizeram mais shows do que isso — comentei observando a agenda que ela me passou para conferir.

— Sei disso, mas ainda temos algumas entrevistas, apresentações em programas de televisão e rádio, tudo durante os intervalos.

— Entendo, e é isso que costuma atrapalhar, mas acho que damos conta.

— Se eles seguirem a agenda, vai dar. O problema é que nunca seguem.

— Eu sei, mas estamos juntas nessa e vamos colocá-los na linha. Sabe se a Helena vai?

— Não, Adam está na escola, e ela não quer deixá-lo com a babá.

— Teremos uma aliada a menos e um Jack irritado para neutralizar — resmunguei chateada. Meu primo era um pé no saco durante as turnês.

— Com certeza. A boa notícia é que teremos Amanda e a filhinha dela pela primeira vez. Ela é enfermeira e pode nos ajudar se a coisa ficar feia — brincou arrumando os óculos, mesmo estando perfeitamente alinhados.

— Não sabia que você podia brincar com isso... — comentei arqueando as sobrancelhas.

— Eu sou uma mulher normal — bufou irritada.

— Sei, mas, na maioria das vezes, você é tão certinha que ainda me surpreendo quando faz esse tipo de comentário.

— Tudo bem, eu posso perdoar o seu sarcasmo.

— Se a agenda está organizada, por que precisa de mim?

— Não tenho problema para organizar uma agenda; meu problema é fazer os rapazes a cumprirem, e é aí que você entra.

— Quer ajuda para manter os caras na linha?

— É isso. Sabe que, com a ajuda de Peter, fica bem mais fácil. Não gosto nem de lembrar o tormento quando o Mike era o empresário.

— Nem eu. Meu tio é o máximo, mas nem ele consegue fazer os rapazes cumprirem todos os compromissos.

— Por isso preciso da sua ajuda.

— Claro. Deve ser mais fácil com apenas dois solteiros. Pelo menos, o desfile de garotas no camarim vai diminuir.

— Eu estou contando com isso. Além disso, o Rick é bem mais tranquilo em relação às garotas. O problema é o Bob.

— Você tem falado com ele? — perguntei curiosa.

— Apenas por mensagens. Ele está sumido essas semanas, e ninguém sabe dizer por quê.

— Deve estar com alguma garota — falei o que todos já desconfiavam.

— Pode ser. Espero que esse romance já tenha terminado antes de a turnê começar.

— Ele sempre termina. Agora eu preciso ir. Por favor, mande uma cópia da agenda pra mim, e, se precisar de qualquer coisa, é só me ligar.

— Tudo bem, vamos nos falando até lá.

Depois de me despedir da Giovanna, voltei para o apartamento, esperando encontrar meu esposo acordado e pronto para me cobrir de beijos.

Eu sou um homem casado
FREDDY

Amanhã vou abrir meus olhos
E eu vou sussurrar para minha esposa
Eu pertenço a você
E eu vou esperar para ouvir você dizer
Com uma lágrima caindo pelo seu rosto
Eu pertenço a você

***I belong to you* - Jacob Lee**

Acordei sozinho no meu novo apartamento bem mais tarde do que deveria. Já tinha passado a hora do almoço, e isso não parecia um bom sinal. Eu esperava uma esposa atenciosa me cobrindo de beijos. Bem, teria que superar essa decepção. Li o bilhete que Mia me deixou, levantei-me devagar e fui até o banheiro, tomei um banho rápido e voltei para me vestir no quarto. Graças à eficiência da Giovanna, meu apartamento estava perfeitamente organizado e já com todas as minhas roupas e as da Mia (as que não tínhamos levado na viagem) guardadas.

Desci até a cozinha com a esperança de encontrar minha esposa, mas eu estava sozinho. Liguei a cafeteira elétrica e, pouco depois, o cheiro gostoso invadiu o espaço. Peguei uma xícara e me sentei ao balcão para apreciar meu café.

Assim que dei o primeiro gole, meu celular tocou. *Acabaram-se as minhas férias. A partir de hoje, nada de ficar tranquilo, sem compromissos*, pensei largando a xícara no balcão.

— Alô.

— Oi, Freddy! Bem-vindo de volta. Já estava com saudades, cara.

— Jack! Como vai? Eu também estava com saudades das suas

esquisitices.

— Para de implicar comigo e me deixa falar logo a razão desse telefonema. Quero te convidar para jantar na minha casa hoje.

— Não sei se é uma boa ideia. Sabe que somos recém-casados e não posso ficar longe da minha esposa por muito tempo.

— Não inventa desculpas. Helena preparou o jantar e faz questão que todos os caras compareçam, além de suas mulheres.

— Tudo bem. Se é a Helena, posso fazer um esforço e sair da cama por algumas horas.

— Não preciso saber dos detalhes, além disso, a Mia é minha prima. Já não basta ter visto os dois na cama naquela noite? — resmungou Jack se lembrando da primeira noite em que dormi com Mia e ele foi o primeiro a nos flagrar juntos.

— Certo, sem os detalhes sórdidos. Só preciso encontrar a minha esposa, então partimos.

— Você perdeu a Mia? — perguntou tirando sarro da minha cara.

— Não, claro que não. Ela saiu e me deixou um bilhete falando que iria se encontrar com a Giovanna.

— Entendi. Por um momento pensei que ela percebeu a enrascada em que se meteu e fugiu — completou ainda rindo.

— Só nos seus sonhos. Ainda sou um bom partido. Depois conversamos, tenho que desligar.

— Tudo bem, até mais.

Jack adorava tirar sarro dos outros. Era uma pena que eu tinha poucos momentos para lhe dar o troco. Voltei para o meu café, que já estava frio naquela altura e esperei que Mia retornasse para irmos ao apartamento do Jack, que ficava a poucas quadras dali.

Não demorou muito para a minha linda esposa aparecer radiante à minha frente.

— Ainda bem que voltou, já estava com saudades — comentei beijando seus lábios macios, que estavam com gosto de café, assim como os meus.

— Não demorei muito. Encontrou meu bilhete? — disse ao colocar a bolsa no balcão e voltar a me beijar com vontade.

— Acho melhor parar por aqui — pedi cauteloso.

— Por quê? — perguntou fazendo um biquinho lindo com aqueles lábios perfeitos e rosados.

— Temos um convite para jantar na casa do Jack — expliquei segurando na sua cintura.

— Sério? Não tenho tempo nem parar mudar de roupas? — indagou alisando o vestido no corpo.

— Claro, temos muito tempo até a hora do jantar, e pretendo aproveitar cada segundo dele ao lado da minha esposa — respondi jogando-a nos ombros e subindo as escadas até o nosso quarto.



— O que achou do meu vestido?

— Não se preocupe com isso, você está linda — comentei beijando a testa de Mia e a puxando comigo para o elevador, onde ficamos abraçados. Depois caminhamos grudadinhos até meu Lamborghini Sexto Elemento novinho estacionado na garagem.

— Você sabe que o Jack mora tão perto que poderíamos ir andando? —

questionou ela se sentando no banco do passageiro.

— E deixar de fazer um *test drive* nessa belezinha? Nem pensar — comentei dando partida no carro e saindo devagar pelas ruas movimentadas do Upper West Side.

Não consegui nem testar meu carro e já estava estacionando na garagem da cobertura do Jack. Desci e dei a volta para abrir a porta para Mia.

— Obrigada — agradeceu sorrindo. Segurei sua mão, e seguimos até o apartamento do vocalista da banda.

Jack morava numa cobertura maior do que a minha, com a esposa e seus dois filhos. O lugar era enorme. Mesmo assim podia ser chamado de lar, graças a Helena, que conseguia transformar tudo a sua volta, inclusive o Jack. Meu amigo costumava ser um imã para problemas antes de ela aparecer na sua vida. Finalmente, tudo ficara no passado.

— Olá, galera! Cheguei! — gritei ao entrar na sala e encontrar todos reunidos. Jack e Helena foram os primeiros a se levantar para me abraçar. Meu amigo estava usando suas roupas pretas de sempre, mas seu cabelo louro estava mais curto. Quanto a Helena, estava ainda mais bonita num vestido preto elegante e os cabelos cortados na altura dos ombros. Podiam passar os anos, mas ela parecia a mesma garota que eu conhecera anos antes.

Jonas já tinha recuperado sua forma física e seus cabelos estavam de volta. Amanda, uma morena linda com corpo escultural e olhos castanhos simpáticos estava ao seu lado. Meu amigo era nossa inspiração e estava radiante com a esposa que conhecera quando estava lutando para sobreviver a um câncer. Ela e sua filha foram uma agradável surpresa para todos nós, e, apesar de eu não as conhecer muito bem, sabia que meu amigo estava feliz ao seu lado, e era isso que importava.

Rick foi o próximo a vier até mim, e estava com a mesma aparência de mauricinho de sempre, cabelos pretos perfeitamente arrumados e usando um terno. *Que roqueiro usa terno?*, pensei ironicamente.

O último foi o Bob. Ele, sim, parecia um roqueiro, com os braços

cobertos de tatuagens e o cabelo ruivo cortado em estilo moicano. Ele e Rick eram os únicos solteiros da banda e por isso tinham vindo sozinhos. *Até quando?*, perguntei-me ao observá-los.

Eu e Mia conversamos sobre a nossa viagem e todos os lugares pelos quais passáramos na nossa lua de mel, e eles contaram o que fizeram ali. Jonas e Jack tinham curtido a família e ficado juntos a maioria do tempo, enquanto Rick e Bob haviam saído à caça e aproveitado para conhecer as garotas nova-iorquinas.

Depois que bebemos três garrafas de vinho, o jantar foi servido e nos sentamos à mesa. Já estava bem tarde, e as crianças não apareceram. Provavelmente já tinham jantado e estavam brincando no quarto.

— Eu amo sua comida, Helena — comentei pegando um pedaço generoso da costela preparada ao molho barbecue.

— Obrigada, Freddy. Esse é um elogio e tanto para quem começou a cozinhar há pouco tempo.

— Ele tem razão, querida, sua comida está cada vez melhor — elogiou Jack.

— Você não vale — ela falou batendo no ombro do marido.

— Sua comida está maravilhosa, Helena — completou Bob, entrando na conversa.

— Agora, sim, estou satisfeita. Devo confessar que aprendi muito com você, Bob.

— Estou chateado, porque desfez do meu comentário e aceitou o elogio do Bob tão facilmente — resmungou Jack.

— Pare de bobagem e entenda que o Bob sabe cozinhar, e você, não — retrucou Helena tentando convencer o marido a aceitar seus argumentos.

— A comida está mesmo muito boa — declarou Rick, comendo mais um pedaço da carne.

— Uma delícia! — elogiou Mia.

— Nunca comi uma carne tão macia e saborosa — disse Amanda.

— Chega de elogios, que vou ficar nervosa. Agora vamos comer antes que a comida esfrie — pediu Helena toda vermelha diante de tantos elogios.

Ela não precisou pedir duas vezes, e voltamos a atenção para nossos pratos. Comemos e bebemos um vinho delicioso que eu trouxe da Itália para acompanhar. Quando terminamos, a funcionária da casa trouxe a sobremesa, um gostoso creme de chocolate preto e branco. Iria repetir, quando Bob chamou nossa atenção.

— Preciso contar uma coisa pra vocês — revelou nervoso.

— O que foi, cara? — questionou Jack preocupado.

— É algo importante — disse esfregando as mãos.

— Não diga que você vai se casar também! — exclamou Rick desesperado.

— Não, você está louco? Não é nada disso.

— O que é, então? — indaguei impaciente.

— Vou levar uma garota comigo na turnê.

— Ela é sua namorada? — perguntou Mia.

— Não, é só uma amiga e precisa de ajuda, por isso conversei com a Giovanna e arrumei um emprego de assistente para ela — explicou Bob, mais calmo enfim.

— Tem certeza de que ela não é sua namorada? — repeti a pergunta da Mia. Ele não precisava ter ficado tão nervoso para falar algo tão simples como aquilo.

— Claro que tenho! Ela é só uma garota que estou ajudando. Aliás, Helena também a conhece e pode confirmar que não é minha namorada.

— Eu conheço a Pandora e achei uma excelente ideia ela ajudar a Giovanna. A garota é brasileira e muito bonita. Ficamos amigas assim que nos conhecemos, e ela não é namorada do Bob. Só estamos ajudando uma garota.

— Se é brasileira, será bem-vinda na turnê — comentou Jonas olhando para a esposa, que tinha a mesma nacionalidade da moça.

— Se era tudo o que tinha para contar, estamos resolvidos e podemos voltar para a sobremesa — comentei voltando a repetir aquele doce maravilhoso.

Depois disso a conversa ficou ainda mais leve, e ficamos o resto da noite ali, conversando e bebendo. Bob foi o primeiro a sair, e Rick foi logo atrás; na certa iriam aproveitar a noite em outros lugares. Jonas também saiu carregando a Mili adormecida no colo e ao lado da Amanda. Ele adotara a filha da esposa recentemente e a tratava como sua própria filha. Mia e eu fomos os últimos a nos despedir, animados para a turnê, que começaria dentro de dois dias. Embarcaríamos para o Canadá.

Em turnê outra vez

MIA

Você é tão lindo
Mas não é por isso que eu te amo
Eu não sei se você sabe
Que a razão de eu te amar
É você, sendo você, só você

***I love you* - Avril Lavigne**

Todos os integrantes da banda se encontraram no aeroporto de Newark para começar mais uma turnê. Eu estava com saudades de viajar com aquela galera e o meu tio Peter, empresário da banda e pai do Jonas.

— Que saudades, tio! — exclamei, correndo para abraçá-lo.

— Eu também estava com saudades, querida Mia — respondeu retribuindo o abraço com carinho. Peter era irmão do meu pai e da mãe do Jack. Minha tia era a mais reservada da família, alguns a achavam irritante, até. Helena não se dava bem com a sogra, por causa de um desentendimento que tiveram logo no começo do casamento. Eu precisava reconhecer que ela era difícil, mas, assim que se aprendia a lidar com seus chiliques e principalmente não ligar muito para o que ela dizia, tudo começava a melhorar.

— Está preparado para a turnê? — questionei enquanto o observava. Meu tio estava em plena forma para seus cinquenta e poucos anos. Os cabelos pretos com alguns fios brancos era a única diferença entre ele e os irmãos – louros. Os olhos dos três tinham o mesmo azul intenso e característico da família. Ele usava sua calça jeans de sempre, uma camiseta de botões e um casaco marrom por cima, nem parecia o empresário de uma banda famosa. Mesmo com as roupas modestas de antes, era muito competente no que fazia e mostrou ser uma grande ajuda para a The Dangers depois que descobriram

que o antigo empresário estava roubando o dinheiro da banda.

— Acho que estou — comentou olhando para os rapazes conversando descontraidamente na área VIP do aeroporto.

— Sabe que será mais fácil agora com Jack, Jonas e Freddy casados.

— Sei, mas conheço bem esses garotos para acreditar nisso. Cada turnê é uma descoberta nova, e, dessa vez, acho que o Bob vai me dar trabalho — disse apontando para o ruivo, que conversava com uma garota linda de cabelos encaracolados.

— Pode ser, mas vou ficar de olho nele, não se preocupe — disse tentando tranquilizá-lo.

— Não vou, pelos menos até surgir o primeiro problema. E como vai a vida de casada?

— Ótima! Melhor, impossível — afirmei assim que Freddy apareceu segurando na minha cintura e me puxando para perto de si.

— Para quem resistiu tanto ao casamento, você parece bem feliz, Freddy — falou Peter depois de assistir a nossa pequena demonstração de carinho em público.

— Ainda acho que não mereço a Mia, mas sou egoísta demais para deixá-la, por isso teremos que viver pra sempre juntos — respondeu Freddy, beijando minha face.

— Vocês são perfeitos juntos e com certeza irão permanecer muito tempo assim — comentou meu tio, afastando-se para conversar com Jonas.

Freddy aproveitou que estávamos tão perto para me apertar contra uma parede e devorar a minha boca com urgência. Nem parecia que tinha me beijado minutos antes.

— Acho que não é apropriado o que estão fazendo na sala de espera de um aeroporto — resmungou Helena cutucando o meu ombro.

— Já terminamos — comentei sorrindo, com os lábios inchados.

— Será que posso falar com você um minuto? — pediu puxando meu braço para segui-la.

— Claro.

— Preciso que cuide do Jack. Sei que está distraída por causa do casamento, ainda é tudo novidade pra você, mas não vou poder ir com vocês por causa da escola do Adam. No entanto, espero que cuide para que seu primo não se meta em problemas.

— Vou tentar, mas sabe que é difícil prometer isso quando se trata do Jack.

— Tudo bem, não se preocupe. Ele prometeu cooperar dessa vez.

— Ele sempre promete.

— Mas vai cumprir, pode ficar tranquila. Saiba que tenho uma dívida com você por tudo que fez por mim. Nunca vou me perdoar por não ter contado a você que estava grávida naquela época — comentou minha amiga, chateada. Ela sempre me pedia desculpas por ter fugido do Jack quando ele a tratara mal e por ter me incluído no pacote só porque eu era prima dele. Alegou que perdeu meu número e não podia me ligar, mas eram desculpas esfarrapadas, acabou confessando mais tarde. Ela tinha medo de se aproximar de mim e Jack descobrir sobre o filho. No final tudo deu certo, e não se devia falar mais nisso.

— Não se preocupe, eu já esqueci, e você não me deve nada — nem me lembrava de quantas vezes já dissera isso, mas ela sempre estava me pedindo desculpas.

— Tudo bem, vou tentar não lembrar o quanto fui estúpida naquela época — resmungou me abraçando.

— É isso aí, nada de passado. Vamos viver o presente.

— Desculpe. Você sabe o quanto fico insegura quando Jack sai em turnê.

— Sei, mas não devia. Você sabe o quanto ele é apaixonado por você, e

não é nenhuma *groupie* que vai mexer com a cabeça dele.

— Claro que sei e confio no meu marido, é apenas uma insegurança boba — avisou sorrindo.

— Precisamos embarcar — disse Jack, puxando a esposa para seus braços.

Eles eram tão perfeitos juntos. Eu não sabia por que ela ainda não conseguia enxergar isso. Meu primo fizera muitas coisas erradas na vida antes de conhecer Helena e algumas quando estavam casados, mas, depois que o pequeno Adam nascera, tudo mudara e ele só tinha olhos para ela.

A despedida deles foi emocionante e deixou a mim e a Amanda com os olhos marejados ao entrar no avião. Jack foi o último a embarcar e não conseguiu disfarçar o quanto estava triste por não levar sua família consigo.

Desembarcamos em Toronto logo no começo da manhã e seguimos para o hotel. Giovanna reservara um andar inteiro para a banda e a equipe que ficava nos bastidores organizando o palco para os shows. Todo nosso equipamento e as estruturas do show tinham seguido por um avião de carga até Toronto. Sendo assim, teríamos muita coisa para preparar até a primeira apresentação.

Passamos dois dias inteiros saindo de entrevistas na rádio e na televisão antes de, enfim, o palco estar montado. Depois disso, os garotos passaram o dia todo ensaiando para o show daquela noite.

No horário combinado, seguimos para o estádio de hóquei onde a apresentação aconteceria e nos preparamos para dar o nosso melhor. Lotáramos o lugar, e a galera gritou eufórica assim que a banda apareceu no palco.

Os meninos começaram pelas músicas antigas e depois foram seguindo para os álbuns mais recentes. Os espectadores já conheciam as músicas e cantavam juntos.

— É lindo ver isso — comentei no ouvido da Amanda, que estava ao meu lado nos bastidores.

— Estou adorando participar dessa turnê! — exclamou, entusiasmada com a galera que aplaudia e gritava ao ouvir um solo de guitarra perfeito do Jonas.

— Você ainda não viu nada. Estamos só começando — completei animada.

Eu estava certa, aquele era apenas o começo da turnê, e tudo ainda era novo para ela. Depois de um tempo, tudo fica muito parecido e vamos ficando cada vez mais cansados; é então que os conflitos começam a aparecer. Por enquanto ainda estávamos curtindo e os rapazes estavam felizes fazendo o que sabiam desempenhar de melhor, o velho e bom rock'n'roll.

Os dois shows de Toronto foram um sucesso, estádios lotados e nenhum imprevisto para contornar. Depois seguimos para mais dois shows em Montreal que foram ainda melhores. Por fim chegamos a Churchill para mais duas apresentações e muitos outros compromissos. A banda tocou duas noites seguidas, e a galera foi ao delírio com o som irado que saía do palco.

Estávamos havia 12 dias na estrada, com o cronograma apertando, quando desembarcamos em Regina. Alguns foram direto para o hotel a fim de descansar, enquanto Jonas, a mulher e a filha saíram para conhecer a cidade. Eu segui para o hotel junto a Freddy, Giovanna e sua assessora, Pandora, a amiga do Bob.

Segurei na mão do Freddy e fiquei preocupada ao perceber o quanto ele estava cansado. Ainda tínhamos quatro shows para fazer no Canadá, e ele parecia exausto.

— Você está bem? — sussurrei no seu ouvido.

— Estou, é só cansaço mesmo — respondeu encostando a cabeça no meu ombro.

Assim que chegamos ao hotel, ele caiu na cama e ficou lá boa parte do tempo. Era uma pena que não consegui lhe fazer companhia, já que tive que conversar com a imprensa, organizar alguns detalhes do show da noite seguinte e ainda ajudar Giovanna com os compromissos do Jack. Algumas

propagandas e fotos, ele as fazia sozinho, não por opção, mas por ser o vocalista da banda. A imprensa e os empresários costumavam chamá-lo mais para entrevistas e campanhas publicitárias, respectivamente.

Acabei ficando fora o dia todo e, quando voltei, Freddy tinha saído com Bob e Rick. Eu estava tão cansada que ignorei seu convite para ir atrás dele assim que chegasse. Deitei e dormi feito uma pedra. Quando acordei era quase madrugada, com Freddy em cima de mim.

— Fiquei te esperando a noite toda — sussurrou no meu ouvido, mordiscando a minha orelha no caminho.

— Eu estava cansada, por isso decidi ficar e dormir — expliquei ainda sonolenta.

— Tudo bem. O que eu precisava fazer com você requer uma cama. Acho que estamos na hora certa e no lugar mais apropriado possível — insinuou, descendo as mãos fortes para explorar o meu corpo, que não estava mais adormecido. Cada célula acordara e estava alerta, em expectativa pelo que iria acontecer a seguir.

Suas mãos livraram com pressa meu pijama de seda, e ficamos unidos, pele com pele, suor com suor. Nossos corpos se conheciam tão bem que era impossível saber onde começava um e terminava o outro. Cada toque, cada carícia era totalmente certa e na medida exata que meu corpo pedia. Eu não precisava implorar que ele tocasse em determinadas partes do meu corpo, porque ele sabia. Sem eu precisar falar uma palavra, ele entendia cada gesto, cada gemido. Meu corpo era um mapa que ele conhecia de cor.

Grudei meus lábios nos seus para sufocar meus gemidos, mas ainda não era suficiente. Apertei com força minhas unhas nas suas costas em busca de algo para me segurar, porém, era impossível evitar o trem descarrilhado de sensações que parecia vir de encontro a mim.

— Não segure mais... — pediu com a voz embargada de prazer, e eu não me fiz de rogada e deixei vir. Não me prendi em nada e só senti tudo que seu corpo podia me proporcionar, e preciso ressaltar que não era pouco. Flutuei.

Mais um show

FREDDY

Talvez eu fique um pouco ansioso
Talvez eu fique um pouco tímido
Porque todo mundo está tentando ser famoso
E eu só estou tentando achar um lugar para me esconder

The way I am - Charlie Puth

Estávamos de volta à loucura das turnês. Muitos shows, mesmas músicas tocadas a exaustão. Costumo comparar isso com os dois lados da mesma moeda: pode ser muito bom – a adrenalina do palco, os gritos alucinados dos fãs, as vozes que cantam junto com a gente; ou ser um grande pé no saco: sair e chegar a aeroportos diferentes, dormir cada dia numa cama, não ter privacidade nenhuma, não conhecer nada além dos locais dos shows, falar as mesmas coisas nas entrevistas e subir ao palco sem qualquer entusiasmo. Era assim que eu me sentia, e não conseguia fazer nada para parar essa angústia que parecia me sufocar. Entendam, eu amava tocar minha bateria. Sentia falta dela e até dos shows. O que me perturbava eram as turnês quando elas efetivamente começavam, com sua pressão monstruosa.

Não esperei nem o primeiro show para começar a beber; o álcool era minha adrenalina líquida, tudo que eu precisava para agitar as coisas. Antes dos primeiros shows, bebi duas doses de uísque, e isso bastou, mas, no seguinte, foram três, depois quatro, cinco, seis, sete e, no último show no Canadá, bebi uma garrafa inteira e estava completamente bêbado quando levantei minhas baquetas para o alto e contei: um, dois, três e, bum!, minha mente apagou. Não lembrava mais de nada. Eu sabia que tínhamos feito o show, pois em minha mente passavam flashes do barulho das pessoas no estádio em Yellowknife enquanto eu tocava na minha bateria sem qualquer preocupação com ritmo e sincronia com o resto da banda.

Abri meus olhos na manhã seguinte com a cabeça quase estourando e a boca seca. Eu precisava beber um pouco mais, tirar a secura da minha boca e adormecer a dor de cabeça insuportável que estava sentindo.

— Bom dia! — exclamou Mia, sentada na cama ao meu lado, já vestida, segurando um copo de suco de laranja e com cara de poucos amigos.

— Por favor, não fale tão alto — supliquei, sentando-me e segurando minha cabeça para bloquear a dor.

— Talvez se você não tivesse bebido um litro inteiro de uísque ontem à noite, não teria acordado com essa dor de cabeça — avisou estendendo o suco e dois comprimidos na minha direção.

— Sei que exagerei, mas me empolguei. Não vai acontecer novamente — assegurei pegando o copo e os comprimidos. Coloquei-os na boca, engolindo o suco depressa, mas ao fim ainda estava com sede.

— Acho que está exagerando na bebida, mas sei que não vai me ouvir. Os caras estão putos com você. O show foi uma droga; você errou o ritmo em quase todas as músicas — alertou ainda magoada.

— Vou diminuir, eu prometo. E, quanto aos caras, pode deixar que me entendo com eles — afirmei, beijando sua testa e me deitando novamente. Eu não fazia ideia de que horas eram, mas ainda não conseguia me levantar. Precisava de mais algumas horas de sono.

Quando abri os olhos novamente, estava sozinho no quarto e minha cabeça estava bem melhor. Levantei-me devagar, ainda testando para ver se conseguiria sair da cama dessa vez, e sorri satisfeito ao chegar ao banheiro. Fiquei ali por algum tempo, enquanto a água caía nas minhas costas. Ainda estava meio zonzo, meio grogue e com uma ressaca que prometia se prolongar ao longo do dia. Ao sair do banheiro, amarrei meu cabelo ainda molhado num coque no alto na cabeça, coloquei um jeans e uma camiseta limpa, respirei fundo e pedi paciência a Deus para aguentar os sermões que receberia dos meus companheiros de banda.

Segui até a suíte do Jack, onde todos se encontravam quando estávamos

em hotéis. Bati à porta, e Rick me recebeu, carrancudo.

— Achei que a Bela Adormecida iria dormir o dia todo — criticou-me.

— Não quero e nem tenho paciência para os seus sermões de sempre. Foi só uma bebida. Quantas vezes aconteceu com o Jack, ou com o Jonas e até com o certinho do Bob, e não disse nada sobre isso? — argumentei passando por ele ao entrar na suíte.

— Pode ser, mas nunca beberam antes do show, foi sempre depois — justificou vindo atrás de mim.

— Quer saber? Pare de cuidar da minha vida, que já sou bem grandinho. E não vou mais beber antes do show, está bom pra você? — perguntei me virando para encará-lo.

— Acho que sim, cara. Toca aí! Só queria te lembrar que somos uma banda e cuidamos um do outro.

— Sei disso e agradeço que se preocupe comigo, mas estou bem. Cada dia melhor, na verdade — assegurei caminhando em direção às conversas na sacada da suíte.

— Até que enfim apareceu! — gritou Jack, sorrindo para mim, sentado ao lado do Jonas e do Bob. Estavam todos reunidos a uma mesa com algumas garrafas de cerveja e aperitivos.

— Preciso avisar que o Rick já deu o sermão da noite e entendi o recado. Nada de bebidas antes dos shows — anunciei ao me sentar ao lado do Jonas.

— Que bom que entendeu — comunicou Bob me estudando. Não sabia o que ele tinha, mas eu não conseguia enganá-lo nunca. Não importava o que fosse, ele descobria quando eu estava mentindo.

— Claro que entendi. Não quero mais acordar com uma ressaca como essa novamente.

— Essa é uma boa justificativa — resmungou Rick, arrastando a cadeira para se sentar.

— Talvez, mas saberemos se vai cumprir daqui a dois dias — avisou Jack se ajeitando na sua cadeira.

— Não é a primeira vez que alguém bebe e dá vexame. Somos uma banda de rock, e a bebida é quase uma obrigação.

— Não fale isso por mim — comentou Bob, irritado.

— Ok! Você pode não gostar de beber atualmente, mas não tem o direito de julgar os que gostam — critiquei meu amigo.

— Pode ser, mas precisa pensar na banda antes de sair por aí estragando tudo — emendou Bob, ainda tentando me irritar.

— Chega de jogar pedras no Freddy, que todos aqui têm o teto de vidro, inclusive eu — aconselhou Jonas, interrompendo a conversa. Se até ele se incluíra no rol dos que dão problemas, eu não sabia o que mais poderiam dizer para me irritar. Todos sabiam que Jonas era aquele que consertava todas as merdas que fazíamos. O cara nunca cometera nenhum deslize, até desaparecer para se tratar de um câncer e deixar todos sem saber o que de fato estava acontecendo com ele. Ficamos putos ao saber disso, mas no fim deu tudo certo, e então estava ele ali me defendendo mais uma vez.

— Valeu, cara — agradeci, pegando um salgadinho para aliviar minha fome.

Depois que Jonas interferiu ao meu favor, a conversa ganhou outro rumo, e fiquei aliviado por não ser mais o tema central. Aos poucos os caras foram relaxando e as coisas voltaram ao normal. Bebi algumas cervejas com eles, mas ainda estava bem lúcido quando voltei para o meu quarto e fiz amor com a minha esposa.

No dia seguinte, embarcamos para a Austrália para mais uma sequência de shows, e, conforme o combinado, não bebi nada no primeiro show em Melbourne, nem no segundo dia, quando tivemos que repetir as mesmas músicas e tudo ficou bem chato. Os caras me elogiaram, Mia me recebeu com beijos depois de cada show, mas ainda não era suficiente. Eu sabia que faltava alguma coisa, e beber depois de tocar não estava funcionando para

mim. Depois que eu tocava, não precisava mais beber tanto, o tédio já tinha passado.

Eu adorava os bastidores, amava tocar minha bateria até ficar com os braços doloridos e gostava dos meus companheiros de banda. Todavia, ainda não descobrira por que odiava as turnês. No começo da nossa carreira, alguns pares de anos antes, eu me empolgara de verdade com tudo aquilo. Porém, ultimamente estava cada vez mais difícil subir ao palco, e eu não fazia ideia de por que me sentia assim. Talvez fosse hora de parar? De dar um basta naquela merda toda e curtir minha vida ao lado da Mia na Toscana?

Chegamos a Canberra, e eu tive uma ideia para subir ao palco sem querer descer de lá na mesma hora. Tomei alguns comprimidinhos antes de me sentar em frente à bateria e começar a tocar. Funcionou por alguns minutos, e ninguém me criticou por estar fora de ritmo. Eu ainda conseguia acompanhar a banda, e estava tudo bem.

No segundo show em Canberra, decidi usar algo mais forte, e ficou ainda melhor. A angústia que parecia me acompanhar cada vez que eu subia ao palco desapareceu, e fiquei só com a adrenalina. Era perfeito, e ninguém percebeu. Alguns acharam que era a bebida, que eu ainda tomava uma dose ou outra depois dos shows, mas era outra coisa bem mais potente que eu usava escondido, no meu camarim. Ninguém percebeu nada, e eu fui me afundando cada vez mais. Não usei nada no primeiro show em Albany, e tive que usar o dobro quando consegui me livrar de todos e me tranquei no banheiro, minutos antes de subir no palco na próxima apresentação.

No avião, seguindo para Adelaide, Mia estava estranha, parecia desconfiada de alguma coisa.

— Onde você foi ontem à noite depois do show em Albany?

— Fui beber com os caras — menti sem tirar meus óculos escuros e olhando pela janela. Não consegui encará-la e dizer que fiquei “alto” numa boate com alguns dos *roadies* que acompanhavam a banda.

— Você não estava com Jack e os outros integrantes da banda — afirmou magoada, pude notar pelo seu tom de voz. Se havia uma pessoa que eu

conhecia como a palma da minha mão, era minha garota.

— Como sabe disso?

— Eu estava com eles no hotel a noite toda, e você não apareceu.

— É por esse motivo que está me evitando desde que deixamos o hotel?

— Sim — assentiu mexendo no seu celular.

— Se está tão interessada em saber onde eu estava, talvez devesse largar essa porcaria de celular e olhar pra mim.

— Ok! Você tem toda a minha atenção agora. Onde estava na noite passada? — questionou colocando o celular de lado para me encarar com seus lindos olhos azuis furiosos, parecendo uma tempestade de verão no Havaí.

— Estava numa boate com os *roadies* da banda — comuniquei tirando os óculos e admirando como ela ficava linda irritada. Suas faces estavam rosadas, e seus lábios exigiam ser beijados.

— Só isso? — indagou me observando atentamente.

— Claro, o que mais eu poderia fazer além disso? — repliquei, devolvendo-lhe a pergunta.

— Nada, só achei estranho você sair sozinho — ponderou, pensativa.

— Não estava sozinho, os *roadies* estavam comigo. Se duvida, pode perguntar a eles ou a um dos meus seguranças, que me seguem aonde vou.

— Acho que não precisa. Se está dizendo que foi beber com os amigos, então confio em você. Sem mais perguntas — concluiu, colocando um dos braços no meu pescoço e me puxando para um beijo.

Eu sabia que ela tinha medo de ser traída. O seu último namorado a traíra com uma amiga dela, o que deixou minha garota desconfiada de tudo. Eu jamais questionara, nem discutira sua insegurança, mas também jamais fizera nada para diminuí-la, continuara saindo e fazendo o que queria durante todo o

nosso relacionamento. Ela nunca duvidara da minha palavra, e eu jamais a traíra, nem pretendia. Amava Mia e faria tudo por ela.

Nos bastidores

MIA

Me diga uma coisa, garoto
Você não está cansado de tentar preencher esse vazio?
Ou você precisa de mais?
Não é difícil manter toda essa energia?
***Shallow* - Lady Gaga feat. Bradley Cooper**

Enfim chegamos ao nosso último show na Austrália. Desembarcamos naquela noite em Darwin. No dia seguinte faríamos um único show, e estaríamos liberados para seguir rumo à Nova Zelândia, último destino da primeira parte da turnê.

Estava quase terminando essa primeira parte, e ainda não tivéramos nenhum imprevisto até o momento, exceto o show em que Freddy tocara bêbado. Fora isso, tudo correra conforme combináramos. Por isso eu deveria estar eufórica: uma turnê sem quarto de hotel quebrado, sem festas cheias de *groupies*, nem deslizes para encobrir ou imprensa sensacionalista para controlar. No entanto, estava tensa e apreensiva. Algo estava muito errado, mas eu ainda não sabia exatamente o que era. Os caras estavam lotando os estádios e casas de espetáculo, a música era boa, e a galera adorava. Porém, eu sentia que havia uma atmosfera estranha no ar.

— Você parece preocupada. Aconteceu alguma coisa? — questionou Giovanna enquanto fazíamos juntas, na recepção do hotel, o check-in da banda, dos *roadies* e de todos que tinham vindo conosco.

— Não aconteceu nada, mas estou apreensiva e achando essa turnê tranquila demais — respondi pegando as chaves dos quartos para entregar para o pessoal.

— Você tem razão, nem parece uma turnê de uma banda de rock. Mas não falei nada até agora para não atrair, sabe como é. Se você não fala em voz

alta, não estava pensando de verdade.

— Acho que acabamos de romper o silêncio e devemos estar preparadas para as consequências — comentei ironicamente.

— Espero que esteja errada; mais nove shows e vamos voltar para casa — enfatizou ela enquanto se afastava devagar da recepção.

Entreguei as chaves dos *roadies* e da equipe de som. Deixei os garotos da banda por último, até porque estavam tranquilos bebendo uns drinques no bar do hotel.

— Posso pegar minha chave? Estou muito cansada e quero dormir — pediu Pandora assim que nos esbarramos no corredor do último andar. Era a primeira vez dela numa turnê. Só a havíamos contratado porque era amiga da Helena e do Bob. No entanto, a garota triste de cabelos ondulados exuberantes estava nos ajudando bastante.

— Claro, aqui está — respondi, entregando-lhe a chave.

— Vamos ficar todos no mesmo corredor? — perguntou olhando os números dos quartos.

— Sim, como sempre. Acho que seu quarto é ao lado do de Bob — disse, pegando a chave do ruivo para a entregar a ela.

— Por quê? — inquiriu confusa.

— Nada especial. Não escolhemos os quartos. Mas vou deixar a chave dele com você; assim, você abre o quarto para ele quando o cara chegar.

— Ah, entendi. Claro, pode deixar comigo — respondeu toda simpática.

— Agora pode ir descansar. Quando estamos em turnês, não conseguimos obedecer aos horários que tínhamos antes por causa da mudança constante de fusos horários. Às vezes dormimos o dia inteiro e ficamos a noite toda acordados. É difícil no começo, mas depois nos acostumamos e entramos no ritmo.

— Obrigada pela dica. Vou tentar dormir agora, já que teremos um dia

cheio amanhã — comentou, caminhando apressadamente em direção ao seu quarto.

Aproveitei que tinha entregado a maioria das chaves para descansar um pouco na suíte que dividiria com o Freddy. Seria só um pouco, mas eu estava tão esgotada que caí na cama com roupa e tudo e só acordei à madrugada, com um barulho estranho.

— O que aconteceu? É você, Freddy? — questionei ainda sonolenta.

— Sim, sou eu — resmungou com a voz enrolada. Na certa estava bêbado novamente.

— Que barulho foi esse? — indaguei esfregando os olhos para enxergar melhor.

— Nada, volte a dormir — respondeu irritado.

— Não vou conseguir adormecer de novo, já estou bem acordada — expliquei acendendo a lâmpada do quarto e me assustei quando o vi parado ao lado de uma mesa com muitos cacos de vidro no chão.

— Você está bem? — indaguei preocupada, caminhando até ele.

— Estou, é só um vaso que caiu no chão enquanto eu tentava ir até o banheiro no escuro.

— Você cortou a mão? — perguntei observando o sangue que caía sobre os cacos.

— Não foi nada — respondeu nervoso.

— Deixe-me ver — pedi tentando pegar a sua mão para olhar de perto. Contudo, ele não deixou e ficou ainda mais irritado.

— Não encoste em mim! É apenas um corte, vai melhorar assim que eu conseguir chegar ao banheiro!

— Por que está sendo estúpido? Estou preocupada e quero ajudar.

— Não me chame de estúpido por causa da porra de um vaso que caiu no chão!

— Você não entendeu. Não é o vaso, é você. O que aconteceu? Você está diferente.

— Nada, eu já disse, e pare de me irritar! — gritou, esmurrando o tampo da mesa de vidro, que se espatifou no chão.

— O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?! — gritei ao ver as mãos dele cobertas de sangue.

— PARE, PARE, pare, pare, por favor, fique quieta! — pediu colocando as mãos na cabeça.

Fiquei estática, enquanto meu marido caminhava devagar até o banheiro e batia a porta com tanta força que tremi, assustada.

Permaneci no lugar, sem saber para onde ir ou até mesmo o que deveria fazer. *Será que ainda estou dormindo?*, pensei, tentando me mover devagar e seguir de volta para a cama. Caminhei com cuidado, desviando-me dos cacos de vidro que estavam espalhados por toda parte. Deitei-me e, ainda confusa, fechei os olhos com força, mas o sono não vinha. Comecei a chorar baixinho e abracei minhas pernas encolhidas. Fiquei assim por horas até que, finalmente, peguei no sono.

Uma luz forte bateu nos meus olhos assim que tentei abri-los e minha barriga roncou ao sentir o cheiro de comida. Ainda estava confusa, mas olhei pela janela e descobri que já tinha amanhecido. Sentei-me na cama como fizera algumas horas antes, tentando me recompor.

Todavia, a cena que deslumbrei dessa vez era bem diferente da anterior. Freddy estava sentando a uma mesa organizada para um apetitoso café da manhã. Esfreguei os olhos a fim de descobrir se aquela cena era real, mas não precisei.

— Acorde, dorminhoca, o café está servido — anunciou ele todo animado.

Respirei fundo antes de me levantar e seguir em direção à mesa. Sentei-me numa cadeira à sua frente e olhei para o chão, mas não tinha nenhum sinal dos cacos de vidro nem da mesa quebrada.

— O que aconteceu na noite passada? — indaguei cautelosa.

— Acho que bebi um pouco demais e as coisas saíram do controle — disse dando de ombros e ergueu a mão para pegar o copo de suco de laranja. Pude ver os curativos na sua mão.

— Só isso? Você quebrou uma mesa na minha frente, gritou comigo e diz com a maior cara de pau que as coisas saíram do controle?! — questionei furiosa.

— Desculpe, Mia, eu não devia ter quebrado a mesa, mas estava bêbado e não pensei direito.

— Você me assustou pra caralho — resmunguei chateada.

— Desculpe, desculpe mesmo, eu não queria fazer isso. Prometo, ou melhor, eu juro que isso não vai mais acontecer — falou tentando tocar na minha mão em cima da mesa, mas não deixei.

— Não foi certo o que fez na noite passada, Freddy. Além disso, você não aceitou a minha ajuda e estava fora de controle.

— Sei disso e já pedi desculpas.

— Você não pode beber se não consegue se controlar depois — alertei querendo ajudá-lo.

— Vou diminuir. Na noite passada eu acabei me empolgando, mas não vai acontecer de novo.

— Por que não me deixou ajudar? Eu sou sua esposa! — disse aflita.

— Sei disso, Mia, e me arrependo muito. Eu machuquei você? — perguntou preocupado e me observando atentamente.

— Fisicamente, não — respondi baixinho, segurando as lágrimas, mas

meu coração estava dolorido, pois eu não soubera o que tinha acontecido com meu marido na noite anterior.

— Vou ser mais cuidadoso, prometo, e isso não vai mais se repetir. Você acredita em mim? — inquiriu. Eu nem tinha percebido que ele havia se levantado. Estava de cabeça baixa fitando a xícara vazia à minha frente. Porém, assim que levantei meus olhos, ele estava ajoelhado, com as mãos nos meus joelhos e os olhos vermelhos.

— Eu perdoo você, não foi nada de mais. Só fiquei assustada e não gostei quando você me afastou. Somos um casal agora e devemos dividir bem mais do que a cama. Se você está com problemas, precisa contar e me deixar ajudar.

— Entendi agora, meu amor, mas não fique chateada comigo — pediu segurando na minha cintura e encostando a cabeça no meu colo. Coloquei minhas mãos nos seus cabelos macios e comecei a fazer um cafuné, e a dor pareceu diminuir. Eu sabia que teríamos um longo caminho pela frente, mas estava disposta a consertar bem mais do que o vaso e a mesa quebrados.

Não seria fácil passar por isso sozinha, mas, se Freddy estivesse ao meu lado, tudo ficaria bem, era assim que eu pensava. Como era ingênua e não fazia ideia do tamanho da montanha que deveria escalar! O que aconteceu naquela noite foi apenas uma amostra do que eu viveria nos próximos meses.

Eu não sou assim

FREDDY

Me diga uma coisa, garota
Você está feliz neste mundo moderno?
Ou você precisa de mais?
Existe algo mais que você está procurando?

Shallow - Lady Gaga feat. Bradley Cooper

Tentei mostrar a Mia o quanto eu estava arrependido da cena que fizera antes do nosso último show na Austrália, mas sabia que ela ainda estava chateada comigo, o que não me ajudava nem um pouco a ficar longe das merdas que me mantinham "ligado" durante os shows.

Desembarcamos em Wellington, capital da Nova Zelândia, e eu estava quase tendo um treco no avião. Queria minha garota olhando para mim com admiração, como ela sempre fazia. Na verdade, acho que era a única. Nunca ninguém me olhara como ela, e penso que era isso que me fazia amá-la cada vez mais. Porém, esse olhar desapareceu depois daquela noite, e eu não sabia como viver sem ele, nem o que fazer para trazê-lo de volta.

Depois de suportar os bastidores da primeira apresentação tirando fotos e concedendo entrevistas cujo conteúdo nem me lembrava, segui direto para o hotel. Peguei uma garrafa de uísque, sentei-me na sacada, ainda com a roupa do show – camiseta preta e uma calça jeans surrada – e comecei a beber sozinho.

Estava no automático e bebendo alguns goles de uísque para aguentar a pressão à minha volta. Ignorei mais um telefonema da minha mãe e não pretendia retornar a ligação tão cedo. O show daquela noite tinha sido uma merda, e eu ainda precisava fazer mais um no dia seguinte, ou melhor, naquele mesmo dia, à noite.

O céu estava estrelado, e os barulhos dos carros lá embaixo só me deixavam mais melancólico. Eu não sabia por quanto tempo aguentaria. Restavam alguns shows para terminar a turnê, mas estava tão deprimido que não sabia como cumprir aquela agenda estúpida sem enlouquecer. Já fizera de tudo para melhorar meu ânimo, mas nada adiantava, nem o sexo com a Mia parecia resolver.

Sentia que estava caindo em um precipício e não tinha nada, nem ninguém para me segurar. Sabia que a queda seria grande, mas não estava fazendo nada para impedir o estrago, talvez até estivesse gostando. Quiçá não sentir nada fosse melhor do que sentir tudo e não conseguir fazer nada para parar.

Já tivera momentos assim antes, principalmente na adolescência, quando meu pai jogava na minha cara que eu tinha de ser militar e continuar a tradição da família. A pressão era tanta que às vezes queria desistir de tudo. Todavia, acabara não desistindo quando conhecera a música, e ela mudara a minha vida, até o momento, pelo menos. A música passara a ser algo mais, a única coisa em que eu era bom e elogiado por isso. Havia ficado em êxtase por um longo tempo.

Mia aparecera logo em seguida, e nada mais era tão importante para mim, até aquela noite quando seus olhos azuis e sinceros pararam de me olhar com admiração e começaram a me ver como o meu pai.

Eu conhecia bem aquele sentimento e podia enxergá-lo a quilômetros de distância, por isso me quebrara em milhões de pedacinhos ver minha esposa me olhando exatamente como ele o fazia, como um fracassado. Era isso o que eu me tornara para ela.

Bebi mais um gole de uísque, e o líquido desceu queimando feito fogo por minha garganta, mas não conseguiu aplacar a dor no meu peito, por isso arremessei a garrafa na parede e fiquei quieto enquanto o líquido âmbar escorria e os cacos de vidro se espalhavam no chão. Eu queria gritar, quebrar algumas coisas, mas não conseguia sair do lugar. Permaneci sentado no chão frio, cheirando a bebida e com os pensamentos confusos por um longo tempo.

— Você está bem? — questionou Mia passando a mão no meu cabelo

para tirá-lo do rosto.

Levantei a cabeça, confuso, para olhar minha garota ajoelhada ao meu lado com os olhos marejados e o semblante preocupado.

— Estou bem, só bebendo um pouco — disse sem coragem de olhar nos seus olhos azuis novamente, pois eu sabia o que iria encontrar.

— Posso ficar aqui com você?

Não respondi, e, depois de esperar um tempo e não ter qualquer palavra minha, ela resolveu se sentar ao meu lado mesmo assim.

Permaneci com a cabeça baixa e não queria conversar com ela, não naquele instante, em que eu estava tão furioso e no fundo do poço.

— Estou preocupada com você — ela disse devagar, testando as palavras, como se temesse algo.

— Não devia, estou bem — resmunguei sem qualquer convicção. Logo depois levantei a cabeça e a encostei na parede, mas ainda não conseguia olhar para ela.

— Tem certeza disso? — questionou tocando no meu ombro, e minha primeira reação foi me afastar como se tivesse levado um choque.

— Desculpe — pediu afastando a mão no mesmo instante.

— Não quero conversar — comuniquei olhando para as pilastras da sacada.

— Sei disso, mas não aguento ver você assim e não poder fazer nada — comentou com a voz embargada.

— Não é algo que você possa resolver e não faz parte do seu trabalho — resmunguei chateado com a necessidade que ela tinha de consertar tudo.

— Não falo de trabalho, e você devia saber disso. Estou falando de você e do nosso casamento.

— Eu disse que não era bom pra você, avisei muitas vezes antes de nos casarmos.

— Não adianta ficar repetindo essa frase, quero consertar as coisas e não voltar ao passado.

— Já pensou que algumas coisas não podem ser consertadas? Não sou um objeto com defeitos, e sim uma pessoa.

— Claro que sei disso, mas você precisa de ajuda. Sou sua esposa e tenho o dever de ajudar.

— Estou te dispensando do papel. Pode voltar para a cama. Ainda vou ficar aqui mais um pouco.

— Não quero dormir sem você.

— Por quê?

— Porque eu te amo e quero você ao meu lado! — respondeu chorando.

Eu sabia que estava pegando pesado com ela, mas não percebi o quanto até que suas lágrimas começaram a cair. Eu estava fodido, porém, lá no fundo sabia que amava aquela garota e não podia deixá-la assim.

— Venha aqui — pedi erguendo o braço. Ela encostou a cabeça no meu peito e suas lágrimas molharam a minha camisa na mesma hora.

— Por favor, não se afaste de mim — pediu me abraçando forte.

— Eu não vou, baby, eu não vou — murmurei, beijando seu cabelo macio. Seu cheiro gostoso invadiu meu espaço, e por um momento esqueci a merda em que eu estava. Por alguns minutos nada era mais importante do que segurar minha garota nos meus braços.

Esperei que seu choro diminuísse e, quando senti que ela estava à vontade, segurei-a no meu colo e entrei no quarto. Coloquei seu corpo com cuidado na cama macia e beijei seu rosto com carinho, secando as lágrimas no caminho. Logo em seguida prendi seus lábios com os meus e mergulhei na sua boca, explorando o que ela abria para me oferecer. Minhas mãos

deslizaram por seus ombros e desceram as alças da sua camisola. Senti sua pele macia na minha língua ao provar cada pedacinho descoberto do seu corpo.

Eu não tinha pressa; enquanto estivesse ali com ela, minha mente não estaria vagando sem rumo, nem eu teria necessidade de entorpecer meus sentimentos – tudo estava suspenso. Ela era a droga que eu estava precisando no momento, e fiz questão de usar até a última gota. Conhecia seu corpo até mais do que o meu e sabia os lugares certos para pressionar e ouvir seus gemidos aumentarem, seus lábios ficarem gananciosos pedindo mais, e foi o que fiz. Suguei, apertei e senti como se estivesse viajando na droga mais potente que já experimentara na vida. Parecia funcionar tão bem, eu era outra pessoa com seu corpo quente colado ao meu.

Todavia, nada dura para sempre, e as melhores coisas costumam ter um prazo limitado, e foi isso que experimentei logo depois do êxtase que senti ao preencher seu corpo. Beijei seu cabelo mais uma vez, segurei sua cintura e a puxei para ficar encostada no meu peito nu. Não disse nada e nem saberia o que dizer. Ficamos em silêncio até que senti sua respiração tranquila e percebi que ela tinha dormido sobre meu tórax.

Eu não sabia por que sentia aquele buraco dentro de mim, aquele vazio, quando tinha a garota mais linda e amorosa na minha cama, e o melhor, ela era minha. Não era uma escolha, nunca tinha sido. O vazio chegava sem pedir permissão e costumava levar o que eu tinha de melhor – que era ela. Talvez eu devesse deixá-la livre. Sabia que aquele relacionamento não funcionaria a longo prazo, estava cada vez mais difícil sucumbir ao desejo de beber cada vez mais ou de usar drogas mais fortes.

Foi com esse pensamento que me afastei de mansinho para não acordar Mia e vesti minha roupa que estava jogada no chão. Peguei um boné, coloquei um casaco preto, óculos escuros, mesmo sendo noite, e saí do quarto em busca de algo que pudesse me fazer esquecer a merda que eu me tornara.

Saí do hotel e pedi um táxi. Não sabia aonde ir. Ficamos rodando sem rumo por algum tempo até que pedi para parar em frente a um local com música alta e muitas pessoas do lado de fora.

Caminhei de cabeça baixa no meio das pessoas; não podia ser reconhecido. Tudo que eu queria naquele momento era esquecer quem era. Depois de me desviar de pessoas segurando copos de bebidas, fumando e dançando, consegui chegar ao bar.

— Um *shot* de tequila, por favor — pedi para a *bartender*, que me olhou de cima a baixo antes de entregar a bebida.

— Aqui está, gostoso — disse passando a língua no lábios vermelhos e carnudos.

— Obrigado — agradeci sorrindo e virei o copo de uma vez. Nem esperei o limão e o sal que vieram em seguida.

Não sabia que horas eram quando saíra do hotel, nem quanto tempo fiquei bebendo sentado em frente ao bar e trocando flertes inocentes com a *bartender*. Em algum momento bebi tanto que apaguei. Encostei a cabeça no balcão frio e não vi mais nada.

Acordei com o sol queimando meu rosto, os olhos ardendo de sono, a boca seca e a cabeça explodindo. Virei-me na cama e deslizei a mão no lençol para puxar Mia para os meus braços, mas não consegui. Estava sozinho. Olhei para o teto branco e suspirei frustrado.

— Como cheguei aqui?

— O Carlos trouxe você de volta — resmungou Mia sentada numa cadeira perto da cama.

— O segurança do Jack? — questionei confuso. Eu tinha achado que estava sozinho.

— Sim, ele mesmo. Parece que o Jack não precisa mais do nosso chefe de segurança. A partir de hoje, ele será sua sombra — anunciou irritada se levantando e me deixando sozinho no quarto.

Um passo de cada vez

MIA

Eu tenho tudo que eu preciso quando tenho você
E eu olho ao meu redor e vejo uma vida boa
Estou presa no escuro, mas você é minha lanterna
Você me guia, me guia através da noite

***Flashlight* - Jesse J**

Estava difícil ignorar que o Freddy tinha problemas sérios com a bebida e outras substâncias nas quais eu preferia nem pensar. A turnê estava acabando, mas a paciência dos integrantes da banda, do meu tio e até mesmo da Giovanna estava por um fio. Todos já haviam conversado com ele e lhe pedido para se controlar e parar de usar aquelas merdas que estavam atrapalhando as nossas vidas, mas ele não escutava ninguém e ignorava nossos conselhos um atrás do outro, como se fossem nada.

— Está difícil ficar ao lado do meu marido quando ele não se abre comigo — resmunguei insatisfeita ao meu primo.

— O Freddy nunca se abre com ninguém — disse Jonas sentado ao meu lado na cafeteria do hotel em Christchurch.

— Mas ele precisa. — Suspirei, segurando a xícara cheia de café quentinho, mas não consegui tomá-lo e a devolvi ao pires.

— Eu sei disso. Você também, e acho que todos sabem, menos o Freddy. O cara é o maior cabeça-dura que conheço e não vai nos escutar tão cedo.

— Motivador — bufei olhando o garçom limpar as mesas ao lado. Estava uma tarde agradável, e os hóspedes ainda não tinham aparecido na cafeteria, por isso estávamos tão tranquilos, conversando sem ser perturbados. Eu precisava falar com alguém, caso contrário ficaria louca, e, quando vira meu

primo sentado sozinho tomando café, resolvera acompanhá-lo.

— Mia, o Freddy precisa de ajuda, mas ainda não sei o que fazer.

— Nem eu, mas precisamos descobrir — comentei, bebendo o primeiro gole do meu café, e o líquido quente desceu pela minha garganta, dando-me um prazer momentâneo.

— Talvez devamos esperar até ele pedir ajuda — sugeriu.

— E se ele não pedir? Freddy é orgulhoso demais, acho que nunca vai pedir ajuda a ninguém.

— Pode ser. No entanto, estamos de mãos atadas. Não se pode ajudar alguém que não quer ser ajudado. Na verdade, é isso que o Freddy faz questão de dizer quando tentamos pedir que pare de beber e usar drogas durante os shows.

— Sei disso, ele faz a mesma coisa comigo. Já nem sei mais o que fazer. Talvez a solução seja uma clínica de recuperação?

— Ele não vai aceitar — Jonas comentou com o semblante preocupado.

— Vou convencê-lo de que é o melhor a ser feito. Faltam poucos shows para a primeira parte da turnê ser encerrada. Quando voltarmos para casa, vou levá-lo a uma clínica.

— Acho que ele não vai gostar, mas apoio a ideia. Não quero ficar de braços cruzados enquanto meu amigo destrói a vida dele.

— Você acha que os outros irão me apoiar também? — questionei com a voz trêmula, demonstrando o receio que eu sentia.

— Claro que sim. Vamos apoiar você e ajudar o Freddy a passar por essa fase difícil.

— Fico mais tranquila em saber disso — assegurei tomando a mão do meu primo em cima da mesa. Jonas era o tipo de pessoa em quem se pode confiar. Apesar de o Jack também ser meu primo e ter me ajudado quando precisei de um emprego, Jonas sempre era meu ombro amigo, aquele a quem

eu recorria quando precisava.

Estava cansada, e meu celular não parava de apitar. Ignorara meus compromissos por tempo demais. Tinha obrigações com a banda e precisava cumpri-las.

Despedi-me do meu primo e segui para o último andar do hotel em busca da Giovanna e da Pandora para acertar os últimos detalhes para o show daquela noite. Ainda bem que não precisei andar muito. Encontrei as duas no quarto que dividiam no final do corredor.

— Como estão? — perguntei entrando no quarto sem bater, uma vez que a porta estava só encostada.

— Cansada — resmungou Giovanna deitada na cama, ainda com a sua roupa certinha de secretária.

— Estou bem — anunciou Pandora, sem qualquer sinal de cansaço. Aquela garota tinha sido um achado para a nossa equipe.

— Ainda bem, pelo menos uma de nós tem energia para o final da turnê — comentei me sentando na cama ao lado dela.

— E o Freddy, como está? — questionou Giovanna preocupada.

— Ele está bem, pelo menos é o que eu acho. Bob está tentando colocar juízo na cabeça dele. Os dois estão conversando no meu quarto.

— Espero que funcione.

— Eu também — emendou Pandora.

— Vamos torcer. Toda ajuda é necessária, e, se nada resolver, vou tentar interná-lo numa clínica de reabilitação quando essa etapa da turnê terminar.

— Acha que precisa mesmo disso? — indagou Giovanna com o semblante preocupado.

— Não sei, mas não pretendo pagar pra ver. Freddy está muito diferente, o que me apavora.

— O que os outros caras da banda acham disso? — Giovanna perguntou, sentando-se na cama, mais atenta à conversa.

— Eles concordam, bem, ao menos o Jonas. Assim como eu, não sabem mais o que fazer.

— Certo. Acho que devemos diminuir a agenda enquanto nada está decidido. Podemos prolongar o recesso antes da segunda etapa da turnê.

— Acha que consegue?

— Não sei. Temos mais de um mês antes do primeiro show na América do Sul. Talvez, com alguns ajustes, possa funcionar.

— Faça isso. Não podemos arriscar perder esses shows. E quanto aos compromissos de agora?

— Eu cancelei algumas entrevistas e participações em eventos. Alguns, não consegui cancelar, por isso mandei o Jack e o Jonas. Priorizei os shows.

— Ótima ideia, e obrigada pela ajuda.

— Não se preocupe, vamos dar um jeito — comentou se aproximando para me abraçar.

— Vou indo. Se precisar de mim, estarei no meu quarto — sussurrei no seu ouvido enquanto retribuía o abraço. — Até mais, Pandora — disse à garota tímida antes de deixar a suíte e seguir para a minha no final do corredor.

Ao entrar no quarto, a luz estava apagada, e o Freddy, deitado na cama. Aproximei-me devagar, com receio de encontrá-lo embriagado novamente. Porém, tive uma surpresa ao me deitar ao seu lado e não sentir nenhum cheiro de álcool no seu corpo.

Talvez a conversa com o Bob tivesse funcionado e o Freddy entendera que precisava parar de beber tanto e de usar fosse lá o que estivesse usando. Se fosse assim, eu nem precisaria mencionar a clínica de reabilitação. Seria difícil convencê-lo. Senti-me aliviada ao encostar a cabeça no seu peito nu e

descobrir o mesmo cheiro gostoso do seu corpo novamente. Talvez enfim tivéssemos o velho Freddy de volta. Na certa tinha sido apenas uma crise difícil, mas passara, e poderíamos continuar nossa rotina.

Estava tão esgotada que me aconcheguei ao seu corpo quentinho e esperei o sono chegar. Estava cansada daquela turnê. Queria voltar para o meu apartamento o quanto antes. Nem tivera chance de lhe dar meu toque pessoal, nada tinha sido escolhido por mim. Apesar de adorar surpresas, aquele apartamento seria meu lar, e eu precisava deixá-lo do meu jeitinho antes de começar a nova etapa da turnê.

Foi só um deslize

FREDDY

Não é do seu feitio pedir desculpas
Eu estava esperando por uma história diferente
Dessa vez eu estou errado
Por entregar a você um coração que valesse a pena partir
E eu estive errado, eu estive deprimido
Andei bebendo todas para esquecer

***How you remind me* - Nickelback**

Todos achavam que eu estava refém da bebida e das drogas, mas não era assim. Eu bebia e usava qualquer tipo de droga porque queria esquecer. Quando não precisasse mais esquecer a cobrança dos meus pais e não sentisse a pressão da turnê, elas não teriam mais serventia para mim – era o que eu pensava. O que não sabia era o quanto estava atolado até o pescoço naquele monte de merda que aprontara ao longo dos anos.

Não sabia o quanto era difícil ficar sem ao menos uma daquelas substâncias, quanto mais as duas ao mesmo tempo. Depois de tanto ouvir as súplicas da minha esposa, resolvi me esforçar mais e deixei as drogas e a bebida em segundo plano. Não foi fácil. Muitas vezes quis descer do palco correndo durante um dos nossos shows para usar algo que pudesse amortecer ou diminuir a dor lasciva que corria pelo meu peito. Porém, não o fiz, mantive-me firme e convicto da minha promessa.

No entanto, eu estava por um fio. Qualquer deslize me levaria para bem mais fundo do que eu jamais tinha ido. Fizemos os dois shows em Christchurch e mais dois em Hamilton. Bebi bem pouco em cada um deles e não usei qualquer droga para diminuir a sensação de impotência que costumava me rondar com frequência. Aproveitei esses dias para me concentrar na Mia. Fiz tudo o que todos me pediam, e o sorriso aos poucos

voltou a brilhar no rosto dela.

— Estava com saudades desses momentos juntos — sussurrou Mia no meu ouvido enquanto ainda estava enroscada nos meus braços.

— Eu também — comentei, mordiscando sua orelha.

— Estava preocupada com você. Tive medo de não ter o velho Freddy de volta — emendou sorrindo para mim.

— Está me chamando de velho? — brinquei franzindo o cenho.

— Não, só queria meu marido de volta — comentou, tocando meus lábios com os seus num selinho rápido.

— Você nunca me perdeu — disse rolando para ficar em cima dela. Mia tinha razão quando dissera que eu estava distante. Não queria ter me afastado dela, não quando ela era tudo que eu tinha. Entretanto, eu carregava uma dor que costumava manter distante das pessoas que amava.

***

Subi ao palco no nosso show em Auckland me sentindo no limite. Segurei a pressão o máximo que podia, mas nada parecia funcionar. Não tirei meus olhos da Mia a noite toda, e seu sorriso foi meu incentivo para não parar de tocar, quando tudo que eu queria no momento era esquecer. Errei algumas batidas e recebi olhares estranhos dos meus companheiros, mas os ignorei. As músicas pareciam se arrastar, e o barulho da plateia me irritava em vez de agradar. Por isso, quase no final do show, parei de tocar. Fiquei imóvel sentado em frente à minha bateria. Meus companheiros resolveram ignorar meu gesto e tocaram sem mim. Na última música, surtei e saí correndo do palco.

— O que aconteceu? Onde você vai? — questionou Mia correndo atrás de mim nos bastidores.

— Nada, só preciso ficar sozinho! — respondi sem me virar para ela e ver estampada nos seus olhos a expressão de fracasso que eu tanto temia. Tentara ficar longe da bebida, mas virara uma sombra do que costumava ser e nem

mesmo ela percebera isso. Para eles era fácil. Eu só precisava parar de beber e usar qualquer entorpecente que tudo ficaria bem. Todavia, não era assim.

— Posso ir com você? — pediu com a voz embargada.

— NÃO! — gritei o mais alto que pude, assustando-a. Talvez assim ela entendesse que eu não queria sua companhia.

Saí apressado pelos corredores e parei quando vi o Carlos parado perto do carro que nos levaria de volta para o hotel.

— Só dirija! Preciso sair daqui — ordenei entrando no veículo e fechando a porta com força.

Não sabia aonde ir, nem o que queria fazer. Andamos sem rumo pela cidade. A angústia me dominava cada vez mais, e tudo que eu queria era esquecer aquele buraco negro que aumentava no meu peito.

Paramos num barzinho algumas horas depois, e pedi que o Carlos me esperasse do lado de fora. Ele ainda tentou me convencer a voltar para o hotel, mas fui claro:

— Se ainda quer ser meu segurança, obedeça às minhas ordens.

E precisei dar um crédito a ele, pois o cara nem ao menos hesitara ao sair do bar e me deixar sozinho.

Sentei-me numa banqueta de frente para o atendente e pedi um *shot* de tequila, depois mais um, mais outro. Em seguida bebi outras coisas das quais não me lembrei depois, e nem importava. Só queria anestesiar a dor, e estava funcionando. O toque final ficou por conta de algo que o garçom me entregou disfarçadamente. Misturei-o às próxima bebidas e aos poucos fui perdendo a noção de tempo e espaço. Cada vez que tentava andar, parecia pisar em nuvens. Era como se meus pés não tocassem mais o chão. Depois disso, tudo ficou meio nebuloso. Contarei o pouco de que me lembro.

Cheguei ao hotel arrastado pelo Carlos e, quando entrei na suíte, Mia correu ao meu encontro.

— O que aconteceu com ele? — perguntou aflita para o meu segurança.

— Ele está dopado. Não sei quanto bebeu ou o que mais usou — respondeu colocando meu corpo cansado numa poltrona.

— Você tinha que cuidar dele! — ralhou preocupada. Sua voz estava tão distante que mais parecia um sussurro.

— Não posso impedi-lo de beber — comunicou impotente.

— Tudo bem. Agora pode sair, que vou cuidar dele — bufou irritada, pois seu tom de voz mudou ao dizer a última frase. Eu a tinha magoado mais uma vez e, mesmo não conseguindo abrir meus olhos para verificar o olhar de decepção, sabia que ele estava lá, como um lembrete do meu fracasso.

— Vamos, Freddy, você precisa de um banho — anunciou tentando me levantar.

— Não vou sair daqui — resmunguei deixando meu corpo cair novamente na poltrona.

— Mas precisa, suas roupas e seu corpo fedem a bebida — rosnou puxando minhas mãos.

— Não quero! — gritei, irritado com ela por me perturbar.

— Você vai se sentir melhor, eu prometo — disse com a voz embargada.

— Não quero que cuide de mim! Quero ficar sozinho! Me deixe sozinho! — pedi mais alto do que pretendia.

— Não vou a lugar nenhum! — falou decidida.

E essa foi a faísca necessária para acender o que eu tinha de pior dentro de mim. Levantei-me tão rápido que seu corpo, apoiado ao meu, cambaleou e caiu no chão. Não olhei para ela enquanto caminhava desnorteado pelo quarto. Virei as poltronas, quebrei os abajures e a mesa de canto. Arremessei uma cadeira na janela, e os cacos de vidro se espalharam pelo chão, rasguei os lençóis da cama.

— EU NÃO PRECISO DE AJUDA! — gritei o mais alto que consegui.

Estava perturbado. Algo havia saído do prumo, e eu não conseguia colocá-lo no lugar e nem queria. Segurara aqueles sentimentos, aquela pressão por tanto tempo que enfim tinham me dominado por completo. Peguei um dos estilhaços de vidro e, mesmo com as mãos sangrando, enfiei-o com toda a força no colchão, cortando a espuma em muitas partes, tantas que o algodão e a espuma se espalharam pelo quarto. Não sei quando parei nem o que me fez parar. Só sei que tudo escureceu.



Abri meus olhos num quarto idêntico ao que eu destruíra na noite anterior e por um momento pensei que tudo não passara de um sonho. Corri minhas mãos para puxar o corpo da Mia para o meu lado, mas a cama estava vazia, e eu, sozinho.

Sentei-me na cama, olhei minhas mãos enfaixadas e descobri que não estava sonhando. Levantei-me o mais rápido que consegui, girei em volta da cama em busca de roupas e, assim que avistei a calça jeans e a camiseta limpos em cima da poltrona, corri para me vestir.

Eu precisava encontrar a Mia. Eu a machucara? No entanto, não consegui sair do quarto, porque fui interceptado por Jack e Jonas, que me aguardavam no corredor.

— Precisamos conversar — pediu Jonas me empurrando de volta para o cômodo.

— Agora não, quero ver a Mia primeiro — respondi chateado com a sua ordem.

— Você não tem escolha. Não vamos deixar você vê-la antes dessa

conversa — argumentou Jack, bloqueando minha passagem.

— Ela está bem?

— Você deveria responder essa pergunta, não nós! — retrucou Jonas, furioso.

— Sei disso, mas não tenho ideia de como ela está. E estou ficando louco sem notícias.

— Ela está bem, mas não graças a você — anunciou Jack se sentando no sofá do quarto.

— Então o que querem? — questionei me sentando na cama, irritado com aquela conversa.

— Encerramos a turnê. Faremos um único show em New Plymouth e voltaremos pra casa. Nada de América do Sul.

— Boa ideia. Não tenho condições de continuar em turnê — resmunguei, sem coragem de olhar para meus amigos.

— Saiba que você vai pagar todos os custos que tivemos ao adiar a turnê. Além disso, queremos a sua palavra de que vai procurar ajuda — continuou Jack, taciturno. Não tive nenhuma chance de argumentar. Jamais pensara que levaria uma bronca do Jack, mas estava levando e com toda razão. Eu tinha pisado na bola.

— Tudo bem — murmurei envergonhado.

— Ainda tem mais: você vai se comportar no nosso último show — afirmou Jonas me encarando com expressão de poucos amigos.

— Já entendi e não vou vacilar dessa vez — prometi, levantando-me inquieto.

— Quanto a Mia, você precisa dar um tempo pra ela. Assim que estiver pronta para conversar, ela vai procurar você — anunciou Jack, levantando-se também.

— Eu só quero vê-la — pedi angustiado.

— Mas ela não quer ver você agora — completou Jonas, dando de ombros como se sua resposta não tivesse aniquilado minha última esperança de não ter decepcionado minha garota para sempre, assim como eu tinha feito com todas as pessoas importantes na minha vida.

O melhor para você

MIA

Há uma pequena mancha preta no sol hoje
É a mesma coisa antiga de ontem
Eu estive aqui antes dentro da tempestade
Com o mundo girando círculos em volta do meu cérebro

***King of pain* - Alanis Morissette**

Alguém já viu um castelo de areia desmoronar? Demora-se horas para construir, colocar janelas, portas, torres altas e potentes, e, no fim da tarde, vem uma onda e derruba tudo em questões de minutos. Fui criada em uma casa de veraneio, em frente à praia e sempre adorei construir esses castelos, porém, não ficava triste toda vez que eles eram derrubados, pois sabia que poderia construir um mais bonito no dia seguinte.

No entanto, não me sentia assim em relação ao meu casamento. Eu só queria fugir do problema o máximo que conseguisse. Como se fosse possível.... Eu sabia que não podia, mas ignoraria essa consciência até não ter outra saída.

Não me machuquei quando Freddy destruiu o quarto todo. Agachei-me à beira da cama, tampei os ouvidos e só consegui olhar novamente quando Jack apareceu para me buscar. Ele me levou no colo até o seu quarto, colocou-me com cuidado na cama e me deu um calmante. Dormi até o dia seguinte. Desde então, estava fugindo do Freddy, que, para meu alivio, não me procurara nenhuma vez.

Tirei o dia de folga. Como a turnê estava no fim, deixei tudo nas mãos da Giovanna e da Pandora e me afastei completamente. Dormi mais do que pensei que conseguiria e, quando soube que o Freddy não estava no quarto, peguei todas as minhas coisas e as levei para a cobertura do Jack, que tinha

dois quartos. Ignorei os telefonemas do meu pai e da Helena, sentei-me na sacada enrolada numa manta quentinha e fiquei horas pensando no que eu poderia fazer.

Apesar de todo o caos que Freddy aprontara, eu ainda o amava. Estava muito magoada, triste e furiosa com tudo que ele fizera, mas não podia dizer que o amor que sentia por ele diminuíra. Esse era o meu problema, não queria continuar perto enquanto ele se destruía e me levava junto, mas também não tinha forças para abandoná-lo, mesmo que ele não quisesse a minha ajuda.

Esperei o sol se pôr e o céu escurecer antes de sair da sacada. Apesar de ter permanecido ali por horas a fio, ainda não tinha uma resposta para o meu dilema e duvidava que descobriria antes de conseguir encarar o Freddy.

Para piorar a minha situação, acordei na manhã seguinte com o estômago revirado. Corri até o banheiro e vomitei até sentir meus braços moles. Decidi ficar na cama. Giovanna apareceu ainda de manhã e reclamou sobre a minha aparência. Depois conversamos sobre os detalhes para o fim da turnê. Não falamos do Freddy, e fiquei agradecida a ela por isso.

No final da tarde, Jonas apareceu com torradas e um café quentinho. Na certa, soube que eu ainda não estava bem do estômago.

— Obrigada. Acho que me sinto humana novamente — brinquei logo depois de beber o primeiro gole.

— Não precisa agradecer. Sabe que eu faria qualquer coisa por você — comentou ao me olhar com carinho, como sempre fazia.

— Preciso, sim — respondi erguendo meus braços para envolvê-lo.

— Se for agradecer com um abraço, eu aceito — declarou sorrindo, apertando-me no aconchego dos seus braços.

— Preciso mais do que um abraço para me recuperar dessa vez.

— Talvez, mas não posso fazer mais do que isso. Dar um soco no Freddy seria uma boa opção. Porém, tenho a impressão de que você não vai gostar da minha ideia.

— Não vou mesmo, mas entendo a sua frustração. Eu também tenho vontade de socá-lo muitas vezes.

— Já decidiu o que fazer?

— Ainda não — respondi cabisbaixa.

— Sabe que não pode fugir pra sempre.

— Sei disso, mas... — comecei, mas as palavras morreram.

— Ele não te procurou ainda porque pedimos pra ficar bem longe de você, mas esse afastamento não vai durar muito tempo. Percebo o quanto ele está impaciente com essa situação.

— Dois dias! Só se passaram dois dias! — exclamei incrédula.

— Pode ser, mas dois dias sem respostas é uma eternidade.

— O que sugere, então?

— Converse com ele, diga que precisa de mais tempo.

— Vamos voltar para casa dentro de alguns dias. Onde vou ficar se ainda precisar de um tempo?

— Não sei. Você pode ficar num hotel, ou pedir para o Freddy ir para um.

— Não acho uma boa ideia algum de nós ir para um hotel. A imprensa logo descobriria que temos problemas.

— É mesmo. Esqueci que não temos privacidade nem para dar um tempo nos nossos relacionamentos. O que acha da casa do Jack nos Hamptons?

— A nossa tia mora lá, esqueceu?

— Não. Você sabe que ela ladra, mas não morde, e, diante dos seus problemas, acho que ela é a melhor opção.

— Você tem razão. Sempre me dei bem com a mãe do Jack, e ficar uns dias na praia pode me ajudar a pensar melhor. Acho que vou embora amanhã

mesmo. Não vou fazer mais nada aqui, de qualquer forma. Portanto, não tem sentido esperar o último show.

— Faça o que quiser, mas não esqueça de conversar com o Freddy antes de ir — aconselhou, dando um beijo na minha testa antes de sair.

Jonas tinha razão e, como sempre, ajudou-me a clarear a mente. Apesar de ainda estar indisposta, enfim eu tinha uma ideia do meu próximo passo, e me levantei da cama para começar a segui-lo o quanto antes. Liguei para a minha tia para avisar da minha chegada. Por incrível que pareça, ela ficou muito feliz em saber que eu passaria uns dias com ela e não fez perguntas, o que mais apreciei no momento. Comprei uma passagem de volta para Nova Iorque no primeiro voo da manhã e arrumei minhas malas. Só faltava o mais difícil: conversar com o Freddy. Peguei meu celular e li as inúmeras mensagens que ele me mandara até o momento.

Desculpe... não queria te machucar.

Não vai acontecer novamente.... eu prometo.

Volta pra mim, estou com saudades.

Ainda não quer falar comigo?

Preciso falar com você.

Posso ir ao seu quarto? Estou ficando louco.

Não aguento mais, estou batendo à sua porta.

O Jack não me deixou entrar... Desculpe.

Já pedi tantas desculpas, mas você não me atende.

Parei de ler as mensagens quando percebi que todas tinham o mesmo tom e pareciam nunca ter fim. Eram quase cem, com desculpas e mais desculpas. Contudo, o que ele estava fazendo para mudar a situação? Eu não queria

terminar meu casamento, mas também não podia continuar assim. Ele precisava mudar. Enquanto isso não acontecesse, eu tinha de me afastar.

Respirei fundo e reuni toda a coragem que tinha para bater à porta do quarto dele naquela noite.

— Oi — saudou inseguro assim que abriu a porta e me viu ali.

— Oi — cumprimentei de volta observando seus olhos vermelhos, o cabelo desgrenhado, as mãos enfaixadas, ainda feridas pelo caos que ele fizera alguns dias antes. Ele estava descalço e usava somente uma calça jeans surrada.

— Quer entrar? — questionou abrindo mais a porta e indo até a cama, onde se sentou na beira. Ele tinha mudado de quarto, já que destruíra o antigo, mas aquele era idêntico ao outro, e ver tudo no lugar e lembrar a destruição só fez meu estômago embrulhar. Tive de respirar fundo e colocar a mão na boca para não correr ao banheiro e vomitar o café e as torradas que tinha comido antes de ir até ali.

— Sim, precisamos conversar — anunciei, fechando a porta do quarto assim que entrei.

— Estou ouvindo — disse cabisbaixo. Ele sabia que não seria boa coisa, ainda mais depois que eu não respondera suas mensagens, não atendera seus telefonemas e ficara dois dias na cobertura do Jack.

— Eu preciso de um tempo.

— Está terminando comigo? — indagou erguendo a cabeça e me observando atentamente.

— Não, eu não quero terminar com você, mas preciso de um tempo para me recuperar e acho que você também precisa.

— Não acho que precisamos de um tempo separados. Eu preciso de você.

— Será que precisa mesmo?

— Claro que preciso — repetiu se aproximando de mim.

— Não me toque — pedi, afastando-me.

Ele estagnou, sem acreditar que eu o estivesse repelindo pela primeira vez. Seu rosto ficou em choque, e seus olhos, nebulosos. Eu imaginava que ele interpretara errado meu pedido. Eu sabia que, no momento em que ele me tocasse, tudo que eu organizara até o momento iria ruir como um castelo de areia. Não teria forças para pedir um tempo sentindo seus braços fortes ao meu redor, nem o seu cheiro, que me deixava tonta toda vez que ele se aproximava de mim.

— Você não quer minha ajuda, e o caminho que está seguindo é escuro demais para que eu o acompanhe. Vou voltar para Nova Iorque amanhã bem cedo e esperar até que você realmente precise de mim ou que eu tenha forças para te ajudar, mesmo você não querendo a minha ajuda.

— Vai voltar para o nosso apartamento? — inquiriu esperançoso.

— Não, vou passar uns dias na casa do Jack nos Hamptons — respondi nervosa, esfregando as mãos uma na outra. Abaixei a cabeça e esperei pacientemente a sua reação.

— Vou dar o tempo que precisa. Não posso fazer nada a respeito e vejo que a decisão já está tomada, mas saiba que não concordo. Entendo que precise de um tempo, porém, não acho certo ficarmos separados. Acho que eu teria mais chance se você ficasse ao meu lado.

— Sempre estive ao seu lado, porém, não mudou nada. Vamos ficar separados por um tempo e ver o que acontece — comentei triste enquanto me aproximava para dar um beijo de despedida no seu rosto. Tive de me segurar para não beijar seus lábios; se fizesse isso, não seria mais uma despedida.

— Só vai piorar — sussurrou no meu ouvido no momento exato em que eu me afastava para sair dali.

Não dormi a noite toda, e, horas antes de embarcar para casa, eu já estava a caminho do aeroporto, sem me despedir de ninguém. Tinha colocado um casaco escuro e óculos de sol e amarrado meu cabelo num coque bagunçado. Recebi alguns olhares de reconhecimento no caminho, percebi alguns flashes

serem disparados enquanto eu caminhava até o avião, mas ninguém se aproximou de mim, pelo que fiquei agradecida. Provavelmente ninguém esperava encontrar a mulher de um dos integrantes e assessora da The Dangers num voo comercial, mesmo na primeira classe.

Muitas horas depois, desembarquei, e meu motorista já aguardava no horário combinado. Nem passei no meu apartamento, fui direto para a casa nos Hamptons. Cheguei e fui recebida pela minha tia com os braços abertos. Ela preparara o melhor quarto da casa para mim e me deixou à vontade para chorar tudo que eu precisava. Helena ficaria surpresa com a hospitalidade da sua sogra. Eu estava muito agradecida. O silêncio e a brisa do mar eram tudo o que eu precisava no momento.

Um lar vazio

FREDDY

E as lágrimas começam a rolar pelo seu rosto
Quando você perde algo que não pode substituir
Quando você ama alguém, mas é desperdiçado
Pode ser pior?

***Fix you* - Coldplay**

O último show foi um desastre, apesar de eu ter prometido me comportar. Fiquei transtornado depois que a Mia foi embora. Nem esperei o show terminar e saí do palco, corri para o camarim e bebi tudo que estava à minha frente, mas não adiantou. A dor latente que eu sentia só aumentava. Eu precisava dela e nada podia fazer para consertar isso.

Passei a não me importar com nada. Alguém arrumou minhas coisas, alguém me levou ao aeroporto e alguém me deixou no meu apartamento em Nova Iorque. Entrei no lugar que eu tinha decorado com tanto carinho para viver, e a primeira coisa que fiz foi quebrar os vasos e os quadros da sala. Parei quando segurei uma foto tirada no dia do nosso casamento. Mia estava linda e sorria para mim. Mal sabia eu que aquele sorriso se transformaria em decepção. Coloquei a foto com cuidado de volta no lugar e segui até o meu quarto. Deitei-me na cama do mesmo jeito que cheguei e apaguei.

Tive pesadelos a noite toda. Alguns eram recorrentes: meu pai me dizendo que estava decepcionado comigo, minha mãe chorando e minhas irmãs com vergonha de mim. No entanto, o novo pesadelo foi pior. Eu sonhei que Mia estava se casando com outro cara, e eu corria, corria, mas não conseguia impedir o casamento.

Acordei com o sol entrando pela cortina entreaberta e resmunguei frustrado. Mais um dia sozinho. Fiquei embaixo do chuveiro mais do que o

necessário. Na verdade, não queria sair dali tão cedo. Esperei que os pesadelos da noite anterior se dissipassem, que meu corpo relaxasse sob a água quente, porém, acabei desistindo e saí do mesmo jeito que entrei, um fracassado.

Permaneci deitado na cama ainda enrolado na toalha e só consegui me vestir quando percebi que eu precisava de uma bebida. Desci as escadas até o bar na sala, desviei-me dos destroços dos vasos e quadros que destruíra na noite anterior. Sentei-me no sofá com uma garrafa de Jack Daniel's e a bebi devagar, ouvindo a música *Hurt,* de Johnny Cash. Conforme sua voz rouca cantava os versos da canção, eu ficava cada vez mais amortecido, mas ainda não era suficiente. A bebida não traria o esquecimento de que eu precisava, por isso deixei a garrafa ainda pela metade na mesinha ao lado do sofá e subi até o quarto. Revirei minhas roupas no banheiro e encontrei o que procurava no bolso da jaqueta.

Encostei-me à parede e injetei na minha veia exatamente o que eu precisava para sumir. Lembro-me de pouca coisa depois disso. Meu coração acelerou. Eu podia senti-lo descompassado no peito. A euforia tomou conta de mim e, por alguns minutos, fui feliz, até tudo ficar escuro e eu apagar novamente.

No dia seguinte fiz a mesma coisa, e no outro dia também. Teria me matado se Jack não tivesse aparecido no meu apartamento no terceiro dia.

— Você está um lixo — comentou assim que abri a porta para ele.

— Obrigado pela visita — resmunguei, fechando a porta com força assim que ele entrou.

— O que aconteceu aqui? — questionou irritado apontando para as coisas quebradas na sala. Naquela altura já não tinha nada intacto, a não ser a nossa foto de casamento.

— Estava entediado — respondi dando de ombros e jogando meu corpo cansado no sofá.

— Pare de destruir tudo e comece a consertar os estragos que fez —

pediu, sentando-se ao meu lado.

— Não consigo consertar — murmurei, sem coragem de olhar para ele.

— Então pare de destruir. Já seria um bom começo.

— Vou tentar.

— Sabe que precisa fazer mais do que tentar. Queremos te ajudar. Porém, está cada vez mais difícil, quando você não quer nossa ajuda.

— Só preciso de um tempo para colocar minha cabeça no lugar e recuperar a Mia.

— Sei que precisa de tempo, mas pare de destruir tudo no caminho, inclusive suas chances de recuperar sua esposa.

— Não é fácil o que está me pedindo — bufei, passando as mãos no cabelo, nervoso.

— Claro que não é, mas você precisa tentar.

— Vou fazer isso — falei sem pensar melhor no que ele estava me pedindo. — Nunca pensei que me daria conselhos — comentei, sorrindo com a ironia da situação.

— Talvez por isso mesmo eu esteja aqui. Todos temos problemas, Freddy, eu também tive os meus. A diferença é que enfrentei os meus medos sem sucumbir à bebida e às drogas. E agora estou aqui, incentivando você a fazer o mesmo.

— Sabe que não é fácil...

— Claro que sei, mas você precisa tentar mesmo que não seja. Se precisar de ajuda, estarei aqui — informou tocando meu ombro antes de sair do meu apartamento e me deixar sozinho. Ele tinha razão, eu precisava tomar uma atitude. Ficar ali me lamentando não iria trazer a Mia de volta para mim.

Demorei uma semana para, enfim, fazer o que Jack me pedira. Joguei no lixo minhas garrafas de bebidas alcóolicas e tudo mais que eu tinha para

amortecer minha dor. Passei a correr no Central Park pela manhã, e isso me motivou a ficar longe da bebida e das drogas. Comprei um saco de pancadas e o instalei no meio da sala. Não combinava nada com a decoração. No entanto, não me importei. Era o único lugar que tinha mais espaço, uma vez que eu tinha quebrado a maioria dos móveis e objetos de decoração durante meus ataques de fúria.

Além de correr de manhã e esmurrar o saco todas as tardes, passei a sair para jogar bilhar e arremessar dardos com Bob e Rick. Em algumas noites eu não tinha a companhia dos meus companheiros de banda e decidi sair sozinho mesmo. Não era tão divertido, mas eu não podia ficar sozinho no meu apartamento e sucumbir ao vício.

Quando estava quase nos eixos de novo, passei a ligar para a Mia. Porém, ela nunca atendia. Três semanas longe era tempo suficiente. Eu tinha parado com as merdas que estava usando e queria contar a ela a novidade. Porém, não importava o horário em que eu ligava, ela não atendia meus telefonemas. Eu não iria desistir tão fácil.

— Achei que não viria mais — comentou Rick ao me ver chegar à sua casa. Apesar de estar em seu lar, meu amigo usava calça social preta e camisa branca, além dos óculos de nerd e os cabelos pretos arrumados. Não parecia ser o tecladista da The Dangers ou de qualquer outra banda de rock.

— O trânsito estava terrível — respondi entrando na sala de estar. Rick era o único que morava numa casa no Brooklyn. Ele sempre alegara que gostava de espaço, e sua casa era enorme para um homem sozinho, mas tudo parecia arrumado e organizado.

— Sei bem como é isso. Devia comprar uma moto.

— Não, eu gosto bastante do meu carro. Não vou abrir mão dele.

— Sabe que pode ter as duas coisas — disse se sentando em uma das poltronas macias na sala.

— Sei, mas ainda não quero deixar meu carro encostado na garagem.

— Tudo bem, faça o que achar melhor pra você.

Era por isso que eu gostava de ficar mais tempo com o Rick. O cara era transparente e sincero 99% das vezes em que estávamos juntos, além de nunca me julgar ou dar conselhos, como os outros integrantes da banda costumavam fazer. Sabia que eles só queriam me ajudar, mas no momento eu só queria conversar com alguém sem receber sermões.

— Quer tocar alguma coisa? — perguntou se levantando.

— Quero, sim — respondi, seguindo-o até o estúdio que ele tinha no porão de sua casa. Ao contrário dos outros integrantes, que tinham feito modernos estúdios de gravação nos seus apartamentos, Rick fizera o contrário. Seu estúdio era maior do que os dos outros e ainda era "das antigas". Ele gravava usando mesas de som de décadas antes. Alguns dos instrumentos que ele tinha ainda eram originais, tudo feito com cuidado para trazer o som do velho e bom rock'n'roll.

— Não acredito que ainda tem essa bateria — falei me sentando na banqueta da bateria que havia tocado na nossa primeira turnê.

— Eu a restaurei e a guardei.

— Ficou perfeita, e o som está ainda melhor — comentei tocando os pratos, e o som ecoou pelo estúdio.

— Fiz alguns ajustes.

— Eu percebi. E agora, no que está trabalhando? — questionei ao perceber que ele se sentava perto de um piano faltando várias teclas e com a cauda deteriorada.

— Estou tentando restaurar esse piano. Ele tem mais de duzentos anos. Está difícil encontrar as peças.

— Você vai conseguir, tenho certeza — declarei, sabendo da capacidade do meu amigo.

— Pode demorar mais do que os outros, mas vou conseguir — afirmou fechando o teclado do piano. Logo depois caminhou até um aparelho de som

antigo, colocou um disco de vinil para tocar, e a voz inconfundível de Johnny Cash tomou todo o estúdio.

— Estou ouvindo muito as músicas dele nos últimos dias — revelei melancólico quando terminou a primeira música.

— Gosto de ouvir outros estilos, e ele canta com o coração, coisa que poucos fazem hoje em dia.

— Você tem razão, mas gosto das suas músicas porque elas parecem falar sobre mim — contei, sincero, e somente porque estava com o Rick. Provavelmente eu não faria esse comentário diante de outra pessoa.

— As músicas costumam fazer isso com a gente. Acho que é por isso que gosto tanto delas.

— Eu também. A música já me salvou uma vez, e acho que vai fazer isso novamente, se a Mia não voltar pra mim.

— Conseguiu falar com ela?

— Não. Ela não atende as minhas ligações e nem responde minhas mensagens.

— Dá um tempo pra ela. Aquela garota te ama. Quando a poeira baixar e ela descobrir que você está limpo, vai voltar.

— Estou contando com isso para não enlouquecer e ir buscá-la nos Hamptons.

Depois do desabafo, a conversa ficou mais leve, e deixei que o ritmo das músicas me entorpecesse em vez das merdas que eu usava antes. Fiquei na casa do Rick até tarde ouvindo e tocando músicas antigas. Voltei para casa à madrugada, deitei-me, exausto, mas não consegui dormir, porque não parava de pensar na Mia.

Voltei...

MIA

Todos os dias eu sinto como se parecesse segunda-feira
Não há como escapar da dor do coração
Agora eu quero juntar isso novamente
Porque sempre é melhor tarde do que nunca
Desejando estar na Califórnia

***Falling in love* - McFly**

Uma semana parecia tempo suficiente pensando na vida para ter uma decisão tomada, mas não foi isso que aconteceu comigo. Já estava havia mais de três nos Hamptons. Caminhei na praia todas as manhãs, fiquei horas na varanda conversando com a minha tia, e nada fez com que eu conseguisse decidir o que fazer da minha vida.

— Seu pai está ao telefone — anunciou minha tia aparecendo na varanda e entregando seu celular para mim.

— Não quero falar com ninguém — avisei, virando o rosto na direção da brisa do mar.

— Mas é o seu pai.

— Nem mesmo com ele — falei decidida.

— É a milésima vez que ele liga, e não pretende ser ignorado dessa vez — anunciou estendendo o aparelho para mim novamente.

Não tive como recusar dessa vez. Segurei o telefone com a mão trêmula e disse:

— Oi.

— Graças a Deus você resolveu atender! Já estava ficando louco de preocupação. Depois de tudo que sua tia me contou, eu precisava ouvir a sua voz.

— Você sabe que sua irmã é exagerada.

— Sei disso, mas dessa vez falei com o Jack e o Jonas também, e todos foram unânimes: você e o Freddy estão com problemas.

— Está certo, mas sou bem grandinha, já sei me cuidar sozinha.

— Claro que sabe, mas você tem um pai que te ama e quer cuidar de você.

— Obrigada por tudo, pai, mas estou bem aqui.

— Sei que está, mas quero você aqui ao meu lado pelo menos por uns dias. Depois pode voltar para a sua tia.

— Não quero ir para a Califórnia agora — resmunguei revirando os olhos.

— Você não tem escolha, já comprei as passagens de ida e volta. Enviei-as para o seu e-mail. Vamos passar o final de semana juntos e ponto final — falou decidido. Seu tom transmitia ao mesmo tempo uma ordem e uma súplica. Nada poderia convencê-lo do contrário. Eu estava perdida.

— Um final de semana?

— Sim, esse final de semana. Terá que embarcar amanhã.

— Tão rápido?

— Sim. Estou morrendo de saudades da minha filhinha.

— Não sou mais uma garotinha, pai.

— Sei que não, mas sempre será a minha garotinha.

— Tudo bem — concordei, uma vez que eu não tinha mais como recusar. — Vou arrumar tudo. Me busque no aeroporto amanhã.

— Estarei lá — disse, encerrando a ligação.

— Você sabia disso? — questionei ao entregar o telefone à minha tia

— Não vou esconder nada de você. Eu sabia e apoio — respondeu se sentando ao meu lado. Seus cabelos louros estavam perfeitamente arrumados, sua calça social e a blusa fina completavam o visual de esposa perfeita, mesmo sendo solteira desde que se divorciara do pai do Jack. Era a mesma mulher elegante que eu conhecia a vida toda. Porém, seus olhos azuis, tão parecidos com os meus, demonstravam ternura e não a indiferença de antes.

— Por quê?

— Você precisa do apoio do seu pai, e ele também precisa de você.

— Ele tem duas enteadas e uma esposa. Acho que não faço diferença na vida dele.

— Não pense assim. Você faz muita diferença, porque é a única filha dele. Um pai não esquece os filhos, não importa a distância.

— Engraçado... Não vejo você indo visitar o Jack com tanta frequência. Na verdade, nunca vi.

— É diferente a minha relação com o Jack, não somos próximos como você e seu pai.

— E por que não? — indaguei curiosa. Nunca havia perguntado porque não me sentia à vontade com ela, mas percebia que isso tinha mudado, e queria saber a razão daquela rivalidade entre mãe e filho.

— Podemos conversar sobre isso outra hora? É complicado demais — pediu nervosa.

— Não. Se não me contar a verdade, eu não vou para a Califórnia.

— Por que está fazendo isso? Acha que eu me importaria?

— Talvez não, mas estou curiosa o suficiente para testar.

— Você não deveria me testar assim — disse, levantando-se agitada e caminhando de um lado para o outro na varanda ampla nos fundos da casa.

— É importante pra mim — argumentei, puxando-a para se sentar ao meu lado novamente.

— Tudo bem, eu vou contar. Mas quero sua promessa de que esta conversa não vai sair daqui.

— Eu prometo.

— Meu casamento com o pai do Jack não foi feliz — anunciou testando as palavras, como se fosse veneno na sua boca. — Os cincos primeiros anos foram maravilhosos. Eu era apaixonada por ele, foi amor à primeira vista. Ele cantava num barzinho que eu costumava frequentar, e as garotas se jogavam nos braços dele, mas ele só tinha olhos pra mim desde o primeiro momento em que nos vimos.

— Nunca soube disso.

— Quase ninguém sabe, querida. Escondi a maioria das coisas dos meus irmãos e da minha família.

— Por quê?

— Você vai entender — disse segurando minha mão. — Namoramos por nove meses, e eu engravidei do Jack. Quando contei a novidade, ele ficou eufórico e me pediu em casamento. Nos casamos um mês depois. Como disse antes, o casamento foi perfeito durante os primeiros cinco anos, depois tudo desmoronou. Ele começou a beber e usar drogas. Minha vida mudou da água para o vinho. Ainda tentei ajudá-lo, fiz tudo o que podia. Mas as coisas não mudavam, nada parecia funcionar, até que ficou pior. Ele começou a me bater. Fui espancada, humilhada e muitas outras coisas que prefiro não falar. Ainda dói, mesmo depois de tanto tempo.

— Sinto muito, eu não sabia disso.

— Ninguém sabia. Escondi da minha família e até do meu filho. Jack nunca o viu me bater e, embora saiba que o pai não prestava, não faz ideia do

quanto.

— Devia contar a ele; talvez melhore a relação entre vocês.

— Acho que já passamos dessa fase. Jack tem a família dele agora e, para a minha alegria, não é nada parecido com o pai.

— Por que se afastou dele?

— Porque não conseguia olhar para o meu filho e ver o pai; eles são idênticos, Mia — comentou, deixando uma lágrima solitária descer pelo seu rosto impecavelmente maquiado.

— Você precisa superar isso, tia — aconselhei estendendo os braços para ela.

— Sei que preciso, mas ainda não estou pronta — respondeu retribuindo o abraço. Se, antes dessa conversa, eu já olhava para ela com simpatia, após eu conseguia entendê-la perfeitamente, pois sentia algo parecido. Freddy nunca me batera, mas poderia ter feito isso ou ainda poderia fazer se continuássemos juntos enquanto ele se destruía.

Ficamos por um tempo abraçadas, compartilhando a mesma dor. Ambas sabíamos o que era ter um casamento destruído por causa do alcoolismo e das drogas, e essa cumplicidade foi o que nos uniu.

Já no fim da noite, ela me ajudou a arrumar minha bagagem e, na manhã seguinte, fez questão de me acompanhar até o aeroporto.

— Se cuida e me avise assim que estiver na casa do seu pai.

— Vou fazer isso, tia, pode ficar tranquila — disse abraçando seu corpo magro e esguio com força. Minha tia era linda e poderia refazer sua vida a qualquer momento. Eu entendia por que nunca o fizera; seu coração, assim como o meu, ainda não se curara. Eu esperava que o meu não demorasse tanto tempo assim.

O voo foi tranquilo. No começo, fiquei um pouco enjoada, mas logo passou. Nunca tinha sentido aquilo, apesar de voar muitas vezes.

Provavelmente era a ansiedade por reencontrar meu pai. Para a minha sorte, o comissário de bordo tinha remédios para enjoos, caso contrário, eu teria vomitado em cima da senhora simpática ao meu lado. Odiaria sujar seu vestido tão bonito.

Quando desembarquei, meu pai estava me esperando conforme combinado, e seu sorriso se abriu no momento em que ele me viu.

— Não acredito que está aqui! — exclamou me puxando para um abraço de urso. Meu pai era alto e forte, nem parecia ter mais de cinquenta anos, apenas dois de diferença do tio Peter. Seus cabelos louros estavam com alguns fios brancos, mas ele ainda estava em forma como sempre. Usava uma calça social bege e uma camisa de botões branca, o mesmo tipo de roupas que usava quando dava aulas de literatura inglesa em Stanford. Ele se aposentara recentemente e ainda não abandonara as roupas formais.

— Eu fui coagida, mas estou feliz em vê-lo — brinquei enquanto ele me olhava de cima a baixo. Na certa percebeu minha aparência abatida e o quanto eu tinha emagrecido. Eu escondera da minha tia, mas tinha vomitado quase todas as manhãs enquanto estava na casa dela. Desconfiava do motivo, mas estava adiando o máximo que podia para confirmar as minhas suspeitas.

— Vou cuidar de você a partir de agora — anunciou meu pai passando o braço nos meus ombros e me puxando para caminhar ao seu lado.

Sem final feliz

FREDDY

Mas sonhos vêm devagar e se vão muito rápido
Você a vê quando fecha seus olhos
Talvez um dia você entenda o porquê
De que tudo o que você toca certamente morre

***Let her go* - Passenger**

Recusei encontrar minha mãe o máximo que pude, mas ela não desistiu de mim. E, depois de quase um mês da volta da turnê e sem ver minha esposa, estava seguindo para Washington no meu carro. Seria uma visita rápida, voltaria para casa no dia seguinte. Todavia, muita coisa iria acontecer até eu conseguir voltar para o meu apartamento.

Estacionei em frente à casa dos meus pais, mas não consegui sair do carro. Tudo estava como eu havia deixado desde que partira dali alguns anos antes, e todas as vezes em que eu os visitara depois disso, sempre sentia o mesmo embrulho no estômago. O gramado perfeito, os vitrais coloridos, a enorme porta de madeira, a pintura branca imaculada, tudo isso me incomodava *pra cacete*.

— Não acredito que você chegou! — disse entusiasmada minha mãe ao abrir a porta para mim antes mesmo que eu tocasse a campainha.

— Não tive escolha — resmunguei ao observá-la. Seus cabelos louros estavam mais curtos, na altura dos ombros, usava um vestido de verão e talvez tivesse perdido alguns quilos desde a última vez em que eu a vira, uma vez que sempre estava brigando com a balança. Eu achava uma idiotice uma senhora de cinquenta anos ainda se preocupar em engordar alguns quilos, mas minha mãe era assim, nem um único fio de cabelo fora do lugar, a maquiagem intocável. A esposa perfeita de um militar.

— Vamos entrar, querido — pediu, beijando meu rosto.

A decoração da casa era a mesma desde que eu era criança, nada mudava ali. Por isso tive a sensação de voltar no tempo conforme caminhava acompanhando minha mãe até a cozinha. Os móveis brancos e bem conservados, o piso de madeira antigo que brilhava como novo, os lustres enormes que decoravam cada cômodo, as cortinas imaculadas fixadas nas janelas, tudo estava no lugar certo, exceto eu.

— Isso é pra você. — Apontou para um pedaço generoso de torta de maçã em cima da mesa de madeira. Sentei-me na cadeira, peguei o garfo ao lado e comecei a comer minha sobremesa favorita.

— Achei que a Mia viria com você — comentou servindo um copo de refrigerante para mim.

— Ela está ocupada — menti, nervoso; não queria conversar sobre meus problemas com a Mia.

— Quem sabe da próxima vez? — disse mexendo algo numa panela no fogão.

— Onde estão April e Amber?

— Estão lá em cima. Devem descer logo para o jantar.

— Vieram para o final de semana? — perguntei curioso, pois minhas irmãs faziam faculdade em outras cidades.

— Sim! — respondeu minha mãe, empolgada por ter todos em casa.

— Vou até lá conversar com elas — disse, engolindo o resto da torta e correndo escada acima para ver as minhas irmãs. Eu odiava meu pai e não gostava da dependência que minha mãe tinha dele, mas adorava minhas irmãs. Elas eram cópias da minha mãe, mesmos olhos verdes, porém, os cabelos louros eram compridos.

— Espero que esteja ouvindo uma música decente — declarei, surpreendendo minha irmã caçula, Amber, que estava deitada na sua cama,

com fones de ouvidos, bem distraída.

— Não acredito que finalmente lembrou que tem irmãs! — exclamou, jogando-se no meu colo.

— Nunca me esqueci. Só sou um cara ocupado.

— Não mente pra mim. Você podia ligar de vez em quando.

— Sabe que esqueço.

— De fazer uma ligação?

— Se ele se lembrasse, não seria nosso irmão — respondeu April aparecendo no quarto. Ela estava diferente da última vez em que a vira, no meu casamento.

— Pintei o cabelo — explicou assim que percebeu que eu a olhava tentando descobrir o que estava diferente. Seus cabelos louros agora tinham mechas cor-de-rosa nas pontas.

— O papai quase surtou quando viu — comentou Amber.

— Imagino — bufei me sentando na cama.

— A que devemos a honra da sua visita? — ironizou April.

— Fui obrigado. Vim por insistência da mamãe.

— Ela estava quase ficando louca — explicou minha irmãzinha.

— Talvez, mas saibam que vou embora amanhã bem cedo.

— Tenho a impressão de que o final de semana será bem agitado — anunciou minha irmã caçula se deitando na cama ao meu lado.

— Por que diz isso? — questionei curioso.

— Daqui a pouco você vai saber — disse dando de ombros e colocando os fones de ouvido. A música estava tão alta que consegui ouvir a voz rouca do Jack e os acordes da guitarra do Jonas. Ela estava ouvindo nossa música.

Depois de matar a saudade que sentia das minhas irmãs, fui até o meu quarto. Minha mãe ainda o conservava do mesmo jeito que eu o deixara. Era um quarto típico de adolescente: cama de solteiro, cômoda com fotos, minha bola de basquete, alguns pôsteres nas paredes e um closet minúsculo ainda com algumas roupas. Deitei-me na cama e fiquei olhando para o nada até minha mãe gritar que o jantar estava pronto.

Demorei para descer, por isso, quando o fiz, todos já estavam sentados à mesa, com meu pai à ponta, como sempre.

— Não sabia que estava de volta. O retorno do filho pródigo — comentou ele ao me ver. Parecia o mesmo, postura rígida, voz autoritária e semblante sério. Nem parecia que seu filho estava de volta depois de tanto tempo longe de casa.

— Fico feliz em saber que sentiu minha falta — ironizei ao me sentar bem longe dele.

— Vamos agradecer pela comida maravilhosa que está na mesa — pediu minha mãe, tentando amenizar a situação.

— Talvez o Freddy possa fazer a oração — pediu meu pai para me provocar.

— Eu posso fazer — ofereceu mamãe tentando aliviar o clima.

— Não, prefiro que Freddy o faça — disse categoricamente.

— Se insiste, posso fazer... Obrigado, Senhor, pela comida generosa na nossa mesa. Amém.

— Amém — todos responderam em seguida. Contudo, minha mãe me repreendeu com o olhar pela falta de entusiasmo no agradecimento.

A comida estava uma delícia. Como sempre, o ensopado da mamãe me fazia salivar. No entanto, naquela noite, nada parecia afastar o bolo que estava na minha garganta. Pensei que tinha sido um erro ir até ali tão fragilizado.

— Já desistiu da música e criou algum juízo na sua cabeça de vento? Não vai ficar tocando a vida toda. Sua irmã está se formando em Harvard como melhor aluna da turma, e a jovem Amber está fazendo medicina em Yale.

— Não quero fazer faculdade. Quantas vezes eu preciso te dizer isso? — inquiri irritado. *E lá vamos nós...*

— Você não quer a carreira militar, não quer fazer faculdade. Acha mesmo que pode ser vagabundo pra sempre?

— Não sou vagabundo. Ganho mais dinheiro do que você jamais sonharia.

— Não quero saber do seu dinheiro, quero que meu filho tenha uma profissão.

— Eu tenho uma — murmurei, pedindo paciência para aguentar aquele interrogatório inútil.

— Não chame de profissão a farra que você faz em cima do palco. Não criei um filho para ser um arruaceiro.

— É isso que pensa de mim? — questionei perdendo a paciência.

— O que mais seria? Enquanto não fizer uma faculdade e tiver uma profissão decente, não vou considerá-lo meu filho. Já não basta a decepção por não seguir a carreira militar da família. Você foi o único depois de quatro gerações, veja bem, quatro gerações de militares. Meu maldito filho foi o único a não seguir meu legado. Tenho vergonha de você! — disse aumentando o tom de voz.

— Não aguento mais isso! Estou de saída — gritei me levantando.

— Por favor, espere, meu filho — suplicou minha mãe correndo atrás de mim.

— Não posso mais ficar aqui!

— Não vá embora assim... — pediu puxando meu braço.

— Por que eu ficaria?! Alguém me defendeu naquela mesa?! — gritei olhando para seus olhos marejados. Eu sabia que ela sentia muito, mas nunca ficara do meu lado, jamais me apoiara.

Ela sabia que não tinha como me segurar ali, não depois de perceber que eu tinha razão. Saí daquela casa o mais rápido que pude, cego de raiva. Transtornado por ser burro o bastante para ir até ali, entrei no carro e saí cantando pneu. Não conseguiria ir dirigindo para Nova Iorque naquele estado, precisava de algo para me acalmar e sabia exatamente onde encontrar o que amorteceria minha dor.

Recorri a um velho amigo da escola. Ele ainda morava na mesma casa que eu frequentava quando era adolescente. Costumava ir para lá sempre que brigava com o meu pai, e naquela noite não foi diferente.

Estacionei em frente à casa simples e logo percebi que ele estava dando uma festa. A música estava alta, e as pessoas mal cabiam na casa. Tinha tanta gente que a festa se estendera para a rua. Era disso que eu precisava. Entrei esbarrando nas pessoas, procurando meu amigo.

— Ei, conheço você? — questionou um cara segurando uma garrafa de cerveja numa das mãos e um cigarro na outra.

— Não conheço você — murmurei cabisbaixo, tentando sair dali o mais rápido possível.

— Você é o baterista daquela banda famosa, qual é mesmo o nome? — insistiu segurando meu braço.

— Não sei, você está enganado — disse, afastando-me dele.

Não demorei a encontrar meu amigo, que estava na cozinha com uma cerveja na mão. Ficamos nos encarando por uns segundos até que rompi o silêncio:

— Você tem algo mais forte do que isso? — Apontei para a cerveja. Ele sorriu mostrando os dentes amarelados, abaixou-se e logo depois apareceu com uma garrafa de uísque lacrada.

Nós nos sentamos no sofá da sala e bebemos a garrafa toda, lembrando-nos dos velhos tempos. Porém, a bebida não foi suficiente. Eu precisava de algo mais intenso.

— Tem algo mais forte? — indaguei observando seus olhos desconfiados.

— Quer esquecer tudo? — rebateu, desafiando-me.

— Sim — murmurei, aceitando o desafio.

— Venha comigo; eu tenho o que precisa no meu quarto.

Ele não estava brincando quando disse que tinha o que eu precisava. Nunca experimentara algo parecido. Assim que injetei o veneno nas minhas veias, fiquei ligado. Minhas pupilas dilataram, minha visão ficou turva e mergulhei no esquecimento por alguns minutos. Porém, foi tão rápido que repeti a dose e, dessa vez, demorei mais tempo no túnel do esquecimento. Quando finalmente passou, eu só queria sentir mais e mais, por isso injetei novamente e forcei meu corpo a algo que não tinha volta. Precisei de muitas doses para amortecer meus sentimentos. Quase no fim da madrugada, tudo ficou escuro, e eu não senti mais nada, porém, não sentir significa que a consciência se perdeu totalmente. Percebi que não era bem aquele tipo de esquecimento que eu procurava. No entanto, foi ele que encontrei.

Uma estrada sem volta

MIA

Eu estou à beira do precipício, assista enquanto mergulho
Eu nunca vou tocar o chão
Caio através da água
Onde eles não podem nos machucar
Estamos longe da superfície agora

***Shallow* - Lady Gaga feat. Bradley Cooper**

Meu pai morava numa grande casa de veraneio de frente para o mar. Apesar de eu ter ficado aqueles dias com minha tia nos Hamptons e apreciado a beleza que é viver à beira-mar, eu era uma garota da Califórnia, e não há lugar melhor no mundo do que nossa cidade natal. Tinha sido naquela mesma casa que eu nascera, andara, brincara e passara boa parte da minha vida. Muita coisa tinha mudado desde que eu saíra dali. Minha madrasta trocara todos os móveis, exceto os do meu quarto, uma exigência do meu pai para deixá-la fazer a reforma. A decoração simples e aconchegante havia ido embora. O toque moderno e frio dominava o interior, os tons neutros, a quantidade enorme de sofás, poltronas, pufes e outros móveis desnecessários preenchia os espaços. Parecia que estávamos numa casa de comercial de TV, não num lar.

— Seja bem-vinda, querida — cumprimentou Georgia sem esboçar qualquer sorriso. Na certa ela não estava feliz em me ver, nunca estava. A mulher elegante usando o seu terninho social, os cabelos pretos escovados sem um fio fora do lugar, estava parada no hall de entrada da casa para me receber.

— Obrigada — respondi por educação.

— Não precisa agradecer, sabe que pode vir quando quiser — disse apenas para agradar meu pai. Nem por um segundo acreditei que estava

sendo sincera.

— Vou ficar somente esse fim de semana e por insistência do seu marido — expliquei ao passar por ela.

— Quer descansar um pouco antes do almoço? — indagou meu pai.

— Acho uma boa ideia — concordei colocando uma das minhas mãos na sua cintura. Afaguei suas costas com carinho e me virei em direção à escada. Subi devagar os degraus, pois estava um pouco tonta.

Ao chegar ao meu quarto, sorri quando percebi que estava do jeito que eu o deixara. Minha cama ainda tinha uma colcha de retalhos que era da minha mãe, na cômoda havia várias fotos dela, mas meu closet virara um depósito, estava cheio de caixas. Abri a janela e fiquei olhando para o mar azul lá fora. Tudo parecia o mesmo. No entanto, eu estava diferente. Depois que saíra de casa, passara por tanta coisa. Eu nem sabia se era a mesma garota que sonhava morar em Nova Iorque e ser independente. No fim, conseguira realizar meu sonho. Era uma pena que eu tivera que sofrer algumas desilusões no caminho.

Encostei-me à moldura da janela e permaneci ali mirando o horizonte sem fim. Aquele lugar costumava ser especial para mim, antes de o Freddy existir e eu saber que meu lugar era no aconchego dos seus braços. Estava cada vez mais difícil ficar longe dele. Eu sabia que não devia voltar tão cedo. Todavia, também sabia que não podia permanecer afastada por muito tempo.

— Venha até aqui, querida — chamou meu pai depois de me ver pela janela. Ele estava na varanda dos fundos assando carnes e salsichas na churrasqueira para o almoço.

— Já vou — respondi, afastando-me. Entrei no banheiro para arrumar meu cabelo e logo em seguida desci até a varanda.

— Olá, Mia — cumprimentou Josie, filha mais nova da Georgia e a única com quem eu conseguia conversar além do meu pai.

— Oi, não sabia que estava aqui — disse, feliz por encontrar alguém para me distrair. Josie não se parecia com a mãe nem na aparência física, nem no

gênio. Suas curvas generosas e seus quilos a mais não faziam diferença nenhuma para ela. Entretanto, sua mãe não pensava assim e sempre estava recriminando a filha por comer demais.

— Onde está a Melanie? — questionei ao me sentar ao lado dela.

— Foi passar o final de semana com o namorado — explicou, dando de ombros como se não fosse importante. Melanie era a irmã mais velha dela e a cópia fiel da Georgia. A garota era tão insuportável quanto a mãe, e fiquei muito feliz em saber que não a veria naquele final de semana.

Como sempre, Georgia não apareceu para comer conosco. Não senti sua falta. Conversamos sobre a faculdade da Josie em Stanford. Ela fazia literatura inglesa e adorava. Depois meu pai reclamou que estava sentindo falta do trabalho. Ainda era difícil para ele ficar em casa. Ser professor titular de uma universidade como Stanford lhe dera muito trabalho e poucas férias ao longo da vida.

— Talvez você devesse viajar um pouco para se distrair — sugeri ao perceber que ele estava muito chateado por ficar em casa.

— A Georgia odeia viajar — respondeu carrancudo.

— Você pode ir sozinho ou numa excursão com os amigos.

— Excursão da terceira idade? Nem pensar — respondeu virando a carne na churrasqueira.

— Pare de preconceito e saia para se divertir. Você já trabalhou demais. Agora está na hora de se divertir um pouco.

— A Mia está certa. Se fosse eu, já estaria viajando pela Europa — emendou Josie a fim de me ajudar a convencer o cabeça-dura que era meu pai.

— Vou pensar nisso — afirmou jogando um bife enorme no meu prato. Eu não gostava muito de carne, mas aquela parecia estar tão apetitosa que minha boca se encheu de água. Devorei o enorme pedaço em questão de minutos e comi mais um alguns minutos depois. Quando não conseguia beber

nem mesmo um gole de refrigerante, parei.

Passei a tarde toda ali e já estava morrendo de sono, mas esperei o sol se pôr no horizonte para enfim voltar para o meu quarto. Quando entrei, nem consegui ir para a cama, corri para o banheiro e vomitei tudo o que ingerira.

— Isso já está fora de controle. Preciso fazer logo esse exame e descobrir a origem desses vômitos repentinos — murmurei olhando para o espelho do banheiro enquanto jogava água fria no rosto.

Deitei-me na cama macia com cheiro de infância, fechei meus olhos cansados e adormeci. Acordei sentindo uma dor aguda no início da barriga. Segurei meu abdômen com força, mas nem assim a dor diminuiu. Eu queria gritar por ajuda, mas estava tão cansada que minha voz não saía. Encolhi-me na cama como se fosse um caracol e fiquei ali, impotente diante de algo que parecia me rasgar de dentro para fora.

— O que aconteceu? Você está pálida — questionou Josie aparecendo no meu quarto de surpresa.

— Eu não sei, mas está doendo muito — disse respirando devagar a fim de diminuir a dor.

— Espere um segundo, que vou chamar o seu pai — pediu se afastando de mim.

Quando os dois entraram, eu estava sentindo tanta dor que não prestei atenção ao que diziam. Preocupado e sem saber o que eu tinha, meu pai me carregou no colo até o carro e me colocou com cuidado no banco detrás. Josie se manteve ao meu lado enquanto ele dirigia em alta velocidade até o hospital mais próximo.

Assim que chegamos, os médicos fizeram muitas perguntas. Não consegui responder nenhuma delas, mas meu pai e Josie confirmaram algumas e negaram outras. Aos poucos a dor foi passando devido ao remédio que tomava através do cateter enfiado na minha veia. Sem dor, comecei a ficar sonolenta e logo adormeci.

Acordei com os raios solares que invadiam meu quarto. Tentei sentir o

cheiro gostoso da colcha de retalhos da minha mãe, mas só senti o cheiro de álcool e desinfetante. *Onde será que estou?*, pensei aflita. Pelo desconforto que eu estava sentindo, aquilo não podia ser nada bom.

— Até que enfim acordou! Estava muito preocupado com você — murmurou meu pai sentado ao lado da minha cama.

— Onde estou? — perguntei tentando me levantar, mas ele impediu.

— Está no hospital. Eu trouxe você ontem. Não se lembra?

— Não muito bem. Só lembro direito da dor. Ainda bem que passou.

— Passou, sim, e daqui a pouco você vai poder ir pra casa — explicou afagando meus cabelos com carinho, do mesmo jeito que fazia quando eu era criança.

— O que aconteceu comigo, pai?

— O médico vai explicar, Mia, mas você estava grávida — disse fitando meus olhos, apreensivo.

— Estava? — indaguei confusa.

— Sim. Você perdeu o bebê, e sinto muito, querida — revelou me abraçando forte, e chorei nos seus braços. Eu não sabia que estava grávida, embora desconfiasse, mas nem por isso a dor de perder algo que fazia parte de mim diminuiu.

— Eu não sabia, pai! — falei aflita, ainda chorando.

— Eu sei. O médico explicou que estava no começo. É normal esse tipo de aborto no início da gravidez. Agora você precisa ter mais cuidado e fazer repouso absoluto.

É uma pena que as coisas não acontecem como planejamos e as tragédias vêm em dose dupla. Quando estava saindo do hospital depois de ficar lá por quase dois dias, uma reportagem na TV chamou minha atenção.

— O baterista da banda The Dangers está internado em estado grave no

Hospital Universitário George Washington, em Washington DC, depois de sofrer uma overdose de heroína no último final de semana. Segundo o boletim médico divulgado pela assessora da banda, o caso é grave e inspira cuidados intensivos.

Perdi meu chão pela segunda vez. Ainda bem que meu pai chegou e me segurou antes que eu caísse.

— Por quê?! — gritei desesperada em busca de uma resposta que jamais viria.

— Eu não sei, querida, mas você precisa ser forte.

— Não consigo, não consigo! — repeti, chorando novamente.

— Mas você precisa, e eu estou aqui para te apoiar.

— A culpa é minha, pai! Se eu não tivesse deixado Freddy sozinho, nada disso teria acontecido!

— Não se culpe por algo que já está feito e que é de inteira responsabilidade dele. Pense no que pode fazer a partir de agora.

— Quero vê-lo... — pedi secando as lágrimas.

— Sabe que não pode viajar agora. Você ainda está em repouso.

— Não vou conseguir ficar aqui, não sem saber notícias dele.

— Você sabe muito bem o que estará arriscando se insistir nessa viagem.

— Sei, pai, mas não posso abandoná-lo agora.

— Ele não está sozinho. Seu tio e todos os outros integrantes da banda já estão em Washington.

— Como sabe disso?

— Eles me ligaram assim que souberam. Contei o que aconteceu com você, e todos acham que deve ficar aqui. Freddy está se recuperando, os médicos o estão mantendo em coma induzido para que ele consiga se

recuperar.

— Ele está fora de perigo?

— Ainda não sabemos. Temos que esperar.

— Não posso deixá-lo sozinho, pai.

— A família dele também deve estar no hospital. Você precisa se recuperar primeiro antes de viajar. Sair agora é arriscado, sabe disso.

— Ele não tem uma boa relação com a família.

— Pode não ser boa, mas é a família dele, e eles precisam cuidar do Freddy. Assim como eu estou tentando cuidar de você.

— Entendo, pai, e vou esperar alguns dias antes de ir — disse resignada. Apesar de desejar estar ao lado do Freddy naquele instante, convalescente eu seria de pouca ajuda.

— Tomou a decisão certa, minha filha — falou me abraçando forte.

As lágrimas voltaram com força total.

Eu sabia que a decisão era certa, mas não que iria pagar um preço alto por ela.

Ainda estou aqui

FREDDY

De joelhos, eu pedirei uma
Última chance para uma última dança
Porque com você, eu resistiria a
Todo o inferno para segurar sua mão
Eu daria tudo
Eu daria tudo por nós

***Far away* - Nickelback**

Acordei uma semana depois que sucumbira às drogas numa festa na casa do meu amigo de infância. Não lembro muita coisa do que aconteceu naquela noite. Tenho alguns lapsos de memória, como pessoas pedindo que eu acordasse, outras me reconhecendo e tirando fotos, a sirene da ambulância, os paramédicos tentando me reanimar e minha vida por um fio.

Quando senti minha vida se esvaindo de mim, não consegui sentir raiva do meu pai nem o culpar por tudo, como sempre fazia. Nossa relação nunca foi boa, ele sempre era o primeiro a me criticar. Porém, não foi isso que veio à minha mente. Mia era tudo em que eu conseguia pensar e no quanto tinha sido injusto com ela. Eu a afastara quando deveria tê-la deixado ao meu lado. Se eu tivesse uma oportunidade, seria exatamente isso que faria.

Pouco tempo depois que os médicos tiraram os sedativos e o aparelho que me mantinham em coma induzido, abri os olhos. Ainda era difícil falar, minha garganta estava seca e doía, mas vi meus amigos e minha família ao meu lado, exceto meu pai. Se nossa relação era complicada, depois daquilo imaginei que pioraria.

— Estamos aqui por você, Freddy — murmurou Jack se aproximando da cama onde eu estava deitado. Percebi que ele estava inquieto e preocupado. Aliás, todos estavam, inclusive minha mãe. Seus olhos vermelhos só

confirmavam o quanto.

— Sim, e estamos felizes em ver que finalmente acordou — emendou Rick, dando um meio sorriso daqueles cautelosos de quem ainda está verificando o terreno.

— Estou aliviada em ver que está aqui comigo — disse minha mãe, abraçando-me, e minhas irmãs vieram logo em seguida.

Recebi abraços do Peter, da Giovanna, do Rick, do Jonas e até da Helena. Porém, não os recebi da única pessoa que queria ver quando acordasse do coma: Mia. Fitei a porta na esperança de vê-la entrar, mas isso não aconteceu. Fiquei tão frustrado que pedi a todos que se retirassem do meu quarto. Fui grosseiro com as pessoas que realmente se importavam comigo, mas não conseguia pensar com todos ali.

Permaneci mais dois dias no hospital, em observação, e em nenhum momento Mia veio me visitar. Estava destroçado por dentro, mas engoli a vontade de chorar e não perguntei por ela. Descobri que Bob viera, mas tivera que ir cuidar de uma emergência. Pelo menos, ele viera. Eu estava furioso com minha esposa por nem ao menos aparecer. Percebi o quanto era frágil nosso relacionamento e descobri que estava sozinho.

Tive que ouvir os lamentos da minha mãe e o quanto eu a tinha magoado. Sabia que ela estava certa, mas se esqueceu de dizer o quanto eu também fora ferido. Havia sido assim a minha vida toda. Foram tantos os momentos em que me sentira um lixo que evitava me lembrar de algum especificamente, eu só sentia que chegara ao fundo do poço.

Era naquele ponto que minha vida precisava seguir novos rumos. Eu estava numa bifurcação e tinha duas estradas para seguir: a primeira era a mais fácil, aquela que tomara a minha vida toda, a mesma que culpava meu pai pelos meus fracassos e me fazia recorrer à bebida e às drogas para aliviar a impotência que eu sentia por decepcionar as pessoas que amava; a segunda era mais complicada e cheia de curvas, uma estrada pela qual eu não conseguiria seguir sozinho, mas era a única que poderia me manter vivo. Portanto, eu precisava segui-la.

Conversei com meus companheiros de banda, com nosso empresário, com minha mãe e com os médicos que me atenderam. Todos foram unânimes: eu precisava de ajuda. Então, pela primeira vez, pedi auxílio e reconheci que não conseguiria sozinho.

Giovanna fez algumas ligações, e saí do hospital direto para uma clínica de recuperação na Califórnia. Saí disfarçado e à madrugada, ninguém percebeu nada. Os outros integrantes da banda e sua comitiva só saíram de lá no dia seguinte. Giovanna deu uma entrevista para os repórteres na frente do hospital e explicou que eu estava bem e fora de perigo, mas não mencionou minha internação, não naquele momento.

Cheguei à clínica esperando um lugar fechado e recluso, mas encontrei o oposto. O espaço parecia um resort. Fiquei num quarto grande e arejado, com todo o conforto a que estava acostumado e o sol gostoso da Califórnia.

Todavia, não foi tão fácil como imaginei. Passei as primeiras semanas em desintoxicação. Tomei remédios para diminuir os efeitos da abstinência no meu corpo, quase desisti e larguei tudo aquilo. Tive de ficar isolado e sem receber visitas durante aquele período, o que só me deixava mais irritado.

Quebrei objetos no meu quarto, briguei com os enfermeiros que traziam meus remédios, tentei subornar funcionários para me trazerem drogas. Era como se eu estivesse possuído. O que me ajudou a não explodir de vez foram as visitas ao psicólogo. Nas primeiras sessões, eu não abria a boca. Não acreditava que ele podia me ajudar, que conversar fosse resolver meus problemas, mas, conforme os dias passavam e eu ficava cada vez mais irritado, falar foi a única forma que encontrei para não enlouquecer. Comecei dizendo bobagens e coisas superficiais, mas aos poucos fui me abrindo e despejando tudo, minhas inseguranças em relação ao meu pai, nossas brigas frequentes, a impotência da minha mãe e, por fim, o abandono de Mia. Só quando pus para fora tudo o que estava sentindo, descobri o quanto estava machucado com seu descaso. Fiquei em choque quando a comparei ao meu pai. Numa lista de pessoas que podiam me magoar, coloquei-a em primeiro lugar, e o meu pai, em segundo. Isso resumia bem o quanto eu estava triste com a sua rejeição.

Após as crises de abstinência, meu corpo foi voltando ao normal. Parei de tremer, mas ainda sentia falta das drogas e da bebida desde a hora em que eu acordava até quando me deitava à noite. Os narcóticos tinham um poder na minha vida que eu desconhecia. Achara que os estava usando para amortecer a dor e que, quando não precisasse mais, os colocaria de lado. Impossível. A droga é ciumenta e não divide aquele a quem possui com ninguém, muito menos deixa que ele a abandone.

Mesmo depois de duas semanas, eu ainda estava lutando e perdendo feio. Pedi mais remédios, mas estava usando a dose máxima. Por isso os médicos negaram. Meu quarto, que outrora me parecia confortável, tornou-se uma prisão.

Passei a correr em volta da clínica. O lugar era enorme, e dar voltas e mais voltas para contorná-lo parecia me distrair por um tempo. Comecei a tentar compor músicas no tempo que me sobrava. Não aproveitaria nenhuma delas, mas era um hobby e me mantinha sem pensar no vício.



— Você sabe por que a sua esposa ainda não veio te visitar? — questionou meu psicólogo ajeitando os seus óculos no rosto.

— Não — respondi observando seu olhar repreensivo sobre mim.

— Nem quer saber?

— Acho que não. Ela não veio porque não quis. Não preciso ficar remoendo isso.

— Você está falando dela com o mesmo desprezo com que fala do seu pai. Estou certo? — indagou cruzando as pernas na cadeira, enquanto eu estava deitado confortavelmente no divã.

— Talvez. Ainda não me decidi sobre isso. Eles não são nem um pouco parecidos, exceto no poder que têm para me machucar.

— Você acha que sua esposa está fazendo isso de propósito?

— Não sei, mas não me interessa. As pessoas só têm poder na nossa vida se deixarmos.

— Acredita mesmo nisso?

— Não, mas é uma afirmação interessante, não acha?

— Fico feliz por estar tão disposto a brincar com a sua situação, mas não vai conseguir nada fazendo isso. Sou seu terapeuta e estou aqui para ajudar. Quando entender isso, vai ficar mais fácil.

— Não vejo uma saída fácil pra minha situação.

— Eu vejo. Não percebeu o quanto melhorou? — inquiriu batendo o lápis amarelo na mesa.

— Não acho que tenha melhorado. Estou aqui trancado, sem meus amigos, sem bebidas e sem drogas. Não chamo isso de melhorar, e sim de fugir.

— Do que está fugindo?

— Problemas, bebidas e drogas. Tenho certeza de que, no instante em que voltar a uma turnê, vou usá-las novamente.

— Sei que ainda é cedo pra você entender, mas não pode continuar com seu vício. Você quase morreu. Quer arriscar novamente sua vida?

— Não fiz de propósito. Só queria esquecer.

— Precisa encontrar outra maneira para esquecer seus problemas.

— Aceito sugestões — resmunguei abrindo os braços, impaciente.

— Não posso dizer o que você tem que fazer, só acho que ainda não está pronto para sair daqui.

— Acho que nunca estarei — murmurei apenas para mim, mas ele provavelmente escutou.

— Você não pode viver aqui pra sempre. Nossa função é ajudar você a dar o primeiro passo, mostrar o caminho. O resto é com você. Por isso liguei para a sua esposa.

— Não acredito que ligou pra ela! — exclamei irritado. Levei as mãos à cabeça e puxei meu cabelo com força.

— Tive que fazer isso. Manter contato com a família é o segundo passo para a reabilitação.

— Quem disse que ela é a minha família? — perguntei furioso.

— Você.

— Eu?

— Sim, você me disse durante as sessões.

— Mas não pedi para você procurá-la! Não vou rastejar aos pés dela e pedir desculpas, quando ela não parece se importar com o que acontece comigo.

— Ela me explicou por que não conseguiu ir ao hospital, mas está esperando as visitas serem autorizadas para vir ver você.

— E se eu não quiser vê-la?

— Você quer. Ela vai informar a você por que não foi para Washington. Quando ouvir o que ela tem a dizer, voltamos a conversar.

— Ainda não decidi se vou querer vê-la — avisei, saindo apressado da sala.

Sinto um vazio

MIA

Queria poder
Poder ter dito adeus
Eu teria dito o que eu queria
Talvez até choraria por você
Se eu soubesse

***I'll never love again* - Lady Gaga**

Esperei dois dias antes de comprar minha passagem para Washington. Fiquei de repouso o máximo que consegui. Porém, no dia da minha viagem, tive um novo sangramento e precisei voltar ao hospital. O médico que me atendeu, pediu repouso absoluto, e fui proibida de viajar.

Eu sabia que não era só repouso que eu precisava. Na verdade, o que não me deixava descansar era a tensão que me acompanhava todos os dias. Eu tinha medo de o Freddy morrer e eu não conseguir vê-lo. A culpa que sentia ao abandoná-lo sozinho à própria sorte estava me matando.

Quando ele acordou depois de uma semana, eu já estava melhor, mas ainda não podia viajar e estava ficando louca na casa do meu pai.

— Giovanna, eu preciso ver o Freddy — pedi assim que a assistente atendeu minha ligação.

— Sei disso, mas os médicos acham que ele deve ir para uma clínica de reabilitação.

— Quando? — perguntei me sentando na cama.

— O mais rápido possível. Só precisamos encontrar uma clínica.

— Se eu encontrasse uma clínica aqui, vocês o trariam pra cá?

— Claro. Fiquei encarregada de encontrar o lugar. Se quiser fazer isso, vou agradecer, pois não tenho ideia de para onde levá-lo.

— Então deixa comigo. Vou encontrar a melhor clínica que tiver na Califórnia e envio o endereço pra você.

— Tudo bem. Vou aguardar o seu retorno, mas seja rápida. Freddy pode ter alta a qualquer momento, e queremos levá-lo direto para a reabilitação.

— Não se preocupe, vou conseguir achar uma clínica — afirmei decidida.

— Até mais, Mia, e se cuida.

— Vou fazer isso, obrigada. — Encerrei a ligação.

Peguei meu notebook, minha agenda e o celular, ajeitei-me na cama de modo que ficasse confortável e comecei minha pesquisa. Durante dois dias, dediquei-me apenas a isso enquanto repousava. Descobri dezenas de clínicas de reabilitação e eliminei algumas por causa das más referências. Ainda assim precisava escolher uma entre as vinte que sobraram. Resolvi pensar no Freddy e no que ele gostava. Lembrei-me da sua casa na Toscana e eliminei os espaços fechados, ao estilo de hospitais, depois tirei as que eram exclusivas para celebridades; ele não iria gostar. No fim, fiquei com cinco, mas precisava escolher apenas uma, por isso liguei para todas, conversei com os responsáveis, fiz uma lista dos prós e contras de cada uma. Descobri que uma delas não tinha vaga para atendimento imediato, fiquei com as outras quatro. Acabei escolhendo a que tinha mais benefícios e com maior área de lazer, pois não conseguia imaginá-lo confinado num quarto o tempo todo. Assim que assinei o contrato, pedi sigilo total sobre a identidade do Freddy e enviei os detalhes para Giovanna.

Ele chegou à clínica no dia seguinte, e tudo que eu queria era vê-lo, mas não podia. Os médicos me informavam todos os dias sobre o seu progresso. No entanto, as visitas estavam proibidas durante duas longas semanas.

Pensei em ficar num hotel durante esse período, uma vez que não queria atrapalhar meu pai e sua esposa, porém, ele foi categórico.

— Você fica aqui pelo tempo que precisar.

Minha madrasta não gostou, empinou o nariz e saiu pisando duro no tapete caríssimo que tinha na sala, onde estávamos.

— Desculpe. Não quero atrapalhar sua vida, pai.

— Você não atrapalha nada, é minha filha, e essa casa é sua — disse, abraçando-me forte.

— Não estou falando de você, pai, e sim da sua esposa e da Melanie.

— Fique tranquila, vou conversar com elas.

— Tudo bem, não vamos mais discutir sobre isso. Eu vou ficar — comuniquei, sem ânimo para contrariá-lo.

— Obrigada, minha filha. Não sabe o quanto me faz feliz ouvir isso — disse, beijando minha testa.

Depois dessa conversa, evitar minha madrasta era o meu principal objetivo. Ainda bem que a casa era grande e tinha muitos lugares para se estar sem ter de cruzar com ela o tempo todo. Passei as tardes deitada numa das espreguiçadeiras de frente para o mar. Adormecia ouvindo as ondas quebrarem quando chegavam à areia, e isso me revigorava.

Quando o médico liberou as visitas ao Freddy, fui a primeira a saber. Seria sua primeira visita. Acordei ansiosa, quase não consegui tomar meu café da manhã. Meu pai insistiu em me levar, mas recusei. Fazia um bom tempo que eu não via meu marido, mais de um mês, e aquele encontro deveria ser privado. Por isso chamei um táxi. Passei o caminho todo nervosa. Minhas mãos suavam apesar do ar-condicionado ligado.

A clínica era exatamente como eu tinha visto nas fotos, muita área de lazer, jardins, quadras, mais parecia um resort. Deixei minha identificação na recepção e recebi um crachá de visitante com o número do quarto do Freddy. Caminhei devagar pelos corredores de paredes brancas e quadros coloridos.

Ao chegar ao final do corredor, virei à esquerda e comecei a observar os números dos quartos. Parei quando cheguei ao dele. Respirei fundo, arrumei

o cabelo, nervosa, e dei leves batidas na porta.

— Entre! — ele gritou.

Abri a porta devagar, com medo do que me esperava lá dentro. Havia esperado tanto por aquele momento que era difícil controlar meus nervos e parar de tremer. Fiquei surpresa ao encontrar o Freddy sentado na cama com um violão no colo e vários papéis amassados em volta. Ele estava com o cabelo amarrado num coque no alto da cabeça, sua barba estava maior do que eu me lembrava e ele tinha perdido alguns quilos. Era visível ao observá-lo sem camisa.

— Espero não estar atrapalhando — disse colocando minha bolsa e o celular no sofá e seguindo para perto dele.

— Por que se importa agora? — indagou chateado. Seus olhos permaneciam numa folha de papel à sua frente.

— Sabe que me importo. Se pudesse, teria vindo antes, mas os médicos proibiram.

— Não estou falando da clínica, e sim do hospital — explicou ainda com a cabeça baixa.

— Não consegui viajar — disse com os olhos marejados. Ainda era difícil tocar naquele assunto, em especial com ele.

— Claro, muitos compromissos. Quem se importa com um drogado como eu?

— Por favor, não fale assim. Sabe o quanto eu te amo — supliquei secando uma lágrima solitária que começara a escorrer.

— Se você me amasse de verdade, como diz, não teria me deixado sozinho quando eu mais precisava de você! — rosnou furioso, erguendo a cabeça pela primeira vez. Fitei seu rosto sério, admirei seus lábios e me aproximei devagar.

— Você me afastou. Você não quis minha ajuda — murmurei fitando o

chão.

— Tem certeza? Pense melhor; foi você que caiu fora — disse impaciente. Levantou-se da cama, largou o violão no chão e ficou de costas para mim.

— Eu estava confusa e precisava pensar melhor.

— Não está confusa agora?

— Não, não estou — informei colocando minha mão nas suas costas. Ele ficou tenso por um instante, mas depois relaxou.

— Ainda não entendo por que não foi ao hospital...

— Eu estava internada — murmurei.

— Por que estava internada? E por que ninguém me disse nada? — questionou se virando para me observar melhor. Parecia que seus olhos procuravam algum ferimento ou algo visível no meu corpo. Mal sabia ele que nossa perda não era visível a olho nu, mas fora capaz de me quebrar em pequenos pedaços.

— Eu pedi a eles. Queria contar para você pessoalmente.

— O que aconteceu com você? — perguntou preocupado.

— Eu tive um aborto — revelei voltando a derramar uma lágrima.

Freddy ficou mudo. Seu corpo cambaleou para trás e ele teve que se encostar à parede para não cair. Ajoelhou-se, colocou as mãos na cabeça e puxou os cabelos com força, desfazendo o coque.

— Por favor, não fique assim... A culpa não foi sua! — pedi desesperada, com medo da sua reação. Em seguida tentei me aproximar, mas ele me impediu.

— Fique longe de mim! — gritou, assustando-me.

— Por quê? Eu só quero ajudar — expliquei me agachando no chão em

frente a ele.

— Estou furioso agora e não quero machucar você — disse com a cabeça abaixada.

— Por favor, me deixa me aproximar de você! — supliquei secando minhas lágrimas. Eu devia parar de chorar se queria acalmá-lo, mas quem disse que eu conseguia?

— Não, vai embora. Eu quero ficar sozinho — pediu, desviando o olhar furioso.

— Por que você sempre me afasta quando está nervoso?

— Porque não quero machucar você, mas não consigo me controlar quando estou assim.

— Você não vai me machucar, tenho certeza disso. Sou eu, a Mia. Por favor, me deixe tocá-lo.

— NÃO, NÃO, NÃO! Quantas vezes preciso dizer isso?! — gritou, empurrando-me.

— Estou indo, não precisa pedir mais uma vez — comuniquei, levantando-me devagar do chão.

— Isso é para o seu bem. Avisei, quando saímos juntos pela primeira vez, que eu não merecia você. Mas não ligou, nos casamos, tudo desmoronou, e agora você perdeu nosso bebê por minha causa. Não preciso de mais nada para saber que isso não vai dar certo.

— Não vai dar certo?! — questionei irada. — Estamos casados! Já assumimos o risco, ou melhor, eu assumi, porque você ficou só se lamentando o tempo todo! Sou sua esposa, jurei que ficaria ao seu lado em todos os momentos, mas não consigo, porque você não deixa. Se parar de me afastar o tempo todo, ainda podemos consertar esse casamento. Você está na Califórnia por minha causa, porque também estou aqui. Estava na casa do meu pai quando perdi o bebê e agora estou lá esperando você se recuperar. Vou embora como me pediu e só vou voltar aqui quando me implorar. E terá

que me pedir perdão de joelhos — disse, saindo sem olhar para trás e batendo a porta com força atrás de mim.

Escuridão

FREDDY

Acontece que ninguém pode me substituir
Eu sou permanente, você não pode me apagar
Eu vou fazê-la se lembrar de mim
Só é preciso mais um beijo
Eu vou te deixar com a memória
E com o sabor do final

***Aftertaste* - Shawn Mendes**

Levantei a cabeça, fitando a porta depois que Mia saiu do quarto. Travei meus dentes, segurei as lágrimas, que estavam esperando apenas um vacilo meu para cair e gritei com toda a força que existia nos meus pulmões. Estava furioso porque meus atos tinham atingido a última pessoa que eu gostaria. Levantei-me cambaleando, cego de raiva e descontrolado. Comecei a quebrar tudo que via pela frente: o violão, os abajures, a mesinha de cabeceira, virei as poltronas, joguei a TV, soquei o espelho do banheiro até meus dedos ficarem em carne viva. Não percebi o quanto estava gritando até alguém me segurar pelo braço. Resisti, mas apareceu outra pessoa e mais outra, e aos poucos fui me rendendo.

Quando estava imobilizado no chão, alguém aplicou um sedativo e eu apaguei. Dormi por muito tempo e, quando acordei, estava num quarto diferente. Parecia de um hospital. Minhas mãos estavam enfaixadas, e meus braços, com algumas escoriações. Minha cabeça pesava, e eu só queria dormir novamente.

Estava perdido. Neguei-me a receber a visita da minha família e de meus amigos. Quando voltei para um quarto parecido com o que eu estivera antes, não saí mais de lá, inclusive parei de correr em volta da clínica e não quis mais conversar com o psicólogo.

Primeira Semana

Passei todos os dias deitado na cama.

Segunda Semana

Negação.

Terceira Semana

Comecei a me levantar e ficar sentado horas na sacada, admirando o nada.

Quarta Semana

Aceitei que eu precisava de ajuda.

Demorei muito tempo para perceber que não conseguiria superar tudo aquilo sozinho. Ainda não sabia o que fazer, nem por onde começar, mas aceitar que eu tinha um problema já era alguma coisa.

— Sei que é difícil pra você, mas precisa deixar as pessoas entrarem na sua vida — murmurou o psicólogo, anotando algo no seu bloco de notas. Era a nossa primeira consulta depois do meu surto, e não estava nada produtiva. Chegara ali meia hora antes, e estávamos andando em círculos.

— Eu deixo as pessoas entrarem na minha vida. Deixei a Mia e os caras da banda. Não entendo o que você quer dizer com isso...

— Você não deixou; se tivesse deixado, estaria pedindo a ajuda deles, não os afastando de você.

— Só não quero que eles me vejam assim.

— Assim como? — indagou arqueando as sobrancelhas por trás dos óculos.

— Destruído, fracassado, derrotado — murmurei com a cabeça baixa.

— Você não acha que eles precisam conhecer o verdadeiro Freddy, aquele que tem problemas e precisa de ajuda?

— Não quero mostrar esse lado pra eles.

— Por isso os afasta?

— Talvez.

— Não devia. Sei que tem problemas com seu pai. Porém, não significa que terá os mesmos problemas com seus amigos. Eles são diferentes e não devem ser julgados como se fossem a mesma pessoa.

— Que garantias tenho de que eles não irão me olhar com desprezo quando descobrirem quem eu sou de verdade?

— Nenhuma, e nem por isso você deve desistir de ser verdadeiro com seus amigos. E sua esposa? O que ela acha de tudo isso?

— Não quero falar dela — resmunguei, irritado com o rumo que a conversa estava seguindo.

— Mas precisa. Sabe que ela pode te ajudar.

— Não estou pronto para pedir ajuda a Mia — revelei e desviei o olhar para o quadro atrás dele.

— Quando vai estar?

— Não sei. Eu preciso pensar a respeito — disse me levantando do divã. Se dependesse de mim, nossa sessão tinha terminado.

— Só não demore muito; pode ser tarde demais — murmurou quando eu estava na porta da sua sala.

— Sei disso — bufei.

Alguns podiam me achar teimoso, cabeça-dura. Contudo, não era nada disso. Eu tinha meu orgulho e sempre me virara sozinho, nunca pedira ajuda, jamais dissera que não podia fazer isso ou aquilo. Portanto, precisava percorrer um longo caminho para aceitar que não podia continuar assim. Eu entendia que precisava de ajuda, mas não sabia como dar o próximo passo.

Peguei meu novo violão, já que havia destruído o outro, afinei as notas e comecei a tocar *Hurt*, de Johnny Cash. Minha voz saiu rouca; essa música me tocava, pois era a expressão de tudo que eu sentia.

I hurt myself today

To see if I still feel

I focus on the pain

The only thing that's real

(Eu machuquei a mim mesmo hoje

Para ver se eu ainda sinto

Eu me concentro na dor

É a única coisa que é real)

The needle tears a hole

The old familiar sting

Try to kill it all away

But I remember everything

(A agulha abre um buraco

A velha picada familiar

Tento apagar tudo

Mas eu me lembro de tudo)

— Eu gosto dessa música — disse Bob parado à porta do meu quarto, surpreendendo-me.

— É só o que tenho cantado nos últimos dias — murmurei, colocando o violão ao lado da cama.

— Desculpe vir sem avisar, mas precisava ver você — explicou ainda parado à porta.

— Pode entrar, não vou morder você — brinquei, mas no fundo eu também estava pisando em ovos.

— Como você está? — perguntou, sentando-se na poltrona de frente para mim.

— Estou indo — respondi, sem querer me abrir com ele. Se eu fosse vago e não mostrasse o quanto estava fodido, ele iria embora sem perceber.

— Não consegui ver você no hospital, tive um imprevisto e precisei sair. Por isso estou aqui. Sei que nunca conversamos sobre nossos problemas e não quero obrigá-lo a fazer isso agora. Mas consigo ver que você não está bem.

— Isso é óbvio; se estivesse bem, não estaria aqui — resmunguei, irritado com seu comentário.

— Não venha com quatro pedras na mão, quando só quero ajudar você.

— Por que todo mundo de repente quer me ajudar?

— Porque nos importamos com você e queremos te ver feliz.

— Não vai ser tão fácil, ainda mais agora, que a Mia perdeu o bebê.

— Sinto muito por isso também. Sei que está passando por um momento difícil. Cada um supera de um jeito, e espero que você encontre o seu.

— Não vai dizer o quanto estou errado?

— Quem sou eu para dizer isso? Mas quero que você melhore, cara. E tenho certeza de que vai encontrar o seu caminho — explicou, pegando o violão do chão para tocar uma de nossas músicas. Era antiga, uma das primeiras que tínhamos gravado.

Passamos a tarde ali, submersos na música. Cantei, toquei, discuti arranjos musicais e cheguei até a sorrir, não um sorriso pleno de quem estava feliz de verdade, mas foi um lembrete de que existia algo mais e eu precisava descobrir, lançar-me ao desconhecido sem medo de fracassar, sem medo de ser julgado, sem me preocupar com o que os outros iriam pensar de mim. Talvez só assim eu conseguisse mostrar às pessoas que eu amava o quanto precisava delas.

Acordei no dia seguinte tentando me reerguer. Voltei a correr em volta da clínica, e, quando voltei, minha mãe estava sentada na minha cama, esperando-me.

— Espero que não se importe, me sentei aqui para esperar você voltar — explicou envergonhada, levantando-se da cama.

— Não se preocupe, pode ficar — disse impedindo que ela se levantasse.

— Como você está? — perguntou se acomodando de volta na cama.

— Estou indo — respondi sem ânimo. Não enganava ninguém com essa resposta.

— Estou preocupada com você — disse limpando uma lágrima que caía pelo seu rosto. Não queria ver a minha mãe chorar. Estávamos sempre andando em círculos e nunca conseguíamos avançar na relação complicada

que tínhamos.

— Você veio sozinha? — indaguei mudando de assunto.

— Não, as meninas vieram comigo. Estão na cafeteria e voltam daqui a pouco — respondeu, suspirando a fim de interromper o fluxo constante de lágrimas. Minhas irmãs já estavam na faculdade, e ela ainda as chamava de meninas.

— Estou tentando me recuperar, mãe, estou tentando — resmunguei sem coragem de olhar nos olhos dela. Precisava dizer tanta coisa, mas ainda não estava pronto para conversar com ela.

— Só quero o seu melhor, filho. Sempre quis isso e espero que entenda que estou arrependida de não ter interferido na sua relação com o seu pai. Quando você era pequeno, pensei que a cobrança seria boa pra você, mas, conforme você foi crescendo, as coisas foram piorando, e não sabia mais o que fazer. Muitos filhos têm problemas com os pais, e achei que era normal. Depois você encontrou a banda, se mudou, e achei que tinha superado — explicou deixando outra lágrima cair.

— Acho que nunca vou superar essa relação que tenho com ele, mas não quero falar disso agora. Ainda não estou pronto — pedi me sentando no chão do quarto. Eu estava cansado da corrida e daquela conversa. Falar daqueles sentimentos desenterrava o pior de mim.

— Entendo, meu filho, entendo. E a Mia, onde está? — perguntou tentando atender meu pedido, mas eu sabia que ainda teríamos de terminar aquela conversa.

— Na casa do pai dela — respondi querendo encerrar aquele assunto.

— Eu soube do bebê e sinto muito — falou se levantando da cama e caminhando na minha direção. Eu não sabia o que ela pretendia com isso, mas fui salvo pelas minhas irmãs, que entraram no quarto e a interromperam.

— Oi, Freddy! Estávamos com saudades — disse Amber se abaixando para me abraçar.

— Espere, deixe um espaço para mim — pediu April se juntando a nós.

Depois que as minhas irmãs chegaram, a conversa ficou mais leve. Elas tinham esse poder de me deixar mais calmo. Não respondi à minha mãe sobre o bebê; não sabia o que dizer. Ainda estava tentando consertar o estrago que fizera, e, depois de uma tarde toda com a minha família, decidi que estava na hora de pedir desculpas a Mia.

Você acredita em mim?

MIA

Se lembra daquelas paredes que construí?
Bem, querido, elas estão desmoronando
E elas nem sequer resistiram à queda
Elas nem sequer fizeram barulho

***Halo* - Beyoncé**

Eu estava tentando colocar minha vida nos eixos. Retomei meu trabalho de assistente do Jack e do Freddy, assumi as agendas, dei telefonemas, organizei sessões de fotos e dei muitas explicações sobre o desaparecimento repentino do Freddy. Fiz tudo isso no meu antigo quarto, ainda na Califórnia. Não sabia mais quanto tempo aguentaria viver naquela casa. Quase dois meses era um recorde para uma pessoa independente como eu. Meu pai estava feliz. Ele achava que estava cuidando de mim. Entretanto, era mais como se estivéssemos cuidando um do outro. Ficar com ele compensava as conversas fúteis da Georgia que eu tinha que suportar durante os jantares ou os finais de semana em que Melanie resolvia visitar a família.

Josie, contudo, era uma agradável companhia. Ela passou a me ajudar com meu trabalho de assistente, e, em troca, prometi ingressos VIP para ela e sua amiga assim que a The Dangers voltasse aos palcos.

Esse tempo serviu para eu pensar na minha vida, refletir sobre o que eu poderia mudar ou fazer diferente. Fiquei em dúvida sobre tantas coisas, mas tinha uma certeza: amava o Freddy e não conseguia viver sem ele. Só precisava encontrar uma maneira de conviver com meu marido. Visitava o seu psicólogo na clínica pelo menos uma vez por semana. Isso me ajudou a entender um pouco o que o Freddy estava enfrentando. Esperava estar pronta quando ele enfim entendesse que precisava da minha ajuda.

— Sabia que encontraria você aqui — disse meu pai se sentando ao meu lado na areia da praia no final da tarde.

— Adoro este lugar, principalmente agora, que o sol acabou de se pôr. A brisa fresca tomou conta do ar, as ondas estão calmas, e as areias, quentinhas. — falei enterrando meus pés na areia.

— Também gosto daqui, por isso nunca mudei. Quando voltava do trabalho, costumava ficar aqui antes de a Georgia vir me chamar para o jantar. Aquelas horas que passava observando o mar eram tudo que eu precisava para recarregar minhas energias para o dia seguinte. Agora, que tenho todo o tempo do mundo, quase não venho aqui.

— Você devia viajar, pai. Visitar novos lugares, conhecer novas pessoas, experimentar comidas diferentes.

— Deve ser muito bom. Nunca saí dos Estados Unidos, o trabalho sempre foi a minha vida. Agora, que não o tenho mais, estou perdido.

— Encontre um lugar que você queira conhecer e vá. Não olhe pra trás. Se a Georgia não quiser ir com você? Vá sozinho, mas vá — pedi encostando minha cabeça no seu ombro. Fechei meus olhos por um segundo e respirei a brisa fresca do mar.

— Você devia seguir seu conselho. Acho que também precisa de uma viagem.

— Não posso viajar agora — murmurei ainda pensando na sua sugestão.

— O médico já liberou você, pode ir para qualquer lugar — rebateu fitando o horizonte.

— Não se trata só disso. Sei que posso viajar. Porém, não quero deixar o Freddy. Ele é cabeça-dura, mas precisa de mim, e quero estar aqui quando ele sair da clínica.

— Talvez vocês possam ir juntos quando ele for liberado.

— É, vou pensar nisso, mas você precisa decidir e ir o quanto antes —

disse mudando o foco da conversa.

— Vou conversar com a Georgia hoje no jantar e, se ela não quiser ir comigo, vou sozinho, eu prometo — assegurou, levantando-se e dando um beijo na minha testa antes de ir.

— Obrigada, pai — agradeci assim que ele se afastou.

— Não precisa agradecer. Ah! Antes que eu me esqueça, o psicólogo ligou e disse que o Freddy quer ver você amanhã — contou, depois se virou de costas para mim e caminhou devagar até a casa.

— Será que dessa vez você está pronto para se abrir comigo, Freddy? — murmurei em voz alta para ninguém além de mim mesma.

Não dormi direito naquela noite. Estava inquieta e fiquei me revirando na cama durante horas. Acordei no dia seguinte cansada e indisposta, mas entrei no táxi e segui rumo à clínica de reabilitação.

Caminhei devagar pelos corredores vazios. Quando, enfim, cheguei à porta do seu novo quarto, respirei fundo, coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, mexi as pernas, passei a mão na barriga, inquieta, e depois bati duas vezes.

— Oi — cumprimentou Freddy abrindo a porta para mim.

— Oi — respondi, observando o quanto ele estava abatido e triste, mais do que a última vez em que o vira.

— Quer entrar? — perguntou ao observar que eu estava parada no corredor.

— Sim — afirmei, passando por ele. Observei o quarto bagunçado; havia roupas em todo canto, a cama estava coberta de papeis amassados, um violão, canetas e vários rascunhos do que parecia ser a letra de uma música.

— Fique à vontade — disse tirando algumas roupas da poltrona para que eu pudesse me sentar ali.

— Obrigada — respondi ao me sentar. Nem parecia que o homem à

minha frente era o meu marido e a pessoa que eu amava além de tudo. Alguns meses antes, tínhamos uma afinidade surpreendente, mas atualmente parecíamos estranhos, desconhecidos, cheios de mágoas e palavras não ditas.

— Achei que não viria — resmungou se agachando à minha frente.

— Por que achou isso?

— Porque magoei você, afastei você de mim apesar de saber que era errado. Fiz você perder o bebê e ainda a deixei sozinha quando mais precisava de mim — explicou de cabeça baixa, sem coragem de me encarar.

— Perder o bebê não foi culpa sua. Eu estava no início da gravidez, sequer sabia, e o médico disse que é normal ter um aborto espontâneo nos três primeiros meses. Por isso não se culpe; fique triste, magoado, mas não se culpe. Se estivéssemos bem, isso também poderia ter acontecido.

— Está falando a verdade?

— Sim, não tenho razão para mentir pra você.

— Apesar de entender isso, ainda te devo desculpas de joelhos por tudo que disse na última vez em que nos encontramos.

— Com certeza, mas não estava falando sério quando disse que você deveria me pedir perdão de joelhos. Porém, já que está disposto, não vou recusar — tentei brincar com o fato de ele estar ajoelhado à minha frente e estar me pedindo desculpas. Entretanto, o clima ainda estava muito tenso entre nós.

— Eu não me importo, não mais. Cansei de esconder meus sentimentos, negar que você é a roda que faz minha vida girar nos eixos.

— Tem certeza disso? — inquiri tocando seu cabelo, mas logo em seguida afastei a mão. Ele nem percebeu.

— Essa é a única certeza que tenho — respondeu fitando meus olhos, angustiado.

— Eu sempre estive aqui, Freddy. Você que me afastou — reclamei.

— Sei que o problema sou eu. Estou tentando mudar, mas não consigo sozinho. Preciso de você e da sua ajuda.

— Estou aqui e vou te ajudar — disse emocionada. Não queria chorar, mas era inevitável. Depois de tudo que acontecera, minhas emoções ainda estavam à flor da pele.

— Prometo nunca mais afastar você da minha vida — asseverou, abraçando-me forte. Eu estava morrendo de saudades daquele abraço, mas só então percebi o quanto. Ficáramos tanto tempo separados que eu tinha me esquecido como era a sensação de pertencer a alguém. Eu sempre soube que pertencia a ele, porém, só naquele instante entendi a real magnitude desse sentimento.

— Vou cobrar essa promessa — comprometi-me, retribuindo seu abraço.

Ficamos enlaçados em silêncio por longos minutos. Cheirei seu perfume amadeirado, senti que estava segura. Freddy podia precisar de mim para se reerguer, mas eu precisava dele para seguir com a minha vida. Não de uma forma platônica e dependente, nunca fora assim. Nossa relação tinha muitos defeitos que precisaríamos consertar dali para frente, mas nosso amor nunca fora doentio. Ele era o melhor que tínhamos a oferecer um ao outro.

— Eu não aguento mais ficar aqui, Mia — desabafou Freddy segurando meu rosto entre as mãos.

— O tratamento ainda não acabou — expliquei com carinho fitando seus olhos aflitos.

— Estou aqui há quase dois meses e não aguento nem mais um dia — garantiu impaciente, ainda ajoelhado diante de mim.

— Você não pode desistir agora. Precisa mais do que nunca lutar para sair dessa dependência — implorei, preocupada.

— Sei disso e estou lutando, mas não aguento mais ficar preso aqui — revelou nervoso, depois se levantou e começou a andar impaciente pelo quarto. Ele parecia aqueles leões de zoológico, bonitos e selvagens,

desesperados atrás de uma gaiola.

— Vou pensar em alguma coisa para tirar você daqui — disse me lembrando da conversa que tivera com meu pai na tarde anterior, quando falara que ele precisava viajar e relaxar. Talvez fosse isso que Freddy precisasse, uma viagem, algo que o fizesse se lembrar da nossa lua de mel e do quanto estávamos felizes. Alguns meses haviam se passado desde então, mas eu apostava que ainda tinha algo desse Freddy ali dentro, esperando para vir à tona. Eu só precisava encontrá-lo e trazer de volta tudo o que tínhamos perdido. Eu poderia desistir e seguir minha vida sem ele, mas nunca seria a mesma coisa, não quando meu coração batia acelerado só ao chegar perto do seu corpo e as minhas pernas ficavam bambas ao sentir seus lábios tão perto de mim. Havia sido por isso que eu escolhera ficar na Califórnia durante sua internação e lutar pela minha família.

— Obrigado por tentar — agradeceu, aproximando-se de mim. Beijou minha testa em agradecimento e logo depois foi distribuindo beijos por todo o meu rosto até chegar à minha boca. Mordeu meu lábio inferior e me puxou ao encontro do seu corpo. Aos poucos sua língua foi explorando meus lábios, e o beijo, que se iniciara inocente, virou o mais quente que já tivéramos.

É mais forte do que pensei

FREDDY

Eu passei a noite no último voo para te ver
Levei um dia todo tentando chegar até você, ooh
Nós passamos o dia tentando melhorar as coisas entre nós

Girls like you - Maroon 5

Eu não aguentava mais viver trancado naquela clínica, dois meses eram um recorde e tanto para mim. Os médicos me liberaram relutantemente, pois diziam que eu precisava de mais tempo. Resolvi fazer o meu próprio tempo, assumir o risco. Poderia fracassar, mas, se isso acontecesse, pelo menos eu teria tentado. Não queria voltar a ser internado, por isso faria de tudo ao meu alcance para nunca mais voltar àquele lugar. Isso era um incentivo e tanto para ficar longe da bebida e das drogas.

Mia não me contou aonde estávamos indo. Ela me buscou na clínica, assinou os papéis da minha alta, e partimos direto para o aeroporto. Pensei que voltaríamos para nosso apartamento em Nova Iorque, porém, quando a viagem se tornou longa demais, fiquei perdido.

Muitas horas e uma parada para reabastecimento depois, aterrissamos no aeroporto de Florença. Desci do avião ainda confuso. Passei as mãos no cabelo e esperei Mia descer logo atrás de mim.

— Toscana? — indaguei admirando o seu sorriso.

— Você tem uma casa aqui. Achei que precisava de férias — explicou dando de ombros.

— Obrigado, este lugar é perfeito — agradeci, abraçando-a forte e dando um beijo casto na sua testa. Nossa relação ainda não estava como antes, e eu sabia que teria de ir devagar. Parecia um terreno minado prestes a explodir na

minha cara se eu pisasse no lugar errado.

O motorista já nos esperava. Entramos no carro e seguimos pelas lindas paisagens de Florença até a pacata e aconchegante Cortona. Chegamos à minha *villa* já no finalzinho da tarde. Desci do carro e caminhei devagar para observar as parreiras. Sentei-me no banco que tinha ali, fechei meus olhos e senti a mudança que estava prestes a acontecer na minha vida. Senti a perda de um filho que jamais conheceria, senti por magoar a mulher que amava, senti por não ser o filho que meu pai desejava e por machucar a minha mãe.

— Eu adoro este lugar — murmurou Mia se sentando ao meu lado no banco.

— Por isso me trouxe até aqui — respondi com a voz embargada. Se ela não tivesse interrompido meus pensamentos, eu estaria chorando naquele instante.

— Não foi só por você. Eu também preciso de férias, e este é o meu lugar preferido.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia um viciado vir para uma vinícola.

— Vamos tentar, ok? Eu mandei sumir com todas as bebidas da casa. Vamos nos deliciar com suco de uva integral. Além disso, a vinícola está parada por enquanto. Nada de bebidas, eu posso garantir isso.

— Não se preocupe comigo. Sei que ainda não estou forte, mas prometo não decepcionar você mais uma vez.

— Sei disso, Freddy, e estou aqui para apoiar você — asseverou segurando a minha mão.

Eu sabia que minha recuperação seria difícil. Ainda estava engatinhando rumo a uma vida sem vícios. Porém, pela primeira vez em muito tempo, eu estava tentando, e isso poderia significar alguma coisa, não?

Mia permaneceu ao meu lado em silêncio, olhando a paisagem deslumbrante que a minha casa na Toscana tinha. Ela ficava em cima de uma montanha, e, ao olhar para baixo e para o horizonte, conseguíamos ver os

vinhedos, as cercas de madeira que separavam as propriedades, as casas bem afastadas uma da outra e podíamos sentir o cheiro doce das uvas.

Levantei-me, peguei nas mãos da Mia e a levei para dentro quando o sol se pôs e começou a ficar frio demais lá fora. Ao entrarmos na casa, fomos recebidos pelo cheiro gostoso de molho de tomate com manjericão.

— *Benvenuto, signore* — cumprimentou Filomena aparecendo na sala para nos receber.

— *Grazie* — agradeci sorrindo para ela enquanto Mia corria para abraçá-la.

Sentamo-nos à mesa, e o cheiro gostoso da comida italiana me atingiu com força. O macarrão preparado na hora, com molho fresco e manjericão, as fatias generosas de pão caseiro gratinado com queijo e orégano, os pedaços de queijo provolone e salame servidos como aperitivos. Eu não estava com muita fome, mas não consegui resistir, comi de tudo um pouco. No entanto, fiquei preocupado com Mia. Nunca a tinha visto comer tanto. Nem da outra vez em que viéramos ali ela comera assim.

— Parece que você gostou da comida... — comentei observando enquanto ela lambia os dedos depois de comer a segunda fatia de pão.

— Por favor, não me critique — pediu franzindo o cenho.

— Não estou, pode comer à vontade. Sei bem o quanto a comida da Filomena é irresistível.

— Quando voltar para casa, eu faço uma dieta — respondeu mordiscando um pedaço de queijo.

— Você não precisa fazer dieta nenhuma, está linda como sempre foi — murmurei sem tirar os olhos dela.

Depois do jantar, caminhei devagar até a sala, peguei uma das muitas biografias que havia na minha estante de livros e me sentei na poltrona confortável enquanto esperava Mia voltar da cozinha. Não percebi a hora passar, distraí-me com o livro. Não era um dos melhores que eu lia, mas

conhecer a vida de Mandela até que foi interessante.

— Acho que podemos subir — disse Mia me surpreendendo na sala.

— Já terminou de ajudar Filomena? — indaguei surpreso.

— Não. Sabe que ela não me deixa ajudá-la. Fiquei sentada enquanto ela arrumava tudo sozinha, servi apenas de companhia. Mesmo que o inglês dela seja ruim e meu italiano inexistente, conseguimos nos comunicar.

— Já é alguma coisa — comentei me levantando da poltrona e deixando o livro de lado. Subi as escadas logo atrás da Mia e fiquei surpreso quando ela parou em frente ao quarto de hóspedes.

— Vou dormir aqui esta noite — comunicou nervosa, sem coragem de me olhar.

— Por quê? — perguntei cauteloso, erguendo seu queixo para fitar seus olhos.

— Não sei. Ainda somos casados, e eu te amo, mas preciso do meu espaço nesse momento.

— Entendo. Não acho que seja o certo, mas entendo. Vou deixar a porta do nosso quarto aberta, caso mude de ideia. Não vou fazer nada que você não queira, só podemos dormir juntos. Ficamos tanto tempo separados que preciso só sentir o calor do seu corpo ao lado do meu.

— Acho que ainda não estou pronta, Freddy. Você precisa me mostrar que confia em mim. Estou aqui disposta a te ajudar no que for preciso, mas ainda não sinto que você realmente acredite nisso.

— É difícil pra mim, mas já disse que vou tentar — murmurei me aproximando dela. Encostei minha mão na sua nuca e a puxei para um beijo. Ela não tentou me afastar, pelo contrário, retribuiu. Explorei sua boca como havia muito tempo não o fazia. Seu gosto ainda era o mesmo néctar dos deuses que eu conhecia tão bem, e eu só queria cada vez mais.

— Vamos devagar — pediu recuperando o fôlego.

— Claro, no seu tempo — murmurei, dando um beijo casto na sua testa e seguindo para o quarto.

Não consegui dormir bem naquela noite e nem nas outras que vieram a seguir. Quando Mia me perdoara naquele dia na clínica, eu tinha achado que era para valer. Porém, na prática, não foi bem assim que aconteceu. Ela estava ali para me apoiar, mas não era a esposa amorosa que eu queria. Dormíamos separados, ela deixava que eu a beijasse, mas nada além disso, e, conforme os dias se passavam, eu estava ficando cada vez mais irritado com a situação.

Entendia que precisava ir devagar, mas esse não era o ritmo a que eu estava acostumado. Se continuasse assim, eu acabaria explodindo. Por isso voltei a correr, dessa vez pelos corredores entre as fileiras de videiras. Acordava bem cedo e ficava a manhã toda no parreiral. Corria, descansava e corria novamente. Voltava para casa só na hora do almoço. A comida era sempre maravilhosa, cada prato melhor do que o outro. Já estava enjoado das taças de suco de uva, por isso comecei a beber água.

Passei a evitar ficar sozinho com a Mia. Podia ser uma forma de punição por ela não voltar a dormir comigo, mas eu estava muito chateado com aquela situação para pensar com clareza.

Comecei a ficar as tardes no meu banco preferido, com um bloco de notas, uma caneta e um violão que encontrara no meu quarto. Nem sabia que ele estava ali da outra vez em que estivera na Toscana. Talvez Mia o tivesse trazido e eu nem percebera. Bem, isso não importava. Na verdade, eu estava morrendo de saudades da minha bateria. Queria tocá-la novamente, sentir os pratos vibrarem sob minhas mãos, o som do tambor rugir nos meus ouvidos, mas era impossível. Por isso tive de me contentar com o violão. Era música, de todo jeito.

Desde que eu ficara internado, estava tentando escrever uma música. Todavia, nada saía da minha mente. Eu nunca havia composto e tinha a sensação de que jamais conseguiria, mas isso me distraía por algumas horas, então continuei tentando.

— Queria ter a chance de mudar as coisas que fiz de errado — murmurei

fitando o horizonte.

O tempo não para. Ele continua correndo, não importa o que se faça. As coisas boas passam voando, e as ruins merecem uma pausa especial. Quando eu sofrera a overdose, fora um desses momentos. Sentira-me suspenso no ar, como se tudo acontecesse em câmera lenta.

Amassei a vigésima folha do meu bloco de notas e a joguei no banco. Mirei as outras folhas que vieram antes dessa espalhadas no chão e suspirei frustrado. Coloquei o violão no meu colo e comecei os acordes da música que não saía da minha cabeça.

What have I become,

My sweetest friend?

Everyone I know goes away

In the end

(O que eu me tornei

Minha mais doce amiga?

Todos que eu conheço vão embora

No final)

And you could have it all

My empire of dirt

I will let you down

I will make you hurt

(E você poderia ter isso tudo

Meu império de sujeira

Eu te desapontarei

Eu te machucarei)

Repeti esse último verso muitas vezes até desistir e deixar o violão descansando ao meu lado.

Voltando aos velhos hábitos

MIA

Você olha para mim, amor, e eu quero pegar fogo
Está enterrado na minha alma
Como ouro da Califórnia
Você encontrou uma luz em mim que eu não pude encontrar

Always remember us this way - Lady Gaga

Não pensara que seria tão difícil ficar ao lado do Freddy sem ter qualquer contato íntimo com ele, mas estava sendo. Minha intenção era esperar alguns dias, dormir separados uma ou duas noites. Achei que ele me procuraria no meio da noite, desesperado. Porém, aconteceu o oposto disso, ele se afastou de mim. Parecíamos dois estranhos naquela casa. Quase não conversávamos, e eu não sabia como consertar aquilo. Já havia tentado, mas tinha sido em vão. Não dera certo, e voltáramos à estaca zero mais uma vez. Morávamos na mesma casa. No entanto, passei a ficar a maior parte do tempo sozinha ou com a Filomena. Eu sabia que aquilo não acabaria bem. Todavia, era impossível escalar a barreira que Freddy erguera para eu chegar até ele.

— Oi, pai — resmunguei ao atender o telefone. Já tinha acordado fazia um tempo, mas ainda permanecia deitada na cama.

— Oi, querida. Como estão as coisas? Estou preocupado com você. Nenhuma ligação desde que saiu daqui — reclamou.

— Estou bem, pai, este lugar é um paraíso.

— Então por que sua voz não condiz com sua aparente felicidade?

— Está tudo bem, pai — insisti na mentira.

— Não minta pra mim, sou seu pai! — pediu aflito.

— Não estou mentindo. Quer dizer, não estou feliz, mas ainda assim este lugar é lindo.

— O Freddy está bem? — indagou cauteloso.

— Sim, ele está bem, sem drogas, sem bebidas. Entretanto, ele me afastou, pai.

— Como assim ele te afastou? Vocês não estão morando juntos?

— Sim, estamos, mas ele quase não fala comigo, parecemos dois estranhos.

— Você já conversou com ele? Se abriu? Contou tudo?

— Não, pai, não contei. Estou esperando a oportunidade. Porém, ela nunca aparece.

— Você sabe que o momento certo não existe. Pare de pensar tanto e faça alguma coisa para mudar essa situação.

— É fácil falar, difícil fazer. Está falando de mim, mas ainda não conseguiu fazer a sua viagem.

— Estou tentando, já até decidi o lugar. Só estou esperando você colocar sua vida nos eixos. Não quero viajar preocupado com você.

— Aonde você vai?

— México — respondeu animado.

— Escolha interessante, pai. Acho que você vai se divertir muito. No entanto, não me use como desculpa para adiar sua viagem. Estou bem, e você sabe disso.

— Eu sei que você está bem de saúde, mas ainda não está feliz. Vou esperar você se resolver com o Freddy para viajar.

— Desculpas e mais desculpas — ralhei com ele.

— Olha quem fala.

— Tudo bem, você venceu. Vou conversar com ele ainda hoje — comuniquei resignada; caso contrário, ele jamais viajaria.

— Até que enfim minha filha está atendendo meus pedidos. Vou comprar as passagens assim que me avisar que está tudo bem. E, antes que eu me esqueça, a Georgia aceitou viajar comigo.

— Georgia no México vai ser interessante — comentei rindo.

— Até mais, filha.

— Boa viagem, pai — desejei, encerrando a ligação. Joguei o telefone de lado, fitei a janela aberta. A paisagem exuberante da Toscana se revelava mais uma vez, presenteando-me. Suspirei, sem coragem de me levantar da cama, mas o dia estava radiante lá fora. Não dava mais para permanecer trancada no quarto.

Enchi a banheira e fiquei ali por longos minutos, pensando na conversa que tivera com meu pai. Ele era sutil, mas sempre fazia questão de me tirar da zona de conforto. Confesso que eu já estava acostumada com seu jeito de agir, mas sempre me surpreendia.

Ao sair da banheira, vesti uma roupa quentinha apesar do dia lindo lá fora. O friozinho do início de outono já mostrava a sua cara.

— *Buongiorno*, Filomena — cumprimentei-a ao descer as escadas.

— *Hai visto* Freddy? — perguntei em italiano. Embora falássemos aos tropeços em inglês, eu estava tentando aprender com ela um pouco de italiano.

— *Sta correndo nei vigneti* — respondeu apontando para as parreiras onde Freddy costumava correr todas as manhãs.

— *Aspetterò che torni* — murmurei, sem coragem de encarar o frio que estava lá fora para conversar com ele.

— *Facciamo colazione*? — convidou-me a segui-la para tomar o meu café da manhã. Não me fiz de rogada; minha barriga estava roncando só de

pensar nas gostosuras que ela tinha preparado naquela manhã.

Algumas pessoas tem um dom especial para cozinhar, e Filomena com certeza era uma dessas pessoas. Tudo que ela fazia era divino, e eu não conseguia comer só um pouquinho. Talvez os pratos generosos que ela servia à mesa interferissem nisso, mas, em todo caso, eu estava com alguns quilos a mais desde que chegara ali. Os pães tinham um sabor especial por serem feitos em casa, as geleias eram mais saborosas e deixavam o gostinho da fruta na boca por mais tempo que as industrializadas. Os bolos eram deliciosos, com sabores os mais variados possíveis, mas o meu preferido era o de laranja com cobertura de leite condensado e raspas da casca da fruta por cima. Nunca tinha comido nada parecido, tanto que podia assegurar que nem precisava provar outros sabores, já estava satisfeita com aquela delícia.

Depois de me empanturrar de comida, esperei na sala a chegada do Freddy. Não passaria daquele dia, eu daria um fim àquilo. Precisávamos daquela conversa. Eu já a adiara o máximo possível.

Contudo, ele não aparecia. Observei a estante de livros, encontrei um romance e decidi passar um tempo com ele até Freddy entrar. Porém, ele demorou muito. Fui ficando sonolenta e adormeci deitada no sofá com o livro no colo.

Despertei com um barulho de algo caindo na cozinha. Levantei-me depressa, assustada, e o livro caiu no chão.

Olhei as horas num relógio antigo na parede e me preocupei. Segui até a cozinha e encontrei Filomena ao fogão, como sempre. Perguntei pelo Freddy, mas ele não tinha voltado e ela não sabia onde ele estava. Coloquei um casaco que estava pendurado atrás da porta e saí à sua procura. Perguntei para alguns funcionários da vinícola no caminho, mas ninguém o tinha visto.

Desci o parreiral chamando por ele, mas ninguém respondeu. Fui até o seu banco preferido na parte mais alta da casa. Porém, ele não estava lá.

— Onde você se meteu, Freddy? — murmurei sozinha sentada no banco.

Fiquei ali por alguns minutos, tentando descobrir onde mais eu deveria

procurar. Estava quase desistindo e voltando para casa. Talvez ele já tivesse voltado. Quando fitei ao longe o armazém onde os barris de vinho eram guardados para a maturação, tive um mau pressentimento. Um frio subiu por minha espinha e minhas pernas ficaram trêmulas.

Levantei-me devagar, ainda testando meus passos inseguros no chão coberto pelas folhas amarelas das árvores que caíam no outono. Demorei uma eternidade para caminhar alguns metros, tudo porque eu tinha medo do que poderia encontrar lá dentro.

Parei à grande porta entreaberta, respirei fundo e a empurrei. Suspirei aliviada ao entrar e não encontrar Freddy ali. Os barris estavam armazenados com cuidado em suportes de madeira. O lugar era enorme.

— Freddy! Freddy, você está aqui?! — gritei caminhando pelos corredores. Estava quase desistindo quando escutei um resmungo, um lamento. Virei-me na direção do barulho e confirmei o que eu já sabia.

— O que você fez, Freddy? — perguntei me sentando no chão ao seu lado. Seu corpo estava escorado em um dos barris enquanto ele segurava outro no colo. — Quanto você bebeu? — questionei segurando seu rosto com ambas as mãos.

— O... o suficienteee... — resmungou com a voz entorpecida pela bebida.

— Vamos, eu vou tirar você daqui — pedi tentando levantá-lo. *Eu não sei onde estava com a cabeça ao trazê-lo para um vinhedo*, pensei aflita enquanto tentava sem êxito tirá-lo do chão.

Não sabia o quanto ele tinha bebido, mas percebi que, pela primeira vez, ele aceitava minha ajuda. Não gritou comigo como sempre fazia quando eu tentava auxiliá-lo e não estava agressivo. Apesar da bebedeira, Freddy estava triste, e eu me culpava por isso. Não deveria tê-lo levado para ali, não deveria tê-lo tirado da clínica tão cedo... e, por último, não deveria tê-lo afastado de mim, quando tudo que precisávamos era ficar juntos. Talvez não fosse tarde para recomeçar. Podia ser um caminho longo o que tínhamos pela frente, mas, com ele ao meu lado, eu estava disposta a tentar.

Ele se apoiou em mim e, com muita dificuldade, conseguimos chegar a casa. Filomena me ajudou a preparar um banho para ele. Deixei-o na banheira com água fria por alguns minutos, depois o ajudei a vestir uma cueca boxer e o coloquei deitado na cama. Ele estava ciente da minha presença, mas não disse uma palavra. Cobri seu corpo gelado com uma manta quentinha e me deitei ao seu lado.

— Precisamos conversar, Freddy. Chega de nos afastar — murmurei encostada ao seu peito enquanto ouvia as batidas ritmadas do seu coração.

Só me resta confiar

FREDDY

Amor da minha vida, não me deixe
Você roubou meu amor
E agora me abandona

Love of my life - Queen

Enquanto corria pelas parreiras do vinhedo durante todos aqueles dias, resistia o máximo que podia a entrar no galpão onde os vinhos eram armazenados para amadurecer. Porém, estava tão esgotado que, daquela vez, não resisti quando o canto da sereia me chamou. Fiquei inebriado com o aroma que exalava do lugar e segui meus instintos. Abri a torneira de um dos barris para degustação e bebi ali mesmo, direto da fonte. Não degustei o vinho, não apreciei o seu gosto peculiar, só bebi com total desespero.

Quando Mia me encontrou, eu estava embriagado, mas consegui entender o quanto estava errado, por isso não disse nada. Pela primeira vez, a bebida não anestesiou meus sentimentos, na verdade, ela só fez tudo piorar. E tive a nítida impressão de que ela nunca ajudara.

Acordei no dia seguinte com uma ressaca terrível, mas o pior de tudo era a vergonha que eu sentia. Sentei-me na cama, e, na mesinha ao lado, tinha um copo com suco de laranja e dois comprimidos. Engoli os remédios e bebi o suco todo de uma vez.

— Será que agora podemos conversar? — indagou Mia me surpreendendo, pois eu não tinha notado que ela estava sentada numa poltrona bem em frente à cama.

— Acho que sim — concordei desviando meus olhos dela.

— Estou decepcionada, Freddy. Você prometeu que não beberia ou usaria

drogas novamente. Eu tirei você daquela clínica e estava disposta a recomeçar, mas você não deu a mínima pra isso. Na primeira oportunidade que teve, encheu a cara, e aqui estamos nós mais uma vez.

— Não foi bem assim, você não me deu outra chance — bufei irritado.

— O que você está tentando me dizer? A culpa é minha?

— Não disse que a culpa é sua, só falei que você não me deu chance nenhuma.

— O que você chama de chance? — perguntou irritada.

— Continuar de onde paramos — respondi sem hesitar.

— Como vou fazer isso se você só me decepciona?

— Eu estava sozinho, não consegui resistir — expliquei esfregando as mãos no rosto, nervoso.

— Você estava sozinho porque me afastou mais uma vez — disse se levantando da poltrona e caminhou devagar até a janela.

— Eu não afastei você, só dei o espaço que precisava. Eu disse que estaria esperando por você no nosso quarto.

— Na sua cama, você quer dizer — ironizou sem coragem de olhar para mim; a janela ainda era o foco da sua atenção.

— Não quis dizer isso. Eu quero você inteira, e não a metade. Você disse que estava disposta a recomeçar, mas não se entregou a mim por inteiro. Veio para essa viagem para me testar, e eu falhei. O que vai fazer agora? Fugir como fez da outra vez?

— Você não está sendo justo comigo... Eu tentei ficar, mas não adiantou. Você estava nos destruindo.

— “Você”, você, você”... já parou pra pensar que você me culpa por tudo? — ralhei nervoso.

— Não foi eu quem desapareceu o dia todo e quase esvaziou um barril de vinho! — exclamou irritada.

— Já disse que estava errado. Estou tentando. Talvez, se você parasse de me criticar e tentasse me entender, as coisas poderiam mudar.

— Eu estou aqui na sua frente, disposta a lhe dar mais uma chance. Porém, saiba que é a última — respondeu se virando para olhar nos meus olhos.

— Se for para você ficar em cima do muro, não aceito essa chance — avisei me levantando e ficando do outro lado do quarto, encostado à parede.

— Não vou. Estou disposta a dar tudo de mim para salvar nosso casamento. No entanto, quero o mesmo compromisso da sua parte. Nada de bebidas e de drogas. Se você voltar a beber como fez ontem, acabou. Vou sumir da sua vida sem deixar qualquer rastro. Preciso pensar no... quer dizer, na minha vida — falou decidida.

— Você precisa entender que não bebo ou uso drogas por opção. Sou viciado nisso, é mais forte do que minha vontade de parar.

— É mais forte do que o amor que sente por mim? — indagou furiosa, colocando as mãos no quadril para ouvir a minha reposta.

— Não sei dizer, talvez seja — bufei desesperado.

— Isso não é resposta, precisamos ser sinceros.

— Eu amo você, mas também a amo.

— Então me ame mais — implorou com os olhos marejados e a voz embargada.

— Não vou fazer isso com você, não posso ficar para ver o nosso amor desaparecer diante dos meus olhos! — gritei desesperado.

— O amor não desaparece. Se ele for verdadeiro, nunca vai morrer. Você só precisa encontrá-lo aqui — explicou colocando as mãos no coração.

— Não sei se consigo. Estamos tão distantes que é impossível chegar até aí sozinho.

— Você não está sozinho, nunca esteve. Quando entender isso, vai parar de fugir de mim, da sua mãe e de todas as pessoas que te amam.

— É fácil quando não se tem problema nenhum — provoquei-a.

— Acha mesmo que não tenho problemas? Acha que não fico irritada com as merdas que acontecem na minha vida? Sinto te decepcionar, mas sou humana como você. A diferença é que não recorro à bebida ou às drogas quando tenho um problema, e sabe por quê?

— Não! — bufei, sem paciência para ouvir sua resposta.

— Porque elas não resolvem nada, muito pelo contrário, só atrapalham, e você ainda não percebeu os estragos que fazem na sua vida.

— Eu sei — resmunguei bem baixinho.

— O que disse? — indagou surpresa.

— Eu sei disso. Sei que beber e me drogar não vai ajudar em nada.

— Se sabe, por que continua?

— Descobri isso na noite passada. Ainda estou digerindo essa revelação.

— E o que vai fazer com ela?

— Vou mudar, Mia. Prometi a você e vou fazer isso. Agora é uma questão de honra. Vou provar a você que sou digno do seu amor.

— Você sempre foi digno do meu amor, e não é por causa da banda, da fama ou do dinheiro. Eu tenho orgulho do Freddy que está parado aqui à minha frente, sem máscaras, sem pose de astro do rock, sem drogas, sem bebida e disposto a tentar vencer o seu vício.

— Acha que consigo? — perguntei sem tirar meus olhos dela enquanto caminhava na sua direção.

— Você consegue fazer qualquer coisa, basta querer — respondeu deixando as lágrimas molharem o seu rosto.

— Se você estiver ao meu lado, vai ser mais fácil — afirmei envolvendo meus braços na sua cintura e a puxando para perto de mim para secar suas lágrimas.

— Pode ter certeza de que estarei. Se for para te curar desses vícios, eu irei até o inferno. Só preciso ter certeza de que está comigo — declarou colocando as mãos na minha face.

— Nunca estive tão certo de uma coisa: não vou perder você. Você é minha *bella donna*. Foi por isso que chamei o meu vinho de Belladonna, por sua causa. Se pra isso tiver de largar as drogas e a bebida, pode ter certeza de que é exatamente isso que vou fazer! — anunciei eufórico, tomando seus lábios nos meus logo em seguida. Encostei seu corpo no vidro da janela e explorei sua boca como se minha vida dependesse disso.

— Acho que a conversa acabou — comentou sorrindo enquanto eu tirava sua blusa.

— Conversamos demais — resmunguei, dando beijos molhados no seu pescoço.

— Talvez — sugeriu arqueando as sobrancelhas e deu gritinhos quando a joguei na cama. Desabotoei seu sutiã e beijei seus seios. Eles estavam bem maiores do que a última vez em que eu os vira, mas podia ser coisa da minha cabeça. No entanto, eu estava adorando encher as mãos com eles.

— Eu estava morrendo de saudades do seu corpo delicioso — murmurei, beijando sua barriga, depois suas coxas e por fim cheguei onde queria estar desde que saíra daquela maldita clínica. Havia uma coisa em que eu era mais viciado do que a bebida e as drogas, deveria lhe ter dito quando ela perguntara. Seu corpo tinha algo que me prendia, que me fazia querer estar ali dentro muitas e muitas vezes sem nunca me cansar.

Ela prometera que daquela vez não teria mais reservas, e estava certa. Começamos do mesmo ponto em que paramos. Não teve dúvidas no seu

olhar, não teve receio de que aquilo não daria certo. Ela estava totalmente entregue a mim, e eu iria fazer o mesmo. Esqueceria o passado, as mágoas, as brigas, as cobranças do meu pai e recomeçaria do zero, assim como deveria ter feito quando nos casáramos. Não seria fácil, mas eu prometia ser sincero com ela e nunca mais a afastar de mim.

Adormecemos juntos ao encontrar prazer um nos braços do outro. Depois de muitas noites rolando inquieto na cama, eu dormi feito uma pedra. Senti que estava mais leve e seguro. Tinha tomado uma decisão naquela manhã e faria tudo que estivesse ao meu alcance para não me desviar desse caminho.

Despertei algumas horas depois com o barulho da chuva batendo no vidro da janela. As gotinhas deslizavam e desapareciam diante dos meus olhos. Desviei meu olhar da janela e observei Mia com a cabeça encostada no meu peito, dormindo tranquilamente. Não mexi meu corpo nem um só milímetro para não a acordar.

Ela estava tão linda com os cabelos loiros esparramados no meu tórax, o esboço de um sorriso nos lábios, as pernas entrelaçadas às minhas. Um cheiro suave e doce emanava da sua pele macia. Estava tão perfeita que eu poderia ficar naquela posição o dia inteiro.

— Faz tempo que você acordou? — indagou abrindo os olhos devagar.

— Não, apenas alguns minutos antes de você — respondi beijando sua testa e a puxando para mais perto de mim.

— Está chovendo lá fora? — questionou levantando a cabeça para fitar meus olhos.

— Sim, e parece que não vai parar tão cedo. O outono é assim na Toscana, um friozinho e muita chuva — respondi voltando a olhar para a janela.

— Então vou voltar a dormir. Estou com tanto sono — murmurou, bocejando, logo depois se aconchegou nos meus braços, fechou os olhos e adormeceu.

Permaneci ali velando seu sono e ouvindo o barulho da chuva lá fora.

Poucas vezes na minha vida me sentira tão completo como naquele instante. Trilhara um longo caminho para chegar àquele momento e esperava não voltar atrás nas decisões que tinha tomado. Não seria fácil, eu reconhecia isso. Entretanto, lutaria com tudo que tinha para não decepcionar a mulher que eu amava.

— Dorme em paz, minha garota, que a tempestade já passou — cantei no seu ouvido, embalando o seu sono.

A promessa

MIA

Abra o seu peito para que eu possa ler o seu coração
Eu preciso entrar, ou eu vou começar uma guerra
Quero olhar para as peças que fazem de você quem você é
Eu quero te construir e desconstruir

Inside out - The Chainsmokers feat. Charlee

Fechei meus olhos com força e pulei sem olhar para trás. Tinha tentado ser cautelosa e não dera certo. Tinha muita coisa em jogo, e eu não queria me decepcionar mais uma vez.

Enquanto esperava Freddy acordar, percebi que não podia confiar pela metade, assim como não podia me entregar com cautela. Por essa razão, embarquei naquela relação com tudo que eu tinha. Não queria nem pensar em como juntaria os cacos caso não desse certo. Enfim entendi que recomeçar era iniciar do zero, sem mágoas, sem medo e receios.

Depois do dia que passamos juntos na cama, a atmosfera na casa mudou. Os risos começaram a aparecer por nenhum motivo especial, a conversa era sempre animada, e as noites de amor eram as melhores que eu já tivera na vida. Descobri que era verdade quando diziam que o sexo de reconciliação era o melhor. Eu estava sentindo na pele a veracidade dessa informação e não estava nem um pouco chateada por isso. Não sabia se faria tudo novamente se tivesse chance. No entanto, estava adorando curtir aquele momento ao lado do Freddy.

Voltamos a explorar os pequenos restaurantes da Toscana, experimentamos pratos diferentes e apetitosos em várias cidades, especialmente Cortona, a cidade mais próxima da nossa *villa*. Gostei de todos e comeria novamente cada um deles se tivesse a oportunidade, ao contrário

do Freddy, que preferia as massas e não experimentava os peixes típicos da região.

Sentamo-nos em frente a Gelateria Dondoli, em San Gemignano, e experimentei uma colher de todos os sabores de sorvetes que eles tinham. De alguns, não gostei, mas não eram de todo ruins, uma vez que os sorvetes italianos são os melhores.

Cortona estava vazia e bem diferente de quando a visitáramos na lua de mel. O clima mais frio afastava os turistas e deixava o lugar ainda mais sossegado. Caminhamos de mãos dadas pelas ruelas. Não visitamos as lojas de vinhos dessa vez. Na verdade, andávamos sem destino, parávamos onde tínhamos vontade e recomeçávamos a andar quando perdíamos o interesse pelo lugar.

Freddy não voltou a beber, nem a usar drogas. Depois de algumas semanas juntos, eu acreditava cada vez mais que ele não estava brincando quando fizera aquela promessa. Nossa relação também mudou. Conversávamos mais. Ele estava se abrindo comigo sobre seus medos e a relação conturbada que tinha com o pai.

Filomena nos ensinou a preparar a famosa macarronada italiana. Na primeira vez, fizemos uma bagunça terrível na cozinha e acabamos desistindo. Na segunda, chegamos à metade da receita, mas tudo desandou, e na última tentativa, conseguimos. Não ficou boa como a dela, mas conseguimos comer, e isso era um bom sinal.

Passei tardes agradáveis deitada no colo do Freddy no seu banco preferido. Era tão tranquilo que algumas vezes eu adormecia e ele precisava me levar no colo de volta para casa. Não falávamos do passado, não mencionávamos o futuro. Aprendíamos a apreciar o presente, e estava sendo incrível.

— Pai, que surpresa agradável... — ironizei ao atender mais um telefonema dele, uma vez que me ligava todos os dias.

— Vejo que está animada esta manhã...

— Estou, pai. Já disse que resolvemos nossos problemas e estamos bem — expliquei pedindo para o Freddy descer sozinho enquanto eu conversava com meu pai.

— Você já contou tudo a ele? — indagou preocupado. Eu não aguentava mais responder àquela pergunta. Na verdade, não suportava mais me desviar dela.

— Ainda não — resmunguei olhando pela janela. O sol estava brilhando no céu, e sorri animada com o dia lindo que nos aguardava depois de dois seguidos de chuva.

— Não pode fugir pra sempre. Precisa dizer a ele — pediu mais uma vez.

— Prometo que vou tentar. Estamos tão bem que não quero estragar esse momento — desabafei.

— Não acho que vai estragar, mas você deve saber mais do que eu o momento certo. Assim, deixo a escolha nas suas mãos.

— Entendi. Eu conheço o Freddy e tenho os meus motivos para não contar a ele, pelo menos por enquanto.

— Tudo bem. Não vou mais insistir nisso. A vida é sua, e a considero bem grandinha para tomar suas próprias decisões.

— Obrigada por confiar em mim, pai.

— Sempre confiei em você, querida.

— Antes de desligar preciso saber se já comprou as passagens.

— Ainda não. Estou esperando você voltar de viagem.

— Por quê? Já disse que estou bem, quer dizer, que estamos muito bem!

— Sei disso, mas vou esperar o seu retorno.

— Volto daqui uma semana. É muito tempo, pai?

— Não é. Faço questão de ver você antes de viajar.

— Tudo bem. Até amanhã. Eu preciso tomar café agora — disse, encerrando a ligação depois de ouvir minha barriga roncando bem alto.

Desci as escadas já sentindo o cheiro maravilhoso do meu bolo favorito, do café fresquinho, do pão recém-tirado do forno. Tudo isso só serviu para aumentar o meu apetite ainda mais.

— *Buongiorno* — cumprimentei Filomena e me sentei no colo do Freddy para dar um beijo carinhoso no seu rosto.

— *Buongiorno* — respondeu Filomena sorrindo para mim minutos antes de se afastar da mesa e caminhar de volta à cozinha.

— Estava esperando por você — comentou Freddy, beijando meus lábios.

— Desculpe a demora. Quando meu pai se empolga, não para mais de falar.

— Não se preocupe, eu entendo. Estou evitando uma conversa por telefone com minha mãe desde que cheguei aqui.

— Você devia falar com ela — recomendei pegando um generoso pedaço de bolo.

— Vou falar quando estiver pronto e prefiro que seja pessoalmente — informou, bebendo um gole do seu café.

— Tudo bem. Não se esqueça de me incluir nessa conversa — pedi, enfiando o garfo no pedaço de bolo à minha frente.

— Vou fazer isso quando voltarmos para Nova Iorque. Agora preciso que você saia de casa; quero fazer uma surpresa e não posso fazer com você aqui — ordenou empolgado.

— Está me mandando embora? — brinquei.

— Não, só quero que passe o dia no SPA e volte à tarde — explicou, beijando a ponta do meu nariz.

— Você já planejou tudo?

— Sim. Não podia contar com a sorte — revelou sorrindo.

— Acho que não tenho escolha — resmunguei, terminando de comer meu pedaço de bolo. No entanto, ainda não estava satisfeita. Estava comendo muito nos últimos dias. Devia ser devido ao estresse que eu passara e não tivera tempo de comer, então estava descontando tudo.

Saí do colo do Freddy e belisquei um pouco de cada coisa que tinha na mesa. Só parei quando estava satisfeita. Nós nos despedimos na frente da casa, e um motorista já me aguardava para me levar até o SPA. Freddy não estava brincando quando dissera que tinha pensado em tudo.

Cheguei ao SPA alguns minutos depois de sair da nossa casa. O lugar era encantador e ficava entre um vinhedo e uma propriedade turística. O lugar era um hotel também, porém, naquela época do ano, estava vazio. Fui recebida por uma funcionária sorridente que me apresentou o lugar. Caminhamos pelos jardins, com lindas flores, que estavam secas devido ao outono, conheci as piscinas de águas naturais e quentinhas. Fiquei horas nadando e esfoliando meus pés nas areias branquinhas que tinham embaixo da água.

Fiz dois tipos de massagens esfoliantes. A primeira foi com argila, e a segunda, com mel. Na hora do almoço, fui surpreendida com uma mesa organizada para mim ao ar livre. O restaurante do hotel tinha pequenos quiosques espalhados ao longo do resort, cada um com uma vista melhor do que o outro. A minha com certeza era a melhor. Sentar-me diante uma boa comida italiana e uma vista para as colinas íngremes da Toscana não podia ser comparado a qualquer coisa que eu já tivesse visto. Arrependi-me de estar sozinha. Gostaria de ter o Freddy ao meu lado, ou até mesmo uma amiga. Estava tão distraída com o lugar que demorei a ouvir meu celular, que tocava insistentemente na minha bolsa.

— Alô! — atendi empolgada, achando que fosse Freddy me chamando de volta.

— Olá, querida. Estou há um tempo tentando falar com você. Preciso saber como está — disse minha tia ao telefone.

— Oi, tia — cumprimentei-a, relaxando na cadeira confortável do quiosque. — Desculpe pela demora em atender, estava distraída.

— Não quero atrapalhar suas férias. Se preferir, podemos conversar outra hora.

— Não estou ocupada, podemos conversar agora. Só estava distraída. Estou almoçando sozinha num resort na Toscana.

— Onde está o Freddy? — perguntou preocupada.

— Está na nossa casa. Não se preocupe, estamos bem. Porém, ele decidiu essa manhã que vai me fazer uma surpresa, e estou aqui esperando a hora de voltar pra casa e descobrir o que é.

— Fico feliz em saber que estão bem. Estava preocupada com você. Apesar de ouvir do seu pai que vocês tinham se reconciliado, ainda tinha as minhas dúvidas.

— Não tenha. Conversamos muito sobre nossos problemas e estamos bem. Ainda acertando algumas coisas, mas estamos juntos, e é isso que importa.

— Claro, claro, você tem razão. Não vou tomar mais o seu tempo. Quando voltar, podemos marcar um almoço e conversarmos mais.

— Pode ter certeza de que vou. Em breve estaremos de volta — anunciei, despedindo-me dela com carinho. Foi uma agradável surpresa conversar com ela naquele momento especial da minha vida. Passar aquelas semanas na sua casa tinha me ajudado, de certa forma, a chegar aonde eu estava.

Minha tarde passou num piscar de olhos. Fiz um tratamento especial no cabelo e um penteado que o deixou caindo em ondas suaves nas minhas costas. Minhas unhas foram pintadas de vermelho, fiz uma depilação completa e uma maquiagem que ressaltou meus olhos, deixando-os ainda mais azuis.

Quando voltei ao quarto que haviam reservado para mim, tinha um vestido vermelho lindo com uma fenda incrível sobre a cama. Assim que o

vesti, fiquei me admirando no espelho. Gostava de vestir roupas lindas e de me arrumar assim, porém, não foi isso que me deixou admirada. O que chamou minha atenção foi meu sorriso. Eu estava radiante pela primeira vez depois de muito tempo.

O mesmo motorista que me trouxe apareceu para me levar de volta. Ao sair do carro em frente à nossa casa, já estava escuro. Assim que o motorista abriu a porta do veículo, entregou-me um bilhete com a letra do Freddy.

Você merece um pedido de desculpas.

Siga as luzes!

Li o bilhete sorrindo. Quando olhei para a lateral da casa, um caminho de velas tinha sido construído para me levar até a parte mais alta da propriedade. Caminhei devagar, segurando a barra do vestido com uma das mãos e o bilhete na outra. Porém, nada poderia ter me preparado para o que vi assim que cheguei ao meu destino. As velas faziam um arco em volta do banco favorito do Freddy, iluminando o pequeno espaço cercado de rosas vermelhas de todos os tamanhos e tonalidades. E, ao lado do banco, tinha uma mesa para duas pessoas, com talheres, louça e cristais perfeitamente organizados. O cheiro da comida já chegava até mim.

E, num canto, segurando um lindo arranjo de rosas amarradas com um laço de seda vermelho, estava meu marido, usando um smoking preto com uma gravata borboleta. Os cabelos louros estavam amarrados num rabo de cavalo. Eu só o vira tão lindo assim no dia do nosso casamento.

— O que achou da surpresa? — indagou abrindo os abraços e sorrindo como havia muito tempo eu não via.

— Eu amei, amei, amei! — respondi correndo para ele.

Devo mil desculpas a você

FREDDY

Eu estarei lá por você
Estas cinco palavras eu juro para você
Quando você respira, eu quero ser o ar para você
Eu estarei lá por você
Eu viveria e morreria por você
Roubaria o sol do céu para você
Palavras não podem dizer o que um amor pode fazer

I'll be there for you - Bon Jovi

Somente depois que Mia me aceitou de volta, percebi as inúmeras besteiras que eu tinha feito. Tive muito tempo para pensar em cada uma delas. Eram muitas, mas nenhuma delas era tão importante quanto as que fizeram a minha garota chorar. Quando conhecera Mia, sabia que ela era boa demais para mim, tanto que repetira isso diversas vezes, mas finalmente entendia que ela era tudo que eu precisava para recomeçar. Eu sempre estivera em busca de algo que desse rumo à minha vida. Sempre achara que era a música. Porém, quando ela não fora suficiente, eu me fechara para tudo, inclusive para a Mia. Fugira quando o que deveria ter feito era ficar e lutar.

Passara a acreditar nas besteiras que meu pai sempre falara para mim, deixara que elas me dominassem. Eu não era perfeito. Tinha muitos defeitos. Todavia, tinha algo pelo que valia a pena lutar. Amava uma mulher com tudo que eu tinha, e aquele amor me trouxera de volta. Nunca havia pensado que fosse possível amar alguém assim. Sempre tivera esse sentimento estranho e avassalador por ela, desde que a vira pela primeira vez, mas segurara o máximo que pudera. Mesmo quando nos casamos, eu ainda tinha receios. Sabia que era um sentimento maior do que tudo que já sentira. Por isso o mantivera preso em meu peito; tinha medo do que aconteceria se eu o deixasse livre. Se soubesse que ele me transformaria, tê-lo-ia soltado havia

muito tempo. Era uma pena que o futuro não podia ser previsto. Muitas coisas teriam sido evitadas se eu tivesse libertado aquele sentimento antes.

Foi por essa razão que acordei naquela manhã decidido a fazer a mulher que eu amava ainda mais feliz do que nos últimos dias. Reservei um dia para ela em um famoso SPA da região e passei o dia todo organizando um jantar especial para nós. Contratei uma equipe para preparar o cenário mais romântico que alguém poderia imaginar no meu lugar preferido na propriedade.

E fiz questão de ir para a cozinha com a Filomena e preparar a nossa comida. Depois de muito discutir um cardápio adequado para a ocasião, decidimos preparar uma paleta de cordeiro com *tagliatelle* e legumes. Deu o maior trabalho. Quase desisti na metade da receita, e, apesar de a Filomena me auxiliar, fiz questão de preparar sozinho o prato principal. Deixei os raviólis de burrata que serviriam de entrada e a sobremesa por sua conta. Caprichamos em tudo, e, quando coloquei meu smoking e subi até meu lugar preferido, estava eufórico e nervoso enquanto aguardava Mia aparecer.

Ouvir sua exclamação dizendo que tinha amado a surpresa e segurá-la nos meus braços enquanto seu cheiro doce atingia minhas narinas era a indicação de que eu precisava para saber que valera a pena.

— Você merece só flores, meu amor — sussurrei no seu ouvido. Logo depois coloquei minhas mãos no seu rosto perfeito e mirei seus lábios carnudos, que brilhavam devido ao batom cor-de-rosa, e não resisti. Mergulhei na sua boca. Mordisquei-a, lambi-a e senti que meus pés saíam do chão enquanto devorava seus lábios macios com sabor do meu doce preferido.

— Amei a surpresa... — murmurou com a face encostada no meu pescoço.

— Espere até ver o resto — pedi segurando na sua mão e a levando para a pequena mesa de jantar ao nosso lado. Puxei uma cadeira para ela e logo em seguida me sentei à sua frente. Destampei nossos primeiros pratos, os raviólis. Percebi o seu olhar de admiração ante a beleza e o cheiro maravilhoso que exalava assim que eles foram destampados.

— Filomena se superou dessa vez — comentou depois de experimentar o prato de entrada.

— Sim, ela nunca nos decepciona — respondi, apreciando a comida. Para acompanhar nosso jantar, escolhi um suco de uva integral. Não podia beber, e as taças na mesa deveriam ser usadas, mas nem lembrei que estava enjoado dos sucos. Estava tão entretido e feliz que a bebida parecia deliciosa quando levei a taça à boca pela segunda vez.

Depois da entrada, foi a vez do prato principal. Não contratara nenhum garçom para nos servir, pois queria que aquele momento fosse especial e íntimo, por isso já deixara toda a comida a ser servida na mesa. Dessa forma, apenas afastei os primeiros pratos e puxei os outros com a refeição principal.

— Parece estar perfeito — comentou Mia observando o cordeiro.

— Espero que goste — disse lhe servindo uma porção.

— Tenho certeza de que vou amar, a Filomena nunca me decepciona — falou, entretida com seu prato. Eu poderia corrigi-la naquele instante, mas esperei ela provar a comida antes de dizer que eu passara a tarde toda na cozinha preparando aquele cordeiro.

— O que achou do prato principal? — indaguei curioso.

— Uma delícia! Talvez tenha percebido isso ao notar que estou repetindo — disse dando de ombros.

— E se eu disser que não foi a Filomena quem o preparou?

— Se não foi ela, quem foi? — perguntou parando de comer para escutar a minha resposta.

— Eu — afirmei, fitando seus olhos incrédulos.

— Você? — inquiriu sem acreditar no que eu dizia.

— Sim. Fiz o cordeiro com a ajuda da Filomena, mas preparei a maior parte sozinho. Pode perguntar para ela se quiser.

— Não precisa, eu confio em você. Então quer dizer que eu te devo dar os parabéns pelo cordeiro maravilhoso que acabei de comer?

— Talvez, mas não exagere. Foi o primeiro e único prato que fiz na vida, além daquelas nossas tentativas de fazer macarronada. Gostei de cozinhar, mas exigiu muito tempo. Pretendo me recuperar disso agora — brinquei.

— Tudo bem, eu posso esperar a sua recuperação para voltar a comer um cordeiro novamente.

A noite foi maravilhosa. Conversamos sobre coisas banais e nos divertimos muito. Tudo era motivo de risos. Mia adorou os *cannolis* preparados pela Filomena para a sobremesa. Preciso confessar que estavam mesmo deliciosos.

Depois de comer, dançamos a música preferida da Mia, *I belong to you*, que, a partir daquela noite, também passou a ser a minha. Sussurrei os versos da canção enquanto seu rosto descansava no meu ombro. Fechei os olhos e disse com todo o meu coração:

Tomorrow I'll open my eyes

And I will whisper to my wife

I belong to you

And I will wait to hear you say

As a tear rolls down your face

I belong to you

(Amanhã vou abrir meus olhos

E eu vou sussurrar para minha esposa

Eu pertenço a você

E eu vou esperar para ouvir você dizer

Com uma lágrima caindo pelo seu rosto

Eu pertenço a você)

No final da noite, sentei-me no meu banco favorito com a cabeça da Mia descansando no meu colo. A letra da música ainda estava martelando na minha cabeça. As estrelas iluminavam o céu, e eu só conseguia pensar no quanto estava feliz e como valera a pena esperar por aquele momento. Talvez, se não tivesse demorado tanto, eu não estaria ali entregue e submerso nele.

— Preciso te contar uma coisa — murmurou Mia, nervosa, depois que ficamos em silêncio por um longo tempo, absortos no prazer de compartilhar aquele momento das nossas vidas.

— Fale — pedi olhando as estrelas e fazendo carícias no seu cabelo. Apesar de as noites estarem mais frias, a temperatura daquela estava agradável do lado de fora.

— Quer saber? Não era nada importante. Posso deixar pra depois — disse se erguendo para beijar minha boca. Fiquei tão distraído com seu beijo que não estava mais interessado em nenhuma conversa. Puxei-a para o meu colo, acariciei suas costas, enrosquei meus dedos no seu cabelo macio e o puxei devagar conforme nosso beijo se aprofundava. Deslizei minhas mãos pelos seus ombros, apalpei seu corpo perfeito por cima do tecido do vestido, depois subi pelas suas pernas. Aproveitei a fenda do vestido para sentir sua pele quente sob o meu toque. Intensifiquei as carícias até ouvi-la gemer nos meus lábios.

Desci o zíper do vestido devagar e acariciei suas costas nuas. Abaixei o vestido, mirei seus seios descobertos e fiquei louco. Deixei o desejo controlar minhas atitudes. Não pensei, eu senti; não fiz sexo, eu amei.

A melhor noite da nossa vida é aquela da qual nos lembramos para sempre, não é mesmo? Talvez não fosse somente isso. A melhor noite da

minha vida foi aquela em que senti o amor transbordar por cada poro dos nossos corpos. Lembro-me da urgência do seu toque, dos seus beijos queimando a minha pele e do momento em que tudo parou e, por um milésimo de segundo, senti-me livre e único no mundo.

Passamos a noite no meu banco favorito, cobertos por um cobertor macio e enroscados um nos braços do outro. Lembro-me que, antes de adormecer, sussurrei no ouvido da Mia:

— Só você conhece o verdadeiro homem por trás de toda essa máscara.

Enquanto dormia, sonhei com o nosso futuro. Sonhei com nossos filhos correndo alegres pelo vinhedo, uma menina parecida com a Mia, seus cabelos louros e os mesmos olhos azuis sorrindo para mim e um garotinho segurando minha mão. Seus passos eram inseguros, mas ele tinha certeza de que eu jamais o deixaria cair. Os piqueniques ao ar livre, as brincadeiras em volta da piscina, os passeios pelas veredas, tudo parecia tão real que eu não queria acordar. Por um momento, passei a querer viver no meu sonho, onde um mundo perfeito me aguardava. Fitei os sorrisos da minha esposa segurando nosso filho no colo e senti uma felicidade tão real que não parecia em nada com um sonho.

Despertei com os primeiros raios do sol nascendo no horizonte. Eles atingiram meus olhos, e os abri na mesma hora, assustado. Mia ainda dormia tranquila com a cabeça apoiada no meu braço. Meu corpo todo doía por dormir em algo tão duro como um banco de madeira. Mesmo com os cobertores em cima, tivéramos de fazer um malabarismo para nos acomodar num espaço tão pequeno. Porém, não foi nada disso que pensei enquanto a observava no seu sono tranquilo.

Eu me lembrei do meu sonho, dos nossos filhos que ainda iriam nascer. Lembrei-me do que eu tinha perdido e agradeci pela oportunidade que me havia sido dada de recomeçar. Eu teria uma nova chance para mudar minhas atitudes, fazer coisas diferentes. Algumas pessoas só conseguem perceber isso depois de passar por uma experiência de vida e morte. Não tinha sido o meu caso. Quando estava internado, não conseguia pensar em nada. Estava tão destruído que poucas coisas faziam sentido para mim.

No entanto, aquela noite era um divisor de águas na minha vida. A partir daquele dia, eu estava pronto para viver como deveria ter feito desde que nascera, um dia de cada vez como se fosse o último, aproveitando tudo que a vida tinha a me oferecer, mas sem me esquecer de onde eu viera, onde eu estava e para onde queria ir.

— Já amanheceu? — indagou Mia, surpreendendo-me.

— Quase — respondi, beijando a sua testa e apontando para o sol, que estava se erguendo.

Ficamos lá deitados, agarradinhos, observando o sol nascendo, como ele parecia se esforçar para romper a barreira da noite e trazer a luz para nos aquecer e iluminar todos os dias... Era desse mesmo jeito que eu me sentia.

O jantar

MIA

Você está por baixo da minha pele
Mais do que qualquer um já esteve
Mas quando nós nos deitamos na cama
Você me abraça até eu esquecer

Rock bottom - Hailee Steinfeld feat. DNCE

Nem os dias felizes, nem os tristes voltam mais, por isso eu adoro relembrar os felizes e esquecer os tristes. Passáramos por muitas coisas para chegar àquele momento. Eu aprendera mais com as lágrimas do que com os sorrisos. Talvez fosse por essa razão que elas existem, para nos ensinar a caminhar sozinhos.

Deixamos a Toscana fazia uma semana, mas aquela casa e a atmosfera que encontráramos ali jamais nos deixaria. Encontráramos nosso amor em meio aos tropeços e às quedas, nos descobríramos fortes e capazes de vencer qualquer coisa.

Freddy voltou para a banda com energias renovadas. Todos estavam empolgados com sua recuperação, e ele passava horas no apartamento do Jack, ensaiando, tocando, conversando e ouvindo seus amigos. Ele encontrou um terapeuta em Nova Iorque e continuava o tratamento contra os seus vícios. *Um passo de cada vez*, ele murmurava para mim sempre que eu ficava preocupada.

Com mais tempo livre, eu consegui decorar meu apartamento do jeito que queria. Enfim ele se parecia com um lar. E, para comemorar aquela nova etapa da nossa vida, resolvi fazer um jantar especial e convidar nossos amigos e a nossa família. Pensei em contratar uma equipe para preparar o jantar, mas Bob se ofereceu para nos ajudar e Freddy se empolgou tanto que

voltou a cozinhar.

Os dois fizeram uma grande bagunça na cozinha. Sentei-me ao lado da Pandora e ficamos apenas observando de longe. As coxinhas de frango empanadas que serviriam de aperitivos ficaram deliciosas. O prato principal ficou por conta de uma costelinha assada com molho barbecue e batatas fritas para acompanhar, e a sobremesa, comprei-a pronta para garantir, vários *cupcakes* da Cake Boss. Experimentei dois assim que chegaram, e estavam deliciosos.

No final da tarde, tudo estava pronto. Foi muito bom ver a alegria do Freddy ao cozinhar com o companheiro de banda, que, ao contrário dele, sabia cozinhar de verdade. Quando os garçons que foram contratados para servir a comida chegaram, deixamos os últimos detalhes por conta deles e subimos para nos arrumar. Bob, para poupar tempo, iria se ajeitar em nosso apartamento.

Pandora era um encanto e me ajudou tanto que acabei convencendo-a a se arrumar ali mesmo. Emprestei-lhe um dos meus vestidos, e demoramos horas no meu quarto, nos preparando, mas valeu a pena. Freddy e Bob nos olharam surpresos quando, enfim, aparecemos juntas no terraço.

— Você está linda nesse vestido — murmurou Freddy no meu ouvido.

— Ansiosa para mostrar o que tenho embaixo dele — comentei sorrindo.

— Não me provoque — pediu segurando a minha mão e me puxando para o terraço.

Meu apartamento era grande, mas eu não conseguiria oferecer um jantar para tantas pessoas ali dentro, por isso decoramos o terraço com uma mesa enorme, cadeiras para cada um dos nossos convidados, arranjos de flores, luzes por todo o espaço e poltronas para recepcionar a todos.

Jack e Helena foram os primeiros a chegar. Não trouxeram os filhos, afinal, o jantar seria tarde demais para as crianças, que ainda eram pequenas.

— Estou feliz que tenha vindo — cumprimentei meu primo.

— É um prazer, Mia — respondeu sorrindo para mim e segurando a mão da esposa.

— Nós agradecemos o convite e estamos felizes em dividir esse momento com vocês — comentou Helena ao me abraçar.

— Estou tão feliz que às vezes nem acredito na minha sorte — confessei empolgada segurando na mão dela.

— Acredite, Mia. É real, e você merece tudo isso — disse, abraçando-me mais uma vez.

Logo depois deles, Giovanna e o meu tio chegaram juntos. Ela estava formal como sempre, nem parecia que não estava ali a trabalho, e tio Peter continuava com suas roupas do dia a dia.

— Vocês sabem que foram convidados para uma festa? — brinquei observando a escolha de roupas deles.

— Sei, mas estou à vontade assim — resmungou Giovanna dando de ombros.

— O que tem de errado com as minhas roupas? — indagou Peter olhando para seu jeans e camiseta de sempre.

— Nada, Peter, não se preocupe com a Mia — bufou Freddy, batendo no ombro do meu tio e empresário da banda.

Jonas e Amanda chegaram logo depois e vieram sem a filha também.

— Sejam bem-vindos — cumprimentei sorrindo ao ver o casal feliz. Era incrível, mas eu nunca os vira discutirem nenhuma vez, nem mesmo durante o estresse de uma turnê.

— Obrigado, Mia, é um prazer comemorar com vocês — disse Jonas dando leves tapinhas nas costas do Freddy.

— Estou encantada com a sua nova decoração — comentou Amanda observando a mudança que eu tinha feito na minha sala de estar. Os móveis escolhidos por outros tinham ido embora, dando lugar a outros escolhidos a

dedo por mim. Alguns haviam sido restaurados, dando um toque especial ao ambiente retrô que eu escolhera.

Após Jonas, foi a vez de Rick chegar. Enfim a banda estava completa.

Meu pai e sua família postiça apareceram quando todos já estavam no terraço se divertindo. Não estávamos servindo bebidas alcoólicas, apenas drinques de frutas.

— Nem acredito que saiu da Califórnia — comentei abraçando com carinho meu pai.

— Eu precisava vê-la, querida, e para isso daria a volta ao mundo se preciso fosse — sussurrou no meu ouvido enquanto correspondia ao meu abraço.

— Agradeço o convite. Estou curiosa para conhecer o seu... apartamento — murmurou Georgia com ar de desprezo quando fui cumprimentá-la. Eu não sabia o que aquela mulher tinha, mas seu poder de me tirar do sério era enorme. Todavia, naquela noite eu não aceitaria suas provocações. Ela não teria esse gostinho.

— Você está linda, Georgia — comentei, desviando-me do assunto e ironizando ao falar da sua beleza. A mulher mais parecia uma boneca de plástico devido às suas inúmeras plásticas.

— Estou adorando Nova Iorque — comentou Josie me abraçando empolgada.

— Nova Iorque é maravilhosa. Podemos sair juntas amanhã — convidei-a, feliz em mostrar minha cidade atual para ela.

— Eu vou adorar! Depois combinamos.

— Se insistirem muito, talvez eu possa ir com vocês — emendou a fresca Melanie. A garota devia fazer um curso intensivo com a mãe para me irritar. Não era possível serem tão parecidas. Até as roupas que usavam eram da mesma marca, uma grife famosa de dondoquinhas sem graça como elas.

— Não precisamos de companhia. Além disso, vamos passear na Times Square. Não acho que você irá gostar de esbarrar com milhares de turistas e visitar as lojas baratas que têm por lá — comentei, piscando para Josie entrar na minha brincadeira.

— Não vou mesmo. Não piso na Times Square nem que minha vida dependa disso — desdenhou ela olhando para as unhas pintadas de cor-de-rosa.

Não precisei ficar muito tempo na companhia delas; Helena e Jack apareceram para me resgatar, e saí de fininho carregando o meu pai dali. Sentamo-nos a uma mesa com os outros integrantes da banda e conversamos bastante. Meu pai aproveitou a oportunidade para jogar conversa fora com tio Peter, a quem ele não via desde meu casamento.

Senti falta da tia Estela, mas, apesar da minha insistência, ela achou melhor não aparecer na festa. Sua relação com o Jack ainda não era das melhores, e ela não queria estragar minha noite fazendo uma cena qualquer.

A família do Freddy foi a última a chegar. Suas irmãs, April e Amber, muito simpáticas, estavam lindas como sempre. Reese, a mãe do Freddy, ficou tão emocionada ao ver o filho depois de tanto tempo que precisou se retirar alguns minutos para se recuperar. O pai, Robert, por sua vez, não esboçou reação alguma ao rever o filho.

Aos poucos consegui entender o receio do Freddy em relação ao pai. Não havia nenhuma interação entre os dois, pareciam desconhecidos.

— Está se sentindo melhor? — perguntei ao me sentar ao lado da minha sogra em uma das poltronas.

— Sim, estou bem. Desculpe a cena de alguns minutos atrás. Eu estava muito preocupada com meu filho.

— Sei bem o que passou, portanto não precisa me explicar nada — assegurei colocando a minha mão em cima da sua para contê-la e indicar que eu a entendia.

— Não sei se você entenderia... Fui tão negligente com meu filho. Deixei-

o passar por tantas coisas. Hoje agiria diferente. Os filhos devem ser nossa prioridade, e não o inverso. Ele sempre precisou de mim, porém, nunca consegui ajudá-lo. Talvez o excesso de bebida e as drogas tenha sido minha culpa também.

— Não vamos remexer nessas feridas, não agora, que ele está tão bem — pedi tentando acalmá-la.

— É, você tem razão. Não vamos falar de coisas tristes agora — concordou fitando meus olhos com carinho.

O jantar era para comemorar o nosso recomeço, mostrar à nossa família e aos amigos que havíamos superado os problemas e estávamos juntos novamente apesar dos percalços. Por isso, pouco antes de o jantar ser servido, Freddy pediu que todos se levantassem.

— Obrigado por terem vindo. Agradeço a presença de cada um de vocês. Essa é uma nova etapa na nossa vida, e compartilhar esse momento com vocês é tudo o que eu mais queria no mundo. Um brinde à mudança, à oportunidade de recomeçar — anunciou erguendo sua taça com um drinque sem álcool, e todos levantaram suas bebidas em seguida. — Espero que gostem da comida. Eu e o Bob passamos a tarde toda na cozinha preparando o jantar de vocês — murmurou Freddy minutos antes de se sentar.

— Você está brincando? — indagou seu pai.

— Não, estou falando sério, ajudei a preparar a comida. Algum problema quanto a isso? — questionou Freddy cerrando os punhos em cima da mesa.

— Robert, por favor — pediu Reese tentando conter o marido.

— Por favor uma merda! Não me diga que virou frutinha também?! — gritou, chamando atenção de todos à mesa.

— Não sou frutinha, pai, mas, se fosse, não seria da sua conta! Cansei de esperar sua aprovação! Eu sou o que sou, e nada vai mudar isso! Independentemente dos seus chiliques! — rebateu Freddy, gritando mais alto do que ele.

— Você é e sempre vai ser um inútil! — vociferou Robert irritado.

Nossos convidados começaram a ficar desconfortáveis. Meu marido me olhou apreensivo, e sinalizei que eu estava bem. Bob e Jack começaram a se mexer incômodos na cadeira, mas Freddy os impediu de interferir.

— Não se incomodem, meus amigos, por acompanhar minha interação com meu pai. Sempre foi assim. Minhas irmãs e minha mãe estão acostumadas. Já presenciaram nossas cenas muitas vezes. Por isso não se sintam constrangidos.

— Não coloque seus amigos no meio das suas merdas! Diga a eles o problema que você é e pare de enrolar sua esposa ao se fingir de bonzinho! Você destrói tudo que toca e vai fazer o mesmo com ela!

— Cale a boca! Não aguento mais ouvir suas bobagens! Estou de saco cheio de jogar suas merdas em cima de mim! Você que não presta, não eu! Procure um médico e vá se tratar! Enquanto isso, suma da minha vida! Vou receber minha mãe e minhas irmãs na minha casa, mas não você! Vá embora e nunca mais volte aqui! Esqueça que tem um filho, esqueça que eu existo! Vou fazer o mesmo! — gritou Freddy a plenos pulmões, exaltado.

— Eu vou embora, mas vou levá-las comigo! Você não quer me ver? Tudo bem, aceito, afinal, nunca nos demos bem mesmo! No entanto, não ache que elas irão te visitar algum dia! Eu as proíbo! Entendeu?! Eu proíbo qualquer visita! — berrou se levantando da mesa.

— Você não é meu pai... Não me considere seu filho... — murmurou Freddy entredentes.

— Não o considero meu filho tem algum tempo! Você me perdeu quando desistiu da carreira militar para entrar nessa banda!

— Pena que levei um bom tempo para entender que você não tem coração e nunca vai ter. Algumas coisas são assim, e por anos tentei entender o seu ódio doentio, mas hoje percebi que não tem explicação. Algumas pessoas são ruins, outras, boas; eu quero ser o seu oposto. Por isso, desapareça da minha vida — pediu Freddy apontando para a porta principal do apartamento. Seus

braços tremiam de estresse, e eu só imaginava o que aconteceria quando Robert saísse do nosso lar.

As cadeiras se afastaram de repente, e o silêncio tomou conta do ambiente outrora carregado de conversas e risadas. Minhas cunhadas saíram cabisbaixas, e Reese, com lágrimas nos olhos. Meu sogro foi o único que saiu de cabeça erguida, praticamente marchando. Ele nunca perdia a postura militar não importava a ocasião. Não consegui me despedir deles. Não sabia o que dizer. Minhas pernas tremiam, e comecei a ver as coisas fora de foco.

— Que merda aconteceu aqui? — lamentou Freddy jogando a taça que ainda segurava, e o vidro se espatifou no chão. Jack e Jonas, que estavam mais próximos, correram para acalmá-lo.

Imaginei todas as coisas que seriam quebradas a seguir diante do ataque de fúria do Freddy e respirei fundo tentando me acalmar, mas não consegui. Minhas pernas não me obedeciam mais, minha visão ficou turva, e eu desabei no chão. Não senti mais nada e não ouvi as coisas se quebrando à minha volta como imaginei.

O segredo

FREDDY

Tudo o que eu vejo são nuvens quando olho em volta
A chuva cai de minha boca, uma vez que atinge o solo
Guia-me para a luz
Porque ainda estou esperando
Estou esperando o meu sol brilhar

Waiting for my sun to shine - The Maine

Meu pai era o único que conseguia despertar o pior que existia em mim, mas não daquela vez. Eu rompera nosso laço e o expulsara da minha vida de uma vez por todas. Somente quando ele saiu que extravasei tudo que sentia e joguei a taça que segurava no chão. Não pretendia fazer mais do que isso. Não daria a chance a ele de acabar com a minha noite. No entanto, os gritos que vieram a seguir me deixaram aterrorizado.

— Mia, por favor, fale comigo! — pediu Roger tentando acordá-la.

— Eu preciso de espaço! Vamos dar um pouco de espaço para ela! — pediu Helena se aproximando da Mia ainda desacordada no chão.

Todos estavam tentando ajudar minha esposa, enquanto eu não conseguia fazer nada. Agachei-me ao seu lado desesperado, segurei-a no colo e disse:

— Vou levá-la ao hospital.

— Vamos no meu carro, Freddy — comunicou Jack caminhando atrás de mim.

— Estou logo atrás de vocês. Não vou deixar minha filha sozinha — disse meu sogro.

Jack dirigiu o mais rápido que podia. Tivemos sorte de encontrar o

trânsito mais ameno e chegamos ao hospital apenas alguns minutos depois. Por ser médica, Helena entrou para acompanhar Mia enquanto eu e os outros aguardávamos na recepção. Roger preencheu todas as informações que pediram, e eu fiquei transtornado, andando de um lado para o outro da sala. Esse era o teste máximo para o meu emocional. Se eu aguentasse passar por aquilo sem surtar, poderia passar por qualquer coisa. Se algo acontecesse com a minha garota, eu não sabia o que seria de mim.

Aguardamos quase uma hora na recepção sem qualquer notícia. Eu já estava ficando louco quando Helena apareceu para conversar conosco.

— Ela acordou alguns minutos atrás e está bem — anunciou sem tirar os olhos de mim.

— Eu preciso vê-la — pedi angustiado.

— Por isso estou aqui. Eu vim te buscar. Mas preciso que me garanta que está bem.

— Claro que estou. Não vou fazer nada para chatear a Mia, prometo — garanti.

— Eu acredito em você. Além disso, vocês precisam conversar — comunicou, seguindo pelo mesmo corredor de onde saíra, e eu a segui com o coração na mão.

— Não vou entrar com você. Acho que precisam conversar sozinhos — falou Helena parando à porta do quarto.

— Você está me assustando — disse com a mão na maçaneta, sem coragem de abri-la.

— Não se preocupe, ela está bem. Minha preocupação aqui é você — respondeu segurando meu braço.

— Eu estou nervoso, mas não bebi, nem fui atrás das drogas. Estou aqui, e isso deve mostrar o quanto estou pronto para cuidar da minha esposa.

— Você tem razão. Desculpe a desconfiança, não vai mais acontecer —

afirmou, afastando-se.

Permaneci parado no corredor por alguns segundos, sem coragem de entrar. Meu coração batia acelerado, minhas mãos tremiam, e eu não conseguia pensar direito. Por fim abri a porta devagar e olhei dentro do quarto em busca da Mia. Quando vi que ela estava sozinha, entrei e fechei a porta atrás de mim.

Ficamos nos olhando por alguns minutos. Seus olhos estavam me avaliando em busca de algo, enquanto eu procurava algum machucado no seu corpo, mas, apesar da palidez no rosto, ela estava em perfeito estado.

— Você está bem? — questionei me aproximando e segurando sua mão.

— Estou, e você? — indagou preocupada.

— Eu? — perguntei, sem entender.

— Sim. Vi quando jogou sua taça no chão — explicou receosa, avaliando meu comportamento.

— Você desmaiou porque estava preocupada comigo? — perguntei sem acreditar no que tinha acabado de escutar.

— Não foi só por isso. Precisamos conversar — pediu, quebrando meu raciocínio.

— O que precisa me dizer? — questionei preocupado, mas ela não conseguiu responder, porque um médico entrou no quarto, interrompendo-nos.

— Os exames ficaram prontos, e temos que conversar, senhora Spencer. Mas posso voltar outra hora, se quiser — disse me observando dos pés à cabeça.

— Eu sou o marido dela. Se tem alguma coisa a dizer, que seja na minha frente — bufei irritado.

— Tudo bem! — Suspirou antes de continuar: — Os exames que fizemos acusaram que você está com uma forte anemia. Se não estivesse grávida, não

seria tão significativo, mas, devido à sua situação delicada, precisamos cuidar desse quadro com mais cautela.

— Grávida? — repeti essa informação para ver se eu tinha entendido direito.

— Sim, sua esposa está grávida de 16 semanas — respondeu o médico checando seus papéis.

— Grávida de quatro meses? Mia, estou perdido aqui...

— O senhor pode nos dar um minuto? — inquiriu Mia olhando para o médico.

— Claro, posso voltar outra hora — respondeu, saindo do quarto de fininho.

— Sente-se aqui ao meu lado — pediu-me Mia, afastando-se um pouco para me dar espaço. Mirei seus olhos preocupados e decidi me sentar mesmo que me sentisse ansioso e preferisse ficar de pé.

— Nós vamos ter um bebê — comentou sorrindo e segurando a minha mão.

— Não estou surpreso com essa revelação, mas com o tempo de gestação. 16 semanas é muito tempo para esconder uma gravidez. Quer dizer que não perdeu o bebê?

— Perdi — lamentou.

— Não se passaram quatro meses desde nossa reconciliação, Mia. Como você está grávida de tanto tempo?

— Está desconfiando de mim? — indagou confusa.

— Não, claro que não. Só não consigo entender o que aconteceu.

— Eu estava grávida de gêmeos dizigóticos, duas placentas, duas bolsas amnióticas. Perdi um dos bebês, mas consegui manter o outro, embora no princípio não soubesse disso. Por isso não consegui ir ao hospital ver você.

Tive que fazer repouso absoluto para segurar o segundo bebê.

— Você escondeu isso de mim esse tempo todo? — questionei me levantando da cama num pulo. Eu estava muito irritado.

— Não consegui encontrar o momento certo para dizer — respondeu envergonhada.

— Estamos juntos todos os dias, Mia, desde a Toscana, e você não conseguiu encontrar um momento para me dizer que estava grávida ou que perdeu apenas um dos bebês? — perguntei, contendo-me para não quebrar nada à minha frente.

— Desculpe. Tentei contar, mas não consegui e, quando tudo estava bem, fiquei com medo da sua reação.

— Você não poderia esconder por muito mais tempo.

— Sei disso. Eu pretendia contar esta noite, eu juro!

— Eu tenho que sair daqui. Preciso de espaço e de tempo. Volto assim que estiver em condições de conversar com você — avisei, deixando o quarto sem olhar para trás.

Caminhei pelos corredores vazios do hospital com passos firmes e, quando vi os outros integrantes da banda e a família da Mia na recepção, tentei me desviar deles, mas Roger saiu correndo atrás de mim.

— A Mia está bem? — perguntou preocupado.

— Sim, ela está bem — respondi com as mãos nos bolsos da calça e mirando o chão.

— Você já sabe sobre o bebê?

— Sim. Acabei de saber e não estou conseguindo lidar com isso — disse erguendo a cabeça, mas ainda sem conseguir encará-lo.

— Eu disse a ela, pedi tantas vezes que conversasse com você. Não sei os motivos que a levaram a omitir, mas, por favor, não faça nenhuma besteira. A

gravidez é de risco, e a Mia não pode sofrer nenhum tipo de estresse.

— Só quero pensar um pouco sozinho — tranquilizei-o, afastando-me dali o mais rápido que podia.

Quando saí do hospital, Carlos estava ao lado de um dos carros, esperando-me. No caminho, tive vontade de pedir a ele que me deixasse no próximo bar, mas não o fiz. Nosso segurança parecia entender que eu precisava de silêncio e não me perguntou nada. Eu percebia os olhares de desconfiança que todos me davam e não queria confirmar suas suspeitas. Por isso, segurei a vontade que tinha de beber ou usar qualquer tipo de droga para amortecer a dor que estava sentindo e entrei no meu apartamento sozinho. O lugar estava todo arrumado, nem parecia que acontecera uma festa ali. Sentei-me no sofá e fiquei ali me lamentando por alguns minutos. Estava quase subindo as escadas até o meu quarto quando a campainha tocou. Pensei em não atender, mas a pessoa do outro lado era insistente.

— Não achou que iríamos deixá-lo sozinho nessa — disse Jack parado em frente à minha porta acompanhado por todos os outros integrantes da banda.

— Não quero conversar — falei, deixando a porta aberta e voltando para o sofá. Meus amigos entraram atrás de mim e se jogaram nos lugares vazios no sofá e poltronas.

— Se não quiser conversar, podemos apenas te fazer companhia — comentou Rick.

— Sim, não precisamos conversar se não quiser — emendou Bob sentado ao meu lado.

— Somos seus amigos, na verdade, mais do que amigos, irmãos, e não vamos deixar que você volte ao fundo do poço onde te encontramos naquele dia no hospital — asseverou Jonas.

— Não pretendo fazer nada tão estúpido como aquilo novamente. Além disso, eu tenho um filho a caminho e não quero decepcioná-lo antes mesmo de ele nascer.

— Ficamos sabendo sobre o bebê e estamos felizes por você — assegurou

Jack me fitando com cautela.

— Obrigado — bufei, ainda chateado. — Ela mentiu pra mim todo esse tempo — desabafei com as mãos na cabeça.

— Não se apega ao que a Mia deixou ou não de dizer. Esquece isso, cara. Você vai ter um bebê e está sóbrio. Não pense em bobagens — pediu Jonas.

— Vou tentar. Por isso saí de lá correndo. Precisava de um tempo para pensar. Não queria agir por impulso como sempre fiz.

— Você está certo. Fique aqui, esfrie a cabeça e amanhã volte para o hospital mais tranquilo — sugeriu Rick.

— Vocês irão dormir aqui para cuidar de mim? — brinquei, zombando deles.

Todos riram com a minha brincadeira, e o clima ficou mais leve. Continuamos ali, rindo das besteiras que aprontávamos nas turnês. Zoamos o Bob e o Rick, que ainda não tinham filhos. Jack e Jonas me deram dicas de como cuidar de um bebê, e, pela primeira vez, sorri ao saber que em breve serei pai. Tudo que eu conhecia de um relacionamento como esse era o que não queria repetir com o meu filho. Estava perdido e precisava começar do zero.

Nossa música

MIA

Não preciso imaginar
Porque eu sei que é verdade
Eles dizem: Todos os garotos bons vão para o céu
Mas os garotos maus trazem o céu até você

Heaven - Julia Michaels

Ao acordar numa cama de hospital, comecei a chorar desesperadamente. Não acreditava que tudo estava acontecendo de novo. A mesma angústia e a mesma dor que senti ao perder meu bebê voltaram com força. Não sabia como conseguiria explicar ao Freddy que tinha perdido nosso outro bebê. Perder um não é fácil. Ficara semanas me lamentando. Perder o segundo não era algo com que eu conseguiria lidar. Talvez tivesse sido culpa minha por mantê-lo em segredo aquele tempo todo, como se ele não existisse, uma espécie de castigo.

— Não, por favor! Não, não! — implorei me encolhendo na cama.

— Ei, se acalme. Estou aqui — pediu Helena acariciando meus cabelos.

— Eu perdi o bebê? — perguntei com lágrimas nos olhos.

— Não, querida, está tudo bem com o bebê — respondeu, tranquilizando-me.

— Você jura? — rebati secando as lágrimas e tentando me recompor.

— Claro, não mentiria sobre algo sério assim. O bebê está bem.

— Obrigada, meu Deus! — Suspirei aliviada.

— Você precisa se cuidar, Mia. Pelo que soube, sua gravidez é de risco, e

você escondeu de todo mundo a verdade, menos do seu pai. Nós deveríamos saber. Eu deveria saber para poder te ajudar.

— Não pense que estou descontando por ter me escondido sua gravidez também. Não é nada disso. Eu já te perdoei, mas estava tudo uma confusão na minha cabeça e não consegui pensar direito.

— Eu entendo e não vou ficar chateada com você se disser que está fazendo o pré-natal.

— Estou. Até já fiz duas ultrassonografias, mas não quis saber o sexo do bebê. Resolvi esperar contar para o Freddy primeiro.

— Menos mal. Sendo assim, seu desmaio pode ser devido ao estresse, mas vamos esperar os resultados dos exames.

— Nada de sangramentos, então significa que estamos bem — resmunguei tocando a minha barriga.

— Você precisa contar ao Freddy — aconselhou, chamando a minha atenção.

— Como ele está?

— Preocupado, nervoso, mas não bebeu e nem quebrou nada.

— Preciso contar pra ele — resmunguei olhando para o lado sem jeito.

— Claro que precisa. Vou chamá-lo. Não se preocupe, vai dar tudo certo — confortou-me.



A conversa com Freddy não foi fácil. Eu entendia que tinha errado. Não deveria ter escondido minha gravidez por tanto tempo, mas não conseguira

contar a verdade a ele. No início, quando ainda estávamos nos acertando, tivera medo de contar e ele ficar comigo só por causa do bebê. Eu não queria manter um casamento por causa de um filho. Sabia que merecia mais do que isso. Quando, enfim, nos resolvêramos, estava tão bom que tivera medo de contar e estragar tudo. Bobagens, eu sabia. Porém, não conseguira fazer a coisa certa e me arrependia muito por isso.

— Você nos deu um grande susto, mocinha! — exclamou meu pai entrando de repente no quarto.

— Desculpe por isso, pai — lamentei abrindo os braços para recebê-lo.

— Não precisa me pedir desculpas. Eu entendo, querida. Conversei com o médico.

— Você viu o Freddy?

— Sim. Ele estava muito nervoso e foi pra casa pensar um pouco.

— Tem certeza de que ele está em casa? — perguntei preocupada.

— Sim, os garotos da banda foram atrás dele. Não se preocupe, o Freddy está bem. Você precisa se cuidar e tomar conta direitinho do meu neto — falou tocando minha barriga com carinho.

— Vou fazer isso, pai, prometo. Só quero ter certeza de que o Freddy está bem — disse acariciando minha barriga também. Era incrível como, depois de contar para as pessoas sobre a gravidez, de repente minha barriga apontara. Não era uma barriga grande de grávida ainda, mas já se podia notar que tinha algo precioso ali dentro.

Depois de conversar com meu pai, o médico voltou, explicou-me tudo o que eu precisaria fazer para conter a anemia e as vitaminas que eu precisaria tomar para reverter esse quadro. Prestei atenção em tudo e, antes de o médico sair do quarto, meu pai o chamou num canto e conversaram. Depois disso, uma enfermeira apareceu para me dar um sedativo.

— Não quero dormir novamente! — implorei ao meu pai.

— Você precisa descansar. Está tão tensa que não consegue relaxar — explicou enquanto a enfermeira aplicava o sedativo no soro que eu estava recebendo.

Aos poucos fui ficando sonolenta e caí num sono profundo.



— Não se preocupe comigo, Mia. Estou bem aqui ao seu lado — sussurrou uma voz no meu ouvido. Estava tão distante que pensei ser um sonho. No entanto, senti alguém segurando a minha mão. Abri os olhos devagar, pois estavam pesados, e encontrei o Freddy debruçado na cama ao meu lado.

— Você voltou? — perguntei surpresa.

— Claro! Eu não podia deixar você aqui sozinha. Alguém precisa tomar conta de vocês dois — disse acariciando minha barriga.

— Você não está chateado comigo? — indaguei colocando minha mão em cima da sua.

— Não, não estou, Mia — anunciou, levantando-se para dar um beijo nos meus lábios. Tentei aprofundar o beijo, mas ele se afastou.

— Ei, vamos com calma. Você ainda está num hospital — brincou sorrindo para mim daquele jeito que só ele sabia fazer, e, naquele instante, descobri que tudo ficaria bem.

Recebi alta do hospital no dia seguinte. O médico fez tantas recomendações que fiquei zonza. Freddy prestou atenção em tudo e, quando chegamos a casa, passou a cumprir à risca o que o médico pedira.

Na primeira semana, ele me tratou como se eu fosse uma boneca de

porcelana. Eu não podia fazer nada. Porém, conforme os dias se passavam, as recomendações foram diminuindo, e consegui voltar à minha vida de antes, mas com uma barriguinha de grávida.

Tivemos de adiar mais uma vez a turnê pela América do Sul. Freddy não queria me deixar nenhum minuto sozinha. Era um verdadeiro sacrifício sair de casa sem ele. Os outros integrantes da banda concordaram que uma turnê naquela época não era adequada, por isso marcamos alguns shows pelos Estados Unidos, e a nossa rotina aos poucos foi voltando ao normal.

Era um dia especial. Eu tinha acabado de completar vinte semanas e faria mais um ultrassom, porém, dessa vez Freddy iria comigo. Marcamos de nos encontrar no apartamento do Jack, onde ele passava a maior parte do tempo ensaiando com seus companheiros de banda.

Ao entrar no apartamento, estranhei o silêncio. Certamente as crianças não estavam em casa, e, se elas não estavam, Helena também não se encontrava. Caminhei devagar até o estúdio e escutei os primeiros acordes de uma melodia. A porta estava encostada, por isso só toquei nela para se abrir devagar e fiquei surpresa ao ver Freddy com fones de ouvido e cantando pela primeira vez.

I fall in love for a beautiful girl

She smiles for me every morning

She is my angel in the earth

I need to tell one secret

I fall in love for you long time ago

When I saw you in the yellow dress

Your blue eyes shining for me

Your smile is everything I see

(Eu me apaixonei por uma linda garota

Ela sorri pra mim todas as manhãs

Ela é o meu anjo na Terra

Eu preciso te contar um segredo

Eu me apaixonei por você um longo tempo atrás

Quando eu vi você usando um vestido amarelo

Seus olhos azuis brilhando para mim

Seu sorriso é tudo que eu vejo)

Every day is the same things

Just looking for you

I fall in love again

(Todos os dias é a mesma coisa

Basta olhar pra você

Eu me apaixono novamente)

I tried resist your charm

But you are my ruin

I'm sinner and you my salvation

My redemption

My exchange coin to the sky

I tried to keep distant

But I'm not stronger like you

(Eu tentei resistir ao seu charme

Mas você é a minha perdição

Eu sou um pecador e você é a minha salvação

Minha redenção

Minha moeda de troca para o céu

Eu tentei manter distância

Mas eu não sou forte como você)

Quando ele cantou mais uma vez o refrão, meu rosto estava coberto de lágrimas. *Essa música que ele está cantando é pra mim*, pensei emocionada.

— Ele está ensaiando essa música desde que você saiu do hospital. Fez tudo sozinho, os arranjos, a letra, tudo é de sua autoria. Era para ser uma surpresa — murmurou Jack aparecendo de repente atrás de mim.

— Foi uma surpresa — disse enxugando as lágrimas que não paravam de cair.

— Convença-o a colocar essa música no nosso próximo álbum. Acho que uma música assim não pode ficar de fora, mas ele não quer, disse que a música é sua — pediu, afastando-se em seguida.

Respirei fundo, tentando parar de chorar, mas era inútil. As lágrimas tinham vindo para ficar. Assim que pisei no estúdio, Freddy parou de cantar e olhou para mim assustado.

— Aconteceu alguma coisa com você? O bebê está bem? — perguntou acariciando a minha barriga por cima do vestido.

— Estamos bem, pode ficar tranquilo — disse, soluçando de tanto chorar.

— Por que não consigo acreditar no que você está dizendo?

— Estou bem, eu juro — assegurei, respirando fundo, mas as lágrimas ainda estavam ali.

— Por favor, Mia, me diga o que aconteceu!

— Nada, já disse que estou bem! — resmunguei, fungando.

— Não parece. Vou levar você à médica agora mesmo — anunciou tirando os fones de ouvido que estavam na sua cabeça.

— Eu estou bem! — repeti batendo o pé, nervosa.

— Então por que está chorando desse jeito? — indagou preocupado.

— Porque eu ouvi a música, toda ela — contei, sentando-me numa poltrona que tinha no estúdio.

— Você não devia ter ouvido a música, era para ser uma surpresa — repreendeu-me, ajoelhando-se na minha frente e me ajudando a secar as lágrimas.

— Desculpe, não queria ouvir. Quando cheguei, você estava cantando e não consegui resistir. É a música mais linda que já ouvi, e sua voz, não sei dizer, mexe comigo de uma forma que não consigo explicar — expliquei voltando a chorar.

— Não tem problema. A música é pra você mesmo, e fico feliz que tenha gostado.

— Eu não só gostei, eu amei! — exclamei empolgada, abraçando-o com tudo que eu tinha para oferecer, muito amor. — Qual é o nome da música, Freddy? — questionei com o rosto descansando no seu pescoço.

— *I fall in love again* — respondeu fitando meu rosto.

— Eu sempre vou me apaixonar por você — completei, beijando seus lábios com vontade de demonstrar todo o amor que eu sentia por ele.

Depois da minha sessão manteiga derretida, acabamos chegando atrasados à minha consulta. Tive sorte de ainda encontrar minha obstetra no consultório esperando por mim. Conversamos sobre a minha alimentação e a anemia, que ainda estava presente na minha gestação, num grau bem menor do que antes, mas ainda estava ali. Prometi me cuidar mais, e Freddy se comprometeu a me ajudar, mas a surpresa final ficou por conta do ultrassom.

Deitei-me na maca usando um daqueles aventais cor-de-rosa, com a doutora de um lado e o Freddy apreensivo do outro. Primeiro ela colocou um gel na minha barriga, depois foi passando devagar o aparelho para ver meu bebê. Ficamos em silêncio, numa expectativa que parecia nunca ter fim. Porém, depois de alguns segundos examinando minha barriga, escutamos o coraçãozinho do bebê bater forte na sala.

— Esse é o coração do meu filho?! — questionou Freddy empolgado.

— Sim, é o coração do bebê — respondeu a médica sorrindo. — Já estão prontos para saber o sexo?

— Sim! — respondemos em uníssono olhando para a cara um do outro.

— Vamos ver. Vamos lá, bebê, me deixa mostrar para o papai o garotão que ele vai ter — disse a médica sinalizando algo na tela.

— É um menino? — repeti para ter certeza.

— É, sim. Parabéns, vocês terão um menino — confirmou a obstetra.

— Vamos ter um menino, Freddy! — gritei feliz, enquanto Freddy olhava para mim sem saber o que dizer, emocionado, com uma lágrima solitária descendo pelo seu rosto.

Nós nos abraçamos e choramos juntos, porém, dessa vez eram lágrimas de felicidade. Essas são as melhores, e eu torcia para colecionar muitas dessas

no futuro.

Epílogo

FREDDY

Amanhã vou abrir os meus olhos
E vou sussurrar para a minha esposa:
"Eu pertenço a você"

I belong to you - Jacob Lee

Quatro meses depois.

Levantei minhas mãos para o ar e bati nas baquetas três vezes. Esse era o sinal para começar o show. A galera ia à loucura, e eu sentia o sangue ferver nas veias, a adrenalina ia a mil por hora, e eu não conseguia sentir mais nada além da música que estava tocando. Eu tinha voltado aos palcos alguns meses antes, e cada dia era uma experiência nova. Não sentia mais o desespero de sair correndo quando o show acabava. Aquela angústia desaparecera. Depois daquele show em Nova Iorque, nossa segunda casa depois de Nova Jersey, teríamos uma pausa de alguns dias, um intervalo merecido depois de uma maratona de shows.

Desde que voltáramos aos palcos, eu percebera que não tinha sido apenas eu que mudara. Meus companheiros de banda também estavam mais maduros. Diminuíramos as festas pós-show e aumentáramos as fotos com os fãs nos bastidores e as entrevistas. Estávamos mais focados na nossa música, mostrar algo de qualidade para as pessoas que vinham nos ouvir tocar. A música nos fizera crescer como profissionais e como pessoas, e eu agradecia a ela todos os dias por isso.

Apesar da insistência do Jack, não consegui cantar no palco a música que fizera para a Mia. Deixei que ele cantasse, mas se recusou, dizendo que a canção era minha e que ele não a cantaria. Resultado: a música estava

guardada. Quando eu estivesse pronto, eu a cantaria, afinal, quem precisava ouvi-la já a escutara. O resto não importava. Enfim, eu fazia música pela música e não pelo dinheiro. Tinha demorado, mas aprendera que eram coisas diferentes. Eu não subia no palco por obrigação de tocar, e sim pelo prazer que sentia ao deixar a música sair de mim.

Mia não deveria estar aplaudindo cada vez que encerrávamos uma música. Pedira tanto para ela não vir ao show, mas quem era eu para conseguir convencê-la? Nada era capaz de diminuir o seu ritmo na reta final da gravidez. Repouso? Nem pensar. Aqueles últimos meses tinham sido os melhores da minha vida. Havíamos decorado o quarto do bebê – ainda sem nome. Apesar de saber que teríamos um menino, ainda não tínhamos conseguido escolher um nome. Talvez ficasse mais fácil quando ele nascesse. Podíamos olhar para ele e dizer *Você tem cara de Joshua, de Ryan, de Joseph*, ou qualquer outro nome, por isso decidimos esperar.

Tudo estava pronto para recebê-lo. Planejáramos uma cesariana para a semana seguinte ao show. Não podíamos esperar mais do que isso. O quarto já fora decorado com notas musicais e uma bateria desenhada em uma das paredes. Eu acompanhara todas as etapas da gravidez e curtira cada uma delas, e podia afirmar que meu garoto gostava muito de música, assim como o pai. Eu passava alguns minutos tocando e cantando para ele, e, a julgar pelos movimentos que apareciam na barriga da Mia, ele estava gostando muito, eu tinha certeza.

Eu tinha mudado. Passara por um momento difícil, mas aprendera com meus erros e não queria cometê-los novamente. Era dono do meu destino e faria o melhor para mim, sempre.

No meio do show, intensifiquei as batidas nos pratos, pois a música ficou mais intensa, e uma cacofonia de sons invadiu o palco. Isso era o velho rock'n'roll, uma bagunça que dava certo. Estávamos em êxtase, guiados pela música alucinante que produzíamos.

Quando tocamos a última música, a plateia ainda estava animada, gritando e aplaudindo como no início do show, por isso cantamos mais uma música e depois mais outra. Teríamos continuado se um dos *roadies* não

tivesse aparecido desesperado na minha frente, gritando:

— A Mia está passando mal!

Não tive ideia de como consegui ouvi-lo com todo aquele barulho, mas pulei da bateria no momento em que ouvi as palavras “Mia” e “mal”. Corri pelos bastidores desesperado e a encontrei sentada numa poltrona no camarim.

— Você está bem? — perguntei preocupado.

— Estou bem... Quer dizer, a minha bolsa estourou — respondeu dando de ombros, despreocupada.

— Podemos comprar outra bolsa, Mia. Achei que estava passando mal — resmunguei chateado, sentando-me no chão ao lado dela e tentando respirar novamente.

— Freddy, a bolsa que estourou está aqui dentro — explicou Mia rindo junto com Helena, Pandora e Amanda. Todas me observavam como se eu fosse um idiota.

— O bebê vai nascer?! — questionei aflito, levantando-me de um pulo, quando enfim entendi qual era a bolsa de que ela estava falando.

— Sim. Precisamos correr até o hospital antes que o nosso filho nasça aqui no camarim.

— Seria bem interessante — comentou Helena rindo.

— Não acho uma boa ideia — disse Amanda franzindo o cenho.

— Temos uma médica e uma enfermeira presentes. Acho que vai dar tudo certo — explicou Pandora entrando na brincadeira.

— Meu filho não vai nascer no camarim de um show! — resmunguei, pegando a Mia e correndo com ela no colo até o nosso carro no estacionamento. Coloquei-a com cuidado no banco do passageiro e dirigi o mais rápido que pude para o hospital em Manhattan, onde a obstetra já nos aguardava.

Deixei meu carro em frente ao hospital e estava tão preocupado com a Mia que não me importei em deixá-lo com o manobrista. Carreguei-a até a recepção e depois entramos direto no quarto.

— Você está em trabalho de parto. Podemos esperar o bebê nascer sozinho, se quiser — informou a médica depois de examinar Mia.

— O que acha, Freddy? — perguntou minha esposa.

— Eu não sei. Faça o que achar melhor pra você — disse apreensivo, pois não fazia ideia do que era melhor. Eu só queria que alguém tirasse meu filho dali; não importava como, se os dois estivessem bem.

— Vou esperar ele nascer — falou Mia, decidida.

Contudo, arrependeu-se pouco depois, quando as dores ficaram mais intensas, depois se tornaram insuportáveis, e ela não parava de gritar. Tive minhas mãos apertadas tantas vezes, mordidas e esmagadas que eu não serei capaz de tocar algum instrumento durante uma semana.

Não é fácil ficar ao lado da pessoa que se ama sentindo dor e não conseguir fazer nada para diminuir sua angústia. Um parto que seria simples e rápido, segundo a médica, arrastou-se madrugada adentro. Mia já estava esgotada quando, enfim, conseguiu fazer a força necessária para o nosso filho nascer.

Eu fui a primeira pessoa a vê-lo depois que a médica o puxou ainda enrugadinho e coberto de sangue. Cortei o cordão umbilical e segurei com todo o cuidado meu filho nos braços. Ele abriu os olhinhos e parou de chorar ao ser acalentado no meu colo.

— Oi! Eu sou o seu pai e, a partir de hoje, vou cuidar de você como se minha vida dependesse disso. Sei que não vai ser fácil pra mim, ainda estou aprendendo, e, se você tiver paciência, eu prometo ser o melhor pai que você pode ter, e já sei por onde começar, vou fazer o oposto que meu pai fez comigo.

— Eu preciso vê-lo — pediu Mia com lágrimas nos olhos.

— Olha a mamãe, garotão! Ela não é linda? — disse segurando nosso filho para que Mia pudesse beijar a sua cabecinha.

— Ele é lindo, Freddy! — exclamou emocionada.

— Qual será o nome dele? — perguntei olhando para Mia com carinho.

— Johnny. Ele tem cara de Johnny — respondeu sorrindo.

— Bem-vindo, Johnny! — exclamei empolgado, e logo uma enfermeira pegou meu filho para levá-lo ao berçário. Tive que sair da sala de parto para a médica cuidar da Mia. Estava tão feliz! Eu era pai enfim, e tinha uma pessoa que dependia de mim. Não podia decepcioná-lo. Não iria.

— Parabéns, Freddy — cumprimentou Bob ao me ver na frente do berçário.

— Nem acredito que você é pai! — exclamou Rick batendo no meu ombro.

— Nem eu acredito — respondi emocionado.

— Estou feliz por você e Mia — disse Jonas me dando um abraço.

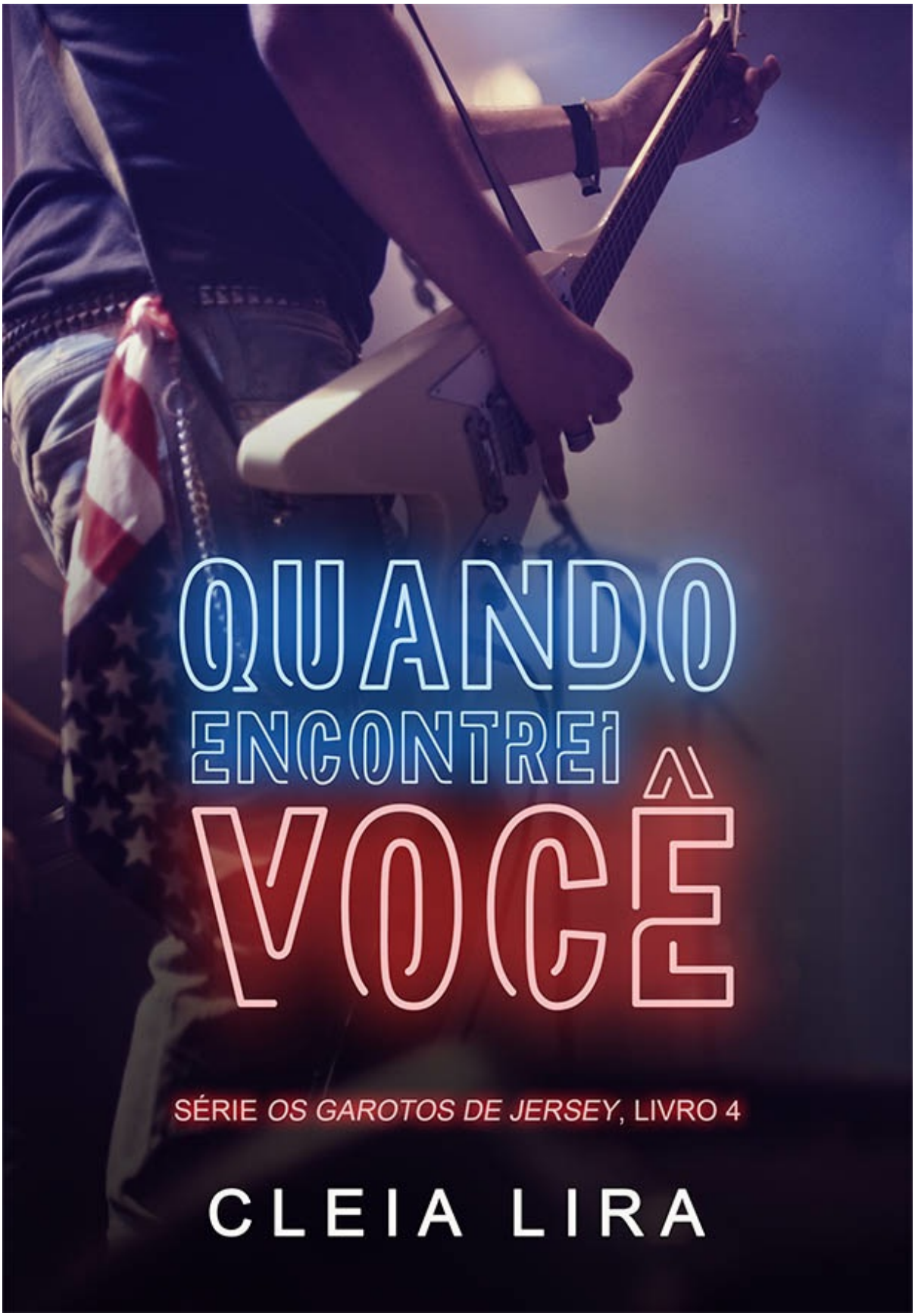
— Bem-vindo ao clube, Freddy — anunciou Jack sorrindo.

Todos tinham vindo direto do show e esperado do lado de fora do quarto o meu filho nascer. Aquela era a minha família de verdade. Não tínhamos o mesmo sangue – ao menos, alguns de nós –, mas sim o mesmo coração.

Ficamos diante o vidro do berçário esperando o pequeno Johnny voltar do seu primeiro banho. Não tivemos que esperar muito para meu garoto aparecer, ainda sem roupa e usando uma touquinha azul na cabeça. Ele era tão pequeno e frágil, mas se tornara a coisa mais valiosa do mundo para mim.

— Eu vou cuidar de você — sussurrei contra o vidro do berçário enquanto uma lágrima descia pelo meu rosto.

Fim


QUANDO
ENCONTREI
VOCÊ
SÉRIE OS GAROTOS DE JERSEY, LIVRO 4
CLEIA LIRA

QUANDO ENCONTREI A VOCÊ

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, LIVRO 4

CLEIA LIRA

Playlist

Para ouvir a *playlist* de *"Quando encontrei você"* no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



Prólogo

PANDORA

Não consigo respirar,
mas ainda luto enquanto puder lutar
Desde que o errado pareça certo,
é como se eu estivesse em pleno voo.

***Love the way you lie* - Rihanna feat. Eminem**

Minha vida nunca foi fácil, mas em nenhum momento imaginei que ficaria pior.

Eu vivia em São Paulo desde que tinha nascido, nunca havia viajado ou conhecido outro lugar e, depois de fazer 18 anos, pensava que jamais sairia da periferia. Morava em uma casa simples junto à minha mãe, meu padrasto e meus dois irmãos menores. Minha tarefa era cuidar da casa, dos meus irmãos e ainda preparar a comida. Como tinha sido demitida do meu antigo trabalho no mercadinho da esquina, só me restava ficar mofando em casa. Apesar de fazer tudo que minha mãe, Lourdes, mandava, ela nunca estava satisfeita comigo; ao menor deslize, xingava-me e costumava bater em meu rosto. Ela era uma mulher infeliz e fazia questão de descontar toda a sua amargura na filha mais velha. Eu não sabia quem era o meu pai e, para ser honesta, não tinha nenhuma curiosidade em saber. Na certa era um fracassado e me trataria pior do que minha mãe. Meu padrasto, Romão, era rancoroso e me tratava como uma empregada. Para ele, eu era apenas mais uma boca que ele precisava alimentar, por isso sempre estava procurando um jeito de se livrar de mim.

Alguns dias depois que completei a maioridade, Romão me chamou para uma viagem ao Rio de Janeiro. No começo desconfiei; não queria ir sozinha com ele. Cheguei a chorar e implorar para minha mãe ir conosco, mas ela se

negou. Depois que ele disse que conhecia um amigo que iria me contratar para trabalhar como modelo em uma agência – esse era o meu sonho, vivia iludida pensando em ter uma vida melhor –, acabei concordando.

Abracei meus irmãos, que não entenderam nada, pois ainda eram pequenos, e não tínhamos tantas afinidades assim, nem parecíamos parentes. Na verdade, meu padrasto insistia que não éramos. Entrei chorando no carro. Estava temerosa, mas era a oportunidade perfeita para crescer na vida.

Levamos cerca de cinco horas para chegar à casa do tal amigo de Romão. Na hora em que entramos em uma das maiores favelas do Brasil, senti um frio na espinha e meus braços se arrepiaram. Parecia que meu corpo percebia a tremenda enrascada em que eu estava entrando.

Romão nem saiu do carro. Desci sozinha, carregando uma mala pequena com tudo que eu tinha. O amigo dele me recebeu com um sorriso amarelo e conseguia ser ainda pior do que meu padrasto. Ambos tinham o mesmo porte físico – forte – e muitas tatuagens pelo corpo, porém, o cabelo dele era preto, enquanto o de Romão era louro.

Fiquei apenas uma noite naquela casa e não tive coragem de fechar meus olhos. O lugar era tão simples quanto a minha casa. Fiquei num quartinho nos fundos, sem luz e com apenas uma cama de solteiro. Esse não era o problema. O que mais me deixou nervosa foi a desconfiança. Eu sabia que tinha alguma coisa errada.

No dia seguinte embarquei para o meu primeiro “trabalho”. Uma mulher chamada Ester apareceu na casa dizendo ser da agência de modelos e me entregou um passaporte e alguns documentos. A princípio me perguntei como ela conseguira minha fotografia, mas me lembrei que precisara tirar umas fotos alguns dias antes para renovar meus documentos, e uma delas estava estampada no meu passaporte. Seguimos juntas até o Aeroporto Internacional do Galeão e embarcamos para as Bahamas algumas horas depois. Quando perguntei a Ester por que eu estava indo para tão longe, ela só respondeu que era um trabalho como qualquer outro. Tive dúvidas sobre a veracidade de suas palavras, mas a quem mais eu poderia perguntar? Minha mãe estava mais do que feliz com a minha partida, eu era uma boca a menos para

alimentar, e eu não tinha mais ninguém além dela para interceder por mim. Por essa razão, não questionei mais; já estava acostumada a me conformar com pouco e com os infortúnios que a vida sempre reservara para mim. Encostei a cabeça na janela do avião enquanto minhas lágrimas escorriam pelo rosto. Constatava o que havia muito tempo eu já sabia: era um estorvo que ninguém queria.

Quando descemos do avião nas Bahamas, eu estava faminta, cansada e abatida, mas não podia reclamar. Toda vez que tentava, Ester insistia que meus pais não me queriam e ela era a única pessoa que poderia me ajudar. Infelizmente, estava certa. Fomos do aeroporto direto para um grande navio de turistas, provavelmente de cruzeiro.

Na embarcação, fiquei trancada num quartinho minúsculo por vários dias. Estava enjoada e não conseguia comer quase nada. Entretanto, Ester não me deixava sair. Eu não tinha contato com ninguém do navio, não saía da cabine e não fazia ideia de quanto tempo teria que ficar ali.

Meu tormento acabou quando desembarcamos em Miami. Eu sabia disso porque ouvia os passageiros comentando enquanto passava por eles para sair da embarcação. Eu não estava mais na minha cidade, nem no meu estado, muito menos no meu país, encontrava-me em um local no qual sequer entendia o que as pessoas falavam.

No porto, uma van nos aguardava. Entrei e me sentei num cantinho ao lado de Ester. Descobri que tinham outras garotas além de mim e fiquei um pouquinho mais tranquila ao vê-las. Porém, ao ver refletido em seus rostos o mesmo medo que eu sentia, tive a sensação de que aquela viagem podia não ser a solução para os meus problemas.

Viajamos por um dia inteiro, com apenas duas pausas. Algumas garotas tiveram que fazer as necessidades numa garrafa, e comemos uma única vez. Não reclamei. Entretanto, algumas meninas reclamaram. Elas pareciam ter a mesma idade que eu, mas não eram tão submissas. Apanharam e acabaram ficando sem a garrafa de água que cada uma havia recebido no começo da viagem. Eu já sabia que não estávamos em uma viagem a trabalho cujo destino era uma agência de modelos internacional. Desde o começo

desconfiava que meu destino seria traiçoeiro. Encostada naquela van suja, com garotas se lamentando ao meu lado, eu não conseguia imaginar nada além do sofrimento e da morte iminentes que me aguardavam.

Eu não podia dizer que não estava faminta depois de comer apenas um hambúrguer e um refrigerante, mas já estava acostumada a ficar horas sem comer, o que me ajudou a não desmaiar de fome. Algumas noites, como castigo, minha mãe me mandava dormir sem jantar, e eu só comia no almoço do dia seguinte. Era cruel, eu sabia, mas pelo menos me preparara para aquilo.

Quando, enfim, a van estacionou e desembarcamos, estávamos tão fracas que nem prestamos atenção ao local onde nos encontrávamos. Entramos em uma casa, e cada uma recebeu um saco de papel com um sanduíche e um refrigerante. Depois fomos trancadas em um quarto totalmente vazio. Descobri que éramos oito meninas, duas a mais do que as que haviam viajado comigo. De onde elas tinham vindo? Era uma incógnita. Tínhamos algumas coisas em comum: éramos jovens, bonitas, apesar da sujeira, latinas e estávamos apavoradas.

No outro dia, as meninas começaram a ser levadas. Minha mente imaginava várias hipóteses para o desaparecimento delas, embora temesse pensar no que de fato acontecia fora daquelas paredes.

Na minha vez, Ester apareceu para me levar. Meu corpo todo tremia de medo. Achei que iria morrer e nunca mais voltar para casa. Mesmo que minha mãe não se importasse comigo, eu ainda queria sair daquele lugar. Quando me agarrei à porta para evitar ser levada, a mulher bateu nas minhas mãos e puxou meus cabelos com tanta força que minha cabeça ficou dolorida. Assim, deixei que me levasse para onde quisesse.

Fui amarrada a uma maca e não consegui mexer meus braços e pernas enquanto um médico me examinava. Sabia que era um médico por causa do jaleco branco e de algumas palavras em espanhol que ele falava. Ester tirou minha calça jeans e a minha calcinha, que eu estava usando desde que saíra do navio. Logo depois o médico examinou minhas partes íntimas e sorriu satisfeito.

— *Ella es perfecta* — disse para Ester.

Eu ainda não sabia o que ele queria dizer com isso, mas entendia que minha situação só piorava. Saí dali e fui direto para um banheiro. Ester me observou enquanto eu tomava banho, depois me levou para um quarto diferente, no qual havia vários vestidos. Coloquei uma calcinha desconfortável, um vestido preto curto tomara que caia e sapatos de saltos. Pentearam-me e me fizeram uma maquiagem pesada. A pessoa que me olhava no espelho não se parecia em nada comigo. Eu não conseguia parar em cima dos saltos de tanto que tremia.

— Por que tudo isso? — perguntei para Ester, a única que falava português.

— Você ainda não sabe o que está fazendo aqui?

— Não — respondi com a voz embargada.

— Fique tranquila; em breve irá saber — respondeu com um sorriso cínico.

Ao sair da casa, vi que estava escuro lá fora. Entramos na mesma van que me trouxera e seguimos até outra propriedade, bem maior e mais luxuosa. Parecia que estavam dando uma festa. Assim que entrei, percebi as pessoas reunidas, na maioria homens, a música alta, bebidas à vontade. Fiquei ao lado de Ester por um tempo, sem me mexer, torcendo para não perceberem a minha presença e aquela noite acabar logo, até que alguém fez um gesto para que eu me aproximasse. Ela segurou meu braço, e seguimos até um palco improvisado bem no meio da sala.

Alguém anunciou algo ao microfone, e, de repente, os homens começaram a levantar a mão. Pareciam oferecer algo, mas eu não fazia ideia do que poderia ser. Aos poucos as mãos levantadas foram diminuindo, até que restou só uma, de um homem baixo, de bigode e uma barriga imensa.

Desci do palco e fui levada até um quarto no andar de cima. Empurraram-me para dentro dele, e fiquei sozinha por algumas horas. Encostei-me à parede e chorei com medo do desconhecido. Não conseguia entender o que

aquelas pessoas falavam e não sabia como voltar para casa. Ficaria ali chorando desesperada por muito mais tempo, se a porta não fosse aberta e o mesmo homem baixinho que levantara a mão por último não aparecesse.

Ele estava estranho, cambaleando. Veio para cima de mim, e tentei empurrá-lo, mas não consegui. O homem, apesar de embriagado, era mais forte do que eu. Sua boca se forçou contra a minha em busca de um beijo, e eu a mordi sem dó nem piedade. Ele ficou muito irritado e por isso foi ainda mais agressivo. Puxou meu vestido, rasgando-o em tiras, deu vários socos em meu rosto em represália pela mordida e, quando caí, chutou minhas costelas. Quanto mais eu reagia, mais apanhava, até que não aguentei mais a dor e fiquei quieta, imóvel, enquanto ele fazia o que queria desde o começo. Quando terminou, eu não conseguia nem respirar. Tudo doía, cada osso parecia quebrado, cada músculo, machucado. Eu já tinha apanhado outras vezes, mas nada parecido com aquilo, além do abuso.

O homem estava tão bêbado que adormeceu logo depois. Permaneci alguns minutos tentando me recuperar, mas não podia pensar muito; eu precisava sair dali antes de ele acordar. Cobri meu corpo com o paletó que encontrei no chão, cambaleei com dificuldade até a porta, caminhei pelos corredores vazios, escondendo-me nos cantos sempre que ouvia um barulho, até que, enfim, consegui sair da casa sem ser vista pelos seguranças, que estavam entretidos bebendo.

Andei devagar e sem rumo pelas ruas desertas. Meus pés descalços doíam, e estava difícil respirar. Eu ainda tinha de enxugar as lágrimas que deslizavam pelo meu rosto, ininterruptas. Sabia que precisava pedir ajuda, mas a dor era tanta que não consegui mais andar. Fui me segurando nos muros até me sentar atrás de uma lata de lixo, quase inconsciente, e desistir.

O dia seguinte

BOB

E tudo que eu posso provar é este momento
E tudo que posso respirar é sua vida
Porque mais cedo ou mais tarde, acabou
Eu só não quero perder você esta noite

Iris - Goo Goo Dolls

Acordei com a cabeça doendo depois de beber mais do que devia no casamento do Freddy. Eu não costumava beber, na verdade, podia contar nos dedos da mão os dias em que havia bebido na vida. Acordar de ressaca, então, era uma raridade na minha vida. Que ironia! Eu era o baixista de uma banda de rock, nossos camarins estavam sempre lotados de bebidas, e eu quase não bebia. Às vezes ficava com um copo de uísque por horas em uma festa e dava apenas alguns goles. As pessoas estranhariam se eu contasse que a bebida não me fazia bem. Meus pais morreram num acidente de trânsito. Um motorista embriagado avançou num sinal vermelho e acertou em cheio o carro deles, que morreram na hora. Fui criado pela minha avó, Nancy, desde os 11 anos. Ela ainda morava em New Jersey, na mesma casa em que vivi a maior parte da minha vida. Quando não estava viajando, eu ia visitá-la todas as quartas. Era sagrado; se eu estivesse em casa, nada podia me fazer esquecer esse compromisso que tínhamos. Por isso eu evitava me embriagar. Todavia, aquele era um dia especial; mais um integrante da banda que deixava o time dos solteiros.

Primeiro tinha sido Jack que sucumbira por uma garota que conhecera em Vegas. Uma noite e, bum, estavam casados. Eu nunca faria isso e achava que meu amigo também não; ledo engano. Helena era bem legal e mudara a vida do Jack, mas casamento não era para mim. Jonas e Amanda haviam se apaixonado quando ele estava doente. Ela era enfermeira e acabara cuidando

do corpo e do coração dele. Freddy e Mia já era outra história, namoro longo e um casamento perfeito. Estavam tão felizes na noite anterior que eu ficara empolgado por eles e bebera mais do que devia.

Abri os olhos, mas não saí da cama. Peguei meu celular, e nada de mensagens da assessora da banda ou do nosso empresário. Parecia que teríamos um recesso graças ao casamento do Freddy, pelo menos um mês sem qualquer compromisso. Já era tão tarde que eu tomaria café da manhã antes de visitar a minha avó em Jersey. Não era quarta, mas eu estava morrendo de saudades dela.

Eu morava em um apartamento no Bronx, bairro de Nova Iorque, bem longe da agitação e num lugar bem afastado. Nada daquelas coberturas chiques. Ele ficava no último andar do que costumava ser uma fábrica de sorvete. Os outros andares viraram apartamentos menores também, mas o meu, consegui deixar do que jeito que queria. Não tinha nenhuma parede, nada para dividir os cômodos. Eu morava sozinho, que sentido elas teriam? Escolhi com cuidado cada móvel que tinha, e não eram muitos, pois eu adorava espaços vazios. Comprei uma cama *queen size* e a coloquei bem em frente às janelas de vidro enormes, depois arrumei um sofá grande que no qual poderiam se sentar umas 12 pessoas, um tapete branco no chão e uma TV que tomava uma parede toda. Na verdade, tive que comprar várias telas e juntar todas para chegar ao tamanho que eu queria. Num outro canto, eu tinha um saco de areia e um tatame. Gosto de lutar, e com frequência meu instrutor aparecia por ali para treinar comigo. Eu costumava fazer isso na academia, mas, depois que a banda fizera sucesso, ficava difícil sair de casa sem ser reconhecido, por isso eu havia trazido o tatame para o meu apartamento.

A cozinha foi o único espaço em que caprichei. Adoro cozinhar, e ser criado por minha avó contribuiu para aprimorar o meu hobby. Fiz a réplica perfeita de uma cozinha de restaurante, de pequeno porte, é claro, mas eu conseguia alimentar um pequeno batalhão se precisasse. Era uma pena que eu não comprara nenhuma mesa; meus convidados teriam que comer no sofá ou nos poucos bancos espalhados pela ilha da cozinha.

O banheiro era o único espaço com paredes. Porém, inovei mais uma vez ao colocar uma banheira enorme. Na verdade, ela foi inspirada naquelas

antigas casas de banho romanas. Cabiam dez pessoas confortavelmente sem tocarem uma na outra. Talvez eu tenha exagerado no tamanho. Além disso, coloquei dois bancos de madeira, um de cada lado dela, para dar mais conforto ao espaço. Eu não pretendia fazer uma orgia ali; nunca a usara com mais de uma garota, talvez duas. Coloquei também um boxe de vidro transparente com quatro duchas que podiam ser ligadas ao mesmo tempo e fazer massagens nas minhas costas.

E foram elas que usei para tomar uma ducha rápida antes de seguir para a casa da minha avó. Saí do banheiro ainda enrolado na toalha, peguei uma calça jeans e uma camiseta preta no closet que improvisara na parede ao lado da minha cama. Eu não tinha muitas roupas, por isso uma parede com um varal servia para guardar todas.

Antes de sair, sentei-me no sofá para amarrar meus coturnos, peguei meu boné, os óculos de sol, minha jaqueta preta e desci os três andares até a garagem; meu prédio não tinha elevador.

Apertei o controle-remoto, e os faróis da minha Harley-Davidson Night Rod Special se acenderam. Escura e amedrontadora como a noite, essa moto era desenhada agressivamente de roda a roda. Motor, garfos, braçadeiras triplas, rodas, braço da suspensão, todos pretos e de atitude *dragster*. Acomodei-me no assento macio, liguei o motor e saí em disparada pelas ruas caóticas do Bronx. Assim que entrei na I-95, a rota ficou mais fácil, e, duas horas depois, eu já estava tirando o capacete em frente à casa da minha avó. Parecia a mesma desde que eu tinha vindo morar com ela, a típica casa americana, branca e com um gramado perfeito e um jardim nos fundos.

— Vó, cheguei! — gritei assim que entrei pela porta da sala, que ela insistia em deixar destrancada. Contudo, apesar do cheiro maravilhoso que vinha da cozinha, ninguém respondeu. Por isso continuei caminhando até a varanda dos fundos e a encontrei no jardim, debruçada no chão, arrancando ervas daninhas. Seus cabelos brancos estavam amarrados num coque perfeito como sempre.

— Você sabe que não deveria ficar tirando ervas daninhas quando tem um jardineiro para fazer isso — resmunguei chateado por ela nunca me ouvir e se

esforçar mais do que devia. Vovó era bem saudável para os seus 70 anos, mas precisava ser mais cautelosa, coisa que nunca era. Nada parava a vó Nancy. Às vezes eu achava que era por isso que ela nunca ficava doente, por ser sempre tão ativa. Caminhava todas as manhãs, o que deixava seu corpo sempre esguio e forte.

— Algumas ervas daninhas não irão matar uma senhora, como você deve estar pensando — retrucou sem ao menos levantar a cabeça. Provavelmente ela sabia que eu tinha chegado assim que eu estacionara em frente à casa, por causa do barulho potente do motor da moto. Minha avó se levantou e me olhou dos pés à cabeça, como se estivesse me examinando para ver se estava tudo no lugar, algo que sempre fazia.

— Sei que não, ainda mais alguém tão forte como a senhora, mas não custa nada não abusar da sorte.

— Tudo bem. Vamos almoçar — anunciou tirando as luvas de jardinagem e caminhando devagar até a cozinha.

— Espero que esteja com fome, Bob — comentou Consuelo, acompanhante da minha avó, colocando as famosas coxas de frango fritas na mesa.

— Estou faminto — falei já me sentando à mesa para experimentar a comida.

Logo depois vovó e Consuelo se uniram a mim. Apesar de ser paga para cuidar da minha avó, Consuelo já fazia parte da família. Eu mesmo a contratei depois que saí da casa da minha avó e fui morar sozinho, apesar de vovó insistir que morara muito tempo sozinha logo depois que meu avô morrera de um ataque cardíaco fulminante, porém, na época ela tinha quase 15 anos a menos. Bastou esse argumento para convencê-la a aceitar a mexicana de 48 anos para ser sua acompanhante. As duas se tornaram melhores amigas e faziam tudo juntas, só se separavam à noite, quando Consuelo precisava voltar para a sua família.

A comida, como sempre, estava divina. Era simples na maioria das vezes, minha avó não cozinhava nada elaborado, mas seu tempero era único. O

frango frito, o purê de batatas e o milho cozido estavam de lamber os dedos. Comi tantas porções que perdi a conta.

Conversamos sobre a turnê que eu teria de fazer em breve, e ela me repreendeu por não trazer uma garota para conhecê-la. Depois de descansar um pouco na poltrona confortável da sala, despedi-me com um beijo na testa e parti.

Cheguei a Manhattan já anoitecendo, mas ainda estava cedo para voltar para casa. Ainda pensando nisso, peguei a Nona Avenida e segui direto até o Upper West Side, onde ficava o apartamento do Jack. Deixei a moto na garagem e apertei o código do elevador para a cobertura. Ele e Helena tinham um casal de filhos, mas nada justificava um apartamento daquele tamanho para apenas quatro pessoas e alguns empregados.

— Boa noite — cumprimentei a babá das crianças assim que ela me viu sair do elevador e aparecer na enorme sala.

— Boa noite, Bob — respondeu fazendo charme. Eu tinha certeza de que ela estava interessada em mim. No entanto, Helena me mataria se eu desse em cima da garota, por isso nunca demonstrara que eu também podia estar interessado.

— O que estão fazendo, pestinhas? — perguntei para Adam, filho mais velho do Jack. Ele tinha apenas sete anos e era a cópia do pai. Pobre garoto!

— Estou tentando montar um helicóptero, mas minha irmã derruba todas as vezes que eu estou quase lá — respondeu o garoto, irritado com a garotinha de pouco mais de dois anos que insistia em quebrar seus brinquedos.

— Você não pode perturbar o irmão mais velho, Sophia — repreendi a garotinha, mas não adiantou nada, ela sorriu para mim achando engraçado e voltou a mexer nas peças de Lego dele. Decidi desistir – eu não tinha o menor jeito com crianças – e continuei caminhando em direção às risadas que tinha escutado assim que saíra do elevador.

— Quer dizer que estavam comemorando sem mim? — inquiri assim que

entrei no estúdio e vi Jack, vocalista da banda, Rick, tecladista, e Jonas, guitarrista sentados nos bancos ao lado dos seus instrumentos.

— Pare de reclamar e sente aqui com a gente — respondeu Jonas, colocando sua guitarra ao lado e abrindo espaço no outro banco para mim.

— O que estão fazendo? — questionei ao me sentar.

— Estamos conversando e bebendo o uísque caro do Jack — respondeu Rick me oferecendo um copo, mas recusei balançando a cabeça.

— Quando começamos a turnê? — perguntei para ninguém em especial, mas agradeceria se um deles me respondesse.

— Precisamos esperar o casal de pombinhos voltar da lua de mel, e, se conheço bem o Freddy, vai atrasar um ou dois dias — respondeu Jack, bebendo o último gole do seu uísque.

— Com certeza ele não vai chegar no dia previsto — reforçou Rick se levantando do banco.

Ficamos no estúdio jogando conversa fora, já que não podíamos ensaiar sem Freddy e sua bateria, até que Helena apareceu, sempre tão atenciosa, com alguns aperitivos e uma Coca-Cola para mim. Ela nunca esquecia que eu não embarcava junto aos meus colegas na bebida. Porém, dessa vez ela também trouxe um refrigerante para o Jonas, que não estava bebendo devido ao seu tratamento contra um câncer feito havia pouco tempo.

— Preciso ir — informou Jonas se levantando para deixar o estúdio.

— Já está sentindo falta da esposa? — brinquei para descontrair.

— Claro, não posso deixar minha família tanto tempo sem a minha presença — explicou guardando sua guitarra no *case*.

— Elas irão se esquecer de você? — questionou Rick só para provocá-lo. Todos sabiam que Amanda e a sua filhinha eram apaixonadas pelo Jonas.

— Pare de falar merda e vá procurar uma garota pra você também, assim não fica com inveja da minha — respondeu Jonas antes de sair do estúdio.

Depois que ele saiu, ainda conversamos mais um pouco, e Rick me chamou para acompanhá-lo num bar. Eu não gostava de beber, mas adorava jogar bilhar e arremessar dardos. Tive de aceitar sua oferta, afinal, ainda era muito cedo para voltar para casa.

Despedimo-nos do Jack e da Helena e seguimos animados até um bar bem badalado no Bronx. Fui em minha moto, enquanto Rick vinha logo atrás em seu carro. O lugar estava lotado como sempre, muita conversa, música alta, mulheres usando roupas minúsculas e, num canto afastado, as mesas de bilhar e os alvos para arremessar os dardos. Peguei uma cerveja com a qual passaria a noite toda para disfarçar e fui em busca do meu primeiro adversário.

— Quer jogar comigo? — indaguei ao Rick quando ele parou na minha frente segurando uma cerveja.

— Não sou louco. Vou ficar só observando você arrancar dinheiro dos imbecis que resolverem te enfrentar.

Ele tinha razão. Meia hora depois, eu tinha pegado todo o dinheiro de três caras na disputa dos dardos. Já não tinha mais nenhum desafio, por isso fui para a mesa de bilhar, e, dessa vez, Rick aceitou meu convite. Disputamos uma rodada, e ele perdeu por pouco. Decidimos fazer uma melhor de três, e eu ganhei no final.

— Podemos deixar a revanche para outro dia? Vou pra casa — perguntou Rick largando o taco em cima da mesa.

— Claro, já cansei de ganhar de você mesmo — respondi dando de ombros. Despedimo-nos já de madrugada e saímos do bar juntos. Porém, fiquei sentado na minha moto enquanto Rick saía do estacionamento. Eu não sabia por que não dera a partida e saíra como meu amigo, mas ficara pensando no que faria quando chegasse a casa. *Eu devia levar uma garota comigo para me distrair?*

Estava quase girando a chave e saindo daquele lugar, quando escutei um gemido baixinho, parecia um animal ferido. Olhei na direção da lata de lixo e não consegui ver nada. Estava bem escuro ali, mas o barulho, apesar de fraco,

persistia. Diante disso, resolvi descer da moto e olhar mais de perto. Conforme eu caminhava na direção dos sons, os gemidos aumentavam. Definitivamente tinha alguma coisa ali. No entanto, nada me preparou para aquilo. No canto escuro atrás do lixo tinha uma garota morena encolhida no que parecia ser um paletó.

— Ei, você está bem? — perguntei tocando no seu ombro, e recebi um gemido de dor. — Precisa de ajuda? — insisti. Contudo, a garota só se encolhia mais, querendo abrir um buraco para se esconder. — Qual é o seu nome? — questionei me abaixando para olhar nos seus olhos. Entretanto, ela não me entendeu. Decidi perguntar em espanhol, mas ela não pareceu reconhecer, até que questionei em português, e ela me olhou surpresa.

— Pandora — respondeu baixinho.

— Precisa de ajuda, Pandora?

— Eu quero ir para casa — falou chorando.

— Onde você mora? — questionei ao seu lado.

— Brasil — disse chorando ainda mais.

— Venha comigo, eu posso te ajudar — disse estendendo a minha mão para que ela pudesse se levantar, mas a garota estava com tanto medo que não conseguia sair do lugar. Tentei dizer que eu só queria ajudar, mas não consegui a convencer. Fiquei tentando sem sucesso, até que ela gemeu de dor e desmaiou. Ainda bem que eu estava perto. Segurei-a nos meus braços e saí do beco escuro com ela no colo.

Eu precisava levá-la a um hospital, mas não na minha moto. Sinalizei assim que um táxi se aproximou e entrei com ela encolhida no meu colo. Só com a luzes no interior do carro, que acendi, consegui vê-la melhor e fiquei horrorizado com tantos hematomas que havia em seu rosto. Eu não poderia aparecer com ela naquele estado em lugar público algum, a imprensa iria descobrir, e eu seria acusado de algo que não tinha feito, por isso dei meu endereço ao motorista em vez da rua do hospital mais próximo.

— O que fizeram com você? — sussurrei no seu ouvido.

Quero voltar para casa

PANDORA

Então, uma noite, enquanto eu fechei os olhos
Eu vi uma sombra voando alto
Ele veio a mim com o sorriso mais doce
Me disse que ele queria conversar um pouco

Lost boy - Ruth B.

Abri meus olhos devagar, com medo do que encontraria ou de onde estaria. Jamais pensara que sentiria saudades de casa. Nunca tinha sido feliz lá, mas era o único lugar que eu conhecia. Não parecia que eu estava de volta ao quarto em que havia sido trancada. Olhei para a janela à minha frente e só vi prédios do lado de fora. Sentei-me na cama usando somente uma imensa camiseta, que não era minha. Tudo doía, cada músculo do meu corpo protestava enquanto eu escorregava por uma cama grande e macia. Não consegui ficar de pé e, para não cair, sentei-me na beirada da cama.

— Você acordou? — perguntou em português uma mulher morena bonita que eu não tinha visto se aproximar. Ela se ajoelhou à minha frente.

— Quero ir pra casa — pedi voltando a chorar por causa da dor, do que eu tinha passado até o momento e porque não aguentava mais ficar sozinha.

— Vamos te levar pra casa assim que descobrirmos o que aconteceu com você — falou colocando as mãos nas minhas costas para me acalmar, mas não adiantou nada. Eu não conseguia parar de chorar.

— Eu entendo que você esteja abalada, mas precisamos saber como te ajudar. Não se preocupe, ninguém aqui vai te fazer mal. Meu nome é Helena. Eu sou médica e amiga do Bob.

— Quero voltar pra casa — repeti a única coisa em que conseguia pensar.

— Sei disso, mas você está muito machucada. Precisamos cuidar de você primeiro antes de fazer isso.

— Está doendo muito — falei cruzando os braços em volta do meu corpo.

— Onde?

— Tudo — respondi olhando nos seus olhos pela primeira vez e fiquei mais segura ao perceber que eles me olhavam de volta com compaixão e não com o desprezo que eu costumava ver nos das pessoas ao meu redor.

— Sei que é difícil pra você me contar isso, mas preciso saber se foi agredida sexualmente. Não precisa me contar agora, só balance a cabeça, que eu já vou entender.

Como eu queria mexer minha cabeça para os lados e indicar que não! Todavia, não podia fazer isso, sabia que precisava contar a alguém. Por isso fechei as pálpebras com força e abaixei a cabeça duas vezes para cima e para baixo. Não olhei para ver a expressão em seu rosto. Quando abri os olhos, ela já tinha saído.

Fiquei ali, imóvel, sem saber o que fazer nem para onde ir, até que ela apareceu novamente.

— Eu preciso sair para comprar alguns remédios para você, mas volto logo. Enquanto isso, se quiser tomar banho, o banheiro fica logo atrás de você — comunicou apontando para uma porta grande de madeira.

— Não quero ficar sozinha — pedi segurando o seu braço antes que ela se afastasse.

— Sei disso e não vou te deixar sozinha, meu amigo Bob está aqui. Ele está preparando o seu café da manhã na cozinha.

Apenas balancei a cabeça assentindo e larguei seu braço. Ela estava me ajudando, falava português e poderia me levar de volta para casa. Eu não podia contar que não queria ficar sozinha com nenhum homem no momento.

Vi quando ela conversou com alguém e em seguida saiu do apartamento. Ouvi um barulho ao fundo e passos se aproximando. Meu coração parecia que iria saltar do peito de tanto medo que sentia. Olhei para a porta do banheiro e corri até lá meio sem jeito, porque tudo ainda doía, mas consegui trancar a porta atrás de mim. *Agora só vou sair daqui quando a médica voltar*, pensei encostada à madeira.

Fiquei olhando para ela com medo de ser aberta de repente, mas nada aconteceu. Virei-me para observar o lugar pela primeira vez. Aquilo não era um banheiro comum, parecia mais um apartamento inteiro, tinha até uma piscina, bancos de madeira e muitos chuveiros ao fundo. *Deve ser um banheiro compartilhado*, pensei aflita, com medo de ser surpreendida por alguém invadindo o lugar e me obrigando a fazer mais uma vez o que eu não queria.

Olhei para o espelho e fiquei surpresa ao me ver refletida nele. Meu cabelo estava uma bagunça, meu olho direito tinha um hematoma horrível e ainda estava bem inchado, meus lábios estavam cortados e tinha sangue seco no canto da minha boca. Tirei a camiseta e fiquei chocada com o que vi. Meu corpo tinha marcas em todo lugar, nada resistira aos dedos asquerosos daquele monstro. Fiquei desesperada para tirar aquelas marcas do meu corpo. Fui caminhando devagar até o chuveiro e o abri até o final.

Imediatamente uma água quentinha caiu sobre o meu corpo. Fechei os olhos de dor e chorei. Era impossível não me lembrar da merda pela qual passara. Peguei o sabonete e uma esponja macia e esfreguei com força cada lugar pelo qual seus dedos tinham passado. Eu precisava tirar toda aquela sujeira, mas era difícil e não saía, por mais força que eu colocasse. As lágrimas se misturavam à água, e desabei no chão, sem coragem para continuar. Voltar para casa para quê? Eu devia ter deixado que eles acabassem comigo, talvez não sentisse tanta dor como sentia naquele instante. Sentir nada devia ser melhor do que aquela cratera que se abrira no meu coração. Fiquei ali sentada pensando numa maneira de acabar com a minha dor, mas nada parecia funcionar. Teria continuado ali para sempre se não ouvisse Helena bater na porta, desesperada.

— Por favor, abra a porta. Podemos te ajudar.

Ninguém pode me ajudar, nada vai consertar a inocência que perdi, nada vai trazer de volta os sonhos que eu tinha antes de tudo isso acontecer! Contudo, eu me forcei a sair dali, desliguei o chuveiro, peguei uma toalha e sequei meu cabelo o máximo que consegui. Depois coloquei um roupão branco e macio que tinha um cheiro gostoso e abri a porta.

Helena estava me esperando com uma sacola nas mãos, sentada na cama.

— Desculpe bater na porta daquele jeito, é que estava preocupada com você — explicou sem graça.

— Tudo bem — respondi sem emoção, dando de ombros.

— Vou trazer algumas roupas pra você mais tarde. Por enquanto, acho que pode usar algumas do Bob — comentou se levantando para pegar uma camiseta no grande varal de roupas pendurado ao seu lado. Ela jogou a peça para mim e continuou procurando até encontrar uma calça de moletom e uma cueca boxer.

— Não acho que vão servir — murmurei olhando o tamanho das roupas.

— Sei que não, mas é melhor do que ficar nua ou de roupão.

— Entendi — respondi segurando as peças e voltando para o banheiro para as vestir. O fiz o mais rápido que podia; com o corpo todo dolorido, ficava difícil me mexer, a cada movimento que eu fazia, meu corpo protestava. Quando voltei, Helena estava segurando um copo de água e um remédio.

— Essa é a pílula do dia seguinte. Você precisa tomar para evitar uma gravidez indesejada.

Não respondi nada, só peguei o remédio e o engoli sem beber a água.

— Preciso aplicar uma injeção de antibióticos para evitar as doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, você precisa tomar esses comprimidos após o café e depois do jantar durante 28 dias. Eles são para evitar o HIV.

Assenti mais uma vez. Eu entendia o que ela estava falando, mas era difícil pensar em tudo isso. Por isso não pensei, coloquei minha mente num lugar seguro e fiquei lá enquanto ela aplicava a injeção no meu braço e me ajudava a pentear os cabelos embaraçados. Encontramos falhas em meu cabelo de tantos puxões que recebi. Minha cabeça ainda doía muito, mas eu não podia ficar com os fios tão cheios de nós.

— Obrigada — agradeci assim que ela terminou de pentear.

— De nada. Eu queria poder fazer mais por você — disse me observando atentamente.

— Já fez o bastante.

— Tudo bem. Agora vamos comer, que estou morrendo de fome — afirmou segurando minha mão e me arrastando consigo até o cheiro gostoso que vinha da cozinha.

Fui atrás dela todo o tempo e só percebi quem preparava nosso café da manhã quando nos sentamos nos bancos em frente a um balcão e *ele* apareceu à minha frente. Era alto, forte, usava uma barba ruiva, os cabelos eram da mesma cor. Porém, seus braços fortes estavam cobertos de tatuagens, e isso me assustou para caramba. Comecei a tremer e não conseguia ficar sentada tão perto dele.

— Não precisa ter medo, foi o Bob quem te encontrou e me chamou para ajudar — revelou Helena para me tranquilizar. — Bob, essa é... espere aí, eu ainda não sei o seu nome...

— Pandora — respondeu Bob estendendo a mão para me cumprimentar.

— Como você sabe? — questionou Helena curiosa.

— Ela me disse quando a encontrei atrás daquela lata de lixo — respondeu colocando os pratos com panquecas, ovos mexidos e bacon à nossa frente. Seu sotaque era diferente, como se seu português fosse de Portugal.

— Quer dizer que seu nome é Pandora? Gostei — comentou Helena,

pegando o garfo para experimentar a comida.

Decidi ignorar seu comentário sobre o meu nome. Eu não gostava nem um pouco dele. Além disso, não sabia o quanto estava com fome até ficar de frente para aquele prato de comida. Olhei para o Bob, de costas para mim, e depois para Helena, que gemia satisfeita ao comer as suas panquecas, e não consegui resistir. Peguei o garfo e comecei a comer. Tudo estava uma delícia, eu nunca tinha comido nada tão saboroso antes. Continuei de cabeça baixa, comendo um pedaço de cada vez, até que fiquei desanimada quando finalmente acabou.

— Aceita mais um pouco, Helena? — perguntou Bob.

— Não, já comi demais por hoje — respondeu se levantando do banco.

— Você vai embora? — indaguei preocupada.

— Sim, preciso voltar para minha casa, tenho dois filhos pequenos e não posso deixá-los sozinhos por tanto tempo.

— Posso ir com você? — pedi aflita.

— Acho que não — respondeu olhando para o Bob. Eu sabia que tinha alguma coisa errada, ninguém seria tão bom para mim. Por isso voltei a chorar, preocupada com o que aconteceria comigo quando ela me deixasse sozinha com aquele cara forte, cheio de tatuagens. Seu corpo todo gritava perigo, e eu ficaria sozinha com ele.

— Por favor, me escute. Não vou levar você comigo porque não posso. Minha casa não é o lugar ideal para você descansar. Por enquanto você precisa ficar aqui. Venho ver você todos os dias, prometo. Não precisa ter medo dele, Bob é o homem mais gentil que conheço além do Jonas. Vai ficar segura com ele.

— Tem certeza? — inquiri limpando as lágrimas.

— Absoluta. Não deixaria você aqui se não acreditasse nisso — respondeu sem vacilar um segundo, e isso me trouxe um pouquinho de segurança quando ela saiu por aquela porta e fiquei sozinha com aquele cara

ameaçador.

Um pássaro preso

BOB

Tem uma chama surgindo no meu coração
Tomando conta de mim e me tirando da escuridão
Finalmente, eu posso te ver claramente
Vá em frente e venda-me e direi os seus podres.

Rolling in the deep - Adele

Entrei em casa com a garota desmaiada no colo, muito preocupado e sem saber o que fazer com ela. Faltavam apenas duas horas para amanhecer, e precisava pensar em alguma coisa para ajudá-la. Coloquei-a na cama, mas ela estava nua por baixo do paletó sujo. Talvez um banho ajudasse, mas seu corpo estava muito machucado. Eu tinha medo de tocá-la e piorar a situação. Despi-a, peguei uma toalha macia, molhei-a na água quente no banheiro e tirei a sujeira e o sangue seco que consegui enquanto ela gemia e se contorcia de dor, mas estava tão esgotada que não abriu os olhos, nem protestou. Assim que terminei, coloquei-lhe uma camiseta minha e a cobri com um cobertor.

— Preciso de ajuda, mas para quem vou pedir? — resmunguei andando de um lado para o outro.

Só consegui pensar num nome, quando me sentei no sofá, puxei meu celular do bolso e digitei uma mensagem.

>Preciso de ajuda, é urgente! Pode vir até o meu apartamento?

Logo Helena respondeu:

<Agora!?

>Sim, tenho aqui uma pessoa doente e preciso da sua ajuda.

<Tudo bem, já estou a caminho.



— O que você aprontou dessa vez? — questionou Helena assim que abri a porta para recebê-la.

— Eu não fiz nada, mas preciso que você ajude alguém — falei saindo da porta e caminhando em direção à minha cama.

— O que aconteceu com a garota? — perguntou ela atrás de mim.

— Eu não sei, a encontrei em um beco perto de um bar ontem à noite.

— E você a trouxe para o seu apartamento?

— Sim, o que mais eu poderia fazer?

— Não sei, talvez chamar a polícia ou a levar para o hospital mais próximo — sugeriu como se eu fosse estúpido.

— Eu sei, mas fiquei com receio da imprensa. Além disso, imagino que ela iria preferir se afastar dali o mais rápido possível. Eu não queria arriscar a aproximação de quem fez isso com ela.

— Tudo bem. Onde eu entro nessa história? — indagou impaciente.

— Ela está muito machucada e precisa de um médico.

— Esqueceu que sou pediatra?

— Sei, mas ela não quebrou nada, já verifiquei.

— Como sabe disso? Você não é médico.

— Não sou, mas sei reconhecer quando alguém está com alguma fratura. Já quebrei várias partes do corpo e sei bem como é.

— Entendo — bufou irritada.

— Preciso da sua ajuda mais como mulher do que como médica. Pelas marcas no corpo dela, acho que foi estuprada — comentei nervoso, passando as mãos no cabelo.

— Se realmente aconteceu, ela precisa ir à polícia e tem de tomar um coquetel de remédios.

— Ela pode estar de forma ilegal no país. Pelo português que ela fala, imagino que seja brasileira. Não quero arrumar problemas pra ela.

— Você tem razão. Ela não parece alguém que veio passar as férias aqui — murmurou pensativa. Eu conseguia ver pela expressão angustiada em sua face que Helena estava ponderando a melhor opção para aquela situação. — Tudo bem, eu vou te ajudar. Mas só até descobrir o que aconteceu com ela — concordou finalmente.

— Eu aceito.

Saí dali e fui para a cozinha preparar o nosso café da manhã. Fiquei entretido na cozinha enquanto Helena cuidava da garota.

— Você tinha razão sobre o estupro. Vou sair para comprar alguns remédios e já volto — comentou Helena me surpreendendo.

— Puta que pariu! Esperava que estivesse errado. Como vai conseguir os remédios? — perguntei preocupado. Embora ela fosse médica, formara-se no Brasil, seu diploma não valia nos Estados Unidos, e ela não fizera nada a respeito disso ainda.

— Tenho uma amiga que trabalha no hospital aqui perto. Vou até lá explicar a situação e pedir uma receita.

— Por favor, seja cautelosa. Se a imprensa descobrir isso, estou ferrado.

— Claro. A médica é minha amiga, pode ficar tranquilo.

Não acompanhei o que aconteceu depois que ela voltou com os remédios. Era difícil olhar para uma garota tão nova e toda machucada daquele jeito. Permaneci longe o máximo que consegui, alimentei-a, mas, quando Helena precisou ir embora e ficamos sozinhos, tive de acalmar a garota, senão ela sairia correndo do apartamento.

— Não se preocupe comigo, não vou machucar você — pronunciei devagar e bem longe dela para não a assustar.

Pandora não respondeu, só se afastou de mim e voltou para a cama. Eu não sabia quem a machucara daquele jeito, mas tinha certeza de que, se pegasse o desgraçado, arrebentaria a cara dele.

Deitei-me no sofá para descansar um pouco, mas acabei dormindo, cansado depois de uma noite em claro. Ainda bem que eu estava acostumado a ficar noites sem dormir, mas, de qualquer forma, o sono me pegou de jeito, e dormi algumas horas seguidas. Acordei ao ouvir um barulho na cozinha e me levantei assustado.

— Desculpe te acordar. Eu estava com fome e vim procurar algo para comer. Por favor, me desculpe! Por favor! — implorou a menina se encolhendo de medo.

— Não precisa pedir desculpas, pode comer o que quiser — disse deixando o cômodo e indo ao banheiro tomar um banho. Talvez, se eu demonstrasse que não me importava com nada, ela acabaria entendendo que eu não era uma ameaça e não teria mais medo de mim. Ao julgar pelo tanto que seu corpo tremia quando eu estava perto, isso seria bem difícil.

Ao terminar o banho, saí para colocar minhas roupas. Estava acostumado a me vestir perto do meu closet improvisado, mas percebi que, enquanto ela estivesse ali, eu precisaria de um pouco mais de privacidade para isso.

Quando retornei à cozinha, Pandora estava sentada no banco em frente ao

balcão, com o olhar perdido. Assim que percebeu a minha presença, mexeu-se no assento, desconfortável.

— Não vou machucar você, mas entendo que esteja desconfortável com a minha presença. Se pudesse, deixaria você com a Helena, mas o apartamento dela é lotado de gente o tempo todo, um entra e saia que deixaria você com o pescoço doendo para acompanhar. Ainda precisamos conversar sobre o que aconteceu com você para eu tentar te ajudar.

— Não quero falar sobre o que aconteceu — resmungou de cabeça baixa.

— Entendo e vou esperar até que esteja pronta. Antes disso, posso fazer algumas perguntas para saber como posso te ajudar? — perguntei, mas não obtive nenhuma resposta. Decidi arriscar mesmo assim e comecei a fazer os questionamentos que eu queria.

— Você veio para os Estados Unidos e para Nova Iorque porque quis?

— Não.

— Sua família está procurando por você?

— Não.

— Você tem passaporte e visto?

— Visto com certeza não. O passaporte deve ter sido falsificado e não está comigo.

— Como chegou até aqui?

— Avião, navio e uma van. Descemos do navio em Miami e viemos de van para cá.

— Você não tem nenhum documento com você?

— Tinha, mas ficou na casa onde eu estava sendo mantida presa antes de me levarem ao... antro do qual fugi — explicou voltando a chorar. Ainda não tinha ideia de tudo que tinham feito àquela garota, mas faria de tudo para descobrir.

— Qual é o seu nome completo? E onde e quando você nasceu?

— Pandora Linhares, e nasci no dia 14 de julho de 1999 em São Paulo.

— Tudo bem, vou ver o que consigo fazer — resmunguei me afastando dela.

Liguei para meu advogado, passei-lhe os dados que tinha e pedi que providenciasse documentos provisórios para ela e uma licença para permanecer nos Estados Unidos como turista. Ele disse que eu precisaria ter paciência, pois o processo todo iria demorar, e ela corria o risco de ser deportada a qualquer momento, isso se ele conseguisse achá-la no sistema da embaixada brasileira.

À noite, pedi pizza, e comemos separados, ela na minha cama, e eu no sofá. Não importava o que eu fazia, ela nunca se aproximava de mim.

Helena trouxe uma mala de roupas no dia seguinte, e as duas ficaram horas conversando. Aproveitei que ela tinha companhia para sair um pouco. Fui até uma delegacia e conversei com um dos delegados que eu conhecia desde criança. Ele era amigo do meu pai e se lembrou de mim assim que apareci na sua frente. Contei-lhe o que sabia, e ele me explicou que os Estados Unidos eram o destino principal dos mercenários que sequestravam mulheres e as vendiam no mercado negro. No fim, ele prometeu investigar e ainda confirmou que a garota seria deportada imediatamente se fosse entregue à polícia. Pedi-lhe sigilo e disse que iria cuidar de Pandora até saber o que ela queria fazer. Ao que parecia, ela não tinha uma família esperando por ela no Brasil, o que impediu que eu deixasse que fosse deportada.

Conforme os dias passavam, ela parou de tremer toda vez que se aproximava de mim. Aos poucos as marcas no seu rosto foram mudando de cor e algumas desapareceram. Passei a sair do apartamento somente quando Helena aparecia. Visitei a minha avó na quarta-feira como fazia sempre, mas pela primeira vez não cochilei no sofá, fui embora logo depois da sobremesa e não lhe contei nada sobre a garota que estava morando comigo.

Visitei Jack somente duas vezes e não saí com Rick em nenhuma delas. Meus amigos estavam desconfiados, mas eu não podia lhes contar nada

ainda. Faltava pouco para eu conseguir os documentos de Pandora e enfim mandá-la de volta para casa sem que precisasse ser deportada. Devia ter algum lugar no Brasil em que ela pudesse ficar, e, quando isso acontecesse, eu ficaria mais confiante para contar o que acontecera aos meus companheiros de banda.

Aprendemos a morar juntos. Aos poucos Pandora ficava mais à vontade com a minha presença, mas ainda assim quase não conversávamos. Eu preparava as nossas refeições e a ensinei a usar a lava-louças. Passei a sair de casa mais vezes e a deixar mais à vontade.

Sabia que ela chorava todas as noites antes de dormir, pois escutava seus soluços quando me deitava no sofá para dormir. Porém, não sabia o que fazer para ajudá-la. Poderia ir perguntar se ela precisava de ajuda, mas duvidava que ela quisesse se abrir comigo. Estávamos havia quase duas semanas juntos, e ela só falava o necessário. Eu não sabia o que fazer para mudar isso. Nem Helena teve muito progresso. A garota se fechava numa concha toda vez que ela perguntava sobre a noite em que eu a encontrara atrás da lixeira.

Um dia de cada vez

PANDORA

Olhos fechados enquanto você passava
Dois corações em uma rua fria
Olhando para trás ao mesmo tempo
Eu sinto seu calor, você sentiu o meu?
Eu tenho o desejo, mas não posso falar

With you - Tyler Shaw

Pensei em fugir na primeira noite em que dormi sozinha com Bob. Cheguei a caminhar até a porta, mas desisti. Para onde eu iria? O que faria quando estivesse sozinha lá fora? Ali pelo menos eu tinha Helena para me ajudar, e isso era motivo suficiente para eu não sair correndo sem destino. O grande problema era o Bob. Eu não conseguia confiar nele, mesmo com o ruivo não demonstrando que queria me machucar. Eu tinha sido muito enganada e machucada por homens para conseguir confiar em um novamente.

Entretanto, contrariando todas as minhas expectativas, ele foi se mostrando um amigo no decorrer dos dias, preparava nossas refeições, durante às quais comíamos em silêncio na maioria das vezes. Só conversávamos quando Helena estava presente. Com ela, eu me sentia segura e conseguia trocar uma ou duas palavras com ele.

Ainda não sabia o que ele fazia para ter um apartamento daquele tamanho e tanta comida na geladeira. Nunca havia comido tão bem na vida. Eu não o via sair para trabalhar um único dia. Saía algumas vezes do apartamento, mas logo voltava. Pensei em perguntar para Helena, mas fazia dois dias que ela não vinha me visitar. Por isso decidi fazer a pergunta para ele durante o jantar.

— Qual é o seu trabalho? — indaguei depois de engolir mais um pedaço de pizza de pepperoni. Bob me olhou surpreso, arregalou os olhos verdes e largou seu pedaço de pizza na mesa.

— Você não sabe ainda? — questionou depois de engolir em seco, nervoso.

— Não, Helena não me disse nada — respondi preocupada. *O que esse cara faz afinal?*

— Sou músico, toco baixo. Você deve ter visto meus instrumentos na parede do apartamento.

— Eu vi, mas pensei que eram enfeite — respondi me virando para olhar as guitarras, os baixos e os violões pendurados.

— Eles fazem parte da decoração também, mas toco cada um deles quando estou com vontade — respondeu sorrindo, voltando a comer sua pizza.

— Você tem uma banda ou canta sozinho? — questionei curiosa.

— Para quem trocou somente duas frases completas comigo até agora, você está falando bastante esta noite.

— Desculpe, não precisa responder se não quiser — falei envergonhada.

— Não tem problema, posso responder. Tenho uma banda com o marido da Helena e outros caras que você ainda não conhece.

— Como se chama a sua banda?

— The Dangers — respondeu devagar, esperando que eu a reconhecesse.

— Desculpe, mas não conheço. Vocês são famosos?

— Um pouco — respondeu sorrindo.

— Nunca tive tempo para ouvir músicas, e as poucas que ouvia, eram funk. Por isso não conheço nada além disso — respondi me levantando para

olhar os instrumentos musicais.

— Nunca ouviu uma banda de rock tocar? — perguntou surpreso.

— Não — respondi passando meus dedos pela corda do baixo.

— Inacreditável. Onde você se escondeu esse tempo todo?

— Na minha casa — respondi sem graça.

— Deve ser um lugar bem pitoresco, para você não conhecer uma banda de rock sequer.

— Sim, era um lugar único — respondi com nostalgia. Apesar das péssimas condições de vida, aquele era o único lugar que eu conhecia.

— Posso tocar pra você se quiser — ofereceu pegando uma guitarra e se sentando numa banqueta ao meu lado.

— Podemos deixar para outra hora? Estou cansada e acho que vou dormir — respondi com sinceridade. Desde que eu passara a tomar aqueles remédios, estava sempre indisposta e chegara a vomitar algumas vezes. Ficara preocupada e contara para Helena, mas ela garantira que eram efeitos colaterais dos remédios, por isso eu não via a hora de parar de tomá-los.

Ainda bem que Bob pareceu entender e apenas assentiu concordando quando o deixei sozinho e caminhei até a cama. Eu já estava mais confortável com ele, por isso me deitei com a mesma roupa que estava usando. Helena me dera vários pijamas novinhos, mas eu nunca usara uma roupa daquela para dormir e não iria começar então. Ergui a coberta e entrei debaixo dela. Quando estava longe dos olhos do Bob, tirei o short e fiquei só de blusa e calcinha. Dormia todas as noites assim e, até o momento, nunca tivera problemas. Aos poucos eu estava dando votos de confiança a ele.

Acordei com os acordes de um violão. Sabia que era um porque Bob estava tocando quase ao lado da cama. Ele nunca tinha tocado em minha presença, e eu não sabia por que resolvera começar. O problema era que eu sempre acordava antes dele e não tinha problema nenhum em correr só de calcinha e blusa curta, que não cobria nada, até o banheiro. Daquela vez eu

não conseguiria, e, para o meu azar, meu short caíra a alguns centímetros da cama. Seria impossível pegá-lo sem me levantar.

Sem qualquer alternativa, esperei ele sair do apartamento para conseguir me levantar sossegada.

— O café já está pronto — avisou Bob colocando seu violão de volta na parede.

— Não estou com fome — respondi inventando uma desculpa para não me levantar.

— Você está doente? Se quiser, posso chamar Helena para te examinar — questionou preocupado.

— Não, estou bem, só quero ficar mais um pouco na cama — falei sem olhar para ele. Eu não sabia mentir, e, se ele olhasse nos meus olhos, logo perceberia que eu estava mentindo.

Ainda bem que ele não questionou meu argumento e logo voltou à cozinha. Esperei que ele saísse, mas os minutos passaram, e nada. Fiquei com ainda mais vontade de ir ao banheiro, mas segurei o máximo que podia até que não aguentei mais e deslizei por debaixo das cobertas, curvando a parte superior do corpo para fora da cama a fim de pegar o short.

— É isso que você estava procurando? — perguntou Bob parado à minha frente segurando a peça de roupa.

— Sim — respondi mais vermelha do que um tomate.

Ele jogou o short para mim e voltou para a cozinha rindo. Eu poderia continuar ali me escondendo dele, mas precisava fazer xixi, por isso aproveitei que ele estava de costas para vestir a peça o mais rápido que consegui e corri até o banheiro.

Quando voltei, ainda estava com vergonha de ficar perto dele, mas minha barriga estava roncando, e eu não conseguiria voltar para a cama depois de sentir o aroma gostoso das suas panquecas.

Caminhei devagar até a cozinha e me sentei de frente para um prato generoso de panquecas, morangos, uma frutinha roxa que eu passara a gostar sem nem saber o nome e uma deliciosa calda que ele chamava de xarope de bordo.

— Bom dia! — exclamei pegando o garfo ao meu lado e partindo um pedaço daquela iguaria.

— Bom dia! — respondeu com um sorriso, na certa pensando no que acontecera havia pouco tempo.

Resolvi ignorar seu sorriso e voltei a olhar somente para meu prato. Eu não sabia que comida podia ser algo tão bom assim, por essa razão estava tão encantada com o sabor doce das panquecas.

— Não precisa ficar com vergonha. Estamos há algum tempo vivendo juntos, e quero que confie em mim.

— Obrigada por me ajudar, mas não peça que eu confie em um homem novamente — pedi, parando de comer.

— Os homens não são todos iguais. Sei que as pessoas costumam dizer isso, mas não é verdade. Não sou nada parecido com o monstro que machucou você naquela noite — falou ofendido.

— Eu sei que não, mas ainda assim é muito difícil pra mim confiar.

— Entendo, mas saiba que estou aqui para cuidar de você e nunca vou mexer num fio de cabelo seu.

— Obrigada. Acho que nunca poderei pagar o que fez por mim. Mas saiba que tenho uma dívida eterna com você e Helena.

— Não se preocupe com isso, não ajudamos querendo algo em troca.

— Sei disso e agradeço muito a vocês dois.

— Você pretende voltar ao Brasil quando terminar de tomar os remédios? — perguntou curioso.

— Não sei. Não tenho dinheiro, não tenho documentos e não acho que minha família vai me querer de volta.

— Helena me contou que você já tem 18 anos. Pode cuidar da sua vida sozinha. Se não quiser voltar, pode ficar aqui.

— Aqui com você? — inquiri surpresa.

— Bom, pode ficar aqui por quanto tempo precisar, mas podemos arrumar um emprego pra você e um lugar legal pra morar.

— Não vou conseguir emprego aqui, nem falo inglês — resmunguei desanimada.

— Eu posso te ensinar — falou com se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Sério? Você faria isso por mim?

— Claro.

— Acho que não vai ajudar muito. Ainda vou precisar de documentos e visto para permanecer no país, e não sei se seria uma boa ideia. Preciso pensar.

— Pense o quanto quiser. Não vou sair daqui mesmo — respondeu, voltando a beber seu café.

Eu sabia que a ideia do Bob era minha melhor opção. Cheguei a conversar com Helena a respeito, e ela concordava com ele. Porém, eu ainda tinha tantas dúvidas. Não queria continuar morando tão perto daquelas pessoas que me tinham feito tão mal. Ainda chorava todas as noites. Provavelmente nunca esqueceria tudo pelo qual passara.

Os dias passavam, e eu tinha cada vez menos certeza do que faria com a minha vida. Eu não era inteligente como Helena e não viera de uma família estruturada como a dela, por isso era tão difícil acreditar que poderia sobreviver e mudar minha vida sozinha depois de tudo que haviam tirado de mim.

Eu tenho companhia

BOB

Se eu deitasse aqui, se eu apenas deitasse aqui
Você deitaria comigo
E esqueceria do mundo?

***Chasing cars* - Snow Patrol**

Acordei surpreendido pela Pandora parada à minha frente. Pisquei para ver se estava sonhando. Até então, ela nunca tinha se aproximado daquele jeito de mim, por isso duvidei que aquilo realmente estivesse acontecendo.

— Eu quero aprender inglês — disse baixinho, envergonhada.

— Você quer que *eu* ensine inglês a você?

— Quero — respondeu sem hesitar.

— Tudo bem. Eu preciso acordar primeiro, tomar um banho, depois um café da manhã, então começamos — informei, sentando-me no sofá. Ainda estava só de cueca, por isso me cobri com o lençol, pois sabia que a garota tinha trauma de homens. Eu evitava ficar sem roupa na frente dela, mas tinha chegado tarde na noite anterior, depois de sair com Rick, e só queria dormir. Nem me lembrava de onde estavam minhas roupas.

— Vou fazer ovos e torradas, assim você fica à vontade para se levantar — avisou olhando para as minhas mãos segurando os lençóis.

— Ok — disse antes de ela sair da minha frente e caminhar apressada até a cozinha.

Quando Pandora ainda estava de costas, corri para o banheiro e tomei um banho rápido. Voltei para pegar roupas limpas e me troquei no banheiro; já

estava me acostumando a esse ritual. Assim que apareci na cozinha, senti o cheiro gostoso de café, e um prato com ovos e torradas estava no balcão me esperando.

— Você sabe cozinhar? — perguntei enquanto me sentava no banco e experimentava os ovos.

— Sei, mas não as comidas chiques que você faz, algo simples. Eu costumava cuidar dos meus irmãos menores.

— Sente falta deles?

— Um pouco — respondeu chateada. Ela não gostava de falar da família. Por isso decidi mudar de assunto.

— Os ovos estão uma delícia — comentei comendo uma porção generosa.

— Obrigada — respondeu sem graça, corando. Eu não sabia que alguém podia ficar tão envergonhado com um simples elogio.

— Quer dizer que resolveu aprender inglês? — indaguei mudando de assunto novamente. Estava ficando bom nisso.

— Sim, quer dizer, vou tentar. Não sei se vou conseguir aprender.

— Claro que vai. Aos poucos você estará conversando em inglês com qualquer pessoa.

— Onde aprendeu a falar português? — perguntou curiosa.

— Minha avó é portuguesa e aprendi com ela, depois conheci os caras da banda. Jack e Jonas falam português do Brasil como você, e acabei aprendendo a diferença, mas ainda tenho sotaque de Portugal como minha avó.

— Entendi. Como pretende me ensinar?

— Não sou professor e nunca ensinei ninguém, por isso vai precisar ter paciência comigo.

— Eu aceito qualquer coisa — respondeu dando de ombros.

— Espere um pouco, tive uma ideia. Posso te ensinar como minha avó me ensinou a falar português. Quando fui morar com ela, passamos tardes inteiras cozinhando juntos, e foi assim que aprendi a cozinhar e falar português.

— Sua avó te ensinou português enquanto cozinhava?

— Sim — respondi animado, lembrando as tardes maravilhosas que passara ao lado da minha avó.

— Não acho que seja uma boa ideia. Não sei cozinhar as comidas diferentes que você faz e ainda vou ter que aprender inglês durante o processo. Acho que não dou conta.

— Pare de duvidar de si mesma e tente. Se não der certo, paramos, e eu posso contratar um professor pra você.

— Não quero que gaste ainda mais dinheiro comigo. Assim que conseguir um emprego, eu saio da sua casa.

— Você sempre reclama de tudo assim?

— Às vezes — respondeu sem olhar para mim. Aquela garota era um enigma. Eu não conseguia entender por que ela não aproveitava o momento e parava de se perguntar o porquê de tudo.

— *Sometimes* — repeti levantando seu queixo para que ela olhasse para mim.

— O quê?

— *Sometimes* é "às vezes" em inglês. Isso quer dizer que já começamos a sua aula. Esteja atenta e olhe pra mim, principalmente para os meus lábios, assim fica mais fácil repetir as palavras.

— Ok — respondeu sem tirar os olhos dos meus.

— Muito bem, acho que está pegando o jeito. Vamos começar com uma

receita simples. O que acha de aprender a fazer cookies?

— Cookies?

— Sim, cookies — afirmei sorrindo, pois a pronúncia foi perfeita. Ela estava sendo modesta. Logo, logo estaria falando inglês como se tivesse morado ali a vida toda.

— Por que escolheu fazer cookies?

— Porque eram os biscoitos favoritos da minha mãe e foi a primeira coisa que minha avó me ensinou a fazer. Eu estava desanimado e triste o tempo todo logo depois que fui morar com ela e passei a evitar sair de casa. Minha avó ficou preocupada com o meu comportamento estranho e passou a me arrastar com ela para a cozinha. No começo eu só ficava olhando enquanto ela cozinhava e conversava em português comigo. Depois de um tempo, comecei a entender o que ela falava e fiquei interessado em aprender, até que, enfim, me mostrou a receita dos cookies. A partir desse dia, minha vida mudou. Comecei a passar horas com a minha vó na cozinha e depois ainda tinha pique para brincar com meus amigos. Quando entrei na adolescência, larguei um pouco a cozinha e passei a me dedicar à música. Ganhei meu primeiro violão, e um professor aposentado vizinho da minha avó começou a me ensinar. Assim que dominei o violão, fui para o piano, o violino e depois larguei os clássicos e conheci o metal, primeiro a guitarra. Adorava o som que saía das cordas quando eu tocava. Porém, ainda faltava alguma coisa, algo novo e diferente. Só me senti em casa quando toquei um baixo pela primeira vez, então soube que esse era o meu instrumento.

— Interessante. Nunca ouvi ninguém falando de modo tão animado — murmurou pensativa.

— Não se preocupe. Quando encontrar algo que goste, você vai saber.

— Nunca pensei assim, não me preocupei se ia gostar ou não das coisas. Isso jamais foi importante, quando eu lutava para ter o que comer em casa.

— Entendo que sua vida tenha sido difícil. Não consigo nem imaginar o que teve que passar para chegar até aqui, mas você precisa esquecer o

passado e viver o presente, ter sonhos.

— Estou tentando — respondeu com os olhos marejados. Estava na hora de mudar de assunto novamente, a conversa estava ficando pesada, e eu não queria deixá-la chateada.

— Vamos fazer os cookies — anunciei pegando todos os ingredientes e os colocando em cima do balcão, em seguida fui falando o nome de cada um deles devagar e esperando que ela os repetisse depois de mim. Alguns foram mais fáceis, como *sugar* e *chocolate*, porém, em outros, como *butter* e *teaspoon*, ela teve mais dificuldade.

Conforme eu misturava os ingredientes, foi ficando mais fácil para ela me entender, e começamos a trabalhar juntos como uma equipe. Não falei em português em nenhum momento. Foi divertido ver seus olhos castanhos confusos, mas a garota era esperta, e, com gestos, conseguimos terminar a receita. Eu sabia que era longo o caminho que tínhamos pela frente, mas estava gostando de ter companhia. Sempre gostara de ficar em casa sozinho. No entanto, não estava nem um pouco incomodado com a companhia da Pandora. Os cookies ficaram saborosos e suculentos. Comemos quase todos assim que saíram do forno.

Passamos a assistir a alguns filmes juntos, sem legenda, é claro. No começo, ela não entendia nada e ficava irritada, mas aos poucos uma ou outra palavra passava a fazer sentido para ela. Helena também ajudou muito nesse processo. As duas começaram a sair algumas tardes para fazer compras, e, quando voltavam, Pandora estava mais animada. Ela não costumava voltar com sacolas de compras, no máximo duas. Eu tinha certeza de que ela não aceitava mais do que isso da Helena.

Mesmo saindo do apartamento algumas vezes, Pandora ainda não conseguia deixar o passado para trás. Eu não sabia se algum dia deixaria. A garota tinha um complexo de inferioridade que me deixava incomodado. Não era a garota mais bonita que eu já tinha visto na vida, mas tinha seus encantos, então não deveria se sentir a pior de todas. Era fácil falar, mas impossível fazê-la entender isso. Eu ficava irritado e confuso sempre que tentava e tinha a impressão de que toda aquela síndrome do patinho feio não

era resultado apenas daquela noite. O que ela sofrera fora o estopim, mas aquilo sempre estivera presente na sua vida.

— Um doce por seus pensamentos — disse Pandora jogando uma pipoca em cima de mim enquanto estávamos assistindo a um desenho animado idiota, mas que ela adorava.

— Não foi nada, só estava distraído — respondi, comendo a pipoca.

— Distraído com o quê? — questionou arqueando as sobrancelhas.

— Quer saber mesmo?

— Sim, quero — respondeu cruzando as pernas no sofá.

— Queria saber por que você se chama Pandora.

— Sério? Não acredito que estava tão concentrado pensando nisso — argumentou confusa e tinha toda razão. No entanto, eu jamais iria confirmar suas suspeitas. Na verdade, eu também estava curioso para saber por que sua mãe escolhera um nome tão diferente para ela.

— Pode acreditar. Eu realmente quero saber.

— Não tem nada de especial. Minha mãe dizia que Pandora foi a pior desgraça da humanidade, por isso escolheu esse nome para mim — respondeu sem coragem de olhar nos meus olhos enquanto comia o resto da pipoca. Tentou disfarçar o quanto estava magoada com essa afirmação, mas consegui perceber todo o ressentimento por trás das suas palavras. Engoli em seco e respirei fundo antes de perguntar:

— Você conhece a história da caixa de Pandora?

— Não.

— Nunca contaram pra você?

— Não.

— Engraçado, você se chamar Pandora e não saber a história completa do

seu nome.

— Eu sabia que era ruim, por isso nunca me preocupei em saber toda a história.

— Quem disse que é ruim? Não acho que seja. Bem, se quiser, posso contar, e você decide se é uma história ruim ou não.

— Conte, então — desafiou-me.

— Está pronta? — questionei me arrumando no sofá para ficar de frente para ela.

— Estou — respondeu me fitando com olhos curiosos.

— Para castigar os homens, Zeus, o deus supremo, ordenou que o deus dos artesãos e da metalurgia, Hefesto, fizesse uma mulher parecida com as deusas. Ele escolheu uma estátua linda, e a deusa Atena lhe deu o sopro de vida, a deusa Afrodite lhe deu beleza, o deus Apolo lhe deu uma voz suave e Hermes lhe deu persuasão. Assim, a mulher recebeu o nome de Pandora, aquela que tem todos os dons.

— Nunca ouvi isso de deuses antes — comentou interessada.

— Posso continuar?

— Claro, continue.

— Então, Pandora foi enviada para Epimeteu, que já tinha sido alertado por seu irmão a não aceitar nada dos deuses. No entanto, ele, por "ver sempre depois", agiu de forma precipitada e ficou encantado com a bela Pandora. Ela chegou trazendo uma caixa. Não era necessariamente uma caixa, mas um jarro fechado, um presente de casamento de Zeus. Epimeteu pediu para Pandora não abrir a caixa, mas, tomada pela curiosidade, ela não resistiu. Ao abri-la na frente de seu marido, Pandora liberou todos os males que até hoje afligem a humanidade, como os desentendimentos, as guerras e as doenças.

— Falei que era ruim! — exclamou chateada, interrompendo-me novamente.

— Ainda não terminei

— Será que precisa? — questionou desanimada.

— Sim, o final é a minha parte favorita.

— Se faz questão, continue — respondeu irritada, segurando as pernas, encostada ao sofá.

— Quando Pandora viu o que havia feito, rapidamente fechou a caixa, deixando apenas uma coisa dentro. Então escutou uma voz chamando-a da caixa, suplicando que fosse solta. Epimeteu concordou que nada que estivesse dentro da caixa poderia ser pior do que os horrores que já haviam sido liberados, então eles a abriram mais uma vez. Tudo o que restava na caixa era a esperança, que voou da caixa, tocando as feridas criadas pelos males e as curando. Embora Pandora tenha liberado dor e sofrimento no mundo, ela também permitiu que a esperança surgisse na humanidade.

— Você acha isso bom? — questionou incrédula.

— Esse mito tem muitas versões, e em uma delas Pandora não teria aberto novamente a caixa, por isso a esperança permanece até hoje guardada, mas eu prefiro essa versão que acabei de contar a você.

— Por quê?

— Porque ela nos deu esperança. Não saberíamos viver sem ela. Tudo depende da esperança. Ela nos deu a chance de sonhar com um futuro melhor, com uma oportunidade de recomeçar. Mesmo depois de descobrir o pior da humanidade, ainda conseguimos sonhar.

— Talvez você tenha razão — resmungou ao sair do sofá e se deitar na minha cama. Eu não sabia se havia conseguido fazê-la entender que dias melhores viriam, mas pelo menos ela enfim conhecia a história verdadeira por trás do seu nome.

Uma viagem, grandes descobertas

PANDORA

Se estou sonhando
Não quero rir (fere meus sentimentos)
Mas esse é o caminho (eu acredito)
E eu sei que o tempo irá curar isso
Se você não percebeu isto, bem... você significa tudo

Better in time - Leona Lewis

— Não acho que seja uma boa ideia — resmunguei preocupada, levantando-me do sofá e olhando pela janela.

— Claro que é — afirmou Helena irritada. Estávamos sozinhas no apartamento do Bob, e, desde que ela chegara, tentava me convencer a ser assistente da Giovanna, funcionária da banda, e seguir em turnê.

— Bob sabe disso? — questionei arqueando as sobrancelhas.

— Sabe e concorda. Na verdade, todos já concordam, e você precisa concordar também.

— Não tenho documentos, não tenho dinheiro, nem roupas e não sei falar inglês. Como posso ajudar assim?

— O advogado conseguiu documentos provisórios na embaixada brasileira para você permanecer no país por enquanto e poder sair dele e voltar, além disso, começamos um processo para você conseguir um *green card*. Se não tem dinheiro, precisa trabalhar para conseguir. Podemos comprar algumas roupas hoje, e você está aprendendo a falar inglês. Garanto que em uma viagem com todos falando inglês ao seu lado vai aprender mais rápido ainda.

— Entendo tudo que acabou de dizer, mas acho que não vou conseguir. Não tenho faculdade como você, estudei até o ensino médio e não me sinto capaz de ajudar ninguém.

— Tudo isso são desculpas esfarrapadas. Sei que sua vida foi difícil e que tudo o que aconteceu com você só piorou ainda mais. No entanto, precisa tomar as rédeas da sua vida. Não ache que minha vida foi sempre um mar de rosas. Tive que lutar para conseguir tudo que tenho. Fiquei grávida no primeiro ano de faculdade de medicina e tive que estudar com um filho pequeno nos braços. Não pense que foi fácil, mas nunca desisti — falou se levantando para ficar à minha frente.

Eu não sabia nada sobre os problemas da Helena, mas não achava que fossem parecidos com os meus. Porém, quem era eu para julgá-la? Alguns obstáculos são maiores do que os outros, mas quem pode dizer qual é o pior?

— Vou pensar. É só o que posso dizer agora — anunciei sem tirar os olhos dela.

— Tudo bem, eu entendo e vou esperar sua resposta. Será que podemos ir agora? — perguntou pegando sua bolsa no sofá.

— Para onde? — indaguei confusa.

— Vamos dar um passeio para pensar — explicou já na porta do apartamento.

— Posso sair assim? — perguntei apontando para a calça jeans e a camiseta simples que eu estava usando.

— Claro que pode, você está perfeita para o que vamos fazer — disse colocando os óculos de sol e seguindo para as escadas.

Quando saímos do prédio, um carro já nos aguardava. O motorista abriu a porta, e entramos.

— Desculpe a demora, Carlos — disse Helena para o motorista.

— Não se preocupe, meu trabalho é esse — resmungou o homem forte,

que mais parecia um segurança a um motorista. Nunca saíramos de carro antes, e eu não fazia ideia de para onde estávamos indo.

Não precisei esperar muito para descobrir. Paramos em frente a um SPA, e Helena desceu sorrindo. Ela parecia ir ali muitas vezes, pois todos a conheciam muito bem.

Tivemos uma manhã de massagens e banhos aromáticos. A surpresa ficou para o final. Seguimos para arrumar os cabelos. Eu não sabia o que ela faria, já que seu cabelo era lindo. No entanto, nós nos sentamos lado a lado nas poltronas confortáveis enquanto os cabelereiros mexiam nos nossos cabelos. Não escolhi nada, deixei que o jovem simpático trabalhasse à vontade. E, quando ele terminou, fiquei confusa e surpresa ante a garota que me olhava no espelho.

Meus cabelos sempre tinham sido castanho-escuros e muito enrolados, sem corte nenhum, e a garota que eu estava observando no espelho não se parecia em nada comigo. O cabeleireiro cortara meu cabelo, fizera luzes e passara alguma coisa para deixar os cachos mais definidos. Minha pele estava brilhando como se eu estivesse feliz. A maquiagem leve devia ter ajudado a disfarçar as olheiras e a aparência cansada que eu sempre tinha.

— Obrigada — disse emocionada. Uma lágrima escorreu no meu rosto, só que não era de tristeza. Eu ainda não conseguia explicar por que tinha ido do inferno ao céu em tão pouco tempo. Não sabia por que minha mãe e meu padrasto, que deveriam me amar e proteger, sempre me haviam tratado mal, e Helena e Bob, que não me conheciam, não deveriam se preocupar comigo, estavam fazendo tanto por mim sem querer nada em troca. Eu nunca tinha pensado que pessoas assim existissem, muito menos ricas. Os ricos que eu conhecia eram esnobes e não se preocupavam com uma garota simples e pobre como eu.

— Você merece isso e muito mais — Helena cochichou no meu ouvido enquanto me abraçava. Eu jamais recebera um abraço assim na vida. Era verdadeiro, eu podia sentir, e nem sabia como retribuí-lo. — Espero que essa lágrima não seja de tristeza.

— Não é — falei a limpando rápido, antes que borrasse toda a

maquiagem.

— Você é linda, garota, só precisava de uns retoques. Já pensou em ser modelo? — perguntou o cabelereiro. Helena traduziu suas palavras.

— Não — respondi na mesma hora. Não conseguia sequer ouvir sobre o sonho estúpido que eu tivera. Tinha sido por causa dele que eu não fugira daquela casa na favela no Rio. Eu tinha esperanças de poder ter uma vida melhor. Como eu tinha sido burra...

— Vamos, precisamos ir. Já estamos atrasadas para o nosso compromisso — comentou Helena, provavelmente percebendo que minha expressão mudara por causa da pergunta do cabelereiro. Ela conhecia trechos da minha história e sabia que eu tinha vindo para os Estados Unidos querendo ser modelo e que dera tudo errado. Talvez eu nunca contasse o que realmente acontecera comigo. Tinha vergonha. Provavelmente ela percebeu minha angústia e me ajudou naquele momento.

Achei que ela estava mentindo sobre o compromisso, mas não estava. Entramos numa loja muito elegante em uma das ruas movimentadas da cidade. Eu conhecia muito pouco de Nova Iorque. Saíra poucas vezes desde que estava morando com Bob e tinha um medo gigantesco de ser descoberta pelas pessoas que me haviam feito mal. No entanto, nas poucas vezes em que saíra do apartamento, ficara encantada com os prédios altos, as ruas movimentadas, as pessoas de todos os tipos – todos os tipos mesmo! – caminhando, as luzes que nunca se apagavam. Tudo era motivo para eu ficar olhando assombrada. Era como sair sozinha pela primeira vez e descobrir um mundo gigante lá fora esperando por mim.

— Pandora, essa é a Julia, e ela vai te ajudar a escolher algumas roupas — falou Helena, despertando-me do devaneio.

— Não preciso de roupas — falei sem jeito, não querendo ser mal-agradecida, mas não tinha nenhum centavo no bolso. Como pagaria por aquilo?

— É um presente, não se preocupe com nada — murmurou no meu ouvido ao perceber que eu estava parada no meio do lugar, apreensiva.

— Não posso aceitar.

— Por favor, eu insisto — pediu segurando minha mão com carinho.

— O que acha de experimentar as roupas que eu separei para você? — inquiriu a vendedora, interrompendo-nos e me deixando sem saída. Eu não podia ficar imóvel no meio de uma loja tão chique como aquela. Poderia sair e voltar para o carro, mas, pelos olhos apreensivos da Helena, eu a deixaria magoada se fizesse isso, e era a última coisa que eu queria fazer. Ainda não entendia por que ela me ajudava tanto, mas, fosse o que fosse, não podia decepcioná-la.

Não precisei dizer nada, só deixei a vendedora me arrastar para o provador e experimentei roupas seguidas de roupas sem falar que queria alguma apesar de adorar o quanto eram macias e ficavam lindas no meu corpo. A palavra final ficou por conta da Helena, que escolheu levar a maioria delas, além de sapatos, lingeries e bolsas.

— Não acho que preciso de tudo isso — resmunguei enquanto a ajudava a guardar todas as sacolas no porta-malas.

— Claro que vai precisar, mulheres sempre precisam de roupas e assessórios — comentou dando de ombros ao se sentar ao meu lado no carro.

— Nunca vou ter dinheiro para pagar por tudo isso e nem acho que deva gastar seu dinheiro comigo — afirmei chateada.

— Eu penso o contrário, além do mais, o dinheiro não foi meu, e sim do Bob — comentou enquanto o motorista dava partida no seu carro elegante e saía da frente da loja.

— Isso só fica pior. O dinheiro é do Bob? — indaguei preocupada.

— É. Eu disse que você precisava de roupas, e ele fez questão de pagar por elas.

— Não é justo, não posso continuar dando gastos assim para o Bob.

— O que acha de aceitar o emprego?

— Não me sinto capaz — resmunguei chateada.

— Pare de inventar desculpas e aceite logo o trabalho — pediu sem olhar para mim, digitando algo no seu celular.

Dessa vez não consegui negar na mesma hora. Sabia que tinha que fazer algo para pagar todo o gasto que haviam tido comigo. Já tinha me oferecido para limpar o apartamento do Bob, mas ele tinha uma senhora que fazia isso e me olhou indignado quando lhe fiz a proposta. Eu não estava recusando o emprego porque não queria trabalhar, só não me achava competente o suficiente para ocupar a função de ajudante de uma assessora de grupo musical. Sabia o quanto a sua função era importante, e uma garota como eu jamais conseguiria o trabalho a contento e sem atrapalhar todos no processo.

Contudo, Helena tinha tudo planejado para me convencer do contrário, e nossa próxima parada foi no Carmine's Restaurant. Entramos, e um garçom simpático nos levou até uma mesa reservada no canto do restaurante, onde duas mulheres bebiam vinho e conversavam animadas.

— Oi! Até que enfim você chegou — disse a mulher loira, bonita e elegante, com os olhos mais azuis que eu já tinha visto. O interessante foi que ela falou em português, embora com muito sotaque.

— Só me atrasei um pouco, Mia — falou Helena, abraçando a amiga.

— Não se preocupe, acabamos de chegar — alegou a outra mulher, morena, baixinha, de óculos, também em português. Ela era linda, usava roupas elegantes e formais e seu cabelo castanho estava arrumado num coque, o oposto da outra garota, que usava um vestido preto bem colado ao corpo.

— Obrigada por sempre me defender, Giovanna — disse Helena abraçando e dando um beijo na outra amiga.

— Não precisa agradecer — respondeu a mulher me observando.

— Essa é a Pandora — anunciou Helena ao perceber que elas não tiravam os olhos de mim.

— Adorei seu nome — disse animada Mia ao dar um beijo no meu rosto para me cumprimentar.

— Obrigada — agradeci timidamente.

— É um prazer conhecer a minha assistente — disse Giovanna ao me cumprimentar.

— Igualmente. Estou surpresa por vocês falarem a minha língua.

Helena me disse:

— Todos os integrantes da banda, tanto da parte artística quanto da administrativa, exceto os *roadies*, falam português em algum grau, pela convivência comigo, Amanda, que é brasileira, e Bob, neto de portugueses. Você não vai ter tantos problemas de comunicação, mas aprender inglês vai ser essencial pra você, então pratique o quanto puder.

Eu precisava de um emprego e não podia ficar morando de favor no apartamento do Bob para sempre. Talvez minha única chance fosse aceitar o emprego e tentar fazer o melhor possível. A língua era uma barreira, e eu teria de me esforçar muito para conseguir acompanhá-los e fazer o meu trabalho o melhor possível.

— Pandora, comprei um telefone celular para você. Já está habilitado. Será essencial, uma ferramenta de trabalho. Seu número estará entre os contatos públicos da banda, ok? — disse Giovanna me entregando uma caixa com um aparelho celular. Aceitei-o porque seria necessário para que pudesse cumprir minhas obrigações o melhor possível.

Fiquei ao lado delas enquanto conversavam e, por algumas horas, senti-me parte de algo. A amizade com Helena me mostrou que eu podia ter uma amiga, e, a julgar pela conversa descontraída que surgia entre nós, por que não mais de uma?

Um longo caminho

BOB

Todas as coisas que quero dizer
Não estão saindo direito
Estou tropeçando nas palavras,
você deixou minha mente girando
Eu não sei aonde ir a partir daqui.

You and me - Lifehouse

O dia em que a turnê começaria finalmente chegou. Iríamos para o Canadá e, em seguida, para a Austrália e a Nova Zelândia; depois de uma pausa, partiríamos para a América do Sul. Acordei bem cedo e fui me despedir da minha avó. Dois meses sem vê-la não era muita coisa, já ficáramos mais tempo longe um do outro. No entanto, eu não queria perder a oportunidade de abraçá-la mais uma vez antes de ir para o Canadá.

Saí de lá e fui direto para uma reunião com nosso empresário e os outros integrantes da banda. Discutimos alguns detalhes da turnê, recebemos o cronograma dos shows e nos despedimos, ansiosos para a hora do embarque. Voltei para o meu apartamento somente para buscar minhas roupas e Pandora, que enfim tinha aceitado o emprego e estava embarcando com a banda.

— Ei, posso entrar? — perguntei batendo em uma porta imaginária antes de ir até o lugar em que ficava a minha cama.

— Claro — respondeu Pandora um pouco insegura e com certeza bem diferente. Seus cabelos estavam louros nas pontas, seu rosto estava mais suave. Ela usava uma calça preta e uma blusa rasgada que revelava seu sutiã. Até então, eu tinha conseguido ignorar que ela era uma mulher e que estávamos morando juntos havia algum tempo. Porém, vestindo aquelas

roupas, era impossível não perceber o quanto ela era gostosa.

— As malas estão prontas? — questionei para desviar meus pensamentos impuros.

— Sim, estão ali — concordou e apontou para um conjunto de malas no canto.

— Você as arrumou sozinha?

— Não, quer dizer, arrumei, mas Helena e Giovanna me enviaram uma lista de tudo que você iria precisar.

— Obrigado, mas não precisava fazer isso sozinha — disse puxando a bagagem na direção da porta.

— Faz parte do meu trabalho, se esqueceu? — indagou dando de ombros.

— Ah, claro que não. Você está pronta?

— Estou. Acho que podemos ir — anunciou insegura, pegando sua bolsa e a colocando nos ombros. — Vamos de moto? — inquiriu enquanto descíamos os degraus até a garagem.

— Não, seria impossível levar a bagagem — brinquei apontando para as malas.

— Por que estamos na garagem, então?

— O motorista está nos aguardando aqui — respondi me aproximando de um carro preto que aguardava para nos levar ao aeroporto de Newark.

Entramos no banco do passageiro e seguimos cruzando as ruas movimentadas de Nova Iorque até o nosso destino. Quando chegamos, Jack e Helena já estavam sentados na sala VIP, e, assim que nos viu, Helena correu para abraçar Pandora.

— Jack, essa é a Pandora, assistente da Giovanna e minha amiga — anunciou Helena, empolgada para apresentar a amiga ao marido.

— Ei, é um prazer conhecê-la, Pandora — cumprimentou Jack todo gentil.

— É um prazer conhecer você também, Jack — respondeu Pandora apertando a mão que Jack ofereceu a ela.

— Então você é a garota do Bob — ele comentou avaliando Pandora com olhos atentos demais para o meu gosto.

— Não tenho nenhuma garota — respondi irritado com seu comentário e seus olhares maliciosos na direção dela.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou.

Depois das apresentações e do comentário sem cabimento do Jack, decidi ficar o mais afastado possível da Pandora ao perceber o quanto ela ficara nervosa com a afirmação dele.

— Você está ficando com a nova assistente? — perguntou Rick se sentando ao meu lado em uma das poltronas livres na sala.

— Por que a pergunta? — bufei irritado.

— Mia falou que a garota está morando no seu apartamento — explicou como se fosse óbvio.

— Ela mora, mas não estamos ficando se é isso que quer saber — respondi mexendo no meu celular para sinalizar que não estava interessado em uma conversa no momento.

— Impossível você morar com uma mulher e não transar com ela — comentou sarcástico.

— Pode acreditar, meu amigo, eu nunca toquei nela. Somos amigos — disse sem qualquer preocupação.

— Como conseguiu dividir aquele seu apartamento sem nenhuma parede com uma garota e não tocou nela? Você está bem? — questionou incrédulo.

— Claro que estou, só não me interessei por ela como mulher, sei lá.

Acho que ela não faz o meu tipo.

— Aquela garota? — indagou Rick apontando para Pandora, que conversava animada com Mia e Helena.

— Sim — afirmei com convicção.

— Ela é o tipo de qualquer homem. Olha aquelas curvas, aquele cabelo. Já imagino ela gemendo embaixo de mim.

— Ei, espere aí, você não vai tocar nela — ordenei nervoso.

— Por que não?

— Porque ela é assistente da Giovanna e minha amiga. Não quero criar uma situação constrangedora nessa turnê. Além do mais, ela é só uma garota que já sofreu bastante por causa de homens que só querem sexo.

— Você está estranho.

— Estou bem. Só fique longe da Pandora. Se quer uma garota para uma noite, procure uma *groupie* depois do show, porque aquela menina ali não é pra isso.

— Tudo bem, vou ficar longe dela — resmungou, saindo de perto de mim para conversar com Jonas, que estava passando pelas portas de vidro da sala VIP.

— Todos prontos? — questionou nosso empresário.

— Sim — respondi, enquanto os outros só assentiram balançando a cabeça.

Entramos no avião e nos acomodamos. Jack foi o último e estava bem triste por deixar a família em Nova Iorque. Eu não entendia bem o que ele estava sentindo, mas achei melhor não falar nada. Além disso, seriam poucos meses fora, e, quando voltasse, ele poderia ficar grudado na Helena o quanto quisesse.



Nosso primeiro show foi sensacional. Lotamos um estádio de hóquei em Montreal por duas noites seguidas, e toquei com vontade em ambas as apresentações. Quando subi no palco, estava ansioso para tocar. Trabalháramos em algumas músicas quando o Jonas estivera internado e, quando ele saíra do hospital, graváramos tudo num estúdio. Tinham sido dias de trabalho intenso, mas eu havia gostado do resultado. Jonas compusera uma música, enquanto Jack escrevera as outras. Era nosso terceiro álbum em alguns anos de banda. Eu havia gostado do resultado, nossas músicas estavam mais maduras, e o som, cada vez melhor. Todavia, não havia nada como subir num palco, cantar para muitas pessoas ao vivo e testar se o que eu pensava era verdade. A música do Jonas podia ser o *single* do momento e estar havia semanas entre as mais tocadas, mas apenas um show podia revelar o sucesso de um álbum.

E os fãs não decepcionaram, cantaram todas as músicas do álbum novo, *The lost*, e a energia que passaram me deixou arrepiado. Toquei como em poucas vezes na vida, aproveitei o momento e curti. Eu adorava tocar meu baixo. Uma banda de rock não é uma sinfonia perfeita como uma orquestra, rock é um estado de espírito. É o seu melhor e o seu pior; juntos, formam uma sintonia de sons que promete mexer com a sua cabeça. As pessoas não são perfeitas; a música também não deve ser. Porém, é uma bagunça boa *pra caralho*. O peito acelera, as pernas se agitam, os braços se erguem acima da cabeça e o ouvinte se deixa flutuar no ritmo frenético da bateria, no som da guitarra, nos acordes agudos do baixo, no teclado ao fundo e, por fim, na voz cheia de nuances do vocalista. Tudo isso não deixa quem houve parado durante as horas de duração de um show.

Quando as luzes se apagaram e Jack deixou o palco, eu ainda estava ali parado, sem camisa, segurando meu baixo como se minha vida dependesse disso, esperando a adrenalina passar.

— Foi muito bom, cara! — gritou Rick ao passar por mim, eufórico.

— Sim — respondi sem ao menos me virar para segui-lo. Ainda estava esperando a adrenalina acabar. Os *roadies* apareceram logo em seguida para guardar os instrumentos, e consegui me mexer. Coloquei meu baixo no suporte e fui devagar até os bastidores.

Jack, Rick e Jonas estavam dando uma entrevista, enquanto Freddy tirava fotos com alguns fãs. Sua expressão não era das melhores, por isso resolvi ajudá-lo.

— Será que posso tirar uma foto com vocês também? — pedi simpático e recebi vários sorrisos eufóricos e um suspiro aliviado do Freddy. Eu não me importava nem um pouco em tirar fotos, ainda mais ao lado de garotas bonitas. Na maioria das vezes, elas não tiravam apenas fotos, beijavam-me sem ser convidadas a isso, apertavam a minha bunda sem qualquer pudor e deixavam bilhetes com números de telefone no meu bolso. Eu não tinha qualquer problema quanto a isso, então deixei que elas tirassem quantas fotos quisessem. Fui apertado e beijado mais vezes do que podia contar. No fim, os seguranças resolveram dar um basta naquilo, e as *groupies* tiveram de deixar os bastidores.

— Acho que a farra acabou — anunciou Mia aparecendo para abraçar o marido.

— Eu poderia ficar aqui o dia inteiro — brinquei.

— Claro que sim, mas o Freddy é casado. Não vou deixá-lo ser apertado e beijado dessa forma.

— Pode ser. Da próxima vez, chamo o Rick para me acompanhar — sugeri arqueando as sobrancelhas.

— Excelente ideia, considere feito — falou meu amigo tecladista anotando algo no seu celular.

— Aonde vamos agora? — perguntei a Mia.

— Você, eu não sei. Eu vou voltar para o hotel com Freddy — respondeu

passando os braços em volta da cintura do marido.

— Ainda é cedo para voltar — comentou Rick.

— Também acho — completou Jack.

E foi assim que nós três deixamos Jonas e Freddy voltarem para o hotel e seguimos em uma van com os *roadies*, Giovanna, Peter e Pandora para uma boate a fim de aproveitar o resto da noite.

— O que achou do show? — perguntei ao me sentar ao lado da Pandora no veículo.

— Nunca vi nada parecido na vida! Quando me disse que tinha uma banda, não imaginei que seria algo tão grande assim. Estou com as pernas bambas até agora — respondeu esboçando um pequeno sorriso. Era pouco para alguém que estava experimentando coisas novas, mas era um começo.

— Você está bonita — elogiei ao observar seus cabelos soltos em cachos até a cintura, sua minissaia preta, a blusa branca caída nos ombros e o sutiã de renda preto aparecendo. Ela estava gostosa, na verdade, mas decidi que era mais simpático dizer "bonita" a uma garota como ela.

Ajudei-a descer da van quando chegamos à boate, mas não fiquei ao seu lado assim que entramos. O lugar era espaçoso e com vários ambientes, do jeito que eu gostava, por isso caminhei para as mesas de bilhar e os jogos de dardos, enquanto ela foi para a pista de dança com Giovanna e Rick.

Jack e Peter resolveram me acompanhar, mas se arrependeram assim que ganhei deles tantas vezes que parei de contar. Jack desistiu de perder e foi ao bar beber alguma coisa. Logo depois Peter, desanimado, resolveu segui-lo.

— O que acha de disputar uma partida comigo? — pediu uma morena usando um shortinho minúsculo.

— Podemos tentar — falei sorrindo para ela.

Eu sabia que ela não queria jogar, por isso nem esperei para ver o fiasco que seria disputar uma partida com ela. Segurei sua mão e a arrastei para a

pista de dança. Tocava uma música lenta e romântica que eu não gostava, mas não me importei. Encostei seu corpo no meu e aproveite para colocar minha mão na sua cintura. Teria ficado ali pelo menos até terminar a música se não tivesse visto Pandora dançando com Rick. Meu sangue ferveu, e não consegui ficar de longe observando aquela cena ridícula. Eu precisava acabar com aquilo!

— Hora de trocar de parceiros — anunciei empurrando a garota morena para os braços do meu amigo e puxando Pandora para dançar comigo. A garota quis protestar, mas ficou quietinha e pareceu satisfeita com a troca quando Rick sorriu para ela, enquanto Pandora me olhava envergonhada e confusa.

Uma noite inesquecível

PANDORA

Eu disse: Docinho, não tenha pressa
E vamos ficar bem juntos
Tudo que precisamos é apenas de um pouco de paciência

Patience - Guns N' Roses

O show foi impressionante. Eu nunca havia pensado que assistir nos bastidores a uma banda de rock tocar fosse tão incrível. Na verdade, aquele era o primeiro show a que eu assistia na vida, e a experiência foi única. Jamais imaginara que sairia do bairro pobre onde morava, e estava descobrindo o mundo e adorando a liberdade recém-adquirida.

Antes de o show começar, corri feito louca tentando acompanhar Giovanna enquanto ela organizava onde a imprensa deveria ficar, quem teria acesso ao camarim, as roupas que os integrantes iriam usar. Enfim, eram tantos detalhes que fiquei confusa, mas consegui cumprir a maioria de minhas obrigações e deixar a assessora satisfeita minutos antes de a banda subir ao palco num estádio lotado. Não sabia que a The Dangers era tão famosa até aquela noite, quando a venda que cobria meus olhos caiu e consegui enxergar que estava no olho do furacão e num lugar invejado por muitas mulheres.

Percebi isso ao ver as garotas gritando o nome dos integrantes da banda, alucinadas, à beira do palco. Eles eram surreais, a começar pelo vocalista, que parecia ter saído de uma capa de revista. Provavelmente eu já vira uma com ele, mas estava tão desligada daquele mundo que não notara os olhos azuis intensos, os cabelos louro-escuros jogados no rosto enquanto ele segurava o microfone e cantava com a voz mais rouca e sexy que eu já tinha ouvido. Jack era lindo, e não era o único! Jonas se parecia muito com ele, exceto

pelos cabelos pretos e o corpo mais magro, porém, ainda preenchia uma calça jeans rasgada como ninguém. Freddy era forte, loiro, com olhos verdes e o único de cabelos compridos, que ficavam tão bem nele que eu não saberia dizer o que faltava naquele homem. Rick não se parecia com os companheiros de banda, mas não era nem um pouco desinteressante por causa disso. Seus cabelos pretos estavam arrumados, sua calça social e a camiseta branca o deixavam ainda mais bonito, seus braços não tinham nenhuma tatuagem, mas eram tão fortes quanto os do Jack.

E o que eu poderia falar sobre o Bob? Eu nunca o havia visto daquela maneira. Sabia que ele era muito bonito, seria tola se não percebesse isso, mas, naquela noite, ele me mostrou um lado que eu não conhecia.

Eu não era estúpida, já tivera alguns encontros antes daquela merda toda acontecer comigo e, como toda garota, desejava conhecer um cara legal e poder me entregar para ele. Nos meus sonhos, eu sempre escolhia um carinha da escola por quem todas as meninas eram apaixonadas. À noite eu sonhava que ele dava bola para mim e me chamava para dançar. Isso não acontecia na vida real. Eu sabia que não era feia, tinha meus encantos e, quando me arrumava, conseguia atrair a atenção dos garotos na rua e em alguns bailes funk que frequentava com as minhas amigas, mas que não se comparavam ao cara disputado da escola. Por isso, quando eu adormecia, deixava em minha mente que ele fizesse tudo comigo. Pelo menos lá tive uma primeira vez maravilhosa.

No fundo acho que foi isso que me impediu de sair com os garotos que queriam apenas uma noite comigo. Eu sonhava com algo lindo, mas estava cansada de ouvir minhas amigas se arrependerem no dia seguinte e não queria ser uma delas. Para quê? Se eu tivesse saído com um dos caras que me assediavam nos bailes, não teria sido tão ingênua, não teria entregado contra minha vontade minha virgindade para aquele monstro. Se eu soubesse, teria feito diferente. Era uma pena que era tarde demais.

Na metade do show, quando Bob tirou a camisa e algumas garotas na beira do palco começaram a gritar, confirmei o quanto ele era lindo e ainda mais inalcançável para mim do que o garoto bonito da escola. No fim de seus braços tatuados, dedos longos dedilhavam com maestria as cordas do baixo,

seu cabelo ruivo caía nos olhos verdes e seus músculos torneados se contraíam com o esforço. Era impossível não o desejar naquele momento, mas eu sabia que não podia seguir por aquele caminho. Já era difícil conviver com o caos que se tornara a minha vida, pior ainda seria acrescentar um amor platônico. Por isso olhei para os lados, para a plateia e não voltei a encarar Bob novamente, pelo menos até ele parar de tocar e colocar uma camiseta.

Não foi fácil ver o quanto as mulheres se jogavam em cima dele e dos outros integrantes da banda nos bastidores. Tive que ficar ao lado da Giovanna enquanto alguns integrantes davam uma entrevista num canto. Freddy e Bob tiravam fotos com as fãs em outro. As garotas pareciam querer levar um pedaço dele para casa, apertaram seu corpo, beijaram-no, abraçaram-no e, por fim, tiraram muitas fotos. Elas eram lindas, cabelos perfeitos, peitos enormes e cinturas finas, tudo que um homem como ele poderia querer... e não se pareciam em nada comigo. Meus seios eram pequenos, meus cabelos eram ondulados, e eu não tinha nem a sombra daquelas curvas perfeitas.

Só fui com Giovanna para a boate porque ela insistiu e disse que eu precisava comemorar o início do meu trabalho. Se bem que o que eu tinha feito, por mim, não poderia ser chamado de trabalho, mas decidi não contrariar a pessoa que poderia me demitir e atendi seu pedido.

A boate era enorme, e, logo na entrada, separamo-nos do Bob, do Jack e do empresário da banda. Segui com Rick e Giovanna para o bar. Rick pediu uma cerveja, enquanto eu e Giovanna escolhemos uma marguerita.

— O que está achando da boate?! — gritou Giovanna no meu ouvido por causa da música alta.

— Estou gostando, nunca fui a um lugar tão chique antes — respondi.

Ela assentiu sorrindo.

— Vamos dançar? — Rick convidou Giovanna.

— Não, prefiro terminar a minha bebida e me sentar àquela mesa aconchegante ali — respondeu Giovanna apontando para uma mesa vazia à

nossa frente.

— E você? — questionou estendendo a mão para pegar a minha.

— Não sei, acho que vou ficar com Giovanna — falei indecisa. Apesar de ter me encantado com a beleza dos integrantes da banda naquela noite e já ter me recuperado mais do trauma por ter passado tantas semanas convivendo com um homem, eles ainda me deixavam receosa.

— Vamos lá, é só uma dança — insistiu ainda estendendo o braço na minha direção.

— Vai, Pandora, aproveita sua noite — rebateu Giovanna quase me empurrando para dançar com o amigo.

Eu não queria, mas no fim acabei aceitando. Ele parecia ser legal, era amigo do Bob e, apesar de ser bonito, não fazia meu coração bater acelerado como seu companheiro de banda. Não deveria haver algum problema em dançar uma ou duas músicas com ele.

Estava certa sobre Rick, e nos divertimos na pista de dança como havia muito tempo eu não o fazia. Eu não era uma dançarina excelente, mas, como boa brasileira, sabia mexer o corpo de acordo com a música, e foi isso o que fizemos. Algumas músicas, eu conhecia, mas a maioria delas eu estava dançando pela primeira vez. Rick era legal, além de muito bonito. Ele me deixou tão à vontade que esqueci de todos meus problemas por alguns minutos. Nada parecia ser tão importante naqueles instantes. Senti um alívio imenso ao notar que sua presença, seu corpo próximo ao meu não causavam medo ou asco por causa do trauma por que eu tinha passado. Paramos em alguns momentos para beber e convidar Giovanna para dançar conosco. Ela aceitou algumas vezes, mas sempre voltava para a sua mesa confortável.

Uma música lenta começou, e Rick segurou na minha cintura. Encostei a cabeça no seu peito e me senti bem ali. Teria ficado por mais tempo se Bob não tivesse aparecido para me puxar para os seus braços e jogar uma garota morena bonita para dançar com o amigo.

— Você quer dançar comigo? — pediu enquanto dançávamos bem perto

um do outro.

— Não acha que é um pouco tarde para pedir? — respondi com uma pitada de humor na voz, e isso não passou despercebido por ele, que sorriu.

— Talvez. Antes tarde do que nunca — cochichou no meu ouvido. Seus lábios estavam tão próximos da minha pele que meu corpo todo se arrepiou em expectativa.

— É, pode ser — comentei, mordendo o lábio inferior. Ele me olhou por um momento e parecia querer dizer alguma coisa, mas deve ter se arrependido, pois continuamos a dançar o resto da música em silêncio.

Eu nunca havia tido experiências tão conflitantes como naquela noite. Havia adorado dançar com Rick, fora tranquilo, divertido, e me sentira viva de novo pela primeira vez em muito tempo. Porém, ao dançar com Bob, sentia o oposto de tudo disso. Nada era tranquilo ou divertido. Eu estava tensa como se fosse uma corda esticada, prestes a romper, meu corpo estava formigando de um jeito estranho e meu coração parecia a bateria de uma escola de samba de tão retumbante e rápido que batia. Eu queria pedir para me afastar dele e voltar a dançar com Rick, mas não queria irritá-lo. No fim, era a ele quem eu devia a minha vida. Devia ser por isso que eu estava tão nervosa ao seu lado. Bob sabia de tudo pelo qual eu passara naquela noite, uma parte dela, pelo menos, sabia do trauma que eu vinha lutando havia semanas para superar. Ele não me olhava como se eu fosse uma garota normal, como Rick fizera havia pouco. Essa era a única explicação para eu suspirar aliviada quando a música acabou e eu me afastei dele, caminhando apressada até a mesa a que Giovanna estava sentada.

— O que aconteceu? — questionou preocupada assim que me sentei na cadeira desocupada ao seu lado.

— Nada, só estou cansada — respondi observando Bob dançar com uma garota loura.

— Quer outra bebida? Não sei o que é essa que estou tomando, mas é fraquinha e tem bastantes morangos. Pedi duas.

— Claro — afirmei segurando o copo colorido. Ela tinha razão sobre a bebida, era doce e refrescante, tudo de que eu precisava no momento.

Não vi onde Rick foi parar com a morena com que estava dançando alguns minutos antes. Já Bob dançou uma música atrás da outra com a garota loura, que parecia cada vez mais agarrada a ele. Na verdade, ela parecia ter garras, porque suas mãos estavam em toda parte do corpo do ruivo.

— Acho que devemos ir — anunciou Giovanna bebendo a última dose do seu drinque.

— Tudo bem. Vamos voltar todos juntos? — perguntei preocupada, olhando em volta, mas Bob tinha desaparecido com a loura da pista de dança. *Será que tem um lugar nesta boate para se pegar e eles foram pra lá?*, pensei frustrada.

— Não, Jack e Peter e alguns dos *roadies* já foram embora, e o motorista voltou e deve fazer viagens como essa até terminar a noite. Agora seremos só nós duas — comentou olhando seu celular. Enquanto se levantava, deixou algumas notas na mesa e saiu me levando consigo. Entramos na van e teríamos partido logo se Bob não aparecesse correndo pouco antes de um dos seguranças que acompanhavam o motorista fechar a porta.

— Esperem um pouco, eu vou com vocês — pediu colocando a mão na porta e entrando antes que o motorista pudesse sair da frente da boate.

— Achei que iria ficar mais um pouco — falou Giovanna, chamando atenção do Bob, que estava olhando para mim com uma cara estranha.

— Já cansei daqui e quero voltar com vocês — resmungou dando de ombros.

A boate ficava bem perto do hotel, e permanecemos em silêncio até chegarmos lá. Subimos o elevador juntos e nos despedimos no corredor onde ficavam nossos quartos. Assim que entrei no meu, tirei os sapatos, que estavam me matando, e fui para o banheiro. Fiquei alguns minutos debaixo da água quentinha e depois saí enrolada no roupão do hotel. Coloquei uma camiseta da banda que ganhara da Giovanna, uma calcinha preta e me deitei

na cama, tentando dormir. Contudo, não consegui. Revirei-me de um lado para o outro e por fim acabei me levantando. Não adiantava esperar o sono chegar. Coloquei um short jeans e, ainda descalça, fui até o terraço do meu quarto, debrucei-me no parapeito e fiquei admirando a vista lá embaixo.

— Não vai se jogar daí? — indagou Bob me observando de sua varanda.

— Não, só estou olhando — respondi ainda surpresa por ouvir a sua voz.

— Está sem sono? — perguntou segurando uma caixa e pulando a divisória das sacadas até chegar à minha.

— Sim — consegui responder quando ele enfim estava parado à minha frente, com os pés descalços, uma calça preta e sem camisa. Qual era o problema daquele cara? O clima nem estava quente assim para ele ficar sem camisa o tempo todo. O engraçado era que morávamos havia um tempo juntos, e ele nunca desfilara sem roupa na minha frente como estava fazendo desde que a turnê se iniciara.

— Eu também, mas estou com fome, por isso pedi essa pizza. Quer um pedaço? — ofereceu abrindo a caixa, e um cheiro maravilhoso de tomate, queijo e manjericão tomou conta do meu nariz. Não pensava que estava com fome até ficar de cara com uma pizza deliciosa, e minha boca salivou em expectativa.

— Quero — falei no instante em que tirava uma fatia generosa das suas mãos. Sentei-me numa das cadeiras macias no terraço, Bob se sentou ao meu lado, e começamos a comer a pizza juntos, assim como havíamos feito muitas vezes no apartamento dele. Porém, eu finalmente estava consciente do quão maravilhoso aquele homem sentado ao meu lado era, e essa consciência repentina fazia as borboletas no meu estômago se agitarem em expectativa.

Perdi uma batida

BOB

Existe algo sobre você agora
Que não consigo compreender completamente
Tudo o que ela faz é bonito
Tudo o que ela faz é certo

You and me - Lifehouse

— Você se divertiu na boate? — perguntei assim que terminamos de devorar o primeiro pedaço de pizza. Pedira a comida porque estava com fome, mas não conseguira comer sozinho enquanto Pandora estava na sacada chamando minha atenção.

— Sim. Não achei que poderia me divertir assim. O Rick é bem legal.

— Você gostou de dançar com ele?

— Claro, que garota não gostaria? — justificou-se empolgada demais para o meu gosto.

— Não sei — respondi dando de ombros e voltando a pegar outro pedaço de pizza.

— Você também se divertiu com a garota loura que parecia ter quatro braços.

— Que garota? — questionei confuso.

— Não finja que não se lembra; você passou horas com ela — disse empurrando meu ombro.

— Ah! Lembrei da garota loura. Ela tem nome, claro, mas não lembro

agora. Mas isso não vem ao caso. O importante é que ela não tem quatro braços — argumentei, intrigado com o comentário de Pandora.

— Pode ser, mas ela parecia ter enquanto deslizava os braços enormes nas suas costas, na sua bunda e sabe-se mais onde.

— Não acho que foi assim, mas, se você está falando, vou acreditar.

— É bom mesmo — comentou batendo no meu ombro mais uma vez.

— Acho que acabamos com a pizza — anunciei jogando a caixa vazia num canto.

— Estava uma delícia, obrigada. Agora vou entrar, estou com frio. Não entendo como você aguenta ficar sem camiseta.

— Não estou com frio, pelo menos não estava até agora. Ainda pretendo ficar mais um pouco se você deixar. Podemos pegar uma manta no seu quarto e esperar o sol nascer, depois entramos e dormimos o resto do dia.

— É isso que fazem os baixistas das bandas de rock famosas depois dos shows? — inquiriu em tom sarcástico.

— Sim, você não leu o manual? — questionei arqueando as sobrancelhas e entrando na sua brincadeira.

— Entendi. Espere aqui, que vou buscar o cobertor e já volto — respondeu sorrindo.

— Não vou sair do lugar! — gritei enquanto ela entrava no quarto para buscar uma coberta para nos aquecer. Pouco depois Pandora apareceu segurando uma manta quentinha.

— Essa serve?

— Claro, joga pra cá — pedi. Cobri-me com ela e deixei um espaço ao meu lado. Ela pareceu pensar se devia se sentar tão perto de mim e ainda dividir o mesmo cobertor, e fiquei esperando sem saber o que dizer para tranquilizá-la.

— É só uma manta que você vai dividir com um amigo — expliquei, diminuindo a importância do gesto.

— Tudo bem, mas quero ficar com a maior parte dela. Sinto mais frio que você — exigiu assim que decidiu se sentar ao meu lado. A manta era grande, por isso não ficamos coladinhos um no outro, mas eu podia sentir o perfume suave dos seus cabelos bem próximos ao meu rosto e fiquei tranquilo naquela posição, sem mexer nenhum músculo.

— O sol está nascendo! — ela disse empolgada apontando para a luz laranja com feixes amarelados entre as nuvens. A cidade tinha muitos prédios, mas estávamos no último andar, por isso nada além das nuvens podia atrapalhar nossa visão.

— Estou vendo — comentei olhando na direção para a qual ela apontou.

— Obrigada — agradeceu se virando para olhar para mim.

— Pelo quê? Foi só uma pizza e ver o nascer do sol.

— Não estou falando apenas disso. Foi muito bom ficar aqui com você, mas não estou agradecendo só por isso, mas por tudo que fez por mim. Se não fosse você, não sei o que teria acontecido comigo.

— Você já agradeceu o suficiente. Podemos esquecer isso? — pedi, percebendo que as lágrimas deslizavam pelo seu rosto.

— Não sei se eu serei capaz de esquecer aquela maldita noite. Algo mudou em mim, para pior, é claro, mas aos poucos estou tentando juntar os pedacinhos.

— Você não pode ficar pensando no passado. Talvez deva se concentrar no futuro, nas coisas boas que ainda irão acontecer na sua vida.

— É fácil falar, mas quase impossível fazer — murmurou olhando para o horizonte.

— Tente; apesar de achar difícil, você deve tentar.

— É, acho que posso tentar — disse se levantando para entrar no quarto.

Eu sabia que ela tinha entrado para chorar sozinha, mas não podia fazer nada para confortá-la.

Naquela noite, achei que ela estava se abrindo para a vida novamente e esquecendo o passado, mas não foi bem assim, e eu sentia muito por não conseguir ajudá-la mais do que o tinha feito até o momento. *Ela pareceu tão à vontade com o Rick... Será que o problema é só comigo?*, pensei aflito enquanto deixava a coberta no chão e pulava a divisória que separava as sacadas, indo para o meu quarto.



Alguns dias depois desembarcamos em Churchill para mais dois shows, algumas entrevistas para a rádio e uma revista local. As apresentações foram tão empolgantes quanto em Montreal, e fiquei cada vez mais animado. Todavia, não foi só por causa da turnê, mas também pela companhia da Pandora. Não tivéramos mais momentos sozinhos como aquela noite na varanda, mas eu passei a observá-la de longe, e a garota estava cada vez mais à vontade e às vezes até sorria, e isso era um bom sinal depois de tudo por que ela passara.

E assim passamos por Regina, Victoria, Dawson City e encerramos os shows no Canadá, quando nos despedimos do público em Yellowknife. Foi um bom show, mas Freddy apareceu bêbado no palco e tocou feito louco, sem acompanhar os outros instrumentos, nem esperar a voz do Jack. Foi uma droga, e discutimos muito com ele no dia seguinte.

Nossa discussão pareceu funcionar, pois, apesar de estar um pouco aéreo durante os primeiros shows na Austrália, pelo menos ele estava tocando junto ao resto da banda. Eu sabia que ele estava usando alguma coisa, mas resolvi não interferir na sua vida, pelo menos por enquanto. Eu já tinha usado

algumas coisas que não devia, mas parara quando percebera que aquilo não me levava a lugar nenhum. Imaginava que ele acabaria percebendo isso a qualquer momento e pararia sem que ninguém precisasse intervir. Provavelmente era isso que todos estavam pensando enquanto ignoravam o Freddy cada vez mais chapado durante os shows.

— O que acha de uma happy hour antes de ir ao hotel? — convidou Rick assim que desembarcamos em Sydney.

— Acho uma excelente ideia — concordei observando Pandora, que descia do avião ao lado da Giovanna.

— Quer ir também, Jonas? — convidou Rick.

— Não sei, Amanda está cansada — falou olhando atentamente para a esposa ao seu lado.

— Podemos ir só a gente, como nos velhos tempos — sugeriu Jack se aproximando de nós.

— Estou dentro — comentou Freddy aparecendo atrás de mim.

— Tudo bem, eu vou — anunciou Jonas.

Fomos do aeroporto direto para um barzinho badalado que Freddy conhecia na cidade. Como nos velhos tempos, os seguranças ficaram afastados e nos deixaram sozinhos. O lugar era tranquilo, e nos sentamos na área VIP, afastados dos outros frequentadores do bar. Não exigimos isso, mas o gerente já conhecia Freddy e nos levou até a melhor mesa que tinha.

— O que gostariam de beber? — perguntou o garçom antes mesmo que estivéssemos todos sentados.

— Eu quero uísque — pediu Freddy. — E pode trazer a garrafa toda — completou sorrindo para o garçom.

— Pode trazer uma cerveja pra mim — pedi sem qualquer entusiasmo.

— Vou acompanhar você — acrescentou Rick.

— Eu vou beber com o Freddy; não queremos deixá-lo bêbado antes da hora — completou Jack.

— Não precisa se preocupar comigo, Jack, sei me cuidar — resmungou Freddy bem na hora em que o garçom voltava com nossas bebidas.

— Então qual é o propósito desse encontro? — questionou Jack mudando de assunto antes de Freddy se irritar e ir embora. Ele começara a fugir quando pegávamos muito no seu pé sobre o alcoolismo, e aquela noite não era para isso.

— Nada especial, cara, só queremos conversar e nos distrair um pouco — respondeu Rick dando de ombros.

— Estamos bebendo entre amigos — falei erguendo a minha cerveja no alto, e todos começaram a rir. Eu não bebia entre amigos, isso era uma grande mentira, e todos sabiam disso. No entanto, meu comentário serviu para descontrair o clima tenso no início. Freddy achava que aquela pequena reunião era para pegar no pé dele, mas no fim acabou percebendo que só queríamos curtir a noite entre nós cinco. Estávamos havia um bom tempo juntos e já passáramos por muita coisa; algumas, havíamos superado, e outras, empurrado para debaixo do tapete. Porém, naquela noite, deixamos as diferenças de lado, bebemos e conversamos. Bebi duas cervejas, o que surpreendeu meus companheiros.

Saímos do bar quase à madrugada. Tínhamos nos divertido tanto que ninguém percebera o tempo passar. A conversa estava ótima, os petiscos, deliciosos. Fazia muito tempo que algo assim não acontecia. Essa pausa bem no meio da turnê – além do resto da Oceania, depois de um descanso, claro, ainda teríamos shows a fazer na América do Sul – serviria para nos animar e recarregar as baterias para encerrar essa primeira etapa com chave de ouro e na data prevista. Pelo menos, eram esses os nossos planos.

Uma doce ilusão

PANDORA

E agora todo esse tempo
Está passando
Mas eu não consigo dizer-lhe por que
Dói cada vez que eu te vejo
Percebo o quanto eu preciso de você

Hate u, I love u - Gnash feat. Olivia O'Brien

Os shows na Austrália foram ainda melhores do que no Canadá. Finalmente eu já estava familiarizada com o meu trabalho, que era bem pouco, por sinal, e já conseguia trocar algumas frases com os outros funcionários da turnê. Também estava entendendo muito bem boa parte do que falavam.

— Por que ela tem um quarto só pra ela enquanto nós temos que dividir? — questionou uma das garotas que cuidava do camarim dos integrantes da banda.

— Eu não sei, mas eles a tratam como se fosse importante, e ouvi dizer que está morando com Bob — respondeu outra garota enquanto organizava as roupas que seriam usadas no show daquela noite. Eu tinha ido até o camarim para levar alguns acessórios que Giovanna pedira, mas não chegara a entrar, quando percebera que elas falavam de mim. Aquela não era a primeira vez, mas só então consegui entender perfeitamente o que estavam dizendo e não gostei nem um pouco.

— Eles não agem como se fossem namorados ou amigos coloridos, sequer os vi juntos mais do que duas vezes durante a turnê — emendou uma das meninas.

— É óbvio que não são. Quem se interessaria por aquela garota sem graça? Com certeza não o Bob. Já viu as mulheres que desfilam por aí com ele?

— Você tem razão. Se ficaram, é algo de que o Bob se arrependeu amargamente e não pretende repetir a dose — falou com um sorrisinho cínico.

Desisti de esperar elas perceberem a minha presença e enfim entrei no camarim. As *roadies* sabiam que eu não falava inglês e deviam ter julgado que eu também não entendia, pois continuaram a conversa bem na minha frente.

— Não podemos deixar uma garota qualquer como essa ficar com um dos caras da banda. Só temos dois solteiros agora, e ainda não fiquei com nenhum deles.

— Você está certa. A situação está cada vez pior, e ainda aparece essa sem noção para atrapalhar nossas vidas.

— Prestem bem atenção, garotas, que eu vou dizer só uma vez: não pisem no meu calo, nem me insultem novamente. Não sou estúpida como vocês e entendo cada palavra que disseram até agora, por isso acho melhor calarem a boca se não quiserem ficar sem a língua. Além disso, Bob não ficaria com nenhuma de vocês, e sabem por quê? — disse isso tudo numa mistura de inglês e português, mas tinha certeza de que elas tinham me entendido, pois estavam tão surpresas com meu ataque que não conseguiam responder, abriam e fechavam a boca parecendo peixes fora d'água. — Porque ele sabe o tipo de garotas asquerosas que vocês são. Dá pra sentir o cheiro de piranha de longe — afirmei virando as costas para elas e saindo do camarim quase correndo. Estava temerosa, pois sabia que não deveria ter arrumado encrenca com elas. Eu nunca agira assim antes. Porém, perdera o controle quando continuaram falando de mim na minha presença por julgarem que eu não as entenderia.

Permaneci o resto da noite nervosa e inquieta ao lado do palco. Passei por umas daquelas garoas para buscar uma garrafa de água, mas ela sequer olhou para mim. *Melhor assim*, pensei cabisbaixa. Sabia que não era certo o que eu

tinha feito e que estaria muito encrencada se essa conversa chegasse aos ouvidos da Giovanna.

Depois desse episódio, passei a evitar ficar sozinha ou perto demais do Bob. Sabia que não era a melhor solução, mas não queria ouvir conversas como aquela novamente, e, quanto mais invisível eu fosse, menos motivos as pessoas teriam para falar sobre mim. Pelo menos, era isso o que eu esperava.

E funcionou até a metade da turnê na Austrália. Trabalhei tranquilamente e sem ouvir nenhum comentário enquanto circulava pelos bastidores antes dos shows. Porém, para isso, tive que me afastar do Bob, o que estava me matando. Ao contrário do que aquelas mexeriqueiras achavam, nós éramos amigos, e eu adorava passar o tempo com ele. No entanto, passei a evitá-lo e dividir meu quarto com Giovanna em algumas cidades. Assim, ficou quase impossível passar alguns minutos sozinha com o Bob, que também não parecia se esforçar nem um pouco para ter a minha companhia. Passou a sair logo depois dos shows e voltava muito tarde, ou melhor, à madrugada. Eu sabia disso porque quase sempre dormíamos no quarto ao lado do dele, e eu escutava o barulho de sua porta batendo horas depois que me deitava.

— Estou esgotada hoje — comentou Giovanna se jogando na cama macia ao lado da minha. Estávamos mais uma vez no mesmo quarto em Darwin, nossa última cidade antes de embarcarmos para a Nova Zelândia.

— Hoje foi difícil mesmo — disse me sentando na minha cama.

— Fãs enlouquecidas nos bastidores, uma garota nua no armário, Freddy e Rick brigando no camarim... Acho que eu mereço umas férias — resmungou fechando os olhos, exausta.

— Talvez você consiga alguns dias de descanso quando terminarem os shows na Nova Zelândia.

— No ritmo em que o Freddy está, vamos ter sorte se conseguirmos chegar até o último show. O cara está atolado até a cabeça nas drogas.

— É uma pena — comentei triste com aquela situação, mas eu sabia que ela estava certa. Tinha sido criada num ambiente onde as drogas destruíam

famílias inteiras. Eu sabia que ele estava num poço sem fundo.

— Obrigada pela sua ajuda hoje. Quando Helena mencionou que eu precisava de uma assistente, recusei e achei um exagero. Porém, vi o quanto meu trabalho está fluindo melhor com sua ajuda. Se não fosse pelos imprevistos de hoje, eu não estaria tão cansada.

— Eu que agradeço. Você não sabe o quanto sua generosidade mudou a minha vida.

— Não é generosidade, chame isso de oportunidade. Não sei muito sobre você, mas posso jurar que teve poucas na sua vida, por isso agarre essa com unhas e dentes e aproveite. Uma chance de trabalhar nos bastidores de uma turnê não cai do céu com frequência.

— Sei disso, por isso estou tão agradecida a você.

— Entendo. Já que estamos conversando mais do que o normal hoje, eu posso te fazer uma pergunta? — pediu se sentando na cama para esperar a minha resposta.

— Claro.

— Você tem algum relacionamento com o Bob?

— Por que está me perguntando isso? — questionei confusa.

— Porque você mora com ele. Quando me pediram para levá-la na turnê comigo, achei que era uma desculpa esfarrapada para o Bob ter sua garota na turnê. Mas os dias foram passando, e descobri que você realmente trabalha e não vejo você com ele mais do que o necessário.

— Você está certa, somos amigos, e ele está me ajudando, nada além disso — disse insegura, mordendo meu lábio inferior depois de falar.

— Fico muito feliz em saber disso, agora que conheço você melhor. Não quero que se machuque.

— O que quer dizer com isso? — indaguei inquieta.

— Os caras são legais, mas não são homens que namoram. Alguns deles se casaram, mas as garotas tiveram que passar por muita coisa até chegar a esse ponto. Além disso, tem as *groupies*. Elas sabem como mexer com o emocional de qualquer mulher.

— Você está falando das garotas nos bastidores?

— Elas mesmas. Viu como se jogam nos braços deles como se fossem tudo que precisam?

— Vi e fiquei bem assustada no começo, mas pode ficar tranquila. Eu e o Bob somos amigos, nada mais do que isso.

— Ainda bem. Não queira disputar os dois últimos integrantes com elas, porque você vai se machucar bastante.

— Entendi. Será que posso tomar banho primeiro? — pedi tentando mudar de assunto e correr do quarto antes que ela percebesse o quanto aquela conversa me afetara.

— Claro que pode — respondeu toda simpática e se deitou na cama, suspirando de cansaço mais uma vez.

Aproveitei que ela estava com os olhos fechados para correr em direção ao banheiro. Nem sei por que corri, mas não queria ficar na frente da Giovanna e dizer novamente que era só amiga do Bob. Da parte dele, era só isso, mas da minha, algo tinha mudado desde o primeiro show. Aquela noite que passamos conversando na sacada do hotel tinha sido a melhor da minha vida, embora ele tivesse trocado poucas palavras comigo desde então. Meu coração tolo passara a enxergá-lo com outros olhos. Por mais que eu evitasse e tentasse pensar em outra coisa quando estava perto dele, nada parecia funcionar, e eu me sentia cada vez mais estúpida por isso. Sabia que ele nunca olharia para mim, mas não conseguia para de pensar nele mesmo assim.

Depois do banho, deitei-me usando uma das camisetas da banda. Não sabia por que eu gostava tanto de dormir com elas, mas, depois de assistir a tantos shows e ouvir as músicas, eu tinha virado uma fã, talvez por isso

passara a colecionar as camisetas. Deitei minha cabeça no travesseiro macio e cheiroso, fechei meus olhos e adormeci alguns minutos depois.



— Por que você está se escondendo de mim? — perguntou Bob, surpreendendo-me ao aparecer no camarim logo depois do show.

— Não estou me escondendo; você que não veio mais falar comigo.

— Então é só isso? Você estava esperando que eu viesse falar com você? — inquiriu se aproximando de mim com cautela.

— Acho que sim — disse dando de ombros, nervosa com a sua proximidade. Bob ainda estava sem camisa e todo suado. Eu já tinha ficado perto dele assim antes, mas naquele instante era diferente, e eu não sabia explicar por quê.

— Você parece tensa... — comentou colocando a mão na minha cintura e me puxando para eu ficar colada no seu tórax durinho e abdômen sarado.

— E-estou bem — gaguejei, insegura por estar tão perto dele.

— Você precisa relaxar e curtir um pouco — disse enroscando o dedo num cacho do meu cabelo. Ficou por um tempo com os fios na mão e depois abaixou a cabeça devagar. Parecia que iria cheirar meu cabelo, e meu corpo se arrepiou todo com o contato.

Fiquei imóvel e sem saber o que fazer enquanto ele deixava meus cabelos e começava a beijar meu pescoço. Foi subindo devagar até meu rosto e, por fim, encontrou meus lábios abertos para recebê-lo. Eu sabia que era errado e que não devia corresponder às suas investidas. O problema era que meu

corpo não obedecia. Eu parecia uma espectadora, impotente diante daquele ataque iminente.

Seus lábios me beijaram devagar. Sua língua pediu passagem, e seu gosto era tão bom que suspirei de êxtase. Parecia tão certo, mesmo eu sabendo que não era. Coloquei minhas mãos no seu pescoço e aprofundei o beijo enquanto ele segurava na minha bunda e minhas pernas se encaixavam perfeitamente na sua cintura. Seu cheiro gostoso misturado ao do seu suor estava me deixando fora de controle. Escutei quando minha blusa se rasgou e caiu no chão. Logo em seguida foi a vez do meu sutiã, e era tão bom sentir seu corpo colado ao meu que não fiz qualquer objeção. Se dependesse de mim, iríamos até o fim.

— Pandora... Pandora... Pandora... — gemia enquanto me encostava à parede.

— Bob, por favor, não pare! — supliquei aflita.

— Pandora! Pandora! — ele gritou no meu ouvido, e foi então que abri os olhos de repente, e Giovanna estava parada em frente à minha cama, já vestida, tentando me acordar. — Acorde, estamos atrasadas para o aeroporto — anunciou impaciente com as mãos na cintura.

— Desculpe, já estou indo — falei me sentando na cama e olhando para os lados ainda em busca do Bob, mas ele não estava ali. Tudo não passara de um sonho, apesar de ter sido o sonho mais quente que eu já tivera na vida.

É apenas desejo

BOB

Desde desse momento
Esqueça do que nós temos medo
Diga que nós nunca iremos desistir
Diga que você sempre vai tentar ser
Tentar ser a única que entende

We both know - Gavin Degraw feat. Colbie Caillat

Enfim chegamos à Nova Zelândia e estávamos nos preparando para o primeiro show. Passamos o som no estádio, e tudo correu bem. Freddy prometeu colaborar, e estávamos contando com isso para conseguir terminar aquela primeira etapa da turnê sem mais imprevistos.

— Está preparado para mais um show? — questionei a Jack ao entrar no camarim depois de afinar meu baixo no palco alguns minutos antes.

— Acho que sim, e gostaria de não ter surpresas esta noite — comentou, bebendo um gole da sua cerveja, pensativo.

— Está se lembrando da garota nua no camarim no último show — disse brincando.

— Nem fale nisso! Quase tive um troço quando abri o armário e lá estava a garota sem nenhuma peça de roupa. Se a Helena souber disso, me mata.

— Relaxa, você não teve culpa nenhuma. Quem poderia prever uma coisa como essa?

— Será que posso participar da conversa? — pediu Rick batendo nas minhas costas.

— Claro, estamos nos lembrando da surpresa que o Jack encontrou no camarim — respondi me virando para cumprimentá-lo.

— Ainda falando da garota nua no armário? — questionou pegando uma cerveja no frigobar.

— Sim, esse será o assunto da turnê se o Freddy não aprontar nada mais até o fim dela — respondeu Jack.

— Com certeza será difícil superar uma garota nua, ao menos que ele resolva nos surpreender — emendei.

— Não, ele prometeu se comportar — Jack lembrou, deixando-nos aliviados.

— Então a garota vai ser o acontecimento principal! — anunciou Rick empolgado.

— Preciso de vocês no palco em cinco minutos — pediu Giovanna aparecendo na porta do camarim.

— Estamos indo — respondi, esperando meus amigos beberem mais um gole de cerveja antes de seguirmos juntos até o palco.

Alguns shows ficam guardados na memória, e o nosso em Wellington foi um desses. Freddy não estava chapado, Jack e Jonas estavam inspirados e fizeram solos de guitarra arrasadores, Rick mostrou alguns arranjos novos, e eu toquei como se tivesse o diabo no corpo. Alguns jornalistas sempre me perguntam por que tiro a camisa nos shows. Sempre invento uma desculpa diferente para não contar a verdade. Teria que explicar que gosto de me sentir livre, por isso coloco as alças que sustentam meu baixo em contato direto com a minha pele, assim absorvo cada nota que toco e a música sai de mim e não somente do instrumento.

Quando terminamos nossa última música, as luzes do palco se apagaram, e começamos a sair em direção aos bastidores. Dessa vez corri ao camarim antes de passar pelos fotógrafos e repórteres, pois queria ficar um pouco sozinho e colocar outra camiseta antes de voltar aos bastidores.

— Desculpe incomodar, só preciso descansar alguns minutos antes de voltar para as entrevistas — comentei ao ver Pandora sozinha no camarim.

— N-não se preocupe, eu já estava de saída — gaguejou nervosa.

— Pode ficar aqui, eu não vou atrapalhar — avisei segurando no seu braço para a impedir de sair.

— Já terminei — falou olhando para o chão.

— Então fique aqui conversando comigo — pedi animado.

— Sobre o quê? — questionou ainda sem coragem de olhar para mim.

— Nada especial. O que achou do show? — perguntei curioso para saber se ela percebera a energia diferente que surgira no palco naquela noite.

— Foi muito bom — disse feliz, tirando os olhos do chão para fitar meu rosto.

— Eu também achei. Estou tão eufórico que precisei vir aqui para me acalmar um pouco.

— Acho melhor eu ir — resmungou indecisa.

— Vou deixar você ir se prometer ir a um lugar comigo esta noite — pedi segurando na sua mão.

— Sozinha com você? — indagou surpresa.

— Sim, somos amigos, moramos juntos, não vejo problema nenhum nisso — disse dando de ombros.

— Não sei — respondeu, mordendo o lábio inferior, pensativa.

— Pare de pensar tanto e aceite — pedi colocando as mãos nos seus ombros e a chacoalhando de leve, com um sorriso.

— Tudo bem, eu aceito — respondeu sorrindo e saiu apressada do camarim.

Voltei logo depois para as entrevistas e tirei as fotos com as fãs nos bastidores. Passei quase uma hora ali. Quando, enfim, consegui sair, Pandora me esperava ao lado do carro com meu segurança.

— Fiquei com medo de você desistir — comentei ao abrir a porta do carro para ela entrar.

— Não vou negar que pensei nisso, mas no fim achei melhor não dar o bolo no meu chefe e ficar sem emprego — falou de modo irônico.

— Não sou seu chefe fora do expediente, e você poderia recusar se quisesse.

— Sei que poderia, mas decidi aceitar, afinal, não tenho nenhum lugar interessante para ir e estou cansada de ficar trancada no hotel.

— Bom argumento, mas estou decepcionado. Achei que era por causa dos meus lindos olhos.

— Com certeza não foi por causa dos seus olhos — respondeu sorrindo e olhando para as luzes da capital da Nova Zelândia, os prédios altos. Tudo parecia mais interessante do que minha presença ao seu lado.

— Tudo bem, eu posso aguentar essa rejeição — afirmei com a mão no peito para exagerar na performance.

— Pare de drama e me diga aonde vamos — mandou ainda olhando pela janela.

— Não estou fazendo drama, sou um cara com sentimentos.

— Pode ser, mas não me enrole e diga logo. — Parecia insegura enquanto passava as mãos no cabelo.

— Comer. Estou faminto, e você? — questionei bem na hora em que o carro estacionava em frente a uma pizzaria.

— Pizza! — exclamou empolgada ao sair do veículo.

— Sim, o que mais poderia ser? — retruquei ao passar por ela e entrar no

estabelecimento. Pedi uma mesa reservada. Apesar de usar um boné preto e um agasalho do Brooklyn Nets, não queria ser reconhecido e acabar com a nossa noite.

A pequena pizzaria era aconchegante e em estilo retrô, com bancos confortáveis em vez de cadeiras e, apesar do horário avançado, estava lotada. Sentamo-nos um em frente ao outro. Embora os bancos fossem para duas pessoas, Pandora não quis se sentar ao meu lado, mas não fiquei nenhum pouco magoado por isso. Já sabia que ela não gostava de ficar grudada em mim. Pedimos uma pizza de pepperoni e ficamos num silêncio estranho assim que o garçom nos deixou sozinhos.

— Na verdade, eu te chamei aqui porque queria saber um pouco mais sobre você — falei, interrompendo o clima estranho.

— O que você quer saber? — perguntou preocupada.

— Não se assuste, não é nada sobre o seu passado. Só quero saber o que está achando da turnê, das viagens, dos novos amigos?

— Ah, isso! — comentou aliviada. — Estou bem, Giovanna me ajuda muito, e acho que estou pegando o jeito. Quanto às viagens, nunca imaginei que um dia iria ao Canadá, à Austrália e à Nova Zelândia, então só tenho a agradecer a você pela oportunidade.

— Não precisa, sabe que não te ajudei para receber algo em troca.

— Sei disso, mas quero deixar claro que, se não fosse por você, não sei o que teria acontecido comigo — falou com os olhos marejados.

— Vamos mudar de assunto? Não quero falar de coisas tristes esta noite — pedi acariciando sua mão por cima da mesa.

— Sim, não vamos falar de coisas tristes — concordou puxando a mão de sob a minha.

— Como vai o inglês? — perguntei tentando disfarçar o quanto estava chateado com essa atitude. Antes de vê-la com Rick na boate, eu tinha quase certeza de que ela me evitava por causa do que lhe acontecera naquela noite.

Entretanto, depois de observar os dois juntos e a descontração que vi nos seus olhos, comecei a pensar que o problema era apenas comigo.

— Estou progredindo e já consigo manter alguns diálogos simples. Também estou entendendo bem mais — respondeu em inglês, embora com sotaque, para confirmar.

— Isso é ótimo! — exclamei empolgado.

Nessa hora o garçom trouxe a nossa pizza. A comida foi a desculpa perfeita para eu cessar as perguntas. Pandora era de longe minha companhia preferida na turnê. Apesar de ela sempre fugir de mim, eu adorava passar um tempo com ela. Quando estávamos juntos, era sempre muito bom e eu não via o tempo passar. Ela era uma pessoa incrível e uma amiga que eu pretendia ter ao meu lado por muito tempo.

Depois que devoramos a pizza toda e bebemos duas taças de vinho, a conversa deslanchou, e ela ficou menos acanhada. Conversamos animados sobre a turnê até o restaurante fechar e sermos expulsos. Chegamos ao hotel já era madrugada.

— Obrigada pela companhia. Tive uma ótima noite e devo isso a você — falei quando paramos em frente ao quarto que ela dividia com Giovanna.

— Eu que agradeço. Adorei a noite — respondeu corando de timidez.

— Podemos repetir se você quiser — comentei sem demonstrar o quanto eu queria sair com ela outras vezes.

— Claro, estou sempre perto. Quando quiser, é só pedir — respondeu sem coragem de olhar para mim.

— Pode ter certeza de que vou — disse animado, aproximando-me para dar um beijo de despedida em seu rosto. Foi um impulso. Eu não devia ter depositado um beijo molhado em sua pele macia, mas foi impossível me conter ao olhar suas bochechas coradas. Não tinha como eu não querer sentir sua maciez, seu gosto, até mesmo seu cheiro.

Se Pandora fosse outra garota, eu a teria encostado à porta do quarto e

explorado sua boca com avidez enquanto minhas mãos passavam por baixo da sua saia. Entretanto, ela era diferente, e eu não podia magoar minha amiga começando algo que não podia existir entre nós. Eu não queria confundir as coisas, nem perder nossa amizade. Tinha certeza de que era só desejo o que eu sentia no momento, algo que eu poderia saciar com qualquer outra garota.

Tão perto, mas tão distante

PANDORA

Você tem a lua, e eu tenho o brilho
Você tem o como, e eu tenho o por quê
Nós temos o amor e temos nossas vidas

Moonshine - Sara Haze

Foi uma delícia esticar os braços na manhã seguinte e descobrir que o encontro com Bob não tinha sido um sonho. Daquela vez havia sido bem real, e eu amara cada segundo que passara ao seu lado. Eu não estava procurando por ele no camarim, mas, depois daquele sonho bobo, meus sentimentos escondidos afloraram, e eu ainda estava tentando colocá-los de volta no lugar, uma vez que eu não tinha qualquer chance com ele, nem ilusões a respeito. Além disso, eu não queria uma noite apenas e, no dia seguinte, vê-lo com outra. Seria demais para mim. Por isso aproveitaria nossos momentos juntos, mas não pretendia ser mais do que sua amiga.

Demorei mais do que o normal no banho naquela manhã. Não sabia o que me motivara a ficar longos minutos na banheira com água quentinha até o pescoço. Talvez fosse o fato de Giovanna ter saído cedo e me dado o dia de folga até o show daquela noite. Eu poderia me enganar o quanto quisesse, mas com certeza essa não era a verdadeira razão do sorriso estampado em meu rosto enquanto colocava um short jeans curto e uma blusinha cinza com tiras nas costas. Deixei meu cabelo solto, porque ainda estava molhado e, minutos depois, estava caminhando até a cobertura do Jack, onde todos costumavam se reunir para tomar café da manhã juntos, pois gostávamos desse contato, mas não da atenção que a banda chamava nas áreas comuns dos hotéis. Pelo horário, pensei que não teria ninguém lá, mas tentaria mesmo assim.

Ao parar na frente do quarto, quase desisti, mas abri a porta. O lugar estava silencioso, mas a mesa de café da manhã ainda estava posta, apesar do horário. Sentei-me numa cadeira bem perto da sacada, peguei um prato de porcelana branco e coloquei nele uma torrada, uma fatia de queijo, ovos, um croissant e por fim peguei um copo de suco de laranja.

Comecei a comer devagar até ser surpreendida por uma voz ao pé do ouvido que me desconcertou.

— Aceita minha companhia? — sussurrou Bob ao passar por mim.

— Que susto! Quer me matar?! — ralhei derrubando alguns goles do suco nas minhas coxas nuas.

— Não, só quero tomar café da manhã com você — respondeu sem tirar os olhos das minhas pernas. *Talvez eu tenha escolhido um short muito curto*, pensei envergonhada enquanto Bob pegava um guardanapo na mesa e o passava devagar na minha pele, secando a bebida. Eu sabia que deveria segurar a sua mão e pedir que parasse com aquelas carícias indecentes, mas não conseguia. Minha pele queimava sob seu toque, e eu não tinha forças para pedir que ele parasse, mesmo sabendo que era errado o que estava fazendo.

— Deixa que eu termino — falei pegando o guardanapo assim que percebi que ele não iria parar sozinho e antes que eu sucumbisse ao seu toque.

— Tudo bem — falou levantando as mãos e dando a volta em torno da mesa para se sentar à minha frente. Esperei que ele se servisse e me concentrei em meu prato, pensando em algo inteligente para começar uma conversa. — Você dormiu bem? — fiz a pergunta mais estúpida que consegui e, no momento em que abri a boca, sabia que não deveria ter falado nada.

— Sim, tão bem que estou acordando tarde. E você?

— Dormi bem — respondi sem tirar os olhos de seus lábios enquanto ele mordia uma maçã. Por um segundo tive vontade de ser a fruta, mas logo percebi que estava sonhando acordada e voltei os olhos para o meu prato a

fim de terminar de comer.

— Você tem compromisso esta tarde? — questionou largando a maçã na mesa.

— Por quê? — indaguei deixando o garfo sobre o prato e parando de comer.

— Quero te convidar para um passeio.

— Agora? — perguntei confusa.

— Sim, agora, já tenho tudo planejado. Vamos voltar antes do show dessa noite — respondeu se levantando e estendendo a mão para mim.

— Posso me trocar antes? — indaguei olhando para as roupas que tinha colocado assim que acordara.

— Não precisa, você está perfeita — disse me puxando em direção à porta. Nem tive chance de recusar o convite. No fundo, eu não pretendia mesmo.

Assim que saímos do hotel, Carlos já nos esperava em frente a um carro preto. Entramos no banco de trás e seguimos pelas ruas de Christchurch. Fui paciente, não perguntei nenhuma vez aonde íamos, mas o tempo passava, e nada de chegarmos a lugar nenhum. Fui ficando cada vez mais curiosa e não resisti.

— Pode me dizer aonde estamos indo? — inquiri já nervosa com a demora.

— Já estamos quase lá, tenha um pouco de paciência — pediu tocando no meu ombro com carinho.

— Pode me dizer o que vamos fazer? — indaguei cruzando os braços e chamando a atenção dele direto para os meus seios. Quando percebi o que estava fazendo, relaxei os braços e me virei para a janela, envergonhada.

— Não, em breve você vai descobrir — disse desviando os olhos do meu corpo.

Não foi tão breve assim. Demorou longos minutos até o carro parar bem perto de uma ponte.

— Chegamos?

— Sim, pode descer — disse abrindo a porta do carro e me ajudando a sair.

— O que vamos fazer aqui? — perguntei olhando para a ponte e um grande rio que corria lá embaixo.

— Seja mais paciente — pediu me arrastando até o meio da ponte, onde só naquele instante consegui ver dois homens.

— Obrigado por atender meu pedido em cima da hora — falou Bob a eles assim que nos aproximamos.

— Sem problema, eu e meu irmão somos fãs da sua banda e ficamos felizes em atender seu pedido — respondeu um deles. Estando tão perto, percebi o quanto eram parecidos e usavam uniformes com as palavras *Hanmer Spring Attractions*.

— Você já saltou antes? — perguntou o outro irmão.

— Sim, muitas vezes — respondeu Bob tirando a camisa. Eu já o tinha visto muitas vezes assim, mas a cada vez me afetava mais. Mesmo naquele momento, em plena luz do dia e perto de dois outros homens bem bonitos, eu não conseguia tirar os olhos do seu abdômen definido.

— Por que você está tirando a camisa? Não me diga que vai nadar! — indaguei confusa olhando para o rio caudaloso logo abaixo da ponte.

— Não vou nadar, mas vou pular — disse eufórico.

— Você está brincando, não é mesmo? — questionei sem acreditar nessa loucura.

— Não, estou falando a verdade, e ainda tem um detalhe importante: você vem comigo!

— O quê?! Não vou fazer isso! — exclamei, afastando-me dele.

— Vamos lá, será divertido. Você nunca fez *bungee jumping* antes?

— Não e nem pretendo — disse decidida.

— Por favor, vamos pular juntos — pediu segurando minha cintura para me aproximar dele. Eu não queria. Não tinha medo de altura, nem nada disso, mas também não saía por aí pulando de pontes. Porém, quando ele me pediu mais uma vez e vi o desafio nos seus olhos, pensei que não era uma ideia tão ruim assim. Não adiantava fugir, e eu tinha a impressão de que não seria tão ruim cair alguns metros de altura agarrada ao Bob.

— Tudo bem, eu vou — falei, embora ainda insegura, esfregando as mãos suadas uma na outra.

Os instrutores nos ajudaram com os equipamentos de segurança e as cordas. Foi tão rápido que, quando percebi, já estávamos grudados um ao outro na beirada da ponte, prontos para pular. Meu corpo tremia de medo, e eu ainda queria desistir daquela loucura, mas Bob não parecia compartilhar da minha angústia; seu sorriso era a prova perfeita disso.

— Eu vou contar até três, e daí nós pulamos — sussurrou no meu ouvido. Travei ao ouvir sua voz e fiquei ainda mais nervosa.

— C-certo — gaguejei tremendo de medo e outros sentimentos que eu nem queria desvendar no momento.

— Ei, não precisa ter medo, eu já fiz isso muitas vezes e vou cuidar de você. Pode confiar em mim.

— Eu confio em você. — Se tinha uma pessoa a quem eu confiava minha vida, esse alguém era o Bob.

— Pronta?

— Acho que estou — disse fechando os olhos.

Estávamos tão próximos que era impossível eu me mexer, mas não iria reclamar por ficar enroscada nos seus braços fortes. Ele ergueu meu queixo e

pediu com voz suave:

— Abra os olhos.

Quando os abri, ele me olhava com tanto carinho que não consegui fechá-los novamente, pois queria guardar esse momento para sempre na memória. Seu olhar se concentrou nos meus lábios, e, antes que eu pudesse imaginar o que aconteceria, sua boca cobriu a minha. Sua língua me invadiu sem pedir passagem, reivindicando-me como se eu sempre tivesse pertencido a ele, e eu cedi sem hesitar, deslizando minhas mãos até o seu cabelo macio e o puxando para mais perto. Jamais pensara que beijá-lo seria tão bom. Sentia-me nas nuvens, como se estivesse flutuando. Nada mais importava além de sentir o seu cheiro amadeirado se impregnar na minha pele e seus lábios macios devorando os meus. Enquanto aprofundava o beijo, ele saltou sem qualquer aviso, surpreendendo-me.

Fechei os olhos e grudei no seu corpo rijo como se minha vida dependesse disso. E caímos, caímos até que a adrenalina tomou conta do meu corpo. Estiquei os braços e gritei enquanto voava em queda livre. Só parei de gritar quando a corda nos segurou a poucos metros da água e Bob me abraçou com força. Eu jamais esqueceria aquele momento, quando fiquei suspensa de cabeça para baixo no ar, girando de um lado para o outro, com as bochechas rosadas, o coração na boca e nos braços de um astro do rock. Não soube qual desses motivos me levou ao prazer absoluto. Desconfiei que fosse o último, mas eu não queria pensar nisso naquele momento, era complicado demais.

Um barco nos aguardava no meio do rio. Um dos instrutores nos ajudou a soltar os equipamentos, e voltamos seguros até a margem. Bob precisou me pegar no colo, porque eu ainda estava tremendo e minhas pernas não obedeciam a qualquer comando meu. Despedimo-nos dos instrutores e seguimos até o carro.

Entrei no banco do passageiro ainda com as pernas bambas. Achei que precisaria de um bom tempo para me recuperar da aventura.

— Desculpe pelo beijo. Eu não deveria ter feito isso, mas você estava tão nervosa que eu quis fazer alguma coisa para distraí-la na hora do salto.

— Por isso me beijou? — indaguei com o coração disparado, talvez ainda mais do que quando pulara da ponte.

— Sim, por que mais eu a beijaria?

— Não sei, mas não se preocupe, eu estou bem — falei sem coragem de olhar para ele e confirmar que me beijara por piedade. *Coitadinha da garota pobre e inexperiente que precisa de um beijo*, pensei chateada. *Como eu pude ser tão ingênua? Acreditei que ele quis me beijar, mas no fim não era nada disso, e eu preciso ser forte para não chorar na frente dele.*

Passamos o resto do caminho conversando sobre o show daquela noite, e em momento algum demonstrei o quanto eu estava triste. Porém, quando fiquei sozinha no meu quarto, chorei por um longo tempo. Não me segurei, não reprimi, apenas chorei até não ter mais lágrimas e meus olhos ficarem vermelhos e inchados. Não era só por causa do beijo; eu estava tão fragilizada que chorei por tudo que acontecera comigo e pela merda de vida que eu tinha.

Alguns minutos antes de o show começar, eu já estava nos bastidores com uma maquiagem pesada e pronta para outra. Ninguém percebeu nada de diferente em mim, mas por dentro eu estava um caco. Não acompanhei a apresentação dos bastidores dessa vez, fiquei trancada no camarim e só saí de lá quando o show terminou. Ajudei Giovanna no que era necessário e, quando tudo acabou, saímos juntas do estádio. Notei Rick e Bob entrarem em outro carro com duas louras peitudas. Bob estava segurando na cintura de uma delas, e meu coração tolo deu cambalhotas ao observar aquela cena ridícula.

Era só fogo de palha

BOB

Você deve ouvir seu coração
(Você deve ouvi-la do seu coração)
Ele vai te dizer o que você precisa
(Ele vai te dizer o que você precisa)
Cuide de si mesmo

Say Anything - Tristan Prettyman

Desde que eu beijara Pandora, não conseguia tirá-la da minha cabeça. Seu gosto ainda estava na minha boca, e eu precisava expurgar aquilo antes que fosse tarde demais. Por isso não questionei quando Rick convidou duas *groupies* para nos acompanhar até o hotel depois do show. Seguimos no mesmo carro, bebendo champanhe, enquanto as garotas estavam animadas ao nosso lado. Apesar de eu não gostar muito de beber, não recusei; precisava de algo para me distrair.

Quando chegamos ao hotel, a garota segurou na minha cintura assim que percebeu os flashes dos fotógrafos, e não fiz nada para afastá-la de mim. Porém, meu corpo parecia repelir o dela. A mulher ao meu lado era deslumbrante e tudo o que me fazia ficar animado por uma noite inteira, mas não daquela vez.

Despedimo-nos do Rick e da outra garota no corredor. Segurei a mão da loura, que estava logo atrás de mim, e a puxei para o meu quarto. Assim que fechei a porta, empurrei seu corpo perfeito contra a parede e ataquei sua boca como um homem faminto. Minhas mãos correram frenéticas pelo seu corpo, e ela gemeu ao morder o meu ombro ainda coberto pela camiseta da banda. Puxei seu vestido com pressa, e o tecido fino se rasgou. Tirei minha camiseta, e ela suspirou ao observar meu peito nu. Voltei a explorar seus lábios, mas não era suficiente. Nada parecia me fazer curtir o momento e esquecer a

garota que eu tinha beijado naquela tarde. Os lábios com certeza não eram os mesmos, o seu cheiro não me deixava louco de desejo, eu não podia mais fingir que iria continuar com aquilo.

— Desculpe, acho que não vai rolar — murmurei devagar, ainda sem acreditar no que meus lábios acabavam de dizer.

— O que está falando? — indagou a garota, confusa.

— Acho melhor você ir — pedi me afastando dela.

— Não acredito que vai me dispensar assim! — falou indignada pegando o vestido do chão.

— Não faça drama, só não estou a fim — disse passando as mãos no meu cabelo, nervoso.

— Você é gay? — perguntou furiosa.

Abri um sorriso amargurado ante a sua pergunta. Não fiquei irritado com ela, afinal, quem abandona uma garota bonita como aquela?

— Não sou gay, mas pode pensar o que quiser — disse indo até o banheiro para pegar um roupão. Voltei logo em seguida e cobri seu corpo com ele. — O problema não é você, sou eu. Quem sabe na próxima?

— Se precisar de mim, sabe onde me encontrar — respondeu sorrindo de modo debochado.

Preferi não responder, apenas assenti e esperei enquanto ela saía rebolando da minha suíte. Encostei a cabeça na porta e esperei que alguma coisa fizesse sentido, mas nada aconteceu. Algo tinha mudado em mim depois que eu beijara Pandora, talvez muito antes disso, e, mesmo sem saber o que era, eu ainda estava perturbado.

Virei-me para o quarto vazio, tirei a calça que vestia e segui para o banheiro. Entrei debaixo do chuveiro frio e esperei que meus pensamentos fossem amortecidos, mas eles não cessaram nem por um mísero segundo. Ergui as mãos, impotente, e fiquei ali por longos minutos. Quando saí, meu

corpo estava frio, porém, eu ainda não sabia o que fazer com o desejo que sentia por Pandora.

Deitei-me ainda enrolado na toalha e forcei meus olhos a se fecharem. Foi difícil e por diversas vezes pensei em bater no quarto dela e pedir que me desse uma chance. Contudo, não fiz isso, continuei deitado na cama até que o sono chegou e fui transportado para o silêncio absoluto.



Sabia que era tarde, mas não queria me levantar da cama e enfrentar o longo dia que teria pela frente, muito menos olhar para Pandora e não a beijar outra vez. Nem sabia por que estava resistindo tanto àquilo. Uma noite com ela aplacaria aquele desejo insano.

— Estamos atrasados, e você precisa acordar agora! — disse uma voz irritada, surpreendendo-me.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei me sentando na cama, esfregando os olhos para descobrir se eu não estava sonhando ao ver Pandora parada ao lado da minha cama.

— Trabalho para você, esqueceu? — indagou nervosa, colocando as mãos nos quadris. O movimento fez seu vestido subir e mostrar suas pernas perfeitas. Meus olhos se concentraram nesse ponto e não conseguiam sair dali por mais que eu tentasse olhar para outra coisa.

— Estamos atrasados?

— Sim, todos já estão prontos — respondeu se virando de costas para mim. Caminhou apressada, pegando minhas coisas e as jogando na mala de qualquer jeito.

— Por que está tão irritada? — inquiri pegando a cueca para a vestir embaixo do lençol enquanto ela ainda estava de costas.

— Não estou irritada, é impressão sua — disse sem se virar, ainda concentrada em colocar meus pertences na mala.

— Tem certeza? — questionei parado atrás dela.

— Cla-claro que tenho — gaguejou.

— Não acredito em você — sussurrei no seu ouvido.

— Mas deveria, estou falando a verdade — respondeu se virando para me olhar, e dessa vez acreditei nela.

— Será que posso tomar banho antes de sair?

— Não pode, estamos muito atrasados, você só tem tempo para colocar uma roupa.

— Tudo bem — assenti, colocando a calça jeans e a camiseta que ela jogou em cima de mim.

Pandora não estava brincando quando disse que estávamos atrasados. Quando cheguei à recepção do hotel, a maioria já tinha partido. O motorista já me aguardava do lado de fora, e seguimos direto para o aeroporto. Ela não falou comigo durante o trajeto todo. Eu sabia que estava brava com alguma coisa, mas não conseguia imaginar o que era. Minha única saída era perguntar. Porém, não conseguia, não naquele momento, por isso coloquei meus óculos escuros e ignorei o imã que me atraía para ela.

Quando entramos no avião, todos já estavam sentados. Fiz questão de me sentar o mais longe possível de Pandora. A viagem até Hamilton foi curta, e fui o primeiro a descer quando aterrissamos na pista de pouso. Segui no primeiro carro que nos aguardava e fiquei feliz ao saber que ela não iria comigo.

Passei a maior parte do dia trancado no meu quarto e, quando saí, fui direto para o show – os *roadies* tinham vindo um dia antes para montar toda a

estrutura. Dedilhei as cordas do meu baixo e, por duas horas, esqueci-me de todos os meus problemas. Tirei fotos com as fãs, dei entrevistas e, à madrugada, fiquei jogando sinuca sozinho na sala de jogos do hotel.

Acordei tarde no dia seguinte e me preparei para fazer a mesma coisa. Estava no automático e ignorando o problema que tinha à minha frente. Pandora facilitou a minha situação, pois parecia querer ficar o mais longe possível de mim. Nos vimos poucas vezes e nunca sozinhos.

O segundo show foi uma merda, Freddy estava fora de si, mas eu não tinha cabeça para me preocupar com ele, afinal, tinha os meus próprios problemas para cuidar, ou ignorar, como estava fazendo tão bem até o momento.

Descansamos um dia inteiro depois do show, e aproveitei para fazer uma das coisas que mais gostava, treinar. Desci até a academia do hotel e distribuí socos e mais socos num saco de areia, corri alguns quilômetros na esteira e só voltei ao quarto quando estava esgotado.

Chegamos a Auckland um dia antes do nosso show. Coloquei um moletom velho, um boné preto e passei a tarde toda correndo num parque da cidade. O lugar estava deserto, e não fui reconhecido por ninguém. Quando voltei, fui direto para o chuveiro e fiquei surpreso ao encontrar Jonas no meu quarto quando saí enrolado na toalha.

— O que faz aqui?

— Quero conversar com você — disse se sentando na poltrona.

— Será que posso me vestir antes? — questionei apontando para a toalha.

— Claro, não quero ver você nu enquanto tento colocar juízo na sua cabeça.

Pensei em perguntar o que ele queria disser com isso, mas achei melhor vestir minha roupa primeiro.

— Já estou vestido — anunciei voltando ao quarto usando uma calça de moletom e segurando uma toalha para secar meus cabelos.

— Do que você está fugindo? — ele perguntou sem ao menos esperar que eu me sentasse na cama de frente para ele.

— Quem disse que estou fugindo?

— Eu sei que está fugindo do que sente pela Pandora.

— Não estou fugindo de nada, você precisa parar de inventar coisas. Se quer ajudar alguém, deveria ir atrás do Freddy.

— Ele tem a Mia, além disso, não quer minha ajuda.

— Quem disse que *eu* quero?

— Ninguém — afirmou, levantando-se impaciente.

— Então o que faz aqui?

— Sou seu amigo e me sinto na obrigação de dizer uma coisa pra você.

— O quê? — questionei interessado no seu conselho, mesmo sabendo que não precisava dele.

— Você gosta da Pandora. Por que não admite que está interessado nela?

— Porque não estou — respondi irritado, passando as mãos aflitas no cabelo molhado.

— Está, sim, e acho que ela também está interessada em você.

— Não está, não — disse sem coragem de encarar meu amigo.

— Não sei o que aconteceu com essa garota para ela parar no seu apartamento e não preciso saber disso para afirmar que tem alguma coisa acontecendo entre vocês. Já passei por tanta coisa que posso afirmar com certeza que eu correria qualquer risco para ter Amanda ao meu lado, e imagino que o mesmo acontece com você em relação a Pandora, por isso estou aqui. Você precisa parar de fugir e enfrentar o que sente pela garota.

Suspirei, sabendo que não tinha mais como negar.

— Não é fácil assim. Não quero machucá-la, e sei que vou fazer isso se me aproximar dela.

— Acho que você já a machucou quando trouxe aquela mulher para o seu quarto na outra noite.

— Ela não sabe disso — disse pensativo.

— Sabe, sim, ela viu quando você saiu com a garota depois do show, nos bastidores, e depois, quando a mulher saiu só de roupão do seu quarto. Foi ela e Amanda que encontraram a garota no corredor. Elas emprestaram uma roupa para a mulher, já que você tinha destruído a dela.

— Como sabe disso?

— Amanda me contou tudo, e ela estava muito preocupada com Pandora.

— Por quê?

— Porque ela não conseguiu disfarçar o quanto estava incomodada com a mulher que transou com você.

— Não fui até o fim com ela, não consegui.

— Porque não era ela que você queria — afirmou meu amigo já saindo do quarto.

— Ei, espere! — pedi antes que ele saísse pela porta.

— O que é?

— Sabe o que devo fazer agora? — perguntei confuso.

— Você sabe o que precisa fazer faz um tempo, só deve seguir seu coração. Ele sempre nos leva pelos melhores caminhos.

— Tem certeza?

— Claro — disse fechando a porta atrás de si.

Estava pensando em você

PANDORA

Eu pensei ter visto um homem trazido à vida
Ele era carinhoso, ele se aproximou
Como se ele fosse digno
Ele me mostrou o que era chorar

Torn - Natalie Imbruglia

Depois que vi Bob com aquela mulher, não consegui disfarçar o quanto estava chateada, e Giovanna logo percebeu que tinha algo errado comigo. Disfarcei e disse que estava com saudades de casa, mas ela não acreditou em mim. Fiquei tão aflita que decidi sair do quarto e ficar caminhando sozinha pelos corredores do hotel. Permaneci ali sem rumo até que esbarrei com a tal mulher saindo toda sorridente do quarto dele e usando apenas um roupão.

— Quem é você? — perguntou com desdém ao passar por mim no corredor.

— Sou assistente da banda — resmunguei insatisfeita.

— Que bom, eu preciso de ajuda, ou melhor, preciso de roupas. Bob rasgou meu vestido, e não posso ir embora assim.

— Por que ele rasgou seu vestido?

— Não acredito que esteja me perguntando isso! Ele não teve paciência para esperar e puxou meu vestido, o rasgando no caminho.

— Entendi — comentei baixinho, envergonhada por não ter pensado em algo assim.

— Você pode me emprestar uma roupa? — pediu ansiosa. Contudo, não

consegui responder, só ficava pensando nos dois juntos no quarto, Bob beijando-a como fizera comigo algumas horas antes.

— Ei, acorda, garota! — chamou a mulher, impaciente com a minha demora. Porém, eu continuava sem conseguir responder.

— Eu posso te emprestar uma roupa — anunciou Amanda, esposa do Jonas. Não sabia de onde ela tinha surgido, mas fiquei aliviada pela ajuda repentina.

— Que bom, estava ficando preocupada em ter que ir embora usando esse roupão.

As duas seguiram até o quarto da Amanda, e eu voltei correndo para o meu. Não queria estar ali quando a mulher voltasse para o quarto do Bob. Tirei a calça jeans e a blusinha que usava, coloquei uma camiseta e me deitei. Não queria dormir, mas precisava esquecer aquela noite, mais uma péssima para a minha coleção. Estava difícil esquecer tanta coisa.

No dia seguinte, fui obrigada a acordar o Bob. Tentei me esquivar dessa tarefa, mas Giovanna não deixou. No fim, tive que entrar no quarto dele usando a chave extra que tínhamos. Ainda bem que a mulher não estava mais com ele. No entanto, tive que ser forte ao vê-lo só de cueca e não demorar meu olhar em seu corpo. Sabia que não podia olhar. Além disso, ele era um homem, e, depois do que eu tinha passado, deveria estar correndo de todos eles, mas não era isso o que acontecia quando eu olhava para aquele ruivo. Não via um homem qualquer, e sim alguém que me salvara e podia me proteger e que, além disso, era lindo. Talvez fosse por isso que eu estava tão atraída por ele, feito uma mariposa pela luz.

Tentei ao máximo ignorar suas perguntas e, quando enfim nos afastamos, percebi que eu queria ter ficado mais tempo ao seu lado, apesar de saber que ele tinha passado a noite com outra mulher. Estava me sentindo péssima por pensar assim, por estar sonhando com um homem que não gostava de mim.

Assim que terminou o show em Auckland, tivemos dois dias de folga antes de embarcar para New Plymouth, e aproveitei para sair às compras com Amanda e sua filha, pois não queria ficar no hotel todo aquele tempo sozinha.

Entramos em lojas de brinquedos e compramos alguns ursinhos de pelúcia para a pequena Mili. A garotinha era encantadora. Nós nos divertimos tanto juntas que eu acabei ganhando um ursinho dela. Aproveitei meu primeiro salário e comprei algumas roupas, nada muito chique, só coisas básicas, muitas que eu nem precisava. Porém, queria me distrair e não pensar em Bob, e as compras eram uma desculpa perfeita.

— Preciso agradecer pela ajuda naquela noite no corredor — disse enquanto estávamos sentadas numa cafeteria observando Mili brincar num playground à nossa frente.

— Não precisa, só quis ajudar — comentou bebendo distraída o seu milk-shake.

— Claro que preciso! Não sabia o que fazer, e você apareceu na hora certa.

— Entendo... Já que você lembrou aquele episódio, posso fazer uma pergunta?

— Sim.

— Por que travou na frente daquela mulher?

— Eu... eu não sabia o que dizer.

— Por que não sabia? Mesmo ela tendo falado em inglês, sei que a entendeu. Era só emprestar uma roupa pra ela — disse tranquilamente, voltando os olhos para a filha, que descia no tobogã, animada.

— Não fiquei paralisada por causa da roupa que devia emprestar pra ela — respondi sem jeito.

— Ficou paralisada porque ela estava com o Bob — não era uma pergunta.

— Por que acha isso?

— Não acho, tenho certeza. Só um cego não perceberia os olhares que vocês trocam.

— Que olhares? Você deve estar enganada...

Tentei explicar o que acontecia, mas ela estava tão segura na sua afirmação que só tocou na minha mão, pedindo que eu parasse com as explicações.

Não conversamos mais sobre o Bob depois disso, e fiquei muito aliviada por ela não insistir nesse assunto. Terminamos as compras e voltamos para o hotel.

Assim que anoiteceu, Giovanna me arrastou para um barzinho no Centro da cidade. Tentei recusar, mas não consegui, ainda mais porque Rick, Jack e Bob estariam presentes.

Entramos num ambiente despojado e moderno, porém, lotado. Tive de caminhar devagar para não esbarrar nas pessoas enquanto tentava sem sucesso seguir até a área VIP, mas não consegui chegar lá, pois alguém segurou na minha cintura e me levou para a pista de dança.

— Não quero dançar — resmunguei para um dos *roadies* da banda, o cara que me arrastara para a pista.

— É só uma dança, prometo não perturbar você o resto da noite.

— Promete?

— Claro — respondeu me puxando contra o seu corpo.

A música era agitada, mas ele não desgrudava as mãos de mim, e aquilo estava me incomodando muito. Tentei me afastar dele, mas a pista estava lotada, por isso sempre acabava imprensada contra seu corpo forte.

— Posso roubar sua parceira? — perguntou Bob, surpreendendo-me ao puxar meu braço e me tirar das mãos do meu acompanhante. O cara ainda tentou protestar, mas ficou calado quando Bob olhou para ele com cara de poucos amigos.

— Não quero dançar com você — falei assim que a música agitada acabou e uma lenta começou a ser tocada.

— Você não tem escolha, preciso dançar com você — afirmou puxando meu corpo para junto do seu.

— Por quê? — questionei olhando nos olhos dele em expectativa.

— Porque eu quero.

— Só isso?

— Sim — afirmou decidido, atraindo meu corpo ainda mais. Eu já tinha dançado com ele antes, mas naquela época o considerava apenas um amigo e não sentira nem um terço do que estava sentindo nesse instante. Tudo que eu evitara com tanto afinco durantes aqueles dias estava desmoronando com seu toque, seu cheiro e a música linda que tocava para embalar nosso momento.

— Preciso de espaço — murmurei soltando sua mão e saindo de fininho da pista de dança. Passei pela porta de emergência na lateral do bar e fui recebida por uma lufada de ar, que jogou meus cabelos no rosto e fez a minha pele se arrepiar nos lugares que o vestido não cobria. O ar fresco foi bem-vindo e esfriou a minha pele, que estava em chamas.

— Por que saiu correndo? — perguntou Bob atrás de mim.

— Porque queria ficar sozinha — respondi sem olhar para ele.

— Não gostou de dançar comigo? — indagou confuso. Mal sabia ele que era exatamente o contrário.

— Não é isso, só estava muito quente lá dentro — menti.

— Aqui está melhor? — inquiriu preocupado.

— Está — assenti, sem coragem de dizer que o problema ainda persistia.

— Vou ficar com você aqui até se sentir melhor e conseguir voltar — informou impaciente, encostando seus ombros largos na parede.

— Não precisa, eu estou bem — argumentei ainda sem coragem de olhar para Bob. Fiquei alguns centímetros longe, tentando disfarçar o quanto ele

me afetava.

— Não vou deixar você sozinha aqui — disse passando as mãos no cabelo de um jeito que os deixava desarrumados, mas perfeitos para o meu toque.

— Já disse que estou bem! — falei furiosa com o cuidado que ele tinha comigo. Parecia um irmão mais velho. A última coisa que eu pensava quando olhava para ele era proteção.

— Pode ficar irritada quanto quiser, mas não vou sair daqui e te deixar sozinha neste lugar escuro — concluiu decidido, saindo da parede para ficar parado à minha frente. Estávamos tão perto que seu perfume delicioso invadia meu espaço, e tudo o que eu queria era sentir seus lábios nos meus, como fizéramos naquela tarde na ponte.

Ele respirou fundo, talvez sentindo o momento e o quanto a tensão entre nós se transformara em algo mais e não estávamos conseguindo segurar. Olhou-me com tanto desejo que meu corpo se arrepiou de expectativa. Nossos corpos, que já estavam próximos, ficaram colados, suas mãos deslizaram pelas minhas coxas, meus seios, e o único odor que eu conseguia sentir era seu perfume. Bob beijou meu pescoço com vontade, depois foi subindo os lábios até alcançar os meus e possuir a minha boca como ninguém jamais o fizera. Mesmo depois de alguns dias, eu ainda me lembrava do seu gosto. Provavelmente jamais o esqueceria, não importava quanto tempo passasse.

Mordisquei seus lábios como se fossem os morangos mais suculentos que eu já tinha provado, e ele correspondeu a cada toque meu como se fosse o último. Não pensamos, agimos por impulso, feito barcos à deriva. Não tínhamos qualquer controle, as carícias eram intensas, as melhores que eu já havia sentido, uma vez que meu corpo só queria o dele. Era tão natural beijá-lo que eu poderia ficar a noite toda ali, explorando nosso desejo e me deixando ser guiada por ele. Entretanto, não podia. Aos poucos me dei conta do que estava prestes a acontecer e congelei, o medo tomando conta do que antes era desejo.

— Acho que esse é o meu limite — disse envergonhada, lembrando que

estava encostada à parede de um beco escuro.

— Tudo bem, podemos parar por aqui — respondeu, beijando minha testa e me puxando de volta para o bar.

Algo mudou entre nós

BOB

Fique comigo
E eu serei seu guardião, você será minha dama
Eu fui feito para manter seu corpo aquecido
Mas sou tão gelado quanto o vento que sopra
Então me envolva em seus braços

Kiss Me - Ed Sheeran

A turnê acabou. Mia voltou para casa antes de nós, e Freddy estava fora de controle. No entanto, não era em nada disso que eu pensava quando me sentei na última poltrona do avião para retornar a Nova Iorque. Podia ver o rosto de perfil da Pandora enquanto ela engatava uma conversa animada com Giovanna. O assunto parecia ser interessante, pois suas sobrancelhas perfeitas se arqueavam, tornando seu rosto meu único foco. Lembrei-me do beijo no beco escuro, dos seus lábios macios colados aos meus e dos seus olhos sinceros quando a deixei na porta do seu quarto.

Não conversamos sobre o que acontecera entre nós naquela noite, não nos beijamos mais. Eu não sabia o que fazer quando chegasse a casa e ficasse sozinho com ela. Lá no fundo, sabia que não iria dar certo, mas, se ela estivesse disposta a tentar, eu nos daria uma chance, apenas uma. Seria suficiente para aplacar o desejo e retomar nossa amizade. Talvez até pudéssemos continuar morando juntos depois disso. Éramos adultos, não seria tão complicado assim, seria?

Quando aterrissamos no aeroporto JK, o carro já nos aguardava perto da pista de pouso. O clima estava pesado, houve pouca conversa, e, minutos depois, Pandora já estava ao meu lado seguindo para o meu apartamento.

— Eu vou subir com as malas — informei entregando as chaves do

apartamento na sua mão e saindo do carro para pegar nossa bagagem.

— Tudo bem — respondeu caminhando à minha frente. Subi as escadas logo atrás dela e entrei no apartamento. Coloquei as malas num canto e arremessei minha jaqueta em cima delas.

— Lar, doce lar — resmunguei me jogando cansado no sofá.

— Se quiser pode dormir na cama. Acho que posso ficar no sofá — murmurou tímida, mordendo o lábio inferior.

— Não me importo em dormir no sofá.

— Tem certeza? A cama é sua, e me sinto uma invasora.

— Você não é uma invasora e pode ter certeza de que estou muito bem aqui no sofá — anunciei batendo no estofado macio.

— Se mudar de ideia, podemos trocar quando quiser — disse antes de ir até o banheiro. Fiquei observando enquanto seu corpo esguio se afastava de mim e quase a chamei de volta.

— Isso vai ser mais difícil do que pensei — murmurei assim que ela fechou a porta.

Fiquei em silêncio, e meus pensamentos foram longe quando escutei o barulho da água caindo. Imaginei as gotas escorrendo pelo seu corpo nu, o sabonete percorrendo suas curvas como eu gostaria de percorrer e parei antes que meus pensamentos me levassem longe demais.

— Acho que preciso de comida — resmunguei me levantando e segui até a cozinha. Abri a geladeira na esperança de encontrar algo para comer, mas não havia nada. Tudo estava limpo graças à faxineira que cuidava do apartamento na minha ausência. Porém, a geladeira estava vazia. Peguei meu celular e pedi uma pizza na minha pizzaria favorita. Assim que concluí o pedido, voltei para o sofá e esperei até que Pandora saiu do banheiro usando uma toalha minúscula. Não era justo, não quando eu estava pensando com muito afinco na minha pizza para não a imaginar só de toalha – ou, sendo mais sincero comigo mesmo, nua – à minha frente.

Ela era linda e, com os cabelos molhados, estava irresistível. Eu estava fodido.

— Desculpe, esqueci de pegar minhas roupas — anunciou envergonhada, puxando um vestido de malha do cabide.

— Não se preocupe. Está com fome? — perguntei olhando para um ponto acima da sua cabeça, porque seria impossível olhar para ela e não fazer besteira.

— Estou, sim, você vai preparar alguma coisa? — indagou, ainda imóvel com a roupa nas mãos. Por que ela não se trocava logo?!

— Não, pedi pizza — resmunguei.

— Que bom, adoro pizza — respondeu caminhando até o sofá.

— Eu sei — falei sem levantar meus olhos. De repente, seus pés eram tudo que eu conseguia ver.

— Está tudo bem? Você está estranho — comentou parada à minha frente. Suas pernas ainda estavam molhadas, e, conforme subia meus olhos, percebia que a toalha não cobria quase nada.

— Estou bem — respondi demorando meu olhar nos seus seios redondos moldados no tecido felpudo. Seu cabelo ainda estava molhado, e as gotas de água caíam sobre seu colo, deixando a visão ainda mais sedutora.

— Se estiver desconfortável com a minha presença depois do beijo, posso ir morar com a Giovanna — comentou depois de me observar por um tempo.

— Não quero que saia daqui — pedi me levantando.

— Então por que parece chateado?

— Quer mesmo saber?

— Sim — afirmou com as mãos na cintura.

— Porque não aguento ficar tão perto de você e não poder te tocar —

sussurrei no seu ouvido.

— Então toque — desafiou sem tirar os olhos da minha boca.

Não parei para pensar que eu deveria ir devagar, que aquela garota à minha frente era a mulher mais delicada que eu já tinha conhecido e que enfrentara os piores tipos de abuso. Só prendi a respiração, mirei seus lábios com um desejo ardente que parecia me consumir de dentro para fora e a beijei. Na verdade, devorei sua boca, suguei seus lábios com tanta força que eles ficariam vermelhos por muito tempo depois.

Pandora se rendeu a mim como eu jamais pensei que poderia fazer. Seu corpo quente e macio se moldou ao meu como se fosse feito para mim. Suas mãos puxaram meu cabelo com força, e eu gemi de prazer ao sentir que estávamos perto, muito perto de finalmente saciar aquele desejo insano. Ergui-a pelos quadris, e suas pernas se entrelaçaram em minha cintura. Caminhei devagar até minha cama, e a toalha caiu assim que a joguei sobre ela. Não parei para olhar, quando eu podia tocar e beijar. Eu estava no céu, até descer ao inferno quando a campainha começou a tocar e tive de parar.

— Só um minuto! Fique aqui, por favor! Não se mexa! — pedi correndo o máximo que podia até a porta. Abri-a ainda sem fôlego, com os cabelos uma bagunça e cara de poucos amigos. *Empata foda*, pensei ao olhar o entregador sorridente à minha frente, mas não disse nada, peguei a carteira no bolso de trás do jeans e paguei a pizza.

— Fique com o troco — pedi segurando a caixa e fechando a porta na cara do entregador.

Larguei a pizza no balcão da cozinha e disparei até a cama. Porém, fiquei surpreso ao não encontrar Pandora. Estava a ponto de voltar para a ilha da cozinha a fim de procurá-la quando vi a porta do banheiro fechada e descobri que ela tinha corrido de mim. Encostei minha cabeça na madeira e murmurei:

— Não fuja de mim.

Esperei alguns minutos, mas ela não abriu a porta, por isso dei meia-volta e voltei para a pizza de pepperoni, meu único consolo da noite.

— Sobrou um pedaço pra mim? — indagou usando o vestido de malha, que cobria mais do seu corpo do que eu gostaria.

— Claro, sente-se aí — resmunguei apontando para o banco vazio ao meu lado e virando a caixa na sua direção. Ela pegou uma fatia e, assim como eu, começou a comer usando apenas as mãos. Ficamos num silêncio estranho enquanto isso.

— Precisamos conversar — pedi quando o silêncio já era insuportável e a pizza finalmente acabou.

— Sei disso, mas podemos ignorar que quase transamos alguns minutos atrás e ir devagar?

— Não sei se consigo — disse sem tirar os olhos dos seus lábios.

— Eu sei que temos uma química, mas, depois de tudo que aconteceu comigo, só quero ter cuidado.

— O que quer dizer com ir devagar? — questionei curioso.

— Não sei, só preciso que tenha paciência comigo.

— Eu sempre tenho paciência com você. Na verdade, sou o homem mais paciente do mundo.

— Acho que está brincando comigo.

— Claro que não — disse me levantando e ficando à sua frente. Coloquei meus braços em torno da sua cintura e senti seu perfume suave.

— Então será que podemos ir devagar? — pediu mais uma vez.

— Se devagar for me deixar te beijar sempre que eu tiver vontade... — comentei encostando meus lábios nos seus. Sua boca se abriu para mim, e chupei seus lábios e língua com vontade. Suas pernas se enroscaram na minha cintura novamente e seus dedos bagunçaram meu cabelo enquanto minhas mãos exploravam seu corpo exatamente como tinham feito havia pouco.

— É isso que você chama de ir devagar? — perguntou interrompendo nosso beijo.

— Estava testando você. Um homem pode sonhar — sussurrei no seu ouvido enquanto distribuía beijos molhados no seu pescoço.

— Não sou um teste.

— Sei que não é, mas não consigo resistir aos seus lábios — disse me afastando dela.

— Aonde vai?

— Não disse que precisamos ir devagar?

— Disse, mas isso não significa que não podemos nos beijar.

— Não me torture, Pandora.

— Volte aqui! — implorou saindo do banco e caminhando até mim.

— O que quer de mim?

— Quero mais beijos.

— Não consigo só beijar você.

— Tente — incentivou lambendo os lábios carnudos.

— Só se você dormir comigo — pedi sem tirar os olhos de sua boca. Eu estava enfeitiçado por ela.

— Esqueceu que temos de ir devagar? — indagou nervosa.

— Só quero dormir com você. Podemos nos deitar juntos na mesma cama e dormir.

— Tem certeza de que não vai querer nada mais do que isso?

— Querer, eu quero, mas não vou te agarrar durante a noite, prometo.

— Se promete, podemos tentar. Agora eu quero o meu beijo — pediu se

jogando nos meus braços. Então, beijei-a mais uma vez.

Eu quero mais

PANDORA

Mas estou tão envolvida
Você sabe que sou uma grande tola por você
Você me tem na sua mão, ah, ah ah

Linger - The Cranberries

Quando Bob me beijou, parei de pensar no quanto isso estava errado e deixei as coisas acontecerem. Dormimos juntos na mesma cama, e foi a experiência mais incrível que eu já havia tido na vida. Sentir o calor do seu corpo colado ao meu e a segurança que seus braços fortes me proporcionavam era tudo o que eu precisava para esquecer do mundo à minha volta. Porém, apesar da sensação incrível que senti, ao abrir meus olhos naquela manhã, sabia que estava brincando com fogo. Por dois motivos óbvios: o primeiro era que eu provavelmente jamais teria coragem de me entregar a um homem depois do que acontecera comigo; e o segundo, eu não era o tipo de garota que o Bob gostava, sequer chegava perto das mulheres que se jogavam nos braços dele durante a turnê.

— Não devia pensar tanto de manhã — ele comentou, surpreendendo-me.

— Como sabe que estou pensando? — questionei curiosa, uma vez que ele estava atrás de mim.

— Seu corpo está tenso, portanto, só pode estar pensando em bobagens logo cedo.

— Não são bobagens.

— Em vez de pensar, poderia agir — sugeriu ficando em cima de mim.

— Acho que não é uma boa ideia — murmurei, mas adorei sentir seu

corpo quente em cima do meu.

— Com certeza é uma boa ideia, e devemos terminar o que começamos ontem — disse enquanto me cobria de beijos molhados.

— Esqueceu que estamos indo devagar? — questionei, testando seus limites, porque, apesar de gostar de estar ao seu lado, eu ainda não estava pronta para dar o próximo passo e nem sabia se algum dia estaria.

— Não esqueci, só estava verificando — respondeu dando um beijo quente no meu pescoço antes de se levantar e caminhar até o banheiro.

— Isso não vai dar certo — murmurei colocando as mãos na cabeça e batendo os pés na cama para aliviar a tensão.

Logo depois do café da manhã, Bob me levou para conhecer sua avó, Nancy. Protestei durante o caminho todo, inventei milhões de desculpas para não ir até lá, mas ele estava irredutível e não consegui escapar. Quando, enfim, chegamos à típica casa americana com cercas brancas, meu coração batia acelerado e minhas mãos suavam.

— Não fique nervosa, minha avó é a pessoa mais legal que conheço, depois de mim, é claro — brincou ao colocar sua mão nas minhas costas a fim de me deixar mais tranquila. Conhecíamo-nos havia tão pouco tempo, mas às vezes ele parecia conhecer minhas necessidades melhor do que eu.

Ao entrar na casa espaçosa e bem-arrumada, minhas pernas ainda tremiam, talvez por descobrir um lugar novo, ou por medo da rejeição. Eu sabia como as pessoas podiam ser más, ainda mais quando eram ricas, e não estava preparada para ser julgada pelos olhos atentos da vó Nancy, como Bob a chamava.

Caminhamos de mãos dadas, atravessando a sala, coberta por fotografias de uma família feliz, depois passamos pela cozinha, que era bem parecida com a que Bob tinha no seu apartamento. Os móveis eram novos e modernos, não pareciam com os do restante da casa.

— Eu mandei reformar a cozinha da minha avó no ano passado — explicou ao perceber que eu não tirava os olhos do ambiente.

— Ficou linda — falei admirada com a beleza e praticidade do cômodo.

— Obrigado, mas precisamos continuar. Acho que minha avó está no jardim — disse me puxando para uma varanda linda e aconchegante e depois para o jardim mais cheio de flores que eu já havia visto. Não as conhecia, a não ser as rosas, mas eram todas lindas.

— Não acredito que você apareceu sem me avisar! — ralhou uma senhora com as mãos na cintura e um sorriso enorme. Usava um avental e um vestido amarelo com flores vermelhas desenhadas na lateral e seu cabelo estava bem-arrumado, sem qualquer fio solto. Não sabia quantos anos ela tinha, mas seu rosto era sereno e tranquilo, o que suavizava qualquer linha de expressão. Sua face quase não possuía rugas, e seus olhos verdes tinham o mesmo brilho dos do Bob. A não ser pela cor dos cabelos – os dela eram inteiramente brancos –, eles eram bem parecidos.

— Queria fazer uma surpresa — comentou soltando a minha mão para abraçar a avó.

— Que linda surpresa! — disse a senhora tentando disfarçar as lágrimas.

— Não quero ver a senhora triste, vovó — informou secando o rosto dela.

— Não são lágrimas de tristeza, e sim de felicidade — explicou abraçando o neto mais uma vez.

— Melhor assim — falou Bob se afastando para observá-la melhor.

— Ei, quem é essa garota? — indagou a senhora ao me ver pela primeira vez. Ela estava tão empolgada com o neto que só então percebera minha presença atrás dele.

— Essa é a Pandora — apresentou Bob, falando em português pela primeira vez em bastante tempo. Ultimamente vínhamos conversando só em inglês, pois apenas assim eu aprenderia a língua perfeitamente.

Sua avó me observou por alguns instantes que para mim pareceram horas. Meu corpo ficou tenso, minhas pernas, bambas, e quase saí correndo dali.

Entretanto, ele segurou minha mão com carinho, e a senhora demorou os olhos nas nossas mãos unidas antes de dizer alguma coisa.

— É um prazer conhecer você — anunciou em português, assim como seu neto fizera minutos antes. Ouvi-la falar português, mesmo com o sotaque diferente do meu, foi um alento para as minhas dúvidas. Eu sabia que ainda teria muita coisa pela frente, mas, ao saber que Bob estaria ao meu lado, aos poucos meus medos e receios foram ficando para trás.

— Eu que estou feliz em conhecer a avó do Bob — disse apertando a mão que ela estendia para mim. Porém, não foi suficiente, ela acabou me puxando para um abraço carinhoso, assim como tinha feito com Bob, e me senti confortável e feliz ao retribuir seu gesto.

Gradativamente fui ficando à vontade. A avó Nancy era tudo menos a pessoa esnobe que eu imaginara. Ficamos um bom tempo no jardim, cuidando das suas plantas, conversando sobre a turnê da banda e a saudade que o Bob estava da comida da avó. Por fim, entramos juntos na casa. Sentei-me numa das banquetas na cozinha e bebi um copo grande de limonada com geleia de morangos enquanto Bob e Nancy preparavam o nosso almoço.

— Onde está a Consuelo? — indagou Bob depois de ajudar a avó a empanar as coxinhas de frango.

— Ela foi ao médico, mas não se preocupe, é só uma consulta de rotina. Depois iria passar no mercado. Acho que chega mais tarde — respondeu a senhora, despreocupada.

— Consuelo é a acompanhante da minha avó — explicou Bob ao observar meu cenho franzido.

— Ela é mais do que uma simples acompanhante, na verdade, ela é a minha única amiga — emendou a senhora simpática.

Não pensei que seria tão bom conhecer a avó do Bob. Ela era uma pessoa única. Em momento algum perguntou do meu passado, da minha família ou qualquer coisa que eu me sentisse desconfortável em falar. Ficamos a tarde toda na sua casa, provei sua comida maravilhosa e o seu famoso doce

português, e ela nunca me olhou com desprezo. Quando nos despedimos, eu ainda queria ficar mais um pouco. Sua alegria era contagiante, e eu desejava um pouco dela para mim. Jamais esqueceria aquele dia, nem minhas mãos pressionadas no abdômen durinho do Bob enquanto eu segurava na sua cintura para não cair da moto durante todo o trajeto de volta para casa.

Assim que ele desligou a moto na garagem do seu prédio, eu já estava querendo repetir o passeio, mas não disse nada. Entrelacei sua mão na minha, e subimos juntos as escadas até o seu apartamento. Pouco antes de entrarmos, meu celular tocou, e sorri ao ver quem estava me ligando.

— Oi, Helena.

— Olá, querida! Estou com saudades de você. Achei que viria me ver aqui hoje.

— Também estou com saudades, mas acabei de chegar de uma visita à avó do Bob.

— Ele levou você para conhecer a vó Nancy? — questionou surpresa.

— Sim, eu adorei conhecê-la — respondi enquanto Bob passava por mim em direção ao banheiro. Porém, parei de prestar atenção à conversa quando ele tirou a camiseta, deixando seu abdômen definido à mostra. Suas tatuagens, que um dia tinham me causado tanto medo, agora eram encantadoras.

— Pandora? Pandora, você está me ouvindo? — inquiriu Helena, chamando a minha atenção.

— Cla-claro. Me desculpe, estava distraída.

— Então, como eu estava perguntando antes e você não escutou, você e o Bob estão namorando?

Fiquei feliz por Helena fazer essa pergunta por telefone. Se estivesse em minha presença, perceberia o quanto fiquei vermelha. Ainda bem que Bob já estava no banheiro, e o chuveiro ligado impediria que ele ouvisse minha resposta.

— Não sei — respondi sem jeito.

— Como não sabe?

— Estamos nos conhecendo, nada além disso.

— Estão se conhecendo com sexo ou sem?

— Sem. Você mais do que ninguém deveria saber que não consigo depois do que aconteceu comigo.

— Desculpe, não queria tocar nesse assunto. Sei o quanto você sofreu, mas ainda acho que deve deixar o passado pra trás. Bob é um homem bom, e tenho certeza de que vai ser cuidadoso com você.

— Sei disso, mas o problema não é ele, nunca foi. O problema sou eu e meus fantasmas. Ainda não esqueci o que passei nas mãos daquele monstro e acho que nunca vou esquecer. Não passa um só dia em que eu não me lembre dos meus gritos, do cheiro horrível e de suas mãos asquerosas em cima de mim. Eu escolhi passar uma borracha na bagunça toda que era a minha vida antes de conhecer vocês e me dar uma chance, mas não significa que superei, ou que eu seja uma garota normal. Sou estragada, sem família, pobre e fui lembrada muitas vezes da minha situação para esquecer assim tão rápido.

— Não devia falar esse monte de bobagens. Não posso imaginar o seu sofrimento, mas sei que não é saudável ficar se torturando assim. Por mais difícil que seja, você precisa seguir em frente. Não é fácil e pode levar muito tempo, mas tenho certeza de que vai conseguir.

— Por que tem tanta fé em mim?

— Porque eu vejo a mulher linda e forte que você é. Muitas pessoas não resistiriam ao passar pelos mesmos obstáculos que você. Sei que parece uma frase idiota, mas, se você não tivesse passado por tudo isso, acho que nunca nos conheceríamos, eu jamais teria a oportunidade de ter você como minha amiga. É horrível que tenha passado por um abuso e pelo descaso da sua família, desejo de todo meu coração que seu destino fosse diferente, mas não podemos remar contra a maré quando ela é mais forte do que a gente. Nesse caso, basta seguir a correnteza e aproveitar ao máximo a vista. Mais cedo ou

mais tarde, eles pagarão por tudo que fizeram a você.

— Acredita mesmo nisso?

— Com todo o meu coração.

Sabia que ela tinha razão, mas ainda assim não ficou mais fácil depois de ouvir suas palavras. Eu tinha um fardo imenso para carregar, e ele não desapareceria tão cedo.

Estou curtindo você

BOB

Nem sempre são arco-íris e borboletas
É o compromisso que nos deixa juntos
Meu coração está cheio, e minha porta sempre aberta
Você pode vir a qualquer hora que quiser

She will be loved - Maroon 5

Sempre gostei de meus companheiros de banda, mas, depois de uma turnê, tudo que eu queria era ficar um pouco afastado deles. Sempre precisava de espaço nesses momentos, ainda mais naquela época, com os problemas do Freddy sendo jogados sobre nós seja como amigos, seja como colegas de trabalho. Eu queria ajudá-lo, mas não sabia como, por isso achava melhor não atrapalhar. Ele estava passando mais tempo com Rick. Eles eram mais parecidos, e eu estava torcendo para que o tecladista conseguisse tirar Freddy do abismo no qual se encontrava.

Enquanto isso eu estava ali, deitado na minha cama macia ao lado da mulher mais incrível que já tinha conhecido. Havia sido uma surpresa agradável saber que minha avó aprovara Pandora. Eu ainda não sabia o que tínhamos. Estávamos curtindo o momento. Eu nunca fizera isso. Parecia fácil, mas não era. Tentava não pensar aonde esse relacionamento nos levaria para não colocar uma pressão desnecessária nela e em mim. Por isso, deixaria rolar.

— O que vamos fazer hoje? — Pandora perguntou, interrompendo meus pensamentos.

— Não sabia que estava acordada — disse, beijando seus lábios suculentos. Não era fácil dormir com ela na mesma cama e não fazer mais nada além de beijar. Provavelmente eu nunca beijara tanto uma garota na

vida. Pelo menos era bom *pra caralho* saborear sua boca.

— Não desvia do assunto, perguntei aonde vamos — repetiu assim que consegui soltar seus lábios.

— O que acha de explorar a Big Apple?

— Você está brincando comigo? — indagou subindo em cima de mim.

— Não faça isso, você está brincando com fogo — murmurei, lembrando-me do meu amigo lá embaixo, que queria ganhar vida.

— O que você vai fazer? — questionou arqueando as sobrancelhas e mordendo a parte inferior dos lábios.

— Eu vou fazer isso — disse girando o corpo dela e invertendo nossas posições. Depois levantei devagar a camiseta da banda que ela insistia em usar e comecei a beijar seu umbigo. Fui subindo distribuindo beijos molhados até descobrir seus seios. Acariciei-os com cuidado e depois os chupei enquanto ela gemia de prazer embaixo de mim. — Você vai me matar desse jeito — resmunguei me deitando do outro lado da cama ao primeiro sinal de tensão em seu corpo.

— Tenha um pouco de paciência comigo — pediu preocupada.

— Eu tenho toda a paciência do mundo com você, gata. Pode ter certeza disso, mas agora preciso de um banho, bem frio, de preferência — informei, beijando sua testa e correndo até o banheiro.

Depois que saí do banho, estava mais controlado e pronto para o nosso passeio. Esperei que Pandora se arrumasse e aproveitei o friozinho lá fora para colocar um agasalho preto por cima da camiseta, além de pôr um boné e meus óculos escuros.

— Está irreconhecível — murmurou colocando as mãos em volta do meu pescoço.

— Não é pra tanto. Só não quero ser fotografado pelos *paparizzi* a cada passo que der. Está pronta? — questionei observando seu vestido bonito, as

meias pretas, as botas da mesma cor e a jaqueta jeans com um capuz preto. Ela aprendera a se vestir, e eu estava adorando o quanto aquela garota florescera em tão pouco tempo.

— Sim — respondeu sorrindo.

— Então vamos — disse pegando a mão dela e descendo até a garagem. Peguei um dos capacetes e o coloquei com cuidado na sua cabeça. Quando tive certeza de que estava segura, levantei a viseira e dei um beijo no seu nariz, em seguida coloquei meu capacete, acomodei-me no assento e liguei a moto.

Assim que saímos da garagem, o vento frio nos atingiu, mas ele era bem-vindo. Desviei-me do trânsito caótico àquela hora da manhã em Manhattan e segui rumo ao Rustic Table, minha lanchonete favorita em Nova York. O lugar era pequeno e, como o nome mesmo dizia, rústico. O cardápio não tinha nada de especial, mas era servido em grandes porções e estava sempre uma delícia.

— Adorei o lugar — comentou assim que abri a porta de vidro para ela entrar.

O restaurante sempre estava cheio, e algumas vezes tínhamos que dividir a mesa com alguém. No entanto, era um dia de semana, a hora do café da manhã já tinha passado havia um bom tempo e ainda faltavam algumas horas para o almoço, por isso encontramos a minha mesa preferida no canto vazia e poucas pessoas para chamar nossa atenção. Segurei a mão da Pandora e a levei até a mesa. Sentamo-nos um de frente para o outro, e perguntei:

— O que vai pedir?

— Não sei. Você me convidou; me surpreenda — disse sorrindo animada. Ela realmente estava feliz, e meu coração deu saltos de alegria por eu poder proporcionar isso a ela.

— Vai deixar por minha conta? — questionei-lhe arqueando as sobrancelhas.

— Vou; confio em você.

— Se você diz, então vamos lá — disse, chamado o garçom em seguida.

— Vou querer dois The Dangers e dois cappuccinos.

— Você nem olhou o cardápio? E o nome do prato é mesmo igual ao da sua banda? — indagou assim que o garçom saiu para providenciar meu pedido.

— É, sim, e em breve você vai descobrir por quê.

O garçom não demorou para aparecer com meu pedido. Colocou tudo na mesa com cuidado, e Pandora murmurou surpresa, com as mãos na boca:

— Tudo isso?

— Tudo isso: croissant de queijo, panqueca, omelete, bacon, salada de frutas com iogurte e cupcake de laranja para acompanhar.

— Por que esse prato se chama The Dangers?

— Porque foi eu quem o criou — respondi tirando um pedaço generoso da omelete.

— Como assim? Explique melhor. Como você criou um prato nesse restaurante?

— Eu venho aqui tomar café da manhã sempre que estou em Nova Iorque e toda vez que aparecia pedia uma coisa de cada prato. No começo, eles demoravam um século para juntar tudo, e, quando traziam o prato gigante, as pessoas que estavam esperando para serem atendidas queriam um igual. Diante disso, o dono, que virou meu amigo, pediu autorização para colocar o nome da banda no prato, e eu dei com a seguinte condição: não preciso mais pagar pelo prato pelo resto da minha vida.

— Não acredito nisso! Você me surpreende a cada dia que passa.

— Espero que seja de forma positiva.

— Claro que é! Tudo em você é pra lá de bom.

— Tudo mesmo? — brinquei.

— Tudo, e você sabe muito bem que estou falando a verdade.

Depois desse café da manhã reforçado, aproveitamos o dia para explorar Manhattan. Visitamos o MoMa, museu de arte moderna. Ficamos algumas horas admirando a capacidade que o ser humano tem para se reinventar. As exposições eram criativas e dinâmicas, por isso eu gostava tanto de ir ali. Fui reconhecido por duas adolescentes, mas, depois de elas tirarem muitas fotos comigo e pedirem autógrafos, conseguimos sair do recinto sem maiores problemas. Eu não gostava de sair com seguranças e não era reconhecido em todos os lugares, como Jack, por isso podia ter um pouco mais de privacidade e liberdade.

O segundo lugar que visitamos foi o meu preferido, Lincoln Center, onde assistimos a uma apresentação diurna da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, ou, como era mais conhecida, a Big Five. Eu não faço parte de uma banda apenas como profissão, amo a música em todos os seus estilos, mas a clássica tem um lugar reservado no meu coração. Comecei tocando música clássica, e ela me conquistou, foi amor à primeira vista. Por isso fiquei eufórico e ansioso para mostrar a Pandora minha outra paixão.

— Você gostou? — perguntei quando saímos de mãos dadas do concerto.

— Eu nem sei o que dizer, nunca vi nada parecido na minha vida toda. Ainda estou tentando me recompor.

— A música tem esse poder de mexer com nossos sentimentos. Na primeira vez que essa conexão se forma, costuma ser assim; na próxima, vai ser mais fácil.

— Eu espero. Nunca tive tantas sensações conflitantes dentro de mim como nos últimos tempos.

— Acho que você precisa de um descanso.

— Não, não quero ir embora ainda — protestou.

— Não vamos para casa. Tenho o lugar perfeito para descansar.

Ela ficou confusa por um momento, mas me seguiu enquanto eu passava no Shake Shack e pedia sanduíches e seus acompanhamentos para viagem. Escolhi um lugar afastado e nos sentamos no gramado do Central Park para o nosso almoço improvisado já no fim da tarde.

— Você já esteve aqui antes? — questionei tirando meu hambúrguer do saco de viagem.

— Já, Helena me trouxe alguns meses atrás. Porém, não vim até aqui.

— O Central Park é enorme, e você pode descobrir um lugar que não conhecia toda vez que vier aqui. Aliás, podemos fazer isso juntos. A partir de hoje, vamos conhecer lugares novos no parque toda vez que estivermos aqui.

— Está brincando?

— Não, estou falando sério — respondi, mordendo meu lanche e encerrando a discussão, pelo menos por enquanto.

Comemos nossos hambúrgueres, batatas fritas e o milk-shake olhando para as pessoas despreocupadas passeando pelo parque.

Quando terminamos, tirei meu boné e deitei minha cabeça no seu colo. Fechei os olhos enquanto ela mexia no meu cabelo.

— Meu padrasto e, desconfio, minha mãe me venderam para um traficante de mulheres no Rio de Janeiro — confessou Pandora, surpreendendo-me.

— Não sei o que dizer... — murmurei angustiado.

— Não diga nada, só ouça, por favor. Hoje foi o dia mais perfeito, mais lindo que tive na vida e não queria estragá-lo com a minha história triste. Mas ela faz parte de mim e moldou o que sou hoje. Preciso ser sincera com você e quero que entenda por que esse dia é tão perfeito. Nasci e cresci numa favela em São Paulo. Minha mãe não sabia quem era o meu pai, por isso me tratou feito lixo a vida toda. Só não fugi de casa porque não tinha para onde ir, nenhum parente, nenhuma melhor amiga, nada. A escola era o único lugar em que eu me sentia bem, tinha amigos e não era maltratada. Mas minhas amigas

pensavam diferente de mim, elas queriam namorar, ir para os bailes funk, e eu só queria sair daquele lugar e sabia que, se namorasse alguém daquele ciclo, me tornaria igual à minha mãe. Por isso não entreguei meu corpo pra ninguém. Não foi porque estava esperando meu príncipe encantado que não fiz isso; nunca acreditei em contos de fadas. Foi porque não queria ser como ela. Agora, depois de tudo que passei, sinto que não te mereço. Me sinto suja e incapaz de me entregar a você — revelou se desmanchando em lágrimas.

— Você nunca foi, nem nunca será suja. Muito pelo contrário, é a garota mais linda e encantadora que conheci na vida. E vou ser o cara mais sortudo do mundo quando você decidir se entregar pra mim — expliquei me sentando e a erguendo com carinho para ficar no meu colo.

Meu doce favorito

PANDORA

Podemos pegar uma página em branco
E preenchê-la com os sonhos que fizemos
E deixar isso desaparecer lentamente
Eu quero me apaixonar de novo, mas desta vez
Sem arrependimentos

In love again - Colbie Caillat

Quando se está feliz, os dias não passam, eles voam. Jamais tinha sido tão consciente dessa frase como naquela época. Às vezes achava que estava sonhando e que um dia acordaria e voltaria para minha triste realidade. A verdade era que eu estava vivendo pela primeira vez, tinha alguém ao meu lado que me apoiava, cuidava de mim e me abraçava forte quando eu acordava no meio da noite chorando. Nunca havia tido isso, nem mesmo quando era criança. Talvez por isso fosse tão carente.

Meu relacionamento com Bob mudou depois da nossa conversa no Central Park. Eu sabia que mudaria, mas precisava me abrir com alguém. Gostava de conversar com Helena, mas não conseguia olhar nos olhos dela e me ver refletida neles, como acontecia com Bob. Não sei explicar, só me sentia segura para falar com ele, embora não sobre tudo. A noite em que ele me encontrara num beco escuro ainda era um tema proibido entre nós, e eu não sabia se algum dia teria coragem de contar a alguém o que acontecera comigo. Por enquanto, estava tentando ignorar o problema. Eu o trancara na caixa de Pandora e não queria abri-la nunca mais.

Acordei sentindo um cheiro gostoso de chocolate. Demorara a dormir na noite anterior, pois ficara até tarde sentada no tapete da sala, observando Bob tocar violino. Eu nunca vira ninguém tocando esse instrumento antes. Quando assistira à orquestra, eram tantos os instrumentos que eu não prestara

atenção ao violino. Porém, daquela vez, ele estava tocando para mim, e a música era tão linda que eu jamais esqueceria. Seus acordes perfeitos ficariam na minha memória de um jeito especial. Não importava onde eu estivesse, sempre que ouvisse *Rain*, lembrar-me-ia daquela noite e sorriria.

— Não posso mais resistir a esse cheiro de chocolate — resmunguei, levantando-me da cama e correndo até o banheiro. Logo depois caminhei devagar até a cozinha.

— Pensei que iria dormir a manhã toda e perder a diversão — comentou Bob ao me ver.

Ele estava sem camisa, usando apenas uma calça de moletom preta, e com uma tigela nas mãos.

— O que você está fazendo? — questionei observando os ovos, a farinha e o leite espalhados no balcão.

— Cupcake de chocolate. Você gosta?

— Nunca experimentei antes, mas adoro chocolate — expliquei me debruçando no balcão. Coloquei o dedo na cobertura de chocolate e o lambi.

— Delícia... — comentou Bob ao observar o meu gesto.

— Você tem razão, está uma delícia — disse sorrindo para ele.

— Não estou falando do chocolate, e sim de você — explicou mergulhando o dedo no chocolate e passando nos meus lábios. Tentei lambê-lo, mas ele foi mais rápido. Colou sua boca na minha, e senti sua língua me explorar com avidez. O chocolate acabou, mas o beijo, não. Bob me sentou no balcão ao lado dos ingredientes da receita e continuamos a nos beijar. Suas mãos deslizaram pelas minhas pernas nuas, e eu entrelacei meus dedos nos seus cabelos e o puxei para mais perto.

— Que cheiro é esse? — perguntei enquanto ele atacava meu pescoço com os lábios e a barba.

— Os cupcakes estão queimando — resmungou frustrado, largando o

meu pescoço e correndo até o fogão.

— Acho que ficaram bem assados — ironizei ao vê-lo tirar os bolinhos torradinhos do forno.

— Não brinque comigo, a culpa é sua — disse os jogando no lixo.

— Minha? — questionei colocando uma das mãos no peito e fingindo estar surpresa.

— Você me distraiu — respondeu olhando a criação arruinada no lixo.

— Não distraí nada, você que começou a me beijar.

— Porque você me provocou.

— Não provoquei, só experimentei a cobertura de chocolate — falei fazendo cara de inocente.

— Com o dedo, e o lambeu na minha frente.

— Sim, e o que tem de mais nisso?

— Você não faz ideia mesmo? — inquiriu voltando a se aproximar de mim. Parou quando estávamos bem perto um do outro e mordiscou meu lábio inferior. — Ainda não faz ideia? — indagou, beijando meu pescoço.

— Acho... que tenho uma vaga ideia — arfei antes de responder.

— Se é assim, acho que podemos parar, então — disse sem tirar seus olhos verdes de mim.

— Ainda não, podemos experimentar um pouco mais de chocolate — falei colocando a mão dentro da cobertura e a passando no seu rosto.

— Você não fez isso! — exclamou com a face toda lambuzada de chocolate.

— Fiz — respondi, lambendo sua pele doce. Todavia, não consegui terminar meu trabalho, porque ele encheu a mão com a cobertura e a passou no meu busto, manchando a blusinha branca que eu usava e toda a pele

descoberta.

— Acho que devemos tomar um banho agora — murmurei ao me sentir toda grudenta de calda de chocolate.

— Juntos? — questionou lambendo um resquício do doce na minha bochecha.

— Se você conseguir só tomar banho comigo...

— Um banho sem nenhum tipo de benefícios?

— Não sei. Se for bonzinho, podemos negociar — respondi, mordendo o lábio, e isso foi o suficiente para Bob me jogar nas costas e me levar correndo para o banheiro.

Apesar de me sentir à vontade e explorar seu corpo como nunca o fizera antes, não consegui seguir em frente. Ainda não estava pronta. Ele já conhecia meu corpo mais do que eu mesma e entendeu, no segundo em que eu congelei, que estava na hora de parar.

Dormimos de conchinha naquela noite e em muitas outras depois dela. A cada dia avançávamos um pouco mais, porém, eu ainda tinha meus receios e precisava derrotá-los. Queria seguir em frente com a minha vida como se aquele monstro não tivesse tirado um pedaço de mim. Pedi ajuda a Helena. Conversamos muito, e, no fim da conversa, eu estava com uma consulta marcada para o dia seguinte com uma psicóloga amiga dela.

Sentar-me diante uma pessoa estranha e falar dos meus problemas não foi fácil. Eu tinha tantas questões mal resolvidas na vida. Entretanto, ela teve muita paciência comigo, e começamos a falar da minha infância. Era doloroso me lembrar de pequenos detalhes e do quanto eu sofria vivendo com uma pessoa que não me amava. Algumas pessoas podem não acreditar no que vou dizer agora, mas acredito que nem toda mulher nasce para ser mãe. A maternidade não está no instinto, nem qualquer outra baboseira que digam. Minha mãe era uma dessas pessoas, e acredito que têm muitas outras assim por aí. Durante as consultas, percebi que eu nunca tinha sido sua filha e nunca seria. O quanto antes eu entendesse isso, mais cedo resolveria meus

problemas de autoestima.

Passei a fazer sessões intensivas, três vezes por semana. Nossas primeiras sessões foram só sobre minha mãe. Contei-lhe sobre o medo que eu tinha de me tornar parecida com ela. E, muitas sessões depois, cheguei à noite que mudara minha vida. Consegui falar pela primeira vez sobre o que acontecera comigo. Não dei detalhes; ainda não conseguia fazer isso nem mesmo com a psicóloga.

Quando desabafei, senti-me mais leve. Aos poucos a mágoa que sempre carregara em meu coração estava desaparecendo, e eu devia tudo isso a uma única pessoa: Bob. Minha relação com ele estava cada vez melhor. Visitei a avó Nancy outras tantas vezes, e, numa delas, conheci a famosa Consuelo. As duas eram mulheres maravilhosas e me receberam como se fosse da família. Na sua casa, senti-me mais à vontade do que quando morava com a minha mãe.

Foi num dos meus passeios com Bob que os *paparazzi* nos descobriram. Fotos nossas passeando no Central Park de mãos dadas, andando de moto juntos e entrando no café que ele adorava visitar, vazaram na internet e viraram febre. Giovanna tentou amenizar a situação, mas as fãs da The Dangers ficaram agitadas diante da mais nova namorada do baixista da banda. Ele ainda não tinha me pedido em namoro, mas morávamos juntos, e eu não precisava de um pedido formal para me considerar sua namorada.

Para completar o alvoroço da mídia, Freddy teve uma overdose enquanto visitava a família em Washington, e todos os integrantes da banda, inclusive Bob, correram para o hospital para dar assistência ao amigo, e eu fiquei sozinha no apartamento dele em Nova Iorque. Deveria ter ido também, afinal, meu trabalho era ajudar Giovanna, mas Bob não deixou. Disse que eu precisava continuar com as minhas sessões com a psicóloga, e um ambiente de hospital não iria me ajudar muito. Tive que concordar com ele.

Sem a presença do Bob, quase não saía do apartamento. Não gostava de andar sozinha. No entanto, não podia desmarcar minhas consultas com a terapeuta, pois estavam me ajudando bastante. E foi quando eu voltava de uma das minhas consultas que *ele* me encontrou.

— Achou que eu tinha esquecido você? — indagou um homem me prendendo contra a parede externa de uma lanchonete bem próxima ao apartamento do Bob. Já tinha escurecido, e as poucas luzes no local deixavam o ambiente perfeito para ele me encurralar.

— Quem é você? Por favor, me solte agora — pedi com a voz trêmula de medo.

— Você sabe quem eu sou, não preciso dizer — sussurrou no meu ouvido.

— Não faça nada comigo! Por favor, me deixe ir! — supliquei desesperada, tentando sem sucesso sair do seu aperto.

— Não se lembra que dirigia a van que trouxe você de Miami para Nova Iorque? Meu chefe pediu pra eu lhe dar um recado. Não vou machucar você, não agora, pelo menos. Ele sabe com quem você está e quer dinheiro para não ir à imprensa falar que a namoradinha do astro do rock é uma vadia.

— Não sou uma vadia! — rosnei, mordendo a mão dele, que estava me prendendo pelo pescoço.

— Você é uma vadia! Fique quieta! Se me morder novamente, vou machucar você! — respondeu dando um tapa no meu rosto.

— Chega! Chega! Quero ir embora! — gritei, debatendo-me mais uma vez.

— Você só vai embora quando ouvir o que tenho pra falar — disse me segurando ainda mais firme.

— O que você quer de mim?!

— Quero o dinheiro do seu namorado. Meu chefe quer 500 mil dólares para não lavar sua roupa suja na imprensa.

— Não tenho esse dinheiro — revelei chorando.

— Você, não, mas seu namorado tem, e, se não aparecer com o dinheiro dentro de dois dias, você estará bem encrencada — falou passando a língua

no meu rosto antes de desaparecer.

Fui deslizando contra a parede até me sentar no chão e chorei. Fiquei ali, contra a parede fria, tentando me recompor para voltar ao apartamento antes que meu agressor voltasse.

Eu só quero você

PANDORA

No momento estamos perdidos e achados
Eu apenas quero estar ao seu lado
Se essas asas pudessem voar
Para o resto de nossas vidas

Wings - Birdy

Subi as escadas até o apartamento do Bob correndo. Não olhei para trás, não diminuí o ritmo, meu coração estava quase saindo pela boca tamanho era o meu medo. Já havia me sentido assim antes, na noite em que fugira daquela casa. Tranquei a porta assim que entrei e desabei no chão, chorando desesperada, porque mais uma vez eu estava à mercê daquele tipo de gente. Fugira tanto deles, negara que ainda estavam lá e podiam me encontrar, mas não adiantara. Eu tinha pensado que era forte, que estava superando, imaginara que eles não tivessem mais poder sobre mim. No entanto, estava enganada; só precisara de um aviso e um tapa para eu voltar àquela noite. Estava ali e não conseguia sair.

Encolhi as pernas e abracei meu corpo, tentando expurgar aquelas lembranças, mas eram mais fortes do que eu, que estava atolada até a cabeça nelas. Conseguia até sentir o cheiro do monstro asqueroso que abusara de mim. Seu perfume caro não era suficiente para mascarar a podridão que existia dentro dele. Sentia seu corpo quente e áspero em cima do meu, a repulsa que eu sentira quando fora invadida sem permissão, os lamentos, as lágrimas, a dor excruciante, os gritos, estava tudo ali, e eu não conseguia evitar a avalanche de emoções.

Sozinha no apartamento, passei a noite toda encolhida contra a porta. Em algum momento, meu corpo e mente esgotados adormeceram. Acordei toda

dolorida, olhei para a janela e vi os primeiros raios de sol iluminarem o dia. Ergui-me ainda sonolenta, fui até o banheiro e tomei o banho mais longo da minha vida. Esfreguei cada parte do meu corpo com tanta força que meus braços e pernas ficaram vermelhos. Quando saí do banho, coloquei uma camiseta do Bob, e seu cheiro conseguiu me acalmar. Deitei-me na cama e fiquei lá por um bom tempo, buscando forças de onde não tinha para sair daquela situação sozinha.

Enquanto estava deitada, recebi inúmeras mensagens do Bob, mas não consegui responder nenhuma. Não sabia o que dizer a ele. Não queria preocupá-lo, quando seu amigo precisava tanto dele, e não queria ser um peso, a garota que sempre precisava de ajuda. Daquela vez, eu faria tudo sozinha. Precisava disso. Encerrar a história trágica da minha vida era minha responsabilidade.

Quando não aguentava mais de fome, levantei-me, assei uma lasanha congelada, sentei-me em frente à TV, liguei-a num canal qualquer e fiquei ali, com um prato quente de comida nas mãos, comendo apenas porque estava com muita fome. Apesar de a refeição estar deliciosa – fora a vó Nancy que a fizera –, não senti prazer em comer. Estava em modo automático, fazendo tudo por necessidade.

Dois dias. Eu teria dois dias para conseguir 500 mil dólares. Eu tinha um cartão de banco, Giovanna que me dera. Quase não o usava e não sabia quanto dinheiro tinha lá, nunca me interessara em descobrir. Meu salário como assistente era depositado nessa conta, mas, mesmo que o pessoal da banda fosse extremamente generoso, eu não teria nem perto desse valor.

Depois de checar com o banco, descobri, surpresa, que eu tinha quase a metade do que estavam exigindo, 200 mil dólares. Nunca tinha me preocupado em saber quanto ganhava como assessora, e fiquei impressionada ao descobrir que estavam me pagando 50 mil dólares por mês e ainda tinham me dado um bônus pela turnê. Nunca vira tanto dinheiro na vida. Ainda tinha outro cartão que o Bob deixara no apartamento para emergências. Pensei que aquela era uma emergência. Passei a tarde toda tentando convencer o gerente por telefone a liberar meus 200 mil e mais 150 mil da conta que descobrira apenas naquele dia que Bob dividia comigo. Eu nunca soubera disso e não

achava certo. Pediria uma explicação a ele assim que conseguisse resolver tudo e pagar aqueles canalhas. Iria devolver todo o dinheiro que pegaria emprestado.

Na manhã seguinte, acordei com mais uma mensagem, porém, dessa vez não era do Bob, e sim dos abutres que queriam nosso dinheiro. Nesse momento me senti incomodada com o fato de que qualquer um tinha acesso ao meu número por estar no site da banda como um dos contatos.

O seu prazo se esgotou. Me encontre às 18:00 na esquina da Nona Avenida com o dinheiro e venha sozinha.

Passei o dia todo uma pilha de nervos, mas, por incrível que parecesse, estava aliviada por colocar um fim naquilo sozinha. Assim que entregasse o dinheiro, sairia correndo sem olhar para trás e esperava que eles não percebessem que estava faltando uma parte. Imaginava que eles não perderiam tempo para contar na minha frente. Pretendia colocar as notas numa bolsa maior e as separar. Pedira para o gerente do banco separar a quantia com o máximo de notas possíveis para disfarçar que faltavam 150 mil dólares.

À tarde, coloquei uma calça jeans, um agasalho preto do Bob com capuz, peguei uma mochila e saí do apartamento. Assim que coloquei os pés na rua, percebi que estava sendo seguida. O cara parecia querer falar algo comigo, mas eu estava tão apreensiva que aumentei os passos e quase corri para chegar até o banco. Peguei todo o dinheiro que conseguira reservar, espalhei-o dentro da mochila, deixei as notas de cem dólares por cima para despistar e segui rumo ao desconhecido.

Enquanto caminhava, percebi o quanto era ingênua por pensar que conseguiria enganar criminosos experientes. Não iria dar certo, e eles provavelmente iriam me matar assim que descobrissem que eu não tinha todo o dinheiro, mas que alternativa eu tinha além de tentar tirar aqueles monstros da minha vida?

Cheguei ao local combinado alguns minutos antes do horário. Olhei em volta em busca de ajuda caso as coisas não ocorressem como eu imaginara e descobri que gritar não iria resolver muita coisa. O galpão abandonado ficava numa esquina pouca movimentada, e não tinha ninguém andando por ali naquela hora, o que era estranho para uma cidade tão movimentada como Nova Iorque, ainda mais na hora do rush. Por isso eu só podia rezar para que meu plano desse certo e minha cota de tragédias tivesse terminado.

Percebi quando o cara que me abordara na primeira vez apareceu. Ele olhou para os lados desconfiado e depois passou por mim devagar.

— Veio sozinha?

Não consegui responder, meu corpo tremia muito, por isso só balancei a cabeça para cima e para baixo.

— Venha comigo — ordenou, afastando-se para entrar no galpão.

Segui-o com passos lentos, mas não consegui entrar naquele lugar sozinha. Paralisei na porta, e, assim que ele percebeu, parou também e se virou para mim.

— A entrega será feita aqui dentro. Não podemos contar o dinheiro do lado de fora.

— Não vou entrar — afirmei me segurando com força à porta.

— Se não entrar, nosso acordo estará desfeito.

— Não quero saber, vou embora. Foi uma idiotice vir até aqui. Vocês nunca irão parar de tentar extorquir nosso dinheiro.

— Quem te disse isso, princesa? Não queremos só o dinheiro, temos planos pra você — anunciou se aproximando de mim.

Tentei fugir, mas ele não estava sozinho; outro cara apareceu atrás de mim e tentou me empurrar para dentro do galpão. Grudei-me ainda mais à porta, pois precisava resistir o máximo que podia. Se entrasse naquele lugar escuro, não conseguiria sair viva dali. Lutei com toda a força que tinha, mas

eles eram dois e muito mais fortes. Levei um soco no rosto, alguns pontapés. Já estava quase desistindo quando alguém que estava passando em frente ao galpão me viu e veio me ajudar. O cara derrubou meus agressores, e teríamos conseguido escapar se não aparecesse um terceiro homem de dentro do galpão com uma arma na mão.

Ficamos imóveis, esperando o pior, mas ele não veio. Em seu lugar, ouvi sirenes de carros de polícia. Eles saíram eu não sabia de onde, mas estavam em maior número e surpreenderam os bandidos, que tentaram correr, mas não conseguiram. Foram todos rendidos. Ainda havia mais deles dentro do galpão. Fiquei feliz por não ter entrado lá. Os paramédicos insistiram para eu cuidar do sangue que escorria da região da minha sobrancelha, por isso me levaram para a ambulância. Ainda estava nervosa com tudo que acontecera e tremia muito.

Demorei alguns minutos para conseguir dizer meu nome e explicar o que de fato tinha acontecido comigo. O choque tinha sido tão grande que não conseguia falar em inglês. Quando, enfim, consegui dizer as primeiras palavras, escutei a voz do Bob desesperado me chamando. Não acreditei que ele estava ali, não assim, não tão rápido. Contudo, eu não estava enganada, era mesmo ele, e me aconcheguei nos seus braços assim que ele se aproximou de mim.

Seguimos para a delegacia para dar nossos depoimentos e, após isso, fomos para casa. Eu precisava dizer tanta coisa a ele, mas não falei nada. Seu beijo carinhoso sobre o curativo que os paramédicos fizeram na minha sobrancelha e parte da testa foi suficiente para mostrar que ele me entendia, como sempre, que sabia que eu precisava de tempo, amor e o aconchego dos seus braços para me sentir segura.

— Desculpe, não queria colocar você nos meus problemas mais uma vez — resmunguei ao acordar deitada na cama ao seu lado. Nem tinha percebido quando adormecera.

— Seus problemas são meus problemas.

— Não deveriam ser. Não acho isso certo.

— Mas são, e é melhor você se acostumar com isso. Sei que pode se cuidar sozinha, fez isso a vida toda. No entanto, quero dividir essa tarefa com você... isso se você quiser.

— Acho que não fiz um bom trabalho, quando você teve que me salvar duas vezes — bufei fechando os olhos, envergonhada.

— Não penso assim. Você está aqui ao meu lado, com alguns arranhões, mas está bem. Não deve pensar que fracassou. Poucas pessoas já confrontaram o que você enfrentou e estão aqui pra contar a história. Ah, a polícia recuperou o dinheiro e irão me devolver em breve.

— Desculpe por pegar seu dinheiro sem permissão. Eu estava desesperada.

— Não se preocupe com isso, é apenas dinheiro e em breve estará nas contas novamente.

— Precisamos conversar sobre meu salário e sobre a conta conjunta. Não acho que uma simples assessora deve ganhar tanto dinheiro assim. E não há por que você dividir uma conta bancária comigo.

— Você é minha assessora, e eu decido quanto vou pagar e não aceito reclamações e nem devoluções. E a conta é minha para dar acesso a ela a quem eu quiser. A fiz apenas para as despesas de casa.

— Ainda não consigo pensar como você. Me sinto fraca por sempre precisar de ajuda para me defender.

— Talvez eu possa te ajudar com isso. Podemos fazer algumas aulas de autodefesa.

— Você sabe lutar?

— O tatame e o saco de areia no meio da sala não estão ali de enfeite. Faço artes marciais desde criança, sou faixa preta em judô e jiu-jítsu. E vou ensinar você a se defender.

— Você faria isso por mim? — perguntei animada pela primeira vez

depois de tudo por que tinha passado.

— Claro, assim que colocar alguma comida no seu estômago e ele parar de roncar — reclamou, dando um beijo nos meus lábios e se levantando da cama.

— Quero panquecas com muita calda de chocolate e morangos! — gritei ainda deitada na cama.

— Para quem estava faminta, você está muito exigente, mocinha — retrucou sem se virar para mim.

— Uma garota pode sonhar, não? — indaguei sorrindo. Era um momento tão descontraído que eu não podia acreditar que, apenas algumas horas antes, eu estava vivendo um pesadelo.

— Você pode, Pandora, você pode sonhar tudo o que quiser. Vou fazer o possível e o impossível para realizar todos os seus sonhos.

Uma ameaça é sempre uma ameaça

BOB

Por favor, não veja
Apenas um garoto preso em sonhos e fantasias
Por favor, me veja
Buscando por alguém que não consigo ver

Lost stars - Adam Levine

Fiquei em choque quando soube da overdose do Freddy. Nunca imaginara que ele chegaria ao fundo do poço e me senti culpado por não o ter ajudado. Talvez, se eu não estivesse olhando para o meu próprio mundinho, teria percebido que ele precisava de ajuda. Porém, não fiz nada para impedir. Saímos de Nova Iorque no jatinho da banda, todos os integrantes, nosso empresário, Giovanna e Helena, mas não conseguimos avisar a Mia.

Aterrissamos em Washington de manhã. A imprensa já nos aguardava no aeroporto, e precisamos de uma equipe extra de seguranças para chegar até o hospital. Não conseguimos ver Freddy, ele estava na UTI, e apenas a família podia vê-lo. Mesmo com os pedidos do Peter e da Giovanna, a família do Freddy não aliviou nossa entrada. Todavia, não desistimos, acampamos na recepção da UTI e esperamos.

— Ele vai sair dessa — disse Rick se sentando ao meu lado.

— Estou me sentindo culpado, cara. — Levantei meu olhar para ver meu amigo.

— Não se sinta. Todos nós temos uma parcela de culpa. Você não é o único.

— Eu não o ajudei. Estava tão distraído com a Pandora que esqueci do

meu amigo — expliquei angustiado.

— Não se culpe por pensar numa garota, ainda mais alguém como a Pandora. Freddy vai sair dessa, e vamos rir juntos dessa situação de merda. — Ficou uns momentos calado, quando disse: — Depois do Jonas, achei que não voltaria tão cedo a um hospital, e agora aqui estamos novamente.

— Nem me fale. Odeio hospitais.

— Não é um dos meus lugares preferidos no mundo. Por que não trouxe a Pandora?

— Achei melhor deixá-la em Nova Iorque. Não sei quanto tempo vou ficar aqui.

— Espero que pouco. Não vou suportar essa rotina de hospital.

— Vamos pensar positivo — pedi observando um médico vir falar com a família do Freddy.

Quando ele saiu, soubemos que o caso era grave e as primeiras horas eram decisivas na recuperação do meu amigo. Só podíamos esperar, o que fizemos por dois dias seguidos. Dormimos pouco e nos revezamos na recepção. Os fãs começaram a se aglomerar na porta do hospital. A imprensa queria cobrir em primeira mão tudo o que acontecia, e tudo era incerto. Nossos nervos estavam à flor da pele. Se tudo continuasse assim, um de nós em breve ocuparia um quarto ao lado do Freddy.

O clima ficou tenso e apreensivo entre nós até recebermos a notícia de que ele estava fora de perigo. Enfim conseguimos nos acalmar um pouco. Porém, recebi uma ligação que voltaria a mexer com meus nervos.

— Senhor Williams, temos um problema com a senhorita Linhares — disse o segurança que tinha contratado para cuidar da minha garota na minha ausência.

— O que aconteceu com ela? — perguntei preocupado me afastando dos outros para ter privacidade.

— Ela está segura no apartamento, não se preocupe.

— Então por que está me ligando?

— Dois dias atrás ela foi ameaçada por um cara. Eu estava vigiando de longe quando vi o sujeito se aproximar dela. Estava escuro, mas fiquei a alguns metros de distância para observar a cena. Não podia revelar meu disfarce, pois o senhor não quer que ela saiba que está sendo vigiada. Mas a cena foi bem preocupante. Decidi me aproximar mais para caso as coisas saíssem do controle e ouvi quando o cara a ameaçou.

— O que ele quer?

— 500 mil dólares para não ir à imprensa e contar que sua namorada é uma vadia. Desculpe a palavra, não quis ofender, essas foram as palavras dele. Estou apenas repetindo.

— Não acredito que os miseráveis a encontraram! — bufei irritado.

— Pelo visto, sim, e ainda a estão chantageando.

— Obrigado por me avisar. Não a deixe sair do apartamento por nada neste mundo. Se precisar, revele o disfarce, pois não quero correr nenhum risco de perdê-la.

— Pode deixar, estou vigiando — murmurou, encerrando a ligação.

Depois de saber que Pandora estava em perigo, tive que partir de Washington. Despedi-me dos meus amigos e da família do Freddy. Expliquei que precisava fazer algo urgente em Nova Iorque, e Peter mandou o jatinho me levar de volta.

Assim que aterrissei no aeroporto, recebi uma ligação do segurança dizendo que Pandora saíra do apartamento e ele não conseguira impedi-la. Fiquei desesperado e liguei para Casey Dawson, o delegado amigo do meu pai que me tinha ajudado com Pandora no começo. Contei-lhe a situação. Embora Pandora nunca tivesse falado comigo sobre o que lhe acontecera na noite em que nos conhecemos, eu sabia de parte da história, pois contratara um detetive particular para a investigar. Ele disse que iria me ajudar. Passei-

lhe as coordenadas do possível paradeiro da Pandora, que o segurança me enviou por mensagem, e pedi ao motorista que pisasse fundo para me levar até lá antes que fosse tarde demais.

Quando cheguei ao local, o circo já estava armado. As sirenes dos carros de polícia tocavam sem parar, tinham policiais por toda parte e uma ambulância. Passei a procurar Pandora no meio deles, mas não conseguia encontrá-la. Já estava ficando desesperado. Quando a vi deitada numa maca dentro da ambulância, gelei.

— Pandora... Pandora, por favor, responda — pedi aflito ao vê-la naquele estado.

— Bob? — murmurou franzindo o cenho.

— Sou eu, querida, estou aqui — falei segurando sua mão.

— Tive tanto medo! — exclamou se sentando na maca para me abraçar.

— O que fizeram com você?

— Nada, os policiais chegaram bem na hora.

— Por que seu rosto está machucado? — perguntei observando os hematomas na sua pele e o curativo no supercílio.

— Não foi nada.

— Desculpe por não chegar antes, vim o mais rápido que pude.

— Você chegou no momento certo — falou me abraçando mais uma vez.

Enquanto Pandora era examinada, o delegado me parou para conversar.

— Preciso ter uma palavrinha com você.

— Claro.

— Como sabia sobre a quadrilha de traficante de mulheres? Nós estamos há meses a investigando.

— Contratei um detetive particular para os investigar desde que encontrei a garota no beco escuro.

— Você sabia que eles traficam mulheres de diversos países para os Estados Unidos?

— Não tinha certeza, por isso contratei o detetive. De verdade, não quero que o nome da Pandora esteja entre as investigações. Não tem um jeito de isso acontecer? Faço o que for preciso!

— Impossível, ela é uma das nossas testemunhas mais valiosas. Ela vai precisar depor e provavelmente será arrolada como testemunha pela promotoria quando o caso estiver pronto para ir a julgamento.

— Não quero expor Pandorora dessa forma; levei um tempo para conseguir sua confiança e não pretendo abalar isso.

— Nem para condenar os crápulas que fizeram isso com ela?

— Não sei, deixe-me falar com ela antes.

— Sim, embora o depoimento dela será primordial. Também gostaria de tomar o seu; o que descobriu em sua própria investigação pode ser importante.

— Obrigado — murmurei, em seguida caminhei até ela, que acabava de ser dispensada pelos paramédicos.

— Por que demorou tanto? — questionou Pandora pondo a mão em meu ombro.

— Eu estava resolvendo um assunto importante com o delegado.

— O que conversaram?

— Precisamos ir até o departamento de polícia dar nossos depoimentos — respondi acariciando seus cabelos.

— Agora? — indagou em tom lamentoso.

— Sim, eles não podem esperar. Vou ficar ao seu lado, prometo — disse a abraçando.



Após os depoimentos, saí com Pandora do departamento de polícia. Ela estava muito fragilizada após contar tudo que lhe acontecera, e, como eu estava ao seu lado o tempo todo, só não durante meu próprio depoimento, pude ouvir tudo pelo que ela passara. Meu ódio pelos traficantes de mulheres e pelos crápulas que participavam do esquema como "compradores" só fez crescer.

Sinalizei ao meu motorista, e saímos daquele lugar. Ela chorou o caminho todo até o meu apartamento, e, quando estacionamos na garagem do prédio, desci do carro com ela nos braços e subi as escadas assim. Quando entramos, fui direto para o banheiro, tirei suas roupas devagar e a ajudei a tomar um banho, em seguida a deitei na minha cama, e dormimos de conchinha. Na verdade, tentamos, pois ela acordou muitas vezes durante a noite, assustada, porém, era só eu murmurar que estávamos todos bem, que ela voltava a dormir aconchegada nos meus braços.

Após alguns dias, voltei a entrar em contato com Casey por telefone.

— Bob, os caras que prendemos naquele dia delatou um dos líderes da quadrilha. Nós o prendemos, e ele abriu o bico na mesma hora, denunciou os comparsas. Conseguimos ordens judicias e invadimos tanto o lugar onde eles mantinham as mulheres sequestradas quanto aquele em que aconteciam os "leilões" e o usufruto das "mercadorias", como os criminosos chamavam. Desmantelamos uma quadrilha enorme graças à Srta. Linhares, a você e a seu detetive.

— Só quero que eles apodreçam na cadeia!

— Provavelmente irão. Temos muitas provas para que seja possível que eles saíam ilesos.

— Vocês prenderam os clientes também?

— Alguns, mas o negócio era bem organizado. Conseguimos encontrar uma lista de clientes. Todos serão acusados formalmente. Achamos fotos, vídeos e materiais que podem ajudar a provar o quanto eles financiavam o tráfico de mulheres.

— Estou procurando um cliente especial, aquele que abusou de Pandora. Ele também foi preso?

— Sim, para nossa sorte, ele estava lá, cometendo outro crime. Foi preso em flagrante delito e, com as provas que temos, ficará um bom tempo na cadeia.

— Tem certeza de que é ele?

— Tenho, sim, ou melhor, as provas não mentem, e o desgraçado tinha fotos no celular de todas as garotas que abusou. Eram como um troféu para ele e facilitaram nossa vida — explicou, mandando-me via mensagem uma foto da Pandora. Não era a minha garota, não se parecia em nada com a mulher que eu conhecia, mas era ela. Fitei por um momento seu rosto muito maquiado e assustado, seus olhos cheios de lágrimas. Queria ter chegado antes para impedir que aquele lixo humano abusasse da minha garota, mas ainda não a conhecia antes daquela noite horrível.

— Obrigado — disse fechando meu punho com força, desejando poder acabar com a vida daquele crápula.

— Não precisa agradecer. Sabe que seu pai estaria orgulhoso. Você fez um serviço para este país.

— Não fiz nada pensando em recompensa, queria ajudar alguém especial pra mim e impedir que esses criminosos continuassem abusando de garotas inocentes.

— Fez a coisa certa, e isso é pra poucos. Mais de cinquenta garotas estavam trancadas nas duas casas que arrombamos, todas estrangeiras. Vamos levá-las para o hospital, e em breve estarão de volta aos seus países de origem.

— Não vai mandar Pandora de volta!

— Não preciso, ela tem um *green card* agora. Não sei como vocês conseguiram tão rápido, deve ser sua influência de pessoa famosa — brincou. — Ela vai poder permanecer aqui por quanto tempo desejar.

— Fico aliviado. Obrigado por tudo.

— Eu que agradeço; sem vocês, não teríamos feito todo esse progresso.

Desliguei. Virei-me e vi que Pandora estava atrás de mim. Pela sua expressão, ela tinha ouvido a conversa.

— Eles o prenderam? — indagou, a voz trêmula, os olhos úmidos.

— Sim, querida, ele está preso, e você está segura — respondi acariciando seus cabelos.

— Tem certeza?

— Tenho, sim, pode ficar tranquila agora — pedi, distribuindo beijos aleatórios no seu rosto.

Pandora me abraçou e chorou de alívio.

Esse é o meu lugar

BOB

Parece que eu me curei
Você encheu minha xícara de café
Quando você veio e me acordou
Antes eu estava meio vazio
Apenas vivendo com simpatia
Até suas cores me cobrirem

Easy - Gavin James

Passamos um dia inteiro trancados no meu apartamento, na cama, sem fazer nada especial. Pandora estava linda, e sua beleza pela primeira vez se refletia em seu rosto como deveria ser. Não existia mais aquela sombra de dúvida que pairava sobre ela.

— Acorda, dorminhoca! Vamos treinar. Faz dias que você vem protelando, desde que eu disse que ia te ensinar — pedi, acordando Pandora com beijos carinhosos no rosto no dia seguinte à minha conversa com Casey.

— Estou com fome. Não posso treinar sem comer primeiro — resmungou se escondendo embaixo do lençol.

— Abra os olhos. Seu café da manhã já está servido — falei colocando uma bandeja na cama com tudo que eu tinha preparado para nosso café.

— Café da manhã na cama? — questionou surpresa, jogando o lençol longe e me abraçando.

— Não é parecido com o da Rustic Table, mas quebra o galho.

— Está brincando comigo? Nunca tive café na cama antes, e esse está perfeito! — comentou, beijando meu rosto em agradecimento. Eu estava

adorando a nova Pandora.

Sentamo-nos lado a lado e apreciamos a comida. Quando terminamos, ela se enfiou no banheiro por quase uma hora e, quando saiu, estava com os cabelos amarrados e um top e um short minúsculo.

— Vai treinar assim? — indaguei ao vê-la.

— Sim, por quê? O que tem de errado? — rebateu confusa olhando sua roupa.

— Nada, podemos tentar — resmunguei aflito. *Essa garota quer me matar, só pode!*

— E você vai me dar aulas assim? — inquiriu apontando para minha calça de moletom, única coisa que eu vestia.

— Talvez não seja uma boa ideia essa aula — comentei passando a mão no cabelo.

— Pare de me enrolar, e vamos logo com isso — disse indo até o tatame.

— Tudo bem! Vamos começar com quatro dicas de movimentos de autodefesa que são simples de aplicar e podem ser realizados por qualquer um.

— E funcionam de verdade?

— Eles foram extraídos de um estilo de combate chamado Krav Maga, criado pelas Forças Especiais de Defesa de Israel e são fáceis de aprender por não precisarem de nenhum tipo de roupa ou equipamento especial nem um condicionamento físico específico. Os golpes dessa modalidade visam sempre neutralizar uma ameaça da forma mais rápida possível.

— Entendi, mestre. Quando vamos começar?

— Daqui a pouco, mas preste atenção ao que eu estou falando. Você não luta só com o corpo, a mente também está trabalhando.

— Certo.

— O Krav Maga é um sistema de combate essencialmente desarmado. Isso significa que você precisa atacar as áreas de menor resistência, como olhos, nariz, orelhas, mandíbula, garganta, virilha, joelhos e tendões de aquiles.

— Quer dizer que chutar as partes íntimas dos homens é nossa única chance de escapar?

— Sim. Se tiver chance, faça isso e saia correndo.

— Vai me demonstrar de forma real?

— Não. Você faria isso comigo? — indaguei colocando as mãos na frente dos "meus instrumentos".

— Como vou aprender?

— Deixamos esse golpe para outra hora. Agora posso ensinar você a dar um bom soco — disse segurando sua mão e mostrando como fechá-la corretamente para desferir um golpe certeiro.

Assim que consegui lhe mostrar como socar direito, segurei o saco de areia e pedi que o socasse sem parar. No começo os golpes eram tão fracos que cheguei a duvidar de que ela conseguiria. Contudo, surpreendeu-me em alguns momentos, e fiquei feliz com seus socos. Depois lhe ensinei a se defender de um possível golpe no rosto, depois de um ataque pelas costas e, por fim, como escapar de um estrangulamento. Ela era esperta e aprendia rápido. Mais algumas aulas e já estaria apta a se defender sozinha.

— Estou esgotada! — disse se jogando no tatame.

— Podemos parar por hoje. Amanhã continuamos — falei me deitando ao seu lado.

— Bob, eu estou pronta — avisou, respirando fundo e sem coragem de olhar para mim.

— Ainda não, Pandora, você está indo bem, mas vamos precisar de mais algumas aulas — expliquei distraído.

— Não estou falando das aulas de autodefesa.

— Espere, o que você... — Enfim consegui compreender o que ela estava dizendo e arregalei os olhos.

— É isso mesmo que você está pensando. Quero enterrar minhas lembranças tristes, e a única forma que conheço é fazendo novas.

— Tem certeza disso? Eu posso esperar o tempo que você quiser.

— Não quero mais esperar, estou pronta e quero que seja agora.

— Agora? — indaguei surpreso.

— Sim, a menos que você não me queira mais.

— Não diga isso, claro que quero você. Nem imagina o quanto!

— Que bom, pois eu também quero você — disse se virando para se sentar em cima de mim. Ela se abaixou devagar, seus lábios mordiscaram os meus e se aprofundaram num beijo quente. Deslizei minhas mãos por sua pele macia, apalpei seu corpo esguio com desejo latente. Seu gosto era viciante, e eu não conseguia parar, mas precisava. Pandora merecia mais do que aquilo.

— Espere, nossa primeira vez não vai ser no meu tatame. Não depois do tanto que esperei para ter você — disse interrompendo os beijos, já sem fôlego.

— Vamos para a cama? — convidou se levantando.

— Não, espere! Quero que sua primeira vez seja especial — expliquei puxando sua mão e a impedindo de seguir até a cama.

— Você sabe que não vai ser a minha primeira vez — comentou abaixando a cabeça, envergonhada.

— Ei, esqueceu que estamos fazendo novas lembranças? Esqueça o passado. Quando eu te fizer minha, será a sua primeira vez, e quero que lembre desse momento pelo resto da sua vida. Por isso precisa ser perfeito —

argumentei erguendo seu queixo para fitar seus olhos.

— Quando vai ser, então? — perguntou sem tirar os olhos de mim.

— Arrume nossas malas, que eu vou fazer algumas ligações — pedi, afastando-me dela em busca do meu celular.

— Vamos viajar?

— Sim, quero mostrar a você o meu lugar especial — falei interrompendo a minha ligação para lhe responder.

— Onde é?

— Será uma surpresa. Em breve você saberá.

— Como vou saber que roupas levar?

— Frio. Leve roupas de frio — avisei, voltando para o meu telefonema.



Levei apenas algumas horas para organizar nossa viagem repentina, mas tinha certeza de que valeria a pena. Peguei nossas malas, que Pandora arrumara, e seguimos até o aeroporto. A viagem seria longa, e provavelmente só chegaríamos ao nosso destino no dia seguinte. Reservei o jatinho da banda para a viagem, mas teríamos que fazer uma escala em algum lugar da Europa para abastecer, e a viagem poderia ganhar mais algumas horas. Apesar de não saber para onde estávamos indo, Pandora estava tão animada que não se importou com a demora.

Aterrissamos no aeroporto de madrugada. Ao desembarcarmos, um carro já nos aguardava na pista.

— Suíça? — indagou curiosa enquanto se sentava ao meu lado.

— Alpes Suíços. A cidade para a qual vamos se chama Adelboden — disse arqueando as sobrancelhas.

— Que lindo! Mas pensei que seria mais frio... Não está muito diferente de Nova Iorque — comentou.

— Nas zonas mais baixas não há muita diferença de temperatura com a Big Apple, mas a região dos Alpes, como é uma área montanhosa, tem neve eterna nos picos, e é sempre muito fria. Você vai amar esse lugar — disse beijando sua testa.

Como era outono, não estava muito frio lá fora. Entretanto, quanto mais a altitude se elevava, mas o frio ia aumentando. Puxei o corpo de Pandora para o meu colo a fim de esquentá-la. Ficamos abraçados o caminho todo até o meu chalé, que ficava numa montanha. Era a única casa num raio de 50 quilômetros.

Eu tinha aquele chalé fazia alguns anos, comprara-o com o seguro que meus pais haviam me deixado e com os primeiros cheques que ganhara com meu trabalho na banda. Não era grande, nem luxuoso, mas tinha a melhor vista que eu já havia visto de todos os lugares em que eu já estivera. Ficava bem no topo de uma montanha cheia de neve eterna. Para se chegar lá, só de jipe com tração nas quatro rodas, o veículo em que estávamos naquele momento. A propriedade tinha poucos cômodos, uma pequena sala, somente um quarto, imenso e confortável, com uma cama *king size* que eu adorava, além de uma lareira para nos aquecer nos dias frios, que eram frequentes. Não podia esquecer da cozinha, que era equipada com o que tinha de mais moderno. Eu conseguiria fazer tudo ali, e era imprescindível, uma vez que não poderíamos pedir comida em lugar nenhum. Por isso eu precisara fazer tantas ligações antes de viajar. Pedira para o senhor que cuidava do chalé na minha ausência abastecer a dispensa e a geladeira e providenciar lenha. Havia também um banheiro com boxe, ofurô e uma vista impressionante.

Quando o motorista estacionou o SUV na frente do chalé, desci empolgado segurando a mão da Pandora, peguei nossa bagagem e me despedi dele. Entrei na pequena varanda e peguei a chave reserva embaixo do tapete.

— Você deixa a chave aqui o tempo todo? — perguntou incrédula enquanto eu girava a chave para abrir a porta.

— Sim — disse dando de ombros.

— Claro que sim, afinal, aqui é a Suíça, lugar rico e privilegiado. Quem vai querer roubar se são todos ricos? — refletiu entrando no chalé atrás de mim.

— Acho que você tem razão — falei depositando as malas num canto e acendendo as luzes e a lareira, que ficava na pequena e aconchegante sala de estar.

— Você alugou este lugar? — ela perguntou se sentando no sofá e se cobrindo com a manta que estava em cima dele.

— Não, ele é meu — revelei esfregando as mãos em frente à lareira recém-acesa para aquecê-las.

— Este chalé tão encantador e romântico é seu? — indagou surpresa.

— Sim, por que o espanto?

— Não sei... Este lugar não se parece com você.

— E por que não?

— Olha em volta — pediu se levantando e girando pela sala, depois foi até o quarto e, por fim, à cozinha. O lugar era tão pequeno que ela fez isso em questão de minutos, por isso não me importei em segui-la.

— Estou olhando, mas ainda não sei por que acha que o lugar não combina comigo.

— Ele é lindo, encantador, romântico. Olha essa vista! — declarou parando em frente às enormes janelas de vidro da sala, que mostravam um lago imenso lá embaixo rodeado por montanhas verdinhas com topo coberto de neve.

— Continuo sem entender. Não sou lindo, nem encantador, nem romântico?

— Exceto pela cozinha, o restante do chalé parece ter sido decorado pela sua avó — explicou dando risadinhas e se sentando ao meu lado no sofá.

— Não construí e decorei este lugar, o comprei pronto e gostei da decoração. Portanto, só reformei a cozinha e deixei o resto como estava. Além disso, adoro aquela cama — expliquei apontando para o quarto.

— Vamos ficar por quanto tempo?

— O quanto for preciso — respondi, voltando a beijar seus lábios suculentos.

Novas lembranças

PANDORA

Todo mundo ama as coisas que você faz
Desde o jeito que você fala
Até o jeito que você se move
Todo mundo aqui está te observando
Porque você dá a sensação de lar

When we were young - Adele

Escapar pela segunda vez de algo ruim era tudo o que eu precisava para esquecer, passar uma borracha em tudo e recomeçar. Até que enfim entendera que precisava construir boas lembranças em cima das velhas. Poucas pessoas tinham a oportunidade de recomeçar do zero como estava acontecendo comigo. Por isso, em vez de me lamentar como fizera por tanto tempo, decidi que era privilegiada por estar viva, por ter alguém ao meu lado que se importava comigo, e iria me refazer. Enfim estava pronta para seguir em frente.

Aos poucos Bob ganhara espaço no meu coração. Quando eu o vira pela primeira vez, achara que era o mesmo tipo de cara rude, coberto de tatuagens e insensível que já estava acostumada a ver por aí, por essa razão me negara a confiar nele, mas aos poucos e com muito carinho, ele me mostrara que era o oposto do que eu imaginava. Eu nunca havia conhecido ninguém como ele. Precisara passar por uma tragédia para conhecê-lo. Enfim eu estava mais forte, tão forte que finalmente dissera sim a ele. Imaginara que ele me possuiria ali mesmo, no tatame da sua sala. Porém, não o Bob. Eu deveria ter sabido, ele nunca fazia nada de qualquer jeito, e nossa primeira vez não seria diferente.

Não me importara para onde iríamos, nem me preocupara em saber, pois confiava nele e sabia que eu iria gostar da surpresa antes mesmo de vê-la, e

não estava enganada. Viajamos durante quase 10 horas para visitar o seu chalé nos Alpes Suíços, e não era qualquer chalé. Era o lugar mais lindo que eu já vira na vida. Tudo era encantador e perfeito, assim como Bob. Parecia com aqueles lugares de cartões-postais. Eu estava me sentindo dentro de uma fotografia.

Ainda não tinha entendido por que minha vida oscilava tanto. Era como se eu fosse do céu ao inferno num intervalo de poucos dias. Naqueles poucos meses, eu já vivera o pior e o melhor que a vida podia proporcionar. Depois de tudo pelo que passara, podia dizer que sabia valorizar os momentos importantes, aqueles que passam despercebidos e acabamos esquecendo. Contudo, não eu. A partir daquele dia, naquele chalé, eu vivenciaria as coisas boas como se fossem únicas.

E aquele era um desses momentos. Eu podia senti-lo com cada fibra do meu ser.

— Eu poderia ficar horas olhando para essa vista sem cansar — murmurei tocando o vidro da janela. Estávamos tão perto das montanhas que senti que poderia tocá-las.

— Decidi comprar essa casa quando vi essa vista — explicou atrás de mim.

— Por que decidiu ter um lugar pra você tão longe dos Estados Unidos?

— Sempre gostei do frio, adorava esquiar com meus pais em Aspen. Quando eles se foram, algo se quebrou dentro de mim, e eu precisava me encontrar. Só consegui fazer isso muitos anos depois. Vi as montanhas pela televisão, juntei dinheiro e, quando tinha a quantia certa, achei este lugar.

— Deve ter custado uma fortuna!

— Na época em que o comprei, levou todo o dinheiro que eu tinha. Porém, não me arrependi nem por um segundo. Esta casa me resgatou. Foi aqui, sozinho, que encontrei a paz.

— Ela é linda mesmo.

— Chega de falar sobre a casa. O que acha de comer uma fondue de chocolate?

— Isso é golpe baixo, você sabe o quanto amo chocolate! — respondi me virando para fitá-lo fingindo que estava brava.

— Então venha comigo — pediu levando o aparelho de fondue até um tapete felpudo em frente à lareira da sala. Logo depois foi até a cozinha e voltou com espetos, uma travessa com marshmallow e frutas.

Sentamo-nos um em frente ao outro. Bob colocou um marshmallow no espeto, depois o segurou bem perto do fogo, esperou alguns segundos para gratinar e o passou no chocolate derretido. Em seguida o entregou para mim. Mordi-o com vontade, e o marshmallow derreteu na minha boca, deixando um gosto maravilhoso de chocolate.

Depois foi a vez das frutas. Experimentei-as todas, mas o morango foi o meu favorito. Não percebi a hora passar. Ficamos tão distraídos, perdidos no nosso mundinho particular que nem prestei atenção quando as frutas acabaram e o pote com chocolate ainda estava na metade. Bob olhou para mim com as íris brilhando de desejo, colocou o dedo no creme e o passou nos meus lábios. Tentei lambê-los, mas ele não deixou, assim como o fizera naquela vez na cozinha do seu apartamento, e nosso beijo começou. Sua língua tinha gosto de chocolate, morangos e Bob, tudo o que eu mais gostava no mundo, a combinação perfeita para deixar qualquer garota fora de si. Inclusive eu, apesar de ter sofrido um abuso, naquele momento só conseguia pensar nele. Minha mente estava entorpecida pelo seu cheiro, seu gosto, suas mãos na minha pele sensível. Parecia que eu estava na minha própria bolha, em que nada era mais importante do que aquele momento.

Aos poucos nossas roupas foram tiradas, e, quando eu estava só de calcinha e sutiã, Bob me carregou no colo até o quarto e me acomodou na cama macia, em seguida debruçou seu corpo quente sobre o meu.

— Podemos parar quando quiser, não se sinta obrigada a fazer nada que não queira. Não vou ficar chateado, não vou brigar com você e não vou gostar menos de você por isso. Se não estiver à vontade, basta dizer — pediu, parando de me beijar e mirando meus olhos.

— Eu quero isso mais do que tudo na vida — respondi, puxando-o para mais um beijo.

Sua boca grudou na minha, e nos beijamos quase nos fundindo um ao outro. Sua língua explorou minha boca como se fosse a mais exótica das iguarias. As últimas peças que usávamos desapareceram. Os beijos se tornaram mais ardentes, suas mãos apertaram cada pedacinho da minha pele. Eu estava entregue, só tinha uma única preocupação: sentir. Nunca imaginara que era tão bom, meus sentidos estavam aguçados e ampliados. Tudo em que eu conseguia pensar naquele momento era no homem maravilhoso que estava comigo e no quanto eu queria estar com ele. Nada parecia aplacar esse desejo latente, eu precisava de mais, embora não soubesse ao certo o que era, mas parecia me queimar de dentro para fora, por isso implorei, com a pele em chamas:

— Eu preciso de mais! De mais... mais...

— Eu vou dar o que você precisa, querida, tenha calma — sussurrou no meu ouvido enquanto mordiscava minha orelha e desceu beijando e chupando meu pescoço.

Ele parecia saber o que eu estava sentindo apenas ao me olhar, como também sabia tocar meu corpo nos lugares certos e, na medida em que me levava à borda das sensações, recuava só para intensificar o prazer. Gemi, implorei e por fim gritei como nunca ao atingir o meu primeiro clímax apenas com seus lábios e língua no meu corpo. Olhei para seus olhos verdes e seus lábios molhados pelo meu prazer alcançado e percebi que o amava, não porque ele estava me mostrando um mundo que eu desconhecia até então, e sim porque era ele, um homem maravilhoso que me acolhera quando ninguém mais o fizera, mostrara-me que eu era importante quando ninguém à minha volta parecia perceber isso, resgatara-me do fundo do poço e por fim, mas não menos importante, mostrara-me o verdadeiro significado do amor, que eu desconhecia até aquele momento.

Seu corpo era a mais incrível das obras-primas, as tatuagens que outrora me assustavam enfim só me atraíam ainda mais a desvendá-las. Passei meus dedos no seu bíceps, contornando com delicadeza as curvas do dragão que

tomava quase o braço inteiro, no símbolo do infinito no ombro e no outro braço, na serpente enroscada no nome da banda, na rosa vermelha no antebraço e na nota musical ao lado de um baixo. Elas completavam seus braços com um colorido único.

— Todas têm um significado? — indaguei, correspondendo ao seu beijo.

— Sim, um dia eu conto pra você — respondeu me pressionando de volta na cama.

Fiquei olhando seus olhos com carinho enquanto ele, enfim, fazia-me sua. Não senti dor, não tive medo, não recuei, muito pelo contrário, pressionei minhas unhas com força nas suas costas para trazê-lo para mais perto. Estávamos colados, mas parecia não ser suficiente. Eu queria mais, eu queria me unir a ele de um jeito que jamais pudéssemos nos separar.

Conforme o prazer se intensificava enquanto ele se movia, mais eu queria. Parecia que eu estava numa montanha-russa. Aquele friozinho era duas vezes maior e nunca tinha fim. Meu corpo frágil e esguio se encaixou ao dele como se fôssemos peças de um quebra-cabeça, aquelas que, quando olhamos pela primeira vez, pensamos que nunca irão se encaixar, mas, no fim, quando o jogo está montado, nem percebemos onde começa uma peça e termina a outra. E, pela segunda vez, cheguei ao clímax, porém, dessa vez ele me acompanhou, o que intensificou ainda mais o momento, deixando-me num êxtase absoluto e esgotada.

Deitamos lado a lado como fazíamos no seu apartamento. Bob me puxou contra seu peito e jogou seus braços fortes e tatuados em volta do meu corpo. Estava tão feliz que precisava dizer a ele, mas não sabia por onde começar. Afinal, aquele momento despertara tantos sentimentos em mim que levaria um tempo para eu processar cada um deles, em especial o amor que nutria por Bob. Sabia que precisava contar, mas não fazia ideia de por onde começar. Talvez o tempo pudesse me ajudar a encontrar o momento ideal.

— Você foi perfeita — murmurou com a boca encostada no meu cabelo.

— Não, você que foi perfeito — falei me virando para ficar de frente para ele.

— Agora você já tem uma nova lembrança — disse com carinho.

— Espero que seja a primeira de muitas — desafiei-o.

— E será! Eu só preciso descansar um pouco, e em breve podemos construir mais uma — disse, beijando minha testa e fechando os olhos em seguida.

Você é tudo que preciso

BOB

Eu poderia passar a minha vida
Nesta doce rendição
Eu poderia ficar perdido neste momento pra sempre
Cada instante que passo com você
É um momento que eu valorizo

I don't want to miss a thing - Aerosmith

Acordei com Pandora deitada no meu peito. Seus cabelos enrolados estavam no meu ombro, e ela dormia profundamente. Tivéramos uma longa noite, a melhor que eu já havia tido até o momento, mas eu tinha a impressão de que era só o começo. Depois de apenas uma noite com ela, já me sentia diferente e empolgado com tudo que nos esperava.

Deslizei devagar da cama para não a acordar, caminhei até o banheiro, liguei o chuveiro e deixei a água cair pelo meu corpo. Cantarolei um refrão que não sabia de onde tinha saído, mas o anotaria antes que esquecesse. Enrolei-me na toalha e saí apressado procurando meu celular. Abri o bloco de notas e digitei o refrão que surgira durante o banho.

Vesti minhas roupas e, quando me virei secando o cabelo, a minha garota ainda estava dormindo esparramada na cama. Larguei a toalha num suporte no quarto e saí devagar para não acordar Pandora.

Abri a geladeira e, como estava lotada com tudo que eu tinha pedido ao caseiro, tirei o leite, os ovos, a manteiga e os coloquei em cima do pequeno balcão que ficava no meio da cozinha. Peguei a farinha de trigo no armário e comecei a preparar panquecas. Depois fiz café, servi uma xícara para cada um, salada de frutas, arrumei um prato com as panquecas, Nutella e morangos. Peguei bolinhos de chocolate prontos e levei tudo para a cama

numa bandeja.

— Acorda, querida — sussurrei no seu ouvido. Logo depois comecei a distribuir beijos aleatórios pelo seu rosto lindo. Entretanto, ela nem se mexia. Coloquei minha mão debaixo da sua camiseta e comecei a massagear seu corpo.

— Vamos, Pandora, acorde — pedi mais uma vez enquanto levantava sua camiseta e enfiava minha cabeça debaixo dela.

— O que você quer? — questionou se contorcendo debaixo de mim.

— Eu quero isso — respondi, mordiscando um dos seus seios.

— Ah! Meu Deus... — gemeu quando resolvi fazer o mesmo com o outro.

— Parece que consegui chamar sua atenção. Agora vamos comer, que estou faminto — pedi me afastando.

— Você não vai continuar? — perguntou desanimada se sentando na cama.

— Não, eu só queria acordar você — disse dando de ombros e comendo um pedaço generoso da panqueca.

— Esse não é o melhor jeito de acordar uma garota, você poderia ter me chamado — resmungou cruzando os braços embaixo dos seios. Esse gesto tão simples me deixou a observando por longos minutos.

— Eu tentei, mas você nem se mexeu. Por isso tive essa ideia. Você não gostou?

— Acho que eu gostei demais — murmurou pegando um garfo e começando a comer a panqueca.

— Está boa?

— Humm! Uma delícia! — gemeu com a boca cheia.

— Você gosta mesmo das minhas panquecas, não é?

— Nunca comi nada parecido, elas derretem na boca e são macias. Além disso, essa ainda tem Nutella.

— Você que é deliciosa — comentei roubando um beijo seu, depois fui descendo meus lábios por seu corpo e a fazendo gemer novamente. Dessa vez fui até o fim e recebi muitos gemidos seus no caminho até ela gritar meu nome assim que atingiu o ápice do prazer.



Eu sempre gostara daquele chalé, ali era o único lugar do mundo onde eu podia ser eu mesmo. A natureza e a quietude do lugar sempre me ajudavam a refletir sobre a minha vida e tirar dela o que tinha de melhor. Por isso eu levara Pandora até ali. Queria que ela se sentisse conectada com a natureza e que nossa primeira vez fosse perfeita. Todavia, a conexão que conseguimos foi maior do que eu esperava.

Passamos o nosso primeiro dia no chalé na cama. Eu sempre desejara fazer isso com uma garota. Porém, com Pandora, foi uma experiência reveladora. Nós conseguimos nos unir de um jeito que bastava um olhar, um beijo, uma carícia para voltarmos para a cama e aprendermos mais, querermos mais e sentirmos ainda mais prazer.

— Tenho a impressão de que não vamos mais sair desta cama — ela murmurou deitada ao meu lado.

— Eu avisei que tinha um carinho especial por esta cama. Você pensou que eu não estava falando a verdade? — brinquei colocando um dos braços embaixo da minha cabeça e fitando o teto.

— Eu sabia que você gostava da cama, mas não pensei que eu iria gostar tanto dela — respondeu, mordendo um dos lábios enquanto deslizava sua

mão pelo meu peito.

— O que acha de sair um pouco para explorar os arredores? O sol está quase se pondo, e a vista do lago é maravilhosa.

— Está um gelo lá fora.

— Não se preocupe com isso, eu vou te aquecer — disse a puxando para os meus braços.

Conseguimos sair do chalé quase uma hora depois. Caminhamos de mãos dadas, usando as roupas mais quente que tínhamos. Quando chegamos à beira do lago, a água era tão azul que parecia querer entrar em conflito com o céu e ainda estava cheia de blocos de gelo. O sol já estava indo embora por trás das montanhas, e a vista era de tirar o fôlego.

Sentei-me na grama gelada e puxei Pandora para ficar ao meu lado. Permanecemos ali por um tempo, em silêncio, cercados pela natureza exuberante. Ela encostou a cabeça no meu ombro. Seu cheiro doce me invadiu um segundo depois, e sorri feliz.

— Como eram seus pais? — questionou, surpreendendo-me.

— Não entendi. Você quer saber como eles eram fisicamente?

— Quero saber o que você quiser contar, qualquer coisa serve — respondeu colocando os braços dentro do meu casaco para se aquecer.

— Eles eram as pessoas mais incríveis que já tive o prazer de conhecer na vida. Minha mãe nasceu nos Estados Unidos, mas minha avó fez questão de mostrar a cultura portuguesa pra ela, por isso todos, exceto meu pai, falavam português. Meu pai era o típico americano. Sua família é da Carolina do Norte. Ainda tenho tios e primos lá.

— Você vai visitá-los?

— Não, nunca mais os vi depois que meus pais morreram. Eles são reservados e não gostam muito de conversar. São o oposto da minha avó.

— Sua avó é uma pessoa maravilhosa. Jamais conheci alguém como ela.

— Você está certa, ela é especial. Acho que foi por essa razão que nunca fui visitar meus parentes por parte do meu pai. Eles são legais, mas não tenho a mesma intimidade que tenho com a minha avó. Ela é a minha segunda mãe. Não sei o que teria feito sem ela.

— Como os seus pais se conheceram?

— Quer mesmo saber?

— Claro, não perguntaria se não quisesse.

— É uma longa história, mas vou resumi-la pra você. Eles se conheceram no cinema. Amigos em comum marcaram um encontro às cegas para uni-los, e funcionou. Depois desse dia, não se afastaram mais — relembrei melancólico a história que me haviam contado.

— Sente falta deles?

— Todos os dias desde aquele maldito acidente de carro — respondi me recordando da noite em que meus pais tinham saído para jantar e nunca mais voltado.

— Acho que podemos mudar de assunto — falou ao perceber que eu estava triste.

— Claro. Acho que agora é a sua vez — disse enxugando uma lágrima que deslizara pelo meu rosto e eu nem notara.

— Minha vez? Acho melhor não. Minha vida não é interessante como a sua — falou desanimada.

— Tenho certeza de que pode compartilhar alguma coisa comigo.

— Qualquer coisa? — indagou animada.

— Sim, o que você quiser me contar — respondi a abraçando forte.

— Minha infância foi bem diferente da sua. Passei por muitas dificuldades. Porém, hoje consigo entender algumas coisas que aconteceram

comigo e as aceitar. Elas me tornaram forte, transformaram a garota magra e fraquinha numa mulher.

— A mais linda que já vi — completei, beijando sua boca macia. E era verdade; no princípio, eu não a achava tão especialmente linda como nas últimas semanas. Puxei seu corpo para o meu colo e aprofundei o beijo. Seu nariz estava gelado por causa do frio, mas seus lábios ainda eram convidativos e calorosos como sempre. Senti-me em casa.

— Tem uma coisa que preciso te contar — falou, interrompendo o nosso beijo.

— O que é?

— Não é nada importante, mas lembrei que sempre soube que minha vida iria mudar. Quando minha mãe me batia, quando ia dormir sem comer, quando trabalhava até escurecer no mercadinho e ganhava uma miséria, quando me convidavam para os bailes cheios de bandidos e drogas, tudo o que eu sentia era que um dia tudo isso iria mudar. Não sabia como, não sabia quando, mas, ainda assim, essa certeza me guiava.

— Talvez fosse meu coração chamando o seu. Você acredita em destino?

— Não acreditava, mas aconteceram tantas coincidências que estou começando a me questionar sobre isso agora mesmo.

— Pois eu acredito. Nada acontece por acaso. As coisas boas, as ruins, tudo acontece por uma razão.

— Acredita mesmo nisso? — inquiriu pensativa.

— Sim, estamos aqui juntos por causa do destino. Alguém nos observou e disse: “esses dois bem que podiam se encontrar”.

— Não acredito na sua teoria, mas não tenho uma explicação melhor para o que aconteceu conosco. Não sei como nos encontramos, vindos de lugares tão distantes, no mesmo beco escuro, no mesmo horário.

— Talvez deva acreditar que estávamos destinados a isso.

— É, talvez seja isso mesmo — comentou se levantando. Respirou fundo o ar fresco e gelado das montanhas, segurou a minha mão, e seguimos juntos de volta para o chalé.

Uma nova mulher

PANDORA

Minha vida começou a mudar
Na noite em que eu te conheci
Eu tinha pouco a perder
E a coisa seguiu assim

Me Enamoré - Shakira

Conforme os dias passavam no chalé, eu descobria o quanto estava apaixonada pelo Bob. Nossa relação mudara depois da primeira noite juntos. Eu não imaginava que poderia mudar tanto, mas tinha mudado, eu mudara. Percebi que minha primeira relação sexual me destruíra completamente, mas a segunda me reconstruíra ainda mais forte. Eu estava segura do que queria e sabia que o queria para sempre, só não tinha coragem o suficiente para dizer isso em voz alta. Ainda não.

Acordar todas as manhãs com seus beijos carinhosos, ver nos seus olhos o carinho e a bondade refletidos ali era tudo que eu precisava para curar minhas feridas e encontrar o meu caminho.

Foram dias memoráveis, que eu lembraria mesmo que vivesse muitos anos. Preparávamos nossa comida, na verdade, eu ajudava o Bob enquanto ele cozinhava seus pratos deliciosos, ríamos de tudo, inclusive das piadas ruins, sentávamos agarradinhos em frente à lareira. Bob nadou no lago congelado e me levou junto. No outro dia, acordamos resfriados, mas valeu a pena. Fizemos amor e sexo em cada canto da casa – finalmente eu sabia a diferença entre esses dois termos. Bob tirou quaisquer vestígios do abuso do meu corpo e da minha memória com beijos. Ele me prometera que eu construiria boas lembranças; na verdade, tornaram-se as melhores da minha vida.

Aprendi a confiar nele como nunca conseguira com nenhuma outra pessoa, aprendi a sorrir, a aceitar que as coisas boas acontecem com pessoas simples como eu, só precisava acreditar nelas.

Quando estava olhando pela janela do avião na volta para casa, eu não disse *adeus* àquele lugar, apenas murmurei um *até logo*, pois sabia que voltaria mais vezes. Sempre que meu coração pedisse, eu estaria ali, de volta ao lugar onde me reencontrara, onde descobrira quem eu queria ser.

Chegamos a Nova Iorque à noite e seguimos para o apartamento do Bob. Eu estava tão cansada que apaguei no momento em que me deitei na cama. Acordei no dia seguinte com uma bandeja de café da manhã na cama e um bilhete:

Reunião com a banda. Volto mais tarde.

Seu Bob.

— Meu Bob! Meu Bob! — exclamei animada me jogando na cama novamente. *É verdade o que diz o bilhete*, pensei fitando o teto.

Quando terminei de comer as delícias que ele tinha deixado para mim de café da manhã, passei alguns minutos imersa na banheira com água quentinha, muita espuma e um cheiro delicioso de maçã com canela se impregnando na minha pele. Coloquei um jeans que se agarrava ao meu corpo feito uma luva, uma blusinha preta e um casaco por cima. Amarrei meu cabelo num rabo de cavalo, verifiquei de novo o endereço no meu celular e saí do apartamento usando óculos escuros e carregando minha bolsa no ombro.

Caminhei devagar pelas ruas, entrei na estação, sentei-me em um dos bancos vazios no metrô, observei as pessoas apressadas tentando chegar ao seu destino e sorri pela calmaria que tinha se tornado a minha vida. Não demorou muito para que eu chegasse ao meu destino. Olhei para o nome no meu celular e a placa que piscava à minha frente.

— É aqui — murmurei entrando na loja. Passei pela recepção vazia e fui até uma garota loira no balcão.

— Olá, eu sou a Pandora e marquei uma hora com um tatuador.

— Claro, o Diogo já está esperando você na sala ao lado — disse simpática, apontando para uma porta aberta no corredor.

— Obrigada — agradeci, caminhando nervosa na direção apontada.

— Posso entrar? — pedi, parando insegura ante a porta entreaberta.

— Claro. Você é a Pandora, namorada do Bob, não é?

— Sim, sou eu — respondi baixinho.

— Vamos, sente aqui. O que você quer fazer? — questionou o tatuador. Não imaginava que era possível, mas ele tinha mais tatuagens do que o Bob. Era bem menor do que ele também. Seu corpo magro e esguio estava coberto de tinta.

— Quero fazer esse desenho no meu quadril — pedi mostrando a foto no meu celular.

— Lindo, mas você quer do mesmo tamanho ou prefere que eu diminua?

— Quero do mesmo tamanho — respondi nervosa. Eu não estava insegura quanto à tatuagem, aquele desenho dizia muito sobre mim; estava com medo de não conseguir terminar, de doer muito e eu acabar desistindo.

Todavia, não foi isso que aconteceu. O tatuador era muito profissional e o mesmo que fizera as tatuagens do Bob. Pegara seu contato no celular dele em segredo e marcara uma hora quando ainda estávamos na Suíça. Portanto, essa não era uma decisão precipitada. Eu queria muito fazer isso, apesar de estar tremendo mais do que vara verde.

No começo doeu bastante, não vou negar, mas depois fui me acostumando à dor e consegui ir até o fim. Parada de frente ao espelho com a calça jeans aberta e mais baixa que o normal, consegui admirar minha primeira tatuagem, que estava linda.

Saí do estúdio tão animada que não consegui voltar para o apartamento e ficar sozinha até o Bob chegar. Entrei num táxi e fui direto para a casa da Helena, pois sabia que os caras estavam fazendo a reunião lá.

Quando cheguei, uma das empregadas me recebeu na sala assim que entrei e me levou para a sacada, onde Helena estava sozinha sentada num sofá confortável.

— Que agradável surpresa! — comentou animada ao me ver.

— Desculpe aparecer sem avisar, mas queria ver o Bob.

— Não se preocupe com isso, sabe que pode vir aqui quando quiser. Eles estão no estúdio — respondeu deixando um espaço ao seu lado para mim.

— Você acha que vão demorar? — indaguei ao me sentar no sofá.

— Não sei, eles estão jogando conversa fora, uma vez que não podem ensaiar sem a bateria do Freddy.

— Ele ainda não voltou da clínica de reabilitação?

— Não, mas tenho fé de que logo estará de volta — respondeu pensativa.

— Vamos! Conte como vai a sua fascinante vida de mulher do vocalista mais sexy do mundo? — brinquei mudando de assunto, pois falar do Freddy deixava todos que o conheciam magoados.

— Nunca esteve tão calma. Já passei por tanta coisa com o Jack que estou desconfiada dessa calmaria.

— Não desconfie. Vocês são perfeitos juntos. Nada vai mudar isso.

— É, a cada dia que passa eu acredito mais no amor que sinto pela minha família. Mas você também não fica atrás. Uma viagem romântica para os Alpes Suíços? — questionou animada.

— Foi maravilhoso! Amei cada dia que passei com ele — disse, suspirando.

— Posso ver os seus olhos brilhando daqui. Você está apaixonada pelo Bob?

— Sim, não posso negar que estou perdidamente apaixonada por ele — respondi sorrindo.

— Eu sabia que isso iria acontecer quando me ofereci para levar você do apartamento dele, e ele não deixou. Imaginei que isso não demoraria muito pra acontecer.

— Ei, espere um pouco. Você disse que seu apartamento não era o melhor lugar pra mim e não tinha espaço. E ele é imenso! Eu teria ido com você num piscar de olhos. Naquela época, eu morria de medo do Bob.

— Por isso não falei a verdade. Bob é um homem gentil, educado e amoroso, tudo que você precisava naquele momento.

— Não acredito que mentiu pra mim — murmurei sorrindo, afinal, meu encontro com Bob podia ter sido por acaso, mas que Helena dera uma forcinha, ah, isso ela dera.

— Por favor, não fique brava comigo. Acho que eu tinha um pressentimento sobre vocês juntos e não quis interferir.

— Não estou brava. Por que estaria? Bob foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida — respondi, abraçando-a com carinho.

— Fico feliz, você merece toda a felicidade do mundo — sussurrou no meu ouvido ao corresponder meu abraço.

Ficamos jogando conversa fora por um longo tempo. As crianças apareceram, brincaram e foram dormir, e ainda permanecemos ali. Quando Bob apareceu, sorriu ao me ver esperando por ele.

Os outros caras também me cumprimentaram. Quando os conhecera, não sabia o que fazer ou dizer e pensara que era um estorvo. No entanto, com o passar do tempo, descobri que nenhum deles me via dessa forma. Senti falta da Mia e do Freddy, mas não disse nada. Não queria estragar a aparente felicidade deles. Não jantamos, comemos muitos aperitivos enquanto eles

conversavam sobre música. Tudo ali girava em torna da música, da qual eu conhecia muito pouco, por isso não ousava opinar como Helena fazia. Naquela noite Amanda e a sua filha não apareceram, portanto, eu estava sozinha para observar a interação deles.

Os membros da The Dangers ficavam tão imersos no que estavam fazendo, fosse uma música nova ou um arranjo especial para aquelas que já cantavam, que não percebiam nada à sua volta. Eu gostava de observá-los, de trocar olhares cheios de segundas intenções com Bob, de ver como Jonas era sensível e fazia as letras mais perfeitas do mundo, de ver Jack sair do pedestal e mostrar seu lado romântico, de aprender a ouvir os sons dos instrumentos com os olhos do Rick. Ele era provavelmente o cara mais inteligente que eu conhecia.

No fim da noite, despedimo-nos de todos e seguimos para casa. Encostei-me ao ombro do Bob enquanto ele cruzava as ruas de Manhattan até o nosso lar. Sim, eu passara a considerar aquele loft como meu lar. Subi as escadas correndo, pois queria muito mostrar a minha tatuagem para ele. Abri a porta e corri até a cama. Bob me seguiu, parou a alguns centímetros dela e sorriu com malícia.

— O que está aprontando? — perguntou vindo ao meu encalço.

— Espere, fique onde está — pedi dando alguns passos para trás.

— Pandora, não faça isso comigo... Eu quero você!

— E vai ter, só preciso te mostrar uma coisa antes — pedi tirando o casaco, depois a blusinha que usava e fiquei de sutiã e jeans na frente dele.

— Se quer fazer um strip-tease, vou adorar, mas já conheço o seu corpo de cor — disse cruzando os braços.

— Não isso aqui — murmurei tirando o jeans e deixando minha tatuagem em evidência. Ele ficou imóvel por um tempo, olhando-a de longe. Ergueu a mão ameaçando tocar o desenho, mas a recolheu, provavelmente pensando que era recente e ainda precisava cicatrizar.

— Você fez uma tatuagem? — indagou surpreso.

— Eu pedi para o tatuador desenhar uma borboleta no meu quadril. Você quer saber o significado?

— Sei o que significa, você mudou. Assim como essa borboleta, você se transformou, se reinventou e está ainda mais linda.

— Sabia que entenderia — disse enrolando meus braços no seu pescoço e o puxando para um beijo, não daqueles frenéticos que costumávamos trocar antes do sexo, quando o desejo era maior do que qualquer outro sentimento. Aquele beijo era calmo, seguro e dizia o quanto Bob era importante para mim e o quanto eu precisava dele para continuar sendo aquela borboleta colorida e de asas abertas que estaria para sempre tatuada no meu corpo.

Testando meus limites

BOB

Parece uma garota, mas é uma chama
Tão brilhante que pode queimar seus olhos
Melhor olhar para o outro lado
Você pode tentar, mas nunca esquecerá seu nome

Girl on fire - Alicia Keys

Eu estava indo havia uma semana ao estúdio na casa do Rick para tentar escrever uma música, mas, até então, nada. A letra que eu tinha composto não se encaixava, a melodia parecia não ser suficiente, e eu precisava começar do zero todos os dias. Ainda não sabia de onde saíra a ideia da música, porém, quando se está feliz como eu estava naquele momento e se é um músico, é inevitável não querer expressar esse sentimento através de uma canção. No entanto, não estava tão fácil como eu pensara, e, apesar de a letra estar gritando na minha cabeça para sair, eu ainda não encontrara a melodia certa.

Talvez não tenha sido uma boa ideia deixar Pandora ainda dormindo usando somente uma camiseta minha para vir até aqui e tentar transformar essa letra numa canção, pensei enquanto dedilhava as cordas do violão. Meu coração parecia querer saltar do peito só ao lembrar os momentos maravilhosos que passávamos juntos, os beijos ardentes, as noites de sexo, a delícia que era ter seu corpo só para mim e, por fim, a nossa cumplicidade. Conhecíamos havia pouco tempo, mas parecia uma vida toda.

Eu descobrira que tinha encontrado a pessoa certa para mim. Era algo bem clichê, mas a pura verdade. Seu sorriso me encantava, sua alegria por dividir comigo as pequenas coisas do dia a dia me contagiava, o carinho com que ela tratava minha avó, o amor que eu via nos seus olhos quando estávamos saciados sobre a cama me davam a certeza de que eu estava no

caminho certo e que não haveria mais volta.

— Não adianta insistir. Quando estiver pronto, a música vai sair de você — comentou Rick parado à porta do seu estúdio, segurando uma cerveja.

— Isso ainda vai te matar — resmunguei observando a bebida na sua mão e saindo dos meus devaneios para prestar atenção ao meu companheiro de banda.

— Pode ser, não me importo mais — bufou se sentando em uma das banquetas ao meu lado.

— Devia parar de beber um pouco.

— Essa é a primeira que bebo hoje — declarou bebendo mais um gole do líquido gelado.

— Ainda é bem cedo; eu ficaria surpreso se fosse a segunda — respondi, testando-o.

— Não exagere, não pretendo ocupar o lugar do Freddy. Só tive uma noite ruim — explicou deixando a garrafa de lado quase vazia.

— Entendo e não vou mais perturbar você com essa história. Quanto à música, já estou pronto. Por que ela não vem?

— Porque está pensando demais. Deixa fluir, que você vai conseguir a sua música.

— Vou tentar fazer isso. Agora preciso ir. Deixei uma garota me esperando — anunciei largando o violão no chão e caminhei até ele para tocar sua mão.

— Se cuida.

— Estou fazendo isso, não se preocupe comigo. Devia se preocupar em arrumar alguém pra você — falei já na porta.

— Não quero ficar preso como vocês! Sou livre! — gritou ainda sentado na banqueta.

Saí da sua casa, sentei-me na moto ainda na garagem, abri o portão e fui recebido pelo ar frio do outono. Coloquei meu capacete, firmei meus pés no descanso da moto e acelerei o máximo que podia, cortando os carros, virando as esquinas na velocidade máxima até o meu apartamento. Não conseguia parar de pensar no Rick. Enfim ele era o único solteiro da banda. Tivera alguns casos durante os últimos anos, mas nada sério. *Ainda vai aparecer uma mulher para abalar suas estruturas como a Pandora fez comigo*, pensei sorrindo.

Alguns minutos depois, eu já estava estacionando na garagem do meu prédio. Adorava a praticidade de andar de moto e poder me desviar do trânsito, por isso, quando precisava de um lugar tranquilo para tocar, era na casa do Rick que eu aparecia.

Subi correndo as escadas, abri a porta e ainda encontrei Pandora do mesmo jeito que a tinha deixado, dormindo. Tirei minhas roupas devagar e fui fazendo uma trilha no chão com elas até a cama. Entrei debaixo das cobertas e comecei a beijar a garota que mexia comigo como nenhuma outra já o tinha feito.

— Você está gelado... — reclamou abrindo os olhos devagar.

— Fui dar uma volta, mas não consegui ficar muito tempo longe de você — expliquei, beijando seu pescoço.

— Você nunca consegue — respondeu rindo dos beijos que eu estava distribuindo na sua cintura. Ela sempre ria quando eu encostava minha barba nessa parte do seu corpo. Porém, os risos sempre cessavam quando eu descia mais um pouco, e os gemidos começavam, exatamente como naquele instante. Eu demorara para fazer Pandora acreditar que o sexo era bom, depois do abuso que ela sofrera. No entanto, quando ela descobrira o prazer nos meus braços, entregara-se de vez e sem qualquer reserva. Juntos, estávamos aprendendo que o amor rompe qualquer barreira.



Algumas semanas depois, voltamos à rotina de shows pelo país, e o melhor de tudo isso era ficar no mesmo quarto que a Pandora. Apresentei minha namorada para a imprensa, e foi um alvoroço total. Algumas fãs ficaram felizes, mas outras, principalmente as *groupies*, não aprovaram. Porém, não me importei com isso. Estava no meu melhor momento e nada podia me deixar chateado. Freddy se recuperara e voltara com tudo. Enfim, a banda estava nos eixos, as músicas estavam com arranjos novos e a sintonia que tínhamos era perfeita para uma banda de rock, nada harmoniosa, mas muito rock n'roll.

Lotamos o Prudential Center em New Jersey, meu lugar preferido, não só porque era a minha casa, onde tudo começara, mas porque era ali que o público nos conhecia de verdade. Por isso a música era tocada de modo diferente, a sintonia com a plateia tinha algo a mais, nossos nomes eram gritados depois de cada música, afinal, havíamos nascido ali e estávamos em casa.

Jack cantou como um verdadeiro deus do rock. Sua voz rouca ecoou pelos alto-falantes do estádio, a guitarra do Jonas estava irada, tocando e turbinando o nosso som como poucas vezes eu vira antes. Rick aproveitou para colocar arranjos novos no teclado, e o som, que era perfeito, ficou muito além do que eu poderia descrever. Todos aqueles anos entorpecido pelos seus problemas e não podíamos ouvir a alma da The Dangers, a bateria do Freddy. Porém, naquela noite, algo mudou, e ele estava de volta, mais rock n'roll do que nunca. Jamais eu o vira tocar com tanta paixão. Toda a sua energia estava depositada nos pratos e tambores de sua bateria, e o resultado disso estava no som mais alucinante que já havíamos produzido na vida. A energia subiu do palco até as minhas pernas e chegou aos meus braços, que seguravam firmemente o baixo, explodindo junto à música que estávamos tocando no momento.

Para encerrar a noite, Jack pegou sua guitarra e começou a tocar os primeiros acordes da música que fizera para Helena alguns anos antes, mas o ritmo, que antes era lento, agora estava rápido e com novos acordes. Aos poucos os outros instrumentos começaram a entrar, e a música ganhou um ritmo diferente, até que a voz do Jack apareceu como o toque final.

I met you one night in Vegas

I saw an innocent girl and I fell in love

But I'm a complicated guy

And the next day you ran from me

I followed you and got you

Oh, oh, girl I got you

Quase perto do refrão da música, a galera foi à loucura com as imagens da Helena e do Jack que apareceram no telão atrás do palco. Meu companheiro de banda se emocionou ao ver a esposa e os filhos pequenos estampados ali para todos os nossos fãs. Era especial para todos nós compartilhar nossas vidas com eles, ainda mais para Jack, que tivera que aprender muito para chegar à harmonia em que estávamos ultimamente. Na verdade, todos nós tínhamos amadurecido.

Assim que as luzes se apagaram, ninguém conseguiu se mexer. Ficamos ali parados, segurando nossos instrumentos ainda vibrando em nossas mãos por alguns segundos.

— Esse foi o melhor show da minha vida! — gritou Jack, interrompendo o silêncio.

— Foi o melhor! — emendou Freddy, saindo da bateria e jogando suas baquetas para a plateia.

Reunimo-nos no centro do palco e gritamos em uníssono:

— The Dangers!

— THE DANGERS! THE DANGERS! THE DANGERS! — a multidão nos acompanhou, e o nome da banda e tudo o que ele significava para nós ecoaram pelo estádio. Poucos sabem dessa história, mas fui eu que escolhi o nome da banda. Éramos os desajustados do bairro, aqueles que teriam tudo para entrar para o mundo das drogas, violência e prisão. No entanto, apesar de perigosos, rompemos as estatísticas e vencemos juntos.

— Você estava maravilhoso em cima daquele palco — sussurrou Pandora no meu ouvido assim que caminhei pelos bastidores até a sessão de fotos com as fãs e as entrevistas depois do show.

— Espere até eu pegar você. Estou quase explodindo aqui. Acho que não vou aguentar esperar chegar em casa — respondi segurando sua cintura e roubando um beijo dela.

— Vou esperar você no camarim — disse beijando meu pescoço e saindo de fininho.

Os bastidores estavam lotados, muitas fãs emocionadas com o show, outras querendo tirar um pedaço da gente para levar para casa, alguns elogios dos jornalistas que tinham assistido ao show, as famosas perguntas indiscretas dos mais sensacionalistas e revistas de fofocas. Quase à madrugada, eu estava correndo desesperado até o meu camarim.

— Não achou que iria me provocar a noite toda e ainda voltar pra casa com essa roupa intacta, não é? — provoquei assim que vi Pandora sentada numa das poltronas do camarim segurando uma taça de champanhe e usando um vestido preto tomara que caia bem colado ao seu corpo. Naquela tarde eu havia tido que sair mais cedo de casa para testar o som, por isso não chegáramos juntos ao estádio, e eu só a vira minutos antes de entrar no palco e alguns minutos depois.

— Quem disse que usei esse vestido pra você? — brincou bebendo um gole do champanhe sem tirar os olhos de mim.

— Não brinque com fogo; você pode se queimar.

— Eu gosto de ser queimada — respondeu, passando a língua nos lábios de um jeito tão sensual que precisei me segurar para não avançar nela assim que cruzou as pernas lentamente, mostrando que estava sem calcinha.

— Não do jeito que estou pensando em queimá-la — falei com a voz rouca de desejo.

— Você fala demais. Não acho que seja tudo isso — provocou descruzando as pernas.

— Tem certeza? — questionei dando um passo na sua direção.

— Talvez eu esteja errada, mas pago pra ver — desafiou.

Não respondi ao desafio com palavras, uma vez que meus olhos já comiam seu corpo. Atravessei a curta distância que nos separava em questão de segundos, ajoelhei-me à sua frente e beijei suas coxas macias como se fossem as frutas mais doces e suculentas que eu já tinha comido. Ela bagunçou meu cabelo e gemeu quando cheguei aonde ela queria. Minha pele ardia, e eu não suportava mais esperar. Beijei seus lábios com tanto fervor que eles ficariam vermelhos por horas depois de deixar o camarim. Soltei seus cabelos, empurrei seu corpo contra a poltrona, nossas roupas foram ao chão, e nada poderia me parar. Eu precisava senti-la, possuí-la. Por isso, não fui delicado como antes, não segurei meu desejo, não diminuí nada, só fui com tudo que eu tinha, e seus olhos nublados me indicavam que ela estava gostando.

— Você quer me matar? — indaguei segurando meu corpo trêmulo, ainda desfrutando da luxúria que acabávamos de dividir, para não desabar em cima dela.

— Pensei que você gostaria de um pouco de diversão depois do show — respondeu abrindo um sorriso lindo que mostrava o quanto ela se divertira me provocando.

— Acho que não vou conseguir esperar o próximo show para repetir a dose — murmurei fitando seus lábios vermelhos pelos meus beijos.

— Quem disse que precisamos esperar o próximo show? — indagou me puxando para mais um beijo.

Dessa vez seguimos com calma, sussurrei palavras carinhosas no seu ouvido enquanto explorava seu corpo mais uma vez, mordisquei seus lábios, senti seu gosto doce e por fim mergulhei no prazer inigualável que sentia toda vez em que a tinha assim, entregue, livre e linda nos meus braços.

O fantasma voltou

PANDORA

Você é aquele que dá tudo de si
Você é aquele que eu posso sempre chamar
Quando preciso de você, você faz tudo parar
Finalmente você colocou meu amor no topo
Love on top - Beyoncé

Desde a noite em que eu tinha sido abusada até alguns meses depois, eu pensava que as pessoas não poderiam mudar seu destino, não acreditava em sonhos, não pensava que minha vida poderia se transformar. Todavia, estava enganada. Saí do fundo do poço para as passarelas num desfile beneficente da Victoria's Secret. Sempre sonhara em ser modelo, mas nunca pensara que chegaria tão longe; na única vez em que fizera algo nesse sentido, acabara vendida a um traficante de mulheres.

Logo depois que Bob anunciou nosso namoro para a imprensa, os *paparazzi* aumentaram a quantidade de fotos minhas passeando no Central Park, circulando nos bastidores dos shows, saindo do apartamento. Enfim, eram fotos casuais que estamparam algumas das principais revistas de celebridades do país. Depois de tanta exposição na mídia, fui convidada para fazer alguns trabalhos como modelo. No início, fiquei com receio, mas meu namorado e Helena me incentivaram tanto que decidi aceitar. Lembro como se fosse hoje a primeira oferta que recebi. Era um desfile para uma marca de biquínis. Uma das modelos ficara doente um dia antes, e eles estavam desesperados. Alguém se lembrou das minhas fotos nas revistas de fofocas e decidiram arriscar.

No primeiro momento, recusei sem pensar duas vezes, mas eles ligaram mais uma vez, depois outra, e, na terceira, decidi aceitar depois de uma pressão básica do Bob e da Helena. Porém, amei participar do desfile. O frio

na barriga e a satisfação de conseguir desfilar numa passarela para tantas pessoas compensaram todas as dúvidas que eu tive pelo caminho. Achei que seria meu único desfile, estava tão nervosa que tremia o tempo todo. Todavia, a empresa pareceu gostar e passou a me chamar para outros eventos pequenos, depois alguns maiores. Em seguida fui contratada por uma agência. Os convites aumentaram, e me senti parte de algo maior pela primeira vez.

Por isso aquela noite era tão especial. Não era o desfile oficial da Victoria's Secret, mas um beneficente que realizam em prol de mulheres vítimas de abuso. No entanto, o glamour era o mesmo, e o local estava cheio de celebridades para apoiar a causa, inclusive a banda The Dangers e seus familiares. Giovanna e Peter estavam ali para me apoiar também. Eu ainda estava aprendendo e me esforçava muito para progredir naquela nova profissão. Conforme os compromissos foram aumentando, tive de desistir do meu cargo de assessora da banda. Lamentei no início. Aquele fora meu primeiro emprego decente, o único que me mostrara que eu podia fazer mais do que ter empregos medíocres.

Naquela noite, desfilei duas vezes, abri e fechei o desfile. Na primeira, estava tão nervosa e tensa, com medo de cair, tropeçar ou acontecer qualquer coisa parecida que me concentrei nos olhos verdes do Bob no final da passarela e desfilei para ele. No final, já estava mais calma e, quando pisei na passarela ao lado do estilista da marca, os holofotes se concentraram no meu rosto. A plateia aplaudiu de pé, e eu só conseguia sorrir deslumbrada.

Recebi rosas vermelhas do meu namorado no camarim, e saímos para comemorar em um dos restaurantes favoritos da banda, no qual reserváramos um espaço exclusivo na cobertura. Divertimo-nos muito. Os petiscos estavam deliciosos, o champanhe, gelado, e a conversa corria leve e animada.

— Um brinde a Pandora e ao desfile maravilhoso de que ela fez parte esta noite — anunciou Helena erguendo a sua taça para brindar com os outros sentados à mesa.

— Você merece, meu amor — emendou Bob, segurando na minha cintura e deixando um selinho nos meus lábios.

— Você estava linda lá em cima — comentou Amanda sorrindo logo depois do brinde.

— Era a mais bonita na passarela — sussurrou meu namorado. Eu sabia que ele estava exagerando, mas era tudo o que eu queria ouvir.

— Estou triste, pois perdi minha parceira. Todavia, estou feliz por você — disse Giovanna me dando um abraço carinhoso.

— Se não der mais certo, posso voltar? — perguntei unindo as sobrancelhas, tentando imitar o Gato de Botas.

— Já deu certo. Você nasceu para brilhar — respondeu sorrindo.

— Obrigada por acreditar em mim. Você sempre disse que eu poderia ser alguém — agradeci com os olhos úmidos. Segurei as lágrimas; era difícil, mas eu não iria chorar, não naquela noite.

— Você não é apenas "alguém", é a modelo da Victoria's Secret! — disse empolgada.

Contudo, a ficha ainda não caía. Estávamos todos ali, conversando, os caras estavam felizes, a banda estava indo bem. Freddy se recuperara, mas não viera conosco comemorar. Ainda era recente seu tratamento contra as drogas e a bebida, por isso Mia achara melhor ele não abusar. Contudo, eles compareceram ao desfile para me desejar boa sorte e pareciam se importar comigo de verdade.

As risadas eram verdadeiras, as conversas, francas, a bebida estava na medida, a comida não parava de chegar, cada prato mais delicioso do que o outro. O restaurante era especialista em porções, por isso pedíramos várias, e experimentei todas, desde as asinhas de frango com os molhos mais variados possíveis até os camarões empanados e fritos servidos com batatas rústicas bem parecidos com aqueles do Bubba Gump, famosos por servirem os camarões exatamente como no filme *Forrest Gump*.

É incrível como as pessoas podem nos surpreender. Aquelas pessoas não deveriam ficar felizes e torcer assim por alguém que tinham conhecido havia apenas alguns meses. Talvez fosse a influência do Bob na minha vida. Eu

tinha certeza de que, sem ele, nada disso seria possível. Seu jeito sincero, sua força, o fato de sempre ver o melhor nas pessoas, não se importar com dinheiro e nem fazer disso sua razão de viver faziam dele um homem impressionante, e a cada dia que passava eu estava mais apaixonada. Não queria me sentir assim. Tentara ser forte e ficar ao seu lado sem sucumbir aos seus encantos, mas fora impossível. Eu confiava em Bob e sabia que, de todas as pessoas no mundo, ele seria o último a me magoar. Eu acreditava de verdade nisso; meu coração pertencia a ele.

A noite estava animada, mas, num determinado momento, senti os olhos do Bob em mim e soube que ele queria ir embora. Despedimo-nos de todos com muitos abraços e beijos, em seguida saímos de mãos dadas do restaurante. Ele me ajudou a subir na moto e a colocar o capacete, e, assim que acelerou, o vento frio me fez apertar sua cintura por baixo da jaqueta para me aquecer e ainda sentir seu abdômen definido. Eu sempre fazia isso. Porém, sabia que não devia distraí-lo enquanto trafegava pelas ruas movimentadas de Manhattan. Apesar da hora, as pessoas ainda circulavam nas calçadas, algumas lojas estavam abertas. Isso não era uma surpresa para a Big Apple, a cidade que nunca dorme. Quanto mais eu conhecia aquela ilha, mais me apaixonava por ela, já que fora ali que eu me encontrara de verdade, descobrira quem eu gostaria de ser e passava todos os dias tentando alcançar meu objetivo.

Estávamos quase chegando à garagem, mas eu ainda tive tempo de encostar minha cabeça nas costas de Bob e murmurar:

— Você é de verdade?

— Espere chegar em casa, que mostro pra você o quanto sou real — respondeu acariciando minha mão que estava em sua cintura aquele tempo todo.

No entanto, ele não esperou chegar ao apartamento para me mostrar. Assim que estacionou a moto na garagem do prédio, virou-se para ficar de frente para mim ainda em cima da moto e me beijou. Sugou minha boca com tanto desespero que era impossível não corresponder. Minhas mãos foram parar nos seus cabelos, minhas pernas cruzaram em torno da sua cintura

enquanto ele explorava meu corpo com maestria como sempre fazia. Lá no fundo, algo me dizia para pararmos e subirmos até o apartamento, mas o desejo é algo incontrolável como uma faísca de brasa no mato seco; se deixarmos cair a primeira faísca, o fogo se alastra e fica impossível apagá-lo. Eu me sentia desse jeito, por isso não escutei aquela voz de bom senso e deixei as coisas rolarem.

Sua jaqueta foi ao chão, e meu casaco também. O zíper do meu vestido foi aberto, deixando meu sutiã preto à mostra, e sua camisa foi arrancada às pressas. Porém, um carro entrou na garagem e os faróis iluminaram a moto. Rimos ao pensar na cena indecente que as pessoas no carro haviam deslumbrado. Descemos da moto o mais rápido que conseguimos, pegamos nossas roupas no chão e subimos as escadas correndo. Assim que entramos no apartamento, Bob me imprensou contra a porta fechada atrás de mim.

— Agora, sim, podemos terminar o que começamos lá embaixo — sussurrou no meu ouvido, descendo devagar seus lábios macios pelo meu pescoço logo depois. Minha pele se arrepiou inteira. A adrenalina por ter sido vista e subir as escadas correndo aumentou meu desejo.

— Ainda não estou convencida sobre isso — menti tentando me afastar do seu aperto.

— O que eu preciso fazer para convencê-la? — perguntou segurando meu rosto com ambas as mãos.

— Não sei, quem sabe ser mais insistente — disse devagar cada palavra sem tirar meus olhos dos dele. Era um jogo de sedução o que eu estava fazendo. Apesar de ser nova nesse assunto, depois de desfilar apenas de lingerie para tantas pessoas estava me sentindo sexy, por isso, naquela noite, decidi arriscar.

— Mais insistente do que isso? — indagou pressionando seu corpo no meu.

— Talvez um pouquinho mais — brinquei, mordendo o lábio inferior em expectativa.

— Assim? — perguntou deslizando sua mão na borda da minha calcinha.

— Acho que está esquentando — arfei antes de responder.

— Agora está quente o suficiente pra você? — questionou, rasgando minha calcinha.

Era a primeira vez que ele fazia isso, e o fez no momento certo. Alguns meses antes, esse tipo de jogo de sedução jamais poderia acontecer comigo, mas o tempo cura as feridas, e eu era uma nova mulher, alguém confiante o bastante para experimentar e deixar meu namorado rasgar minha peça íntima e ainda sorrir ao entrelaçar minhas pernas na sua cintura como fizera na garagem. Porém, daquela vez não tinha nada para nos impedir de fazer o que nossos corpos estavam pedindo.

Eu já experimentara de tudo com ele, mas daquela vez foi diferente e alucinante ao mesmo tempo. Deixamos o desejo tomar conta e ditar nosso ritmo, entregamo-nos por inteiro. As carícias ficaram mais intensas, a vontade de sentir sua masculinidade era avassaladora, cheguei a implorar por ele quando seus beijos já não eram mais suficientes para aplacar o calor que emanava do meu corpo febril de desejo. Cheguei ao clímax no chão da sala. Olhei para o teto branco e só conseguia sorrir. *Tive uma noite e tanto para uma garota simples da favela*, pensei encostando minha cabeça no peito de Bob e sentindo seu cheiro gostoso.

Acordei no dia seguinte usando uma camiseta da banda, o cabelo todo bagunçado, os lábios vermelhos e um sorriso estampado na face. Todavia, estava sozinha na cama. Deslizei meu braço para o outro lado e, apesar de sentir o seu cheiro, não havia nem sinal do corpo quente de Bob ao lado do meu. Sentei-me na cama e esfreguei os olhos, ainda tentando me adaptar à luz do sol que entrava pela janela aberta. Observei o apartamento; da cama, podia ver tudo, já que não havia paredes exceto no banheiro. Entretanto, não o encontrei. Pensei em voltar a dormir, pois a noite, apesar de deslumbrante, fora cansativa, mas tive de desistir quando ouvi a campainha tocar sem trégua. A pessoa deveria estar bem desesperada para entrar.

Levantei-me devagar, com os pés descalços e caminhei até a porta, pensando que era o Bob, que tinha esquecido as chaves. Tinha tanta certeza

disso que nem verifiquei pelo olho mágico antes de abrir a porta e me deparar com a última pessoa que eu imaginaria ver novamente à minha frente.

— Mãe? — indaguei confusa. *Será que eu estou sonhando?*, pensei ao observar a mulher que me dera à luz parada à minha porta. Seus cabelos pretos estavam mais longos, ela usava um casaco grande e preto, mas os olhos verdes ainda eram frios como sempre.

— Não vai me convidar para entrar? Depois que ficou rica, esqueceu da família? — perguntou tentando entrar no apartamento.

— Depende. O que veio fazer aqui? — questionei nervosa com uma das mãos na cintura e a outra na porta.

— Quando vi as primeiras fotos na internet, não acreditei nos meus olhos e teria continuado sem acreditar se o Romão não aparecesse um dia em casa com algumas revistas — explicou enquanto eu tentava fechar a porta do apartamento, mas seu pé impedia que ela fosse fechada.

— Estou fazendo alguns trabalhos como modelo.

— Você está rica — afirmou empurrando a porta e conseguindo entrar. Ficou observando os móveis, poucos, mas caros e o tamanho do apartamento. *Mal sabe ela que nada disso é meu*, pensei aflita.

— Está enganada, não estou rica. E esse apartamento não é meu — revelei a observando de longe.

— Não minta pra mim, garota tola, já sei de tudo sobre você! Está morando com um músico famoso, tem tudo do bom e do melhor, tem até seguranças. Tive que implorar para chegar até você. Esperei seu namoradinho sair logo cedo e entrei pela entrada de serviço. Bati em várias portas até chegar aqui, por isso não me venha com essa carinha de mosca morta que sempre teve, querendo me enganar.

— Como conseguiu vir para Nova Iorque? — perguntei me segurando para não a expulsar a pontapés dali.

— O Romão conseguiu um dinheiro com os traficantes da favela, disse

que pagava o dobro depois. Tive que vir sozinha. Demorei meses para conseguir um visto de turista.

— O que você quer?

— Dinheiro, o que mais seria? — questionou se esparramando no sofá como se a casa fosse sua.

— Não se preocupou comigo nem por um segundo e agora aparece aqui querendo dinheiro? — inquiri incrédula.

— Claro que sim, me garantiram que você estava bem. E não estavam mentindo, olha este lugar!

— Você sabia que fui estuprada? — questionei com lágrimas nos olhos.

— Não, mas isso não faz diferença. Você já era uma mulher feita, não deve ter sido tão difícil assim. Já passei por isso e sobrevivi, você pode fazer o mesmo — falou com desdém.

— Claro que não se importa, nunca ligou pra mim antes! Por que agora seria diferente? Porém, já cansei de você e não preciso mais suportar suas ofensas! Quero que saia da minha casa, senão vou chamar os seguranças e tirar você à força daqui! — exigi abrindo a porta.

— Não ache que vai ser tão fácil se livrar de mim. Sou sua mãe e tenho meus direitos.

— Você não é minha mãe e nunca foi! Agora saia já da minha casa! — exigi aumentando o tom de voz.

— As pessoas não sabem do que aconteceu, e, agora que está famosa, posso ir à imprensa e contar como minha filha é ingrata e não cuida da própria mãe.

— Não ouse fazer isso, não depois de tudo que passei nas suas mãos e por sua causa. Só vá embora e me deixe em paz!

— Não vou embora sem meu dinheiro — desafiou-me, caminhando pelo apartamento com os olhos brilhando de cobiça.

— Eu não sou mais aquela garotinha estúpida que não conseguia enfrentar você. Cresci e não vou me intimidar com suas ameaças vazias. — Cerrei os punhos de raiva.

— Não pense que será tão fácil se livrar de mim. Mereço uma recompensa por ter aturado você a vida toda. Eu poderia ter abortado quando o inútil do seu pai fugiu de cena.

— Só desapareça da minha vida. Não quero ver você, não quero falar com você, nem saber que você existe. Suma da minha frente!

— Não vou desaparecer enquanto você não me der o dinheiro que mereço — ameaçou com os olhos brilhando de raiva.

— VÁ EMBORA!

— Pare de dar chiliques, não quero a polícia envolvida nisso. Esqueceu que meu teto é de vidro? Se insiste tanto, vou embora agora, mas saiba que não vou voltar para o Brasil sem uma mala cheia de dinheiro. Você é minha galinha dos ovos de ouro, e não vou sair daqui sem minha merecida recompensa — disse caminhando até a saída.

Assim que ela estava no corredor, tranquei a porta e caí no chão em prantos. Meu castelo de areia se desmanchara mais uma vez.

Faço tudo por você

BOB

Ela irá te deixar ir longe o suficiente
Então você sabe que ela realmente está lá
Ela irá olhar pra você e sorrir
E seus olhos irão dizer
Que ela tem um jardim secreto

Secret Garden - Bruce Springsteen

Acordei mais cedo do que Pandora, que ainda estava esgotada depois da noite maravilhosa que tivéramos. Fiquei alguns minutos velando seu sono. Suas pernas estavam em cima das minhas, seu rosto sereno e seus cabelos, esparramados no lençol. Teria ficado ali esperando que ela acordasse ou poderia acordá-la com beijos, mas ela se mexeu, saindo de cima de mim, e pude me levantar sem que ela acordasse. Caminhei até o banheiro, liguei o chuveiro, e os primeiros acordes de uma canção gotejaram na minha mente como a água que escorria pelo ralo. Desliguei a torneira, enrolei-me numa toalha e corri para vestir uma roupa. Eu precisava de espaço para enfim conseguir compor a minha primeira música.

Deixei Pandora ainda dormindo e acelerei minha moto até a casa do Rick. Usei minha chave reserva para entrar assim que estacionei minha moto na garagem. A casa estava em silêncio. Fui até a cozinha preparar algo para comer; saíra tão apressado do meu apartamento que nem tivera tempo de tomar um café da manhã decente.

Abri a geladeira, os armários, a dispensa, e não encontrei muita coisa para fazer um café da manhã caprichado, por isso me contentei com um copo grande de vitamina com as frutas que achei na geladeira.

Logo depois me sentei numa das banquetas no estúdio, coloquei o violão

no colo e comecei a dedilhar os primeiros acordes da canção. Não era uma música agitada como eu estava acostumado a tocar, era algo lento e melodioso. Peguei um bloco de notas e uma caneta em cima da mesa de som e comecei a escrever a melodia do primeiro verso da letra que eu já tinha composto e estava esperando apenas isso.

I want to build a home in my heart

For you live there forever

(Eu quero construir um lar em meu coração

Para você viver lá para sempre)

Aos poucos, os versos foram ganhando a melodia. Larguei o violão e usei o piano que Rick tinha recém-restaurado, e os acordes foram saindo da minha cabeça um a um.

I knew from the first time saw you

In my arms you will sleep every night

(Eu soube desde a primeira vez que te vi

Em meus braços você vai dormir todas as noites)

Quando toquei e escrevi o último verso, descobri que não era fácil escrever uma canção e que isso não acontecia no momento em que queríamos. Eu tinha levado um tempo precioso tentando tirar sentimentos que não existiam em mim. Somente conseguira escrever quando eles

transbordaram pelos meus poros.

— Adorei a música. É melosa, mas ainda assim linda — comentou Rick parado na porta do estúdio.

— Escrever essa música fechou um ciclo na minha vida — disse ainda sentado no banco do piano.

— Pretende gravá-la?

— Ainda não sei, vou pensar nisso — murmurei admirando aqueles rabiscos no bloco de notas.

— A música ficou incrível ao piano. Talvez possamos pensar em algo acústico.

— Uma banda de rock tocando uma música ao piano e violino? — ironizei.

— Por que não? Estamos evoluindo.

— Lembra daquele CD dos Foo Fighters?

— Aquele que eles fizeram na garagem do David e com o qual ganharam um monte de Grammy?

— Esse mesmo. O vocalista e líder da banda decidiu voltar às raízes. Gravaram um disco como nos velhos tempos, e o álbum ficou perfeito. Eles misturaram guitarras com violinos, piano com bateria e deixaram do jeito deles. Podemos fazer algo parecido.

— Já falou com Jack sobre isso?

— Ainda não, tive a ideia agora, depois de escrever a música.

— Podemos reunir a banda mais tarde no apartamento do Jack. O que acha?

— Acho que não precisamos de pressa, ainda estamos divulgando nosso novo álbum. Talvez ano que vem possamos pensar em fazer algo do tipo.

— Tem certeza? Acho que não precisamos de tanto tempo. Afinal, o Foo Fighters gravou um álbum inteiro em dois meses.

— É, mais a gente não é o Foo Fighters — brinquei. — Na certa vamos levar meses nesse trabalho e não vamos ganhar nenhum Grammy.

— Sabe que não me importo, gosto de tocar, e misturar música clássica com rock me deixou empolgado.

— Sempre quis fazer algo parecido, mas nunca soube como. Depois que escrevi essa música, algo mudou em mim, e quero sentir isso novamente.

— A música é uma linguagem universal, ela é capaz de unir pessoas de diferentes nacionalidades e interesses, transformar sentimentos, guiar pessoas. Não subestime o poder que ela tem.

— Jamais subestimei, sei da importância da música na minha vida e na das pessoas que encontramos pelo caminho. De certa forma, estamos conectados.

— Certo. Agora vamos parar com essa conversa, que estou ficando emotivo — brincou indo para a mesa de som.

— Tudo bem, não quero ferir a sua alma sensível — ironizei entrando na brincadeira.

— Deixe de conversa, e vamos trabalhar nessa música. Sabe que ainda não está pronta. Podemos colocar alguns outros instrumentos ou uma nota nova.

— Claro, vou tocar mais uma vez, e você pode ir parando para dar as sugestões que achar conveniente — sugeri tocando no piano os primeiros acordes da minha canção, ou melhor, da música que fizera para Pandora.

Não queria ter demorado tanto para voltar para casa, mas me empolguei com os arranjos que colocamos na música e não conseguia mais parar de tocá-la. Cheguei a casa bem tarde, abri a porta do apartamento, joguei a chave num canto e fui tirando a roupa no caminho. Demorei alguns minutos no banho. Quando saí, deitei-me na cama ao lado da Pandora, puxei seu corpo

para perto do meu e senti seu cheiro acolhedor. Fechei os olhos e dormi instantes depois.



— Acorda, dorminhoca — pedi, distribuindo beijos pelo seu corpo.

— Preciso dormir mais um pouquinho — resmungou ainda com os olhos fechados.

— Nada de dormir — disse, jogando-a nos meus ombros e a levando até a bancada da cozinha, onde nosso café da manhã já nos aguardava. Acordara mais cedo do que ela e preparara as minhas famosas panquecas que ela adorava tanto, servindo-as com bananas, morangos e Nutella. Ainda preparara ovos mexidos com muito queijo e bacon para acompanhar.

— Estou faminta — comentou olhando para as iguarias.

— Não comeu nada ontem? — indaguei curioso. Apesar de ter trocado algumas mensagens com ela, não sabia o que fizera no dia anterior.

— Ontem? — repetiu pensativa. Percebi que ela ficou um pouco nervosa com a pergunta, mas tentou disfarçar, porém, eu a conhecia muito bem para não perceber que tinha algo de errado ali. — Nada especial. Fiquei no apartamento e, como não estava muito a fim de cozinhar só para mim, não comi muito bem — disfarçou mexendo nas suas panquecas sem olhar para mim.

— Entendi. Quer dizer que namora comigo por causa da comida?

— Não exagere. Quem te ouvir, vai pensar que estou me aproveitando de você — disse tirando os olhos do prato e olhando para mim.

— Tenho minhas dúvidas. Agora que virou uma modelo famosa, vai acabar me deixando de lado — brinquei, dando um selinho nos seus lábios macios com sabor de Nutella.

— Acha mesmo que eu conseguiria trocar você? — perguntou em tom sério dessa vez.

— Não sei, você é uma garota linda e agora tem muitas opções — respondi demonstrando minha insegurança. Sabia que não devia falar meus pensamentos em voz alta. Porém, a conversa estava caminhando para isso, e não consegui disfarçar que eu tinha receio de perdê-la.

Também sabia que ela estava me escondendo alguma coisa.

— Que antes não tinha...? — indagou me observando cautelosa.

— Não sei, foi só uma frase. Você está diferente, sei lá. Esqueça o que eu disse e volte a comer as panquecas — pedi enfiando meu garfo nos ovos mexidos.

— Perdi o apetite — murmurou, saindo da cozinha sem olhar para trás e se trancou no banheiro.

Continuei ali sozinho comendo meus ovos e me perguntando que merda eu tinha feito para ela ficar tão irritada comigo.

Assim que terminei, peguei uma camiseta no varal, vesti minha jaqueta e segurei a chave da moto. Precisava sair dali, espairecer, talvez tocar algo no estúdio do Rick. Naquelas horas, a música era minha válvula de escape, eu precisava dela como precisava de ar para respirar. Desci as escadas correndo até a garagem, coloquei meu capacete, mas, na hora em que iria ligar a moto, alguém falou comigo em português:

— Você é o namorado da Pandora?

Não respondi no mesmo instante; tirei meu capacete e observei a mulher que me abordara. Seus cabelos pretos e lisos estavam amarrados num rabo de cavalo, os olhos verdes reluziam como se estivessem olhando para um tesouro, seu rosto cansado aumentava sua idade em alguns anos, usava um

jeans escuro e um agasalho leve para o clima que estava lá fora.

— Você é o namorado da minha filha? — insistiu na pergunta, dessa vez me surpreendendo.

— Filha? — repeti curioso.

— Sim, Pandora é minha filha, e eu estava subindo para falar com ela. Mas encontrei você. Talvez possa me ajudar, já que ela se nega.

— O que posso fazer por você? — inquiri saindo da moto e a encarando.

— Dinheiro. Preciso de dinheiro — respondeu sem qualquer vergonha ou receio.

— Por acaso acha que sou um banco? — questionei tentando ganhar tempo, pois aquela mulher não era só a mãe da minha namorada, era também a pessoa que vendera a própria filha para o tráfico de mulheres.

— Sei que é muito rico e estou precisando de dinheiro. Poderia me ajudar — explicou olhando para os lados, nervosa.

— Não vou dar dinheiro a você depois que abandonou sua filha e nem se preocupou com o que fariam com ela — afirmei, desafiando-a a dizer que eu estava mentindo.

— Não tive opção, meu marido me obrigou! Sustentei Pandora por 18 anos, desde que o maldito do pai dela nos abandonou!

— Você é mãe dela, fez a sua obrigação. Não deveria receber uma recompensa por isso.

— Sei que não, mas preciso de dinheiro e não tenho mais ninguém a quem recorrer.

— Para que precisa de dinheiro?

— Não posso dizer — respondeu esfregando as mãos uma na outra.

— Se não contar, não vou dar nada pra você.

— Não queira saber pra que preciso do dinheiro, estou envolvida até o pescoço com os traficantes da favela onde moro. Preciso pagar uma dívida e fugir dali.

— Contou isso para Pandora?

— Não, ela não entenderia. Só disse que precisava do dinheiro.

— Quando falou com ela?

— Ontem estive ontem no seu apartamento e conversei com ela. Mas aquela garota não entendeu que estou numa enrascada e preciso de dinheiro — explicou atropelando as palavras. Finalmente eu entendia por que Pandora estava tão diferente mais cedo. E eu achando que ela talvez estivesse querendo se livrar de mim...

— De quanto precisa?

— Um milhão de reais — respondeu sem pestanejar.

— Deve tudo isso? — questionei incrédulo.

— Uma parte; com o resto, pretendo refazer minha vida.

Eu queria ir até o apartamento e conversar com Pandora sobre a sua mãe. Se fosse somente dinheiro que ela queria para desaparecer da nossa vida, estava disposto a pagar a quantia necessária para me livrar daquela criatura insensível.

Todavia, não tive tempo. Recebi uma pancada na cabeça e apaguei. Acordei sozinho num lugar escuro, apertado e fedendo a mofo. Minhas mãos e pés estavam amarrados, minha boca, fechada com uma fita adesiva, minha cabeça latejava horrores, e eu ainda não sabia o que acontecera comigo, mas tudo indicava que a mãe da Pandora me tinha feito cair em uma armadilha.

À primeira vista

PANDORA

E, amor, se suas asas estiverem quebradas
Pegue as minhas emprestadas
para que as suas possam abrir também
Porque eu vou ficar ao seu lado

Stand by you - Rachel Platten

Foi difícil ignorar a impotência que sentia depois da visita da minha mãe. Tentei esquecer, sair de casa para espairecer pelas ruas movimentadas de Manhattan, mas nada adiantou. Não importava onde eu estava, suas palavras ficaram gravadas na minha cabeça. Pensei em desabafar com alguém, mas era muito difícil contar as tragédias por que passara e explicar a fúria que sentia em relação à minha genitora. Daquela vez, provavelmente nem minha psicóloga resolveria.

Voltei para casa à noite com a esperança de encontrar Bob e lhe contar tudo, mas o apartamento estava vazio. Tirei o monte de roupas que eu usava por causa do frio lá fora e fiquei alguns minutos imersa na banheira de espuma. Quando decidi sair, meus pés estavam enrugados e meus problemas continuavam os mesmos.

O mais irônico nisso tudo era que eu tinha esse dinheiro. Não era muito para mim depois que eu começara a desfilar regularmente. *Por que devo dar essa quantia para uma mãe que me negligenciou a vida toda?*, pensei me sentando na cama enrolada na toalha de banho.

Coloquei uma das camisetas da banda que Bob tinha no varal e pedi comida chinesa por um aplicativo. Nem ousei mexer na cozinha; estava cansada e não queria ficar mais irritada quando o jantar não saísse como eu desejava. Recebi mensagens do Bob dizendo que não viria jantar, poia estava

tocando com Rick e iria demorar.

Fiquei olhando para a TV, que estava ligada num programa qualquer, sem prestar atenção em nada. Remexia a comida, que tinha chegado, sem vontade alguma de comer, e acabei a deixando de lado quase intocada.

— Por que ela não desaparece da minha vida? — perguntei-me, com a cabeça no travesseiro do Bob, sentindo o seu cheiro. Revirei-me na cama, e nada de o sono chegar. Os ponteiros do relógio não saíam do lugar, e o sono não parecia chegar por mais que eu tentasse. Adormeci algumas horas depois de tanto insistir.

Senti o corpo quente do Bob colado ao meu em algum momento da noite e adormeci novamente, tranquila. Acordei com beijos molhados no meu rosto e fui carregada até o balcão da cozinha. A todo momento que eu olhava para os olhos sinceros do Bob, queria lhe contar sobre a minha mãe, mas não tive coragem e acabei brigando com ele por bobagem.

Corri até o banheiro e fiquei lá até conseguir coragem para lhe explicar tudo, mas escutei a porta bater. Corri para tentar alcançá-lo, porém, era tarde demais, e eu ainda estava só de camiseta. Seria impossível descer até a garagem naquele traje.

— Por favor, volte — pedi mexendo os lábios sem qualquer som, olhando para o corredor vazio. Não queria brigar com ele, muito menos ter segredos, mas era difícil quando se tinha somente coisas tristes para contar. Bob podia ter qualquer garota sem todo o drama que me cercava.

— Por que ficaria comigo depois de descobrir os podres da minha mãe? — lamentei em voz alta enquanto fechava a porta do apartamento.

Esperei a manhã toda, e nada de Bob retornar. Liguei inúmeras vezes, mas ele não atendeu, sequer leu minhas mensagens. Estava quase ficando louca quando o segurança apareceu nervoso com um papel na mão.

— Desculpe incomodar, mas encontrei esse bilhete na garagem ao lado da moto do Bob e fiquei preocupado. Não sei português, por isso vim até aqui.

Estamos com seu namorado. Traga um milhão de reais amanhã, às 20:00, na Times Square. Venha sozinha. Se contar a alguém, ele morre.

Puxei o ar duas vezes a fim de não demonstrar o pânico que se apoderou do meu corpo quando li aquelas poucas linhas. Não podia contar a verdade ao segurança nem demonstrar a gravidade da situação. Aquele bilhete em português era um sinal claro de que minha mãe estava envolvida até a cabeça naquele sequestro, por isso eu precisava resolver o problema sozinha.

— Não se preocupe, não é nada demais. Bob deve ter deixado cair essa manhã — comentei, segurando-me para não desabar na frente dele.

— Tem certeza? — perguntou inseguro.

— Cla-claro — gaguejei um pouco.

Ele ficou me avaliando por um tempo sem dizer nenhuma palavra até que seu celular tocou e ele se afastou para atendê-lo.

— Se está satisfeito, vou fechar a porta — anunciei tentando escapar dos seus olhos atentos.

— Vou esperar o Sr. Williams voltar. Se precisar de mim, não hesite em chamar — pediu deixando o celular por um momento.



Depois de alguns telefonemas, consegui reservar o dinheiro que tinham exigido no bilhete. Eu já estava ficando experiente em arrumar grana tão rápido. No dia seguinte, esperei o horário combinado com o gerente do banco para sair de casa, prendi o cabelo, usei um boné e um casaco preto enorme

para conseguir passar despercebida ao sair do prédio e não ser seguida pelo segurança do Bob.

Com o dinheiro numa bolsa que comprara no meio do caminho para o banco, vaguei aflita pelas ruas movimentadas da cidade, esperando a hora certa para, enfim, conseguir resgatar meu namorado. Sabia que muita coisa podia dar errado até lá, mas não deixaria de tentar.

No horário combinado, sentei-me na escadaria vermelha na Times e esperei. O frio afastava algumas pessoas, mas o lugar ainda estava lotado como sempre. Aguardei por alguns minutos, esfregando minhas mãos uma na outra, nervosa, até que alguém se sentou ao meu lado.

— Trouxe o dinheiro?

— Que di-dinheiro? — questionei com a voz trêmula.

— Não brinque comigo, garota, sabe do que estou falando e, se não entregar logo a grana, seu namoradinho vai sofrer as consequências — comunicou no meu ouvido, fazendo meu corpo tremer, e não era de frio dessa vez.

— Aqui está — informei jogando a bolsa no seu colo. Ele abriu o zíper, olhou as notas empilhadas e se levantou, descendo a escadaria sem dizer mais nada.

— Ei, espere, onde está meu namorado? — perguntei me levantando e o seguindo.

— Na garagem do seu prédio. Onde mais ele deveria estar? — indagou abrindo um sorriso e desaparecendo entre as pessoas. Por um momento fiquei paralisada, sem saber se deveria ir atrás dele ou procurar o Bob. Sabia que o crápula podia estar mentindo para mim e que eu talvez não encontrasse meu namorado no lugar que ele falara, mas decidi que não podia mais perder nenhum minuto, por isso corri o máximo que pude até a próxima estação de metrô e tive sorte ao chegar bem na hora de embarcar. Desci quase em frente ao prédio em que morava e levei apenas alguns minutos para chegar à garagem. Vasculhei o local com os olhos atentos até encontrar Bob caído no

chão atrás da sua moto.

— Desculpa, desculpa, desculpa! — supliquei correndo para abraçá-lo. Sentei-me no chão ao seu lado, ergui seu corpo e mordi meu lábio para não gritar de pesar. Seu rosto estava todo machucado, e ele gemia de dor a cada vez que eu o puxava para se levantar.

— Estou bem, não se preocupe — gemeu antes de responder.

— Vou levar você para o hospital — disse o arrastando para fora da garagem.

— Não precisa, quero ir para casa — pediu gemendo mais uma vez.

— Tem certeza?

— Já levei alguns socos antes e superei, por isso fique tranquila — resmungou se virando na direção das escadas. Subimos devagar, um passo de cada vez, e, quando chegamos ao apartamento, deitei-o na cama. Além de ferido, ele estava exausto. Tirei sua roupa com cuidado e fiquei aliviada quando não encontrei outros hematomas. Dei-lhe dois comprimidos para dor, limpei sua face devagar, removendo o sangue seco e, quando terminei, sua aparência era bem melhor. Devido aos comprimidos, ele dormiu logo, e fiquei ali, sentada na cama, velando seu sono.

Acordei assustada assim que amanheceu. Bob ainda dormia ao meu lado. Tentei não me mexer para não o acordar, mas foi inútil.

— Acho que fui atropelado por um caminhão — comentou abrindo os olhos devagar devido ao inchaço em uma das pálpebras.

— Desculpe, desculpe! — pedi desesperada.

— Você não precisa me pedir desculpas — informou me puxando para seus braços.

— Preciso, sim, isso só aconteceu com você por minha culpa!

— Por que acha isso?

— Eles escreveram o bilhete com pedido de resgate em português — expliquei me encolhendo no seu colo.

— Não se preocupe. Vou cuidar disso. E jamais se culpe novamente — pediu beijando meus cabelos e me abraçando forte.

Ele tinha razão sobre os machucados, eram superficiais e, à luz do dia, não pareciam tão graves como eu imaginara na noite anterior.

Bob ligou para seu amigo delegado e contou toda a história do sequestro, pedindo sigilo absoluto. O homem ficou preocupado e prometeu investigar. Reforçamos a segurança e ficamos trancados no apartamento por alguns dias, até os hematomas desaparecerem por completo e a polícia prender um dos suspeitos, o que pegara a mochila com o dinheiro. O homem foi interrogado até a exaustão e no fim confessou que era mais uma artimanha da minha mãe e do meu padrasto, que haviam fugido para o Brasil com o dinheiro do resgate. Além disso, também descobrimos que o porteiro do prédio em troca de propina tinha facilitado a entrada deles no prédio todas as vezes. Ele também foi preso. O amigo do Bob continuaria investigando, mas só poderia prender Lourdes e Romão se retornassem aos Estados Unidos ou se recorressem à ajuda da Interpol. Por isso decidimos colocar uma pedra no assunto e esquecer de vez que eu tinha uma família em qualquer parte do mundo.

Pensei nos meus irmãos, crianças inocentes junto àqueles criminosos. Todavia, não havia nada que eu pudesse fazer, uma vez que eram filhos deles. Além disso, apesar de serem meus irmãos por parte de mãe, nunca haviam gostado de mim, nem eu deles. Mesmo assim, não lhes desejava mal algum.



— Por que está tão animado? — questionei ao acordar naquela manhã.

— Almoço na vó Nancy, e estamos atrasados — disse beijando carinhosamente os meus lábios. Segurei na sua cintura por baixo da camiseta e suguei sua boca com tanta intensidade que ele gemeu.

— Acho que vamos pular o café da manhã, pelo visto — comentei sorrindo.

— Não se você me agradar primeiro — pediu com malícia na voz.

Chegamos à casa da vó Nancy atrasados depois que um beijo levou a outro, a outro e, por fim, acabamos juntos no banheiro.

— Ei, vó, chegamos — anunciou Bob assim que passamos pela porta de entrada.

— Estou na cozinha — respondeu a senhora.

— Que cheiro maravilhoso! O que está preparando? — questionou Bob abraçando a avó e distribuindo beijos carinhosos nas suas bochechas.

— Um doce português. Vai demorar para ficar pronto, ainda precisa de horas na geladeira, por isso tire suas mãos da panela — ralhou a senhora com o neto, que tinha o triplo do seu tamanho.

— E o almoço? Estou faminto — perguntou xeretando nas outras panelas.

— O bom filho à casa torna! — comentou alegre a Consuelo aparecendo de surpresa na cozinha.

— Só estou atrasado, venho aqui todas as quartas e nunca me esqueço, por isso pare de reclamar e venha me dar um abraço — pediu Bob abrindo os braços para a amiga da avó.

Fiquei imóvel no canto, observando aquela pequena família e o grande amor que eles tinham um pelo outro. Não era o modelo ideal de família, Bob tinha perdido os pais muito novo. No entanto, eles combinavam tão bem que não faltava nada. *Queria que a minha fosse assim*, pensei enquanto a avó Nancy me puxava para um abraço. Na certa ela percebera minha carinha

triste e decidira intervir. Eu não me sentia parte daquela família e de nenhuma outra.

Sentamo-nos à mesa, e a comida estava de comer com os olhos. Não sei se fora combinado, mas a vó preparara uma bacalhoada, um prato típico de Portugal, com direito a bolinhos de bacalhau para complementar e, como sobremesa, Travesseiro de Sintra, um doce típico português composto por massa folhada coberta com açúcar e recheada com creme de ovos e amêndoas. Lambi meus dedos para aproveitar o creme e repeti duas vezes.

Depois do almoço delicioso, deitei-me no banco de madeira no jardim com a cabeça no colo do Bob enquanto conversávamos sobre coisas banais. Era gostoso ficar assim com ele.

— Desculpe interromper o casal, mas preciso da sua namorada por alguns minutos — pediu a vó Nancy segurando minha mão e me arrastando pela casa até o quarto do Bob.

— Sente aqui por favor, minha querida — pediu alisando o lençol da cama ao seu lado. — Você está bem? — indagou fitando meus olhos tristes.

— Estou, sim — menti, sem coragem de dizer a ela que eu não me encaixava naquele lar perfeito que eles tinham.

— Faz algum tempo que quero ter essa conversa com você, desde que veio a esta casa pela primeira vez e os olhos do meu menino não desgrudavam dos seus. Percebi naquele dia que você era especial, mas achei cedo para ter essa conversa. Porém, agora acho que podemos, enfim, nos sentar juntas e conversar um pouco. Como sabe, criei sozinha meu neto, que é mais que um filho, ele é tudo que tenho. Por isso me perguntava todos os dias o que seria dele quando eu partisse deste mundo. Não temos mais ninguém, e, apesar daquele tamanho todo, meu neto é a pessoa mais sensível que conheço. Ele sofreu por meses a morte dos pais, achei até que seria uma pessoa amargurada, mas a música o resgatou. Entretanto, quando ficou famoso e cheio de mulheres se jogando no colo dele, fiquei com receio. Sabia que ele poderia escolher mal.

— Desculpe, não quero atrapalhar a vida de vocês — interrompi a

conversa antes de ouvir o que tanto temia.

— Você não atrapalha nada. Por favor, me deixe terminar — pediu acariciando minhas mãos.

— Tudo bem — consenti com os olhos marejados.

— Ele não escolheu mal. Você é a mulher ideal para o meu neto, eu soube disso desde a primeira vez em que a vi no jardim da minha casa. Você se lembra daquele dia? — questionou, e, apesar de eu me lembrar com riqueza de detalhes, não consegui responder. Minha voz sumiu pela emoção que senti ao ouvir suas palavras, por isso só balancei a cabeça concordando. — Estou mais tranquila agora ao saber que, quando eu partir dessa vida, meu neto terá alguém para segurar suas mãos e dividir com ele o seu enorme coração.

— Não acho que mereço tanto. Não sei se sou a pessoa certa para o Bob — comentei derrubando uma lágrima.

— Claro que é — disse, tirando do bolso um lencinho branco com um bordado de coração e o entregando a mim.

— A senhora não sabe como minha vida é complicada. Tenho tantos defeitos que não conseguiria enumerá-los agora — afirmei de cabeça baixa, secando minhas lágrimas.

— É por isso que você é perfeita para o meu neto. Se não tivesse todos esses defeitos que você insiste em dizer que tem, ele não teria se aproximado de você. Conheço muito bem aquele rapaz e sei apenas alguns detalhes da relação de vocês, mas posso dizer que Bob nasceu para cuidar de alguém, e você, com seu coração partido, seus defeitos, como diz, é um prato cheio para ele. Você acredita em almas gêmeas?

— Não sei... Acho que não.

— Acho que devia. Vocês dois são almas gêmeas, e só não vê isso quem não quer — falou me puxando para um abraço.

Fiquei alguns minutos recebendo o seu carinho. Era tudo o que eu precisava para aceitar o que a vida me dera, as coisas boas e as ruins. Somos

feitos de momentos, e aquele era o meu. Senti-me bem e acolhida por aquela senhora, que não tinha nenhum laço sanguíneo comigo, nem conhecia metade da minha vida, mas, mesmo assim, decidira me aceitar do jeito que eu era. *Se ela conseguiu fazer isso, por que eu não posso fazer o mesmo*?, pensei enquanto encostava minha cabeça no seu ombro e tentava me recompor daquela avalanche de sentimentos reprimidos que havia muito tempo me acompanhavam.

A vó Nancy me deixou sozinha no quarto logo depois do nosso abraço, disse que precisava cuidar de um doce que deixara na panela, mas percebi que nossa conversa também mexera com ela, pois saiu do quarto com os olhos marejados. Ela era mais forte do que eu, que chorei sem parar. Quando as lágrimas secaram, decidi parar de sabotar a minha felicidade. Ainda não sabia por que, entre tantas garotas, Bob me escolhera, mas eu agarraria com unhas e dentes aquele pote de ouro, ou melhor, de músculos que eu encontrara no final do arco-íris.

— Minha avó disse que precisava de mim — disse Bob aparecendo no seu quarto. Ele me observou de longe por um tempo, depois se ajoelhou na minha frente e deitou a cabeça no meu colo.

— Eu sempre vou precisar de você, mas agora quero que me beije — pedi acariciando seus cabelos ruivos macios.

— Não precisa pedir duas vezes — respondeu se levantando para me beijar. Começou devagar, distribuindo selinhos na minha testa, na ponta do meu nariz, em cada lado da minha face, no queixo e, quando enfim chegou à boca, suspirou fundo e mergulhou nos meus lábios como sempre fazia. Senti seu gosto ainda doce da sobremesa caprichada feita pela sua avó e me entreguei de vez e sem qualquer reserva àquela relação. Se Bob fosse um penhasco, eu acabara de pular sem qualquer proteção e ainda estava sentindo o friozinho na barriga pela adrenalina.

Você é única para mim

BOB

Lá vai o meu coração batendo
Porque você é o motivo
De eu perder o meu sono
Por favor, volte agora

You are the reason - Calum Scott

Quando entrei no meu antigo quarto, não imaginava ver Pandora ali, chorando depois de uma conversa com a minha avó. Eu sabia que ela tinha algum problema; desde o sequestro, estávamos pisando em ovos. Eu esperava que ela entendesse que eu não a culpava por nada. Casey tinha quase certeza de que a mãe dela estava envolvida até ao pescoço no crime. Por isso eu pedira sigilo absoluto nas investigações e não contara nada a ninguém sobre o sufoco que passara. Tinham sido apenas algumas horas que eu ficara no motel cheirando a mofo, levando socos que queria esquecer. Se a imprensa descobrisse, os fãs da banda iriam crucificar minha namorada e a perseguir por muito tempo. Que aquela mulher sem escrúpulos não pensasse que sairia ilesa daquela história; podia não ser daquela vez, mas uma hora a casa dela cairia, e eu queria manter Pandora bem segura e o mais longe possível da sua família ingrata. Eu tinha pena dos irmãos dela, mas descobrira que estavam em segurança na casa dos avós paternos, que eram pessoas decentes; o detetive que contratara me garantira.

Segurei-a no meu colo e a abracei tão forte que ela parou de chorar e se agarrou a mim com tudo que podia.

— Está pronta para ir para casa? — indaguei segurando seu rosto com carinho após um beijo intenso. Seus olhos ainda estavam vermelhos e inchados, mas ela deu um sorriso lindo.

— Agora estou — respondeu voltando a me abraçar bem forte. Aproveitei para sentir seus lábios macios de novo, e estavam perfeitos como sempre. Eu teria ficado ali, mas já era tarde, por isso, mesmo não querendo, tive que soltá-la.

Despedimo-nos da minha avó e da Consuelo para seguir agarradinhos na minha moto até o apartamento.

Ao estacionar na garagem, ergui a minha garota nos ombros e subi as escadas com ela batendo nas minhas costas e pedindo que eu a colocasse no chão.

— Ei, olhe pra mim — pedi depois de jogá-la na cama. Ergui seu queixo para fitar seus olhos. — O que precisa me contar? — perguntei sondando sua expressão, que se tornara séria ante a questão.

— Não sei por onde começar — falou sem jeito, nervosa.

— Pelo começo acho que é mais fácil — brinquei, tirando um sorriso do seu rosto. Não devia ser tão sério, uma vez que ela conseguia sorrir.

— Estou me sentindo culpada pelo sequestro, pelo dinheiro perdido e pela surra que você levou. Acho que não te mereço, e estamos ignorando isso desde que voltou pra casa. Não falamos sobre isso, não contamos pra ninguém. E eu sei que algo assim nunca teria acontecido se eu não estivesse presente na sua vida.

— Por isso está nervosa, porque acha que a culpo pelo sequestro?

— Sei que não, mas *eu* me culpo — respondeu limpando uma lágrima.

— Não devia. Sabe que não é culpa sua e entendo que esteja preocupada comigo, mas já sou grandinho e sei me cuidar. Devia se preocupar mais em sorrir. Você fica deslumbrante quando faz isso, em especial quando está na minha cama — disse a puxando para o meu colo.

— Tem certeza de que não sou bagagem demais pra você? — questionou insegura.

— Você é tudo que eu preciso, e nunca se esqueça disso. Eu te amo, não só as partes fáceis, como esse seu corpo lindo. Preciso de cada parte sua, cada pedacinho por mais insignificante que seja. Eu quero tudo, inclusive sua família desestruturada, a bagagem completa. Aceito tudo — declarei sem tirar os olhos dos seus.

— Eu amo você com tudo que tenho. Você é bom demais pra ser de verdade. Não sei o que faria sem você — confessou colocando os braços em volta do meu pescoço.

— Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Pare de pensar tanto e me beije — pedi acariciando seus cabelos.

— Está falando a verdade? — indagou insegura.

— Eu não mentiria sobre isso, e está na hora de você acreditar que não vai se livrar de mim tão cedo.

— Quem disse que quero me livrar de você? — indagou me deitando na cama, e ganhei o beijo que pedira minutos antes. Ela não deveria ser insegura quanto aos meus sentimentos, por isso decidi deixar uma coisa bem clara entre nós:

— Eu te amo, garota, e nada do que fizer vai mudar isso — repeti, pois adorava o efeito que aquelas palavras causavam nela.

— Você o quê? — questionou fingindo que não me escutara.

— EU TE AMO!

— E eu também te amo tanto, Bob — sussurrou.

Virei seu corpo quente na cama e inverti nossas posições, observando seu perfil, seu sorriso, seus olhos encantadores e depois decidi beijar cada pedacinho dela. Tirei suas roupas devagar, pois não havia urgência. A pressa deu lugar à lentidão. Os afagos causaram gemidos, o calor se transformou em suor.

Um encontro num beco escuro se transformara em amor, aquele mais

puro sentimento que fazia seu sorriso brilhar quando eu olhava para ela, que me deixava pleno e feliz por apenas sentir seus lábios e que nos levava ao delírio toda vez que fazíamos amor. Era assim que eu me sentia, e não me arrependia nenhum pouco de tudo que fizera para, enfim, chegar àquele momento, do tempo que esperara para a encontrar ou das dúvidas que tivera no caminho, já que tudo isso culminara na noite mais perfeita que já havia tido na vida. Eu faria tudo de novo um milhão de vezes se fosse preciso.

Dormimos abraçadinhos naquela noite, e foi admirando seu sono tranquilo, seu corpo quente sobre o meu, seus cabelos soltos sobre meu ombro que tomei a decisão: aquela garota seria minha. Não podia deixá-la escapar de jeito nenhum.



Levei uma semana para preparar tudo que precisava para nosso jantar romântico. Pelo menos, foi isso que contei a Pandora. Não entrei em detalhes sobre o que aconteceria no jantar, mas, na minha cabeça, tudo estava planejado nos mínimos detalhes.

No dia combinado, saí do apartamento logo depois do almoço, e combinamos de nos encontrar no restaurante que eu reservara. As horas que tive que esperar até vê-la novamente foram as mais longas da minha vida. Porém, valeu a pena aguardar cada segundo quando a vi caminhar na minha direção usando um vestido longo prata que deslizava pelas suas curvas com perfeição. Os cabelos estavam mais lisos, e seu sorriso era algo que devia ser eternizado.

— Você está linda — sussurrei no seu ouvido quando depositei minha mão na sua cintura e a puxei para mim, encurtando a distância.

— Você também não está de se jogar fora — comentou observando meu smoking preto com gravata-borboleta.

— Fico feliz que tenha gostado. Fiz tudo isso pra você — disse abrindo os braços para mostrar o restaurante, numa das coberturas de Manhattan, repleto de flores amarelas e brancas, um globo de luz gigante no teto, uma única mesa no salão e um piano de calda no palco.

— Está lindo! — exclamou empolgada segurando no meu pescoço e me puxando para os seus lábios irresistíveis. Assim que nossas bocas se encontraram, esqueci tudo que precisava fazer naquela noite e só pensei em sentir seu gosto.

— Acho melhor pararmos por aqui — pedi me recuperando do beijo.

— Sim, vamos comer primeiro e deixar a sobremesa para depois — murmurou maliciosa, sentando-se na cadeira que puxei para ela.

O jantar foi servido logo em seguida. Apreciamos a culinária portuguesa mais uma vez junto a um bom vinho. A conversa estava descontraída, e ela não desconfiava de nada do que eu tinha preparado. Pelo menos, era isso que eu imaginava.

— Tenho uma surpresa pra você — anunciei me levantando da mesa. Parei ao seu lado, fitei seus olhos e dei um selinho nos seus lábios antes de subir ao palco. Sentei-me no banco do piano, ajeitei o microfone e comecei a tocar as primeiras notas da música que havia composto para ela.

I gonna be the man who wakes up with you in bed

The luck guy who will see your first smile every morning

The man in love who will receive your kisses

The only one you'll call when you need help

(Eu vou ser o homem que acorda com você na cama

O cara de sorte que vê seu primeiro sorriso todas as manhãs

O homem apaixonado que recebe seus beijos

O único que você chama quando precisa de ajuda)

I knew from the first time I saw you

I want to build a home in my heart for you

Live there forever

In my arms you will sleep every night

(Eu soube desde a primeira vez que te vi

Eu quero construir um lar no meu coração para você

Morar lá para sempre

Em meus braços você vai dormir todas as noites)

I'm the one who recognize you miles away

The only one that smelled her in the sheets

I'm your first and only love

I'm your first and only love

First... and last love

(Eu sou o único que reconhece você a milhas de distância

O único que sente seu cheiro nos lençóis

Eu sou seu primeiro e único amor

Eu sou seu primeiro e único amor

Primeiro… e último amor)

Quando toquei a última nota da canção, senti suas mãos nos meus ombros. Ela não conseguira esperar sentada à mesa. Por isso me virei e a fiz se sentar sobre o piano.

— Gostou da música? — questionei animado observando seu sorriso. Ela estava feliz; finalmente não haveria mais lágrimas – a menos que fossem de emoção – em seu rosto.

— Você que a escreveu? — perguntou curiosa, mordendo o lábio inferior.

— Sim. O que achou dela? — repeti a questão, nervoso.

— Você a fez pra mim? — indagou em vez de responder.

— Sim. — Segurei uma mecha do seu cabelo entre meus dedos.

— Eu amei. É linda! — exclamou empolgada, jogando-se no meu colo. Aproveitei que ela estava assim tão perto para beijá-la mais uma vez e saciar a vontade que estava sentindo da sua boca.

— Eu ainda não terminei a música, preciso te dizer o último verso — pedi, relutante em deixar seus lábios, mas era por uma boa causa. Depois de dizer o que eu precisava, seus lábios seriam meus para sempre.

— Tudo bem — comentou contrariada enquanto eu a colocava na banqueta do piano. Respirei fundo, coloquei a mão no bolso e tirei a caixa de veludo vermelha minutos antes de me ajoelhar.

— O que você está fazendo? — inquiriu surpresa, mas não respondi de imediato. Fitei seus olhos, emocionado.

— Escolher a pessoa com quem se vai dividir a vida não é uma tarefa fácil. Por isso demorei tanto para encontrá-la, mas, no momento em que coloquei meus olhos em você, sabia que tinha sido feita pra mim. Cada pedacinho do seu corpo acende o meu, como duas partes que foram divididas e se encontraram depois de muito tempo, e, contrariando todas as expectativas, elas se encaixam com perfeição. Sei que estou enrolando, por isso vou tentar ser mais breve — falei, nervoso.

— Não me diga que vai... — tentou perguntar, mas a interrompi a tempo, tocando seus lábios com carinho e sinalizando com os olhos para que esperasse.

— Você aceita se casar comigo? — despejei as palavras, ansioso, abrindo a caixa com o anel com solitário de diamante em formato de coração.

Pandora ficou me olhando como se não entendesse meu pedido. Colocou as mãos no rosto, enquanto eu estava à sua frente, ajoelhado e segurando o anel, com o estômago se revirando em expectativa.

— Você tem certeza? — perguntou encarando o anel na minha mão.

— Eu fiz o pedido; não me enrole, Pandora — pedi aflito.

— Eu aceito! Desculpe demorar tanto, nunca estive tão segura em toda a minha vida! Essa é a única certeza que tenho! — respondeu descendo da banqueta e se jogando nos meus braços. Segurei-a com força, ergui-me e girei seu corpo, feliz com a resposta que daria início a uma nova etapa na nossa vida.

— Me deixa colocar seu anel — pedi, parando de girar para colocar o anel no seu dedo.

— Ele é lindo! — exclamou admirada olhando para sua mão com o símbolo do nosso amor.

— Não mais do que você — respondi erguendo seu queixo para admirar algo mais lindo do que um anel de diamantes da Tiffany: minha noiva e futura esposa, Pandora.

Epílogo

PANDORA

Eu encontrei um amor para mim
Querida, entre de cabeça e me siga
Bem, eu encontrei uma garota, linda e doce
Oh, eu nunca soube que era você quem estava esperando por mim

Perfect - Ed Sheeran

Alguns meses depois.

Finalmente houve o julgamento da quadrilha que traficava mulheres e do homem que me estuprara. Levou alguns dias, pois foram muitos testemunhos a serem ouvidos. Tive que encarar o júri e o monstro que destruíra os meus sonhos e contar em alto e bom som tudo que acontecera comigo desde que deixara o Brasil conduzida por Ester – que não foi encontrada, provavelmente tinha voltado para o Brasil e ficaria lá até as "coisas se acalmarem" – até Bob me encontrar num beco escuro atrás de um bar, bem como a chantagem que tinham tentado fazer comigo. Prepara-me meses para aquele dia e prometera que não iria chorar. Concentrei-me no rosto do Bob assistindo ao julgamento e falei como se estivesse contando para ele. Não minimizei nada, apesar de sentir que ele estava preocupado com meu relato devastador na frente de tantas pessoas. O tribunal estava cheio, pois aquele julgamento tinha amplas repercussões. Quando disse a última palavra, senti-me livre como se um peso tivesse sido tirado de mim. Acabara de fechar um ciclo na minha vida e estava pronta para recomeçar uma nova etapa, com Bob ao meu lado.

Onde eu me casaria se pudesse escolher qualquer lugar do mundo? Pensei nessa pergunta tantas vezes que até perdi as contas, mas, no fundo, sempre soube a resposta. Quando Giovanna e Helena anunciaram que iriam me

ajudar a organizar o casamento e começaram a perguntar o que eu queria fazer, elas me mostraram tudo o que o dinheiro podia pagar, mas não me senti à vontade com todo aquele luxo; não era o que eu queria. Por isso escolhi com o coração, e o lugar que eu mais amava no mundo era o jardim da casa da avó Nancy. Bob adorou a minha escolha. Helena e Giovanna aceitaram minha sugestão com todo o carinho que sentiam por mim, e vovó não conseguiu disfarçar o quanto aprovara a minha ideia.

Levamos apenas um mês para organizar tudo, afinal, seria um casamento simples no jardim e para poucos convidados. Montamos um pequeno altar bem ao lado das roseiras. Giovanna organizou toda a decoração, e a festa seria ali também, sob uma tenda improvisada bem no centro do jardim.

Eu estava tão feliz ao me olhar no espelho que me lembrei no mesmo instante do discurso que eu fizera na semana anterior na sede da ONU. Eu quase não acreditara quando recebera o convite para ser embaixadora da Organização das Nações Unidas, tudo graças à ONG que eu tinha fundado logo depois que eu me tornara noiva. Meu objetivo era apoiar mulheres vítimas de abuso ou violência. O projeto começara pequeno, era como uma válvula de escape para mim, mas as pessoas começaram a se interessar. Todas as esposas dos integrantes da banda participaram, teve até um show com outros cantores famosos para arrecadar fundos, e assim a ONG foi ganhando força.

E, no dia do meu casamento, usando o vestido de noiva que eu tinha escolhido com tanto carinho, ao me olhar no espelho me senti parte de algo maior e me lembrei do meu discurso.

Não é fácil ficar à frente de pessoas tão importantes para discursar sobre a ONG "Stop Abuse". Eu não tinha ideia de que o projeto tomaria essas proporções. Minha única vontade era ajudar mulheres vítimas de qualquer tipo de abuso, como fui ajudada um dia. Encontrei pessoas maravilhosas no pior momento da minha vida, e isso me transformou no que sou hoje. Porém, sei que muitas não têm essa sorte. Por isso idealizei a "Stop Abuse". Era o sonho de uma garota simples, mas eu ousei ir adiante. Com o apoio dos meus amigos e do meu noivo, consegui ajudar tantas mulheres, adolescentes e meninas ao redor do mundo... O projeto saiu de Nova Iorque e ganhou filiais

em outras cidades, inclusive no meu país. Vocês podem estar se perguntando: "o que uma modelo brasileira conhece sobre abuso?" Pois bem, irei contar. Não criei a ONG para explorar as tragédias das mulheres ou me promover na mídia. Criei-a porque já passei por algo assim e sobrevivi. Se eu pudesse fazer um último pedido, seria que nenhuma mulher passasse pelo que eu passei. Todavia, como não posso mudar a maldade que existe nos corações humanos, decidi remediar os efeitos que ela causa, ajudar, estender a mão, dar um ombro amigo e apoiar acima de tudo a decisão que as mulheres tomarem a respeito do que aconteceu.

— Você está linda — comentou Giovanna empolgada atrás de mim, interrompendo meus pensamentos.

— Acha mesmo? — indaguei olhando para ela através do espelho.

— Claro, não diria se não achasse — respondeu sorrindo.

Olhei de volta no espelho e vi o vestido branco tomara que caia com uma saia rodada de tule da mesma cor. O busto era todo trabalhado em renda com pequenas pedrinhas de diamante, meu cabelo estava amarrado num coque levemente bagunçado, e uma tiara dava o toque final.

— Acho que estou pronta — anunciei me virando para ela.

— Ainda não, falta a tradição de todas as noivas: algo velho, algo emprestado, algo azul e, por fim, algo novo.

— Acho que não preciso disso — resmunguei dando de ombros.

— Precisa, sim, e já providenciamos isso pra você — disse Helena me interrompendo ao entrar no antigo quarto do Bob, onde eu estava, junto a Amanda e Mia, que também seriam minhas damas de honra.

— Não acredito nisso, mas, já que insistem, eu vou usar. Vamos lá, me mostrem o que trouxeram — pedi, rendendo-me a elas.

— Temos algo velho — disse Helena me estendendo uma caixinha de veludo preta. Abri-a devagar e fiquei surpresa ao encontrar um par de brincos de pérolas.

— Isso não parece velho — reclamei ao observar a joia.

— É uma joia que está na família do Bob há anos, e a vó dele fez questão de dá-la a você — explicou Helena ao perceber minha reação exagerada ao presente.

— Não posso aceitar — murmurei olhando para aquelas lindas peças.

— Pode e deve, minha filha. O lugar deles é com você, nunca se esqueça disso, e, quando tiver uma filha, você deve entregá-la a ela também — disse a vó Nancy aparecendo no quarto de repente.

— Obrigada, muito obrigada por tudo que fez por mim — disse abraçando a mulher que eu gostaria de ser um dia e a única família que eu conhecia além do Bob. Fiquei tão emocionada com suas palavras que uma lágrima solitária desceu pela minha face.

— Não vamos chorar agora — pediu Giovanna me entregando outra caixa de veludo. Dessa vez, era algo novo, tive certeza, ao abrir a caixa da Tifanny e encontrar um colar de prata com dois pingentes de ouro branco: uma caixa e um baixo.

— Esse é do Bob — comentou Giovanna, mas eu já sabia assim que vira os pingentes.

— Falta algo emprestado — disse Helena sorrindo ao me entregar um buquê de rosas.

— Não entendi. Por que é algo emprestado? — questionei segurando o lindo arranjo de rosas naturais.

— É emprestado, porque as rosas são do meu jardim, e as colhi essa manhã — respondeu a vó Nancy abrindo um sorriso imenso.

— Obrigada — movi os lábios, mas não saiu nenhum som, pois estava emocionada ao agradecer o gesto de carinho.

— Agora algo azul — anunciou Mia me entregando uma caixa com uma cinta-liga azul-clara.

— Não pensem que vou usar isso — reclamei girando a peça no meu dedo.

— Vai, sim, e me agradeça depois — comentou Mia me ajudando a erguer o vestido.

— Agora estou pronta? — questionei olhando para minhas damas de honra, todas no quarto, usando vestidos longos nude, e para a vó Nancy, que me fitava com um brilho especial nos olhos.

— Acho melhor você descer antes que o Bob apareça aqui para te buscar. Jack já avisou que ele está impaciente no altar — falou Helena, ajudando-me a descer as escadas para o andar térreo.

Eu havia escolhido me casar no jardim por causa das flores, do sorriso do Bob toda vez que ajudava a avó a cuidar das rosas. Entretanto, não me preparara para aquele encanto que vi quando cheguei ao pequeno altar improvisado. O percurso acompanhado nas laterais por vasos de rosas e velas intercalados, o arco de flores na frente do altar, as portas de madeira abertas na entrada, as cadeiras brancas unidas por flores para receber os convidados. O cenário romântico ficou ainda mais perfeito com o pôr do sol ao fundo e o Bob usando um terno bege com uma rosa na lapela me esperando.

Esperei a nossa música ser tocada ao piano pelo Rick. Era a mesma canção que o Bob cantara para mim quando me pedira em casamento. Minhas damas de honra entraram na frente, e fui logo atrás, sozinha, segurando o buquê de rosas, as pernas bambas de ansiedade e um sorriso que me dava a certeza de que aquela era a decisão certa.

— Você está deslumbrante — comentou Bob assim que cheguei ao altar.

— Estou nervosa — murmurei apertando a sua mão.

— Não fique, estamos entre amigos para celebrar o nosso amor. Não há espaço para nervosismo aqui — disse me olhando com carinho. E ele tinha razão. Ao olhar para nossos convidados no caminho até o altar, só tinha visto sorrisos e palavras de carinho. Enfim, eu tinha encontrado meu lar. Não era onde eu havia nascido, mas onde aprendera a viver e a amar.

— Se vocês fizeram os votos, esse é o momento para os declarar — disse o pastor.

— Estava ansioso por esse momento — falou Bob segurando minhas mãos.

— Então fique à vontade, meu rapaz.

— Não anotei num papel, nem fiquei horas rascunhando o que eu deveria dizer hoje, muito pelo contrário. Eu sempre soube o que deveria dizer pra você, já que sempre esteve aqui dentro — começou, levando minha mão até o seu peito. — Procurei a minha vida toda por alguém em quem eu pudesse confiar, e encontrei você. Procurei a minha vida toda alguém com quem eu pudesse compartilhar meu coração, e encontrei você. Procurei a minha vida toda alguém que entendesse minhas manias, e encontrei você. Procurei a minha vida toda algo que me completasse, e encontrei você. Procurei a minha vida toda alguém que me amasse, e encontrei você.

Não preciso dizer que, enquanto eu ouvia esse discurso, as lágrimas deslizavam pela minha face.

— Parece que agora é a minha vez. Não sei se vou conseguir competir com você, mas vou tentar. Nunca esperei um grande amor; achei que ele não existia e que, se existisse, não seria para mim. Porém, contrariando tudo que pensava, aqui estou eu, ao seu lado, meu herói, alguém que aprendi a admirar antes mesmo de amar. Acho que estive perdida todo esse tempo e fui encontrada por você naquela noite triste. Não era para ser assim, mas agradeço todos os dias a Deus por ser você a curar minhas feridas e me ajudar a ser a pessoa que sou hoje. Saiba que eu não estaria aqui, neste altar, se não fosse o amor que sinto por você — declarei, sussurrando a última palavra porque estava tão emocionada que minha voz foi se perdendo em meio às lágrimas de felicidade que rolavam pelo meu rosto.

— Votos feitos, eu vos declaro marido e mulher — disse o pastor, enquanto eu tentava conter a avalanche de sentimentos que transbordava do meu peito. — Pode beijar a noiva — emendou o sacerdote logo depois, e todos aplaudiram.

Bob me puxou pela cintura, colando nossos corpos e me beijando com tanta intensidade que fiquei mole nos seus braços. Quando nos afastamos para recuperar o fôlego, olhei para os nossos convidados e só vi sorrisos de felicidade.

— Jogue o buquê! Jogue o buquê! — pediu Mia, e logo depois todos começaram a gritar com ela, inclusive as crianças – os filhos da Helena, a garotinha do Jonas e o bebê de alguns meses do Freddy, que batia as mãozinhas, eufórico.

— Aqui está — disse a vó Nancy me entregando o buquê de rosas e em seguida voltando para o seu lugar ao lado da Consuelo e sua família.

Segurei o ramalhete com força e me virei de costas para meus convidados. Pensei na oportunidade que a vida havia trazido para mim. Enfim eu tinha uma família. Ainda era pequena, porém, algum dia teríamos filhos, e eu prometi naquele momento amá-los com tudo que tinha.

— Jogue logo esse buquê! — pediu Giovanna, ansiosa.

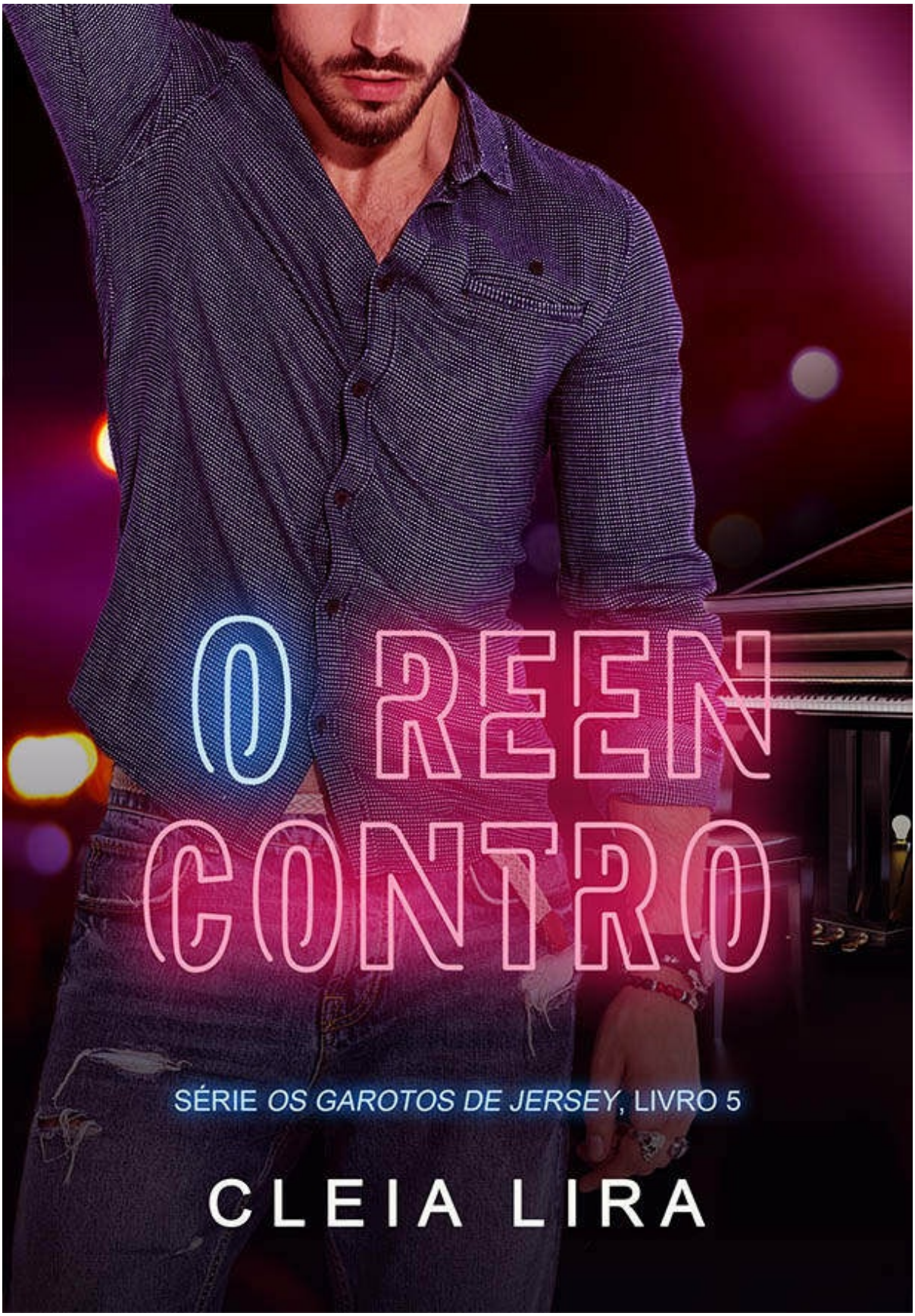
— Isso, jogue logo! — emendou Mia, impaciente.

E, sem olhar para trás e nem pensar mais sobre o meu futuro, arremessei o arranjo com força e entusiasmo. Quando me virei, vi o Rick todo desajeitado segurando as flores e apenas consegui sorrir ao saber que em breve nosso amigo estaria experimentando algo tão sublime como o amor.

— Está pronta? — indagou Bob segurando minha mão e me olhando com tanto amor que me senti completa pela primeira vez na vida.

— Eu sempre estive pronta pra você — respondi me jogando nos seus braços. Ele me ergueu, e giramos como tolos apaixonados no altar.

Fim


O REENCONTRO
SÉRIE OS GAROTOS DE JERSEY, LIVRO 5
CLEIA LIRA

O REENCONTRO

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, LIVRO 5

CLEIA LIRA

Playlist

Para ouvir a *playlist* de *"O Reencontro"* no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.

“Seja qual for a matéria de que nossas almas são feitas,
a minha e a dele são iguais...”

*O Morro dos Ventos Uivante*s – Emily Brontë

Prólogo

RICK

Nunca imaginei que seria tão difícil fazer um álbum acústico. Estávamos ensaiando havia meses, e ainda não tínhamos conseguido finalizar o projeto. Se eu soubesse que teria tanta resistência pelo caminho, nem teria dado essa ideia aos meus companheiros de banda. Porém, era tarde para voltar atrás, já estávamos com o primeiro show acústico agendado para dali a poucos meses, mas eu tinha a impressão de que seria o único que faríamos.

Perdi a conta de quantas vezes iniciei o solo no piano daquela música, mas as notas insistiam em não formar uma melodia, estava faltando algo, e eu não fazia ideia do que era. Pela expressão angustiada dos meus amigos, nem eles tinham uma vaga ideia.

— Acho que devemos desistir — resmungou Jonas, largando sua guitarra num canto do estúdio que alugamos no Soho para os ensaios. Olhei para meu amigo, aquele que nunca desistia de nada, e me preocupei.

— Não podemos simplesmente desistir agora — emendou Jack, o vocalista da banda e o primeiro a nos colocar em situações constrangedoras, mas dessa vez a culpa era toda minha. Apesar de ele não dizer nada, eu sabia que deveria dar um jeito naquela merda.

— Talvez a gente deva dar um tempo nos ensaios — sugeriu Bob, deixando seu baixo ao lado da guitarra do Jonas e se sentando no chão.

— Quantas vezes demos um tempo desde que começamos esses ensaios? — questionou Freddy.

— Tantas que perdemos a conta — respondi aflito, virando-me para os meus amigos.

— Não aguento mais esses ensaios que não nos levam a nada —

sentenciou Jonas, roubando a minha atenção para ele.

— Estamos há um bom tempo tentando produzir um álbum acústico, mas não chegamos nem à metade. Tudo que fizemos agora não é diferente do que outras bandas de rock já fizeram, é apenas mais do mesmo, e isso não é nada bom — explicou Jack, tentando justificar nossos erros.

— Quem disse que devemos fazer algo novo? — questionou Bob.

— Ninguém — respondi.

— Podemos melhorar algo que já existe, talvez adaptar nossas músicas e fazer uma versão acústica de todas elas — sugeriu Jonas.

— Não é uma má ideia. Talvez, com algumas adaptações, nossas velhas músicas possam funcionar — eu disse um pouco mais animado.

Com essa nova ideia em mente, voltamos a tocar, porém dessa vez escolhemos a música *Only One Time*, a mais tocada nos nossos shows, para uma versão acústica. Sentei-me ao piano para fazer um solo de abertura, e outros músicos entraram no estúdio para me acompanhar nos novos arranjos que eu fazia para a canção. Alguns deles eu já conhecia, pois estavam conosco desde o começo daquela loucura toda; outros, eram a primeira vez que apareciam para tocar conosco. Tentei me concentrar no piano e arranjos que precisaria fazer para deixar a canção mais instrumental, até que ouvi um violino no canto do estúdio tocando na mesma sintonia que a minha. Nossa conexão era tão perfeita que não olhei quem estava ali tocando comigo, a apenas alguns passos de distância.

Fechei meus olhos e continuei deixando a música invadir minha alma, como ela sempre fazia. Era a primeira vez que eu conseguia fazer essa conexão desde que começamos a loucura do acústico, por isso não podia parar de tocar. Respirei fundo, mas não deixei que meus dedos saíssem das teclas do piano. A música me levou para longe, era como se eu estivesse em outra dimensão. Meu coração batia na mesma sintonia da melodia, meus olhos permaneciam fechados, e eu sabia que enfim tinha conseguido encontrar o que vínhamos procurando durante todos aqueles meses.

— Perfeito — murmurei assim que pressionei a última tecla, e o violinista, seu último acorde.

— É isso, meus companheiros! — gritou animado o Jack dando tapinhas nas minhas costas.

— Você conseguiu — elogiou Jonas, abraçando-me em seguida.

Fiquei ali comemorando com meus companheiros de banda, sorrindo e recebendo um elogio atrás do outro, até que me lembrei de que não tinha tocado a música sozinho; se não fosse pelo acompanhamento dos outros músicos, especialmente do violinista, eu não teria conseguido terminar aquele arranjo. Por essa razão me afastei dos meus amigos e fui procurar o músico por trás daqueles acordes que me acompanharam com tanta perfeição.

Assim que me aproximei para cumprimentá-lo, tive duas surpresas: primeiro, não era um homem, como imaginara desde o começo, mas uma mulher. Ela estava de costas guardando o violino e, quando se virou, ficando de frente para mim, arregalei meus olhos, espantado, tendo a segunda surpresa.

— É você!

O Passado

“Você, bela página de um velho livro

Não vou mais te esquecer

Assim morre outra vez meu coração

Nessa estrada onde eu caminho só”

Eu Só Queria te Amar

Laís Yasmin

Capítulo 1

CATHY

"E se no momento eu morder meus lábios,
Querido, saiba que neste momento
Isso é algo maior do que nós, mais forte do que êxtase
Me dê uma razão para acreditar"

Love me Harder (Feat. The Weekend) - Ariana Grande

Ainda não conseguia entender por que tive de abandonar meus amigos em Nova Iorque e me mudar para Atlantic City. Não era justo. Não depois de ter passado toda a minha vida escolar numa única escola. Meu pai havia sido transferido para a minúscula filial da empresa que existia na cidade, e eu, apesar dos inúmeros protestos, não consegui persuadi-lo a ficar no Brooklyn, onde morávamos desde que nasci.

Tive que aguentar minha mãe enumerar os benefícios de morar numa cidade pequena durante um mês inteiro. Sabia que ela queria me convencer, mas não funcionou nem um pouco. Despedi-me dos meus amigos com o coração partido, uma vez que demorei muito tempo para consegui-los; não era a pessoa mais sociável da escola e tinha dificuldades para conhecer novas pessoas. Desconfiava que meu problema de relacionamento iria aumentar na escola nova, seria difícil conseguir fazer amizade no último ano do ensino médio, quando todas as panelinhas e grupos já estão formados. Entrando alguns meses antes de o ano letivo terminar, eu sabia bem a encrenca em que estava me metendo, por isso relutei tanto em embarcar naquela furada. No entanto, eu era apenas uma adolescente e não podia morar sozinha; se pudesse, teria ficado para trás.

— Cathy, acorda, você já está atrasada — reclamou minha mãe, puxando

minha coberta depois de chamar meu nome incontáveis vezes.

— Não vou à escola — resmunguei, fazendo birra feito uma criança.

— Você vai, sim — rebateu com as mãos na cintura, irritada. Mamãe não costumava perder a paciência, mas a mudança repentina, as caixas empilhadas pela casa deixaram seus nervos no limite. Até mesmo sua aparência estava cansada, com grandes olheiras ao redor dos olhos castanhos, e os cabelos ondulados, sempre penteados, estavam naquela manhã amarrados num rabo de cavalo sem graça e com fios rebeldes escapando.

— Não pode fazer isso comigo! — implorei, sentando-me na cama e fitando seus olhos, idênticos aos meus. Minha atitude inesperada fez com que ela recuasse nos sermões que viriam a seguir e se sentasse ao meu lado.

— Quantas vezes conversamos sobre isso? — indagou num tom de voz mais ameno que minutos antes.

— Muitas — lamentei, sabendo exatamente o que viria a seguir.

— Isso significa que não preciso explicar novamente — disse, esperando que eu concordasse com ela.

— Saber a razão não melhora minha angústia nem a falta que sinto dos meus amigos.

— Sei que não, mas estamos todos nos esforçando aqui. Acha que gostei de me mudar depois de tantos anos morando no mesmo lugar?

— Não — murmurei assim que a vi saindo do meu quarto. Nem soube se ela conseguiu ouvir, mas eu sabia que essa mudança também não tinha sido boa para ela. Meus pais eram imigrantes, vieram do Brasil ainda jovens para os Estados Unidos a fim de tentar uma vida melhor. Eu sabia das dificuldades que ela teve para aprender o idioma, seguir uma rotina cansativa e ainda cuidar de uma criança sozinha, sem ajuda dos parentes. Nasci dois anos depois que eles estavam morando num apartamento minúsculo no Brooklyn e sabia que não havia sido fácil continuar insistindo em morar no exterior. Por isso engoli meu orgulho idiota, respirei fundo, tentando reunir coragem e me levantei da cama para me arrumar.

Desci as escadas alguns minutos depois, desviando-me das caixas que encontrei pelo caminho. A casa que alugamos era bem maior que a outra em que morávamos antes, por isso teríamos mais espaço quando enfim aquelas caixas fossem esvaziadas. Saber disso não melhorava em nada minha estada naquela cidade; ainda detestava a ideia de me mudar.

Sentei-me numa das cadeiras vazias na cozinha, em frente a uma tigela de cereais com leite que minha mãe serviu para mim assim que me viu descer as escadas. A cozinha era o único lugar da casa que já estava arrumado e o preferido da minha mãe. Ela adorava cozinhar e estava encantada com todo o espaço que teria para fazer seus pratos deliciosos. Não trouxemos nossos móveis antigos, alugamos a casa mobiliada, e isso facilitou as coisas por ali; do contrário, a bagunça seria maior.

Comi meu cereal em silêncio, apenas resmungando um bom-dia quando meu pai se sentou ao meu lado. Quando terminei de comer, segurei minha mochila em um dos ombros e esperei na porta até que ele estivesse pronto para me levar à escola.

— Você não parece animada para seu primeiro dia de aula... — comentou assim que entramos no carro estacionado na garagem. Não respondi sua pergunta, pois ele sabia a resposta, apenas revirei os olhos e mordi meu lábio inferior para não dizer nenhuma besteira. Eu amava meu pai e não queria começar uma briga.



— Obrigada — agradeci assim que desci do carro em frente à escola. Para meu alívio, a viagem tinha sido bem rápida, eu poderia vir caminhando quando não quisesse ouvir os questionamentos do meu pai.

Parei perto da placa que dizia “Atlantic City High School” e respirei fundo antes de adentrar pelos corredores. Observei os estudantes conversando felizes e senti um frio no estômago. Sabia como era o ensino médio e o quanto podia ser difícil entrar numa turma nova no meio do ano, por isso só tinha um único pedido enquanto caminhava pelos corredores até a secretaria. *Não quero ser notada, não posso ser notada! Por favor, que ninguém perceba que sou aluna nova,* entoei meu pedido como se fosse um mantra enquanto seguia andando até o meu destino.

— Olá, sou uma aluna nova e preciso do meu horário de aulas — pedi à primeira pessoa que encontrei ao entrar na secretaria.

— Olá, querida — respondeu solícita a senhora robusta e com cabelos amarrados num coque. — Qual é mesmo seu nome?

— Catherine Lauren Soares.

— Sim, aqui está seu horário. Seja bem-vinda a nossa escola — cumprimentou com um sorriso.

— Obrigada — murmurei nem um pouco empolgada ao pegar o papel com meus horários de aula.

— Ei, pode esperar um pouco? — perguntou, chamando a minha atenção. — Quase me esqueci. Essa aqui é a Adelina e ela está esperando você para levá-la a sua sala — informou, apontando para uma garota morena de cabelos cacheados que estava sentada numa cadeira, distraída, mas, assim que ouviu seu nome, levantou a cabeça e me observou por alguns minutos, descendo os olhos pelo jeans e a blusinha simples que eu usava, sorrindo a seguir.

— Olá! — cumprimentou, estendendo a mão na minha direção.

— Oi — respondi, segurando sua mão por alguns segundos antes de soltá-la e segui-la pelos corredores ainda lotados de alunos. — Posso achar minha sala sozinha se preferir — sugeri, tentando deixar a garota mais à vontade. Sabia que aquela não era uma tarefa legal, certamente ela não estava ali por escolha.

— Não se preocupe, gosto de conhecer pessoas, por isso me voluntariei

para receber os novos alunos — explicou, parando em frente a um armário.

— Esse aqui é o meu armário? — questionei, já sabendo a reposta.

— Sim, você pode guardar os livros que receber ao longo do dia aqui.

— Ok.

Ela esperou que eu guardasse algumas de minhas coisas, e depois fomos juntas para a nossa primeira aula.

— Como é mesmo seu nome? — perguntou quando paramos em frente ao laboratório de química.

— Catherine, mas pode me chamar de Cathy.

— Se é assim, prefiro que me chame de Adeli.

— Tudo bem, Adeli — repeti, anotando mentalmente que ela não se parecia em nada com a cantora famosa. Seus cabelos eram cacheados, sua pele, bem mais escura do que a da artista, e seu corpo, bem mais esguio também.

— Essa é a aula mais chata que teremos hoje, o professor Rodrigues é muito exigente, nem podemos conversar nas aulas dele.

Depois de alguns minutos da entrada do professor na sala, descobri que Adeli não tinha exagerado no seu aviso. Para minha sorte, ele não pediu que eu me apresentasse para a sala, e passei despercebida a aula toda.

— Avisei que era difícil, mas fique tranquila, que a próxima aula vai ser bem mais divertida — ela comentou assim que saímos do laboratório.

— Eu gosto de literatura — afirmei, observando o horário na minha mão.

— Sendo assim, vai gostar ainda mais da aula. Desculpe ser tão intrometida, mas por que se mudou no meio do ano letivo?

— Meu pai foi transferido de Nova Iorque — expliquei como se fosse algo sem importância, embora fosse importante para mim.

— Sinto muito, não deve ser fácil deixar os amigos para trás faltando tão pouco para se formar.

— Nem me diga, reclamei tanto com meus pais, mas não consegui convencê-los. Na verdade, nem poderia; pelo que entendi, meu pai não teve escolha também.

— Eu entendo, mas você vai ficar bem, aqui não é a melhor escola do mundo, nem a pior, você vai se acostumar.

— Isso soa bem animador — brinquei.

— Desculpe, não queria te desanimar. Você vai ficar bem aqui, tenho certeza.

— Espero — murmurei enquanto a seguia para a aula de literatura.

Nessa aula, não consegui escapar da famosa apresentação para os colegas. Levantei-me a pedido da professora e contei breves e insignificantes detalhes sobre a minha vida para meus futuros colegas.

— Então você gosta de ler? — questionou a professora, interessada.

— Sim — assenti, sem querer prolongar a conversa, uma vez que era a única aluna em pé, e todos estavam concentrados em mim.

— Sabendo que gosta tanto de ler, qual é o seu livro favorito?

— *O Morro dos Ventos Uivantes* — respondi sem precisar pensar.

— Boa escolha — emendou, voltando para a sua mesa e se virando para anotar algo na lousa.

— Você foi bem, acho que ela gostou de você — murmurou Adeli assim que me sentei ao seu lado.

Para meu alívio, a senhorita Taylor não voltou a falar comigo pelo restante do tempo, e fiquei tão concentrada nas suas explicações que acabei gostando muito da aula.

No entanto, meu teste final viria a seguir: o refeitório, lugar onde todos os alunos se encontravam. Não teria como passar despercebido aos demais estudantes que eu era uma aluna nova.

Segui Adeli até a fila e procurei não encarar ninguém, apesar da curiosidade que sentia. Escolhi meu almoço rapidamente conforme passava com minha bandeja, e no final nos sentamos a uma mesa mais afastada dos outros alunos.

— Já deve ter percebido que não sou muito popular — ela disse, dando de ombros.

— Não se preocupe, eu também não era na minha antiga escola. Na verdade, exceto pelos meus dois únicos amigos, acho que nem perceberam que mudei de escola.

— Era tão ruim assim?

— Sim, meus pais são brasileiros e não têm muitos amigos, consequentemente eu também não tenho.

— Sei como é, meus pais são mexicanos, e, apesar de nunca ter sofrido preconceito, afinal nasci na América, ainda não tenho muitos amigos.

— Cheguei — anunciou um garoto negro se sentando ao lado da Adeli.

— Thomas, achei que faltaria hoje — afirmou Adeli, encarando o menino.

— Não, só perdi as aulas chatas, mas estou aqui. E quem é essa? — perguntou, parando os olhos em mim pela primeira vez.

— Essa é a Cathy, ela veio transferida de Nova Iorque.

— Olá, Cathy — cumprimentou, simpático.

— Oi, Thomas — respondi, observando seus olhos negros e amistosos, os cabelos crespos cortados bem curtos. O que mais me deixou impressionada foi sua altura; o garoto era bem mais alto do que eu.

— Thomas faz algumas aulas com a gente quando não está por aí jogando basquete — Adeli explicou.

— Quer dizer que você é um jogador de basquete — brinquei, querendo ser simpática. Por que não poderíamos ser amigos também?

— E o melhor — respondeu sem qualquer modéstia.

— Certo — concordei no exato momento em que um alvoroço começou. Olhei em volta, tentando identificar o motivo das palmas e assobios, quando avistei alguns garotos entrando no refeitório.

— Eles chegaram — anunciou Adeli deslumbrada.

— Quem? — perguntei sem entender.

— Eles — respondeu apontando para os quatros garotos que caminhavam lado a lado. Logo entendi o que ela queria dizer. Eles eram bonitos, eu não podia negar, mas achei desnecessária aquela comoção toda.

— Aqueles são os garotos de Jersey, Jack, Jonas, Bob e Freddy. Tem outro integrante, mas não está com eles.

— Quer dizer que essa comoção toda é porque eles têm uma banda escolar?

— Não é uma banda escolar, eles têm uma banda bem legal que está começando a fazer sucesso. Esse alvoroço todo é porque foram convidados para participar do festival de verão.

— Deve ser importante esse festival — murmurei, observando-os de longe.

— O mais importante da cidade.

— Bom para eles. Agora podemos comer? — pediu Thomas entrando pela primeira vez na conversa.

— Acho uma boa ideia — concordei, enquanto Adeli não conseguia desviar os olhos dos garotos da banda.

Capítulo 2

CATHY

“Você pode ter certeza
De que só vai melhorar
Você e eu juntos
Dias e noites
Eu não me preocupo porque
Tudo vai dar certo”

No One - Alicia Keys

Consegui passar uma semana inteira na escola sem ser importunada, questionada ou sequer mencionada por outros estudantes que não fossem a Adeli e o Thomas. Conforme passavam os dias, descobri que eles eram bem legais, e a afinidade foi instantânea. Saber disso deixava as manhãs em que eu precisava acordar cedo para ir à escola mais tranquilas. Os professores também eram bons, e aos poucos fui me acostumando com a rotina na cidade nova. Ainda precisava conhecer Atlantic City como moradora, mas eu estava começando a gostar dos poucos lugares que já conhecia, e a praia era sem dúvidas o melhor de todos.

— Precisa de carona para a escola? — perguntou meu pai assim que terminei de comer as panquecas que mamãe preparara para meu café da manhã.

— Não, vou sozinha caminhando — respondi pegando minha mochila e colocando apenas uma alça em um dos meus ombros. Ainda bem que ela estava com poucos cadernos, do contrário aquele gesto somado a alguns minutos caminhando até a escola deixariam meu ombro dolorido.

Saí pela porta da cozinha enquanto meus pais conversavam bem baixinho sobre algo importante. Esse era o ritual deles quando queriam discutir algo

que eu não poderia escutar. Foi assim com a mudança, tive que presenciar muitas conversas sussurradas pela casa antes de enfim saber o que eles tanto conversavam.

Caminhava tão distraída, ainda no quarteirão de casa, quando ouvi uma buzina seguida do meu nome em alto e bom som. Parei preocupada, mas abri um sorriso satisfeito ao notar que eram meus novos amigos, Adeli e Thomas.

— Viemos te buscar — anunciou Adeli empolgada enquanto o Thomas saía do carro para abrir a porta do passageiro para mim, como um perfeito cavalheiro.

— Como sabiam onde eu morava? — questionei entrando no carro.

— Esqueceu que agora mora numa cidade pequena? Sem contar os turistas, a população de Atlantic City é bem pequena — respondeu despreocupada Adeli enquanto voltava a dirigir.

— Você não respondeu minha pergunta. Mesmo a cidade sendo pequena, como sabia onde eu morava? — rebati, sem acreditar naquela mentira.

— Ela está brincando com você, tenho certeza de que pegou seu endereço na secretaria — comentou Thomas.

— Como conseguiu tão fácil? — indaguei, preocupada com a facilidade com que minhas informações pessoais eram compartilhadas.

— Não foi tão fácil, tive que dizer que precisava levar trabalhos urgentes para você, além disso sou a aluna certinha e prestativa, ninguém me negaria uma informação tão crucial para ajudar uma aluna novata — brincou, e todos rimos. — Você deveria estar agradecida pela carona, não ficar me questionando — disse depois que estacionamos na frente da escola.

— Sei disso, desculpe-me. Claro que estou contente com a carona.

— Quer dizer que a partir de hoje posso passar na sua casa todos os dias? — perguntou esperançosa.

— Claro, por que não iria aproveitar a oportunidade de andar no seu carro

confortável?

— Fico feliz em ajudar. Quanto ao carro, acabei de ganhar de aniversário esse Volkswagen Beetle vermelho.

— Antes dele, ela tinha um carro tão velho que era um perigo sair de casa com ele — disse Thomas, jogando seus braços nos meus ombros assim que saímos do carro no estacionamento da escola. Ele costumava fazer o mesmo com a Adeli, mas nunca comigo; se estava fazendo, era um bom sinal.

— Ele não era tão ruim assim, está exagerando — ralhou com o amigo quando paramos em frente aos nossos armários para pegar os livros que usaríamos no dia.

Seguimos juntos durante todas as aulas da manhã, mas depois do almoço fui à biblioteca entregar um livro, enquanto meus amigos seguiram para o ginásio de esportes. Se tinha uma coisa com que eu não costumava me identificar era esse ambiente, por isso preferia ficar no aconchego da biblioteca. Sentei-me numa das mesas mais afastadas dos outros estudantes que tiveram a mesma ideia que eu, tirei meu livro preferido da bolsa.

— *Nunca falei do meu amor em palavras. Mas, se os olhos falam, o idiota mais completo poderia ter adivinhado que eu estava apaixonado* — pronunciei mexendo os lábios sem emitir nenhum som por estar na biblioteca, enquanto lia um dos inúmeros trechos do livro destacados por mim.

— Sabia que a encontraria aqui — disse Adeli, cutucando meu ombro para chamar minha atenção após um tempo.

— Olá — cumprimentei-a, fechando o livro.

— Eu vim te buscar.

— Já?

— Sim, você perdeu a noção do tempo por acaso?

— Acho que sim, não percebo o tempo passar enquanto estou lendo.

— Queria ter a sua paixão, mas com certeza não tenho. Leio os livros indicados pela professora Taylor obrigada, é como se uma arma estivesse apontada para mim. Se eu não ler, o gatilho será puxado e boom.

— Que exagero!

— Apesar dos poucos dias que nos conhecemos, já deve ter percebido o quanto sou exagerada.

— Um pouco.

— Está sendo generosa.

— Talvez.

— Bom, não importa agora. Eu vim até aqui para convidá-la para a festa na piscina na casa do Luke.

— Quem é Luke?

— Amigo dos garotos da banda que te mostrei no começo da semana.

— Não sei se é uma boa ideia, não costumo sair para festas.

— Nunca? — indagou incrédula.

— Bem, saí algumas vezes, mas não gostei.

— Certo, mas agora você precisa experimentar a famosa festa na piscina de Atlantic City. Você pode ter vindo de Nova Iorque, mas ninguém faz uma festa na piscina melhor do que a nossa, posso garantir.

— Ainda não estou convencida — murmurei pensativa.

— Não importa, vamos mesmo assim — disse me puxando para fora da biblioteca. Logo depois entramos no seu carro e, antes que eu percebesse, estávamos parando em frente a uma casa belíssima e duas vezes maior do que aquela em que eu morava.

— É aqui?

— Não, achei melhor fazer uma pequena parada antes.

— Para fazer o quê?

— Não achou que iríamos para essa festa sem nos arrumar ao menos um pouquinho, achou?

— Achei — disse dando de ombros, afinal não conseguia entender toda aquela preocupação com o visual, uma vez que, desde que eu a conhecera, ela sempre fora tranquila em relação a roupas e acessórios. Eu não podia ser tão displicente assim, estava havia apenas alguns dias ao seu lado, mas nesses míseros dias nunca percebi essa preocupação.

— Olha, não sou nenhuma patricinha, nem fico o tempo todo me arrumando, mas essa festa é especial, e eu quero estar mais arrumada, é só isso.

— Ok — concordei. Se ela queria se arrumar, que mal tinha? O problema foi que até mesmo eu tive que trocar de roupas. Fui coagida a usar um de seus vestidos. Eu nunca usava vestidos, mas desisti de dizer que jamais os usaria e decidi atender sua exigência para acompanhá-la na festa. Ainda bem que não era um vestido cheio de frufru, era preto e tinha alguns babados na saia. Eu nunca confessaria que tinha gostado dele.

Chegamos à festa no final da tarde. A casa do Luke era enorme e ficava de frente para a praia, então, além da estonteante piscina, ainda podíamos admirar o mar. A casa estava lotada de jovens de todas as idades. A música alta deixava o ambiente mais confuso ainda, e, diante daquele caos, pensei em voltar para casa, mas já tinha mandado uma mensagem informando a minha mãe que dormiria na casa da Adeli, e ela ficou muito eufórica. Não queria decepcioná-la.

— Como os pais do Luke o deixaram fazer essa festa? — perguntei quando estávamos perto da cozinha, onde as comidas e bebidas eram servidas.

— Eles estão viajando — Adeli respondeu perto do meu ouvido por causa da música alta.

— Agora faz sentido — murmurei observando os convidados animados passando por mim.

Minha amiga pegou dois copos com algum tipo de batida para nós, mas recusei o meu e peguei um refrigerante, e ela acabou ficando com os dois. Saímos daquela muvuca, seguindo uma voz rouca que cantava do lado de fora da casa.

— Ele canta bem — afirmei, observando o Jack, provavelmente o vocalista da banda, que sempre atraía a atenção de Adeli quando cantava e tocava em seu violão.

— Ele é maravilhoso — ela completou, sem desgrudar os olhos do garoto a nossa frente. Jack era bonito, não fazia meu estilo, mas eu não podia negar que, além da beleza evidente, ele tinha algo mais que nos deixava sem desgrudar os olhos dos seus cabelos louros, da pele bronzeada e dos olhos, mais azuis do que o mar lá fora.

— Vou dar uma volta — disse, afastando-me da minha amiga. Apesar de gostar de ouvir música, naquele momento eu queria um pouco mais de sossego, por isso deixei Adeli admirando seu *crush* e atravessei a área da piscina, onde alguns jovens estavam jogando vôlei. Passei por alguns casais dando uns amassos nas cadeiras que estavam na areia da praia e segui adiante. A música foi diminuindo conforme eu caminhava. Tirei as sandálias quando já estavam cheias de areia e me sentei ali, admirando o mar. O Sol estava se pondo no horizonte, e a imagem me prendeu por completo.

— Shi, shi, shi... Gosto de imaginar que o Sol está fritando na água toda vez que se põe — comentou um garoto se sentando ao meu lado.

— Não é tão simples assim — disse sem desviar meus olhos do fenômeno da natureza que acontecia à minha frente.

— A luz solar não é amarela nem vermelha, é branca. O branco resulta da soma das sete cores do arco-íris – o violeta, o azul, o anil, o verde, o amarelo, o laranja e o vermelho. Nós enxergamos o sol com tonalidades diferentes ao longo do dia porque a atmosfera filtra os seus raios, separando as cores. À medida que o Sol vai se pondo, seus raios têm que atravessar um pedaço

maior da atmosfera, colidindo com mais obstáculos. Afinal, no crepúsculo, até as ondas longas, laranja e vermelhas, acabam trombando e se desviando, avermelhando gradativamente o horizonte, apesar de o resto do céu continuar azul. A vermelha é a última onda de luz que consegue cruzar a atmosfera e nos atingir, por isso o Sol fica vermelho no pôr do sol. Quando esse fenômeno acaba, o céu fica preto com a ausência de luz: não chega mais nenhuma cor e nem se vê mais nenhum espalhamento, pois o Sol está abaixo do horizonte.

— Como sabe tudo isso? — perguntei admirada, olhando pela primeira vez para o garoto ao meu lado. Ele usava óculos, mas, apesar da ausência do sol, consegui ver que seus olhos eram pretos, assim como os cabelos bem-arrumados. Sua camisa polo e seu short completavam seu visual de nerd, não havia nada fora do lugar. Por um segundo tive vontade de bagunçar seu cabelo e tirar um pouco daquela perfeição aparente, mas desisti e comecei a rir.

— Do que está rindo? — inquiriu, franzindo a testa e se esquecendo da minha outra pergunta.

— Nada não. Só responde como sabe de tudo isso sobre o pôr do sol?

— Você está rindo de mim?

— Não — respondi, voltando a rir.

— Está, sim, e qual é o motivo? Posso saber?

— Quer saber? Pode, sim, o motivo é a sua perfeição.

— Quem disse que sou perfeito?

— Pode não ser, mas finge muito bem.

— Você me conhece há apenas alguns minutos e já me julga desse jeito?

— Desculpe, não quero ser mal-educada, não tenho nada a ver com a sua vida. Você pode ser quem quiser.

— Assim como você também pode — respondeu se levantando e fitando

por alguns minutos minhas pernas descobertas, meus pés descalços, meu vestido cheio de areia. Provavelmente eu era o oposto de tudo que ele admirava em uma garota, mas, por algum motivo estranho, seu olhar me aqueceu de uma forma que nenhum outro o tinha feito antes e meu estômago se agitou como se borboletas se revirassem dentro dele. Era uma sensação única e que me deixou confusa.

— Como sabe sobre o pôr do sol? — insisti na pergunta.

— Eu vi no Google enquanto você estava sentada observando o Sol — disse dando de ombros como se não fosse importante, mas eu sabia que era e podia jurar que ele não tinha feito pesquisa nenhuma no celular minutos antes daquela explicação tão elaborada. Entretanto, se ele queria me deixar pensando o contrário, era problema dele, eu não tinha nada a ver com isso.

— Sei — resmunguei ainda sentada na areia, enquanto ele já se afastava. — Ei, qual é mesmo o seu nome?

— Rick — respondeu se virando para me encarar mais uma vez. — E o seu? — perguntou parado a alguns centímetros de distância.

— Cathy — respondi sem tirar os olhos dos seus.

— Cathy de Catherine?

— Sim.

— Nome bonito — murmurou voltando a caminhar em direção à casa do Luke, e fiquei ali sozinha fitando o mar.

Capítulo 3

CATHY

"Constantemente, garoto, você toca
Na minha mente como uma sinfonia
Não há como descrever o que você faz comigo
Você só faz comigo o que você sempre faz"

Love you Like a Love Song - Selena Gomez

— Fiquei com o Jack a noite passada — anunciou de repente Adeli enquanto estávamos estiradas torrando na areia da praia. Deveria ter voltado para casa, mas era sábado, o dia estava lindo lá fora, e desisti de ficar trancada no meu quarto o dia inteiro lendo e aceitei o convite da minha amiga para estender minha estada mais um pouco e aproveitar a praia, que ficava a uma curta caminhada da casa dela.

— Está zoando comigo?

— Não — respondeu sorrindo feliz.

— Quer dizer que enfim conseguiu ficar com o seu *crush* desde o jardim de infância?

— Não exagere — implorou envergonhada, colocando as mãos no rosto. — Faz tempo que gosto dele, mas nem tanto.

— Poder ser, mas fico feliz por você.

— Estou nas nuvens, ele é tudo que imaginei e mais um pouco.

— Por favor, eu quero os detalhes, aqueles mais sórdidos — pedi, sacudindo-a para fitar seus olhos.

— Pare de me sacudir que vou contar tudo.

— Tudo bem — concordei, parando de chacoalhar minha amiga.

— Você me largou sozinha enquanto ouvíamos o Jack cantar — recriminou-me, e revirei os olhos. — Permaneci lá até que as outras garotas desistiram e fiquei sozinha com ele. Tem uma coisa que aprendi observando o Jack durante todo esse tempo, ele é seletivo. Trocamos olhares por alguns minutos antes de ele se sentar ao meu lado e conversamos por alguns minutos. Nem percebi que estávamos numa festa lotada de gente, pois só conseguia enxergá-lo. A afinidade foi tão grande que, quando me dei conta, estávamos nos beijando num canto escuro, e o resto você pode imaginar.

— Você fez sexo com ele? — perguntei curiosa.

— Não cheguei a tanto, que tipo de garota acha que sou? — questionou fingindo estar indignada, mas eu sabia que estava brincando.

— Desculpe, mas só perguntei por curiosidade. Apesar de eu ser virgem, não condeno quem vai para a cama com um cara na primeira noite. Acho que o corpo é seu, e você deve decidir quando é a hora certa, ninguém tem nada a ver com isso.

— Estou mais aliviada com a sua resposta, odiaria ter que romper a nossa recente amizade por incompatibilidade de ideias. Seria desastroso que minha amiga fosse retrógada e preconceituosa, afinal não sou mais virgem, mesmo assim não saio fazendo sexo com todos os garotos com quem fico. Embora o Jack seja uma tentação, ainda tenho meus princípios; sexo somente no segundo encontro — brincou, e começamos a rir sem parar.

— Sem chance! Pelo visto você vai ter que me aguentar por um bom tempo — emendei, interrompendo o riso.

— E você?

— Eu o quê?

— Não finja que não entendeu, você sabe do que estou perguntando — disse me observando atentamente como se pudesse tirar a resposta da minha

expressão.

— Eu não fiquei com ninguém se é isso que quer saber.

— Você ficou perdida por um bom tempo, achei que tinha conhecido alguém interessante.

— Não disse que não conheci, só disse que não fiquei com ninguém.

— Vamos, conte logo, estou me segurando aqui de curiosidade. Quem será que conquistou o coração da minha mais nova amiga?

— Agora é você quem está exagerando — reclamei

— Já parei, mas não me deixe no escuro, preciso saber quem você conheceu na festa.

— Eu não lembro o nome dele.

— Está brincando comigo?

— Não, é verdade. Conheci um garoto bem legal, conversamos sobre o pôr do sol sentados na areia, e depois ele foi embora, nem sei onde ele estuda.

— Nem o nome ele falou?

— Ele disse, mas esqueci — menti; não queria dividir a informação com a Adeli ainda.

— Que azar! Mesmo a cidade sendo pequena, vai ser difícil encontrá-lo novamente sem um nome.

— Tudo bem, nem quero voltar a vê-lo — menti mais uma vez. Ainda bem que eu não era como o Pinóquio das histórias infantis; se fosse, meu nariz estaria enorme naquele instante. Eu não estava feliz em mentir para a minha amiga, ainda mais depois que ela me contara detalhes da noite que tinha passado com o Jack, mas decidi esperar mais um pouco.

Passamos o dia na praia admirando os garotos que jogavam bola na areia. Eu nem sabia que esporte era, mas eles eram tão bonitos que ficamos ali

apreciando-os por um bom tempo. Fiquei aliviada quando enfim Adeli parou de falar do Jack, não aguentava mais saber o quanto ele era perfeito. Perguntei-me se eu ficaria assim se estivesse apaixonada como ela; esperava que não, odiaria ser esse tipo de garota.

Voltei para casa esgotada somente no final do domingo, mas valeu a pena quando encostei minha cabeça no travesseiro e apaguei. Acordei apenas no dia seguinte, com o cheiro maravilhoso das panquecas da minha mãe. Nem precisei de despertador ou dos gritos da dona Tânia.

— Senti o cheiro das suas panquecas do meu quarto — anunciei aparecendo na cozinha, para a surpresa da minha mãe.

— Parece que tem alguém animada essa manhã — respondeu oferecendo um prato com a minha comida preferida.

— Não estou animada, mas não posso resistir a isso — afirmei, cortando um generoso pedaço.

— Sei, mas não minta pra mim, você se divertiu com sua amiga?

— Sim, foi muito legal — respondi com a boca cheia.

— Conheceu alguém especial?

— Sim, mas podemos falar disso outra hora? — pedi assim que ouvi a buzina tocar. Levantei-me apressada, peguei minha bolsa e dei um beijo rápido na minha mãe antes de sair. Nem consegui me despedir do meu pai, que ainda estava no quarto fazendo a sua rotina matinal.

— Até que enfim apareceu — reclamou Thomas saindo do carro para que eu conseguisse entrar no banco de trás.

— Desculpe a demora, estava devorando as panquecas da minha mãe — pedi envergonhada; não queria atrapalhar ninguém.

— Não se preocupe, ele estava brincando, além disso, quem deveria reclamar era eu, uma vez que o carro ainda é meu, pelo que eu saiba, é claro.

— Ei, não briga comigo, só estava recebendo bem minha mais nova

amiga — fingiu estar bravo, mas nós sabíamos que ele estava brincando, por isso começamos a rir enquanto Adeli dava partida no carro e saía dali.

Era a minha segunda semana na escola, e, com a ajuda da Adeli e do Thomas, as coisas estavam mais fáceis. Tínhamos uma rotina que seguíamos religiosamente. Os outros alunos pareciam já se acostumar com a minha presença, e passei despercebida boa parte das aulas. Porém, no refeitório, graças à recente amizade da Adeli com o Jack, nossa situação mudou da água para o vinho.

Quando alguns dos "famosos" garotos de Jersey entraram, foi a mesma comoção de todos os dias. Entretanto, dessa vez Jack reconheceu a Adeli e começou a caminhar na nossa direção e, para a minha surpresa, ele não veio sozinho. Entre os quatro garotos que vinham até nós, estava o Rick. Eu quis matar minha amiga por nos colocar nos holofotes da escola.

— Achei que não te veria tão cedo, por isso fiquei surpreso ao encontrá-la aqui — sussurrou Rick no meu ouvido assim que se sentou ao meu lado.

— Cidade pequena — ironizei.

— Eu diria que é o destino tentando mexer os pauzinhos para nos vermos novamente.

— Por que ele teria tanto trabalho? — questionei concentrada demais no meu lanche. De repente decidi que minha salada com pedaços de frango era a coisa mais interessante do mundo.

— Não sei. Quem sabe você pode me dizer? — rebateu, comendo uma boa garfada da sua salada, que aliás era bem parecida com a minha.

— Não acredito em destino — resmunguei, desviando o olhar para o Jack e a Adeli, pois queria saber se eles estavam observando nossa conversa, mas estavam tão absorvidos no mundinho deles que não olhavam na nossa direção. Melhor assim, não queria ser pega na mentira, não na frente de todos. Para minha sorte, Thomas não viera almoçar conosco naquele dia, certamente ele perceberia minha aparente afinidade com Rick.

— Pois eu acredito e tenho certeza de que estava predestinado esse

encontro.

— Está insinuando que o destino teve todo esse trabalho para que nós, pobres mortais, pudéssemos almoçar juntos?

— Sim, o que mais seria?

— Não sei — respondi encolhendo os ombros no exato momento em que Adeli chamava minha atenção.

— Se importa de ficar sozinha o resto da tarde? Vou matar aula para ficar com o Jack.

— Tem certeza disso? Tínhamos combinado de terminar o trabalho de literatura na biblioteca.

— Não posso recusar esse pedido. — Ela implorou com os olhos minha aceitação para que os outros rapazes não percebessem. Eu deveria ter recriminado minha amiga e dito que não era certo, mas ela estava tão feliz que não quis ser uma estraga-prazeres, embora achasse que ela estava cometendo um erro.

— Pode deixar, que faço o trabalho sozinha.

— Tem certeza? Posso fazer minha parte depois?

— Não, vou fazer tudo. Depois você faz o próximo.

— Tudo bem. Vai ficar bem sozinha o resto da tarde? — perguntou preocupada.

— Vou ficar com ela — anunciou Rick, aparecendo na conversa. Por um momento, eu tinha me esquecido dele.

— Você? — inquiri surpresa.

— Sim, tenho que fazer um trabalho na biblioteca também, e podemos ir juntos. — Disfarçou uma possível timidez arrumando os óculos.

— Se é assim, fico mais tranquila. Até mais! — despediu-se eufórica,

atravessando o refeitório de mãos dadas com o Jack sob os olhares atentos e invejosos de outras alunas. Eu sabia que ele era encrenca, aquele ar de *bad boy* revelava isso. Já tinha visto muitos desse tipo e sabia bem como poderia terminar aquela história, mas torcia para que com ela fosse diferente. Não dizem que pensamentos bons atraem coisas boas? Se dependesse de mim, tudo daria certo.

— Acho que podemos ir — pediu Rick, chamando a minha atenção novamente.

— Não precisa me acompanhar, sei que disse aquilo para deixar minha amiga livre para o seu amigo.

— Não seja tão cruel comigo. Eu não estava mentindo. Apesar de querer ajudar meu amigo, ainda preciso ir para a biblioteca, e podemos ir juntos se você quiser.

— Já que insiste — emendei, levantando-me para levar minha bandeja com a salada quase intacta ao lixo; nem tive tempo de comer.

Caminhamos juntos e, para meu alívio, não atraímos os mesmos olhares de inveja que Adeli recebera. Apesar de o Rick ser um garoto bonito, ele não tinha as garotas da escola na mão como o Jack. Eu achava que nem parte da banda ele fazia.

— O que acha daquela mesa ali? — Apontou para um lugar mais afastado dos outros estudantes.

— Pode ser — concordei, querendo mais privacidade, porém minhas razões eram bem diferentes das dele.

Sentamo-nos um na frente do outro. Tirei meu caderno de anotações e o notebook da bolsa, coloquei meus fones de ouvido e iniciei minha *playlist* com os clássicos de Mozart. Eu ainda não conseguira tempo para tocar, mas amava música clássica e não podia ficar sem ouvi-la, ainda mais enquanto estudava.

— O que está escutando? — perguntou Rick uns minutos depois.

— *A Flauta Mágica* — sussurrei na esperança de que ele não ouvisse.

— Mozart — emendou com um sorriso.

— Você gosta de Mozart? — questionei curiosa.

— Mozart é um gênio da música clássica, e um amante da música como eu sabe reconhecer sua importância. Ele não apenas dispunha de uma gama imensa de recursos como sabia instintivamente empregá-los da forma mais adequada; tanto assim que foi capaz de transcender um libreto simplório como o da *Flauta Mágica*, transformando-o numa das mais sublimes criações da mente humana.

— Vai me dizer que o Google te ensinou a gostar de música clássica também? — ironizei, esperando ansiosa por sua resposta sarcástica.

— Não dessa vez — respondeu, fitando meus olhos por trás das lentes dos seus óculos. Senti-me sendo escaneada tamanha era a sua concentração na minha direção. Eu não sabia qual era o interesse do Rick em mim, afinal ele não parecia o tipo de garoto que anda por aí em busca de uma presa fácil, mas confesso que eu estava muito interessada em descobrir.

Capítulo 4

RICK

“Qual é a sua música favorita, isso faz você sorrir?
O que você pensa de mim?
Quando você fecha os olhos, me diga, o que você está sonhando?
Tudo, eu quero saber tudo”

10,000 Hours - Justin Bieber, Dan + Shay

Deveria ter ficado na biblioteca, mas aquela garota me intrigava, e eu não conseguia ficar olhando para ela sem ter vontade de beijá-la, por isso fugi como o tolo e estúpido que me tornava sempre que ela estava por perto.

Voltei para casa mais cedo. Meus pais ainda estavam no trabalho, e a casa era toda minha. Deitei-me na cama e fiquei olhando a constelação que meu pai pintara no teto do meu quarto alguns anos antes. Eu sabia que já era bem grandinho para ficar olhando para aquelas estrelas, e meus amigos enchiam meu saco para tirar aquilo dali toda vez que apareciam no meu quarto, principalmente o Jack. No entanto, eu ainda não queria me desfazer do meu teto estrelado. Ele servia para momentos como aquele, acalmando-me. Fiquei tão distraído que acabei pegando no sono e teria dormido bem mais se o celular não começasse a tocar sem cessar no meu bolso.

— Você está atrasado — comunicou irritado o Jack do outro lado da linha.

— Estou indo — resmunguei, esfregando os olhos, ainda sonolento, mas eu precisava ir.

Desci as escadas passando as mãos para arrumar meu cabelo e ajeitando os óculos. Não costumava perder a hora, em especial dos ensaios da banda, nem precisava arrumar minha aparência no meio do caminho, estava sempre

arrumado. Pelo menos era assim antes de “ela” chegar.

— Oi, mãe, estou indo para o ensaio da banda — informei assim que a vi na cozinha preparando o jantar.

— Não demore, não se meta em encrencas. Vou deixar seu jantar no micro-ondas — completou abrindo um meio sorriso. Na certa ela estava cansada, como todas as vezes que chegava da escola. Mamãe era professora de música e trabalhava na mesma escola em que eu estudava. No começo, eu ficava incomodado por a ter ali, tão perto, mas, apesar da proximidade, ela nunca se metia nos meus problemas, muito pelo contrário, eu sempre tinha que resolvê-los sozinho, e isso me mostrou que não tinha problema nenhum ocupar o mesmo espaço que ela, se cada um tinha o seu lugar. Assim, aprendemos a conviver em harmonia.

— Até mais, mãe — despedi-me assim que deixei a cozinha, peguei a chave do meu carro, que estava pendurada junto às outras, e fui à garagem.

— Vamos, ligue, não me decepcione! — pedi, tentando ligar meu carro pela terceira vez. Segurei o volante com força, pedindo paciência que eu não tinha, e rodei a chave mais uma vez. Para meu alívio, o motor roncou alto, e finalmente consegui sair de casa.

O carro não era dos melhores e sempre me deixava na mão, mas eu o adorava e não trocaria meu Camaro preto por nada nesse mundo. A maioria dos consertos tinha sido eu quem fizera, comprara-o num ferro velho e o reformara por completo. Ainda não estava do jeito que eu queria, mas estava caminhando para se tornar o automóvel dos meus sonhos.

— O que aconteceu? — questionou Jonas assim que me viu entrar na garagem da casa do Jack, onde aconteciam nossos ensaios desde que eles resolveram me aceitar na banda.

— Eu dormi — respondi dando de ombros e recebi olhares estranhos dos meus amigos. Até mesmo o Freddy, que tinha entrado havia pouco tempo na banda e sempre parecia disperso, olhou-me atento por um momento. Tudo isso porque eu nunca perdia a hora, não me atrasava, não vestia roupas desalinhadas como naquela noite. Desde que eu conhecera a Cathy, no outro

dia na praia, vinha agindo assim. Para minha salvação, eles não faziam ideia de que tinha uma garota envolvida naquela história; se pelo menos imaginassem, eu seria zoado eternamente.

— Você dormiu? Assim, de repente, do nada? Enquanto estávamos aqui esperando você para começar o ensaio? Estamos a poucos meses do festival de verão, mas não temos nada, e você, que deveria ser o cérebro da banda, estava dormindo! Estamos perdidos — resmungou Jack, muito nervoso por sinal.

— Já estou aqui, vamos ensaiar — pedi, deixando seus murmúrios de lado. Não valia a pena começar uma briga por algo tão bobo. Além disso, eu sabia que estava errado, deveria ter vindo mais cedo, afinal sabia o quanto a banda dependia de mim, ainda mais depois que conseguimos por algum milagre participar do festival de verão pela primeira vez. A nossa ficha ainda não tinha caído. Tocar para uma plateia acostumada aos melhores não seria uma experiência fácil, ainda mais por eu ser o único com formação musical. Aprendi a tocar piano aos seis anos e depois passei para o violão, a guitarra, o violino e outros instrumentos que encontrava na sala de música. Não queria menosprezar meus amigos, que tinham muito talento, mas pouco conhecimento musical, por isso eles ainda precisavam da minha opinião para tudo, e nunca me importei com essa dependência.

Sentei-me ao lado do teclado que trouxe de casa e comecei a aquecer meus dedos. Tocar era tão natural para mim que eu podia fazê-lo de olhos fechados. A música sempre esteve presente na minha vida, acho que desde a barriga da minha mãe eu a ouvia tocar ao piano. Enquanto outras mães cantavam para os seus bebês, mamãe tocava para mim. Eu raramente ouvia sua voz. Apesar de ser afinada e agradável aos ouvidos, ela dificilmente cantava, seu prazer, assim como o meu, era tocar.

Depois de alguns acordes desafinados, pegamos o ritmo e começamos a tocar juntos. Estávamos no começo do que eu dizia ser nossa suposta carreira. Falava suposta porque não sabia se ia rolar, éramos tão diferentes que eu não imaginava que nossa banda daria certo e achava que nenhum deles acreditava também. Tocávamos para fugir dos nossos problemas, pelo menos era isso que eu podia dizer deles; no meu caso, tocar era uma extensão de quem eu

era. Apesar de existir a música sem o Rick, eu não conseguiria sobreviver sem ela, era quase como uma droga que eu precisava para continuar vivendo. Tudo em minha vida estava relacionado à música, eu não seria nada sem ela.

Não tocávamos nada novo, ainda não tínhamos aprendido a criar. Eu mantinha algumas composições na gaveta, mas não pretendia mostrá-las a ninguém. Por isso estávamos ensaiando músicas de outras bandas que gostávamos de ouvir, e eu estava fazendo novos arranjos, outros acordes. Podíamos não escrever nossas letras ou melodias, mas eu sabia como deixar uma canção com a nossa personalidade.

— Precisamos tocar essa no festival — pediu Bob, o baixista da banda. Ele era um dos que tinha um pouco da minha paixão pela música, por isso, assim que entrou para a banda, nossa aproximação foi imediata.

— Com certeza devemos tocar essa — emendou Jonas. Eu podia tocar guitarra, mas, apesar de não ter a música no sangue desde criança, o nosso guitarrista tinha algo especial com esse instrumento, tocava com o coração, sentia de verdade o som correr por suas veias, e isso fazia toda a diferença, além de ele ser primo do Jack. Os dois eram praticamente inseparáveis.

— Decidido, vamos tocar essa — concordei sorrindo, e voltamos a tocar. Ainda precisaríamos de muitos ensaios para subir num palco como músicos experientes e nos apresentar para uma plateia tão grande. Seria um grande desafio para todos e um divisor de águas. Até o momento, a banda era um passatempo para alguns dos integrantes, mas não para mim. No meu caso, sempre foi algo mais. Eu sabia que minha profissão seria ser músico. Não sabia se continuaria com a banda, mas de uma coisa tinha certeza, a música estaria presente até meus últimos dias de vida. Isso parece melancólico e soa um tanto quanto dramático. Todavia, era a única certeza que eu tinha.

O ensaio durou mais do que planejávamos no início, a empolgação e os melhores acordes apareciam quando estávamos mais envolvidos, e era difícil parar. Por isso quase sempre eu voltava para casa de madrugada. Meus pais já estavam acostumados. Quando desliguei o motor nada silencioso do Camaro em frente de casa, o silêncio reinava absoluto.

Eu não soube por qual razão não saí do carro assim que o desliguei, fiquei

fitando o nada por alguns segundos e pensei na Cathy. Quase conseguira ficar um tempo sem pensar naquela garota. Durante o ensaio, com as músicas fluindo livremente, tinha sido tão fácil não pensar nela e me concentrar no que estava tocando. Porém, ali sozinho, era inevitável. Voltei à noite em que nos encontramos pela primeira vez na praia. Os pais do Luke tinham viajado, e ele decidira dar mais uma de suas festas. Eu não teria ido, se não fosse pelos sermões que recebi dos meus companheiros de banda. Geralmente fugia de festas, preferia procurar o lugar mais alto que conhecia para observar as estrelas. Se a música era a minha primeira paixão, a astronomia com certeza era a segunda.

Todavia, daquela vez, fui forçado a ir, e já no início da festa estava mais do que entediado. Na maioria das vezes, eu não ficava assim tão impaciente, afinal podia tocar e ficar na mesa de som sempre que quisesse, sem falar que as garotas eram verdadeiras beldades e algumas até davam bola para mim, mas naquela noite eu estava mais seletivo que nas outras vezes, ou só não estava a fim de sair com ninguém. Enquanto meus amigos eram adeptos a ficar cada noite com uma menina diferente, eu evitava o máximo que podia esse comportamento. Não os criticava por isso, mas eu não podia fazer o mesmo. Precisava de uma conexão maior com a pessoa para fazer sexo com ela. Isso não quer dizer que eu não o fazia; como todo adolescente normal, cometia minhas loucuras, e foi por causa delas que descobri que precisava me conectar com alguém antes de ficar com ela.

Deixei no lixo o copo com a bebida que peguei quando passei pela cozinha antes de pisar meus pés na areia da praia. Segui caminhando sem destino. Eu conhecia muito bem aqueles arredores. O Sol estava quase se pondo quando avistei uma garota sozinha sentada na areia. Seus longos cabelos castanhos brilhavam ao refletir os últimos raios solares. Eu ainda estava muito longe para afirmar, mas podia jurar que as pontas tinham um tom mais claro. Observei-a de longe, com medo de assustá-la assim que me aproximasse. Ela estava tão concentrada que eu não queria perturbá-la com a minha presença inoportuna.

Admirei seu perfil quando ela se virou para observar algo, ainda alheia a minha presença, e vi quando ela capturou seu lábio inferior entre os dentes. Umedeci os meus, tentando diminuir o desejo iminente que aquele simples

gesto despertara em mim. Era esse tipo de conexão que eu estava esperando a festa toda. Não podia ignorá-la como tinha feito com as outras meninas que encontrara naquela noite. Por isso, sem pensar duas vezes, aproximei-me e me sentei ao seu lado sem pedir permissão, sem anunciar minha presença, só me sentei ali e senti a brisa leve que vinha do mar e o seu perfume suave, que só aumentava mais a minha ânsia por tê-la nos meus braços. Porém, quando fitei sua face surpresa, entendi que não iria ser tão simples como imaginava, pois, ao mirar seus olhos cor de chocolate – não aqueles chocolates em barra sem graça, os olhos que me fitavam de volta pareciam mais chocolate derretido e cremoso, com um brilho único –, percebi que ela não era mais uma garota na minha vida, ela era "a" garota. Seu nome não saía mais da minha cabeça. Fiquei surpreso ao saber que ela estudava na mesma escola que eu e ainda mais encantado ao passar alguns momentos com ela na biblioteca.

Voltando ao presente, fechei os olhos a fim de bloquear essa memória na minha cabeça. Bati no volante, nervoso, e finalmente saí do carro. Eu teria aula no dia seguinte, portanto não podia me dar ao luxo de ficar no carro parado a noite toda pensando na Cathy.

Capítulo 5

CATHY

"Se eu não posso deixar de me apaixonar por você
Como um rio corre
Certamente para o mar
Querida, então vai
Algumas coisas são destinadas a serem assim
Pegue minha mão"

(I Can't Help) Falling in Love with You - Bely Basarte

Não acredito que Adeli me convenceu a vir a esse show, pensei enquanto caminhava cambaleando ao seu lado. Não deveria ter aceitado sua sugestão e usado seus sapatos com saltos altíssimos e um de seus vestidos, que ficava bem mais curto e colado ao meu corpo do que quando ela mesma o usava. No entanto, fui incapaz de resistir aos seus apelos depois que fui convidada a ir a sua casa para uma inocente visita. Meus jeans surrados e minha camiseta customizada nas laterais eram vestimentas perfeitas para uma noite entre amigas. Mal sabia eu que seria induzida a abandonar o aconchego do seu lar para me aventurar num dos shows da banda mais famosa do colégio.

— Pare de resmungar e me siga — pediu segurando minha mão assim que chegamos ao Billy's Bar.

— Não acho que vamos conseguir entrar aqui sem mostrar nossas identidades — resmunguei observando a fila de garotas impacientes querendo entrar.

— Não se preocupe com isso — respondeu segura de si.

Para minha surpresa, minha amiga tinha nossa aparente visita surpresa muito bem orquestrada, pois nem precisamos pegar a fila como as outras

garotas, bastaram algumas palavras sussurradas no ouvido do segurança para que estivéssemos dentro do bar em questão de minutos. O lugar era aconchegante e tinha uma atmosfera diferente daqueles a que eu estava acostumada a ir – não que eu fosse muito a bares antes de me mudar para Atlantic, pois era menor de idade, mas tive meus momentos. Todavia, nenhum deles tinha aquele ambiente jovem e despojado, um longo balcão dourado com banquetas brancas ao redor, em que os bartenders trabalhavam usando camisas floridas como se fosse um simples bar na beira da praia, mesmo o mar estando a algumas quadras dali. O resto do ambiente era aberto e com lustres em forma de bolas de cristal no teto, poltronas vermelhas e pretas espalhadas pelos cantos e uma escada que levava para outro ambiente. Não subi os degraus, pois minha amiga viu alguns instrumentos musicais depositados num pequeno palco e decidiu que ali seria nosso lugar.

Nós nos sentamos lado a lado nas poltronas vermelhas e esperamos que o garçom servisse nossas bebidas, enquanto uma música eletrônica era tocada.

— Tem certeza de que eles irão tocar hoje? — questionei depois que terminamos de beber as batidas de frutas cítricas que pedimos.

— Claro que tenho, não teria te arrastado aqui se não tivesse certeza disso — respondeu fitando a pista de dança, que estava lotada no momento.

— Não posso voltar tarde para casa, meus pais já estão preocupados — ralhei aflita, pegando o celular para enviar a segunda mensagem para minha mãe informando que chegaria mais tarde do que o previsto.

— Pare de inventar desculpas, não vamos sair daqui sem assistir a esse show — informou, puxando-me para a pista de dança com ela.

— Você não desiste mesmo — reclamei, tentando disfarçar que já não estava tão magoada assim por ela ter me arrastado até ali. Tinha conseguido beber sem ser incomodada, e a música que tocava no momento começava a se infiltrar no meu corpo, tornando impossível ficar parada. E, mesmo com aqueles odiosos sapatos, meio desengonçada, remexi-me ao som da música, que tocava cada vez mais alto, deixando minhas preocupações de lado para curtir o momento.

Algumas canções depois, meus pés doíam tanto que tive que voltar para a poltrona confortável e retirar os sapatos dos meus pés doloridos. Fiquei ali sozinha, sem prestar atenção ao fato de que a música eletrônica tinha sido substituída por um solo de guitarra acompanhado pelos pratos sonoros da bateria. Eu amava música. Apesar de tocar violino desde que tinha oito anos de idade, tinha um fascínio pelos outros instrumentos, e ali, sem conseguir ver os músicos, pois estava de costas para o palco e ainda sentada na poltrona, aprendi a apreciar aquela música. Não tinha nada de diferente, aliás, a canção que tocava eu tinha ouvido dezenas de vezes, porém nunca com aquele arranjo, nem com o acompanhamento do teclado ao fundo.

Fechei meus olhos e senti cada instrumento como se eles fossem tocados separadamente. Deixei que as notas ganhassem vida e arrepiassem meus pelos sensíveis, e, quando o vocalista começou a cantar, sorri maravilhada com a sincronia perfeita. Nem todas as pessoas poderiam compreender o que eu estava sentindo, afinal era uma mistura interessante aquela, mas a música sempre correu nas minhas veias como se fizesse parte do meu sangue, então eu costumava senti-la mais do que a ouvir.

Na terceira canção, não aguentei ficar mais distante; eu precisava chegar mais perto. Caminhei descalça até o palco, esbarrando nas pessoas ao longo do percurso. Recebi protestos e empurrões em alguns momentos, mas, para o meu alívio, quando a banda começou sua quarta música, eu estava num cantinho, espremida entre tantas outras garotas, sentindo os primeiros acordes. Fiquei surpresa pelo meu interesse repentino numa simples banda de garagem. Sabia que um deles era o *crush* da Adeli, por isso minha amiga me arrastara até lá. Não podia negar que eles eram bonitos e exóticos de um jeito que eu jamais tivera ao alcance das minhas mãos, mas não era por isso que eu estava encantada. Para ser honesta, o que me trouxera ali primeiro fora a música que eles tocavam.

Observei enquanto o vocalista se concentrava na letra como se sua vida dependesse disso, o jeito sexy com que ele bagunçava o cabelo cada vez que fechava os olhos para cantar um refrão. Mirei os dedos precisos do guitarrista enquanto ele dava vida a sua guitarra, que parecia uma extensão do seu corpo. A concentração do baterista, que mordia os lábios enquanto castigava os pratos da sua bateria sem se importar com a plateia a sua frente. A precisão

do baixista ao acompanhar os outros instrumentos e deixar sua marca na melodia. E, por fim, deparei-me com a última pessoa que imaginara ver em cima do palco: Rick. Seus cabelos pretos estavam desalinhados, mas sua calça social e a camisa preta o deixavam bem diferente dos demais integrantes, que usavam coturnos, jeans rasgados e jaquetas. Porém, de alguma forma que eu não sabia explicar, ele era perfeito ali, aquele era o seu lugar, e ele sabia exatamente o que fazer, parecia comandar a orquestra sem ser o seu regente. Ele parecia o coadjuvante, o antagonista, aquele que dá o brilho e o encantamento para o protagonista, e tudo isso sem sequer perceber que era o foco da minha atenção.

Permaneci ao lado do palco até que a última música fosse tocada, esperei que os holofotes fossem apagados e tentei voltar ao meu lugar, mas fui surpreendida por alguém que segurou o meu braço.

— Onde você estava? — perguntou Adeli com um semblante preocupado.

— Ali ... — Tentei apontar para o lugarzinho minúsculo em que eu havia permanecido durante todo o show, mas ela gesticulou algo com as mãos e me arrastou para um canto.

— Vou embora com o Jack e preciso que pegue um táxi de volta para casa — implorou, fitando-me com os olhos aflitos.

Eu não sabia como pegar um táxi dali, nem tinha dinheiro suficiente comigo, afinal achei que passaria a noite na casa da minha amiga, a apenas algumas quadras da minha casa, não imaginei que iria para um show de uma banda de rock e muito menos que teria que voltar sozinha, mas, a julgar pela ansiedade da Adeli, eu não podia dizer isso a ela, por isso apenas concordei.

— Tudo bem.

— Tem certeza?

— Claro que tenho — assenti mais uma vez, tentando passar confiança. Ela me fitou por alguns segundos, tentando verificar se eu tinha mesmo certeza disso, e, quando pareceu segura, deu-me um beijo no rosto e partiu.

Olhei aflita as pessoas ao meu lado, tentando pensar numa saída

inteligente, mas ninguém ali parecia compartilhar da minha aflição. De qualquer maneira, eu devia voltar para casa o quanto antes e decidi começar retornando até a poltrona onde deixara meus sapatos. Calcei-os e caminhei, desviando-me das pessoas até a saída.

Quando enfim estava do lado de fora, consultei meu celular. Era quase meia-noite. Meus pais me matariam com certeza. Depois contei os míseros dólares que trazia comigo e constatei o que já sabia, não tinha dinheiro suficiente para pegar um táxi e, por uma razão estúpida, não disse nada disso a minha amiga dentro do bar quando nos despedimos. Fitei o ponto de ônibus no outro lado da rua e caminhei resignada até lá. Chegaria a casa bem mais tarde do que se fosse de táxi, mas pelo menos poderia chegar.

Sentei-me num dos bancos, sozinha, e aguardei os primeiros minutos pacientemente, porém, conforme o tempo passava e nada de o ônibus passar, comecei a ficar ansiosa.

— Olá, belezinha, o que faz aqui sozinha? — questionou um homem se aproximando de mim. Não notei de onde ele saiu, só percebi sua presença quando já estava praticamente ao meu lado.

— Por favor, se afaste — pedi, levantando-me para me distanciar dele.

— Ei, não fuja de mim! — exigiu tentando segurar meu braço, mas consegui me desvencilhar por pouco.

— Saia de perto de mim! — implorei dando passos para trás. Porém, ele foi mais rápido e me encurralou num canto. Eu estava perdida e comecei a me preocupar de verdade.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — questionou uma voz, chamando nossa atenção.

— Não é da sua conta, cara — resmungou o homem sem tirar os olhos de mim.

— Se você está perturbando a minha namorada, é da minha conta, sim — rebateu, puxando o homem pelos ombros e ficando à minha frente. Por um instante me preocupei com aquela fala esdrúxula, afinal eu não tinha

namorado e não fazia ideia de por que alguém mentiria sobre isso. Todavia, fiquei aliviada ao constatar que meu salvador, o homem que apareceu de repente e conseguiu intimidar o cara que tentava me atacar, era o Rick.

— Não sabia que ela era sua namorada — gemeu o homem, afastando-se e fugindo como o covarde que era. Rick não aparentava ser mais forte do que ele, mas a segurança em seu tom de voz o afastara sem que ele precisasse me defender com os punhos.

— Você está bem? — indagou, fitando-me com evidente preocupação.

— A-agora estou — gaguejei.

— O que estava fazendo sozinha aqui?

— Estava tentando pegar um ônibus — respondi o óbvio, visto o local em que estávamos.

— Sei disso, mas sua amiga contou que você iria de táxi.

— Não tinha dinheiro suficiente.

— E decidiu que o mais seguro era ficar sozinha aqui?

— Sim — assenti, percebendo a estupidez do que eu tinha feito.

— Vamos, eu vou te levar para casa — informou, arrastando-me até um Camaro preto que estava estacionado a alguns passos de distância do ponto de ônibus. No trajeto até o veículo, expliquei-lhe onde eu morava.

— Obrigada — agradeci assim que ele deu a volta no automóvel e se sentou no banco do motorista.

— Obrigada por salvar você ou por abrir a porta do carro? — questionou, fitando-me com um olhar divertido.

— Os dois, na verdade mais pela porta que abriu para mim — brinquei, tentando amenizar o clima carregado, uma vez que ambos sabíamos o que poderia ter acontecido comigo se ele não tivesse chegado naquele momento.

— Entendi — afirmou, dando partida no carro, que, por algum infortúnio, recusou-se a pegar. Fiquei em silêncio enquanto ele girava a chave na ignição uma, duas, e somente na terceira vez o motor ganhou vida e conseguimos sair dali.

— Eu vi você tocar — anunciei, tentando romper o silêncio que pairava no ar.

— Sei que viu — emendou, desviando os olhos da rua para olhar para mim.

— Você toca muito bem — murmurei.

— Obrigado.

— Na verdade, você é muito bom mesmo! — repeti mais entusiasmada dessa vez.

— Como sabe que toco bem? — indagou com interesse.

— Toco violino e estudo música clássica desde meus oito anos e posso ao menos reconhecer um bom músico quando ouço um, e você é um deles.

— Não sabia que você tocava — disse, passando a mão nos cabelos.

— Nem eu sabia que você fazia parte da banda do Jack. Você são Os garotos de Jersey — ironizei, lembrando o nome da banda. — Chegamos — falei assim que ele estacionou na frente da minha casa após alguns quilômetros rodados em silêncio.

— O nome da banda é temporário, ainda estamos pensando em algo mais interessante. E, como viu, sou o tecladista, pelo menos até eles me expulsarem.

— Eles jamais farão isso, você é o coadjuvante — expliquei, abrindo a porta para sair do carro antes que a minha mãe viesse me buscar.

— O que quer dizer com isso? — questionou confuso.

— Nada não, depois eu te conto. Agora preciso ir, e obrigada pela ajuda

— respondi, correndo até a porta de casa, pois teria muito o que explicar aos meus pais aquela noite e na certa ficaria de castigo o mês inteiro.

Capítulo 6

RICK

"Eu me lembro de quando te conheci
Eu não queria me apaixonar
Senti que minhas mãos estavam tremendo
Porque você parecia tão linda"

My Only One (Feat. Isabela Moner) - Sebastian Yatra

Você me confunde, garota, pensei antes de tentar ligar meu carro novamente. Eu precisava consertá-lo com urgência, já que não dava para contar com a sorte todas as vezes. Esperei pacientemente que ele resolvesse ligar com um sorriso bobo. Nem parecia que eu corria o risco de voltar para casa a pé. Porém, não foi dessa vez que meu Camaro me deixou na mão. Seu motor ganhou vida, e dirigi de volta para casa.

Ao entrar, fui recebido pelo silêncio. Meus pais dormiam cedo e já estavam acostumados com as minhas ausências. Aqueci o jantar no micro-ondas e me sentei à mesa da cozinha para devorá-lo. Depois subi as escadas até o meu quarto, que ficava no sótão, com cuidado para não acordar meus pais e "apaguei", com o mesmo sorriso bobo no rosto.

Acordei no dia seguinte mais do que animado para ir à escola. Por incrível que pareça, meu carro ligou logo na primeira tentativa e fiquei ainda mais feliz. Rabisquei alguns acordes e possíveis letras de músicas no meu caderno enquanto deveria anotar o que meus professores diziam. Na maioria das vezes eu não era tão relapso nos meus estudos, exceto naquela manhã, quando minha mente não estava interessada em equações de segundo grau, reações químicas e muito menos em autores que viveram no século passado. Eu tinha uma orquestra inteira tocando na minha cabeça e precisava tocar alguma coisa para tirá-la de lá. Por isso não fui almoçar com meus amigos,

tinha algo mais urgente a fazer. Caminhei pelos corredores quase vazios até a sala de música, que, para minha sorte, mamãe nunca se lembrava de trancar.

Olhei com atenção os instrumentos espalhados pelo lugar, mas o piano roubou a minha atenção assim que descansei meus olhos nele. Não podia negar que, apesar de tocar todos os instrumentos que ali estavam, ele ainda era o meu preferido.

Sentei-me na baqueta, abri o compartimento das teclas, dobrei as mãos em busca de flexibilidade e comecei a tocar a sinfonia que estava na minha cabeça. Não era uma música que eu conhecia, para dizer a verdade era algo novo que eu estava compondo a uma velocidade que me assustava. Provavelmente nunca mais me lembraria daqueles acordes, mas não me preocupei em anotar nada, só precisava continuar tocando e sentindo o poder daquela melodia. Toquei sem parar até que enfim estava satisfeito. As notas foram suavizando, e minha cabeça, invadida por uma calmaria acolhedora.

— Parabéns — felicitou-me alguém batendo palmas atrás de mim. Imaginei que fosse minha mãe, uma vez que era a única que sabia das minhas escapadas para sua sala durante o almoço. Porém, dessa vez eu estava enganado. A pessoa que me aplaudia com um sorriso era a garota que me fizera ter aquela epifania musical. Cathy.

— Não sabia que eu tinha uma plateia — disse, virando-me para observá-la.

— Cheguei tem algum tempo, mas você estava tocando com tanto afinco que não quis atrapalhar — explicou, caminhando na minha direção.

— Podia ter anunciado sua presença — falei, deixando um espaço na banqueta ao meu lado para que ela se sentasse.

— Não quero atrapalhar — repetiu, mas aceitou minha oferta e se sentou junto a mim.

— Quem disse que você atrapalha? — retruquei, tocando o início de *A Flauta Mágica*, música que ela ouvia alguns dias antes. Ela sorriu, lembrando-se daquele encontro, colocou seus dedos finos nas teclas e

começou a tocar comigo. Eu nunca havia tocado com ninguém além da minha mãe, nem sabia se funcionaria. Se Cathy tivesse pedido antes, eu teria dito que não daria certo, mas, conforme seus dedos ágeis completavam minhas notas, eu já não sabia o que fazer senão sorrir e continuar tocando, tocando e tocando.

— Acho que perdemos a noção do tempo — comentou olhando o horário no seu relógio.

— Acho que sim. Sinto muito se fiz você perder sua próxima aula.

— Não tem problema, hoje era dia de pesquisa na biblioteca, ainda posso fazer isso sozinha.

— Se quiser companhia, podemos ir juntos — ofereci, querendo ficar mais um pouco ao seu lado.

— Você também precisa ir até lá?

— Sim — menti.

— Certo, então vamos — assentiu, levantando-se da banqueta. Ergui-me em seguida, peguei minha bolsa, que havia deixado no canto, e caminhamos lado a lado até a biblioteca.

— Você é bem popular na escola, todos que passaram por nós o cumprimentaram.

— Está dizendo isso porque ainda não andou com o Jack e o Jonas. Não gosto de ser o centro das atenções das pessoas, por isso evito andar com meus amigos aqui.

— Não parece, quando, em cada corredor que cruzamos, tem alguém acenando para você.

— Não exagere. Tenho alguns amigos, afinal estou aqui tem bastante tempo, além disso minha mãe é uma das professoras.

— Sério? — indagou espantada, e assenti sem precisar abrir a boca. — Ela é professora de que matéria?

— Música.

— A professora Dawson é a sua mãe?

— Sim.

— Nem acredito! Ela é a minha professora favorita.

— Deixe-me adivinhar — falei, fingindo que pensava a respeito. — Ela é a sua professora preferida porque dá aulas de música?

— Também, mas não é só isso. Loretta — pronunciou o primeiro nome da minha mãe, o que significava que as duas tinham uma certa afinidade; poucas vezes eu vi seus alunos a chamarem pelo primeiro nome — é a pessoa mais legal que conheci aqui além da Adeli e do Thomas.

— Quer dizer que não estou incluído nas pessoas legais desta escola — disse, franzindo o cenho como se fosse inconcebível eu não figurar entre os seus amigos mais íntimos.

— Eu ainda não sei — respondeu pensativa assim que entramos na biblioteca.

— Por favor, me avise assim que souber — pedi, sentando-me à mesma mesa que ela, porém um pouco mais afastado para lhe dar mais espaço.

— Tenha certeza de que será o primeiro a saber — emendou, abrindo um sorriso perfeito, daqueles que iluminavam seu rosto com perfeição e dos quais eu me lembraria por um longo tempo.

Ficamos em silêncio depois disso, tentando realizar nossas tarefas, afinal era esse o objetivo desde o começo, embora a princípio não tivesse sido minha intenção. Aproveitei para copiar as anotações que negligenciei durante as aulas daquele dia; enfim concentrado, eu podia me lembrar dos comentários dos professores e dos exercícios que deveria ter realizado naquela manhã. Estava tão absorvido nas anotações que por um tempo não parei para olhar para a garota à minha frente, mas isso logo mudou. Cathy estava concentrada lendo em voz baixa, e era uma das coisas mais

interessantes que tive o prazer de observar. Seus lábios rosados e macios se abriam e se fechavam, mas nenhum som saía da sua boca, por isso me esforcei ao máximo para tentar decifrar as palavras.

— Jamais declarei meu amor em voz alta; ainda assim, se as expressões faciais são uma linguagem, o mais simplório idiota teria adivinhado que eu estava caído por ela — murmurei bem baixinho tudo que seus lábios silenciosos estavam dizendo.

— Como conseguiu? — questionou surpresa.

— Sou bom em ler pensamentos — continuei a brincadeira.

— Diga a verdade!

— Eu li seus lábios.

— Nem sabia que os estava mexendo — respondeu distraída. — Você conhece essa citação?

— Não.

— É do meu livro favorito.

— *O Morro dos Ventos Uivantes*.

— Como sabe?

— Você estava lendo ele no outro dia em que nos encontramos aqui mesmo na biblioteca.

— Ah! — exclamou, voltando seus olhos para suas anotações, e, antes que eu pudesse perguntar mais alguma coisa, sua amiga apareceu, surpreendendo-nos.

— Espero não estar atrapalhando.

— Pode ficar à vontade, eu estou de saída — anunciei, arrumando meu material, que estava em cima da mesa.

— Não precisa sair, podemos estudar juntos — convidou Cathy.

— Eu preciso mesmo ir — disse, afastando-me depois de descansar meus olhos na Cathy mais do que devia.

Olhei para o relógio e descobri que estava atrasado para os treinos de basquete do time da escola. Atravessei os corredores até o ginásio o mais rápido que podia e entrei no vestiário quando os outros jogadores já estavam colocando seus uniformes.

— Está atrasado — resmungou Jack, olhando-me desconfiado.

— Você virou o treinador agora? — inquiri, jogando minha mochila no armário e pegando meu uniforme.

— Não, só estou avisando. Além disso, o que está acontecendo com você? Nunca se atrasa, mas, nas últimas semanas, tem chegado no limite.

— Conheci uma garota e estava com ela na biblioteca — disse, passando as mãos no cabelo, indeciso. Nem imaginava por que tinha decidido contar algo assim para o meu amigo.

— Estão explicados os atrasos! Só tome cuidado para o treinador não perceber — emendou, dando leves tapinhas nas minhas costas.

— Obrigado, cara — agradeci, sabendo que nossa conversa não sairia dali. Apesar da fama de mulherengo, Jack não era nada disso, apenas os amigos mais íntimos sabiam que era uma fachada. Ele era um dos que menos ficavam com as garotas nas festas. A maioria das meninas da escola diziam que já tinham ficado com ele. Uma vez questionei-lhe se era mesmo verdade, pois não o vira com nem metade delas, e ele apenas deu de ombros e disse que não tinha importância, que, se elas tinham falado aquilo, quem era ele para negar. E assim sua fama aumentava cada vez mais, e, com a banda e o time de basquete, era insuportável. Eu tinha pena da garota que ele realmente escolhesse para namorar, pois ela teria que enfrentar uma legião de ex-namoradas de mentirinha, e elas podiam ser bem mais intrometidas do que as verdadeiras.

— Está na hora, vamos — chamou Jonas, colocando a cabeça no vestiário.

— Estamos indo — respondemos juntos Jack e eu.

Nunca fui fã de esportes, e entrar para o time com meus amigos depois que um dos jogadores se machucou no começo da temporada foi um desafio e tanto, mas tudo se tornava melhor quando feito na companhia deles. Entrei como reserva, mas fui ganhando espaço e, alguns meses depois, já ocupava a posição de titular do time Atlantic City, ao lado de Jack, Jonas, Luke, Thomas e Bob. Com o tempo, passei a apreciar jogar, o esporte se tornou um hobby.

Passamos a tarde toda na quadra treinando arremessos e corrigindo passes. No comecinho da noite, eu estava destruído enquanto caminhávamos para o vestiário, mas os nossos sorrisos e as brincadeiras estavam ali, afinal, antes de ser nossa obrigação, era uma diversão.

— Vai encontrar sua garota? — questionou Jack assim que saímos do ginásio.

— Ela não é a minha garota, nem sequer tenho seu telefone — respondi, pensando em Cathy e no quanto gostaria de conversar com ela naquele instante.

— Agora você tem — anunciou, colocando um papel na minha mão.

— Como conseguiu isso? — perguntei surpreso.

— Esqueceu que tenho as minhas fontes?

— Pare de enrolar e diga logo.

— Eu estou saindo com a melhor amiga dela, e, quando percebi que você estava interessado na garota, pedi o número do telefone para Adeli — explicou, dando um tapinha em meu ombro.

— Nem sei o que dizer — murmurei ainda concentrado no papel.

— Não diga nada, apenas me empreste o seu carro quando eu precisar sair com minha garota.

— Claro, pode pegar — disse distraído, pensando em quando eu deveria ligar para ela.

— Podemos começar essa noite? — indagou apreensivo.

— Você realmente não dá ponto sem nó — afirmei, rindo da sua estratégia.

— Um homem precisa ter seus truques na manga.

— Entendi. Pode ao menos me levar para casa? — pedi, já desistindo de convidar a Cathy para sair comigo naquela noite.

— Claro, serei um motorista eficiente e amanhã vou te buscar para irmos juntos à escola.

— Combinado — assenti, jogando minha mochila no banco de trás do carro.

Capítulo 7

CATHY

"Noites quentes de verão no meio de julho
Quando você e eu éramos eternamente loucos
Os dias enlouquecidos, as luzes da cidade
A maneira como você brincava comigo como uma criança"

Young and Beautiful - Lana Del Rey

Demorei alguns minutos seguindo o Rick com o olhar depois que ele saiu da biblioteca. Pensei em pedir que ele ficasse mais um pouco, mas não podia insistir mais do que o tinha feito, além disso tinha a Adeli; para minha amiga vir até ali, com certeza tinha algo importante para conversar comigo.

— Terra chamando Cathy, Terra chamando Cathy — ela falou, interrompendo meus devaneios e estalando os dedos na minha frente para me chamar a atenção.

— Desculpe, estava distraída — comentei ainda com a cabeça em outro lugar, ou melhor, em outra pessoa.

— Sei bem quem é o motivo da sua distração... Afinal o que faziam sozinhos na biblioteca?

— Não estávamos sozinhos — afirmei, observando os outros estudantes espalhados pelo espaço.

— Você entendeu bem o que quis dizer com "sozinhos".

— Estávamos estudando.

— Só isso, tem certeza? — questionou com aqueles olhos acusativos.

— Tenho — afirmei a desafiando.

— Não parecia. A tensão entre vocês é palpável, só não vê quem não quer.

— Do que está falando?

— Não se faça de boba, sei que está interessada no Rick.

— Como sabe?

— Eu só sei, tá legal? E, se eu ainda tivesse qualquer dúvida, teria confirmado quando você ficou "secando" os passos dele até o cara sair da biblioteca.

— Está tão óbvio assim? — questionei preocupada.

— Ei, não se preocupe, o Rick é um dos caras mais legais da banda, depois do Jack, é claro, então você vai ficar bem.

— Não sei se vou ficar bem, nunca me interessei por alguém como o Rick.

— Claro que não, esses garotos são únicos, minha querida! — exclamou rindo, e fomos repreendidas pela bibliotecária. Decidimos sair dali antes de sermos advertidas mais uma vez. Adeli me ajudou com os livros e cadernos que estavam espalhados pela mesa de estudo, e, quando tudo estava guardado dentro da bolsa e estávamos bem longe da biblioteca, voltamos a conversar.

— Vou dormir com o Jack essa noite — anunciou assim que entramos no seu carro. Estávamos voltando sozinhas, já que o Thomas tinha treino de basquete até tarde.

— Tem certeza disso? — indaguei a fim de descobrir se ela estava segura sobre aquilo. Eu não conhecia muito bem o Jack, mas sua fama de pegar cada dia uma garota diferente era sussurrada pelos quatro cantos da escola.

— Tenho, sim — disse convicta, com olhos brilhando de quem estava apaixonada.

— Acha que ele é a pessoa certa?

— Está falando por causa da fama de galinha que ele tem na escola?

— Sim.

— Ele não é desse tipo, pode ter certeza. Se você ao menos o conhecesse, descobriria que é tudo mentira. Jack é muito mais romântico e atencioso que muitos caras com quem saí antes, não é à toa que estou apaixonada por ele.

— Eu não o conheço, por isso não posso desmentir sua teoria. Só tenha cuidado, não entre de cabeça sem antes ter certeza de quem ele realmente é.

— Acha que devo ficar esperando, quando sei que ele é o amor da minha vida?

— Ainda é muito cedo para dizer algo tão permanente.

— Você está parecendo a minha mãe — murmurou rindo.

— Só sou sensata.

— Você vai ficar em cima do muro assim com o Rick?

— Claro, não vou sair com ele até ter certeza de que vai valer a pena.

— Como pode saber?

— Esperando até conhecê-lo melhor — disse como se fosse algo simples, mas no fundo eu sabia que não era.

— Esperar? Eu sou louca pelo Jack desde que entrei nessa escola, acha que devo esperar ainda mais?

— Eu não sei, não tenho a fórmula correta, só não quero que se machuque ou se arrependa depois.

— Isso não vai acontecer, jamais vou me arrepender de passar uma noite com o cara que sempre esteve presente em meus sonhos.

— Tudo bem, não vou mais encher sua paciência com minhas dúvidas.

Tenho certeza de que vai dar tudo certo — disse assim que paramos em frente a minha casa. Dei um abraço apertado em Adeli antes de sair do carro. Fiquei parada na calçada enquanto ela saía e pensei que eu podia realmente estar muito errada. Afinal não conhecia nada do Jack além dos murmurinhos que ouvia pelos corredores, e eles podiam muito bem ser falsos.

Entrei em casa e subi as escadas até o meu quarto sem avistar minha mãe, que costumava estar na cozinha sempre que eu chegava da escola. Tomei um banho, coloquei um short jeans e uma camiseta de personagens da Disney. Eu era louca por elas, tinha uma gaveta lotada de roupas, mas tinha vergonha de usá-las fora de casa, apesar de gostar muito de todas.

— Olá, mamãe — anunciei, surpreendendo-a quando entrei na cozinha.

— Pode me ajudar com o jantar? — indagou, fitando-me dos pés à cabeça.

— Que alternativa eu tenho? — resmunguei, mordendo uma maçã suculenta que encontrei em cima da mesa.

— Você merece, mocinha — repreendeu-me mais uma vez. Eu estava de castigo, pois confessei que tinha ido com Adeli ao show da banda do Jack e ainda cheguei tarde a casa. Não costumava mentir para os meus pais, em especial para minha mãe, por isso, quando ela perguntou, preocupada, onde eu tinha estado àquela hora da noite, despejei tudo e acabei sendo castigada, sem poder sair de casa à noite por um mês e ainda tendo que ajudar com o jantar pelo mesmo período. A primeira parte do castigo era meio dura, mas a segunda me fazia passar mais tempo com mamãe, por isso eu não considerava um sacrifício.

— O que vamos preparar hoje? — questionei curiosa. Minha mãe fez gastronomia no Brasil antes de vir com meu pai para os Estados Unidos, mas, quando chegou ao país, não conseguiu arrumar um emprego, depois ficou grávida de mim, e as coisas ficaram mais difíceis ainda. Porém, ela encontrou na cozinha o seu lugar tranquilo, assim como eu encontrei o meu na biblioteca.

— Macarrão com almôndegas.

— Só isso? — perguntei, sabendo que ela nunca cozinhava pouca coisa.

— Não, vamos preparar uma salada verde com frutas, mostarda e mel. Depois, um pudim de sobremesa.

— Você nunca me decepciona, dona Tânia — brinquei, pegando os ingredientes da salada na geladeira.

Liguei uma playlist de músicas clássicas e deixei que os acordes tomassem conta do ambiente enquanto conversávamos sobre a escola, meus amigos e o quanto mamãe sentia falta da sua terra natal. Meus avós maternos moravam no Brasil, e ainda havia meus tios e tias, além dos meus primos. Porém, quase não tínhamos contato. Minha mãe falava sempre com eles por telefone, e eu, por educação, afinal era difícil manter uma conversa acalorada com pessoas que eu nunca tinha visto, mesmo que fossem meus parentes.

Papai chegou quando o jantar estava quase pronto e, depois de nos cumprimentar, subiu para tomar um banho antes de comer. Nós nos sentamos à mesa alguns minutos depois, apreciando as delícias que eu ajudara mamãe a preparar e salivando de expectativa. Até a conversa foi diminuída, quase só se ouvindo o barulho dos talheres nos pratos e os gemidos de contentamento depois de experimentarmos a comida.

— Você ajudou sua mãe na cozinha hoje? — indagou meu pai.

— Sim, eu fiz a salada — disse, apontando para a tigela quase vazia ao seu lado.

— Estava perfeita, querida, assim como a da sua mãe.

— Obrigada — agradeci, reconhecendo o elogio que recebi. Eu sabia que papai estava exagerando, afinal minha salada não podia nem chegar aos pés dos pratos bem elaborados que mamãe fazia, mas tive a ajuda dela em cada passo, por isso podia, sim, reconhecer que estava no caminho certo. Cozinhar não era a minha paixão, eu gostava de ficar na cozinha somente para passar mais tempo com a minha mãe. Suas conversas enquanto eu cortava os alimentos ou ajudava mexendo uma panela eram as melhores.

O restante do jantar foi tranquilo, e conversamos sobre coisas simples do

nosso dia a dia. Depois de devorar a sobremesa, despedi-me dos meus pais, que ficaram na sala para assistir a um filme juntos. Subi as escadas devagar até o meu quarto, alegando que tinha lição de casa para fazer, mesmo que já tivesse realizado a maioria delas durante a tarde que passara na biblioteca.

Todavia, quando adentrei ao meu quarto e vi meu violino no canto, solitário, pedindo, ou melhor, suplicando para ser tocado, a última coisa que pensei foi em fazer o restante das minhas tarefas. Tirei o instrumento do *case* preto que ganhei do meu pai, sentei-me na cama, encostei o instrumento no queixo e segurei o arco em uma das mãos. Não pensei antes no que deveria tocar, só deixei que as notas fluíssem naturalmente e, quando percebi, estava tocando *Beethoven's 5 Secrets*, tão empolgada na melodia que poderia ficar ali por muito tempo, sem me importar com nada fora daquela bolha. Se pudesse, ficaria mais tempo tocando. Meu sonho era estudar música na Juilliard School. Porém, com as condições financeiras dos meus pais, só seria possível se eu conseguisse uma bolsa, o que não era tão fácil, mas eu pretendia tentar.

Parei de tocar quando meu celular chamou ao meu lado; se não tivesse visto as luzes se acenderem, não teria notado, mas estava trocando de música quando olhei na direção do aparelho, e um número desconhecido brilhava na tela.

— Alô? — atendi cautelosamente.

— Oi, Cathy, é o Rick.

— Oi, Rick — respondi, deixando meu violino de lado e me deitando na cama para ouvir sua voz de maneira mais confortável.

— Desculpe ligar a essa hora, espero não ter acordado você.

— Não se preocupe, não estava dormindo. Estava tocando violino, na verdade.

— O que estava tocando?

— *Beethoven's 5 Secrets* — respondi, mordendo o lábio, indecisa sobre se deveria ter contado.

— Você gosta mesmo de músicas clássicas?

— Sou apaixonada por elas.

— Eu também gosto, mas não fico preso somente a um estilo. Se fosse assim, nunca estaria numa banda de rock.

— Gostei de ver você tocar no bar a outra noite.

— Obrigado, ainda estamos começando a testar nossos limites.

— É uma ideia interessante, testar os limites. Falando nisso, como conseguiu meu número?

— Sua amiga Adeli deu ao Jack, que passou para mim. Tem algum problema?

— Não, claro que não, eu teria dado se você tivesse pedido.

— Melhor assim, odiaria ter que desligar sem fazer um convite.

— Que convite?

— Gostaria de convidar você para um passeio.

— Um passeio? Onde?

— Prefiro que saiba na hora, quero fazer uma surpresa.

— Esse passeio é tipo um encontro? — perguntei, fechando os olhos com medo de ouvir a resposta.

— Não sei se se encaixaria num encontro, mas podemos dizer que sim. Afinal vamos sair juntos para um determinado lugar.

— Que eu não sei onde é — emendei.

— Você não gosta de surpresas?

— Gostar, eu gosto, mas não sei se vou gostar da sua.

— Pode ter certeza de que vai amar.

— Sério?

— Sim, eu não ousaria decepcionar você no primeiro encontro.

— Quer dizer que temos um encontro?

— Se você aceitar, sim.

— Quando?

— Amanhã à noite.

— Não posso.

— E depois de amanhã?

— Também não.

— Está me deixando frustrado desse jeito.

— Estou de castigo durante um mês, não posso sair à noite durante esse tempo.

— Está brincando comigo?

— Não.

— Certo, então aceita sair quando terminar o castigo?

— Sim.

— Vou contar os dias.

— Eu também — respondi sem pensar muito no que estava dizendo.

— Boa noite, Cathy, nos vemos amanhã na escola.

— Boa noite — disse, encerrando a ligação. Joguei o telefone de lado, coloquei o rosto no travesseiro para abafar qualquer som e gritei, muito animada. Sabia que não deveria estar tão empolgada, mas foi inevitável e não

consegui controlar o entusiasmo que me atingiu ao confirmar que eu teria meu primeiro encontro, ainda mais com um cara tão legal quanto o Rick. Eu tinha certeza de que não ficaria nem um pouco entediada, pois tínhamos uma paixão em comum, e, mesmo se a química não rolasse entre nós, coisa que eu duvidava, já que estava caidinha por ele, poderíamos falar de música e ficaria tudo bem também.

Capítulo 8

RICK

"É você, é sempre você
Se eu vou me apaixonar,
eu sei que vai ser você
É você, é sempre você
Conheci muitas pessoas,
mas ninguém se sente como você
Então, por favor, não quebre meu coração"

It's You - Ali Gatie

Não acredito que consegui convidá-la para um encontro!, pensei, jogando-me na cama. Jamais tinha ficado tão eufórico ao convidar uma garota para sair. A Cathy era especial, e isso tornava tudo melhor.

Se eu pudesse, teria ficado no meu quarto, talvez descido para tocar no piano, que ficava na sala de estar, mas naquela noite eu tinha mais um show com os garotos da banda e não podia chegar atrasado, do contrário seria zoado a noite toda. Para a minha sorte, meu carro pegou logo na primeira tentativa, e consegui chegar ao bar do Billy no horário combinado.

— O que está rolando? — questionei ao ver o Jonas encostado no balcão de bebidas.

— Estou vendo alguém sendo fisgado — ele respondeu, rindo do Jack, que dançava uma música lenta com a Adeli.

— Acha que é sério?

— Eu não sei, mas nunca o vi tão empolgado antes. Ele costuma se afastar das garotas em que está interessado, e, se está se agarrando a essa, é porque sente que vale a pena.

— Quer dizer que o vocalista da banda foi laçado?

— Talvez — murmurou, bebendo uma Coca-Cola. Apesar de estar tocando num bar, não tínhamos idade para beber, porém, isso não impedia o Freddy e o Jack de conseguirem uma bebida ou outra, mas nunca o Jonas. Ele era certinho demais para descumprir a lei.

— Vamos tocar? — questionei assim que vi os outros integrantes se dirigindo ao palco.

— Vamos lá — emendou, deixando sua bebida de lado.

Subimos todos no palco, pegamos nossos instrumentos e começamos a aquecer. Deveríamos repassar o som antes de tocar de verdade. Porém, ali, com o público aguardando nossa música ser tocada, era impossível. Aquecemos e cantamos ao mesmo tempo para uma plateia pequena, mas bem ansiosa em participar conosco. Tocávamos quase de graça, tinha uma caixinha ao lado do palco, e os clientes costumavam depositar alguns dólares ali, mas não era grande coisa, mesmo assim eu adorava tocar no bar do Billy, e por uma única razão: a música. Não importava o que eu estivesse tocando, sempre seria uma das minhas paixões.

Ultrapassamos nosso horário combinado, cantamos e tocamos como loucos. A música fluiu, e ficamos dentro dela feito uma bolha quentinha e aconchegante, até que a outra banda chegou para nos substituir e tivemos que sair do palco, contrariados, é claro, mas não tínhamos opção. O Billy dava oportunidade para qualquer banda de garagem que quisesse tocar, e nós éramos uma delas e tínhamos que dar espaço para as outras também. Recolhemos nossos instrumentos e saímos do palco querendo ficar mais um pouquinho.

— Quando tivermos nosso primeiro show sozinhos, vamos tocar até cansar — comentou Jack quando já estávamos no lado de fora, no estacionamento.

— É isso mesmo — emendou Freddy.

— Eu concordo — disse Jonas.

— Vamos fazer acontecer — completou mais animado Bob.

— The Dangers irão arrasar! — exclamei, empolgado pela recente animação dos meus amigos.

— Gostei do nome — comentou Jack pensativo.

— Eu também — disse Bob.

— Esse será o nome da nossa banda — acrescentou Jonas.

— Acha mesmo que podemos chamar nossa banda de The Dangers? — questionei pensativo. Não era um nome ruim, talvez bem melhor do que sermos chamados de Os garotos de Jersey, mas eu ainda não estava seguro.

— Sim, nunca ouvi nenhum nome que combinasse mais com a gente. Somos um grupo estranho, mas, juntos, somos perigosos — explicou Jack, ganhando a aprovação dos outros rapazes.

E assim, sem pensar mais sobre o assunto, nós nos tornamos The Dangers, uma banda de rock de adolescentes que podia, sim, fazer sucesso um dia, ou ser mais uma entre tantas que acabaram ao longo do caminho. Isso, somente o futuro diria. No entanto, quando decidimos o nome da banda no estacionamento de um bar, logo depois da meia-noite, nossa única pretensão era continuar tocando.

Cheguei mais tarde a casa, depois de deixar o Bob e o Jonas no caminho, e ainda estava tão eufórico com o show e o nome que escolhemos para a banda que não conseguia adormecer. Revirei-me na cama de um lado para o outro, inquieto. Teria aula no dia seguinte, deveria me esforçar para dormir, mas quem disse que eu conseguia? Abri os olhos, frustrado, passei as mãos nos cabelos, bagunçando-os e pensei na Cathy e no encontro que em breve teríamos. Lembrei-me da primeira vez que a vi, da conversa que tivemos sentados na areia, sentindo a brisa leve do mar, que se misturava ao perfume dela, e eu não sabia dizer qual era o meu aroma preferido. Sem perceber, adormeci pensando na única garota que roubava meus pensamentos nos últimos dias.

Acordei atrasado e perdi boa parte das aulas da manhã. Minha mãe deve

ter saído muito cedo e decidiu que eu acordaria sozinho. Isso era o que eu teria feito se não tivesse demorado para dormir na outra noite. Sempre fui responsável e nunca precisei que meus pais ficassem me pedindo para fazer o que era responsabilidade minha. Eu era adepto à rotina e a seguia à risca. No entanto, por mais que fosse difícil reconhecer, minha rotina estava mudando, e eu ainda estava perdido e sem condições de acompanhá-la.

Corri tanto que consegui chegar para assistir às três últimas aulas antes do almoço. Quando segui para o refeitório com meus companheiros de banda, fiquei atento a qualquer sinal da Cathy, mas não precisei procurar muito, uma vez que nossos olhares se encontraram assim que peguei minha bandeja de comida. Não mencionei ao Jack onde estava indo, uma vez que meu amigo me seguia, e os outros caras vinham logo atrás. A mesa à qual a Adeli e a Cathy se sentavam seria nossa mesa preferida a partir daquele dia.

— Olá, Cathy — cumprimentei-a, sentando-me ao seu lado.

— Oi, Rick — respondeu, abrindo um sorriso lindo que deixou meu dia mais completo. Sua voz era música aos meus ouvidos.

— Contando os dias para seu castigo terminar — sussurrei bem pertinho do seu ouvido e senti seu perfume, que era exatamente como eu me lembrava.

— Tem certeza de que não vai desistir? — provocou-me, observando os outros alunos, que estavam curiosos com o que se passava na nossa mesa, já que era a primeira vez que nos sentávamos todos juntos. Eu não costumava almoçar no refeitório, sempre preferia ficar sozinho e comia debaixo de uma das árvores nos jardins da escola, porém, desde que conheci a Cathy, passei a querer ficar com ela a cada oportunidade que eu tinha.

— Quer apostar?

— O que apostaríamos?

— Um segundo encontro?

— Por que acha que eu gostaria de sair com você mais de uma vez?

— Sei lá, sou um cara simpático às vezes.

— Será que não vou me arrepender? Dois encontros confirmados assim tão cedo?

— Vou fazer valer a pena cada segundo que passar ao meu lado.

— Se está tão seguro, quem sou eu para duvidar? — respondeu sorrindo ao selar nosso acordo.

— Você não vai se arrepender — murmurei fitando seus olhos com tanta intensidade que suas bochechas ficaram rosadas no mesmo instante, mas ela não tirou os olhos de mim, e ficamos alguns minutos nos desafiando para ver quem se afastaria primeiro. No fim, os dois acabaram perdendo, porque Adeli e Jack chamaram nossa atenção, e nos desviamos para olhar os nossos amigos ao mesmo tempo.

— Você vai ao luau na praia essa noite? — perguntou Adeli se dirigindo a Cathy.

— Sabe que não posso sair de casa — respondeu envergonhada.

— Sei, mas podemos tentar. Vou à sua casa convencer seus pais.

— Não sei se é uma boa ideia — resmungou indecisa.

— Pare de bobagem, vamos apenas tentar — respondeu Adeli, e fiquei ali torcendo para que ela conseguisse arrastar a Cathy para o luau. Não era o encontro que eu imaginava, afinal estaríamos com nossos amigos, mas eu ficaria perto dela, e era isso que importava.

No final do almoço, nós nos despedimos. Enquanto a Cathy e a Adeli foram para a aula de música, eu e meus amigos tivemos que ir ao treino de basquete. Passei a tarde toda na expectativa daquele encontro, queria muito vê-la naquela noite.

Quando finalmente voltei para casa, estava exausto e faminto. Sentei-me numa banqueta na cozinha e tentei fazer um sanduíche com tudo que encontrava na geladeira. Não estava dando certo, eu era péssimo na cozinha. Se minha mãe não estivesse ali para me socorrer, teria sido um desastre.

— Deixa que eu termino — pediu, e fiquei agradecido. Finalmente eu comeria um lanche de verdade e não o desastre iminente que estava tentando preparar.

— Fique à vontade — assenti, afastando-me do balcão.

— Você conhece a aluna nova? — perguntou mamãe enquanto preparava uma salada para colocar no meu lanche.

— Que aluna nova? — respondi com uma pergunta, tentando ganhar tempo. Não sabia o que dizer a ela.

— Não se faça de espertinho, a escola toda conhece a aluna nova, o nome dela é Catherine.

— Ah, sei quem é, trocamos algumas palavras — menti para sondar o terreno.

— Ela é minha aluna e é uma das melhores. Você precisa ouvi-la tocando violino. Estou encantada com tanto talento.

— Nunca a vi tão empolgada com um aluno antes.

— É porque ela é especial, sei reconhecer um talento genuíno quando ouço, e ela com certeza é um.

— Acha que ela é melhor do que eu?

— Vocês dariam uma boa dupla — disse, colocando um delicioso sanduíche na minha frente e saiu da cozinha, deixando-me sozinho com sua frase para pensar.

Fiquei por alguns minutos olhando para o lanche sem mexer nenhum músculo. *Será que mamãe sabe que eu estou interessado na Cathy?*, pensei enquanto minha mente criava milhões de respostas coerentes para essa pergunta. Por fim, quando meu estômago roncou, desisti de pensar e devorei o sanduíche que estava esperando por mim. Subi até o meu quarto e tomei um banho rápido, pois queria ser um dos primeiros a chegar ao luau.

Estacionei meu carro bem longe da praia, teria que andar um tanto para

chegar lá e fiquei agradecido por ter mais tempo até saber se a pessoa que eu queria ver naquela noite tinha conseguido driblar seu castigo. Eu sabia que, se ela não estivesse ali, eu voltaria para casa. Deixei o calçadão iluminado e cheio de turistas para pisar na areia. Nem parecia que eu iria para um luau na praia, estava todo de preto da cabeça aos pés. Caminhei devagar, sentindo a brisa fresca do mar. Não importa quanto tempo passasse, esse cheiro sempre me lembraria dela, eu tinha certeza disso.

Sentei-me na areia e fiquei ali, observando as ondas se quebrarem nas pedras mais à frente. Essa parte do mar era bem funda e muito arriscada para banhos, ninguém entrava ali. Todavia, era linda para olhar e, diante da inquietude que eu estava no momento, era o melhor lugar para eu tentar me acalmar, talvez reconhecer que eu estava muito empolgado para encontrá-la e que talvez isso nem acontecesse. Sempre fui sensato e coerente, costumava ver lógica e probabilidade em tudo na minha vida, dava certo dessa forma. Exceto depois que conheci Cathy. Não tínhamos nada, nem sequer nos beijáramos, e eu abria um sorriso só em pensar nela, o que não fazia nenhum sentido para mim. Queria tirá-la da minha cabeça só por um dia, não ter que pensar no seu sorriso, que me impactava sempre, ou até mesmo nos seus olhos, que pareciam me olhar por dentro, algo mais íntimo e único, que somente ela podia enxergar.

— Isso não faz sentido — resmunguei contrariado, fechando os olhos com força para expulsar esses pensamentos da minha cabeça.

— O que não faz sentido? — sussurrou uma voz ao meu lado, e sorri ao sentir seu perfume misturado à brisa do mar.

— Você — respondi sem pensar, apenas deixei meus lábios dizerem o que meu coração gostaria. Não me virei na direção da voz para confirmar minhas suspeitas, nem mesmo abri meus olhos; eu sabia que era ela.

— Por que não faço sentido?

— O que disse? — rebati olhando para ela. Fitei sua face como se fosse a primeira vez, admirei seus olhos cor de chocolate, suas bochechas coradas e macias, por fim seus lábios vermelhos e me distraí.

— Perguntei por que não faço sentido — repetiu, arqueando as sobrancelhas.

— Não quis dizer isso — menti.

— Você acabou de dizer que não faço sentido.

— Eu estava pensando alto, e de repente você apareceu. Na verdade, eu quis dizer que era você aqui comigo.

— Ficou confuso, mas vou deixar passar dessa vez. Afinal tive um trabalhão para chegar até aqui.

— Pode me contar, vou adorar saber.

— Claro, começou desde que nos separamos no refeitório.

Capítulo 9

CATHY

"É quase como aquele sentimento
Que nós já nos conhecemos antes
Então me diga que você não pensa que eu sou louca
Quando eu digo que o amor chegou aqui e agora"

A Moment Like This - Kelly Clarkson

Era inacreditável como Adeli conseguia me colocar em situações constrangedoras sem ao menos me consultar primeiro. Se ela tivesse me perguntado antes se eu queria ir ao luau, teria dito que sim, mas, depois de ela planejar algo pelas minhas costas, eu estava furiosa. Também sabia que meus pais nunca permitiriam.

— Não foi uma boa ideia — resmunguei enquanto caminhava ao seu lado para a aula de música.

— O que não foi uma boa ideia? — rebateu, esquivando-se do assunto.

— Dizer ao Rick que eu iria ao luau.

— Vai negar que está querendo ficar mais tempo com ele?

— Essa não é a questão. Sei me cuidar sozinha.

— Sei que sabe, só quis dar uma mãozinha.

— Não preciso de ajuda para sair com um cara — resmunguei.

— Sei que não e me desculpe se ficou chateada. Prometo não fazer mais isso. Acontece que estava tão empolgada com o luau e queria muito você lá comigo.

— Você vai com o Jack, não vai fazer diferença se eu estiver lá ou não.

— Não é bem assim, queria que você fosse com o Rick, e eu, com o Jack. Seria perfeito!

— Por que acha isso?

— Sei que gosta dele.

— Pode ser que goste só um pouquinho — brinquei, fazendo um gesto com os dedos para descontrair o momento, e funcionou, começamos a rir no mesmo instante, pois ambas sabíamos que eu estava caidinha pelo Rick, e aquele gesto foi uma forma que encontrei de esconder o óbvio.

— Boa tarde, professora Dawson — cumprimentei a mãe do Rick assim que entrei na sala de música.

— Olá, Catherine e Adelina. Saibam que estão atrasadas, já fizemos o aquecimento.

— Desculpe, professora, demorei mais do que devia no refeitório e cheguei atrasada, isso não vai mais se repetir — expliquei preocupada. Não queria problemas, ainda mais com a Loretta.

— Vou deixar passar dessa vez, mas não se acostume — respondeu com um semblante sério.

— Okay — assenti, encaminhando-me para o meu lugar na sala, enquanto Adeli seguia ao meu lado se segurando para não rir.

Essa era a minha aula preferida; se pudesse escolher, teria somente aulas de música o dia todo, por isso deixei as provocações da minha amiga de lado e me concentrei no meu instrumento preferido: o violino. Posicionei-o no queixo, segurei o arco com delicadeza, olhei a partitura à minha frente, embora soubesse de cor as notas que deveria tocar, fechei meus olhos, senti a brisa fresca entrando pela janela e toquei como se estivesse sozinha. Não sabia dizer desde quando começara a me perder e me encontrar na música, era bem novinha quando comecei a tocar, mas esse mergulho, esse estado de total intimidade com ela, acontecera havia pouco tempo. Eu estava tocando

com tamanha dedicação que simplesmente me conectei com a música de uma forma tão sublime que sentia que meu corpo era parte do instrumento que eu tocava. A conexão só aumentou, toquei como se minha vida dependesse disso, como se fosse meu alimento, minha fonte de vida; não saberia fazer de outra forma.

Por isso, quando abri meus olhos, todos os outros alunos tinham partido, restava somente minha professora me olhando com um semblante deslumbrado que eu desconhecia totalmente.

— Desculpe, eu me desliguei por um momento — pedi sem jeito, deixando o violino no canto da sala e me abaixando para pegar minha mochila.

— Não precisa pedir desculpas, você se conectou com a sua música. Poucas pessoas podem fazer isso.

— Sério?

— Sim, vai me dizer que não sabia?

— Não, achei que todos os músicos podiam fazer isso — disse insegura.

— Somente os melhores, querida — respondeu abrindo um sorriso que me lembrou o Rick no mesmo instante. Fiquei surpresa com como eram parecidos.

— Quer dizer que estou no caminho certo?

— Claro que está — assentiu.

— Preciso ir, não quero me atrasar para a próxima aula.

— Tudo bem, nos vemos semana que vem.

— Claro — respondi quando já estava na porta. Fiquei no corredor, um pouco atordoada, sem saber o que fazer até que ouvi meu nome ser chamado e girei na direção do som.

— Por que me deixou sozinha na aula de música? — questionei ao ver

Adeli esperando por mim no corredor.

— Você estava tão concentrada que achei melhor não interromper, além disso tínhamos um tempinho até a aula de educação física.

— Não me deixe sozinha com a professora Dawson novamente.

— Por quê? Achei que gostasse dela.

— E gosto, mas fico pensando no Rick toda vez que olho para ela e tenho medo de dizer alguma bobagem.

— Que estranho, pensei que não estivesse tão empolgada assim em relação a ele.

— Eu menti, tá legal? Satisfeita?

— Só um pouquinho — disse, repetindo o gesto que fiz mais cedo, e ambas caímos na risada mais uma vez. De um jeito meio torto, Adeli estava tentando me dizer que eu não podia mais fingir que não tinha nada acontecendo entre mim e o Rick.

Respirei resignada quando ela me deixou na frente de casa àquela tarde. Ofereceu-se para conversar com meus pais, implorar um dia livre do castigo, até mesmo mentir que eu dormiria na casa dela naquela noite e eu ficaria o tempo todo no quarto dela fazendo nossas tarefas da escola. Porém, não aceitei suas sugestões. Eu precisava fazer isso sozinha, além disso me recusava a mentir para os meus pais.

— Até mais tarde — disse assim que deixei o carro.

— Vou te esperar na praia, não posso vir te buscar, já que vou pegar o Jack, e vamos a outro lugar antes do luau.

— Eu entendo, fique tranquila.

— Pode pedir para o Rick vir te buscar — sugeriu empolgada.

— Se eu conseguir permissão dos meus pais para ir ao luau, uma carona será o meu menor problema.

— Entendi, até mais — disse antes de se afastar.

Permaneci ali sem saber o que dizer aos meus pais para convencê-los a sair do castigo e poder ir ao luau. Nunca tivera essa necessidade antes e não sabia como ignorá-la. Minha única alternativa era dizer a verdade e torcer para que eles entendessem.

Entrei pela porta da cozinha, deixei minha bolsa na cadeira e fui até a pia lavar as mãos.

— Olá, querida, chegou tarde hoje — comentou minha mãe, tirando alguns legumes da geladeira.

— Tive aula de educação física — murmurei pensativa.

— Ah! — exclamou, provavelmente se lembrando dos meus horários e dos dias que eu chegava mais tarde em casa.

— Quer ajuda? — inquiri mesmo sabendo que aquilo fazia parte do castigo.

— Sempre — concordou com um sorriso. Mamãe estava feliz, e esse era um bom sinal.

— O papai ainda não chegou? — perguntei descascando uma cenoura que ela me entregou.

— Não, ele tem muito trabalho no escritório e vai ficar até mais tarde.

— Vamos jantar sozinhas? — questionei desanimada.

— Sim, por que a pergunta? — indagou, percebendo meu semblante mudar. Ela me conhecia tão bem, não duvidaria se soubesse que eu estava tentando pedir para me deixarem sair naquela noite.

— Nada não, estava somente curiosa.

— Sei — disse, investigando meu rosto em busca de respostas para as perguntas que com certeza ela já tinha.

Terminamos de preparar o jantar conversando sobre música. Dona Tânia era minha principal incentivadora. E, quando o empadão de legumes estava no forno, corri para o banho antes do jantar. No entanto, dessa vez demorei mais do que normalmente, passei alguns minutos imersa na banheira. Quando saí, coloquei um short jeans e a minha blusinha preferida. Ela era branca e deixava um dos meus ombros à mostra. Sequei meus cabelos, deixando as ondas mais evidentes e desci para o jantar.

— Está bonita — comentou mamãe enquanto estávamos sentadas à mesa comendo a salada com uma generosa fatia de empadão.

— Na verdade, eu pensei que poderia me deixar... — tentei dizer, remexendo minha comida, nervosa, mas as palavras certas pareciam não sair dos meus lábios.

— O quê, querida? — perguntou, parando de comer para prestar mais atenção ao meu pedido, e isso me deixou ainda mais nervosa.

— E-eu que-queria... — gaguejei, tentando reformular minha pergunta.

— Você quer ir ao luau essa noite com a Adeli e seus amigos da escola?

— Como sabe?

— A mãe da Adeli me ligou enquanto você estava tomando banho e pediu minha permissão. Disse que é uma festa importante para os alunos.

— E você concordou? — questionei apreensiva.

— Disse que falaria com você e faço questão de levá-la a essa festa e ir buscá-la.

— Então quer dizer que concorda?

— Sim, você precisa de amigos, não podemos criá-la numa bolha. Não temos amigos, mas nada impede que você tenha.

— Obrigada, mãe! — exclamei, levantando-me para abraçá-la.

— Não esquece que vou levar você e buscar quando for a hora.

— Tudo bem — assenti ainda com os braços em volta do seu pescoço.

— Pronta para ir?

— Não, preciso dar um jeito no meu rosto e escovar os dentes.

— Certo, vou colocar os pratos na lava-louça e te espero no carro.

— Combinado.

Não demorei mais do que alguns minutos no meu quarto, estava tão empolgada que não podia esperar mais para enfim chegar ao luau. Nem acreditava que a Adeli tinha se metido mais uma vez na minha vida, porém, dessa vez não estava nem um pouco magoada com ela, uma vez que, sem sua ajuda, provavelmente eu não estaria no carro da minha mãe indo à praia naquele momento.

— Venho te buscar à meia-noite — disse minha mãe olhando para o relógio assim que estacionou no calçadão em frente à praia. Ao longe, eu podia avistar a fogueira e os jovens em volta dela.

— Estarei aqui — confirmei sorrindo antes de deixar o carro e correr na direção deles.

Parei a alguns metros de distância, observando o Jack correndo atrás da Adeli na areia, as risadas e os murmurinhos das outras meninas que admiravam a cena de longe, o Jonas e o Freddy sentados em volta da fogueira tocando violão, enquanto o Bob estava beijando uma garota num canto mais afastado.

— Não sabia que viria — comentou Thomas, surpreendendo-me ao aparecer de repente ao meu lado.

— Consegui um indulto — brinquei.

— Espero que você aproveite, mas desconfio que quem esteja procurando não está por aqui — disse, apontando para um lugar na areia mais afastado do grupo reunido para o luau.

— Como sabe? — perguntei curiosa.

— Eu só sei, vai.

Queria insistir na pergunta, mas sabia que ele não me diria, não naquele momento. Além disso, não ficaria por muito tempo, logo mamãe voltaria para me buscar, e eu não queria partir sem conversar com o Rick mais uma vez. Sendo assim, caminhei na direção que o Thomas sinalizou. No início achei até que ele estava enganado, pois não avistei ninguém. Estava quase desistindo e voltando para meus amigos, quando vi o Rick sentado na areia observando as ondas quebrarem na costa.

— Isso não faz sentido — murmurou em voz alta, sem se dar conta da minha presença atrás dele.

— O que não faz sentido? — indaguei, sentando-me ao seu lado.

— Você — sussurrou como se assoprasse a verdade nos meus ouvidos.

— Por que não faço sentido? — questionei preocupada.

— O que disse? — repetiu, talvez percebendo o quanto sua fala foi confusa.

— Perguntei por que não faço sentido.

— Não quis dizer isso — murmurou, mas eu sabia que estava mentindo.

— Você acabou de dizer que não faço sentido.

— Eu estava pensando alto, e de repente você apareceu. Na verdade, quis dizer que era você aqui comigo.

— Ficou confuso, mas vou deixar passar dessa vez. Afinal tive um trabalhão para chegar até aqui.

— Pode me contar, vou adorar saber.

— Claro, começou desde que nos separamos no refeitório. — Respirei fundo e comecei a contar tudo que fiz até a minha mãe me deixar no calçadão da praia.

— Obrigado.

— Por quê?

— Por se esforçar tanto para vir aqui essa noite.

— Eu também queria vir.

— Por quê?

— Quer mesmo saber?

— Claro, senão não perguntaria.

— Eu queria ver você — confessei, sentindo a minha pele formigar, pois sabia que não podia mais voltar atrás.

— Eu também queria ver você — disse, concentrando toda a sua atenção nos meus lábios. Minhas bochechas esquentaram, mesmo estando tão longe da fogueira. Senti quando sua mão acariciou meu queixo e descansou na minha nuca, puxando-me para mais perto. Ficamos tão próximos que eu podia sentir sua respiração e imaginar o gosto dos seus lábios. Permanecemos assim por alguns segundos, tentando nos conectar como fazíamos com a música, até que o desejo de unir nossas bocas foi maior do que a conexão que tentávamos forjar e nos beijamos. Não era o meu primeiro beijo, eu já havia beijado outros meninos antes, mas era nada parecido com o que eu estava sentindo no momento.

Suguei seus lábios com entusiasmo e paixão, absorvi seu gosto único como se fizesse parte de mim. Eu gemi, mordisquei sua boca com prazer e medo de que não sentisse mais aquela sensação única que só acontecia quando eu tocava violino, e foi ali, sentada na areia sob o luar, beijando o Rick, que descobri que ele era a minha música.

Capítulo 10

RICK

“Eu sabia que te amava
Mas você nunca soube
Porque eu fingi estar tranquilo quando eu
Estava com medo de deixar pra lá
Eu sabia que eu precisava de você”

Say you Won't Let Go - James Arthur

Sabe quando você deseja muito uma coisa e tem medo de se decepcionar quando conseguir? Não era assim que eu me sentia enquanto beijava a Cathy, na verdade, era bem o oposto. Todas as minhas expectativas foram ultrapassadas, eu estava arruinado para qualquer garota depois dela, isso depois de apenas um beijo. Muito clichê e irônico, não é mesmo? Talvez até difícil de compreender.

Deitei-me na minha cama já de madrugada, coloquei as mãos atrás da cabeça e fiquei pensando na noite maravilhosa que tivéramos juntos. Teve mais beijos, é claro, não sou de ferro, e aproveitei cada segundo que passei ao lado dela. Seu gosto ainda permanecia nos meus lábios, e seu perfume peculiar estava impregnado na minha pele, na minha roupa. Ela sabia deixar um cara amarrado.

Fechei os olhos e me lembrei do seu corpo quente embaixo do meu enquanto eu a beijava sem parar, as ondas batendo nas rochas e as estrelas como nossas testemunhas. Poderia demorar o tempo que fosse, eu jamais esqueceria quando tudo começou.

Adormeci pensando nela e olhando o céu estrelado no teto do meu quarto, que passou a ter um significado novo para mim, pois sempre me lembraria de Cathy.

Despertei quando meu celular começou a tocar. Atendi sem olhar o número e ainda meio grogue de sono, pois dormira bem tarde na noite anterior.

— Será que a bela adormecida pode tirar essa bunda da cama e vir para o ensaio? — disse o Jack assim que encostei o telefone na orelha.

— Hoje tem ensaio? — questionei, tentando me lembrar de que dia era, mas nada veio a minha memória.

— Claro, como todos os outros sábados antes desse. Não me faça perder a paciência com você, se arraste dessa cama e venha logo para cá.

— Já estou indo — murmurei, dando um salto da cama e seguindo para o banheiro. Parei na frente do espelho e sorri ao olhar uma marca roxa no meu pescoço e me lembrar da noite passada. Estava explicado por que eu tinha me esquecido dos ensaios da banda.

Desci as escadas até a cozinha o mais rápido que pude e peguei uma maçã na fruteira, pois não teria tempo para um café da manhã decente.

— Tome cuidado — pediu minha mãe assim que saí pela porta da cozinha.

— Pode deixar! — gritei antes de entrar no meu carro e dar partida.

Liguei o som no volume máximo, e *Don't Stop me Now* tocava. Não consegui evitar cantar junto a Freddy Mercury.

Tonight, I'm gonna have myself a real good time

I feel alive

And the world, I'll turn it inside out, yeah!

I'm floating around in ecstasy

So don't stop me now

Don't stop me

(Esta noite eu vou me divertir de verdade

Eu me sinto vivo

E o mundo, eu vou virá-lo do avesso, sim!

Estou flutuando por aí em êxtase

Então não me pare agora

Não me pare)

Repeti a canção mais uma vez antes de enfim chegar à casa do Jack. Estava tão empolgado que saí do carro com um imenso sorriso e ainda murmurando o refrão da música.

— Fico feliz que tenha lembrado que existimos — disse Jonas assim que me viu entrar na garagem do Jack. Era um lugar pequeno e apertado, mas o único local que tínhamos para ensaiar. Ester, mãe dele, era enfermeira e trabalhava o dia todo sem descanso, enquanto seu pai deu no pé quando ele ainda era um garotinho. Enfim era o único lugar em que tínhamos privacidade.

— Não reclame, eu podia ter continuado na minha cama — ironizei, entrando na provocação.

— O Rick que conheço não faria isso — emendou, fitando-me com atenção.

— Não posso mudar? — questionei dando de ombros e seguindo para o meu teclado, que estava ao lado da bateria do Freddy.

— Você mudando? Difícil de acreditar.

— Todos podem mudar, Jonas.

— Não você.

— Quem não pode mudar? — questionou Bob aparecendo na garagem ao lado do Jack e do Freddy, ambos segurando um refrigerante.

— O Rick — respondeu Jonas enquanto dedilhava as cordas da sua guitarra.

— Quem disse que o Rick mudou? — perguntou Jack estreitando os olhos na minha direção enquanto tomava um gole da bebida.

— Ele chegou atrasado, e não é a primeira vez desde que conheceu aquela garota nova da escola.

— Isso se chama inveja, Jonas, e não pensei que você seria esse tipo de cara — ironizou Jack dando tapinhas nas costas do primo, que ficou muito envergonhado, afinal todos ali sabiam que o Jonas não era um cara perfeito, mas com certeza o melhor de todos nós, aquele que sempre chamava a nossa atenção, mesmo tendo a mesma idade. Ele tinha uma alma velha, era a única explicação que encontrei para nunca se meter em problemas.

— Vocês ainda querem ensaiar? — perguntei, tentando desviar a atenção deles da minha vida, e funcionou como eu previa.

O Freddy foi para a sua bateria e começou a tocar *Hole in my Soul*, do Aerosmith, e a conversa foi esquecida para dar lugar à música. A primeira vez que tocamos, não ficou perfeita, erramos notas, o Jack desafinou, foi uma droga. Entretanto, estávamos acostumados a errar, por isso não paramos de tocar até que, lá pela quinta vez, o som estava mais legal, os instrumentos começaram a se entender, e tocamos e tocamos. Paramos para comer pizza no meio do caminho, mas depois continuamos. Não conseguíamos parar de tocar, estávamos unidos pela música. Na verdade, era o nosso único elo e posso dizer que era um forte laço. Quem ama música não pode esquecer a sensação de tocar junto a quem tem o mesmo amor.

Terminamos o ensaio no final da tarde. Freddy e Bob foram embora enquanto eu e Jonas ficamos jogados na sala do Jack comendo pipoca e assistindo a *Supernatural*. Eu não gostava da série, minha preferida era *The*

Big Bang Theory, mas fiquei pela pipoca e por não ter um lugar para ir, pelo menos enquanto a Cathy ainda estivesse de castigo. Peguei o celular no bolso do jeans e mandei uma mensagem para ela.

>Estou contando os dias para ver você fora desse castigo.

Não demorou muito para a tela brilhar com uma mensagem de volta.

>Não estou mais de castigo, meus pais me dispensaram.

<Está brincando comigo??

<Não.

>Quer dizer que podemos sair hoje?

<Se você me pedir...

>Está falando sério??

<Sim...

>Cathy, você quer sair comigo essa noite?

<Quero.

>Chego na sua casa em dez minutos.

<Como vou me arrumar em dez minutos?

>Você é linda, não precisa se arrumar para sair comigo.

<E se eu contar que meu cabelo está horrível, minhas roupas são simples?

>Não importa, tenho certeza de que você está linda essa noite.

<Ok, você me convenceu, venha logo.

— Estou saindo — anunciei, colocando a vasilha com pipoca no colo do Jonas.

— Aonde vai com tanta pressa? — questionou devorando a minha pipoca.

— Eu tenho um encontro — respondi animado.

— Certo, quer dizer que vou ficar sozinho — resmungou contrariado, uma vez que o Jack também estava saindo com alguém.

— Você devia deixar esse balde de pipoca e ir em busca de uma garota para você — disse Jack aparecendo na sala.

— Não quero uma garota agora, é complicação demais, prefiro ficar aqui

com a pipoca assistindo à TV.

— Vamos, Rick, já desisti do Jonas — reclamou Jack me puxando para sair da casa dele e deixou o primo sozinho esparramado no sofá. Dei uma carona para ele até a casa de Adeli e segui para o meu tão esperado encontro.

Parei na frente da casa da Cathy, desliguei o carro, olhei no espelho em busca de algo errado e franzi o cenho. Não estava preparado para aquele encontro, meus cabelos sempre arrumados estavam uma bagunça, pois, desde que descobri que iria vê-la ainda naquela noite, não parei de bagunçá-lo com meus dedos aflitos. Na maioria das vezes eu não fazia isso, mas não consegui achar um bom lugar para as minhas mãos que não fossem meus cabelos. Tentei ajeitá-los um pouco, mas estavam além de qualquer conserto. Respirei fundo e deixei para lá. Olhei na direção da casa de Cathy, e estava tudo escuro. Eu não sabia se buzinava ou se apertava a campainha, por fim decidi mandar uma mensagem.

>Estou aqui na frente.

Esperei que ela respondesse, assim eu saberia o que fazer.

>Estou indo.

Respondeu alguns minutos depois. Eu já estava impaciente com aquela espera, mas, quando olhei pela milionésima vez para a porta da frente, ela foi aberta, e Cathy saiu caminhando devagar. Nossos olhares se conectaram e só se desviaram quando saí do carro para abrir a porta para ela.

— Não precisava fazer isso.

— Eu queria, não é nenhum incômodo — garanti, fechando a porta do passageiro.

— Onde vamos? — perguntou, colocando o cinto de segurança.

— Tem algum lugar especial a que gostaria de ir? — indaguei, pensando em aonde eu a levaria. Fiquei tão animado quando ela aceitou meu convite que não pensei aonde iríamos.

— Sou nova na cidade, vou onde você me levar.

— Vai deixar por minha conta? — questionei descansando meus olhos nos seus lábios rosados e macios, cujo gosto eu conhecia tão bem. Queria beijá-la como tinha feito na outra noite, mas me contive; ainda era cedo para devorar sua boca. Sem contar que, se eu começasse por esse caminho, não sairia do carro tão cedo.

— Vou — respondeu, umedecendo os lábios com a língua, e esse gesto aparentemente inocente me fez remexer no banco, desconfortável. Aquela garota iria me matar antes de o encontro terminar.

— Então vamos — anunciei, quebrando nossa troca de olhares e ligando o carro para sair dali antes que seus lábios me fizessem ficar. Pouco depois liguei o aparelho de som do veículo.

— Você estava ouvindo Bach?

— Por que não ouviria?

— É meu músico preferido.

— Ele é um dos meus também, esse prelúdio em especial é uma perfeição.

— *O Cravo Bem Temperado*?

— Sim, conhece a história por trás dessa composição?

— Não — respondeu balançando os cabelos, e seu cheiro me invadiu no mesmo instante. Aquela brisa fresca do mar estava ali mesmo estando ainda a alguns quilômetros da orla.

— Bach não confiava em qualquer pessoa para afinar seus instrumentos,

por isso passou a desenvolver um método único em que todos os semitons da escala são uniformes e soam em conformidade. Mais tarde deu o nome a esse método de "bem temperado". Sem pretensão nenhuma, Bach descobriu um padrão de afinação que é usado até hoje. Sem contar que foi a partir desse método que ele compôs a obra de todas as obras. *O Cravo Bem Temperado* foi uma obra dedicada pelo compositor aos intérpretes e aos jovens aspirantes da música, tem um caráter didático, em que Bach esgota as possibilidades do sistema tonal, passando por todas as tonalidades maiores e menores existentes no sistema ocidental, acendendo efeitos estéticos e harmônicos que serviram como grande influência para o posterior romantismo.

— Você conhece tudo de música mesmo, mas devo confessar que sabia como Bach compôs *O Cravo Bem Temperado* — disse saindo do carro assim que parei em frente ao calçadão que permeava uma das praias mais famosas da cidade.

— Sou filho de uma professora de música, é natural saber a origem de algumas composições mais famosas. Quanto a você me enganar, não estou satisfeito — expliquei, dando a volta no Camaro para ficar de frente para ela. Coloquei meus braços ao redor da sua cintura e a puxei para mais perto, e ela veio naturalmente, como se fosse certo pertencer aos meus braços. Assim tão perto, não consegui resistir. Acariciei seus lábios macios com meu dedo indicador, entreabrindo-os para mim, respirei fundo, tomando o máximo de fôlego que conseguia, exatamente como se estivesse me preparando para mergulhar. Abaixei-me para ficar mais perto dos seus lábios, encostei minha testa na dela, beijei a ponta do seu nariz e depois desci devagar beijando cada pedacinho da sua face até enfim degustar sua boca com desejo, com empolgação e saboreando cada momento como se fosse o único, pois não podia perder nenhum segundo ao lado daquela garota que me fazia flutuar e continuar ouvindo Bach mesmo depois que o rádio do carro já tinha sido desligado.

Capítulo 11

CATHY

"É como uma obra de arte
Que nunca chega a ver a luz
Te deixa sob as estrelas
Não vai deixar você tocar o céu"

Who Says - Selena Gomez

Meu corpo estava preso entre a porta do carro e o corpo do Rick. Eu não tinha para onde ir, mas, para dizer a verdade, aconchegada em seus braços, não tinha vontade mesmo de sair daquele aperto. Suspirei quando o beijo terminou e lambi os lábios, que ainda tinham seu gosto, tentando conter o desejo de lhe dar mais um beijo, depois mais outro. Eu sentia que nunca me cansaria de beijá-lo.

— Vamos conhecer o farol — anunciou ele, sorrindo ao segurar na minha mão e me puxar em direção à praia.

— Tem certeza de que podemos entrar aqui? — indaguei insegura, olhando as pessoas em volta observando o farol, mas nenhuma delas se atrevera a subir os inúmeros degraus até o topo.

— Tenho um amigo que é amigo do zelador do farol, por isso sei que a chave para entrar está escondida entre os vãos dos tijolos — explicou, tateando em volta da porta em busca de uma possível chave. — Aqui — anunciou, mostrando uma chave antiga nas mãos. — Você vem? — perguntou assim que abriu a porta e acendeu as luzes, que imediatamente iluminaram os degraus da escada.

— Quantos degraus? — perguntei por curiosidade mesmo, uma vez que já tinha aceitado sua oferta e me encontrava alguns degraus acima.

— 228.

— Tem certeza?

— Claro, contei cada um deles nas outras vezes que subi aqui.

— Então quer dizer que já veio aqui antes?

— Sim, esse é o meu lugar preferido, costumava vir aqui quando era criança.

— Quer dizer que o amigo do amigo que mencionou antes também deixava garotinhos desacompanhados subirem os 228 degraus desse farol?

— Não é bem assim... Na verdade, o amigo do amigo não existe, só contei essa história para parecer mais ousado, o cara que tem amigos foda e que invade propriedades, mas sou certinho demais para isso — comentou piscando um olho, divertido.

— Imaginei, mas não se preocupe em ser ousado na minha frente, não costumo gostar dos garotos ousados, na verdade eu prefiro os tímidos e nerds como você.

— Quem disse que sou nerd?

— Ninguém, foi só um palpite, mas não fuja do assunto. Como vinha aqui tão pequeno e sozinho?

— Meu avô é o zelador do Absecon Lighthouse, o farol mais alto de Nova Jersey. Passei minha infância toda nesse farol, conheço cada pedacinho dele e comecei a gostar de astronomia depois de observar as estrelas aqui — disse, apontando para um céu limpo e cheio de estrelas no momento exato em que chegamos ao topo.

Encostei-me a uma das grades e fechei meus olhos. Podia não parecer, mas eu tinha medo de altura. Mesmo assim, sempre que tinha oportunidade, fazia questão de me desafiar, e dessa vez não foi diferente. Deixei que as sensações únicas absorvessem meus sentidos, abri meus braços e inclinei meu corpo para frente em busca de algo que não sabia exatamente o que era, mas

que me fazia ansiar por esse momento. Senti a brisa do mar me atingir, assim como respingos das ondas que quebravam nas pedras que havia abaixo do farol. Parecia que meus sentidos tinham sidos ampliados naquele lugar. Meus cabelos ficaram esvoaçantes por causa do vento, mas o que mais me deixou sem chão foram as mãos do Rick na minha cintura me puxando para apoiar minhas costas no seu peito. Ainda de olhos fechados, escutei o suspiro de prazer que ele deu assim que estávamos colados um no outro.

— Esse acaba de ser o meu lugar preferido no mundo — murmurei abrindo os olhos.

— Você também se apaixonou pelo farol? — perguntou apoiando o queixo no topo da minha cabeça.

— Sim — afirmei, sem coragem de dizer que eu estava apaixonada por ele e não pela construção. Era muito cedo, eu sabia disso e não queria assustá-lo com algo tão profundo quando estávamos ainda nos conhecendo. Porém, lá no fundo eu sabia que "ele" era o meu lugar preferido no mundo, e bastou passar alguns momentos ao seu lado para eu descobrir isso.

Ficamos ali abraçados observando as estrelas, esperando que essa bolha na qual estávamos nunca se dissipasse. Sabe aqueles momentos inesquecíveis? Com certeza estar no farol numa noite estrelada com o Rick segurando minha cintura era um deles.

— Dá para ver a Constelação de Órion daqui — ele disse erguendo meu braço e apontando para as estrelas mais brilhantes no céu.

— Como sabe que é ela? — indaguei franzindo o cenho.

— Órion é uma das constelações mais visíveis, pode ser vista nos dois hemisférios. Além disso, sua estrela mais brilhante é Rigel. Ela está a cerca de 773 anos-luz da Terra, e seu brilho é 40.000 vezes maior do que o Sol e emite 100.000 vezes a energia produzida por ele.

— Uau, você com certeza conhece as estrelas!

— Um pouco. Você conhece a lenda grega que deu origem a essa constelação?

— Não — respondi sem desviar meu olhar das luzes piscantes.

— Bem, há duas variantes. Na mitologia grega, Órion era um caçador gigante que foi colocado nas estrelas por Zeus após sua morte. Segundo o mito, ele era filho de Poseidon, o deus grego do mar, de quem ele herdou a habilidade de andar na água. Após atravessar o mar até a ilha de Chios, onde atacou a filha do governante da ilha, Órion foi cegado como punição. Porém, depois foi curado por Hélios, a personificação grega do Sol. Órion tornou-se arrogante por suas grandes habilidades de caça e prometeu matar todas as criaturas do planeta. A deusa da Terra, Gaia, respondeu enviando um escorpião gigante para destruí-lo. Na batalha que se seguiu, Órion foi morto, e tanto ele como o escorpião foram colocados entre as estrelas.

Estava impressionada com o quanto ele sabia, mas me surpreendi ainda mais quando Rick continuou:

— A segunda variante do mito diz que Órion, que havia conhecido e se apaixonado por Mérope, filha de Eunápio, rei de Quios, pediu-a em casamento, mas o pai impôs uma condição para que o pedido fosse aceito: que o gigante livrasse a ilha das feras. Órion conseguiu realizar o pedido feito, mas Eunápio não cumpriu com sua promessa e negou sua filha a Órion. Esse, injuriado, embebedou-se, entrou no quarto de Mérope e a violentou. Eunápio, furioso, embebedou Órion e furou seus olhos. Cego, foi guiado pelos ruídos da forja de Hefesto, conseguindo encontrar o deus, que o orientou a ir até a morada do Sol. Ao chegar à morada, Órion restabeleceu a visão ao entrar em contato com os raios solares e passou a viver como caçador, em companhia de Ártemis, a deusa da caça, de quem Órion se tornou o favorito. Viviam juntos, o que causou o ciúme de Apolo. Esse ordenou que um escorpião atacasse Órion para matá-lo. O gigante, percebendo que não conseguiria derrotar o animal, fugiu pelo mar. Apolo, sabendo da fuga, criou uma artimanha: chamou sua irmã Ártemis e a desafiou a acertar o ponto negro que se deslocava pelas águas. Ártemis, não sabendo que se tratava de Órion, acertou a cabeça do gigante com um dardo, matando-o. Ao perceber que era seu querido Órion, Ártemis o colocou entre as estrelas, junto a seu cão, Sirius. Órion se tornou uma constelação, aparecendo com seu cinto, uma espada, a pele de um leão e uma clava. Sirius, seu cão,

também o acompanha no céu.

— Você acredita mesmo nessa história?

— Acredito no porquê deram o nome de Órion à constelação. As estrelas formam um guerreiro com seu escudo.

— Não consigo ver um guerreiro em meio a tantas estrelas.

— Você precisa se esforçar mais — sussurrou no meu ouvido, segurando meu braço novamente e contornando as estrelas que formavam a constelação para desenhar um guerreiro imaginário.

— Acho que agora consigo imaginar um guerreiro aí — emendei, suspirando depois de sentir seu perfume tão perto.

Ficamos ainda alguns minutos tentando achar o escorpião que teria ido para a constelação junto a Órion e depois descemos as escadas correndo e rindo das provocações que fazíamos um ao outro. Eu ainda não sabia como, mas tínhamos encontrado uma afinidade entre nós que eu nunca havia tido com ninguém mais, era algo natural, nem precisávamos de qualquer esforço, só estava ali, invisível como o ar que respiramos e tão necessário quanto.

Voltamos ao calçadão de mãos dadas. Ele não pediu para segurar a minha mão, nem me dei conta de quando exatamente elas começaram a se entrelaçar, o importante é que gostei de andar assim.

No caminho paramos para experimentar o famoso caramelo salgado, produto típico de Atlantic City havia mais de 100 anos.

Quando chegamos em frente ao Steel Pier Amusement Park, esperei na entrada enquanto Rick comprava nossos ingressos. Fiquei admirando as luzes coloridas da roda-gigante, encantada. Amava parques de diversão, e, pelo sorriso estampado na face do Rick quando voltou abanando os ingressos, parecia que ele também sentia o mesmo que eu.

Entramos e, apesar de o parque estar lotado de turistas, conseguimos nos divertir em alguns dos brinquedos, mas eu ainda não tinha conseguido ir ao meu favorito, a roda-gigante. A fila estava imensa, e quase desisti, mas Rick

não, e ficamos esperando pacientemente na fila até que chegou a nossa vez. Não importava quantas vezes eu tivesse andado numa roda-gigante, todas eram únicas, eu sentia o mesmo frio na barriga, a mesma ansiedade, o medo de cair que fazia meus pés grudarem no chão quando era a minha vez de me sentar nas cadeiras posicionadas à minha frente. Eu tinha medo de altura, talvez por isso gostava tanto da roda-gigante, pois ela me possibilitava enfrentar meus medos e encarar desafios. Meu espírito aventureiro aplaudia de pé a ousadia.

Rick pareceu perceber minha ansiedade depois que fiquei alguns segundos parada na frente do aparelho sem entrar. Ele franziu o cenho e fitou meu rosto em busca do que fazer a seguir, depois sorriu para mim. Seu sorriso foi tão genuíno que não pude não sorrir de volta, e, sem perceber, aquela atmosfera tensa que me envolveu quando eu deveria me sentar no banco se dissipou, e ele segurou minha mão, levando-me para dentro. Ajudou-me com o cinto de segurança e continuou segurando minha mão com uma firmeza que me deixou segura. Sem dizer nenhuma palavra, ele me comunicava que estava ali por mim e que eu não precisava ter medo.

Esperei pacientemente ao seu lado enquanto as outras pessoas entravam no brinquedo e esfreguei minhas mãos nervosas uma na outra quando o monitor acionou o botão que girava a roda-gigante.

— Você quer descer? — questionou Rick preocupado.

— Não, eu só fico nervosa no começo, depois vai melhorando — murmurei, aprisionando meu lábio inferior sob meus dentes a fim de diminuir o medo, pois já estávamos a uma altura considerável.

— Certo — emendou, abraçando-me, e o conforto que senti foi imediato. Minhas pernas pararam de tremer, e fiquei feliz nos seus braços, até que o brinquedo decidiu parar de repente, sem qualquer aviso, bem quando estávamos no ponto mais alto.

— O que aconteceu? — perguntei com a voz trêmula, sem coragem de olhar para baixo.

— Um pedido de casamento nas alturas — respondeu Rick apontando

para o casal sentado à nossa frente.

O homem tirou o cinto de segurança, ajoelhou-se como podia naquele compartimento minúsculo e tirou algo do bolso, enquanto a mulher estava visivelmente emocionada.

— Como sabia que era um pedido de casamento?

— Já vi outros nessa mesma roda-gigante, parece ser o local ideal para fazer um pedido como esse — respondeu como se fosse algo corriqueiro e banal, mas eu sabia que não era. Mesmo com ele subestimando aquele momento, eu tinha certeza de que o Rick entendia o grande passo que aquele jovem casal estava dando. De uma forma surpreendente, éramos testemunhas, e o que isso significava, eu descobriria alguns anos depois.

Desci da roda-gigante leve como uma bruma. Não nos beijamos no topo do brinquedo, como eu imaginava que aconteceria, o pedido de casamento nos distraiu e deixou o clima entre nós mais ameno e tranquilo. Pelo menos até o Rick estacionar em frente à minha casa no horário combinado com meus pais, nem um minuto a mais, nem um a menos.

— Chegamos — anunciou desligando o motor, e ficamos em silêncio dentro do carro por alguns minutos, sem saber o que dizer.

— Acho que vou indo — murmurei indecisa, quebrando o silêncio. Porém, não consegui descer do veículo sem antes ser agarrada por Rick. Uma de suas mãos segurou meu pulso, puxando-me na sua direção, enquanto com a outra ele segurava minha nuca, antecipando o beijo avassalador que aconteceu em seguida. *Minha Nossa Senhora das Garotas Tolas que não se Preparam para um Beijo como Esse, me defenda de cometer loucuras!*, pensei enquanto ainda estava com meus lábios grudados nos dele.

Capítulo 12

RICK

"Eu encontrei um amor para mim
Querida, mergulhe de cabeça
E me siga
Bem, eu encontrei uma garota linda e doce"

Perfect - Ed Sheeran

Demorei para dormir naquela noite. Voltei para casa cantarolando uma música na minha cabeça enquanto batia os dedos cadenciados no volante como se ele fosse um instrumento musical. Eu estava feliz e não sabia expressar minha felicidade sem usar as notas musicais. Caí na minha cama depois de comer um sanduíche que minha mãe deixou na geladeira para mim e fiquei pensando em todos os lugares em que tinha estado com Cathy. As cenas passavam como se fosse um filme em minha cabeça, e não tive alternativa ao não ser relembrar cada momento como se eu estivesse o revivendo mais uma vez. Eu tinha me tornado um tolo apaixonado, aqueles cachorrinhos que não conseguem viver longe dos donos, mesmo que não exista coleira para prendê-los no lugar, porque eles sabem que têm que permanecer ali.

As semanas que se seguiram foram uma amostra do que eu teria se continuasse ao lado da Cathy e serviram para confirmar o que eu já sabia desde a primeira noite em que a vira na praia. Não passamos muito tempo juntos, as provas finais e os ensaios da banda estavam sempre ali, lembrando-nos de que tínhamos outras coisas para fazer além de ficar escondidos no almoxarifado da escola nos beijando. Estava cada vez mais difícil desgrudar minhas mãos dela. Contudo, tive que fazer isso inúmeras vezes. Ficava chateado no começo, mas não posso negar que esse gesto só aumentava a vontade que eu tinha de tocá-la.

— Rick, é a segunda vez que você erra a nota — reclamou Jonas, injuriado.

— Desculpe, estava distraído — lamentei, voltando a olhar o teclado a minha frente. Ironias à parte, eu podia tocar de olhos fechados sem errar uma nota sequer, mas, nos últimos dias, pegava-me pensando em Cathy e no pedido que eu estava prestes a fazer. Eu nem sabia mais quem eu era.

— Podemos dar um tempo, estamos ensaiando por horas. Vou buscar uns refrigerantes e já volto — anunciou Jack, afastando-se para buscar as bebidas.

— Você não tem nada mais forte do que Coca-Cola? — indagou Freddy ainda sentado no banco da bateria e com suas baquetas nas mãos.

— Nem pense em beber na minha garagem, além disso, minha mãe me mataria se eu bebesse sua cerveja — resmungou Jack parado na porta.

— Como quiser, mas eu preciso de algo mais forte para continuar esse ensaio — murmurou Freddy jogando as baquetas e saindo da garagem. Na certa ele iria fumar lá fora ou conseguir uma bebida em algum lugar. Eu não sabia como, mas ele sempre conseguia. Freddy era o mais parecido com um roqueiro que tínhamos na banda, bem como o mais velho. Talvez o fato de morar sozinho e não depender dos pais para nada lhe dava uma certa independência que ainda estávamos bem longe de conseguir.

— Desculpe pela bronca, mas nunca vi você errar uma nota antes. O que aconteceu? — questionou Jonas ao se aproximar de mim. Eu ainda estava distraído, concentrando minha atenção nas teclas do teclado, mas minha cabeça estava bem longe dali. Todavia, ainda consegui ouvir a pergunta do meu colega de banda, só precisei de um tempo absurdo para respondê-la.

— Não se preocupe com isso, estava mesmo pisando na bola.

— Essa distração tem nome por acaso? — questionou já prevendo a minha resposta, pois eu passara as últimas semanas desfilando nos corredores da escola de mãos dadas com a Cathy. Só um bobo não saberia que estávamos juntos.

— Vou pedir a Cathy em namoro — murmurei, sem coragem de encarar

meu amigo.

— Que legal, parabéns! Vocês são perfeitos juntos — felicitou-me, dando tapinhas no meu ombro.

— Sei disso, mas não sei se é o melhor momento.

— Por que não? Tem medo de ela não aceitar?

— Não é isso, quer dizer, um pouco, mas o principal motivo é que nunca fiz isso antes e estou nervoso, não sei como pedir.

— Vocês estão juntos há semanas, achei que já tinha feito o pedido.

— Ainda não, nunca é o melhor momento. Quero que seja especial, mas a oportunidade nunca aparece. Não quero fazer algo planejado, mesmo que tenha planejado esse momento tantas vezes, mas ela não precisa saber. Quero que seja natural, como se estivéssemos juntos e de repente eu olhasse para ela e a pedisse em namoro.

— Acho que está colocando muita pressão para que se torne natural. Se quer que seja assim, pare de se preocupar e apenas diga o que seu coração mandar quando sentir vontade, sem cobranças, sem planejamento, deixe acontecer.

— Acho que tem razão, vou tentar seguir o seu conselho — concordei no momento exato em que Jack retornava com os refrigerantes e Freddy aparecia de volta na garagem.

Sentamo-nos no chão, pegamos nossas bebidas e falamos de música. Pela primeira vez no dia eu estava realmente ali, presente e atento às conversas dos meus amigos. Discutimos as próximas músicas que tocaríamos e depois voltamos ao ensaio. Conforme tocávamos, percebi que não podia mais ficar distraído, aquela banda precisava de mim, e tocar era bem mais do que um hobby para todos nós, tocávamos para fugir ou enfrentar nossos problemas, cada um a sua maneira, mas no final, quando a música parava, tínhamos algo em comum: não conseguiríamos viver sem ela.

Acordei atrasado no dia seguinte e perdi as duas aulas que faria com

Cathy, por isso tive que esperar até a hora do almoço para vê-la. Todavia, tive uma grande surpresa ao entrar no refeitório ao lado do Bob e do Jonas e não encontrar a minha garota sentada à mesa com seus amigos.

— Onde está a Cathy? — perguntei a Adeli, que estava sentada junto ao Jack.

— Você não sabe? — indagou, franzindo o cenho confusa.

— Não — respondi irritado.

— Bom, se não sabe, talvez ela não queira ver você hoje — respondeu com ironia, talvez pelo tom grosso com que falei com ela.

— Pare de me enrolar e diga logo onde está a Cathy!

— Não vou dizer — desafiou-me.

— Ela está na biblioteca, disse que precisava adiantar um trabalho e pediu para a Adeli avisar você, mas parece que minha amiga aqui se esqueceu desse detalhe — disse Thomas, interrompendo meu martírio.

— Obrigado, cara — agradeci antes de deixar minha bandeja com o Bob e correr na direção da biblioteca. Eu literalmente corri mesmo. Tive que me desviar de um estudante logo na entrada e diminuí a velocidade assim que parei na frente da bibliotecária e recebi um olhar recriminador, pois devia ser proibido deixar os alunos correrem naquele lugar.

Respirei fundo, tentando me acalmar e passei a olhar as mesas em busca da Cathy, mas não conseguia encontrá-la em nenhuma delas, até mesmo sua mesa habitual estava ocupada por outros alunos. Estava quase desistindo quando a vi num cantinho, escondida entre as estantes. Seus pés estavam erguidos enquanto ela tentava pegar algum livro nas prateleiras mais altas, mas, a julgar por sua face franzida, ela não estava tendo êxito. Aproximei-me devagar, com receio de assustá-la, mas, quando suas costas se aconchegaram ao meu peito, seus olhos se fecharam enquanto eu seguia sua mão estendida e retirava uma edição de *O Morro dos Ventos Uivantes* da prateleira.

— Você nunca se cansa de ler esse livro?

— Por que me cansaria? — indagou, virando-se com uma expressão lasciva no olhar. Eu já conhecia todas elas, menos essa, era nova para mim. Talvez fosse a sua proximidade, ou os beijos roubados que costumávamos trocar naquele mesmo lugar, longe dos olhares atentos dos outros frequentadores da biblioteca. Cathy normalmente era tímida, não era ousada.

— Sei lá, é só um livro — disse sem pensar no assunto, mas me arrependi na mesma hora, pois percebi que a magoei.

— Não é só um livro, é o meu livro favorito da vida, e eu vou lê-lo quantas vezes quiser — respondeu, desafiando-me a dizer o contrário. Foi nesse momento que percebi que não importava o que eu pensasse do livro, se quisesse me redimir pela minha ação impensada, teria que fazer algo relacionado a ele.

— Desculpe, não queria te deixar chateada. Não menosprezo seu livro e nem qualquer coisa ligada a você — disse, puxando-a para os meus braços, e imediatamente seu perfume único me invadiu. Respirei fundo, absorvendo cada partícula que eu podia ter dela e beijei sua testa.

— Está perdoado — afirmou, afastando-se para abrir o livro.

Sentei-me ao seu lado encostado em uma das estantes. Não podíamos ficar muito tempo ali, se fôssemos pegos, teríamos problemas, por isso eu tinha que ser rápido.

— Está procurando um trecho específico? — indaguei, observando-a franzir o cenho e morder de leve o lábio inferior.

— Sim — respondeu, concentrada na leitura.

— Posso ajudar?

— Duvido que saiba o que estou procurando — respondeu, desviando os olhos das páginas amarelas pela primeira vez.

— Posso tentar?

— Se insiste... — bufou, entregando-me o livro.

— “Jamais declarei meu amor em voz alta, ainda assim, se as expressões faciais são uma linguagem, o mais simplório idiota teria adivinhado que eu estava caído por ela” — citei o primeiro trecho que encontrei ao abrir o livro.

— Esse é o exato momento em que Heathcliff se dá conta de que está apaixonado por Cathy, mas não é esse trecho que estou procurando. Continue se quiser.

— “Era uma diabinha, mas tinha os olhos mais lindos, o sorriso mais doce e os pés mais ágeis da região” — li em voz alta mais outro trecho aleatório.

— Ainda não é o certo e duvido que consiga encontrar, teria que ser um golpe de pura sorte para saber algo que estou procurando sem ao menos ter uma dica antes.

— Eu conheço você e tenho certeza de que vou encontrar — murmurei decidido, voltando a folhear o livro mais criteriosamente dessa vez, mas, antes que eu encontrasse outro trecho para declamar, fui surpreendido pela Cathy.

— “Ele jamais saberá o quanto o amo. E isso não por ser bonito, Nelly, mas porque ele é mais eu do que eu mesma. Seja qual for a matéria de que nossas almas foram feitas, a minha e a dele são iguais.” Era esse o trecho que eu procurava — murmurou baixinho ao meu lado.

— Você estragou a surpresa, eu poderia ter encontrado esse trecho. Se não me engano, é o mais famoso do livro.

— Com certeza é, mas não gosto dele por ser o mais famoso. Eu realmente consegui entender o que a Cathy quis dizer a Nelly, por isso queria encontrar o trecho para reler mais uma vez.

— Quer dizer que você está apaixonada por alguém? — questionei, tocando seu queixo com cuidado para que ela olhasse para mim.

— Não é de uma paixão que a Cathy está falando.

— Sei disso, é algo mais puro, real e primitivo. Exatamente o que sinto por você — confessei e fiquei esperando sua reação, pois dependia dela o que

eu diria a seguir.

— Não pode dizer isso se não tem certeza.

— Quem disse que não tenho?

— Ainda é muito cedo para afirmar.

— Não é não. Embora a razão diga o contrário, o coração sempre sabe a hora certa. Desde que a vi naquela noite na praia, sabia que era você a outra parte da minha alma. Cathy, você aceita ser minha namorada?

Capítulo 13

CATHY

“Posso te chamar de ‘meu’
Você é perfeito de todos os jeitos
Eu irei anunciar
Eu quero lhe contar agora
Porque de alguma forma isso está certo”

Be my Forever (Feat. Ed Sheeran) - Christina Perri

Arregalei os olhos, incerta sobre o que estávamos conversando e me levantei inquieta, segurando-me na estante de livros, uma vez que estava com as pernas bambas. Se me perguntassem se eu esperava esse pedido, claro que esperava, estávamos juntos havia semanas, mas eu nunca tinha pensado que seria assim, entre citações do meu livro preferido, muito menos dentro da biblioteca.

— Cathy, aceita me namorar? — insistiu, levantando-se depois que abri e fechei a boca tantas vezes, mas nenhum som saiu de lá, nem um mísero murmúrio, ou sequer um balançar de cabeça. Bastava um gesto simples para eu me tornar namorada do Rick, mas nem isso consegui fazer.

Olhei para os meus pés, observei cada detalhe dos All Star pretos que escolhi para ir à escola naquela manhã. Minhas mãos suavam, e não era porque eu não sabia o que responder, mas por ter tanta certeza de que eu seria, sim, a namorada dele que fiquei muda de repente, sem qualquer explicação aparente, além do meu nervosismo evidente. Minhas bochechas coraram, mas ainda assim permaneci calada.

— Cathy, eu fiz uma pergunta. Pode me responder por favor? — pediu Rick aflito ao notar que eu não conseguia olhar nos olhos dele.

— S-sim — finalmente consegui responder.

— Você aceita namorar comigo? — questionou apreensivo, observando-me com atenção em demasia.

— Sim — assenti com mais convicção e abri um sorriso a fim de mostrar que eu queria, sim, ser sua namorada.

— Tem certeza? Por um minuto fiquei em dúvida — disse, desarrumando os cabelos com as mãos inquietas.

— Claro que sim, por que não iria aceitar seu pedido se era o que eu mais queria?

— E por que ficou tão nervosa?

— Porque estamos na biblioteca, conversando sobre meu livro favorito. Acho que, se você tivesse planejado, não sairia um pedido tão perfeito.

— Quer dizer que esse nervosismo todo é algo bom? — indagou, puxando minha cintura para que ficássemos a milímetros de distância um do outro.

— Sim — assenti mais uma vez, embriagada pelo seu perfume. Assim tão perto era impossível resistir.

— A partir de agora seremos namorados? — questionou com os lábios tão perto dos meus que precisei fechar meus olhos, excitada, imaginando que estávamos prestes a descumprir as regras mais uma vez e nos agarrarmos na biblioteca, onde era proibido.

— Sim, eu sou sua namorada — sussurrei ainda de olhos fechados, mas de nada estava adiantando, uma vez que só fiz ampliar meus outros sentidos. Se eu não podia mais ver, o som da sua voz passou a ter um timbre mais sexual que fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem, sem contar o toque suave das suas mãos na minha cintura fazendo carícias debaixo da blusinha simples que eu usava, bem como seu cheiro intenso e delicioso e a memória que eu tinha do seu gosto.

Eu sabia que isso aconteceria, mas nem que eu estivesse na sala de aula durante uma explicação de cálculo conseguiria evitar que seus lábios devorassem os meus, não depois do clima cheio de desejo que se instaurou no ar após começarmos a troca de olhares e principalmente do que confidenciamos um ao outro através das citações do livro. Meu corpo estava em chamas, e só uma coisa podia amenizar todo o estrago sem que eu entrasse em combustão naquele momento, seus beijos, por isso não evitei quando ele se aproximou ainda mais, muito pelo contrário, mergulhei minha língua na sua boca e retribuí o beijo com vontade. Para piorar minha situação, entrelacei minha perna no quadril dele quando senti suas mãos nas minhas coxas, incentivando-me. Estávamos uma verdadeira bagunça, entre beijos, carícias e gemidos reprimidos.

— Não podemos continuar — lamentou Rick, interrompendo o beijo, que parecia não ter fim, pelo menos era isso que eu pensava. Nunca conseguia parar de beijá-lo, admirava muito a força de vontade do meu namorado, pois mesmo com cara de poucos amigos ele conseguia parar de me beijar.

— Sei disso — murmurei mais para tentar me convencer do que outra coisa.

— Preciso ir ao treino, você vai ficar bem sozinha aqui? — questionou arrumando os cabelos e a camiseta, que eu tinha bagunçado. Resumindo, em questão de minutos, ele estava perfeito. Se não prestassem atenção aos seus lábios inchados, nunca diriam que ele estava "dando uns pegas" na namorada atrás de uma estante de livros. Já eu era outra história, além dos lábios dolorosamente inchados, eu ainda tinha as roupas amassadas e fora de lugar. Os cabelos eram um caso à parte, não estavam somente bagunçados, mas irremediáveis. Talvez eu estivesse exagerando um pouco, mas precisei de mais alguns minutos para me recompor antes de sair do nosso esconderijo.

— Vou, sim. Pode ir, nos vemos depois.

— Você vai ao jogo essa noite?

— Claro, estarei na primeira fila — respondi, abrindo um sorriso antes de ele sair e me deixar sozinha com Heathcliff e a verdadeira Cathy.



— Eu estou namorando — anunciei pela centésima vez desde que entrei no carro da Adeli depois que as aulas acabaram.

— Sei que está empolgada, mas não precisa jogar sua felicidade na minha cara toda hora — reclamou minha amiga assim que estacionou na frente de minha casa.

— Desculpe, não quis deixar você chateada — falei, tentando consertar o estrago que tinha feito. Sabia que o tema namoro era delicado para Adeli, uma vez que ela estava havia mais tempo com o Jack, mas não parecia que ele cogitava pedi-la em namoro.

— Tudo bem, não estou — mentiu, tentando sorrir para disfarçar, mas no fundo eu sabia que tinha feito merda.

— O que acha de ficar na minha casa até a hora do jogo? — convidei, sabendo que a casa estava vazia. Meus pais tinham ido a uma festa da empresa e voltariam mais tarde.

— Não quero continuar ouvindo que você tem namorado, além disso, não tenho roupa para ir ao jogo mais tarde.

— Prometo que não vou dizer mais que tenho namo... ops, foi sem querer, mas saiba que prometo não tocar no assunto o resto do dia se você ficar aqui comigo.

— E quanto à roupa?

— Você pode escolher algo no meu closet para usar.

— Duvido que você tenha algo de que eu vá gostar.

— Agora você me ofendeu. Se esqueceu que sou uma garota de Nova Iorque? Talvez eu esteja escondendo o ouro, e você vai ficar espantada com o que posso te emprestar.

— Sério? — indagou curiosa.

— Não mentiria sobre algo tão sério — brinquei, descendo do carro, enquanto minha amiga me seguia toda animada.

Abri a porta da frente com a chave reserva que sempre trazia comigo e, conforme suspeitava, não havia nem sinal dos meus pais.

— Está com fome? — perguntei seguindo na direção da cozinha a fim de encontrar algo para comer.

— Estou — respondeu me seguindo.

— Você gosta de torta de maçã? — inquiri, tirando uma torta inteira da geladeira.

— Claro! — exclamou, admirando a sobremesa nas minhas mãos.

— Você vai amar essa torta — emendei, pegando dois pratinhos para servir o doce.

— Obrigada. Pela cara deve estar uma delícia.

— Minha mãe fez gastronomia antes de vir para os Estados Unidos.

— E por que ela não exerce a profissão aqui também?

— Porque ela não tem visto de trabalho, somente o meu pai. Sem autorização, ela não pode trabalhar.

— Sério que existe esse tipo de coisa?

— Sim, você nem imagina a burocracia que meus pais passam todo ano para ele renovar o visto de trabalho, e, se meu pai ficar desempregado, teremos que voltar para o Brasil.

— Quer dizer que, se o seu pai for mandado embora, você terá que ir com

ele, mesmo sendo americana?

— Como sabe que sou americana?

— Eu vi na sua ficha escolar no primeiro dia que chegou — respondeu, encolhendo-se na cadeira enquanto devorava uma fatia da torta.

— Não se preocupe, não vou te censurar por ler minha ficha escolar. Mas é verdade, eu nasci no Brooklyn algum tempo depois que meus pais vieram morar nos Estados Unidos. Portanto, eu poderia ficar aqui se meus pais forem deportados por qualquer motivo que seja, mas acho que eu não ficaria aqui sem eles.

— Seria uma pena, mas ainda bem que não precisamos falar de algo tão chato. Seus pais irão continuar aqui por muito tempo. Será que pode me mostrar seu closet, que já estou roendo as unhas de curiosidade?

— Tudo bem, vamos subir — convidei, deixando os pratos sujos na pia e o que sobrou da torta de volta na geladeira.

Fui a primeira a entrar no quarto e segui direto para o pequeno closet que havia ali. Abri as portas duplas com cuidado, acendi a luz, e minhas roupas ficaram em evidência. Na verdade, eu nem sabia se podia chamar aquelas roupas de minhas, pois nunca havia usado a maioria. Acho que me esqueci de mencionar que minha mãe, além de cozinhar, adorava garimpar roupas de marcas em lojas de descontos e bazares em Manhattan. Eu não sabia ao certo por que, mas ela garantia que um dia eu precisaria daquelas roupas chiques que fazia questão de comprar para mim, mas até o momento ainda estavam intactas no meu armário.

— Estou tentando entender por que você só usa jeans e camisetas, quando tem essas roupas disponíveis — comentou curiosa, passando as mãos pelas roupas coloridas e extravagantes.

— Será que é porque sou tímida e não me imaginaria usando algo assim? — disse, mostrando um vestido curto preto de lantejoulas. Parecia um globo de discoteca.

— Talvez. Não dá para ir à escola com elas, mas pode usá-las numa festa.

— Como se eu fosse convidada para festas todo dia. A última em que estive foi o luau na praia, e eu seria crucificada eternamente se aparecesse usando isso.

— Não exagere, eu usaria esse vestido.

— Sério!? Então fique com ele — disse, jogando o suposto globo de discoteca nas suas mãos.

Nem preciso dizer que foi um erro enorme ter levado a Adeli para meu closet organizado pela minha mãe, que só queria ter uma filha bem-vestida, mas que transformou meu estilo em algo que eu não era. Depois de experimentar todas as roupas que havia ali, ela enfim ficou satisfeita quando vesti um short jeans minúsculo e uma blusinha preta tomara que caia, enquanto ela preferiu ousar usando uma saia curtíssima e uma blusinha branca de um ombro só.

Quando enfim entramos no ginásio, recebemos olhares estranhos e alguns assobios conforme subíamos os degraus até nossos lugares.

— Não acredito que me convenceu a usar isso — reclamei, apontando para a roupa desconfortável. Se dependesse de mim, teria usado jeans e uma das minhas blusinhas confortáveis de sempre, nada daquela indecência que grudava na minha cintura e deixava meus seios quase saltando para fora.

— Pare de reclamar. Se não me engano, aquele ali embaixo te devorando com os olhos é o seu namorado. Aceito os agradecimentos depois — murmurou apontando para o Rick, que estava ao lado da quadra, no aquecimento com seus companheiros de time, mas não desgrudava os olhos de mim.

— Talvez você tenha razão — assenti, sentando-me ao lado da minha amiga e sentindo meu corpo aquecer ao receber os olhares dele. Não sei explicar, mas ele parecia me olhar como se eu estivesse nua.

Essa não era a primeira vez que eu assistia a um jogo de basquete. Quando se nasce na América, é quase uma obrigação ser fã do esporte, mas era a primeira vez que eu tinha um namorado entre os jogadores. Sendo

assim, não podia me considerar uma simples torcedora, era bem mais do que isso. Meus nervos estavam à flor da pele, ainda mais que o nosso time começou perdendo. Os garotos eram bons e pareciam sincronizados, mas o time da outra escola era bem mais forte, com arremessos precisos e jogadas ensaiadas, além de um jogador em particular, o número 4, que não perdia nenhuma cesta sequer.

Na metade do jogo, a lacuna na pontuação dos dois times foi diminuindo, e, quando faltava apenas alguns minutos, eles conseguiram empatar. Meu coração estava acelerado, eu queria gritar o nome do Rick, assim como a Adeli gritava o nome do Jack, mas me contive. Ele estava tão concentrado no jogo que na certa nem ouviria, mas minha amiga parecia nem se importar com esse detalhe ao quase estourar meus ouvidos com seus gritos estridentes.

Capítulo 14

RICK

"Era poderoso demais para ser parado (Ooh, sim)
Agora, meu coração parece como uma brasa
E está iluminando a escuridão"

Memories - Maroon 5

Se a música era a minha vida, jogar basquete era o meu hobby. Eu não jogava no time da escola fazia muito tempo, mas aprendi a amar o esporte e era muito bom nele. Poderia ser profissional se a Juilliard não me aceitasse no final do semestre, por isso, enquanto não sabia o que seria, continuava jogando. Por isso estava tão irritado ao errar arremessos que eu faria com os olhos fechados, mas não naquela noite, quando minha namorada tinha chegado ao ginásio usando um short minúsculo e virara o centro da atenção de todo homem presente. Parei de respirar quando ela empinou aquele traseiro redondo e começou a subir os degraus da arquibancada. Não era justo que eu tivesse deslumbrado essa parte do seu corpo ao mesmo tempo em que todos os alunos da Atlantic City High School, além dos alunos da escola adversária.

Ela estava linda, eu não podia negar. Seus cabelos caíam em ondas até o começo da cintura, e imaginei minhas mãos enroscadas neles, sentindo o seu perfume de brisa do mar. Eu estava muito encrencado naquela noite, e estaria mais ainda se não conseguisse me concentrar na partida. Perder aquele jogo nos tiraria do campeonato juvenil, por isso tínhamos que reagir a qualquer custo. Como se fosse fácil direcionar todo o desejo que eu estava sentindo de ficar com a Cathy e jogar com garra...

— Mais um tempo, e precisamos virar! Não podemos perder! Foco, rapazes! — pediu o treinador no final das instruções.

Todos sabiam o que fazer, a dificuldade era como conseguir invadir uma defesa que estava nos barrando desde o início do jogo e fazer cestas. Não olhei para a Cathy na arquibancada, mesmo estando ciente da sua presença. Tentei ignorá-la por um tempo e me concentrei na quadra, imaginando o final do jogo e meus companheiros de time cabisbaixos, a derrota evidente nos nossos olhos, o lamento do treinador que se esforçara ao máximo para nos treinar, deixando de lado sua família muitas noite seguidas. Aos poucos o gosto amargo da derrota me fez me concentrar no jogo, e as minhas bolas começaram a cair na cesta. Recebi uma bola perfeita do Thomas, desviei-me do ala, saltei e fiz mais dois pontos, minha especialidade.

Jack pareceu se animar com minha empolgação e fez mais alguns pontos, mas o empate chegou pelas mãos do Jonas, e a alegria contagiou o time e a nossa torcida. Enfim só precisávamos ganhar, embora não fosse fácil fazer uma cesta nos 60 segundos restantes para o final do jogo. Recebi mais uma vez a bola do Thomas, mas a devolvi para ele, pois estava muito marcado e longe para um arremesso. Ele driblou um pivô, depois o lateral. Acompanhei-o de perto até que a bola sobrou para mim perto do garrafão. Seria um arremesso de um ponto, mas era o bastante para vencermos o jogo. Desviei-me do jogador adversário, que vinha com sangue nos olhos para tomar minha bola, saltei girando o corpo para me desviar de outro jogador e arremessei, fechando os olhos em seguida, pois tinha medo de olhar.

— E os garotos da Atlantic City High School vencem o jogo no último instante graças a um arremesso certeiro do seu lançador, Dawson! — anunciou o locutor assim que abri meus olhos e a bola já quicava no chão. Olhei em volta, e meus amigos corriam na minha direção. Fui erguido e jogado para cima e para baixo enquanto os alunos gritavam meu nome no ginásio lotado.

— Dawson! Dawson! Dawson! Dawson!

Recebi tantos cumprimentos e tapinhas nas costas que perdi as contas. O jogo tinha terminado, mas eu ainda não conseguia diminuir a descarga de adrenalina que estava recebendo. Mesmo depois de tomar um banho no vestiário, eu ainda estava eufórico, bem como meus amigos.

— Onde vamos comemorar? — perguntou Jack bagunçando meus cabelos molhados.

— O que acha de um hambúrguer no Nightburger? — sugeriu Jonas.

— Nada mal, eu topo! — gritou Thomas.

— Eu também vou — emendou Bob.

Eu continuei sem dizer uma palavra. Gostaria de comemorar com meus amigos, mas tinha feito planos de ficar sozinho com a Cathy. *Será que posso fazer as duas coisas?*, pensei antes de sorrir e sinalizar que eu estava dentro dos planos para a noite. O Nightburger era aonde todos os alunos costumavam ir depois dos jogos, um lugar cheio de jovens, muita música e comida boa.

Assim que saímos do vestiário, a amiga de Cathy veio correndo para abraçar o Jack, enquanto minha garota ficou parada num canto, mordendo o lábio, nervosa, sem saber direito o que fazer. Caminhei na sua direção o mais rápido que pude sem correr, abri um sorriso que dizia tudo que eu precisava e abri meus braços para encaixá-la entre eles, e ela veio até mim.

— Como eu estava ansioso por esse momento — sussurrei no seu ouvido enquanto respirava fundo para sentir o seu perfume.

— Eu também, estava louca para te abraçar — murmurou enquanto eu enfiava meus dedos nos seus cabelos macios e a puxava com mais força para perto.

— Não mais do que eu — emendei com a boca colada nos seus cabelos.

— Não é uma espécie de aposta para ver quem sentiu mais saudade, vamos só dizer que sentimos falta um do outro e ponto.

— Como quiser — concordei, erguendo seu queixo para devorar seus lábios. Não queria fazer um show particular para os meus amigos e quem mais estivesse presente, mas não pude evitar quando ela gemeu nos meus braços feito uma gatinha manhosa e ignorei todos à minha volta.

— Podem conseguir um quarto!? — gritou Bob ao passar por mim e explodir a bolha em que estávamos.

— Não enche — recriminei assim que meus lábios se afastaram da boca de Cathy e a abracei.



— Aonde vamos? — ela questionou quando estávamos em meu carro.

— Ao Nightburger — respondi, trincando os dentes ao fitar as pernas nuas da Cathy ao alcance das minhas mãos. Arrependi-me no mesmo instante por ter concordado em ir àquele lugar e ter que dividir minha garota com todo mundo.

— Pensei que ficaríamos sozinhos — resmungou, fazendo um biquinho tão meigo que tive que beijá-la mais uma vez para dissipá-lo.

— Eu também pensei, mas meus amigos insistiram, e concordei em dar uma passadinha lá. Depois podemos ir aonde você quiser, pode ser?

— Claro — respondeu mais animada dessa vez, talvez por causa do beijo que acabáramos de trocar ou por saber que teríamos um momento sozinhos até o fim da noite.

A lanchonete estava lotada, quem estava dentro não podia sair, e quem estava fora não conseguia entrar. Os alto-falantes pareciam estourar devido ao volume alto da música. Se eu não entendesse tão bem de música não conseguiria distinguir a voz rebelde e desafiadora de Axl Rose, mas consegui e sorri ao murmurar um dos refrãos de *November Rain*. Só conseguimos entrar porque o time de basquete tinha uma mesa cativa. Não importava quem estivesse sentado à nossa mesa habitual, pois, sempre que chegávamos, ela

ficava vazia, uma cortesia do dono do estabelecimento, a quem eu estava muito agradecido naquela noite.

Sentamo-nos lado a lado, ainda agitados devido ao jogo, mas aos poucos a conversa fluiu através da música alta.

— Vamos dançar? — Adeli convidou a Cathy.

— Não sou muito boa nisso — escutei minha garota sussurrar para a amiga, que estava do outro lado da mesa.

— Não importa, eu posso te ensinar — disse, arrastando a Cathy dali e seguindo para a pista de dança improvisada.

Isso não vai dar certo, pensei assim que a vi se afastar de mim. Eu não era estúpido o suficiente para proibi-la de dançar, mas também não tinha sangue de barata, então ficaria puto se alguém se metesse com ela. Por isso, em vez de devorar meu hambúrguer, que tinha acabado de chegar, não consegui desviar meus olhos da pista de dança, em especial da Cathy.

— Ela vai ficar bem sem você por um minuto, mas tenho certeza de que seu lanche não — disse Thomas, desviando a minha atenção.

— Talvez — resmunguei, mordendo um pedaço generoso do lanche. Porém, não consegui terminar de comê-lo, pois estava quase no final quando um rapaz que eu não conhecia puxou a cintura de Cathy, obrigando-a a dançar com ele. Atravessei a pequena distância que nos separava e em questão de segundos estava empurrando o folgado de perto da minha garota.

— Ei, não precisa de violência, eu só queria dançar com ela — reclamou o cara, mais do que embriagado.

— Ela é a minha namorada, cai fora — disse enfurecido e pronto para a briga.

— Não sabia, já estou indo — respondeu, levantando as mãos em sinal de paz.

— Achei que teríamos uma demonstração de testosterona quando o vi

correr na minha direção como se sua vida dependesse disso.

— Quer dizer que estava de olho em mim? — questionei, envolvendo meus braços na sua cintura e a puxando para perto, bem perto.

— Só por precaução — respondeu, rindo da minha cara.

— Ainda bem que estava atenta aos meus movimentos, do contrário eu teria mais trabalho para despachar aquele ladrão de namoradas alheias.

— Até agora não entendi por que foi fácil... — murmurei franzindo o cenho, pensativa.

— Ele percebeu que apanharia muito se decidisse me enfrentar e resolveu cair fora — disse me esforçando para conter o riso. Quem eu queria enganar? Eu não botava medo em ninguém, estava mais para um nerd desengonçado do que um briguento. O que a Cathy não percebeu foi que, assim que cheguei ao seu lado, Freddy e Bob estavam por perto e fizeram questão de remexer as mãos, impacientes, para sinalizar que estavam comigo, e qualquer idiota que frequentasse o Nightburger, por mais desavisado que fosse, sabia que não podia se meter com nenhum dos dois e que seria pior ainda se fosse com os dois ao mesmo tempo.

— Entendi — concordou, deixando a música lenta nos conduzir na pista de dança.

— Podemos ir agora? — questionei assim que a canção acabou.

— Sim — assentiu, segurando minha mão enquanto nos desviávamos das pessoas no caminho, e paramos para nos despedir dos meus companheiros de time e da amiga dela.

— Aonde vamos agora? — perguntou animada enquanto colocava o cinto de segurança.

— Surpresa, espere para ver — falei, ligando meu Camaro e ganhando cada vez mais distância da música alta. Não demorou muito para Cathy descobrir o nosso destino, assim que desliguei o carro em frente ao farol. Para a minha surpresa, ela saiu do carro correndo, tateou o esconderijo secreto da

chave, abriu a porta do zelador e subiu correndo os inúmeros degraus até o topo. Eu não podia fazer nada a não ser segui-la como um cachorrinho.

— Estou feliz por me trazer aqui mais uma vez — disse quase sem fôlego depois da corrida.

— Esse é o nosso lugar, não poderia te levar para nenhum outro — respondi, admirando seus olhos cor de chocolate, tão profundos e sinceros que eu nunca me cansava de observá-los.

— O que viemos fazer aqui?

— Admirar as estrelas — respondi sem desviar meus olhos dos seus.

— E o que mais? — indagou se aproximando enquanto umedecia os lábios rosados com a língua. Aquela garota me mataria naquela noite...

— Não sei, o que mais você gostaria de fazer? — devolvi a pergunta, quando na verdade eu sabia exatamente o que eu queria fazer ali, pois tinha estado no farol naquela manhã e deixado uma cesta de piquenique, algumas almofadas e um cobertor. Minha intenção era levá-la ali desde o início.

— Eu tenho um palpite — respondeu com os seios redondos colados no meu peito. Tive que respirar fundo para não os tocar como gostaria.

— Qual seria? — sussurrei a pergunta no seu ouvido e a abracei com força.

— Acho que o melhor seria demonstrar em vez de fal... — ela nem tinha terminado a frase quando seus lábios vieram ao encontro dos meus. Esperei sua boca se abrir para enfiar minha língua e sentir seu gosto. Eu estava faminto por experimentar seus lábios, e a demora só serviu para intensificar a sensação que me embriagava da cabeça aos pés. Nada mais importava além de sentir aquela onda que parecia me levar consigo para um lugar além daquele farol, onde nossas almas se conheciam e sabiam exatamente o que fazer uma com a outra.

Capítulo 15

CATHY

"Algumas pessoas querem anéis de diamante
Algumas apenas querem tudo
Mas tudo significa nada
Se eu não tiver você"

If I ain't Got You - Alicia Keys

Eu poderia dizer que não resisti, que o beijei por impulso, que não pensei muito no que faria, mas essa não seria a verdade. Eu esperava esse momento desde que meus lábios se separaram dos seus quando nos beijamos no estacionamento do ginásio. Estava querendo mais e busquei quando tive vontade. Não costumava ser audaciosa assim em relação aos outros meninos com quem já tinha ficado. Todavia, nunca havia sentido essa necessidade nua e crua de beijar alguém, foi mais forte do que eu e me deixou sem alternativas, senão cumprir meu desejo.

Voltei ao beijo depois de ganhar um fôlego extra e deixei que suas mãos deslizassem pelo meu corpo sem qualquer pudor. Mordisquei seus lábios a fim de diminuir o desejo de colar meu corpo ao dele, mas foi inútil, não diminuiu em nada tudo que eu sentia, pensando melhor, talvez tenha até aumentado.

— O que vou fazer com você? — indagou distribuindo beijos carinhosos na minha face.

— Só me beije — pedi, fechando os olhos e esperando o beijo. Contudo, em vez de me dar o que eu tanto almejava, ele segurou na minha mão e me arrastou para um canto do farol onde havia uma cesta de piquenique, umas almofadas e um cobertor. Sentamo-nos um ao lado do outro, e esperei enquanto ele tirava um vinho de dentro da cesta.

— Quando trouxe essas coisas aqui? — questionei, observando que tinha chocolate e morangos além do vinho.

— Eu estive no farol mais cedo e deixei tudo pronto para o nosso encontro — respondeu, tentando abrir o vinho com o saca-rolha que estava na cesta.

— Quer dizer que esse é um encontro?

— Se for um encontro porque eu planejei te trazer aqui desde o começo, posso dizer que sim.

— Eu não sei se estou pronta para o próximo passo — comentei pensativa, mordendo o lábio enquanto segurava a taça de vinho que ele me oferecia.

— Vamos deixar as coisas bem claras aqui, não trouxe essas coisas pensando em levar você para a cama. Veja bem, não estou dizendo que não quero, só que não organizei essas coisas pensando nisso — explicou um pouco nervoso, mas no fim acabei entendendo que não era essa a sua intenção, mas eu precisava saber antes de continuar.

— Você tem certeza? — indaguei olhando ao nosso redor.

— Claro que tenho. Venha aqui — pediu, puxando-me para o seu colo. Eu não era ingênua, como podia parecer, mas também não conseguia ser aquela garota descolada, que podia ter a sua primeira vez sem pensar só porque o namorado queria. Minha realidade estava bem longe disso.

— Obrigada por entender que ainda não estou pronta — murmurei sem coragem de olhar nos olhos dele, era bem mais fácil assim. Porém, Rick não era esse tipo de cara. Ele se virou para que ficássemos frente a frente, ergueu meu queixo e me fitou com total atenção antes de dizer palavras que eu nunca esqueceria.

— Não deixe que as pessoas digam o que deve ou não fazer, nem mesmo eu. Não importa as circunstâncias, siga sempre o seu coração. Se você se arrepender depois ou se sentir insegura, vai pelo menos ter certeza de que a decisão foi sua.

— Entendi — assenti, abrindo um sorriso de agradecimento, pois, sem saber, Rick tinha me ajudado a tomar uma decisão segura. Eu não sabia se seria naquela noite ou em qualquer outra dali em diante, mas meu coração tinha uma única certeza, seria com ele. Era esse tipo de homem que eu queria para me mostrar o amor, e não era à toa que meu corpo vinha dando sinais de alerta que nunca haviam dado. Era ele, eu só precisava do momento certo.

Ficamos no farol até tarde. Não bebemos todo o vinho, eu nem sabia como ele o tinha conseguido, na certa pegara dos pais, e, como voltaria dirigindo, beber mais do que uma taça ou duas estava fora de cogitação. A afinidade que tínhamos nos permitiu conversar sobre vários assuntos, incluindo a música. Planejamos um futuro juntos no qual estudaríamos na Juilliard no próximo semestre, moraríamos juntos e tocaríamos na famosa orquestra da universidade. Organizamos toda uma vida e, quando nos demos por satisfeitos, guardamos as coisas e descemos os degraus até a areia da praia.

Olhei as ondas quebrando na areia e pensei: *Será que vamos conseguir continuar juntos no ano que vem*? Era uma pena que eu não tinha uma resposta para aquela frase na época, mas gostei da ideia de passar minha vida ao lado de alguém como o Rick.

E foi assim o começo do nosso namoro, sem pressão, sem querer impressionar. Éramos apenas duas pessoas que queriam ficar juntas, e como queríamos! Passamos a não nos desgrudar mais, e inevitavelmente nossos pais acabaram descobrindo. Os pais do Rick me receberam de braços abertos, já os meus não gostaram muito de saber que a filha namorava um músico de uma banda de rock, ainda que o Rick não se parecesse em nada com o Freddy ou o Bob, mesmo assim eles tinham seus receios. Não chegaram a proibir nosso namoro, mas eu sentia que esperavam que terminasse junto ao ensino médio.

Minhas horas preferidas do dia eram as que passávamos juntos na biblioteca. Rick leu *O Morro dos Ventos Uivantes* e passou a deixar citações do livro no meu armário todas as manhãs. Imagino que deve ter sido um sufoco encontrar trechos coerentes com nossa situação durante um mês

inteiro.

“Tenho um único desejo, e meu ser e minhas faculdades anseiam por realizá-lo.”

A maioria das citações, eu ficava em dúvida se devia relacioná-las ao livro e ao contexto da história ou se as deveria ler como trechos isolados. No entanto, não importava a situação, elas sempre me faziam sorrir, pois, ao contrário de algumas pessoas, esse livro me fazia bem de uma forma que eu ainda não sabia explicar, mas que viria a aprender ao longo dos anos.



— Vou precisar de um vestido emprestado essa noite — comunicou Adeli ao se sentar ao meu lado na aula de literatura.

— Podemos escolher algo quando voltarmos da escola — disse sem desgrudar meus olhos do quadro negro, onde a professora fazia anotações.

— Não vai voltar com o Rick?

— Não, ele tem treino extra essa tarde. O Jack não disse nada?

— Ele não costuma me dizer nada — respondeu chateada.

— E por que não?

— Não somos namorados, como você e o Rick. Ele ainda não me pediu em namoro — explicou envergonhada.

— Não se preocupe, ele vai pedir — assegurei, segurando suas mãos para confortá-la, pois sabia o quanto ela queria ser a namorada do vocalista da banda de rock.

— Acha mesmo isso?

— Claro, não mentiria para você sobre algo tão importante.

— O Rick comentou algo com você? — perguntou mais animada.

— Não, ele não me disse nada, mas saímos juntos, e dá para perceber que o Jack gosta de você. Ele só precisa de tempo para fazer o pedido.

— Não acha que quatro meses é tempo suficiente? O Rick pediu você em namoro primeiro!

— As pessoas são diferentes, tenha mais paciência. Os pais do Jack são separados, ele não deve acreditar muito em relacionamentos.

— Você tem razão. O pai dele não parece ser uma boa pessoa. Quem sai para ir ao mercado uma noite e desaparece? A mãe dele paga as contas sozinha. Acho que o pai do Jonas ajuda com as despesas também, mas o principal ela faz sozinha.

— Então tenha paciência — pedi, abrindo um sorriso.

— Cathy, quais seriam os pontos fortes do livro de Emily Brontë? — questionou a senhorita Taylor, interrompendo nossa conversa paralela. Todos os alunos ficaram em silêncio, e ficamos paralisadas de medo.

— É uma história de transformação do caráter humano... — fiz uma leve pausa antes de continuar a minha explicação, sondando a expressão da professora para ver se estava no caminho certo — para pior. Praticamente todos os personagens são expostos a alguma tragédia ou desilusão, e a maioria deles escolhem combater esse revés do destino se vingando.

— Muito bem, vejo que não estava tão dispersa como pensei, mas deixe a conversa de lado e volte a sua atenção para a aula — recriminou-me, deixando-me mais do que envergonhada. Se eu pudesse, abriria um buraco e entraria dentro dele, tipo o buraco de Alice. Seria bem-vindo desaparecer naquele instante e ir para um País das Maravilhas em vez de continuar sob os olhares de deboche dos meus companheiros de classe.

— Essa foi por pouco. Se ela tivesse perguntado para mim, eu estaria muda até agora — cochichou Adeli no meu ouvido. E tive que reprimir um sorriso para não chamar a atenção da professora novamente, pois tinha certeza de que seríamos expulsas da aula, e meus pais me matariam.



— Vou dormir na casa do Jack essa noite — anunciou Adeli depois de experimentar o segundo vestido que pegou no meu closet.

— A mãe dele não vai achar ruim? — perguntei distraída, tentando terminar o trabalho de literatura inglesa que precisava entregar no dia seguinte. Depois do deslize daquela manhã, não podia sequer imaginar cometer outro.

— Ela vai estar de plantão a noite toda, não vai ficar sabendo de nada.

— Entendo — murmurei, voltando minha atenção para a tela do computador.

— Você ainda não foi para a cama com o Rick? — questionou, jogando-se na cama ao meu lado.

— Não — respondi, parando de escrever para observar sua reação.

— Não se preocupe, vai acontecer no momento certo — respondeu sem qualquer sarcasmo.

— Eu também penso assim, e obrigada por entender — emendei, abrindo um sorriso tímido.

— Não seria sua melhor amiga se não entendesse — completou, beijando minha face antes de sair do meu quarto levando um dos vestidos que minha

mãe comprara para mim em algum brechó por aí.

— Você me dá uma carona para o show?! — gritei antes que ela desaparecesse no corredor.

— Claro, volto pronta dentro de algumas horas — respondeu já do lado de fora do quarto.

Assim que minha amiga usurpadora de roupas alheias foi embora, consegui me concentrar no trabalho de literatura e ainda tive tempo de tocar uma ou duas músicas no meu violino. Não sabia por que, mas o simples gesto de tirar meu instrumento do *case* já me acalmava. Tocar, então, levava-me a um estado de plenitude que eu não podia conseguir em nenhum outro lugar.

— O jantar está pronto — anunciou minha mãe colocando somente metade do corpo para dentro do meu quarto.

— Já é tão tarde? — murmurei checando o relógio e arregalei os olhos ao constatar que estava muito atrasada.

— Acho que não tenho tempo para jantar, vou sair com a Adeli essa noite, vamos ao cinema — menti, sem coragem de contar a ela que iria ao show da banda do Rick no Billy's Bar. Ela nunca permitiria.

— Se esqueceu do tempo tocando mais uma vez — recriminou-me, tentando esconder um sorriso.

— Sim — murmurei, colocando o violino de volta no *case*.

— Você pode convidar a Adeli para jantar conosco antes do cinema, tenho certeza de que ela vai amar experimentar meu empadão de frango.

— Talvez, vou falar com ela quando chegar — respondi, caminhando apressada para o banheiro.

Quando saí do banho, mamãe não estava mais no meu quarto. Entrei no closet e fui direto para as minhas roupas básicas de sempre. Admirei uma a uma, mas não consegui escolher nenhuma delas, afinal, era uma ocasião especial, e eu não gostaria de usar minhas velhas roupas confortáveis do dia a

dia. Estava quase desistindo de encontrar algo decente para usar quando vi uma calça jeans *skinny* rasgada nos joelhos e uma blusinha preta de um ombro só com muito brilho. As peças estavam separadas das outras, e ainda tinha um post-it nelas.

"Escolhi essas roupas especialmente para você, não me decepcione. Com amor, Adeli"

— Não acredito que você fez isso — disse em voz alta, tentando lembrar qualquer indício que eu tivesse deixado passar enquanto minha amiga vasculhava minhas roupas naquela tarde, mas não me lembrei de nada. Fiquei contente por saber que, além de conseguir um vestido para o show, ela ainda tinha pensando na amiga que não conseguia se vestir sozinha. Adeli podia ser um pouco estabanada, mas era a minha melhor amiga.

Capítulo 16

RICK

“E não tenho medo de dizer essas palavras
Com você estou seguro, estamos caindo como as estrelas
Nos apaixonando”

Falling Like the Stars - James Arthur

Fechei a geladeira, mas continuei ali parado, batendo meus dedos num ritmo que somente eu conhecia. Havia semanas que aquela canção queria sair, mas, além de pequenos pedaços aleatórios ao longo do caminho, não havia nada mais para compor uma música. No entanto, eu ainda me pegava prestando atenção nas notas que tocavam na minha cabeça direto.

— Não sabia que a geladeira era um instrumento — ironizou minha mãe ao passar por mim.

— E não é, estava só pensando — murmurei distraído, tentando agarrar as notas musicais que pareciam escorregar pelas minhas mãos.

— Você está compondo algo novo? — perguntou franzindo a testa, pensativa.

— Não, por quê?

— Você costumava ficar assim quando estava compondo. As músicas apareciam praticamente prontas na sua cabeça, e, quando eu menos esperava, lá estava você no piano tocando algo novo.

— Tinha me esquecido disso. Era tão fácil.

— E por que não é mais? — questionou, sentando-se à minha frente na pequena ilha da cozinha.

— Eu não sei, só parei de ouvir as notas.

— Mas agora parecia que estava ouvindo. Eu jamais vou esquecer as expressões que deslumbrava no seu rosto quando você estava compondo. Você se tornava algo mais, uma extensão do instrumento. Muitas vezes seu corpo e sua mente eram os instrumentos para a canção.

— Pode apostar que eram.

— Eu sempre soube que você seria um músico incrível. Talvez eu tenha uma parcela de culpa nessa história, você ouve música desde que era apenas uma sementinha na minha barriga, eu costumava tocar uma canção de ninar diferente todas as noites antes de me deitar, e, quando você começou a se mexer na minha barriga, por volta da vigésima semana, já demonstrava com chutes e cotoveladas suas canções preferidas.

— Ouço música desde que estava na sua barriga — comentei sorrindo; já sabia dessa história.

— Sou professora de música, era inevitável.

— O papai é vendedor de carros, nem por isso saio por aí tentando vender alguma coisa, muito pelo contrário, se dependesse dos meus talentos para vendas, teríamos problemas.

— Não seja tão crítico, não acho que seu talento para a música tenha vindo de mim. Posso ter ajudado a despertá-lo mais cedo, mas ele sempre esteve dentro de você. Se não fosse assim, como explicar o talento da Cathy?

— Ela é maravilhosa, nunca vi ninguém parecido com ela.

— Eu já vi, e não é nenhuma surpresa para mim que eles estejam juntos agora.

— Acha mesmo que nossos talentos musicais são parecidos?

— Não tenho nenhuma dúvida.

— Como tem tanta certeza?

— Eu sou sua mãe e sei disso. Sem contar que comprei seu primeiro instrumento de brinquedo quando começou a engatinhar e mais tarde um de

verdade, quando não conseguia se sentar sozinho no nosso piano na sala. E agora sou a professora de Cathy, ensaiamos juntas, tocamos juntas, e, apesar do pouco tempo comparado ao que passei ao seu lado, posso afirmar que vocês se completam como uma linda sinfonia.

— Só você para fazer um elogio desses, por isso a admiro tanto.

— E eu a você — emendou antes de me deixar sozinho com meus pensamentos na cozinha.

Em vez de subir até o meu quarto para trocar de roupa, pois teríamos um show mais tarde, parei em frente ao piano de cauda na sala. Sentei-me no banquinho, fechei meus olhos e deixei que as notas saíssem de mim. Não me preocupei com a melodia que estava tocando, não me concentrei na letra que murmurava enquanto isso, só deixei que a avalanche de sensações saísse de mim sem qualquer censura, receio ou preocupação. Não cabia a mim pensar no que gostaria ou até mesmo deveria tocar, naquele instante a música se tornava a minha vida e não parte dela. Tocar costumava me mandar para um universo paralelo onde somente a música existia, mas não dessa vez, porque, assim que comecei, lembrei-me da Cathy e toquei como se o estivesse fazendo para ela. Nunca tinha feito isso antes, tocar especialmente para alguém. Jamais encontrara alguém que disputasse meu amor pela música antes.

— Faz tempo que não o vejo nesse piano — disse meu pai me olhando com cautela do outro lado da sala. Demorei para responder, primeiro porque não tinha uma resposta na ponta da língua para lhe dar, segundo porque não queria confessar em voz alta meus sentimentos, apesar de ter acabado de os demonstrar com notas musicais. Estava aliviado por ele não entender de música como minha mãe, pois, se o fizesse, saberia por que eu voltara a tocar. Eu tinha acabado de desnudar minha alma através das teclas daquele piano.

— Não foi nada de mais — menti, tentando disfarçar meu desconforto.

— Como quiser — assentiu, conformando-se com a minha recusa em falar sobre o assunto. Deus, como eu amava o meu pai por isso! Nunca insistia, nunca me pressionava, era sempre o velho e calmo Stevie Dawson,

um vendedor nato, adorava correr e começar coisas novas, mas nunca terminava nenhuma delas, e a prova disso era uma casa na árvore que começara quando eu ainda era criança, mas nunca conseguira terminá-la.

— Dia difícil no trabalho? — perguntei, mudando de assunto. Eu gostava de conversar com meu pai, mas nunca nada muito profundo e nem íntimo. Essas conversas eram reservadas para minha mãe, e não porque eu preferia me abrir com ela, mas porque não tinha alternativa. Loretta era capaz de descobrir tudo sobre mim quando bem entendesse.

— Não existem dias ruins no trabalho, é só trabalho — respondeu, sentando-se na poltrona da sala e esticando os pés cansados no pufe. Eu podia jurar que ouvi um gemido de agradecimento.

— Sei que é trabalho, mas queria saber se seu dia foi bom ou ruim — falei, observando seu semblante mudar ao encostar as costas na poltrona macia. Papai era muito parecido fisicamente comigo, cabelos e olhos pretos, mesmo formato do rosto e até a mesma altura.

— Foi cansativo, mas bati a meta de vendas do mês inteiro e ainda faltam mais 10 dias para terminar o mês. Posso dizer que meu tempo foi bem produtivo.

— Creio que sim. Até mais, pai — despedi-me, deixando a sala e seguindo até o meu quarto.



Até aquela noite, eu não sabia a diferença entre ensaios e shows, sempre me dedicava igualmente aos dois. Contudo, com a galera cantando nossas músicas, algo mudou, e percebi que os ensaios eram legais, mas não tinha nem metade da energia de um show, mesmo para os poucos frequentadores

do Billy’s Bar, que pela primeira vez interagia com a banda.

Música após música, ouvi a galera cantar com gente sem se preocupar com afinação e até ritmo. Nada era mais importante do que deixar a nossa música invadir seu espaço e fazer o que bem entendesse. Todavia, o ápice da noite com certeza foi fitar a expressão de admiração nos olhos da minha garota. Não consegui desgrudar meu olhar do seu rosto um só segundo desde que a vi entrando no bar. Todas as notas musicais que toquei depois disso foram exclusivamente para ela, e, a julgar pelas suas bochechas coradas, ela entendeu cada uma delas.

Nem percebi o tempo passar, não me preocupei em errar, só me concentrei nela e esqueci todo o resto à minha volta.

— Você está linda — sussurrei no seu ouvido por causa da música alta que tocava no bar logo depois que deixamos o palco. Eu queria beijá-la ali, naquele instante, mas estava tão eufórico que não conseguiria ficar somente nos beijos. Coloquei uma das mãos em cada lado do seu rosto e fitei apaixonadamente seus olhos cor de chocolate. — Vamos sair daqui? — convidei-a, adivinhando sua resposta pelo olhar carinhoso que recebi de volta.

Segurei sua mão, e nos desviamos das pessoas sem nem nos despedir dos nossos amigos. Não senti necessidade de avisar que estávamos de saída, quando eles sabiam que estaríamos juntos. Quando cheguei ao carro no estacionamento, ainda não sabia aonde iríamos. Somente depois que entramos, quando segurei a mão dela enquanto o clássico *Bolero de Ravel* interrompia o silêncio que se instalara, decidi, assim dei a partida, e seguimos em direção ao nosso lugar favorito.

— Sabia que ia me trazer para cá — ela disse, deixando que seu entusiasmo chegasse até seus olhos, que brilhavam como chocolate derretido.

— Como sabia? — desafiei, enlaçando meus braços na sua cintura e a puxando para perto do meu peito, beijando seus cabelos macios em seguida.

— Foi um palpite de sorte — respondeu, envolvendo meus ombros.

— Não diria que foi um palpite, quando seus olhos estavam me dizendo que queria ficar sozinha comigo.

— Como sabe que eu queria isso, se eu não disse nada?

— Foi um palpite de sorte — repeti a mesma frase que ela disse poucos momentos antes somente para provocá-la, e acho que tive mesmo sorte, pois seus olhos me admiravam com desejo.

— Quem chegar primeiro tem direito a um pedido — anunciou, desvencilhando-se dos meus braços e correndo na direção do farol. Esperei que ela ganhasse uma distância considerável, até porque ainda precisava dedilhar os tijolos em busca da chave, e só depois corri atrás dela.

Subi todos os degraus tentando imaginar o pedido que ela faria, mas nem nos meus melhores sonhos imaginei que aquela seria a melhor noite da minha vida. Mesmo sem prever o que me aguardava no topo, subi em estado de êxtase.

E, quando finalmente estava lá em cima, olhei para o céu estrelado e a lua cheia como testemunhas e agradeci por estar ali ao lado da pessoa que me fazia sentir algo único e sublime, minha Cathy. Ela parecia uma garota inocente no corpo de uma mulher sexy e gostosa, e eu não saberia dizer qual das duas era a minha preferida. Para dizer a verdade, eu não precisava escolher nenhuma delas, quando podia ter as duas.

Fitei seus lábios macios e rosados, cujo gosto eu já tinha memorizado por mais tempo do que devia para a minha própria sanidade. Contudo, eu sabia que ir até ali naquela noite depois de passar todo o show a comendo com os olhos era mais do que eu podia suportar. Eu estava pouco me lixando, só queria senti-la nos meus braços mais uma vez, sem uma plateia presente.

Aproximei-me devagar, acariciei sua face com o dedo indicador, contornando com cuidado sua pele macia e ouvindo os gemidos que ela esboçava no caminho. Fiquei por minutos tentando memorizar cada centímetro do seu rosto para me lembrar mais tarde, quando não estivéssemos mais juntos, até que não resisti e engoli sua boca, tomando para mim o que desejara a noite toda. Não foi um beijo qualquer, nem parecido com os outros

que trocáramos antes, esse era primitivo, único e dizia com gestos o que não poderíamos dizer com palavras. Estava na hora de nos entregarmos um ao outro.

Aprisionei seu corpo com o meu, não deixei qualquer espaço entre nós, mas não foi suficiente, eu ainda queria mais, por isso acariciei com cuidado sua cintura por baixo da blusa, sentindo a sua pele. Mordisquei seus lábios rosados e esperei o gemido baixinho que eu sempre recebia quando fazia isso, porém dessa vez não foi o bastante, eu estava possuído, ensandecido e prestes a explodir com um desejo latente que parecia me consumir de dentro para fora. Não estava preparado para sentir suas mãos deslizando despretensiosas pelo meu abdômen, mas tentei me concentrar no beijo e deixei que ela fosse no seu ritmo, tateando meu corpo com cuidado. Suguei seus lábios, tentando desviar meu foco para outra direção, mas foi inútil quando mirei minha camiseta jogada no chão.

— Venha aqui — pedi, encostando-me numa das paredes e a puxando para mim. Segurei sua nuca, enrosquei meus dedos nos seus cabelos e a atraí para mais um beijo. Eu não conseguia desgrudar dos seus lábios.

Capítulo 17

Cathy

"Eu tenho tudo o que preciso quando você está comigo
Eu olho à minha volta, e vejo uma vida boa
Estou presa no escuro, mas você é minha lanterna
Você me guia, me guia pela noite"

Flashlight - Hailee Steinfeld

Quando acordei naquela manhã, não imaginei que faria sexo com o Rick naquela noite. Não planejei nada disso, embora eu estivesse pronta para dar o próximo passo. Era estranho constatar que eu não planejara o que estava prestes a acontecer, mas tinha certeza de que estava preparada, talvez bem antes daquele momento, não sabia ao certo. Vê-lo no minúsculo palco do Billy's Bar, tocando com paixão e exclusivamente para mim, embora o lugar estivesse lotado de pessoas, despertou em mim o desejo, algo que normalmente acontecia entre nós.

Todavia, naquela noite foi diferente. O clima sexual entre nós começou bem antes de nos tocarmos, aconteceu de longe, durante a troca de olhares no show. A música que ele tocava batia como ondas imaginárias na minha pele, e cada vez que isso acontecia, eu prendia a respiração e soltava o ar devagar. Era como uma preliminar, algo tão quente e palpável que, se eu fechasse os olhos, poderia imaginá-lo ao meu lado, beijando-me e acariciando meu corpo com maestria.

— Você tem certeza? — Rick perguntou, interrompendo o beijo e segurando meus cabelos para mirar meus olhos.

— Seja qual for a matéria de que nossas almas foram feitas, a minha e a sua são idênticas — sussurrei no seu ouvido enquanto distribuía beijos em cada pedacinho dele. Observei quando ele sorriu e assentiu balançando a

cabeça, confirmando que tinha entendido a minha resposta exatamente como eu desejava. Já havíamos discutido tantas vezes essa citação, e parafraseá-la naquele exato momento era bem mais significativo do que apenas assentir ou dizer sim. Eu precisava falar para ele que não estava ali por obrigação, por não conseguir esperar mais ou por ter medo de perdê-lo se me negasse a seguir adiante. Eu estava ali, naquela noite estrelada, sendo vigiada pela Lua e observada pela constelação de Órion, porque não importava o que eu fizesse, nem quanto tempo levasse, nada me faria sentir mais segura do que nos seus braços.

Algumas coisas da minha vida, eu me esforço para esquecer, mas nunca aquela noite. Eu me lembro de todos os detalhes: seu perfume misturado à leve brisa do mar; nossas roupas amontoadas no chão; o seu corpo quente sobre o meu; seu cuidado ao me tornar mulher; as carícias desenfreadas pelo caminho; o desejo de fundir nossas almas mesmo sabendo que seria impossível; a necessidade absurda de querer sempre mais quando achava que já era suficiente; o contato inebriante da sua pele com a minha. Nossos cheiros misturados se tornaram algo novo, que, se eu me esforçasse muito e fechasse os olhos, ainda podia sentir, como também o clímax, que me deixou sem fôlego e me jogou num loop de sensações que não senti com mais ninguém. Se ele me perguntasse novamente: "você tem certeza?", eu repetiria a mesma frase que disse na primeira vez, quando sequer imaginava a bagunça que minha vida se tornaria depois daquela noite: "Seja qual for a matéria de que nossas almas foram feitas, a minha e a sua são idênticas."

— Eu poderia ficar aqui para sempre — sussurrou acima do barulho das ondas que quebravam na base do farol.

— Eu também — emendei, aconchegando-me mais entre seus braços. Encostei minha cabeça no seu peito e fiquei ouvindo as batidas ritmadas do seu coração.

— Se esse momento fosse uma música, qual seria? — perguntou erguendo meu queixo para olhar para mim.

— Uma música? Não sei se conseguiria escolher apenas uma.

— Tente — implorou, franzindo a testa com o pedido.

— Não acho que poderia expressar o que senti essa noite apenas com uma canção.

— Escolha duas, então.

— O que acha de uma sinfonia?

— Essa é a minha garota! Vamos lá, uma sinfonia. Qual delas?

— Estou em dúvida entre duas de Beethoven.

— Achei que era fã de Bach...

— Sou, mas essa noite prefiro ficar com a genialidade de Beethoven.

— Certo. Está em dúvida entre quais das sinfonias dele?

— *Eroica* e *Coral*.

— Pensei que escolheria a Quinta Sinfonia.

— Óbvia, quero algo mais elaborado e perfeito aos ouvidos de quem realmente entende de música. Qual das duas é a sua preferida?

— Difícil escolher. Posso ficar com ambas?

— Não seria justo, você precisa escolher.

— Se insiste tanto, você deveria escolher, pois eu fiz a pergunta primeiro.

— Certo, é uma escolha bem difícil, mas prefiro a *Eroica*.

— Boa escolha, eu também teria ficado com ela — concordou, beijando a minha testa.

De repente os primeiros acordes da Terceira Sinfonia de Beethoven, *Eroica*, começaram a tocar.

— Obrigada.

— Nada menos do que o melhor para a minha garota — disse enquanto a

melodia me deixava sonolenta, e acabei adormecendo.

Sonhei que estava num estádio lotado tocando violino, enquanto o Rick tocava piano. A nossa afinidade musical era impressionante, um completava a nota do outro, era tudo tão perfeito, exceto por nossas aparências. Não éramos mais adolescentes, mas continuávamos juntos, por isso sorri agradecida por vislumbrar um pedacinho do meu futuro.

— Ei, acorde, acorde, não podemos nos atrasar — pediu Rick, fazendo carinho nos meus cabelos.

— Eu dormi? — indaguei confusa, esfregando os olhos.

— Estava tão tranquila que fiquei velando seu sono, mas não podemos demorar mais, seus pais me matariam se eu te levasse tão tarde para casa.

— Meu Deus, me esqueci dos meus pais e do meu horário de voltar para casa! Às vezes me sinto a Cinderela, imaginando que a qualquer minuto minha carruagem vai virar uma abóbora, minhas roupas se transformarão em trapos, e vou perder meu sapatinho de cristal.

— Ainda temos tempo, não se preocupe.

— Certo, vamos.

— Talvez fosse melhor colocar suas roupas — sugeriu, passando as mãos no cabelo, envergonhado.

— É mesmo — assenti ao olhar para baixo e notar que estava descalça e usava apenas a camiseta do Rick.

Nunca me vesti tão rápido, nem me preocupei em ajeitar meus cabelos, desci as escadas passando as mãos neles a fim de deixá-los mais apresentáveis, mas era inútil. Assim que minha mãe colocasse os olhos em mim, saberia exatamente o que eu andara fazendo por aí.

Para a minha sorte, quando entrei na ponta dos pés pela porta da cozinha, não havia nenhum vestígio de meus pais me esperando acordados. Subi as escadas com meus sapatos na mão para não fazer qualquer ruído e acordá-los

no meio da noite. Só consegui respirar de verdade quando fechei a porta do meu quarto. Cerrei meus olhos e agradeci a graça alcançada à santa que cuida das adolescentes que chegam fora do horário combinado em casa depois de passar a noite com o namorado. Deixei meus sapatos no closet e tirei minhas roupas no caminho até o banheiro. Abri a torneira, joguei meu sabonete líquido com perfume de brisa do mar na água, mas nem esperei que as espumas surgissem para entrar na água morna e relaxar na banheira. Coloquei meus fones de ouvido, escutando a Terceira Sinfonia de Beethoven, e comecei a passar a esponja macia na minha pele distraidamente. Nem percebi as horas passarem, nem os dias que se seguiram até o tão esperado festival de verão na praia. Seria a primeira vez que a banda The Dangers se apresentaria para um público tão grande, uma oportunidade perfeita para os garotos tocarem algo feito por eles. Tinha sido para esse momento que eles haviam ensaiado tanto durante os meses que antecederam o evento que mudaria nossas vidas.

O festival reuniria bandas juvenis de toda Nova Jersey, seria uma espécie de concurso, em que os patrocinadores escolheriam uma das bandas, que ganharia um prêmio em dinheiro, um álbum e uma turnê abrindo os shows de bandas famosas no mundo do rock. Era uma oportunidade única e bem concorrida. Bandas de fora do estado costumavam aparecer para disputar os prêmios. Talvez fosse por isso que passamos o dia todo bem apreensivas. Para não piorar a situação, decidi dizer aos meus pais que dormiria na casa da Adeli naquela noite. Portanto, eles não faziam ideia de que eu iria estar a noite toda num festival de rock. Meus planos eram passar a noite com o Rick depois, uma vez que não conseguimos mais ficar juntos depois daquela noite no farol.

— Você tem certeza de que pareço a namorada de um astro do rock? — ironizei, olhando-me pela décima vez no espelho. Virei-me de lado e observei as minhas curvas mais evidentes em razão do vestido colado ao corpo que minha amiga insistira que eu usasse naquela noite. Por mim, colocaria um jeans e uma blusinha, mas ela disse que eu não poderia aparecer num evento como esse tão simplória. Eu não via por que não. Contudo, acabei sendo convencida por ela a usar um dos seus vestidos, e, ao olhar para meu reflexo, notei que não havia ficado tão ruim assim. Eu estava bem diferente, mas um

diferente bom, com um look que me deixava bonita sem parecer vulgar.

— Você está maravilhosa, o Rick que se cuide essa noite.

— O Jack também. Você é linda e a namorada perfeita para o vocalista da banda The Dangers — eu disse, sem perceber que tocava num assunto delicado, uma vez que ele ainda não tinha pedido Adeli em namoro. Apesar de todos na escola saberem que eles estavam juntos, ele até o momento não tinha sido capaz de fazer o pedido, e isso deixava minha amiga tão confiante cada vez mais insegura.

— Eu não sou a namorada do Jack — respondeu olhando para os próprios pés com receio.

— Você é a única garota ao lado dele, portanto é, sim, sua namorada, e não se fala mais nisso — afirmei decidida, tentando tirar as rugas de preocupação que apareceram na sua testa.

— Obrigada — disse sem emitir nenhum som, apenas movendo seus lábios, mas consegui entender perfeitamente seu agradecimento.

— Agora vamos, não queremos chegar atrasadas ao show e deixar nossos namorados sozinhos à mercê das suas primeiras *groupies*.

— Você tem razão, não posso perder esse show por nada nesse mundo.

Foi complicado encontrar um lugar para estacionar perto da praia onde o imenso palco havia sido montado, mas, depois de vagar por mais de meia hora, Adeli conseguiu um lugarzinho para deixar o seu carro. Ainda bem que, apesar dos vestidos, optamos por usar tênis em vez de saltos, pois seria inviável caminhar com eles na areia.

O festival era gratuito e aberto ao público em geral, por isso havia tanta gente na praia aquela noite. Não dava para caminhar sem esbarrar nas pessoas pelo caminho. Estávamos tentando chegar perto do palco quando o locutor anunciou a próxima banda. Ouvi os nomes dos garotos, inclusive do Rick, e por fim o nome da banda, The Dangers, mas não consegui ver ninguém na distância em que estávamos. Apertei as mãos da Adeli quando os primeiros acordes começaram a tocar, então comecei a pular sem parar, contagiada pela

música, que parecia explodir meus ouvidos. Não era nada do que eu estava acostumada a ouvir, mas conseguia me provocar sensações bem mais profundas e cruas, parecia uma obra de arte sem qualquer lapidação.

— Temos que chegar mais perto, não vejo nada daqui! — gritou Adeli no meu ouvido, fazendo-se escutar através da música alta. Nem tentei responder, apenas assenti concordando e segurei sua mão com firmeza.

Caminhamos devagar, procurando brechas no meio das pessoas, mas ninguém estava disposto a colaborar e abrir espaço por livre e espontânea vontade, tivemos que nos infiltrar entre os mais distraídos e menos dispostos a nos censurar pelo que tentávamos fazer. Demorou mais do que o tempo de duas músicas para eu encostar minha barriga na grade de proteção e ficar tão perto dos garotos quanto podíamos. Concentrei-me no Rick, sem desviar meus olhos, fitando seus dedos no teclado esperando o momento de começar a tocar a última música, e foi assim, ali, mais parecido com o astro do rock que se tornaria mais tarde, que ele conseguiu me ver em meio a tantas pessoas. Abriu um sorriso lindo e disse, mexendo os lábios para que somente eu entendesse:

— Essa música é para você.

Capítulo 18

RICK

“Quando você ama alguém
Seu coração bate tão alto
Quando você ama alguém
Seus pés não conseguem sentir o chão”

Love Someone - Jason Mraz

Estávamos na garagem do Jack desde que acordáramos naquela manhã. Já tínhamos repassado sem descanso todas as músicas que apresentaríamos na noite daquele dia. Eu já não aguentava mais tocar as mesmas canções e tinha certeza de que estava fazendo o melhor que eu podia, à beira da perfeição, se eu acreditasse nela. Contudo, esse é o grande problema de uma banda, os integrantes precisam estar no mesmo nível ou pelo menos parecer que estão, e era esse o nosso problema. Eu era o único com mais bagagem musical, enquanto Jonas e Jack tinham começado a frequentar as aulas de música na escola e depois em uma escola de música havia apenas alguns meses. Bob tocava havia mais tempo, mas aprendera a tocar sozinho e o fazia muito por instinto. Com Freddy acontecia o mesmo, porém ele colocava muita agressividade na bateria, parecia que descontava toda a sua frustração no instrumento. O resultado era uma banda que não parecia uma. Tocávamos sozinhos em conjunto, essa era a verdade, e estávamos ali tentando mais uma vez consertar esse problema antes de subir ao palco do festival de verão.

— Talvez devêssemos desistir; não vamos conseguir entrar num acordo e cada vez tocamos pior — lamentou Bob, deixando o seu baixo de lado e se sentando no chão.

— Não precisamos tocar num festival de verão para manter a banda, podemos continuar do jeito que estamos — disse Jonas, conformado com o

desastre.

— Eu não me importo — falei, lembrando que em breve estaria na Juilliard com a Cathy. A banda terminaria mesmo, pelo menos para mim.

— Vou aceitar o que decidirem, mas confesso que estou animado para subir num palco grande e tocar para muitas pessoas — comentou Freddy, dando de ombros.

— Vocês são um bando de maricas! Não vamos desistir de tocar no festival, e não é pelos prêmios! Vamos tocar porque somos uma banda e precisamos de público. De qualquer jeito estaremos naquele palco essa noite, e será a melhor experiência de nossas vidas — encorajou Jack, e um novo ânimo se abateu sobre nós.

Voltamos a nos concentrar nas músicas e dedilhamos nossos instrumentos com mais vontade. Paramos depois de cada canção para acertar os pequenos detalhes e depois continuamos até a mãe do Jack aparecer na garagem.

— Não aguento mais esse barulho, vocês não param de tocar? — questionou Estela, deixando-nos sem ação. Ela nunca tinha feito isso antes, mas quase não a víamos em casa, seu emprego de enfermeira no hospital da cidade costumava tomar todo o seu tempo, e o que sobrava, ela fazia questão de ficar longe do filho. Segundo o Jack, eles não se davam bem, e a situação piorou depois que o pai dele deu no pé e deixou a mãe criando o filho sozinha. Parecia que ela culpava o Jack pelo sumiço do pai, e os dois brigavam feito cão e gato. Quem via a mulher jovem, loira, com grandes olhos azuis iguais aos do filho não imaginava que ela era uma megera, e estávamos prestes a enfrentar sua ira.

— Vou continuar tocando enquanto quiser. Se está incomodada, saia de casa, como sempre faz, e me deixe sozinho — rebateu Jack, trincando os dentes de nervosismo. Isso não ia prestar.

— Não vou sair de casa só porque você quer. Sou sua mãe e pago as contas. Você vai ter que me engolir quer queira, quer não.

— Então se acomode e curta o show — disse irritado, dando um solo de

guitarra tão estridente que tive que colocar as mãos nos ouvidos.

— Você é um filho ingrato, Jack, faço tudo por você, e olha como me trata — disse indignada com a afronta do filho.

— O que você faz mesmo por mim? Diga, pois não consigo me lembrar de nada além de ter aberto as pernas para aquele idiota e esperar nove meses para se livrar de mim! Desde que me entendo por gente estou sozinho! Você nunca foi uma mãe para mim, só recebi críticas e mais críticas, nada nunca estava bom para você, sempre me ofendendo e me deixando sozinho para lamber as feridas, mas agora chega, cansei, vou continuar tocando, vou vencer aquele festival e vou sumir dessa casa! Você não vai me ver tão cedo!

Estela ficou muda de repente, mas podíamos notar que estava muito nervosa com as palavras do filho. Eu nunca tinha visto o Jack tão furioso assim. Ela não revidou, virou as coisas e saiu pisando duro.

Ficamos em silêncio por alguns minutos que mais pareceram horas.

— Vamos voltar ao ensaio — comunicou Jack, tirando-nos daquele entorpecimento.

O confronto que presenciamos nos fez tomar um choque de realidade. Aquele festival podia não ser importante para mim, que tinha quase um pé na Juilliard e uma família que me apoiava em casa, mas, para o Jack, a coisa era bem diferente. Por mais que ele disfarçasse, sabíamos que ele queria mais do que tudo sair em turnê.

Decidimos ir ao festival na van velha do Freddy. Estacionamos perto do palco, descarregamos nossos instrumentos e deixamos tudo nos bastidores. O lugar ainda estava deserto, somente as bandas convidadas circulavam por ali. Fomos levados para o nosso camarim, o primeiro de nossas vidas. Nem sei se podíamos chamar aquilo de camarim, mas era o que nos ofereceram, um quartinho minúsculo com cadeiras de plástico, um espelho e um pequeno frigobar com os energéticos que estavam patrocinando o festival. Ficamos ali trancados por meia hora antes de nos chamarem para a passagem de som.

Quando pisamos no palco pela primeira vez, já havia algumas pessoas na

areia. Ficamos em posição e esperamos que o Freddy contasse até três e começasse a tocar sua bateria, então o seguimos logo depois. Passar o som foi fácil depois dos ensaios da tarde, e saímos satisfeitos com o que tínhamos apresentado até o momento. Permanecemos ali, assistimos a outras bandas subirem ao palco para passar o som e descobrimos que eles tinham tantos problemas quanto nós. No começo da noite, conhecemos a banda principal. Os caras eram famosos e estavam sempre nas paradas de sucesso. Eram pouco mais velhos do que nós e tinham um empresário, que veio falar conosco.

— Olá! Sou Mike e cuido da carreira da banda Rockers. Serei seu empresário se conseguirem ganhar o concurso — brincou o jovem empresário, mas pareceu bem simpático e sorridente. Apertou nossas mãos e deixou um cartão prometendo entrar em contato se ficássemos em primeiro lugar. Não me animei muito, pois não tinha interesse nenhum em sair em turnê naquele verão. Meus planos eram passar todos os dias no farol com a Cathy nos meus braços. Entretanto, os outros garotos pareceram empolgados com o Mike e a banda que ele agenciava.

Subimos no palco novamente depois de cinco bandas, que foram muito bem e receberam muitos aplausos. Eu estava tão nervoso que não olhei para a galera lá embaixo, concentrei-me no meu teclado até que meus companheiros estivessem prontos. Não demos um grito de guerra, nem dissemos que iríamos dar o nosso melhor, como as outras bandas antes de nós fizeram. Contudo, estávamos concentrados, e, quando o Freddy ergueu a baqueta no ar e contou até três, a adrenalina tomou conta do ambiente, e tocamos como jamais havíamos feito. Até hoje não sei o que aconteceu, se foi a briga do Jack com a mãe mais cedo, os ensaios exaustivos, conhecer nosso futuro empresário ou a banda famosa. Contudo, agimos naquela noite como uma banda de verdade, sentimos a música e a dominamos em vez do contrário, e o resultado foi uma galera empolgada cantando com a gente. Ressuscitamos o velho rock’n’roll com uma nova roupagem, mas que agradou de imediato ao público do festival.

Na última música, notei minha garota debruçada na grade na frente do palco, e meus olhos só tiveram um alvo a partir daquele instante. Toquei olhando para ela, sem sequer desviar meus olhos para as teclas; já conhecia

aquelas notas detrás para frente, só precisava continuar. Ter a minha musa inspiradora sorrindo para mim elevou meu ânimo de uma maneira que toquei com o coração, e o resultado sem dúvida ficou divino e perceptível aos ouvidos até mesmo daqueles que nem entendiam de música.

Eu poderia chamar nossa troca de olhares durante a música de preliminares, mas minha garota, apesar de me olhar como se me devorasse, ainda não tinha noção do que fazia. Eu sim, e aproveitei cada segundo que pude daquele flerte quente e que prometia muito mais do que beijos.

Quando o último acorde foi tocado e terminamos nossa participação, ouvimos um coro ensurdecedor da plateia pedindo mais uma canção e gritando o nome da banda em seguida. Não sabíamos bem o que havíamos feito de tão certo, mas o fato era que tínhamos conquistado nossos primeiros fãs. Voltamos para o camarim com a adrenalina correndo nas veias. Era muito para absorver, e estávamos mais do que empolgados.

Mais algumas bandas subiram ao palco depois da gente, mas não conseguiram o famoso bis. E, já no final da noite, o locutor anunciou que chamaria ao palco os vencedores do festival, começando pelo terceiro lugar. Uma banda que nem vi tocar subiu ao palco, os integrantes animados ao receber o prêmio, logo depois o segundo lugar. Já sem esperanças de premiação, ouvimos o nosso nome. Demorou para que “a ficha caísse”. Eu jamais imaginara que ganharíamos o festival, a banda que ficara em segundo lugar tinha mais tempo na estrada do que a gente, bem como mais experiência. No entanto, lá estávamos nós, felizes e sorridentes, recebendo um cheque fictício gigante no valor de 200 mil dólares e um contrato com o empresário Mike Mayers, além da oportunidade de abrir o show da banda Rockers durante a sua turnê mundial. Seriam dois meses na estrada a começar em duas semanas. Jack era a empolgação em pessoa e pulava em cima do palco, alucinado, enquanto a galera gritava pedindo mais uma música, e, para o delírio dos nossos possíveis fãs, tocamos mais duas canções naquela noite.

Descemos do palco ainda sob os aplausos ensurdecedores. Eu nunca tinha visto nada parecido, e aquilo me fez relutar por um momento. Eu teria coragem de largar a banda, quando estávamos prontos para uma turnê mundial? Eu poderia voltar a tempo de entrar na Juilliard no início do

semestre, mas ficaria longe da minha garota no verão, o que deixava um buraco no meu coração. Pensei em dizer ao Jack que precisariam arrumar outro tecladista, mas não quis estragar sua alegria naquela noite. Deixaria para comunicar minha saída no dia seguinte.

— Você estava maravilhoso lá em cima! — gritou Cathy pulando no meu colo assim que me viu caminhando na sua direção.

— Obrigado, toquei para você — disse, segurando seu queixo e acariciando seus lábios macios antes de devorá-los. Beijei-a com vontade, desejo, com mais empolgação e entusiasmo do que devia. Nem me lembrei de que estávamos rodeados de pessoas que presenciavam aquela cena quente entre nós. Não queria expor Cathy dessa forma, mas não estava pensando muito bem naquela noite, com toda aquela adrenalina correndo nas minhas veias feito uma droga. Por sorte ela pareceu perceber o óbvio e interrompeu o beijo.

— Ainda é cedo, vamos para o Billy's Bar comemorar? — sugeriu Freddy saindo eu nem soube de onde, rindo da minha falta de jeito.

— Eu não sei — respondi indeciso, olhando para a Cathy em busca de ajuda.

— Eu topo — anunciou empolgada, sorrindo, e não tive saída senão concordar com ela.

Freddy, Jonas e Bob seguiram na van junto aos nossos instrumentos, enquanto eu e o Jack decidimos acompanhar as nossas namoradas no carro da Adeli. Sentei-me no banco de trás com Cathy e a puxei para o meu colo, mas ela negou e fez questão de colocar o cinto de segurança, além de exigir que eu fizesse o mesmo. Seguimos para o Billy's Bar cantando uma das músicas que tocamos naquela noite, sem instrumento ou qualquer acompanhamento. Enquanto o Jack e a Cathy cantavam muito bem, eu e a Adeli fazíamos questão de mostrar o quanto éramos desafinados.

Capítulo 19

CATHY

“Não significa que as coisas
tenham que mudar
Eu não tenho problemas com o meu orgulho,
tenho problemas para cortar os laços”

Ex - Kiana Ledé

Eu estava feliz. Não, não apenas feliz, eu estava transbordando de felicidade. Tudo que eu mais queria naquele momento era olhar para os olhos tranquilos e sinceros do Rick e ficar ali para sempre. O show foi tudo que eu esperava, aos poucos vi os garotos da banda conseguirem um amadurecimento musical. Eles ainda eram inexperientes em relação a muitas coisas, mas perceberam bem cedo que tocar vem do coração e fizeram isso com maestria naquela noite, conquistando não somente o público, como o prêmio de melhor banda revelação. Eu não saberia dizer como passaria todo o verão longe do meu namorado, mas era por uma causa nobre, e teríamos que dar um jeito. Afinal, quando as aulas começassem, estaríamos juntos na Juilliard.

— Vou sentir saudades — sussurrei no seu ouvido assim que terminamos de cantar.

— Eu estou aqui e não vou a lugar nenhum — respondeu, apertando meu corpo junto ao seu.

— Mas e a turnê? — indaguei confusa.

— Depois conversamos, mas eu não prendendo ir.

— Não acho uma boa ideia, a banda precisa de você.

— E eu preciso de você — emendou, segurando meu queixo para que eu fitasse seus olhos e compreendesse seus motivos. Contudo, eu não precisava olhar para ele para saber que sentiríamos falta um do outro, mas era sua carreira musical que estava em jogo, e eu não poderia deixar que ele desperdiçasse uma oportunidade como aquela.

— Se eu não fosse sua namorada, você iria para a turnê com a banda?

— Claro que iria — respondeu sem sequer pensar a respeito, e era tudo que eu precisava para incentivá-lo a sair em turnê com seus amigos.

— Então você vai. Dois meses passam rápido, em breve você estará de volta e vamos juntos para a Juilliard.

— Não sei, queria passar as férias de verão com você.

— Teremos outras férias juntos, podemos ficar separados dessa vez.

— Tem certeza?

— Claro que... — tentei responder, mas não consegui. Senti um impacto no meu lado e, logo depois, um barulho ensurdecedor. Olhei para frente e vi que tínhamos batido em alguma coisa e o carro começara a girar sem controle na pista. Ouvi gritos, senti as mãos do Rick se afastando de mim, outro impacto, mais gritos e meu nome sendo sussurrado no meu ouvido, mas estava tão distante que não consegui distinguir a voz, além disso estava com muito sono. Não sabia por que, se ainda era cedo para dormir. Todavia, meus olhos se fecharam sem meu consentimento, e a escuridão me engoliu.



Abri meus olhos, e a luz me cegou no mesmo instante. Tive que fechá-los novamente. Minha cabeça latejava como se eu a tivesse batido centenas de

vezes em algum lugar. Esperei que a dor passasse e, mesmo acordada, permaneci com os olhos fechados. Talvez fosse a claridade. *Será que esqueci de fechar as cortinas do meu quarto?*, pensei, mas na mesma hora lembrei que meu quarto não era tão claro assim, eu só podia estar em outro lugar. Tateei com minhas mãos em busca de algo ou alguém ao meu lado, mas estava sozinha e com algo preso ao meu braço. Voltei a abrir as pálpebras, com mais cuidado dessa vez, já sabendo a claridade que iria encontrar.

Eu definitivamente não estava no meu quarto. A julgar pelas paredes brancas e o cateter de soro que estava conectado na minha veia, eu estava num hospital, mas como viera parar ali? Esforcei-me para recordar, e as lembranças do acidente começaram a jorrar como uma correnteza sem barreiras que a inibissem.

— Você acordou? — perguntou minha mãe, levantando-se de uma poltrona que estava ao lado da cama desconfortável do hospital. Nem percebi que não estava sozinha.

— O que aconteceu? — perguntei preocupada, e o olhar de piedade que ela me deu de volta deixou meu coração despedaçado. — O Rick está bem? — indaguei, embora sem saber se queria uma resposta.

— Vocês sofreram um acidente de carro — disse com lágrimas nos olhos, e ela quase nunca chorava. Algo muito errado acontecera naquele acidente, e meu coração batendo frenético era a prova disso.

— O Rick está bem? — repeti a pergunta sem conseguir conter as lágrimas que já desciam pelo meu rosto.

— Uma caminhonete atravessou o sinal vermelho e bateu no carro da Adeli. Você tem sorte, minha filha, de ter sofrido apenas algumas escoriações. Ficamos tão preocupados quando recebemos o telefonema! Você não deveria estar num carro quando nos disse que dormiria na casa da Adeli essa noite! — recriminou, limpando os olhos marejados.

— Desculpe — murmurei envergonhada por mentir para os meus pais. — Onde está o Rick? — repeti mais uma vez.

— Ele foi para outro hospital.

— Por quê? O que aconteceu com ele? — questionei apavorada.

— Ele está bem, teve ferimentos leves, assim como você. Nem posso pensar no que aconteceria se vocês não estivessem usando cinto de segurança.

— Tem certeza?

— Claro que tenho, ele está bem. Não precisa se preocupar com ele — garantiu, mas percebi seu tom de voz mudar um pouco e sabia que ela ainda não tinha me contado tudo. Nunca tinha sido fácil para ela mentir e certamente não começaria naquele dia.

— Eu posso vê-lo? — pedi, tentando me levantar da cama, mas estava zonza e minha cabeça latejava tanto que não consegui sair da cama.

— Não pode sair agora, o médico precisa ver os resultados dos seus exames. Só depois podemos ir para casa.

— Não quero ficar aqui — resmunguei, caindo de volta na cama.

— Também não quero, mas precisamos ficar — disse, segurando minha mão com carinho. Meus olhos ardiam, mas eu tinha parado de chorar assim que ela me garantira que o Rick estava bem. Só nesse instante me lembrei de perguntar sobre as outras pessoas que estavam no carro comigo.

— Mamãe, como estão o Jack e a Adeli? — indaguei e percebi os seus olhos escurecerem de pavor. Tinha algo errado naquela história. Suei frio antes que pudesse refazer a minha pergunta. — O Jack está bem? — questionei cautelosa e esperando o pior, pois a expressão na face dela não era nada boa.

— O Jack está no outro hospital com o Rick e não teve ferimentos graves, acho até que já teve alta.

— Nossa, que bom — disse, aliviada com a notícia. Por um momento eu tinha pensado no pior, mas ele e a Adeli estavam bem e já deviam estar em

casa, enquanto eu continuava naquele hospital com a cabeça latejando e o corpo dolorido.

— É muito bom saber que ele não se machucou — ela murmurou, fitando-me com um olhar tão triste que uma lágrima solitária começou e deslizar pelo meu rosto.

Desde que eu abri meus olhos e fitei a minha mãe desolada naquela poltrona, eu sabia que tinha algo errado, por isso perguntei pelo Rick assim que me lembrei do acidente, afinal estávamos juntos e eu acordei sozinha, depois perguntei pelo Jack e, quando descobri que ele também estava bem, presumi que minha melhor amiga também estava, pois os dois estavam juntos. Entretanto, em momento algum minha mãe falou de Adeli.

— O que aconteceu com Adeli? — perguntei assim que meu pai entrou no quarto. Mamãe se virou para fitá-lo, e ambos trocaram um olhar preocupado. Meu pai veio para perto de mim.

— Que bom que acordou, minha filha, estávamos preocupados. Os médicos garantiram que estava apenas dormindo devido ao calmante que tomou assim que chegou, mas eu precisava vê-la para ter certeza — disse me abraçando com cuidado.

— Onde está Adeli? Eu posso vê-la? — pedi com a cabeça encostada no seu peito.

— Infelizmente não, querida — respondeu ainda me segurando nos braços.

— Ela ainda está inconsciente?

— Não, querida, ela nem chegou a vir ao hospital.

— Quer dizer que ela está na casa dela?

— Não, o motorista da caminhonete estava bêbado, não freou no sinal vermelho e acertou o carro da Adeli.

— Sei disso, mamãe já explicou, mas o que isso tem a ver com minha

amiga?

— O carro bateu em cheio no lado do motorista, e ela não teve nenhuma chance.

— Como assim?

— O impacto foi muito grande e sua amiga não resistiu.

— Não sei do que está falando! Por favor, eu preciso ver Adeli! Por favor! Eu preciso ver a minha amiga! Não diga que ela não teve chance! Todos estamos bem, e ela também deve estar! Por favor, mamãe, diga que Adeli está bem! — implorei, chorando desesperada.

— Eu não posso — respondeu, abraçando-me com carinho junto ao papai.

— O que aconteceu com ela? — questionei, sentindo um aperto no coração e uma tristeza que parecia nunca ter fim.

— Ela morreu no local do acidente — sussurrou minha mãe.

Fechei meus olhos e voltei a chorar, sem acreditar que minha amiga de apenas 17 anos tinha partido, desaparecido para sempre de uma hora para a outra. Chorei agarrada aos meus pais como se eles fossem âncoras que me segurassem no chão, caso contrário eu teria afundado. Nem podia imaginar o que os pais dela estavam sentindo. Finalmente eu entendia o alívio contido nos olhos dos meus pais. Eles sentiam muito a perda de uma vida inocente, mas estavam aliviados por não ter sido a filha deles, e quem podia condená-los por isso?

Voltei a dormir depois que tomei um calmante, pois chorava sem parar, e, quando acordei novamente, meus exames não indicavam que eu tinha sofrido qualquer sequela do acidente, por isso recebi alta, mas recebi uma notícia que poderia mudar a minha vida para sempre. Fui levada para casa ainda em estado de choque. Buzinas e barulhos altos me deixavam apavorada, e imagens do acidente foram surgindo aos poucos, mas eu não queria me lembrar de nada, não quando tudo era tão difícil de aguentar.

Meus pais foram ao enterro da Adeli no dia seguinte, mas eu me recusei a

ir. Não conseguiria ver minha amiga cheia de vida e planos para o futuro ser enclausurada embaixo da terra para sempre. Também passei a recusar as ligações do Rick. Eu não conseguiria conversar com ele, não enquanto estava tão abatida e temerosa. Além disso, meus pais culpavam a ele e o Jack pelo acidente, pois, sem eles, nunca estaríamos no carro naquela hora, e a caminhonete de um bêbado qualquer não mataria a minha amiga. Eu sei que parece loucura, mas minha mente estava muito confusa e transtornada para entender a lógica de uma situação tão trágica como aquela. Restava apenas esperar que os dias se passassem, que eu decidisse o que fazer com a minha vida. Porém, a cada dia eu ficava mais reclusa em casa, não queria sair, não queria falar com ninguém e evitava o Rick o máximo que podia. Eu sabia que estava agindo errado com ele, mas estava triste e com medo. Eu precisava me afastar do Rick o quanto antes.

O destino parecia conspirar cada vez mais para a nossa separação, pois recebi uma carta comunicando que eu tinha conseguido uma bolsa integral na Juilliard no mesmo dia em que meu pai foi demitido do emprego. Aliás, era sobre seu medo de que isso acontecesse que meus pais vinham cochichando nos últimos meses. Ele estava desanimado e não queria continuar morando nos Estados Unidos, ainda mais depois do acidente, por isso dessa vez não se humilhou tentando outro trabalho, nem fez questão de renovar o visto, pois tinha decidido voltar ao Brasil, e eu não sabia qual caminho deveria seguir. Antes do acidente, tinha tantos planos, depois, todos ficaram confusos e nebulosos na minha cabeça. Eu só queria tempo para pensar, mas, ao encontrar as coisas empacotadas em caixas pela casa toda, descobri que tinha apenas alguns dias para tomar uma decisão que mudaria a minha vida. Sabia que não estava pronta para morar sozinha, mas, se quisesse me tornar uma música, não tinha alternativa. Talvez eu devesse falar com o Rick e pedir seu apoio ao invés de correr dele. Uma coisa era certa, eu precisava seguir em frente.

Capítulo 20

RICK

"Não perca sua chance de estourar
Porque a oportunidade vem uma vez na vida
É melhor você se perder na música
Você é dono do momento"

Lose Yourself - Eminem

Alguns momentos são únicos e podem mudar sua vida tanto para o bem quanto para o mal. Eu sobrevivi ao acidente, mas não me sentia sortudo por isso, sentia que tinha perdido algo importante naquela noite e estava até então tentando encontrá-lo e trazê-lo de volta.

As lembranças ainda estavam confusas, e aos poucos eu ia recordando algumas memórias. Lembrava-me de soltar a Cathy quando deveria tê-la mantido perto de mim. Porém, não consegui continuar segurando sua mão, o impacto me pegou de surpresa e, sem querer, acabei soltando-a. Talvez fosse por isso que eu a perdi. Não sabia o que tinha acontecido, mas, desde o acidente, não conseguia mais falar com a minha namorada, nem sabia mais se ainda tinha uma.

A primeira vez que tentei falar com ela foi no dia seguinte. Apareci de surpresa na casa dela, bati e fui recebido pelo seu pai nada simpático, que fez questão de dizer que me culpava pelo acidente, por ela ter saído da casa da amiga e pela morte de Adeli. Resumindo, ele não me deixou entrar e nem falar com Cathy. Telefonar era inútil; por mais que eu tentasse, ela nunca atendia e nem respondia minhas mensagens. Perguntei-me várias vezes o que eu tinha feito de errado. Talvez, se eu soubesse, poderia consertar, mas sem saber, era impossível.

Minha esperança era que ela aparecesse no enterro da melhor amiga. A

escola toda estava presente, nunca vi tantos jovens reunidos para uma ocasião tão triste, mas ela não foi, e fiquei a tarde toda tentando consolar o Jack, que se culpava pelo acidente. Foi lamentável o que aconteceu com Adeli. No entanto, nenhum de nós tinha culpa, exceto o motorista bêbado que avançou o sinal vermelho e acertou em cheio a motorista, no caso, Adeli. Eu nem fiquei muito tempo no hospital, tive alguns arranhões bem superficiais, como se tivesse caído de um skate ou bicicleta, nada parecido com a concussão que Cathy sofreu e muito menos com os ferimentos fatais que a Adeli recebeu. Eu estava aliviado por estar bem, mas não sentia que tinha ganhado a sorte grande, só que estava vivo para contar a história.

— Vamos, Jack, vou te deixar em casa — pedi, aproximando-me do meu amigo, que estava desolado encostado numa árvore depois que todos se despediram de Adeli e as flores ficaram na grama.

— Não sei se quero ir para lá — murmurou, ajustando os óculos escuros no rosto.

— Pode ir para a minha se quiser — ofereci, dando leves tapinhas nas suas costas.

— Vou aceitar, não quero ficar em casa sozinho.

— Então vamos.

— A Cathy não veio?

— Não.

— Achei que já tinha saído do hospital.

— Ela saiu, mas não veio ao funeral, e não consigo saber por quê.

— Talvez ela esteja machucada.

— Não acho que seja tão grave assim, pelo menos foi o que a mãe dela disse ao telefone uma das muitas vezes que liguei.

— Ela continua te evitando?

— Sim — respondi, dando partida no carro e deixando o ar melancólico do cemitério para trás.

— Não consigo parar de pensar na Adeli e na quantidade de sangue que tinha na roupa dela. Num minuto estávamos conversando sobre a turnê, e no outro sua cabeça estava encostada na janela, sem vida. Os paramédicos tentaram, mas, quando chegaram, acho que ela já estava morta. Eles nem tiveram chance de reanimá-la, foi tudo tão rápido que fiquei inerte, sem saber o que fazer. Não vi o carro se aproximando, não estava dirigindo no lugar dela, e o principal, não machuquei nenhuma parte do meu corpo, talvez alguns estilhaços do para-brisa, que se espatifou com o impacto, e mais nada. Acha que o destino tinha algo programado para nós?

— Eu não sei, ainda estou tentando entender o que aconteceu naquela noite. É muita informação para controlar, e estou bem confuso agora.

— Você não precisa se lembrar de tudo, às vezes a ignorância é uma benção... ou uma maldição.

— Por que acha isso?

— Porque não consegui salvar uma pessoa e me sinto culpado por ela ter morrido no meu lugar.

— Quem disse que ela morreu no seu lugar?

— Ninguém, mas não é nenhum segredo. O carro bateu no lado do motorista. Eu devia estar no volante, não ela. Todas as vezes que saímos juntos, eu dirigia, menos naquela noite. Eu estava eufórico do show e bebi no camarim da banda principal. Não estava bêbado, mas não podia dirigir.

— Acha que o resultado seria diferente se você estivesse ao volante?

— Eu não sei, talvez estivesse morto, talvez conseguisse desviar o carro ou talvez não estivesse na mira de um carro dirigido por um bêbado desgovernado.

— Você sabe que são apenas hipóteses, suposições que inventou para se sentir culpado. Não tivemos qualquer culpa desse acidente. Eu perdi uma

amiga, e você, uma namorada. Não podemos ignorar isso, mas também não vamos nos sentir responsáveis quando não somos.

— É uma pena que as coisas não sejam tão simples assim. Eu errei com Adeli, por não dizer o quanto ela era importante para mim e por deixar que ela pensasse que era apenas mais uma. Achei que teria tempo, estava inseguro, nunca tive uma namorada antes e não sabia como agir. Acabei demorando para dizer coisas importantes que ela deveria saber. Agora é tarde demais para isso, e o peso da culpa está me esmagando.

— Não posso te ajudar com a culpa, nem se estivesse na melhor fase da minha vida. Talvez o Jonas possa? Podemos tocar, e quem sabe você consiga escrever sobre essa culpa. Talvez seja tarde demais para falar sobre os seus sentimentos para Adeli, mas a música é uma linguagem universal, e, seja onde ela estiver, pode ouvir você tocar. Mostre para ela através da música tudo que queria dizer, mas não pôde. Essa é a sua chance, não a desperdice — informei, deixando-o sozinho na sala de estar ao lado do piano, um bloco de notas e um lápis. Jack não tocava piano tão bem quanto eu, mas conseguia tocar o básico para dar vida a sua primeira canção. Não imaginei que ele escreveria algo, nem foi essa minha pretensão, só quis lhe dizer que a música costumava curar minhas feridas, antes da Cathy, é claro, e desejei dar ao meu amigo a mesma oportunidade que eu tinha.

Dias se passaram sem que eu conseguisse falar com Cathy. Minhas mensagens foram ignoradas, até que recebi uma pedindo para esquecê-la e parar de ligar. Fiquei furioso, pois precisava mais do que uma simples mensagem para deixá-la no passado. Todavia, meus telefonemas e tentativas de ir até sua casa não tiveram qualquer êxito. As aulas estavam quase no fim, mas ela não apareceu mais em nenhuma delas, e descobri pela minha mãe que ela estava afastada por motivos médicos. Fiquei ainda mais preocupado, imaginei que o acidente tinha causado algum dano permanente, mas a mãe de Cathy garantiu que não era grave e falou que eu devia me afastar da sua filha o quanto antes, pois não era bem-vindo.

Eu não podia mais ignorar que nosso relacionamento havia terminado, sem explicação, sem motivos aparentes, apenas acabara. E, para fugir da dor de cotovelo que sentia, decidi seguir com a banda em turnê. Não havia mais

nada que me prendia em Atlantic City, eu só queria esquecer e passar dois meses viajando ao redor do mundo. Era a oportunidade perfeita para isso. Apaguei o número da Cathy do meu celular, evitei pensar nos momentos que passamos juntos, ignorei a saudade sempre que ela batia e aos poucos fui aprendendo a viver sem ela. Sabia que não estava totalmente neutralizada, mas, conforme os dias iam passando, ficava mais fácil conviver com sua ausência. Era uma ferida latente, daquelas que aparecem quando menos esperamos, mas eu já estava aprendendo a lidar com ela.

A turnê foi importante para eu saber o que de fato queria da minha vida. Desistir da Juilliard foi mais fácil do que eu pensava e apenas uma consequência. Eu precisava mudar todos os meus planos e correr na direção contrária ao que tínhamos sonhado juntos. Eu estava sozinho.

O Presente

“E o céu que se abriu pra gente se amar

Ficou cinza e de repente se escondeu de nós

Onde a gente se perdeu queria tanto achar

E me lembrar, eu só queria te amar”

Eu Só Queria te Amar

Laís Yasmin

Capítulo 21

CATHY

"O coração partido me mudou? Talvez
Mas olha onde eu terminei
Já estou bem
Então segui em frente, é assustador
Eu não estou onde você me deixou, então."

Don't Start Now - Dua Lipa

Percorri um longo caminho, tive que fazer escolhas que me fizeram ser quem me tornei. A música foi a minha tábua de salvação quando ninguém mais podia me ajudar e a única coisa que me fazia acordar todas as manhãs.

— Bom dia, Cathy! — cumprimentou minha colega de apartamento. Trabalhávamos juntas na orquestra de Nova Iorque.

Fitei-a por um instante, mirei seus olhos verdes e os cabelos loiros cortados na altura dos ombros e pensei em como ela podia ser tão diferente do irmão, meu melhor amigo, Jonathan.

— Bom dia, Amber — respondi, bebendo o meu café.

— Você vai ao ensaio da orquestra hoje?

— Não, fui dispensada. Vou a um estúdio no Soho fazer um trabalho extra.

— Aquele que anunciaram na orquestra?

— Sim, ele mesmo.

— Vai encarar? Não divulgaram quase nada sobre esse trabalho. Acho que é uma fria, por isso muitas pessoas não se interessaram.

— Vou, sim, estou precisando de dinheiro.

— Eu não entendo por que sempre está precisando de grana...

— Quero fazer uma viagem no futuro e preciso guardar dinheiro — menti, sem coragem de contar a verdade para ela. Além de ser complicado demais, Amber, com sua vidinha certinha, jamais iria entender que eu precisava contratar o melhor advogado do país.

— Agora, sim, está explicado. Pretende ser afastar da orquestra?

— Ainda não sei — falei a verdade. Eu era a primeira violinista da orquestra filarmônica de Nova Iorque, um feito e tanto para quem teve que se esforçar muito para terminar a faculdade na Juilliard. Pelo menos quanto a minha profissão, eu estava satisfeita. Tinha conseguido tudo que sempre sonhara.

— Vou indo, nos vemos à noite. Vou querer saber tudo sobre o trabalho extra. Quem sabe vou com você no próximo — disse, pegando sua bolsa na cadeira e saindo do apartamento.

Se eu pudesse, moraria sozinha, mas bancar um apartamento em Manhattan estava fora de cogitação, ainda mais agora, que eu precisava de dinheiro. Por isso tolerava Amber e todas as suas futilidades. Era um sacrifício pequeno para a grande recompensa que eu teria no futuro.

Voltei para o meu quarto, mirei o violino num canto e a bagunça no outro. Estava trabalhando muito naqueles dias e sobrava pouco tempo para organizar minhas coisas, mas eu precisava fazer aquilo, não dava para continuar assim. Liguei minha *playlist* favorita, com as minhas apresentações. Eu costumava tocá-la sempre que tinha vontade. Organizei meu quarto, lavei as roupas sujas, que estavam espalhadas nos lugares mais inusitados, arrumei-me assim que terminei e comi uma salada no caminho antes de chegar ao estúdio no Soho.

Conferi o endereço antes de entrar, e era esse mesmo. No entanto, a quantidade de músicos que aguardava na sala de espera era enorme. Eu sabia que isso poderia acontecer, afinal o pagamento era três vezes maior do que eu

costumava ganhar para fazer trabalhos semelhantes.

— Olá, eu sou Catherine Lauren Soares e vim para a vaga de músicos — apresentei-me a uma mulher morena de óculos sentada na recepção.

— Oi, sou Giovanna, assessora da banda. Qual instrumento você toca?

— Violino — respondi, mordendo o lábio, nervosa. Não podia perder aquele emprego. Quase disse que tocava outros instrumentos também, mas seria muita pretensão minha garantir aquilo. Não tocava profissionalmente os outros instrumentos, apesar de saber tocá-los.

— Achei seu currículo. Você faz parte da filarmônica de Nova Iorque?

— Sim — assenti.

— Muito bem, você pode seguir o corredor e entrar no estúdio com os outros músicos.

— Obrigada — disse aliviada.

Caminhei na direção indicada por Giovanna e entrei no estúdio. Era um lugar razoável, mas estava lotado. Uma banda tocava no centro, e os outros músicos, assim como eu, estavam amontoados num canto. Tirei meu violino do *case* e fiquei esperando que tivesse uma oportunidade de tocá-lo. Não reparei nos meus colegas de profissão, nem nos integrantes da banda, estava muito ansiosa para isso. Eu não gostava de ser o centro das atenções e ainda tinha acabado de chegar. Fiquei ali por alguns minutos até que uma música que eu conhecia tão bem começou a ser tocada no piano. Não consegui resistir e coloquei o violino no queixo, acompanhando as partituras. Não saberia explicar por que fiz isso, ninguém me pediu, e nenhum outro músico além de mim fez o mesmo. Contudo, só entendi meu erro quando era tarde demais.

A música acabou. O vazio que eu sentia sempre que me lembrava de Rick se tornou presente, e eu só queria sair dali o mais rápido possível. Entretanto, não fui rápida o bastante e, quando me virei para sair do estúdio, fui encurralada pela última pessoa que queria encontrar no mundo.

— É você! — exclamou Rick ao me olhar com uma mistura de surpresa e raiva.

— Desculpe-me, não queria atrapalhar, estou indo — disse, passando por ele o mais rápido que pude. Não podia ficar ali, sequer deveria ter aparecido naquele estúdio. Se pelo menos desconfiasse que ele estaria ali, teria passado bem longe.

— Ei, espere! Não acredito que vai fugir assim!

— Não estou fugindo, só preciso ir embora — contestei já fora do local, mas ele me seguiu até a rua.

— Sabia que eu estaria aqui? — perguntou segurando meu braço, impedindo-me de continuar andando.

— Não — respondi, sem coragem de olhar para ele.

— Agora consigo entender por que está fugindo — lamentou ainda me segurando, como se eu fosse correr dali se ele fizesse o contrário, o que era verdade. Eu não estava pronta para conversar com ele.

— Se entende, pode me deixar ir? — pedi, observando meus pés como se fossem a coisa mais interessante no momento.

— Não quando preciso de respostas — respondeu, erguendo meu queixo para que nossos olhos se encontrassem. Tinha esperado tanto esse momento, mas os olhos furiosos que encontrei me fitando de volta não eram como imaginei e muito menos como me lembrava.

— De que respostas precisa? — indaguei, encarando-o de volta com o mesmo olhar.

— Por que fugiu?

— Não sabia que era a sua banda no estúdio e, quando descobri, decidi voltar para casa.

— Fugir mais uma vez, você quis dizer, mas não foi isso que perguntei. Por que fugiu de mim no passado?

— Esse não é um bom lugar para conversarmos — respondi, percebendo as pessoas andando mais devagar para escutar nossa conversa.

— Você está certa, podemos voltar para o estúdio?

— Não vou voltar para lá — afirmei, segurando meu *case* com tanta força que meus dedos ficaram doloridos.

— Tudo bem, podemos entrar num café — apontou para um Starbucks na esquina.

— Preciso ir agora, podemos deixar essa conversa para depois? — pedi, tentando me esquivar desse momento.

— Não, você vai entrar lá comigo e vamos conversar. Você me deve isso. Foram dez anos de espera, e, quando finalmente nos encontramos, você quer deixar para outro dia? Não vou aceitar.

— Okay — assenti contrariada, e caminhamos juntos até a cafeteria. Entramos e escolhemos um lugar mais reservado num canto. O local estava quase vazio, e ninguém pareceu notar nossa presença.

— O que vai querer?

— Café puro — pedi, lembrando que precisava de algo forte para me manter ali.

— Certo, espere aqui enquanto vou pegar — pediu, implorando-me com o olhar para que eu permanecesse sentada até ele retornar.

— Vou esperar — garanti.

— Aqui está — retornou alguns minutos depois com dois copos de café.

— Obrigada — agradeci, tomando um pouco da bebida quente para me acalmar.

— O que veio fazer hoje no estúdio? — perguntou depois de me observar por longos minutos, e respirei aliviada, pois era uma das perguntas fáceis.

— Eu vim pela vaga de músico.

— Onde viu nosso anúncio?

— Na orquestra de Nova Iorque, onde trabalho. Mas não foi especificado que precisavam de músicos para a The Dangers.

— Quer dizer que conseguiu se tornar uma musicista.

— Sim — respondi, tentando evitar as lágrimas. Era a última coisa que eu podia fazer na frente dele.

— Você foi para a Juilliard?

— Sim.

— Consegue falar mais do que monossílabos?

— Talvez. Não entendo por que está tão curioso sobre a minha vida agora.

— Você era a minha namorada e desapareceu sem deixar rastros. É natural que eu queira respostas.

— Você disse bem, eu era, há muitos anos. Não vejo razão para esse interrogatório agora.

— Sei que não temos mais nada, mas ainda podemos ser amigos, e, como amigos, você pode me dizer por que desapareceu?

— Meus pais voltaram ao Brasil.

— Você não pensou em conversar comigo antes de ir — falou magoado. Rick estava diferente, seu tom de voz demonstrava que mudara bem mais por dentro do que por fora.

— Eu tentei, mas você já estava em turnê e não atendia meus telefonemas.

— Esperei por dias que você viesse conversar comigo, mas nenhuma das minhas mensagens foi respondida. Não aguentei esperar mais e bloqueei o

seu número.

— Eu estava em estado de choque e me culpava pelo acidente da Adeli. Perder minha melhor amiga foi um choque muito grande.

— Você sequer pensou em mim? Eu também estava arrasado, mas você me excluiu da sua vida como se eu fosse nada.

— Não foi bem assim que aconteceu. Eu era muito nova e não estava preparada para enfrentar algo tão trágico. Não vou dizer que fiz a coisa certa, mas tentei consertar quando percebi que o estava afastando, mas foi tarde demais.

— O que quer dizer com isso?

— Eu procurei você depois da turnê.

— Você não disse que voltou ao Brasil?

— Meus pais voltaram, mas eu fiquei para estudar na Juilliard.

— Você foi mesmo para a Juilliard, não está mentindo?

— Já disse que fui.

— Mas estive na faculdade procurando por você e não a encontrei.

— Fiquei afastada por um tempo e retornei no próximo semestre. Eu fui a um dos seus shows logo depois da turnê. Consegui entrar no seu camarim, mas a cena que vi me fez voltar para casa sem falar com você.

— Eu estava sozinho?

— Não — respondi, lembrando-me do segundo pior dia da minha vida, quando voltei a procurar o Rick e o encontrei transando com uma garota no camarim.

— Você precisa entender que eu estava solteiro, não falava com você por meses, não tínhamos nenhum compromisso, e eu não sabia que você apareceria no meu camarim de repente, sem qualquer aviso.

— Eu precisava falar com você, mas não importa, já faz tanto tempo — disse, tentando encerrar aquele assunto doloroso.

— Por que não me procurou outra vez?

— Não queria rever a mesma cena. Se não percebeu, sou uma pessoa sensível e tenho um pouco de amor próprio.

— Nunca soube que esteve no meu camarim.

— O seu empresário me deixou entrar, na certa pensou que eu era mais uma *groupie*.

— Faz sentido. O Mike sempre foi um babaca.

— Tanto faz, não acho que esse detalhe seja importante agora. Na verdade, preciso ir, está ficando tarde e tenho que acordar cedo amanhã.

— Você vai voltar amanhã?

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Claro que é, precisamos de uma musicista como você. Sei que temos um passado, mas prometo ficar longe se você se sentir melhor. Estamos há meses nesse estúdio tentando gravar um álbum acústico, e o mais perto que chegamos disso foi quando tocamos juntos hoje. Portanto não posso deixar você fugir novamente.

— Acho que não podemos trabalhar juntos.

— Teríamos uma audição para escolher o violinista que vai acompanhar a banda, mas acabei de cancelar. O emprego é seu, serão apenas algumas participações, e vou pagar cinco vezes mais do que o mencionado no anúncio.

Fiquei surpresa ao perceber que, se aceitasse o trabalho que ele estava me oferecendo, teria chances de pagar o advogado que eu tanto precisava. Não imaginei que conseguiria juntar o dinheiro necessário tão rápido.

— Vou pensar na sua proposta — disse, saindo da cafeteria sem olhar

para trás.

Capítulo 22

RICK

"Jovem demais, tolo demais para perceber
Que eu deveria ter lhe comprado
Flores e segurado sua mão
Deveria ter te dado as minhas horas
Quando tive a chance"

When I Was Your Man - Bruno Mars

— Não acredito que ela voltou — murmurei sozinho na mesa da cafeteria depois que a Cathy saiu. Ainda permaneci ali por alguns minutos segurando o copo com o café frio enquanto as memórias de nossa vida juntos voltavam com força total.

Preciso parar de pensar em Cathy, pensei enquanto voltava para o estúdio de gravação.

— O que aconteceu, Rick? — perguntou Jonas assim que me viu entrar no estúdio.

— Nada não, eu só precisava tomar um ar puro — menti, tentando ganhar tempo antes de dizer que a Cathy tinha voltado. Na certa eles nem se lembrariam dela. Não fiquei remoendo o passado e lambendo as feridas, não na frente dos meus amigos pelo menos. Porém, ainda corria o risco de ter que dar explicações e não queria fazer isso ainda.

— Tudo bem, já estamos de saída mesmo.

— Conseguiram ensaiar outra música?

— Não, mas escolhemos algumas canções que gostaríamos de tocar na versão acústica. Se quiser, pode dar uma olha. Está em cima do seu piano.

— Onde estão os outros caras?

— As esposas vieram buscá-los, lamento dizer, mas você é o único que pode ficar aqui até mais tarde.

— E por que você não foi embora com eles?

— Amanda não veio com as outras esposas, e acabei ficando para trás para esperar você voltar.

— Como sabia que eu voltaria?

— Você é previsível demais, Rick.

— Não sou não — reclamei.

— É, sim, mas encare isso como um elogio.

— Tudo bem, vou ficar e dar uma olhada nas músicas. Quem sabe amanhã começamos a gravar algumas delas?

— Essa sim é uma boa notícia. Não vejo a hora de sair desse estúdio.

— Eu também, estou contando os dias para o nosso primeiro show acústico.

— Nos vemos amanhã.

— Claro, até amanhã — respondi, sentando-me no banco em frente ao piano e pegando o bloco de notas com as músicas que eles deixaram. Gostei da escolha que fizeram e comecei a fazer os arranjos necessários e pensar nos instrumentos que usaria em cada canção. Talvez fosse o aparecimento repentino da Cathy, mas a verdade era que eu estava mais do que empolgado, por isso fiquei até tarde no estúdio e, quando cheguei a casa, estava tão esgotado que dormi na cama com roupa e tudo, nem mesmo os sapatos consegui tirar.

Abri os olhos com a claridade que vinha da janela, virei-me de barriga para cima e fiquei olhando para o teto do meu quarto. Mandei pintar a constelação de Órion, com seus contornos que formavam o guerreiro com seu

escudo. Adorava ficar olhando para ela, principalmente em dias como aquele, confusos. Eu precisava dizer tanta coisa para a Cathy, mas não consegui falar nem metade.

Tomei um banho demorado, vesti um jeans e um camisa de botão que eu adorava, fui até a cozinha e fiz café com ovos mexidos, bacon e torradas. Sentei-me à ilha e comi devagar. Teria um longo dia pela frente e precisava estar preparado.

Fui um dos últimos a chegar ao estúdio. Entrei vasculhando o lugar em busca de Cathy, mas não havia nenhum sinal dela. Não duvidaria se ela tivesse desaparecido novamente.

— Pronto para gravar? — perguntou Jack apertando minha mão assim que me viu.

— Sempre estou — brinquei, sabendo que era uma provocação dele, pois ainda estávamos longe de começar a gravar as músicas.

— Gostei dos arranjos que fez para as músicas. Será que podemos começar a ensaiar uma delas agora?

— Eu não sei, precisamos de um violinista.

— Estou aqui — anunciou Cathy entrando no local.

— Você é a Cathy do Rick, aquela Cathy? — questionou Jack confuso.

— Sim, sou eu. Como vai, Jack? — indagou, estendo a mão para cumprimentá-lo.

— Estou bem, e é um prazer ter você aqui — respondeu sem jeito. Era a primeira vez que eu o via tão inseguro.

— Obrigada, espero contribuir com o álbum de vocês.

— E com certeza vai, lembro que era uma excelente música — ele disse, afastando-se e nos deixando a sós.

— Vejo que aceitou meu convite — afirmei, observando-a com atenção.

— Estou precisando do dinheiro — disse dando de ombros, sem dar importância ao fato de trabalharmos juntos.

— Certo. Será que podemos começar?

— Claro, estou aqui para isso — respondeu, desviando os olhos para observar as anotações que deixei em cima do piano.

— Quer ver? — indaguei, estendendo o bloco de notas para ela.

— Sim — concordou, pegando os papeis da minha mão. Aproveitei que ela estava distraída lendo e me afastei.

— Essa é a famosa Cathy? — perguntou Freddy quase sussurrando no meu ouvido.

— Sim, você se lembra dela?

— Um pouco. Sempre achei que ela apareceria um dia, ainda mais depois que ficamos famosos. Acho até que demorou.

— Acha que ela é uma oportunista?

— Eu não sei, não disse nada, você que sugeriu isso.

— Sério que está se esquivando agora?

— Não, só quero que tome cuidado. Vocês eram adolescentes quando namoraram e agora são adultos. Muita coisa aconteceu nesse tempo em que ficaram separados, pode ser que tenham se transformado em pessoas bem diferentes. Só vá devagar.

— Eu não pretendo ir a lugar nenhum com ela. Cathy fez a sua escolha, e terminamos. Não tenho intenção nenhuma de reatar o que tínhamos no passado.

— Tem certeza que não?

— Tenho — respondi sem vacilar.

— Eu acredito em você — emendou Freddy, voltando para a sua bateria.

— E aí, podemos tentar tocar juntos novamente? — perguntei para a Cathy assim que ela tirou os olhos das minhas anotações.

— Claro, fiz algumas mudanças. Espero que não tenha problemas.

— Não tem, vou tentar seguir suas modificações.

— Certo, vamos tocar — falou, posicionando o violino no queixo e se preparando para tocar comigo.

Eu não saberia explicar como tínhamos essa sintonia musical tão perfeita, mesmo depois de tanto tempo separados. Cathy se tornara uma artista completa, ela não hesitava nem por um segundo, sua segurança com as notas musicais era impressionante. O violino parecia uma extensão do seu corpo, e eu só a segui, catando as migalhas que encontrei ao longo do caminho e as transformando em algo grande e bonito. Logo o Jack começou a cantar, o Jonas entrou com a sua guitarra, o Bob com o baixo, e, por fim, o Freddy bateu de leve em sua bateria. Enfim terminamos nossa primeira canção acústica.

O entusiasmo dentro do estúdio era contagiante depois que terminamos a primeira música, pois sabíamos que tínhamos feito algo único. A harmonização dos instrumentos que escolhemos ficou perfeita, sem deixar qualquer dúvida de que estávamos no caminho certo.

Seguimos nesse ritmo durante todo o dia, parando em pequenos intervalos para comer e beber. Fizemos um avanço tão grande que compensou todos os dias antes desse, em que ficamos discutindo sem sair do lugar.

— Acho que terminamos por hoje — anunciou Jack ainda ao microfone do estúdio.

— Encerramos por aqui — respondeu nosso técnico da mesa de som.

— Obrigado, galera, foi impressionante o que fizemos hoje — disse Rick animado.

— Também concordo — emendou Bob rindo feliz.

— Essa garota toca muito — elogiou Jonas olhando para Cathy.

— Obrigada, também adorei tocar com vocês — ela respondeu abrindo um meio sorriso, como se não lhe fosse permitido sorrir de verdade. Fiquei imaginando o que tinha acontecido com Cathy durante os anos que passamos separados. *O que aconteceu com você, Cathy?*, questionei em silêncio enquanto reparava nos seus olhos cor de chocolate. Eles não pareciam mais chocolate derretido, eram mais como chocolate amargo, de tão escuros que estavam.

— Eu preciso ir — disse Jack, interrompendo nossa troca de olhares.

— Nos vemos amanhã — respondi.

— Com certeza! — ele gritou já na porta. Freddy, Bob e Jonas o seguiram, e os outros músicos também saíram do estúdio. Quando terminei de recolher minhas anotações, estava sozinho, nem percebi que Cathy tinha ido embora.

— Quer uma carona para casa? — perguntei a ela, que estava parada na frente do estúdio.

— Não precisa, estou esperando alguém. Além disso, aposto que mora bem longe de mim.

— Onde acha que eu moro? — questionei, ignorando a parte em que ela disse que estava esperando alguém.

— Não sei. No Upper West Side talvez?

— Errou, mais uma chance.

— TriBeCa?

— Não, você está bem longe de adivinhar, por isso vou dar uma dica. Não moro em Manhattan.

— Não? — indagou impressionada.

— Por que a surpresa?

— Achei que os astros do rock viviam com os ricos.

— Nunca fui esse tipo de cara, e você devia saber.

— Não vejo você há anos, não faço ideia de quem se tornou — respondeu ríspida, tentando manter uma distância segura de mim.

— Talvez, se tivesse ficado ao meu lado, saberia.

— Não posso dizer que não tentei, mas você estava ocupado demais para me ver.

— Não me condene por fazer algo há tantos anos.

— Vamos deixar o passado onde está, não temos mais nada e devemos continuar como estamos. Por favor, não tente se aproximar.

— Eu só queria conversar com você, mas nunca consigo. O que aconteceu com a Cathy que conheci em Atlantic City?

— Ela não existe mais, assim como o Rick que conheci também não existe.

— Ainda sou a mesma pessoa.

— Tem certeza? Pode afirmar que todas as mulheres que passaram pela sua vida não mudaram você de alguma forma?

— Não — afirmei, convicto disso, pois a única mulher que podia me mudar era ela. Fui para a turnê e fiquei com outras mulheres porque ela não me queria mais. Quando se perde alguém que se quer muito, algo muda dentro de você, e com certeza a Cathy me mudou.

— Você acha que sou a mesma garota ingênua que conheceu na adolescência?

— Nunca achei que fosse ingênua.

— Mas agora está tentando me enganar. Você curtiu a sua vida e me esqueceu. Também fiz o mesmo. Nossa história acabou. Não queira reatar o

que ficou no passado.

— Não pretendo reatar nada, sei que o que tínhamos acabou. Não vou correr atrás de você como fiz da outra vez. Estamos trabalhando juntos, só isso e nada mais.

— Fico feliz que tenha entendido, mas agora tenho que ir — disse, afastando-se para entrar num carro estacionado no outro lado da rua.

Eu não queria ter ficado ali para observar sua interação com o motorista, mas eles pareciam íntimos. O veículo partiu sem ela sequer olhar para mim novamente. Fiquei furioso, teria quebrado alguma coisa se não estivesse na rua. Quem ela pensava que era? Se achava que eu ficaria correndo atrás dela como um cachorrinho sem dono estava totalmente enganada.

Entrei no carro e respirei fundo, tentando me acalmar, mas foi inútil. Cathy conseguia me tirar do sério e mexer com os meus sentimentos como ninguém. Voltei para casa bem tarde, entrei na banheira quente e fiquei ali por quase meia hora antes de sair e procurar algo para comer na cozinha. Aos poucos fui me acalmando e percebendo que não adiantava nada perder a cabeça, teria que permanecer ao lado dela pelos próximos meses, e minha melhor saída era não ficar rangendo os dentes toda vez que a visse. Eu não era mais um jovem inexperiente, já sabia como confrontar uma mulher sem enlouquecer no processo. Só precisava fazer o mesmo com Cathy. Talvez fossem necessários alguns ajustes, pois nenhuma mulher conseguia mexer comigo como ela, mas ainda assim eu poderia contornar essa situação e sair ileso, bem diferente de quando nos conhecemos.

Capítulo 23

CATHY

"Veja, eu quero ficar a noite toda
Quero adormecer com você até o sol nascer
Quero te deixar dentro de mim
Oh, os céus sabem que eu tentei"

Let You Love Me - Rita Ora

Não pensei duas vezes antes de mandar uma mensagem para o Jonathan, irmão da Amber. Eu estava desesperada para afastar o Rick de perto de mim e apelei para meu único amigo.

— Então aquele é o famoso Rick — disse ele assim que paramos na frente do meu prédio.

— Sim — respondi desanimada. Discutir com o Rick não foi nada fácil. Eu precisava dizer tanta coisa e ainda o culpar pelo meu infortúnio, mas quem disse que consegui?

— Ele é bem mais bonito do que eu imaginava. Agora está explicado por que você nunca conseguiu esquecê-lo.

— Não exagere, tive outros relacionamentos depois dele.

— Ah, querida, não se pode chamar encontros esporádicos de relacionamentos.

— Por favor, agora não. Estou tentando seguir em frente se ainda não percebeu.

— Eu percebi que você está tentando se enganar.

— Não estou não — reclamei emburrada.

— Cathy, você é a minha melhor amiga, sempre me apoiou em tudo e nunca me julgou quando eu disse que gostava de homens. Agora está na hora de me deixar ajudá-la.

— Não preciso de ajuda, eu estou bem.

— Eu conheço você melhor do que pensa, e você não está bem. Precisa se abrir com Rick e contar toda a verdade.

— Não posso fazer isso.

— Por que não?

— Eu tenho medo — respondi olhando para um ponto fixo e respirando fundo para não chorar.

— Sei que tem, ficaria surpreso se não tivesse, mas você vai precisar contar em algum momento.

— Achei que nunca mais iria vê-lo. Contar o que passei enquanto ele estava fazendo sucesso por aí nunca foi uma opção, não depois que o peguei no camarim com outra mulher.

— Você contou pelo menos essa parte?

— Sim — assenti, desviando meus olhos do meu amigo.

— E o que ele disse?

— O que todos os homens dizem, que estava solteiro e imaginou que eu não o queria mais.

— Você fugiu sem dar nenhuma explicação. Não deve ter sido fácil para ele.

— Não acredito que você o está defendendo! — disse indignada.

— Você sabe que não, mas preciso mostrar a você que também errou.

— Eu perdi uma amiga num acidente horrível, eu tinha apenas 17 anos, e meus pais não paravam de culpar o Rick. Eu só parei de defendê-lo e me afastei, entrei num quadro de depressão e não queria sair de casa. Quando enfim estava melhor, dois meses depois eu fui procurá-lo e o encontrei agarrado com outra mulher. Como acha que me senti? Especialmente depois de... você sabe.

— Eu entendo, mas não fique brava comigo, não sou o vilão aqui — disse abrindo os braços, e me joguei no seu colo.

Conheci o Jonathan assim que entrei na Juilliard. Ele estava no segundo ano de dança, era alto, magro e com os cabelos mais escuros do que os da Amber, era um rapaz muito bonito e gentil. Eu precisava de alguém para dividir o apartamento, por essa razão fui conversar com ele, esperando ouvir um não, como já tinha escutado de outras meninas da minha turma. Todavia, ele me recebeu de braços abertos, e nos tornamos amigos desde então. Eu não sabia o que seria de mim sem ele. Só nos afastamos porque ele decidiu morar com o namorado, e eu aceitei dividir o apartamento com a irmã dele. Nunca consegui entender como eram tão diferentes. A mãe deles devia ter feito algo muito inusitado durante a gravidez da Amber, para ela nascer tão mal-humorada.

— Sei que não é, mas estou confusa. Finalmente vou ter dinheiro para pagar o advogado. Deveria estar radiante de felicidade, mas não estou.

— Nem me contou que tinha conseguido o dinheiro.

— Quis fazer uma surpresa, pretendia contar no nosso jantar no próximo sábado. Não imaginei que iria arrastá-lo para os meus problemas tão cedo.

— Somos amigos, pode me chamar sempre que quiser. Mas como conseguiu o dinheiro tão rápido?

— O Rick.

— Você contou a ele?

— Não, claro que não. Mas aceitei trabalhar com ele num álbum acústico junto a sua banda.

— E vai ganhar tanto dinheiro assim?

— Vou. Nem acredito que o Rick vai me ajudar a pagar o advogado.

— Que ironia. Sem saber, ele está colocando sua vida de volta nos trilhos.

— Entende agora por que não posso contar nada? Preciso desse dinheiro.

— Sei que precisa, mas tenha cuidado. Não quero que se machuque outra vez. Foi difícil juntar todos os pedaços que ele deixou da última vez.

— Sei disso, mas agora é diferente. Meu foco está além do Rick, e você sabe disso.

— Sei e não vejo a hora de ver um sorriso de volta nesse rostinho lindo. Agora saia já do meu colo, que preciso voltar para casa.

— Obrigada pela carona — agradeci, deixando pequenos beijos no rosto dele e saindo do carro. Era impressionante como meu amigo conseguia me animar sempre que eu estava triste. Mais do que pela carona, chamei o Jonathan porque sabia que precisava dele. Sequei as lágrimas que já ensaiavam descer pela minha face e sorri um pouco, mais animada ao descer do carro. Precisava dormir cedo, pois tinha muito trabalho no dia seguinte.



Fui uma das primeiras a chegar ao estúdio certa manhã. A fila de músicos que participariam das gravações foi diminuindo ao longo dos dias, e os que restaram, inclusive eu, iriam participar dos shows. Eu nunca havia tocado com uma banda de rock antes, estava empolgada demais e tentando conter o frio na barriga toda vez que ensaiávamos juntos. Era bem diferente da orquestra, a banda do Rick tinha uma energia mais crua, menos evoluída, mas

que arrepiava todos os pelos dos meus braços. Era uma música que mexia comigo de formas que eu ainda estava tentando descobrir.

Entrei numa das salas reservadas para gravação e me deparei com algumas mulheres conversando. Elas não pareciam fazer parte da banda, mas estavam bem à vontade com a equipe e os outros músicos, que já tiravam, assim como eu, os instrumentos do *case*. Os garotos da banda não estavam por perto, por isso fiquei de longe observando a interação entre elas.

— Olá, eu sou a Helena, e você deve ser a Cathy — disse uma delas estendendo a mão para me cumprimentar. Percebi um leve sotaque na sua voz e poderia jurar que era brasileira. A morena de cabelos pretos e olhos verdes me fitou com interesse, esperando que eu devolvesse o cumprimento.

— Oi! Sou Cathy. Como sabia o meu nome?

— Sou esposa do Jack, e ele falou muito de você nos últimos dias — explicou assim que apertei sua mão estendida.

— O Jack falou de mim? — indaguei surpresa. Não imaginei que ele se lembrasse que eu sequer existia.

— Sim, ele não deu detalhes, mas disse que vocês estudaram juntos.

— Estudamos — disse, lembrando-me da minha amiga, e um aperto no peito me pegou de surpresa.

— Essas sãos as outras esposas — informou, apontando para as outras mulheres atrás dela. — Essa é Mia, você não deve tê-la conhecido ainda, mas é prima do Jack e do Jonas e esposa do Freddy.

— Eu não teria como fugir dessa banda mesmo que quisesse — brincou a loira radiante, mais ou menos da minha altura e com olhos claros, eu ainda não conseguia identificar a cor exata, mas definitivamente eram claros.

— Olá, Mia — cumprimentei-a apertando sua mão.

— Oi, Cathy! É um prazer conhecê-la.

— Aquela ali é a Amanda, a esposa do Jonas. — Apontou para uma

morena de cabelos castanhos com mechas loiras, a mais baixa de todas, que tinha um sorriso verdadeiro e usava as roupas mais simples. Não que ela estivesse mal-arrumada, mas não ostentava as roupas de grife que as outras vestiam como se fosse sua segunda pele.

— É um prazer conhecê-la, Amanda — disse apertando a mão dela com simpatia.

— Essa aqui é a Pandora, a última mulher adicionada ao nosso clube — brincou Helena apontando para a mulher morena de cabelos encaracolados e olhos castanhos.

— Olá, Pandora — cumprimentei-a apertando sua mão assim como fiz com as outras.

— Oi, Cathy, seja bem-vinda ao clube da Luluzinha — respondeu entrando na brincadeira da Helena, e seu sotaque era forte. Tinha certeza de que era brasileira.

Sorri com seu comentário, mas fiquei com certo receio, pois a Helena não disse com qual dos integrantes da banda Pandora estava, e isso não passou despercebido por mim. Desde que parei na frente dessas mulheres sorridentes e aparentemente bem resolvidas, eu sabia que uma delas poderia ser a esposa do Rick. Eu poderia saber disso fazendo uma pesquisa rápida na internet, mas não saberia o que fazer com essa informação, por isso ignorei-a o máximo que pude e controlei meu ciúme, afinal não tinha nenhum direito em relação a ele.

— Todas são esposas dos integrantes da banda? — perguntei sem demonstrar tanto interesse.

— Sim, fazemos parte da família The Dangers — respondeu Helena.

— Não está faltando uma? — questionei.

— Sim, mas o Rick não tem sequer uma namorada, vai demorar para preencher a última vaga — brincou Mia, enquanto as outras mulheres riam. Eu sorri também, não de felicidade. Na verdade, o que senti foi alívio e nem sabia explicar por que me senti assim.

— Você era namorada do Rick quando estudavam juntos? — perguntou Helena.

— Sim, mas foi há muito tempo — respondi sem graça e tentando me desviar do assunto.

— É, tem razão, mas vamos oferecer um jantar para os músicos hoje, no final dos ensaios, e você está convidada — disse Helena.

— Não sei se conseguirei ir, mas obrigada pelo convite.

— Você tem um namorado esperando por você? Pode levá-lo se quiser — emendou Mia.

— Ele não é meu namorado, mas tenho um jantar com alguém essa noite.

— Convide ele para ir com você. Tenho certeza de que vai adorar.

— Vou pensar — respondi assim que os integrantes da banda apareceram no estúdio, e tivemos que encerrar a conversa.

Observei de perto enquanto cada um deles beijava a esposa e depois se posicionava para começar os ensaios, exceto o Rick, que ficou me olhando por alguns minutos com cara de poucos amigos. Retribuí o olhar sem desviar, e o Jack acabou interrompendo nossa troca de farpas quando chamou a atenção do amigo.

— Vamos começar a tocar, pois pretendo sair cedo desse estúdio — disse assim que conseguiu a atenção do Rick.

— Claro — resmungou ainda olhando para mim. Não desviei meu olhar e fiquei com a expressão mais séria possível. Não era mais aquela garotinha inocente que ele tinha namorado alguns anos antes, era uma mulher e fiz questão de afirmar com meu olhar que não iria deixar que pensasse o contrário.

Alguém começou a tocar, e nossa atenção se voltou para a música. Afinal, eu tinha sido contratada para isso e, por mais que quisesse continuar enfrentando o Rick, precisava muito daquele emprego, não podia correr o

risco de ser mandada embora. Por isso ignorei sua presença no estúdio, mesmo estando bem ao lado dele, e toquei as músicas que ensaiamos. Deixei que as canções me tirassem toda aquela tensão que estava sentindo, e as coisas começaram a ficar mais fáceis. Tocar me levava a um lugar de plenitude e calmaria em que eu adorava ficar. Naveguei nas notas musicais como se fossem ondas e deixei que elas me levassem para onde quisessem a fim de descobrir novos mundos.

As canções tinham uma energia própria que precisava ser seguida. Eu ouvi esses garotos tocarem no começo da sua carreira, sabia que tinham um potencial enorme, mas não imaginei que se tornariam músicos tão bons. Eles tocavam com o coração mais do que com as mãos. Assim como eu, sentiam as melodias e as levavam para onde elas queriam ir. Uma vez certa professora de música me disse que isso era raro de encontrar, pessoas que tocam com tanta emoção que podem fazer outras pessoas sentirem o mesmo. Não fiquei surpresa ao constatar que o filho dela fazia parte da banda e estava tocando com o coração e com um semblante tão sereno que, por alguns segundos, eu queria ser a garota daquela canção e ter os mesmos sonhos que ela, mas a minha realidade era outra, e eu precisava me apegar a ela com unhas e dentes, pois era tudo que eu tinha.

Capítulo 24

RICK

“Eu não vou me esforçar até que você se decida
Você está pronta para engolir todo seu orgulho?
Eu estou aqui exposto
Eu estou aqui exposto”

Naked - James Arthur

Foi uma surpresa encontrar a Cathy conversando com a Helena e as outras mulheres como se fossem amigas. Não sei dizer a razão, mas aquela cena aqueceu meu coração e foi inevitável não sorrir. Contudo, ouvir logo depois que ela tinha um compromisso tirou qualquer resquício de alegria que por um momento eu tive. Sabia que ela podia ter seguido em frente. O fato de eu não ter conseguido fazer o mesmo não era garantia nenhuma de que ela me esperaria. Afinal nosso relacionamento terminou sem uma despedida. Provavelmente foi por isso que, embora eu não reconhecesse em voz alta, eu fiquei esperando por ela. Não que eu não tivesse ficado com outras mulheres, fiquei com muitas, mas não me orgulhava disso. Foi a maneira mais fácil que encontrei de preencher o vazio que ela deixou.

Porém, não foi suficiente, e eu desconfiava que nunca seria. Talvez, se conseguisse conversar com ela e encerrar aquele assunto de uma vez por todas, pudesse ficar mais fácil para o meu coração entender que tinha acabado.

Desliguei-me durante o ensaio, fui para a minha zona de conforto, que era a música, e fiquei lá, evitando olhar para Cathy, mesmo sentindo a sua presença tão perto de mim e sua música, que me puxava como um fio invisível, mas não cedi. Estaria perdido se puxasse esse fio.

Ao final do ensaio, seguimos para o apartamento do Jack. Nem passei em

casa, talvez porque não queria perder a chegada de Cathy. Contudo, fiquei decepcionado ao confirmar que ela estava acompanhada pelo mesmo cara da outra noite. Na certa eles eram namorados, e aquilo me irritou. Bebi para desviar meus olhos do casal apaixonado, mas não estava adiantando.

— Você está querendo pulverizar com os olhos o namorado da Cathy? — perguntou Jack, sentando-se ao meu lado.

— Eu só estou olhando — resmunguei, bebendo mais um gole de uísque.

— Olhando? Não parece, você não consegue disfarçar que não está contente.

— Por que eu deveria? Na verdade, quero uma explicação. Por que ela desapareceu da minha vida como se o que tivemos juntos fosse nada?

— Eu não sei, talvez devesse perguntar a ela?

— Já tentei, mas estava tão irritado com a situação que não terminamos a conversa.

— Tenha paciência e espere que ela converse com você.

— Quem é você? E o que fez com meu amigo? O Jack que conheço não dá esse tipo de conselho, esse papel é do Jonas.

— Eu estou tentando ser legal.

— Não tente, está uma droga. Gosto mais quando você joga tudo para o alto sem pensar nas consequências.

— Não sou mais esse cara, eu mudei. Foi um processo lento, devo salientar, mas entendi que preciso valorizar o que tenho. E, depois de tanto tempo daquele acidente, eu consegui ser feliz. Confesso que senti uma culpa esmagadora quando a Adeli morreu e, para disfarçar esse sentimento, esqueci o passado e mergulhei no presente sem pensar nas consequências, mas a Helena apareceu e me mostrou o tipo de homem que quero ser, alguém de quem ela pode se orgulhar um dia.

— Helena ama você e tenho certeza de que se orgulha também.

— Estou tentando. Contei a ela sobre Adeli. Quando revi a Cathy, a máscara que eu usava caiu, e voltei para casa transtornado. Ela percebeu e me perguntou o que tinha acontecido. Eu não aguentava mais esconder aquela noite, por isso lhe contei e fiquei esperando que ela brigasse comigo logo depois, mas não foi isso que aconteceu. Helena é uma mulher maravilhosa. Ela olhou pra mim e disse: "Está explicado".

— O quê? — perguntei, sem entender.

— "Porque você era tão complicado. Estou feliz por nunca ter desistido", ela respondeu e me cobriu de beijos depois.

— A Helena não é como a Cathy. Nunca fiz nem metade do que você fez com a Helena, e ainda assim eu a perdi.

— Ei, espere um pouco! Não me orgulho de nada que fiz para machucar minha esposa. Sei que fiz coisas horríveis, nem gosto de lembrar, pois me arrependo de todas elas.

— Não disse isso para se sentir culpado, mas é a verdade. Porém, tudo isso ficou no passado, agora vocês estão juntos e bem, enquanto estou vendo a Cathy com outro cara. Talvez eu devesse seguir em frente e esquecê-la de uma vez por todas — murmurei impaciente.

— Vocês precisam conversar.

— Como? Ela não desgruda do cara!

— Espere uma oportunidade. Com certeza eles não irão ficar juntos a noite toda. Não faça nada de que você possa se arrepender depois, espere para conversar com ela.

— Vou tentar — resmunguei contrariado e voltando a beber meu uísque.

Fiquei de longe observando enquanto eles conversavam e riam com uma afinidade que eu duvidava que ainda tinha com ela.

Não queria ter bebido, não queria perder o controle, nem mesmo pedir uma explicação a ela durante a festa. A cobertura do Jack estava cheia de

amigos, patrocinadores, e eu não era o tipo que saía para brigar, apesar de querer socar o cara que parecia tão íntimo da única pessoa que já me fizera sentir algo nessa vida. Por isso me afastei, deixei a bebida no bar e fui encontrar um lugar em que pudesse respirar um pouco de ar puro, mesmo que fosse gelado.

Sentei-me na poltrona num canto escuro do terraço, fechei meus olhos, respirei fundo várias vezes a fim de esfriar minha cabeça e conseguir pensar direito. Fiquei assim por algum tempo até que finalmente consegui abrir meus olhos e me deparei com Cathy parada na minha frente.

— Desculpe, não sabia que tinha alguém aqui, já estou de saída.

— Espere, pode ficar se quiser.

— Não estou atrapalhando? — perguntou, mordendo o lábio inferior, e na hora me lembrei de que ela fazia isso quando éramos adolescentes e eu tinha vontade de beijá-la todas as vezes. Reprimi a vontade que senti de fazer o mesmo.

— Não, pode ficar — respondi, sem coragem de afastá-la de mim. Era o certo a se fazer, afinal ela tinha alguém esperando na festa, sem contar que eu tinha vindo até ali para fugir dela, então era uma contradição e tanto querer que ela ficasse.

— Tem certeza? — questionou insegura.

— Tenho, sim — garanti, dando espaço na minha poltrona para que ela se sentasse ao meu lado. Na teoria, na poltrona caberia confortavelmente uma pessoa, mas tinha espaço para mais uma.

Ela me olhou avaliando o que deveria fazer, mas no fim acabou aceitando minha oferta e se sentou ao meu lado. Ficamos bem próximos, e a sensação era tão boa que suspirei como se fosse um gatinho aconchegado no colo da dona.

— O que está fazendo aqui sozinho? — perguntou olhando para a paisagem a nossa frente, prédios e mais prédios, nada parecido com o céu estrelado que costumávamos admirar no farol.

Deveria lhe dizer que estava tentando fugir dela, mas não consegui.

— Estou respirando um pouco de ar fresco.

— Ar gelado, você quer dizer — emendou, passando as mãos nos braços desnudos para aquecê-los, e, sem pensar muito, ofereci-lhe minha jaqueta.

— Obrigada — agradeceu, vestindo-a em seguida, e eu podia jurar que ela suspirou assim como eu tinha feito minutos antes.

Permanecemos em silêncio, sem saber o que dizer. Tentei procurar as estrelas, em especial a constelação de Órion para me distrair, mas era impossível enxergá-la dali, porém, eu sabia que ela estava ali em algum lugar.

— Eu acho melhor ir — ela disse, interrompendo o nosso silêncio.

— Você está sempre fugindo — lamentei sem coragem de olhar naqueles olhos que eu conhecia tão bem.

— Não estou, vamos nos ver na segunda no estúdio. Não pretendo deixar os ensaios e nem as participações nos shows que combinamos.

— Não estou falando de contratos, estou falando de nós.

— O que está falando de nós?

— Quero uma explicação. Por que não me procurou?

— Eu procurei.

— Uma única vez e fugiu sem falar comigo. Eu achei que merecia mais, achei que se importava comigo pelo menos um pouco.

— Eu fui e peguei você com outra mulher no seu camarim. Não venha se fazer de vítima, que nosso relacionamento teve um fim quando você enfiou sua língua na boca daquela *groupie*.

— Não é assim que funciona, eu precisava de um fim. Fui tantas vezes à sua casa, liguei outras tantas, mas você me ignorou. Me esqueceu

completamente, como se fosse simples esquecer todas as noites que passamos juntos no farol.

— Não foi isso que pareceu quando fui conversar com você depois do show.

— Eu estava devastado, triste, magoado, não tinha notícias suas durante dois meses! Sabe o que é isso, dois meses inteiros sem saber se ainda tinha uma namorada, sem saber como consertar meu coração partido, sem ter uma explicação para esse sentimento de abandono?

— Não foi o que vi naquela noite.

— Esquece aquela noite! Fiquei com algumas mulheres, mas não senti nem metade do que sentia por você.

— Como se fosse fácil esquecer... Minha vida mudou depois que saí daquele show, e estou correndo atrás até hoje do que perdi.

— O que você perdeu naquela noite?

— Eu não posso dizer, acho melhor ir embora. Podemos conversar outra hora? — respondeu, levantando-se para escapar mais uma vez.

— Conversar outra hora? Quando? — ironizei, sentindo o efeito da bebida se manifestar.

— Eu não sei, outro dia, quem sabe?

— Agora você precisa voltar para o seu namorado.

— Que namorado?

— Não se faça de desentendida, aquele cara que veio com você, que por sinal é o mesmo que te buscou no estúdio.

— Ele não é. Quer saber? Vou deixar você sozinho com suas suposições. Até mais, vejo você na segunda.

— Adeus, Cathy — murmurei conforme ela se afastava de mim levando

minha jaqueta consigo. Respirei fundo para não a seguir e resolver nossa situação de uma vez por todas, mas pensei melhor e entendi que eu estava apenas me enganando. A Cathy estava com alguém, e, embora eu tentasse me enganar dizendo que nosso relacionamento não teve um desfecho, ele teve, sim. Porém, eu não percebi e continuei me enganando, achando que ainda estávamos juntos porque não conversamos sobre isso. No entanto, quando fiquei com outra mulher um mês depois, durante a turnê, eu sabia que nosso relacionamento tinha terminado, caso contrário não teria ficado com outra pessoa. Todavia, entender que sofri por algo que havia tempos não existia mais fez com que eu me sentisse um tolo. Não fui enganado, mas me senti ludibriado pelos sentimentos confusos que tinha na época e pelos outros tantos que fui desenvolvendo em consequência deles.

Teria dormido no terraço se o Jack não aparecesse para me acordar algum tempo depois. Ele insistiu para que eu dormisse no quarto de hóspedes, mas queria a minha casa, porém, não estava em condições de dirigir. Ainda tinha um Camaro, não era o mesmo da minha adolescência, mas tinha muito carinho por ele. Demorei anos para reformá-lo e transformá-lo na relíquia que era.

O motorista do Jack me levou para casa e prometeu deixar o carro no dia seguinte.

Achei que me sentiria melhor quando estivesse em casa, mas estava enganado. O silêncio e a solidão só foram testemunhas do meu desalento.

Sentei-me na frente do piano que foi da minha mãe. Tinha muito carinho por ele e demorei para conseguir encontrá-lo novamente. Meu pai o vendeu assim que minha mãe ficou doente e parou de tocar. Ela teve uma doença nos ossos, e suas mãos ficaram impossibilitadas de tocar qualquer instrumento. Isso quase a matou. Tirar a música de alguém que tocava como ela é quase uma sentença de morte, por isso ele se desfez de todos seus instrumentos. Eu estava viajando em turnê na época, morava num apartamento minúsculo em que não caberia um piano, por isso não consegui ficar com ele, e demorei anos para reencontrá-lo – em ruínas.

Estava tentando restaurá-lo. Faltavam algumas teclas, mas, assim que eu

terminei de ajeitar a madeira, já o coloquei na minha sala, pois era uma lembrança constante de que, se eu podia reconstruir aquele piano, podia fazer qualquer coisa.

— Menos restaurar o amor de Cathy — lamentei em voz alta.

Capítulo 25

CATHY

“Sinto que estou afundando
Mas eu sei que sairei desta viva
Se eu parar de te chamar de amor
E superar”

Stitches (Feat. Shawn Mendes) - Hailee Steinfeld

Fui embora da festa assim que saí do terraço. Não podia ficar mais perto do Rick sem dizer o que tinha feito durante o tempo que passara longe dele e o quanto o culpava por mudar meus sonhos. Eu sabia que deveria conversar com ele, mas ainda estava em negação, escondendo e me esquivando como se pudesse viver assim. Sabia que não podia, mas ainda me recusava a mudar minha atitude.

Olhei-me no espelho do camarim e, pela primeira vez depois de anos, estava feliz e prestes a realizar mais um sonho. Passei o batom vermelho que sempre usava nas apresentações da orquestra e sorri. Enquanto as outras mulheres corriam desesperadas para se arrumar, eu estava serena, nem parecia que estava prestes a tocar para uma plateia tão exigente. Eu era uma das primeiras violinistas da orquestra e tinha uma grande responsabilidade. Demorei para conseguir esse almejado posto, e às vezes me perguntava se valera a pena. Embora eu tinha uma satisfação imensurável todas as vezes que subia ao palco segurando meu violino, não sabia se conseguiria seguir o mesmo caminho que tinha feito. Certamente, depois de ver o resultado da minha escolha, eu teria feito tudo diferente e dado prioridade a outra pessoa em vez da minha carreira. Todavia, não se pode voltar no tempo, só nos resta aprender a conviver com nossos erros e fazer o melhor possível para não os cometer novamente.

— Temos que ir — chamou uma das violinistas que tocava comigo.

— Já estou indo — respondi, levantando-me do banco em frente ao espelho e caminhando até o grande palco do Lincoln Center, a casa da orquestra de Nova Iorque.

As cortinas ainda estavam fechadas, mas eu podia sentir a vibração das pessoas na plateia. O teatro estava lotado, era sempre assim quando a orquestra filarmônica começava a tocar na Big Apple. A cidade que nunca dormia parava para ouvir, pois a orquestra era o coração da cidade, que pulsava conforme seus moradores.

As cortinas se abriram, o maestro se posicionou. Estávamos ensaiando aquela apresentação especial havia meses, e nada podia dar errado, bem diferente dos meus ensaios com a banda The Dangers. Lá estávamos experimentando, e errar podia mudar como ouvíamos uma ou outra música. Ali não podíamos fazer esse tipo de experimento, nenhuma nota podia ser tocada fora do lugar, tínhamos que tocar juntos, e era isso que fazíamos. Deixei meus problemas de lado, esqueci-me da conversa que teria com meu advogado no dia seguinte e me concentrei na música. Gostava de tocar com os olhos fechados e na maioria das vezes esquecia onde estava e que estava tocando para tantas pessoas. A música se infiltrava nas minhas veias, e eu só conseguia senti-la correndo na minha corrente sanguínea e fazendo meu corpo vibrar de emoção.

No entanto, dessa vez eu senti algo diferente, uma vibração que me deixou inquieta, e não consegui permanecer com os olhos fechados. Tive que abri-los e me deparei com o Rick me fitando deslumbrado algumas cadeiras à frente. Não esperava por essa. Ainda bem que tínhamos terminado a primeira parte da nossa apresentação, caso contrário eu teria errado a nota e receberia uma reprimenda do maestro. Ele tinha ouvidos atentos, e nada lhe escapava, nem mesmo uma nota fora do lugar. Respirei aliviada, tentando me recompor. Minhas mãos tremiam. Eu não podia ver o Rick naquela noite, não antes de consultar o advogado, não quando estava tão perto de conseguir o que tanto almejava. Entretanto, o destino estava sempre brincando comigo, e eu já deveria ter me acostumado.

Fechei meus olhos novamente quando o maestro sinalizou que começaríamos a segunda parte da apresentação. Eu estava consciente da

presença do Rick, mas, por incrível que pareça, quando comecei a tocar, fui me acalmando e deixei que sua presença se dissipasse ao som do meu violino. A música se infiltrou na minha pele, e toquei como se estivesse enfeitiçada. Só abri meus olhos novamente quando os aplausos começaram a ser ouvidos. Curvei-me em agradecimento e saí do palco em êxtase.

— Essas flores são para você — disse um dos funcionários do teatro ao me entregar um buquê de rosas vermelhas. Fiquei surpresa, pois não costumava receber rosas depois das minhas apresentações, mas nem precisava olhar o cartão para saber quem as enviara.

— Obrigada pelas flores — disse assim que saí e vi o Rick me esperando na porta do teatro.

— Você merece, nunca ouvi ninguém tocar como você.

— Como sabia da apresentação? Não contei a ninguém.

— Não é difícil descobrir quando serão as apresentações da orquestra filarmônica de Nova Iorque.

— É verdade, mas não achei que você fosse aparecer.

— Comprei o ingresso de última hora, mesmo assim decidi fazer uma surpresa e quem sabe te levar para jantar comigo.

— Jantar agora?

— Sim, você vai jantar? Podemos fazer isso juntos.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Claro que é, não pense muito, só diga sim.

— Eu preciso voltar para casa.

— Está esperando o seu namorado?

— Não é nada disso, o Jonathan tem compromisso essa noite, além disso ele não é ... — Deveria esclarecer essa dúvida do Rick e dizer que eu não

tinha namorado nenhum, mas não conseguia. O fato de ele pensar que eu tinha alguém, que havia seguido em frente, de certa forma me dava segurança para ficar ao lado dele e não fazer nenhuma besteira.

— Se ele tem compromisso, você jantaria sozinha. Podemos fazer isso juntos.

— Tudo bem, você me convenceu, mas não posso demorar.

— Não se preocupe, vou te deixar sã e salva na sua casa — murmurou com ironia para disfarçar que estava chateado com alguma coisa.

— Então vamos — assenti, caminhando com ele até o carro.

Achei que ele me levaria a um dos inúmeros restaurantes chiques da cidade, mas tive uma agradável surpresa ao descer em frente ao The Garret East, um bar de drinques no East Village que divide espaço com o Borrachito, e assim conseguimos pedir comida mexicana enquanto experimentamos as bebidas.

— Gostou do lugar?

— Sim, já estive aqui com algumas amigas. Não esperava que me trouxesse aqui.

— Está decepcionada?

— Não, muito pelo contrário. Gosto que não tenha se tornado um famoso metido.

— Ainda sou o mesmo cara que conheceu no colégio.

— Eu sei — assenti insegura, mas ele resolveu mudar de assunto, e me senti aliviada.

— O que vai querer beber?

— Nada com uísque, não gosto de bebidas fortes.

— O que acha de *Adios, Felicia*?

— Tem morangos, tequila e pró-seco. Eu disse que não quero nada forte.

— Não é tão forte assim, além disso tem soda para quebrar o teor alcoólico.

— Se está tão seguro, vou aceitar a sua sugestão se me deixar escolher a sua bebida.

— Fique à vontade.

— *The Pyjama Party*.

— Tão rápido? Nem vai precisar pensar a respeito?

— Não, eu conheço essa bebida e tenho certeza de que ela é ideal para você.

— Se insiste, vou aceitar.

Não demorou muito até que estávamos na segunda rodada de bebidas e acompanhados por tacos e guacamole. A bebida deixou o clima entre nós mais leve, e, por essa noite, decidi esquecer nosso passado e deixar que aquela sintonia que tínhamos viesse à tona.

— O que vai fazer amanhã na sua folga?

— Eu ainda não sei, talvez ficar na cama até mais tarde — menti, quando sabia que acordaria mais cedo que nos outros dias, pois estaria ansiosa demais para dormir. No dia seguinte eu teria uma reunião com meu advogado e saberia se meu pedido tinha sido atendido.

— Você gosta de ficar na cama sem fazer nada? — perguntou com malícia no tom de voz. Eu sabia que ele queria saber bem mais do que perguntou, mas ignorei sua tentativa de flerte.

— Só quando estou dormindo.

— É uma pena. Sei de várias coisas que a manteriam na cama por um longo tempo.

— Acho melhor eu ir, não quero chegar tarde em casa.

— Não se preocupe, eu posso levar você — ofereceu solícito, mas Rick não estava em condições de dirigir, uma vez que exagerara na bebida. Enquanto eu escolhi uma bebida sem álcool na segunda rodada, ele já estava na quarta do *The Pyjama Party*, uma bebida bem forte à base de rum.

— Acho que vou sozinha, não entraria num carro com você agora.

— Tem razão, não posso dirigir, mas você pode.

— Nem sei onde você mora.

— Posso dar as coordenadas. Estou bêbado para dirigir, mas ainda sei o caminho de casa. Além do mais, tem GPS no carro, bastar apertar "casa", que ele nos leva para lá.



Estacionei em frente a uma casa linda no Brooklyn, graças ao GPS, uma vez que o Rick apagou assim que entramos no carro.

— Você mora aqui? — perguntei curiosa, cutucando o Rick para que ele acordasse.

— Sim. O Brooklyn me faz lembrar de você.

— E por quê? — questionei, ignorando o fato de eu ter nascido no Brooklyn e ter morado ali praticamente a minha vida toda.

— Você é a minha garota do Brooklyn — respondeu, deitando-se no meu colo e enrolando os braços na minha cintura.

— Eu não sou sua garota, não mais — respondi acariciando seus cabelos

macios. Eles estavam bem maiores do que quando éramos adolescentes.

— Queria que fosse — lamentou ainda grogue pela bebida e pelo sono.

— Eu também queria — afirmei insegura e supondo que ele não se lembraria daquela noite. Meu coração batia frenético sempre que eu estava perto dele. Minha história com o Rick tinha acabado, e o quanto antes eu entendesse esse fato, mais fácil ficaria para nós dois. — Ei, Rick! Você precisa acordar, não pode dormir no meu colo dentro do carro.

— Sei disso, mas está tão bom que não quero largar você — resmungou, abraçando minha cintura com mais força.

— Eu preciso ir. Vou deixar seu carro na garagem e pedir um táxi.

— Não, está tarde. Você pode dormir aqui.

— Não é uma boa ideia.

— É, você tem razão, não é uma boa, ainda mais depois daquela conversa sobre camas e dormir até mais tarde.

— Tem razão — concordei, remexendo-me desconfortável no banco do motorista, ainda com a cabeça do Rick nas minhas coxas.

— Você pode levar o meu carro e trazê-lo amanhã — sugeriu, saindo do meu colo e logo depois do carro, sem me dar nenhuma chance de recusar o seu pedido. Não queria ver o Rick no dia seguinte, mas também não podia negar que, devido às circunstâncias, a oferta dele era a melhor das minhas opções, por isso dei partida no carro e segui para meu apartamento assim que o vi entrar pela porta da frente.

Estacionei na rua ao lado do meu prédio, já que não tinha uma garagem disponível. *O Rick não se importaria se o carro dele permanecesse na rua,* pensei enquanto entrava no elevador, mas, assim que girei a chave, segurando o buquê de rosas que ganhara naquela noite, percebi que ele se importaria, sim. O carro era uma relíquia. Não era o mesmo Camaro que ele tinha quando era jovem, mas eu podia jurar que ele tinha o mesmo carinho pelo veículo.

Coloquei as rosas num vaso e as levei para o meu quarto. Fiquei alguns minutos admirando a foto ao lado da minha cama, cheguei a passar meus dedos pela sua bochecha até que não resisti e dei dois beijinhos carinhosos na imagem, então me deitei na cama. O outro dia seria longo, e eu não queria perdê-lo por nada nesse mundo.

No entanto, não foi o que aconteceu quando abri os olhos na manhã seguinte e o relógio marcava quase 9h. Eu nunca acordava tão tarde, muito menos quando deveria estar no escritório do meu advogado naquele mesmo horário. Pulei da cama como se tivesse espinhos me furando, tomei o banho mais rápido da história dos banhos, prendi meus cabelos e escovei meus dentes enquanto colocava o terninho que comprara para usar naquele dia.

— Estou tão atrasada, nunca vou chegar a tempo! — resmunguei enquanto saía do apartamento. Por sorte me lembrei do carro do Rick e não pensei duas vezes ao agarrar a chave na mesinha e correr até ele.

— Bom dia, senhorita Soares — cumprimentou a secretária do doutor Munhoz.

— Bom dia e desculpe o atraso — respondi sem jeito.

— Não se preocupe, o doutor Munhoz também teve alguns imprevistos essa manhã. Ele a está aguardando na sala dele.

— Esses imprevistos são relacionados ao meu caso? — perguntei preocupada.

— Não, uma cliente apareceu no escritório sem hora marcada, e ele teve que atendê-la, portanto seu atraso foi benéfico para ambos, pode ficar tranquila — garantiu.

— Obrigada, não sabe como estou aliviada — afirmei, entrando na sala do meu advogado.

— Olá, senhorita Soares, é um prazer vê-la essa manhã — cumprimentou Munhoz abrindo um sorriso ao me ver. O senhor de meia idade, com cabelos grisalhos, era o melhor advogado que eu conseguiria pagar, e eu esperava que conseguisse reverter o meu caso.

— O prazer é meu, ainda mais se tiver notícias sobre a minha causa.

— Claro que tenho, não marcaria essa reunião se não tivesse. Na verdade, eu tenho duas, uma boa e a outra ruim. Qual você quer ouvir primeiro?

Capítulo 26

RICK

"Há um tempo em que eu lembro
De quando eu não conhecia nenhuma dor
De quando eu acreditava no para sempre
E de que tudo continuaria igual
Agora, meu coração parece como dezembro"

Memories - Maroon 5

Acordei sentindo algo bater na minha cabeça repetidas vezes. Eu estava de ressaca. Tive poucas durante a minha vida, mas sabia reconhecer todas e, por incrível que pareça, tinham sempre a mesma razão: Cathy.

Olhei para o teto cheio de estrelas. *Será que algum dia vou enjoar desse cenário e mudar*?, pensei passando as mãos no cabelo. Senti um gosto amargo na boca e voltei a fechar os olhos. Lembrei-me de encontrar a Cathy fora do concerto. Ela estava linda usando um vestido vermelho na altura dos joelhos, com um dos ombros desnudos e segurando um buquê de rosas. Eu não tinha intenção de convidá-la para jantar. Fui à sua estreia porque queria vê-la tocar, e, quando as rosas fossem entregues, eu deveria estar longe, mas quem disse que eu conseguia fazer o que planejava quando Cathy estava envolvida?

O convite aconteceu sem qualquer planejamento, talvez fosse por isso que a levei para o The Garret East, meu lugar favorito, um barzinho descontraído no East Village. Raras vezes eu era reconhecido lá, ninguém imaginava que poderia encontrar o tecladista da banda The Dangers, sem contar que eu me considerava um verdadeiro camaleão. Reconhecer os integrantes da banda juntos ou o vocalista era fácil, mas reconhecer o tecladista, que estava sempre se esquivando das entrevistas e das fotos, era um pouco mais complicado.

O que eu não imaginava era beber mais do que devia e apagar todo o resto do nosso encontro da minha cabeça. Eu recordava alguns detalhes, como por exemplo ter voltado no banco do passageiro, a vontade de beijar a Cathy quando ela me deixou em casa e por fim ter emprestado meu carro para que ela não voltasse de táxi. Porém, o que conversamos durante todo esse tempo que passamos juntos era um mistério. Embora eu me esforçasse, não conseguia lembrar.

Voltei a abrir meus olhos e saí da cama. Devia ser bem tarde para ainda estar deitado ali, mas nem liguei. Demorei no banho mais do que devia e, quando saí, a campainha tocava sem parar. Eu não costumava receber visitas, poucas pessoas sabiam o meu endereço, e, agora que o Bob e a Pandora estavam bem, duvidava que fosse ele, mas não podia deixar que aquela visita impaciente continuasse com o dedo pressionado na campainha. Nem coloquei uma roupa apresentável, fui atender a porta só de toalha, um grande erro.

— Eu... Eeeeuuu, eu... eu vim tra-trazer o seu carro — gaguejou Cathy, com os olhos fixos na minha tatuagem. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde ela a veria.

— Você quer entrar? — perguntei, afastando-me da porta para dar mais espaço a ela.

— Não precisa, só vim entregar o carro — respondeu, esticando-se para me alcançar e entregar a chave do Camaro.

— Não vou pegar a chave sem antes te mostrar a minha casa.

— Não pretendo entrar, na verdade, estou com pressa — disse, voltando a olhar minha tatuagem.

— Entre — insisti, virando as costas para ela e seguindo na direção da cozinha. Minha casa era enorme para os padrões de homens solteiros em Nova Iorque, mas eu gostava de espaço e do estilo *vintage*. Tudo na minha casa lembrava outra época.

— Tudo bem, mas não posso ficar muito — comentou, fechando a porta atrás de si e deixando a chave numa mesinha de canto. Logo depois me

seguiu até a cozinha.

— Está com fome? — inquiri, tentando fazê-la se sentir mais à vontade.

— Não, m-mas vo-você não vai colocar uma roupa?

— Talvez. Isso te incomoda?

— Um pouco, não temos esse tipo de intimidade. Pelo menos, não mais.

— Você tem razão. Espere aqui enquanto me visto.

Tentei ser o mais rápido possível, por isso coloquei a cueca, que infelizmente cobriu minha tatuagem, uma calça de moletom e uma camiseta. Logo depois voltei para a cozinha.

— Agora está bem melhor — ela disse assim que me viu entrar.

— Certo. Então vamos preparar algo para comer?

— Não estava mentindo quando disse que não tinha fome.

— O que aconteceu com você? Está com uma carinha triste — falei passando os dedos para aliviar sua expressão carrancuda.

— Quando fez a tatuagem? — questionou.

— Não foge do assunto, eu perguntei primeiro o que aconteceu com você.

— Quando a fez? — repetiu a pergunta, ignorando-me completamente.

— Durante a turnê. Todos os caras da banda fizeram uma.

— Que eu saiba, eles desenharam uma serpente ao lado do nome da banda, não uma citação de *O Morro dos Ventos Uivantes*.

— Boa observação. Conseguiu ler a frase?

— Não, a toalha cobr... ou melhor, deixa para lá. Não vejo nenhuma importância nisso.

— Tatuei “Seja qual for a matéria de que nossas almas foram feitas, a

minha e a dela são iguais" alguns centímetros abaixo do meu quadril e bem escondido pelas roupas no dia que todos fizeram a tatuagem da banda. Nunca tive tanta motivação para deixar algo marcado no meu corpo como essa citação.

— Essa sempre foi a minha citação favorita — emendou pensativa.

— O que aconteceu com você? Por que está tão triste?

— Eu não sei, só me sinto assim — respondeu olhando a decoração excêntrica da minha cozinha, com móveis e eletrodomésticos antigos. Alguns objetos eram tão datados que qualquer um se sentiria no século passado, e eu adorava essa sensação.

— Deve ter uma razão — pressionei, chegando mais perto e erguendo seu queixo para que pudesse fitar seus olhos e tentar adivinhar o que acontecera com ela. — É o seu namorado?

— Já cansei dessa história de namorado. O Jonathan é apenas um amigo, ou melhor, o meu melhor amigo.

— Desculpe, mas vocês não pareciam apenas amigos.

— Não somos apenas amigos, ele é o único amigo que tenho aqui.

— Vocês nunca ficaram juntos? — perguntei cauteloso.

— Não, com certeza não faço o estilo dele.

— Como assim? Você faz o estilo de qualquer homem! — exclamei, surpreso com essa revelação.

— Exceto do Jonathan, ao que parece. Seria mais fácil ele se interessar por você do que por mim.

— Entendi — murmurei, compreendendo o erro esdrúxulo que cometi ao confundir as coisas.

— Acho melhor ir agora — ela anunciou, afastando-se de mim.

— Por que não fica mais um pouco? Podemos conversar sobre as músicas que vamos tocar juntos.

— Eu não seria uma boa companhia.

— Não diga isso, você seria a companhia perfeita.

— Vou encarar isso como um elogio.

— Claro, fique à vontade, a casa é sua.

— Obrigada, mas não estou num bom dia. A propósito, toda a sua casa tem móveis antigos?

— Antigos não, restaurados.

— Quem os restaura?

— Eu.

— Não acredito! Não precisa fazer um curso, aulas ou ser marceneiro?

— Eu fui aos poucos, comecei com objetos pequenos. Além disso sou bem curioso e tenho uma pequena marcenaria na garagem.

— Você não se cansa de me surpreender. Quando vai parar?

— Acho que não vou parar tão cedo, sou um homem em constante mudança. Sei que não está com fome, mas aceita dividir essa torta de morangos comigo?

— Achei que fosse comer algo mais saudável quando me chamou até aqui.

— Tenho lanches naturais na geladeira, e pode pegar um se quiser, mas vou ficar com essa torta mesmo.

— Onde conseguiu uma torta caseira?

— Não sou bom na cozinha como o Bob, por isso tenho alguém que cuida da minha alimentação e vez ou outra deixa surpresas na geladeira, como essa

torta de morangos.

— Não consigo resistir a uma sobremesa — murmurou enfim, rendendo-se ao meu convite. Sentou-se ao meu lado à ilha da cozinha, e comemos metade da torta. — Estava deliciosa, agradeço o convite.

— Pode vir sempre que quiser, ainda mais agora, que descobri que não tem namorado.

— Não consigo acreditar que achava que eu tinha um namorado...

— Não me julgue, estava confuso e, quando a vi com aquele cara, não pensei direito.

— Faz sentido. Também tenho minha parcela de culpa por não negar na primeira vez que você falou sobre o Jonathan.

— É mesmo. Talvez, se tivesse me corrigido no começo, não estaríamos tendo essa conversa.

— Com toda certeza não, mas ainda não sei se seríamos amigáveis um com o outro. Na primeira vez que te vi depois de tanto tempo, estava com tanta raiva que conversa alguma sairia daquela situação.

— Ainda se sente assim em relação a mim?

— Eu não sei, você consegue despertar tantos sentimentos em mim que me sinto confusa o tempo todo.

— Talvez esteja na hora de colocar as cartas na mesa.

— Não é uma boa ideia, ainda mais hoje.

— E por que não?

— Porque acabei de descobrir que não posso ter o que mais desejo na vida.

— O que você mais deseja?

— Nada, vamos deixar para outra hora.

— Por que você está sempre se esquivando?

— Porque não estou pronta para conversar com você sobre a minha vida.

— Acho que dez anos é tempo suficiente para se preparar para essa conversa.

— Não para mim. Eu não sei por onde começar e nem sei se você merece saber o que tanto me aflige.

— Talvez tenhamos o mesmo medo. Esperei para ter essa conversa por muito tempo. Preciso saber por que desistiu de mim tão fácil.

— Não foi fácil, aliás foi a coisa mais difícil que fiz.

— Se foi tão difícil como diz, por que não mudou de ideia? Por que não tentou mais uma vez depois que me viu no camarim? Não sentiu necessidade de olhar nos meus olhos antes de dizer adeus?

— Não estava preparada para olhar nos seus olhos e dizer adeus.

— Será que está agora? — perguntei, sondando sua expressão aflita, ainda mais confuso.

— Já conversamos sobre isso, e você sabe que acabou. Mesmo sem dizer nada um ao outro, dez anos longe é tempo suficiente para acabar um relacionamento sem precisar de nenhum adeus.

— É, você tem razão, não faz sentido ficar remoendo o passado. O melhor a fazer é seguir em frente.

— Claro, podemos ser amigos.

— Pensei que já éramos — emendei, aproveitando para abraçá-la. Encostei meu queixo no topo da sua cabeça, e ficamos ali por alguns minutos, disfarçando a atração que ainda sentíamos e tentando recomeçar uma amizade.

— Preciso ir — sussurrou, afastando-se dos meus braços.

— Posso te levar em casa se quiser.

— Não vou para casa, preciso passar em um lugar antes.

— Posso ir com você?

— Não, eu preciso ir sozinha. Nos vemos no estúdio dentro de alguns dias.

— Tem certeza de que não vai fugir novamente?

— Tenho, sim, não vou a lugar nenhum dessa vez. Você precisa entender que eu estava muito fragilizada quando a Adeli morreu. Culpei-me pelo acidente, por não ter morrido com ela, por ter meu namorado ao meu lado e, por fim, por ser feliz. Sei que nada disso faz muito sentido agora, mas o trauma do acidente bagunçou a minha cabeça de um jeito esquisito. Demorei para perceber isso e, quando enfim me dei conta, já era tarde e eu tinha outros problemas com que me preocupar.

— Não quero menosprezar seus sentimentos, mas você podia ter me dado uma chance. Eu só precisava de uma.

— Talvez tenha razão, mas não podemos voltar no tempo. Cometi alguns erros, você também. Não vamos trazê-los de volta agora.

— Certo, vamos esquecer o passado.

— Não quero esquecer, apenas não quero relembrar os meus erros, prefiro lembrar das coisas boas.

— Você tem razão. Amigos?

— Amigos — respondeu, ficando na ponta dos pés para beijar o meu rosto, e pude sentir mais uma vez seu perfume de brisa do mar. Não sei se foram meus pensamentos, que retornaram ao passado e resgataram o seu cheiro, ou se ela ainda usava o mesmo perfume. Todavia, isso não importava, quando estávamos recomeçando, não de onde havíamos parado, mas com certeza era um novo começo, e o que iria se tornar dali para frente, eu não fazia ideia, mas ali, com seus lábios tão perto dos meus, eu estava feliz e

animado como havia muito tempo não sentia.

Capítulo 27

CATHY

"Meu coração dispara quando você ilumina meus olhos
Não dá pra mentir, é uma vida boa
Presa no escuro, mas você é minha lanterna
Você me guia, me guia pela noite"

Flashlight - Hailee Steinfeld

Voltei para casa arrasada. Eu não tinha mais opções, nada parecia dar certo, e o meu sonho estava cada vez mais distante. Talvez fosse a hora de desistir. Eu tinha errado no passado e teria que aprender a conviver com meu erro.

— Oi, gatinha, desculpe a demora, mas só vi a sua mensagem agora. Como você está? — questionou Jonathan invadindo meu quarto de repente. Tentei secar as lágrimas, que desciam generosas pela minha face, mas não adiantou nada, meus olhos estavam vermelhos, e minha testa tinha rugas de preocupação.

— Eu perdi a causa — murmurei, respirando fundo em seguida. Era difícil dizer isso em voz alta.

— Eu sei, mas você pode recorrer, e tenho certeza de que vai ganhar — disse, sentando-se na cama e me puxando para o seu colo. Fechei meus olhos e aconcheguei minha cabeça no seu ombro. As lágrimas foram diminuindo.

— Eu não tenho qualquer chance.

— Você foi vê-lo?

— Sim, depois que deixei o carro do Rick na casa dele.

— Como ele está?

— Do mesmo jeito. Às vezes nem sei por que insisto nessas visitas.

— Não seja tão severa com você. Sabe que ele tem algumas limitações, mas tenho certeza de que fica feliz com a sua presença, embora não demonstre.

— Talvez esteja certo, mas tenho minhas dúvidas ainda — murmurei desolada. Estava cada vez mais difícil respirar.

Jonathan sabia que eu estava passando por um momento difícil, por isso não fez mais perguntas, segurou-me nos braços e impediu que eu chorasse sozinha. Ficamos ali por um longo tempo. Escutei barulhos de Amber pelo apartamento, mas não me mexi. Aos poucos as lágrimas foram cessando, e adormeci nos seus braços. Senti quando ele se afastou e me colocou de volta na cama. Queria abrir os olhos e agradecer por ter estado ali por mim, mas não consegui, continuei dormindo, longe dos problemas que eu mesma criei e amortecida da dor e da culpa.

Os dias que se seguiram passaram feito um borrão. Eu estava tão esgotada emocionalmente que me desliguei de tudo. Fui aos ensaios da banda no estúdio no Soho e passei por eles conversando bem pouco com qualquer um. Fiz a minha parte, toquei as músicas que me contrataram para tocar e só. Recusei convites para happy hour, recusei um chá da tarde com Helena e as outras esposas dos integrantes da banda e evitei ficar sozinha com o Rick a todo custo. Voltei aos ensaios com a orquestra e às apresentações programadas no Lincoln Center. Fiz questão de me manter ocupada o tempo todo, não queria pensar no meu fracasso na audiência e nem queria pensar na possível negação da minha apelação. Eu não estava muito animada, pois as chances de ter uma decisão favorável eram bem pequenas, quase inexistentes. Segundo meu advogado, eu precisava acreditar em milagres.

Desde que o Rick retornou à minha vida, eu estava evitando ligar para os meus pais no Brasil. Eu precisava contar a eles que meu antigo namorado estava de volta e sabia o quanto eles ainda tinham restrições com relação a ele, ainda mais depois que se tornara rico e famoso. Por isso, eu vinha mandando mensagem quase todas as manhãs a fim de tranquilizá-los. Eles

não faziam ideia de que eu estava trabalhando com ele, e eu pretendia que continuasse assim até a parceria acabar. Meus pais eram exagerados, e eu não queria preocupá-los.

— Olá, Cathy. Sei que deve estar ocupada, mas gostaria de tomar um café comigo? — perguntou Helena assim que coloquei meu violino no *case* e me preparava para fugir do estúdio mais uma vez.

— Eu tenho ensaio com a orquestra hoje — menti, pois não queria conversar com ela, nem com qualquer outra pessoa além do Jonathan. No entanto, meu amigo estava ensaiando para um espetáculo de dança que seria apresentado no final do ano e estava bem ocupado nos últimos dias.

— Será rápido, podemos tomar um café aqui perto — sugeriu.

— Eu não tenho muito tempo — insisti na mentira. Estava ficando boa, quase acreditei que tinha um compromisso para aquela tarde.

— Peço apenas vinte minutos. É importante.

— Tudo bem, vamos — assenti, pegando meu *case* e saindo do estúdio acompanhada por ela.

Entramos no Starbucks da esquina e escolhemos uma mesa mais no canto. Já tinha passado do horário do almoço, e o lugar estava praticamente vazio.

— O que vai querer? — perguntou, segurando o cardápio e me fitando apreensiva.

— Um expresso com chantili é o suficiente.

— Certo, vou pedir dois.

— Olha, não tenho muito tempo — disse quando o garçom trouxe os cafés e quebrou o silêncio que se seguiu depois que fizemos os pedidos.

— Sei disso, por isso vou ser direta. Eu queria saber sobre Adeli.

— Como sabe sobre Adeli?

— O Jack me contou.

— Então por que está aqui me perguntando sobre ela?

— Porque você era a melhor amiga da garota e pode me contar coisas que o Jack não contou.

— Não vou contar nada a você sobre minha amiga. Se está com ciúmes do seu marido, pergunte a ele e resolvam isso — respondi irritada.

— Não se trata de ciúmes, posso garantir.

— Do que se trata então?

— Desde que você apareceu, o Jack não tem dormido direito. Ele acorda assustado no meio da noite e algumas vezes chama o nome da Adeli. Não estou com ciúmes da sua amiga, mas quero ajudar meu marido a passar por essa fase, por isso pensei em você. Talvez soubesse de algo que poderia ajudá-lo.

— Eu não sei se posso ajudar — murmurei pensativa.

— Talvez, se responder as minhas perguntas, possa se lembrar de algo. O Jack se culpa pelo acidente.

— Eu também me culpei — sussurrei fitando meus pés.

— Não entendo por que se culpam. Pelo que sei, um motorista bêbado atravessou o sinal vermelho e bateu no carro de vocês. Não vejo o que poderiam fazer de diferente.

— Você já sofreu um acidente como esse?

— Não.

— Talvez seja por isso que não entenda.

— O Rick não se culpa, e achei que vocês deveriam fazer o mesmo.

— Ele não conhecia bem Adeli, sem contar que as pessoas reagem de modo diferente a momentos traumáticos como esse. Demorei para entender

que não tive culpa por perder minha melhor amiga tão jovem. Passei alguns anos fazendo terapia para entender isso. Talvez o Jack precise desse tempo para compreender o que aconteceu conosco naquela noite.

— Eu não entendo, tantos anos depois?

— Eu sofri, chorei e me fechei, mas, de certa forma, vivi esse luto. Foi intenso, e acabei perdendo muita coisa durante esse processo.

— Está falando do Rick?

— Ele é uma delas, mas tive outras perdas que ainda estou tentando recuperar. O Jack se fechou, escondeu seus sentimentos e se negou a viver o luto. Talvez agora seja a hora de ele se despedir de Adeli de uma vez por todas.

— Você sabe de alguma coisa que possa me ajudar nesse momento?

— Não, ele precisa de um terapeuta. Marque uma consulta o quanto antes.

— Você não conhece o Jack, ele não é o tipo que faz terapia.

— Vai precisar ser se quiser resolver os problemas. Não adianta fugir, sei por experiência própria que não funciona.

— Eu sei disso e vou tentar convencê-lo a procurar um psicólogo.

— Quanto a Adeli, acho que o Jack se culpa mais por remorso do que por amor. Eles se davam bem juntos, mas quem amava pelos dois era Adeli. Talvez seja por isso que ele se culpe tanto. O Jack sempre foi o único amor de Adeli, não o contrário. Quem sabe agora, que ele ama alguém de verdade e sabe o peso desse sentimento, tenha ficado confuso.

— Obrigada. Conversar com você me ajudou a entender algumas coisas, as peças começaram a se encaixar.

— Fico feliz que tenha ajudado, mas agora preciso ir. — Levantei-me, deixando o café frio e intocado na mesa.

— Claro, não quero mais tomar o seu tempo. Mas posso te dar um

conselho já que acabou de me dar um?

— Estou ouvindo — respondi em pé na frente dela.

— Eu acredito em segundas chances. Talvez não saiba da minha história com o Jack, mas tive que dar uma segunda chance ao amor quando pensei que o havia perdido. Por isso gostaria de pedir que pense melhor. O Rick nunca olhou para nenhuma mulher como olha para você. Sei bem o que é isso, é amor e dos bons. Não deixe esse sentimento tão bonito acabar os afastando, quando deveria uni-los.

— Agradeço o conselho, mas é bem mais complicado do que imagina.

— Você ainda gosta dele, nem tente negar.

— Eu não nego, nem poderia, mas têm coisas que devemos deixar como estão. Não pretendo remexer nessa ferida, que já está cicatrizada.

— E se, em vez de cicatrizada, ela pudesse ser curada?

— Impossível.

— Não seja tão pessimista sem antes conversar com ele. Vocês precisam de uma segunda chance.

— Não existem segundas chances para algo que já acabou.

— Tem certeza de que acabou?

Saí da cafeteria sem responder à pergunta da Helena. Não queria reconhecer na hora, mas ela estava certa. Eu podia negar em voz alta o quanto fosse que não estava mais apaixonada pelo Rick, mas meu coração acelerado todas as vezes que eu o via, mostrava o contrário, e estava cada vez mais difícil continuar escondendo esse sentimento, ainda mais depois que ele decidiu respeitar meu espaço e conversávamos apenas o necessário.

Continuei fingindo que não me importava até receber um telefonema do meu advogado. Larguei tudo que estava fazendo e corri até o seu escritório.

— Sinto muito que tenha chegado a esse ponto, mas é a sua única chance

— explicou Munhoz pela centésima vez, já que fiquei em choque na primeira vez que ele disse o que eu mais temia.

— Não é tão simples como pensa — disse remexendo as mãos, nervosa.

— Sei que não, mas não temos outra saída. Você ainda quer tirá-lo daquele lugar?

— Claro que quero!

— Então faça o que eu pedi. É nossa única chance.

— Tem certeza de que vai dar certo?

— Não posso garantir que vamos vencer, mas, sem a ajuda dele, já perdemos.

— Achei que teria mais tempo.

— Dez anos é tempo suficiente, você não acha?

— Talvez, mas ainda não me sinto preparada para essa conversa.

— Você não tem muito tempo. Preciso entrar com os papéis no fórum amanhã.

— O que preciso fazer?

— Convencê-lo a assinar esses papeis.

— E se ele não assinar?

— Estamos perdidos e começamos da estaca zero.

— Quer dizer que não tenho nenhuma opção?

— Infelizmente, não — respondeu, entregando-me o envelope com os documentos que precisavam ser assinados.

Saí do escritório no final da tarde, mas não fui aonde precisava logo de início, caminhei a esmo pelo Central Park. Precisava de coragem. Com

certeza essa seria uma das conversas mais difíceis que eu teria pela frente e, embora estivesse tremendo dos pés à cabeça, tinha que seguir em frente, pois o destino de outra pessoa dependia da minha coragem. Eu precisava parar de me esconder e enfrentar meus problemas de uma vez por todas. Ele podia ficar decepcionado, chateado, mas sabia que me ajudaria.

Sentei-me num dos bancos mais afastados do parque e chorei. Não queria ser fraca, quando tinha alguém que precisava de mim mais uma vez, mas ali sozinha, escondida entre as árvores, não precisava ser forte, por isso deixei que as lágrimas levassem embora toda a culpa que eu sentia no momento.

Levantei-me renovada. Chorar pode parecer sinônimo de fraqueza, mas faz um bem danado para uma alma ferida. Eu estava bem melhor quando desci do metrô no Brooklyn alguns minutos depois que deixei o Central Park e toquei a campainha da casa do Rick.

Respirei fundo entre um toque e outro, pensei em desistir no meio do caminho e voltar atrás, mas eu sabia que não podia. Adiei o quanto pude, fugi quando deveria ficar, fiz uma confusão sem tamanho, enganei meus pais durante anos, fui covarde e perdi o que mais queria nesse mundo, e agora, que tinha uma chance de recuperá-lo, não podia ser fraca e abrir mão dele mais uma vez.

Capítulo 28

RICK

"Estou afundando e desta vez
Receio que não haja ninguém para me salvar
Esse tudo ou nada realmente
Tem um jeito de me deixar louco"

Someone You Loved - Lewis Capaldi

Desisti de tentar entender o que estava acontecendo com a Cathy. Foi difícil no começo, não queria me afastar dela, ainda mais estando tão perto quase todos os dias, mas sabia que ela precisava de espaço e decidi, mesmo contrariado, que ficaria longe.

Sendo assim, em vez de me concentrar em Cathy, escolhi a música, deixei que ela ocupasse todos os meus pensamentos como se fosse dona deles.

Os dias que se seguiram foram longos e cansativos, mas não me importei em cair na cama exausto todas as noites. Na verdade, até agradecia por dormir e esquecer.

Voltei a restaurar o piano nas horas vagas. Consegui as teclas que faltavam e passei uma tarde toda sentado tentando afinar o instrumento. Demorou, mas consegui. Não ficou com um som perfeito como o piano novo que eu tinha no estúdio, mas eu estava feliz, pois, apesar de tudo, sabia o seu limite. Não restaurava instrumentos para deixá-los como novos, isso era impossível depois dos inúmeros danos que sofreram. Eu fazia questão de resgatar um instrumento em estado lastimável porque queria ouvi-lo tocar novamente, não com o som perfeito, mas demonstrando seus limites e toda a sua história. Por fora, aquele piano parecia o mesmo de antes. A tinta, a madeira, as teclas novas faziam um milagre, e, por um segundo, qualquer um podia pensar que era novo, mas, quando eu começava a tocar, descobria que

o som que saía era diferente, possuía uma afinação ímpar, tão única que só quem passou por uma mudança como aquela podia entender.

— Olá, papai, como está? — perguntei assim que atendi a ligação.

— Estamos bem. Hoje é um dia bom.

— Como ela está?

— Acordou e está sentada no jardim. É um dos lugares preferidos dela agora.

— Será que posso dar um oi?

— Claro, ela vai adorar.

— Bom dia, querido, faz tanto tempo que não o vejo. Quando vem nos visitar?

— Em breve. Antes de a turnê começar, vou visitá-los em Atlantic City.

— Vou esperar ansiosa para vê-lo.

— Eu também, mamãe, estou com saudades. Quer saber de uma novidade? Sua aluna preferida está tocando comigo.

— Está falando de Cathy? — indagou. Minha mãe podia não se mexer como antes e nem tocar, mas sua memória era impecável.

— Sim, ela mesma. Se formou na Juilliard e agora está tocando na orquestra filarmônica de Nova Iorque.

— Eu sabia que ela iria longe. Com um talento daquele, não poderia ser diferente. Mas como vocês se reencontraram?

— Ela apareceu no estúdio para fazer um teste para a vaga de violinista para o álbum acústico, e começamos a tocar juntos. As músicas estão quase prontas, e devo muito a ela por isso.

— Vocês voltaram?

— Não. O que tivemos ficou no passado. Agora só tocamos juntos.

— Ela tem namorado?

— Não, mas isso não importa.

— Claro que importa. Se ela tivesse te esquecido, já estaria com outra pessoa ou até mesmo casada. Não acho que tenham faltado pretendentes.

— Não vejo por esse ângulo, mas não quero discutir por telefone. O papai disse que hoje você acordou bem.

— Estou tentando conviver com essa doença traiçoeira um dia de cada vez e hoje realmente acordei bem-disposta, e as dores estão controladas pelos inúmeros comprimidos que tomo todos os dias. Mas não mude de assunto, estávamos falando da Cathy. Você ainda gosta dela?

— Prefiro não responder essa pergunta. Na verdade, nem saberia o que dizer.

— Claro que sabe! Todos nós sabemos que essa garota nunca saiu da sua cabeça. Você poderia estar namorando ou casado como seus companheiros de banda, mas está sozinho. Já pensou por quê?

— Porque não encontrei ninguém.

— Não é verdade, você encontrou alguém ainda na adolescência e não conseguiu substituí-la no seu coração. O amor verdadeiro não tem substituto, você já deveria saber.

— Podemos mudar de assunto? Vou tocar uma música para você e me diz o que achou.

— Claro, estou ouvindo — concordou fácil demais. Porém, assim como a minha mãe me conhecia tão bem, eu podia dizer o mesmo, e nada mais a faria se esquecer de me importunar sobre namoradas e amores da adolescência além da música. Foi um tiro certeiro, e, para meu alívio, Cathy foi esquecida da nossa conversa, e passamos os minutos seguintes conversando sobre música. Toquei uma canção que estava compondo no piano que tinha

consertado, e ela ficou maravilhada e reconheceu o som no mesmo instante.

Desliguei o telefone, mas permaneci ali, tocando e com um bloco de notas por perto. A melodia veio primeiro que a letra, por isso me surpreendi. Eu tinha poucas músicas de autoria minha na banda, mas nenhuma delas surgira assim, na maioria das vezes eu tinha a letra e depois fazia a melodia. No entanto, dessa vez estava no caminho contrário e fiquei empolgado com o percurso que ainda tinha para percorrer até ter uma canção completa.

Em algum momento da noite, pedi uma pizza, e, quando escutei a campainha tocar, meu estômago roncou também. Não tinha me dado conta de que era tão tarde nem que eu passara pelo almoço sem nem perceber. Entretanto, não era o entregador que estava me esperando à porta, e sim a Cathy.

— Preciso conversar com você. Posso entrar?

— Claro, fique à vontade — respondi surpreso, uma vez que não esperava sua visita. Não era tão tarde da noite, mas sua testa franzida me preocupou.

Assim que fechei a porta e iria segui-la até a sala, a campainha voltou a tocar, e dessa vez era o entregador com a minha pizza. Peguei minha encomenda e, em vez de ir para a sala, como planejava, fui até a mesa enorme na sala de jantar e abri a pizza de frango. O cheiro do queijo derretido fez meu estômago roncar novamente. Peguei alguns pratos na cozinha e comecei a servir uma fatia para cada um.

— Não quero comer — disse Cathy assim que coloquei o prato na frente dela.

— Passei o dia todo consertando e tocando naquele piano, estou faminto agora e não vamos conversar antes dessa pizza acabar. Se ainda quer falar comigo, comece a comer — comentei olhando ora para Cathy, ora para a pizza. Não havia dúvidas de que ela estava preocupada, mas eu estava faminto e me recusava a receber notícias ruins com a barriga vazia, por isso a forcei a comer comigo, e deu certo. Ela acabou comendo duas fatias da pizza, enquanto eu devorava o resto.

— Será que agora podemos conversar? — perguntou impaciente.

— Podemos limpar a bagunça antes? — sugeri, recolhendo os pratos e os talheres para levar à lava-louça, enquanto ela pegava a caixa de pizza vazia e as latas de refrigerante para colocar no lixo.

— Pronto, está satisfeito? — bufou, cruzando os braços embaixo dos seios, e esse movimento simples e inocente me fez não desgrudar os olhos do seu colo.

— Estou, podemos conversar agora.

— Aqui? — indagou, encarando-me de volta no meio da cozinha.

— Prefere ir para outro lugar?

— Sim, a conversa vai ser longa.

— Onde?

— Não sei, a casa é sua. Só quero um lugar para ficar confortável.

— O meu quarto? — indaguei com ironia.

— Não precisa ser tão confortável assim.

— Podemos voltar para a sala se insiste tanto.

— Certo — murmurou, seguindo-me.

Nós nos sentamos um na frente do outro. Fiquei olhando com atenção enquanto a Cathy tirava uns papeis da bolsa e esperei impaciente até que ela conseguisse me dizer o que tanto precisava conversar comigo. Sabia que era importante, seu nervosismo evidente me deu sinais de alerta assim que a vi parada na minha porta, mas nunca pensei que fosse me destruir.

— Não sei por onde começar — falou insegura, sem coragem de olhar nos meus olhos.

— O que aconteceu?

— Estou com problemas e preciso da sua ajuda. Na verdade, você é a única pessoa que pode me ajudar.

— Está me deixando preocupado. De que tipo de problemas estamos falando?

— Problemas com a justiça — respondeu insegura.

— Você andou roubando? — perguntei preocupado.

— Não esse tipo de problemas.

— Então pode ser mais clara? Estou confuso.

— Preciso que assine esses documentos — disse, passando-me os papeis que tirou da bolsa alguns minutos antes.

Assim que estavam nas minhas mãos, comecei a ler e não conseguia acreditar no que estava escrito ali. Joguei-os no chão quando enfim terminei e me levantei do sofá, pasmo e irritado com o que aquelas palavras aparentemente inocentes tinham me revelado.

— Isso não pode estar acontecendo! — gritei furioso, enroscando minhas mãos nos cabelos.

— Eu tentei contar a você tantas vezes, mas não tive coragem — explicou se aproximando de mim e com a voz embargada por causa das lágrimas que começaram a deslizar pela sua face.

— Não teve coragem?!

— Não — sussurrou tão baixinho que, se não estivéssemos tão perto, eu não teria ouvido.

— E por que agora?

— Porque ele precisa de você.

— Simples assim? Você guardou esse segredo sujo durante dez anos. Dez anos! Não foi um dia, nem um mês, quiçá um ano! VOCÊ ESCONDEU QUE

EU TINHA UM FILHO POR DEZ ANOS! — gritei, demonstrando toda a minha fúria e indignação.

— Tentei contar a verdade, mas não consegui, e você tem todo o direito de ficar bravo comigo, mas não com ele. A criança não tem culpa nenhuma e precisa muito da sua ajuda.

— Agora eu preciso ser o pai dele? Agora, depois de dez anos, você aparece na minha porta e joga essa bomba como se fosse mais um contrato que eu precisasse assinar!

— Podemos conversar depois, mas eu preciso desses papeis assinados.

— Não vou assinar nada para você.

— Por favor, pense melhor! Não é para mim, você leu os papeis?

— Claro que li, mas não vou cair no seu joguinho mais uma vez. Não acredito que me escondeu algo assim, isso não se faz com ninguém.

— Desculpe — murmurou quando me virei de costas para ela. Precisava pensar, e com ela ali não conseguia fazer isso, muito pelo contrário. Sua presença na minha casa e essa revelação chocante não saíam da minha cabeça por mais que eu tentasse.

— Acho um pouco tarde para pedir desculpas. Devia ter pensando melhor antes de me enganar.

— Eu tentei dizer a você naquela noite em que fui ao seu camarim e o encontrei agarrando outra mulher. Quer se fazer de vítima? Tudo bem, fique à vontade, eu não me importo, mas não jogue toda a culpa dessa história numa única pessoa.

— Podia ter tentado falar comigo mais uma vez.

— Eu contei ao seu empresário, disse que estava grávida e que o filho era seu. Ele me garantiu que contaria a você. Esperei meses até que você aparecesse um dia para me ajudar, e, quando não apareceu, não tive outra saída.

— Se está dizendo a verdade, por que não me contou quando nos encontramos no estúdio? Era evidente que eu não sabia de nada, e você simplesmente ignorou o fato e seguiu me enganando.

— Estava confusa, e encontrá-lo novamente não ajudou em nada.

— Você não teve nenhuma consideração por meus sentimentos, e eu odeio você por isso. Não quero mais olhar para você. Suma da minha casa, desapareça da minha vida. Não quero você perto de mim.

— Por favor, não temos muito tempo — implorou com lágrimas descendo pelas faces, mas eu não cairia mais na sua conversa de menina inocente e ingênua. Na verdade, Cathy sempre foi como a famosa Catherine do seu livro favorito, tão bela e inocente por fora, mas uma víbora e manipuladora por dentro, tão mau quanto Heathcliff, sua alma era pobre como a dele, por isso eram iguais. Como eu me enganara tanto? Como tinha sido tão tolo, quando todos os sinais apontavam o contrário? Somente uma pessoa tão má quanto Cathy poderia se identificar com Catherine e Heathcliff.

Ouvi a porta bater com força quando ela enfim desapareceu da minha casa. Respirei fundo, tentando me acalmar, mas era inútil, eu estava transtornado e precisava descontar a minha raiva em alguma coisa. Olhei para o piano recém-restaurado e não pensei duas vezes, peguei o atiçador de ferro ao lado da lareira e o destruí, quebrei tudo que tinha consertado com tanto carinho, deixei o piano da minha mãe pior do que o encontrei, mas ele estava igualzinho a mim, ambos destruídos e sem nenhuma possibilidade de conserto.

Capítulo 29

CATHY

"O céu está cansado já de ver
A chuva cair
E cada dia que se passa é um a mais
Parecido com ontem
Não encontro forma alguma de te esquecer
Porque seguir te amando é inevitável"

Inevitable - Shakira

Foi difícil sair da casa do Rick na noite anterior, mas eu não tive escolha. Tentei explicar, tentei contar detalhes e, acima de tudo, dizer o quanto precisava da sua ajuda. Todavia, não consegui e voltei para casa pior do que saí, uma vez que estava sem esperanças de ficar com meu filho.

Revelei a verdade achando que conseguiria ajuda, mas no fim acabei piorando ainda mais minha situação. Com certeza minha posição no álbum acústico estava comprometida, ele não queria me ver tão cedo. Eu não conseguia nem pensar nas consequências dos meus atos.

Passei a noite na cama, sem conseguir dormir. Por mais que eu pensasse, não encontrava uma solução. O prazo estava se esgotando, e eu não teria mais o dinheiro da turnê para pagar o advogado e mudar de apartamento. Perder o meu filho mais uma vez estava me matando, e saber que não havia saída era ainda pior.

— Obrigada por vir — murmurei secando as lágrimas e abraçando Jonathan assim que o vi na cafeteria na qual combinamos de nos encontrar. Saí de casa por insistência dele, deveria estar no estúdio gravando as últimas músicas do álbum, mas sabia que não seria bem-vinda, por isso fiquei na cama a manhã toda, até que meu amigo exigiu esse encontro. Não consegui

recusar, na verdade, ele insistiu até que eu aceitasse.

— Sabe que estarei aqui sempre que precisar — respondeu, retribuindo o abraço.

— Sei disso, mas nem sei se mereço — lamentei, sentando-me na cadeira que ele puxou para mim. Na mesma hora uma xícara de café com creme apareceu na minha frente, acompanhada por um pedaço de bolo de chocolate. Ignorei o bolo, mas bebi alguns goles do café.

— Pare de dizer essas coisas, claro que merece. O que esse tal de Rick fez com você? — perguntou franzindo o cenho, preocupado.

— Nada de mais.

— Não parece, você está destruída.

— Ele ficou furioso quando eu disse que tive um filho.

— Você sabia que isso iria acontecer, não é nenhuma surpresa.

— Claro que sabia, mas não imaginei que me sentiria tão culpada.

— Você está passando por um momento difícil, a possibilidade de conseguir a guarda do seu filho de volta mexeu muito com seus sentimentos.

— Não faz ideia do quanto!

— Eu tenho uma noção, sim, por isso exigi que saísse daquele apartamento. Você não pode desistir agora.

— Sem o Rick para assinar os papeis da adoção comigo, seria impossível conseguir a guarda provisória. O doutor Munhoz foi bem claro. Minha única chance para ficar com o Noah antes da outra família foi perdida.

— Você não pode desistir agora, você prometeu a ele que o levaria para casa.

— Por favor, não me lembre dessa promessa. Nem sei o que vou fazer quando for ao orfanato essa tarde.

— Poderia dizer a ele toda a verdade.

— Não posso confundir a cabeça da criança assim. Pretendo continuar sendo apenas uma das pessoas que aparece para visitá-lo.

— Vai mentir para o seu filho?

— Não posso abandoná-lo mais uma vez, não seria justo. Não depois de tudo que ele passou.

— Eu entendo, mas ainda acho que deveria dizer que é a mãe dele.

— Pretendia ser a mãe dele de qualquer forma, exceto agora, que nem sei mais o que fazer.

— Tenha paciência. Quem sabe o Rick não muda de ideia?

— Acho que não, ele estava furioso a noite passada.

— Ele estava furioso com você, mas pode muito bem querer ter o filho com ele, ainda mais depois de descobrir que Noah está esperando num orfanato para ser adotado.

— Será?

— Claro que sim, você precisa tentar mais uma vez. Conte a ele a história de Noah, não desista, não agora, que está tão perto.

— Você tem razão, vou tentar. Se o Rick é a minha única chance de recuperar o Noah, vou fazer de tudo para ficar com meu filho.

— É isso aí! — exclamou empolgado.

Saímos juntos da cafeteria, que, por sinal, ficava bem perto do estúdio de gravação. Despedi-me do meu amigo com o coração apertado, mas eu precisava tentar mais uma vez. Caminhei o mais rápido que pude até o meu destino, porém, quando estava na porta, perdi a coragem. Não seria fácil enfrentar o Rick na frente dos seus companheiros de banda, mas eu faria qualquer coisa pelo Noah. Por isso respirei fundo e adentrei pelos corredores vazios, passei pela recepção sem ser impedida de entrar, afinal todos já me

conheciam por ali. No entanto, fiquei surpresa ao entrar na sala reservada para a banda e encontrar apenas o Jonas e o Jack, sentados na frente do piano, tocando juntos.

— Desculpe interromper, mas estou procurando o Rick.

— Ele não veio ao estúdio hoje, disse que precisava resolver uns problemas — respondeu Jonas no mesmo instante, enquanto Jack me olhava desconfiado. Porém, estava tranquilo demais, provavelmente ainda não sabia de nada.

— Obrigada. Pode avisar que preciso falar com ele se por acaso aparecer aqui?

— Vou avisar, mas acho que ele está em casa. Já tentou ir até lá? — sugeriu Jonas.

— Não, mas vou agora.

— Você sabe onde o Rick mora? — perguntou Jack curioso.

— Sim, ele já me levou lá antes — respondi, encarando-o por alguns segundos.

— Então pode ir sozinha. Na certa ele está lá consertando algum instrumento — emendou Jonas quando Jack não disse nada.

— Vou fazer isso, até mais — disse, saindo do estúdio sem olhar para trás. Desconfiava que o Jack sabia de algo, mas não era tola de perguntar, não quando eu precisava encontrar o Rick.

Demorei mais do que o esperado para ir do Soho até o Brooklyn. O metrô estava lotado, e minha ansiedade só aumentou, pois estava quase na hora da minha visita programada no orfanato.

Toquei a campainha e fiquei esperando. Toquei novamente e comecei a andar de um lado para o outro. Toquei mais uma vez, e nem sinal do Rick.

— Por favor, abra a porta! Precisamos conversar — pedi, batendo impaciente na porta depois que a campainha não teve nenhum êxito. — Por

favor, Rick, por favor, por favor! — implorei, sentando-me desolada à porta depois de bater por alguns minutos e ele não aparecer. Olhei no relógio sob a névoa das lágrimas que não consegui conter e descobri que teria alguns minutos para chegar ao orfanato e não perder a minha visita.

Levantei-me e, embora o estado lastimável em que eu estava, saí correndo em direção ao metrô. Entrei no primeiro que encontrei, mesmo lotado e poucos minutos antes de as portas se fecharem. Assim que pisei na rua do orfanato Saint Angel, tentei me recompor. Meus olhos estavam inchados de tanto chorar, meus cabelos, bagunçados, e minhas roupas, desordenadas. Não queria que meu filho me visse assim.

— Olá, madre Tessa, eu vim para a visita — disse assim que ela abriu a porta para mim.

O orfanato Saint Angel ficava em Nova Jersey, era mantido pela igreja católica e cuidava de crianças como o Noah. Foi o único lugar em que ele foi aceito depois que foi devolvido pelos pais adotivos. A Madre Tessa cuidava bem dele, assim como as outras freiras que viviam ali. Ela era uma senhora simpática e sorridente, que sempre via as coisas boas em tudo, tão pequena e magra que, à primeira vista, qualquer um poderia a confundir com uma pessoa frágil, mas, se olhasse de perto, poderia sentir sua força.

— Olá, Cathy, achei que não viria hoje.

— Me atrasei um pouquinho, mas não perderia essa visita por nada.

— Vamos, entre, não fique parada aí fora — pediu, abrindo a porta para mim.

— Como está Noah?

— Ele está bem e recebendo uma visita agora.

— O casal que está na fila de adoção?

— Não, eles devem vir amanhã. Esse conseguiu uma visita de urgência, veio com ordem do juiz e tudo, nem conseguimos recusar.

— Ele está com Noah agora? — perguntei cautelosa e com o coração quase saindo pela boca.

— Sim.

— Eu posso entrar?

— Acho melhor terminar a outra visita, sabe como o Noah é sensível, não queremos deixá-lo nervoso.

— Por favor, eu preciso ver quem é.

— Espere ele sair e verá.

— Prometo não atrapalhar, só preciso ver quem é.

— Tudo bem, venha. Não sei o que acontece comigo, mas não consigo recusar os seus pedidos — disse, colocando o braço nos meus ombros e me guiando para a sala de brinquedos onde Noah costumava ficar durante a tarde.

A porta estava aberta, e nem precisei entrar para ver a cena de longe. O Rick estava sentado no chão na frente do Noah. Eles estavam brincando com Lego e montavam juntos um castelo medieval.

— Qual é o seu nome? — perguntou Rick colocando uma das peças que faltava para terminar a torre. Noah permanecia com a cabeça abaixada e fitando com atenção as peças do brinquedo no chão. Ele não conversava com estranhos, por isso me surpreendi ao ouvir sua voz fininha responder:

— Noah.

— Seu nome é Noah? — indagou, querendo continuar a conversa, mas eu sabia que era impossível.

Meu filho não voltou a falar. Continuou montando o castelo com as peças de Lego e ignorou o Rick, que estava bem ao seu lado.

Eu sabia que ele estava se perguntando qual era o problema de Noah, por isso me afastei daquela cena. Era difícil demais continuar ali sem correr para

abraçar meu filho e o proteger como deveria ter feito quando ele nasceu. Encostei-me à parede ao lado e chorei. Madre Tessa sabia me deixar sozinha quando eu precisava, por isso só se afastou sem dizer uma palavra. Ela já tinha me visto nesse estado tantas vezes que perdi as contas.

Não queria que o Rick me visse assim, mas não conseguia parar de chorar. As lágrimas continuavam a descer desenfreadas pela minha face, eu nem sabia mais como contê-las, pois qualquer esforço era inútil.

Senti sua presença antes mesmo de sentir seu toque no meu braço.

— Podemos conversar?

Levantei a cabeça devagar, sequei as lágrimas mais uma vez e me deparei com Rick agachado na minha frente. Percebi que ele estava preocupado, sua aparência não era melhor do que a minha, mas ele não estava chorando, embora seus olhos estivessem vermelhos.

— Como soube onde encontrá-lo? — sussurrei.

— Procurei o seu advogado, e ele me disse.

— Vai assinar os papeis? — perguntei esperançosa.

— Podemos conversar antes?

— Sim — assenti baixinho. Levantei-me do chão, peguei minha bolsa e caminhei para um jardim na frente do orfanato. — Podemos conversar ali. — Apontei para um banco mais afastado.

Andamos em silêncio até lá, sentando-nos a uma distância de uma pessoa um do outro e fitando um objeto a nossa frente por um longo tempo antes de começar a nossa conversa.

— Soube que estava grávida logo depois do acidente. A médica pediu vários exames, e, num deles, descobriu meu estado. Implorei que ela não contasse aos meus pais. Ainda estava bem no início, e eu tinha o direito de decidir sozinha o que faria.

— Você escondeu a gravidez porque queria tirar o bebê? — perguntou

irritado, sem coragem de olhar para mim.

— Sim — concordei, com vergonha da minha atitude na época, mas não podia continuar mentindo se queria sua ajuda.

— Não pensou que eu deveria ser consultado? Afinal eu sou o pai daquela criança — disse revoltado, apontando para a sala de brinquedos onde Noah estava.

— Fiquei com medo de você não aceitar a minha decisão. Tudo que eu mais queria era ir para a Juilliard, e uma gravidez indesejada destruiria tantos os meus quanto os seus sonhos.

— Que sonhos? Tudo que eu mais queria era você.

— Éramos muitos jovens para ser pais.

— Podíamos ser, mas ele era uma criança inocente que não tinha culpa nenhuma. Não foi justo o que fez com Noah.

— Sei disso agora. Porém, não pensei que estaria deixando meu bebê com pessoas irresponsáveis. Achei que o dar para adoção era melhor do que fazer um aborto. Não podia ficar com ele, morava num apartamento minúsculo, minha bolsa de estudos mal pagava minhas contas.

— Nem quando ele nasceu você veio me procurar?

— Achei que você tinha se esquecido de nós.

— O idiota do Mike nunca me contou que você apareceu no meu camarim aquela noite e muito menos que estava grávida. Nunca mais tive notícias suas e achei que tudo estava acabado entre nós.

— Eu também achei — murmurei com o coração apertado. Quanto mais dor eu poderia suportar? Desconfiava que aquilo não teria fim e acabaria me consumindo de dentro para fora.

Capítulo 30

RICK

“Eu não quero conversar sobre isso
Como você partiu meu coração
Se eu ficar aqui mais um pouco
Se eu ficar aqui, você não ouvirá meu coração?
Oh, meu coração”

I Don't Want to Talk About It - Rod Stewart

Sabe quando você tem certeza de que está sonhando e se pergunta o tempo todo a que horas vai acordar? Era desse jeito que eu me sentia depois que expulsei Cathy da minha casa e quebrei o piano. Não consegui dormir, só esperei que a noite passasse, e foi a mais longa da minha vida. Já tinha passado noites em claro antes, mas nenhuma foi tão terrível e nebulosa como aquela. Os minutos demoravam para passar, as horas pareciam semanas, e todas as vezes que olhava pela janela, ainda estava escuro lá fora. Tentei beber, mas me recusei a ficar embriagado e esquecer que odiava Cathy. O meu ódio não era verdadeiro, mas queria me enganar mais um pouco. No momento, ele era o combustível perfeito para me manter longe dela.

Não sabia dizer por que estava esperando com tanto afinco pelo dia seguinte. Talvez fosse a esperança tola de que, ao acordar, nada daquilo fosse real. Ainda continuava negando a revelação de Cathy. Um filho? Como se tem um filho sem saber e, dez anos depois, ele aparece assim, sem avisar ou te preparar? Eu não estive presente durante a gravidez, não ajudei a escolher o nome, não o vi nascer, não o vi andar nem o acompanhei no primeiro dia de aula. É injusto pensar que algo tão precioso lhe foi negado. Continuei vivendo a minha vida sem saber que era pai de alguém, por isso eu estava tão furioso com Cathy. Eu não pude escolher se queria ser pai tão jovem ou não. Nem sei o que faria, na época não teria condições para cuidar de uma criança,

mas saber que a escolha me foi negada me deixava furioso.

Antes mesmo de o dia clarear totalmente, eu já tinha tomado banho e estava na cafeteria na esquina de casa, sentado a uma mesa, sozinho e bebendo café puro. Recusei o café da manhã completo. Estava ganhando tempo, não podia bater à porta do escritório do tal advogado tão cedo, ele provavelmente nem deveria estar lá. Enviei uma mensagem para o Jack avisando que não iria ao estúdio naquele dia. Nem pensei em ligar, ele pediria uma explicação para a minha ausência tão perto de finalizarmos as gravações, mas eu não saberia o que dizer, por isso evitei essa conversa o quanto pude.

Tinha terminado o meu café e estava quase saindo quando vi um garoto entrar na cafeteria ao lado do pai. Ambos estavam sorrindo e pareciam tão felizes que senti uma pontada no peito no mesmo instante, pois eu jamais tivera aquilo. Meu filho sequer sabia da minha existência, ou, se sabia, imaginava que eu o havia abandonado para se virar sozinho. Senti-me culpado, mesmo sem ter nenhuma culpa por ele ter sido dado em adoção. A verdade era apenas uma, eu precisava ver o garoto o quanto antes.

Deixei a cafeteria decidido a ver meu filho. Não importava o que precisasse fazer, não passaria mais um dia sem conhecê-lo.

Cheguei ao escritório do doutor Munhoz o mais rápido que pude sem avançar os sinais vermelhos que encontrei pelo caminho. Apresentei-me para a secretária e pedi, ou melhor, exigi que ele me recebesse. Por sorte, o cara não era daqueles que chegavam tarde ao escritório, mas levei um bom tempo esperando até que enfim consegui entrar na sala dele.

— Desculpe a demora, senhor Dawson, mas tenho muitos compromissos e não pude recebê-lo antes — justificou assim que me sentei na cadeira a sua frente. Apertei a mão que estendeu, e ficamos nos olhando em silêncio por alguns segundos.

— Esqueça “senhor Dawson” e me chame de Rick, por favor — pedi sem cerimônia.

— Como quiser, Rick — respondeu, mexendo-se desconfortável na cadeira.

— Você deve imaginar por que estou aqui.

— Tenho uma ideia, sim. Você assinou os documentos?

— Não.

— Desculpe, não entendo. Por que não?

— Porque não fazia ideia de que tinha um filho, nem que eu deveria reconhecê-lo e entrar com um pedido de guarda.

— A Cathy não explicou a situação? — perguntou confuso, remexendo em alguns papeis em cima da mesa.

— Ela me contou algumas coisas, mas preciso saber de tudo.

— Muito bem, vamos lá. O que precisa saber?

— Tudo — repeti impaciente.

Ele respirou fundo, pedindo paciência e começou a contar.

— Alguns meses atrás, a Cathy me procurou para tentar recuperar o filho que ela deu para adoção ainda recém-nascido. Esses casos de recuperação de guarda são bem complicados, e quase sempre os pais biológicos não conseguem reaver seus filhos. No entanto, o caso do Noah é bem peculiar e único. Ele foi adotado por quatro casais diferentes nos últimos nove anos, parece não se adaptar a nenhum deles e sempre volta para o orfanato.

— Ele foi adotado por quatro famílias diferentes? — perguntei, interrompendo sua explicação. Não podia imaginar o que seria ser adotado tantas vezes durante quase uma década. E a culpa que estava quase me sufocando se tornou maior.

— Eu disse que o caso de Noah era diferente. Talvez por causa dessa peculiaridade, decidi ajudar Cathy. O Noah foi diagnosticado com autismo quando completou seis anos e foi por isso que a última família o levou de volta para o orfanato.

— Ele é autista? — perguntei, perdendo o chão pela segunda vez. Nem

sabia bem o que era ser autista, mas não parecia ser nada fácil.

— Sim — respondeu o advogado, olhando-me como se eu fosse correr a qualquer momento, mas não saí do lugar, sequer me mexi na cadeira.

— Continue, por favor — pedi impaciente.

— Bom, a Cathy sempre procurou por Noah, mas nunca teve nenhuma resposta. Acho que de alguma forma ela sabia que o filho precisava dela. Enfim, há alguns meses, o Noah voltou para o orfanato, e a Cathy o viu enquanto fazia uma visita de rotina. Ela pesquisou com as pessoas que cuidavam dele, e, com a ajuda delas, descobriu todo o histórico de rejeições e quis reverter a adoção. Ela tentou com outra advogada, mas não conseguiu ir muito longe. Uma tarde ela apareceu no meu escritório, desesperada, pois Noah seria adotado novamente. Consegui impedir a adoção, comprovei que Cathy era a mãe biológica da criança e pedi que a guarda fosse dada a ela. Porém, Cathy não mora sozinha, não tem espaço no apartamento para cuidar de uma criança como Noah, e o juiz negou o meu pedido. Foi depois de perder a causa que perguntei sobre o pai da criança. Não tínhamos conversado sobre esse assunto antes, e eu sabia que era algo delicado. Todavia, quando ela me contou quem era o pai de Noah, percebi que você era a única pessoa que podia reaver a criança. Juntos, vocês têm chances de conseguir ficar com ele.

— Não estamos juntos, doutor — disse, interrompendo mais uma vez seu relato.

— Vocês não precisam estar juntos como um casal para conseguir a guarda do seu filho. Seria uma guarda compartilhada, assim como fazem alguns pais separados.

— Entendi. Vou assinar os papeis agora mesmo. Não quero que meu filho seja adotado mais uma vez.

— Com a sua ajuda, tenho certeza de que vamos conseguir tirar o Noah do orfanato. Vou enviar os documentos para o juiz agora mesmo. Minha intenção é conseguir uma guarda provisória, mas preciso avisar que vai demorar alguns dias, e você precisa fazer um teste de paternidade, além de

receber na sua casa a visita de uma assistente social. O juiz só vai dar a guarda provisória a vocês depois de constatar que a criança tem um lugar seguro para ficar.

— Providencie tudo o quanto antes. Vou arrumar um quarto confortável e seguro para Noah na minha casa. Mas preciso ver o meu filho ainda hoje, não consigo aguentar mais um dia.

— Vou explicar a situação ao juiz e terei uma reposta o mais rápido possível. Pode voltar para casa, que ligo para você assim que tiver uma resposta.

— Ainda hoje — repeti, apertando sua mão.

— Quando eu conseguir uma resposta.

— Por favor, não economize recursos. A partir de hoje vou pagar todas as despesas do processo, e não se preocupe com custos, só quero meu filho.

— E você terá — respondeu com uma certeza inabalável.

Esperei impaciente trancado no estúdio em casa pelo telefonema do advogado e, quando o recebi, nem tinha terminado a ligação e já estava dentro do carro partindo para Nova Jersey para conhecer meu filho.

Estacionei na porta do orfanato Saint Angel e respirei fundo antes de tocar a campainha. Uma senhora simpática me recebeu usando uma roupa de freira, disse que havia recebido o pedido de visita do meu advogado e me levou por uns corredores imensos até uma pequena sala. Entramos juntos. Esperei encontrar um monte de crianças e fiquei preocupado se saberia reconhecer Noah no meio delas. No entanto, não tive esse problema, ele era a única criança presente. Brincava com peças de montar e não percebeu minha presença na sala.

A freira disse algo a que não prestei atenção e se afastou logo em seguida. Fiquei ali parado sem saber o que fazer. Sentei-me no chão alguns metros longe dele e o observei. Ele era pequeno para uma criança de nove anos, magro, um pouco pálido e com cabelos pretos. De perto, eu podia ver que seus traços eram bem parecidos com os meus. Senti-me estranho ao ver uma

criança que se parecia tanto comigo.

Ele continuou brincando com as peças de Lego e não olhou para mim em nenhum momento. Esperei por longos minutos, até que me aproximei e chamei sua atenção. Ele me olhou como se visse através de mim por alguns minutos, e vi as mesmas íris cor de chocolate derretido que eu conhecia tão bem. Nunca vi essa cor em nenhuma pessoa que não a Cathy. Noah não manteve o olhar na minha direção, voltou a se concentrar nos brinquedos e se esqueceu que tinha companhia. Fiquei esperando que ele conversasse comigo, mas nada aconteceu, por isso fiquei impaciente e perguntei o seu nome, mesmo já sabendo.

— Noah — respondeu sem olhar nos meus olhos, mas parou de montar as peças do jogo.

— Seu nome é Noah? — perguntei, aproximando-me, mas ele foi um pouco para atrás, e decidi ficar onde estava. — Posso brincar com você, Noah? — pedi, tentando montar as peças da torre do castelo.

Ele não respondeu, mas me deu a peça que começaria a outra torre, e entendi que ele queria brincar comigo. Ficamos ali por um tempo em silêncio, montando as peças do castelo, até que ouvi um barulho e um soluço. Levantei-me do chão e fui até a porta ver de onde vinha o som.

Demorei para acreditar no que meus olhos viam. Cathy estava sentada no chão com a cabeça no meio das pernas e chorava copiosamente. Fiquei parado à sua frente, sem saber o que fazer. Ainda estava furioso com ela. No entanto, depois de ouvir o relato do advogado, sabia que as coisas não tinham sido tão fáceis como eu imaginava. Ela também estava sofrendo, e seu choro incessante me dizia exatamente isso. Eu tinha três coisas a fazer: podia ignorá-la e voltar a brincar com Noah, pois cedo ou tarde ela teria que sair dali; podia ir embora e voltar no dia seguinte sem a Cathy para me obrigar a tomar uma atitude; ou podia apoiá-la. Não estava pronto para conversar com ela, ou melhor, não estava pronto para perdoá-la e passar uma borracha em cima do nosso passado. Minha única prioridade no momento era nosso filho, e foi pensando nele que decidi ajudá-la. Não seria certo virar as costas para uma mulher em prantos, ainda mais quando essa mulher era a mãe do meu

filho, que eu tinha acabado de conhecer.

Capítulo 31

CATHY

"Há algo no jeito que você revira seus olhos
Me leva de volta a uma época melhor
Quando eu via que tudo estava bem
Mas agora, você é a única coisa que é boa"

Walk me Home - Pink

Algumas semanas depois...

Sentei-me ao lado de Rick assim que coloquei a mala de Noah no porta-malas e o ajudei a entrar no carro. Ele estava quieto, mas segurou minha mão durante todo o trajeto. Eu estava tão animada por enfim conseguir levar meu filho para casa que não conseguia parar de sorrir. Na verdade, não estávamos indo para meu apartamento, como a assistente social fez questão de frisar no seu relatório, que foi entregue ao juiz antes de ele conceder a guarda provisória de Noah a mim e ao Rick. Nosso filho deveria morar com o pai, e, se eu quisesse ficar com ele, deveria combinar previamente com Rick, sendo que esses encontros não poderiam ultrapassar mais do que um final de semana, pelo menos até que eu conseguisse um lugar com mais espaço para Noah. Não questionei as ordens do juiz, sabia que meu filho ficaria melhor com Rick.

Fiquei aliviada quando ele permitiu que eu viesse à casa dele todos os dias se eu quisesse até que a criança estivesse adaptada à nova rotina. Ver-me chorar feito criança naquele dia no orfanato deve tê-lo comovido de alguma forma. Não tínhamos a mesma sintonia de antes, mas decidimos passar por cima das nossas diferenças e cuidar juntos do nosso filho. Eu sabia que Rick ainda estava bravo, duvidava que algum dia ele pudesse esquecer. No

entanto, naquela tarde, colocamos nossas desavenças de lado e estávamos levando Noah para casa.

— Chegamos — anunciou Rick, estacionando o carro na garagem. Observou Noah, que brincava com um cubo mágico.

Desci do carro enquanto Rick pegava a mala e toquei no joelho de Noah, sinalizando que ele devia me acompanhar. Entramos de mãos dadas na casa, caminhando devagar pelos corredores. Eu queria mostrar-lhe o seu quarto. Fiquei a semana inteira cuidando de todos os detalhes e estava ansiosa para saber qual seria a sua reação quando visse o cômodo. Não demorei a descobrir.

Abri a porta e o levei para dentro. Seus olhos ainda estavam concentrados nos pés. Era difícil para ele manter contato visual com as pessoas, mesmo que já tivéssemos uma relação mais próxima. Ele confiava em mim, sabia que estava seguro comigo, mas não ousava olhar nos meus olhos. Por isso fiquei surpresa quando ele levantou a cabeça devagar e me fitou por míseros segundos antes de desviar o olhar para a grande estante de Lego que colocamos no quarto. Assim que ele viu todas aquelas peças, desvencilhou suas mãos das minhas e correu na direção da estante.

Olhei para o Rick, parado na porta, e sorri, pois foi ideia dele montar aquele cantinho especial para Noah. Ele retribuiu meu sorriso, mas depois percebeu que não devia compartilhar essa alegria comigo e fechou seu semblante no mesmo instante. Eu teria um longo caminho pela frente se quisesse ao menos ser sua amiga novamente. Todavia, estava tão contente por enfim ter meu filho de volta que não me importei com o ressentimento de Rick.

Noah era uma criança inacessível e podia brincar sozinho por horas, mas naquele dia não foi assim. Permaneci ao seu lado até a hora do jantar. Só saímos do quarto quando o Rick gritou:

— A pizza chegou!

Noah ergueu os olhinhos confusos para mim quando ouviu a voz do pai e me perguntei se ele sabia quem éramos. Ficar à vontade na nossa presença

não dizia muita coisa sobre o que de fato ele sabia a nosso respeito. Um dia antes de sair do orfanato, conversamos com ele logo depois que a psicóloga teve um longo diálogo com nosso filho. Na verdade, eu desconfiava que ela tinha falado sozinha o tempo todo. Isso não garantia que ele tivesse entendido que seria adotado novamente, porém dessa vez quem o estava levando para casa eram seus pais biológicos. Quando chegou a minha vez de falar com ele, eu não conseguia parar de chorar, por isso só balbuciei que o amava muito e que nunca mais ele voltaria para aquele orfanato. Eram uma promessa complicada de se cumprir, uma vez que ainda não tínhamos a guarda definitiva de Noah. Todavia, não importava o que acontecesse dali para frente nas nossas vidas, eu jamais devolveria meu filho novamente.

Ajudei Noah a se sentar e depois me sentei ao seu lado. Observei seus olhinhos se concentrarem na pizza de pepperoni em cima da mesa conforme o Rick servia um pedaço generoso nos nossos pratos. Comemos em silêncio, o Noah porque não conversava mesmo, enquanto Rick e eu não sabíamos o que dizer um ao outro. Depois ajudei o Rick a tirar a mesa e colocar tudo na lava-louça enquanto nosso filho permanecia sentado na cadeira, movendo seu cubo mágico como se só existissem ele e seu brinquedo naquela casa. Nada parecia quebrar a sua concentração.

— Posso colocar o Noah para dormir essa noite? — perguntei ao Rick antes de deixar a cozinha.

— Não precisa pedir minha permissão para isso, você é mãe dele e tem todo o direito — respondeu sem coragem de olhar nos meus olhos.

— Obrigada. Vou embora assim que ele pegar no sono — emendei, observando-o da porta.

— Não precisa ir se não quiser, tenho quartos de hóspedes em casa, e pode ficar quantas vezes quiser.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Sair sozinha a essa hora da noite é que não me parece uma boa ideia.

— Não quero atrapalhar.

— Quem disse que está atrapalhando?

— Ninguém, só pensei que... — fui interrompida antes de revelar minha suposição:

— Pare de pensar e fique aqui com seu filho. Prometi que iríamos ser amigos para o bem dele e pretendo cumprir minha promessa. Você sabe o quanto estou furioso com você por esconder o Noah de mim durante todo esse tempo, porém não posso descontar meu ressentimento em você agora e prejudicar meu filho no processo. Ele sempre vai estar acima das nossas desavenças.

— Você tem razão, podemos ser amigos e cuidar do Noah juntos — concordei, deixando toda a minha angústia de lado e pensando no bem-estar do meu filho.

Os primeiros dias de adaptação foram bem difíceis, passei a dormir na casa de Rick praticamente todas as noites, e, quando saímos juntos para o estúdio no dia seguinte, o Noah ficava com uma babá. Ele precisava voltar à escola em breve, mas decidimos que por enquanto ele estudaria em casa. Não era o ideal, mas sua terapeuta achou melhor não o submeter à rotina estressante da escola quando ele ainda estava se acostumando conosco.

Não era fácil deixá-lo todas as manhãs e só o ver no final do dia. Ele não demonstrava nenhuma reação quando eu ia me despedir no seu quarto, nem quando retornava tarde da noite. Entretanto, eu podia sentir que ele sentia nossa falta. Foi por isso que começamos a levá-lo ao estúdio alguns dias. Os garotos da banda ficaram surpresos com a semelhança entre ele e o Rick. Lado a lado, era impossível não dizer que eram pai e filho. Para meu alívio, todos receberam muito bem a notícia, não senti nenhum resquício de animosidade da parte deles, muito pelo contrário, receberam meu filho de braços abertos. Era uma pena que ele não pudesse demonstrar seus sentimentos, por isso eu ficava sem saber o que se passava naquela cabecinha linda, embora devo salientar que eu percebia algumas mudanças nele quando o levávamos ao estúdio. Enquanto outras crianças tinham dificuldade de permanecer quietas durante os ensaios, Noah ficava hipnotizado pela música. Sua concentração era tanta que em alguns momentos eu o ouvia murmurar as

melodias como se estivesse lendo as notas musicais no ar. Eu sabia que isso não era provável, uma vez que ele não tinha qualquer conhecimento musical, mas era impossível não ter essa ideia ao olhar seus lábios se mexerem ao som das notas que saíam dos nossos instrumentos.



Estávamos havia menos de dois meses do nosso primeiro show em Nova Iorque, por isso os ensaios estavam cada vez mais longos. Um dia tentei deixar Noah em casa com a babá, mas ele ficou irritado e disse que queria ir tocar. Fiquei curiosa por ele dizer aquilo, afinal mal falava, bem como não sabia tocar nenhum instrumento, mas não me preocupei mais com isso, nem insisti que ele ficasse em casa, levando-o sempre comigo, pois percebi que o estúdio era um dos seus lugares favoritos.

Era estranha nossa rotina, parecíamos uma família de verdade. Morávamos na mesma casa, nessa altura eu já nem fazia questão de voltar ao meu apartamento, e o Rick parecia não se importar com a minha presença constante, por isso fui ficando e passei a exercer o papel de mãe em tempo integral. Descobri que adorava passar tempo com Noah no quarto montando suas peças de Lego, ajudá-lo a se vestir e o colocar para dormir. Essa última atividade eu tinha que dividir com Rick, mas eu não tinha nenhum receio quanto a isso e sabia perfeitamente o quanto era importante para nosso filho passar um tempo com o pai. E foi devido a esse tempo juntos que nosso filho começou a se interessar pela música. Eu o peguei no meu quarto tentando tocar meu violino duas vezes. Tentei ensiná-lo a manusear o instrumento, mas ele sempre se esquivava. Imagine a minha surpresa ao chegar a casa tarde depois de um concerto da orquestra e encontrar Rick com um violão ensinando Noah a tocar. Fiquei na porta observando meu filho imitar o pai e tocar com uma facilidade que me surpreendeu.

— Não sabia que estava ensinando-o a tocar — falei assim que Rick colocou Noah na cama e veio na minha direção.

— Comecei hoje, o peguei tentando tocar sozinho e não pude ignorar.

— Faz um tempo que percebi o quanto a música mexe com ele. No estúdio, o ouço murmurar as notas que estamos tocando.

— Percebi isso também, e é incrível o quanto ele entende de música só de ouvir. Fiquei impressionado. Queria poder conversar com ele e descobrir o que pensa. Deve ser solitário ficar sozinho o tempo todo — disse passando a mão nos cabelos, aflito.

— Você precisa ter paciência com ele, a terapeuta pediu que fôssemos devagar, sem forçar nada. Uma hora ele vai confiar em nós o suficiente para conversar e nos dizer o que se passa na sua cabecinha. Até lá vamos conversar através da música. Tenho certeza de que vai dar certo.

— Acha mesmo que podemos conversar através da música?

— Claro que sim. Você mais do que ninguém sabe que a música é uma linguagem. Se conseguirmos conectar Noah com ela, vai ser mais fácil o trazer para perto de nós.

— Faz sentido. Nunca vi ninguém parecido com ele antes.

— Então não desista, o nosso filho precisa de nós.

— Nunca disse que desistiria.

— Fico feliz em saber disso.

— Eu também — murmurou, seguindo para o seu quarto. Mordi a língua antes que pudesse chamá-lo de volta. Não queria dar essa conversa por encerrada, não sabia quando teria a chance de retomá-la no futuro. Todavia, não tive coragem, nem saberia o que dizer a ele sem ficar constrangida.

Conforme os dias foram passando, ficamos cada vez mais amigos, mas, no fundo do meu coração, eu sentia um vazio, como se estivesse faltando algo. Enfim estava bem com Rick, mas quem disse que meu coração se

contentava com amizade? O fato de ficarmos praticamente todos os dias juntos não ajudava em nada a amenizar esse sentimento. Estar ao seu lado sem poder tocá-lo era cada vez mais difícil, e eu me ressentia na maioria das vezes por isso. Contudo, que alternativa eu tinha, quando sabia que não teria nenhuma chance?

Capítulo 32

RICK

“Você me encontra no meio da noite
Com lágrimas caindo
Venha me deixar secá-las para você
Eu gostaria de poder contar uma história
Afastar todos aqueles fantasmas”

I'll Stand by You - Bruce Springsteen

Fui pego de surpresa ao descobrir que tinha um filho com nove anos de idade. No primeiro momento fiquei tão furioso que quebrei tudo que vi pela frente (ainda estava restaurando o piano pela segunda vez). Porém, depois que vi a Cathy chorando no corredor do orfanato, entendi que ela também estava sofrendo. Eu não podia mais continuar me fazendo de vítima. Decidi passar uma borracha em tudo e seguir adiante, mas ainda não conseguia perdoá-la, só ignorei o que ela tinha feito para o bem do nosso filho. Tínhamos que trabalhar em conjunto a fim de trazê-lo de volta.

Fazia algumas semanas que Noah estava morando conosco, e a Cathy também estava por ali. Eu não sabia até quando esse arranjo funcionaria, mas não me importava. Estava tentando viver um dia de cada vez, e foi pensando nisso que decidi fazer uma viagem de carro para Atlantic City. Minha mãe vinha insistindo que precisava conhecer o Noah, e, como ela não podia viajar, achei melhor ir até ela. Minha intenção era viajar sozinho com meu filho, mas, quando contei a novidade na mesa de jantar, ele imediatamente olhou para Cathy e ficou esperando que ela dissesse que também iria. Ele não disse nada, quase não falava. No entanto, eu já conhecia seus sinais, e esse era bem claro. Noah não iria sem Cathy.

Respirei fundo e desviei meu olhar da sua testa franzida de preocupação. Não queria convidá-la para essa viagem, seria difícil rever os lugares em que

passamos tempo juntos. Eu já havia tido dificuldades quando fui sozinho; com ela ao meu lado, seria difícil demais. Por isso ignorei o pedido silencioso do meu filho e continuei o jantar como se nada tivesse acontecido.

No entanto, na noite antes da viagem, Cathy me esperou sair do quarto de Noah para uma conversa.

— Vocês vão viajar amanhã?

— Sim, está tudo pronto.

— Já arrumei a mala do Noah.

— Não precisava, eu podia ter feito isso.

— Não tem problema, ele me ajudou, e brincamos o tempo todo.

— Se é assim, obrigado.

— Sem problemas, mas ele acha que vou com vocês, e tive que arrumar minha mala também. Tentei me esquivar dessa tarefa, mas você sabe como ele é, se coloca algo na cabeça, ninguém pode mudar. Enfim arrumei a minha mala, mas pretendo voltar para o meu apartamento amanhã. Sem o Noah aqui, não faz sentido ficar nessa casa sozinha.

— Você pode ficar se quiser, não precisa sair correndo. Vai ter mais tempo para seus ensaios para os concertos da orquestra de Nova Iorque.

— Com certeza vou ter. Com os ensaios com a banda e o Noah, tenho negligenciado minhas práticas com a orquestra.

— Então pode ficar aqui se quiser.

— Agradeço a oferta, mas vou recusar. Amanhã volto para o meu apartamento — disse, afastando-se de mim.

— Cathy — chamei-a quando ela estava quase entrando no seu quarto. Ela parou e olhou para mim com expectativa, porém não consegui dizer o que pretendia e sinalizei que não era nada. Por um impulso quase a convidei para ir com gente, mas pensei melhor e vi que não era uma boa ideia. Estava na

hora de ficar sozinho com Noah e me afastar dela. Esse era o certo a se fazer. Então por que eu sentia uma pontada no peito todas as vezes que pensava no assunto?

Na manhã seguinte acordei mais cedo do que costumava. Pedi a um dos meus seguranças que me trouxesse outro carro, não queria viajar com o Camaro, não seria confortável para o Noah, por isso peguei um dos SUVs na garagem do Jack. Coloquei nossa bagagem dentro e preparei um café da manhã especial com waffles, o prato preferido do meu filho. Ele acordou animado e devorou a refeição alguns minutos depois. Eu e Cathy passamos a semana inteira falando dessa viagem, e isso devia tê-lo deixado ansioso.

— Vamos! — pedi, levantando-me da mesa. Ele não respondeu nada, mas abriu um sorriso e segurou na minha mão.

Seguimos juntos até o carro com Cathy logo atrás. Coloquei Noah no banco de trás e afivelei seu cinto de segurança com cuidado. Ele ficou olhando para Cathy esperando que ela entrasse no veículo também.

— Eu não vou poder ir dessa vez, Noah — ela explicou diante dos olhinhos confusos do nosso filho.

— Não quero ir sem Cathy! — gritou Noah, surpreendendo-nos. Não era a primeira vez que ele falava, mas eu nunca o tinha visto tão chateado.

— Você vai conhecer a vovó e o vovô com o papai. Eu não posso ir com vocês.

— Eu não vou sem a Cathy! — gritou mais uma vez, tentando tirar o cinto de segurança para sair do carro.

— Você precisa ir, Noah — ela implorou aflita.

— Pare de gracinha, Noah, a Cathy não vai e acabou — eu disse abrindo a porta do motorista, mas nem tive tempo de me sentar no banco, Noah conseguiu se soltar e correu até a Cathy.

— Noah! — gritei, saindo do carro e indo até eles.

— Você sabe que não é um capricho. Algumas coisas ele não é capaz de entender — interveio Cathy, preocupada.

— Sei disso, já conversei com a terapeuta dele a respeito, mas nunca passei por isso antes. Não sei o que fazer — disse passando as mãos no cabelo, preocupado.

— Eu também não sei o que fazer nesses casos, ele nunca agiu assim antes — respondeu passando os braços ao redor da criança.

— Noah quer viajar com Cathy e Rick — resmungava meu filho sem parar, e não tive alternativa, senão aceitar seu pedido.

Cathy pegou a mala dela, que já estava pronta, e entrou no carro conosco. A alegria de Noah era evidente depois que o colocamos de volta no banco de trás e seguimos viagem.

No começo, senti-me desconfortável com a Cathy tão perto assim, mas, conforme os quilômetros foram passando, deixei a minha ansiedade para trás e decidi curtir esse momento em família. Embora não fosse uma família de verdade, resolvi fingir que era e me peguei rindo e brincando com eles na metade do caminho para Atlantic City.

— Tem certeza de que não tem problema em eu ir junto com vocês? — perguntou Cathy assim que Noah pegou no sono.

— Acho um pouco tarde para perguntar, estamos quase chegando.

— Tem razão. É que não queria fazer essa pergunta na frente do Noah.

— Não se preocupe, não vejo problema algum em viajar com você.

— Obrigada, mas quero que saiba que não incentivei Noah a me convidar para viajar com vocês. Na verdade, tentei o convencer do contrário muitas vezes, mas ele é muito teimoso e insistente.

— Eu entendo, mas e você? Gostou de vir com a gente?

— Não sei, nunca mais voltei para Atlantic City depois que saí de lá. E nunca imaginei que voltaria justamente com você. É difícil assimilar algumas

coisas, estou confusa. Mas prometo ficar no meu canto para o bem de Noah.

— O que quer dizer com “ficar no seu canto”?

— Vou dar espaço para vocês ficarem juntos, não pretendo ficar grudada em vocês o tempo todo.

— É uma boa ideia — emendei, pensando que seria difícil passar nos mesmos lugares em que estivemos juntos. As lembranças ainda estavam tão nítidas que eu tinha medo do que poderia acontecer, mas ignorei meu receio, pelo menos por enquanto, e curti a viagem.

— A sua casa está do mesmo jeito que eu me lembrava — murmurou Cathy assim que estacionei na frente da casa dos meus pais.

— Meu pai não gosta muito de mudanças, e, depois que se aposentou, seu hobby, que era correr, passou a ser cuidar da casa. Ele faz tudo. É desnecessário, mas faz. Já desisti de convencê-lo do contrário — contei, tirando nossas malas do carro, enquanto Cathy acordava Noah.

— Até que enfim chegaram, sua mãe está preocupada e ansiosa — comentou Stevie assim que abriu a porta da frente para nos receber.

— Viemos o mais rápido que pude — murmurei, abraçando meu pai.

— Olá, Cathy, que surpresa agradável — emendou contente, puxando-a para um abraço também.

— Espero não estar perturbando — ela disse corando de vergonha.

— Não é incômodo nenhum — garantiu, tentando tranquilizá-la.

— Obrigada — agradeceu, puxando Noah para conhecer o avô.

— E esse pequeno aqui deve ser o Noah — falou com cuidado meu pai. Eu já tinha conversado com ele antes sobre o neto.

Meu filho não respondeu, mas abriu um sorriso, balançou a cabeça concordando e aceitou o abraço acanhado do meu pai.

— Onde está a mamãe? — questionei andando pela sala, que, a não ser pela falta do piano, estava do mesmo jeito que eu deixara ao sair tantos anos antes.

— Na varanda — respondeu papai, segurando a mão de Noah e o trazendo consigo.

— Olá, mamãe — cumprimentei-a ao vê-la sentada numa cadeira de balanço esperando por nós.

— Olá, querido, que saudades! — disse nos olhando com atenção, e o sorriso que abriu a seguir me fez ainda mais feliz. Abaixei-me para abraçá-la e beijar sua testa.

Cathy apareceu logo em seguida e ficou bem emocionada por reencontrar minha mãe. As duas tinham uma história, e fiquei feliz em proporcionar esse momento entre elas. Na verdade, tive ajuda de Noah, mas no fim valeu a pena.

— Desculpe — murmurou Cathy assim que se abraçaram. Eu não imaginava o porquê do pedido de Cathy, mas minha mãe pareceu entender e abraçou com mais força a ex-aluna e agora mãe do seu neto.

Noah esperou no canto até que todos pudessem abraçar mamãe, e, quando o coloquei na frente dela, percebi as lágrimas que ela vinha segurando até o momento serem derramadas. Cathy também estava chorando. Meu pai, apesar de tentar disfarçar, tinha os olhos nublados. Observei quando mamãe abriu os braços sinalizando para o neto chegar mais perto.

— Essa é a Loretta, sua avó e mãe do papai. Ela ficaria muito feliz se você fosse até ela para dar um abraço — sussurrei no ouvido do meu filho, incentivando-o a ir até ela. Sabia o quanto era difícil para o Noah se deixar abraçar, meu pai o pegara desprevenido minutos antes. No entanto, minha mãe estava sentada, e ele precisaria ir até ela. Incentivei-o o máximo que pude e fiquei torcendo para que ele fosse. Notei enquanto ele olhava para Cathy, indeciso, até que começou a caminhar na direção da minha mãe. Ele não a abraçou, mas se deixou ser abraçado. Era um começo.

Depois de matar as saudades de casa, jantamos todos juntos e fomos nos preparar para dormir. Deixei Noah no meu quarto e tive que dividir o quarto de hóspede com Cathy.

— Posso dormir no chão se você quiser — disse Cathy, preocupada com a nossa situação inusitada.

— Não tem problema, não é a primeira vez que durmo no chão — respondi dando de ombros, tranquilo.

— Tem certeza?

— Claro — concordei, arrumando o saco de dormir que tirei do armário enquanto ela se deitava.

— Podemos dividir a cama se estiver tudo bem para você — ela ofereceu preocupada, mordendo o lábio.

— Não acho uma boa ideia — respondi olhando o espaço vazio ao seu lado. Era uma proposta e tanto, mas eu não sabia se seria capaz de dormir tão perto dela.

— Certo, acho melhor dormirmos, então — anunciou, vermelha, provavelmente se dando conta da proposta indecente que tinha acabado de me fazer sem querer.



Acordei com os primeiros raios solares invadindo a janela entreaberta. Levantei-me e fiquei alguns minutos observando Cathy dormindo tranquila na cama. Eu nunca a tinha visto tão serena e tranquila. Fiquei hipnotizado pela sua beleza. Seu cobertor tinha deslizado pelo seu corpo, deixando suas pernas descobertas, a camiseta subira até a cintura, deixando sua calcinha de

renda à mostra, e tive que cerrar os punhos para não a agarrar. Corri do quarto antes que fizesse alguma besteira.

Quando desci até a cozinha, Stevie já estava por lá preparando nosso café da manhã. Peguei uma xícara no armário e a coloquei na máquina de café expresso. Esperei que enchesse, hipnotizando pelo seu aroma e me lembrando das pernas nuas de Cathy. Tive que fazer um esforço absurdo para sair daquele quarto, quando tudo que eu mais queria era ficar, de preferência debaixo dela e a ouvindo gemer meu nome sem parar.

— Está tudo bem aí, meu filho? — indagou meu pai, chamando minha atenção.

— Claro, estou ótimo — respondi, balançando a cabeça e rindo dos meus pensamentos impuros àquela hora da manhã.

Capítulo 33

CATHY

"Minha cabeça ainda me leva de volta
Pensei que tivesse acabado, mas eu
Acho que nunca realmente acabou
Oh, nós estávamos tão bagunçados"

Never Really Over - Katy Perry

Acordei sentindo alguém ao meu lado na cama. Por um momento fiquei paralisada, achando que o Rick tinha aceitado o meu convite. Não saberia o que fazer se tivesse que ficar tão perto dele assim, não depois de anos. Todavia, sabia que era injusto deixá-lo dormindo no saco de dormir todas as noites, quando eu era a única pessoa extra naquela viagem. Na certa, seus pais achavam que estávamos juntos novamente, caso contrário, o que eu estaria fazendo ali? Quando Stevie sugerira o quarto de hóspede para nós dois, fiquei muda e sem saber o que dizer. Esperei que o Rick viesse ao meu socorro, mas ele simplesmente disse que estava tudo bem e ignorou o fato de não podermos ficar sozinhos num quarto. Talvez para ele não fosse problema, mas para mim com certeza era.

Apesar de os cabelos serem idênticos aos do pai, a pessoa ao meu lado era bem menor do que ele. Acariciei seus cabelos macios, e ele despertou na mesma hora. Era bem provável que nem estivesse dormindo de verdade.

— Espertinho, o que está fazendo aqui? — perguntei, observando a face de Noah em busca de informações acerca de seu aparecimento repentino. Ele nunca tinha vindo dormir comigo antes.

— Quarto estranho — resmungou, cobrindo a cabeça com o cobertor.

— Era o quarto do papai. Você o viu por aí? — questionei, observando

que o saco de dormir tinha desaparecido. Noah desviou os olhos e só balançou a cabeça de um lado para o outro. — Tudo bem. Vamos dormir mais um pouquinho, o que acha? — indaguei, mas sabia que ele não responderia ao meu questionamento, por isso fechei os olhos e voltei a dormir um pouco mais.

Despertei novamente sentindo um cheiro gostoso de café. Sentei-me na cama esfregando os olhos e me deparei com uma bandeja de café da manhã recheada de coisas deliciosas. Noah já estava em frente a ela, devorando tudo.

— Café da manhã na cama? Quem trouxe?

— Papai — murmurou entre uma mordida e outra nas panquecas, e fiquei em choque. Era a primeira vez que ele se referia ao Rick como pai, e, até aquele momento, eu achava que ele nem sabia quem Rick era, já que na maioria das vezes nos usava como muletas para fazer o que desejava. Eu sabia que era uma característica de autistas, mas confesso que esperava que um dia ele nos reconhecesse como pais. Por isso estava mais do que emocionada com aquela única palavra.

— Já devorou sua comida, Noah? — inquiriu Rick ao entrar no quarto de repente. Ele estava com os cabelos molhados e um sorriso lindo nos lábios. Quase pulei nos seus braços e exigi um beijo, mas não podia fazer isso, não com o Noah ali, além de não saber qual seria a reação do Rick. Esse desejo súbito não me parecia normal, eu devia estar com fome, por isso dei uma mordida generosa na panqueca antes de responder:

— Ele está comendo sem parar desde que acordei — respondi fitando Rick com interesse. *Será que devo contar o que Noah disse minutos atrás?*, pensei sem tirar meus olhos dele, mas no fim achei melhor esperar que Noah o chamasse de pai novamente. Se ele tinha falado uma vez, diria outras, e seria mais apropriado e emocionante ouvir do próprio filho.

— Bom garoto — ele disse bagunçando os cabelos do filho. — O que acha de ir à praia comigo? — perguntou, roubando um pedaço da panqueca de Noah.

— Cathy — murmurou com a boca cheia.

— Cathy pode vir conosco se ela quiser — emendou Rick, surpreendendo-me com o quanto foi fácil me incluir no passeio.

— Se insistem tanto, acho que vou aceitar — brinquei, bebendo o café que estava na xícara à minha frente e comendo os ovos e torradas que ainda não tinham sido devorados por Noah.



Durante todo o trajeto até Atlantic City, estava com medo. No primeiro momento, tive receio sobre como os pais do Rick me receberiam, e fiquei surpresa ao ser tratada como alguém da família. Foi um alívio. Depois me preparei para ser ignorada pelo Rick, mas nada disso aconteceu. Ele fez questão de me incluir em todos os passeios, e em nenhum momento me senti deslocada. Na verdade, a cada minuto que passávamos juntos, eu tinha certeza de que meu lugar era ao lado deles. Ainda não sabia como essa dinâmica iria funcionar no futuro, nem se eu continuaria morando na casa do Rick, mas decidi não pensar no problema antes mesmo que ele acontecesse e curti nossas férias em família.

Exploramos a cidade e mostramos ao Noah nossos lugares favoritos. Acampamos no quintal numa noite fria. Ainda não estávamos no inverno, mas a temperatura caía bastante à noite. Levamos nosso filho à escola em que estudamos juntos, e lhe mostrei a biblioteca que tanto amava.

Olhando para uma mesa mais afastada, lembrei-me da primeira vez que tinha ido ali com Rick. Fechei meus olhos, e as lembranças fluíam como se fosse um filme na minha cabeça. Fui despertada dos meus devaneios por Noah, que já tinha olhando o suficiente da biblioteca e estava ansioso para visitar o farol.

Enquanto nos despedíamos daquele lugar que significava tanto para mim,

imaginei que teria mais problemas ao visitar o farol. Se eu havia ficado tão nostálgica por visitar um lugar em que nem passamos tanto tempo juntos, o que seria de mim quando entrasse no local que tinha mudado minha vida para sempre?

Não tive tempo de inventar uma desculpa e não ir ao farol. Quando percebi, já estávamos com os pés na areia e seguindo até o lugar que, por muito tempo, ficara apenas nas minhas lembranças. Noah e Rick foram correndo na frente, empolgados, enquanto eu fiquei para trás e caminhei a passos lentos. Queria prolongar ao máximo aquele momento. A chave estava no mesmo lugar de sempre. Vi de longe quando Rick abriu a porta, e os dois sumiram lá dentro. Fui tateando o lugar, recordando todas as vezes que tinha estado ali e o quanto aquele lugar significava para mim. Quando enfim cheguei ao topo, Noah estava entretido olhando o horizonte com um binóculo, e o Rick estava ao seu lado, explicando alguma coisa à qual não prestei atenção. Fitei o sol se escondendo no horizonte e me lembrei daquela tarde na praia, quando conheci o Rick e minha vida mudou para sempre.

— Posso te explicar esse fenômeno se você quiser — ele sussurrou no meu ouvido, e meu corpo todo se arrepiou.

— Engraçado, estava me lembrando desse dia também — disse, virando-me para ficar de frente para ele, porém só me dei conta do erro quando ficamos tão próximos que eu podia sentir sua respiração ofegante. Fechei os olhos, tentando desviar meus pensamentos, mas era inútil, a vontade de beijá-lo era insuportável, chegava a doer. Senti-me lutando contra uma correnteza; não importava quanto eu me debatia, estava totalmente à mercê da sua vontade. Como poderia resistir, quando tudo que eu queria era sentir o seu gosto nos meus lábios? Fazia tanto tempo desde a última vez que eu o havia beijado, nem sequer me recordava do seu sabor, mas meu corpo se lembrava do seu beijo, e, a julgar pelo calafrio que eu sentia na espinha, era o melhor que já tivera.

Abri os olhos para confirmar o que eu já sabia: Rick também queria o mesmo. E, quando duas pessoas querem se beijar, é inevitável. Aconteceria a qualquer momento, só me restava esperar que seus lábios encostassem nos meus. Estávamos tão próximos que bastava um mísero esforço para que sua

boca estivesse na minha. Umedeci os lábios em expectativa, mas, quando sua boca estava se aproximando...

— Papai, eu vi um navio! — gritou Noah empolgado, e o Rick congelou no mesmo instante. Franziu o cenho, tentando absorver aquela palavra como se o seu mundo tivesse mudado de lugar naquele momento.

— Você disse "papai"? — perguntou, virando-se para olhar o filho. Porém Noah não confirmou nem negou, e o Rick ficou me olhando, esperando que eu negasse.

— Ele disse "papai" sim, e também falou essa manhã, quando acordei. Não contei antes porque achei que você merecia ouvir.

— Não acredito que ele está me chamando de papai! Esperei tanto por esse momento, mas confesso que, devido às dificuldades de Noah, achei que demoraria mais.

— Ele não para de nos surpreender — emendei, enquanto o Rick puxava o filho para seus braços.

Noah ficou confuso com a empolgação do pai, mas não o afastou, como eu já o tinha visto fazer antes. Sabia que ele estava fazendo um grande esforço ao se deixar ser abraçado, por isso fiquei por perto, observando feliz aquela cena entre pai e filho. A partir daquele dia, visitamos o farol todas as tardes antes de voltar a Nova Iorque.

Com o passar dos dias, fui ficando mais à vontade. Comecei a segurar a mão do Rick em alguns momentos. Em outros, ele segurava na minha cintura. Estávamos testando o terreno para ver até onde poderíamos aguentar a distância que impomos um ao outro. Apesar do desejo e de admirar seus lábios quando eu tinha certeza de que ele não estava olhando, não nos beijamos nenhuma vez, e eu não saberia dizer se lamentava ou ficava grata. Um beijo agora seria complicado demais, dormir no mesmo quarto todas as noites já era algo difícil de lidar. A tensão sexual que permeava o ambiente assim que as luzes eram apagadas era insuportável. Eu queria poder fingir que não estava atraída por ele. Às vezes me perguntava se em algum momento deixaria de estar. Podia um amor durar tanto tempo assim sem ser

cultivado?

Durante dez anos, convenci-me de que não amava mais o pai do meu filho. Porém, quando o vi novamente, senti algo diferente. Pensei que era saudade do que tivemos no passado, carinho por ter um filho juntos. Todavia, quando passamos a dividir um quarto, quando eu o via todos os dias e noites, quando o via cuidar do nosso filho com tanto carinho, algo desabrochou, e eu não sabia bem como lidar com o que sentia. O mais sensato era deixar como estava, porém, todas as noites, via-me torcendo para tê-lo ao meu lado na cama. Às vezes até me enganava dizendo que seria apenas uma vez, mas no fundo sabia bem que não teria mais volta. Se eu dormisse com o Rick, a frágil amizade que estávamos tentando manter para o bem do nosso filho estaria arruinada. Eu achava que não valeria a pena arriscar tanto. Precisávamos estar unidos naquele momento, não podíamos lidar com as inconstâncias do começo de um relacionamento, ainda mais com um passado como o nosso.

Ainda bem que Rick parecia não ter os mesmos dilemas que eu e continuava dormindo tranquilo no seu saco de dormir todas as noites.

Capítulo 34

RiICK

“Estrelas brilhantes parecem
Se reunir ao redor de seu rosto
Quando você ama alguém
Isso retorna para você”

Love Someone - Jason Mraz

Na última noite em Atlantic City e, consequentemente, compartilhando o quarto com Cathy, demorei a ir dormir. Conversei com meus pais por bastante tempo na sala depois que ela levou Noah até meu antigo quarto. Eles percebiam que tinha algo de errado comigo, mas decidiram ignorar, e eu fiquei aliviado. Não saberia o que dizer, nem por onde começar, caso me perguntassem. Eu estava uma verdadeira bagunça por dentro. Rascunhei diversos refrãos, mas nem através da música conseguia me expressar. Eu sabia que sentia algo por Cathy, porém era difícil passar por cima de tudo que ela me escondeu, abrir mão do meu orgulho ferido e perdoá-la. Eu tinha receio do que podia acontecer se abrisse meu coração novamente e a deixasse entrar. Não estava feliz sem ela, mas tinha aprendido a viver assim, já que não saberia o que fazer se ela fugisse novamente. Podia ser que eu fosse covarde, mas preferia pensar que era cauteloso. É complicado se abrir ao desconhecido, ainda mais quando não deu certo na primeira vez.

Enfim, demorei tanto para entrar no quarto que, quando o fiz, Cathy já estava dormindo. Era melhor assim. Permaneci parado na penumbra, observando-a de longe. Todas as noites, ela dormia com uma camiseta e as pernas desnudas. Desci meus olhos devagar pela sua pele clara refletindo a luz da lua que atravessava a janela e lembrei que a havia tido nos meus braços apenas uma vez – o suficiente para jamais esquecer. Tentei reviver em minha mente aqueles momentos que passamos juntos no farol, mas, depois de

tanto tempo, eram apenas sensações e flashes de lembranças.

Coloquei as mãos nos cabelos, tentando dissipar a névoa de desejo que se abateu sobre mim. Arrumei meu saco de dormir com cuidado, pois não queria acordá-la; seria ainda mais difícil resistir a ela. Tirei a camiseta e a calça, joguei-as num canto e me enfiei no maldito saco, fechei os olhos e esperei que o sono me arrebatasse de uma vez do sofrimento. No entanto, ele não veio.

De repente, Cathy começou a se mexer na cama e gemer enquanto chamava o meu nome. Isso piorou ainda mais o meu estado. Tentei desviar minha atenção dos seus gemidos, mas era inútil, quando cada fibra do meu ser sabia o que estava acontecendo ali. Não lembro bem quando decidi que era o meu limite, talvez ao ouvir meu nome entre um gemido e outro, ou quando percebi que não podia mais resistir. Enfim, deixei de lado minha cautela, meus receios e segui meus instintos. Deitei-me na cama ao lado dela e a puxei para meus braços. Acariciei seus cabelos com vontade, sentindo a maciez dos fios entre meus dedos. Aproximei-me do seu pescoço e senti o seu perfume de brisa do mar.

— Meus Deus, como senti falta disso... — sussurrei no seu ouvido.

— Eu também... — ela murmurou, puxando-me para um beijo.

Nossos lábios se encontraram, e sentir seu gosto tão peculiar fez uma bolha de sensações explodir na minha cabeça.

Deslizei minhas mãos pelo seu corpo, ora rápido, pois não acreditava que estava ali, ora devagar, tateando com cuidado algo que me era muito precioso. Seus gemidos aumentaram, e me ouvi gemendo também. Sabia que estava vivenciando algo único, uma vez que estava segurando meu desejo desde a primeira vez que a vi no estúdio alguns meses antes. Sendo assim, pode imaginar como eu estava me sentindo naquele instante. A sensatez foi para o ralo, eu não conseguia pensar em nada mais do que ela. Puxei sua camiseta, jogando-a bem longe, admirei seu corpo quase nu sob a claridade que vinha de fora. Nem me preocupei em acender a luz, pois tinha tudo que precisava em meus braços e não sairia daquela cama por nada nesse mundo.

Voltei a devorar seus lábios com lascívia, fui descendo devagar explorando seu corpo como bem queria. Não tive qualquer resistência da sua parte, ela estava totalmente entregue a mim, ambos na mesma sintonia.

Sua pele, assim como a minha, estava quente, por isso só tocá-la não foi suficiente, eu precisava de mais. Nossos corpos, apesar do tempo, reconheceram um ao outro, e deixei de pensar se seria certo ou não, apenas senti. Senti seu corpo, seu perfume, a brisa fresca que vinha do mar, mesmo estando tão longe da praia. Percebi que Cathy era o meu mar e a personificação de tudo que eu mais amava. Por isso, não fizemos sexo, como eu fazia com outras mulheres depois dela, nós fizemos amor, algo que deixei reservado exclusivamente para ela.

No último suspiro de prazer, quando meu corpo quente ainda cobria o de Cathy, fitamos um ao outro, sem acreditar no quanto fomos tolos por atrasar o nosso destino, quando deveríamos ter seguido nossos corações.

— Eu amo você — declarei sem ressentimento, sem me importar em ouvir o mesmo, apenas disse em voz alta o que havia no meu coração já tinha algum tempo.

— Será que estou sonhando? — indagou fechando os olhos e sorrindo.

— Acho que o que acabamos de fazer não pode ser comparado a um sonho.

— Tem certeza?

— Claro, você tem alguma dúvida?

— Me beija.

— O quê?

— É isso mesmo que ouviu, me beija.

— Já que insiste — brinquei, cobrindo sua face com beijos, mas, quando cheguei aos seus lábios, não consegui largá-los. Era bons demais para eu desistir deles.

Eu nem precisava dizer que não dormimos bem naquela noite. Acordei no dia seguinte exausto, mas valeu a pena cada minuto que passei ao lado de Cathy. Fui o primeiro a correr para o banheiro e tomar um longo banho quente, vesti uma roupa confortável e desci até a cozinha para preparar um café da manhã especial.

— Bom dia, papai — disse assim que o vi preparando ovos mexidos em frente ao fogão.

— Bom dia, filho. É impressão minha ou você está muito feliz essa manhã?

— Não é impressão não, estou muito feliz mesmo.

— Resolveu os seus problemas com a sua mulher?

— A Cathy não é minha... — comecei a negar, mas desisti no meio do caminho quando percebi que ela era, sim, minha mulher. Tínhamos até um filho, e, depois da noite maravilhosa que passamos juntos, do que mais eu precisaria para chamá-la de minha? *Nada*, cheguei à conclusão.

— Parece que ela é — emendou Stevie dando tapinhas camaradas nas minhas costas, e não tive alternativa senão concordar com ele, pois estava certo. Era eu que não quisera enxergar.

Não fiquei muito tempo na cozinha, deixaria para conversar com meu pai mais tarde. Coloquei tudo que precisava na bandeja e, antes de voltar ao quarto, pedi que ele distraísse Noah por um tempo, pois precisava conversar com Cathy a sós.

— Claro, pode ir tranquilo, que me entendo com aquele pirralho — brincou, olhando-me com carinho.

Coloquei a bandeja ao lado de Cathy na cama assim que entrei no quarto e acordei a mulher que eu amava com beijos, jeito mais prazeroso que pensei ao vê-la tão serena.

— Amanheceu? — questionou com a voz meio grogue de sono.

— Já faz um tempo — respondi, roubando mais um beijo só porque eu podia.

— E o Noah? — perguntou preocupada, tentando se cobrir.

— Meu pai vai ficar com ele, eu disse que precisava conversar com você a sós.

— Você contou ao seu pai?

— Não precisei, acho que ele imaginou ao me encontrar todo feliz e sorrindo e quando preparei seu café da manhã.

— Ganhei café na cama... — anunciou, cobrindo o rosto com o cobertor.

— Você merece mais do que um simples café na cama, sabe disso, não é?

— Acho que ainda estou dormindo.

— Você sabe que está bem acordada e que o que aconteceu na noite passada foi bem real. Tenho certeza de que ainda pode sentir no seu corpo a prova disso.

— Não me envergonhe — recriminou-me corando.

— Não foi essa a minha intenção, mas não precisa ficar tímida. O que fizemos foi maravilhoso e não quero que se envergonhe.

— Certo, tem razão — concordou no mesmo instante em que seu estômago roncou de fome.

— Parece que alguém precisa se alimentar — murmurei ao sair de cima dela e puxar a bandeja para ficar entre nós. Bebi uma xícara de café enquanto a admirava mordiscar com delicadeza a torrada. Seus lábios macios tomavam o alimento com tanto cuidado que senti inveja da comida. Quem diria que eu poderia invejar algo tão simplório? Todavia, a torrada estava entre seus lábios, a coisa mais cobiçada por mim no momento.

— Quer parar de me olhar assim?

— Assim como?

— Como se quisesse me comer.

— Mas eu quero te comer.

— Então coma.

Não precisei que ela pedisse novamente, a tensão entre nós já estava nas alturas. Coloquei a bandeja no chão ao lado da cama e passei a provar outra coisa mais suculenta e saborosa do que uma torrada.

Algumas horas depois nos despedimos dos meus pais e prometemos voltar mais vezes. Eles sentiriam falta de nós, assim como nó deles e dos lugares que tanto amávamos, como o farol, que passou a ser o local favorito do Noah também.

Eu e Cathy não tivemos tempo de conversar sobre como seria a nossa vida daquele momento em diante. Ainda estávamos sob a névoa da paixão, e, até que ela se dissipasse, nosso tempo juntos tinha um único objetivo, sexo. Decidimos viver um dia de cada vez, e isso era tudo que eu precisava – por ora.

Capítulo 35

CATHY

"Algumas pessoas querem tudo
Mas eu não quero nada
Se não for você, querido
Se eu não tiver você, querido"

If I Ain't Got You - Alicia Keys

A viagem de volta para Nova Iorque foi bem mais tranquila. Aquela tensão que existia entre mim e Rick se dissipou, estávamos numa atmosfera diferente. Eu ainda não sabia o que era, mas com certeza não era a mesma de antes.

Noah veio quietinho no banco de trás, montando e desmontando seu cubo mágico. As suas ações repetitivas me assustavam no começo, mas passei a entender que era a zona de conforto dele. Não insistia mais que ele parasse de fazer determinadas coisas, apenas o observava de longe até que ele decidisse fazer outra.

Pouco antes de chegarmos ao Brooklyn, adormeci. Não planejava deixar o Rick sozinho, mas meus olhos se fecharam e não consegui mantê-los abertos. Despertei ainda sonolenta, em uma cama, sentindo o perfume do Rick bem perto de mim. Encostei minha cabeça no seu peito, e estava tão aconchegante que adormeci novamente.

Acordei muito tempo depois. Olhei pela janela, e tudo estava escuro lá fora. Não era possível que eu tivesse dormido tanto! Encostei-me à cabeceira da cama, esfreguei meus olhos, forçando-me a ficar acordada de uma vez e foi então que descobri que não estava no quarto de hóspedes da casa do Rick, e sim no quarto dele. Joguei o cobertor de lado e corri até o banheiro. Demorei a ficar apresentável novamente, pois meu rosto estava inchado de

tanto dormir.

— Que vergonha... — murmurei em voz alta, tentando colocar meus cabelos de volta no lugar.

Antes de procurar o Rick e o Noah pela casa, tomei um banho e fui até o quarto de hóspedes em busca de roupas limpas.

— Até que enfim acordou, bela adormecida — comentou Rick ao me ver entrar na cozinha.

— Cathy é a Bela Adormecida? — questionou Noah confuso.

— Não, querido, é apenas uma brincadeira do seu pai — expliquei, mas ele pareceu não entender, mesmo assim não repetiu a pergunta e voltou a comer a fatia generosa de pizza.

— Pizza? — ofereceu Rick, segurando uma fatia à minha frente.

— Sim — mordi um pedaço ainda na mão dele.

— Você parece bem faminta.

— Com certeza, gastei muita energia ultimamente — disse piscando um olho e pegando o restante da fatia.

Quando terminamos de comer, Rick resolveu subir com Noah para o seu quarto. Nosso filho estava cansado da viagem e certamente dormiria mais cedo do que costumava.

— Boa noite — saudei antes de tentar beijar sua bochecha, e ele se esquivou algumas vezes antes que eu enfim conseguisse.

Fiquei na cozinha organizando a bagunça que fizeram. Coloquei os pratos e talheres na lava-louça, limpei o balcão com os vestígios de comida e, quando terminei de arrumar tudo, abri uma garrafa de vinho, enchi uma taça e fui até a sala. Procurei entre os discos antigos do Rick algo que me chamasse atenção, até que encontrei Bach. Coloquei o vinil para tocar e me sentei no sofá.

— Você está linda assim — ele sussurrou no meu ouvido aparecendo atrás de mim enquanto eu estava de olhos fechados curtindo a melodia.

— E a culpa é exclusivamente sua — respondi, virando-me para beijá-lo. Ainda não era natural para mim ter acesso aos seus lábios sempre que quisesse, por isso a sensação que tive ao beijá-lo ainda era bem nova e única. Meus pelos se arrepiaram no mesmo instante de expectativa pelo que estava por vir.

— Noah dormiu? — questionei, parando de beijá-lo para ouvir sua resposta, mas nem precisei, porque Rick balançou a cabeça dizendo que sim e voltou a me beijar.

Aos poucos nossas roupas foram parar no chão, e senti seu corpo pressionar o meu no tapete da sala. Não era essa a minha intenção quando o beijei, mas não o pararia. Já que tínhamos começado, iríamos até o fim.

— Você é a coisa mais linda que meus olhos tiveram o prazer de ver — disse ainda com o corpo colado ao meu.

— Está exagerando — reclamei envergonhada, tampando os olhos com ambas as mãos.

— Não é nenhum exagero. Nesse momento, com os cabelos pretos espalhados pelo carpete branco, os lábios vermelhos dos meus beijos e as bochechas coradas de vergonha, você é a mulher mais linda que conheço.

— Se insiste, não vou discordar, mas ainda acho que é um exagero — respondi, voltando a beijá-lo.

Rick me levou no colo até o quarto dele, e agradeci que tinha dormido a tarde toda, pois certamente não conseguiria dormir naquela noite.



Conforme os dias se passavam, nossa afinidade só aumentava. Aos poucos Noah foi percebendo que éramos um casal, e era natural para ele nos pegar nos beijando na cozinha. No começo ele ficou confuso, mas, com a ajuda da terapeuta, conseguimos lhe explicar o que estava acontecendo entre nós.

Lá pelo fim do mês, durante um piquenique no Central Park, ele me chamou de mamãe depois que ouviu a filha do Jack fazer o mesmo com a mãe dela. Confesso que chorei, não esperava essa aceitação tão rápida da parte dele, mas foi tão natural que me comovi. Meu filho foi a única coisa mais importante na minha vida durante muito tempo, por isso ter o seu perdão era algo que eu jamais esqueceria. Sentia-me culpada por deixá-lo para adoção desde o dia em que o entreguei ao primeiro casal, e finalmente essa culpa já não existia. Eu o tinha recuperado e me sentia privilegiada por ter essa oportunidade. Não é sempre que, em um caso como o meu, se consegue reaver um filho.

Para aumentar ainda mais a minha felicidade, eu também tinha o Rick. Depois de descobrimos cada pedacinho do corpo um do outro – isso levou mais de um mês –, decidimos nos sentar e conversar. Levamos uma tarde toda para deixar o passado onde ele deveria permanecer e decidimos recomeçar, não do zero, seria impossível, já que foi nosso passado que nos levou até ali, sem contar que ainda tínhamos o Noah, e escolher esquecer o que vivemos incluiria a ele, portanto não passamos uma borracha, somente seguimos em frente e combinamos de morar juntos. Eu já estava dormindo ali mesmo. Talvez fosse um pouco precipitado, mas Rick não era alguém que eu tinha conhecido apenas alguns meses antes, eu o conhecia a minha vida quase toda, e ainda tínhamos um filho juntos. Achei que o mais sensato seria tentar. E foi isso que fizemos, tentando nos acostumar com nossas rotinas, com Noah, que estava cada vez mais à vontade conosco.

E foi nesse período que descobri que o Noah aprendeu a tocar. Peguei-o tocando o piano na sala e fiquei em estado de choque, pois ele tocava as mesmas músicas que nos ouviu tocar inúmeras vezes, mas a surpresa não ficava somente por aí. Alguns dias depois, peguei-o tocando o meu violino,

depois o violão do Rick, e, quando estávamos no estúdio, ele tocava a bateria do Freddy, a guitarra do Jonas e até o baixo do Bob. Foi uma surpresa descobrir que Noah era um músico, apesar das poucas aulas que teve com Rick. Ele ainda não conhecia as notas musicais, mas tocava de ouvido quase todos os instrumentos a que tinha acesso. Sua terapeuta nos explicou que as crianças autistas têm uma preferência por determinado assunto e, a partir daí, ficam obcecadas por isso. A do Noah com certeza era a música, e descobrir que podíamos ter a atenção total dele nesse quesito nos deixou muito felizes. Foi natural para mim compreender que meu filho respirava música do mesmo jeito que eu. Passamos a nos comunicar através dela, e muitas vezes nós conseguíamos tirar o Noah do seu mundinho particular tocando juntos.

Quando senti que tinha resolvido minha relação com Rick e Noah, decidi conversar com meus pais sobre eles. Não foi fácil esconder o que tinha acontecido comigo nos últimos meses, mesmo morando tão distante deles. Papai e mamãe nunca mais tinham voltado aos Estados Unidos, o que me ajudou muito a esconder deles a existência de Noah, mas estava na hora de revelar os segredos e esperar que eles me perdoassem. Não revelei assim que minha mãe atendeu a ligação, tentei me esquivar. Pensei no Rick brincando com o Noah no quarto ao lado, lembrei-me do seu beijo demorado quando eu disse que contaria a verdade aos meus pais. Rick disse que gostaria de estar comigo nesse momento, mas entendeu que eu precisava ficar sozinha. Só tive coragem de contar a verdade quando estávamos no final da conversa e sabia que logo minha mãe desligaria o telefone. Comecei a contar desde quando descobri sobre a gravidez na noite do acidente e tudo que aconteceu depois. Passei a chorar em algum momento e percebi que minha mãe fazia o mesmo do outro lado da linha. Eu sabia que estava sendo difícil para ela ter essa conversa por telefone. Eu não os via fazia alguns anos, tinha ido visitá-los algumas vezes, mas não o suficiente para matar a saudade.

Tive que repetir a mesma história para o meu pai logo depois. Não foi mais fácil dizer a ele, mas eu precisava. Ouvi quando também começou a chorar, e eu tive que fazer o mesmo. Passamos horas ao telefone, e, quando enfim consegui desligar, o Rick apareceu para me consolar. Carregou-me nos braços até o nosso quarto e fez amor comigo até que eu parasse de chorar. Nunca ninguém tinha feito isso por mim antes. Senti-me cuidada e o

principal, amada.

Meus pais não me perdoaram naquela noite. Segundo eles, eu abri um buraco em seus corações, mas voltamos a nos falar por telefone alguns dias depois. Envie fotos de Noah, e eles passaram a conversar com ele através de chamadas via Skype. Aceitar o Rick foi mais difícil. Eles achavam que ele sabia de tudo o tempo todo, mas, quando deixei claro que Rick não sabia de nada até alguns meses antes, foi mais fácil aceitá-lo.

Aos poucos nossas vidas entravam nos eixos, mas ainda faltava algo. A turnê do álbum acústico começaria em breve, e tocar ao lado da banda The Dangers ainda estava me tirando o sono. Não importava quantos ensaios fazíamos juntos, conforme o dia se aproximava, eu ficava cada vez mais nervosa. E, no dia do nosso primeiro show, no Madison Square Garden, estava com os nervos à flor da pele. Mal sabia eu que aquela noite mudaria minha vida para sempre.

Chegamos todos juntos para passar o som. Eu queria ter deixado Noah em casa com a babá, mas Rick fez questão de trazê-lo conosco, garantindo que o barulho não perturbaria nosso filho mais do que o normal. Além disso, todas as outras crianças estavam nos bastidores. Seria injusto com Noah, por isso concordei. A passagem de som não ajudou meu nervosismo a diminuir. Parecia que eu era a artista principal, não a banda. Não consegui fazer minhas pernas entenderem que eu precisaria estar na frente do palco em apenas duas músicas, nas outras poderia ficar juntos aos outros músicos, onde me sentiria mais segura.

Os integrantes da banda demoraram a subir no palco, mas, quando o fizeram, os fãs foram ao delírio, e o barulho no estádio foi ensurdecedor. Ainda bem que Noah usava fones de ouvido para abafar os ruídos.

Eles começaram a tocar. Jack agradeceu a empolgação dos fãs e passou a cantar. Assim que toquei minha primeira nota, o nervosismo acabou no mesmo instante, conectei-me à música e fiz o que sabia fazer de melhor. Só voltei a tremer quando tive que ir à frente do palco para tocar ao lado do Rick a música que tocamos juntos quando nos reencontramos. Era uma versão acústica da música que Jack escreveu para a Helena. Rick deixou seu teclado,

e um piano apareceu no palco. Posicionei o violino no queixo e toquei com os olhos fechados. Quando os abri, a Helena estava com lágrimas nos olhos, e o Jack a abraçava com carinho. Percebi naquele momento o que era amor de verdade, e, embora eu ainda não tivesse dito as palavras ao Rick desde nossa reconciliação, eu sempre o havia amado.

Estava voltando ao meu lugar, pois demoraria a tocar a próxima música que teria minha participação, quando fui impedida pelo Rick, que disse no microfone para que todos ouvissem:

— Fique.

Franzi o cenho, confusa, pedindo-lhe em silêncio uma explicação, mas ele não a deu. Parei no meio do palco, de costas para a plateia, e fiquei olhando para ele com o violino em uma das mãos e o arco na outra. Nem podia passar as mãos no meu cabelo para diminuir a ansiedade da espera. Porém, para o meu alívio, não tive que esperar muito. O Noah apareceu no palco segurando um violino bem parecido com o meu, e fiquei surpresa, uma vez que em nenhum momento dos ensaios ele teve qualquer participação. Fiquei observando enquanto o Rick começava a tocar uma melodia que eu desconhecia e tive que soltar o arco no chão e colocar a mão no rosto quando o Noah passou a acompanhá-lo.

I didn't see love coming

I was a foolish boy and

thought you were one more

I only realized my mistake too late

(Eu não vi o amor chegando

Eu era um garoto tolo e

Pensei que você era mais uma

Só percebi meu erro tarde demais)

Our first night meant a lot more to me

After I found out that you weren't like the others

I thought I could forget you

I thought it was easy to pretend you never existed

(Nossa primeira noite significou bem mais pra mim

Depois que descobri que você não era como as outras

Eu pensei que podia esquecer você

Eu pensei que era fácil fingir que você nunca existiu)

But I was a fool, because I always loved you

I always loved you

I always loved you

(Mas eu era um tolo, pois sempre amei você

Eu sempre amei você

Eu sempre amei você)

Quando enfim a música terminou, eu já não conseguia conter as lágrimas, que desciam generosas pela minha face, mas as surpresas ainda não tinham terminado.

— Essa canção está comigo já tem um tempo, mas só agora, que a tenho de volta, Cathy, consegui finalmente cantá-la pra você. Catherine Lauren Soares, você aceita se casar comigo? — pediu Rick, ajoelhando-se à minha frente segurando uma caixinha de veludo aberta com um lindo anel de diamante.

O estádio se calou diante do pedido. Todos estavam tão surpresos quanto eu. Sabia que esse dia chegaria, ainda mais depois que acertamos todas as pontas soltas do nosso relacionamento, mas nunca imaginei que seria naquela noite, durante um show, depois de acabar de ouvir a música que ele havia feito para mim. Foram os segundos mais longos da minha vida, mas a resposta não poderia ser outra, sempre havia estado comigo.

— Seja qual for a matéria de que nossas almas foram feitas, a minha e a sua são idênticas — declamei, e o microfone do Rick captou minha voz, ecoando-a pelo estádio.

Tenho certeza de que muitos não entenderam a minha resposta, mas quem realmente importava entendeu, e seu sorriso e o beijo que trocamos em seguida passaram a mensagem correta para as pessoas que assistiam de camarote à minha vida mudar.

Epílogo

RICK

"Você está tão maravilhosa nesse vestido
Eu amo seu cabelo desse jeito
O jeito como cai ao lado de seu pescoço
E sobre seus ombros e costas"

Tenerife Sea - Ed Sheeran

Não precisamos de muito tempo depois do pedido de casamento para enfim oficializar nossa união. E, quando a Cathy sugeriu a cerimônia na praia em Atlantic City, na frente do farol, onde tudo começou, eu sabia que era o lugar perfeito.

Nosso matrimônio não teve convites bem elaborados e enviados com antecedência aos nossos amigos e familiares. Somente eu e a Cathy sabíamos que nos casaríamos naquela tarde. Convidei meus companheiros de banda e suas famílias para uma viagem de comemoração pelo sucesso estrondoso do álbum acústico. Voltaríamos para Nova Jersey, onde tudo começou, em especial para nossa cidade natal, onde faríamos um único show beneficente em prol das crianças autistas. O objetivo era criar uma ONG com o nome de Noah. Eu nem precisava dizer que todos compraram a minha ideia. O show foi um sucesso, e, no dia seguinte, marquei com nossos amigos um encontro em frente ao farol. Pedi que usassem suas roupas preferidas, pois teríamos um luau para lembrar os velhos tempos.

Convidei também os pais da Cathy, que se emocionaram ao ver Noah pela primeira vez pouco depois de chegarem de viagem. Ainda tínhamos um longo caminho a percorrer para enfim nos considerarmos família, mas dei o primeiro passo, e só dependeria deles seguir ao meu lado. Meus pais também estavam lá, felizes da vida, sem saber que participariam do casamento do

filho, mas eu desconfiava que eles tinham percebido que não era um luau comum, pois uma equipe fez todo a decoração na praia. Tinha uma fogueira e um caminho com flores até um pequeno altar improvisado. Eu usava um terno bege com uma flor amarela na lapela e estava descalço, com os pés na areia macia, esperando que o amor da minha vida viesse até mim.

Ainda bem que ela não demorou a chegar. O Noah veio na frente, usando um terno bege com a mesma flor amarela na lapela. Ele estava tocando no violino a marcha nupcial. Fiquei tão encantado com o talento do meu filho que demorei a perceber que a Cathy vinha logo atrás, usando um vestido branco tomara que caia, leve como a brisa do mar e esvoaçante como as ondas. Seus cabelos estavam soltos, e a mesma flor amarela estava em um dos lados. Seu buquê também tinha mais flores amarelas.

O sol estava se pondo quando ela chegou até mim, e descobri por que ela tinha insistido tanto no amarelo. Ela provavelmente tinha se lembrado da primeira vez que nos encontramos naquela mesma praia, ao pôr do sol, na forma como o amarelo se misturava ao mar e se tornava laranja em alguns pontos, mas sua essência estava sempre lá.

— Você está linda — sussurrei assim que seu pai a deixou comigo. Estava tão concentrado nela que não o vi até ele estar na minha frente.

— Você está ainda mais — respondeu, abrindo um sorriso, exatamente o mesmo que eu tinha visto naquela tarde.

O celebrante nos convidou a nos aproximarmos. Disse o quanto aquele lugar que escolhemos para nos casar simbolizava a nossa sintonia, e, quando pediu que disséssemos nossos votos, eu estava com eles na ponta língua.

— Cathy, sei que tivemos um longo caminho até chegar aqui. Fizemos o percurso inverso ao de outros casais. Demorou, mas no fundo acabei entendendo que tudo tem o seu tempo, não adianta colher a fruta verde do pé somente porque você deseja comê-la. Ela pode até amadurecer forçado depois, mas jamais será a mesma. Eu tive que esperar muito para ter você nos meus braços novamente, mas agora tenho certeza de que estamos prontos. Eu sempre amei você, embora não tinha coragem de dizer antes, não como eu tinha quando era adolescente e tenho agora. Eu sempre vou amar você, minha

garota, minha vida.

— O que dizer depois de uma declaração como essa? — disse emocionada, segurando minhas mãos. — Vamos lá. Eu estive perdida durante tanto tempo sem você... Sempre achei que poderia seguir em frente depois que nos separamos, depois que perdi Noah, mas era uma vida vazia e sem graça. Só me dei conta disso quando passamos a morar juntos e descobri que, embora tenhamos nos distanciado ao longo dos anos, eu não podia esquecer você. Não se pode esquecer sua outra metade. Se lembra do livro, do quanto você ficou bravo ao me comparar com a personagem amarga e triste que é a Catherine? Reconheço que não é uma história bonita, não tem o fim esperado para a maioria dos romances, mas sabe por que eu sempre gostei tanto dele? Acho que nunca disse isso antes, mas a verdade é que eu me apaixonei por aquela história de amor. Eu não via o fim, eu só conseguia enxergar como alguém pode amar tanto outra pessoa como se fosse a extensão de si mesma, se enxergar em alguém como se fosse o seu próprio reflexo. É exatamente assim quando olho pra você e me reconheço. Eu também sempre te amei, só não sabia que você existia de verdade.

Naquele momento ambos estávamos chorando.

O Noah entrou no caminho improvisado até o altar trazendo nossas alianças, e não conseguimos parar de chorar enquanto o celebrante dizia as palavras finais:

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Fim.


SPIN-OFF DA SÉRIE
OS GAROTOS DE JERSEY
atraída por você
CLEIA LIRA

Prólogo

"Pensei que eu acabaria com o Sean
Mas a combinação não funcionou
Escrevi algumas músicas sobre o Ricky
Agora eu escuto e dou risada
Até mesmo quase me casei"

Thank U, Next - Ariana Grande

— Eu estou bem, Helena — repeti impaciente, querendo encerrar aquele assunto de uma vez por todas. Não importava que minha melhor amiga não concordasse comigo, eu estava bem e podia me cuidar sozinha.

— A quem você quer enganar? — questionou sem acreditar em mim. Seus olhos verdes atentos e seguros me observavam com tanta cautela que eu tinha certeza de que ela conseguia enxergar até a minha alma. Nem parecia a garotinha deslumbrada que se casara com um astro do rock em Vegas por impulso alguns anos antes. A adolescente estudiosa e séria tinha se transformado numa mulher forte e decidida.

— Ninguém — lamentei abaixando a cabeça e desviando meu olhar para não ver sua expressão de pesar em minha direção. Não suporto que sintam pena de mim, e ela sabe disso, mas naquele momento seria difícil alguém não me olhar assim, uma vez que Jonas, guitarrista da banda The Dangers e meu último namorado, se casara e eu ficara sozinha. Eu não sabia que estava apaixonada por ele até perdê-lo. O destino costuma brincar com nossas vidas como se fôssemos marionetes e, no meu caso, ainda estava brincando.

— Você precisa esquecer o Jonas e seguir sua vida — pediu Helena se levantando para me ajudar com a mala. Tinha vindo a Nova Iorque de férias, mas não estava ajudando ter tantos casais por perto. O Cupido decidira flechar todos os integrantes da banda, e eu estava sobrando, por isso resolvera voltar ao Brasil.

— É fácil falar quando você tem o marido perfeito e filhos lindos — debochei me sentando na cama, frustrada, mas minha amiga colocou as mãos na cintura, balançou os longos cabelos pretos e bufou impaciente.

— Você sabe que o início do meu relacionamento com o Jack não foi um mar de rosas — afirmou, lembrando-me de que ela passara por altos e baixos até conseguir que o

vocalista de uma das bandas de rock mais famosas da atualidade só tivesse olhos para ela e a tratasse como uma verdadeira rainha. Por favor, não pensem que eu estava com inveja da minha melhor amiga, porque não estava, na verdade, sempre torci para que eles se acertassem de uma vez por todas e estava feliz em presenciar isso. Contudo, ficar perto de um casal apaixonado quando não estamos bens no quesito relacionamento não é fácil, diria que mais se parece com uma tortura, e era assim que eu me sentia.

— Sei, mas isso não diminui nenhum pouco minha angústia, ainda preciso ir embora.

— E o Luke?

— Não acredito que você ainda se lembra dele! — exclamei, sentando-me sobre a mala para fechá-la; colocara minhas roupas com tanta fúria que elas não queriam ficar lá dentro.

— Você gostou dele, tenho certeza.

— Foi só uma noite, estava deprimida e precisava de alguém. Ele estava no lugar e na hora certa, só isso.

— Não teve mais notícias dele? — perguntou esperançosa.

— Não, ele está servindo no Afeganistão, não é como se eu pudesse fazer uma ligação ou mandar uma mensagem.

— Você poderia mandar uma carta. Tenho certeza de que a irmã dele pode lhe dar o endereço se você pedir.

— Helena, acorda! Ficamos juntos uma única vez, e no dia seguinte, ele voltou para o Afeganistão. Não temos nada, e eu seria uma idiota completa se enviasse uma carta pra ele.

— Como você é difícil... — resmungou contrariada.

— Sou realista e não sonhadora como você. Agora preciso ir antes que perca meu voo.

— Fique — pediu com os olhos tristes.

— Eu preciso ir — lamentei, deixando o luxuoso apartamento no Upper West Side. O motorista da Helena já me aguardava. Entrei no carro sem olhar para trás, pois, se visse os olhos tristes da minha amiga, teria ficado mais alguns dias só para agradá-la, mas eu já tinha passado dessa fase, era dona do meu nariz e responsável pela minha felicidade, ou melhor, minha tristeza, o que fosse; não importava mais.

Cheguei ao aeroporto JFK para despachar minha mala no horário previsto. Meu voo deveria partir de madrugada, mas foi cancelado. Eu partiria no próximo, assim que amanhecesse. Poderia voltar para o apartamento da minha amiga, bastava uma ligação, e seu motorista estaria ali para me buscar. Todavia, eu não queria voltar, estava angustiada o

suficiente para esperar as horas que ainda faltavam para o meu embarque sentada sozinha numa das poltronas desconfortáveis do aeroporto.

As horas de espera não foram generosas comigo, não passaram rápido como eu imaginava. Nem dormir eu consegui, revirei a internet em busca de algo que pudesse me distrair, mas era tudo um lixo sem fim. Tentei me concentrar no meu trabalho, mas nada conseguiu me distrair o suficiente. Trabalhava para uma famosa galeria de arte em São Paulo e estava organizando minha primeira exposição. Estávamos ainda no começo, escolhendo as obras e os artistas, por isso eu não tinha muito o que fazer na internet além de pesquisar.

Apesar de ficar horas esperando e ser a primeira passageira a fazer o check-in, não consegui embarcar novamente, meu segundo voo foi cancelado. O destino realmente estava brincando com a minha cara. Eu teria de esperar o dia seguinte para conseguir outro voo e não queria voltar para o apartamento da Helena, nem ter de cruzar com o Jonas mais uma vez e ver a felicidade estampada no seu rosto, enquanto eu estava destruída. Minha única alternativa era me hospedar em algum hotel. Ninguém saberia que eu ainda estava em Nova Iorque. Para todos os efeitos, eu tinha conseguido pegar meu voo e estava plena e feliz em São Paulo.

Saí do saguão arrastando minha mala, olhei na direção dos famosos táxis amarelos, e só havia um estacionado à espera de passageiro. Se eu fosse rápida, poderia pegá-lo e parar no hotel mais próximo. Aumentei meus passos, abaixei a cabeça, mas, quando estava quase abrindo a porta, alguém passou por mim e entrou no carro primeiro.

— Ei, você não pode roubar meu táxi! — reclamei para o cara folgado já sentado no banco do passageiro.

— Não roubei seu táxi, apenas fui mais rápido — respondeu sem olhar para mim, concentrado na tela do seu celular.

— Escute aqui, seu idiota! — gritei, tentando chamar a sua atenção, e minha irritação serviu para que ele parasse de me ignorar, largasse seu telefone por um momento e me fitasse com interesse.

Quem não estava preparada para aquele olhar era eu, uma vez que o cara que roubara meu táxi era o mesmo que passara uma noite comigo e desaparecera no dia seguinte, Luke.

Capítulo 1

"Sempre me importei só comigo e comigo mesma
Eu pensava que relacionamento fosse perda de tempo
Eu nunca quis ser a cara metade de ninguém
Eu estava feliz dizendo que o nosso amor não duraria
Era só isso que eu sabia antes de conhecer você"

I do - Colbie Caillat

Tentei por duas vezes abrir a boca e xingá-lo novamente, mas quem disse que eu conseguia? As pernas ficaram bambas, as mãos tremiam e a voz sumiu. A primeira coisa que notei foram seus olhos; eles pareciam mudar de cor de acordo com seu humor, e naquele momento estavam verdes e cristalinos, tão transparentes que eu podia me ver refletida neles. Os cabelos ruivos estavam maiores e mais escuros do que na última vez que o tinha visto. Lembrei-me de que tentara deslizar meus dedos por eles, mas tinha sido impossível; agora com certeza eu conseguiria. Estavam mais curtos nas laterais e com um moicano na frente. A barba bem-cortada moldava seu rosto quadrado com perfeição. Ele também estava mais forte, seus braços preenchiam cada espaço da camiseta branca e da jaqueta que usava.

— Você vai entrar ou vai ficar parada aí o dia todo, moça? — perguntou o taxista, irritado com a minha demora.

— Se quiser, podemos dividir a corrida — sugeriu Luke, tirando-me dos meus devaneios.

— Não sei se é uma boa ideia — disse, mordendo o lábio inferior, indecisa.

— Aonde você está indo? — questionou curioso, observando-me.

— Algum hotel — respondi relutante. Não sabia se deveria dizer a verdade ou se uma mentira seria mais bem-vinda.

— Achei que fosse para o apartamento da Helena.

— Não, perdi meu voo de volta para o Brasil e vou voltar amanhã para embarcar novamente. Não quero perturbar minha amiga.

— Só quero lembrar que o taxímetro está ligado desde que vocês começaram a conversar — informou o taxista irritado.

— Entre — pediu Luke o ignorando. Seu pedido foi tão sincero que me desestabilizou de alguma forma, e acabei entrando no veículo com ele. Sempre fui assim, prefiro me arrepender das besteiras que faço a nunca ousar fazê-las, e no fundo eu sabia que aquela seria uma delas.

— Não esperava encontrar você em Nova Iorque — comentei depois que o motorista ganhou velocidade e se afastou do aeroporto, seguindo rumo à rua que Luke indicou, na qual, segundo ele, havia um hotel.

— Nem eu. Estou de licença do exército e comprei um apartamento no Brooklyn. Estava em Houston, fui fazer uma visita aos meus pais, e desembarquei agora.

— Quer dizer que nos encontramos por acaso, num aeroporto em que centenas de pessoas embarcam e desembarcam toda hora? Seria uma coincidência?

— Não acredito em coincidências — respondeu acariciando minha mão.

— No que acredita então? — indaguei, interessada na sua teoria para o nosso encontro repentino depois de mais de um ano que havíamos nos visto.

— Acredito que o Universo conspirou para esse encontro. Eu queria muito ver você, mas não fiz qualquer movimento para te encontrar. Porém, pensava em você sempre, e esse pensamento te puxou até aqui.

— Teoria interessante — disse abrindo um sorriso leve. Algo novo tinha despertado em mim. Luke sabia como mexer comigo. Desde o nosso primeiro encontro, ele parecia possuir cordas invisíveis que comandavam meus sentimentos, bem como a hora certa de puxar cada uma delas.

— Fique comigo — pediu com um semblante sério.

— Não acho uma boa ideia, preciso ir amanhã cedo.

— Apenas mais uma noite — disse dando de ombros, exatamente como tinha feito na última vez. — Eu corro esse risco, e acho que você também deveria — completou, tentando me convencer, mas eu já não tinha nenhum pretexto para recusar; já havia ido por aquele caminho uma vez e saíra dele bem melhor do que entrara. Talvez fosse a hora de repetir. Eu não tinha nada a perder, muito pelo contrário.

— Você me convenceu, não quero ficar num quarto de hotel sozinha, pensando no que poderia fazer para passar meu tempo.

— Posso pensar em várias formas de preencher seu tempo — respondeu me devorando com os olhos.

— Não pensaria nada diferente de você — respondi correspondendo ao seu flerte.

No momento em que concordei com a sua ideia, o táxi parou em frente a um prédio antigo todo feito de tijolinhos, de três andares. Luke desceu primeiro. Fui logo atrás e fiquei observando enquanto ele pagava a corrida – não aceitou meu dinheiro – e tirava nossas malas do carro. O vento frio queimou minha face conforme esperava que ele destrancasse a porta da frente. Subimos três lances de escadas e, quando eu já estava cansada, entramos num corredor e paramos ante uma das portas.

— Seja bem-vinda ao meu humilde lar — anunciou assim que abriu a porta e me arrastou para dentro.

— Não sei o que dizer — murmurei, observando o lugar e sorrindo admirada com as peculiaridades daquela moradia. Nada de paredes para dividir os cômodos, o conceito era o que podemos chamar de moderno, amplo e minimalista. Só havia uma cama enorme ao lado da janela, um sofá preto e algumas poltronas posicionadas no centro e uma cozinha pequena bem no canto. O único cômodo com porta era o banheiro.

— Tem tudo que preciso aqui — respondeu ao observar meu olhar admirado.

— E muito espaço — completei, sem deixar de notar os lugares vazios.

— Sou folgado, preciso de espaço — murmurou sem dar importância à evidente falta de móveis.

— Percebi — ironizei, abrindo mais um sorriso, o segundo desde que o encontrara. Sabia que seria assim, só não imaginava que a presença de Luke me atingiria com tanta força e com a mesma intensidade de quando nos conhecemos.

— Está com fome? — indagou tão perto de mim que eu podia sentir seus lábios a centímetros dos meus. Minha respiração ficou suspensa e meu coração acelerou, batendo freneticamente.

— Estou — sussurrei, movendo meus lábios tão devagar que quase não emiti som algum, mas ele conseguiu compreender. Todavia, eu não sabia qual das duas fomes estava disposto a saciar primeiro.

— Não tenho nada na geladeira; se quiser, podemos pedir uma pizza.

— Acho que a pizza é uma boa pedida — respondi, lambendo os lábios enquanto ele fitava meus movimentos sem conseguir desviar os olhos.



A deliciosa pizza de pepperoni chegou quando o clima estava mais ameno entre nós. De comum acordo, embora silenciosamente, resolvemos esconder o desejo e comer primeiro, uma boa escolha, eu diria. O vinho que Luke serviu para acompanhar a refeição ajudou a descontrair o clima, mas, quando a garrafa ficou vazia, o clima esquentou novamente.

— O que fez durante esse tempo em que ficamos separados? — ele perguntou, surpreendendo-me. Não achei que ele fosse conversar; seu olhar não saía do meu, e minha cabeça não queria pensar em nada além da sua boca na minha.

— Quer mesmo saber?

— Claro — respondeu com sinceridade.

— Nada especial, estou só vivendo um dia de cada vez.

— Gostei da resposta — disse, repousando as mãos na minha cintura.

— E você? — inquiri, tentando conter o desejo.

— Só pensei em você — respondeu, devorando meus lábios. Sua boca pressionava a minha com tanta intensidade que nos faltava ar, mas eu não seria a primeira a soltá-lo, quando tudo que queria era ficar nos seus braços.

Luke pressionou seu corpo no meu, e me deitei no chão, absorvida por aquele momento que parecia único, mas eu sabia muito bem qual seria o seu fim. Suas mãos habilidosas exploraram meu corpo sem pudor, e não me importei em demonstrar o quanto estava gostando.

Minha blusa foi a primeira peça a ser tirada; as outras foram logo depois, todas empilhadas no chão. Luke me olhou com tanto desejo quando me viu nua em seus braços que sorri mais uma vez, porém, não passava nem perto dos outros sorrisos, aquele era real e mostrava tudo que eu estava sentindo naquele momento. O prazer de se descobrir linda mesmo como todas as suas imperfeições através dos olhos de outra pessoa é algo admirável.

Ajudei-o a tirar sua camisa, em seguida sua calça. Os beijos se tornaram intensos, as

trocas de olhares, recíprocas, e o prazer enfim se tornou um só. Eu não entendo como completos estranhos podem se unir numa cumplicidade mútua, mas, de alguma forma que não sei explicar, era exatamente assim que eu me sentia, como se minha outra metade tivesse enfim encontrado seu destino.

— Você não sabe como senti falta disso — disse Luke, surpreendendo-me, enquanto estávamos ainda deitados sobre nossas roupas no chão do seu apartamento.

— Do que mais sentiu falta?

— Não sei explicar, talvez seja um conjunto de coisas. Seu cheiro de flores me enlouquece, sua pele macia me faz não querer desgrudar minhas mãos de você, seus cabelos me lembram o sol, e seus olhos me fazem esquecer quem eu sou.

— Se eu não te conhecesse, diria que é um poeta. Ninguém jamais me descreveu assim.

— Eu estava no Afeganistão, numa guerra maldita, onde tudo à minha volta lembrava destruição e morte. Passei muitas noites em claro para elaborar uma descrição decente da mulher linda com quem fiquei apenas uma noite e que desapareceu da minha vida depois.

— Sinto muito — disse me enroscando nos seus braços fortes.

— Não sinta, o que importa é o agora, e, nesse momento, você está aqui nos meus braços.

— Você tem razão — murmurei encostando minha cabeça no seu peito.

— Essa tatuagem é nova? — perguntou deslizando os dedos pelo contorno do desenho na minha pele.

— Sim, fiz em Vegas há alguns meses.

— Eu gostei — comentou, mexendo-se para beijar o desenho de uma mulher com os cabelos esvoaçantes na minha coxa direita. A tatuagem não era colorida, eu nunca pedia para colorir as tatuagens que fazia. Além dessa, tinha um filtro dos sonhos em forma de lua desenhado na minha barriga e o símbolo do infinito no pulso, todas feitas sem nenhum significado aparente, mas eu amava cada uma delas.

Depois de um banho na banheira quentinha e com muita espuma, dormimos agarrados um ao outro. Eu gostaria de perguntar tantas coisas ao Luke antes de partir, mas não tive coragem de quebrar aquela névoa de paixão na qual estávamos. Sabia que ela acabaria em algum momento, porém, não seria eu a rompê-la antes do tempo.

Despertei com beijos sendo distribuídos com capricho em cada milímetro da minha

pele. Na mesma hora meus pelos se arrepiaram e meu corpo se preparou para o que viria a seguir. Porém, Luke não terminou o que tinha começado, parou no meio do caminho, descansou seu queixo na minha barriga e sorriu para mim, deixando meus sentimentos por ele mais confusos do que já estavam. Era difícil deixar o coração de fora, quando ele parecia ser tudo que eu mais desejava num homem. Estava torcendo para encontrar um defeito, assim seria mais fácil partir novamente, mas, a cada minuto que passava ao seu lado, essa certeza diminuía.

— Eu preciso ir — comuniquei ao me desvencilhar dos seus braços e sentar na cama.

— Fique mais um pouco — pediu com o olhar cheio de esperanças.

— Preciso voltar ao Brasil, tenho uma exposição para organizar e, o quanto antes começar, melhor — menti, tentando me afastar do único homem que já me despertara interesse depois do Jonas. Eu estava me resguardando. Era corajosa para enfrentar os obstáculos da vida, mas uma medrosa nos assuntos do coração. Foi exatamente por esse medo excessivo de embarcar num relacionamento sério e quebrar a cara que nunca dei as oportunidades que o Jonas me pedia. No fim, acabei o perdendo, e sentia que estava fazendo o mesmo com Luke. Não conseguia evitar e desconfiava que o casamento fracassado dos meus pais tinha uma parcela de culpa nisso. Conviver com eles se ofendendo e brigando o tempo todo acabou com toda a ideia de romantismo que eu tinha ainda na adolescência.

— Só mais um dia — implorou me prendendo nos seus braços.

— Quanto mais tempo eu passar ao seu lado, mais difícil vai ser a despedida.

— Não importa, dois dias são bem melhores do que um; eu prefiro arriscar.

— Mas eu não prefiro. Minha passagem está comprada, e eu preciso ir — disse sem coragem de olhar nos seus olhos; caso contrário, desistiria de partir.

Arrumei as poucas coisas que eu tinha tirado da mala e me vesti, colocando um casaco quentinho, pois lá fora parecia estar congelando. Dei um beijo carinhoso em Luke e parti, não deixando que ele me levasse até o aeroporto. Desci as escadas me esforçando para não voltar e, quando saí na portaria, percebi que o destino tinha mexido os pauzinhos mais uma vez.

Capítulo 2

"Eu poderia ficar acordado só para ouvir você respirar
Ver o seu rosto sorrindo enquanto você dorme
Enquanto você está longe e sonhando
Eu poderia passar minha vida nessa doce redenção"

I don't Want to Miss a Thing - Aerosmith

— Você sabia? — questionei ao entrar no apartamento do Luke e surpreendê-lo.

— Sim — respondeu sorrindo ao fitar minha expressão de angústia.

— Por que não me disse que estamos no meio de uma nevasca, uma das maiores dos últimos anos? As ruas têm tanto gelo que nem consegui sair da portaria! Meu voo foi cancelado mais uma vez, recebi a mensagem há algumas horas, mas nem tinha visualizado até me deparar com enormes pedras de gelo lá embaixo.

— Eu tentei te avisar, mas não quis me escutar. Sabia que o destino não iria deixar você se livrar de mim tão cedo — argumentou me abraçando, e, mesmo contrariada, consegui sorrir diante da sua teoria.

— Você quer dizer a nevasca? É um fenômeno da natureza e não tem nada a ver com destino — ironizei, encostando meus lábios nos seus e aproveitando o beijo. Entrelacei minhas pernas na sua cintura enquanto ele me carregava até a cama.

Passamos boa parte da manhã entre carícias e beijos quentes, nem parecia que o mundo estava congelando lá fora. Só saímos da cama para procurar algo para comer no início da tarde. Improvisamos algumas panquecas com calda de caramelo e xícaras fumegantes de café.

— Quanto tempo vai durar essa nevasca? — perguntei assim que terminei de comer.

— A previsão é de três dias — respondeu dando de ombros.

— O que vamos comer nesse tempo? — indaguei me lembrando da dispensa vazia.

— Vou sair para comprar alguma coisa, não se preocupe — respondeu me fitando com atenção.

— Você vai sair nessa nevasca? — questionei preocupada.

— Eu acabei de voltar do Afeganistão, andava por lá com risco de ser atacado a qualquer momento por tiros, bombas... Não é uma nevasca que vai me impedir de sair para comprar comida.

— Acha que tem algum supermercado aberto?

— Aqui é Nova Iorque, vou encontrar um lugar para comprar comida. Não estamos na selva, nem em uma cidade pequena do interior.

— Você está certo, acho que exagerei.

Claro que Luke voltou algumas horas depois com duas sacolas cheias nas mãos e muito mais comida do que precisaríamos para os três dias trancados naquele apartamento. Porém, não me importei, nem protestei enquanto ele enchia a dispensa.

Passamos o resto do dia deitados no sofá assistindo a um filme na televisão que eu nem tinha percebido que Luke tinha, e até agora não entendo como, se ela tomava uma parede toda. Acho que meu foco era outro no momento, e não me arrependi.

Ainda tive que ignorar as mensagens da Helena, pois não sabia o que contar a ela. Para todos os efeitos, minha amiga imaginava que eu estava no Brasil, e eu não queria continuar mentindo. Ela merecia saber a verdade, e claro que eu contaria, só não precisava ser naquele instante, enquanto meus sentimentos ainda estavam confusos, ao deslizar meus dedos pelos cabelos macios do ruivo deitado com a cabeça em meu colo.

Não conhecemos uma pessoa depois de passar duas noites ao seu lado; às vezes precisamos de uma vida toda, e ainda assim nos surpreendemos. Todavia, não era isso que acontecia quando eu estava ao lado do Luke. Não nos conhecíamos o suficiente para existir uma cumplicidade, mas, de alguma forma que não sei explicar, ela existia. Ao seu lado eu podia ser eu mesma, sem esconder meus defeitos, sem precisar fingir algo que não era, não precisava provar que era boa o suficiente para ele, pois sabia que ele me completava, e isso era assustador, porque eu sabia que iríamos nos separar. Depois daqueles três dias, cada um seguiria seu caminho. Mesmo que eu desejasse ficar ao seu lado, nossas vidas fora daquela bolha não permitiriam.

— Você vai voltar ao Afeganistão? — questionei fitando seus olhos sonolentos por causa das minhas carícias no seu cabelo.

— Dentro de alguns dias — murmurou pensativo.

— Há quanto tempo está de licença?

— Alguns meses, mas não quero falar disso com você — disse de forma ríspida pela

primeira vez. Eu sabia que era um tema delicado, mas queria saber mais sobre ele e não tinha alternativas senão perguntar.

— Por quê?

— Porque não gosto de falar sobre o que aconteceu comigo naquele lugar — respondeu se levantando do meu colo.

— Talvez se contasse ficaria melhor — sugeri tentando ajudá-lo.

— Não ficaria, só estaria dividindo e relembrando os horrores que vi. Já tentei contar à terapeuta, mas não adiantou nada. Desde que decidi ignorar o problema, os pesadelos e a insônia diminuíram, então pretendo continuar assim.

— Se não quiser conversar sobre isso, tudo bem, eu entendo — falei, varrendo o problema para debaixo do tapete. Sabia que uma hora ele viria à tona, mas provavelmente eu nem estaria ali, por isso não valia a pena continuar insistindo no assunto.

Luke ficou chateado o resto do dia, mal tocou na comida que preparei para o jantar. Mesmo sabendo que não era uma boa cozinheira, era o melhor risoto que eu já tinha feito na vida.

— Desculpe — pedi, colocando as mãos nos seus ombros e o surpreendendo enquanto fitava a paisagem coberta de neve pelo vidro da janela.

— Você não precisa pedir desculpas — disse se virando. Abriu um pequeno sorriso e os braços, então se sentou para que eu me aconchegasse no seu colo.

— Sei que é um assunto delicado que conversamos mais cedo, mas eu quero te conhecer melhor.

— Não é conversando sobre o pior momento da minha vida que vai descobrir quem eu sou — murmurou, beijando o topo da minha cabeça.

— Você tem razão, podemos só ficar assim, que é o suficiente para mim — disse me enroscando ainda mais no seu corpo.

— Ou podemos voltar para a cama — sugeriu me pressionando no chão.

— Você tem uma forma interessante de passar o tempo — sussurrei no seu ouvido, que estava a centímetros dos meus lábios.

— Espere até descobrir todas elas — contou encostando sua boca na minha e me beijando com vontade. Deixei a conversa triste de lado e me entreguei sem reservas às suas carícias. Mordi meu lábio inferior para conter um gemido quando suas mãos habilidosas exploraram meu corpo e não resisti quando as mãos deram lugar à sua boca e dentes. Era

fácil esquecer que eu não podia me apegar a ele, quando tudo que mais queria era continuar sentindo aquele prazer absurdo que tirava meus pés do chão e me fazia esquecer tudo à minha volta.

— Você não pode continuar fazendo isso — resmunguei fitando o teto branco acima de mim e sentindo as mãos do Luke ainda no meu corpo.

— Fazendo o quê? — perguntou abrindo um sorriso que dizia que ele estava brincando comigo, uma vez que sabia muito bem o que tinha acontecido no chão do seu apartamento.

— Não brinque comigo — pedi tentando soar mais séria, porém, quem disse que consegui continuar com isso quando seus braços me puxaram de encontro ao seu peito e seu perfume me atingiu mais uma vez?

— Não estou brincando, só quero aproveitar os dias que ainda temos para ficar juntos.

— Eu também quero isso — respondi me virando para ficar de frente para ele e fitar seus olhos sinceros, que sempre me diziam sem palavras o que meu coração queria saber.

Naquela noite dormimos abraçadinhos, tão enroscados um no outro que nossos corpos se encarregaram de nos aquecer. Já de madrugada, despertei apreensiva com os lamentos de Luke e percebendo que ele se mexia, inquieto.

— Eu não tive culpa, não queria acertar a garota! — repetia a mesma frase sem parar, com a testa franzida de preocupação, remexendo-se na cama com os olhos ainda fechados.

Eu sabia que estava tendo um pesadelo e que precisava acordá-lo, mas não podia simplesmente sacudi-lo sem parar e fazer com que se assustasse ainda mais. Fiquei alguns minutos sem saber o que fazer, até que seu sofrimento me comoveu de tal forma que, no desespero para tentar acalmá-lo, comecei a beijar seu rosto, enrolei meus braços no seu corpo e passei a dizer palavras de carinho a fim de despertá-lo, mas ele não acordou até que eu estivesse com meus lábios grudados nos seus e o beijo fosse correspondido como deveria ser. Não precisava nem dizer que enfim consegui acordá-lo, e não foi apenas no sentido literal da palavra. Sem querer, despertei um desejo insano que tomava conta dos nossos corpos.

— Como desejei acordar assim tantas noites que passei sozinho... — declarou pressionando seu corpo sobre o meu.

— Suspeitei que gostaria de alguns beijos roubados enquanto dormia — comentei ignorando seu pesadelo, assim como ele acabava de fazer.

— Suas suspeitas estavam certas. Espero que faça isso mais vezes — emendou, fitando-me com um semblante tranquilo. Eu sabia que aquele era o único agradecimento que eu receberia por acordá-lo do pesadelo com beijos, e estava agradecida por isso. Um

passo de cada vez era o meu lema, e sua atitude positiva ao meu lado, embora tivesse vivido um horror alguns minutos antes, era algo a que eu podia me agarrar.

Nós nos beijamos e trocamos carícias até bater o sono. Não foi difícil dormir depois de sentir a segurança que o contorno dos seus braços na minha cintura me dava.

Despertei na manhã seguinte sozinha na cama, com os cabelos esparramados no travesseiro branco, os lençóis amassados e um cheiro gostoso vindo de algum lugar à minha frente.

Abri os olhos devagar, tentando me acostumar à claridade que vinha da cortina entreaberta bem ao lado da cama. Cobri meu corpo com o lençol, passei a outra mão no cabelo tentando penteá-lo com meus dedos, mas de nada adiantou, eles continuavam embaraçados. Com o lençol em volta do corpo, consegui caminhar até o banheiro. Observei meu rosto no espelho e me surpreendi ao constatar que não estava tão mal quanto imaginava. Para dizer a verdade, até gostei da mulher que me fitava de volta, com os cabelos loiros desgrenhados, mas de um jeito bom. Os olhos castanhos não tinham mais aquele aspecto opaco que vinham mantendo desde que eu me despedira do Jonas no hospital em Houston. Os lábios estavam vermelhos e inchados por terem sido beijados em demasia, e minha pele, radiante.

— O que uma noite de sexo não faz com uma mulher — disse em voz alta enquanto deslizava meu pé na água quentinha da banheira.

Quando saí do banheiro, sentia-me renovada. Tive tempo suficiente imersa na água perfumada para perceber que eu precisava ir mais devagar com Luke, tentar segurar meus sentimentos de algum jeito e resguardar meu coração, pois o nosso tempo juntos estava se esgotando, e eu não queria voltar ao Brasil com o coração partido mais uma vez. Eu poderia sentir falta de ficar ao lado dele, dos seus beijos e do sexo, mas era somente isso, uma paixonite boba que em breve passaria.

— Estou morrendo de fome — anunciei aparecendo atrás do Luke na cozinha. Demorei meus olhos em seus ombros fortes, fitei excessivamente seu abdômen definido e devorei sua cintura delgada coberta por uma calça de moletom que moldava suas coxas torneadas com perfeição.

— Acordou na hora certa, acabei de preparar nosso café — respondeu mirando meu corpo coberto apenas por uma das suas camisetas.

— Você nunca se cansa?

— Do quê? — questionou tentando disfarçar seu olhar de desejo.

— Não tente disfarçar, sabe o que eu quis dizer — recriminei, sentando-me numa banqueta da cozinha.

— Sei — admitiu, colocando um prato com ovos mexidos, bacon e torradas na minha frente. Meu estômago roncou ao sentir o cheiro gostoso da comida e me distraí da nossa conversa para devorar o alimento.

— Isso está uma delícia — comuniquei com o prato quase vazio.

— Obrigado, tive que aprender a cozinhar depois que passei a morar sozinho.

— Onde seus pais moram mesmo?

— Em Houston. Vou visitá-los sempre que tenho tempo, mas prefiro morar sozinho quando estou nos Estados Unidos.

— Morar sozinho tem seus benefícios — comentei tentando não deixar a conversa ir para o tema proibido mais uma vez e minar a cumplicidade que tínhamos construído na noite anterior.

Capítulo 3

"Todo este tempo, eu vim por você (por você)
E eu espero que isso signifique algo para você
Chame meu nome, eu virei para você
Chamando por você"

Señorita - Shawn Mendes with Camila Cabello

Depois de receber várias mensagens da Helena e não responder a nenhuma delas, decidi que era hora de conversar com a minha amiga. Aproveitei que o Luke estava no banho e liguei para ela.

— Eu preciso de explicações, pois descobri que você não chegou ao Brasil — disse assim que atendeu o telefone.

— O que aconteceu com os cumprimentos ao telefone, como "olá, amiga querida, como vai?" — ironizei, sabendo que a deixava mais irritada.

— Não me enrole e diga logo onde está!

— Ainda estou em Nova Iorque.

— Nessa nevasca? Não acredito que não voltou para meu apartamento.

— Meu voo foi cancelado três vezes, e queria ficar perto do aeroporto.

— Você está num hotel?

— Não.

— Você está no aeroporto desde a madrugada de ontem? Não acredito nisso! — resmungou furiosa.

— Estou no apartamento do Luke, no Brooklyn.

— Que Luke?

— O Luke amigo de infância do Jonas, irmão da Laura.

— *Aquele* Luke?

— Sim, ele mesmo.

— Como se encontraram? Ele não estava no Afeganistão?

— Está de licença, e nos encontramos no aeroporto. Dividimos um táxi, e não consegui resistir e ir para um hotel sozinha.

— Agora entendi o seu sumiço repentino. Poderia ter mandado uma mensagem, algo simples: "estou com o Luke, não se preocupe comigo".

— Desculpe, mas você sabe como ele mexe comigo. Não sabia o que dizer.

— Tudo bem, eu vou perdoar você, pois sei que é por uma boa causa. Ele continua aquele colírio para os olhos?

— Acho que você está muito animadinha para o meu gosto. Deixa o Jack sonhar que está cobiçando outro homem. É capaz de ele pintar por aqui para acertar as contas com o Luke. Seria legal ver o seu maridinho apanhar um pouco.

— Nem brinca com isso, Gabi. Além disso, sou casada, mas não sou cega. Sei o quanto o Luke é bonito, estou apenas reconhecendo, mero detalhe.

— Sei disso, só estou provocando você — brinquei, deitando-me na cama com o celular ao ouvido.

— E desviando minha atenção, mas você não me engana. Preciso saber cada detalhe do que aconteceu. Pule os sexuais, é claro.

— Então não vai sobrar nada para te contar — tentei desviar o assunto mais uma vez. Helena me conhecia tão bem que bastava uma palavra minha sobre os meus sentimentos para ela perceber o que eu estava escondendo até mesmo de mim.

— Quero saber como se sente. Estou preocupada com você, e foi somente por isso que a deixei partir. Sabia que não estava feliz, apesar de fingir tão bem, ao lado do Jonas e da esposa dele. Sei que parece ser uma mulher forte e independente, mas no fundo você é bem sensível, e a relação fracassada dos seus pais contribuiu muito para piorar a situação.

— Luke saiu do banheiro, podemos conversar sobre isso depois? — menti, tentando ganhar mais tempo. Sabia que aquela conversa era inevitável, mas eu a adiaria o máximo que conseguisse. Fugir dos meus sentimentos era a minha especialidade.

— Eu sinto que você está fugindo mais uma vez.

— Desculpe, ainda não estou pronta para conversar sobre isso.

— E quando estará?

— Eu não sei, mas saiba que será a primeira a saber.

— Verdade?

— Claro, eu já menti pra você? — brinquei para amenizar o clima entre nós.

— Sempre — respondeu rindo.

— Então você sabe que, quando eu estiver pronta, vamos conversar, como fiz agora.

— Sei, e vou estar aqui pra você sempre que precisar. Responda minhas mensagens. Luke deve deixar você ir ao banheiro em algum momento, aproveite essa oportunidade sem estar agarrada a ele e pegue o telefone.

— Vou responder, fique tranquila. Beijos — completei, encerrando a ligação.

Sorria feito uma boba. Sem querer, a conversa com a Helena me deixou mais tranquila, mais leve. Eu só precisava enviar mensagens para os meus pais. Apesar de ter idade para morar sozinha, ser filha única de pais separados me obrigava a dar satisfação da minha vida sempre. No entanto, um telefonema naquela hora estava fora de cogitação; quando Luke saiu do banheiro enrolado numa toalha branca, ele era tudo que eu conseguia notar na minha frente. Todavia, precisava dizer aos meus genitores que estava bem e voltaria logo para o Brasil. Digitei as mensagens com uma rapidez impressionante e deixei o celular de lado.

— Com quem estava falando? — ele perguntou secando o cabelo com outra toalha. Seus braços subiram, brindando-me com uma visão perfeita do seu abdômen definido e das gotas de água que escorriam por ele.

— Helena — respondi, engolindo em seco ao admirar aquele homem.

— Ela é incrível, fiquei feliz por ter ajudado o Jack a se acertar na vida.

— Vocês cresceram juntos?

— Sim, morávamos na mesma rua em Jersey. O trio inseparável, mas sempre tive mais afinidade com Jonas. Jack era mais egocêntrico e sempre estava olhando para o seu próprio umbigo.

— Teria continuado assim se não fosse Helena.

— Por isso comentei que ela é uma pessoa legal. Qualquer um que aguente o Jack por muito tempo é.

— Ele mudou bastante.

— Acredito. Não fiquei ao lado dele muito tempo, mas consegui perceber.

— E o Jonas?

— Jonas sempre foi o melhor de nós três, o cavalheiro na armadura brilhante que todas as garotas queriam ao seu lado.

— Você sabe que tivemos algo antes de ele se casar com Amanda.

— Sei, você me contou na noite em que ficamos juntos pela primeira vez.

— Contei? Eu bebi um pouco naquela noite e nem lembrava que tinha contado a você.

— Você disse... deixa ver se consigo me lembrar das palavras que usou. “Por favor, me faça esquecê-lo”.

— Não acredito que disse isso — lamentei colocando as mãos no rosto, envergonhada. Queria abrir um buraco e me enfiar nele.

— Você foi bem clara e me deu uma missão. Eu sou um soldado e não deixo de cumprir minhas missões.

— Quer dizer que me tornei um trabalho pra você — reclamei.

— Não, você nunca foi trabalho, muito pelo contrário. Quando conheci você, algo despertou em mim, e pode ter certeza de que não era a sensação de dever cumprido, era algo mais. Senti uma necessidade de colocá-la no colo e embalar seus sonhos e outras coisas que não posso mencionar agora.

— Diga! — supliquei fitando seus olhos, que estavam mais escuros. Era sempre daquele verde ímpar que eles ficavam quando o desejo dominava Luke, e com certeza aquele era um desses momentos.

— Talvez seja melhor que eu mostre a você — respondeu, devorando meus lábios. Senti seu corpo duro roçando o meu, seu cheiro fresco de quem acabou de sair do banho invadiu meu olfato, e eu só conseguia pensar nele. Nada mais importava.

A nevasca que atingiu Nova Iorque desapareceu no tempo previsto. Enfim meu voo foi liberado, e eu tinha de voltar. Dizer adeus seria a coisa mais difícil que eu faria na vida. Olhei cabisbaixa para o apartamento quase vazio no Brooklyn, onde eu havia passado dias inesquecíveis dos quais me lembraria para sempre.

— Você pode ficar mais um dia; só volto à base de treinamento amanhã — Luke informou, percebendo o quanto eu estava triste.

— Vou ter que me despedir amanhã também e vou sentir o mesmo vazio. Melhor ir agora, enquanto ainda tenho um voo para pegar.

— Queria mais tempo com você — afirmou erguendo meu queixo para que eu fitasse seus olhos, que pareciam tão tristes quanto os meus.

— Eu também queria, mas precisamos seguir nossas vidas. Se for para ficarmos juntos, o destino vai se encarregar de unir nossos caminhos mais uma vez.

— Agora acredita em destino? — brincou.

— Eu preciso acreditar, caso contrário não conseguiria entrar naquele avião e desistir de tudo que construímos em tão pouco tempo.

— Posso imaginar o estrago que faria em mim se tivéssemos mais tempo.

— Tenho certeza de que foi suficiente para nunca mais esquecermos.

— Pode ter certeza disso — confirmou, beijando meus lábios com calma. Sua língua explorou minha boca ávida pela sua, e seus braços envolveram minha cintura e me puxaram para mais perto.

Despedimo-nos no saguão do aeroporto. Beijei-o tantas vezes antes de entrar na área de embarque que seu gosto ficou na minha boca.

— Promete que vai escrever pra mim — Luke pediu antes que eu soltasse sua mão. Não tive alternativas senão balançar a cabeça afirmativamente, mas eu não queria continuar alimentando um romance à distância, ainda mais quando uma das partes estava envolvida numa guerra no outro lado do mundo. Mesmo com essa convicção, eu sabia que não conseguiria esquecê-lo; era tarde demais para segurar qualquer sentimento que eu tivesse escondido.

A viagem de volta foi tranquila e solitária. Tinha ido a Nova Iorque para me animar, e voltei um pouco pior. Enfim eu tinha esquecido Jonas, mas a que preço? Não sabia se a troca fora justa. Antes meu coração insistia que era do cara que eu jamais poderia ter, eu ficava triste e lamentava, porém, não era nada que atrapalhasse a minha vida; agora sentia um vazio, como se faltasse algo em mim.

Entrei no meu apartamento silencioso, larguei minha mala no canto e apaguei na cama. Tive sonhos desconexos e confusos, imagens de Luke correndo em meio a uma saraivada de tiros, e acordei assustada. Olhei para a cama vazia ao meu lado e me dei conta de que a realidade estava de volta. Dormi o dia inteiro e despertei no começo da noite. Peguei o celular no criado-mudo ao lado da cama para ver as mensagens; quem sabe teria algo do Luke para acalmar meu coração aflito? Ouvir sua voz era tudo que eu queria no momento. Entretanto, não tive essa sorte. Recebi uma mensagem dele dizendo que estava na base militar dos EUA e que no dia seguinte partiria para o Afeganistão, quando ficaria totalmente fora de comunicação.

Contar o tempo quando tudo que se deseja é que ele passe rápido é uma tarefa árdua e quase impossível para uma pessoa ansiosa como eu, mas aos poucos tive que me acostumar com a vontade de conversar com Luke e não poder. Passei a mandar mensagens aleatórias para seu celular, mesmo sabendo que ele não as leria. A necessidade de comunicação era maior do que o meu embaraço por conversar sozinha. Às vezes era apenas um "bom dia", outras, "muita saudade", mas, na maioria, "liga pra mim".

Visitei minha mãe pouco depois que voltei de viagem, e sua conversa fútil ajudou a passar o tempo e me distrair um pouco. Não lhe contei que tinha conhecido Luke e nem que havíamos nos reencontrado na minha última viagem. Ela ainda se lamentava por não ser sogra de um astro do rock mundialmente famoso.

— Você tem certeza de que não tem mais volta entre você e o Jonas? — perguntou pela terceira vez desde que entrei no seu apartamento no Morumbi, onde foi morar assim que se separou do meu pai e ganhou uma pensão vitalícia.

Marcela Almeida, que ainda usava o sobrenome de casada para ser reconhecida pelas pessoas como a ex-esposa do grande empresário Tomás Almeida, estava do mesmo jeito que eu a tinha visto no mês anterior, sobre saltos altos, com vestido de grife, cabelos loiros cortados na última moda, os olhos castanhos idênticos aos meus muito maquiados e uma infinidade de cirurgias plásticas. Quando me revoltei com seu exigente padrão de beleza e decidi morar sozinha, meu pai me apoiou e até ofereceu dinheiro, mas me recusei. Nunca precisei de muito para viver, como minha mãe, decidi logo cedo que trabalharia para me sustentar. Na época, minha mãe quase caiu dura, mas meu pai aprovou a ideia e me deu a maior força. Tive dificuldades no começo e precisei pedir ajuda quando a grana não dava para pagar o aluguel, mas, desde que ganhei meu próprio apartamento e terminei a faculdade de Artes Cênicas, as coisas começaram a melhorar e me tornei independente financeiramente dos meus pais.

— Você vai voltar com o papai? — provoquei-a, sabendo que os dois eram como água e óleo, jamais se misturavam.

— Não! — exclamou horrorizada. — Mas nossa situação é diferente — tentou justificar.

— Jonas está casado, e você sabe disso — declarei diante do seu interrogatório sem sentido e me deitei no sofá macio da sua ampla sala de estar. O apartamento inteiro foi decorado por um designer profissional, minha mãe não escolheu nada e, mesmo assim, ele ficou a cara dela, frio e impessoal. Fotos profissionais nos porta-retratos, retocadas com Photoshop, móveis caros e intocáveis.

— O casamento não é o fim, ainda mais entre os famosos, com tantas opções.

— Não seja ridícula, eles se amam e estão felizes. Não quero falar mais do Jonas, é passado.

— Talvez, se você se arrumasse mais, ele teria ficado com você — lamentou olhando meu jeans rasgado, os All Star velhos, a blusinha preta sem graça e, por fim, meus cabelos presos num rabo de cavalo. Eu costumava me arrumar um pouco melhor do que isso, mas, quando ia visitar minha mãe, escolhia a pior roupa que tinha somente para irritá-la.

— Não jogue a culpa em mim, não deu certo e ponto final. Agora preciso ir, só passei aqui para dizer que cheguei — disse dando de ombros e saindo do apartamento sem olhar para trás. Já me importara com a opinião supérflua da minha mãe, mas não mais, por isso pouco me importava o que ela achava das minhas roupas; eu usava o que queria e quando queria sem obedecer a regras e parâmetros absurdos que via por aí. Aprendera a duras penas a me aceitar do jeito que eu era e me sentia feliz assim.

Capítulo 4

"Os pássaros voam bem alto no céu do verão
E descansam na brisa
O mesmo vento cuidará de você e de mim
Construiremos nossas casas nas árvores"

Ordinary Love - U2

Base americana em Torkham, Nangarhar, oeste do Afeganistão.

Gabriela,

Sei que faz um tempo que não conversamos. Meu celular está no meu armário na base, nos Estados Unidos. Estou em uma missão e não posso levar nada pessoal comigo. Sem telefonemas por enquanto, mas ainda posso mandar cartas, e, mesmo não gostando de escrever, percebi que era a minha única opção.

Sinto sua falta. Aqueles dias que passamos juntos parecem tão distantes agora. Às vezes acho que foi uma miragem no deserto, algo que minha mente criou para me distrair da destruição que vejo à minha volta.

Voltei ao Afeganistão depois de alguns meses e o encontrei do mesmo jeito que o deixei. Não sei explicar e nem posso te contar muito, mas espero que entenda que não é fácil ser americano num país árabe, nem lutar contra o Taliban junto a um governo corrupto e enfraquecido como esse. Alguns soldados já voltaram para casa. O nosso presidente descobriu que não vale a pena continuar lutando numa guerra que não é nossa, mas restaram poucos remanescentes, como eu, que ainda são úteis por nossas habilidades específicas. Não disse nada a você sobre meu trabalho, e, se um dia nos encontramos novamente, eu garanto que vou dizer, mas quero que saiba que sou o melhor no que faço, e isso está acabando comigo.

Estou encostado no lado de fora do dormitório, escrevendo para você. A noite está quente, e o céu, sem estrelas como sempre. Neste lugar esquecido por Deus, nem as estrelas querem aparecer. Acabei de voltar de um reconhecimento e só posso dizer que sinto muito pelo que fiz, mas não posso voltar atrás. Achei

que estava pronto para fazer o que preciso. Um soldado na guerra não tem muitas escolhas. Eu precisava acreditar nisso, senão enlouqueceria. Todavia, não é fácil aceitar a maioria das merdas que sou obrigado a fazer. Sentir remorso é o pior que pode acontecer numa missão, por isso vou parar de me lamentar e pensar em você.

Já disse que sinto a sua falta, mas não consigo parar de repetir. Lembro-me de cada detalhe do nosso tempo juntos, às vezes consigo até sentir o seu gosto nos meus lábios. Seu cheiro me invade sem pedir licença, e fico curtindo minhas lembranças.

Nem sei se vai ler esta carta, nem tenho qualquer expectativa de uma resposta. Você não me deve nada, não somos namorados, nem sequer amantes, passamos alguns dias juntos, e, embora tenham sido os melhores da minha vida, não tenho direito de pedir que me espere, quando nem mesmo eu sei quando vou voltar. Não é justo pedir que pare sua vida e espere por algo que pode nunca acontecer. Meu destino é incerto, e não quero que o seu seja. Mas gostaria de pedir que me escreva. Vou levar dias ou até mesmo meses para receber sua carta, mas me sentiria o cara mais sortudo por ter esse privilégio. Conte-me como vai sua vida no Brasil, sobre seus amigos, o que faz para se divertir e se se lembra dos nossos dias trancados no meu apartamento, pois são eles que me fazem levantar todas as manhãs e suspirar aliviado por chegar inteiro todas as noites à base, quando alguns de meus companheiros não tiveram a mesma sorte.

Encerro esta carta te mandando um beijo. Meus companheiros de equipe me zoariam o resto da vida se soubessem que estou aqui, no escuro, beijando um pedaço de papel, mas não me importo, quando sei que você terá este mesmo papel em algum momento nas suas mãos, e isso é estímulo suficiente para eu me fazer de homem apaixonado pelo menos uma vez.

Para sempre seu, Luke



Eu não esperava receber aquela carta, não depois de tantas semanas sendo ignorada.

Apesar de doer mais do que tudo na vida, eu estava tentando esquecer Luke e até saí com um homem que conheci na balada numa noite, mas não passou de um beijo, e voltei para o meu apartamento sozinha.

Luke me arruinara para qualquer possível relacionamento que eu desejasse ter. Ele elevara tanto o padrão que eu me via em casa na maioria dos dias, sem ânimo para sair com os amigos. “Irreconhecível”, fora essa a palavra da Helena na última vez que conversáramos por telefone. Eu não queria reconhecer, mas ela estava certa. Eu deixara meus hábitos de lado e mergulhara no trabalho. Jamais tinha feito isso antes. Embora achasse que estava apaixonada pelo Jonas, nunca havia deixado de me divertir por causa dele. Enfim eu entendia o que ele me disse quando terminamos: “você nunca apostou nessa relação de coração, sempre foi algo passageiro”. Somente naquele momento enxerguei o que sempre estivera na frente do meu nariz.

Na verdade, nada disso importava mais, quando, enfim, meu coração esquecera o Jonas, mas colocara alguém impossível para preencher o seu lugar. Tudo que eu mais queria no momento era me jogar nos braços do Luke, e era tudo que eu não podia fazer. Dizem que sempre gostamos mais do que não podemos ter; eu desconfiava de que esse era o meu lema da vida: amar quem nunca seria meu.



São Paulo, Brasil.

Luke,

Você não sabe como fiquei surpresa ao receber a sua carta, porque imaginei durante todo esse tempo que tinha se esquecido de mim. Por favor, quando ligar seu celular novamente, não se assuste. Mandei tantas mensagens que perdi as contas. Precisava conversar com você. Mesmo que sequer visualizasse minhas mensagens, foi o único jeito que encontrei para manter contato. Nem por um momento levei em consideração que estava defendendo o seu país numa guerra. Por favor, me desculpe. Sei que está num ambiente hostil, por isso vou tentar distraí-lo com as minhas cartas. Talvez minha vida atrapalhada possa te dar alguma alegria; por menor que seja, já vale a minha

tentativa.

Desde que voltei ao Brasil, não paro de pensar nos dias que passamos juntos e, às vezes, como você também mencionou na sua carta, imagino que foi apenas um sonho. No entanto, nada podia ser mais real do que estar nos seus braços quando era tudo que eu mais queria no momento, portanto vou deixar bem claro, não foi um sonho, apesar de parecer; ambos estávamos acordados.

Entendo que não podemos manter um relacionamento a essa distância, seria impossível, mas podemos conversar por cartas, sem qualquer compromisso, apenas com a certeza de que temos um ao outro para desabafar. Quem diria que eu me contentaria com tão pouco? A verdade é que você me deixou mal-acostumada, provei o seu gosto, e nada mais é igual ou tem o mesmo sabor. Sendo assim, se for para ter ao menos suas palavras, vou ficar feliz com elas.

Queria estar ao seu lado nas noites difíceis e escorrer meus dedos pelo seu cabelo macio, enroscar minhas pernas nas suas e sentir que somos apenas um. Não fique triste por estar longe, não se desespere quando tiver que fazer algo de que não goste, apenas se mantenha vivo e volte para mim. Não preciso saber o que faz no Afeganistão para admirá-lo, já faço isso cada vez que me lembro de você, portanto não se preocupe em me contar, mas, se quiser desabafar com alguém, estarei aqui sempre que precisar.

Quer saber como estou? Estou cuidando da minha primeira curadoria e estou muito empolgada com meu trabalho. O tema que escolhi é a força da mulher brasileira. Vou escolher obras de artistas iniciantes que abordem esse tema. Ainda estou na fase inicial. Uma exposição como essa pode levar meses. O ideal seria que eu não tivesse pressa, mas sou ligada em 220 e não consigo desacelerar nunca, por isso decidi intercalar meu projeto com outras exposições menores, assim diminuo minha ansiedade por mostrar meu trabalho.

Além disso, não tenho saído muito de casa nas últimas semanas. Acho que nunca fiquei tanto tempo no meu apartamento. Abandonei meus amigos, que sempre têm um lugar para ir. Estou numa fase de descobertas. Quero descobrir quem eu sou de verdade. Já tive tantas fases que às vezes me assusto com elas, pois são bem diferentes uma da outra, acho que sou uma metamorfose ambulante. O principal é que estou gostando dessa nova Gabi. Pela primeira vez estou sozinha e feliz, embora não esteja totalmente sozinha, digo mais no sentido literal, uma vez que você não está aqui, pois, querendo ou não, estamos unidos de alguma forma. Não somos namorados, nem amantes, mas possuímos uma afinidade que poucas pessoas compartilham na vida. Acho o suficiente para mim. Podemos aos poucos descobrir no que pode se transformar. Por agora sejamos confidentes, o que acha?

Sempre sua, Gabi.



Depois que passei a conversar com Luke por cartas, minha vida mudou totalmente. Ainda mandava mensagens aleatórias para ele ao longo do dia na esperança de que elas fossem respondidas; não custava sonhar. Além disso, era maravilhoso chegar ao meu apartamento e encontrar uma carta que eu ansiava por dias.

Demorava muito para eu receber suas correspondências, mas a expectativa de que elas chegassem a qualquer momento era o que me mantinha em alerta. Nos dias em que estava em casa, descia até a portaria duas vezes em busca do carteiro, que sempre aparecia no mesmo horário, mas raramente trazia alguma correspondência além de boletos de cobrança. Depois da primeira carta, eu estava quase desistindo, quando enfim ela chegou, num envelope pardo e sujo.

Jamais subi as escadas tão rápido. Corri até a minha cama, cruzei as pernas e fiquei ali por alguns minutos olhando aquele pequeno pedaço de papel que viera de tão longe e significava muito para mim. Abri-o com cuidado, com receio de rasgar o seu precioso conteúdo, tirei o papel e o coloquei bem perto do meu nariz para sentir seu perfume, mas não consegui sentir nada. Respirei fundo, desdobrei a carta e comecei a ler.

Base americana em Torkham, Nangarhar, oeste do Afeganistão

Gabriela,

Provavelmente você ainda não recebeu a minha primeira carta, e olha eu aqui escrevendo uma segunda. Talvez ela tenha se perdido, não é fácil atravessar dois continentes e um oceano para chegar até você, nem rápido. Eu poderia enviar um e-mail, seria bem mais prático e rápido, mas não posso. Tenho que me contentar com as cartas mesmo e espero que você goste de escrever pelo menos algumas linhas. Estou ansioso por notícias suas.

Quanto a mim, estou na mesma, nada de novidades por aqui. Pensando bem, acho que é um bom sinal, uma vez que as novidades geralmente não são boas, prefiro ficar nessa calmaria. Estamos fazendo vigília de reconhecimento, e tudo tem sido conforme planejamos.

Se voltar a Nova Iorque e quiser correr do apartamento luxuoso do Jack e da Helena, pode ficar no meu, no Brooklyn. Garanto que se sentirá em casa lá. As chaves estão com o porteiro, e avisei a ele, antes de sair, que uma moça loira e bonita podia aparecer e ficar no apartamento o tempo que quisesse. Talvez possamos trocar algum suvenir nas nossas cartas. Sei que é cafona e vou negar até a morte se alguém me perguntar se tive essa ideia idiota, mas estou morrendo de saudades suas, por isso estou desesperado. Vou mandar essa flor de cerejeira que peguei quando saí da base; ela marca o início da primavera. As flores são muito delicadas e duram apenas alguns dias, mas são lindas e me fazem lembrar de você.

Para sempre seu, Luke.

Capítulo 5

“Enquanto a minha memória descansa
Mas nunca esquece o que eu perdi
Me acorde quando setembro acabar”

Wake me up When September Ends - Green Day

Passar o dia todo com os cabelos amarrados num rabo de cavalo chique, sem nenhum fio de cabelo fora do lugar, saltos altíssimos, saia lápis e um blusa de seda sem graça era a pior parte do meu trabalho de curadora. Reuniões com possíveis patrocinadores exigiam um refinamento que eu não possuía, mas precisava cumprir as exigências da galeria na qual trabalhava, além de ter que aguentar velhos chatos que, só porque tinham dinheiro, achavam-se no direito de escolher a funcionária que quisessem, exceto eu. Jamais sairia com alguém por causa da sua conta bancária, eu costumava correr desse tipo, uma vez que nunca eram os melhores. Na verdade, só conseguia me sentir à vontade quando tirava a máscara e voltava para casa.

Assim que adentrei no meu lar doce lar, deixei os sapatos no caminho, joguei as correspondências em cima da cama e corri para a minha banheira. A coitada era tão pequena que eu não podia sequer esticar minhas pernas, mas servia para relaxar meu corpo e me deixar mais tranquila depois de um dia cansativo de trabalho. Fiquei imersa na espuma perfumada até a água esfriar, coloquei meu roupão e fui em busca de uma roupa de verdade. Traduzindo, coloquei uma calcinha confortável e a primeira camiseta velha que achei, que sequer cobria toda a minha bunda, mas quem ligava para isso? Mantive o cabelo num coque frouxe e bagunçado que fiz ao entrar no banheiro.

Satisfeita com meu look despojado de volta, fui até a cozinha em busca de comida, afinal, saco vazio não para em pé. Para a minha sorte, eu tinha uma vizinha que fazia comida congelada para vender, e eu era sua cobaia, aquela que experimentava tudo e dava uma nota no final. Eu podia não saber cozinhar, mas de comida entendia muito bem e barganhei meus palpites em troca de refeições, por isso minha geladeira estava sempre bem abastecida. Escolhi macarrão integral com molho branco e alguns legumes de acompanhamento e coloquei tudo para aquecer no micro-ondas. Sentei-me sozinha minutos depois à minha pequena mesa e devorei a comida, que estava tão deliciosa quanto as outras que eu já tinha provado. Em seguida peguei o celular e enviei uma foto do prato vazio para minha vizinha, dando cinco estrelas, a fim de garantir que ela sempre se recordasse de mim.

Somente quando estava lavando a louça, lembrei-me das correspondências. Sabia que não teria nada do Luke, afinal eu tinha enviado minha resposta naquela manhã, mas não custava nada procurar.

Voltei para o meu quarto e me deitei na cama de barriga para cima, peguei as cartas e comecei a jogar no chão as que não me interessavam. Quando terminei, não havia mesmo nenhuma carta do Luke, mas eu podia ler a última que ele me mandara mais uma vez. Encostei a cabeça no travesseiro macio e li duas vezes a missiva, sem ao menos desviar os olhos uma única vez do papel. Por fim coloquei a pequena flor de cerejeira já seca na palma da minha mão e senti o seu perfume enquanto meu coração palpitava mais do que a bateria de uma escola de samba. Eu precisava responder, mesmo que ele ainda não tivesse recebido minha primeira carta.

Levantei-me apressada, peguei papel e caneta na escrivaninha no outro quarto e me joguei na cama novamente para escrever.



São Paulo, Brasil.

Luke,

Estou eufórica depois de reler mais uma vez a sua carta. Se quer saber a verdade, estou começando a gostar desse lance do século passado, escrever cartas. Sei que demoram "pra burro" para chegar, mas eu não ligo mais. Guardei a flor que me enviou na minha gaveta de calcinhas, bem no canto, para que ela não se desmanche com o tempo. Espero que aprove o lugar, foi o único que consegui lembrar no momento. Ainda estou pensando no que mandar para você; até o ponto final, já terei algo em mente, prometo.

Luke, meu Luke, não aguento mais sentir sua falta! A cada momento do dia, estou pensando em você, e seu celular pode travar, pois ainda não parei com a mania de mandar mensagens aleatórias ao longo do dia. Espero que consiga ler algum dia. Além disso, quero pedir que se cuide. Sei que não está numa viagem de férias, que é o seu trabalho, mas tenha cuidado e pense em cada dia

que estiver em perigo que você precisa voltar para mim. Sei que não tenho o direito de exigir nada, nem namorados somos, mas saiba que eu me importo com você como jamais me preocupei com alguém e não saberia o que fazer da vida sem você estar nela. Mesmo que separados por milhares de quilômetros, sei que um dia você vai voltar e poderemos enfim ficar juntos. Quem sabe até lá você já seja o meu namorado.

Eu não sei o que aconteceu comigo, estou irreconhecível, não sou esse tipo de garota pegajosa e possessiva, muito menos aquelas que pedem os caras em namoro por cartas, mas você me deixa emotiva, dizendo coisas que me envergonharão pelo resto da vida. Desde que você também esteja pagando micos, eu não me importo. Não dizem que o amor costuma deixar as pessoas loucas? Devo ter me tornado uma delas. Estou apaixonada por você. Demorei para reconhecer esse meu estado de espírito, mas não posso mais negar, e colocar meus sentimentos numa carta é mais fácil do que falar olhando para os seus olhos. Só por isso decidi confessar.

Antes de dizer até logo, preciso esclarecer que o pequeno pedaço de tecido que vai junto dessa carta é da minha camiseta. Eu não tinha flores para mandar, então decidi cortar um pedaço da roupa que estou usando e enviá-lo a você. Bem original, não é mesmo? Não esqueça que sou formada em Artes.

Sempre sua, Gabi.



Base americana em Torkham, Nangarhar, oeste do Afeganistão

Gabriela,

Nem sei por onde começar. Recebi duas cartas suas no mesmo dia. Posso dizer que sou um cara de sorte e, até agora, o campeão de correspondência no meu batalhão. Nunca pensei que estaria orgulhoso de ostentar esse título, mas

estou. Minha nossa, como estou feliz! Ler suas palavras é um bálsamo para os dias terríveis que passo neste lugar. Por alguns instantes me sinto ao seu lado, se fechar meus olhos, posso até sentir seu cheiro, se bem que dessa vez eu pude sentir de verdade ao receber um pedaço da sua camiseta. Coloquei-o no bolso na minha farda e não vou tirá-lo de lá por nada, assim você estará sempre comigo.

Estou aqui há dois meses, mas a impressão que tenho é de que faz muito mais tempo. Os dias são longos quando não se pode sequer piscar, que sua vida ou a dos seus companheiros pode evaporar num instante. Perdemos um companheiro hoje. Era mais uma missão de reconhecimento, tudo estava tranquilo, mas, quando voltávamos para o Jipe, vi um clarão e escutei um barulho ensurdecedor. Quando olhei para trás, meu primeiro-tenente estava voando pelos ares. Fiquei estático, percebi que estavam gritando à minha volta, mas não escutava nada além do barulho que se repetia muitas e muitas vezes. Eu conhecia aquele som e sabia que ele tinha pisado em uma das inúmeras minas terrestres escondidas sob o solo, esperando serem acionadas por nossos pés desavisados. Não temos qualquer chance, quando isso acontece, já era, apenas recolhemos os restos para enviar para a família num caixão lacrado. Presenciar algo assim muda qualquer pessoa, e já vi tantas cenas como essa que não sei o que sentir, além de ódio mortal por quem fez isso. É muita covardia esconder uma bomba num lugar onde dezenas de pessoas inocentes circulam. Hoje foi meu primeiro-tenente, mas poderia ter sido uma mãe afegã com sua criança no colo, um idoso, um pedinte, enfim, podia ser qualquer pessoa.

Não contei a você o que me levou a sair de licença quando nos encontramos. Estou no exército desde que a guerra com o Afeganistão começou. Meu pai também era militar, por isso entrei na escola de cadetes bem cedo. Fui um dos soldados mais dedicados da minha turma, depois me tornei segundo-cabo, sargento e, alguns anos depois, o mais jovem capitão. Tenho 32 anos, e esse é um feito e tanto que carrego com orgulho, menos nos dias como aquele que me dispensou dos serviços militares por seis meses. Antes de ser capitão, era atirador de elite, o melhor que eles tinham em mãos. Meu codinome era Eagle. Nunca errei um tiro, até ter de atirar numa mulher afegã segurando uma criança no colo. Seu corpo estava envolto por uma fileira de bombas que, se explodissem, matariam mais de 40 homens. Não tive escolha, mas a cena da mulher e da criança caindo no chão depois de um tiro certeiro na cabeça dela não sai da minha cabeça até hoje. Ainda acordo assombrado com o que precisei fazer. Depois disso, não consegui mais atirar, por isso estava de licença e passando por um terapeuta militar em Nova Iorque. Quando eles me liberaram do tratamento, ganhei uma medalha que não uso até hoje e fui promovido a capitão. Talvez agora você entenda por que eu nunca disse

nada sobre o que faço aqui, pois não tenho orgulho nenhum do que me tornei.

Hoje não tenho flores para mandar, não é um dia bom, apesar de estar escrevendo para você, minha garota. Também estou perdidamente apaixonado por você e ficaria honrado em me tornar seu namorado, mesmo que distante. Ainda podemos continuar escrevendo nossas cartas e matar nossa saudade lendo essas poucas linhas que atravessam milhares de quilômetros para nos encontrar.

Para sempre seu namorado, Luke.



Não lembro a quantidade de vezes que reli essa carta e depois a apertei junto ao peito enquanto me desmanchava em lágrimas. Nunca tinha chorado tanto na vida. Adormeci segurando o precioso papel encostado no meu peito e com os olhos inchados. De alguma forma que não sei explicar, eu senti toda a sua dor. Durante os pequenos instantes em que lia suas sinceras palavras, era como se eu estivesse ao seu lado, observando seus movimentos e sentindo a perda do seu amigo ou até mesmo a jovem mãe afegã que provavelmente fora obrigada a se amarrar a uma cinta com explosivos agarrada ao filho pequeno. *Que espécie de seres humanos fazem isso uns com os outros?* Eu já tinha ouvido relatos semelhantes nos jornais, mas eram tão distantes que eu não parei para pensar que atrocidades assim existiam de verdade. Porém, naquela noite, elas se tornaram reais e passaram a fazer parte da minha vida, pois eu tinha alguém que amava lá. Nada mais seria como antes, eu jamais veria aquela guerra com os mesmos olhos.



São Paulo, Brasil.

Luke,

Fiquei horas pensando por onde começar a responder a última carta que me enviou. Imagino o quanto deve ter sido difícil para você abrir seu coração e me contar toda a verdade, desde a licença até a perda lastimável que teve recentemente. Sinto muito, sinto tanto que adormeci agarrada à sua carta na outra noite e com os olhos vermelhos de tanto chorar.

Só agora entendo os seus pesadelos. Estou feliz por confiar a mim esse fardo, agora podemos carregá-lo juntos. Não sei como é sofrer por matar uma pessoa inocente, não saberia dizer se teria a sua coragem, mas estou orgulhosa de você por não achar que foi um ato heroico como seus superiores acharam. Você salvou outras vidas matando apenas uma, mas ainda assim não justifica, por isso estou orgulhosa de você. Apesar de tudo, está arrependido e sabe que o que fez não é certo, mesmo não tendo escolha. Acho que só de admitir esse fardo você pode se sentir perdoado. Devemos reconhecer nossos pecados para pedir uma absolvição, e você, meu amor, está na metade do caminho.

Estou feliz por ser sua namorada e ansiosa para demonstrar todo o meu amor por você. Dessa vez embebeci a carta com o meu perfume predileto. Espero que esse papel perfumado possa chegar a suas mãos ainda com meu cheiro nele. Guarde minhas palavras no seu coração e continue se arrependendo dos seus atos falhos; um dia eles podem se tornar sua melhor virtude. Ninguém é perfeito, e você também não precisa ser. Eu te amo.

Sempre sua namorada, Gabi.

Capítulo 6

"Quando a noite tiver chegado
E a terra estiver escura
E a lua for a única luz que veremos
Não, eu não terei medo. Não, eu não terei medo
Desde que você fique. Fique comigo"

Stand by me - Ben E. King

As últimas semanas haviam sido intensas, enfim eu conseguira selecionar os primeiros artistas para a curadoria. Ainda tinha muito trabalho pela frente, mas estava aprendendo a ter paciência. Minha única frustração no momento era a falta de notícias do Luke, sem cartas, sem telefonemas, sem nada por quase um mês. Nem precisava dizer que eu tinha enchido sua caixa postal e mandara inúmeras mensagens no seu celular. Todavia, ainda estava sem qualquer retorno, e aquela demora estava me deixando cada dia mais estressada.

A primeira coisa que fiz naquela tarde ao entrar no meu prédio foi verificar minha correspondência, mas não tinha nenhuma carta dele, e eu não sabia a quem recorrer, nem se deveria. Talvez ele tivesse se cansado de enviar cartas para mim, ou provavelmente tinha encontrado outra correspondente melhor. É difícil ter uma opinião coerente quando se está envolvida até o pescoço na história. Talvez fosse mais prudente conversar com alguém. Tive essa ideia enquanto deslizava meu dedo pelos contatos do meu celular, até que iniciei a chamada que tanto adiara.

— Olá, querida, estava morrendo de saudades. Como você está? — questionou Helena atendendo a ligação antes que eu pudesse desistir de pedir seu conselho.

— Oi, também estava com saudades, mas estou trabalhando muito na nova curadoria e não tem sobrado muito tempo, além das mensagens que envio ao longo do dia.

— Sua voz está estranha. Tem certeza de que está tudo bem?

— Na verdade, não estou muito bem, quer dizer, estou preocupada com o Luke.

— O que aconteceu com ele? — perguntou interessada.

— Eu não sei, estou há semanas sem qualquer notícia dele e começando a me apavorar.

— Fique tranquila, se tivesse acontecido algo ruim, já saberíamos.

— Tem certeza? Ele está a milhares de milhas de distância.

— Sim, mas o exército americano tem tecnologia suficiente para avisar à família se algo acontecer com ele.

— Você está certa, mas não sou da família. Pode ser que eu nunca venha a saber de nada.

— Ainda tenho o contato da irmã dele em Houston; se quiser, posso mandar pra você.

— Não acha que estou sendo enxerida? E se ele não quiser mais falar comigo? Isso pode acontecer, não é mesmo?

— Pode, mas não é o caso. Pelas cartas apaixonadas que você recebeu, posso imaginar qualquer coisa, exceto que ele se cansou de você, como sua mente negativa está imaginando agora.

— Se não for esse o caso, o que devo fazer?

— Ligue para a irmã dele, ela deve saber de alguma coisa.

— Não sei, ela nem deve saber sobre a minha existência. Talvez não seja uma boa ideia fazer essa ligação. Vou esperar mais um pouco.

— Você que sabe. As correspondências tendem a demorar mesmo, espere mais um pouco, mas não fique aflita pensando no pior. Antes de se desesperar, ligue para a Laura e resolva isso de uma vez por todas.

— Vou fazer isso, fique tranquila. Como estão as crianças?

— Aprontando como sempre, não me dão sossego. Mas eu não mudaria esses momentos por nada.

— Sei que eles são uns pestinhas, mas também sou apaixonada por seus filhos.

— Quando vai vir nos visitar novamente? Sophia não para de perguntar pela tia Gabi.

— Ela quase não sabe falar, você está exagerando — reclamei, sabendo que ela queria me levar de volta para Nova Iorque.

— Adam sente a sua falta também.

— Diga que também sinto falta desse garoto, mas não posso viajar agora, estou atolada de trabalho.

— Trabalho nunca foi impedimento para você nos visitar antes. Tem certeza de que é só isso? — indagou desconfiada, na certa achando que eu estava fugindo do Jonas, como tinha feito na última vez em que estivera na sua casa.

— Você me conhece muito bem e sabe que nunca escondi nada de você, quer dizer, nunca as coisas importantes. Não posso viajar agora. E Jonas já não manda mais nos meus pensamentos.

— Quer dizer que o Luke conseguiu fazer você esquecer o Jonas?

— Eu diria que sim. Tenho sentimentos bem diferentes em relação aos dois. Porém, o que sinto pelo Luke não me parece algo que eu já tenha sentido por alguém, é forte, intenso, não consigo parar de pensar nele e sinto tanto sua falta que, se ele me dissesse que estava em Nova Iorque esperando por mim, eu embarcaria no primeiro voo que encontrasse e correria para os seus braços.

— Você está apaixonada por ele?! — perguntou eufórica.

— Acho que estou — afirmei em voz alta pela primeira vez e adorei essa sensação de pertencer a outra pessoa.

— Como eu queria ver os seus olhinhos de garota apaixonada brilhando... Nunca te vi assim antes, por isso sempre soube que o Jonas não era o cara certo para você. Acho que até mesmo ele sabia disso.

— Ele sabia. Eu estava me enganando esse tempo todo em relação aos meus sentimentos pelo Jonas, só agora entendo o que é amar de verdade.

— Você não sabe como estou feliz por você! Sabe que pode contar sempre comigo, assistirei a esse relacionamento florescer na primeira fila.

— Obrigada, também estou muito feliz. Estarei melhor depois de receber notícias do Luke.

— Em breve você vai saber, fique tranquila. Agora preciso ir, estou ouvindo um choro estridente no quarto das crianças. Na certa devem ter aprontado mais uma das suas travessuras.

— Tudo bem, vai cuidar deles. Conversamos depois — disse, encerrando a ligação. Caminhei ainda segurando meu celular até a cozinha para preparar meu jantar, acionei os minutos necessários para esquentar uma torta de legumes no micro-ondas e, enquanto esperava, mandei a seguinte mensagem para o Luke.



Onde você está? Por favor, que esteja bem.

Fiquei alguns minutos olhando a mensagem com esperança de que ela fosse visualizada como num passe de mágica, mas não aconteceu nada, além do apito estridente do micro-ondas anunciando que meu jantar estava pronto.



Mais duas semanas se passaram, e não recebi nenhuma carta do Luke. Mesmo me dedicando ao trabalho mais do que gostaria para tentar esquecer a angústia que estava sentindo nos últimos dias, não consegui me acalmar.

Quando minha espera completou mais duas semanas, desisti de aguardar. Tentei ligar para a irmã dele, mas o celular estava sempre na caixa postal, e ela não retornou minhas ligações. Meu desespero foi tanto que decidi ir para Nova Iorque na esperança de encontrá-lo. Comprei a passagem dizendo que iria fazer algumas pesquisas fora. Meu trabalho estava bem adiantado, por isso não tive qualquer problema para ter meu pedido atendido pelo dono da galeria. Arrumei minha mala numa noite e embarquei na seguinte.

Aterrissei ainda de madrugada no aeroporto JFK, entrei num dos táxis amarelos que ficavam na saída dos passageiros e fui o caminho todo me lembrando da primeira vez que fiz aquele trajeto com Luke ao meu lado. Quem diria que eu estaria voltando apenas alguns meses depois procurando por ele?

Quando o táxi parou em frente ao seu prédio, respirei fundo e esperei, tentando me decidir se estava fazendo a coisa certa. Jamais fora tão impulsiva assim em relação a um homem, era a primeira vez que eu seguia meu coração e deixava de lado a razão.

— Chegamos — anunciou o motorista impaciente com a minha demora em sair do carro.

— Desculpe — pedi, pagando o dinheiro da corrida e uma boa gorjeta pela demora. Respirei fundo, peguei minha mala e entrei no edifício. Parei em frente à portaria e pedi as chaves ao porteiro, torcendo para ele me dizer que Luke estava no apartamento esperando por mim. Contudo, não tive essa sorte. O aviso de que eu poderia vir quando quisesse era bem real, e o porteiro não fez qualquer resistência ao me entregar as chaves.

Subi as escadas devagar e, quando entrei no apartamento vazio, senti que não deveria ter vindo. Ficar ali sozinha não adiantaria nada se ele não estivesse comigo. As paredes amplas e a falta de móveis não ajudavam a preencher o vazio que eu sentia naquele instante. Caminhei com passos incertos até a grande cama perto da janela, larguei a mala ao lado dela e me deitei afundando o rosto no travesseiro macio, sendo invadida pelo seu perfume. Meus braços ficaram moles, e, aos poucos, meu corpo foi relaxando.

— Eu sabia que viria atrás de mim — alguém sussurrou no meu ouvido, e eu nem precisei me virar para saber quem era.

— Você está aqui? — questionei puxando seu corpo para cima do meu.

— Claro que estou, este é o meu apartamento. Onde mais deveria estar? — indagou fitando meus olhos com carinho.

— Estava preocupada! Um mês e meio sem qualquer notícia é muito tempo! — lamentei apertando seus braços fortes para me certificar de que ele estava mesmo ali.

— Tive um imprevisto e fiquei fora de comunicação por semanas, mas agora está tudo bem e já estou aqui, de volta aos seus braços — explicou, mordiscando minha orelha, depois desceu beijando meu colo. Aproveitei para tirar sua camiseta e passar as mãos desenfreadas pelo seu abdômen bem-definido.

— Estava morrendo de saudades... — murmurei, mordendo o lábio inferior para conter os gemidos que insistiam em escapar da minha boca.

— Eu também... — emendou, devorando minha boca com vontade. Seus lábios exploraram os meus com tanto afinco que eles ficariam vermelhos muito tempo depois que o beijo terminasse.

Aos poucos nossas roupas foram sendo tiradas e espalhadas no chão ao lado da cama, e pude sentir sua pele quente na minha. A fricção intensificou o desejo numa escala quase dolorosa. Eu precisava de mais antes que entrasse em combustão.

— Gabi... Gabi... Gabi! — escutei meu nome ser chamado repetidas vezes, mas estava tão distante e com certeza não era o Luke. Aos poucos o som foi aumentando, e abri os olhos, assustada, para encontrar Laura me olhando com uma expressão divertida.

— Desculpe acordar você, mas acho que precisamos conversar — emendou antes que

eu pudesse perguntar o que ela estava fazendo ali. Eu a tinha visto poucas vezes, mas sempre me surpreendia com a sua beleza. A jovem médica tinha os cabelos ruivos iguais aos do irmão e os mesmos olhos verdes que eu tanto adorava, sem contar o corpo perfeito e o sorriso sincero que parecia fazer parte dela.

— Não precisa se preocupar, estava só tirando um cochilo rápido. Estou esgotada da viagem. Como sabia que eu estava aqui?

— Helena me avisou. Tentei ligar para você, mas não consegui, então liguei para ela e aqui estou.

— Mandei uma mensagem para ela assim que desembarquei. Nem chegamos a conversar sobre minha decisão repentina de vir até Nova Iorque, mas estava desesperada. Por favor, diga que tem notícias do seu irmão!

— Tenho, sim, por isso vim até aqui — respondeu fazendo uma pausa dramática, daquelas que fazemos antes de dar uma notícia ruim. E, por um momento, lamentei ser acordada do meu sonho quente com Luke.

— Conte logo e não faça suspense, não imagina o quanto estou aflita! — implorei sem tirar os olhos dos seus.

— Ele foi ferido em combate, ficou dias desaparecido até que finalmente o encontraram num hospital precário no Afeganistão e o trouxeram para o Hospital Walter Reed, em Maryland.

— Ele está bem? — questionei tentando limpar as lágrimas que desciam desenfreadas pela minha face.

— Ainda não sei o seu real estado de saúde, estou indo para Maryland para vê-lo e passei aqui para buscar você.

— Vamos! — gritei impaciente, pulando da cama e assustando Laura.

— Não tenha tanta pressa, preciso fazer algumas ligações antes. O Walter Reed é um hospital do exército, não conheço ninguém de lá e não sei como seremos recebidas.

— Mas você é médica?

— Sim, mas não sou militar, e eles têm protocolos sobre isso.

— Acha que irão nos impedir de entrar?

— Não sei, vou verificar e já volto — respondeu se afastando para fazer uma ligação. Demorou longos minutos até desligar o telefone e se virar na minha direção com um semblante preocupado no olhar.

— Vamos, consegui autorização, e temos três horas de viagem pela frente. Quanto antes sairmos, mais cedo chegamos lá.

— Por que não vamos de avião?

— A diferença é pouca, apenas uma hora, perdemos esse tempo só para chegar ao aeroporto.

— Faz sentido — disse arrastando minha mala, que eu nem desmanchara, e a seguindo até o carro estacionado na frente do prédio, suplicando em silêncio para que Luke estivesse bem.

Capítulo 7

“Eu vou te amar até
Meus pulmões desistirem
Eu prometo, até que a morte nos separe
Apenas diga que você não vai embora
Oh, apenas diga que você não vai embora”

Say you won't Let Go - James Arthur

A primeira hora da viagem, passamos em total silêncio. Eu não sabia o que dizer e estava nervosa o suficiente para abrir a boca e falar besteira, por isso simplesmente fiquei quieta no meu canto. Enquanto Laura dirigia concentrada pela I-95 até Maryland, larguei meu celular dentro da bolsa, olhei a paisagem lá fora e suspirei, tentando tomar coragem para fazer a pergunta que tanto queria saber.

— Você acha que ele vai conseguir se recuperar? — questionei sem desviar meus olhos da janela do carro. Não queria ter que encarar os olhos sinceros de Laura e descobrir o que mais temia.

— Eu não sei — lamentou, segurando o volante com mais força. Eu sabia que era difícil para ela.

— Seus pais já sabem? — indaguei com receio na voz.

— Não, decidi não contar nada por enquanto. Minha mãe tem uma saúde delicada e não pode passar por fortes emoções, meu pai não consegue esconder nada da esposa, por isso achei melhor esperar mais um pouco, até eu avaliar o estado do meu irmão e poder conversar pessoalmente com eles.

— Acho que está certa.

— Apesar das circunstâncias, estou feliz que você esteja aqui. Meu irmão não parava de falar sobre você, tenho certeza de que ele vai gostar da sua visita.

— O que exatamente ele disse sobre mim?

— Nada importante, só que vocês tinham se reencontrado em Nova Iorque e retomado de onde pararam alguns meses atrás.

— Foi uma surpresa e tanto encontrá-lo no aeroporto.

— Você não acredita em destino?

— Não, quer dizer, agora não sei mais — respondi abrindo um sorriso ao me lembrar que Luke me fizera a mesma pergunta.

— Acho que deveria. Vou dizer uma coisa sobre meu irmão, e guarde bem, pois não vai me ouvir falar nada parecido novamente na frente dele; Deus sabe como ele é convencido, e não quero dar mais motivos. Luke é o cara mais dedicado que conheço, por isso não estranhei quando ele quis servir ao exército. Meu irmão nasceu para servir, primeiro aos meus pais. Ele sempre foi o filho perfeito, aquele que sempre está ali para ajudar e nunca, em hipótese alguma, faz besteiras, tinha as melhores notas na escola, era o melhor da turma, o melhor amigo. Enfim, a lista de qualidades só cresce, mas ele não teve essa mesma sorte no amor. A maioria dos relacionamentos foram temporários, e nenhuma das garotas conseguiu entrar no coração dele de verdade, até você aparecer naquele hospital e mudar o rumo dessa história. Quando ficaram juntos pela primeira vez, ele me ligou encantado. Jamais tinha feito isso antes, eu nunca havia recebido um telefonema do Luke contando sobre mulher nenhuma. Na maioria das vezes, era eu que ligava para ele contando das minhas namoradas. Meu irmão sempre me apoiou e me ajudou a contar aos meus pais minha opção sexual, assim que estava pronta para me abrir. O que estou tentando dizer é que você tem algo precioso nas suas mãos e, se souber cuidar dele, pode ter certeza de que será para a vida toda.

— Você me deixou sem palavras, nem sei o que dizer — declarei esfregando minhas mãos uma na outra, nervosa.

— Só me diga que, não importa o que aconteça, você não vai abandoná-lo. Ele está apaixonado por você, sei disso, e tudo que ele mais precisa é de alguém que o ame ao seu lado para se recuperar mais rápido.

— Está me falando isso por causa do Jonas?

— Também — confessou sem graça.

— Eu não sabia que ele estava doente quando terminou comigo. Fiz o possível para apoiá-lo, mas ele não me queria por perto. Não é justo me julgar por isso — refutei, chateada com sua acusação.

— Não estou julgando ninguém, só quero proteger meu irmão.

— Eu não vou a nenhum lugar sem o Luke — afirmei decidida. Eu não conseguia me abrir com Laura, mas por dentro estava gritando que amava aquele homem com todas as minhas forças e ficaria ao seu lado para sempre se ele me pedisse.

Enfim chegamos ao hospital em Maryland. Desci do carro apreensiva, enquanto Laura caminhava ao meu lado num estado semelhante de aflição. Provavelmente, se fôssemos mais próximas, estaríamos de mãos dadas para nos apoiar, mas, como não era o caso, só seguimos uma ao lado da outra até a recepção. Ela se apresentou como médica e irmã de Luke Carter, e esperamos que o médico que cuidava do caso pudesse nos receber. Era imprescindível essa conversa antes de conseguirmos entrar no quarto para vê-lo.

Esperamos na recepção angustiadas por exatos 30 minutos, até um senhor de cabelos brancos e trajando um jaleco de médico aparecer para conversar conosco. Seguimos juntos até sua sala. Ele cumprimentou Laura e a mim e depois começou a descrever em termos médicos o estado de saúde do Luke. Eu não conseguia entender muita coisa do que ele dizia, por isso meu termômetro era o rosto de Laura, e, cada vez que suas sobrancelhas se franziam em preocupação, eu mordia meu lábio, nervosa.

— Acho que agora vocês podem visitar o Capitão Carter — anunciou o médico se levantando da cadeira e dando uma volta na mesa para nos acompanhar para fora da sua sala.

— Está preparada para vê-lo? — Laura questionou fitando meus olhos, preocupada, e segurando minhas mãos pela primeira vez.

— Sim — disse convicta, pois era a única certeza de que eu tinha no momento.

Entramos apenas nós duas no quarto todo branco. O médico decidiu esperar na porta. Caminhei devagar até a cama hospitalar e, quando enfim estava ao lado do corpo inerte de Luke, coloquei as mãos na boca, assustada. Ele estava muito machucado, a cabeça estava enfaixada, e os cabelos, raspados, o rosto e braços cheios de hematomas, cortes, cicatrizes.

— O que fizeram com você? — lamentei deixando as lágrimas que estava segurando até o momento deslizarem desenfreadas pela minha face. Aproximei-me devagar, com medo de machucá-lo ainda mais. Parecia impossível, de tantos hematomas que seu corpo carregava, mas eu não podia arriscar. Encostei meus lábios nos seus e dei um selinho só para ele saber que eu estava ali.

— Por que ele não acorda? — questionei fitando Laura em desespero.

— Ele está em coma, Gabi — respondeu enxugando as lágrimas que também desciam pela sua face.

— Por favor, diga o que aconteceu com ele... — implorei tentando me agarrar a alguma coisa para não desabar no chão de uma vez.

— Ele foi capturado pelo Taliban e ficou nas mãos de terroristas por semanas. Quando conseguiram resgatá-lo, ele já estava inconsciente. Os médicos garantem que é um milagre ele ainda estar vivo. Ele levou um tiro de raspão na cabeça, por isso está em coma, e foi

espancado duramente, o que ocasionou inúmeras fraturas nas costelas. — Suspirou, tentando se recompor. Eu sabia que, apesar de ser médica, ela estava tão fragilizada quanto eu. Não é fácil ver alguém que se ama num estado como aquele, e o principal, não poder fazer nada para ajudá-lo.

— Ele está fora de perigo? — perguntei levando meus olhos na direção dela, que estava segurando a mão inerte do irmão como se fosse a sua âncora.

— Sim, os médicos cuidaram muito bem dele, e meu irmão é forte. Ele vai superar isso.

— Quando ele vai acordar?

— Esse é o principal problema. Ele está respirando sozinho, tiraram os aparelhos há alguns dias, mas ele não acordou. O cérebro é uma caixinha de surpresas e sempre um enigma, até mesmo para mim, que sou médica. A única coisa que sei é que ele vai acordar quando estiver pronto.

— Espero que seja logo. Mal posso esperar para ver a cor que seus olhos terão quando eu finalmente puder olhar para eles — comentei enxugando as lágrimas.

Ficamos a tarde toda no quarto. Algumas vezes Laura descia até a cafeteria e voltava com um copo generoso de café expresso para cada uma, nós nos sentávamos uma ao lado da outra e esperávamos. Até que o primeiro dia se foi, o segundo também, um terceiro, o quarto, e, no fim de uma semana, ela precisou partir. Laura era uma famosa oncologista e tinha muitos pacientes que precisavam dela, por isso não podia abandoná-los e ficar no hospital esperando que Luke acordasse, ainda mais quando não tínhamos qualquer indício de que isso iria acontecer em breve.

— Promete me ligar assim que algo novo acontecer? Aceito qualquer coisa, estou desesperada — disse enquanto nos despedíamos na frente do hospital.

— Eu prometo, e boa sorte com seus pais — completei ao lembrar que ela teria que conversar com os pais e lhes contar sobre Luke quando voltasse a Houston.

— Acha que eles irão querer vir até aqui quando souberem?

— Com certeza, mas vou tentar impedi-los o máximo que puder. Eles não suportariam ficar aqui dia após dia, e nada de ele acordar, é uma tortura — explicou, abrindo os braços para um abraço carinhoso.

Se, no início daquela viagem, não tínhamos qualquer intimidade, ao fim Laura se tornara minha fiel confidente. Depois de passarmos aqueles dias juntas e dividir o mesmo quarto de hotel, enfim eu conseguira me abrir totalmente com ela. Acho que foi por isso que ela conseguiu ir embora e deixar seu irmão aos meus cuidados, pois compreendeu tudo

o que ele significava para mim.

Alguns dias depois que Laura partiu, eu já tinha uma rotina tão imutável que parecia que minha vida antes nunca existira. Pedi uma licença à galeria de artes e ganhei alguns meses antes de voltar ao meu trabalho de curadora. Ligava para Helena e Laura todas as manhãs antes de sair do hotel, contava as novidades, que eram bem poucas. Os ferimentos estavam melhores, as cicatrizes, menos evidentes, mas ele ainda dormia profundamente, nada o fazia despertar. Eu passava as manhãs, as tardes e até mesmo algumas noites no seu quarto, lendo para ele, colocando para tocar suas músicas preferidas, falando sozinha como se ele pudesse me ouvir, mas nada disso era suficiente para que ele abrisse os olhos.

Depois de um mês nessa rotina estressante, eu estava cada dia mais esgotada, mas não pensava em desistir. Não importava o tempo que eu tivesse que esperar, um dia Luke iria acordar, e tudo estaria bem novamente. Todas as manhãs depois que eu beijava seu rosto, que já estava totalmente curado e um pouco escondido pela barba que crescia desenfreada por toda parte, eu me sentava ao seu lado na cama, absorvia seu cheiro – mesmo com todos os antissépticos do hospital, ainda era o mesmo que eu tanto amava – e começava a contar a mesma história, minha preferida desde que a li pela primeira vez, ainda na escola, para um trabalho de história que estava fazendo.

— Está pronto para *Eros e Psiquê*? — indaguei mais uma vez, fazendo uma pausa, como se esperasse seu consentimento, mesmo sabendo que não teria. Encostei minha cabeça no seu ombro e comecei a contar a história pela milionésima vez desde que chegara ali.

— Psiquê era uma bela moça que tinha sido entregue pela força de um Oráculo a um monstro, e Afrodite, a deusa do amor, decidiu enviar seu filho, Eros, para flechar a moça a fim de que ela se apaixonasse pelo monstro. No entanto, quando Eros se aproximou e viu a sua beleza, desconcentrou-se, feriu-se com a própria flecha, acabou se apaixonando e levou a futura esposa para seu castelo. Contudo, Psiquê, como uma simples mortal, não podia ver o deus, só sentir suavemente o vento amoroso de sua presença.

— Por muito tempo, ambos viveram noites maravilhosas de amor sem que ela soubesse realmente quem era o esposo, mas apenas vivendo e confiando nos gestos carinhosos que recebia dele. Certa noite, porém, com medo e curiosa por saber quem era verdadeiramente o marido, ela decidiu acender uma lamparina e se aproximou dele enquanto dormia. Só nesse momento ela descobriu a beleza infinita de Eros, porém, por descuido, deixou que uma gota de óleo quente fosse derramada no rosto dele. Eros acordou e fugiu imediatamente, decepcionado com a traição de Psiquê, que havia jurado nunca desconfiar do esposo.

— A situação gerou uma grande ruptura. Eros, magoado, abandonou-a, e ela, desesperada, correu até Afrodite, solicitando a volta do esposo. Afrodite lhe ofereceu a possibilidade de trazer novamente o amor do esposo, caso ela cumprisse quatro tarefas, o

que Psiquê prontamente aceitou. No entanto, essas tarefas eram praticamente castigos, impossíveis de serem cumpridas. Como o amor de Psiquê era tão intenso, ela conseguiu cumprir tarefa por tarefa, com a ajuda das criaturas da natureza, como formigas, pássaros e caniços das águas. E, quando Psiquê estava prestes a perecer na última tarefa, quando teve que descer até o mundo da morte, emocionado pelo arrependimento da esposa, a quem nunca tinha deixado de amar realmente, Eros a resgatou. A pedido do deus do amor, Zeus atribuiu a Psiquê o status de deusa, e então ela desposou Eros no Olimpo, para a alegria de todos. Finalmente, a união dos dois foi reconhecida como o verdadeiro encontro de almas gêmeas — afirmei, suspirando ao chegar ao final.

Não importava quantas vezes eu contava essa história de amor, sempre me emocionava, pois acreditava com todas as minhas forças que o verdadeiro amor supera todos os obstáculos. Não importava o tempo que tivesse que esperar para conseguir o meu "felizes para sempre", eu esperaria ali, ao lado de Luke para sempre, mas não precisei de todo esse tempo, pois, quando enxuguei as lágrimas que sempre derramava quando chegava ao fim da história, senti um toque macio nas minhas mãos, e Luke estava me fitando com os olhos verdes mais brilhantes que eu já tinha visto na vida.

— Você acordou?! — questionei eufórica, beijando desesperada seu rosto para ter certeza de que aquilo era real.

— Sim, eu não aguentava mais ouvir essa história — respondeu com uma voz grogue e rouca. Parecia que ele forçava sua garganta, que deva estar seca.

— Agora que acordou, não vou contar mais — anunciei, derramando mais lágrimas, porém, dessa vez eram de felicidade, as melhores e mais generosas lágrimas felizes que eu já derramara na vida.

Epílogo

"Quer parar o tempo?
Natural que seja assim
Ainda eu não te sei de cor
Tem tanto que eu não aprendi
Tudo no seu tempo
Tão veloz por dentro
Em mim passa devagar"

Areia - Sandy, part. Lucas Lima

Alguns meses depois.

Se alguém me contasse que em tão pouco tempo minha vida mudaria daquele jeito, eu com certeza duvidaria, diria que era uma piada, que não tinha o menor cabimento, talvez até diria que a pessoa estava louca, mas a vida tem seus próprios planos, e eles acontecem independentemente de estarmos preparados ou não.

Depois que Luke acordou, ainda precisou ficar mais um mês no hospital, recuperando-se. Quando enfim teve alta, sem qualquer sequela, decidimos passar alguns dias com seus pais no Texas. Foram momentos memoráveis, que vou guardar para sempre com carinho. Passamos o Dia da Independência dos Estados Unidos com toda a sua família reunida.

Fiquei encantada com a doçura de Susan, mãe de Luke e Laura. Ela era bem parecida com os filhos, mesmos cabelos ruivos, que deviam estar tingidos por causa da idade, mas não tirava sua beleza de jeito nenhum, e os mesmos olhos verdes que mudavam de cor de acordo com seu humor. O pai deles, Paul, era mais reservado e rígido, não sorria muito, mas, quando o fazia, deixava o ambiente mais descontraído.

Passar alguns dias ao lado daquela família tão amorosa, que me recebeu de braços abertos, fez-me sentir falta da minha. Liguei para os meus pais e falei com eles por horas ao telefone, em dias alternados, pois, depois que se separaram, eu dificilmente os via juntos, mas serviu para aplacar a saudade que estava sentindo deles.

Assim que os médicos e terapeutas decidiram que Luke estava apto, ele teve que voltar ao Afeganistão. Passei a noite antes da sua partida agarrada a ele na cama, chorando

baixinho. Temia que algo ruim acontecesse novamente, mas aquele era seu trabalho, e eu não podia pedir que ele desistisse dele por mim, não era justo. Eu tinha passado meses fora do Brasil e precisava voltar para casa também. Nosso futuro ainda era incerto, pelo menos até que aquela maldita guerra acabasse.

Despedimo-nos no aeroporto. Eu chorava tanto que achei que não conseguiria partir sem ele, mas, pouco antes de embarcar, Luke me fitou com seus olhos sinceros, que estavam tão verdes que eu podia me ver refletida neles, e disse:

— Sempre vou voltar para você, minha Psiquê.

Depois de ouvir suas palavras, fiquei mais tranquila, pois sabia que nada mais podia nos separar.

E assim ficamos três meses separados, conversando por cartas novamente e afastados por milhares de milhas. Às vezes a saudade era tanta que eu adormecia chorando depois de ler e reler uma das suas cartas. Conseguimos conversar por telefone via satélite duas vezes, o que ajudou um pouquinho a aplacar minha necessidade de ouvir sua voz. Dediquei-me ao trabalho para tentar preencher o vazio que sentia sem a presença dele e, por me esforçar tanto, terminei a seleção de artistas para a curadoria. Escolhi as obras que mais representavam a força feminina, e marcamos a abertura da exposição, que ficaria na galeria por tempo indeterminado.

A noite de estreia foi um sucesso, e me senti realizada profissionalmente e pronta para novos desafios. Ampliei minha rede de contatos e consegui uma indicação para uma vaga de assistente no MoMA, Museu de Arte Moderna em Nova Iorque. Contrariando todas as minhas expectativas iniciais, consegui o emprego. Guardei segredo por um mês inteiro antes de enfim me despedir dos meus pais e ir de vez morar na Big Apple.

Porém, não fui a única a ser surpreendida. Uma semana depois que me instalei no apartamento de Luke no Brooklyn, os Estados Unidos e o Afeganistão assinaram um acordo de paz, e metade das tropas americanas voltaria para casa, entre eles, meu Luke. Estava radiante com a notícia.

No dia combinado, fui esperar Luke desembarcar no aeroporto JFK, aquele mesmo em que nos reencontráramos. Apesar de fazer apenas alguns meses desde aquele dia, eu tinha a impressão de que tinha passado quase uma vida inteira. Esperei ansiosa até que seu voo, que vinha de Washington, enfim aterrissasse e aguardei impaciente enquanto os primeiros passageiros apareciam no portão de desembarque. De repente meu coração deu um salto descontrolado quando avistei a farda militar, seus cabelos ruivos e, por último, seu sorriso.

Enfim eu estou em casa, pensei ao correr para os seus braços. Enrosquei minhas pernas na sua cintura e o beijei como se fosse a primeira vez que meus lábios tocavam os seus. Senti seu perfume invadir meu olfato e me esqueci de que estava num aeroporto lotado de

pessoas que provavelmente nos observavam curiosas.

— Acho que podemos deixar o resto para a privacidade do nosso apartamento — brincou Luke ao desgrudar meus lábios dos seus, sem minha permissão, é claro. Se dependesse de mim, teria ficado mais um pouco.

— Se você insiste... — refutei descendo minhas pernas da sua cintura e puxando seu corpo junto ao meu.

— Sabe que estou me segurando aqui — murmurou pegando minha mão enquanto seguíamos juntos até o meu carro novo, que eu tinha deixado no estacionamento do aeroporto.

O trajeto até o apartamento foi tranquilo e intercalado por sussurros cúmplices, mãos dadas, beijos roubados e uma promessa de que, dessa vez, não nos separaríamos tão cedo.

Subimos as escadas correndo, e, assim que entramos no apartamento, nossas roupas ficaram pelo caminho conforme seguíamos nos beijando até a cama. Luke estava tão distraído que nem percebeu que eu tinha decorado o apartamento, nada muito sofisticado, mas pequenas mudanças aqui e ali que deixaram o local com aparência de um lar. Depois ele teria tempo para olhar a decoração, pois no momento tinha olhos só para mim.

Seus lábios desceram explorando meu corpo com avidez. Minhas mãos tocaram seus ombros fortes quando entrelacei minhas pernas na sua cintura. Esperei que as ondas de prazer absoluto me atingissem e, quando elas chegaram, não reprimi o que sentia, deixei que aumentassem conforme seu corpo embalava o meu naquele ritmo frenético no qual estávamos absorvidos, quando tudo o que importava éramos nós dois, e que o mundo se explodisse lá fora.

— Como senti falta de você — sussurrou no meu ouvido ainda com o corpo em cima do meu.

— Acho que eu senti mais — emendei, roubando um beijo dos seus lábios, que estavam tão perto dos meus que era impossível resistir.

— O que vai ser daqui pra frente? — perguntou fitando meu rosto como se eu fosse um enigma que ele precisava decifrar.

— Vamos morar juntos — respondi, mordendo o lábio inferior para não o beijar novamente.

— Você merece bem mais do que isso — retrucou franzindo o cenho.

— Eu só quero você — revelei tentando tranquilizá-lo.

Todavia, ele estava preocupado. Afastou-se de mim, levantou-se da cama apressado e vestiu a calça no caminho. Vasculhou a bolsa em busca de algo e, quando encontrou o que procurava, ajoelhou-se ao lado da cama.

— Eu tinha planejado um jantar romântico, algo especial, mas não consigo guardar isso por mais tempo, estou ansioso demais.

— O que foi? — questionei me sentando na cama.

— Gabriela Almeida, você aceita se casar comigo? — inquiriu abrindo uma caixinha vermelha de veludo com um lindo anel de diamantes em forma de coração em seu interior.

Fiquei paralisada, não sabia o que fazer, nem o que dizer. Era claro que eu queria me casar com Luke, mas estava tão surpresa com seu pedido que minha voz simplesmente não saía, mas as lágrimas, essas, sim, não demoraram a deslizar pela minha face.

— Você vai dizer alguma coisa? — indagou sorrindo.

— E-eu que-quero... Claro que quero! — gaguejei antes de encontrar minha voz para aceitar seu pedido.

Luke colocou o anel no meu dedo e me abraçou com tanto carinho que as lágrimas cessaram no mesmo instante.

— Achei que era eu que tivesse uma surpresa para você — comentei, lembrando-me de que precisava contar uma novidade a ele.

— Qual é a surpresa? — perguntou beijando o topo da minha cabeça e se afastou para fitar meus olhos.

— Acho que vamos ter que esperar um pouco para realizar a cerimônia de casamento, não quero ficar parecendo uma baleia no meu vestido de noiva.

— Por que está falando assim? Você é perfeita, meu amor, só está um pouco mais cheinha.

— Porque eu estou grávida de 12 semanas e não quero entrar na igreja com uma barriga enorme.

Luke ficou confuso por um momento, tentando absorver a bomba que eu acabara de jogar no seu colo. Quando finalmente entendeu, ele sorriu, seus olhos ficaram cristalinos, e eu entendi sem ele dizer nenhuma palavra o quanto estava feliz com a pequena vida que eu carregava dentro de mim.

— Por você eu espero o tempo que for preciso — disse me puxando para seu colo e acariciando minha barriga pouco saliente de algumas semanas de gestação.

— Não preciso de uma cerimônia de casamento para validar o que sinto por você. Sou sua desde que nos reencontramos naquele aeroporto.

— Você tem razão, não precisamos de rótulos ou títulos, somos almas gêmeas, você não se lembra?

— Como poderia esquecer, meu Eros?

— Juntos para toda a eternidade, minha Psiquê — emendou e logo sugava meus lábios.

Aquele era o começo da nossa família, e eu mal podia esperar para ver o mais novo integrante dela. Poderia dizer enfim ao Luke que esperava um menino, mas achei que tivéramos emoções demais para um único dia, portanto deixaria a surpresa para o dia seguinte, ou talvez no dia do nascimento.

A partir daquele dia, teríamos todo o tempo do mundo para aproveitar nossas vidas juntos do jeito que bem entendêssemos, e não existe nada melhor do que um tempo infinito ao lado de quem se ama.

Fim

Agradecimentos

Assim que terminei o primeiro livro, não imaginava que chegaria tão longe, nem que mudaria tanto durante esse período. Aprendi a escrever durante a série *Os garotos de Jersey*. Quando escrevi *Apenas uma Vez*, coloquei tudo que queria ler num romance entre uma garota ingênua e um astro do rock. Fiz isso porque não tinha intenção de publicar o livro, mas no fim acabei deixando o Jack ganhar o mundo. Tive algumas surpresas ao fazer isso, a maioria boa, ainda bem, mas aprendi muito depois desse livro e escrevi os outros garotos de Jersey por uma nova perspectiva. Não era mais um livro que seria guardado, por isso me esforcei para entregar algo bom aos meus leitores. Escrevi com cuidado, e espero que vocês tenham se identificado com as histórias. Foi um prazer ter a companhia de vocês até aqui.

Agora vamos aos agradecimentos. Foram tantas as pessoas que passaram por essa série que tenho medo de me esquecer de alguém. Vou colocar uma ordem para não cometer esse equívoco, mas todas são igualmente importantes, cada uma delas deixou sua marca na autora e na série.

À minha irmã, Mara, que sempre me apoia e foi a primeira leitora de *Apenas uma Vez*.

Às minhas parceiras, que sempre estão comigo, divulgando meu trabalho e cuidando das leituras coletivas, Nathalia e Carol. Obrigada por tudo, vocês são demais.

Às minhas leitoras-beta, que leram este livro em primeira mão e foram me dando alertas para deixá-lo ainda melhor, Anne, Lívia, Nathalia. Devo muito a vocês, garotas.

E às pessoas que tornam meu sonho de fazer livros independentes possível, Ana e Laizy. Agradeço de coração o cuidado que vocês têm com as minhas histórias.

Não podia deixar de agradecer a vocês, leitores, que acompanharam essa série até aqui. Vocês são especiais, saibam disso. Sempre recebo mensagens pedindo a continuação, querendo os livros físicos. É por causa de vocês que consegui finalizar a série. Muito obrigada!

Obrigada, Deus, por me capacitar para escrever essa e outras histórias que virão por aí. Sua presença constante ao meu lado me diz que ainda tenho muito que aprender, mas escrever sem dúvida é a minha vocação.

Por último, quero agradecer a minha família linda, que sempre está ao meu lado, incentivando, aplaudindo e puxando a minha orelha quando preciso. Cícero, Jennifer e Maria, vocês fazem parte disso e merecem ser lembrados nesse momento tão especial para mim. Amo vocês!

Com Carinho,

Cleia Lira.

Sobre a autora



CLEIA LIRA nasceu numa pequena cidade do interior de São Paulo chamada Arco-íris, porém, adotou Sumaré como sua cidade. Nela se casou e teve duas filhas. É professora e nas horas vagas lê. Na verdade, segundo seu marido, ela devora os livros. Esse é o seu vício, quando começa, não consegue parar mais. E foi assim que se tornou escritora, leu tanto que, um dia, procurou uma história diferente para ler e, como não achou, resolveu escrever. Alguns meses depois surgiu seu primeiro livro, *Sob sua proteção*.

Outras obras



Sob Sua Proteção

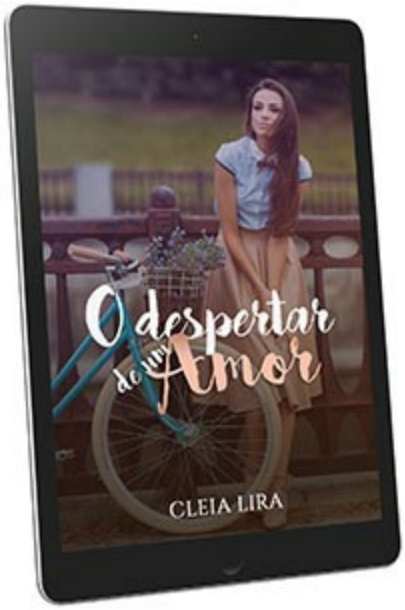
DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO

COMPRE AQUI

Book trailer

SINOPSE

A jovem Mila tinha um sonho: ser bailarina! Mas para uma moradora do Morro do Alemão isso era quase impossível. Porém no seu aniversário de 18 anos ela conseguiu o que parecia o presente perfeito, mas transformou-se no seu pior pesadelo. Sua vida que já não era fácil ficou insuportável e quando se vê perdida, o jovem investigador da polícia federal, Nick entra em ação para protegê-la e o que era apenas uma missão, tornou-se sua razão de viver e agora ele será capaz de dar sua vida por ela.



O despertar de um amor

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

O Despertar de um Amor, conta a história de uma jovem tão doce e delicada que se transformou numa guerreira no pior momento da sua vida. Existe um velho ditado popular que diz: “só sabemos a verdadeira força de uma pessoa, quando ela precisa enfrentar uma adversidade.” É exatamente nesse momento que vamos conhecer a Carol, estudante de Letras. Em 1971 ela encontrou seu primeiro amor, mas junto com ele vieram os conflitos, as lutas dos brasileiros, em especial as mulheres pela liberdade de expressão e o direito de ir e vir quando almejasse, durante a ditadura militar no Brasil. Esse conto é apenas um recorte desse momento tão importante da nossa história, mas sem dúvidas, vale a pena ler, suspirar, sorrir e chorar ao passar por cada página.



Despedaçados

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Esse conto é a história de um recomeço, são duas pessoas fugindo dos seus problemas e daqueles que a machucaram para morar numa ilha, onde o vizinho mais próximo fica a milhas de distância. Como juntar os pedaços? Quando sua vida foi destruída não uma, mas duas vezes.

O que eles têm em comum, além de sofrer uma perda? O Farol da ilha onde moram, foi desativado há muito tempo e deixou de ser o porto seguro dos navios que se perdiam no mar, para ser o local onde duas pessoas machucadas se encontram para recomeçar.



Entre amor & laço

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Quando estava prestes a entrar na faculdade, Laís teve uma grande mudança na sua vida. A garota da cidade agora morava na fazenda. A sua rotina e amizades mudaram, mesmo sem a sua permissão. Essa temporada na casa da sua tia promete muitas surpresas e aventuras, uma delas é um certo peão de rodeio que deixa todas as garotas apaixonadas por ele, mas que, por um capricho do destino, é um dos seus primos. Enquanto um é proibido, o outro só quer saber de conquistá-la. Dividida entre dois amores, nossa protagonista embarca num romance que promete ser o mais intenso que já viveu.



Escolhi você

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Mel tem uma carreira promissora e brilhante. Porém, sua vida amorosa é um verdadeiro desastre: sua mãe acredita que a filha tem um radar para atrair cafajestes; seus relacionamentos não passam de alguns meses. Diante dessa situação, ela perdeu a esperança de encontrar o seu príncipe encantado. No entanto, ela quer ser mãe e, pressionada pela família, resolve usar um aplicativo de relacionamentos para encontrar o homem que vai ajudar a realizar seu grande sonho. Contudo, como nada na vida dessa garota é fácil, essa busca promete ser sua maior aventura.



Um conto quase de fadas

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Um encontro inusitado, duas pessoas que nunca poderiam ficar juntas, um baile de máscaras, o beijo inesquecível, a noite mais quente que eles já experimentaram.

E agora? O que fazer com a avalanche de sentimentos que apareceu no dia seguinte...?

Um conto de fadas moderno e ousado que vai te deixar ansioso para chegar à última página.



O encanto de Bela

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Um jovem estudante de medicina que tem tudo, porém, não sabe valorizar nada.

Uma garota pobre que batalha para se sustentar sozinha.

Juntos, eles vivem um romance tão conhecido por tantos leitores, mas, dessa vez, sem magia, embora Bela ainda seja a protagonista da história, com seu encanto todo especial e seu prazer pela leitura, que vai mostrar à Fera que ele pode conquistar tudo o que perdeu e ainda descobrir o verdadeiro amor.

Um conto de fadas tão real que imerge o leitor em suas páginas.



O veneno da maçã

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Você já sentiu que sua vida estava prestes a mudar? Como se tudo estivesse suspenso, aguardando um começo desconhecido?

É exatamente assim que Branca se sente ao esperar o começo das aulas na faculdade e as mudanças que viver sozinha irão proporcionar. A garota sonhadora da fazenda vai deixar a proteção dos seus sete irmãos para embarcar numa aventura.

Entretanto, antes disso tudo acontecer, ela se apaixona por William, hóspede na fazenda, bem mais velho do que ela. O agrônomo chegou para cuidar das pragas nas macieiras, mas vai fazer muito mais do que isso num verão inesquecível.



Até você acordar

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Uma história de amor à primeira vista.

Uma noite que ficou para sempre na memória de Aurora e Arthur, por motivos diferentes, mas sem perder o seu encanto.

Já pensou em parar o tempo? Rever uma noite nos mínimos detalhes e depois se descobrir apaixonada por alguém com quem nunca se conversou fora de um sonho?
O amor não pede para nascer; ele rompe as barreiras que foram impostas e fica ali, esperando o momento certo para florescer. Pode ser num instante, levar dias, meses ou, como no caso de Aurora e Arthur, o tempo que for preciso.



A torre de vidro

DISPONÍVEL EM E-BOOK

Amazon

SINOPSE

Uma mansão por mais elegante e moderna que seja pode se tornar uma torre de vidro, uma redoma inalcançável onde uma garota foi criada, escondida da sociedade. Porém, a jovem Raíssa, sabia que existia algo além do que sua visão alcançava. Ela poderia ter escolhido descobri o que tinha além das muralhas da sua torre sozinha, mas não seria tão divertido quanto na garupa de um motoqueiro bad boy que despertou sua atenção enquanto estava debruçada na sacada do seu quarto. Uma dose de romance, um pouco de aventura e um moreno lindo que a fazia suspirar, esses são os ingredientes perfeitos para uma linda história de amor.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Instagram | Wattpad | Site

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!